



Susana Maria Pereira da Silva

# LAZER E TURISMO NOS JARDINS HISTÓRICOS PORTUGUESES UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA

Tese de doutoramento em Geografia, ramo de Geografia Humana, orientada pelo Senhor Professor Doutor Paulo Manuel de Carvalho Tomás,  
apresentada ao Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Faculdade de Letras

Lazer e Turismo nos Jardins  
Históricos Portugueses  
Uma Abordagem Geográfica

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Tese de Doutoramento
Título	Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses Uma Abordagem Geográfica
Autor	Susana Maria Pereira da Silva
Orientador	Professor Doutor Paulo Manuel de Carvalho Tomás
Identificação do Curso	Doutoramento em Geografia
Área Científica	Geografia
Especialidade (Ramo)	Geografia Humana
Data	2016

• U C •



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Com o apoio de:



**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Investigação co-financiada por:



Os jardins são transversais às diversas civilizações, ilustrando a relação do Homem com a Natureza e, por isso, constituem hoje importantes testemunhos culturais e históricos. São símbolos de memória, de identidade, de pertença e de leitura dos territórios. Revelam-se fundamentais na preservação da memória cultural e da identidade coletiva de uma sociedade. Por isso o jardim histórico é celebrado na *Carta de Florença* como um “monumento vivo”.

Detentores de um valor intrínseco que se traduz na sua elevada capacidade atrativa, os jardins são, cada vez mais, locais de visita e de consumos lúdicos/turísticos vários, inserindo-se de forma perfeita na ideia contemporânea de experiência turística assente na satisfação prolongada das sensações visuais, sensoriais ou emocionais. A visita a jardins, enquanto atividade do tempo de férias e/ou de lazer, vem sendo posicionada no campo dos fenómenos, mormente no âmbito do turismo cultural e da recreação da sociedade dita pós-moderna.

Após uma contextualização dos jardins enquanto património cultural que é necessário proteger, qualificar e valorizar, e enquanto atrações turísticas que é essencial desenvolver e promover, à escala internacional e nacional, aprofundou-se esta análise através do estudo empírico realizado.

Esta investigação propõe assim conhecer, estudar e discutir a dimensão lúdica e turística dos jardins históricos portugueses tendo em conta a avaliação do quadro da oferta e da procura conseguida através da aplicação de inquéritos, por questionário, aos responsáveis de cerca de 100 jardins e a uma amostra de 666 visitantes de três jardins históricos – Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira.

Este estudo permitiu demonstrar que, por um lado, os jardins portugueses têm características próprias e únicas e, concomitantemente, potencial para se transformarem num produto turístico de qualidade e com visibilidade, ainda com uma grande margem de progressão. Por outro lado, permitiu identificar e caracterizar o perfil do visitante de jardins, as suas motivações, hábitos e comportamentos na visita, tendo-se apurado que estes variam consoante a experiência que os diferentes jardins oferecem, os interesses e o tipo de visitante. O presente estudo confirma ainda o papel importante dos jardins no desenvolvimento dos territórios e enquanto locais de satisfação das necessidades lúdicas e turísticas da sociedade.

Em função dos resultados destas duas vertentes reflete-se ainda sobre as medidas que se consideram estratégicas para a valorização e promoção dos jardins históricos portugueses com vista a um maior e melhor desenvolvimento da vertente turística. Pretende-se, assim, que esta investigação contribua não só para um conhecimento mais profundo da temática, mas que possa também constituir uma ferramenta útil para os vários intervenientes nestes espaços.

**Palavras-chave:** *lazer, turismo, jardins, património, turismo de jardins, atrações, território, desenvolvimento, visitantes, motivações, experiência.*

Gardens are transversal to different civilizations and show the relationship between humankind and nature. Therefore, they are important cultural and historical testimonies. Gardens are memory symbols of identity, of belonging and are also a way of reading territories. Without them the cultural memory and the collective identity of a society can't be preserved. These are enough reasons for the celebration of the historical garden as a "living monument" in the *Florence Charter*.

Holders of a high intrinsic value which results in a large attractive capacity, gardens are places to visit and to various recreational/touristic consumptions. They are part of this contemporary idea of tourist experience based on a long-term satisfaction of visual, sensory or emotional sensations. Visiting gardens, as a holiday or leisure time activity, has been positioned in the field of phenomena, especially in the field of cultural tourism and recreation of the postmodern society.

After a contextualization of the gardens as a cultural heritage that must be protected, qualified and valued, and as tourist attractions that is essential to develop and promote, in the international and national levels, this analysis was deepened through the empirical study.

Therefore, this research proposes to know, study and discuss the recreational and tourist dimension of the Portuguese historical gardens taking into account the evaluation of the supply and demand framework achieved by applying surveys, by questionnaire, to the responsible of about 100 gardens and a sample of 666 visitors of the three historical gardens – Serralves Park, University of Coimbra Botanical Garden and Fronteira Palace Garden.

It was possible to demonstrate that, on the one hand, the Portuguese gardens have own and unique characteristics and also potential to become a qualified tourist product with important visibility, which still has a large room for improvement. On the other hand it was possible to identify and characterize the profile of gardens' visitors, their motivations, habits and behavior in the visit and see that these varies depending on the experience the different gardens offer, the interests and type of visitors. The present study also confirms the important role of gardens in the territories' development and as centers of satisfaction of the recreational and tourist needs.

Taking into account the results of these two components we also reflected about the measures that we consider strategic to the valorization and promotion of the Portuguese historical gardens in order to a greater and better development of its tourist dimension. Therefore, we intended that this research contribute to a deeper knowledge of the subject and also can be a useful tool for the various actors in these spaces.

**Keywords:** *leisure, tourism, gardens, heritage, garden tourism, attractions, territory, development, visitors, motivations, experience.*

A elaboração desta dissertação, embora deva ser um exercício académico de cariz individual e, na maior parte das vezes, solitário, é indissociável de contributos fundamentais de natureza diversa que não podem ser apartados do resultado final e, sem os quais, teria sido dificultada a tarefa de levar a cabo com sucesso a realização deste estudo. Deste modo, expresso o meu especial agradecimento às diversas instituições e personalidades que colaboraram de forma direta e indireta nas diferentes fases da investigação.

Ao Professor Doutor Paulo Manuel de Carvalho Tomás por todo o acompanhamento prestado ao longo do meu percurso académico, pela primeira oportunidade que me deu para produzir e para evoluir e por todas as outras que se lhe seguiram, quer fossem a nível individual ou em parceria. Em particular no decorrer desta etapa, pela sua predisposição, paciência e pronta disponibilidade para qualquer esclarecimento, pelo acompanhamento na preparação, realização e apresentação deste trabalho. Pela sua visão, pela sua sabedoria, pelas ideias que comigo gentilmente partilhou e pelas palavras de conforto e incentivo que sempre me dirigiu.

À Doutora Helena Freitas, diretora do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra à época do início dos trabalhos, ao Dr. Filipe Benjamim Santos, secretário-geral da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e ao Dr. João Almeida, diretor do Parque de Serralves, pelo pronto acolhimento do desafio proposto, por todo o apoio e acompanhamento prestado na realização dos questionários aos visitantes dos jardins.

À Associação Portuguesa dos Jardins Históricos (APJH), nas pessoas das Arquitectas Carla Chambel e Ana Luísa Soares, pelo apoio dado ao estudo assim como no fornecimento de dados relativamente aos jardins históricos.

À Doutora Ana Cristina Tavares pelo incentivo e palavras de alento em todo o processo, pelo contributo na verificação dos questionários aos visitantes e pela cedência de fotos.

Às Arquitectas Paisagistas Luísa Estadão, docente na Universidade Nova de Lisboa, Rute Matos, docente na Universidade de Évora e Rita Salgado pela disponibilização de informação relativa aos inventários já realizados, às ações e medidas de restauro, proteção e preservação deste património.

À Doutora Maria Margarida Tavares da Conceição, técnica superior do Departamento de Informação, Biblioteca e Arquivos do Forte de Sacavém, pela ajuda na localização e reunião da informação relativa aos inventários dos jardins e ainda à Arquitecta Teresa Câmara, da mesma instituição, por todos os esclarecimentos prestados.

Às várias Instituições e Entidades, nacionais e internacionais, que gentilmente disponibilizaram dados e informação ao longo de todo o processo de investigação.

À Dorothy Fox (*Bournemouth University*, em Inglaterra), William Doolittle (*University of Texas, Austin*, nos Estados Unidos da América), Rupert Tipples (*Lincoln University*, na Nova Zelândia), Donald Roberson, Jr. (*Palacky University Olomouc*, na República Checa), Diana Müller (*Ostfalia, University of Applied Sciences*, na Alemanha) e Joanne Connell (*University of Exeter Business School*, em Inglaterra) pela disponibilização de diversos títulos bibliográficos. Sem a sua ajuda seria impossível ter acesso aos mesmos. Obrigada pelas palavras de encorajamento e pelas indicações dadas.

Ao Doutor Rui Gama pela disponibilidade e esclarecimentos na área do *SPSS*, para além do imprescindível auxílio na análise dos dados.

À Mestre Luísa Adelino pela ajuda na realização dos mapas apresentados e por toda a paciência demonstrada em relação às nossas vontades, indecisões e indicações, por ter acompanhado a autora em duas saídas de campo (Serralves e JBUC) com vista à realização de questionários aos visitantes e ainda por todo o apoio dado ao longo de toda esta etapa.

À Carla Ferreira, amiga de uma vida, que não hesitou em aceder ao pedido de fazer um périplo pelos jardins notáveis de Bordéus (França) daí resultando as belas fotos que ilustraram este ponto do trabalho.

À Senhora Professora Isabel Soares, inesquecível professora de português do secundário, que amavelmente aceitou a realizar a revisão apurada deste trabalho.

A todos os proprietários/responsáveis pelos jardins históricos portugueses pela disponibilidade e tempo dispensado no preenchimento do questionário que lhes foi dirigido e pela posterior disponibilização de dados mais específicos e acompanhamento na visita aos jardins.

A todos os anónimos, nacionais e estrangeiros, que gentilmente colaboraram no preenchimento dos questionários e em conversas informais contribuindo com preciosas informações para um melhor desenvolvimento deste estudo.

Por fim, à família e em particular aos cinco fiéis amigos que muitas vezes foram o único conforto no final de extenuantes dias de trabalho.

Em especial, ao companheiro de uma vida inteira, o *Moina*, o meu *Moininha*, que com certeza estará a descansar de uma vida plena nos mais belos jardins do paraíso.

“*Somewhere beyond right and wrong there is a garden. I will meet you there*” (Rumi)

A todos, o meu Muito Obrigada!



	Página
Resumo	i
<i>Abstract</i>	ii
Agradecimentos	iii
Índice Geral	v
Índice de Figuras	xi
Índice de Quadros	xix
Índice Geral de Anexos	xxi
Acrónimos e Siglas	xxix
Citação	xxx
Poema	xxxiii
Introdução	xxxv

## PARTE I

### Lazer, turismo e jardins. Introdução contextual teórica e metodológica

<b>I – Âmbito temático – linhas gerais de enquadramento da investigação</b>	<b>1</b>
1.1. Um estudo sobre lazer, turismo e jardins no âmbito da geografia	2
1.1.1. Identificação e delimitação da área temática	2
1.2. Lazer e turismo	4
1.2.1. Apontamentos gerais	4
1.2.2. A importância do setor turístico	6
1.3. Jardim – breve discussão introdutória em torno da clarificação conceptual	8
1.3.1. Do conceito comum aos múltiplos e amplos significados e dimensões	9
1.3.1.1. Dimensão utilitária, prazerosa, recreativa e social	9
1.3.1.2. Dimensão criativa	10
1.3.1.3. Dimensão espiritual/simbólica	12
1.3.1.4. Jardins como construção social	13
1.3.1.5. O enquadramento legal nacional de jardim	13
1.3.1.6. Universo conceptual de jardim – uma síntese	14
1.3.2. Jardim enquanto espaço multifuncional	15
1.3.2.1. Função ambiental/ecológica	16
1.3.2.2. Função social	16
1.3.2.3. Função económica	20
1.3.3. As tipologias de jardins	21
1.3.3.1. O jardim histórico	22
1.4. Contextualização da investigação	24
1.4.1. O <i>background</i>	24
1.4.2. As motivações e o contributo do tema de investigação	27

<b>II – Objetivos e opções metodológicas</b>	29
2.1. A questão-chave, os objetivos e as problemáticas/linhas da investigação	30
2.2. Percurso metodológico geral	34
2.2.1. Construção do corpo teórico – as fontes e as diligências	35
2.2.2. O plano prático – notas gerais da investigação por questionário	36
2.3. Dificuldades e limitações da investigação	40
2.4. Estrutura da tese	40

## PARTE II

### **Os jardins históricos enquanto património cultural e paisagístico: da (ausência de) preocupação de salvaguarda à valorização pelo turismo**

<b>III – Os jardins enquanto património cultural e paisagístico – salvaguarda e valorização no contexto internacional</b>	43
3.1. Os jardins (históricos) enquanto património cultural e paisagístico	44
3.2. Das instituições e organizações às políticas e instrumentos de defesa e valorização dos jardins históricos em contexto internacional	49
3.2.1. A UNESCO, o ICOMOS e o ICOMOS-IFLA	50
3.2.2. A Carta de Florença (1981) e os documentos decorrentes	55
3.3. Políticas de salvaguarda, valorização e intervenções nos jardins – os casos paradigmáticos a nível internacional	59
3.3.1. A Grã-Bretanha: “ <i>the nation of garden lovers</i> ”	60
3.3.2. O percurso da França e a política a favor dos jardins	68
3.3.3. Outros casos europeus	76
3.4. A salvaguarda dos jardins históricos pelo turismo. Paradoxo ou uma questão de equilíbrio?	77
3.5. A <i>European Garden Heritage Network (EGHN)</i>	81
<b>IV – Os jardins históricos no contexto do património cultural nacional</b>	87
4.1. A especificidade cultural dos jardins portugueses	88
4.1.1. As influências, os elementos tradicionais e as características	88
4.2. Medidas de proteção e valorização dos jardins históricos nacionais. Das preocupações académicas às institucionais	92
4.2.1. O enquadramento legal	92
4.2.2. A inventariação dos jardins históricos	96
4.2.2.1. Os inventários de cariz académico	98
4.2.2.2. Os inventários de cariz institucional	106
4.2.3. A classificação dos jardins históricos	111
4.3. A estrutura associativa na senda da proteção e promoção dos jardins	122
4.3.1. A Associação Portuguesa dos Jardins Históricos	123

4.3.1.1. Objetivos, missão e associados	123
4.3.1.2. O projeto europeu <i>EEA Grants</i>	126
4.3.2. A Associação de Plantas e Jardins em Climas Mediterrânicos	132
4.3.3. As Ligas e Associações dos Amigos dos Jardins	133
4.3.4. Outras Associações	133

### PARTE III

#### Os Jardins no âmbito do Lazer e Turismo da Pós-Modernidade

<b>V – O <i>Garden Tourism/Garden Visiting</i> no contexto do Lazer e Turismo contemporâneo</b>	135
5.1. O lazer e o turismo da pós-modernidade – várias modas para várias clientelas	136
5.1.1. Da indústria massificada à indústria de experiências	136
5.1.2. Os produtos/nichos turísticos emergentes – diversidade e multiplicidade	140
5.2. O lazer e o turismo no contexto da multifuncionalidade dos jardins	144
5.3. Os jardins e os festivais de jardins e flores enquanto elementos estratégicos	146
5.3.1. Na atual conceção de lazer, recreio e turismo	146
5.3.2. Na atratividade e no desenvolvimento dos territórios	148
5.3.2.1. Os impactes dos jardins	150
5.3.2.2. O papel dos festivais na requalificação do território, na construção e promoção de uma imagem atrativa	153
5.3.2.3. A importância das indústrias culturais na turistificação dos jardins	162
5.4. O turismo de jardins e o <i>garden visiting</i>	165
5.4.1. O universo conceptual	166
5.4.2. A génese	169
5.4.3. O visitante de jardim e a visita ao jardim	170
5.4.3.1. O quadro motivacional	172
5.4.3.2. A experiência da visita	177
5.4.3.3. O perfil do visitante de jardins e as características da visita	179
5.4.4. Entre a Cultura e a Natureza	184
5.5. Responsabilidade e sustentabilidade no turismo de jardins	186
5.5.1. A importância do planeamento	186
5.6. O contexto internacional do turismo de jardins/ <i>garden visiting</i>	191
<b>VI – O turismo de jardins em Portugal: realidade ou utopia?</b>	197
6.1. Os jardins (históricos) portugueses enquanto produto turístico	198
6.1.1. O despertar para um “novo” produto turístico	198
6.1.2. O carácter diferenciador do jardim português	199
6.1.3. As propostas académicas	201
6.1.4. ...E as estratégias de desenvolvimento turístico	205

6.1.4.1. Da Região Autónoma da Madeira	206
6.1.5. A dimensão da oferta – a atração	208
6.2. O turismo de jardins em Portugal. Que lugar no cenário turístico global/atual?	212
6.2.1. Organização, promoção e distribuição da oferta	213
6.2.1.1. Os <i>tours</i> e percursos nacionais e internacionais	216
6.2.1.2. Os eventos e as festas (das flores e dos jardins) nacionais	220
6.3. A procura turística de jardins em Portugal	227
6.4. Análise <i>SWOT</i> dos jardins históricos e do turismo de jardins em Portugal	233

## PARTE IV

### Estudo empírico. Os jardins históricos como espaços de lazer, recreio e turismo. Uma abordagem geográfica à oferta e à procura

<b>VII – Os jardins históricos em Portugal – a dimensão da oferta e as perspectivas dos seus responsáveis</b>	<b>237</b>
7.1. Inquérito por questionário aos jardins históricos de interesse/consumo turístico	238
7.1.1. Os objetivos e as linhas de investigação específicas	238
7.1.2. O processo de elaboração e a estrutura do questionário	239
7.1.3. A escolha dos estudos de caso e a definição da amostra	242
7.1.4. Métodos de aplicação/disponibilização e resultados da recolha	246
7.2. Análise e discussão dos principais resultados do questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos	248
7.2.1. Caracterização geral do jardim e sua organização	248
7.2.2. Caracterização do Proprietário/Responsável do jardim	255
7.2.3. Informação relativa à visita e atividade lúdica/turística no jardim	257
7.2.3.1. Condições de abertura, entrada e visita nos jardins	260
7.2.3.2. Os visitantes e as motivações da visita ao jardim	269
7.2.3.3. O marketing e a atividade lúdica	274
7.2.3.4. A inserção e o contexto territorial do jardim	276
7.2.3.5. Pontos fortes e fracos do jardim	281
7.2.4. Itens caracterizadores dos jardins e da sua situação	285
7.2.5. Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis	291
7.2.5.1. Considerações gerais	291
7.2.5.2. Situação atual	295
7.2.5.3. Perspetivas futuras	299
7.2.6. Nível de favorabilidade relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística	302
7.2.6.1. Justificações	304
7.2.6.2. Principais vantagens	305
7.2.6.3. Principais obstáculos	306

7.2.7. Principais conclusões e verificação das hipóteses de investigação específicas	307
<b>VIII – Vivências e experiências dos visitantes dos jardins históricos em Portugal – identificação e caracterização da procura a partir de três casos de estudo</b>	<b>313</b>
8.1. Inquérito por questionário aos visitantes de três jardins históricos	314
8.1.1. Os objetivos e as linhas de investigação específicas	314
8.1.2. O processo de elaboração e a estrutura do questionário	315
8.1.3. A escolha dos casos de estudo – justificação, breve enquadramento e caracterização dos jardins	319
8.1.3.1. Características determinantes	320
8.1.3.1.1. Abertura do jardim ao público	320
8.1.3.1.2. Fluxo de visitantes que permitisse a recolha de questionários	321
8.1.3.1.3. Estrutura turística associada	323
8.1.3.1.4. Aceitação, apoio e interesse das instituições na realização do estudo	328
8.1.3.2. Características complementares	328
8.1.3.2.1. Localização geográfica do jardim	328
8.1.3.2.2. Enquadramento turístico do jardim	329
8.1.3.2.3. Estado de conservação e manutenção do jardim	339
8.1.3.2.4. Época do jardim	340
8.1.3.2.5. Tipo/estilo de jardim – características do jardim português	343
8.1.3.2.6. Classificação legal do jardim	349
8.1.3.2.7. Valor turístico potencial	349
8.1.4. O universo e a definição da amostra – princípios e constrangimentos	350
8.1.5. Métodos de aplicação e resultados da recolha	354
8.2. Análise e discussão dos resultados do questionário aos visitantes dos três jardins	355
8.2.1. Caracterização geral do visitante que compõe a amostra	355
8.2.2. Caracterização do visitante considerando a situação do dia do inquérito	373
8.2.2.1. Principais motivos da viagem/saída de casa e suas características	373
8.2.2.2. Os percursos dos visitantes	377
8.2.3. Hábitos gerais de lazer e turismo do visitante	384
8.2.4. Hábitos de lazer e turismo específicos sobre jardins	386
8.2.4.1. Hábitos de visita a jardins	386
8.2.4.2. As motivações para a visita a jardins – perspetiva geral	391
8.2.4.3. As representações e significados dos jardins	394
8.2.5. A visita aos jardins em estudo – caracterização	403
8.2.5.1. As motivações para visitar e os comportamentos durante a visita	403
8.2.5.2. Satisfação e qualificação da experiência da visita ao jardim	422

8.2.6. Principais conclusões e verificação das hipóteses de investigação específicas	430
--	-----

## **PARTE V**

### **Considerações finais**

<b>Capítulo IX – Conclusões, desafios, orientações futuras e notas finais</b>	<b>439</b>
9.1. Reflexões gerais	440
9.2. Síntese e principais observações da investigação teórica e empírica realizada	441
9.3. Verificação das linhas da investigação: reflexões-chave e sub-questões complementares	445
9.4. Desafios e propostas no campo do segmento turístico e no campo científico	453
9.4.1. Os desafios dos jardins históricos e do produto em Portugal	453
9.4.2. Futuras linhas de investigação	467
9.5. Notas finais	468

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>469</b>
1. Obras publicadas (apenas as citadas no texto)	470
2. Fontes – Dados	497
3. Fontes – Documentos Normativos e Legislação	500
4. Endereços eletrónicos de relevância	503

## **ANEXOS**

### **Cartas dos Jardins Históricos, Quadros e Figuras, Questionários**

Anexo I – Cartas dos Jardins Históricos	509
Anexo II – Quadros e Figuras	525
Anexo III – Questionários	561
Anexo IV – Questionários – Quadros	581

	Página
Figura I.1 Representação esquemática da relação entre geografia e jardim	4
Figura I.2 Relação entre lazer, recreio e turismo	6
Figura I.3 Grandes domínios funcionais do jardim	16
Figura III.1 <i>Yellow Book</i> 2016	66
Figura III.2 Exemplo de um jardim aberto ao público	66
Figura III.3 Exemplos da atividade destas Organizações	66
Figura III.4 <i>Eden Project, Alnwick Garden e National Botanic Garden of Wales</i>	67
Figura III.5 Iniciativas de salvaguarda e valorização dos jardins franceses	72
Figura III.6 Jardins Notáveis em França – <i>Jardin Public de Bordeaux e Parc Bordelais</i>	75
Figura III.7 Dois exemplos das Rotas Regionais da <i>EGHN</i>	84
Figura III.8 Parque de Monserrate e indicação do prémio atribuído pela <i>EGHN</i>	85
Figura IV.1 Jardins e Quintas referenciadas por SOUSA VITERBO (1906 e 1909)	100
Figura IV.2 Inventário realizado por ARAÚJO (1962)	100
Figura IV.3 Distribuição geográfica das Quintas de Recreio	102
Figura IV.4 Inventário das Quintas do Concelho de Lisboa realizado por RIBEIRO (1992)	103
Figura IV.5 Inventário da Arte Paisagista no Norte de Portugal (2012)	105
Figura IV.6 Atributos definidos para a caracterização dos jardins com potencial turístico	107
Figura IV.7 Levantamento de Jardins Históricos para turismo (1998)	108
Figura IV.8 Jardins com potencial turístico, segundo CASTEL-BRANCO (2002)	108
Figura IV.9 Inventário do Património Arquitetónico – Categoria Espaço Verde (2014)	110
Figura IV.10 Categoria Espaço Verde por subcategorias (2016)	110
Figura IV.11 Arvoredo de Interesse Público classificado por categorias e década de classificação	114
Figura IV.12 Distribuição do Arvoredo de Interesse Público por concelho (2015) e alguns exemplos	115
Figura IV.13 Jardim e Bens com jardins classificados, por categoria e tipologia	118
Figura IV.14 Tipo de classificação dos Jardins e Bens com jardins	118
Figura IV.15 Jardim e Bens com jardins classificados, por tipologia e categoria	120
Figura IV.16 Jardim e Bens com jardins classificados, por tipo de classificação	120
Figura IV.17 Jardins e Bens com Jardins classificados em Portugal, por ano/década	121
Figura IV.18 Jardins e Bens com Jardins classificados em Portugal, por ano/tipo de classificação	121

Figura IV.19 Exemplos de atividades promovidas pela APJH	124
Figura IV.20 Jardins associados da APJH (2016)	125
Figura IV.21 Jardins abrangidos pelo Projeto <i>EEA Grants</i> , cartazes e placa informativa sobre o projeto nos jardins	128
Figura IV.22 Algumas intervenções realizadas nos jardins ao abrigo do <i>EEA Grants</i>	131
Figura IV.23 Aspeto atual do Jardim do Laranjal do Palácio Fronteira	131
Figura V.1 As dimensões da experiência turística	139
Figura V.2 As diversas atividades lúdicas realizadas nos jardins	145
Figura V.3 Modelo de impacte dos jardins	150
Figura V.4 <i>Central Park, Versailles, Butchart Gardens e Kew Gardens</i>	152
Figura V.5 Principais funções dos festivais e eventos especiais	154
Figura V.6 Parque <i>Packhof (Brandenburg)</i> e Passeio à beira-rio ( <i>Premnitz</i> )	156
Figura V.7 <i>Chelsea Flower Show 2015</i>	157
Figura V.8 Exemplos de Festivais de Flores	159
Figura V.9 <i>Rose Parade</i> e exemplos de carros alegóricos galardoados em 2016	160
Figura V.10 Algumas estatísticas sobre o <i>Tournament of Roses (2014/2015 e 2015/2016)</i>	161
Figura V.11 Inscrição do Poema de Luís Camões na Quinta das Lágrimas	164
Figura V.12 Fonte dos Amores na Quinta das Lágrimas e jardim do Rapaz de Bronze no Jardim Botânico do Porto	165
Figura V.13 Quadro motivacional da visita a jardins com base nos diferentes estudos	174
Figura V.14 Fatores que influenciam a experiência do visitante de jardim	178
Figura V.15 Dimensões da experiência da visita à Festa da Flor na Madeira	178
Figura V.16 Posicionamento dos jardins e da sua visita em função do património cultural, natural e do seu cruzamento	186
Figura V.17 Visita ao Parque da Pena	188
Figura V.18 Visita ao Jardim Histórico de Santar (1 <sup>a</sup> ) e do Palácio de Belém (2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> )	189
Figura V.19 Passeios de autocarro na Pena e Monserrate e de Charrete na Pena	190
Figura V.20 Placard informativo à entrada do Jardim Botânico da Ajuda e do Jardim da Casa de Juste (fotos maiores) e informação no viveiro da Mata do Buçaco e no Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco (fotos pequenas)	191
Figura V.21 <i>Kew Gardens</i>	192
Figura V.22 Posição dos jardins no total de atrações em Inglaterra (1989-2014)	194



Figura V.23 Evolução dos visitantes e preço do bilhete de <i>Kew Gardens</i> , <i>RHS Garden Wisley</i> e <i>Eden Project</i> (2000-2014)	194
Figura VI.1 Alguns elementos característicos do jardim português	199
Figura VI.2 Alguns elementos característicos do jardim português (continuação)	200
Figura VI.3 e VI.4 Propostas de valorização turística dos jardins históricos	202
Figura VI.5 Núcleos das quintas e proposta de percursos no Centro Histórico de V.N.G.	202
Figura VI.6 Proposta de <i>website</i> sobre jardins históricos	203
Figura VI.7 Modelo Turístico da Madeira – POT da Região Autónoma da Madeira	207
Figura VI.8 Guias internacionais dos jardins portugueses	209
Figura VI.9 Guia de jardins de CASTEL-BRANCO (2002) e exemplos de guias de parques e jardins (nacional e locais)	209
Figura VI.10 Jardins portugueses recomendados pelo <i>GardenVisit</i>	216
Figura VI.11 Evolução dos <i>tours</i> de jardins em Portugal (2011-2016)	218
Figura VI.12 Destino dos <i>tours</i> de jardins em Portugal (2011-2016)	218
Figura VI.13 Época dos <i>tours</i> de jardins	220
Figura VI.14 Duração dos <i>tours</i> de jardins	220
Figura VI.15 Festa da Flor da Madeira (2016)	221
Figura VI.16 Taxas de ocupação hoteleira durante os eventos da Madeira	222
Figura VI.17 Evolução sazonal dos hóspedes e dormidas nos estabelecimentos hoteleiros da Madeira (2010-2015)	223
Figura VI.18 Evolução sazonal do movimento de passageiros no Aeroporto da Madeira e no Porto do Funchal (2010-2015)	223
Figura VI.19 Evolução dos visitantes e das candidaturas do Festival Internacional de Jardins em Ponte de Lima (2005-2015)	225
Figura VI.20 Festival Internacional de Camélias de Lousada (2016)	226
Figura VI.21 Evolução dos visitantes totais de <i>jardins zoológicos, botânicos e aquários</i> (1961-2014), percentagem de visitantes escolares (2001-2014), de visitantes estrangeiros (2007-2014) e de visitantes com entrada gratuita (2007-2014)	228
Figura VI.22 Visitantes totais de jardins botânicos, percentagem de visitantes escolares, estrangeiros, de visitantes com entrada gratuita e respetivas variações (2012-2014)	229
Figura VI.23 Evolução dos visitantes nos três principais jardins da Madeira (1999-2015)	231
Figura VI.24 Evolução dos visitantes no Jardim dos Biscainhos	232
Figura VI.25 Evolução dos visitantes no Jardim Botânico Tropical	232

Figura VI.26 Evolução dos visitantes no Parque da Pena e de Monserrate, Quinta da Regaleira e Jardins do Palácio de Queluz	232
Figura VII.1 Representação esquemática da estrutura do questionário aos proprietários	242
Figura VII.2 Relação dos questionários enviados e devolvidos pelos proprietários/responsáveis dos jardins históricos, por região	247
Figura VII.3 Caracterização dos jardins quanto à sua localização, tipologia, área e época, sobre o total de ocorrências	249
Figura VII.4 Objetivos da criação dos jardins, sobre o total de ocorrências	250
Figura VII.5 Total de elementos permanentes, elementos âncora e equipamentos associados aos jardins, sobre o total de ocorrências	251
Figura VII.6 Exemplos de elementos associados aos jardins	251
Figura VII.7 Exemplos de equipamentos presentes nos jardins	251
Figura VII.8 Entidade proprietária e Modelo de gestão dos jardins	252
Figura VII.9 Tipo de negócio/atividade associada aos jardins, sobre o total de jardins	253
Figura VII.10 Exemplos de negócios/atividades associadas aos jardins	253
Figura VII.11 Origem do orçamento, classificação (sobre o total de ocorrências), estado de conservação e acessibilidade dos jardins	255
Figura VII.12 Características socioeconómicas dos responsáveis dos jardins	256
Figura VII.13 Proprietário/família original e longevidade de propriedade do jardim	257
Figura VII.14 Época/Data de abertura dos jardins ao público	258
Figura VII.15 Objetivos da abertura dos jardins, sobre o total de ocorrências (Q1, 2014)	260
Figura VII.16 Objetivos da abertura dos jardins (CONNELL, 2002)	260
Figura VII.17 Condições atuais de abertura dos jardins	261
Figura VII.18 Condições gerais de entrada e visita dos jardins	262
Figura VII.19 Exemplos de informações sobre as condições de entrada e visita	262
Figura VII.20 Informação/formas de interpretação disponíveis nos jardins aos visitantes, sobre o total de ocorrências	263
Figura VII.21 Exemplos de informação/formas de interpretação disponíveis aos visitantes	263
Figura VII.22 Número de visitantes em termos estimativos, principais países de origem e meses de maior afluência (sobre o total de ocorrências)	265
Figura VII.23 Evolução dos visitantes dos jardins	266
Figura VII.24 Formas de organização dos visitantes dos jardins, sobre o total de ocorrências	269

Figura VII.25 Definição dos visitantes dos jardins, quanto ao seu interesse principal e quanto à sua faixa etária, sobre o total de ocorrências	270
Figura VII.26 Representação gráfica do nível de concordância/discordância face aos motivos para a visita	272
Figura VII.27 Meios de promoção dos jardins, sobre o total de ocorrências	274
Figura VII.28 Exemplos de meios de promoção dos jardins	275
Figura VII.29 Tipo de atividades promovidas nos jardins, sobre o total de ocorrências	275
Figura VII.30 Exemplos de atividades levadas a cabo nos jardins	276
Figura VII.31 Integração dos jardins em rotas e percursos e sua escala territorial	277
Figura VII.32 Exemplo de rota e <i>garden tour</i>	277
Figura VII.33 Equipamentos e atrações localizadas próximas dos jardins, sobre o total de ocorrências	278
Figura VII.34 Exemplos de equipamentos e atrações localizadas próximo dos jardins	278
Figura VII.35 Relações de complementaridade e importância da presença dos jardins para a atratividade dos territórios	279
Figura VII.36 Classificação dos jardins tendo em conta o nível/tipo de atração	280
Figura VII.37 Exemplos de pontos fortes dos jardins	283
Figura VII.38 Exemplos de intervenções realizadas e em curso nos jardins da amostra	285
Figura VII.39 Nível de concordância/discordância face às afirmações sobre os jardins e respetiva média	286
Figura VII.40 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº1, nº2, nº4 e nº8	287
Figura VII.41 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº5 e nº10	288
Figura VII.42 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº12, nº15, nº18 e nº19	289
Figura VII.43 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº14 e nº16	290
Figura VII.44 Perceção dos proprietários/responsáveis – Considerações gerais	292
Figura VII.45 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº1, nº2, nº5 e nº6	293
Figura VII.46 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº4 e nº7	294
Figura VII.47 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº3 e nº8	295
Figura VII.48 Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? – Situação atual	296
Figura VII.49 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº9 e nº10	296
Figura VII.50 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº11, nº12, nº13 e nº14	297
Figura VII.51 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº17, nº19, nº20 e nº31	298
Figura VII.52 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº24, nº25, nº26 e nº30	299

Figura VII.53 Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? – Perspetivas futuras	300
Figura VII.54 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº32, nº33 e nº34	300
Figura VII.55 Nível de concordância /discordância face às afirmações nº36, nº37, nº38 e nº39	301
Figura VII.56 Nível de concordância/discordância face às afirmações nº43, nº44 e nº45	302
Figura VII.57 Nível de favorabilidade face ao desenvolvimento lúdico/turístico nos jardins históricos	303
Figura VIII.1 Representação esquemática da estrutura e objetivos do questionário aos visitantes dos jardins históricos	317
Figura VIII.2 Evolução dos visitantes do Parque de Serralves (2003-2013)	321
Figura VIII.3 Evolução dos visitantes totais da Fundação Serralves (2003-2013)	321
Figura VIII.4 Evolução dos visitantes guiados do JBUC (1997-2012)	322
Figura VIII.5 Evolução dos visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra (1997-2012)	322
Figura VIII.6 Evolução dos visitantes e receitas do Jardim de Fronteira (2005-2013)	323
Figura VIII.7 Pormenores do Parque de Serralves	324
Figura VIII.8 Atrações e equipamentos da Fundação Serralves	324
Figura VIII.9 Atividades e eventos no Parque de Serralves	324
Figura VIII.10 Serralves em Festa 2014	325
Figura VIII.11 Evolução e variação dos visitantes do Serralves em Festa (2004-2014)	325
Figura VIII.12 Pormenores e atrações do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra	326
Figura VIII.13 Atividades no JBUC	327
Figura VIII.14 Pormenores do Jardim do Palácio Fronteira	327
Figura VIII.15 Palácio Fronteira, pormenor do interior e loja	327
Figura VIII.16 Visitas guiadas, tenda para evento, panfleto de atividade no Palácio Fronteira	328
Figura VIII.17 Localização geográfica dos casos de estudo	329
Figura VIII.18 Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta e procura, em 2013	331
Figura VIII.19 Inserção do JBUC na área classificada como Património Mundial	333
Figura VIII.20 Visitantes dos Postos de Turismo e <i>iPoints</i> (1991-2013)	334
Figura VIII.21 Fluxo de passageiros do aeroporto Sá Carneiro (1991-2013)	334
Figura VIII.22 Evolução dos visitantes da Casa da Música (2005-2014)	335
Figura VIII.23 Evolução dos visitantes das Caves do Vinho do Porto (2006-2014)	335
Figura VIII.24 Evolução dos visitantes do Posto de Turismo da UC (2000-2014)	336

Figura VIII.25 Evolução dos visitantes da UC – Paço das Escolas (2002-2012)	336
Figura VIII.26 Evolução dos visitantes do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (2009-2014)	336
Figura VIII.27 Evolução dos visitantes da Quinta das Lágrimas (2007-2014)	336
Figura VIII.28 Evolução dos visitantes dos Postos de Turismo de Lisboa (2000-2014)	338
Figura VIII.29 Evolução dos visitantes do Aqueduto das Águas Livres (2009-2014)	338
Figura VIII.30 Exemplos de intervenções no JBUC	339
Figura VIII.31 Exemplos das últimas intervenções no Parque de Serralves	340
Figura VIII.32 Planta do Palácio e Jardins de Fronteira	344
Figura VIII.33 Jardim Grande, Tanque e Galeria dos Reis e Jardim de Vénus em Fronteira	345
Figura VIII.34 Planta do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra	346
Figura VIII.35 Recanto Tropical, Estufa Grande, Quadrado Central e Escolas Sistemáticas do JBUC	346
Figura VIII.36 Planta do Parque de Serralves	348
Figura VIII.37 <i>Parterre</i> Central, Avenida dos Liquidâmbares e Jardim/lago romântico do Parque de Serralves	348
Figura VIII.38 Tipo de visitante e nacionalidade por tipo de visitante	356
Figura VIII.39 Nacionalidade dos inquiridos	357
Figura VIII.40 Nacionalidade dos inquiridos europeus	358
Figura VIII.41 País de residência dos inquiridos por jardim	359
Figura VIII.42 Residência dos inquiridos, com residência nacional, por concelho	360
Figura VIII.43 Concelho de residência dos inquiridos, com residência nacional, por jardim	361
Figura VIII.44 Caracterização dos visitantes quanto ao género, idade e habilitações literárias	363
Figura VIII.45 Escalão etário por género, tipo de visitante, nacionalidade e jardim	364
Figura VIII.46 Habilitações académicas por género e origem dos visitantes	366
Figura VIII.47 Habilitações académicas por jardim	367
Figura VIII.48 Áreas de educação e formação dos inquiridos por grandes grupos e subgrupos	369
Figura VIII.49 Condição dos inquiridos perante atividade económica e setores de atividade	369
Figura VIII.50 Profissões dos inquiridos segundo os subgrupos da CNP (2010)	372
Figura VIII.51 Profissão dos inquiridos por jardim	373
Figura VIII.52 Condição/situação do visitante quanto ao primeiro motivo da viagem, tipo de férias (sobre o total de ocorrências), tempo de férias e tipo de alojamento	375
Figura VIII.53 Localização do alojamento dos turistas	377
Figura VIII.54 Visita a locais/atrações antes e depois da visita ao jardim	378

Figura VIII.55 Atrações/Locais visitados antes e depois da visita ao Parque de Serralves, no dia da realização do questionário	381
Figura VIII.56 Atrações/Locais visitados antes e depois da visita ao JBUC, no dia da realização do questionário	382
Figura VIII.57 Atrações/Locais visitados antes e depois da visita ao Jardim do Palácio Fronteira, no dia da realização do questionário	383
Figura VIII.58 Atividades lúdicas mais praticadas pelos visitantes, sobre o total de inquiridos	384
Figura VIII.59 Atrações turísticas mais visitadas pelos visitantes, sobre o total de inquiridos	385
Figura VIII.60 Existência de jardim em casa, gosto e prática da jardinagem	387
Figura VIII.61 Visitante segundo a frequência e hábitos de visita	388
Figura VIII.62 Locais/situações visitadas e filiação em associações de jardins/jardinagem, sobre o total de ocorrências	390
Figura VIII.63 Principais motivos da visita a jardins apontados pelos inquiridos, sobre o total de ocorrências	392
Figura VIII.64 Definição de jardim por grandes grupos, sobre o total de ocorrências	395
Figura VIII.65 Aspetos diferenciadores dos jardins, sobre o total de ocorrências	396
Figura VIII.66 Definição do tipo de visitante de jardins, sobre o total de ocorrências	398
Figura VIII.67 Planeamento e organização da visita ao jardim	404
Figura VIII.68 Motivos da visita ao jardim, sobre o total de inquiridos	405
Figura VIII.69 Atividades realizadas no jardim, sobre o total de inquiridos	410
Figura VIII.70 Fonte de informação sobre o jardim, sobre o total de inquiridos	412
Figura VIII.71 Frequência da visita ao jardim	413
Figura VIII.72 Caracterização da visita quanto à duração, acompanhamento (sobre o total de ocorrências) e realização de visita guiada	414
Figura VIII.73 Comportamento do visitante no que diz respeito à visita de outras atrações	421
Figura VIII.74 Comportamento do visitante no que diz respeito ao usufruto de equipamentos	421
Figura VIII.75 Conhecimento e participação nas atividades dos jardins	422
Figura VIII.76 Expectativas e satisfação com a visita ao jardim	423
Figura VIII.77 Aspetos positivos dos jardins, sobre o total de ocorrências (total e por jardim)	424
Figura VIII.78 Aspetos negativos dos jardins, sobre o total de ocorrências (total e por jardim)	425
Figura VIII.79 Exemplos de pontos negativos dos jardins apontados pelos inquiridos	427
Figura VIII.80 Qualificação da experiência de visita aos jardins, sobre o total de ocorrências	429
Figura VIII.81 Pretensão dos visitantes em voltar ao jardim	430

	Página
Quadro I.1 Tipos de jardins segundo BENFIELD (2013)	22
Quadro I.2 Tipos de jardins e espaços verdes abertos segundo KRIPPNER <i>et al.</i> (2012)	22
Quadro III.1 Rotas Regionais da <i>EGHN</i>	84
Quadro IV.1 Inventário da arte paisagista realizado por CARAPINHA (1986)	101
Quadro IV.2 Distribuição do investimento total do <i>EEA Grants</i> por rubricas	129
Quadro IV.3 Distribuição dos jardins por escalão de investimento do <i>EEA Grants</i>	130
Quadro IV.4 Distribuição do investimento do <i>EEA Grants</i> por jardim	130
Quadro V.1 Posicionamento dos turismos de nicho no contínuo procura massificada – procura especializada	142
Quadro V.2 Jardins que figuram como Património Mundial	153
Quadro V.3 Distribuição dos impactes económicos do <i>Tournament of Roses</i> na região de <i>Los Angeles</i> , em 2013	161
Quadro V.4 Conceito de turismo de jardins, segundo diferentes autores	167
Quadro V.5 Características do turismo em geral em comparação com o turismo de jardins	168
Quadro V.6 Motivações para a visita a jardins, segundo diversos estudos	173
Quadro V.7 Relação entre as razões da visita, forma de olhar o jardim e tipo de visita	176
Quadro V.8 Perfil do visitante de jardins e características da visita nos diversos estudos	180
Quadro V.9 Tipo de visitante consoante o interesse por jardins e jardinagem	183
Quadro VI.1 Estratégia de promoção dos jardins da Madeira, segundo QUINTAL (2009)	204
Quadro VI.2 Principais jardins de Portugal nos guias apresentados	210
Quadro VI.3 Representatividade dos principais jardins nos programas analisados	219
Quadro VI.4 Posição dos jardins face a outras atrações/produtos turísticos	233
Quadro VI.5 Análise <i>SWOT</i> aos jardins históricos e turismo de jardins em Portugal	235
Quadro VII.1 Motivos apresentados pelos inquiridos para o aumento de visitantes	268
Quadro VII.2 Motivos apresentados pelos inquiridos para a diminuição de visitantes	268
Quadro VII.3 Razões para o aumento/diminuição de visitantes nos jardins da G.Bretanha	268
Quadro VII.4 Tipo de visitante consoante o interesse por tipo de jardim	270
Quadro VII.5 Nível de concordância/discordância face aos motivos para a visita	271
Quadro VII.6 Principais motivos para a visita ao jardim	273
Quadro VII.7 Principal motivo para a visita por tipo de jardim	273
Quadro VII.8 Pontos fortes/atrativos dos jardins apresentados pelos inquiridos	282
Quadro VII.9 Pontos fracos/constrangimentos dos jardins apresentados pelos inquiridos	283

Quadro VII.10 Nível de favorabilidade em função do modelo de gestão dos jardins	303
Quadro VII.11 (Maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística – justificações	304
Quadro VII.12 Principais vantagens relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses	306
Quadro VII.13 Principais obstáculos relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses	307
Quadro VIII.1 Locais inscritos como Património Mundial da Unesco nas regiões Norte, Centro e Lisboa	332
Quadro VIII.2 Algumas características dos jardins em estudo	350
Quadro VIII.3 Determinação do número de questionários a recolher por jardim	352
Quadro VIII.4 Distribuição de visitantes por jardim e por meses (2005-2012) e número de questionários a realizar	353
Quadro VIII.5 As 10 principais cidades de residência dos visitantes inquiridos	362
Quadro VIII.6 Média, Moda, Mín., Máx. e DP das idades registadas, por jardim	365
Quadro VIII.7 Perfil socioeconómico dos visitantes por jardim, tipo de visitante e época da visita	371
Quadro VIII.8 Tipo de visitante consoante o interesse por jardins nos diversos estudos	398
Quadro VIII.9 Correspondência entre as respostas dos responsáveis e dos visitantes dos jardins quanto ao tipo de visitante	399
Quadro VIII.10 Perfil socioeconómico dos visitantes por visitante com diferentes interesses	400
Quadro VIII.11 Hábitos de lazer especificamente relacionados com jardins por visitante com diferentes interesses	402
Quadro VIII.12 Principais motivos para visitar jardins (motivação geral) por visitante com diferentes interesses	403
Quadro VIII.13 Motivos da visita por jardim e tipo de visitante	408
Quadro VIII.14 Motivos da visita por visitante com diferentes interesses e por época	408
Quadro VIII.15 Hábitos e comportamentos de visita por jardim	417
Quadro VIII.16 Hábitos e comportamentos de visita por tipo de visitante e época da visita	418
Quadro VIII.17 Hábitos e comportamentos de visita por visitante com diferentes interesses	419
Quadro VIII.18 Visita ao jardim e usufruto dos equipamentos por tipo de visitante, visitante com diferentes interesses e época da visita	421
Quadro VIII.19 Outros aspetos que desagradaram aos visitantes	427
Quadro IX.1 Estrutura dos desafios e orientações dos jardins e do turismo de jardins	455



	Página
<b>Anexo I – Cartas dos Jardins Históricos</b>	509
Documento AI.1. Carta de Florença	510
Documento AI.2. <i>Carta italiana dei giardini storici</i>	514
Documento AI.3. Carta dos Jardins Históricos Brasileira (Carta de Juiz de Fora)	516
<b>Anexo II – Quadros e Figuras</b>	525
Quadro AII.1 Jardins e Quintas referenciadas por SOUSA VITERBO, por localização	526
Quadro AII.2 Inventário realizado por Ilídio de ARAÚJO, por localização	527
Quadro AII.3 Inventário da Arte Paisagista no Norte de Portugal, por localização	528
Quadro AII.4 Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Norte	529
Quadro AII.5 Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Centro	530
Quadro AII.6 Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Alentejo e Algarve	530
Quadro AII.7 Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Lisboa e Vale Tejo	531
Quadro AII.8 Jardins com potencial turístico segundo CASTEL-BRANCO, por localização	532
Quadro AII.9 Inventário do Património Arquitetónico – Espaço Verde, por localização	533
Quadro AII.10 Espaço Verde por subcategoria	535
Quadro AII.11 Arvoredo de Interesse Público, por categoria de classificação	535
Quadro AII.12 Arvoredo de Interesse Público, por década de classificação	535
Quadro AII.13 Arvoredo de Interesse Público, por localização	536
Quadro AII.14 Jardins e Bens com Jardins classificados, por categoria e tipo de proteção	538
Quadro AII.15 Jardins e Bens com Jardins classificados, por localização e tipo de proteção	539
Quadro AII.16 Jardins e bens com jardins classificados, por década (1ª classificação)	539
Quadro AII.17 Jardins classificados, por ano e tipo de classificação	540
Quadro AII.18 Jardins associados da APJH, por distrito	539
Quadro AII.19 Intervenções e investimento realizados nos 12 jardins abrangidos pelo Projeto Europeu <i>EEA Grants</i>	541
Quadro AII.20 Impactes de alguns jardins, de acordo com os estudos correspondentes	542
Quadro AII.21 <i>Tours</i> de jardins em Portugal, duração e data, por operador turístico (2011-2016)	543
Quadro AII.22 Jardins com questionário enviado (fontes principais e complementares)	545
Quadro AII.23 Relação de questionários enviados e devolvidos pelos proprietários/responsáveis dos jardins históricos, por região	546

Quadro AII.24 Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta e procura, em 2013 (a)	547
Quadro AII.25 Posicionamento do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta, em 2013 (b)	548
Quadro AII.26 Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de indicadores turísticos relevantes no âmbito da oferta e respetiva variação (2001-2013)	549
Quadro AII.27 Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos principais indicadores turísticos no âmbito da procura, em 2013	550
Figura AII.1 a AII.8 Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos principais indicadores turísticos relevantes no âmbito da oferta/procura (2013)	551
Quadro AII.28 Posicionamento do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos Hóspedes (%) e Dormidas (%), por país de residência habitual	554
Figura AII.9 Enquadramento territorial/turístico do Parque de Serralves	555
Figura AII.10 Enquadramento territorial/turístico do Jardim Botânico de Coimbra	556
Figura AII.11 Enquadramento territorial/turístico do Jardim do Palácio Fronteira	557
Quadro AII.29 Metodologias aplicadas por autores com estudos semelhantes	558
Quadro AII.30 Visitantes do Parque de Serralves, por meses e média (2005-2012)	559
Quadro AII.31 Visitantes do Jardim do Palácio Fronteira, por meses e média (2005-2012)	559
Quadro AII.32 Relação de Visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra e do Jardim Botânico de Coimbra, por meses e média (2005-2012)	560
<b>Anexo III – Questionários</b>	561
Documento AIII.1 Questionário 1 – Proprietários dos Jardins Históricos	562
Documento AIII.2 Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em português)	566
Documento AIII.3 Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em inglês)	568
Documento AIII.4 Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em francês)	570
Documento AIII.5 Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em espanhol)	572
Documento AIII.6 Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão <i>online</i> em português)	574

<i>Anexo IV – Questionários – Quadros</i>	581
Quadro AIV.1 Localização dos jardins	582
Quadro AIV.2 Tipologia dos jardins	582
Quadro AIV.3 Área dos jardins	582
Quadro AIV.4 Época/século dos jardins	583
Quadro AIV.5 Principal objetivo da criação dos jardins	583
Quadro AIV.6 Objetivos da criação dos jardins	584
Quadro AIV.7 Total de elementos permanentes associados aos jardins	585
Quadro AIV.8 Elemento (s) âncora associado (s) aos jardins	585
Quadro AIV.9 Equipamentos presentes nos jardins	586
Quadro AIV.10 Entidade Proprietária (geral) dos jardins	587
Quadro AIV.11 Entidade Proprietária (específica) dos jardins	587
Quadro AIV.12 Modelo de Gestão (geral) dos jardins	587
Quadro AIV.13 Tipo de Gestão dos jardins	587
Quadro AIV.14 Proprietário é o explorador do jardim	588
Quadro AIV.15 Origem do orçamento dos jardins	588
Quadro AIV.16 Estado de conservação dos jardins	588
Quadro AIV.17 Negócio/atividade associada aos jardins	588
Quadro AIV.18 Tipo de negócio/atividade associada aos jardins	589
Quadro AIV.19 Classificação/proteção dos jardins	590
Quadro AIV.20 Classificação – designação	590
Quadro AIV.21 Formas de proteção dos jardins	590
Quadro AIV.22 Acessibilidade dos jardins	590
Quadro AIV.23 Cargo dos proprietários/responsáveis	591
Quadro AIV.24 Género dos proprietários/responsáveis	591
Quadro AIV.25 Idade dos proprietários/responsáveis	591
Quadro AIV.26 Nacionalidade dos proprietários/responsáveis	591
Quadro AIV.27 Habilitações literárias dos proprietários/responsáveis	592
Quadro AIV.28 Área de formação dos proprietários/responsáveis	592
Quadro AIV.29 Profissão/ocupação dos proprietários/responsáveis	592
Quadro AIV.30 Proprietário atual é o proprietário/família original do jardim	593
Quadro AIV.31 Longevidade de propriedade do proprietário atual do jardim	593
Quadro AIV.32 Residência do proprietário do jardim na casa/palácio do mesmo	593

Quadro AIV.33 Época/século da primeira abertura dos jardins ao público	593
Quadro AIV.34 Objetivos da abertura dos jardins	594
Quadro AIV.35 Principal objetivo da abertura dos jardins	595
Quadro AIV.36 Condições atuais de abertura ( <i>a e b</i> ) dos jardins	595
Quadro AIV.37 Condições atuais de entrada e visita ( <i>a e b</i> ) dos jardins	595
Quadro AIV.38 Preço do bilhete normal	596
Quadro AIV.39 Condições atuais de visita aos jardins	596
Quadro AIV.40 Caracterização dos jardins quanto à duração das visitas guiadas	596
Quadro AIV.41 Informação/formas de interpretação disponíveis nos jardins aos visitantes	597
Quadro AIV.42 Número de visitantes dos jardins em termos estimativos	598
Quadro AIV.43 Principais países de origem dos visitantes dos jardins	598
Quadro AIV.44 Meses de maior afluência dos jardins	598
Quadro AIV.45 Evolução dos visitantes dos jardins	599
Quadro AIV.46 Formas de organização dos visitantes dos jardins	599
Quadro AIV.47 Principal forma de organização dos visitantes dos jardins	600
Quadro AIV.48 Definição dos visitantes dos jardins quanto ao seu interesse principal	600
Quadro AIV.49 Definição dos visitantes dos jardins quanto à sua faixa etária	601
Quadro AIV.50 Principais motivos para a visita aos jardins	601
Quadro AIV.51 Receitas dos jardins	601
Quadro AIV.52 Promoção dos jardins	601
Quadro AIV.53 Meios de promoção dos jardins	602
Quadro AIV.54 Principal meio de promoção dos jardins	603
Quadro AIV.55 Promoção de atividades nos jardins	604
Quadro AIV.56 Tipo de atividades promovidas nos jardins	604
Quadro AIV.57 Principal tipo de atividades promovidas nos jardins	605
Quadro AIV.58 Integração dos jardins em rotas/percursos	605
Quadro AIV.59 Escala territorial das rotas/percursos	605
Quadro AIV.60 Vontade dos proprietários/responsáveis em fazer parte de uma rota/percurso	605
Quadro AIV.61 Equipamentos próximos dos jardins	606
Quadro AIV.62 Atrações próximas dos jardins	607
Quadro AIV.63 Tipo de atrações próximas dos jardins referidas pelos inquiridos	607
Quadro AIV.64 Relação de complementaridade entre este jardim e outras atrações do território	607
Quadro AIV.65 Importância da presença do jardim para a atratividade do território	608

Quadro AIV.66 Relação entre este jardim e outros jardins nacionais	608
Quadro AIV.67 Pertença a Associação/Organização nacional ou internacional	608
Quadro AIV.68 Designação das Associações	608
Quadro AIV.69 Pontos fortes/atrativos dos jardins apresentados pelos inquiridos	609
Quadro AIV.70 Pontos fracos/constrangimentos dos jardins apresentados pelos inquiridos	610
Quadro AIV.71 Perceção dos jardins enquanto atrações pelos proprietários/responsáveis	611
Quadro AIV.72 Intervenção nos jardins por meio de projetos/programas	611
Quadro AIV.73 Designação dos projetos/programas	611
Quadro AIV.74 Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão face às afirmações sobre os jardins	612
Quadro AIV.75 Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Considerações gerais (Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)	613
Quadro AIV.76 Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Situação atual (Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)	614
Quadro AIV.77 Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Perspetivas futuras (Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)	615
Quadro AIV.78 Nível de favorabilidade relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses	611
Quadro AIV.79 Tipo de visitante e nacionalidade por tipo de visitante	616
Quadro AIV.80 Nacionalidade dos inquiridos	616
Quadro AIV.81 País de residência dos inquiridos	616
Quadro AIV.82 Concelho de residência dos inquiridos com residência nacional (total e por jardim)	617
Quadro AIV.83 País de residência dos inquiridos com residência internacional, por jardim	618
Quadro AIV.84 Cidade de residência dos inquiridos com residência internacional, total e por jardim	618
Quadro AIV.85 Género dos inquiridos	618
Quadro AIV.86 Idade dos inquiridos (total, por género, nacionalidade, tipo de visitante e jardim)	619

Quadro AIV.87 Habilitações literárias dos inquiridos (total, por género e nacionalidade)	619
Quadro AIV.88 Área de formação e educação dos inquiridos	620
Quadro AIV.89 Condição dos inquiridos perante a atividade económica	622
Quadro AIV.90 Setor de atividade	622
Quadro AIV.91 Caracterização profissional dos inquiridos por grandes grupos, grupos e subgrupos da CNP 2010	622
Quadro AIV.92 Profissões (grandes grupos) por jardim, tipo de visitante e época da visita	624
Quadro AIV.93 Primeiro motivo da viagem/saída de casa dos inquiridos (total e por jardim)	625
Quadro AIV.94 Tipo de férias praticadas pelos inquiridos	625
Quadro AIV.95 Tempo de férias em Portugal	626
Quadro AIV.96 Tipo de alojamento	626
Quadro AIV.97 Localidade do alojamento, por jardim	626
Quadro AIV.98 Locais visitados antes da visita ao jardim (total e por jardim)	626
Quadro AIV.99 Locais visitados depois da visita ao jardim (total e por jardim)	626
Quadro AIV.100 Designação dos locais visitados antes e depois – Serralves	627
Quadro AIV.101 Designação dos locais visitados antes e depois – JBUC	628
Quadro AIV.102 Designação dos locais visitados antes e depois – Fronteira	629
Quadro AIV.103 Atividades lúdicas mais praticadas pelos inquiridos (info. agrupada)	630
Quadro AIV.104 Outras atividades lúdicas praticadas pelos inquiridos	630
Quadro AIV.105 Atrações turísticas mais visitadas pelos inquiridos (info. agrupada)	631
Quadro AIV.106 Existência de jardim na residência do inquirido, apreciação e prática da jardinagem por parte do inquirido	631
Quadro AIV. 107 Jardim em casa, gosto e prática da jardinagem por género e grupos etários	632
Quadro AIV.108 Frequência da visita a jardins em termos gerais	632
Quadro AIV.109 Frequência da visita a jardins em termos específicos	632
Quadro AIV.110 Hábitos de visita a jardins (1 e 2) – Quando?	632
Quadro AIV.111 Hábitos de visita a jardins – Com quem?	633
Quadro AIV.112 Hábitos de visita a jardins (1 e 2) – De que forma?	633
Quadro AIV.113 Principais motivos para a visita a jardins indicados pelos inquiridos (Grandes grupos – informação agrupada)	633

Quadro AIV.114 Principais motivos para a visita a jardins indicados pelos inquiridos (discriminados)	634
Quadro AIV.115 Visita a outros jardins em Portugal	635
Quadro AIV.116 Visita a jardins no estrangeiro	635
Quadro AIV.117 Designação dos jardins visitados pelos inquiridos em Portugal	635
Quadro AIV.118 Locais e eventos relacionados com jardins/jardinagem já visitados pelos inquiridos	636
Quadro AIV.119 Principais aspetos positivos da visita a jardins	636
Quadro AIV.120 Definição de jardim por grandes dimensões	637
Quadro AIV.121 Definição do inquirido enquanto visitante de jardins	639
Quadro AIV.122 Filiação do inquirido em Associações relacionadas com jardins	639
Quadro AIV.123 Designação das Associações/Organizações	639
Quadro AIV.124 O que um jardim oferece de diferente das outras atrações turísticas (informação agrupada)	640
Quadro AIV.125 Jardim como principal motivo da saída de casa	641
Quadro AIV.126 Inserção da visita num <i>tour</i> /roteiro de jardins	641
Quadro AIV.127 Escala do <i>tour</i> /roteiro	641
Quadro AIV.128 Planeamento da visita ao jardim	641
Quadro AIV.129 Forma de planeamento/organização da visita ao jardim	641
Quadro AIV.130 Quando o inquirido decidiu fazer a visita ao jardim	641
Quadro AIV.131 Motivos da visita ao jardim (informação agrupada)	642
Quadro AIV.132 Motivos da visita ao jardim por género, grupos etários e condição perante a atividade económica/profissão	643
Quadro AIV.133 Motivos da visita ao jardim (informação agrupada) por jardim, tipo de visitante, tipo de interesse e época da visita	644
Quadro AIV.134 Outros motivos apresentados para a visita ao jardim	645
Quadro AIV.135 Atividades realizadas no jardim durante a visita (informação agrupada)	645
Quadro AIV.136 Fonte de informação sobre o jardim (informação agrupada)	646
Quadro AIV.137 Outras fontes de informação sobre o jardim	646
Quadro AIV.138 Frequência da visita ao jardim (1 e 2)	647
Quadro AIV.139 Quando frequenta o jardim	647
Quadro AIV.140 Duração da visita ao jardim	647

Quadro AIV.141 Acompanhamento do inquirido na visita ao jardim	647
Quadro AIV.142 Quem acompanha o inquirido na visita ao jardim	648
Quadro AIV.143 Total de elementos do grupo que visita o jardim	648
Quadro AIV.144 Realização de visita guiada pelo inquirido	648
Quadro AIV.145 Visitação apenas do jardim pelos inquiridos (total e por jardim)	649
Quadro AIV.146 Outras atrações visitadas por jardim	649
Quadro AIV.147 Usufruto dos equipamentos do jardim pelos inquiridos (total e por jardim)	649
Quadro AIV.148 Equipamentos usufruídos pelos inquiridos, por jardim	650
Quadro AIV.149 Conhecimento sobre o programa de atividades do jardim (total e por jardim)	650
Quadro AIV.150 Participação regular nas atividades da Fundação/Jardim (total e por jardim)	650
Quadro AIV.151 Correspondência de expectativas com o jardim/espço	651
Quadro AIV.152 Satisfação com o jardim/espço	651
Quadro AIV.153 Grau de satisfação dos inquiridos com o jardim/espço	651
Quadro AIV.154 Aspetos que mais agradaram nos jardins aos inquiridos (informação agrupada)	651
Quadro AIV.155 Aspetos que mais agradaram nos jardins, por jardim	652
Quadro AIV.156 Aspetos que mais desagradaram nos jardins aos inquiridos (informação agrupada)	652
Quadro AIV.157 Aspetos que mais desagradaram nos jardins, por jardim	653
Quadro AIV.158 Avaliação da experiência da visita ao jardim	653
Quadro AIV.159 Regresso ao jardim no futuro (total e por jardim)	654



## Acrónimos e Siglas

ABS	<i>Australian Bureau of Statistics</i>
ACIF/KPMG	Associação Comercial e Industrial do Funchal/ <i>Klynveld Peat Marwick Goerdeler</i>
ACL/FCG	Academia de Ciências de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian
AEPJP	<i>Asociación Española de Parques y Jardines Públicos</i>
AEVP	Associação das Empresas de Vinho do Porto
AFPCM	Associação das Festas do Povo de Campo Maior
AIP	Arvoredo de Interesse Público
ANAM	Aeroportos da Madeira
APCA	Associação Portuguesa das Casas Antigas
APEJECM	Associação de Plantas e Jardins em Climas Mediterrânicos
APJH	Associação Portuguesa dos Jardins Históricos
APJLR	<i>Amis des Parcs et Jardins du Languedoc-Roussillon</i>
APNP	Arte Paisagista do Norte de Portugal
APRAM	Administração dos Portos da Região Autónoma da Madeira
BGCI	<i>Botanic Gardens Conservation International</i>
BIC	Bem de Interesse Cultural
CADW	<i>Historic Environment division of the Welsh Government</i>
CCDRN	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte
CE	Conselho da Europa
CENTER	Central Nacional do Turismo no Espaço Rural
CHAIA	Centro de História de Arte e Investigação Artística
CIP	Conjunto de Interesse Público
CML	Câmara Municipal de Lisboa e Câmara Municipal de Lousada
CMPL	Câmara Municipal de Ponte de Lima
CNAEF	Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação
CNP	Classificação Nacional de Profissões
CNPJ	<i>Conseil National des Parcs et Jardins</i>
CPJF	<i>Comité des Parcs et Jardins de France</i>
D&TQF	<i>Deloitte &amp; Touche Quality Firm, S.A.</i>
DGEMN	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGOTDU	Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
DGPC	Direção Geral do Património Cultural
DR	Diário da República
DRAC	<i>Direction Régionale des Affaires Culturelles</i>
DRCC	Direção Regional de Cultura do Centro
DREM	Direção Regional de Estatística da Madeira
DRTM	Direção Regional do Turismo da Madeira
EGHN	<i>European Garden Heritage Network</i>
EH	<i>English Heritage</i>
ERC	<i>Enigma Research Corporation</i>
ERTRL/TL	Entidade Regional do Turismo da Região de Lisboa/Turismo de Lisboa
FCFA	Fundação das Casas de Fronteira e Alorna
FCM	Fundação Casa da Música
FEDER	Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
FI	<i>Fáilte Ireland</i>
FN	Funchal Notícias
FS	Fundação Serralves
GC	<i>GConsulting</i>
GGI	<i>Grandi Giardini Italiani</i>
GHS	<i>Garden History Society</i>
GRM	Governo Regional da Madeira
HE	<i>Historic England</i>
HHA	<i>Historic Houses Association</i>
HS	<i>Historic Scotland</i>
ICNF	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
ICOMOS	<i>International Council on Monuments and Sites</i>
IDR, RAM	Instituto de Desenvolvimento Regional da Região Autónoma da Madeira
IFLA	<i>International Federation of Landscape Architecture</i>

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
IHRU	Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana
IIP	Imóvel de Interesse Público
IM	Interesse Municipal
IMC	Instituto dos Museus e da Conservação
IMC-UASK	<i>International Management Center-University of Applied Sciences Krems</i>
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPA	Inventário do Património Arquitectónico
IPPAR	Instituto Português do Património Artquitectónico
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IWI	<i>Industriewissenschaftliches Institut</i>
JB	Jardim Botânico
JBM	Jardim Botânico da Madeira
JBUC	Jardim Botânico da Universidade de Coimbra
JOB	<i>Jardins Ouverts de Belgique</i>
LRI	<i>Lang Research Inc.</i>
MCC	<i>Ministère de la Culture et de la Communication</i>
MEID	Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento
MGAP	<i>Mediterranean Gardening Association Portugal</i>
MIP	Monumento de Interesse Público
MN	Monumento Nacional
NGS	<i>National Garden Scheme</i>
NHA	<i>National Heritage Act</i>
NIEA	<i>Northern Ireland Environment Agency</i>
NISRA	<i>Northern Ireland Statistics and Research Agency</i>
NORD/LB	<i>Norddeutsche Landesbank Girozentrale</i>
NS/NR	Não sabe/Não responde
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OGTC	<i>Ontario Garden Tourism Coalition</i>
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONGs	Organizações Não Governamentais
OUP	<i>Oxford University Press</i>
PE	Porto Editora
PENT	Plano Estratégico Nacional para o Turismo
PH	<i>Plant Heritage</i>
QREN	Quadro de Referência Estratégica Nacional
RAM	Região Autónoma da Madeira
RHS	<i>Royal Horticultural Society</i>
RNAIP	Registo Nacional do Arvoredo de Interesse Público
SGS	<i>Scotland's Gardens Scheme</i>
SIP	Sítio de Interesse Público
SP	Synovate Portugal
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
SQW	<i>Segal Quince Wicksteed Ltd.</i>
SWOT	<i>Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats</i>
TER	Turismo em Espaço Rural
TGT	<i>The Gardens Trust</i>
TP	Turismo de Portugal
TR	<i>Tournament of Roses</i>
TURIHAB	Associação do Turismo de Habitação
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNWTO	<i>United Nations World Tourism Organization</i>
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
VAB	Valor Acrescentado Bruto
VR	Valor Regional
ZEP	Zona Especial de Protecção
ZGP	Zona Geral de Protecção

# Citação



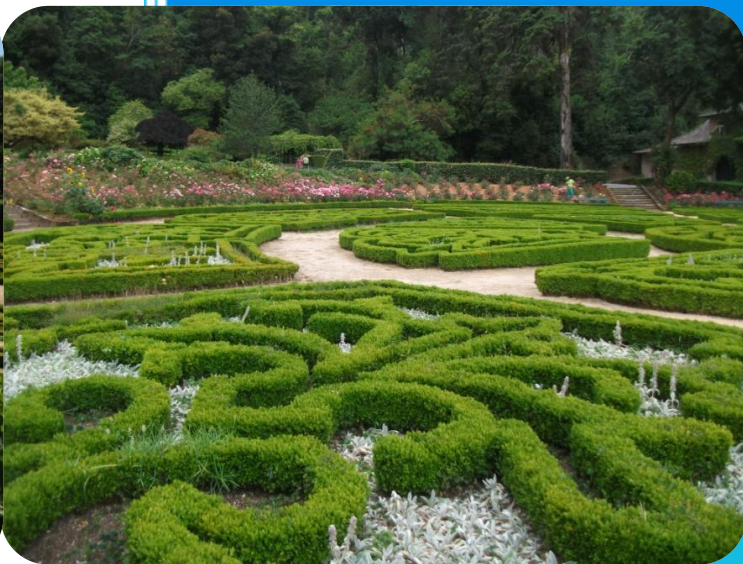
Jardim da Casa de Santar e Parque de Serralves

*“Gardens have special meaning. They are powerful settings for human life, transcending time, place, and culture. Gardens are mirrors of ourselves, reflections of sensual and personal experience. By making gardens, using or admiring them, and dreaming of them, we create our own idealized order of nature and culture. Gardens connect us to our collective and primeval pasts. Since the beginning of human time, we have expressed ourselves through the gardens we have made. They live on as records of our private beliefs and public values, good and bad.*

(FRANCIS & HESTER, 1990: 2)



# Poema



Jardim do Palácio de Mateus e do Palace Hotel do Buçaco

*“(...) o jardim era um todo único, indivisível,  
o lugar de mistério e maravilha.  
Ir para o jardim era fugir do quadro formal  
e espartilhado da sociedade, da cerimónia e  
dos deveres de casa, era entrar no reino da fantasia.  
O jardim estava sempre a mudar  
A vida brotava incessantemente,  
As surpresas não cessavam de renovar-se.  
E, depois no meio da sua arquitectura variegada,  
as formas vivas, abundantes e variadas  
Carregavam-se dos significados que lhes  
inventávamos,  
Descobriam-se e criavam-se novos mundos.”*



A geografia é a ciência dos espaços, das pessoas e das relações que se processam entre ambos no decorrer do tempo. O jardim é uma existência simultânea de ideia, espaço e ação, depende das pessoas e é criado para elas, pelo que entre aquele espaço, natural mas humanizado, e estas também se processam diversas relações ao longo do tempo, transformando os jardins em documentos culturais com um importante papel na leitura dos territórios e das sociedades.

Ao geógrafo coube desde sempre o estudo da superfície terrestre e dos fenómenos, naturais e humanos, que nela ocorrem assim como dos atores neles intervenientes. Talvez não haja lugar ou acontecimento no Mundo que a geografia não tenha identificado, estudado, interpretado e explicado. A sua assumida vocação interdisciplinar assim o vem determinando.

Todavia, o Mundo mudou, aliás, vem mudando de forma constante e rápida, tal como os fenómenos e as relações que se processam entre territórios e os seus atores, em particular no âmbito do lazer e turismo, que deixaram de estar restritos aos modismos tradicionais e passaram a incluir novos espaços. Ou melhor, espaços que apesar de não serem novos, se vêm (re)descobrimo para o turismo. Os jardins constituem um desses espaços.

Os jardins são parte intrínseca da existência humana, física e espiritual, e são elementos fundamentais da cultura, não só no seu óbvio aspeto físico, mas igualmente no seu aspeto imaterial “representacional”. Há muito admirados pela beleza e tranquilidade inerentes, os jardins tornaram-se atrações turísticas cada vez mais populares e amplamente visitadas. Este facto levou BENFIELD (2013) a acreditar que o turismo de jardins se pode tornar num dos maiores setores de retalho do mercado do turismo, já que em apenas um ano (2000) foi estimado que mais de 150 milhões de pessoas visitaram jardins públicos por todo o Mundo, a que se acrescenta aqueles que visitam jardins privados, podendo assim os visitantes de jardins a nível mundial aproximar-se dos 300 milhões.

É incontornável que, a nível mundial, se verifica um interesse crescente em visitar jardins assim como existe uma grande tendência para se apostar no turismo de jardins como uma forma de desfrutar do tempo de lazer. Aliás, talvez os jardins constituam os espaços de visitação mais consensuais em termos de gosto e com capacidade para atrair um espectro bastante abrangente de visitantes. No fundo, não há quem não goste e quem não frequente, desde as crianças aos mais idosos.

A abundância e diversidade determinam a popularidade destas atrações turísticas. Este é um aspeto com tradução no território nacional. Em Portugal, embora não haja um registo nacional de jardins e parques, tal como acontece em muitos países, estima-se que existirão

cerca de 1000 jardins e coleções de plantas, desde jardins botânicos, aos parques extensos, às mais intimistas quintas de recreio ou aos pequenos jardins residenciais que dão corpo ao particular jardim português, embora a maioria sejam locais privados e desconhecidos.

Isto significa não só que o país dispõe de um amplo e diversificado espólio patrimonial com relação aos jardins, mas também que o segmento goza de um grande potencial recreativo e turístico que é necessário conhecer, desenvolver e promover.

Todavia, a sua expressividade em termos de visitação não tem tradução em estudos académicos sobre a visita a jardins. Uma constatação feita e partilhada por vários autores internacionais e nacionais. Embora na área da história da arte e da arquitetura paisagista o tema dos jardins, em geral, e dos jardins históricos, em particular, esteja até profusamente bem documentado, faltam ainda bases sólidas para estudar a nova perceção e utilização pública dos jardins, dentro das quais a área do turismo está especialmente pobre.

No sentido de alterar esta situação, tenta-se com o presente estudo, na área da geografia, proceder a uma análise abrangente e mais aprofundada do potencial turístico dos jardins históricos nacionais e, desta forma, colmatar a falta de investigação científica realizada nesta área, apenas a florada de forma superficial por alguns autores.

Os jardins despertam (têm despertado) várias paixões e a atenção de várias áreas do saber desde o âmbito histórico, fitogeográfico e botânico até à arquitetura paisagista, tendo sido realizados diversos estudos como se terá ocasião de perceber. Não obstante ser importante trazer essas dimensões à discussão num estudo sobre jardins, sempre que assim se justificar, convém clarificar que este trabalho é, essencialmente e acima de tudo, um exercício de cariz geográfico.

Locais de lazer e turismo por excelência, uma vez que são concebidos para serem vistos e percorridos, impõe-se conhecer as suas características e a sua dinâmica e apontar, de igual modo, alguns caminhos na perspetiva do desenvolvimento deste segmento. Neste sentido, neste trabalho propõe-se uma abordagem à dimensão lúdica e turística dos jardins históricos portugueses sobre duas perspetivas: a da oferta e a da procura. Essa abordagem far-se-á tanto no campo teórico com a análise, exploração e discussão de vários títulos bibliográficos, como no empírico através da aplicação de inquéritos por questionário.

No domínio teórico, procura-se refletir sobre o carácter patrimonial e cultural dos jardins históricos que é necessário salvaguardar. Uma das formas de preservar e perpetuar essas memórias é através da atividade turística pelo que a visita/turismo de jardins tem sido identificad(o) como um fenómeno do turismo cultural e de recreação da sociedade pós-moderna a um nível internacional pelo volume de visitantes que envolve. Este estudo



constitui, por isso, uma oportunidade para reconhecer e refletir sobre a importância do jardim (histórico) como recurso e produto turístico estratégico no desenvolvimento dos territórios, demonstrando que os jardins constituem locais turísticos com potencialidades por conhecer e explorar, e com uma margem de progressão grande, especialmente em Portugal.

Numa altura em que os jardins portugueses experimentam duas situações extremas e completamente opostas, ou seja, se por um lado temos jardins que são reconhecidos e incluídos no “restrito” grupo dos mais belos jardins do mundo e que ganham distinções internacionais como a Quinta do Palheiro Ferreiro, o Tropical Monte Palace, o Jardim do Palácio Fronteira ou o Parque da Pena, por outro temos alguns dos mais belos jardins à venda, outros completamente alienados e degradados correndo um sério risco de desaparecer. Impõe-se, por isso, um olhar mais apurado sobre esta realidade que tem passado ao lado do mundo académico. A crescente popularidade dos jardins e o potencial existente em Portugal são razões mais do que suficientes para que se observe e estude com mais atenção a sua dinâmica.

No âmbito da oferta, com base na aplicação de um inquérito por questionário aos proprietários/responsáveis por um conjunto de cerca de 100 jardins históricos, são focados aspetos relacionados com as características e organização dos jardins, com os proprietários, com a visita e atividade turística neles desenvolvida e ainda as perspetivas dos responsáveis face ao segmento numa dimensão geral, atual e futura. Para além de se conhecerem as características e a dinâmica dos jardins foi possível, de igual modo, identificar os principais obstáculos e vantagens ao maior desenvolvimento da vertente lúdica e turística.

Da análise dos resultados deste questionário, ficou clara a riqueza e a diversidade dos jardins históricos portugueses assim como as suas potencialidades para a construção de um segmento turístico de qualidade e com argumentos capazes de o inserir nos circuitos turísticos internacionais e competir com outros destinos.

No campo da procura, através da aplicação de inquéritos por questionário aos visitantes de três jardins históricos – Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira – houve a possibilidade de conhecer, caracterizar e discutir as características socioeconómicas e demográficas do visitante de jardins, os seus interesses, motivações, hábitos de visita e comportamentos nestes espaços, tendo-se verificado, de igual modo, que o perfil do visitante e a experiência da visita varia consoante o tipo de jardim, o tipo de visitante e de interesse, tendo-se concluído também que a época de visita, no cômputo geral, pouco ou nada influencia estes parâmetros.

O conhecimento do mercado da oferta e da procura assume uma grande importância na percepção e entendimento dos contornos deste segmento turístico, podendo transformar-se numa ferramenta essencial ao seu próprio desenvolvimento, qualificação e divulgação. De tal forma que, em função dos resultados provenientes da auscultação dos atores destas duas vertentes foi elaborado, no capítulo final, um quadro de orientações/recomendações, que, em nossa opinião, se afiguram como estratégicas para um desenvolvimento mais consistente da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses.

A realização deste estudo permitiu conhecer, refletir, discutir e perceber a dimensão lúdica e turística dos jardins históricos portugueses e, no decorrer do mesmo, pôde-se comprovar que estes, mais do que meros recursos, constituem ativos importantes não só para o público como para os próprios territórios.

Este trabalho foi desenvolvido com a expectativa de contribuir para o debate sobre os jardins históricos portugueses, para a necessidade de os preservar e, mais ainda, para conhecer e explorar as dinâmicas lúdicas/turísticas que neles se desenvolvem. Desta forma, espera-se que esta investigação, para além de dar a conhecer a temática, constitua uma fonte de reflexão sobre o património dos jardins, em particular dos jardins históricos, e tenha de alguma forma uma aplicação prática.

# *Parte I*



Jardim Botânico de Coimbra

***LAZER – TURISMO – JARDINS***  
*Introdução contextual teórica e metodológica*



# Capítulo I



Jardim do Palácio de Mateus e Jardim Botânico do Porto

*Âmbito temático – linhas  
gerais de enquadramento da  
investigação*

## 1.1. Um estudo sobre lazer, turismo e jardins no âmbito da geografia

### 1.1.1. Identificação e delimitação da área temática

*“Geography is the classic science of space and advocate of landscape: The interrelationship between tourism and space is the focus of our research and the constituent of our identity.”*  
(KREISEL, 2012: 399, 400)

*“Currently, gardens, gardening and horticulture are receiving increasing attention from geographers and others interested in spatial disciplines because they provide a useful lens for understanding the complex and ambiguous politics surrounding social and cultural life.”*  
(LONGHURST, 2006: 589).

O exercício de estudo e investigação desenvolvido e aqui apresentado pretendeu refletir sobre o carácter lúdico e turístico dos jardins históricos portugueses sob uma perspetiva geográfica recorrendo para isso a um estudo empírico que se desenvolveu em dois âmbitos – o da oferta, versando os jardins históricos/notáveis não só com potencialidades turísticas, mas que constituem efetivas atrações turísticas, e o da procura, direcionado para os visitantes de três jardins portugueses, cobrindo deste modo duas importantes componentes do sistema turístico.

Lazer e turismo são indissociáveis dos jardins. Estes, segundo a *Carta de Florença* (1981), foram concebidos para serem vistos e experienciados. A geografia estuda os espaços, os homens e as relações entre os dois, aos quais não podemos deixar de acrescentar o fator tempo que constrói, modifica, destrói ou consolida estas relações. Os jardins, pese embora as várias dimensões e interpretações a que estão sujeitos, como teremos ocasião de constatar, podem-se resumir a espaços imaginados e criados pelo homem. No resultado, transparecem as diferentes atitudes deste face à procura pela natureza, o seu engenho na sua domesticação e as diferentes relações que se estabelecem entre eles, consoante as suas necessidades. Desta forma, o Homem apropria o jardim e consolida-o como espaço vivido e experienciado, a que se acrescenta mais uma vez o fator tempo, que se revela muito importante enquanto “elemento mágico” pela sua função biológica na formação de um jardim (AÑÓN, 1981), na atribuição de historicidade mas também no seu uso.

HALL e PAGE (2009: 3) esclarecem que a *“Geography has as its central concerns a focus of place, space and environment”*. Na perspetiva de WILLIAMS (1998), o turismo é

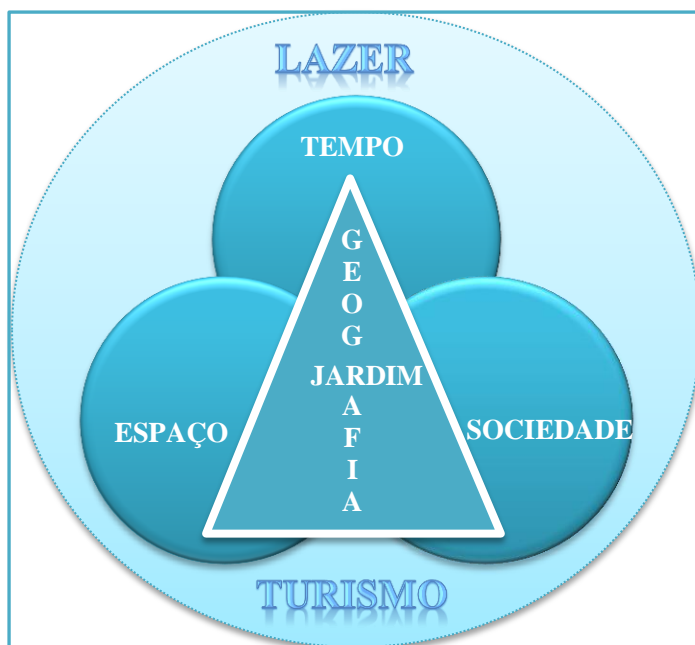
essencialmente um fenómeno geográfico, facto corroborado por CRUZ (2001), que afirma que na atividade turística o espaço geográfico é o seu principal objeto de consumo, sendo que uma das suas características mais importantes é que o turista, consumidor, tem necessariamente de se deslocar até ao produto a ser consumido, o lugar turístico, e por ZAKRISSON e ZILLINGER (2012: 507) quando clarificam que as experiências turísticas “(...) are situated in time and space, and are connected through each tourist’s mobility”.

A cultura e a natureza constituem os principais recursos do turismo. Os jardins, que concentram em si um grande potencial (recursos naturais e culturais) que oferece oportunidades ao desenvolvimento do turismo de jardins, constituem um desses espaços apropriados pelo turismo. A sua visita faz parte da matriz de experiências com a qual cada vez mais a atividade turística se identifica, assente numa filosofia de procura por territórios, paisagens, espaços e sítios pelo que estes evocam, simbolizam e representam.

Embora não seja uma realidade recente, os jardins, detentores de um valor intrínseco por si só e por direito próprio, são cada vez mais locais de visita, de atividades e consumos vários ou simplesmente de contemplação e de estar, constituindo verdadeiras atrações turísticas com impactes a diversos níveis nos territórios e sociedades. Estão, por isso, na ordem do dia, especialmente no contexto internacional, uma vez que a visita a jardins, enquanto uma das vertentes principais do turismo de jardins, e o próprio turismo de jardins, regista um crescimento notável, residindo a novidade nas proporções e na dimensão que vêm tomando no seio da atividade turística global e a ampla margem de progressão de que gozam (BHATTI & CHURCH, 2000; CONNELL, 2004; CONNELL, 2005), ao ponto de ser considerado um fenómeno do turismo cultural e de recreação da sociedade pós-moderna (CONNELL, 2004; MÜLLER, 2011; BENFIELD, 2013).

Como tal, a perspetiva geográfica neste estudo é essencial para entender a complexidade destas relações já que este domínio científico considera os aspetos económicos, sociais, humanos e físicos do espaço e do sítio/lugar. Neste trabalho, considera-se, portanto, o espaço (jardim), o sítio/lugar (jardim como atração/destino turístico), o ambiente (os *stakeholders* incluindo os visitantes) e a sua influência nas ligações e nas relações entre a oferta (proprietários de jardins) e a procura (visitantes).

Esta pareceu-nos ser a analogia apropriada para justificar um trabalho sobre jardins e, mais especificamente, sobre lazer e turismo de jardins no âmbito da geografia. Os conceitos de jardim, lazer e turismo interligam-se com a geografia ao nível das dimensões espaço, sociedade e tempo, três aspetos que resumem, no fundo, a sua essência (Figura I.1).



Fonte: Elaboração própria

Figura I.1: Representação esquemática da relação entre geografia e jardim  
(domínio temático da investigação)

Neste sentido, a investigação pretende apresentar a perspetiva geográfica de uma temática que ainda não foi tratada de forma mais profunda nas ciências sociais e nos estudos de lazer e turismo em particular no contexto nacional.

## 1.2. Lazer e turismo

### 1.2.1. Apontamentos gerais

Lazer e turismo são frequentemente usados como sinónimos, todavia embora o turismo esteja diretamente associado ao lazer, não se confunde com ele (BARROS, 2004).

Segundo DUMAZEDIER (1988), o lazer é a atividade à qual as pessoas se entregam livremente, fora das suas necessidades e obrigações profissionais, familiares e sociais, para se descontraírem, divertir, aumentar os seus conhecimentos e a sua espontânea participação social, livre exercício e capacidade criativa. COOPER *et al.* (2001, citados em BARROS, 2004) encaram o lazer como uma medida combinada de tempo e atitude mental para criar períodos de tempo em que as outras obrigações são mínimas. Desta forma, o lazer é o tempo que cada pessoa dispõe após o seu trabalho e estudo, as horas de sono e a realização de outras atividades básicas (CUNHA, 2003; BARROS, 2004). Para PARRY e PARRY (1977), lazer é



um fenómeno social que envolve constrangimentos e obrigações sociais, podendo ser melhor percecionado se incluído num determinado contexto ou estilo de vida.

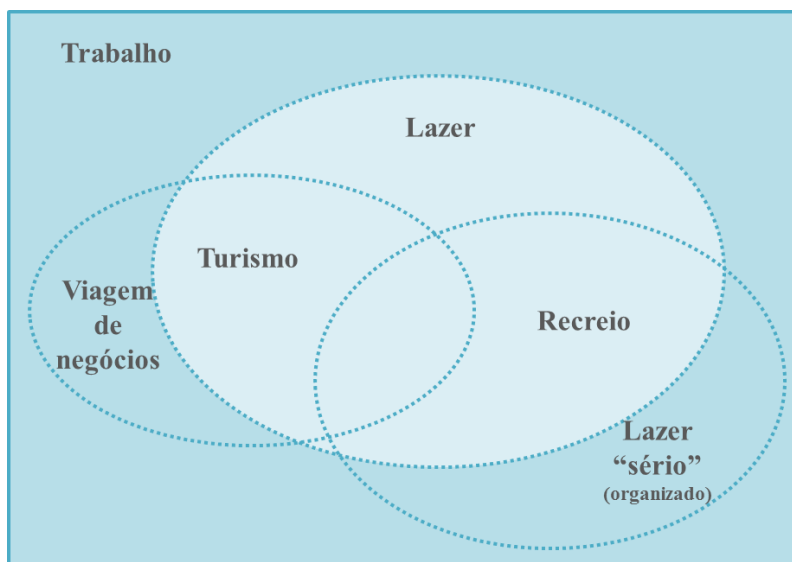
TORKILDSEN (2000) defende cinco dimensões sobre as quais o lazer deve ser considerado: lazer como tempo, lazer como atividade, lazer como estado, lazer como um todo – conceção holística – e o lazer como um modo de vida. DUMAZEDIER (1977) considera que o lazer tem três funções: a de recreio, divertimento e de desenvolvimento. O lazer está, desta forma, estritamente associado às necessidades de autorrealização e é indispensável para o bem-estar dos indivíduos.

O recreio/recreação diz respeito às atividades desenvolvidas durante o tempo de lazer, passivas ou ativas, em casa ou fora, nas quais se inclui o turismo. O turismo assume-se assim como uma das formas de ocupação do tempo livre que integra o conceito de recreio mas que distingue deste uma vez que implica necessariamente uma deslocação (CUNHA, 2003).

A tarefa de encontrar uma definição de turismo que seja globalmente aceite não tem sido fácil, embora seja importante e necessário fazê-lo. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (UNWTO, 2014), trata-se de um fenómeno social, cultural e económico que implica a deslocação de pessoas, para países ou lugares fora do seu ambiente habitual para fins pessoais ou empresariais/profissionais, denominadas de visitantes (que podem ser turistas ou visitantes do dia, residentes ou não residentes), englobando as suas atividades, algumas das quais envolvem despesas turísticas. Desta forma, associados ao turismo estão três grandes vetores: a viagem, a estada e a motivação, estando esta última intimamente relacionada com as condições socioeconómicas e culturais dos viajantes.

São vários os autores que a acham bastante redutora por não ter em conta as suas características principais, motivações ou até os impactes económicos. Na perspetiva de HALL e PAGE (2006: 3), *“A universally accepted definition of leisure, tourism and recreation is an impossibility. Definitions will change according to their purpose and context”*. Como tal, em muitos casos verifica-se a sobreposição e inter-relação de conceitos e atividades que se podem incluir em diversas dimensões, imiscuindo-se uns nos outros, sendo os limites dos conceitos bastante ténues (Figura I.2).

O quadro motivacional do visitante é bastante diverso. A OMT (UNWTO, 2010) recomenda a distribuição das motivações dos visitantes em dois grupos: motivos de negócios ou profissionais e as motivações pessoais. Estas últimas são divididas nos subgrupos: férias, lazer e recreio (que é o dominante); visitas a familiares e amigos; educação e formação; saúde e cuidados médicos; religião e peregrinação; compras; trânsito e outros motivos.



Fonte: Adaptado de HALL e PAGE (2006)

Figura I.2: Relação entre lazer, recreio e turismo

As motivações estão intimamente ligadas ao perfil e às preferências dos turistas levando vários autores a avançarem com tipologias de turistas (COHEN, 1972; PLOG, 1974; SMITH, 1989, citados em SILVA, 2013) que, apesar de apresentarem vantagens, são consideradas demasiado simplistas, redutoras e estáticas. Por isso dificilmente respondem às atuais dinâmicas do turismo.

### 1.2.2. A importância do setor turístico

O turismo afirmou-se, sem margem para dúvidas, como uma atividade preponderante e até mesmo central no desenvolvimento socioeconómico dos territórios e das sociedades às mais diversas escalas. Reconhecida pelo seu rápido progresso e amplitude, há muito que lhe são reconhecidas virtudes e efeitos económicos, sociais e territoriais, tanto nos locais recetores como emissores. Uma das muitas características que lhe está inerente é a de efeito multiplicador de sinergias, diretas, indiretas e induzidas.

O turismo é considerado ainda um dos principais agentes de globalização, permitindo a ligação entre os diversos espaços culturais (BARROS, 2004) e o intercâmbio cultural (PÉREZ, 2009). Apresenta-se como uma atividade multidisciplinar, interdependente, aos níveis económico, político, sociológico, cultural e ambiental, sendo suscetível das mais diversas abordagens aos mesmos níveis (CUNHA, 2003).

O crescimento do número de turistas internacionais, desde o início dos anos 50 (século XX) até à atualidade, tem sido exponencial. De 25 milhões em 1950, 170 milhões em 1970,

500 milhões em 1990, 698 milhões em 2000 passou para cerca de 940 milhões em 2010, crescendo a uma taxa de 6,5% ao ano (CARVALHO, 2012). O turismo internacional (viagens e transporte de passageiros) é atualmente responsável por 10% do PIB mundial, por 30% das exportações mundiais de serviços e 6% do total das exportações de bens e serviços, para além de empregar uma em cada 11 pessoas em economias desenvolvidas e emergentes. As chegadas de turistas internacionais aumentaram 4,4% em 2015 para os 1,184 milhões, destacando-se a Europa com um aumento de 5% (609 milhões de turistas) (UNWTO, 2015).

A nível nacional, e como reconheceu o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), “O turismo conquistou um papel central na economia portuguesa e é hoje líder nas exportações, na sustentabilidade, na inovação e na criação de emprego” (MEID & TP, 2011: 5), sendo considerado como um dos principais motores do desenvolvimento regional. Uma posição mantida e reforçada no Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal (Turismo 2020) que destaca a posição estratégica do país: está integrado na maior Região Turística do Mundo – a Europa (com mais de 50% do turismo internacional e 43% das receitas turísticas), ocupa a 26ª posição, a nível mundial, no que diz respeito a receitas turísticas, a 9ª posição no ranking da Europa dos 28, em termos de dormidas de residentes no estrangeiro e receitas turísticas, e integra o Top 20 dos destinos mais competitivos no mundo (TP, 2015a).

Na ótica de SIMÕES (2008: 342), para além do turismo ser “(...) um dos esteios estratégicos para a economia portuguesa [é igualmente] um dos caminhos preferenciais para o desenvolvimento regional e local”. É o setor que mais contribui para as contas externas de Portugal, cujas receitas turísticas detêm um peso de cerca de 14% no total das exportações de bens e serviços e de 42% só nas exportações de serviços, no ano de 2013 (TP, 2015a, 2015b). De acordo com os dados do Banco de Portugal relativos à rubrica “Viagens e Turismo”, em 2014, e pelo quinto ano consecutivo, as receitas aumentaram relativamente ao ano anterior (+12,4%), ultrapassando o patamar dos 10 mil milhões de euros (10,4 mil milhões), as despesas em viagens atingiram os 3,3 mil milhões de euros, sendo o saldo desta rubrica de 7 mil milhões de euros, refletindo um crescimento de 15,4% (+8,3% que em 2013) (INE, 2014). Segundo dados revelados pela OCDE, Portugal é um dos países em que o turismo mais contribui para a economia, representando 9,2% do Produto Interno Bruto em 2010 e 8,2% do emprego em 2008 (OECD, 2014).

Esta trajetória ascendente, verificada tanto a nível internacional como nacional, é justificada pela conjugação de diversos fatores de progresso e de bem-estar material e

imaterial como o aumento da procura estimulada pelo aumento de rendimento disponível, dos períodos de lazer assim como a importância atribuída aos mesmos; das motivações para viajar; do crescimento exponencial dos mercados emergentes acompanhado pelo crescimento contínuo dos mercados tradicionais; das mudanças demográficas, sociais e tecnológicas; da diversificação de destinos; da crescente liberalização do setor, sendo acompanhada de importantes alterações na configuração e estruturação da atividade turística e de mudanças de comportamento dos turistas (CUNHA, 2003; BARROS, 2004; CARVÃO, 2009).

Desde finais do século XX que se vêm operando importantes mudanças no setor destacando-se a expansão do turismo a novos territórios, a diversificação de produtos, uma aposta crescente na qualidade e na sustentabilidade e a valorização do turismo de nichos e das viagens internas, tanto de turistas como dos visitantes do dia (SILVA, 2013).

Os jardins, pela sua abundância e diversidade, têm sido, de forma crescente, alvo de atenções várias. Em diversos territórios há muito que ultrapassaram a redutora categoria de recursos e são hoje reputadíssimos produtos turísticos, constituindo mesmo, em alguns casos, a sua imagem de marca. Como produto alternativo ou como motivação principal os jardins e a visita a jardins afigura-se como um segmento com enormes potencialidades, em muitos casos ainda por conhecer e explorar, com benefícios positivos tanto para os próprios jardins, como para os territórios e para os visitantes.

### **1.3. Jardim – breve discussão introdutória em torno da clarificação conceptual**

*“(...) le jardin qui est bien, lui, une création artistique humaine  
fabriqué à l’image de ce que l’homme voit.”*

(NYS, 1999: 123)

Das reflexões que abriram este trabalho depreende-se, e mais adiante se perceberá porquê, que o jardim é uma realidade polissémica que se presta a várias leituras e interpretações, das individuais às coletivas, das coloquiais às mais científicas, desde a simples interpretação real e concreta do objeto/espaco palpável e usufruível até às interpretações mais simbólicas e históricas, sendo uma terminologia usada em múltiplos contextos, diversos em termos espaciais, temporais e culturais (ST-DENIS, 2006).

Parece, de resto, consenso geral entre diversos autores que não é fácil uma definição de jardim que seja aceite de uma forma universal e adequada. A este respeito, HELLYER (1997, citado em CONNELL, 2002) reitera que os jardins adquirem diferentes significados para diferentes pessoas. Assim, o jardim é uma realidade suscetível a diversas interpretações

intrinsecamente ligadas tanto ao espaço como ao tempo, aos seus propósitos, às sociedades ou em particular a cada pessoa. Estas interpretações balançam muitas vezes entre o plano mítico/simbólico e o real, sendo possível obter um sem número de definições.

Os jardins detêm assim múltiplos significados e papéis, os quais podem ser explorados a partir de uma variedade de direções teóricas e conceptuais (BHATTI & CHURCH, 2004). Não sendo nossa intenção fazer uma explanação alargada sobre a questão terminológica, vale a pena referir algumas observações tecidas sobre jardins nos mais diversos campos. Desde a associação ao Jardim do Éden, paraíso perdido, no plano mítico/simbólico, até às definições mais concretas e restritas avançadas pelos dicionários, e a outras mais amplas e focadas nas suas funções, a temática dos jardins constitui um campo de análise bastante fértil.

### **1.3.1. Do conceito comum aos múltiplos e amplos significados e dimensões**

A este respeito CONNELL (2002) apresenta um conjunto de pontos convergentes para a definição de jardim traduzido em cinco grandes dimensões que considerámos oportuno trazer à discussão: dimensão utilitária, dimensão prazerosa/recreativa/social, dimensão criativa, dimensão espiritual e o jardim enquanto construção social. Na sua perspectiva, estas dimensões dão origem a diferentes interpretações e a diferentes tipos de jardins.

#### **1.3.1.1. Dimensão utilitária, prazerosa, recreativa e social**

O aspeto prático e utilitário assim como o aspeto recreativo e social desde logo sobressaem quando se intenta numa definição de jardim, estando mais ou menos presentes nas definições mais básicas que nos surgem. O dicionário de língua portuguesa (PE, 2011: 937) entende jardim como uma “extensão de terreno, em geral com muro ou grades à volta, onde se cultivam plantas de adorno e que se localiza num espaço público ou privado, podendo estar dependente ou não de uma habitação” ou como “terreno geralmente fechado por muros ou grades, onde se cultivam árvores, arbustos, flores, plantas ornamentais..., situado num espaço privado ou num local público, de dependência ou não de uma casa de habitação ou de outro edifício” (ACL/FCG, 2001: 2183). O dicionário publicado pela Universidade de Oxford (OUP, 1995: 487) define-o como “*a piece of private ground used for growing flowers, fruit, vegetables, etc, typically with a lawn or other open space for playing or relaxing*”. Destas definições sobressai, numa primeira leitura, a visão utilitarista que se considera num duplo sentido: a produção e cultivo de plantas (de carácter ornamental no caso português, no caso anglo-saxónico alarga-se aos vegetais) e o enquadramento de edifícios (habitações ou outros).

No entanto, o jardim não deve ser reduzido somente a esta dimensão, até porque dele não podemos dissociar o elemento humano, traduzido na dimensão recreativa e social, oportunamente contemplado na definição avançada por *Oxford* que, para além da visão utilitária, considera também o seu uso – “*open space for playing or relaxing*”. No caso português, à primeira vista, é ignorada a vertente de espaço de consumo e construção social. Todavia, numa leitura mais atenta, esta surge-nos sobretudo nas alusões feitas à propriedade (privada ou pública) e à associação a um elemento construído (dependente ou não de casa de habitação ou outro edifício), até porque dessas realidades derivam diferentes consumos, comportamentos e atitudes face ao jardim. Desta forma, tanto os jardins domésticos como os jardins públicos constituem espaços privilegiados onde são possíveis uma diversidade de atividades recreativas, quer sejam passivas ou ativas. Aliás, relativamente ao jardim doméstico PATMORE (1983, citado em CONNELL, 2002) atribui-lhe três funções: proporciona uma extensão da casa, oferece oportunidades para realizar atividades domésticas e funciona como local de recreação ao ar livre (através da jardinagem ou da interação com crianças ou animais), sendo desta forma experienciado como um lugar intimista na vida quotidiana (BHATTI, CHURCH, CLAREMONT & STENNER, 2009), espaço que BHATTI e CHURCH (2001) consideram tratar-se de um local importante no entendimento das relações homem-natureza.

O jardim é igualmente uma fonte de prazer (ST-DENNIS, 2006). São vários, e a diversos níveis, os prazeres e as experiências agradáveis que este espaço proporciona. Por um lado, falamos da importância e do prazer, individual e social, resultante da vertente produtiva, ou seja do ato de cultivar e jardinar (BHATTI & CHURCH, 2001). Por outro, há o prazer decorrente da vertente recreativa e da possibilidade de interação social de cariz mais privado ou público (eventos) já que os jardins oferecem “(...) *an environment for social enjoyment*” (CONNELL, 2002: 24) e ainda aquele que provém da vertente estética: ver crescer plantas e apreciar o florir das flores, estar próximo daquilo que se entende como natureza e do que este ambiente, este *sense of nature* proporciona (ST-DENIS, 2006).

#### **1.3.1.2. Dimensão criativa**

A dimensão criativa do jardim manifesta-se numa dupla vertente: o jardim que é palco de manifestações criativas, materializando o conceito de espaço criado/construído e espaço vivido, e o jardim que inspira manifestações criativas em vários campos da indústria cultural, concretizando desta forma a noção de espaço recriado/representado.

No primeiro caso, o jardim é encarado como um espaço para fins utilitários ou recreativos, cuja criação tem subjacente a ideia de controlo da natureza. FRANCIS e HESTER (1990) introduzem o jardim enquanto existência simultânea de ideia, espaço e ação para além da expressão de valores e crenças culturais. Na perspetiva destes autores (1990: 2) trata-se de uma “*nature-under-control*”, entendida como uma idealização daquilo que a sociedade acredita que a natureza deve ser e se deva parecer e como o ponto de equilíbrio entre o controlo humano, por um lado, e a natureza selvagem por outro, no fundo “(*... le jardin est un paysage ideal construit (...)*)” (NYS, 1999: 12). Mas também enfatizam a dimensão artística da criação de um jardim. Para além disso, a própria jardinagem incorpora processos não naturais que resulta num produto final pouco natural, embora o pareça. O jardim é assim a natureza permitida pelo gesto humano construtivo, uma configuração fabricada da natureza pelas práticas humanas, constituindo o resultado da apropriação e transformação do meio natural pelo Homem, uma cópia cultural da natureza (ASSUNÇÃO, 2008), no fundo, uma fonte de criatividade e de *self-expression* (HEWER, 2003).

No segundo caso, o jardim é considerado uma rica matéria-prima, um recurso cultural para reproduzir ou na qual se inspirar ou mesmo apenas como cenário de uma qualquer manifestação artística. O jardim é uma fonte inesgotável de símbolos, significados, crenças, valores e mitos que a sociedade construiu socialmente no decorrer dos tempos (ASSUNÇÃO, 2008) sendo desta forma suscetível às mais diversas interpretações e consequentes representações<sup>1</sup>. Estas possuem simbolismos próprios e variados por parte de vários campos criativos, surgindo sob a forma de pinturas, gravuras, desenhos, iluminuras em quadros, tapeçarias, artes decorativas, frescos, mosaicos, livros, e também de fotografias, filmes, ou vídeos. Surgem ainda na música, literatura ou poesia<sup>2</sup> constituindo, por um lado, fontes de informação de grande importância para a (re)construção dos jardins, da história, das

---

<sup>1</sup> Esta dimensão do jardim enquanto espaço recriado e representado é de tal forma importante que motivou a temática escolhida para a edição de 2012 do evento francês *Rendez-vous aux Jardins – Le jardin et ses images* – que propôs aos visitantes uma “viagem” e uma reflexão pelas diferentes representações do jardim quer fossem elas pictóricas, literárias, poéticas, musicais ou até mesmo mentais (informação disponibilizada no endereço eletrónico do evento, 2012).

<sup>2</sup> A título de curiosidade, note-se que referência a jardins e a sua utilização como metáforas de várias situações, sentimentos ou estados de alma, também são recorrentes na literatura e na poesia portuguesas. Quem não se lembra do Jardim do Ramallete nos Maias de Eça de Queirós (no primeiro capítulo, surge simbolizando a renovação e esperança e no último, a frustração, o desencanto e o fracasso); os jardins adquirem protagonismo também na obra de Agustina Bessa Luís que, segundo MENDES (2014), conjugam vida, literatura e pintura, simbolizam em simultâneo estados psicológicos de personagens, permitem abordagens culturais comparativas e concorrem para a construção do espírito do lugar; e é também vasta a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen onde o jardim ou qualquer seu elemento surgem numa exímia alegorização das mensagens que lhes incute, e que teve no seu próprio jardim (atual Jardim Botânico do Porto) uma fonte de inspiração.

características de determinada civilização ou modos de vida e hábitos de sociabilização, de recreio e lazer (BÉNÉTIÈRE, 2012) e, por outro, criativas representações metafóricas de realidades que são transmitidas de forma eufemística através deste subterfúgio. Desta feita, não haverá ideia mais adequada para resumir esta dimensão do jardim do que a de ANDRADE (2008b: 481) que afirma: “Os jardins não são apenas natureza, mas também produzem e reproduzem, essencialmente cultura”.

### 1.3.1.3. Dimensão espiritual/simbólica

Outros autores há que perspetivam o jardim de forma mais ampla, alargando o conceito a um plano mais espiritual/religioso, metafórico e até mesmo hiperbólico, formando uma teia de relações e significados simbólicos algo complexa.

MCINTOSH (2005) concebe o jardim como espaço sagrado, um templo ao ar livre que transporta uma mensagem intencional transformadora, de significado religioso, místico ou filosófico, pelo que para além de ser lugar de beleza é também lugar de significação. “Deus plantou um jardim a Leste do Paraíso e aí pôs o homem que havia modelado...” (G, 2:8). Nesta alusão ao *Livro do Génesis* o jardim representa a ideia de paraíso, de harmonia, de tentação, de pecado e de reconciliação, imbuída de toda uma carga simbólica que tem perpassado ao longo da história da humanidade (THACKER, 1979). Para NYS (1999: 124) “(...) *les jardins sont conçus à l'image d'un paysage mythique – le mythe universel du paradis perdu – qu'il s'agit de rejoindre en s'élevant vers lui*”. Aliás, ROGERS (2007) vai mais longe quando refere especificamente que o design dos primeiros jardins botânicos materializa o conceito bíblico de paraíso como um espaço quadripartido fechado, geometricamente ordenado com quatro caminhos divisores simbolizando a descrição feita no *Livro do Génesis* 2:10: “Um rio nascia no Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava quatro braços”.

ADAMS (1991, citado em CONNELL, 2002) destaca o conceito do jardim como uma alegoria do ciclo de vida e morte e salienta que a jardinagem é uma forma de tentar manter a vida. Nesta mesma linha Charles JENKS<sup>3</sup> (2004) questiona “*What is a garden if not a celebration of our place in the universe?*” e acrescenta que “(...) *it is a piece of man-made nature, a fabricated and ideal cosmic universe*” considerando desta forma o jardim como um microcosmo do Universo. Para RILEY (1990, citado em ST-DENIS, 2006: 9) trata-se de “(...) *the embodiment of a vision of the world, a metaphor for our relationship with nature*”.

---

<sup>3</sup> Charles Jencks é o criador do Jardim da Especulação Cósmica localizado em *Portrack House*, perto de *Dumfries* no Sudoeste da Escócia.



Segundo CONNELL (2002), a natureza espiritual do jardim representa o espaço perfeito – tranquilidade, paz e harmonia com a Natureza.

#### **1.3.1.4. Jardins como construção social<sup>4</sup>**

Na perspetiva de CONNELL (2002), os jardins também podem ser considerados como ambientes socialmente construídos.

Correntes culturais, ideais políticos e poder económico “auxiliaram” esse domínio e controlo sobre a natureza, tendo, em muitos casos, tradução no projeto final de um jardim. Refira-se o exemplo de *Versailles*, símbolo do absolutismo francês. HOYLES (1991, citado em CONNELL, 2002) sugere mesmo que os jardins ilustram os aspetos da cultura e da política na sua mais vasta interpretação.

Na obra *The Meaning of Gardens* (1990), editada por FRANCIS e HESTER, afirma-se que o jardim expressa o estado das relações sociais no contexto em que é criado porque é o próprio jardim que negocia para o público o estatuto social do seu proprietário num regime de distribuição do poder e da riqueza. Deste modo, na perspetiva de WEISS (2011), os jardins são a expressão exata do momento civilizacional de cada cultura e por isso representantes de cada tempo na história da humanidade.

#### **1.3.1.5. O enquadramento legal nacional de jardim**

No âmbito do enquadramento legal nacional a Portaria 1136/2001 de 25 de setembro e a posterior Portaria 216-B/2008 de 3 de março<sup>5</sup> englobam o jardim nos *espaços verdes e de utilização coletiva*, que definem como “espaços livres, entendidos como espaços exteriores, enquadrados na estrutura verde urbana, que se prestam a uma utilização menos condicionada, a comportamentos espontâneos e a uma estada descontraída por parte da população utente. Inclui, nomeadamente jardins, equipamentos desportivos a céu aberto e praças, com exclusão dos logradouros privados em moradias uni ou bifamiliares<sup>6</sup>”.

---

<sup>4</sup> Este aspeto é apresentado de forma mais desenvolvida no ponto 3.1. do capítulo III.

<sup>5</sup> Estas Portarias estabelecem os parâmetros para o dimensionamento das áreas destinadas a espaços verdes e de utilização coletiva, infraestruturas viárias e equipamentos de utilização coletiva.

<sup>6</sup> Associado a este conceito está o de *estrutura verde urbana* definido como um conjunto de áreas verdes para uso predominantemente público, que asseguram um conjunto de funções ecológicas em meio urbano e ainda com funções de estadia, recreio e de enquadramento da estrutura urbana (DGOTDU, 2005).

Segundo a DGOTDU (2005, 2008) o *jardim público*, tal como *parque urbano*, insere-se na categoria dos *espaços verdes e de utilização coletiva*<sup>7</sup>. Estes constituem “as áreas de solo enquadradas na estrutura ecológica municipal ou urbana que, além das funções de protecção e valorização ambiental e paisagística, se destinam à utilização pelos cidadãos em actividades de estadia, recreio e lazer ao ar livre” (DGOTDU, 2008: 36). Os espaços verdes de utilização coletiva no solo urbano têm tradicionalmente assumido as características de parque e de jardim público<sup>8</sup>.

### 1.3.1.6. Universo conceptual de jardim – uma síntese

Percebeu-se que a discussão em torno da definição de jardim é complexa, concluindo-se que o jardim é muito mais do que uma mera coleção de plantas. “O jardim é uma coisa difícil, uma coisa humana, uma ideia de um lugar que as pessoas têm. Um jardim é uma natureza viva que vive da natureza do homem e espelha-a tanto quanto a ela se pode elevar” (CARDOSO, 1987, citado em CARITA & CARDOSO, 1987: 15). Aliás, segundo BÉNETIÈRE (2012), o jardim é um tema poderoso para a imaginação de cada um.

Este espaço pode e deve ser perspectivado sob diferentes prismas para a conceção de um quadro conceptual completo e ajustado. BHATTI e CHURCH (2000: 195) reúnem as diversas perspetivas quando afirmam que “*Gardens can be seen as a private retreat, a haven from the public world; a setting for creativity; a social place for sharing; a connection to personal history; a reflection of one’s identity; and a status symbol*”.

Parece-nos que a visão de FRANCIS e HESTER (1990), que apresenta o jardim enquanto uma existência simultânea de ideia, espaço e ação, uma visão tripartida que alude não só às várias perspetivas e dimensões sobre as quais os jardins podem ser vistos e apreendidos mas também às diferentes funções e experiências daí decorrentes e que lhes estão adstritas, tanto de forma intrínseca como induzida, é a que de forma mais completa define o

---

<sup>7</sup> Os *logradouros* não são abrangidos pelo conceito de *espaços verdes de utilização coletiva*, embora possam integrar a estrutura ecológica urbana e desempenhar funções de protecção e valorização ambiental. O conceito de espaços verdes de utilização coletiva corresponde ao conceito de espaços verdes a que alude o artigo 43º do Regime Jurídico da Urbanização e da Edificação (DL n.º 555/99, de 16 de dezembro, republicado pela Lei n.º 60/2007, de 4 de setembro) (DGOTDU, 2008).

<sup>8</sup> Embora se encontrem obviamente relacionados entre si, certo é que são unidades morfológicas com alguns traços distintivos, com funções diferentes consoante os contextos de inserção. A este respeito BALE (1999) lembra justamente que parques e jardins não são precisamente a mesma coisa, mas cada um tem características/qualidades semelhantes. Um parque implica uma extensão de terreno maior do que a de um jardim, tendendo este último a ser “implantado” dentro do primeiro. Certo é que, para este autor, os dois espaços constituem *improvements on nature* (1999: 47) (“melhorias da natureza”) e ambos estão associados, entre outras coisas, à recreação, à diversão e a outras formas de lazer.

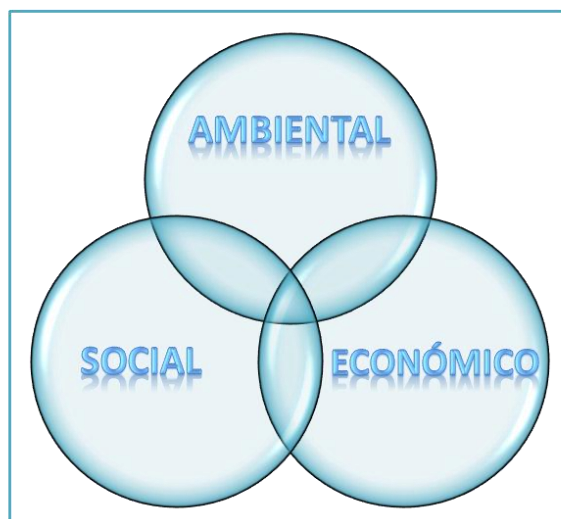
jardim. Em síntese, o jardim pode ser perspectivado, de forma individual ou conjunta, como um espaço imaginado, um espaço criado/construído, um espaço vivido e um espaço representado no qual se imbricam todas estas dimensões. No fundo, estas dimensões materializam o jardim como espaço multidimensional e consequentemente como multifuncional, parecendo ser evidente que em todas está então presente a referida visão tripartida de jardins sugerida por estes autores.

### **1.3.2. Jardim enquanto espaço multifuncional**

Para além das suas diferentes dimensões também as funções do jardim têm sido, no decorrer da História (tempo e espaço), múltiplas e diversificadas.

Recue-se, por exemplo, à Pérsia ou Mesopotâmia onde inicialmente os jardins eram projetados para realçar a beleza de um sítio ou lugar, enquanto os gregos e os romanos concebiam os jardins como fontes de pesquisa científica para o estudo de aplicações medicinais das espécies botânicas. Já na Idade Média os jardins tornaram-se locais tanto de expressão cultural, mormente em Itália e no mundo islâmico, como de investigação académica. Na época do colonialismo os jardins transformaram-se em espaços economicamente mais focados e no século XX foram sendo aproveitados para atividades lúdicas. Não obstante o carácter lúdico ser transversal ao jardim, no tempo e espaço, como veremos adiante, os jardins não foram perdendo as suas funções históricas, pelo contrário, o papel principal é que foi mudando, levando a que os jardins detivessem múltiplas funções e usos (BENFIELD, 2013). A sua essência e a sua importância não se alteraram, tendo sido, aliás, consideradas fundamentais no século XXI (DOOLITTLE, 2004), pelo seu papel significativo no aproveitamento do tempo de lazer e dos prazeres decorrentes do ambiente dos jardins (CONNELL, 2004).

Há uma multiplicidade de funções associadas aos jardins e aos espaços verdes urbanos no geral, sejam eles privados ou públicos, que dependem do tipo de jardim, da sua localização ou da relação com a envolvente, e que vários autores sistematizam em três grandes domínios funcionais (Figura I.3) que se consideram âncora: ambiental, social e económico (MORRIS, 2003; SWANWICK, DUNNETT & WOOLLEY, 2003; SZUMACHER, 2011; SÁ, 2013), no seio dos quais se podem identificar outras funções mais específicas como a educativa/científica, a utilitária, a terapêutica, a estética, a lúdica/turística ou a cultural. Daqui derivam um sem número de atividades/usos que estes espaços acolhem, traduzidas num amplo conjunto de benefícios associados.



Fonte: Elaboração própria

Figura I.3: Grandes domínios funcionais do jardim

### 1.3.2.1. Função ambiental/ecológica

Os espaços verdes são indispensáveis na estruturação da cidade moderna (LOBODA & DE ANGELIS, 2005). De acordo com os autores, estes constituem elementos fundamentais na qualificação da paisagem, nomeadamente urbana, pois minimizam os impactes decorrentes da urbanização conferindo uma imagem mais atrativa às cidades e uma melhoria da qualidade de vida das populações, ao enquadrarem edifícios/construções urbanas e ao funcionarem como cortina ou quebra da monotonia visual de um meio urbano baseado em construções, definindo espaços. Esta função estética e qualificativa proporciona não só conforto visual mas também olfativo. Por outro lado, contribuem para a manutenção e aumento da biodiversidade, da conservação da natureza e ainda para um maior conforto ambiental através da regularização climática, purificação atmosférica e diminuição dos gastos energéticos ao atuarem como barreiras antipoluição, já que algumas espécies “limpam” a atmosfera, e antirruído. Estes espaços concorrem igualmente para a infiltração da precipitação, minorando os efeitos nefastos da mesma à superfície, para a filtração da água e para o arrefecimento das cidades funcionando como reguladores térmicos de dia e de noite (*ilhas de frescura*) (MAGALHÃES, 1992; GANHO, 1998; MONTEIRO, 2001/2002; MADUREIRA, 2012).

### 1.3.2.2. Função social

É sobejamente reconhecida a importância dos espaços verdes para a qualidade de vida, saúde e bem-estar da população, especialmente da cidadina (O'BRIEN, WILLIAMS &

STEWART, 2010; KABISCH & HAASE, 2012). Os jardins detêm um amplo papel social, constituindo eles próprios espaços sociais (FOX & EDWARDS, 2008) já que oferecem às populações áreas de lazer onde é possível o desenvolvimento de atividades várias, de encontros, de relacionamentos, no fundo de socialização, sendo a visita considerada então uma experiência social (CONNELL, 2004). Proporcionam ainda uma “fuga” ao estilo de vida urbano sedentário e stressante contribuindo para uma sociedade saudável.

O jardim foi concebido para ser visto e percorrido (ICOMOS, 1982), e, enquanto espaços lúdicos/recreativos por excelência<sup>9</sup>, oferecem por isso excelentes oportunidades para socializar, para partilhar experiências com família e amigos, para conhecer pessoas, para encontros, passeios, aprendizagem ou simplesmente para estar (THOMPSON, CORKERY & JUDD, 2007). Os vários estudos que se vêm debruçando sobre o quadro motivacional e comportamental do visitante de jardim revelam isso mesmo, como se terá ocasião de perceber. São, em geral, espaços inclusivos, acessíveis (mormente os públicos), locais onde se desenvolvem várias atividades e eventos para a comunidade, onde se apela à participação e envolvimento da sociedade.

Os jardins constituem um importante meio para a descoberta do mundo vegetal, detendo também um papel fundamental no campo da cultura, educação e ciência, particularmente no caso dos jardins botânicos, diferentes de todos os outros devido à sua base científica. Estes contribuem para a promoção da responsabilidade social e ambiental, como atestam DODD e JONES (2010), através da mudança de atitude/comportamento face ao mundo natural no sentido de uma aproximação a este. Segundo o *Botanic Garden Conservation International (BGCI)*, os jardins botânicos têm três funções principais: a educação, a conservação e a investigação. A estas acrescenta-se a intrínseca função recreativa (PICKERING, 1992; CRILLEY, 2008; WARD, PARKER & SHACKLETON, 2010; KARAŞAH & VAR, 2013). Segundo os últimos autores, as funções referidas variam de país para país bem como dentro de cada nação. Os jardins botânicos estão por isso bem posicionados para educar o público nas questões da conservação e das alterações ambientais (DODD & JONES, 2010), papel que se estende a outros jardins e espaços verdes como espaços de aprendizagem informal, base para a implementação de estratégias de ensino de diversas áreas temáticas, mais dinâmicas e motivadoras para os alunos, como demonstraram PALRINHAS (2012), SILVA, TAVARES e BETTENCOURT (2013), KAPELARI *et al.* (2014), TAVARES, SILVA e BETTENCOURT (2015), entre outros. Para além disso, os

---

<sup>9</sup> A vertente lúdica/recreativa/turística dos jardins será apresentada de forma mais desenvolvida no capítulo V.

jardins botânicos acarretam a responsabilidade da proteção genética de espécies ameaçadas e em vias de extinção e a proteção *ex situ* de espécies de importância económica e ecológica, constituindo ainda os repositórios de mais de 4 milhões de coleções de plantas, sendo que os herbários dos botânicos albergam 142 milhões de espécies (RINKER, 2002, citado em DODD & JONES, 2010), sendo considerados como autênticos museus vivos. Na sequência da sua matriz funcional, PICKERING (1992) determinou um amplo e diverso conjunto de benefícios, tanto internos como externos, ao nível económico e social.

Para além de constituírem testemunhos culturais de épocas e sociedades, são espaços onde sempre se registou uma intensa atividade cultural. LESSA (2014), a este respeito, relembra os coretos e os jardins como locais de festa e de lazer, de desenvolvimento social e cultural, de contemplação e fruição estética, em suma, o seu papel na vida cultural das populações, quer como palco de manifestações políticas acolhendo discursos inflamados, quer como palco de manifestações musicais de filarmónicas logo depois das procissões.

As implicações positivas no campo da saúde, não só física, mas também mental e social, são igualmente evidentes e têm sido amplamente estudadas. Os jardins e os espaços verdes em geral desde sempre foram encarados como componentes essenciais de cura, conotados com a melhoria ou promoção de saúde física e mental<sup>10</sup>. KUO (2010: 3) defende que “(...) *parks and other green environments play an important – even crucial – role in human health*”. THOMPSON *et al.* (2007: 163) fazem notar que “*Gardens are increasingly recognized and valued for their therapeutic and restorative qualities*”. Estes efeitos decorrem não só do facto de se estar na presença, frequentar e usufruir de jardins ou qualquer outro espaço verde, mas também da própria ação de jardinagem, quer no jardim doméstico, quer nas chamadas hortas comunitárias (*community gardens*)<sup>11</sup>, manifestando aqui o seu carácter

---

<sup>10</sup> Ao longo da nossa História são conhecidos exemplos de hospitais, asilos, hospícios, sanatórios e enfermarias religiosas localizados ou em espaços rurais rodeados de verde, muitas vezes próximos de estâncias termais, ou mesmo inseridos em grandes jardins/parques/matras (ex.: Sanatório do Caramulo, Sanatório das Penhas da Saúde, entre outros). MARUJO (2013) refere mesmo que, no século XIX, a própria Ilha da Madeira foi considerada e divulgada como uma espécie de clínica de cura para doenças pulmonares nos guias médicos internacionais.

<sup>11</sup> A propósito dos *community gardens* ou hortas comunitárias, vários autores vêm estudando a sua importância tanto na sociedade como no território. Desde logo, são encarados como um suporte de comunidades socialmente saudáveis e sustentáveis (THOMPSON *et al.*, 2007), uma vez que há o desenvolvimento de um sentido de comunidade, verifica-se um aumento da comunicação, socialização, sentido de compromisso, de envolvimento, de responsabilidade perante um grupo (RELF, 1982, 1992), de adaptação, integração e aculturação (AGUSTINA & BEILIN, 2012). Segundo GLOVER, SHINEW e PARRY (2005) e GLOVER e PARRY (2005), através das hortas e jardinagem comunitária, um conjunto de valores democráticos como o associativismo, a sociabilidade e a cultura cívica são praticados e replicados, sendo responsáveis pela mobilização de capital social. PORTER e MCILVAINE-NEWSAD (2013) chegaram à conclusão de que estas hortas comunitárias, para além de contribuírem para a segurança alimentar, são encaradas como uma forma de lazer ao proporcionarem a socialização e o conhecimento de novas pessoas, e ainda como forma de criação de capital social interno incluindo a melhoria ou aumento e partilha de conhecimento sobre técnicas de jardinagem. BERG, WINSUM-

utilitário. RELF (1982: 319) encara a “(...) *horticulture as a preventative medicine to reduce stress, pollution, alienation, boredom, and many other problems of daily life*”. Segundo HELIKER, CHADWICK e O’CONNELL (2000), a jardinagem tem sido longamente reconhecida pelos seus efeitos benéficos tanto nos que praticam como naqueles que desfrutam desses resultados, chegando mesmo à conclusão de que, no caso particular dos adultos idosos, os benefícios psicológicos e espirituais da jardinagem transcendem barreiras socioeconómicas, educativas e culturais, constituindo uma opção terapêutica eficaz. Para este grupo em particular, ASHTON-SHAEFFER e CONSTANT (2006) identificaram que os grandes motivos para a jardinagem se resumem ao desenvolvimento intelectual, ao desejo de escape/evasão, à construção de amizades e interação social, ao exercício físico, ao desenvolvimento de competências e à estimulação da criatividade, e BHATTI (2006) sugere que os jardins constituem uma importante parte da (re)criação da “sensação de lar” (*sense of home*), da resistência à idade e da independência para pessoas da terceira idade.

Segundo RELF (1982, 1992), KAPLAN e KAPLAN (1989), KAPLAN (1992), BENNETT (1995), BENNETT e SAWASEY (1996), ULRICH (2002), MORRIS (2003), DAVIS (2004), LOBODA e DE ANGELIS (2005), NIGHAT *et al.* (2005), BURLS (2007), NEWTON (2007), THOMPSON *et al.* (2007), HOLBROOK (2009), BERG *et al.* (2010), WARD *et al.* (2010) ou KUO (2010), o impacto destes espaços estende-se para além da saúde ou bem-estar físico incluindo também a saúde psicológica, emocional, social e até espiritual. Vários estudos demonstraram que a prática de exercício físico ao ar livre/espacos verdes, seja a simples caminhada, a corrida, a bicicleta e até a jardinagem, tem sido apontada como uma das melhores formas de favorecer a saúde física (ao nível cardiorespiratório, composição corporal, força muscular, diminuição do risco de osteoporose e fraturas, manutenção/aumento da mobilidade, combate à obesidade) (MORRIS, 2003).

O contacto com a natureza proporciona recuperação mental, alivia o stress, fadiga, ansiedade e depressão. Contribui ainda para o bem-estar espiritual, para uma melhoria cognitiva da concentração e atenção e para o próprio desenvolvimento pessoal, tanto de crianças como de adultos (BENNETT, 1995; NEWTON, 2007; ADEVI & MÅRTENSSON, 2013). BENNETT e SAWSEY (1996) chegaram à conclusão de que a redução do stress é um

---

WESTRA, VRIES e DILLEN (2010) e PITT (2014) focam os seus efeitos terapêuticos concluindo que a saúde física e mental sai beneficiada, pois, para além do exercício físico que proporciona, é uma forma de descomprimir e de relaxar do dia a dia citadino. Por outro lado, estas hortas comunitárias constituem uma resposta de extrema importância e eficaz na requalificação do espaço urbano, mormente de espaços abandonados, degradados e sem qualquer aproveitamento que ganham uma nova vida com este tipo de uso (KURTZ, 2001).

importante motivo para visitar os jardins e que os níveis de stress auto-percebido tendem a reduzir após uma visita a jardins e, portanto, os residentes urbanos devem por isso visitar jardins públicos como forma de lidar com o stress da vida citadina.

COOPER MARCUS e BARNES (1995) concluíram que os impactes dos espaços verdes no estado psicológico vão muito além da simples mudança momentânea, pois estar em ou perto de espaços verdes tem efeitos mensuráveis sobre a nossa fisiologia, funcionamento e estado de saúde mental<sup>12</sup>. Para COOPER MARCUS (2007) estas constatações evidenciam a importância dos jardins terapêuticos ao representarem um total contraste com a experiência de estar dentro de um hospital<sup>13</sup>. Neste âmbito também BURLS (2007) comprovou os efeitos da ecoterapia na promoção da saúde pública e no bem-estar social tal como ADEVI e MÁRTENSSON (2013) notaram o efeito da *garden therapy* na reabilitação do stress.

Autores como KUO e SULLIVAN (2001), KUO (2010) ou DODD e JONES (2010) apontam ainda os benefícios dos espaços verdes ao nível da diminuição de criminalidade e dos comportamentos de risco. KUO & SULLIVAN (2001: 343) afirmam que “*Residents living in “greener” surroundings report lower levels of fear, fewer incivilities, and less aggressive and violent behavior*”, contribuindo, desta forma, para o bem-estar social.

### 1.3.2.3. Função económica

A função económica dos jardins está patente nos benefícios económicos que traz diretamente aos seus empregados, pois são importantes fontes de emprego para as comunidades locais. Não poderão igualmente deixar de ser tidos em conta os benefícios económicos diretos, indiretos e induzidos, nos próprios territórios onde se inserem os jardins, com efeitos à escala local e regional já que a atração de visitantes estimula a indústria do lazer e do turismo (BENFIELD, 2013), potencia também o investimento, as parcerias entre setores, a valorização do solo e imobiliário urbano, a revitalização e desenvolvimento económico, o aumento de produtividade, decorrente da ideia do funcionário satisfeito e a imagem territorial

---

<sup>12</sup> Os autores apuraram que os pacientes e visitantes dos hospitais, depois de passarem algum tempo no jardim, se sentiam mais relaxados e calmos (79%), renovados e fortes (25%), capazes de pensar e agir (22%), sentiam-se melhores e mais positivos (19%). Para esse sentimento de melhoria contribuíam as árvores, plantas e natureza (59%), os cheiros, sons e o ar puro (58%), o facto de poderem estar sós ou com amigos (50%) e ainda as vistas, as várias áreas e as texturas (26%) (COOPER MARCUS & BARNES, 1995).

<sup>13</sup> Segundo a autora (2007: 8) “*A healing garden can have the effect of awakening the senses, calming the mind, reducing stress, and assisting a person to marshal their own inner healing resources*” acrescentando que “*The healing garden is both a process and a place*” (2007: 22) pelo que, na sua perspetiva, os hospitais devem investir nos jardins, tendo em conta as inúmeras vantagens para pacientes, visitantes/família e funcionários.



(SWANWICK *et al.*, 2003; COUSINS, 2009). Veja-se os casos do *Eden Project* e do *Alnwick garden* abordados no ponto 3.3.1. do capítulo III.

Desta análise, poder-se-á concluir então que a experiência de um jardim inclui, para além da ideia que cada um de nós constrói dele – mística, simbólica e real – a noção de espaço, um espaço criado/construído que traduz as relações que o próprio homem tem consigo mesmo e com a natureza, um espaço apropriado pelo homem e pelo tempo. Ambos constroem, modificam, “consomem” e “usam” o jardim das mais variadas formas, entre as quais, como já foi referido, a lúdica e turística, configurando-o desta maneira como espaço vivido. A natureza multifacetada de jardim é demonstrada pela dimensão e alcance das várias abordagens para a sua definição e as suas funções que resultam em diversas tipologias.

### 1.3.3. As tipologias de jardins

Segundo BENFIELD (2013), os jardins existem por variadas razões, desempenham papéis/funções e proporcionam benefícios diferentes. Como tal, existem igualmente diferentes tipos de jardins que podem ser classificados de diversas formas. Desde os jardins de palácios e castelos, jardins botânicos, jardins de casas de campo, jardins temáticos, jardins comunitários, jardins privados, jardins de festivais, jardins de cemitérios, jardins naturais ou selvagens, jardins históricos/antigos, jardins de flores ou ornamentais, até aos jardins cósmicos e espirituais, entre outros (BAUER-KRÖSBACHER & PAYER, 2012; BENFIELD, 2013). Existe, sem dúvida, uma profusão de tipologias (Quadro I.1).

KRIPPNER *et al.* (2012), por ocasião do projeto CULTOUR, verificaram igualmente a existência de uma multitude de jardins e espaços abertos na Europa e, com base no estudo de definições e conceitos presentes em diversos documentos relativos ao património cultural, apresentaram um conjunto de seis categorias gerais englobando cada uma delas em tipos mais específicos (Quadro I.2).

Algumas tipologias têm por base o uso do jardim, quer seja privado ou de cariz económico, noutros casos estes espaços são classificados tendo em conta o seu design e o tipo de jardinagem praticada. Existem assim diferentes classificações para os diversos tipos e estilos dos jardins, podendo estes ser tipificados segundo um grande conjunto de critérios, embora a estreita diferenciação entre eles seja difícil de delimitar já que, frequentemente, a mistura de estilos e usos e as classificações estão ligadas a diferentes interpretações.

Quadro I.1: Tipos de jardins segundo BENFIELD (2013)

Tipos de jardins	
1. Jardins clássicos multipropósitos	10. Jardins hortícolas
2. Jardins ornamentais	11. Jardins temáticos
3. Jardins históricos (antigos)	12. Jardins comunitários
4. Jardins de conservação	13. Jardins privados
5. Jardins universitários	14. Jardins de festivais
6. Jardins zoológicos/botânicos	15. Jardins de resorts
7. Jardins agrobotânicos e germoplasmas	16. Jardins cemiteriais
8. Jardins alpinos ou de montanha	17. Jardins de sossego/cura
9. Jardins naturais ou selvagens	18. Jardins espirituais e cósmicos

Fonte: Adaptado de BENFIELD (2013, citando WYSE JACKSON & SUTHERLAND, 2000)

Quadro I.2: Tipos de jardins e espaços verdes abertos segundo KRIPPNER *et al.* (2012)

Tipos de jardins e espaços verdes abertos
1. Parques/Jardins: parque, jardim de palácio e castelo, jardim de casa de campo, jardim residencial, jardim privado, jardim no telhado, jardim institucional, parque florestal;
2. Outros sítios públicos: marginal/calçada, memorial, parque desportivo, espaços abertos de vias/percursos, transportes ou infraestruturas;
3. Jardins produtivos: horta/jardim de agricultor e horta comunitária;
4. Sítios para exposições e coleções: jardim botânico, jardim zoológico, jardim-museu, jardim artístico, jardim de flores, mostra de flores, parque arqueológico, parque dendrológico, jardim temático;
5. Sítios espirituais: cerca de mosteiro, convento, sinagoga e mesquita, templo-jardim, cemitério, outros espaços espirituais;
6. Paisagens culturais: paisagem projetada e criada intencionalmente pelo homem como jardins e parques construídos por razões estéticas; paisagem organicamente evoluída ou paisagem-reliquia como áreas de mineração ou paisagens de património industrial; paisagem organicamente evoluída ou paisagem de continuidade nomeadamente paisagens que têm um papel social ativo na sociedade contemporânea mas que estão ainda associadas a um modo de vida tradicional como as paisagens monásticas; paisagem cultural associativa como montanhas sagradas.

Fonte: Adaptado de KRIPPNER *et al.* (2012)

### 1.3.3.1. O jardim histórico

A paisagem é culturalmente construída, em termos espaciais e conceptuais. Quando a paisagem se encontra valorizada por si mesma, tomando uma dimensão memorial e fundando a identidade de um grupo, esta assume uma nova atribuição, a de “expressar sonhos”

(BERQUE, 1994; CLAVAL, 2001, citados em ANDRADE, 2009). A melhor expressão dessa categoria de paisagem é, na opinião de ANDRADE (2009), o jardim histórico.

Todo o lugar ou sítio tem um passado mas apenas alguns têm história, o que requer interpretação. De acordo com ESTADÃO (2005), o jardim histórico é uma criação das sociedades e o reflexo da sua história e das diferentes culturas, testemunho do passar dos tempos e da relação do Homem com a Natureza e com a Paisagem. É um sistema arquitetónico complexo, cuja composição conjunta de cariz vegetal e inerte o torna um “monumento vivo”.

O Simpósio de *Fontainebleau*, como adiante se verificará, foi decisivo para a sua definição e para a sua proteção a partir do qual foi redigida a *Carta de Florença* (AI.1) cujo artigo 1º define que “*Um jardim histórico é uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico*”.

Embora a interpretação do termo histórico possa ser ambígua quando se trata de jardins, a *Carta de Florença* esclarece que a denominação de jardim histórico se aplica tanto a jardins modestos como aos parques ordenados ou paisagísticos, impregnando assim o conceito de histórico de uma certa relatividade. Já a *Carta Italiana* e a *Carta Brasileira dos jardins históricos* são mais específicas quanto aos tipos de jardins históricos considerados<sup>14</sup>.

Desta forma, na determinação da historicidade de um jardim não pode ser tida em conta apenas a idade/antiguidade, como frequentemente e de forma errada acontece, mas sim aspetos como a qualidade artística, o tempo e o ambiente social da sua conceção. Na perspetiva de ANDRADE (2008a), o que define se uma paisagem cultural, no caso dos parques e jardins, deve ser, ou não, considerada histórica transcende o valor da antiguidade e o termo coloquial “histórico”. Será necessário considerar as suas características e qualidades particulares, ou seja, o jardim de interesse histórico é aquele que é produzido no passado, seja este recente ou não<sup>15</sup>, e que desperta algo no presente. No nosso entender, o termo notável seria mais adequado.

---

<sup>14</sup> A *Carta Italiana dos jardins históricos* engloba nesta categoria os jardins de casas, palácios, *villas*, parques, jardins botânicos, áreas arqueológicas, espaços verdes de centros urbanos históricos, entre outros (MBACT/DGBAP, 1981) (AI.2). A *Carta Brasileira dos jardins históricos* considera jardim histórico os jardins botânicos, praças, parques, largos, passeios públicos, alamedas, hortos, pomares, quintais e jardins privados e de tradição familiar e ainda jardins zoológicos, claustros, pomares, hortas, cultivos rurais, cemitérios, vias arborizadas de centros históricos, espaços verdes que circundam monumentos ou centros históricos urbanos, áreas livres e espaços abertos em meio à malha urbana, entre outros (IPHAN, 2010) (AI.3).

<sup>15</sup> A este respeito refira-se que no âmbito da salvaguarda do Património Cultural da Europa a Recomendação Nº R (91) 13 estabelece os Princípios para a Salvaguarda e Valorização do Património Arquitetónico do Século XX, reconhecendo-lhe, desta forma, valor cultural (LOPES & CORREIA, 2004).

Os jardins são, hoje em dia, indispensáveis ao equilíbrio da sociedade moderna. Os jardins históricos destacam-se pela sua beleza e valor patrimonial, por constituírem testemunhos de uma época passada deixados na paisagem. São monumentos vivos e obras de arte que admiramos, que devemos defender e compreender, assim como assegurar a sua perpetuidade (SOARES, CHAMBEL & ANDRADE, 2010).

Seguindo esta linha de reflexão, são muitos os “tipos” de jardins que podem ser englobados na categoria de históricos, sendo essa a dimensão conceptual que se adotou e constituindo estes o objeto de estudo deste trabalho.

## **1.4. Contextualização da investigação**

### **1.4.1. O *background***

A geografia há muito que acolheu a temática do lazer e, particularmente, a do turismo como objeto de estudo. A análise geográfica do turismo, dos fluxos por ele produzidos e dos sítios turísticos permitiu conhecer os territórios e as dinâmicas associadas. O turismo mudou, assim como o enfoque das investigações que começam a estar direcionadas para os segmentos mais alternativos. São vários os estudos sobre termalismo/saúde e bem-estar, turismo em espaço rural, turismo de natureza e começam a surgir investigações no âmbito do enoturismo ou do *dark tourism*. Todavia, a pesquisa feita demonstrou que, sobre os jardins, a nível nacional, pouco ou nada havia sido estudado, em particular na área da geografia. Com legitimidade nos questionámos: E os jardins? Ou melhor, e os jardins históricos? O que se sabe sobre os jardins como atrações lúdicas e turísticas e que lazer e turismo acontece nestes espaços? Que fluxos existem? Quem os utiliza, quais as suas motivações e comportamentos?

Encarado sob diversas perspetivas e estudado em diversas ciências, em termos globais, o jardim tem sido ignorado nas ciências sociais, no geral, e nos estudos de lazer e turismo, em particular. Quem o assume são autores como BHATTI e CHURCH (2000; 2001), CONNELL (2002, 2004), FOX (2007) ou BENFIELD (2013). Uma preocupação partilhada por autores nacionais como SOUSA VITERBO (1906) e reiteradas mais tarde por ARAÚJO (1962). Volvidas mais de 5 décadas, essa preocupação continua atual com QUINTAL (2009) a constatar a mesma realidade.

É sobretudo a nível internacional que a temática dos jardins ou dos espaços verdes em geral tem sido mais amplamente discutida sob diversas vertentes nas mais variadas ciências. São muitos os estudos que têm trazido à discussão o papel destes espaços, assim como da própria ação de jardinagem, no ordenamento do território, sustentabilidade, harmonia e

equilíbrio do espaço urbano e, tão importante ou mais, na sociedade, nomeadamente enquanto elementos essenciais ao equilíbrio humano nas suas vertentes física, psicológica, mental, social e, também, como promotores de estilos de vida saudáveis e de bem-estar global. Os referidos estudos procuram confirmar empiricamente estes benefícios (vide ponto 1.3.2.2.), muitos deles abordando a questão da motivação.

Também a conceção dos jardins como locais de lazer, de produção e de consumo, e a visita a jardins, tem merecido crescente atenção na literatura estrangeira. Embora não se trate de um fenómeno novo ou recente, a rápida progressão que se tem registado, confere-lhe uma considerável importância (BHATTI & CHURCH, 2000; CONNELL, 2004, 2005).

EVANS (2001) identificou os potenciais turistas de jardins assim como indicou várias medidas e ações a implementar nos jardins e no *cluster*, por forma a construir-se um produto capaz de ser atrativo e GORMAN (2010) explorou as ligações e inter-relações no seio do turismo de jardins na Irlanda. CHAUDHRY e TEWARI (2010) procuraram comprovar a importância dos parques e jardins públicos na atratividade da cidade de *Chandigarh* (Índia) e na atração de um amplo espectro de turistas domésticos, para além dos próprios residentes urbanos, assim como confirmar o valor recreativo desses espaços.

BLANDIGNERES e RACINE (2002) focaram-se na caracterização da oferta, os jardins, tal como CONNELL (2002, 2005). Autores como GALLAGHER (1983), CONNELL (2002, 2004), CONNELL e MEYER (2004), FOX (2006, 2007) e FOX e EDWARDS (2008) estudaram as características, motivações e comportamentos dos visitantes com vista a delinear um perfil do visitante e determinaram também a importância de vários fatores influenciadores da experiência da visita, dominando nestes trabalhos uma perspetiva de marketing e gestão. O âmbito motivacional e comportamental do visitante de jardim foi igualmente abordado por BALLANTYNE, PACKER e HUGHES (2008), KUKLA (2009) e POUYA, DEMIREL e POUYA (2015). Já LIPOVSKÁ (2013) tem centrado atenções nos pequenos jardins privados, nos seus visitantes e na sua importância para as comunidades.

O mais recente estudo realizado neste campo temático específico – *Profiling the European Heritage Garden Tourist* – surge na sequência do projeto INTERREG CulTour desenvolvido pela *IMC University of Applied Sciences* (Áustria). Numa primeira parte, foram realizados questionários aos visitantes de jardins de quatro países (Roménia, Bulgária, Irlanda e Áustria) de modo a estabelecer o perfil do visitante de jardim ao identificar as suas principais características e motivações, para além das suas necessidades e comportamentos. Numa segunda parte, foram efetuadas entrevistas a *experts* em turismo de jardins

(proprietários/responsáveis por jardins e operadores turísticos) de vários países europeus (Áustria, Dinamarca, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Suécia e Reino Unido) com o objetivo de encontrar uma definição geral para turismo de jardins, definir o perfil deste tipo de visitantes e obter uma visão sobre questões de sustentabilidade e preservação em jardins que se constituem como atrações (BAUER-KRÖSBACHER & PAYER, 2012).

HÁJEK, SVOBODOVÁ e MAJEROVÁ (2010), percebendo que os percursos nos jardins tendiam a enfatizar o edifício associado em detrimento dos jardins, desenvolveram princípios metodológicos para criar rotas turísticas nos jardins e parques históricos, dando o exemplo do Parque de *Krásný Dvůr* na República Checa, e MAGALHÃES (2012) criou um itinerário cultural composto por alguns jardins brasileiros de diferentes períodos históricos e concepções. CZALCZYŃSKA-PODOLSKA (2014) apresenta uma discussão sobre o uso e preservação dos jardins históricos no contexto da sua crescente popularidade definindo as necessidades do utilizador, as ameaças decorrentes da intensificação do uso e os requisitos necessários aos jardins para o seu desenvolvimento, enquanto POUYA *et al.* (2015) alertam igualmente para o risco de destruição dos jardins históricos (antigos) pelos visitantes, apresentando o caso do jardim *El-Goli* no Irão, identificando os principais riscos e ameaças para o jardim na sequência da mudança da sua funcionalidade, assim como algumas sugestões para a sua proteção. Ainda no campo das preocupações com a defesa do valor patrimonial dos jardins históricos, destacam-se os trabalhos que têm surgido no Brasil a respeito não só da preservação dos próprios jardins (SÁ CARNEIRO, MENEZES & MESQUITA, 2004; SÁ CARNEIRO, SILVA & MAFRA, 2007; TREITLER, 2010; SALADINO & OLIVEIRA, 2012; SILVA, 2014b) como também da envolvente (ANDRADE, 2009). Neste país os jardins históricos começam igualmente a ser encarados não só como espaços de memória mas com possibilidades para o desenvolvimento do turismo de jardins (GASTAL & SILVA, 2015).

A nível nacional, a temática dos jardins encontra voz, em particular, nas áreas científicas da história/história da arte, ciências da vida/botânica, arquitetura paisagista e fitogeografia, sendo quase inexistente nas ciências sociais. Enquanto recursos/produtos turísticos ainda muito pouco se escreveu e investigou em Portugal. A maioria dos estudos disponíveis tem subjacente um nítido carácter de inventário. São disso exemplo os estudos de Sousa Viterbo (início do século XX), Caldeira Cabral e Ilídio de Araújo, na década de 60, Aurora Carapinha (1985), Hélder Carita e António Cardoso (1987), e ainda o trabalho da DGEMN e de Cristina Castel-Branco no final da década de 90, embora este já tivesse como objetivo o turismo (ponto 4.2.2. do capítulo IV).

Têm surgido estudos localizados territorialmente sobre a importância dos espaços verdes na organização/estruturação e sustentabilidade do meio urbano (AZEVEDO, 2013), para o bem-estar das populações (SOUSA, 2013; SILVA, 2014a), como espaços de recreio (GONÇALVES, 2009), assim como abordagens metodológicas e contributos para o planeamento e gestão destes espaços de forma sustentável (PEREIRA, 2011; SÁ, 2013). Embora direcionados para os espaços verdes em geral, deve-se notar que tanto GONÇALVES (2009), com um estudo localizado na área urbana de Leiria, como SILVA (2014a), cuja investigação compreendeu dois espaços verdes urbanos em Vila Real, afloram também, entre muitos outros aspetos, a questão da motivação da visita e a caracterização do tipo e forma de utilização destes espaços.

Enquanto temática intrinsecamente associada à área científica da arquitetura paisagista, o jardim tem sido tratado por este prisma em variados estudos, em especial na “Escola de Lisboa”. E é sobretudo desta área que também surgem, embora de forma mais pontual, investigações que encaram e identificam os jardins/quintas de recreio como recursos turísticos como as de SILVA (1998), ALMEIDA (2003), LIMA (2013) ou a de RIBEIRO (2014) que apontam o turismo como um meio de salvaguarda dos jardins históricos e do seu património, alguns destes propondo roteiros e avançando com estratégias de divulgação, e ainda os de RIBEIRO (1992), MATOS (1999), PINTO (2001), ESTADÃO (2005) ou LIMA (2005) que debatem a necessidade não só de inventariação dos jardins históricos portugueses, como também da sua salvaguarda e preservação através da recuperação e restauro.

Todavia, tanto no âmbito das ciências sociais como na área do lazer não existe qualquer estudo de fundo sobre a temática. QUINTAL (2007, 2008) tem contribuído essencialmente com uma abordagem fitogeográfica dos jardins e com a construção de guias e roteiros de jardins na Madeira, mas será porventura o primeiro geógrafo a encarar a prática da visita a jardins como nicho turístico e a discutir a sua relevância na Madeira com o artigo “A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira” (2009) que integrou uma coletânea de trabalhos sobre turismos de nicho.

#### **1.4.2. As motivações e o contributo do tema de investigação**

Os jardins “estão na moda” e conhecem um *boom* em termos de visita a nível mundial. Portugal não é exceção. Uma observação exploratória inicial ao tema permitiu verificar não só que dispomos de um amplo e diverso conjunto de jardins, como também que muitos deles constituem autênticas atrações turísticas com fluxos de visita bastante

interessantes do ponto de vista quantitativo e qualitativo, para além do facto dos estudos existentes tenderem a focar-se essencialmente sobre aspetos históricos, arquitetónicos e paisagísticos e serem praticamente omissos quanto à dimensão lúdica/turística.

Perante esta reflexão, assente não só em pressupostos teóricos como também baseada em estudos de caso pontuais, é notório o interesse que haveria em realizar-se um estudo aprofundado sobre lazer, turismo e jardins em Portugal, uma vez que, pelo que ficou exposto, é uma temática inovadora e ainda não tratada, sobre esta dimensão, no âmbito da geografia e do turismo, em contexto nacional.

Para além de constituir um tema bastante motivador, por si só, há ainda uma tríade motivacional a justificar este estudo. Por um lado, um grupo de jardins e de proprietários/responsáveis que constituem a oferta e sobre os quais não se conhecem características e opiniões quanto a este segmento; por outro, um grupo de visitantes cujo perfil socioeconómico e demográfico, motivações e comportamentos de visita se desconhece. A completar, acrescenta-se que existe um segmento específico de visita a jardins/turismo de jardins que revela uma dinâmica de procura bastante relevante como se verá.

Com este estudo pretende-se, de alguma forma, preencher essa lacuna e contribuir para um mais profundo conhecimento da dimensão lúdica e turística dos jardins históricos portugueses numa dupla vertente – a oferta e a procura – praticamente desconhecida até então.

## Síntese

*Este capítulo introdutório é dedicado à justificação da necessidade de um estudo geográfico desta natureza, apresentando-se e delimitando-se a área temática assim como a sua contextualização, para além das motivações que funcionaram como forças motrizes da investigação.*

*Achou-se conveniente e fundamental que, neste momento inicial, se fizesse uma primeira abordagem às principais linhas temáticas que estruturam este trabalho. Foi apresentado, de forma sintética, um conjunto de linhas estruturantes no âmbito da temática do lazer e turismo, assim como uma breve discussão em torno do objeto de estudo, o jardim, em particular o jardim histórico, as suas dimensões e multifunções nas quais se englobam a função lúdica/turística.*

*Encerra-se este capítulo justificando a necessidade de um estudo neste campo temático, apresentando as motivações e o contributo que se espera dar com esta investigação para o conhecimento deste segmento turístico.*



# Capítulo II



Jardim Botânico Tropical e Estufa Fria

*Objetivos e opções  
metodológicas*

## 2.1. A questão-chave, os objetivos e as problemáticas/linhas da investigação

Uma cuidada análise teórica ao tema assim como uma análise empírica exploratória no terreno permitiram perceber que Portugal não é alheio às tendências internacionais no que diz respeito ao consumo lúdico/turístico dos jardins, em particular dos jardins históricos ou de interesse histórico. Percebeu-se, numa análise preliminar, que o lazer e o turismo nos jardins históricos portugueses era uma realidade, embora discreta e embrionária quando inserida e avaliada no seio do panorama turístico nacional; sabia-se que existia um conjunto vasto de recursos que reuniam um conjunto de predicados, que lhe podiam servir de suporte, suscitando por isso o interesse à sua visita, conhecendo-se-lhes, até, alguns dos seus principais atrativos turísticos. Todavia, não se conhecia a situação atual deste segmento, não se sabia como estava organizado, como funcionava, como era comercializado e distribuído, como se comportava no âmbito da atividade turística e no esquema territorial e, acima de tudo, onde, como, por quem e porquê eram os jardins usufruídos. Em suma, a dimensão e os contornos dessa realidade é que permaneciam desconhecidos e as questões em torno desta temática foram-nos surgindo de forma natural.

Esta análise e percurso exploratório permitiram delinear e consolidar a questão de partida e as linhas gerais e específicas de análise materializadas nos objetivos da investigação.

A *Carta de Florença*, a certa altura, esclarece que “(...) any historic garden is designed to be seen and walked about in (...)” rematando ainda que se trata de “(...) a place of enjoyment suited to meditation or repose (...)” (ICOMOS, 1982: 3, 2). Daqui se depreende portanto que, na sua génese, o jardim foi concebido para ser usado, apreciado, vivenciado e experienciado.

Desta forma, não obstante as muitas funções/dimensões associadas ao jardim, e sobre as quais este pode ser perspetivado, interessa-nos trazer à discussão a dimensão lúdica e turística que, de uma forma geral, se imbrica com todas as outras. Neste sentido, procurámos dar corpo à nossa investigação tendo como principal ponto de partida a seguinte questão-chave ou linha geral de investigação, e que, em termos globais, justifica o trabalho da parte empírica da mesma:

*Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses?*

Partindo da questão-chave, esta investigação tem como objetivo nuclear estudar e discutir a realidade dos jardins históricos portugueses enquanto atrações lúdicas/turísticas, sob uma perspetiva geográfica, ou seja, conhecer, refletir, discutir e perceber a dimensão lúdica e turística dos jardins históricos e as características deste segmento, através da oferta (jardins históricos associados da Associação Portuguesa dos Jardins Históricos (APJH)<sup>16</sup>, conjunto de jardins com potencialidades turísticas, principais jardins que figuram nos guias e *tours* de jardins) e da procura (três estudos de caso: Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira), pretendendo-se, no final desta investigação, demonstrar e justificar que:

- 1) a vertente lúdica/turística pode constituir um meio de salvaguarda e valorização dos jardins históricos portugueses;
- 2) os jardins constituem, mais do que um recurso, uma atração importante na atual conceção de turismo e no quadro turístico nacional;
- 3) os jardins são potenciais agentes dinamizadores de desenvolvimento dos territórios onde se inserem por poderem constituir um valioso elo do sistema turístico de um território;
- 4) o perfil do visitante é diversificado e varia conforme o tipo de visitante, os seus interesses/motivações e os jardins visitados;
- 5) a visita/turismo de jardins tem uma ampla margem de progressão no país.

Desta forma, tanto a questão central como as complementares remetem-nos não só para o presente, mas também nos levam a olhar para o passado e a perspetivar o futuro. Para além deste objetivo geral, um conjunto de objetivos complementares e mais específicos nortearam esta investigação, tanto a nível teórico como prático, nomeadamente:

### **I – Plano teórico:**

- a) clarificar o objeto de estudo – o jardim e o jardim histórico;
- b) refletir sobre o carácter multidimensional e multifuncional dos jardins;

---

<sup>16</sup> Note-se que no início deste estudo esta entidade tinha outra designação (Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos – APJSH) que consta no questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos mas, no decorrer no mesmo, foi alterada para Associação Portuguesa dos Jardins Históricos – APJH.

- c) refletir sobre o percurso do jardim histórico, desde a dimensão patrimonial, institucionalizada no quadro de documentos e ações comunitárias, até à importância que tem adquirido como recurso lúdico/turístico, analisado sob uma perspetiva nacional e internacional (análise integradora de escalas);
- d) conhecer as políticas, programas e ações de salvaguarda e promoção dos jardins históricos a nível internacional e nacional e revelar alguns exemplos de boas práticas;
- e) perceber como se insere, em termos globais, a visita e o turismo de jardins no contexto dos atuais lazeres turísticos;
- f) analisar e discutir as principais características do turismo de jardins;
- g) avaliar a oferta e a procura do turismo de jardins no âmbito internacional e nacional;
- h) identificar os agentes/operadores (nacionais e internacionais) promotores, distribuidores e vendedores do produto em Portugal;
- i) identificar as principais oportunidades e constrangimentos do segmento em Portugal através de uma análise *SWOT* global.

## **II – Plano prático:**

- a) conhecer a atratividade e potencialidade dos jardins históricos portugueses para lazer e recreio através da sua estrutura turística e posição no território;
- b) conhecer a tendência dos responsáveis face à dimensão lúdica/turística dos jardins;
- c) perceber qual o papel dos responsáveis dos jardins na divulgação destes enquanto produtos turísticos e conhecer as suas estratégias de marketing;
- d) compreender a relação dos jardins históricos com outras atrações turísticas envolventes e com o próprio território de inserção;
- e) analisar o papel/posição dos jardins nos sistemas turísticos regionais e nacionais;
- f) identificar e caracterizar o visitante dos jardins históricos, a visita e os comportamentos adotados, as motivações e a experiência da visita (por via da oferta e procura);
- g) apurar a existência ou não de relações entre diversas variáveis (perfil sociodemográfico, motivos, hábitos e comportamentos) e os grupos de visitantes definidos;
- h) identificar os desafios que se colocam aos jardins e ao segmento e esboçar um quadro de linhas orientadoras gerais, assentes numa análise concertada da informação proveniente das diversas fontes bibliográficas e do trabalho de campo (questionários e visitas aos jardins), podendo constituir uma ferramenta de trabalho base ou um ponto de partida para o desenvolvimento/consolidação futura deste segmento;
- i) perspetivar o futuro do turismo de jardins em Portugal.

O campo teórico e as observações empíricas permitiram ainda identificar um conjunto de reflexões-chave de âmbito global, neste domínio temático, que induzem a sub-questões complementares que surgem como ligação entre o plano teórico e o prático, incorporando de uma forma integrada as grandes ideias apresentadas e discutidas na primeira parte do trabalho, mas colocando em evidência a questão/âmbito particular de investigação, tal como defendem HILL e HILL (2012). Estas reflexões e sub-questões constituem o quadro de linhas/problemáticas de investigação a analisar e discutir, tendo sido nosso propósito que fossem o mais “(...) simples, claras, bem deduzidas a partir da literatura, e interessantes” (HILL & HILL, 2012: 23):

- **R.1 – *A atividade turística tem sido identificada, em vários contextos, como um dos meios de salvaguarda do património relacionado com os jardins históricos.***
  - ⇒ **Q.1a** – Poderá a dimensão lúdica/turística constituir uma via para a salvaguarda, valorização e proteção dos jardins históricos portugueses? De que forma?
  
- **R.2 – *Os jardins constituem atrações turísticas por si só e por direito próprio, independentemente da associação, ou não, a outra atração, e, não raras vezes, têm sido identificados como recursos estratégicos do território capazes de estimular o desenvolvimento territorial, motivando inclusive a delimitação de políticas e medidas estratégicas.***
  - ⇒ **Q.2a** – Terão os jardins históricos portugueses capacidade de atração por si só e atrativos que motivem a sua visita ou constituem apenas um complemento da visita quando estão associados a outra atração âncora (ex.: palácio, casa histórica ou museu)?
  - ⇒ **Q.2b** – Constituirão os jardins históricos portugueses recursos turísticos importantes e estratégicos no seio da oferta lúdica/turística global?
  - ⇒ **Q.2c** – Será que os jardins históricos portugueses detêm um papel importante na atratividade dos territórios e, por consequência, no seu desenvolvimento?
  
- **R.3 – *Os jardins detêm um papel importante no tempo e na satisfação das necessidades de lazer do turista pós-moderno/contemporâneo.***
  - ⇒ **Q.3a** – Qual o papel dos jardins históricos portugueses na satisfação das necessidades de lazer e turismo do público que os visita?

- **R.4** – *A visita a jardins/garden tourism é descrita, atualmente, como um fenómeno e cada vez mais popular a nível internacional, mas a nível nacional é uma prática discreta, inserida na categoria dos segmentos de nicho.*
  - ⇒ **Q.4a** – Tendo em conta os dados nacionais disponíveis, a visita a jardins é um segmento significativo do ponto de vista quantitativo?
  - ⇒ **Q.4b** – Qual a posição dos jardins nos circuitos turísticos globais atuais do país?
  
- **R.5** – *Os visitantes/consumidores de jardins não são um grupo homogéneo em termos gerais mas é possível encontrar/definir subgrupos com características similares.*
  - ⇒ **Q.5a** – Quem são os visitantes dos nossos jardins históricos e qual o seu perfil?
  - ⇒ **Q.5b** – Verificam-se subgrupos com perfis, motivações, hábitos, comportamentos e perceções diferentes no seio dos visitantes dos jardins históricos nacionais?
  
- **R.6** – *Considerada um fenómeno a nível internacional, é assumido que a visita a jardins, assim como o turismo de jardins no geral, dispõe de uma ampla margem de progressão.*
  - ⇒ **Q.6a** – Os jardins históricos portugueses possuem argumentos capazes de os posicionar num nível superior dos circuitos turísticos nacionais e internacionais?
  - ⇒ **Q.6b** – A visita aos jardins históricos nacionais goza igualmente de uma larga margem de progressão, podendo o país tornar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo?
  - ⇒ **Q.6c** – Qual a posição/tendência dos proprietários/responsáveis em relação ao maior desenvolvimento do turismo nos jardins históricos? Quais os impactes daí decorrentes?

## 2.2. Percurso metodológico geral

A investigação a que nos propusemos, cujos objetivos acabaram de ser enumerados, foi estruturada em duas partes distintas: uma primeira de natureza mais teórica e uma segunda onde se integra o estudo empírico a realizar com recurso a várias abordagens. No sentido de responder de forma sustentada aos objetivos traçados na elaboração deste trabalho de investigação, delineou-se um percurso operativo estruturado num conjunto de fases, cada uma delas suportada por metodologias próprias. Foi nossa pretensão ajustar o mais possível as metodologias a cada momento do nosso processo de investigação, sabendo de antemão que

todos os métodos de investigação “(...) têm as suas vantagens e limitações. Por isso, é vulgar combinar vários métodos num único processo de investigação, usando cada um deles para complementar e testar os outros” (GIDDENS, 2000: 649).

### 2.2.1. Construção do corpo teórico – as fontes e as diligências

A primeira fase, relativa ao enquadramento e conceptualização da temática e respetiva construção da parte teórica, centrou-se na pesquisa, revisão e análise bibliográfica de referência na matéria, contemplando uma gama, tanto quanto possível, abrangente em termos de ciências que sobre ela se debruçam, procurando recorrer a fontes pertinentes provenientes de vários campos científicos (geografia, arquitetura (paisagista), lazer e turismo, história, marketing e sociologia) e de diversa origem (publicações científicas como livros, revistas científicas, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, atas de congressos, entre outros) em formato papel e digital. Esta pesquisa levou-nos a visitar as mais diversas bibliotecas nacionais universitárias, municipais, de instituições e pessoais.

A informação *online* proveniente de variados endereços institucionais, a maioria contendo e disponibilizando informação privilegiada, foi igualmente essencial para a construção de vários pontos neste trabalho como os da DGPC (antigo IGESPAR), SIPA, ICOMOS, APJH, ICNF, *HE*, *RHS*, *GHS*, *EHGN*, *CPJF*, entre outros.

Acrescenta-se ainda a pesquisa e análise estatística com base nos dados disponibilizados pelos principais órgãos nacionais e internacionais de recolha e tratamento de dados estatísticos nomeadamente pelo Instituto Nacional de Estatística, *VisitEngland*, *VisitScotland*, *VisitWales*, *Failte Ireland*, *Australian Bureau of Statistics*, *Northern Ireland Tourist Board*, entre outros.

Tendo em conta que a produção científica nacional sobre a temática específica dos jardins era, e é, relativamente escassa e incipiente, recorreremos na grande maioria a referências internacionais por forma a construirmos e suportarmos a base conceptual deste tema da forma mais completa e esclarecedora possível. Neste âmbito, o contributo direto de investigadores internacionais de mérito reconhecido na matéria como Dorothy FOX (*Bournemouth University*, Inglaterra), William DOOLITTLE (*University of Texas, Austin*, Estados Unidos da América), Rupert TIPPLES (*Lincoln University*, Nova Zelândia), Donald ROBERSON Jr. (*Palacky University Olomouc*, República Checa), Joanne CONNELL (*University of Exeter Business School*, Inglaterra) e Diana MÜLLER (*Ostfalia Hochschule für angewandte Wissenschaften*, Alemanha) foi fundamental, principalmente no que diz respeito à

disponibilização de determinada bibliografia que, de outro modo, seria quase impossível obter. Esse contributo foi igualmente encorajador e estimulante pelo interesse demonstrado no estudo, assim como nas opiniões emitidas sobre o mesmo.

Esta fase de consulta e revisão da literatura constituiu parte fundamental da construção e desenvolvimento desta investigação no que concerne ao conhecimento e aprofundamento teórico de um tema até então, não diremos desconhecido, mas pouco abordado em investigações antecedentes, materializado nos objetivos e linhas/hipóteses de investigação delineadas, permitindo concomitantemente a elaboração e consolidação da parte prática corporizada nos casos de estudo, ao estabelecer uma ponte entre estas duas dimensões, e como tal foi transversal a todo o processo de investigação.

### **2.2.2. O plano prático – notas gerais da investigação por questionário**

A segunda fase, de carácter mais prático, que dá corpo ao trabalho empírico, teve como protagonistas os atores diretamente relacionados com os jardins numa dupla vertente – a da oferta e a da procura – que se concretizou com a abordagem a dois universos distintos: aos proprietários/responsáveis de um conjunto de cerca de 100 jardins históricos e a 666 visitantes do Parque de Serralves, do Jardim Botânico de Coimbra e do Jardim do Palácio Fronteira.

Tendo em conta o objeto de estudo delineado e o número de entidades (oferta) e de visitantes (procura) envolvidos, optou-se por seguir a metodologia do inquérito por questionário nas duas vertentes, por forma a respondermos às questões colocadas e objetivos traçados. O referido método possibilita a recolha eficaz de informação sobre um grande número de indivíduos bem como a comparação das suas respostas (GIDDENS, 2000), permite a realização de um tratamento quantitativo da informação bastante extenso (QUIVY & CAMPENHOUDT, 2005) e a comunicação direta com os intervenientes no estudo (GUMUNCHIAN & MAROIS, 2000), pelo que constitui um dos métodos de recolha de dados mais populares e usados no seio da investigação em turismo (ALTINAY & PARASKEVAS, 2008) e na geografia (GUMUNCHIAN & MAROIS, 2000).

Para além de ser profusamente utilizado pelas ciências sociais em geral, este tem sido o principal instrumento de investigação empírica adotado por outros estudos já realizados com temáticas e problemáticas nesta mesma linha como os de CONNELL (2002), FOX (2007), BALLANTINNE *et al.* (2008), KUKLA (2009) ou BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), entre outros, por nós consultados. Contudo, não nos furtamos a admitir que este instrumento não configura, de todo, uma inovação neste trabalho, que fica sobretudo



reservada à própria temática tratada, e que comporta uma série de constrangimentos já amplamente discutidos na bibliografia (ABREU, 2006; HILL & HILL, 2012), mormente o de se estar dependente da disposição dos inquiridos e da honestidade das suas respostas, para além da constituição de uma amostra que seja representativa do universo sob pena de se comprometerem posteriores generalizações.

Neste sentido foram delineados dois inquéritos por questionário. Um dirigido aos proprietários dos jardins históricos com potencial/interesse turístico e outro aos visitantes dos jardins que constituíram os três casos de estudo. A ausência de qualquer estudo relativamente a este assunto em Portugal constituiu, por um lado, um obstáculo pois não tínhamos qualquer base que nos pudesse fornecer linhas orientadoras, por outro, revelou-se um desafio no sentido de contribuir para o melhor conhecimento do tema. Contudo, dispúnhamos de algumas orientações provenientes de alguns estudos já realizados a nível internacional, e já anteriormente referenciados, para além de termos tido o cuidado de consultar outros tipos de questionários na área temática do lazer e turismo. Como tal, ambos os questionários foram construídos com base no quadro teórico, que foi previamente analisado e explorado nas três primeiras partes deste trabalho, acrescentando-se ainda o apoio dos responsáveis pelos jardins que constituíram os três casos de estudo e de três investigadores internacionais com estudos produzidos nesta temática, cuja opinião sobre a relevância e adequação das questões constituiu uma ajuda fundamental na sua redação prévia e definitiva.

A literatura que foca esta metodologia refere a utilidade de se testarem previamente os questionários (GUMUNCHIAN & MAROIS, 2000; HILL & HILL, 2012). Desta forma, na posse da sua versão preliminar, estes foram testados com vista a perceber se as questões eram de fácil e imediata compreensão, se estavam corretamente redigidas, se estavam organizadas e imbricadas de forma conveniente para que houvesse o mínimo de quebras de raciocínio contínuo em cada item temático questionado, se havia repetições, questões inadequadas e/ou irrelevantes e se, no caso dos questionários aos visitantes, o tempo médio de resposta era adequado por forma a interromper o mínimo possível o inquirido na sua visita aos jardins e a não lhe causar tédio, fadiga e irritação. Este processo revelou-se essencial permitindo eliminar perguntas desnecessárias, reformular questões, formular outras mais relevantes e ajustadas, assim como reorganizá-las e ainda testar o discurso de apresentação e objetivos do estudo em curso. Findo o período em que foi feito um profundo e minucioso trabalho de reflexão, de construção, de desconstrução e de reconstrução, chegou-se às versões finais dos questionários que foram enviados aos proprietários e aplicados nos jardins.

Com estruturas diferentes (pontos 7.1.2. e 8.1.2. dos capítulos VII e VIII), mas necessariamente convergentes em alguns pontos, por força dos objetivos traçados, os dois questionários eram precedidos de um breve enquadramento do estudo que dava ao inquirido conta do âmbito da investigação e dos seus objetivos. Tanto quanto possível, não descurando, contudo, o carácter científico inerente a um estudo deste nível, a linguagem utilizada na redação dos questionários foi simples e acessível, embora no decorrer da sua aplicação, em particular no que foi direcionado aos visitantes, tenhamos sentido necessidade de fornecer esclarecimentos adicionais para compreensão de algumas questões e/ou expressões, quer a indivíduos de mais idade quer a indivíduos com baixo nível de habilitações literárias.

A necessidade de conhecer em profundidade uma realidade até então pouco ou nada explorada levou a que a extensão, em número de perguntas, dos questionários fosse algo longa, facto aliás ressaltado pelos responsáveis dos quais recolhemos opinião sobre os mesmos. Porém, e tendo consciência dos riscos, avançámos com estes dois questionários, que não se esgotaram, ou seja, muitas outras perguntas caberiam igualmente neste estudo.

A grande preocupação que norteou todo o processo de construção dos questionários era que as questões “respondessem” convenientemente tanto aos objetivos traçados como à grande questão-chave geral e às linhas/problemáticas de investigação complementares, sem que se “afastassem” do foco, como por vezes pode acontecer nestes estudos. “É muito fácil elaborar um questionário mas não é fácil elaborar um bom questionário. Por outras palavras, não é fácil escrever um questionário que forneça dados que permitam testar adequadamente as hipóteses da investigação” (HILL & HILL, 2012: 83).

Na redação dos questionários optou-se, de forma geral, por questões fechadas e semifechadas, limitando ao estritamente necessário as questões abertas, ambas agrupadas por secções (pontos 7.1.2. e 8.1.2. dos capítulos VII e VIII). Relativamente às primeiras, foram apresentadas listagens com possibilidades de respostas previamente definidas e colocadas sob a forma de alternativa, dicotómicas ou não, de escolha múltipla e com escalas de avaliação, por forma a encurtar o tempo de resposta e ganhar tempo para as questões abertas em particular e para o preenchimento do questionário em geral, assim como facilitar o seu posterior processamento, tratamento e análise uma vez que a informação é proveniente de dois questionários extensos. Quanto às segundas, a sua introdução estratégica ao longo dos dois questionários pretendia que, em certo momento, os inquiridos pudessem dar a sua opinião de modo mais aberto, com mais liberdade e sem estarem tão condicionados pelas opções das questões fechadas. Pretendeu-se que as perguntas elaboradas fornecessem

informação sobre factos, refletissem opiniões, atitudes, preferências, graus de importância, motivos e satisfações.

Por muito cuidado que tenhamos tido na análise, construção e verificação das questões (se não se repetiam, se havia ambiguidade ou neutralidade) temos consciência de que por vezes a teoria nem sempre se adequa à prática e, por mais que tentássemos evitar erros, e esta nos parecesse na altura a estrutura e conceção correta, temos consciência de que poderíamos sempre ter ido mais além, há alterações que se poderiam ter introduzido, opções que se tomaram que nos pareceram as mais acertadas na altura, e melhorias que se poderão realizar no futuro, porque este estudo não se esgota no trabalho realizado, apenas abre caminho a outras questões e outras perspetivas.

O processamento, tratamento e análise estatística dos dados recolhidos através dos questionários aplicados, foram feitos com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 18.0, o qual nos permitiu a realização de análises univariadas e bivariadas e de testes estatísticos.

O percurso de escolha dos estudos de caso e delimitação da amostra, análise, construção, estruturação e aplicação dos questionários será explicitado com maior profundidade e detalhe nos capítulos VII e VIII.

Este percurso metodológico, de âmbito mais prático, contempla ainda visitas à maior parte dos jardins constantes da amostra <sup>17</sup>, entre outros<sup>18</sup>, que foram esclarecedoras e importantes no sentido de melhor perceber a dinâmica e estrutura dos jardins em estudo e das quais resultou uma extensa e rica reportagem fotográfica, disponível ao longo do trabalho. Estas visitas constituíram, de igual modo, uma ferramenta de avaliação de grande utilidade tanto na análise *SWOT* realizada, como na posterior definição de medidas orientadoras para os jardins em geral e para este segmento em particular. Foi ainda realizada uma visita ao Festival Internacional de Camélias de Lousada (2016).

---

<sup>17</sup> A saber: Jardins da Casa Barbot, Jardins da Casa Tait, Jardins do Palácio de Cristal, Jardim Botânico do Porto, Jardins da Quinta de Villar d'Allen, Jardins do Palácio do Freixo, Jardim da Casa da Prelada, Jardim dos Biscainhos, Cerca do Mosteiro de Tibães, Jardim da Casa de Juste, Jardim do Palácio Mateus, Jardim da Casa de Santar, Jardim do Paço dos Cunhas, Lapa dos Esteios, Jardins da Quinta das Lágrimas, Jardins da Mata do Buçaco, Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco, Cerca do Convento de Cristo e Mata dos 7 Montes, Jardim do Palácio do Beau-Séjour, Jardins da Gulbenkian, Estufa Fria, Jardim Botânico de Lisboa, Jardins do Palácio de Belém, Jardim Botânico Tropical, Jardim Botânico da Ajuda, Parque do Monteiro-Mor, Jardins da Quinta Real de Caxias, Jardins do Palácio do Marquês de Pombal, Jardins do Palácio Nacional de Sintra, Jardins da Quinta da Regaleira, Jardins do Palácio de Seteais, Parque da Pena, Parque de Monserrate, Jardins do Palácio de Queluz, Jardins da Quinta da Fidalga.

<sup>18</sup> A saber: Parque da Cidade do Porto, Jardim da Cordoaria, Jardim de Santa Bárbara, Jardim da Sereia/Parque Santa Cruz, Jardins do Penedo da Saudade, Parque Eduardo VII, Parque Urbano de Queluz, Jardins do Mosteiro dos Jerónimos.

### **2.3. Dificuldades e limitações da investigação**

A grande área temática sobre a qual incidiu este estudo permitiu, por um lado, conhecer, explorar, discutir e apresentar as duas vertentes principais (oferta e procura) para além de um amplo contexto temático associado, muito pouco estudado até agora, por outro, gerou limitações à realização de uma investigação mais alargada, por exemplo no domínio da procura, com a inclusão de mais jardins, em particular jardins das ilhas (que detêm especificidades próprias fruto do contexto de inserção), embora o facto de termos optado por aplicar o questionário *in situ*, diretamente e ao longo de um ano tenha gerado desde logo alguns condicionalismos, em termos de disponibilidade temporal e económica, ao aumento dos estudos de caso no âmbito da procura; e ainda à visita a todos os jardins que integram a amostra referente à oferta.

No decorrer desta investigação a obtenção de dados foi talvez a maior dificuldade com que tivemos de lidar. Por um lado, a ausência, insuficiência, demora (em vários casos meses e até anos) e mesmo recusa na resposta aos pedidos dirigidos, principalmente a organismos oficiais, dificultou/comprometeu a elaboração de peças gráficas ilustrativas de várias situações; por outro, a incongruência de dados dos mesmos fenómenos, provenientes de várias fontes, ou da mesma fonte, que não foi fácil deslindar tendo sido necessários vários contactos por forma a fazer-se uma correta interpretação dos mesmos.

No campo da disponibilização de informação é ainda pertinente referir que a desorganização, a dispersão e fragmentação da informação por diversas fontes, a falta de rigor e de uniformização de metodologias entre as entidades, levou a que fosse necessário despende de um esforço e tempo adicionais para a sua compreensão e organização.

No âmbito do estudo empírico, cabe aqui ainda fazer algumas ressalvas. O início da tarefa de questionar os visitantes não se revelou fácil e o não domínio das técnicas de análise estatística fez com que nos detivéssemos bastante tempo sobre elas para as perceber, todavia, não obstante a aprendizagem realizada a respeito, esse constrangimento condicionou uma análise estatística mais profunda.

Por fim, teria sido importante obter informação dos operadores turísticos com *tours* de jardins em Portugal, todavia não se conseguiu obter resposta ao questionário enviado.

### **2.4. Estrutura da tese**

O presente trabalho está estruturado em cinco grandes partes, nas quais estão organizados nove capítulos que se procurou que se articulassem entre si, precedidas pela

introdução. À primeira parte, de cariz introdutório, seguem-se duas partes focadas no tema dos jardins históricos enquanto património e enquanto atração turística. Estas precedem a quarta parte centrada no trabalho prático que analisa o tema do lazer e turismo nos jardins em duas vertentes, a oferta e a procura, segundo duas dimensões territoriais distintas: uma escala nacional, relativamente à oferta, e uma escala regional/local em três territórios distintos, no que diz respeito à procura. Neste âmbito, convém esclarecer que, por força do alcance desta investigação, a dimensão territorial surge imbricada com a dimensão temática ao longo dos capítulos e não apartada em secção própria. Este trabalho termina com a quinta parte referente às considerações finais. Em anexo estão organizadas as Cartas dos Jardins Históricos (*Carta de Florença*, *Carta Italiana* e *Carta Brasileira*) (Anexo I), diversos quadros (Anexo II), os questionários (Anexo III) e os quadros referentes à análise dos questionários (Anexo IV).

A *parte I*, de natureza introdutória, comporta dois capítulos. O *capítulo I* compreende a apresentação e justificação do tema através de um conjunto de linhas gerais de enquadramento da investigação referentes às dimensões do lazer, turismo e jardins e a sua relação e pertinência no âmbito da geografia. Foi ainda explorado o *background* da temática e apresentadas as motivações e o contributo da mesma. No *capítulo II* é exposta a questão-chave, são definidos os objetivos e as problemáticas da investigação, a metodologia privilegiada, as principais dificuldades da investigação e a sua estrutura organizativa.

As *partes II e III*, de cariz vincadamente teórico, cada uma composta por dois capítulos, continuam a debruçar-se, de forma mais alargada, sobre a temática num necessário jogo de escalas territoriais.

A *parte II* foca-se fundamentalmente nos jardins enquanto património cultural e paisagístico e no longo caminho para esse reconhecimento, introduzindo ainda a vertente do turismo como via para a sua salvaguarda. Neste âmbito, o *capítulo III* discute o papel de um conjunto de instituições, de políticas e de instrumentos de defesa e valorização dos jardins históricos e traz à luz um conjunto de políticas de salvaguarda e valorização, materializadas em dois importantes casos paradigmáticos no contexto europeu, o Reino Unido e a França. O *capítulo IV* explora a temática no contexto nacional com enfoque nas particularidades do jardim português, nos inventários realizados em meio académico e institucional, na classificação e no papel da estrutura associativa.

A *parte III* centra-se no jardim e no turismo de jardins e no seu papel no contexto do lazer e turismo da contemporaneidade. O *capítulo V* clarifica o lazer e o turismo como uma das multifuncionalidades dos jardins e reflete sobre o papel do jardim, e de todo o universo

relacionado, na atual concepção de lazer e turismo, na atratividade e no desenvolvimento dos territórios. Neste capítulo é ainda apresentado e explorado o produto turismo de jardins assim como as suas características e o seu contexto internacional. Já no *capítulo VI* refletiu-se sobre o segmento em território nacional desvendando o carácter diferenciador do jardim português, algumas iniciativas e estratégias de valorização, as principais componentes, as características e a dimensão da procura, apresentando ainda uma breve análise *SWOT* do segmento.

A *parte IV*, de cariz prático, está organizada em dois capítulos que dão corpo ao estudo empírico realizado à oferta e à procura, através de inquérito por questionário. No *capítulo VII* procura-se estudar a dimensão e as características da oferta e as perspectivas dos seus responsáveis quanto ao lazer e turismo nos jardins históricos portugueses. No *capítulo VIII* pretende-se conhecer e perceber as vivências e experiências dos visitantes dos jardins históricos, identificando e caracterizando a procura a partir de três casos de estudo.

Na *quinta e última parte* deste trabalho são apresentadas as principais conclusões e uma síntese das principais reflexões que transpareceram ao longo desta investigação. Coube aqui, de igual modo, a verificação das linhas/problemáticas de investigação delineadas no início do trabalho. Nesta secção não são esquecidos os desafios e propostas orientadoras para os jardins históricos e o segmento turístico a eles associado, assim como são delineadas futuras linhas de investigação.

### Síntese

*O segundo capítulo desta parte introdutória é dedicado à apresentação e clarificação da grande questão-chave assim como dos objetivos, definidos para o plano teórico e prático, que nortearam este trabalho de investigação.*

*Da confluência entre a dimensão teórica e a prática surgiu ainda um conjunto de reflexões que derivaram em sub-questões de índole auxiliar, corporizando o que se denominou como problemáticas ou linhas de investigação gerais e que se achou importante trazer à análise e discussão.*

*As opções e o percurso metodológico assim como a apresentação da estrutura da tese completam este capítulo que antecede um segundo momento onde serão discutidos, mais amplamente, os pressupostos teóricos de enquadramento no que diz respeito à relação entre jardins, património, cultura e à sua salvaguarda, mormente através do lazer e do turismo.*

## Parte II



Parque da Pena

*Os jardins históricos enquanto património cultural e paisagístico: da (ausência de) preocupação de salvaguarda à valorização pelo turismo*





# Capítulo III



Cerca do Mosteiro de Tibães e Jardins do Palácio de Queluz

*Os jardins enquanto  
património cultural e  
paisagístico – salvaguarda e  
valorização no contexto  
internacional*

### 3.1. Os jardins (históricos) enquanto património cultural e paisagístico

A segunda metade do século XX marca a extensão do conceito de património a outras dimensões para além da redutora dimensão de monumento edificado, muito por causa da destruição perpetrada pela 2ª Guerra Mundial e pela conseqüente necessidade de planeamento e reconstrução, nomeadamente das cidades, e ainda pelo crescente interesse por paisagens, sítios e monumentos naturais, onde se englobam os parques e jardins, e pela sua salvaguarda.

Passou-se do monumento para a paisagem cultural, traduzindo aquilo a que HENRIQUES (2003) chamou de “distensão tipológica do património”, uma alteração com tradução nos principais documentos orientadores como por exemplo a *Carta de Atenas* e a *Carta de Veneza*. Para RIALLAND (2000), esta distensão dos bens culturais com uma tripla extensão – tipológica, cronológica e geográfica – foi acompanhada da dilatação e multiplicação da esfera dos atores do património e dos seus públicos, onde os parques e jardins históricos ilustram e traduzem bem a emergência destes novos patrimónios. Segundo o mesmo autor (2000, 2003, 2004), o seu reconhecimento patrimonial, um processo lento, apresenta três vertentes: a afetiva, a científica e a jurídica.

Os parques e jardins são, de forma afetiva, reconhecidos como património para os seus proprietários e para os apreciadores da arte que de forma individual ou associada levaram a cabo ações pioneiras em matéria de restauração e entretenimento, o seu valor científico é confirmado quando as autoridades competentes lançam inventários por forma a melhor conhecerem o espólio e estudos que reforçam a legitimidade científica deste valor patrimonial e, finalmente, são juridicamente reconhecidos como património quando são protegidos sob égide da legislação para o efeito (RIALLAND, 2003, 2004). De acordo com o autor (2004) o processo de reconhecimento patrimonial dos jardins e parques mostra como se constrói uma forma de apropriação espacial a título conservativo, onde a dimensão “paisagista” de apropriação cede lugar à dimensão “patrimonial”.

Os jardins são transversais às diferentes civilizações e sociedades. Enquanto materializações da relação, antiga, entre o Homem e a Natureza, transformaram-se em artefactos e elementos integrantes da paisagem cultural (KIMBER, 2004), em documentos culturais, artísticos e históricos de grande importância que transcendem o tempo, a cultura, o ambiente/natureza, o género e o pensamento (DOOLITTLE, 2004). Neste sentido, “*El mundo del jardín, como el del arte y la cultura no tienen fronteras y en él han vivido desde antiguo hermanadas civilizaciones muy diferentes en un mutuo enriquecimiento (...) El jardín, reflejo de la cultura y de la historia de un Pueblo, es una de las más hermosas formas de acercarse*

*a este património vivo de nuestro pasado y nuestra conciencia humana*” (AÑÓN, 1993: 25). A este respeito, CASTEL-BRANCO (2014: 164) afirma que “Há jardins que se leem como livros em que as palavras são estátuas, a ação e as personagens azulejos, as paixões são fontes, os amores canais, os capítulos se dividem por terraços por onde entramos e saímos e o título do livro tem de ser descoberto no eixo e só se percebe no fim da leitura ou do passeio. As páginas, tal como a passagem do tempo, são viradas como buxos podados ao longo dos anos, e no jardim há páginas onde podemos até fazer parar o tempo”.

Os jardins históricos constituem espaços memorialísticos (LUMMEN, 2001) e museológicos (GASTAL & SILVA, 2015), e por isso apresentam-se como testemunhos fundamentais na preservação e fortalecimento da memória cultural e da identidade coletiva de uma sociedade, para além de essenciais na leitura e na qualificação de um território, nomeadamente das cidades (ANDRADE, 2008a; ASSUNÇÃO, 2008) e até da própria sociedade, pois o jardim tem múltiplos significados e possibilidades sociais, traduzindo muitos dos seus aspetos culturais. Segundo MAGALHÃES (2012), a história de um lugar pode ser contada através dos seus jardins e parques<sup>19</sup>. Neste sentido, os jardins não só produzem cultura como reproduzem cultura (ANDRADE, 2008b), fazendo, por isso, parte do património cultural (HÁJEK *et al.*, 2010).

O jardim tem mudado ao longo do tempo, mas mantém-se intacta a ideia da ligação de jardim à relação entre Homem e Natureza. FRANCIS e HESTER (1990: 2) fazem notar isso mesmo quando afirmam que “*The garden has long served as a way of thinking about nature and about culture and how each influences the other (...) as the balancing point between human control on the one hand and wild nature on the other*”. Uma natureza sob controlo (“*nature-under-control*”), o jardim é encarado como o ponto de equilíbrio entre o controlo humano, por um lado, e a natureza selvagem, por outro, e entendido como uma idealização do que a sociedade acredita que a natureza deve ser e de como se deve parecer. Trata-se da vontade do Homem. A natureza que encontramos nos jardins revela a necessidade humana de domínio, “(*...*) *we use power to change nature for our own benefit and delight*” (TUAN, 1986, citado em BALE, 1999: 49), uma ideia reforçada por PECHÈRE (1971: 29) quando afirma que “(*...*) *l’art des jardins est l’ordonnance humaine d’un matériau vivant dont l’homme fait partie et dont il a besoin pour vivre*”, ou seja, o homem domina uma realidade da qual faz parte integrante.

---

<sup>19</sup> A autora pôde constatar e comprovar isso mesmo quando criou a proposta de um itinerário cultural composto por alguns jardins brasileiros construídos em tempos históricos distintos e com diversas conceções e intervenções ao longo do tempo (MAGALHÃES, 2012).

A história da Europa, e do Mundo, está recheada de episódios históricos, do desenvolvimento de civilizações e culturas também elas históricas pelo carácter influenciador que tiveram, e de que ainda hoje temos testemunhos, como da civilização grega ou da romana, de guerras, de revoluções, mas também de correntes de pensamento com tradução nas artes, nomeadamente na arte dos jardins (JONG, 2001).

Os jardins e o seu estilo refletem por isso, na maioria das vezes, as características dos seus períodos de formação e desenvolvimento (SIMKOVIC, 1977). Por exemplo, da cultura islâmica chegam-nos os seus jardins fechados (THACKER, 1979), do Renascimento, a monumentalidade da arquitetura e escultura na conjugação perfeita entre arte e natureza, a essência do jardim renascentista era controlada através do design geométrico e ordenado (LAZZARO, 1990) e do paisagismo inglês a conceção de espaço aberto e ilimitado, onde se verifica uma integração de toda a paisagem na composição e o seu carácter melancólico e fantástico (LOBODA & DE ANGELIS, 2005).

Os jardins podem, portanto, preservar durante centenas de anos traços identitários e culturais de uma sociedade como é o caso dos jardins-templos japoneses, dos jardins góticos da República Checa, dos jardins persas iranianos e até dos jardins portugueses<sup>20</sup>. Como tal, constituem, não raras vezes, um dos poucos, senão os únicos testemunhos de uma determinada cultura ou manifestação artística, de uma determinada época, como é o caso por exemplo do único jardim histórico que resta em *Tabriz* (Irão), o *El-Goli*, considerado “(...) a masterpiece of the oldest historic gardens and orchards (...)” (POUYA *et al.* 2015: 882), e que enfrenta atualmente sérias ameaças de destruição, conforme já referido. De tal forma encerram traços característicos de determinadas culturas que muitas vezes, através dos jardins, pode detetar-se a presença dessas culturas<sup>21</sup>. É com bastante frequência que se ouve dizer que onde está um português está invariavelmente um jardim, um quintal ou uma horta, ou uma

---

<sup>20</sup> A este respeito, note-se por exemplo que os jardins japoneses foram intimamente influenciados pelo budismo cujo estilo se centrava na exploração dos elementos naturais sendo que a maior parte dos jardins históricos pertencem aos templos budistas e, por isso, os jardins desenvolveram-se como uma parte importante da cultura japonesa (YOKOYAMA, 1971). Assim como muitos dos pressupostos do sufismo e da ideologia islâmica assente no misticismo está espelhada no design dos jardins persas iranianos revelando uma correspondência entre os elementos presentes no jardim e as interpretações místicas associadas. Conceitos provenientes da ideologia islâmica como o unitarismo, manifestação, movimento, unidade na pluralidade ou glorificação têm tradução na conceção de espaço fechado, na extensão, na geometria (simetria, proporção, ordem, centralidade, hierarquia espacial), na presença da água, nas decorações e símbolos, na luz e nos elementos naturais (SHAHIDI, BEMANIAN, ALMASIFAR & OKHOVAT, 2010; BEMANIAN & AZIMI, 2010; ZARGHAMI & SADEGHI, 2014; KANANI & KANANI, 2014).

<sup>21</sup> Refira-se o exemplo dos jardins portugueses espalhados pela diáspora (ALMEIDA, 2014) mas também do caso dos jardins chineses na Nova Zelândia que, para a comunidade chinesa aí estabelecida, testemunham o reforço de vários aspetos identitários da sua cultura, “(...) its Chinese garden offers both a tangible connection to their forebears and to the culture that sustained such ‘classical’ garden culture, but also a basis for the development of future relationships with this region” (BEATTIE, 2007: 58).

amostra destes através da profusão de vasos e plantas trepadeiras nas soleiras e varandas (CARDOSO, 2014). Os jardins constituem assim, por um lado, traços identitários e, por outro, elos de ligação e de proximidade às raízes culturais, para quem está longe delas. São fatores de identidade cultural que migram com as sociedades (ALMEIDA, 2014), pois as plantas e os jardins ao evocarem memórias (WEGNER, 2010) funcionam como elementos da *memoryscape*, na opinião de CARDOSO (2014) que, por vezes, influenciam mesmo as identidades/culturas locais (BEATTIE, 2007; CARDOSO, 2014).

Espelham também muitas vezes poderes pessoais, ideologias políticas, conceitos sociais e até convicções religiosas e consequentes manifestações de poder e riqueza (JONG, 2001). Neste âmbito, não poderão deixar de ser referidos os exemplos do jardim de *Versailles*, símbolo do absolutismo e autocratismo de Luís XIV, que chegou a pagar comissões aos missionários que trouxessem sementes e plantas para o Jardim do Rei, mas também a obra-prima de *Le Nôtre* e o expoente máximo do estilo renascentista francês (SOUSA VITERBO, 1906; CARITA & CARDOSO, 1987; JONG, 2001) ou de *Kew Gardens* que se tornou num elemento chave do Império Britânico ao afirmar-se como centro de economia e exploração botânica e de experiências hortícolas, um centro global de transferência de plantas através dos seus coletores e ligações com os jardins botânicos coloniais. As plantas conferiam poder económico e *status* (BHATTI & CHURCH, 2000; PLUMPTRE, 2005; JOHNSON, 2007). No caso português, para ANES (2007; 2010), a Quinta da Regaleira é um espaço simbólico sagrado que apresenta nos seus jardins, não só referências ao Cristianismo e a certas Fraternidades iniciáticas, mas também referências ao Paganismo, às antigas religiões de Mistérios e à literatura clássica.

Os jardins constituem-se assim como palco de várias modas, ou seja, repositórios das diferentes perspetivas, criações artísticas e aplicação de novas geometrias, ideias e estilos, tanto ao tempo da sua construção como ao longo da sua evolução, num constante e contínuo enriquecimento, constituindo para os arquitetos paisagistas o palco ideal para desenvolver e aplicar novas teorias do design. Como tal, são considerados como “livro” ou “gramática” da arte, pois é nos jardins que estes profissionais encontram os conhecimentos de equilíbrio, perspetiva, proporção e composição (LUMMEN, 2001). POUYA (2011, citado em POUYA *et al.*, 2015) defende que os jardins históricos, por constituírem memoriais do passado, podem atuar como valiosos laboratórios para a pesquisa histórica, em diversas vertentes.

A este respeito, PECHÈRE (1971: 29) referiu que “*Les Jardins ont toujours été l’expression d’un grand raffinement, sans doute parce qu’ils sont une synthèse de différent*

*arts*” e, sendo uma síntese de diferentes artes, não estão apartados da complexidade que daí advém levando WIRTH e GUÉROULT (2004: 1) a afirmarem que “ (...) *le jardin est l’expression la plus complexe d’une civilisation, au carrefour de tous les arts et de tous les sens, avec la complexité de prévoir son évolution au rythme des saisons et au fil des années*”. PECHÈRE (1973: 45) rejeita mesmo o carácter simplista na abordagem do jardim, já que, na sua perspetiva, este não se reduz ao mero material vegetal, acrescentando deste modo que “*Un jardin n’est pas simplement “de la verdure” ou un lieu où des fleurs sont rassemblées, même avec amour. Un jardin se trouve dans un enclos entourant une construction et son trace est une composition architecturale don’t le matériau est la nature*”.

De acordo com BHATTI *et al.* (2009), o jardim é um espaço vivo com uma história natural e social, uma vez que são concebidos e mantidos sob determinadas condições sociais, naturais e ambientais. Têm por isso um passado mas vivem para o futuro, e nele se conjugam e interagem diferentes tipos de tempo: o tempo ecológico (ritmos das estações, ciclos de crescimento, dia e noite), o tempo social (processos da vida quotidiana) e o tempo subjetivo (momentos experienciados e revividos através da memória).

Detentores de um valor intrínseco (GOLLWITZER, 1971; VALCARCEL, 1973), um património que se situa tanto ao nível do tangível como do intangível (DREIJA, 2012), os jardins constituem, por isso, uma das expressões mais ricas, mas também a mais delicada do património cultural e paisagístico (CALDEIRA CABRAL, 1993; ESTADÃO, 2006), um “monumento vivo” perecível ao tempo e ao seu uso, “(...) *because there is no doubt that the garden is a dynamic and ever changing environment*” (DREIJA, 2012: 167).

O elemento tempo é considerado complementar ao projeto jardim (ANDRADE, 2008a) e atrevemo-nos a afirmar que talvez seja dos mais importantes, tomando até um lugar central tanto na atribuição como na retirada do referido valor intrínseco, já que a autenticidade e riqueza estética e visual do jardim também diz respeito ao envelhecimento natural das espécies vegetais que nele habitam, de maneira que o tempo também proporciona um valor à imagem presente do jardim (AÑÓN, 1994, citada em ANDRADE, 2008a), metamorfoseando-o ao longo dos infinitos ciclos da vida, quer sejam diários, mensais ou anuais<sup>22</sup> (BERJMAN, 2001) e tornando o jardim numa obra inacabada. “O Jardim nunca se conclui, pelo contrário

---

<sup>22</sup> A autora (2001: 5) esclarece que “*El Jardín (...) nunca es estático, su incesante metamorfosis nos acompaña en los infinitos ciclos de la vida. La misma esencia del material vegetal radica en su versatilidad y cambio. Arte temporal por antonomasia, crea situaciones en continuo cambio. Se modifica a la naturaleza dándole el sentido y el orden necesarios para una sociedad y una circunstancia, pero esa modificación siempre será parcial porque en el arte del jardín lo que se impone es la naturaleza con su orden inmanente. Los jardines son irrepetibles en exactas situaciones por depender de los ciclos naturales. Crecen, maduran y mueren a la par del hombre*”.

evolui e adapta-se oferecendo eterno deleite ao Homem e assegurando-lhe a poética, a contemplação e o romantismo”, remata ESTADÃO (2005: 63).

Mas da mesma maneira que o tempo e o uso o fazem, o mesmo tempo e uso o desfazem, ficando claro que o jardim é uma realidade dinâmica e complexa. E foi essa consciência de que os jardins representam uma arte necessariamente efémera (GOLLWITZER, 1971) e da destruição e da perda de valor histórico, mais do que um documento cultural, a perda de uma identidade, que chamou a atenção para a necessidade da sua proteção e salvaguarda. “*Le parc, le jardin sont des entités vivantes qui grandissent, périssent, renaissent sans cesse. Cette évolution permanente fait leur charme et leur fragilité et aussi la difficulté d’en définir un contour pour le classement ou la restauration*” (WIRTH & GUÉROULT, 2004: 1). A preservação dos jardins históricos é um facto inquestionável também por causa da sua influência na saúde e no equilíbrio psíquico da humanidade (VALCARCEL, 1973).

Segundo ANDRADE (2008a), que incide o seu olhar sobre os territórios citadinos, o jardim histórico destaca-se, entre as demais categorias do património cultural, por apresentar laços em comum com o património natural e pela sua estreita ligação com a qualidade de vida numa cidade. Para além disso, a maioria dos jardins e parques históricos estão associados a outro monumento constituindo um todo valorizado pela noção de conjunto patrimonial.

### **3.2. Das instituições e organizações às políticas e instrumentos de defesa e valorização dos jardins históricos em contexto internacional**

As preocupações de salvaguarda, proteção e valorização do património histórico/cultural são transversais a um conjunto de instituições e estão patentes num conjunto alargado de documentos orientadores, políticas e instrumentos que percorrem desde a escala global à local, desde o nível internacional ao nacional.

Aos jardins históricos, enquanto elementos incontestáveis do património cultural e paisagístico, no presente e pelo menos no plano teórico, estão igualmente reservadas algumas dessas preocupações levantadas por um conjunto tanto de personalidades, das quais se destacou René Pechère<sup>23</sup>, como de instituições, materializadas nas várias conferências, simpósios e encontros, onde *Fontainebleau* (1971) foi considerado determinante e o ponto de

---

<sup>23</sup> René Pechère foi um arquiteto belga e membro da Associação Belga de Arquitetos de Jardins e Paisagistas. Foi ainda o primeiro presidente, e por vários anos, do Comité Internacional de Jardins e Sítios Históricos do IFLA-ICOMOS. Projetou mais de 900 jardins públicos e privados e uma das suas obras de restauro mais emblemáticas foi no *Royal Gardens King Leopold III*, na Bélgica (ANDRADE, 2008a).

viragem no que respeita ao entendimento dos jardins históricos, estudos que foram tendo lugar, e formalizadas em ações e documentos específicos.

À parte disto, o alargamento, ainda que justo e oportuno, do domínio patrimonial aos jardins não se fez sem controvérsia e conflitos, até porque o jardim é uma paisagem de conflitos devido ao seu intrínseco carácter paradoxal. Vejamos, como proteger de forma durável uma arte necessariamente frágil e efémera? Como fazer aceder o público a um espaço encarado como íntimo? (RIALLAND, 2000).

Para o caso particular dos jardins históricos interessa-nos trazer à discussão os organismos e ações, internacionais e nacionais, considerados decisivos no reconhecimento dos mesmos como património cultural e paisagístico com uma importância maior, pelas razões já descritas, e por isso com uma necessidade premente, pelas suas características intrínsecas, singulares e únicas, de medidas de proteção, salvaguarda e concomitante valorização a várias dimensões, nomeadamente a dimensão lúdica/turística.

### **3.2.1. A UNESCO, o ICOMOS e o ICOMOS-IFLA**

São sobejamente conhecidas as preocupações e a atuação da UNESCO em matéria de preservação do património cultural através das várias Convenções, Recomendações e Cartas por este organismo produzidas. E, não sendo nosso objetivo e pretensão referir e analisar com pormenor os documentos concebidos por esta instituição em relação ao património e à sua proteção, não poderíamos deixar de evocar a *Carta de Veneza* (1964), considerada estruturante nesta matéria e que traduziu igualmente a mudança de paradigma com relação ao património, onde se passa de uma conceção de património, materializada no anterior documento vinculativo, a *Carta de Atenas* (1931)<sup>24</sup>, centralizada sobretudo no monumento construído embora já fizesse uma referência específica à necessidade de proteger jardins/áreas envolventes que faziam parte de monumentos<sup>25</sup>, para um paradigma que inclui já outros elementos como a paisagem, embora nenhuma referência concreta faça aos jardins históricos, apenas à necessidade de conservação no enquadramento tradicional (artigo 6º). E ainda a

---

<sup>24</sup> A *Carta de Atenas* surge na sequência do Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos que teve lugar em Atenas, na Grécia, em outubro de 1931 e é aprovada no contexto da Sociedade das Nações. Neste documento estavam traçadas as linhas de orientação sobre o exercício e o papel do urbanismo dentro da sociedade que serviu de inspiração à arquitetura contemporânea.

<sup>25</sup> No artigo 3º da *Carta de Atenas* (1931) é referido que “Há também necessidade de estudar as plantas e as ornamentações vegetais adequadas a certos monumentos ou conjuntos de monumentos, para lhes conservar o seu carácter antigo”.



*Carta da Burra*<sup>26</sup>, a Carta do ICOMOS da Austrália, adotada em 1979, que continha linhas de orientação que visavam a conservação de lugares com significado cultural, definindo terminologias e princípios de intervenção no património arquitetónico e paisagístico. Estes documentos eram de abrangência geral e sem considerações mais específicas e inequívocas relativamente ao património dos jardins históricos, realidade essa que só mais tarde se viria a concretizar com a publicação da *Carta de Florença* (1981), uma adenda à *Carta de Veneza* direcionada especificamente para os jardins históricos.

Antes disso, uma nota ainda para a integração do património natural nas tipologias de bens classificáveis como património, na Convenção de Paris (1972)<sup>27</sup> e posteriormente a introdução do conceito de paisagem cultural no âmbito do património histórico-cultural, na reunião do Comité do Património Mundial da UNESCO<sup>28</sup>, que passa também a integrar a Lista de Património Mundial, deixando de se classificar em separado os bens naturais e culturais. Os jardins e parques passam a integrar a categoria de “paisagens culturais criadas intencionalmente pelo homem” (GONÇALVES, 2001).

O interesse pelos jardins, enquanto património a salvaguardar, não se reporta a um passado recente. As Exposições Universais e Internacionais, ocorridas antes da 2ª Guerra Mundial, foram as anfitriãs dos primeiros encontros a este respeito<sup>29</sup>. Será por ocasião da Exposição de Bruxelas (1935) que surge um primeiro grupo de arquitetos paisagistas interessado no tema que, mais tarde na Exposição de Paris (1937), se consolida ao apresentar já uma constituição considerável (PECHÈRE, 1987; LUMMEN, 2001). Entre reuniões fracassadas e interesses em fundar uma federação internacional que saíram goradas, a causa

---

<sup>26</sup> A *Carta da Burra* considera os princípios estabelecidos na *Carta de Veneza* e as conclusões da 5ª Assembleia Geral do ICOMOS realizada em Moscovo (1978). Com a adoção da revisão de 1999, as versões anteriores da Carta de 1979, 1981 e 1988 foram revogadas e remetidas para o papel de documentos de arquivo que registam o desenvolvimento da filosofia da conservação na Austrália. Em 2013 foi novamente revista vigorando atualmente esta versão (AUSTRALIA ICOMOS, 2013).

<sup>27</sup> Convenção para a Proteção do Património Mundial, Natural e Cultural da UNESCO, realizada em 1972, em Paris, onde se estabelece a inclusão do património natural na Lista dentro das tipologias: importantes elementos naturais, formações geológicas e fisiográficas e sítios naturais (GONÇALVES, 2001).

<sup>28</sup> Realizado em *La Petite Pierre*, França, em 1992, estabelece modificações à Convenção de Paris (1972). Pela primeira vez foi definido o conceito de paisagem cultural como “(...) as obras conjuntas do Homem e da Natureza (...) abrange a diversidade de manifestações resultantes da interação entre o Homem e o ambiente natural”, passando a estar incluídas em três categorias: paisagens desenhadas e criadas intencionalmente pelo Homem, paisagens que evoluíram organicamente e paisagem cultural associativa (GONÇALVES, 2001: 111).

<sup>29</sup> Todavia, já no final do século XIX, o paisagista e botânico ANDRÉ (1879) no seu *Traité Général de la Composition des Parcs et Jardins* havia afluído a questão do restauro e conservação deste património traduzindo alguns dos ideais atualmente associados aos projetos de restauro. Também SAINT-SAVEUR (1921) manifestou preocupação com a conservação dos jardins revelando uma nova postura perante a necessidade de se efetuarem intervenções neste património (MARQUES, 1995, citada em ALMEIDA, 2003).

dos jardins encontraria em René Pechère um acérrimo defensor, levando o próprio a reportar-se a essa altura desta maneira: “*Nous décidâmes de nous battre pour la cause des jardins et nous l’avons fait...dans une période où les jardins n’étaient pas à la mode (...)*” (PECHÈRE, 1987: 259), e a criação da IFLA<sup>30</sup> (1948) foi uma das primeiras concretizações nesse sentido.

Apesar de secundarizado e tratado de forma superficial durante um longo período, é no contexto da necessidade de se conhecer e salvaguardar este património que os jardins experimentam mudanças e oportunidades através de ações internacionais específicas, em particular desde final da década de 60.

Em 1967, a IFLA (reunida na Sardenha – Itália, durante a sua Assembleia Geral) criou uma Secção específica, na altura pioneira, sob coordenação de René Pechère, para discutir uma metodologia para tratar os jardins com interesse histórico.

Os principais objetivos desta Secção passavam por inventariar e elaborar uma lista dos jardins históricos existentes no mundo, pesquisar os meios de proteção, conservação, restauração e manutenção desses espaços, analisar e registar as regras de composição da arquitetura e dos elementos vegetais que deveriam ser respeitados, e intervir por forma a impedir a destruição desses espaços (PECHÈRE, 1971). Daqui resultou a identificação e catalogação de 1550 jardins (GOLLWITZER, 1971), um número considerado pequeno tendo em conta o número de bens culturais mundiais. Foram então “obrigados” a ampliar as suas fontes de informação a historiadores de arte, arquitetos, botânicos e arqueólogos (LUMMEN, 2001).

No âmbito deste grupo de trabalho, Pechère apresentou por diversas ocasiões, no âmbito das reuniões científicas promovidas pelo ICOMOS<sup>31</sup>, argumentos que considerava consistentes para a inclusão dos jardins de interesse histórico nas recomendações e debates no âmbito internacional, mas “*(...) un public silencieux et amorphe devant mês arguments (...)*” (PECHÈRE, 1987: 260) foi o que encontrou e, nesta altura, os seus esforços não se materializariam em ações concretas, os jardins eram sistematicamente relegados para segundo plano pois eram considerados uma arte menos complexa, até mesmo um objeto de estudo retrógrado e fora de tempo (LUMMEN, 2001). Apesar da temática da preservação de sítios históricos seguir a discussão da *Carta de Veneza* (1964), o assunto era, até então, tratado de forma muito superficial (ANDRADE, 2008a).

---

<sup>30</sup> Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA – *International Federation of Landscape Architecture*) fundada em 1948 na Universidade de Cambridge (Inglaterra) por Sir Geoffrey Jellicoe e englobando mais 15 países fundadores (LUMMEN, 2001).

<sup>31</sup> Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (*International Council on Monuments and Sites*).

O ponto de viragem acontece aquando da fundação do Comité Internacional de Jardins e Sítios Históricos<sup>32</sup>, no início da década de 70, como uma sub-divisão do ICOMOS e da IFLA, e que surge na sequência de uma curta mas acutilante intervenção feita por PECHÈRE (1987: 260), aquando da Assembleia Geral do ICOMOS em *Oxford*: “(...) *dans les temps il y avait trois choses essentielles pour les hommes: les femmes, la chasse et les jardins. Messieurs, je vous demande: que faites-vous pour les jardins?*”.

Este Comité tinha como principais objetivos, a nível internacional, nacional e regional, promover a defesa, a reabilitação, o conhecimento e a difusão deste património cultural ameaçado, através do estabelecimento de uma teoria e prática da restauração, incitar o desenvolvimento de uma legislação adequada e formar especialistas preparados para levar adiante a árdua tarefa que representa a recuperação de um jardim histórico (AÑÓN, 1993).

Uma das vias para alcançar esses objetivos era através da realização de colóquios, conferências e simpósios que começaram a realizar-se a cada dois anos. *Fontainebleau*, com o primeiro Simpósio Internacional de Proteção e Restauração de Jardins Históricos (1971) sob alçada deste Comité, marca o início de uma discussão que se prolongaria, de forma continuada, até final da década de 80<sup>33</sup>.

Aqui foram discutidas as experiências e os problemas enfrentados por diferentes países relativos à questão da preservação dos jardins históricos, nomeadamente em relação à própria definição de jardim histórico e aos inventários, aos perigos e causas da destruição de jardins, à questão da preservação dos grandes jardins privados, às leis de proteção e às recomendações de como proceder na conservação e décor dos jardins e ainda recomendações relativas à documentação associada (PECHÈRE, 1971).

No final do encontro percebeu-se que o jardim não deve ser considerado um luxo anacrónico e, para além da formalização da definição de jardim histórico: “*A historic garden is an architectural and horticultural composition of interest to the public from the historical*

---

<sup>32</sup> Desde 1999 que o Comité Internacional de Jardins e Sítios Históricos, por decisão do ICOMOS, alterou a sua denominação à qual acrescentou “Paisagens Culturais”, passando a designar-se Comité Internacional de Jardins Históricos e Paisagens Culturais, o que tem exercido uma influência direta na consciencialização e sensibilização da importância dos jardins e parques históricos da Europa (JONG, 2001).

<sup>33</sup> A atividade que se seguiu a *Fontainebleau* foi intensa com outros encontros igualmente importantes como *Granada* (1973), *Zeist* (1975), *Kromeriz – Praga* (1977), *Bruges – Bruxelas* (1979), *Madrid – Sevilha* (1979), *Barcelona* (1980), *Florença* (1981), *Estocolmo* (1981), *Leningrade* (1982), *Munique* (1983), *Versailles* (1985), *Louvain* (1987), *Oxford* (1987), *Brullh* (1988), *Barcelona* (1989), *Postdam* (1989) (ICOMOS, 1993). Posteriormente, realizou-se o encontro de Praga (1997) e, mais recentemente, o de *Buenos Aires* “*Seminario Internacional: Los jardines históricos: aproximación multidisciplinaria*” (2001) e o de *Paris* (2011) dedicado à conservação da pedra em parques, jardins e cemitérios. Uns mais específicos, outros de carácter mais geral, no global a temática dos jardins históricos vai sendo acolhida e discutida de forma relativamente frequente (informação disponibilizada no endereço eletrónico do ICOMOS, 2016).

*and artistic point of view*” (ICOMOS, 1993: 41), foram ainda apresentadas, não só recomendações para a salvaguarda dos jardins, como também algumas importantes constatações a esse respeito, muitas delas seriam a base daquilo que, 10 anos mais tarde, viria a ser a essência da *Carta de Florença*.

Em *Fontainebleau*, chegou-se à conclusão de que apesar deste tipo de património requerer um cuidado e vigilância permanentes, tomou-se como dado adquirido que se tratava de entidades frágeis e perecíveis à ação do tempo e à ação humana e, portanto, chamou-se a atenção para o facto de serem suscetíveis aos mais diversos perigos: a degradação da matéria vegetal que lhe dá forma e conteúdo e dos elementos arquitetónicos e esculturais que nele habitam; o desenvolvimento urbano desordenado; a poluição; o declínio da importância dos valores artísticos resultantes do desenvolvimento industrial; as mudanças dos modos de vida; as falhas ao nível das entidades legisladoras e até mesmo ao nível do público em geral no entendimento do seu significado e importância e finalmente os danos causados pela excessiva presença de visitantes.

Este encontro fez saber ainda da facilidade em destruir um jardim por oposição à dificuldade em criar ou restaurar outro e enfatizou que um jardim histórico que rodeia um monumento constitui parte integrante desse mesmo monumento. Recomenda especial atenção para a formação especializada do pessoal responsável a nível da conservação e manutenção, não esquecendo o papel das autoridades legisladoras na adoção de políticas ajustadas que tenham em conta o valor cultural e educativo e de fruição dos jardins históricos, assim como medidas que mantenham e conservem a sua composição arquitetónica e vegetal.

Foi determinante o empenho e a produção científica demonstrados pelo ICOMOS-IFLA. No âmbito científico internacional, da década de 1960 à de 1980, são responsáveis pelo desenvolvimento e impulsionamento de numerosos estudos publicados sobre um tema, até então, não discutido ou discutido de forma secundária: a restauração em jardins históricos. Estudos que foram dando a conhecer não só diversos jardins mundiais e a sua arte, mas também a identificação dos jardins que estavam em perigo em vários países, diversos projetos de restauração assim como novas inquietações relativas aos mesmos.

Em suma, nos anos subsequentes à criação do Comité Internacional de Jardins e Sítios Históricos várias conferências, simpósios, estudos e publicações formalizaram a importância do seu conhecimento e da sua preservação e manutenção, concretizada em 1981 com a definição da *Carta de Florença* que fixou, para além de um novo rumo, uma proteção específica para os jardins e que se constitui, desde então, como o principal documento

orientador das ações desencadeadas por todos os países do Mundo com relação aos jardins históricos.

### 3.2.2. A Carta de Florença (1981) e os documentos decorrentes

A preparação e redação da *Carta de Florença* (A.I.1), pelo referido Comité, é o ponto culminante de vários anos de trabalho e constituiu a materialização de uma preocupação pioneira lançada pela geração de René Pechère: a preservação dos jardins com interesse histórico. Esta Carta, que adquiriu o nome da cidade onde o ICOMOS-IFLA se havia reunido, Florença (a 21 de maio de 1981), foi adotada pelo ICOMOS (a 15 de dezembro de 1982) como uma adenda à *Carta de Veneza*, cobrindo o campo específico correspondente em falta.

Este documento institucionalizou a definição e a introdução de um novo termo técnico na família dos bens culturais: o jardim histórico<sup>34</sup>, identificado como “uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público do ponto de vista histórico ou artístico” (ICOMOS, 1982: 2), definição que, aliás, já havia sido adotada em *Fontainebleau* e que agora se institucionaliza e à qual se acrescenta “como tal, deve ser considerado como um monumento” (ICOMOS, 1982: 2). Porém, alguns autores manifestam reservas quanto a este aspeto, pois nem todos os jardins são históricos e muito menos monumentos. Os jardins classificados como monumentos devem sim ser considerados históricos, mas, por outro lado, nem todos os jardins históricos devem ser classificados necessariamente como monumentos (LUMMEN, 2001, ANDRADE, 2008a).

Foi precisamente a aplicação da terminologia “monumento” aos jardins históricos um dos pontos de discordância da escola italiana de restauro relativamente à *Carta de Florença*,

---

<sup>34</sup> Relativamente ao termo histórico, ANDRADE (2008a) sublinha a dificuldade na interpretação adequada do mesmo e na seleção do que é efetivamente histórico, o que tem limitado o efeito prático em termos de proteção, já que, segundo a autora (p. 140), “A “história” pode ser encarada como um conjunto de eventos do passado, de maneira que tudo o que pertence ao tempo histórico faz parte desta (...) assim, a tarefa de seleccionar o que é histórico (...) é impensável, já que compreende tudo que já foi ou está sendo construído”. Tal facto leva-a a concluir que o que define se uma paisagem cultural, no caso dos jardins e parques, deva ser considerada histórico-cultural transcende o valor de antiguidade e por conseguinte o termo restrito “histórico”, ocorrendo sobretudo pelas suas qualidades especiais. A Recomendação N° R (91) 3 que estabelece os Princípios para a Salvaguarda e Valorização do Património do Século XX surge nesta mesma linha de pensamento ao considerar que “(...) *twentieth-century architecture is an integral part of Europe's historical heritage and that the preservation and enhancement of its most significant elements serve the same aims and principles as those of the conservation of the architectural heritage as a whole*” (CE, 1991: 1). Esta medida esclarece que a produção arquitetónica do século XX é abundante e diversificada em exemplos e por isso, muitas vezes, não é reconhecida como portadora de valor cultural. Esta falta de interesse tem levado a perdas irreparáveis privando as futuras gerações do contacto com a produção deste período e, como tal, sendo necessário promover um melhor conhecimento e compreensão deste património, evidenciando as qualidades, riqueza e diversidade dos seus elementos, é recomendado neste documento que os estados membros desenvolvam estratégias para a identificação, estudo, proteção, conservação, restauro e divulgação da arquitetura do século XX (CE, 1991; LOPES & CORREIA, 2004).

tendo os membros daquela, como forma de contestação, procedido à elaboração e apresentação, no mesmo ano e evento, de uma proposta autónoma, a *Carta italiana dei Giardini Storici*<sup>35</sup> (AI.2), que passou a ser o documento orientador das intervenções de restauro de jardins realizadas em Itália.

Considerado uma obra de arte na *Carta Italiana*, o jardim histórico é então definido como “(...) *um conjunto de materiais, projetado pelo Homem, realizado em grande parte como material vivo, que existe sobre (e modifica) um território antrópico, num contexto natural. Isso, enquanto artefacto material, é uma obra de arte e, como tal, bem cultural, legado arquitetónico e ambiental, património de toda a população que dele usufrui*”<sup>36</sup>.

Embora se tratem de conceitos distintos, monumento e obra de arte podem ambos aplicar-se aos jardins históricos dependendo da história, significado e valor artístico. Na ótica de SILVA (1998) o “jardim monumento”, símbolo e imagem de uma determinada época ou pensamento, sobressai pelo seu valor exterior, já o “jardim obra de arte” remete o observador para o seu valor intrínseco sugerido.

As divergências assentavam ainda em questões relacionadas com as doutrinas teóricas de restauro que deveriam ser aplicadas aos jardins históricos. A *Carta Italiana*, elaborada sobre os princípios do restauro científico e conservativo, não admitia o restauro em estilo<sup>37</sup>, contemplado na *Carta de Florença* para casos excepcionais (MARQUES, 1995 citada em ALMEIDA, 2003). Todavia, os dois documentos revelam alguns pontos comuns, “(...) ambos aceitam os princípios gerais da *Carta de Veneza*, ambos consideram essencial a inventariação e descrição metódica dos jardins históricos, bem como a sua manutenção e recuperação, ambos realçam a importância da formação de especialistas na matéria e apontam, os dois, medidas cautelares no uso dos jardins, com vista à preservação da integridade da sua composição artística e florística (GOMES, 1997: 9).

---

<sup>35</sup> A *Carta Italiana dei Giardini Storici* surge na sequência da *Carta de Florença* tendo sido apresentada pelo grupo italiano Icomos e Itália Nostra no mesmo colóquio. Baseia-se nos pressupostos da Carta do Restauro de 1964 e nas disposições de 1972 e apresenta algumas alterações relativamente à *Carta de Florença* ao nível da própria definição de jardim histórico e de algumas recomendações no âmbito do restauro.

<sup>36</sup> Tradução da autora a partir da *Carta italiana*: “(...) *è un insieme polimaterico, progettato dall'uomo, realizzato in parte determinante con materiale vivente, che insiste su (e modifica) un territorio antropico, in contesto naturale. Esso, in quanto artefatto materiale, è un'opera d'arte e come tale, bene culturale, risorsa architettonica e ambientale, patrimonio dell'intera collettività che ne fruisce*” (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Direzione Generale Belle Arti e Paesaggio*, 2016).

<sup>37</sup> O “restauro em estilo” defendia o restauro como uma ação de reposição da unidade formal da obra, prevendo a destruição de acrescentos históricos que interferissem com a unidade projetural concebida pelo primeiro autor da obra. Por contraponto, no “restauro científico” o monumento passa a ser visto como um objeto arqueológico sendo mais valorizada a manutenção da sua riqueza histórica e arquitetónica real (MARQUES, 1995, citada em ALMEIDA, 2003).

Voltando à *Carta de Florença*, este documento esclarece ainda, no seu artigo 6º, que a categoria incide sobretudo sobre o interesse histórico do jardim e não se rege apenas pelas suas particularidades estilísticas e, muito menos, dimensionais, de tal forma que “*The term "historic garden" is equally applicable to small gardens and to large parks, whether formal or "landscape"*” (ICOMOS, 1982: 3). Desta forma, engloba tanto jardins/parques de grandes dimensões como jardins mais exíguos, sejam eles de carácter formal ou “paisagens”.

O jardim histórico é celebrado como um “monumento vivo”. Um monumento com uma dupla essência – a cultural e a ecológica – porque constitui a materialização da relação do Homem com a Natureza. Presentes em todas as civilizações, os jardins históricos transformaram-se em documentos culturais e históricos de grande importância já que são testemunhos de uma cultura, de um estilo, de uma época e da originalidade de um artista criador (artigo 5º). Constituem monumentos vivos, fruto da sua composição arquitetónica, alimentada sobretudo por constituintes vegetais perecíveis, que se renovam e deterioram, tanto pela ação do tempo como pela ação do Homem, na procura constante de um equilíbrio efémero e que, por isso, devem ser preservados segundo o espírito da *Carta de Veneza* (ICOMOS, 1982), que se viu confrontada pela primeira vez com monumentos com estas singularidades.

Tratando-se de um “monumento vivo”, apropriado pelo tempo e pelo seu uso, suscetível por isso aos mais diversos danos, a *Carta de Florença* fixou um conjunto de normas orientadoras específicas no que concerne à sua manutenção, conservação, restauro e reconstrução (artigos 10º a 17º), uso (artigos 18º a 22º) assim como à proteção legal e administrativa (artigos 23º a 25º) dos jardins históricos.

Um conjunto importante de premissas que espelha a preocupação sobre o eventual desaparecimento de um “documento cultural” cuja ação humana descuidada e/ou negligente poderá comprometer o significado ou o testemunho futuro já que, na perspectiva de ANDRADE (2008a), um jardim, se corretamente conservado e preservado, é visto por sucessivas gerações que os percebem e apreendem de forma diferente da sua anterior e da sua sucessora.

No âmbito da manutenção, conservação, restauro e reconstrução dos jardins históricos, há algumas considerações a reter, nomeadamente a especial atenção dada à noção de conjunto e de unidade e, acima de tudo, à preservação da autenticidade patrimonial que não deve ser comprometida em quaisquer circunstâncias. Desta forma, sempre que seja necessário intervir no jardim, de qualquer uma das maneiras atrás referenciadas, todos os seus elementos

constituintes devem ser tratados em simultâneo, sob pena de que o isolamento das diferentes operações possa danificar a unidade de conjunto (artigo 10º).

Este documento explica ainda que a manutenção vegetal é um processo contínuo devendo ser salvaguardada a originalidade tanto do material vegetal como das práticas utilizadas, tomando o jardim, os seus constituintes assim como a envolvente, como partes de um todo, pelo que qualquer alteração a este equilíbrio deve ser ou evitada ou minimizada. Qualquer ação de restauro e reconstrução deverá ser precedida de estudos e projetos de investigação que garantam uma correta execução dos trabalhos que deverá ser assegurada por técnicos especializados. Estes deverão ter em conta ainda as medidas legais e administrativas de registo e proteção dos jardins, a nível do planeamento regional e local, definidas pelas autoridades competentes.

Embora reconheça a vulnerabilidade do jardim, não nega a essência e objetivo do mesmo, o de ser visto e percorrido, mas apela à sua restrição e adequação a outro tipo de ações ou festividades mais agitadas, capaz de satisfazer as necessidades dos diferentes públicos pelo que, ao nível da valorização, esclarece que o interesse pelos jardins históricos deve ser estimulado por todo o tipo de atividades capazes de enfatizarem o seu real valor como parte do património.

A *Carta de Florença* fixou, para além de um novo rumo, uma proteção específica ao estabelecer normas e procedimentos padronizados para os jardins e constitui-se, desde então, como o principal documento orientador das ações desenvolvidas por todos os países do mundo com relação aos jardins históricos<sup>38</sup>, não obstante terem surgido, a partir deste, outros documentos orientadores de cariz mais regional, mais específicos e ajustados às realidades, como a *Carta Italiana dei Giardini Storici* (1981), já abordada, ou, mais recentemente, a *Carta dos Jardins Históricos Brasileiros* (2010)<sup>39</sup> (AI.3). Porém, apesar da importância atribuída a este documento, principalmente na consideração dos jardins como parte

---

<sup>38</sup> A título de exemplo veja-se os casos da restauração dos jardins como *Fontainebleau* (ICOMOS, 1993) ou, mais recentemente, os Jardins Modernos de Burle Marx, a Praça Euclides da Cunha, a Praça Faria Neves e a Praça de Casa Forte (SÁ CARNEIRO *et al.*, 2004, 2007; SILVA, 2014b) ou até mesmo os trabalhos de restauração e recuperação realizados nos doze jardins portugueses abrangidos pelo projeto europeu *EEA Grants* (ponto 4.3.1.2. do capítulo IV), que seguiram os princípios formulados na *Carta de Florença*.

<sup>39</sup> A *Carta dos Jardins Históricos Brasileiros*, dita *Carta de Juiz de Fora*, que surge no âmbito do I Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos, é uma adaptação da *Carta de Florença* à realidade brasileira e estabelece definições, diretrizes e critérios para a defesa e salvaguarda dos jardins históricos brasileiros, considerando inclusive a relação do jardim com a sua envolvente. Mais específica e pormenorizada que a de Florença, este documento elenca e detalha as principais problemáticas e fatores de degradação dos jardins históricos assim como as recomendações de proteção e salvaguarda no sentido da sua preservação global (IPHAN, 2010). Refira-se que o IPHAN (1999), através do Departamento de Proteção, já havia elaborado o Manual de Intervenção em Jardins Históricos, igualmente com base nos pressupostos da *Carta de Florença*.



indispensável da herança cultural que é necessário preservar, não faz nenhuma referência à ligação do jardim com o seu contexto físico ou social, um aspeto relevante tendo em conta que o jardim não existe de forma isolada, e em alguns quadrantes já se admite o seu carácter obsoleto, uma vez que mantém e perpetua um pensamento conservacionista datado à época da sua constituição, com poucas orientações práticas e sem peso legal.

### **3.3. Políticas de salvaguarda, valorização e intervenções nos jardins – os casos paradigmáticos a nível internacional**

Em vários países há muito que foi reconhecido o valor dos jardins históricos como um património maior que suporta, muitas vezes, a responsabilidade de “herança de uma cultura”.

Contudo, a tarefa de proteger e salvaguardar um património cultural tão delicado, como são os jardins históricos, fica dificultada quando não é conhecida a totalidade dessa herança. Alguns países não completaram inventários exaustivos nem descrições dos seus jardins, condição fundamental para a sua proteção. As transformações políticas e sociais fizeram andar de mão em mão algum património que se foi alterando, adaptando e perdendo. Existem até muitos países que não dispõem de legislação que permita que parques e jardins históricos sejam declarados como Monumento Nacional. A Áustria, por exemplo, famosa pela sua história e espólio de palácios e parques, só começou a proteger os seus parques e jardins mais importantes a partir de 1999 (JONG, 2001), sendo também no início desta década que, na Suíça, alguns jardins e parques são incluídos no Inventário Suíço dos Bens Culturais de Importância Nacional e Regional (HAGER, 2006). Pelo contrário, na Alemanha, depois de abolida a dinastia *Hohenzollern*, e para gerir os antigos palácios e parques reais, foi instaurada a Administração Estatal de Castelos e Parques (1927), mais tarde Fundação de Castelos e Parques Prussianos de Berlim e Bradenburgo, que reconverteu as casas em museus e hotéis e fez dos jardins paisagens excecionais. No Reino Unido, através do *National Trust*, desde 1895, é dada especial atenção às casas e jardins históricos (JONG, 2001).

Todavia, e de uma maneira geral, os jardins e parques históricos têm sido encarados como elementos essenciais do património e da paisagem cultural assim como tem sido reconhecida a sua potencialidade como recursos turísticos, desde o nível local ao nacional, desde o mero sítio à estruturação em rede. E, a valorização de um sítio cultural motiva muitas vezes a elaboração de estratégias integradas como *tours* e rotas especializadas que considerem a visão de conjunto da paisagem cultural, prerrogativa defendida na *Carta de Florença*, e que

contribuam para a divulgação desse património como é exemplo o percurso desenvolvido no Parque de *Krásný Dvůr* na República Checa (HÁJEK *et al.*, 2010).

Desta forma, têm vindo a ser desenvolvidas estratégias de modo, não só a salvaguardar e a preservar como também a valorizar, potenciar e otimizar este recurso, através da atividade turística, como é o caso de *Ontario* (Canadá) que desenvolveu a *Ontario Garden Tourism Strategy*, para além de outros casos paradigmáticos como a Grã-Bretanha/Reino Unido e as suas organizações de caridade, uma nação com longa tradição no que aos jardins diz respeito, mas que só nos últimos 30 anos se tornou efetiva e aumentou a consciencialização da importância dos parques e jardins, tendo levado ao desenvolvimento de um quadro político e legislativo no sentido da sua proteção. Também a França que, no espaço de 20 anos, desenvolveu uma política a favor dos jardins baseada num conjunto de medidas e ações com tradução e efeitos concretos, se tornou num dos grandes destinos de turismo de jardins, não só da Europa como do Mundo.

Neste campo, não sendo de todo pretensão deste trabalho analisar de modo exaustivo as políticas adotadas pelos países neste sentido, achámos pertinente expor com mais pormenor estes dois últimos exemplos que, mediante a pesquisa efetuada, consideramos constituírem casos paradigmáticos e demonstrativos do sucesso do desenvolvimento e da aplicação de políticas, programas e ações de salvaguarda, revitalização e valorização dos jardins.

Mais do que importante, é essencial e um dever olhar-se para a forma como estes países encaram e gerem o seu património de jardins de modo a retirarmos daí “lições” que nos permitam adaptar as ideias à nossa realidade e aos nossos jardins que tanto precisam e merecem um “olhar” mais demorado e atento.

### **3.3.1. A Grã-Bretanha: “*the nation of garden lovers*”**

A Grã-Bretanha é, por excelência, a terra dos jardins. Com uma grande abundância e variedade de jardins espalhados pelo território, oferece a possibilidade de visita e experiências a uma vasta gama, tanto de turistas nacionais e internacionais, como a meros entusiastas. Aliás, visitar jardins históricos e tradicionais bem como jardins paisagísticos modernos e contemporâneos parece ser o passatempo favorito dos ingleses assim como uma das mais populares e antigas atividades, sendo por isso considerada até a “*nation of garden lovers*” (THOMAS, PORTEOUS & SIMMONS, 1994; CONNELL, 2002; MINTER, 2004) e de “*gardeners*” (BHATTI & CHURCH, 2004). À parte da legislação e do enquadramento legal dos mesmos, destaca-se a importância e a visibilidade da atuação das instituições e

organizações que gerem os parques e jardins históricos desde o nível local ao nível nacional ou que promovem a sua abertura, o seu conhecimento e a sua conservação. A proteção e promoção dos jardins na Grã-Bretanha faz, assim, parte das estratégias de desenvolvimento local, regional e nacional de turismo (CONNELL, 2004).

Estes jardins constituem uma parte importante do património cultural britânico, e desde cedo que existe uma sensibilidade para este e para a necessidade da sua preservação. No entanto, esforços organizados de conservação reais só tiveram início com a formação da *Garden History Society (GHS)*<sup>40</sup> em 1965, que levou a cabo uma grande campanha de sensibilização do público para a importância dos jardins históricos como parte do património cultural e com a primeira tentativa de listagem deste património no final da década de 60/início da de 70 (PENDLEBURY, 1996; GOODCHILD, 2001).

Os parques e jardins históricos britânicos mais importantes têm sido amplamente reconhecidos, mas, só na década de 80, essa atenção se voltou também para o resto dos jardins (STACEY, 1991) com a criação e implementação, em 1983, do *Register of Historic Parks and Gardens of Special Historic Interest in England* (Registo de Parques Históricos e Jardins de Especial Interesse Histórico em Inglaterra), gerido pelo *Historic England (HE)* (antigo *English Heritage*)<sup>41</sup> ao abrigo das disposições da *National Heritage Act 1983*<sup>42</sup>, e que está

---

<sup>40</sup> A *Garden History Society* constitui a organização mais antiga do mundo dedicada à conservação e estudo dos jardins e paisagens históricas. Em julho de 2015 fundiu-se com a *Association of Gardens Trusts* adquirindo a designação de *The Gardens Trust*. Pretendendo ser cada vez mais uma voz ativa e poderosa na proteção deste património, tem como principais objetivos promover o estudo da história de jardins e da jardinagem, paisagismo e horticultura em todos seus aspetos; promover a proteção e conservação dos parques, jardins e paisagens históricas e aconselhar sobre a sua conservação; promover as *County Gardens Trusts* e, através delas, a educação, apreciação e participação do público em questões relacionadas com as artes e ciências dos jardins e, finalmente, incentivar a criação de novos parques, jardins e paisagens (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *The Gardens Trust*, 2016).

<sup>41</sup> O *English Heritage*, criado em 1983, manteve esta designação até abril de 2015, data a partir da qual se passou a denominar de *Historic England (Historic Building and Monuments Commission for England)*, na sequência das alterações processadas neste organismo que se dividiu em dois. Este é um órgão não-executivo do departamento público do Governo Britânico, patrocinado pelo Departamento de Cultura, Média e Desporto, que centra a sua atenção e atuação no ambiente histórico de Inglaterra, complementado o trabalho desenvolvido pela *Natural England* que protege o ambiente natural, e apoia órgãos superiores no que diz respeito a este património (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Historic England*, 2016).

<sup>42</sup> A Lei do Património compreende 4 leis do Parlamento do Reino Unido (*National Heritage Act 1980, National Heritage Act 1983, National Heritage Act 1997 e National Heritage Act 2002*) que visaram alterar a forma como os ativos patrimoniais da Grã-Bretanha eram protegidos e geridos. Antes de 1982 outros monumentos antigos ou históricos tinham sido protegidos através do Departamento do Meio Ambiente (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *English Heritage*, 2012). A *National Heritage Act 1983* constituiu o ponto de viragem no que ao significado dos jardins e parques históricos dizia respeito possibilitando a sua definição como Monumentos ("*ancient monument*" means any structure, work, site, garden or area which in the Commission's opinion is of historic, architectural, traditional, artistic or archaeological interest, Capítulo 47, 33º – 8º, pp. 21), criou o *English Heritage Register* e proporcionou-lhe condições para iniciar o Registo Nacional de Parques e Jardins (*NHA*, 1983).

inserido na *National Heritage List for England*. A primeira fase do Registo foi concluída em 1988 com um total de 1086 jardins inscritos (PENDLEBURY, 1996). Neste momento estão pouco mais de 1600 sítios listados neste Registo, que incluem jardins das grandes casas senhoriais a pequenos jardins domésticos assim como outras paisagens como praças, parques públicos e cemitérios, e que estão divididos em três graus: Grau I – importância internacional (cerca de 10% do total), Grau II – interesse excepcional (cerca de 30%) e Grau III – interesse nacional (cerca de 60%) (HE, 2016)<sup>43</sup>.

A inclusão de um sítio no Registo Nacional obedece a um conjunto de nove critérios fundamentais, cuja aplicação deve ser acompanhada por um especialista com amplo conhecimento em parques e jardins históricos do país de forma a garantir a consistência das decisões. Estes critérios focam-se sobretudo na época de formação dos jardins, na sua influência, reputação e representatividade e ainda na associação e valor de conjunto dos mesmos, embora não sejam absolutos e rígidos (EH, 2010):

- ✓ Sítios formados antes de 1750, onde pelo menos uma parte do traçado original ainda esteja em evidência;
- ✓ Sítios estabelecidos entre 1750 e 1840, onde subsista traçado original suficiente que reflita igualmente o projeto inicial;
- ✓ Sítios com uma fase principal de desenvolvimento pós-1840, que seja de especial interesse e esteja relativamente intacta. O grau de interesse especial requerido aumenta sempre que o local se torna mais próximo no tempo;
- ✓ É recomendada uma atenção especial na seleção de sítios a partir do período pós-1945;
- ✓ Sítios com menos de 30 anos são normalmente registados apenas se demonstrarem uma qualidade excepcional ou se estiverem sob ameaça;
- ✓ Sítios que tiveram influência no desenvolvimento, seja através da sua reputação ou da referência na literatura;
- ✓ Sítios que sejam os primeiros exemplos ou representantes de um estilo de traçado, de um tipo de sítio, ou do trabalho de um designer (amador ou profissional) de importância nacional;
- ✓ Sítios associados a pessoas importantes ou eventos históricos;
- ✓ Sítios associados a outros bens patrimoniais com um valor de conjunto forte.

---

<sup>43</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Historic England* (2016).

O principal objetivo deste Registo é celebrar estas paisagens de interesse notável, sensibilizar o público em geral para a importância e valor dos parques e jardins históricos como parte do património, e incentivar a sua proteção e salvaguarda das características e qualidades que fazem com que um parque ou jardim seja de especial interesse, de forma adequada. O Registo, embora não confira uma proteção legal extra, constitui uma consideração material no processo de planeamento e deve ser tido em conta em qualquer intervenção a realizar pelas autoridades locais nos jardins e parques registados, influenciando deste modo as decisões de gestão. Desde 1995 a *GHS* tem sido consultora estatutária em relação ao planeamento de propostas que afetam as paisagens históricas identificadas pelo *Historic England* como sendo de importância nacional e que estão incluídas no Registo de Parques Históricos e Jardins de Especial Interesse Histórico em Inglaterra, ou seja, sempre que haja um plano de intervenção para qualquer sítio incluído no Registo, as autoridades planeadoras deverão consultar a *GHS*. Também o *Historic England* deve ser consultado quando qualquer intervenção afeta sítios de Grau I ou II (*EH*, 2010).

Cada um dos países do Reino Unido tem a sua própria agência do património para identificar e proteger as paisagens históricas de importância nacional que elaboram os seus próprios registos de parques e jardins<sup>44</sup>. Em Inglaterra, à parte do Registo Nacional, várias outras agências continuam a registar parques e jardins históricos incluindo a *GHS/The Gardens Trust* e outras autoridades/associações locais nomeadamente as *County Gardens Trusts* que formavam a *Association of Gardens Trusts*<sup>45</sup>.

No âmbito da salvaguarda, valorização e divulgação dos jardins e parques históricos britânicos há que destacar o papel das instituições, especialmente duas, o *National Trust* e o *National Garden Scheme (NGS)*. Estas constituem organizações-chave envolvidas na visita a jardins e contribuíram e continuam a incentivar o desenvolvimento dos *garden tours* e da

---

<sup>44</sup> Neste âmbito referem-se o Cadw/ICOMOS Registo de Parques e Jardins de Especial Interesse Histórico no País de Gales mantido pelo Cadw, concluído em 2002, mas ao qual se continuam a acrescentar novos sítios, e que contém quase 400 registos distribuídos por graus (I, II e III) como em Inglaterra (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *CADW*, 2016); o Inventário de Paisagens e Jardins na Escócia levado a cabo, atualmente, pela *Historic Scotland* inclui perto de 400 sítios dos cerca de 3000 existentes, que são categorizados segundo o seu mérito (excecional, elevado, algum, pouco ou nenhum mérito) (o inventário original concluído em 1987 continha 275 sítios) (*HS*, 2010; informação disponibilizada no endereço eletrónico da *HS*, 2016); e ainda o Registo de Parques, Jardins e Propriedades de Interesse Histórico mantido pela Agência de Ambiente da Irlanda do Norte que tem informação sobre mais de 300 importantes paisagens históricas do país (154 sítios selecionados de importância excecional e 150 sítios adicionais com alto nível de interesse) (*NIEA*, 2007).

<sup>45</sup> A *Association of Gardens Trusts*, implementada em 1993, e desde 2015 denominada *The Gardens Trust*, engloba 37 *County Gardens Trusts* que são instituições de caridade de âmbito local/regional envolvidas na preservação e fruição de parques e jardins e que começaram a aparecer na década de 80 (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *The Gardens Trust*, 2016).

visita a jardins no Reino Unido. Detêm um papel fundamental na proteção, preservação, salvaguarda, valorização do património histórico, nomeadamente relativo aos parques e jardins, para além de proporcionarem o acesso ao público (membros e não membros) a este património.

O *National Trust*<sup>46</sup>, fundado em 1895, é uma associação sem fins lucrativos que tem como matriz orientadora a preservação e proteção de lugares e espaços históricos no seu todo. Para tal, começou a adquirir propriedades, entre as quais casas e edifícios históricos, jardins e parques históricos, sendo mesmo a principal proprietária de jardins do Reino Unido (FOX & EDWARDS, 2008). Atualmente, possui cerca de 350 casas, jardins e monumentos históricos em Inglaterra, Gales e Irlanda do Norte.

Sob controlo do *National Trust* muitos destes jardins são alvo de restauros minuciosos, sendo desenvolvido em cada um um sistema de acolhimento aos visitantes que inclui um conjunto de equipamentos, serviços e atrações várias (sinalização exterior e interior, estacionamento, casas de banho, espaços para crianças, visitas guiadas, brochuras, casas de chá, lojas ou viveiros, concertos, teatros, feiras de artesanato e festas várias) (RACINE & DAVID, 1994, citadas em SILVA, 1998), aumentando a sua atratividade e o seu orçamento.

O *National Garden Scheme* surge em 1927 com os objetivos de possibilitar ao público passeios e visitas a jardins que normalmente estavam fechados e de angariar dinheiro para a caridade. Neste primeiro ano 609 jardins foram abertos e obtidas mais de £8,000. Não sendo proprietária de jardins, esta instituição vem coordenando anualmente a abertura ao público de jardins (mais de 3800 nos últimos anos), a fim de arrecadar dinheiro para a caridade<sup>47</sup>,

---

<sup>46</sup> O *National Trust* é uma instituição de caridade completamente independente do Governo que se mantém através dos donativos dos seus membros, doações e legados e receitas provenientes das operações comerciais que desenvolvem. Têm mais de 4,2 milhões de membros e cerca de 70 mil voluntários, mais de 21 milhões de pessoas visitam as suas propriedades com entrada paga, estimando-se que sejam ao todo mais de 50 milhões de visitantes (4,5 milhões de entradas pagas apenas em jardins em 1979 e 10 milhões em 1992 (RACINE & DAVID, 1994 citadas em SILVA, 1998)). Para além de casas, jardins e monumentos históricos, também cuidam de florestas, bosques, mangues, praias, campos agrícolas, charnecas, ilhas, vestígios arqueológicos, castelos, reservas naturais e vilas, para que todos possam usufruir deste património (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *National Trust*, 2015).

<sup>47</sup> O Príncipe Carlos de Inglaterra patrocina a abertura ao público dos jardins do *NGS* de Inglaterra e de Gales, que todos os anos recebem cerca de 750 mil visitantes. A totalidade dos proveitos daí resultantes (salvo exceções em que alguns jardins ficam com uma percentagem para ser doada a uma instituição de caridade local) é dado ao *NGS* que tem doado cerca de £2,6 milhões por ano (num total de cerca de £45 milhões, £23 milhões só nos últimos 10 anos) a beneficiários (enfermarias e instituições de caridade) e parceiros (associações de jardins e viveiros locais e regionais, para a preservação e manutenção dos mesmos). As principais instituições apoiadas pelo *NGS* são a *Marie Curie Cancer Care*, *Hospice UK*, *Carers Trust*, *The Queen's Nursing Institute*, *Guest Charity 2015: Parkinson's UK* e a *Macmillan Cancer Support*. O *NGS* é um dos principais financiadores do setor da caridade no Reino Unido (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *NGS*, 2015).

ajudando proprietários, maioritariamente privados<sup>48</sup>, a abrirem os seus jardins alguns dias por ano. Uma operação que envolve grande parte da comunidade, através de estratégias de marketing, da sinalização através de dísticos próprios e ainda da publicação de um dos mais famosos guias de jardins mundiais, o *Yellow Book* (Figura III.1) (MINTER, 2004; FOX, 2006), considerada a bíblia da visita ao jardim<sup>49</sup>, que reúne um conjunto detalhado de informação sobre milhares de jardins abertos à visita, como horas de abertura, *entry fees*, localização e breves descrições sobre os jardins (Figura III.2).

Para além destes dois organismos (*National Trust* e *NGS*), a já referida *GHS* (agora *The Gardens Trust*), a *Royal Horticultural Society (RHS)* assim como a *Historic Houses Association (HHA)* ou a *Plant Heritage – National Council for the Conservation of Plants & Gardens (PH)*<sup>50</sup> e outras de cariz mais local/regional, nomeadamente as *County Gardens Trusts*, constituem elos importantes e ativos na rede promovendo a cooperação entre autoridades institucionais, proprietários e comunidade, em particular estas últimas.

É ainda da responsabilidade destas associações a concretização de projetos, a organização de inventários, pesquisas, publicações, eventos e atividades de carácter nacional,

---

<sup>48</sup> A este respeito note-se que a Grã-Bretanha detém, aproximadamente, 20 milhões de jardins domésticos privados, registando o maior número *per capita* na Europa (MINTEL, 2003, citado em LIPOVSKÁ, 2013). De acordo com a autora, a profusão de informação sobre jardinagem, através de diversos meios, tem aguçado o interesse na atividade e por consequência a criação de jardim próprio afetando assim o número e a natureza dos jardins abertos ao público (CONNELL, 2004). Na opinião de LIPOVSKÁ (2013), o potencial dos pequenos jardins privados abertos ao público ainda não foi completamente investigado. Todavia, no estudo que realizou, constatou que estes são bastante atrativos, embora os visitantes tendam essencialmente a ser motivados por razões hortícolas, a concentrar-se no estrato etário dos 60 e mais anos e a possuir/cultivar o seu próprio jardim (99%). A autora concluiu ainda que esta atividade pode servir como ferramenta para a melhoria da vida da população local e para o incremento das relações sociais e do sentido de comunidade.

<sup>49</sup> Neste âmbito, também a *Welsh Historic Gardens Trust* publica uma compilação de jardins e parques abertos ao público denominado *The Guide to the Historic Parks and Gardens of Wales* (informação disponibilizada no endereço eletrónico do CADW, 2016).

<sup>50</sup> A *RHS* foi fundada em 1804 com o objetivo de promover a jardinagem e a horticultura na Grã-Bretanha e Europa. É responsável pela organização de várias exposições florais sendo o *Chelsea Flower Show* a mais importante, e pela abertura de jardins ao público. Oferece cursos para jardineiros e horticultores profissionais e amadores, é responsável por publicações sobre o tema, sendo ainda seu apanágio reconhecer e homenagear personalidades que se destacam no campo da horticultura. Esta sociedade é proprietária de quatro grandes jardins: *Wisley Garden*, *Rosemoor Garden*, *Hyde Hall* e *Harlow Carr*.

A *HHA* surge em 1973 com o objetivo de orientar os proprietários a desenvolverem e preservarem as suas propriedades históricas, realizando um importante trabalho de consultoria e de marketing em seu nome. Representa 1600 propriedades privadas e caridosas (casas históricas, castelos e jardins) no Reino Unido das quais cerca de 500 abrem suas portas aos visitantes que atingem já os 24 milhões. Tem 42 mil *friends*.

A *Plant Heritage*, criada em 1978, tem como premissas incentivar a realização de pesquisas, a propagação e conservação das plantas cultivadas nas Ilhas Britânicas para além de sensibilizar para a educação do público em conservação. Trabalha em colaboração com jardins botânicos, a *National Trust*, a *EH*, a *RHS* entre outros. Todas agregam milhares de membros e *friends* que gozam de uma série de benefícios (informação disponibilizada nos endereços eletrónicos correspondentes, 2016).

regional e local como visitas e passeios a jardins, palestras, encontros e festivais de jardins e flores (Figura III.3).



Fonte: NGS – endereço eletrônico (2016)

Figuras III.1 e III.2: *Yellow Book* 2016 e exemplo de um jardim aberto ao público



Fonte: Endereço eletrônico da RHS, HHA, TGT e PH (2015 e 2016); Foto: Autora (2013)

Figura III.3: Exemplos da atividade destas Organizações

O verdadeiro impulso na visitação de jardins ocorreu devido à implementação de duas políticas que funcionaram em paralelo. A primeira foi a criação da Lotaria Nacional (*National Lottery*), em 1995, pelo governo britânico, com dois beneficiários de particular relevância para os jardins – a *Heritage Lottery Fund* e o *Millennium Commission's Landmark Projects*, que passou assim a financiar os principais jardins botânicos com verbas provenientes da Lotaria Nacional. E a segunda foi a *European Union's Objective One*, um programa de



investimento direcionado para regiões deprimidas economicamente (PENDLEBURY, 1996; MINTER, 2004).

Os projetos mais emblemáticos daí resultantes foram o *Eden Project* (Cornualha), o *Alnwick Garden* (Northumberland) e o *National Botanic Garden of Wales* (Figura III.4). O primeiro e último foram financiados pelo *Millennium Commission*, com verbas da Lotaria Nacional, e funcionam como âncoras do desenvolvimento económico das regiões onde se inserem, constituindo o primeiro o caso de maior sucesso e o último o de maior fracasso (em termos de número de visitantes esperados) (MINTER, 2004; SHARPLEY, 2007). O grande objetivo era a recuperação regional, e foi de facto a chave do sucesso do Projeto *Eden* e do Jardim de *Alnwick* que são vistos mais como projetos de regeneração económica de regiões rurais e deprimidas do que como jardins.



Fonte: Ana Cristina Tavares (2002), *Alnwick Garden* e *Garden of Wales* – endereços eletrónicos (2012)

Figura III.4: *Eden Project*, *Alnwick Garden* e *National Botanic Garden of Wales*<sup>51</sup>

Combinando o investimento do *Millennium Commission's* com o do *European Union's Objective One*, e o investimento do Governo do Reino Unido, o *Eden Project* foi, e continua a ser, o grande motor para a regeneração económica na Cornualha enquanto as indústrias da construção, mineira e pesca estão em declínio, gerando £111 milhões em proveitos diretos (£188 milhões indiretos e induzidos), mais de 400 empregos no local, suportando ainda cerca de 3500 empregos na região. Este jardim, com visitantes de cerca de um milhão, tem sustentado a economia da região e simultaneamente proporciona educação acerca do valor ambiental e sustentabilidade do planeta (MINTER, 2004; SHARPLEY, 2007).

O impacto do *Alnwick Garden* é substancialmente menor, mas não deixa de ser um importante projeto de regeneração regional, para além de um catalisador-chave para o investimento no turismo e na atração turística da região nordeste de Inglaterra, muito ligada ao cinema, particularmente a *Harry Potter* (MINTER, 2004; SHARPLEY, 2007).

<sup>51</sup> Da esquerda para a direita: Vista geral das estufas do *Eden Project*, Grande Cascata no *Alnwick Garden* e Grande Estufa do *Garden of Wales*.

Ainda neste âmbito, não se poderia deixar de referir, na Irlanda, o *The Great Gardens of Ireland Restoration Programme* (Programa de Restauração dos Jardins Históricos da Irlanda), que foi iniciado como parte integrante do Programa Operacional para o Turismo 1994-1999, iniciativa através da qual se começa a perspetivar o território como um destino de jardins e os jardins como recursos importantes para o produto turístico do país, e que tem canalizado verbas para a restauração, conservação e desenvolvimento de jardins de elevado interesse. Numa primeira fase, foi atribuído um montante de £4 milhões para serem gastos no restauro de 30 jardins nesse período de tempo (GORMAN, 1999). Para a 3ª edição do programa (2007/2013) foram disponibilizados €6 milhões para serem investidos na restauração, conservação e desenvolvimento de jardins históricos e outros jardins grandiosos (FI, 2007).

Do exposto se conclui que a Grã-Bretanha/Reino Unido será, talvez, a nação europeia e, quiçá, do mundo, que melhor tem tratado e valorizado os seus jardins pois apresenta uma estrutura em torno dos mesmos bastante bem desenvolvida e consolidada. A tal não estará alheia toda uma tradição secular enraizada nesta cultura que há muito associou os seus jardins históricos ao turismo.

### **3.3.2. O percurso da França e a política a favor dos jardins**

Em França, o reconhecimento do valor patrimonial e a salvaguarda dos jardins históricos foi um processo lento e tardio, mas, segundo RIALLAND (2000, 2003), tem progredido exponencialmente, na medida em que os intervenientes se têm multiplicado assim como as funções e usos destes sítios o que implicou novas exigências, novos meios e, sobretudo, novas restrições. Apesar do aumento de pessoas interessadas em investir nestes espaços, só a partir dos anos 80 se reconhece legitimidade cultural à arte dos jardins, sendo que os parques e jardins históricos constituem um recente domínio do património (basta olhar para o número de jardins protegidos antes e depois da década de 90) tendo sido então objeto de inventários científicos (o primeiro lançado em 1981<sup>52</sup>) e de medidas de proteção jurídica para além do lançamento de ações de sensibilização como a campanha *Visitez un jardin en France* de 1988 a 1996. De acordo com RIALLAND (2003), este reconhecimento, assim como a valorização turística e recreativa, exprimem tanto uma

---

<sup>52</sup> Entre 1981 e 1987 foi realizado um pré-inventário de parques e jardins notáveis pelo Ministério da Cultura em colaboração com as Escolas de Arquitetura com o objetivo de conhecer este tipo de património. Entre 1987 e 1993 foram tomadas medidas de proteção através da classificação de 385 jardins (BLANDIGNERES & RACINE, 2002).

mudança da sociedade como uma restituição das perspetivas sobre a arte dos jardins. Passou-se desta forma de uma origem elitista a um renascimento de cariz popular.

A tomada de consciência coletiva de que o Planeta corria (e corre) perigo, o aumento do interesse público pela temática dos jardins, da horticultura e da paisagem assim como a proliferação de manifestações relacionadas, quer sejam de âmbito mais global como as Jornadas das Plantas Nacionais e Regionais, o Festival *Chaumont-sur-Loire* ou o Evento *Rendez-vous aux Jardins* com um número crescente de participantes, ou de cariz mais localizado como a criação de ateliers de formação, de cursos e estágios de jardinagem, as viagens e excursões especializadas, as discussões sobre o tema, a reconversão de espaços degradados em jardins, as ações de sensibilização sobre a natureza entre outros, ou ainda o aumento do comércio relacionado, a criação de mais de 30 associações regionais de parques e jardins na década de 90, a multiplicação de aberturas de parques e jardins ao público (de 150 em 1991 a 750 em 2000 e mais de 1400 em 2007), são factos que vêm alimentando e consolidando o mercado do turismo de jardins em França (ARAMA-CARREL, 2006). Tendo em conta o longo percurso de regiões/países europeus como a Grã-Bretanha, a Bélgica ou os Países Baixos, esta mudança de atitude em França pode ser considerada uma novidade (DELADERRIÈRE, 2004).

A última década tem sido profícua em matéria de proteção regulamentar e ações de salvaguarda dos parques e jardins históricos franceses, muito embora, se reconheça que o trabalho tenha começado de forma mais premente nos anos 90 com a criação do *Comité des Parcs et Jardins de France (CPJF)* em 1990. Atualmente, a França goza de uma estrutura em torno dos jardins bastante bem desenvolvida, mas sobretudo cooperativa e integrada, quer ao nível das diferentes tutelas e organizações, quer ao nível das escalas territoriais.

Em termos globais, a proteção e salvaguarda dos parques e jardins está assegurada por um conjunto de normas regulamentares destacando-se duas: a Lei dos Monumentos Históricos (de 1913) e a Lei sobre os Sítios (de 1930)<sup>53</sup>. Cada uma delas comporta dois níveis de proteção: a classificação e a inscrição. Desta forma, os parques e jardins, que sejam de interesse histórico ou artístico, podem beneficiar da proteção de monumento histórico (Código do Património, Livro VI, títulos I e II) (Figura III.5), e reclamar ainda proteção enquanto Sítios, no âmbito do Código do Ambiente (Livro III, título IV), uma vez que constituem parte integrante e importante de uma paisagem notável (sob tutela do Ministério

---

<sup>53</sup> Ambas as leis já foram alvo de várias modificações, acrescentos e consolidações no decorrer dos anos.

da Ecologia, Energia, Desenvolvimento Sustentável e do Ordenamento do Território), conforme refere RIALLAND (2000).

Este tipo de proteção confere ao monumento (no caso dos parques e jardins) e ao seu proprietário um conjunto de prerrogativas importantes nomeadamente o reconhecimento do seu interesse, estando desde logo inerentes um conjunto de incentivos efetivos para a conservação e restauração, contribuições/apoios financeiros do Estado, aos quais se podem adicionar os das autoridades locais, e também apoio técnico e científico dos serviços patrimoniais da *Direction Régionale des Affaires Culturelles (DRAC)* e de profissionais especializados em matéria de monumentos antigos, estando ainda sujeitos ao rigoroso controlo por parte do Estado em matéria de restauração ou de qualquer intervenção feita no jardins, beneficiando ainda de deduções fiscais, caso o jardim esteja aberto ao público.

Sob a chancela dos Monumentos Históricos, no final de 2014, estava um total de 2333 jardins franceses protegidos (+6,4% relativamente a 2010), dos quais 610 classificados e 1723 inscritos (1812 privados, 470 públicos e 56 público-privados), uma média de 90 jardins por Região<sup>54</sup>, a grande maioria a partir de 1990 (670 parques e jardins protegidos) (MCC, 2014), justamente porque os parques e jardins passaram a ser reconhecidos como elementos individuais e não somente como espaços complementares de um edifício inscrito ou classificado (CPJF, 2004).

As instituições também são parte importante e ativa no que diz respeito à proteção e às ações de salvaguarda dos parques e jardins históricos franceses, um trabalho que começou de forma mais premente na última década do século XX com a criação do já referido CPJF em 1990. Já no início do século XXI, em 2003, no seio do Ministério da Agricultura, foi criado o *Conseil National des Parcs et Jardins (CNPJ)*, que reúne um conjunto abrangente de entidades<sup>55</sup>, cujos objetivos se prendem, de uma forma geral, com o apoio ao Ministério nos

---

<sup>54</sup> A distribuição dos jardins protegidos por região está feita da seguinte maneira: *Alsace* – 35; *Aquitaine* – 113; *Auvergne* – 158; *Bourgogne* – 122; *Bretagne* – 127; *Centre* – 138; *Champagne-Ardenne* – 47; *Corse* – 3; *Franche-Comté* – 91; *Guadeloupe* – 8; *Guyane* – 7; *Île-de-France* – 226; *Languedoc-Roussillon* – 91; *Limousin* – 30; *Lorraine* – 87; *Martinique* – 10; *Midi-Pyrénées* – 78; *Nord-Pas-de-Calais* – 56; *Basse-Normandie* – 123; *Haute-Normandie* – 96; *Pays-de-la-Loire* – 135; *Picardie* – 96; *Poitou-Charentes* – 88; *Provence-Alpes-Côte d'Azur* – 195; *Rhône-Alpes* – 137; *Réunion* – 35 (MCC, 2014).

<sup>55</sup> Decreto n.º 2003-447 de 19 de maio de 2003. No mesmo decreto é definido que o Conselho Nacional de Parques e Jardins inclui, para além do seu presidente, nomeado por despacho do Ministro da Cultura: 8 representantes do Ministério da Cultura (o Diretor Geral do Património, o Diretor Geral de Criação Artística, o Presidente do Centro dos Monumentos Nacionais, um Diretor Regional dos Assuntos Culturais, um conservador regional de monumentos históricos, um jardineiro-chefe de âmbito nacional, um arquiteto-chefe dos monumentos históricos, um arquiteto, ou um representante de cada um deles), 3 representantes designados respetivamente pelo Ministério da Agricultura, da Ecologia e do Turismo, 3 representantes dos governos locais (um prefeito nomeado pelo Presidente da Associação dos Prefeitos de França, um presidente do conselho geral nomeado pelo presidente da Assembleia Geral dos Departamentos de França, um presidente do conselho

domínios do conhecimento, proteção, preservação, manutenção, restauração, promoção, criação e valorização de parques e jardins de França de grande valor patrimonial, através de diversas ações e atividades. Para além disso, contribuí para a concertação entre os poderes públicos, os proprietários e os gestores dos parques e jardins, de carácter público e privado (MCC, 2003).

Mais recentemente, em 2008, sob égide da Fundação do Património, foi criada pelo CPJF, a *Fondation des Parcs et Jardins de France*<sup>56</sup>, cujos objetivos vão igualmente ao encontro dos atrás referidos com ênfase na valorização e promoção da arte dos jardins como uma arte maior, na preservação e desenvolvimento dos mesmos assim como na sua divulgação em França e no Mundo, sem contudo pretender ser proprietária (WIRTH, 2009).

À parte destas, existem outras associações não governamentais que desempenham um papel importante na salvaguarda do património paisagístico como *La Demeure Historique* ou a *Association pour l'Art des Paysages et des Jardins*, e também associações de nível regional que têm um papel mais local na defesa, salvaguarda e valorização dos parques e jardins, constituindo elementos fundamentais na rede, estabelecendo a ponte entre os proprietários locais e as instituições centrais.

A campanha *Visitez un jardin en France*, levada a cabo entre 1988 e 1996, constituiu uma das mais importantes ações de sensibilização e de incitação à valorização dos jardins na altura (RIALLAND, 2000) e precedeu a *politique en faveur des parcs et jardins* (política a favor dos parques e jardins), implementada pelo Ministério da Cultura e da Comunicação, comandada pela Direção Geral dos Patrimónios e envolvendo ainda as *DRAC*, num evidente esforço coletivo, que foi institucionalizada em 2003 por ocasião da primeira edição do evento *Rendez-vous aux Jardins*, e ampliada e consolidada aquando da criação da distinção *Jardin Remarquable* em 2004 (Figura III.5).

Esta política articula-se em torno de um conjunto de eixos fundamentais ao nível da proteção dos parques e jardins como monumentos históricos através do registo, da classificação e do estabelecimento das respetivas áreas de proteção, no sentido de recuperar o atraso neste domínio, uma vez que os jardins protegidos, à época, representavam apenas 4%

---

regional, nomeado pelo Presidente da Associação das Regiões de França), 6 representantes de associações, escolhidos em função dos seus conhecimentos no âmbito dos parques e jardins, 8 personalidades qualificadas, escolhidas em função dos seus conhecimentos no âmbito dos parques e jardins. Este Conselho tem a obrigatoriedade de reunir pelo menos uma vez por ano.

<sup>56</sup> A esta Fundação estão afetas outras ações nomeadamente a instituição da bolsa de estudos anual de 10.000€, a Bolsa *Michel Baridon*, a realização de filmes, a edição de livros e organização de Ciclos de Debate sobre o tema, a criação de um Centro e de uma Associação Internacional (*Parcs et Jardins d'Europe*), entre as principais (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Fondation des Parcs et Jardins de France*, 2015).

(1600) do total de monumentos protegidos, tendo sido a maior parte (900) depois de 1990; do restauro, manutenção e valorização dos jardins históricos protegidos enquanto monumentos históricos; do desenvolvimento e implementação de planos de gestão a nível estatal e privado; da formação de profissionais (jardineiros e arquitetos paisagistas) competentes, e as ações de valorização e promoção como o evento anual *Rendez-vous aux Jardins* ou a atribuição da distinção de *Jardin Remarquable*. Desta política constam ainda o recenseamento de parques e jardins de interesse particular de cada região (protegidos ou não) que estivessem em estado de degradação e que merecessem uma intervenção do Estado, para além do encorajamento à criação de novos jardins contemporâneos, tendo estado previstos 10 (MCC, 2004).



Fonte: MCC – endereço eletrónico (2012 e 2016)

Figura III.5: Iniciativas de salvaguarda e valorização dos jardins franceses<sup>57</sup>

O evento *Rendez-vous aux Jardins*<sup>58</sup> tem como principal objetivo demonstrar aos visitantes a importância e a complexidade das intervenções necessárias, não somente para o conhecimento, proteção, conservação, preservação, manutenção, restauração e criação de jardins, mas também para a transmissão de *know-how*, a formação de profissionais, enquanto lhes é proporcionado também o aumento dos seus conhecimentos sobre a sua dimensão cultural. Esta manifestação materializada numa abertura massiva de parques e jardins realiza-se sob um tema em que os proprietários ou gestores têm como missão organizar e disponibilizar um conjunto de animações específicas como visitas guiadas, concertos, demonstrações de *savoir-faire*, ateliers para as crianças, exposições, conferências, jogos e concursos ou aberturas até ao crepúsculo. Nas últimas edições, cerca de 1,8 milhões de

<sup>57</sup> Da esquerda para a direita: logotipo *Monument Historique*, cartaz publicitário do evento *Rendez-vous aux Jardins* e logotipo *Jardin Remarquable*.

<sup>58</sup> O evento *Rendez-vous aux Jardins* foi criado em 2003 pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e é organizado por este, pela Direção Geral dos Patrimónios e pelas DRAC em estreita colaboração com o *Comité de Parcs et Jardins de France*, a *Demeure Historique*, a *Vieilles Maisons Françaises* e o *Centre des Monuments Nationaux* (informação disponibilizada no endereço eletrónico do evento, 2012).

visitantes tiveram a oportunidade de descobrir e usufruir de um número record de jardins públicos e privados, quase 2300.

O dístico *Jardin Remarquable* (Figura III.5) foi criado em 2004 pelo Ministério da Cultura e Comunicação<sup>59</sup>, por proposta do *CNPJ*, como o culminar do trabalho de uma década em matéria de proteção regulamentar dos parques e jardins franceses, e tem como objetivos diferenciar e mostrar a qualidade excepcional de alguns jardins assim como os esforços para a sua apresentação e o bom acolhimento por parte do público. Esta distinção pode ser atribuída aos jardins protegidos, ou não, ao abrigo da chancela dos Monumentos Históricos.

Este título é atribuído por decisão do Presidente (Prefeito) da Região (*DRAC*), após análise da candidatura<sup>60</sup> apresentada pelo grupo de trabalho regional<sup>61</sup> composto por um vasto conjunto de individualidades dos mais variados quadrantes, o que atesta a importância desta certificação, por um período de 5 anos (renovável a cada 5 anos, podendo os jardins perder esta distinção caso não cumpram os requisitos) aos parques e jardins abertos ao público que apresentem um grande interesse cultural, histórico, estético ou botânico e cujo enfoque não seja essencialmente comercial. A certificação materializa-se na presença de uma placa com o

---

<sup>59</sup> Através da Circular n.º 2004/003 de 17 de fevereiro de 2004 (com alterações introduzidas pela Circular n.º 2008/011 de 29 de outubro ao nível dos critérios da atribuição da certificação de *Jardin Remarquable*).

<sup>60</sup> A candidatura apresentada pelos jardins para obtenção ou renovação da distinção de *Jardin Remarquable* deverá ser composta por um conjunto de elementos, nomeadamente: o plano de situação e o plano do jardim; a lista de elementos notáveis e dos elementos vegetais notáveis; um histórico e um descritivo; todos os elementos de informação relativos ao modo de gestão do jardim (meios humanos, organização, onde é tida em conta a qualidade ambiental); a lista da documentação colocada à disposição do público, assim como as atividades de animação dirigidas aos jovens; um dossier com um mínimo de 5 imagens; um documento escrito onde se compromete a abrir o jardim ao público pelo menos 50 dias entre 1 de janeiro e 31 de dezembro, ou 30 dias incluindo pelo menos 5 domingos entre 1 de janeiro e 30 de setembro, especificando os períodos efetivos de abertura que deverão estar afixados à entrada do jardim; os parques e jardins abertos à visita no evento *Rendez-vous aux Jardins* são elegíveis para obtenção do certificado, os períodos de abertura deverão estar claramente anunciados em todos os documentos de informação difundidos assim como à entrada no jardim; um compromisso escrito de participação nas operações nacionais organizadas pelo Ministério da Cultura no âmbito dos jardins e do património (*MCC*, 2008).

<sup>61</sup> A atribuição da certificação *Jardin Remarquable* passa por uma avaliação das candidaturas no denominado grupo de trabalho regional, que deverá reunir no mínimo uma vez por ano. Este inclui o diretor regional dos assuntos culturais (o presidente ou o seu representante), o correspondente dos jardins ou a pessoa encarregue dos dossiers relativos aos jardins na *DRAC*, um representante do Ministério do Ambiente, um representante do Ministério do Turismo, um representante do Conselho Regional para além de um conjunto de membros nomeados por um período de 5 anos mormente um representante de um *Conseil d'Architecture, d'Urbanisme et de l'Environnement* da região, um arquiteto da região, um representante da Associação Francesa dos Diretores dos Jardins e Espaços Verdes Públicos, dois representantes de associações de parques e jardins da região e duas personalidades qualificadas no âmbito dos jardins.

A candidatura é avaliada consoante um conjunto de critérios com pontuações diferentes. O grupo de trabalho regional avalia assim: a composição (organização dos espaços, estética do espaço – 15), integração e inserção na paisagem (15), elementos notáveis (água, fábricas, arquiteturas vegetais,... – 15), interesse botânico (15), interesse histórico (15), comunicação, pedagogia e documentação (10) e manutenção e plano de gestão e respeito pelo ambiente (15). Para a atribuição da certificação a candidatura deverá obter uma pontuação de 60 ou mais, embora existam exceções relativas à aplicação dos critérios interesse botânico e histórico (*MCC*, 2008).

logo de *Jardin Remarquable* informando os visitantes que determinado parque ou jardim detém qualidades reconhecidas oficialmente. Os critérios de seleção de um jardim notável prendem-se essencialmente com a arte do jardim, mormente a composição, o interesse botânico, a qualidade da manutenção a que se junta a qualidade e a integração e ligação do mesmo com o ambiente e paisagem envolvente. Estes atributos devem ser conjugados com uma manutenção exemplar, amiga do ambiente, bem como um acolhimento atento ao visitante.

A esta certificação está subjacente um conjunto de vantagens/benefícios, nomeadamente: a promoção dos jardins citados nos documentos difundidos pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e pela Direção Regional dos Assuntos Culturais; a possibilidade de obtenção de uma sinalização específica para as estradas e autoestradas com o logo *Jardin Remarquable* assim como de obter benefícios fiscais (previstos no artigo 41H do anexo III do código geral dos impostos, se o jardim for aberto segundo as condições estabelecidas pelo Decreto de 1 de março de 1996, relativo aos benefícios fiscais), poderão também figurar nos documentos de urbanismo e beneficiar de uma certa proteção e ainda do apoio do Conselho Nacional dos Parques e Jardins, do Comité dos Parques e Jardins de França e da Associação Regional no que diz respeito ao financiamento europeu, nacional ou regional ou patrocínios orientados para os parques e jardins (WIRTH & GUÉROULT, 2004; MCC, 2008)

Estes benefícios não estão apartados de um conjunto de deveres, onde os proprietários se comprometem a manter aberto ao público o jardim por um período de 5 anos tendo em conta as condições estabelecidas por forma a beneficiar de contrapartidas fiscais, a disporem de um programa de entretenimento regular, de participarem pelo menos numa ação anual nacional (*Rendez-vous aux Jardins* ou *Les Journées du Patrimoine*) e ainda a disponibilizarem ao visitante informação que lhe permita guiar-se pelo jardim (WIRTH & GUÉROULT, 2004).

À data de 31 de janeiro de 2016, atestando a qualidade, diversidade e riqueza, estavam certificados como *Jardin Remarquable* 419 jardins e parques franceses<sup>62</sup> (74% privados e 26% de cariz público) (MCC, 2016), um aumento de cerca de 165% face ao número de jardins com este dístico em 2004 (158). A Figura III.6 mostra dois exemplos de jardins franceses que detêm esta distinção.

---

<sup>62</sup> A distribuição dos jardins certificados por região, a 31 de janeiro de 2016, está feita da seguinte maneira: Alsace – 15; Aquitaine – 32; Auvergne – 9; Bourgogne – 20; Bretagne – 22; Centre – 29; Champagne-Ardenne – 16; Corse – 2; Franche-Comté – 12; Île-de-France – 31; Languedoc-Roussillon – 15; Limousin – 4; Lorraine – 16; Midi-Pyrénées – 17; Nord-Pas-de-Calais – 8; Basse-Normandie – 21; Haute-Normandie – 20; Pays-de-la-Loire – 18; Picardie – 19; Poitou-Charentes – 18; Provence-Alpes-Côte d’Azur – 45; Rhône-Alpes – 21; Guadeloupe – 5; Martinique – 4 (MCC, 2016).





Fonte: Carla Ferreira (2015)

Figura III.6: Jardins Notáveis em França – *Jardin Public de Bordeaux* e *Parc Bordelais*

Estes números atestam o processo contínuo e coletivo no que diz respeito à política a favor dos jardins, estabelecida há mais de uma década e que em muito determinou a posição cimeira da França enquanto *garden destiny* não só europeu mas também mundial com números de visitantes anuais, tanto dos jardins como dos eventos relacionados, a cifrarem-se na ordem dos 25 milhões.

Paralelamente a estas ações, há que fazer uma referência à iniciativa *Adoptez un jardin*, lançada em 1996 pelo Ministério da Cultura e Comunicação em parceria com os Ministérios da Educação, Ambiente e Agricultura. Esta operação consiste na adoção de um jardim por parte de alunos de uma turma da escola primária, faculdade ou instituição de ensino agrícola e visa sensibilizar o público escolar para a arte e história dos jardins e a consciencialização para os temas da paisagem, ambiente e da vida em geral. Desenvolvido ao longo de um ano escolar, este projeto consiste numa série de visitas planeadas ao jardim pelo professor, em colaboração com a equipa de supervisão do jardim selecionado, onde, através de uma abordagem pluridisciplinar, os alunos são levados a abordar a história, arquitetura, composição para melhor compreenderem o interesse social, ambiental, paisagístico e cultural destes espaços (MCC, 2012).

### 3.3.3. Outros casos europeus

Um pouco por toda a Europa, de forma global ou territorializada, outras iniciativas vêm acontecendo e merecem uma menção.

Recuando ao início da década de 90 do século passado, 1993 foi o Ano Europeu do Jardim e foram parcialmente subsidiados vários projetos de conservação e/ou restauro de jardins/sítios históricos na Europa, entre os quais figurava o Jardim Botânico da Ajuda (LIMA, 2005). Já neste século, 2006 foi o Ano do Jardim na Suíça (HAGER, 2006).

Em termos regionais, veja-se o caso de Espanha, o segundo destino turístico europeu, onde cerca de 100 jardins e jardins botânicos com valor artístico, histórico ou antropológico estão declarados como Bem de Interesse Cultural (BIC), ao abrigo da Lei 16/1985, de 25 de junho que rege o Património Histórico Espanhol. Privilégios fiscais, ajudas para a sua manutenção ou restauração assim como a obrigação de facilitar a visita ao público alguns dias durante o mês constituem algumas das consequências de ser declarado BIC. Em termos associativos, a *Asociación Española de Parques y Jardines Públicos (AEPJP)* tem um papel bastante ativo no âmbito da jardinagem pública e privada, distingue a investigação e divulgação realizada no setor e ainda trabalhos de criação ou recuperação/melhoria de espaços verdes das cidades através de prémios (ex.: Prémio *AEPJP*, Prémio *Alhambra*) (SILVA, 2014c).

Em Itália, terceiro destino turístico europeu, o artigo 5-bis (*Immobili con destinazione ad usi culturali*) do Decreto Presidencial n.º 601/1973 concede isenção fiscal limitada aos jardins abertos ao público ou reconhecidos de interesse público pelo Ministério do Património Cultural: “(...) *Non concorrono altresì' alla formazione dei redditi anzidetti, ai fini delle relative imposte, i redditi catastali dei terreni, parchi e giardini che siano aperti al pubblico o la cui conservazione sia riconosciuta dal Ministero per i beni culturali e ambientali di pubblico interesse (...)*”<sup>63</sup>. A situação de Itália no que diz respeito a este património é, neste momento, bastante delicada. Um quadro em muito semelhante ao que ocorre em Portugal. Todavia, a *Associazione Parchi e Giardini d'Italia* tem trabalhado no sentido de preencher lacunas normativas e promover iniciativas legislativas destinadas a melhorar a proteção e gestão dos parques e jardins e ainda na identificação de mecanismos de isenção fiscal que facilitem o investimento e as atividades de manutenção realizadas nos parques e jardins históricos, públicos e privados. Destaque ainda para a rede *Grandi Giardini*

---

<sup>63</sup> “(...) Estão isentos de contribuição para a formação do lucro acima mencionado, para efeitos de impostos, rendimentos de terrenos, parques e jardins que estão abertos ao público ou cuja conservação seja reconhecida pelo Ministério do Património Cultural e Ambiental de interesse público (...)”.

*Italiani* que distingue anualmente os jardins que evidenciam um alto nível de manutenção, reconhecendo e certificando o empenho e profissionalismo dos proprietários e jardineiros na sua constante melhoria, através do *Premio Grandi Giardini Italiani* (SILVA, 2014c). No momento esta rede reúne mais de 100 jardins (GGI, 2016)<sup>64</sup>.

Na Bélgica, através da *l'asbl Jardins Ouverts de Belgique*, é também publicada a *Agenda Annuel des Jardins Ouverts de Belgique* há já 20 anos. Nela figuram jardins privados, que abrem os seus “portões” de abril a novembro, num espírito de descoberta e convívio à semelhança do *NGS* inglês, com variada informação útil sobre a visita. A edição de 2016 traz mais de 200 jardins e parques (JOB, 2016)<sup>65</sup>.

Em suma, em todos estes países, os jardins que revelem um interesse/valor histórico/cultural, económico e ecológico são suscetíveis de uma distinção no âmbito de um enquadramento legal e os proprietários beneficiam de incentivos fiscais para organização e promoção dos seus jardins, desde que permitam a sua visita, pelo menos alguns dias por ano. Para além das diversas manifestações e iniciativas que mobilizam os países para visitar os jardins, há ainda que destacar, em particular na Grã-Bretanha e França, uma estrutura associativa bem desenvolvida composta por uma rede de organizações (associações, comités, entre outras), de cariz nacional, regional e local, que coordenam e auxiliam os proprietários de jardins, que delas dependem e com elas podem contar.

### **3.4. A salvaguarda dos jardins históricos pelo turismo. Paradoxo ou uma questão de equilíbrio?**

Os jardins constituem o tipo de património cultural e paisagístico mais delicado e mais vulnerável (CALDEIRA CABRAL, 1993; ESTADÃO, 2006), já que são monumentos vivos perecíveis ao tempo, mas sobretudo ao seu uso, em particular se este for desregrado ou conflituoso e pautado por premissas que não respeitem a essência do jardim e não assentem no conceito de sustentabilidade.

Esta sua fragilidade configura um constrangimento que corporiza a dificuldade sentida na discussão desta questão, já que este tipo de paisagem é necessariamente palco de conflitos vários devido não só à diversidade de jardins existentes que atraem diferentes públicos e

---

<sup>64</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Grandi Giardini Italiani* (2016).

<sup>65</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Jardins Ouverts de Belgique a.s.b.l* (2016).

induzem a experiências diversas, por vezes até mesmo antagónicas, à primeira vista<sup>66</sup>, como também ao seu intrínseco carácter paradoxal. RIALLAND (2000) chama a atenção para isso mesmo quando coloca a questão – Como salvaguardar de forma durável um património necessariamente frágil e efémero? E, esta tendência óbvia e simplista, de quem sobre estes assuntos se debruça e decide, de projetar na atividade turística a solução para muitos espaços e/ou territórios, leva-nos a acrescentar – Como é que essa salvaguarda pode passar, entre outras, pelo turismo se esta atividade é das mais consumidoras e, não raras vezes, destruidoras de espaços? Neste sentido, COSTA, FORTES e GONÇALVES (1990) sublinham o possível carácter antagónico do turismo que balança entre a salvaguarda e a destruição. Esta preocupação não é recente e vem, de forma crescente, tomando forma na atualidade.

Os jardins históricos são locais cada vez mais atrativos à visita e, como tal, impedir o público de ter acesso a esta singular arte, configurada num património único, seria privar este mesmo público de contactar, vivenciar e experienciar um conjunto de traços e testemunhos culturais de cada região, país, no fundo, de cada cultura. Um posição que, de resto, vai ao encontro da filosofia preconizada na *Carta de Florença* (artigo 18º) não se demarcando, contudo, de advertir que esse acesso tem que ser revestido de cuidados e restrições ao seu uso “*While any historic garden is designed to be seen and walked about in, access to it must be restricted to the extent demanded by its size and vulnerability, so that its physical fabric and cultural message may be preserved*” (ICOMOS,1982: 3).

Desta forma, se na sua génese o jardim histórico foi configurado para ser usado, apreciado, vivenciado e experienciado, por outro lado a sua abertura ao público para um uso tendencialmente mais turístico é uma operação delicada e, se não for convenientemente planeada, implica riscos, alguns deles irreparáveis a médio/longo prazo, podendo arruinar por completo o objetivo inicial. RIALLAND (2003) chama mesmo a atenção para a multiplicidade de conversões destes espaços feitas de forma rápida e muitas vezes destrutiva. A saturação do espaço e conseqüente degradação do jardim são os riscos mais imediatos, mas as conseqüências podem prolongar-se no tempo até à descaracterização e perda da essência e identidade do jardim. Muitos visitantes implicam necessidade de espaço e, se os espaços configurados para acolher os visitantes não são suficientes, verifica-se uma apropriação de

---

<sup>66</sup> A este respeito concreto veja-se o caso dos jardins que rodeiam templos ou santuários onde no espaço sagrado coabitam dois tipos de visitantes e práticas diferentes: os peregrinos e os turistas. O *Taj Mahal* talvez seja o exemplo mais conhecido desta dualidade de perspetivas e usos, uma situação que, a nível nacional, terá, eventualmente, tradução no Bom Jesus do Monte. GATRELL e COLLINS-KREINER (2006) apresentam o caso de *Bahá’i Gardens* em *Haifa* (Israel), espaços multidimensionais caracterizados por dois diferentes processos socio espaciais e práticas que coexistem. O jardim transforma-se em espaço de negociação e de partilha onde é promovido o seu uso dual e a construção de duas experiências diferentes. Turistas e peregrinos negociam um espaço partilhado e o conflito é evitado separando as práticas e atividades de cada um dos grupos de visitantes.

outros que são “subtraídos” ao jardim propriamente dito, e uma ocupação de espaços não concebidos para tal. O elevado fluxo de pessoas degrada infraestruturas, nomeadamente trilhos, caminhos e a própria vegetação por força da inerente curiosidade humana, que não se fica pelo olhar, mas se estende ao toque e muitas vezes à extração. A casa de campo de Winston Churchill (*Chartwell*) constitui um dos exemplos de sobrelotação de visitantes com consequências para a estrutura do jardim, onde a certa altura quase todos os caminhos e grandes extensões de relvados se tinham transformado em autênticos atoleiros (BENFIELD, 2001).

A ocorrência destas situações obriga a repensar toda a estrutura e condições para essa abertura ao público como foi o caso de alguns jardins geridos pelo *National Trust* como *Sissinghurst Castle Gardens* e *Alnwick Garden* (Inglaterra). O inesperado e exponencial aumento de visitantes colocou em risco a sustentabilidade do próprio espaço, tendo levado os proprietários a implementarem sistemas de controlo de visitantes, nomeadamente o *timed entry system* em *Sissinghurst* e o sistema de *time-ticketing* em *Alnwick* (BENFIELD, 2001; SHARPLEY, 2007)<sup>67</sup>.

Os jardins históricos *El-Goli* (Tabriz – Irão) e *Różanka* (Szczecin – Polónia) constituem mais dois exemplos em que a sobrelotação de visitantes está a colocar em causa não só o seu valor histórico, incorrendo numa redução e/ou eventual perda, como constitui uma séria ameaça à sua própria sobrevivência (destruição dos elementos/características naturais) (CZAŁCZYŃSKA-PODOLSKA, 2014; POUYA *et al.*, 2015)<sup>68</sup>. Todavia, ao

---

<sup>67</sup> Nas décadas de 80/90 as iniciativas do *National Trust* foram muito bem sucedidas provando que um melhor acolhimento aos visitantes aumenta o número de visitas, de tal forma que estas, a certa altura, tiveram de ser controladas, pois em alguns jardins mais frágeis foi ultrapassada a sua capacidade de carga. Vítimas do seu próprio sucesso, o problema foi contornado através da diminuição das horas de abertura, do estacionamento e dos equipamentos (SALES, 1998, citada em SILVA, 1998). *Sissinghurst Castle Gardens* e *Alnwick Garden* foram dois dos jardins que enfrentaram problemas de sustentabilidade devido ao grande aumento de visitantes. O primeiro viu o seu número de visitantes passar dos 28 mil, registados na era da gestão privada, para cerca de 70 mil no final da década de 60 e quase 170 mil no alvorecer da década de 90, quando gerido pelo *National Trust* que, alertado para os riscos que corria, colocou em ação a primeira tentativa de gerir o fluxo de visitantes com a implantação de uma câmara que monitorava e contava o número de pessoas que entravam, e cujo limite do jardim foi fixado nas 400 por dia. A estratégia não resultou e em 1992 o *timed entry system* pareceu ser a melhor solução a adotar. Desta forma, se a lotação do jardim não tivesse sido alcançada os visitantes poderiam entrar imediatamente mas, se assim não fosse, teriam que esperar até que lhe fosse dada autorização para entrar (BENFIELD, 2001). Já relativamente a *Alnwick Garden*, os bons resultados das obras de qualificação e recuperação do jardim, acrescidos da repercussão trazida pelas filmagens dos filmes da saga *Harry Potter* no local, originaram uma procura pelo castelo e jardins sem precedentes. No início do novo milénio, os 67 mil visitantes esperados para o jardim rapidamente foram suplantados atingindo os 300 mil em 2002 e no ano seguinte aproximadamente 570 mil. Um aumento de tal ordem que, a certa altura, foi necessário introduzir o sistema de *time-ticketing* para controlar o número de visitantes (SHARPLEY, 2007).

<sup>68</sup> No caso do *El-Goli*, o exponencial desenvolvimento da cidade nos últimos anos e a conseqüente pressão e necessidade de espaços verdes e áreas de lazer para os cidadãos trouxeram alterações significativas para este jardim histórico, o único que resta na cidade para cerca de 1,5 milhões de habitantes, que se tornou num passeio

contrário dos casos anteriores em que se procedeu a uma avaliação da situação e a uma posterior atuação no sentido de minimizar/suprimir os efeitos nefastos do excessivo quantitativo de visitantes, aqui tarda a implementação de uma estratégia de controlo de visitantes.

Na opinião de ALMEIDA (2003), a atividade turística como meio de divulgação do património e fator de desenvolvimento económico pode constituir um importante contributo para a salvaguarda dos jardins históricos. Porém, tal não pode inviabilizar o estabelecimento de um compromisso entre os interesses inerentes ao fenómeno turístico e a manutenção dos valores fundamentais associados aos jardins históricos. Desta forma, de acordo com COSTA *et al.* (1990: 160), “Para que a utilização pelo turismo dos jardins e sítios históricos resulte num benefício para ambos é necessário que exista um compromisso entre o que o património pode oferecer e o que o turista procura; neste sentido é sempre necessária uma intervenção de qualidade”, levando ainda os autores a lembrar que não será sensato adaptar os jardins e sítios históricos às necessidades de recreio ativo da sociedade atual, se isso implicar a sua descaracterização.

ALMEIDA (2003) esclarece ainda que a determinação do limite de visitantes de um jardim histórico não se poderá basear em critérios de carácter geral, sendo indispensável acrescentar observações e julgamentos acerca do impacto dos visitantes nos seus valores culturais, históricos e ecológicos, ao nível de cada jardim. De acordo com o que foi estudado e confirmado no caso francês, a cada jardim corresponde um número ótimo de visitantes (BLANDIGNERES & RACINE, 2002) e “Uma política de gestão da paisagem restritiva, que entre outras coisas mantenha um número de visitantes razoável, juntamente com um turismo bem planeado, pode de facto salvaguardar a qualidade da paisagem histórica e, simultaneamente, manter o seu valor histórico” (ANAGNOSTOPOULOS, 1990, citado em

---

público e parque com novas funções e usos. A perda do valor histórico com a transformação em parque e a sobrelotação imposta pelo conseqüente aumento do número de visitantes do jardim, domésticos e estrangeiros, constituem alguns dos grandes riscos e ameaças identificados por POUYA *et al.* (2015). Estes vaticinam mesmo que a visita descontrolada e o excessivo uso irá perpetuar não só a degradação do próprio jardim histórico, que de resto já se vem verificando, como também terá conseqüências ao nível da saúde social nomeadamente no aumento do stress, irritação e outras atitudes que comprometerão a experiência de visita ao jardim, que se espera que seja uma experiência pacífica. Na perspetiva dos autores, o desenvolvimento de uma política e estratégia específica para a gestão e conservação dos atributos físicos do jardim mormente uma legislação adequada sobre a proteção do jardim a nível municipal, uma especial atenção sobre a parte mais antiga, sobre a expansão do jardim e o que são os níveis aceitável de alteração, e ainda o desenvolvimento de estratégias direcionadas para o público limitando/esclarecendo o que podem fazer e em que áreas do jardim, retirando desta forma pressão sobre a área mais histórica, constituem algumas das soluções que poderão proteger este jardim do seu próprio sucesso. Em relação ao *Rózanka* (rosário), CZALCZYŃSKA-PODOLSKA (2014) alerta para o facto de que um excessivo número de atrações turísticas, essencialmente concentradas numa determinada época do ano, geram um excesso de usuários com um diversificado espectro de necessidades e expectativas, o que, combinado com a falta de alguns equipamentos de resposta, poderá contribuir para a degradação do jardim, ao nível do seu carácter histórico e ao nível físico.

ALMEIDA, 2003: 21). Pois, conforme COSTA *et al.* (1990) chamam a atenção, neste tipo de jardins mais facilmente se excede a capacidade de carga psicológica do que propriamente a capacidade física.

Desta forma, esta atratividade crescente dos jardins faz com que mais do que fazer sentido, seja indispensável a aposta no planeamento e medidas de gestão efetivas e adequadas às necessidades e particularidades de cada espaço como sendo as grandes armas dos proprietários dos jardins históricos para uma gestão e uso dos jardins de forma sustentável e sustentada. A atividade turística deve ser considerada como um meio de salvaguarda dos jardins e não como o motivo da destruição dos mesmos, seja pela distorção da imagem histórica, seja pela deterioração dos próprios elementos físicos.

A salvaguarda dos jardins através do turismo, embora seja um paradoxo à primeira vista impregnado de um sentimento contraditório e até mesmo incompatível, será no fundo uma questão de equilíbrio e bom senso que requer, acima de tudo, um planeamento estratégico a montante que seja sustentado e sustentável<sup>69</sup>.

### 3.5. A *European Garden Heritage Network (EGHN)*

A Rede Europeia dos Jardins Históricos foi criada no âmbito do programa INTERREG IIIB NWE (*NorthWest Europe*) por um conjunto de onze parceiros da Alemanha, Inglaterra e França, aos quais se juntaram posteriormente mais parceiros<sup>70</sup> e, no final de 2013, a *EGHN* incluía mais de 150 parques e jardins de dez países europeus (França, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Holanda, Itália, Suécia, Dinamarca, Irlanda, Áustria, Polónia e Portugal) representados por órgãos locais ou regionais (ex.: Câmaras Municipais), associações e agências responsáveis pela proteção do património, turismo ou desenvolvimento económico e

---

<sup>69</sup> A questão da sustentabilidade e responsabilidade no turismo de jardins será explorada de forma mais aprofundada no ponto 5.5. do capítulo V).

<sup>70</sup> Todo o trabalho e atividades desenvolvidas pela *EGHN* são baseados no conhecimento profundo de cada parceiro. Para a integração na rede foram estabelecidos critérios que continuam a vigorar: valor patrimonial ou artístico do jardim, serviços disponíveis aos visitantes, acessibilidade, cooperação com outros sítios, entidades locais ou empresas, inclusão numa rede já existente. O objetivo era identificar os melhores sítios em cada região e não estabelecer comparações ou estabelecer qualquer tipo de ranking. Qualquer parque ou jardim que esteja interessado em fazer parte desta rede terá que formalizar a sua candidatura à *Schloss Dyck Foundation*, enviar documentação adicional sobre o jardim e fotos para uma avaliação preliminar, à qual se junta a avaliação de um perito externo e uma possível visita ao jardim. A decisão final cabe ao conselho consultivo da *EGHN* composto por todas as regiões parceiras (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *EGHN*, 2015).

pelos próprios parques e jardins de forma individual. Cada parceiro regional trabalha com um jardim âncora<sup>71</sup> bem como com uma rede mais vasta de parques e jardins em cada região.

Este projeto foi criado com o objetivo dos parceiros trabalharem em conjunto sobre políticas e medidas para melhorar o quadro, as condições e apoio para a gestão e valorização desses parques e jardins por forma a atraírem mais visitantes e ainda demonstrar como e porquê é importante incluir estes espaços nas políticas de desenvolvimento regional, do turismo e do património. Nesta sequência, foram definidas e introduzidas uma série de ações/medidas para melhorar a forma como esses parques e jardins eram comercializados e como eram desenvolvidos projetos inovadores com vista não só a suscitar maior interesse neles mas também para alterar a maneira como se olhava para os parques e jardins e para o papel que podiam desempenhar no desenvolvimento sustentável das suas regiões (GREENWOOD & SURREY COUNTY COUNCIL, 2007):

- 1) Educação – desenvolvimento de um programa de aprendizagem contínua sobre parques e jardins. As atividades incluíram acampamento de verão, *website* e um *pack* de recursos educativos;
- 2) Temas Europeus – exploração de temas comuns aos jardins distribuídos por toda a Europa e desenvolvimento de formas de os promover;
- 3) Rotas Regionais – desenvolvimento de uma rede de parques, jardins e outras atrações para melhorar os efeitos multiplicativos regionais da visita a parques e jardins. As rotas têm sido promovidas em *web sites* e em material impresso;
- 4) Ordenamento do Território – assegurar que o valor dos parques e jardins é incluído na política e agendas de planeamento regional;
- 5) Interpretação – fornecimento de novas ferramentas no sentido de proporcionar uma melhor interpretação aos visitantes;
- 6) Acesso – melhorar o acesso a parques e jardins, entre eles e dentro dos próprios (a pé, de bicicleta, de carro, autocarro, comboio e barco) através do desenvolvimento e implementação de projetos inovadores e promotores do conceito de “*slow traffic*” por

---

<sup>71</sup> Os jardins-âncora são *Painshill Park* (Surrey), *Hestercombe Gardens* (Somerset), *Tatton Park* (Cheshire) no Reino Unido, *Parc Oriental de Maulevrier* (França) e *Schloss Dyck* (Alemanha).



forma a encorajar os visitantes a utilizar meios que promovam a sustentabilidade ambiental e económica local<sup>72</sup>.

Os parques e jardins da *EGHN* foram integrados em doze rotas regionais e agrupados por grandes temas (Quadro III.1; Figura III.7) onde *“Large and small parks and gardens in the regions of the “European Garden Heritage Network” are starting points for the visitor to experience garden design, nature, history, culture and regional identity, to discover new and hidden things, to get a fresh perspective on familiar things and to enjoy the special quality of each cultural landscape. In each region routes are placed under a specific heading in order to focus on the most distinctive quality and sometimes also the most surprising aspect of a region”* (*EGHN*, 2015)<sup>73</sup>. Foram ainda criadas rotas de nível local, a *Local garden route Cologne* e a *Local garden route Münster* (Alemanha).

A categoria Jardim Histórico reúne o maior número de jardins (65) de vários tipos e estilos. Desde parques, jardins de palácios, jardins botânicos a jardins de casas históricas, o importante é que *“The history of garden design in Europe can still be vividly experienced today: walks in Baroque and Renaissance gardens, English landscape gardens, farm and monastery gardens, botanical gardens and other complexes lead the visitor back through this history. Trees, shrubs and bushes reveal the period when the garden was created or redesigned. Sculptures, fountains, bridges, buildings and paths bear witness to the ideals and visions of the creators and garden architects”* (*EGHN*, 2015)<sup>74</sup>. Monserrate é o único jardim nacional a constar na lista.

Em 2010 foi implementado o *European Garden Award* que visa galardoar anualmente realizações excecionais em termos de cultura de jardins e de uso dos jardins e parques em políticas de desenvolvimento urbano e regional. Esta distinção não se centra apenas na espetacularidade ou boa manutenção florística do jardim, mas toma em consideração também aspetos relacionados com a gestão inovadora, o desenvolvimento urbano, a sustentabilidade, o

---

<sup>72</sup> A este respeito, destaque para a criação de ciclovias entre jardins com respetivo folheto informativo sobre roteiros e outros pontos de interesse, melhoria da sinalização e informação das ciclovias, de parques de estacionamento, de unidades de aluguer de bicicletas para a visita aos parques e jardins, melhoria dos acessos para bicicletas e pessoas com mobilidade reduzida, incremento das ligações de autocarros, das paragens e das conexões com outros transportes, implementação de bilhetes combinados entre transportes e entrada nos jardins, reestruturação de caminhos pedonais e estacionamento nos jardins, supressão de impeditivos como escadas através de alternativas para pessoas com mobilidade reduzida, desenvolvimento de material interpretativo em braille, entre outros (*GREENWOOD & SURREY COUNTY COUNCIL*, 2007).

<sup>73</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *EGHN* (2015).

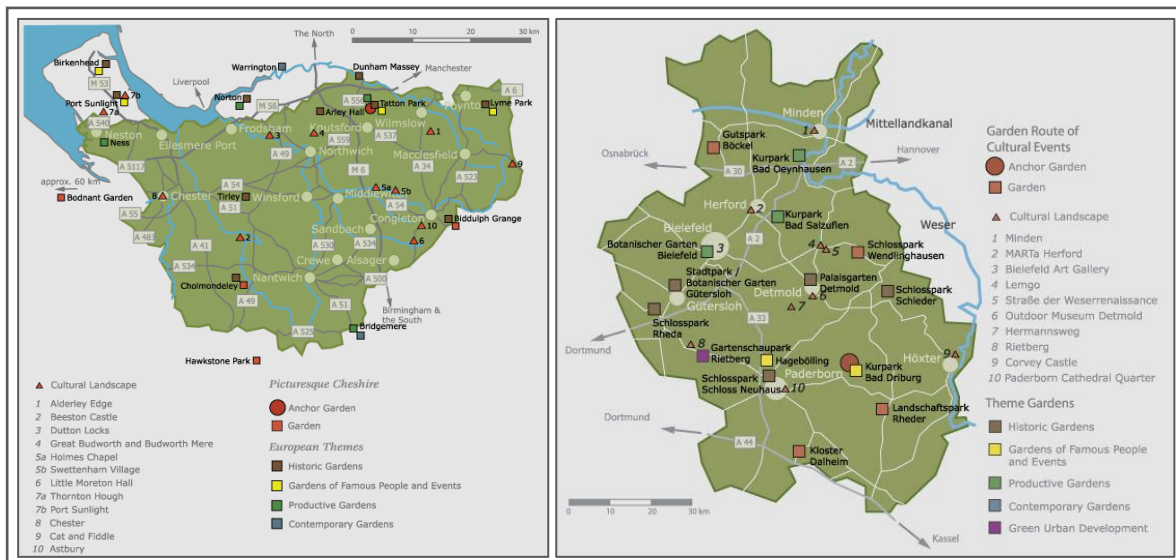
<sup>74</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *EGHN* (2015).

bom serviço prestado ao visitante, a alta qualidade de projetos de restauração ou de design moderno.

Quadro III.1: Rotas Regionais da EGHN

País	Região	Rota
Alemanha	Ostwestfalen-Lippe/NR-W	- Garden Route of Cultural Events
	Münsterland/ NR-W	- Gardens in the Münsterland castle and park landscape
	Ruhrgebiet/ NR-W	- Parks and gardens as an element of urban development
	Rheinland/NR-W	- Inward and outward views: gardens, architecture, landscape
	Nordhessen /North Hesse	- Parks and Gardens in North Hesse - Homeland of the Brothers Grimm
França	Pays de la Loire	- The art of living and gastronomy around the gardens in Pays de la Loire
	Brittany	- The Garden Coast
Grã-Bretanha	Surrey	- The Evolution of Parks and Gardens over Time
	Cheshire	- Picturesque Cheshire - Myths and Legends
	Somerset	- Reflective Landscapes
Bélgica	West Flanders	- Gardens in Bruges and in the Bruges's region: Living in a green environment
Holanda	Limburg	- Hidden paradises along the Meuse river

Fonte: Elaboração própria com base em EGHN – endereço eletrônico (2015)



Fonte: EGHN – endereço eletrônico (2015)

Figura III.7: Dois exemplos das Rotas Regionais da EGHN: *Picturesque Cheshire* e *Garden Route of Cultural Events de Ostwestfalen-Lippe*

No presente são consideradas quatro categorias desta distinção<sup>75</sup>:

- ⇒ *Best Development of a Historic Park or Garden*;
- ⇒ *Most Innovative Contemporary Concept or Design of a Park or Garden*;
- ⇒ *Special Award of the Schloss Dyck Foundation*;
- ⇒ *Large Scale Green Concepts* (desde 2014).

Em 2013<sup>76</sup> o Parque de Monserrate foi distinguido com o prémio referente à categoria *Best Development of a Historic Park or Garden* (Figura III.8). A atmosfera mágica e romântica que conserva ainda hoje, o projeto de recuperação e reconstrução do parque e o importante contributo dos “Amigos de Monserrate” foram os argumentos utilizados para justificar essa distinção.



Fonte: Autora (2015)

Figura III.8: Parque de Monserrate e indicação do prémio atribuído pela *EGHN*

A *EGHN* gere e otimiza, desta forma, o potencial de um conjunto de jardins e parques europeus através das diversas ações e da promoção de práticas sustentáveis no que diz respeito à sua valorização e usufruto turístico, sendo considerada uma organização de sucesso.

<sup>75</sup> A primeira categoria está direcionada para jardins que tenham sido alvo de uma restauração exemplar, de embelezamento ou de medidas de desenvolvimento relacionadas com a inclusão social, educação, meio ambiente ou serviços ao visitante. A segunda tem como foco projetos inovadores em termos de conceito e design contemporâneos já implementados ou em progresso. O prémio *Schloss Dyck Foundation* é mais aberto e pode ser dirigido, por exemplo, a um grupo que apoiou a restauração de um parque, a um evento de artes de jardim bem sucedido ou a um jardim com um uso criativo de plantas. Em 2014 iniciou-se uma nova categoria com vista à premiação de políticas verdes inovadoras em larga escala (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *EGHN*, 2015).

<sup>76</sup> Em 2015 a *Etar de Alcântara* esteve indicada para a categoria *Innovative Contemporary Concept or Design of a Park or Garden*, tendo sido vencedor o *Martin Luther King Park* em Paris (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *EGHN*, 2015).

## Síntese

*Este segundo capítulo coloca em evidência os jardins enquanto património cultural e paisagístico, assim como a sua elevada importância e valor enquanto documentos artísticos, históricos e culturais. Pois uma vez transversais às diferentes civilizações e sociedades são testemunhos fundamentais para a preservação e fortalecimento da memória cultural e da identidade coletiva de uma sociedade. Como tal, os jardins constituem por isso uma das expressões mais ricas, mas seguramente a mais delicada do património cultural e paisagístico.*

*Considerado um “monumento vivo”, perecível, sofrendo o desgaste natural da passagem do tempo e do uso, existe, desta forma, a perceção geral de que é necessário e urgente conhecer, preservar, salvaguardar, proteger e valorizar este património através de políticas e medidas concretas. Neste sentido, foi reconstruído o percurso do processo de reconhecimento do valor patrimonial dos jardins históricos e reconhecido o papel das instituições e das políticas e medidas instauradas.*

*O lazer e o turismo constituem uma das funções dos jardins, oportunamente contempladas na Carta de Florença, mas é também uma das formas de contribuir para a sua preservação e valorização, salvaguardando as devidas cautelas ao seu uso. Refletiu-se, de igual modo, sobre o carácter antagónico de que pode ser revestido o turismo nos jardins históricos, se não for estabelecido um equilíbrio.*

*Neste âmbito foram apresentados os exemplos do Reino Unido e da França como dois casos paradigmáticos, de sucesso, no contexto europeu. Foi possível constatar que detêm um enquadramento legislativo e uma estrutura turística e associativa em torno dos jardins bem desenvolvidas, estruturadas e avançadas em comparação com outros países europeus. Também a EGHN é considerada uma prática turística sustentável.*

*Estas e tantas outras políticas e iniciativas procuram, no essencial, aproximar o jardim do seu público e vice-versa, numa convivência que se pretende sustentada e sustentável, saudável e enriquecedora para ambas as partes. Porque, no fundo, “O que mata um jardim não é mesmo alguma ausência nem o abandono (...) o que mata um jardim é esse olhar vazio de quem por ele passa indiferente” (QUINTANA, 1997, citado em SILVA, 2014b: 39).*

*E em Portugal? Que instrumentos institucionais existem para proteção dos jardins portugueses? Que informação e que políticas têm sido desenvolvidas para a sua valorização e promoção? Procura-se esclarecer estas questões no capítulo que se segue.*

# Capítulo IV



Quinta da Aveleda e Quinta da Fidalga

*Os jardins históricos no  
contexto do património  
cultural nacional*

#### 4.1. A especificidade cultural dos jardins portugueses

##### 4.1.1. As influências, os elementos tradicionais e as características

Os jardins portugueses não são comparáveis, em termos de opulência e grandeza, fama ou influência, aos exemplares existentes em países como Inglaterra, França ou Itália. O fim último de exhibir ou ser símbolo de ostentação e poder não faz parte da génese do jardim português, antes pelo contrário, este era construído como espaço de refúgio, intimista, de sossego, de encanto e bem-estar como se verá. Não se pretende com isto dizer que a certa altura, também em Portugal, não se tenha vivido essa fase de ostentação. Todavia, por falta de tradição e pela própria evolução social, as grandes composições paisagísticas “(...) não inspiraram em Portugal mais do que pequenos ensaios ou arremedos de meras soluções de pormenor” (ARAÚJO, 1979: 5), ditando assim a ausência de grandes obras monumentais, muito embora se possa dar o exemplo dos jardins do Palácio de Queluz (PLUMPTRE, 2005). Apesar disso, os jardins ocuparam desde sempre um lugar privilegiado pelas suas características visuais e olfativas, uma importância atestada pela expressão amplamente usada “Portugal jardim da Europa” (CALDEIRA CABRAL, 1993).

A arte paisagista só apareceria na Lusitânia no período do domínio romano e trazida por estes (ARAÚJO, 1962). O jardim português, cuja génese está no pomar-jardim<sup>77</sup> com um carácter recreativo bem vincado, atravessa épocas e tendências com tradução no conceito de *jardim de estar*, soube, ao longo dos séculos, adaptar-se às circunstâncias e absorver as diversas influências que iam chegando tanto por via das civilizações invasoras como por via das próprias viagens e descobertas que caracterizaram o povo português em certo momento. Construiu-se, assim, um conceito próprio de jardim numa mescla de influências que o tornou diferente e único, levando CALDEIRA CABRAL (1993) a acreditar que se criou um estilo próprio de jardim português, resultante de um conjunto de circunstâncias variadas.

A localização entre o Mediterrâneo e o Atlântico, o clima, a história sociopolítica e económica, a organização e evolução social assim como a topografia acidentada deixaram impregnados nos jardins portugueses um conjunto de traços característicos e diferenciadores que, de forma isolada ou combinada, lhes conferem um carácter e originalidade diferentes dos

---

<sup>77</sup> O termo pomar era sinónimo de jardim com predominância de laranjeiras e limoeiros no século XV e XVI, conceito que juntamente com o de horto (vocábulo mais vulgarizado) ou vergel antecedeu o de jardim. Este termo franco-italiano só viria a ser introduzido no Reinado de D. João III (século XVI), e o sentido não era o mesmo que hoje se lhe atribui, designando hortos (recatados e nem sempre subordinados à casa onde se cultivavam flores e plantas medicinais) destinados exclusivamente a recreio (ARAÚJO, 1974; CARITA & CARDOSO, 1987; CARAPINHA, 1995).

grandes jardins europeus a que o seu público comum estará habituado (CALDEIRA CABRAL, 1993; CASTEL-BRANCO, 2010).

A diversidade de árvores e arbustos com flor, grande parte trazidas das viagens além-mar, e o significado dos perfumes na qualificação e anunciação do jardim, com destaque para as cameleiras, laranjeiras e limoeiros, as glicínias e tantas outras; as vistas profundas e de diversos níveis configurando os jardins-terraços; os azulejos com vários motivos e cores contribuindo para a dilatação e animação do espaço e os grandes planos de água sob a forma de tanques, lagos, chafarizes ou fontes monumentais, funcionando muitas vezes como os elementos polarizadores do espaço, constituem, na opinião de CASTEL-BRANCO (2010), os grandes elementos-chave do jardim português. A estes, acrescentam-se outros importantes elementos identificadores: as latadas e os caramanchões criando fortes contrastes entre sombra e luz, os alegretes, os embrechados, os bancos e outros elementos decorativos (naturais e artificiais) com maior ou menor expressão, os caminhos e os altos muros/sebes que se encontram, de forma conjugada, principalmente nas grandes quintas de recreio do século XVI ao XVIII que proliferaram nas periferias das grandes cidades, nomeadamente de Lisboa e Porto (SOUSA VITERBO, 1906; ARAÚJO, 1962; CARITA & CARDOSO, 1987; CALDEIRA CABRAL, 1993; CARAPINHA, 1995<sup>78</sup>).

Estas características permaneceram ao longo do tempo, com uma maior ou menor importância e predominância, conforme as épocas, os estilos e as regiões. O grande tanque de água encontra plena concretização na Quinta da Bacalhoa ou na Quinta das Torres, a arte decorativa azulejar também surge na Bacalhoa, na Quinta dos Azulejos ou no Palácio Nacional de Queluz que também alberga as altas sebes. O jardim do Palácio Fronteira reúne estes elementos e acrescenta-lhe a questão da hierarquia de privacidades com os diferentes jardins, o que deu origem, mais tarde, ao jardim-terraço, com os embrechados, os alegretes e os muros, entre outros. No Norte, domina a rigidez do granito, a estética eclesiástica mais austera e simples e os escadórios monumentais nas quintas bispais e santuários (por exemplo o Mosteiro de Tibães e o Santuário do Bom Jesus do Monte), as cameleiras e o sentido volumétrico da topiária, as vistas abrindo o jardim sobre o exterior e a mata como elemento estruturante (Ínsua); a Sul, a qualidade aromática predomina, assim como os azulejos, os

---

<sup>78</sup> Note-se que a autora com o seu trabalho “Da essência do jardim português” reflete sobre o paradigma do jardim português e explora de forma bastante pormenorizada os seus antecedentes, o tipo particular da Quinta de Recreio e os vocábulos decorativos de maior e menor incidência enriquecendo-o com exemplos.

embrechados, a decoração mais elaborada facilitada pelo calcário e o conceito de jardim de estar e de conviver (CARITA & CARDOSO, 1987<sup>79</sup>).

Na perspectiva de CALDEIRA CABRAL (1993: 87), “(...) o jardim foi sempre o prolongamento da casa, ao ar livre, e que, por isso, a sua primeira característica é ser habitável”. De tal forma que a ocorrência e a conjugação destes elementos diferenciadores levam à conclusão inequívoca de que os jardins eram recintos para habitação e não apenas superfícies, desenrolando-se aí parte da vida em família. Da necessidade de o vedar chegarmos os muros, elementos que consolidavam o conceito de jardim como espaço de estar criptomágico, o *giardini segreti* que enaltecia os valores da privacidade e do intimismo, um jardim mais para ser usufruído no seu interior do que para ser admirado do exterior (CARITA & CARDOSO, 1987). Aliás, o jardim recatado foi sempre e continuará a ser uma conceção bem portuguesa (CALDEIRA CABRAL, 1993). A água, cujo carácter dual balança entre a função hedonística/estética e utilitária, constitui o grande elemento ordenador, definindo diversos locais de estar, e, ao mesmo tempo, unificador do espaço, tal como a presença do azulejo, mais expressiva no Sul, constitui outro importante elemento de ligação entre as diversas partes e entre o exterior (jardim) e o interior (edifício) ao transportar o jardim para o interior ou ao convidar a percorrer o jardim (CARAPINHA, 1995). Na opinião da autora, o traçado do jardim português não surge de um código ou de princípios normativos teóricos que se inscrevem num território, nem se apresenta formalmente regular e uno. No jardim português prevalece, antes de mais, uma macroestrutura geométrica irregular, polarizada, de escala humana e mensurável em que o valor das partes é destacado e o todo se oferece múltiplo, caprichoso, desregrado mas não arbitrário, muito decorrente do carácter dual (produção/recreio) do nosso jardim. De acordo com CHAMBEL (2014), nos jardins portugueses verifica-se uma desorganização organizada, os jardins são livres e espontâneos, são sobretudo jardins com alma.

O jardim português renasce sobretudo a partir do século XV intimamente ligado a uma tradição mediterrânica islâmica, nas suas características fundamentais, e ao conceito de espaço fechado sobre si próprio e de jardim de estar em estreita ligação com a casa que perdurará até ao século XVIII (CARITA & CARDOSO, 1987). A Quinta de Recreio, no seu conjunto (mata, jardim formal próximo da casa e horta/pomar), talvez seja a modalidade mais expressiva no âmbito dos jardins portugueses desta época (ARAÚJO, 1974; CARAPINHA,

---

<sup>79</sup> Os autores, na obra “Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal”, exploram igualmente de modo detalhado a questão da evolução do jardim em Portugal e as suas características conforme as épocas, os estilos e as regiões ilustrando com vários exemplos as diversas situações.



1995) que, juntamente com as hortas, constituem o paradigma de espaço de recreio no seio da Natureza na cultura portuguesa (CARAPINHA, 2009). Segundo a autora, as quintas de recreio, no século XVI, eram tidas como dispositivos para melhor viver a cidade e como símbolos de urbanidade para as classes de nível cultural e económico mais elevado e possuíam uma dimensão cultural, identitária e ecológica. CARAPINHA (1995: 23), a respeito de um inventário que realizou, refere que “ (...) a Quinta de Recreio é o espaço mais característico da Arte de Jardinar em Portugal e conseqüentemente onde melhor se expressa o conceito de jardim na cultura lusíada”. Estes espaços, embrenhados num intenso bucolismo, surgem como um todo organizado que engloba mata, edifícios, horto de recreio e pomar/horta identificando-se, desta forma, como um lugar versátil, onde recreio e produção partilham o mesmo espaço, se invadem mutuamente e estabelecem relações formais e informais. A conjugação de todos esses elementos leva a autora a afirmar que a apreensão do espaço não é linear, imediata e sequencial, mas antes feita de pequenos momentos e de pequenas histórias.

O conceito de jardim como espaço fechado e de estar diluir-se-á no Romantismo, com a influência da estética europeia, e sobretudo com a moda do jardim-parque à inglesa do século XVIII e XIX que encontra alguma concretização nos parques e quintas de Sintra. O período renascentista permitiu ainda o desenvolvimento da paisagem religiosa monumental do Norte nas quintas e santuários como o Mosteiro de Tibães e o Bom Jesus do Monte e, na segunda metade do século XVIII, surgem os jardins botânicos como o de Lisboa e Coimbra. Já o Parque de Serralves constitui um dos principais exemplos do estilo modernista no século XX (CARITA & CARDOSO, 1987; CALDEIRA CABRAL, 1993; SEGALL, 1999).

“Não faltam os jardins em Portugal, das mais variadas épocas (...)” (CALDEIRA CABRAL, 1993: 83). De Norte a Sul, passando pelas ilhas, Portugal detém um amplo espectro de jardins com bons representantes de cada época, cujos traços característicos definem aquilo que é a essência do jardim português. Os exemplos que nos chegam, embora em diferentes níveis de conservação, vão desde os peristilos romanos de Conímbriga e claustros medievais aos parques públicos do século XX, passando pelas quintas de recreio, cercas conventuais, santuários, jardins botânicos, jardins privados e públicos, parques, avenidas e largos com manifesto, embora não raras vezes pouco ou mesmo nada (re)conhecido, valor e interesse histórico, cultural e artístico, acima de tudo valor patrimonial, que se reduz mais aos ambientes, ao conforto, à escala humana e às vistas para o exterior. Estes sítios, independentemente da sua dimensão, da arte mais ou menos célebre dos seus traçados ou mesmo da sofisticação dos seus materiais e da vistosidade dos seus elementos

polarizadores, constituem, acima de tudo, o reflexo de uma paisagem, dos movimentos que marcaram épocas, de autores e, sobretudo, do carácter e da cultura de um povo. São fundamentais para a compreensão da nossa cultura, para a construção da nossa história e, concomitantemente, para a preservação da nossa memória e identidade coletiva.

“Os jardins portugueses são parte da nossa cultura. Encontram-se atrás dos muros, espaços escondidos, silenciosos, deixados crescer sem grandes trabalhos e só sujeitos à amenidade do clima... Reflectem a essência de uma cultura reservada, mantêm uma escala humana que não lhes retira beleza nem calma. Cheios de cor e cheiros fortes das folhas e das flores, nos seus tanques é captado o céu, nas suas árvores interceptados os ventos, na folhagem escura dos laranjais é reflectido o brilho do sol, trazendo-nos sossegos já quase esquecidos” (CASTEL-BRANCO, 2002: 11).

Face ao exposto, parece fácil e claro ao entendimento de todos, o carácter inestimável deste património que é mais do que suficiente para justificar uma política de salvaguarda dos jardins mais concreta e efetiva. Contudo, mais vezes do que se gostaria, assiste-se à sua alteração sem ter em conta as narrativas que o mesmo construiu ao longo de décadas ou séculos e que guarda no interior dos seus muros. Frequentemente se fazem alterações e se constrói por cima da traça original, sendo por vezes quase impossível hoje ter uma ideia clara do seu aspeto primitivo. Isto aconteceu por exemplo com os jardins da época do Renascimento que foram sucessivamente transformados nos séculos XVII e XIX (CALDEIRA CABRAL, 1993), como foi o caso das alterações feitas na Quinta da Bacalhoa que arrasaram a essência do jardim (CASTEL-BRANCO, 2002). Ainda se destrói e se cede ao avanço urbano, como se pode observar através do exemplo da cinta de quintas de recreio quinhentistas em torno da cidade de Lisboa, por desconhecimento do real valor artístico, ecológico, histórico das mesmas (CARAPINHA, 2009). Outros há também que vão desaparecendo por força de interesses políticos e especulativos, do avanço da construção civil ou por desconhecimento dos seus administradores e do próprio público em geral do seu valor e da sua relevância para a identidade cultural dos povos.

## **4.2. Medidas de proteção e valorização dos jardins históricos nacionais. Das preocupações académicas às institucionais**

### **4.2.1. O enquadramento legal**

No contexto nacional, e de forma mais concreta e incisiva, os jardins históricos nunca constituíram uma preocupação maior ao nível legislativo, muito menos foram objeto de

atenção especial por parte das entidades competentes, pelo menos quando comparados com outro tipo de património cultural. Basta tomarmos em conta os inúmeros jardins que foram desaparecendo por via das novas necessidades urbanas, os que se foram desvirtuando e perdendo o seu carácter original e histórico, por conta de alterações e remodelações sem regra, como já se mencionou, ou constatar o número reduzido de jardins que foram sendo classificados ao longo dos tempos.

As preocupações mais visíveis com os jardins surgem sobretudo no meio académico com destaque para SOUSA VITERBO, CALDEIRA CABRAL ou Ilídio ARAÚJO, e nesse meio se desenvolverão e aí se confinarão por muito tempo. Só mais recentemente, na década de 90 do século XX, se começam a perceber alguns sinais de mudança relativamente aos mesmos.

Não obstante, os jardins foram sendo classificados ao abrigo de quadros normativos gerais relativos ao património cultural. Os primeiros, os jardins do Palácio de Queluz, foram classificados em 1910, segundo o Decreto de 30 de dezembro de 1901. Outros se lhe seguiram e atualmente é no âmbito da Lei do Património Cultural Português de 2001 que os bens patrimoniais, nomeadamente jardins ou bens com jardins, são protegidos<sup>80</sup>.

Datam igualmente das primeiras décadas deste século, mormente com a implantação da República<sup>81</sup>, ações mais concretas relativas a árvores notáveis, tendo sido alvo de algumas medidas protecionistas concretizadas através da criação da Associação Protetora da Árvore

---

<sup>80</sup> O Decreto de 30 de dezembro de 1901 estabelecia as bases para a classificação dos imóveis que devessem ser considerados Monumento Nacional e dos objetos mobiliários de *reconhecido valor*. A partir da década de 30, os bens passaram a ser classificados com base nas disposições legais constantes no Decreto n.º 20.985 de 7 de março de 1932 e Decreto-Lei n.º 26.611 de 19 de maio de 1936. Na década de 60, ao quadro normativo de 1932 juntam-se as disposições legais do Decreto n.º 46.349 de 22 de maio de 1965 e na década de 80 as da Lei n.º 13/85 de 6 de julho (primeira lei de bases do Património Cultural Português).

<sup>81</sup> Segundo VIEIRA (2010: 2), “A implantação da República a 5 de Outubro de 1910 trouxe à sociedade portuguesa um conjunto de novos valores e símbolos. Entre estes destaca-se o culto da árvore que se associa a outros valores centrais do republicanismo como a fraternidade, a educação e o culto da pátria”. Nesta obra comemorativa do centenário da República, o autor destaca a Festa da Árvore, origem do que hoje é o Dia Mundial das Florestas, como uma das manifestações cívico-pedagógicas associadas ao culto da árvore, que englobava também a criação da Associação Protetora da Árvore, a propaganda a favor da árvore através de festas, conferências, plantações comemorativas e publicação de artigos de jornal e livros alusivos, a classificação e proteção das árvores notáveis e ainda a aposta na reorganização e modernização da Administração Florestal, de que as Conferências Florestais de 1914, 1915, 1916 e 1917 são exemplo, e a intensificação do regime florestal vocacionado para a arborização das dunas do litoral e do interior montanhoso e serrano. As primeiras Festas da Árvore iniciam-se na fase final da monarquia por iniciativa de associações republicanas, a primeira realiza-se em 1907, no Seixal. De 1912 a 1915 ocorre o período áureo destas festas e a partir de 1916 (entrada de Portugal na 1ª Grande Guerra) esta comemoração entra em declínio, não tendo tido grande significado durante o Estado Novo e até 1970. Desde 1974, conforme acordado internacionalmente, passou a designar-se Dia Mundial da Floresta, não sendo contudo incomum encontrar a designação antiga de Dia da Árvore e até mesmo de Festa da Árvore em iniciativas não oficiais (VIEIRA, 2010).

em 1914<sup>82</sup> e, mais tarde, em 1938, com a publicação de um Decreto-Lei<sup>83</sup> que cria a figura das “árvores de interesse público”. Aqui o arvoredo é assumido como uma “ (...) interessante moldura decorativa dos monumentos arquitectónicos e valoriza grandemente as paisagens (...)”, motivo suficiente para se protegerem todos os arranjos florestais e de jardins de interesse artístico ou histórico e ainda exemplares isolados de espécies vegetais.

Este quadro normativo foi revogado pela Lei n.º 53/2012 de 5 de setembro, que aprova o regime jurídico de classificação de arvoredo de interesse público que se identifica agora de forma mais pormenorizada aplicando-se a “(...) povoamentos florestais, bosques ou bosquetes, arboretos, alamedas e jardins de interesse botânico, histórico, paisagístico ou artístico, bem como aos exemplares isolados de espécies vegetais que, pela sua representatividade, raridade, porte, idade, historial, significado cultural ou enquadramento paisagístico, possam ser considerados de relevante interesse público e se recomende a sua cuidadosa conservação” e, recentemente, a Portaria n.º 124/2014 de 24 de junho vem regulamentá-la determinando os critérios de classificação e desclassificação de arvoredo de interesse público. Neste novo quadro legislativo está muito mais presente a noção de conjunto e do todo (aparece já a figura dos “jardins de interesse botânico, histórico, paisagístico ou artístico”), uma inovação relativamente ao anterior quadro que privilegiava sobretudo o elemento individual.

Atualmente, é a Lei do Património Cultural Português que “(...) estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura”<sup>84</sup>. Este documento esclarece que “ (...) integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e

---

<sup>82</sup> Lei 118 de 16 de março de 1914 que reconhece a Associação Protetora da Árvore e as Sociedades Protetoras dos Animais como instituições de utilidade pública. A esta Associação estava atribuída a tarefa de “organizar um catálogo descritivo e ilustrado de todas as árvores seculares mais dignas de menção e que sejam notáveis pela sua idade, dimensões e história, existentes em todo o território da República, as quais ficarão sob a guarda do Estado” (artigo 1º) para além de “vigiar e defender a existência das árvores que foram catalogadas, participando às autoridades competentes quaisquer factos ou procedimentos que tenham por fim ou evitar que sejam danificadas, ou, no caso de ter havido dano, que sejam castigados os autores do malefício” (artigo 2º).

<sup>83</sup> Decreto-Lei n.º 28468 de 15-02-1938 que cria a figura das “árvores de interesse público”, isto é, árvores que pelo seu “porte, desenho, idade ou raridade a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas assim as classifique” e regulou o arranjo, incluindo o corte e a derrama, das árvores em jardins, parques, matas ou manchas de arvoredo existentes nas zonas de protecção de monumentos nacionais, edifícios de interesse público ou edifícios do Estado de reconhecido valor arquitectónico. Sob égide deste Decreto-Lei desde esta altura que são então classificadas árvores autóctones e exóticas de interesse público em todo o país.

<sup>84</sup> Artigo 1º da Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro.

valorização”, explicitando-se que esse interesse cultural “(...) reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade”<sup>85</sup> e que a definição de bens culturais é extensível “(...) aos bens naturais, ambientais, paisagísticos ou paleontológicos”<sup>86</sup>.

Ora, na senda deste raciocínio, e segundo a *Carta de Florença*, os jardins históricos constituem “monumentos vivos” que “testemunham uma cultura, estilos e épocas” e por isso devem ser preservados de acordo com o espírito da *Carta de Veneza*. Deste modo, os jardins, enquanto parte do património cultural, vão sendo referenciados e incluídos nos quadros legislativos nacionais (passados<sup>87</sup> e atuais), quer de forma mais geral, ou seja, fazendo parte da dimensão global de património cultural, sem serem diferenciados no âmbito do mesmo, quer numa ou outra indicação mais direta, beneficiando por isso das formas de preservação, defesa e valorização previstas nos mesmos.

Na Lei do Património Cultural Português encontra-se uma referência mais específica em relação aos jardins históricos. Assim, no âmbito da defesa da qualidade ambiental e paisagística (artigo 44º), nomeadamente do património cultural imóvel enquanto elemento potenciador da coerência dos monumentos, conjuntos e sítios que o integram, reconhece os jardins e parques, a par de outros conjuntos urbanos e elementos naturais arquitetónicos ou industriais integrados na paisagem, como um deles e por isso suscetíveis à adoção de medidas de recuperação e valorização por parte das entidades competentes. Para além de que os reconhece como bem cultural e, por isso, como um dos componentes do regime geral de valorização dos mesmos (artigo 70º).

É sob alçada desta legislação que têm vindo a ser classificados inúmeros jardins. Por exemplo, sobre a Casa e Quinta de Villar d’Allen é referido que “A classificação fundamenta-se na exemplaridade e autenticidade do imóvel, uma das mais bem conservadas e emblemáticas quintas de matriz romântica oitocentista no norte do País, notável pela qualidade e coerência arquitectónica da casa, jardins e quinta, pelo valor artístico do seu

---

<sup>85</sup> Artigo 2º da Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro. A este respeito, o artigo 17º esclarece os critérios genéricos de apreciação para a classificação ou inventariação: *a)* o carácter matricial do bem; *b)* o génio do respetivo criador; *c)* o interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso; *d)* o interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos; *e)* o valor estético, técnico ou material intrínseco do bem; *f)* a conceção arquitetónica, urbanística e paisagística; *g)* a extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva; *h)* a importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica e *h)* a importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica.

<sup>86</sup> Artigo 14º da Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro.

<sup>87</sup> De referir que no anterior quadro legislativo – Lei n.º 13/85 de 6 de julho – que determinava a proteção legal do património cultural, nenhuma referência a jardins era feita.

património integrado e recheio e pela riqueza e raridade das espécies botânicas. Destaca-se ainda a importância da família Allen na história da região, nomeadamente a nível cultural”<sup>88</sup>. Quanto ao conjunto formado pelo edifício-sede e parque da Gulbenkian é mencionado que “Para além dos valores arquitectónicos e paisagísticos nele inscritos e do valor que assume no contexto urbano de Lisboa, o conjunto do edifício-sede e parque da Fundação Calouste Gulbenkian simboliza toda a notável actividade cultural, social e cívica que aí se desenvolveu desde 1969, ano da sua inauguração (...). A decisão de classificação deste conjunto acolhe também a recomendação do Conselho da Europa aos Estados membros relativamente à protecção do património arquitectónico do século XX, de acordo com os princípios definidos internacionalmente para a respectiva salvaguarda”<sup>89</sup>.

Todavia, não obstante representar um avanço relativamente ao anterior, poder-se-á afirmar que esta lei se revela um tanto ou quanto omissa e demasiado abrangente no que diz respeito à real e efetiva protecção do património paisagístico. De acordo com LIMA (2005: 27) “(...) esta lei não só não assegura os procedimentos de salvaguarda como também não impede a desarticulação entre as várias acções no que respeita às medidas necessárias e à sua implementação no Ordenamento do Território”. É mais do que evidente a necessidade de uma lei dirigida em específico à protecção do património paisagístico.

#### **4.2.2. A inventariação dos jardins históricos**

Dita a *Carta de Florença*, no seu artigo 9º, que a preservação dos jardins históricos depende da sua identificação e da sua classificação. Esta premissa é reiterada e reforçada na citada Lei do Património, no artigo 6º, alínea *a*) que elenca como um dos princípios da política do património cultural a “Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respectiva identificação” sendo que “O conhecimento, estudo, protecção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais” (artigo 4º).

Aliás, segundo este quadro normativo, é na classificação e na inventariação dos bens culturais que assenta a protecção legal dos mesmos, muito embora esclareça que a aplicação de medidas cautelares previstas na lei não depende de prévia classificação ou inventariação de um bem cultural (artigo 16º).

---

<sup>88</sup> Portaria n.º 64/2010, DR, 2.ª série, n.º 12 de 19 de janeiro de 2010, pág. 2553.

<sup>89</sup> Decreto n.º 18/2010, DR, 1.ª série, n.º 250 de 28 de dezembro de 2010, pág. 5969.

ESTADÃO (2006) aponta a inventariação<sup>90</sup> dos jardins históricos como um elemento fundamental para a sua proteção e salvaguarda, tratando-se do primeiro passo no que diz respeito à identificação, quantificação e divulgação dos mesmos. Contudo, reconhece que a sua catalogação não é uma tarefa fácil, uma vez que se trata, na sua grande maioria, de um património privado, fechado ao público e frequentemente em estado de abandono, destruído e muitas vezes transformado, por isso faz notar que “ (...) só um reconhecimento integral, *in situ*, pode garantir uma maior certeza cognitiva” (ESTADÃO, 2006: 4).

A propósito da importância dos inventários de jardins históricos, a mesma autora elenca um conjunto de objetivos que focam três pontos essenciais:

- ✓ devolver à sociedade paisagens eruditas e vernaculares, para que sirvam de base à compreensão de questões relacionadas com o património natural e cultural;
- ✓ incentivar novas utilizações destas paisagens, valorizando-as, mantendo as estruturas e dinâmicas destes ecossistemas e dando especial destaque à arte, no estrito respeito pelo seu carácter histórico;
- ✓ contribuir para uma maior divulgação e promoção do interesse nos jardins históricos através de técnicas de interpretação inovadoras e eficazes.

Na opinião de ESTADÃO (2005), é imprescindível um inventário específico dos jardins históricos como a única forma de revelar a qualidade e o universo deste tipo particular de património. Esta ferramenta proporciona à sociedade, atual e vindoura, mais do que a possibilidade, o direito de conhecer, usufruir e compreender este património, a história e a memória cultural da qual faz parte e onde intervém, através de várias ações diretas e indiretas, para além de justificar novas utilizações, a promoção e a interpretação destas paisagens particulares.

A referida autora, sintetizando os critérios definidos e adotados em França, Espanha e Inglaterra, estabelece que são passíveis de serem inventariados os jardins que: conservem os traços representativos de um estilo; constituam um *jardin du plaisir* cujo interesse deriva de uma intervenção estética; constituam um elemento característico da paisagem; preservem

---

<sup>90</sup> A ficha de inventariação dos jardins históricos proposta pela autora era composta por duas partes. A primeira, respeitante à parte escrita onde consta a informação e o relatório propriamente dito, e a segunda parte composta pelos elementos desenhados, mormente planos, desenhos, croquis, fotografias e ilustrações, que contém a estrutura do jardim, a sua localização e a identificação de todos os seus componentes principais (ESTADÃO, 2006).

espécies de plantas antigas e originais, que tenham sido obra de um projetista famoso ou ainda que estejam associados a pessoas ou acontecimentos notáveis e dignos de registo. Estão assim com o mesmo grau de importância todos os jardins que reúnam estas características e não apenas os de renome e que apresentam grande monumentalidade. Uma linha de atuação que vai ao encontro da filosofia defendida na *Carta de Florença*.

No âmbito da atual conceção do Inventário de Bens Culturais é dada maior importância aos componentes do objeto (no caso os jardins) em detrimento dos dados históricos. Surge destacado o registo, estruturado nas listas de elementos arquitetónicos, vegetais e ornamentais do jardim. Para além deste, contempla ainda a descrição de conjunto (traçado e carácter ambiental), tanto interno como da relação com a envolvente. Os elementos vegetais são uma componente distintiva do jardim relativamente a outros bens imóveis: os campos que integram esta secção atendem às estruturas, às espécies e à manutenção do conjunto vegetal. A partir destes elementos inclui-se uma avaliação do objeto tendo em conta dois conceitos básicos: o estado de conservação das suas estruturas, construídas ou vegetais, e o valor patrimonial do conjunto (que pode ser entendido como a soma dos valores históricos, artísticos, botânicos e paisagísticos) (ESTADÃO, 2006).

A preocupação com os jardins e com o valor cultural e patrimonial que estes representam é muito anterior a qualquer lei ou processo aqui referenciado. Temos de recuar ao início do século XX para encontrarmos uma das primeiras vozes críticas com relação a este tema.

#### **4.2.2.1. Os inventários de cariz académico**

O historiador SOUSA VITERBO elaborou um primeiro trabalho, *A Jardinagem em Portugal* (dividido em duas edições: 1906 e 1909), sem o carácter rígido de inventário mas onde constavam informações sobre jardins, quintas notáveis e também sobre jardineiros, na sequência de uma preocupação que, volvido mais de um século, se mantém transversal aos anos: uma séria ameaça ao seu desaparecimento, por desconhecimento da sua existência e do real valor deste tipo de património, por falta de proteção legal específica, por degradação ou simplesmente por sacrifício em prol de qualquer outra construção mais moderna e adaptada aos tempos e vistas contemporâneas. No conjunto das duas edições, o autor valoriza os jardins enquanto campo de técnica de jardinagem, debruçando-se especialmente sobre a técnica e sobre os homens que a desenvolviam e concretizavam no terreno, os jardineiros. À parte disso, não se furtou a elencar um interessante conjunto de jardins e quintas notáveis, listando e



descrevendo com algum pormenor, sobretudo ao nível histórico, cerca de 50 unidades e referindo ainda outras tantas, principalmente localizadas nos grandes centros urbanos de Lisboa, Porto e arredores (Figura IV.1, Quadro AII.1), locais de predileção da realeza e da burguesia de outros tempos, quer porque foram por algum momento referenciados na literatura, quer porque constituíram a obra do técnico que ele tanto privilegiou, o jardineiro.

A preocupação com o completo desconhecimento, degradação e conseqüente desaparecimento dos jardins históricos, acompanhou desde sempre o pioneiro da arquitetura paisagista em Portugal Continental, Francisco CALDEIRA CABRAL, e “O prejuízo é tanto mais de lamentar que não há praticamente nenhuns estudos feitos sobre jardins em Portugal (...)” (1993: 117), uma inquietação avivada pelo seu discípulo com “(...) a destruição de que, à sombra dessa ignorância, vão sendo impunemente vítimas tantas obras de arte de real valor. Sobretudo nos últimos anos, e particularmente em Lisboa e Porto” (ARAÚJO, 1962: 9).

Os anos 60 foram determinantes e CALDEIRA CABRAL é um dos percussores de uma nova atitude face aos jardins, que começam a ser entendidos como objeto de valoração estética e patrimonial<sup>91</sup> (ESTADÃO, 2006), passando-se de um conceito de “técnica” para o de “arte” numa perspetiva de evolução histórica (LEITE, 1988), tornando necessário conhecê-lo de forma mais rigorosa, de modo a que pudesse construir-se uma ferramenta capaz de impedir a destruição de jardins e com isso o seu inevitável desaparecimento para sempre.

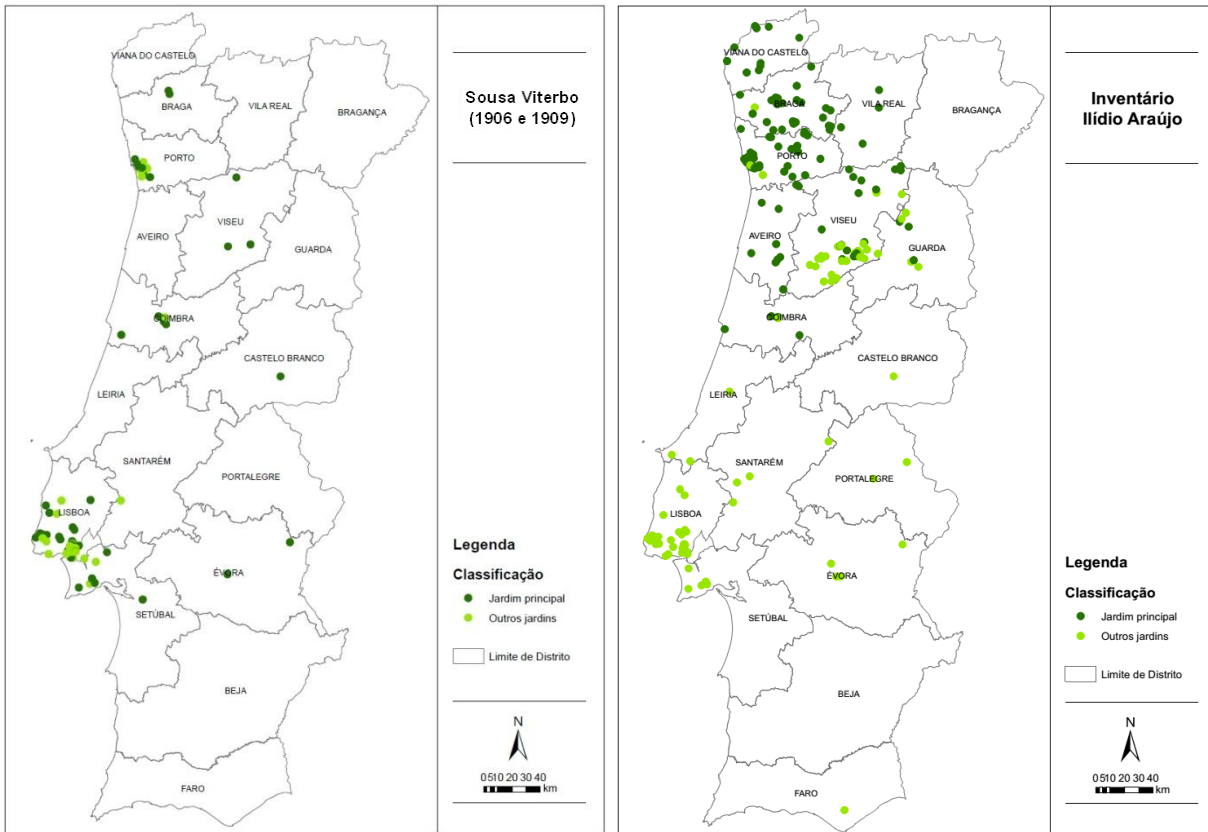
Por esta altura, Ilídio de ARAÚJO (1962) publica *A Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal*, uma obra considerada pioneira no que se refere ao estudo dos jardins, pautada por um trabalho de carácter mais sistemático (um pré-inventário), elaborado na Direção Geral do Património Urbano<sup>92</sup> que, pela qualidade e requinte das descrições, informações e esboços relativos a cada um, haveria de servir de referência aos estudos subsequentes que foram realizados sobre jardins históricos, muito embora se trate de um levantamento que cobriu apenas o norte do país (Figura IV.2, Quadro AII.2), deixando por calcorrear e inventariar o território a partir do Vale do Tejo para sul. Um fracasso, de resto, assumido pelo próprio afirmando que “Um programa de trabalho assim estabelecido tornou-se inevitavelmente muito mais pesado para as nossas possibilidades, e não admirará, portanto, que os resultados conseguidos não correspondam, nem aos nossos desejos, nem ao incentivo que nos foi dado pelo senhor Eng. Sá e Mello” (ARAÚJO, 1962: 10), para além de que, na

---

<sup>91</sup> Vale a pena referir que para esta nova atitude perante os jardins não se furtam as importantes intervenções de Ribeiro Telles na Quinta do Marquês de Pombal e de Caldeira Cabral na Quinta das Vidigueiras, segundo ESTADÃO (2006).

<sup>92</sup> Este pré-inventário foi coordenado por António Viana Barreto (ARAÚJO, 1962).

opinião de LEITE (1988: IV, V), se trata “(...) antes de mais um estudo histórico sem pretender mais do que a descrição sumária dos testemunhos e a sua referenciação cronológica, estando ausentes preocupações, mais profundas, de natureza estética ou interpretativa”.



Fonte: Elaboração própria a partir de SOUSA VITERBO (1906 e 1909) e de ARAÚJO (1962)

Figura IV.1 e IV.2: Jardins e Quintas referenciadas por SOUSA VITERBO (1906 e 1909) e Inventário realizado por ARAÚJO (1962)

ARAÚJO (1962), apesar de ter incidido o seu levantamento no norte do país, embora não tivesse a pretensão de considerar que estava completa, não se furtou a enumerar outros jardins do país ora porque pertenciam ao mesmo estilo e época, ora porque se localizavam na mesma área daqueles que inventariou. Assim, para além da lista que apresenta referente ao objetivo principal, a inventariação dos jardins por área territorial, vai-lhe acrescentando, ao longo da obra, outros exemplos, uns que descreve com algum pormenor, outros a que faz apenas menção, mostrando, tal como o anterior, uma maior incisão nas áreas do Porto e de Lisboa, escusando-se de referir qualquer jardim na área de Bragança, território, aliás, recentemente coberto pelo inventário realizado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) demonstrando a existência de uma grande quantidade de jardins com

relevância. Apesar das vicissitudes inerentes a este trabalho, o autor não deixou de salientar a importância deste estudo: “(...) animámo-nos a apresentar em público este primeiro volume, na esperança de que, mesmo assim, ele chame a atenção de outros com mais possibilidades para um campo de investigação que tem permanecido praticamente virgem até aos nossos dias” (ARAÚJO, 1962: 10).

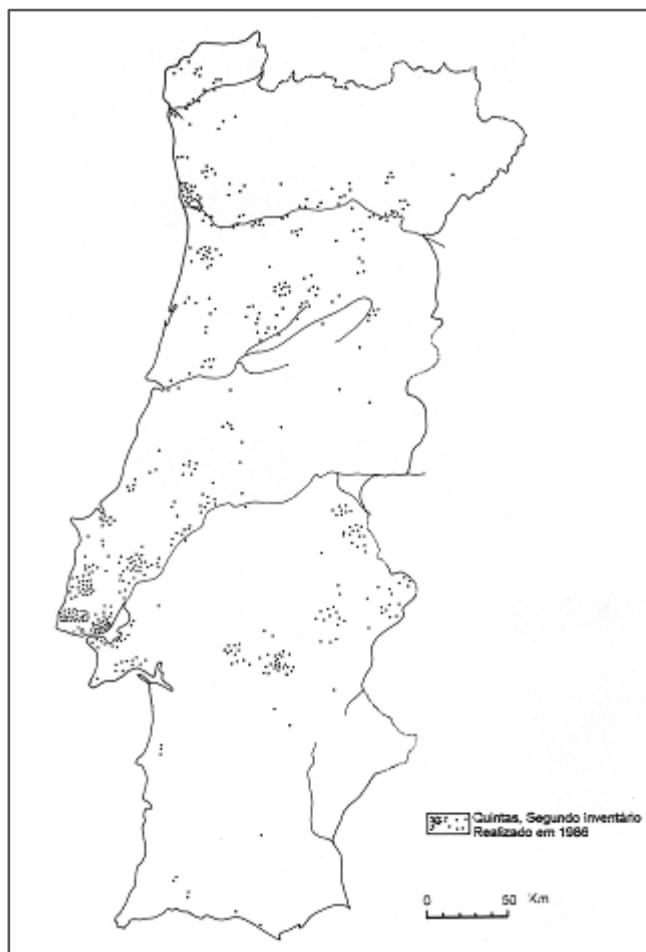
Mais tarde, Aurora CARAPINHA (1986) elabora e apresenta o *Inventário da Arte Paisagista em Portugal*<sup>93</sup> que objetivava dar a conhecer o que existiu e o que ainda existia para além de caracterizar e colocar em evidência o valor da Arte Paisagista. Foram inventariados oito tipos de espaços (jardins, parques, quintas de recreio, cercas conventuais, locais de peregrinação, espaços livres urbanos e paisagens humanizadas), cujo espólio existente foi inserido em 10 categorias que definiu (Quadro IV.1), surgindo destacadas as quintas de recreio com uma representatividade de perto de 49% (Figura IV.3) concluindo que este era o espaço mais característico da Arte de Jardinar em Portugal. Neste trabalho, a autora apenas divulga números referindo ainda que 83% se localizam a norte do rio Tejo, não apresentando os nomes constantes do levantamento efetuado, afirmando somente que se encontram numa base de dados.

Quadro IV.1: Inventário da arte paisagista realizado por CARAPINHA (1986)

Tipologia	Número
Jardins e Parques particulares de domínio público	20
Jardins Botânicos	4
Jardins e Parques particulares	171
Jardins e Parques Públicos (urbanos e suburbanos)	179
Parques e Matas não urbanas	55
Locais de Peregrinação	38
Espaços livres urbanos	25
Tapadas	4
Cercas Conventuais	74
Quintas de Recreio	547
<b>TOTAL</b>	<b>1117</b>

Fonte: CARAPINHA (1995)

<sup>93</sup> Um trabalho desenvolvido no âmbito das provas de aptidão pedagógica realizadas pela autora em 1986 na Universidade de Évora. Os dados recolhidos foram organizados segundo um ficheiro corográfico, um ficheiro de lugares inventariados em cartas de trabalho às escalas 1/250000, 1/50000, 1/25000 e 1/10000. Parte de fontes bibliográficas, essencialmente de dois trabalhos da década de sessenta: *Inventário dos Jardins, Quintas de Recreio, Cercas Conventuais e Parque de Interesse Histórico e Paisagístico* (arquiteto paisagista António Viana Barreto da responsabilidade da Direção-Geral do Planeamento Urbanístico) e *A Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal* (arquiteto paisagista Ilídio Araújo) e ainda de informação constante nos Guias de Portugal (Fundação Gulbenkian) e nos Inventários Artísticos de Portugal (Academia Nacional de Belas Artes), diversos estudos monográficos, guias turísticos e dicionários corográficos (CARAPINHA, 1995).

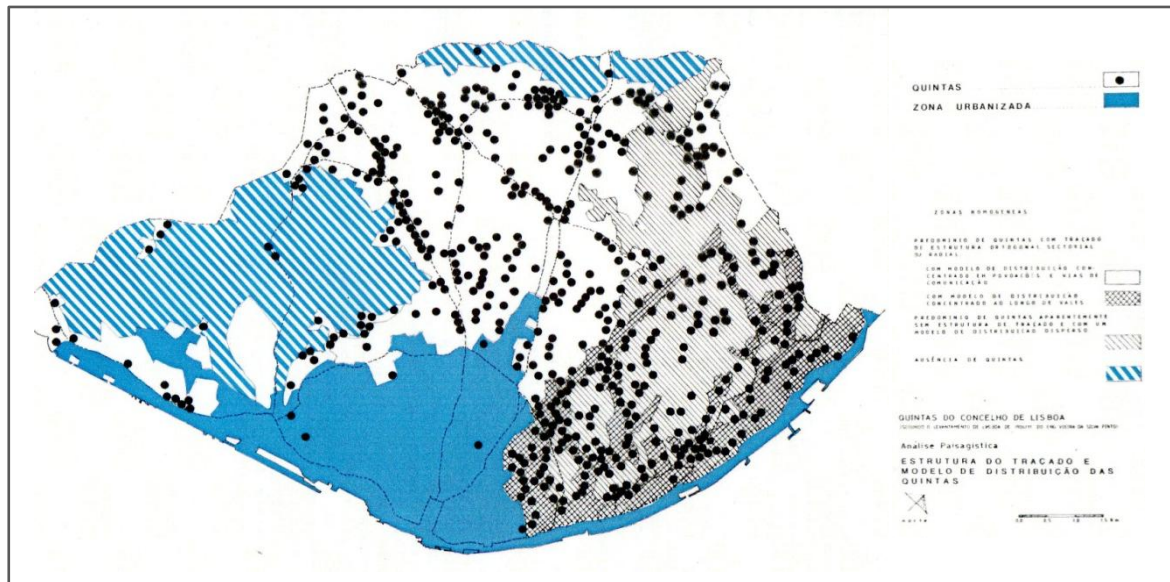


Fonte: CARAPINHA (1995)

Figura IV.3: Distribuição geográfica das Quintas de Recreio

A nível académico, vale a pena referir ainda o trabalho de Hélder CARITA e António H. CARDOSO que apresentam, no final da década de 80, o *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal*. Não configurando um inventário no verdadeiro sentido do termo, até porque se percebe que não terá sido essa a intenção, certo é que segue a linha do que vinha sendo feito até então, um enfoque nos aspetos históricos e arquitetónicos dos jardins e no seu enquadramento histórico e funcional.

Finalmente, o trabalho, embora mais restrito em termos territoriais, de Luís Paulo RIBEIRO (1992), *Quintas do Concelho de Lisboa – Inventário, Caracterização e Salvaguarda*, onde o autor inventariou mais de 500 quintas, distribuídas essencialmente ao longo da faixa norte a oriente do concelho (Figura IV.4).



Fonte: RIBEIRO (1992)

Figura IV.4: Inventário das Quintas do Concelho de Lisboa realizado por RIBEIRO (1992)

Já no decorrer do novo milénio, e corroborando a tendência de um envolvimento mais premente dos meios académicos nesta temática, têm surgido levantamentos circunscritos a determinados territórios e por isso mais profundos. O inventário realizado pelo Departamento de Arquitetura Paisagista da UTAD, que abrangeu somente o nordeste transmontano (36 concelhos<sup>94</sup>), constitui um dos exemplos mais recentes. O projeto de investigação “Arte Paisagista no Norte de Portugal”<sup>95</sup> (APNP) teve como objetivo a inventariação dos sítios que fazem parte do património paisagístico da região nordeste do país, uma região onde a investigação sobre a arte paisagista tem tido menor incidência, cujo resultado culminou com a sua organização e disponibilização pública através de um *website*<sup>96</sup>, onde são apresentados os sítios, feita a sua caracterização sumária, indicada a localização geográfica, a sua tipologia<sup>97</sup>,

<sup>94</sup> Alfândega da Fé, Alijó, Amarante, Armamar, Baião, Boticas, Bragança, Cabeceiras de Basto, Carrazeda de Ansiães, Celorico de Basto, Chaves, Freixo de Espada à Cinta, Lamego, Macedo de Cavaleiros, Mesão Frio, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Peso da Régua, Resende, Ribeira da Pena, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião, São João da Pesqueira, Tabuaço, Torre de Moncorvo, Valpaços, Vila Flor, Vila Nova de Foz Côa, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Vimioso, Vinhais (informação disponibilizada no endereço eletrónico do projeto APNP, 2012).

<sup>95</sup> O Projeto POCI/AUR/63320/2004 foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo Programa Operacional Ciência e Inovação (POCI 2010) e participado pelo FEDER (informação disponibilizada no endereço eletrónico do projeto APNP, 2012).

<sup>96</sup> A saber: <http://www.artepaisagista.utad.pt>. Note-se que a informação relativa ao inventário deixou entretanto de estar disponível *online*.

<sup>97</sup> Os sítios foram agrupados de acordo com uma tipologia criada para que melhor fossem caracterizados os lugares identificados: Avenida, Praça e Largo (16), *Campus* militar (0), *Campus* universitário (1), Cemitério (1),

propriedade e uso, permitindo aos utilizadores a consulta de mapas, imagens e descrições sobre 274 sítios inventariados de significativo valor artístico e histórico, dos 786 sítios listados inicialmente (informação que também foi disponibilizada).

Um resultado ajustado, só possível pela organização do trabalho em diversas etapas que privilegiou informação e metodologias provindas de estudos e inventários (nacionais e também estrangeiros), desde os mais antigos aos mais recentes, informação bibliográfica e iconográfica, geral e específica, proveniente de várias fontes (arquivos, bibliotecas públicas e privadas e internet), o contacto com diferentes entidades nomeadamente Câmaras Municipais, Bibliotecas, Juntas de Freguesia e Postos de Turismo e ainda com os proprietários. Os posteriores levantamentos de campo permitiram “abandonar” alguns sítios que haviam sido significativamente alterados, substituídos por novas construções ou até mesmo destruídos, que não detinham qualquer valor paisagístico de relevo ou ainda porque não foram encontrados, tal como acrescentar outros que não haviam sido identificados inicialmente.

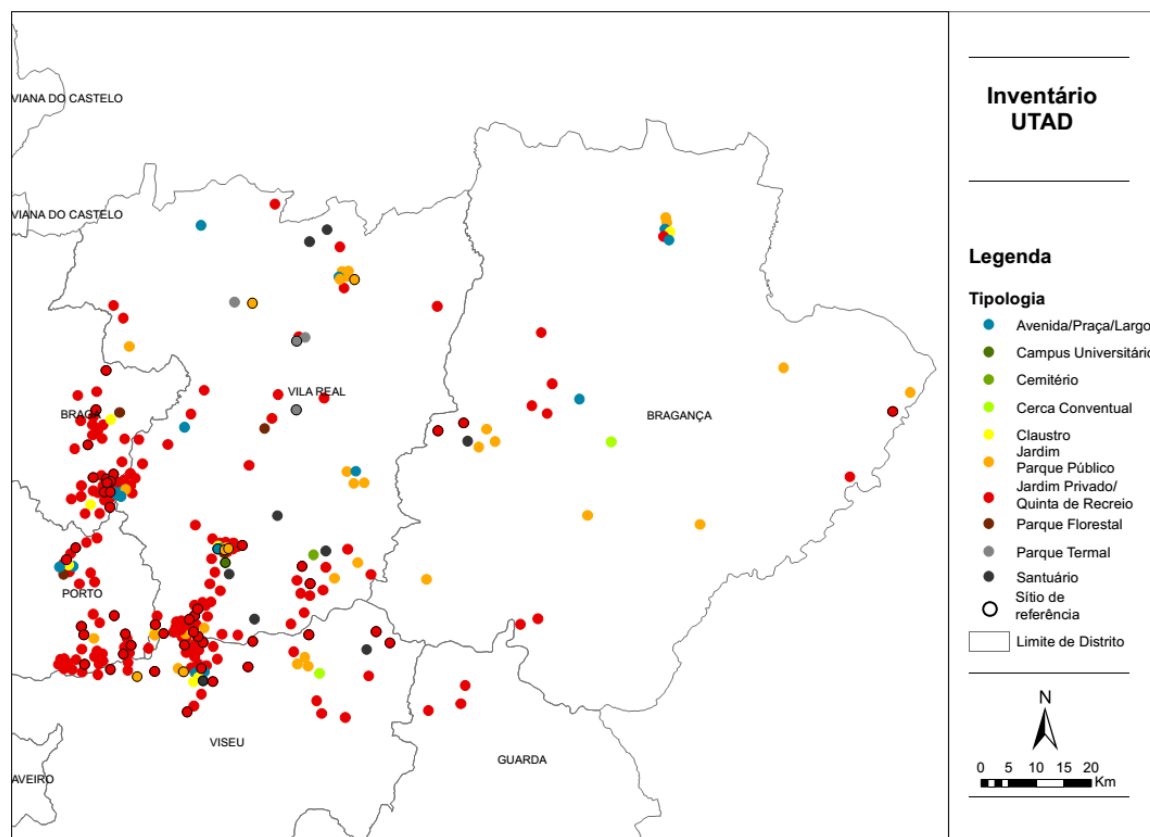
A seleção final dos cerca de 270 sítios teve como base um conjunto de critérios que englobavam a qualidade estética ao nível da organização espacial, traçado e estrutura; a qualidade da sua composição no que diz respeito aos elementos construtivos e decorativos e da sua coleção botânica; a menção a um período artístico ou a um projetista reconhecido; a associação a um momento histórico de especial interesse; o grau de influência do sítio no seu contexto cultural e social; a integração e a relação com a paisagem envolvente e ainda o grau de integridade e estado de conservação do sítio. A boa conjugação destes elementos permitiu ainda destacar, dos 274 inventariados, um conjunto de 56 sítios que mereceram a designação de sítios de referência (APNP/UTAD, 2012)<sup>98</sup> (Figura IV.5, Quadro AII.3).

Fica claro, da análise da sua localização geográfica, um padrão de distribuição ao longo de três eixos fundamentais: Baião – Celorico de Basto, Lamego – Vila Real (com extensão a Chaves), cinco concelhos que albergam quase 42% dos sítios inventariados, e ainda o Vale do Douro, compreendendo o território de Baião até à Foz do Tua. Esta organização, que privilegia nitidamente os vales dos rios Tâmega, Corgo e Douro, reflete tanto aspetos histórico/culturais como económicos e ainda naturais.

---

Cerca conventual (2), Claustro (8), Jardim e Parque públicos (37), Jardim privado e Quinta de recreio (192), Parque florestal (4), Parque termal (4), Santuário (9), Paisagem cultural e Miradouro (0) (informação disponibilizada no endereço eletrónico do projeto APNP, 2012).

<sup>98</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do projeto APNP (2012).



Fonte: Elaboração própria a partir de APNP/UTAD – endereço eletrónico (2012)

Figura IV.5: Inventário da Arte Paisagista no Norte de Portugal (2012)

Mais recentemente (2010-2013) foi levado a cabo o projeto “*LxGardens – Jardins e Parques Históricos de Lisboa: estudo e inventário do património paisagístico*”<sup>99</sup>. Neste âmbito, foi realizado um estudo histórico-artístico e botânico da evolução de 60 jardins, quintas e parques históricos da cidade de Lisboa, desde o século XVIII até à década de 60 do século XX. Este estudo permitiu aprofundar o conhecimento atual do património paisagístico lisboeta contribuindo para a sua classificação legal (definição de critérios que a devem suportar e de propostas de classificação), valorização, divulgação e promoção do turismo cultural, e cuja informação foi reunida numa base de dados relacional elaborada para o efeito (SOARES *et al.*, 2014). Segundo os autores, esta base de dados, estruturada através das temáticas da história, história da arte, arquitetura paisagista, arquitetura, ecologia urbana, botânica, turismo, ciências sociais entre outras, permite a criação de uma rede de informação e o estabelecimento de relações entre os diversos parâmetros, ou seja, entre os jardins e o desenvolvimento da cidade ou entre a história dos jardins e as datas de introdução das plantas.

<sup>99</sup> O projeto PTDC/EAT-EAT/110826/2009 foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Os dados recolhidos e as conexões estabelecidas permitiram conhecer e perceber o papel dos jardins na ecologia urbana, na estética e sustentabilidade da cidade.

A disseminação dos resultados desta pesquisa ao público em geral, através de uma publicação (livro) e de uma página *web*<sup>100</sup>, para além da promoção do projeto *LX Gardens*, através de visitas turísticas temáticas e atividades educativas de cariz ambiental e artístico, constituem objetivos deste estudo.

#### **4.2.2.2. Os inventários de cariz institucional**

A preocupação com os jardins históricos esteve, como se constatou, confinada sobretudo ao meio académico e a algumas personalidades. Contudo, nos anos 80 esse interesse alarga-se aos órgãos de decisão, materializado no protocolo estabelecido entre a Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas e o Instituto do Património Arquitetónico, assinado em 1988, com vista a promover ações de recuperação em jardins históricos e implementar escolas de jardinagem. Nas últimas duas décadas, o interesse e trabalho do meio académico consolida-se, daí resultando, para além de vários estudos e trabalhos sobre a arte paisagista portuguesa, a assinatura de vários protocolos com vista à recuperação de jardins históricos, principalmente nas Escolas de Arquitetura Paisagista de Lisboa e Évora, mas seguido igualmente por outras instituições, dos quais se destaca o protocolo entre a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e a Universidade de Évora para a inventariação dos jardins (ESTADÃO, 2006).

Na década de 90, no âmbito do Inventário do Património Arquitetónico (IPA), foi criada uma base de dados informatizada dos Jardins e Sítios Históricos de Portugal<sup>101</sup>, pela extinta DGEMN, em colaboração com arquitetos paisagistas da Universidade de Évora. Nela foram registados, descritos e enquadrados historicamente e em termos de classificação legal cerca de 300 jardins, cercas, tapadas e parques (CASTEL-BRANCO, 2002).

No final da década de 90 foi feito novo levantamento dos jardins históricos em Portugal Continental, mas desta feita sob a ótica do seu potencial turístico, proposto pelo Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo (então Fundo de Turismo)<sup>102</sup> e realizado por

---

<sup>100</sup> Refira-se que à data de conclusão deste trabalho nem o livro nem a página *web* tinham ainda sido disponibilizados ao público.

<sup>101</sup> Tendo em conta que este inventário foi e é sucessivamente atualizado, não foi possível determinar com rigor todos os jardins constantes desta base de dados, nessa época.

<sup>102</sup> Protocolo entre a Associação para o Desenvolvimento do Instituto Superior de Agronomia e a Secretaria de Estado do Turismo, Fundo de Turismo (1997-1998).



uma equipa de arquitetos paisagistas chegando-se a um conjunto de cerca de cento e vinte jardins com potencialidades turísticas.

A identificação dos principais jardins com potencialidades turísticas foi estruturada em 3 fases: partindo da base de anteriores levantamentos, livros, catálogos, monografias entre outros, foi elaborada nova listagem de jardins, parques históricos e lugares de interesse paisagístico de norte a sul do país, ao que se seguiu uma análise *in loco* tendo sido recolhido um conjunto de informações (história, proprietários, localização, acessos, envolvente, estado de conservação) e feito o registo fotográfico para depois, numa fase final, se afinarem os critérios atribuindo um valor próprio a cada jardim com base nas qualidades intrínsecas e no conjunto de elementos/atributos que fazem a essência e originalidade do jardim português e um valor complementar incluindo as características de valorização turística e as qualidades exteriores aos jardins (CASTEL-BRANCO, 1998) (Figura IV.6).



Fonte: Adaptado de CASTEL-BRANCO (1998)

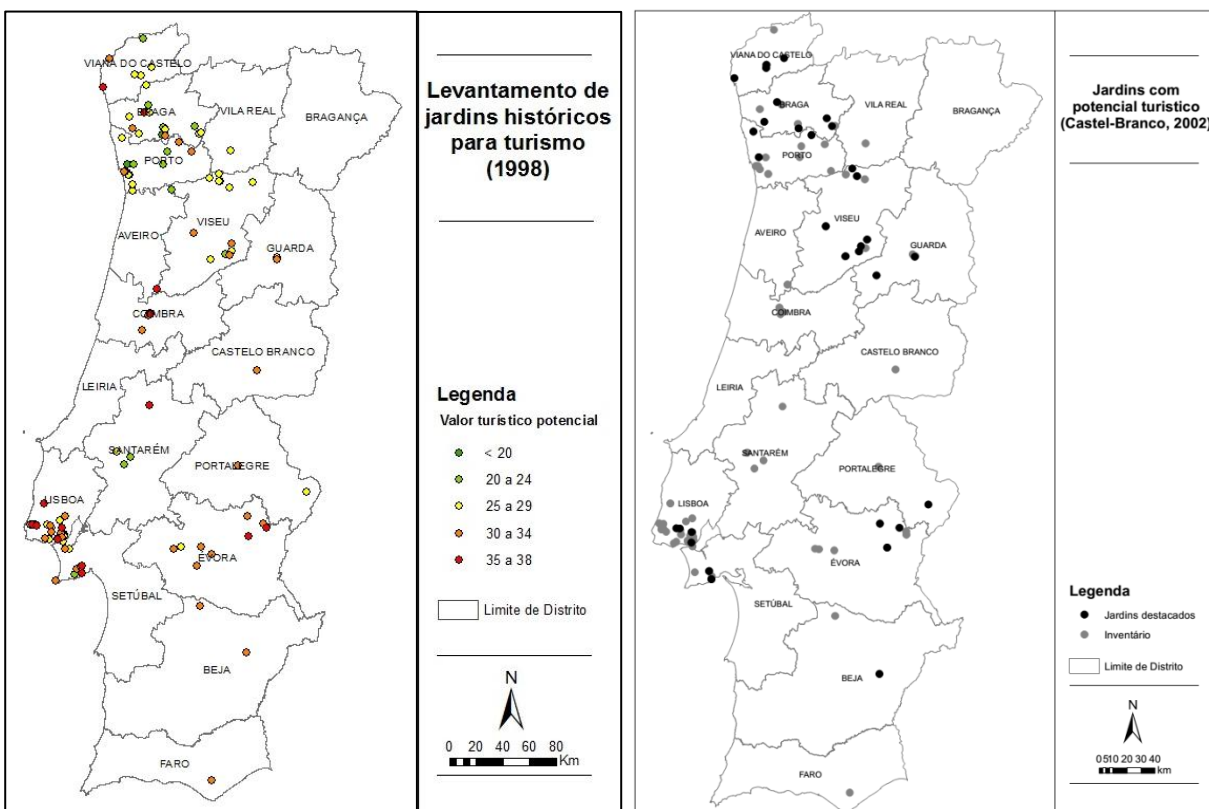
Figura IV.6: Atributos definidos para a caracterização dos jardins com potencial turístico

A síntese da terceira fase incluiu a quantificação do valor próprio de cada jardim e o valor ponderado do seu potencial para o turismo. O valor turístico potencial variou entre um mínimo de 12, atribuído ao jardim da Casa do Alto (Guimarães), e um máximo de 38, imputado ao Convento da Serra d'Ossa/de São Paulo (Redondo). Mediante os dados apresentados por este estudo poder-se-ão distinguir quatro grandes grupos de jardins através do valor turístico potencial: jardins de menor valor (<20), jardins de valor normal (20-29), jardins de grande valor (30-34) e jardins de exceção (>34). A mais de 50% dos jardins foi

conferido um valor potencial entre os 20 e os 29, tendo sido atribuído um valor de exceção a apenas 12% dos jardins, mais de metade localizados essencialmente na área de Lisboa e Vale do Tejo (Figura IV.7, Quadros AII.4, AII.5, AII.6 e AII.7).

Na sequência do que se tem verificado nos anteriores inventários realizados, a localização dos jardins com potencial turístico está centrada nos dois principais polos territoriais portugueses, Lisboa e Porto, correspondendo a 40% dos jardins inventariados, com uma distribuição mais concentrada em Lisboa e mais dispersa na área do Porto, muito embora se possa destacar, na região Centro, o distrito de Viseu e mais a Sul o de Évora.

Mais tarde, em 2002, este trabalho foi atualizado e foram seleccionados cerca de 100 jardins, dos quais foram destacados pouco mais de 30, considerados com mais potencialidades turísticas (Figura IV.8, Quadro AII.8).



Fonte: Elaboração própria a partir de CASTEL-BRANCO (1998) e CASTEL-BRANCO (2002)

Figura IV.7 e IV.8: Levantamento de Jardins Históricos para turismo (1998) e Jardins com potencial turístico, segundo CASTEL-BRANCO (2002)

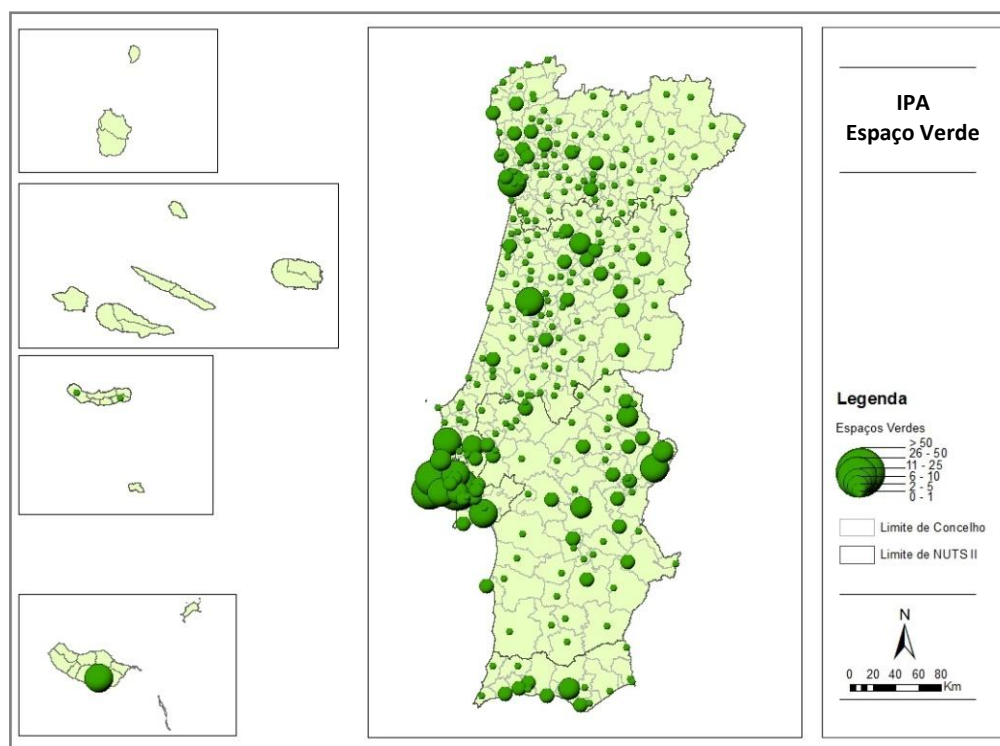
No IPA<sup>103</sup> está reunido um amplo conjunto de informação referente ao património paisagístico português. Os jardins já figuraram nas categorias Paisagem e posteriormente Monumento, estando no momento inseridos na categoria Espaço Verde. Esta, até meados de 2015, englobava um conjunto variado de objetos (jardins, quintas, cercas, tapadas, matas, parques, relvados de campos de jogos, ajardinamentos, enquadramentos paisagísticos, cemitérios, entre outros) e contava com quase 600<sup>104</sup> referências inventariadas, distribuídas de forma desigual pelo território (Figura IV.9, Quadro AII.9), verificando-se uma grande concentração de espaços verdes (cerca de 56%) na área de Lisboa e Vale do Tejo, nomeadamente nos distritos de Lisboa, Setúbal e Santarém. No Norte, os distritos do Porto e Braga concentram 8% dos espaços, já no Alentejo, o distrito de Portalegre destaca-se com quase 9% das referências localizadas neste território. Relativamente aos territórios insulares, na Madeira estão localizados 3% dos espaços inventariados por este organismo.

Com a nova organização e configuração da categoria Espaço Verde as assimetrias e os principais polos de concentração não se alteraram mas a nova subdivisão de informação permite-nos identificar a distribuição dos espaços por subcategorias destacando-se desde logo a referente a jardins que engloba 77% das referências. Os parques têm uma representatividade de 15% e as restantes uma posição residual (Figura IV.10, Quadro AII.10).

---

<sup>103</sup> O IPA é uma base de dados técnico-científica que documenta o património arquitetónico, urbanístico e paisagístico português e de raiz portuguesa, disponível para consulta pública. Foi iniciado pela DGEMN no início da década de 90, continuado, desde 2007, pelo Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e integrado na Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em julho de 2015. O IPA é contínuo e está em constante atualização e conta, atualmente, com cerca de 34.300 registos monográficos sobre o referido património, cada um dos quais agregando dados alfanuméricos e espaciais, bem como uma forte componente iconográfica, suportada num extenso acervo de arquivos e coleções, constituindo uma ferramenta ao serviço da salvaguarda e valorização desse legado cultural. O património é registado em seis grupos: Paisagem, Conjuntos Urbanos, Conjuntos Arquitetónicos, Espaços Verdes, Edifícios e Estruturas (Monumento) e Sítios que partilham a mesma estrutura de ficha de inventário. A ficha de inventário é composta por 48 campos de informação, dos quais 28 são disponibilizados ao público, através da internet (informação disponibilizada no endereço eletrónico do IPA/DGPC, 2016).

<sup>104</sup> Foram consideradas 574 referências presentes na base de dados referentes à categoria Espaço Verde (embora se tivesse identificado um conjunto significativo de jardins que ainda faziam parte das anteriores categorias Paisagem e Monumento), atualizada a 30 de março de 2014 que se manteve até meados de 2015. A partir desta altura, no seio do Espaço Verde foram criadas subcategorias (conjunto de espaços verdes, espaço de circulação, espaço de cultivo, espaço de desporto, jardim e parque) e deixaram de constar as quintas, quintas de recreio, cercas, herdades, montes e outros que demonstravam uma inter-relação forte em conjunto (espaço verde e edifício por exemplo) passando a integrar a categoria Conjunto Arquitetónico. A 30 de abril de 2016 estavam incluídas no Espaço Verde 428 referências. Esta nova metodologia suscita-nos algumas reservas uma vez que ficou de fora desta categoria um elenco grande de jardins importantes (uns que já constavam, outros que não e figuram na categoria Edifício e Estrutura) e que deveriam ser individualizados das respetivas estruturas e integrados no Espaço Verde (Ex.: Quinta do Palheiro Ferreiro, Quinta da Bacalhoa, Quinta da Aveleda, Quinta de São Mateus, Quinta de Villar d'Allen, entre muitos outros).



Fonte: Elaboração própria a partir do IPA/IHRU (Dados de março de 2014)

Figura IV.9: Inventário do Património Arquitetónico – Categoria Espaço Verde (2014)

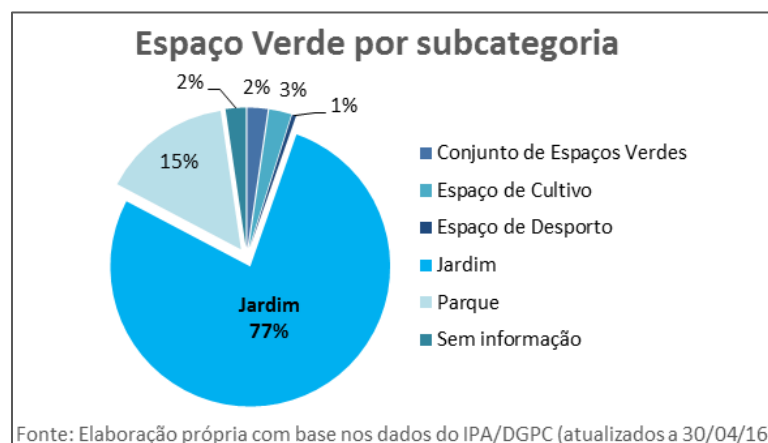


Figura IV.10: Categoria Espaço Verde por subcategorias (2016)

Foram realizados ao longo dos anos alguns inventários com relação aos jardins nacionais. A preocupação e os primeiros trabalhos surgiram no meio académico, mas nas últimas duas décadas alargaram-se ao meio institucional. No âmbito particular deste tipo de património, de grande riqueza mas bastante frágil, o inventário constitui uma das ferramentas principais ao seu conhecimento e salvaguarda.

Da análise de todos estes inventários, realizados em diferentes tempos, por diferentes grupos e com diferentes finalidades, é possível destacar algumas conclusões, em particular que não se trata de um património fácil de inventariar. Os primeiros inventários conhecidos são demasiados redutores, até porque a maioria se centra em regiões específicas do território, tendo em conta a quantidade de parques e jardins que existem efetivamente. Já neste último inventário (IPA), que tem sido atualmente organizado e desenvolvido pela DGPC, em nosso entender, as alterações metodológicas processadas deixam demasiados jardins de fora da categoria Espaço Verde e, embora tenham sido definidas subcategorias, mormente a de Jardim, é, em muitos casos, difícil individualizar os jardins históricos, já que a informação constante nas fichas de inventário é muitas vezes deficiente e de baixo pormenor (informação ao nível do grau 5 e 6<sup>105</sup>), sendo que apenas 4% das referências inventariadas estão no grau máximo de completude (1). Todavia há que reconhecer o seu contributo para um maior e melhor conhecimento da arte paisagista no país refletindo, de igual modo, o interesse crescente neste património e na sua conservação.

#### 4.2.3. A classificação dos jardins históricos

A classificação, a par da inventariação, como de resto já foi referido, constitui igualmente um processo decisivo na proteção e preservação do património cultural, e essencial quando se trata de um tipo particular de património cultural e paisagístico como o é um jardim histórico.

A preocupação com a classificação e a consequente aplicação de medidas protecionistas, embora restrita a árvores notáveis e arvoredos, data de 1938 (Decreto-Lei n.º 28 468 de 15 de fevereiro de 1938), que entretanto foi revogada pela Lei n.º 53/2012 de 5 de setembro<sup>106</sup> e Portaria n.º 124/2014 de 24 de junho<sup>107</sup>, conforme já referido. Neste âmbito, o

---

<sup>105</sup> Os registos de inventário do IPA encontram-se em diferentes estados de completude, refletindo a fase do processo de produção em que se integram, distinguindo-se entre registos de nível inventário e registo de nível pré-inventário. Cada registo de inventário é suscetível de ser classificado de acordo com a seguinte tipologia de graus: Graus 0 a 4 – registos de nível inventário; Grau 5 – registos em pré-inventário com um preenchimento mínimo dos campos; Grau 6 – registos em pré-inventário elementar, meramente identificativo, em que apenas se registam dados elementares relacionados com o objeto de registo, como a localização, designação e tipo de utilização; Grau 7 – imóvel ou conjunto desaparecido; Grau 8 – imóvel ou conjunto não construído e Grau 9 – registo reservado, consultável mediante autorização na Sala de Leitura do Forte de Sacavém (informação disponibilizada no endereço eletrónico do IPA/DGPC, 2016).

<sup>106</sup> Aprova o regime jurídico da classificação de arvoredos de interesse público (revoga o Decreto-Lei n.º 28 468 de 15 de fevereiro de 1938). Antes da atualização deste quadro legal, note-se que algumas autarquias, por iniciativa própria, produziram enquadramento legal com vista à proteção de Árvores Monumentais, classificadas ou não, sob a forma de Regulamentos Municipais. São exemplo o Projeto de Regulamento dos Espaços Verdes do Concelho de Seia (DR, 2.ª série, n.º 156 de 14 de agosto de 2006), o Regulamento dos Espaços Verdes

mais recente quadro normativo esclarece que “A classificação de arvoredos de interesse público é um instrumento essencial para o conhecimento, salvaguarda e conservação de elementos do património nacional de excepcional valor e, simultaneamente, pode constituir uma importante fonte de valorização e divulgação desse mesmo património, servindo de estímulo para um maior envolvimento da sociedade em geral na sua inventariação e proteção”. A classificação de “interesse público” atribui ao arvoredo um estatuto similar ao do património construído classificado. Desta forma, as árvores e os maciços arbóreos classificados de interesse público constituem um património de elevadíssimo valor ecológico, paisagístico, cultural e histórico, em grande medida desconhecido da população portuguesa<sup>108</sup>.

Segundo a Portaria 124/2014, o Arvoredo de Interesse Público (AIP) é passível de ser classificado no seio de duas categorias:

a) *Conjunto arbóreo*, que abrange povoamentos florestais, bosques ou bosquetes, arboretos, alamedas e jardins [sublinhado nosso] de interesse botânico, histórico, paisagístico ou artístico;

b) *Exemplar isolado*, que abrange indivíduos de espécies vegetais relativamente aos quais se recomende a sua cuidadosa conservação e que pela sua representatividade, raridade, porte, idade, historial, significado cultural ou enquadramento paisagístico, sejam considerados de relevante interesse público.

No processo de classificação do AIP são tidos em conta um conjunto de critérios gerais como o seu porte, desenho, idade, raridade, o relevante interesse público da classificação e ainda a necessidade da conservação cuidadosa de exemplares ou conjuntos de exemplares arbóreos ou vegetais de particular importância ou significado natural, histórico, cultural ou paisagístico. Tratando-se de um conjunto arbóreo são considerados como critérios especiais

---

Municipais da Câmara Municipal da Azambuja ou Regulamento Municipal de Gestão de Espaços Verdes e Limpeza Urbana da Câmara Municipal da Trofa (ALMARGEM, 2007).

<sup>107</sup> Estabelece os critérios de classificação e desclassificação de Arvoredo de Interesse Público (AIP), os procedimentos de instrução e de comunicação e define o modelo de funcionamento do Registo Nacional do Arvoredo de Interesse Público (RNAIP).

<sup>108</sup> Segundo a legislação, uma árvore/arvoredo classificada/o de “interesse público”, ou em vias de classificação, beneficia de uma zona de proteção de 50 metros de raio a contar da sua base. Toda a árvore de interesse público não poderá ser cortada ou desramada sem autorização prévia da Autoridade Florestal Nacional, sendo todos os trabalhos efetuados sob sua orientação técnica. Se tal não for cumprido, estão previstas medidas sancionatórias.

de classificação a singularidade do conjunto (natural, histórica ou paisagística), a coexistência de um número representativo de exemplares com características suscetíveis de justificar classificação, a insuficiência da classificação isolada de exemplares do conjunto, e não se tratar de povoamento florestal enquadrado em plano de gestão florestal.

Importa referir que a classificação pode ser proposta não só pelos proprietários, poder local, organizações de produtores ou gestores de espaços florestais mas também por ONGs relacionadas com o ambiente e, muito importante, por comuns cidadãos ou movimentos de cidadãos, estando então na mão de cada um a possibilidade de contribuir para a salvaguarda deste património. Está prevista ainda a sinalização do arvoredo classificado por meio de placa identificativa, aprovada pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)<sup>109</sup>, cabendo aos proprietários ou titulares de direitos sobre o arvoredo a sua colocação.

No âmbito do quadro normativo de 1938 foi classificado a totalidade<sup>110</sup> do arvoredo de interesse público que consta no Registo Nacional do Arvoredo de Interesse Público<sup>111</sup> (RNAIP), nomeadamente mais de 500 árvores isoladas e cerca de 80 conjuntos perfazendo um total de quase 600 elementos classificados<sup>112</sup> até então.

Excetuando os que entretanto já não constam do RNAIP, à data de abril de 2016 existiam 464 árvores isoladas<sup>113</sup> classificadas representando a maior parte do espólio total

---

<sup>109</sup> Segundo fontes do ICNF apenas existem esboços para a placa identificativa, não estando, até à data, nenhum modelo aprovado. Todavia alguns exemplares estão identificados como AIP por iniciativa do poder local, conforme se pode verificar nas imagens da Figura IV.12.

<sup>110</sup> Embora se trate de uma lista dinâmica, uma vez que está em constante atualização com a inscrição de novos elementos, até à data ainda não há registo no RNAIP de arvoredo classificado depois da entrada em vigor da lei n.º 53/2012 de 5 de setembro.

<sup>111</sup> O RNAIP está disponível para consulta no endereço eletrónico do ICNF, não sendo possível a sua exportação em ficheiro excel o que implicou a compilação de toda a informação dos 591 processos constantes do registo por forma a ser possível o tratamento quantitativo dos dados e apresentação dos resultados. Na ficha de cada árvore ou conjunto consta informação sobre a identificação (nome científico e nome vulgar), a localização (desde a rua ao distrito), a caracterização (atributos como perímetro, diâmetro, altura e idade), o diploma de classificação e ainda a descrição do arvoredo classificado, em vias de classificação ou já desclassificado.

<sup>112</sup> Destes, 47 exemplos (43 árvores isoladas – maioritariamente pinheiros mansos e pinheiros bravos, 3 alamedas – palmeiras, tílias e ulmeiros e 1 maciço – palmeiras) foram desclassificados porque entretanto desapareceram, por via da idade avançada, episódios atmosféricos extremos ou por perda das características excecionais que os distinguiam, não constando da contabilização da representação por categoria, embora conste na representação por década (informação à data de abril de 2016, disponibilizada no RNAIP – endereço eletrónico do ICNF). A respeito da desclassificação do AIP, a Portaria n.º 124/2014 esclarece que o estatuto de proteção é perdido quando deixem de se verificar necessidades da sua cuidadosa manutenção e conservação mormente em situações de destruição ou deterioração irrecuperáveis, perda definitiva dos atributos que levaram à classificação ou o arvoredo estar sujeito a outro regime legal de proteção especial, sendo esta ação da competência do ICNF, embora permaneça inscrito no RNAIP com menção das causas de perda de estatuto.

<sup>113</sup> Relativamente a esta categoria os dados constantes no RNAIP revelam que há uma grande diversidade, tendo sido contabilizadas 95 espécies diferentes, embora as principais espécies classificadas de interesse público sejam

classificado (85,3%), os restantes 14,7% (80) correspondiam a conjuntos<sup>114</sup> onde as alamedas detinham uma representatividade de 5%, os maciços e arvoredos de 4% cada um, os bosquetes de 2% e os alinhamentos de 0,4% (Figura IV.11, Quadro AII.11).

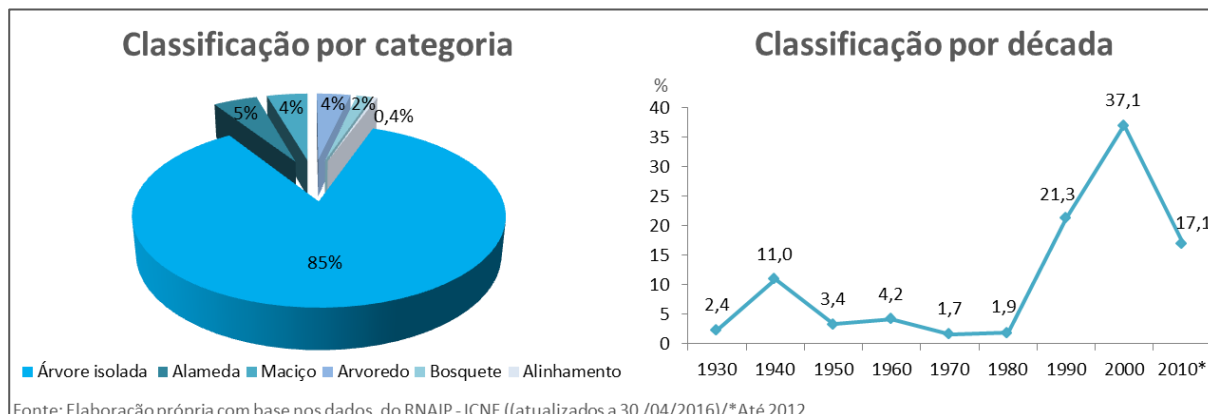


Figura IV.11: Arvoredo de Interesse Público classificado por categorias e década de classificação

A análise da classificação por ano revela uma irregularidade ao longo do tempo, com tendências ora positivas, ora até bastante negativas pelas quebras bruscas que se verificam (Figura IV.11, Quadro AII.12). No ano seguinte (1939) à entrada em vigor da legislação (1938) foram realizadas 14 (2,4%) classificações, registando-se um aumento significativo na década de 40, em particular nos últimos anos. A partir daí, nota-se uma diminuição na classificação, verificando-se mesmo em muitos dos anos apenas um exemplar alvo deste tipo de proteção. A viragem acontece a partir da década de 90, ocorrendo cerca de 21% das classificações neste período de tempo, mas sobretudo a partir do novo milénio que acolhe mais de metade (54,2%) do total de classificações atribuídas, revelando assim uma

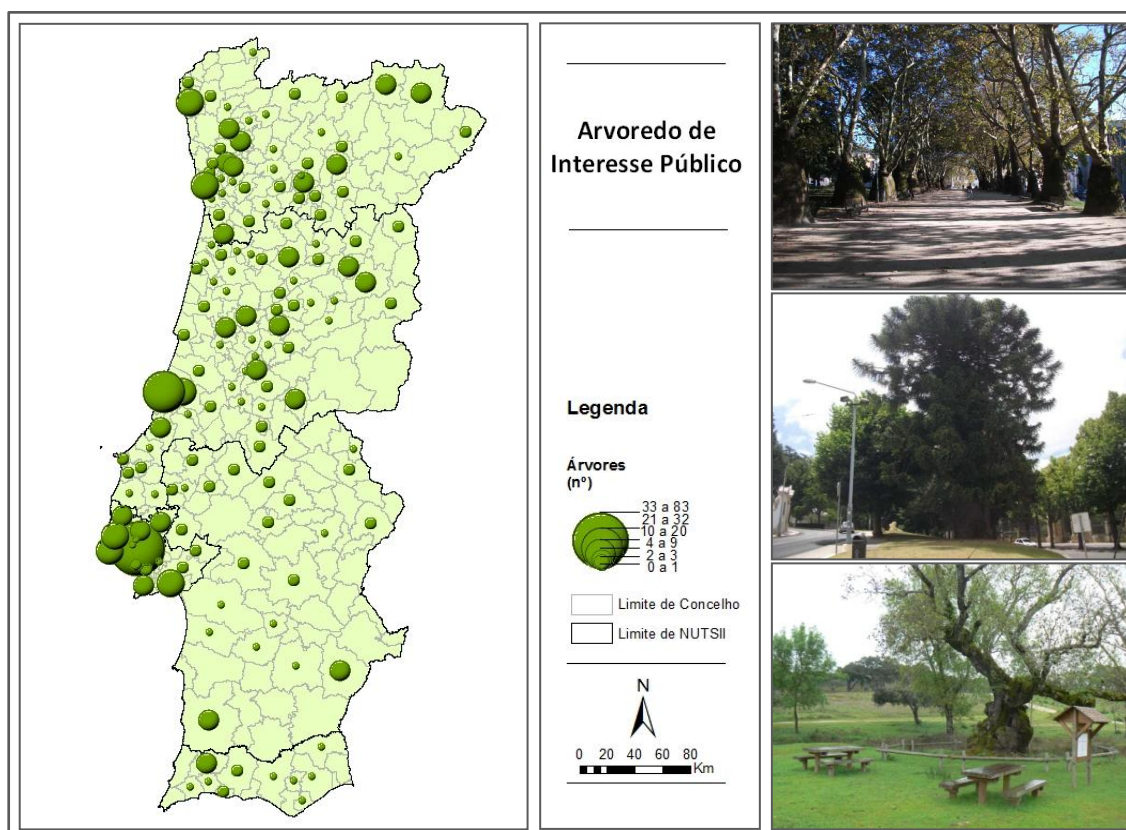
na sua maioria sobreiros (*Quercus suber*) (10%), pinheiros bravos (*Pinus pinaster*) (8,4%), carvalhos alvarinhos (*Quercus robur*) (6,7%), plátanos (*Platanus ssp.*) (6,9%), oliveiras (*Olea europaea*) (6%), pinheiros mansos (*Pinus pinea*) (3,7%), eucaliptos (*Eucaliptus ssp.*) (3,7%), dragoeiros (*Dracaena draco*) (2,8%) e castanheiros (*Castanea sativa*) (2,8%). Existem 18 exemplares com idade igual ou superior a 1000 anos (17 oliveiras e 1 zambujeiro), 7 das quais com mais de 2000 mil anos. A recordista em termos de longevidade deste registo pertence a um exemplar de oliveira com 2850 anos localizada no concelho de Loures (informação disponibilizada no RNAIP – endereço eletrónico do ICNF, 2016).

<sup>114</sup> No âmbito desta categoria distingue-se a coleção de cameleiras da Quinta de Santo Inácio de Fiães, em Vila Nova de Gaia, a maior coleção da Europa com dois mil exemplares oitocentistas, distribuídos por 4 hectares, os plátanos do Jardim da Cordoaria, no Porto, um conjunto de cerca de 40 exemplares com cerca de 140 anos de formas estranhas e peculiares e por isso considerados notáveis, e ainda duas alamedas compostas por *Buxus sempervirens*, uma na Quinta da Cerca (Trancoso) composta por cerca de 700 exemplares com 400 anos, e outra na Quinta dos Buxos (Chaves) com mais de 100 exemplares de 300 anos (informação disponibilizada no RNAIP – endereço eletrónico do ICNF, 2016).



sensibilidade e preocupações maiores com a salvaguarda deste património. Destaque para o ano 2000 com 7,1% (42) e 2011 com 7,4% (44), o máximo registado até agora.

Em termos de distribuição geográfica (Figura IV.12, Quadro AII.13) é a região Centro que concentra a maior parte do Arvoredo de Interesse Público (33,3%) seguida de Lisboa (30,7%) e Norte (24,4%), tendo as restantes regiões uma representatividade residual. Na primeira, destaca-se o distrito de Leiria (12,3%) e no último, o distrito do Porto (8,5%). A nível concelhio, Lisboa (15,3%), Marinha Grande (5,9%) e Porto (3,7%) são os que registam mais arvoredo classificado.



Elaboração própria a partir do RNAIP/ICNF (atualizado a 30/04/2016) /Fotos superiores da autora (2015); Foto inferior do ICNF<sup>115</sup>

Figura IV.12: Distribuição do Arvoredo de Interesse Público por concelho (2015) e alguns exemplos<sup>116</sup>

<sup>115</sup> Foto gentilmente cedida por Rui Queirós, Técnico Superior do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas, Públicas e de Proteção Florestal/Divisão de Proteção Florestal e Valorização de Áreas Públicas do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

<sup>116</sup> Plátanos do jardim da Cordoaria no Porto, araucária do jardim dos Arcos em Coimbra e freixo na freguesia de Valongo – Avis.

No âmbito da classificação, são também de aplaudir as iniciativas municipais, ainda que pontuais, na inventariação, classificação e valorização do arvoredado monumental presente no seu território, assim como iniciativas académicas com propostas de classificação<sup>117</sup>, o que demonstra uma sensibilidade cada vez maior para com este património, muito embora tal não seja impedimento para se cometerem verdadeiros atentados contra o mesmo<sup>118</sup>.

Para além deste campo específico, em termos gerais, é à DGPC<sup>119</sup> (IGESPAR até 2013) que compete, por lei, propor a classificação dos bens culturais imóveis de âmbito nacional. Cabe-lhe, assim, a definição dos critérios que deverão ser utilizados neste processo: critérios de carácter geral – histórico-cultural, estético-social e técnico-científico; e de carácter complementar – integridade, autenticidade e exemplaridade do bem.

Segundo a Lei do Património Cultural, consoante o seu valor relativo, os bens imóveis de interesse cultural podem ser classificados como de “Interesse Nacional” (designados “Monumento Nacional”), “Interesse Público” ou “Interesse Municipal” (classificação camarária). Para além desta, definiram-se ainda as categorias de “Monumento”, “Conjunto” e “Sítio” (segundo as convenções internacionais).

O trabalho neste campo é regular e constante uma vez que este universo se encontra em permanente alargamento, para além de que a classificação<sup>120</sup> dos bens culturais imóveis é fundamental para fixar critérios de valorização do património imóvel. É assim possível encontrar hoje em dia uma maior incidência de classificações de objetos e conjuntos arquitetónicos de tipologias mais variadas, como sejam a arquitetura modernista e do

---

<sup>117</sup> Referem-se os exemplos de Loulé que identificou, localizou e caracterizou as suas árvores notáveis, indicando ainda o seu estado de conservação e ameaças (ALMARGEM, 2007), de Penafiel, Guimarães, Tomar, Lisboa e Monchique que identificaram e definiram roteiros das árvores notáveis e já classificadas ou de Leiria que identificou e elaborou um atlas das árvores da cidade. LOURENÇO (2015) realizou um trabalho de identificação de árvores com potencial de classificação elaborando propostas nesse sentido assim como itinerários turísticos na cidade do Porto.

<sup>118</sup> A este respeito a Associação Árvores de Portugal tem denunciado ações de vandalismo e negligência cometidas contra arvoredado notável classificado, nomeadamente “(...) situações de podas não autorizadas de exemplares classificados em Lisboa e Ponte de Lima, bem como de obras num jardim de Lisboa que violaram de forma flagrante o perímetro de proteção de que usufruem as árvores classificadas. (...) na cidade da Guarda, onde a falta de meios humanos e técnicos do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas resultaram na poda de onze ulmeiros classificados executada por um militar da Guarda Nacional Republicana (...)” (informação disponibilizada no endereço eletrónico da Associação Árvores de Portugal, 2016).

<sup>119</sup> De acordo com o Decreto-lei n.º 126-A/2011 de 29 de dezembro, em Portugal Continental, a gestão, salvaguarda, conservação, valorização, conservação e restauro dos bens que, pelo seu interesse histórico, artístico, paisagístico, científico, social e técnico, integrem o património cultural imóvel, móvel e imaterial do país, é da responsabilidade da DGPC.

<sup>120</sup> O Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro estabelece o Procedimento de Classificação dos Bens Imóveis de Interesse Cultural, bem como o Regime Jurídico das Zonas de Proteção e do Plano de Pormenor de Salvaguarda, tendo sido entretanto alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2011 de 5 de dezembro e pelo Decreto-Lei n.º 265/2012 de 28 de dezembro.

movimento moderno, a arquitetura vernacular, os sítios arqueológicos, as cercas monásticas, os jardins históricos, a arquitetura do espetáculo, a arquitetura industrial, entre outras.

Partindo da base de dados disponibilizada pela DGPC (sistema *Ulysses*), que se cruzou com informação do IPA (2012-2016), de SILVA (1998), de CASTEL-BRANCO (2002) e de ESTADÃO (2005), pudemos conhecer, recolher e sistematizar a informação relativa à classificação dos jardins portugueses<sup>121</sup>. Neste sentido, verifica-se que os jardins classificados fazem parte sobretudo de conjuntos, distribuídos pelas tipologias<sup>122</sup> Arquitetura Civil, Arquitetura Mista, Arquitetura Religiosa, Não Definida, e ainda algumas referências que não estão incluídas em qualquer tipologia/categoria, num total de cerca de 180 referências classificadas<sup>123</sup>, o que representa pouco mais de 4% do total de bens classificados em Portugal Continental (cerca de 4000 bens imóveis), os jardins incluídos na categoria Jardim não chegam a representar 1%.

É no âmbito da tipologia Arquitetura Civil que se encontram mais jardins classificados (correspondendo a quase 9% do total de cerca de 1650 bens classificados), incluídos não só na categoria Jardim, onde constam apenas o Jardim da Manga e o Jardim Botânico de Lisboa como Monumentos Nacionais (MN) e o Jardim Botânico de Coimbra como Imóvel de Interesse Público (IIP), mas também na categoria Casa, Conjunto, Edifício, Paço, Palacete, Palácio, Parque, Quinta, Solar, entre outras (Figura IV.13, Quadro AII.14), cujos jardins surgem como parte integrante de um conjunto a preservar, aliás uma prerrogativa prevista na

---

<sup>121</sup> Esta recolha de informação foi complexa e demorada devido aos obstáculos que se encontraram. Iniciou-se a pesquisa por tipologia/categoria aos bens que continham jardim/mata/parque/cerca na designação. Todavia, percebeu-se que havia bens que não incluíam estas denominações na designação nas listagens de bens disponibilizadas pela DGPC e só a análise dos respetivos decretos permitiria descortinar essa situação. Deparamo-nos ainda com o facto de bens que não apareciam nas tipologias definidas na página *online* da DGPC, surgindo somente quando pesquisadas por concelho ou pela designação e ainda com o facto de pelo menos dois casos, que estando classificados, não apareciam nas listagens da DGPC. Estas situações levaram a um esforço adicional de tempo na pesquisa e na confirmação, nos respetivos decretos, das situações de classificação de bens que incluíam jardins. Todavia, em alguns casos, o nível e pormenor da informação, baixa e vaga, disponível nos decretos e nas plantas não permitia perceber com todo o rigor se o jardim estava ou não incluído na classificação. Como tal foi necessário cruzar informação com outras fontes (informação disponibilizada no endereço eletrónico do IPA, 2012-2016; SILVA, 1998; CASTEL-BRANCO, 2002 e ESTADÃO, 2005), tendo sido analisados mais de 200 decretos.

<sup>122</sup> No âmbito da classificação do património estão definidas 7 tipologias: Arqueologia, Arquitetura Civil, Arquitetura Militar, Arquitetura Mista, Arquitetura Religiosa, Não Definida e Património Industrial.

<sup>123</sup> Crê-se que poderão eventualmente ser um pouco mais, uma vez que alguns decretos não detinham um nível de informação suficiente para que se atestasse com toda a certeza que o bem classificado incluía o jardim. Nesta pesquisa foram apenas considerados os jardins e bens com jardins que estão efetivamente classificados. Todavia, existem outros tantos ou mais que também se encontram abrangidos pelas disposições legais de proteção do bem ao estarem incluídos nas respetivas Zonas Especiais de Proteção (ZEP).

Lei do Património Português<sup>124</sup>, constituindo por isso um passo importante para a salvaguarda deste património.

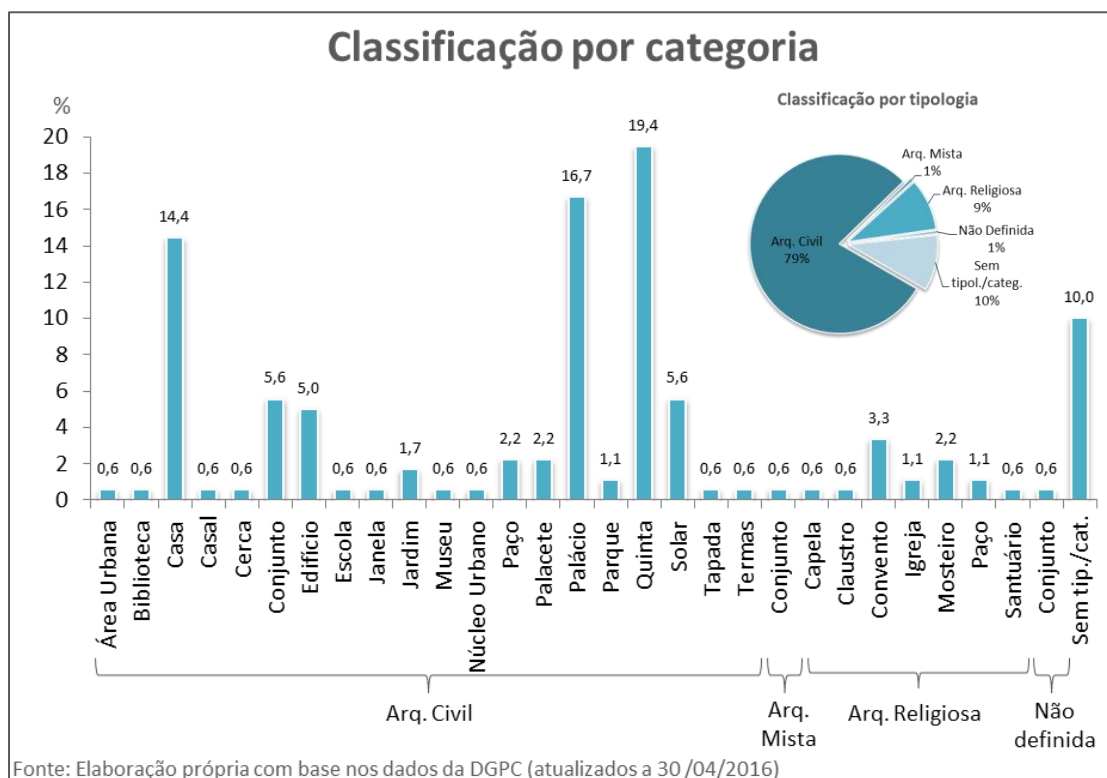


Figura IV.13: Jardins e Bens com jardins classificados, por categoria e tipologia

O tipo de classificação mais comum é a de IIP representando 44% do total de bens classificados, seguido da de Monumento de Interesse Público (MIP) que abarca 32% e apenas 12% estão classificados como MN (Figura IV.14).

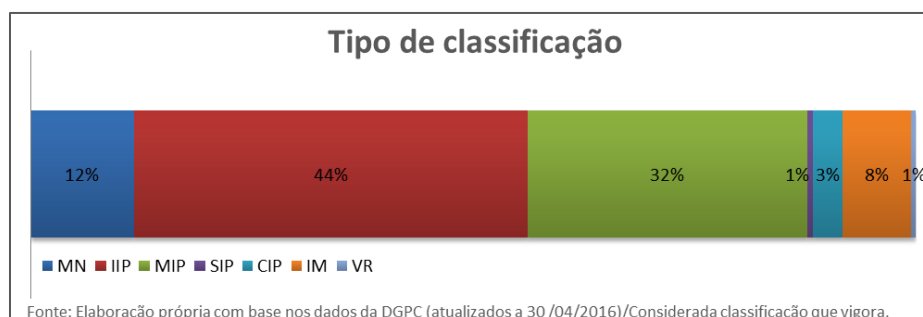


Figura IV. 14: Tipo de classificação dos Jardins e Bens com jardins

<sup>124</sup> A Lei do Património Cultural Português esclarece no seu artigo 2º que “ Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa”.

Os bens classificados como IIP destacam-se nas categorias Casa, Quinta e Palácio, de resto as que encerram maior número de bens classificados, classificação predominante inclusive na maior parte das categorias analisadas. Já a distinção de MN destaca-se na categoria Palácio e a classificação de MIP tem uma maior expressão na categoria Quinta (Quadro AII.14).

As Figuras IV.15 e IV.16 ilustram a distribuição territorial dos jardins classificados revelando uma maior incidência na região de Lisboa (40%), seguida do Norte (27%) com os distritos de Braga e Porto a destacarem-se, e do Centro (22%) sobretudo nos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu. O Sul tem uma representação residual em termos de jardins classificados assim como a Madeira e os Açores<sup>125</sup> (Quadro AII.15).

O Palácio Nacional de Queluz e os seus jardins detêm a classificação mais antiga deste grupo, datada de 1910 (MN)<sup>126</sup>. No período entre 1910 e 1977, apenas mais vinte bens tinham sido alvo desta medida de proteção, entre os quais o Jardim/Claustro da Manga, em Coimbra, em 1934<sup>127</sup> (MN). Os anos de 1977, 1982, 1996 e 1997<sup>128</sup> constituem, a este nível, os anos mais profícuos do século XX, tendo sido classificados 43% dos jardins nestas três décadas. O primeiro decénio do século XXI foi mais modesto no que diz respeito a este tipo de proteção (8,9%), verificando-se uma maior dinâmica na década atual (38,3%), em particular entre 2012 e 2014<sup>129</sup> (Figura IV.17, Quadro AII.16). Deste padrão temporal não está alheio o facto de as classificações refletirem o modo como a sociedade olha para o património em cada época, já que se valorizam aspetos diferentes ao longo do tempo. Desta forma, a leitura das classificações no decurso do tempo é demonstrativa da evolução da disciplina da conservação do património cultural (HENRIQUES, 2003).

---

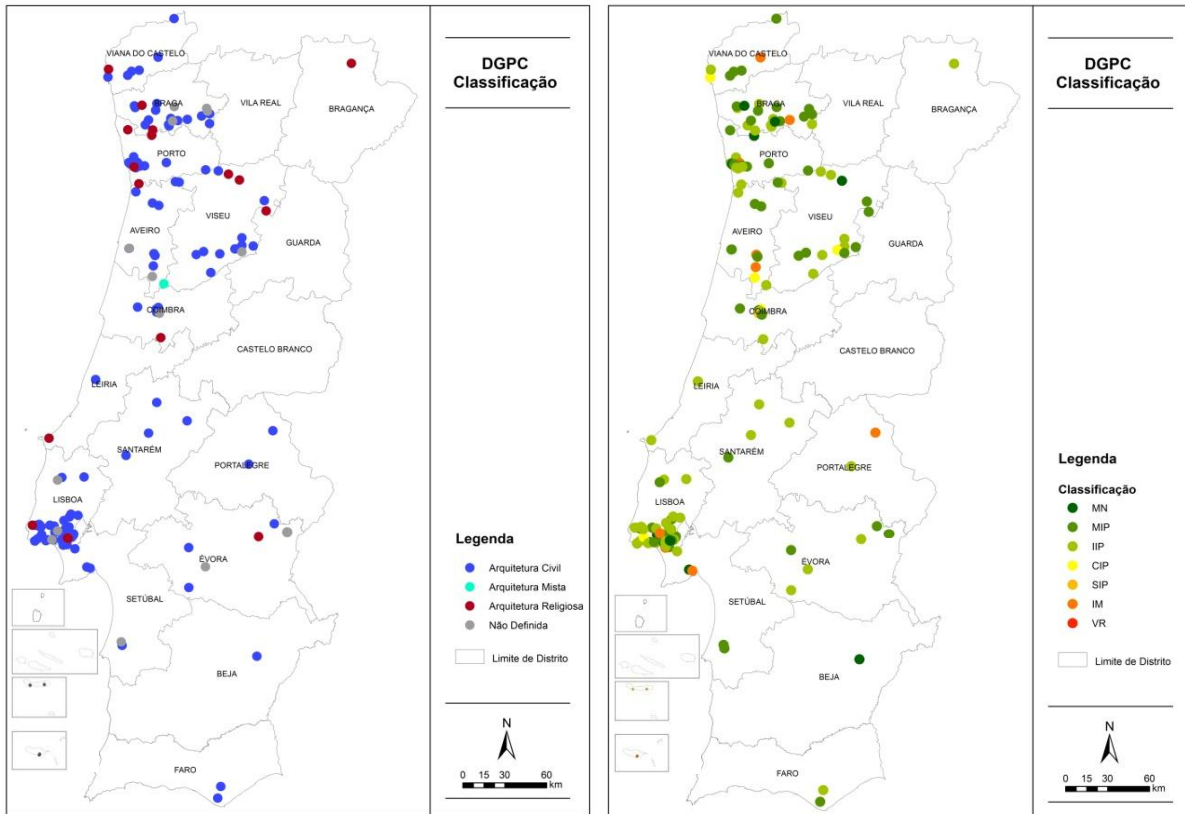
<sup>125</sup> Note-se que a DGPC não tem competências sobre os territórios insulares nacionais. Apenas a análise das fichas de inventário dos Espaços Verdes (IPA) dos Açores e Madeira permitiu descortinar quais os que estavam classificados.

<sup>126</sup> Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23-06-1910.

<sup>127</sup> Decreto n.º 23 967, DG, I Série, n.º 130 de 5-06-1934.

<sup>128</sup> Note-se que nestes anos foram classificados os jardins que figuram como estudos de caso desta investigação. Em 1982, o conjunto formado pelo Palácio, jardins, horta e mata dos Marqueses de Fronteira obteve a distinção de MN (Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47 de 26-02-1982), o Jardim Botânico de Coimbra e o Parque de Serralves mereceram a distinção de IIP no ano de 1996 (Decreto n.º 2/96, DR, I Série-B, n.º 56 de 6-03-1996).

<sup>129</sup> Na categoria jardins, o Jardim Botânico de Lisboa foi classificado como MN em 2010 (Decreto n.º 18/2010, DR, I Série, n.º 250 de 28-12-2010) e em 2012, na categoria Casal, o Casal de Santa Maria/Parque de Serralves foi reclassificado também como MN (Decreto n.º 31-G/2012, DR, I Série, n.º 252 de 31-12-2012).



Fonte: Elaboração própria a partir de DGPC (atualizado a 30 de abril de 2016)

Figura IV.15 e IV.16: Jardins e Bens com jardins classificados, por tipologia e categoria e por tipo de classificação

O tipo de classificação mais comum, durante todo o século XX e no geral, é a de IIP, como de resto já se referiu, representando a totalidade ou a quase totalidade dos bens classificados em diversos anos. A classificação de MN é esporádica neste período e mais recorrente a partir do final do século XX. Na segunda década deste novo milénio ganham destaque as classificações de MIP (Figura IV.18, Quadro AII.17).

Afeta à classificação estão várias premissas de salvaguarda e proteção, o que, tendo em conta o valor patrimonial de muitos jardins, para além do grande número já inventariado, seria justificação mais do que suficiente para haver muitos mais jardins classificados, correndo o risco de passar despercebido o seu valor cultural, adquirido e transmitido ao longo do tempo (ESTADÃO, 2005).

Em jeito de síntese, relativamente à salvaguarda do património paisagístico português há que referir que, não obstante as ações que têm sido levadas a cabo e que constituem importantes progressos nesta matéria, esta história está pontuada por equívocos e indefinições que, em último caso, culminam no sacrifício dos objetos a proteger.

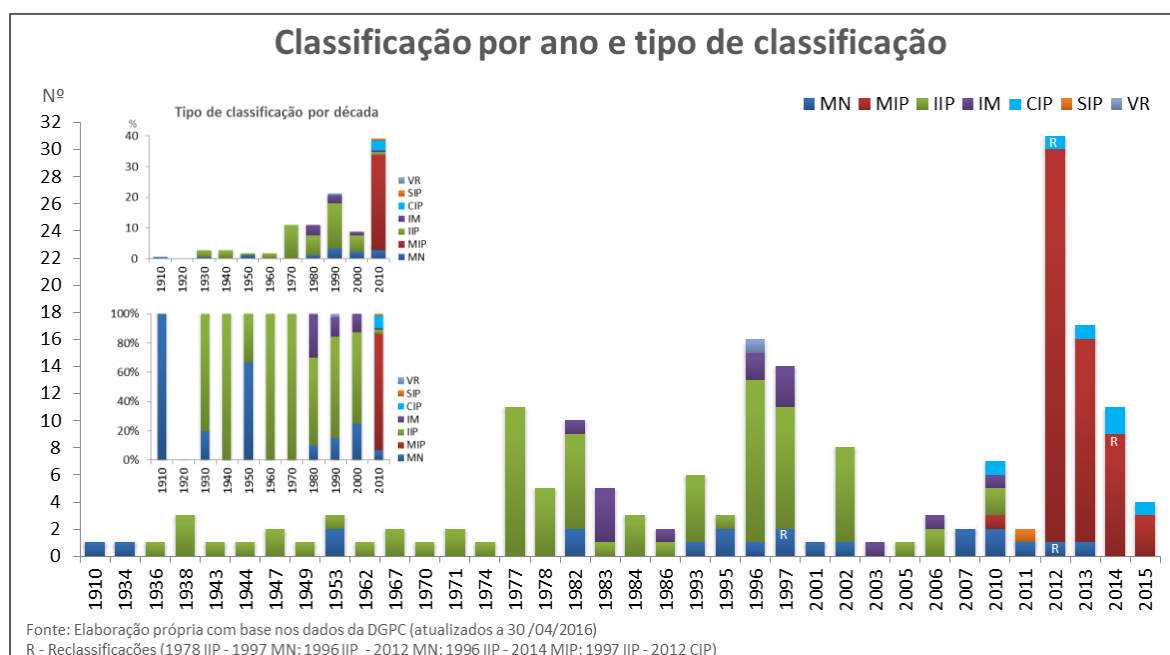
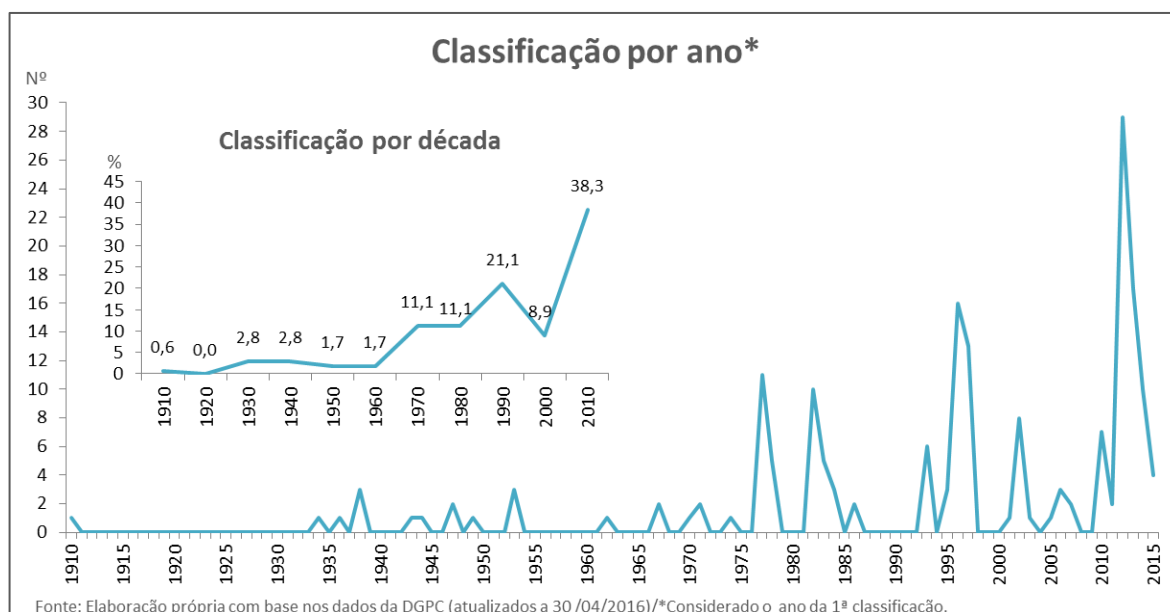


Figura IV.17 e IV.18: Jardins e Bens com jardins classificados em Portugal, por ano/década e tipo de classificação

Refere-se, em particular, uma Lei pouco clara e específica, como já foi referido, às constantes mudanças institucionais e consequente sucessão ou coexistência de organismos estatais na tutela do património cultural sem a necessária coordenação de esforços e as consecutivas alterações metodológicas, à falta de uma categoria específica de Jardim Histórico, tanto ao nível da inventariação como da classificação, embora tenham existido

propostas de metodologias<sup>130</sup>, as vicissitudes têm sido muitas. De acordo com REBELO (1999, citado em LIMA, 2005), a tarefa de inventário foi sendo realizada de um modo sistemático mas sem a conveniente articulação com a tarefa de classificação.

Esta desarticulação tem tido repercussões na real salvaguarda do património paisagístico, pois não faltam exemplos em que a inventariação e a classificação, por si só, não foram/são eficientes. A detenção destas premissas não tem sido impedimento à construção desenfreada provocando o desaparecimento ou alteração dos espaços (Ex.: Quinta de Villar d'Allen, Quinta da Prelada), à transformação de jardins históricos ou partes sem obedecer aos critérios estabelecidos internacionalmente (Ex.: Quinta da Bacalhoa) ou à degradação e abandono dos jardins por falta de capacidade financeira dos proprietários ou de jardineiros profissionais.

### **4.3. A estrutura associativa na senda da proteção e promoção dos jardins**

Já havíamos anteriormente referido que é dever do Estado, materializado nas diversas entidades criadas para o efeito (nomeadamente a atual DGPC), a salvaguarda e valorização do património cultural (artigo 3º da Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro).

Contudo, não podemos relegar determinadas entidades não estatais, de âmbito nacional ou mais restrito, cuja ação, embora mais individualizada que conjunta, é muitas vezes tão ou mais importante que a institucional. Referimo-nos, neste caso, à Associação Portuguesa dos Jardins Históricos (APJH) que tem feito da salvaguarda, proteção, conservação e valorização dos jardins históricos a sua matriz orientadora, de tal forma que, a nível nacional, é uma das faces mais visíveis dessa causa, dedicando-se em exclusivo a este tipo de património, à Associação de Plantas e Jardins em Climas Mediterrânicos/*Mediterranean Gardening Association Portugal (APEJECM/MGAP)*, às Ligas ou Associação dos Amigos do Jardim ou ainda à Associação Portuguesa das Casas Antigas, organizações não-governamentais sem fins lucrativos que, em teoria, concorrem para a valorização e promoção dos jardins portugueses.

---

<sup>130</sup> No final da década de 90, o IPPAR solicitou uma proposta de metodologia de classificação de Jardins Históricos, depois de detetada a necessidade de aplicar critérios coerentes e sistemáticos para a classificação do património paisagístico, que foi realizada por duas arquitetas paisagistas e intitulada “Estudo para a Classificação de Jardins e Sítios com Valor Histórico-Cultural”. Mais tarde (2008), uma dessas arquitetas (R. GONÇALVES) realizou uma metodologia de avaliação do património paisagístico, tendo em vista a sua classificação, com base no estudo anterior (BASTO, 2015). Recentemente, BASTO (2015) trabalhou na conceção de uma Metodologia de Inventariação, tornando possível a concretização de uma ficha de inventário para o património paisagístico e a sua divulgação através do roteiro proposto “Jardins da Cultura”, para publicação no *site* da DGPC. Até então, nada se concretizou. Ao nível da inventariação, ESTADÃO (2005), por ocasião do seu estágio na DGEMN, desenvolveu e propôs normas para ficha de inventário de Jardim Histórico. Estas e todas as metodologias anteriores desenvolvidas nunca foram aplicadas pelas entidades responsáveis.



### **4.3.1. A Associação Portuguesa dos Jardins Históricos**

#### **4.3.1.1. Objetivos, missão e associados**

Os jardins históricos encontram-se dispersos por todo o território nacional, um património, creem muitos, ainda não totalmente conhecido, de cariz maioritariamente privado/familiar, cujos proprietários ou se situam numa faixa mais idosa, e por isso muito menos proativa e sensibilizada para o valor patrimonial e histórico dos seus jardins assim como um menor poder económico para fazer face a elevado custos de manutenção e restauro, ou pertencem, por força de heranças, a uma geração mais jovem mas não menos apartada destes constrangimentos aos quais se junta o frequente desconhecimento do objeto de que se é proprietário, quando o herdeiro há muito faz a sua vida longe das suas raízes, nomeadamente no espaço urbano. Agrupar os proprietários dos jardins em torno de um interesse comum – a preservação dos jardins históricos – foi um dos fatores que levou à criação da APJH em 2003. A dispersão dos mesmos comprometia e inviabilizava a necessária manutenção, salvaguarda e valorização dos jardins.

Esta iniciativa surge na sequência do levantamento de jardins portugueses feito no final da década de 90, por solicitação do Fundo de Turismo, por parte da equipa que o realizou e da tomada de consciência do real estado de degradação, e não raras vezes do abandono a que os mesmos estavam votados.

Desta forma, segundo o Capítulo II – Objeto e Competência, dos Estatutos da APJH, esta tem por objeto contribuir para o estudo, defesa, preservação e divulgação do património paisagístico (artigo 4º) e tem como objetivo principal promover a conservação e valorização de sítios naturais e históricos, de carácter privado e público, entendidos como espaços de valor estético, interesse científico, cultural, educativo, turístico e paisagístico. Para além deste, a sua atuação passa por contribuir para a recuperação do valor ecológico e recreativo do património, pela representação e apoio aos associados e proprietários de jardins e sítios históricos, a colaboração com entidades públicas no estudo e elaboração de diplomas de natureza legal ou regulamentar, bem como de programas de enquadramento adequado e ainda de medidas de natureza financeira e de incentivo fiscal com vista à defesa e preservação dos jardins e, acima de tudo, contribuir para a valorização dos jardins históricos como produto turístico/cultural (artigo 5º).

Faz parte ainda das suas atribuições desenvolver investigação integrada nos domínios da história da arte, ecologia, paisagem, botânica, gestão e recuperação de património e da jardinagem, assim como proceder ao seu ensino e divulgação, devendo ainda ser subsidiada e

inclusive premiada; organizar, promover ou apoiar estudos, cursos, seminários, conferências, colóquios, debates ou outras iniciativas similares, de forma autónoma ou em parceria com entidades públicas ou privadas; promover o intercâmbio e a colaboração com outras instituições nacionais ou internacionais; construir e disponibilizar a consulta de um centro de documentação especializado para além de uma base de dados do património existente; colaborar com os órgãos públicos competentes na elaboração de medidas ajustadas para a conservação e divulgação do património; organizar ações de formação no âmbito da recuperação e manutenção deste património para além de promover a divulgação de projetos de recuperação, restauro, conservação, manutenção e dinamização turística (artigo 6º) (APJH, 2012)<sup>131</sup>.

A Figura IV.19 mostra algumas dessas atividades, mormente os diversos cursos relacionados com jardins e jardinagem que têm sido promovidos e as viagens aos jardins nacionais e internacionais.



Fonte: APJH – endereço eletrónico (2015)

Figura IV.19: Exemplos de atividades promovidas pela APJH

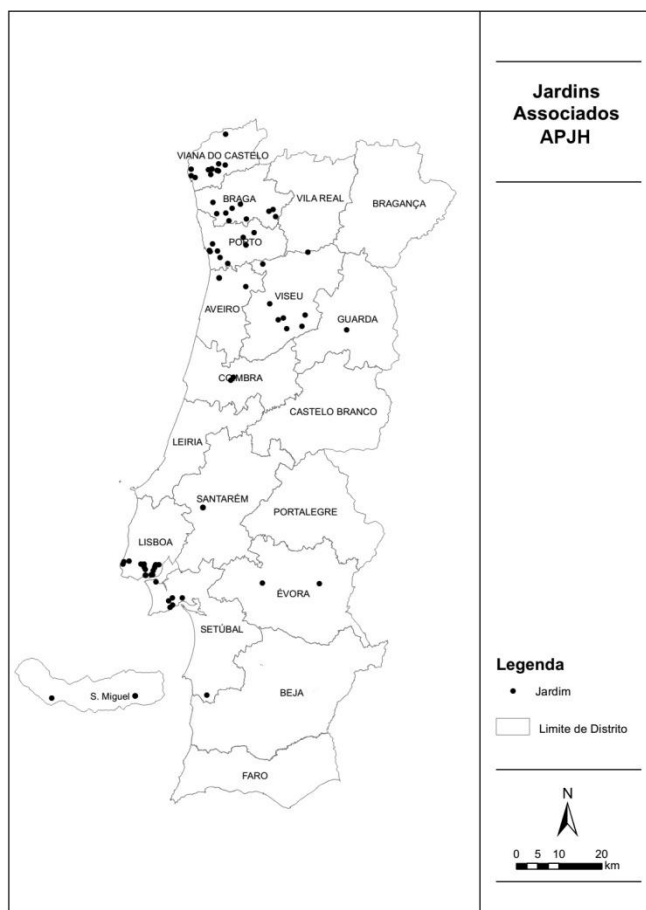
A APJH tem vindo a reunir cada vez mais associados<sup>132</sup>, maioritariamente proprietários de quintas e jardins que, carenciados de meios técnicos e financeiros, pretendem restaurar, manter, valorizar e divulgar o seu património. Atualmente são cerca de 70 os jardins associados<sup>133</sup> (Figura IV.20, Quadro AII.18), concentrados sobretudo no Norte Litoral e na área de Lisboa, não obstante o número total de sócios atingir as cerca de duas centenas

<sup>131</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da APJH (2012).

<sup>132</sup> Fazer parte da APJH depende da iniciativa dos proprietários de jardins ou sítios históricos e ainda de pessoas singulares ou coletivas com ligação ou interesse na área do património paisagístico e jardins, ou cujo contributo seja considerado do interesse da Associação, através de solicitação a esta entidade, preenchendo para isso uma ficha de inscrição de sócio que inclui pouco mais que informações de designação, localização e contactos (informação disponibilizada no endereço eletrónico da APJH, 2012).

<sup>133</sup> Como curiosidade, refira-se que, do conjunto de jardins históricos que fazem parte da APJH, apenas 34% estão neste momento classificados e suscetíveis ao tipo de proteção afeta à classificação, não obstante a grande maioria beneficiar da ZEP dos elementos imóveis associados.

distribuídos por proprietários de jardins históricos, arquitetos paisagistas com obra feita na requalificação destes espaços, professores na área de história da arte de jardins, agronomia e silvicultura, juristas, economistas e arquitetos (SOARES *et al.*, 2010).



Fonte: Elaboração própria a partir de APJH – endereço eletrónico (2016)

Figura IV.20: Jardins associados da APJH (2016)

Desta organização associativa provêm um conjunto de vantagens. De acordo com os seus Estatutos, a APJH apresenta-se como porta-voz/representante dos seus associados com capacidade interventiva junto daqueles que podem decidir sobre esta matéria, defendendo e incentivando à sua salvaguarda e sustentabilidade, nomeadamente no que diz respeito a iniciativas legislativas e à obtenção de financiamentos e de atividades de interesse para os seus associados ou público em geral, para além de disponibilizar vários serviços no âmbito da consultadoria adaptados às suas necessidades concretas. Mais especificamente, o associado da APJH beneficia de:

- ✓ representação do associado e proprietário do jardim e sítio histórico;

- ✓ promoção junto das entidades públicas competentes do aproveitamento e manutenção dos jardins e sítios históricos com articulação do interesse público e privado;
- ✓ colaboração com as entidades públicas no estudo e elaboração de diplomas de natureza legal ou regulamentar;
- ✓ desenvolvimento de investigação integrada no âmbito dos jardins históricos;
- ✓ intercâmbio e/ou de colaboração científica com outras instituições nacionais ou internacionais;
- ✓ divulgação de técnicas de jardinagem e da gestão e recuperação do património através da organização, promoção ou apoio de cursos, seminários, conferências ou outras iniciativas similares;
- ✓ promoção e divulgação de projetos de recuperação, restauro, conservação, manutenção e apoios financeiros;
- ✓ apoio na dinamização do património com potencial turístico e/ou cultural;
- ✓ partilha de experiência entre profissionais e proprietários envolvidos.

Após mais de 10 anos de existência e da concretização de alguns objetivos, para o período 2014-2017, a APJH pretende: alargar a base de sócios por forma a haver uma maior divulgação dos jardins; aumentar a notoriedade da Associação com vista a ganhar peso junto dos decisores políticos e ainda divulgar os jardins públicos e privados de modo a aumentar o peso do turismo de jardins em Portugal. Para tal, as ações passarão por continuar a promover cursos, *workshops* e viagens; aumentar a sua presença nos meios de comunicação social; editar um guia dos jardins portugueses; procurar fontes de financiamento para restauros; criar uma rede de voluntários para a manutenção dos jardins e ainda criar um Conselho Técnico com o objetivo de dar resposta às questões e inquietações dos proprietários (APJH, 2016)<sup>134</sup>.

#### **4.3.1.2. O projeto europeu *EEA Grants***

A APJH, no sentido de cumprir os objetivos aos quais se propôs, tem trabalhado em diversas ações e atividades em prol da preservação e divulgação dos jardins históricos, nomeadamente o apoio a projetos de financiamento, recuperação, valorização e desenvolvimento destes. Neste sentido, apresentou duas candidaturas ao projeto europeu *EEA*

---

<sup>134</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da APJH (2016).

*Grants*<sup>135</sup>, no âmbito da temática Conservação do Património Cultural Europeu (*Conservation of European Cultural Heritage*)<sup>136</sup>:

- ✓ *Restoration of gardens' hydraulic systems, walls and trails* (Recuperação de sistemas hidráulicos, muros e caminhos em jardins históricos), em 2006;
- ✓ *Development of historic gardens as tourist products – devising and implementing of garden circuits in Portugal* (Desenvolvimento dos jardins históricos como produtos turísticos – conceção e implementação de circuitos de jardim em Portugal), em 2008.

O projeto “Recuperação de sistemas hidráulicos, muros e caminhos em jardins históricos” teve como principal propósito restaurar os sistemas hidráulicos originais, preservando o enquadramento paisagístico, e cujos objetivos visaram a renovação dos jardins, como espaços de intervenção artística mas também como ecossistemas manipulados pelo homem, aproveitando racionalmente os recursos naturais e introduzindo sistemas de gestão equilibrada da água por forma a atingir a sustentabilidade ecológica, que abrangeu 12 jardins associados (Figura IV.21), com os quais o projeto foi desenvolvido em parceria (SOARES *et al.*, 2010).

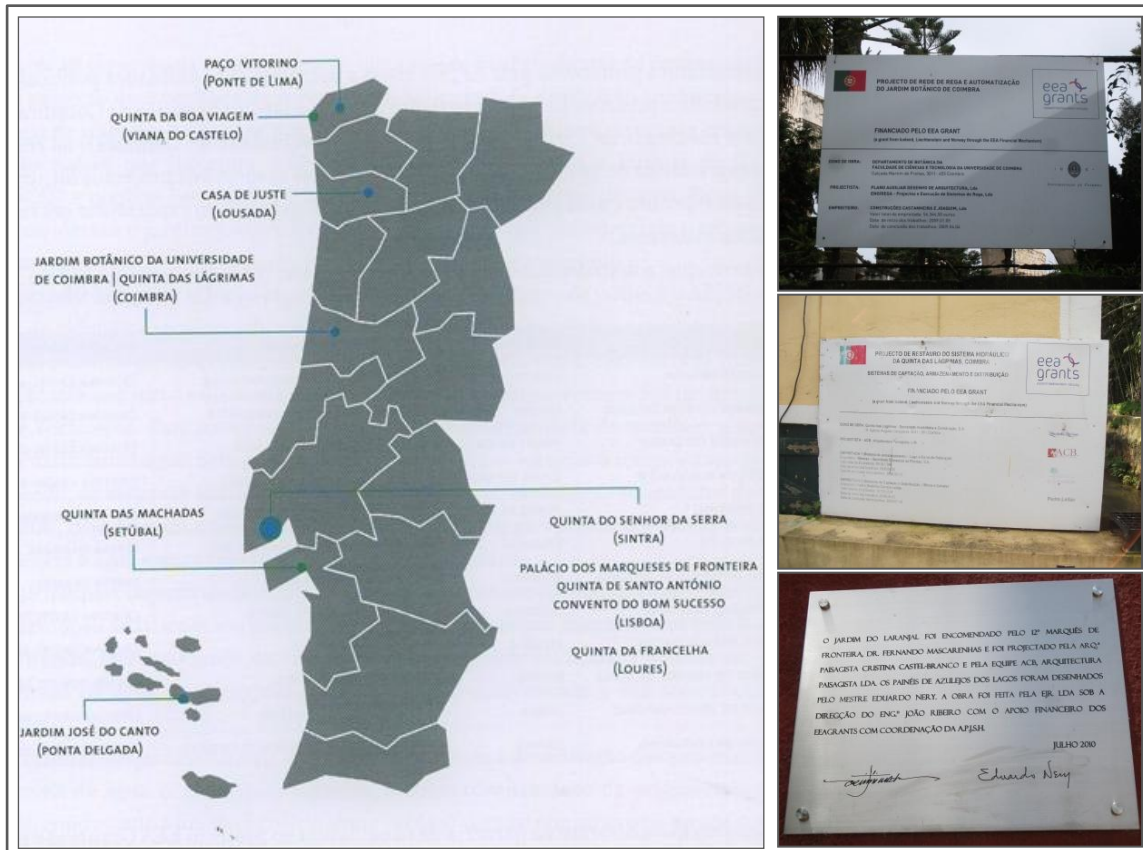
Aquando da preparação da candidatura a este projeto a APJH começa por, em 2006, lançar o repto a todos os seus associados, na sua maioria proprietários de jardins, no sentido de avaliar o interesse e a disponibilidade financeira para integrarem a candidatura como

---

<sup>135</sup> O Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu *EEA Grants* foi criado em 2004 e é financiado pela Islândia, Liechtenstein e Noruega. Apoia projetos de desenvolvimento económico e social nos domínios da proteção do ambiente, mudanças climáticas e energias renováveis, sociedade civil, saúde e crianças, património cultural e atribui bolsas escolares, em 15 países (Bulgária, República Checa, Chipre, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Grécia, Hungria, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia, Portugal e Roménia) (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *EEA Grants*, 2012).

<sup>136</sup> De referir que, no seio da temática *Conservation of European Cultural Heritage*, mas já sem relação com a APJH, foi ainda apresentado um outro projeto cujo promotor foi a Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. em parceria com o *Norwegian Institute for Cultural Heritage Research*, o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto e a Fundação Europeia de Arquitetos Paisagistas, sendo ainda apoiado pelo Turismo de Portugal, designado *Restoration of the Garden of the Countess of Edla and Design of a New Adjacent Garden (Park of Pena)*. Com uma duração de 24 meses e um custo total de 710.000€, dos quais 85% (603.500€) provieram deste programa, o projeto pressupunha a reabilitação do Chalet e restauração do Jardim da Condessa de Edla (1,5 ha) e design de um novo jardim adjacente (Parque da Pena). O projeto completo compreendeu, para além da restauração do jardim da Condessa de Edla incluindo o Vale dos Fetos, a restauração da quinta ornamental localizada na parte oeste do Parque da Pena e ainda o plano de gestão assim como as atividades de publicidade, com o objetivo principal de contribuir para a proteção de um local que é Património Mundial como o é a Paisagem Cultural de Sintra (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *EEA Grants*, 2012). Esta obra sofreu alguma destruição aquando da tempestade de 17 de janeiro de 2013, mas que entretanto já foi de novo recuperada.

parceiros, mediante determinadas condições: cada proprietário teria de se comprometer, por via de contrato, a participar com 40% do valor total da intervenção no seu jardim e, após conclusão do projeto, a mantê-lo aberto ao público durante um mínimo de cinco anos, em condições a definir para cada um dos casos.



Fonte: SOARES *et al.* (2010); Fotos da autora (2012 e 2013)

Figura IV.21: Jardins abrangidos pelo Projeto *EEA Grants*, cartazes e placa informativa sobre o projeto nos jardins<sup>137</sup>

Houve resposta positiva de doze proprietários de jardins, cujas necessidades de restauro e intervenção se situavam ao nível das estruturas hidráulicas, dos sistemas de gestão de água, dos muros e dos pavimentos. Em nenhum dos jardins existia qualquer estudo e avaliação de necessidades, sendo essa uma exigência do projeto. Esse diagnóstico foi feito de raiz incluindo ainda uma estimativa do valor do projeto e da obra para cada um deles e consequente atribuição de um diretor de obra e de uma equipa de arquitetos paisagistas com experiência em restauro de jardins históricos, e cuja metodologia de trabalho seguiu os

<sup>137</sup> De cima para baixo: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, Quinta das Lágrimas e Jardim do Palácio Fronteira.

princípios da *Carta de Florença* e outras convenções internacionais de defesa do património (SOARES *et al.*, 2010).

Este projeto iniciou-se em setembro de 2007, a primeira intervenção teve início em março de 2008 e durou 36 meses. Teve um investimento total de 1.084.324€, sendo que 60% (650.594€) proveio do investimento *EEA Grants*, que foi dividido/distribuído por quatro rubricas principais (Quadro IV.2) e por três grupos de jardins (Quadro IV.3).

O projeto completo previa a inclusão de determinadas atividades e pressupunha a obtenção de determinados resultados, nomeadamente: o estudo e análise dos jardins, incluindo pesquisa histórica, análise bio-física, topográfica e fotográfica; pesquisa sobre os sistemas hidráulicos dos jardins; desenvolvimento de documentação base para os jardins; preparação de planos e desenhos para a concretização dos trabalhos; concurso e seleção da empresa de construção; implementação dos trabalhos identificados para restaurar os sistemas hidráulicos, paredes e caminhos dos jardins e atividades publicitárias (*EEA GRANTS*, 2012)<sup>138</sup>.

Quadro IV.2: Distribuição do investimento total do *EEA Grants* por rubricas

<b>Distribuição do investimento total do projeto por rubricas</b>	
Despesas gerais: custos de gestão, custos administrativos, investigação académica, fotografia, publicação do livro, brochuras de divulgação dos jardins históricos	25%
Estudos hidráulicos e topográficos	
Projetos de arquitetura paisagista e de rega	
Obras de restauro de sistemas hidráulicos, muros e pavimentos	75%

Fonte: Adaptado de SOARES *et al.* (2010)

As intervenções nos jardins distribuíram-se por três escalões de investimento (Quadro IV.3) sendo que na maioria dos jardins esse investimento foi entre 40 a 100 mil euros e inferior a 40 mil euros. A intervenção nos jardins do Palácio Fronteira correspondeu a 21,1% do investimento total gasto nas obras, seguido da Quinta das Lágrimas onde foi despendido quase 17% desse investimento. Pelo contrário, os jardins da Quinta da Francelha e o Claustro do Convento do Bom Sucesso foram os projetos com menor valor investido (2,1% e 2,5% respetivamente). Estes diferentes valores são o resultado do nível das intervenções realizadas nos jardins, umas mais profundas que outras (Quadro IV.4).

<sup>138</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do *EEA Grants* (2012).

Quadro IV.3: Distribuição dos jardins por escalão de investimento do *EEA Grants*

≤ 40.000 €	> 40.000 € ≤ 100.000 €	> 100.000 €
Quinta de Santo António	Quinta das Machadas	Palácio Fronteira
Quinta do Senhor da Serra	Paço Vitorino	Quinta das Lágrimas
Convento do Bom Sucesso	Casa de Juste	Quinta da Boa Viagem
Quinta da Francelha	Jardim José do Canto	
	Jardim Botânico de Coimbra	

Fonte: Adaptado de SOARES *et al.* (2010)

Quanto à distribuição dos projetos e investimento por regiões nota-se também um desequilíbrio. A região de Lisboa, para além de albergar metade dos projetos (6), auferiu ainda a maior percentagem de investimento gasto, 41,4%, o Norte, com 3 projetos, obteve um investimento de 28,4% e na região Centro com 2 projetos localizados em Coimbra foram gastos 22,5% do investimento. Para o único projeto localizado nos Açores, o montante gasto foi de 7,7% do total. Note-se a ausência da representação das regiões do Alentejo e Algarve.

Quadro IV.4: Distribuição do investimento do *EEA Grants* por jardim

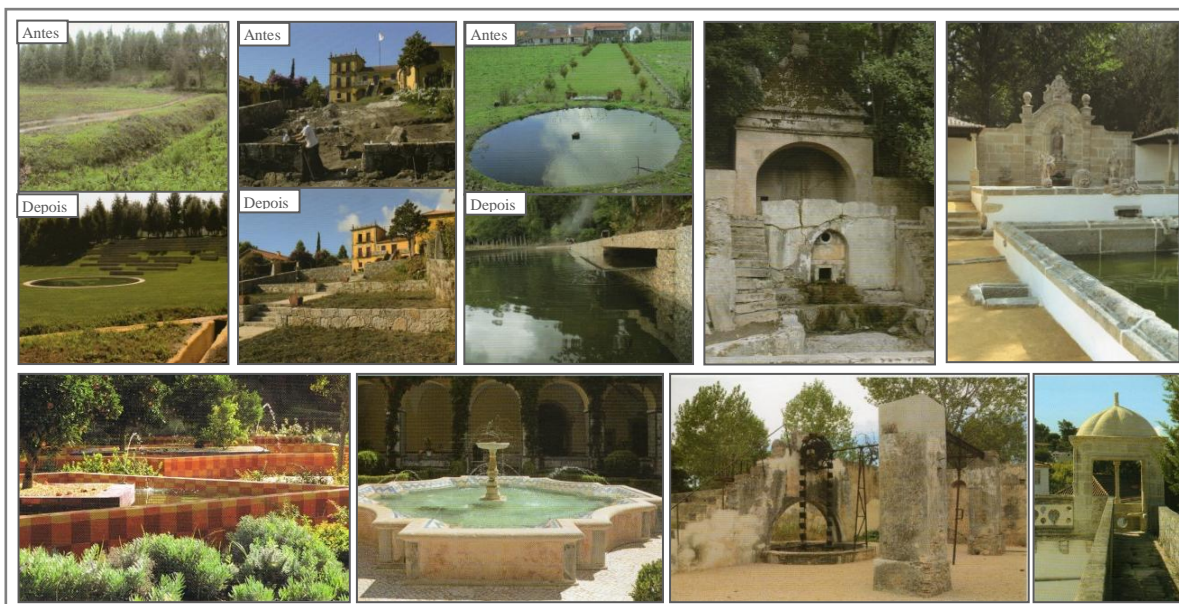
Jardim	Localização	Investimento €	%
Palácio Fronteira	Lisboa	197.193,95	21,1
Convento do Bom Sucesso	Lisboa	23.416,00	2,5
Jardim José do Canto	Ponta Delgada	72.152,52	7,7
Quinta da Boa Viagem	Viana do Castelo	107.772,29	11,5
Jardim do Paço Vitorino	Ponte de Lima	83.149,24	8,9
Jardim da Casa de Juste	Lousada	74.795,00	8,0
Jardim Botânico de Coimbra	Coimbra	52.843,01	5,6
Quinta das Lágrimas	Coimbra	158.198,34	16,9
Quinta das Machadas	Setúbal	84.748,50	9,1
Quinta do Senhor da Serra	Sintra	26.745,00	2,9
Quinta de Santo António	Lisboa	35.561,93	3,8
Quinta da Francelha	Loures	19.436,22	2,1
<b>Total</b>		<b>936.012,00</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados apresentados por CASTEL-BRANCO *et al.* (2010)

Os trabalhos levados a cabo nestes doze jardins centraram-se fundamentalmente no restauro de tanques, fontes, caminhos, minas e redes de rega que possibilitaram um uso mais sustentável da água nestes jardins, assim como a reativação de sistemas antigos, há muito degradados ou sem funcionarem (Figura IV.22, Quadro AII.19). Contudo, apesar da aparente mais-valia para os jardins intervencionados, e volvidos pouco mais de seis anos sob o término deste programa, há a assinalar alguns constrangimentos decorrentes do mesmo, visíveis



quando visitamos alguns destes espaços. O abandono do Jardim do Laranjal no Palácio Fronteira<sup>139</sup> é o caso mais flagrante (Figura IV.23).



Fonte: CASTEL-BRANCO *et al.* (2010)

Figura IV.22: Algumas intervenções realizadas nos jardins ao abrigo do *EEA Grants*<sup>140</sup>



Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura IV.23: Aspecto atual do Jardim do Laranjal do Palácio Fronteira

<sup>139</sup> No Jardim do Palácio Fronteira foi construído de raiz o Jardim do Laranjal suprimindo terrenos à antiga horta. De acordo com informações do responsável do jardim este nunca funcionou em pleno e nem durante muito tempo, uma vez que a água se sumia dos lagos. Para além disso, rompe completamente com a estética do jardim e construções já existentes. Aliás, a utilização dos azulejos monocromáticos foi bastante repudiada pelos visitantes deste jardim aquando da realização do inquérito. Atualmente, este espaço está votado a algum abandono, os lagos estão despojados do elemento fundamental do jardim português, a água, as espécies aí colocadas carecem de manutenção uma vez que estão a invadir os espaços de outras, assim como as ervas daninhas que começam a ganhar a batalha contra estas que estão a definhar (Figura IV.23). Note-se que o Palácio e jardins estão classificados como Monumento Nacional! Durante o trabalho de campo aqui realizado (capítulo VIII) a observação da dinâmica deste jardim permitiu verificar que quase nenhum visitante se desloca a este espaço.

<sup>140</sup> Da esquerda para a direita: (em cima) Quinta das Lágrimas, Quinta da Boa Viagem, Casa de Juste, Jardim Botânico de Coimbra, Jardim do Paço Vitorino; (em baixo) Jardins do Palácio Fronteira, Claustro do Convento do Bom Sucesso, Quinta das Machadas e Quinta do Senhor da Serra.

Já o projeto “Desenvolvimento dos jardins históricos como produtos turísticos – conceção e implementação de circuitos de jardim em Portugal”<sup>141</sup> pressupunha apoiar os jardins nos quais já decorriam atividades turísticas ou que para esse fim se vocacionavam, otimizando a sua potencialidade turística através da promoção e divulgação de atividades e programas diversos nomeadamente eventos (ex.: congressos), visitas guiadas, rotas temáticas, viagens temáticas e outras atividades relacionadas, no sentido de proporcionar aos associados e ao público em geral o acesso a este património, de forma sustentável. As viagens nacionais e internacionais foram a concretização mais evidente deste programa (APJH, 2012)<sup>142</sup>.

#### 4.3.2. A Associação de Plantas e Jardins em Climas Mediterrânicos

Recentemente surgiu em Portugal a APEJECM/MGAP dedicada a plantas e jardins das zonas climáticas mediterrâneas criada por um entusiástico grupo internacional de jardineiros. Anteriormente inserida na *Mediterranean Garden Society*, esta associação tem como grande premissa promover plantas e jardins mediterrâneos, através da educação, cultura, conservação e reconhecimento da sua importância ambiental e económica no nosso dia a dia. Em específico, os objetivos desta Associação passam por:

- ✓ incentivar o intercâmbio de informações e experiências de jardinagem, a fim de promover e partilhar conhecimentos e interesse em plantas mediterrânicas e jardinagem;
- ✓ incluir aspetos da educação e investigação com base na premissa “amigos do ambiente”;
- ✓ organizar eventos em Portugal e em conjunto com outros grupos internacionais, mormente visitas a jardins, passeios, visitas educacionais, demonstrações, palestras e eventos sociais;
- ✓ promover um relacionamento amigável, sociável e democrático entre os membros da Associação e os de outros grupos com os mesmos interesses (APEJECM, 2015)<sup>143</sup>.

No cumprimento destes objetivos, esta Associação está a desenvolver um diretório com informação referente a jardins abertos à visita, para além de ser da sua responsabilidade a organização da Feira de Jardinagem Mediterrânica no Algarve<sup>144</sup> (PEDDLE, 2014).

---

<sup>141</sup> Não são conhecidos resultados mais específicos deste programa.

<sup>142</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da APJH (2012).

<sup>143</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da APEJECM/MGAP (2015).

### 4.3.3. As Ligas e Associações dos Amigos dos Jardins

Em Portugal existem seis Ligas/Associações de Amigos<sup>145</sup> agregadas, na maioria, a jardins botânicos. Sem fins lucrativos, com estatutos e organização própria, estas têm como objetivos transversais apoiar a proteção e conservação dos jardins assim como contribuir para a sua valorização, dinamização e divulgação através da realização de iniciativas, ações e eventos de índole científica, técnica, educacional e cultural para os associados e público em geral, assim como angariar fundos. Os grupos de Amigos do JB de Lisboa, do JB da Ajuda e de Monserrate parecem demonstrar maior proatividade nestas matérias desenvolvendo um amplo e diverso conjunto de iniciativas e atividades que vão desde o apoio e promoção de ações de recuperação/restauro dos jardins (proporcionadas pelos lucros de outras iniciativas, quotas e mecenato), até à organização, de forma regular, de cursos de jardinagem, viagens, visitas a jardins nacionais e internacionais e ainda festas e eventos temáticos nos jardins<sup>146</sup>.

### 4.3.4. Outras Associações

No âmbito da proteção, salvaguarda e valorização dos jardins referem-se ainda a Associação Portuguesa das Casas Antigas, que tem como objetivo contribuir para a conservação, valorização, estudo e divulgação dos bens culturais imóveis ou móveis com interesse histórico ou artístico e enquadramento natural (artigo 3º), onde a promoção e proteção das quintas, parques, matas e jardins, a elaboração do respetivo inventário e ainda a defesa da fauna e flora relacionadas com o objeto associado, são algumas das suas atribuições (APCA, 2006), e a Associação de Turismo de Habitação/Central Nacional do Turismo no Espaço Rural (TURIHAB/CENTER) que, por via do produto turístico que representam, o Turismo em Espaço Rural, assumiram responsabilidades não só de divulgação e comercialização da atividade em si, mas também do património inerente que se estende aos jardins. Neste sentido, foram criados diversos itinerários, um dos quais dedicado aos jardins do norte de Portugal<sup>147</sup>.

---

<sup>144</sup> A edição de 2014 bateu records de participação com registo de 921 visitantes pagantes (1€), aos quais se juntam voluntários, proprietários dos stands e ajudantes ascendendo a cerca de 1000 pessoas no local durante o dia (informação disponibilizada no endereço eletrónico da APEJECM/MGAP, 2015).

<sup>145</sup> São elas a Liga dos Amigos do Jardim Botânico da Universidade de Lisboa (1986) e do Jardim Botânico Tropical de Lisboa (2005), a Associação Amigos de Monserrate (1992), a Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda (2000), do Jardim Botânico da UTAD (2003) e do Jardim Botânico de Coimbra (2010).

<sup>146</sup> Informação disponibilizada nos endereços eletrónicos das respetivas entidades (2015).

<sup>147</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da CENTER (2016).

## Síntese

*Neste capítulo foi possível conhecer as características particulares do jardim português assim como perceber o seu lugar no seio do património cultural português. Foi, de igual modo, possível observar como tem sido encarado e tratado enquanto património frágil que é necessário salvaguardar, através das medidas de proteção relacionadas com a inventariação e a classificação, assim como valorizar e promover através de iniciativas e medidas várias e do contexto associativo.*

*Num primeiro momento foi explorada de forma sucinta a especificidade do jardim nacional através dos seus elementos mais particulares. Num segundo momento constatou-se o carácter acessório com que os jardins são tratados nos principais quadros legislativos, não obstante a existência de documentos orientadores especificamente direcionados para o arvoredo. A análise dos inventários que foram realizados ao longo do tempo, de carácter académico ou institucional, revelou que se trata de um património ainda por conhecer totalmente e de forma adequada. Em relação à classificação, apurou-se que se trata de um quantitativo demasiado reduzido face não só ao grande número de jardins existentes e já inventariados, mas também ao valor patrimonial e cultural de muitos deles, o que seria justificação mais do que suficiente para haver mais jardins classificados e protegidos de alienações várias.*

*O terceiro momento deste capítulo centrou-se no panorama associativo nacional ligado aos jardins que, não obstante o trabalho que tem desenvolvido, a sua atuação tem-se revelado manifestamente insuficiente, pautada por alguma descoordenação.*

*A questão que se coloca é que apesar da existência deste quadro legal e dos instrumentos que o materializam, dos vários jardins classificados e do nível de proteção que lhes é conferido, tal não tem sido impedimento para que a real situação de muitos jardins não seja, no momento, bastante crítica. Mais concretamente, a legislação não impede que haja, cada vez mais, jardins abandonados, degradados, alvo de intervenções que alteram a sua identidade e proprietários sem disponibilidade pessoal e financeira para manter este património, muito menos para dotá-los de condições de abertura sistemática ou ocasional ao público. É necessário, à semelhança do que acontece noutros países, desenvolver-se uma política de salvaguarda e valorização dos jardins de forma concertada, entre as diversas instituições e proprietários, para que todos possam usufruir deste património de forma sustentável e sustentada.*

*É nesta linha que, no capítulo seguinte, se irá introduzir e analisar os jardins enquanto atrações turísticas.*

## *Parte III*



Quinta da Regaleira

*Os Jardins no âmbito do Lazer e Turismo da Pós-Modernidade*



# Capítulo V



Parque de Monserrate e Jardim Botânico de Lisboa

*O Garden Tourism/Garden  
Visiting no contexto do  
Lazer e Turismo  
contemporâneo*

## **5.1. O lazer e o turismo da pós-modernidade – várias modas para várias clientelas**

### **5.1.1. Da indústria massificada à indústria de experiências**

Apesar de não se tratar de uma atividade recente, para muitos um fenómeno datável, contemporâneo da Revolução Industrial e que apenas adquire as características básicas que o definem no decorrer do século XVIII, só nas últimas décadas se afirmou como atividade global e de massas, quando passou a ter uma importância significativa no âmbito económico (BARROS, 2004). A atividade turística, tal como a conhecemos hoje, organizada e sistematizada, conta com pouco mais de 5/6 décadas e foi particularmente na segunda metade do século passado que se iniciou uma fase de grande crescimento e diversificação da atividade turística no plano internacional e nacional (CARVALHO, 2012), em muito impulsionado pela fase fordista da organização do trabalho e das consequências nos tempos livres e de lazer que proporcionou, para além de outros fatores de cariz político, económico, social e tecnológico, as alterações que se verificaram na equação espaço-tempo.

Em 1950 os fluxos turísticos internacionais eram de pouco mais de 25 milhões (76 mil referentes a Portugal) gerando uma receita que não chegaria aos 2 mil milhões de euros (CAVACO & SIMÕES, 2009). A partir daí, a atividade, até então encarada como um fenómeno marginal, acessível apenas a um estrato particular e reduzido da sociedade, com destinos igualmente restritos e elitistas, alargou-se a um amplo espectro de pessoas, materializando aquilo que será identificado como uma nova fase, o turismo moderno massificado decorrente do desenvolvimento da sociedade industrial e urbanizada, transformando-se num fenómeno económico e social, à escala global, que movimenta hoje mais de 1000 milhões de turistas, conforme já referido.

Mas o mundo, a sociedade, os territórios e as relações que se processam entre estes elementos já não são os mesmos. Novas necessidades se desenvolvem e, conseqüentemente, novas tendências se formam. O que era novidade passou a ser comum e o comum passou a ser banal e, concomitantemente, a interessar pouco, ou até mesmo a não interessar de todo aos territórios e muito menos às pessoas. A este respeito, FIRAT e SHULTZ (1997) defendem que o pós-modernismo produziu impactes sobre a cultura contemporânea, em geral, e na cultura do consumidor, em específico, uma cultura caracterizada pela hiper-realidade e pela fragmentação.

A necessidade constante de afirmação dos territórios num contexto global de competitividade, assim como a de dar resposta a uma clientela exigente, tem proporcionado uma constante busca pela inovação, pela diferença e originalidade e uma progressiva



segmentação do mercado e o conseqüente surgimento e desenvolvimento de uma grande diversidade e multiplicidade de produtos turísticos (CAVACO & SIMÕES, 2009). Nesta linha, as alterações processadas nos domínios da procura, da oferta e do contexto macroeconómico têm delineado uma nova orientação, leitura e experiências turísticas, o que exige novos requisitos de competitividade e de diferenciação espacial para a atividade turística onde novos (ou renovados e reinventados) produtos e destinos se desenvolvem de modo a satisfazer os interesses, cada vez mais específicos, da procura (HALL & PAGE, 2006), que se baseiam nos conteúdos estratégicos de cada território, diversificando assim uma oferta demasiado restrita e condicionada pelos destinos tradicionais (BARROS, 2004).

O crescente nível de especialização da procura provoca por si só uma conseqüente especialização da oferta, tratando-se presentemente de um mercado de consumidores, muito mais do que de produtores, que procura o autêntico em detrimento do artificial, colocando mesmo a unicidade e exclusividade na categoria dos “luxos”, agora muito menos ligados à questão material, mas cada vez mais focados na vertente imaterial. Conclui-se, portanto, que o consumidor já não procura o produto por si só, mas sim a experiência autêntica que lhe está adstrita, sob uma perspetiva holística, em todas as suas componentes (CARVÃO, 2009).

Segundo CARETO e LIMA (2006), os viajantes são mais flexíveis e independentes, procuram novas experiências, mais personalizadas, acrescentando-lhes a sua própria história. O turista há muito que deixou para trás o registo de agente passivo. Ele quer vivenciar as sensações e as experiências dos lugares, dos momentos, de forma marcante, diferente e que fuja ao senso comum (NETTO & GAETA, 2011). Na opinião de ROBINSON e NOVELLI, (2005: 4) “(...) *visitors are increasingly interested in visiting the places, as much as in discovering, experiencing, participating in, learning about and more intimately being included in the everyday life of the destinations*”. CAVACO (2006: 306) acrescenta que “O estereótipo do velho turista tende a desaparecer, a favor do turista interessado pela descoberta da cultura do local (...), que procura a identidade dos lugares, através do seu património cultural e social, especificidades e saberes particulares (...), e finalmente, do turista que aceita a diferença, a experimentação e a inovação, sem prejuízo da segurança”.

Enfatizam-se fatores que, até então, eram ignorados ou encarados com menor importância, passando a ser imperativo compreender o diferencial turístico da região para estimular, da melhor maneira possível, a atenção, o “olhar”, o sentimento, a emoção, as sensações e perceções do turista (FREITAS, 2013). As simples fotos ou os filmes da viagem turística, das paisagens, dos monumentos ou dos pontos turísticos já não bastam, a

consagração do momento faz-se de outra forma, vivendo-o e experimentando-o (NETTO & GAETA, 2011). Na perspetiva de RYAN (2011), o conhecimento do lugar, as pessoas com quem esse lugar é partilhado, a imagem induzida sobre o lugar, as atividades, as motivações e a experiência passada constituem os componentes da experiência turística.

A oferta tem vindo a adaptar-se a estas tendências e os produtos turísticos de nicho parecem oferecer um conjunto mais significativo de experiências (ROBINSON & NOVELLI, 2005), muito embora a questão da experiência turística não tenha um carácter assim tão linear. O que para um indivíduo pode ser uma experiência única e autêntica, para outro pode já não o ser levando a que cada experiência possa ter diferentes significados conforme os indivíduos que a praticam e conforme sejam as suas práticas diárias (se entendermos que a experiência turística é algo contrário às práticas quotidianas habituais), estando-lhe por isso afeto um determinado grau de subjetividade e relatividade que advém, em muito, da grande variedade de significados e motivações subjacentes à experiência turística. URIELY (2005) chama a atenção para estas questões quando discute o papel da subjetividade na constituição da experiência e no facto desta dever ser conceptualizada em termos relativos e não absolutos. Quem desfruta de determinados aspetos culturais sejam eles práticas ou monumentos que sejam diferentes do que é habitual, encara essa experiência de maneira diferente de quem a “vive”, com ela convive e a ela tem acesso todos os dias.

PINE e GILMORE (1999) analisaram as várias dimensões da experiência construindo um conceito quadripartido que, de acordo com os autores, se cruza em duas vertentes diferentes: a participação do consumidor na experiência – eixo horizontal (que pode ser passiva quando não tem uma influência direta na experiência ou ativa quando participam ativamente na criação da própria experiência) e a relação/ligação pessoal do consumidor com essa experiência – eixo vertical (que pode ser de absorção ao nível mental ou de imersão pressupondo um envolvimento físico ou virtual na experiência). A ligação destas duas vertentes define as quatro dimensões da experiência que se posicionam assim no campo do entretenimento, educativo, estético e de escape. Na opinião dos autores as experiências mais ricas englobam aspetos das quatro categorias (Figura V.1).

São cada vez mais e mais diversas as experiências “oferecidas” e os locais, destinos ou operadores turísticos que apregoam oferecer a *life time experience*. E o património, natural e cultural, individualmente ou em interligação, posiciona-se como elemento estratégico nesta conceção de experiência turística única, a chamada *natural heritage experience* (MCNAMARA & PRIDEAUX, 2010), *heritage experience*, motivada no geral pelo

patrimônio, pela procura de saber/aprendizagem sobre a história e pelo puro entretenimento (PORIA, GURION, BUTLER & AIREY, 2004), ou simplesmente *cultural experience*.



Fonte: Adaptado de PINE e GILMORE (1999)

Figura V.1: As dimensões da experiência turística

Os turismos de nicho identificam-se pela escala limitada da sua procura. Estão por isso mais associados a uma lógica de sustentabilidade territorial e a motivações e escolhas turísticas alternativas, mais intimistas e genuínas, e a novos modismos (SIMÕES & FERREIRA, 2009), a uma oferta segmentada e diversificada adaptada às necessidades, expectativas e diversidade de turistas assim como ao incremento dos turistas mesocêntricos e alocêntricos (URRY, 2002). Em alguns contextos constituem oportunidades-chave de inovação e fomento do desenvolvimento turístico e territorial e, por consequência, da competitividade dos destinos (URRY, 2002; SIMÕES & FERREIRA, 2009), uma vez que constituem produtos com capacidades para atrair um grupo de turistas que se posicionam numa escala superior em termos de gastos associados e menos concentrados, portanto de maior interesse para a economia e para os territórios (ROBINSON & NOVELLI, 2005).

Segundo estes autores, o conceito de “turismo de nicho” surgiu há relativamente pouco tempo por contraponto ao “turismo de massas” ou de larga escala, e podem ser decompostos em macro nichos (ex.: turismo de natureza) e micro nichos mais específicos (ex.: geoturismo), uma abordagem que pressupõe uma fragmentação do mercado em

segmentos cada vez mais específicos, tornando-se difícil, por vezes, estabelecer a delimitação entre turismo de massas e de nichos, sendo útil, na perspetiva de SILVA (2013), acrescentar outros fatores diferenciadores para além da escala e segmentação, em particular a concentração e a capacidade de carga.

Esta conceção de turismo de nicho vai ao encontro daquilo que é o novo turista, pois implica um conjunto de práticas mais sofisticadas que distinguem e diferenciam os turistas e serviços mais personalizados. Num mundo cada vez mais global, mais padronizado, fruto da evolução de conceitos como espaço e tempo, um nicho de turismo representa diversidade e a forma de fazer a diferença no seio da atividade turística global, oferece experiências e está associado, embora seja discutível e controverso, a um turismo mais sustentável.

Não queremos com isso dizer que o turismo em locais de massas (praias, cidades, montanhas nevadas) tenha decrescido, muito pelo contrário. Muito embora ainda dominem, vêm sendo articulados e complementados com um espectro particular de segmentos turísticos alimentados por turistas mais conscientes, mais seletivos, mais exigentes e mais complexos (SIMÕES & FERREIRA, 2009) que configuram uma procura mais fragmentada e menos uniformizada e padronizada. Estes, mais do que locais diferentes e originais, procuram acima de tudo experiências e atmosferas únicas que os marquem e que os enriqueçam sobretudo em termos imateriais e emocionais, em termos de atualização e realização pessoal e que deem corpo às suas representações mentais e às suas expectativas (GNOTH, 1997; GOOSSENS, 2000). Experiências turísticas criativas, qualitativas, que permitam a descoberta, a participação e a aprendizagem (ROBINSON & NOVELLI, 2005), que vão além do mero preenchimento do tempo livre e que proporcionem muito mais do que uma satisfação imediata de descanso, lazer e recreio. Até porque, para RYAN (2002), a experiência turística constitui uma atividade de lazer multifuncional, que envolve o indivíduo não só em atividades de entretenimento mas também em atividades de aprendizagem, abarcando todos os sentidos, e não só o visual.

### **5.1.2. Os produtos/nichos turísticos emergentes – diversidade e multiplicidade**

São vários os “turismos” e produtos alternativos que se vêm desenvolvendo, “(...) afirmam-se várias modas para novas clientelas (...)” (CAVACO, 2006: 339), e sendo o consumidor hoje em dia “hiperinformado” sobre todas as possibilidades que se lhe oferecem, ele sabe o que quer e como o pode obter (CARVÃO, 2009). Como tal, uns renovam-se ou reconfiguram-se com novos nomes e orientações e outros há que são criados de raiz. Contudo,

não se trata de uma consequência exclusiva deste tempo. Os vários autores que estudaram a evolução do turismo desde a Antiguidade, tais como SIGAUX (1966), CASSON (1974), ADLER (1985), BURKART e MEDLIK (1990) e BOYER (2000), entre outros, demonstraram que em todas as épocas houve lugar à emergência de novas práticas e destinos que, no início, atraíam apenas uma fração da sociedade, mormente as “elites”, mas que aos poucos acabavam por englobar toda a sociedade, consolidando e até massificando esses mesmos produtos e destinos (SMITH & EADINGTON, 1994; CAVACO & SIMÕES, 2009).

Neste sentido, o interesse pelos nichos de mercado não é algo novo. A novidade reside no aumento da diversidade de mercados, em muito proporcionado pelo aumento da necessidade de incorporar as vertentes ambiental e sociocultural na atividade turística.

Tem aumentado a procura de paisagens por tudo o que evocam, simbolizam e representam (BACKHAUS & MURUNGI, 2009; FERNANDES, 2011), de tal forma que os nichos turísticos, mais do que meras curiosidades ou excentricidades, contabilizam cada vez mais adeptos e em muitos contextos surgem já como alternativas. São exemplos disso, o turismo de saúde e bem-estar, geoturismo, turismo ornitológico/*birdwatching*, *hunting tourism*, enoturismo, turismo de passeio pedestre, turismo de cruzeiros, turismo religioso, *dark tourism*, *university tourism*, turismo étnico, volunturismo, autocaravanismo, turismo de eventos, turismo em espaço rural, balonismo, cicloturismo, turismo desportivo, turismo de rotas, turismo gastronómico, turismo sexual, turismo literário, turismo de jardins/*garden tourism*, entre outros (CAVACO & SIMÕES, 2009). A diversidade não se esgota, tornando-se cada vez mais específica com o turismo fotográfico, *youth tourism*, *genealogy tourism*, *transport tourism*, turismo tribal, *research tourism*, turismo selvagem, turismo de aventura, turismo virtual, extrapolando por vezes os limites do razoável, pelo menos no que diz respeito às barreiras óbvias, como acontece com o turismo espacial (NOVELLI, 2005).

Apesar das dificuldades na tipificação dos produtos que se podem considerar como nichos turísticos, CAVACO e SIMÕES (2009) apresentaram uma lista de pouco mais de 40 exemplos onde englobam uma panóplia bastante diversa de produtos turísticos de baixa densidade (Quadro V.1).

Na opinião de CONNELL e MEYER (2004), os jardins encaixam perfeitamente nesta ideia de experiência turística, com ênfase na experiência visual, bastante importante nos jardins (ROJEK, 1995, citado em BHATTI & CHURCH, 2001).

Quadro V.1: Posicionamento dos turismos de nicho no contínuo procura massificada – procura especializada

Produtos, Segmentos e Modalidades turísticas	Turismo de massas				Turismo de nicho			
	←				→			
Agroturismo								
Autocaravanismo								
<i>Backpacker tourism</i>								
Balonismo								
<i>Birdwhatching</i>								
Cicloturismo								
Cruzeiros								
<i>Disaster tourism</i>								
Ecoturismo								
<i>Extreme tourism</i>								
<b>Garden Tourism</b>								
<i>Genealogy tourism</i>								
Geoturismo								
Golfe								
<i>Hurricane tourism</i>								
<i>LGBT tourism</i>								
Naturismo								
Pedestrianismo								
Rotas de património								
Safari fotográfico								
<i>Shark tourism</i>								
TER								
<i>Transport tourism</i>								
<i>Trekking</i>								
Turismo acessível								
Turismo arqueológico								
Turismo cinegético								
Turismo de congressos								
Turismo de eventos								
Turismo de montanha								
Turismo de natureza								
Turismo de saúde								
Turismo educativo								
Turismo espacial								
Turismo étnico								
Turismo gastronómico								
Turismo literário								
Turismo político								
Turismo religioso								
Turismo sexual								
<i>Voulcanic tourism</i>								
<i>Wales/dolphins watching</i>								
<i>Wildlife tourism</i>								

Fonte: CAVACO e SIMÕES (2009)

De acordo com FOX e EDWARDS (2008: 8), “*The imagescape is in a state of constant transformation because nature interacting with anthropogenic actions creates and shapes a garden*” e, neste sentido, os jardins são diferentes da maioria das atrações na medida em que não podem oferecer um produto padronizado. Pelas suas características intrínsecas bastante atrativas, “*El jardín conquista nuestros sentidos, nos impregna: de repente nos sentimos inmersos en una sensación que identificamos como la experiencia directa de la naturaleza convertida en arquitectura, pero sin que el peso de ésta se nos imponga*” CABRERA (1999: 128). Os jardins e a experiência turística dos jardins, quer em contextos rurais quer em urbanos, congrega ao mesmo tempo valores e componentes naturais e culturais e muitas vezes históricas (CAVACO & SIMÕES, 2009), e a história única que cada jardim conta “*(...) brings the experience alive to visitors*” GORMAN (1999: 6).

Na perspectiva de CAPPELO (2003, citado por ALMEIDA, 2003), enquanto elementos patrimoniais, os jardins históricos surgem como uma síntese para encorajar viagens: natureza, tradição, relacionamentos pessoais (este aspeto está totalmente excluído do turismo de massa), até porque possibilita ao seu proprietário mais do que benefícios quantitativos, a possibilidade de partilhar a sua paixão por um lugar, o seu jardim.

Os jardins são cada vez mais locais de visita e, concomitantemente, verifica-se o desenvolvimento e a qualificação da experiência da visita nestes espaços. CONNELL (2002), através do estudo que realizou, confirmou que, a partir da abertura de casas de campo no século XIX na Grã-Bretanha, tem havido um aumento da comercialização e mercantilização do jardim como uma experiência de lazer, constatando que houve um incremento significativo no número de serviços depois da abertura dos jardins ao público, traduzindo-se numa oportunidade para que estes sejam sustentáveis em termos económicos.

O produto “turismo de jardins” (*garden tourism/garden visiting*), embora seja considerado de nicho (EVANS, 2001; QUINTAL, 2009; WILSON, 2009; CAVACO & SIMÕES, 2009; GORMAN, 2010) (Quadro V.1), e não seja recente, assume hoje em dia proporções de elevada importância e experiencia um crescimento notável ao ponto de ser identificado com um fenómeno por diversos autores, e um dos nichos turísticos da pós-modernidade (CONNELL, 2004).

## 5.2. O lazer e o turismo no contexto da multifuncionalidade dos jardins

CONNELL (2004: 229) defende que *“Gardens play a significant role in the enjoyment of leisure time and the pleasures derived from the garden environment extend well beyond the parameters of the domestic garden”*.

O valor dos jardins vai, e sempre foi, muito para além do seu puro carácter utilitário, pois desde sempre tiveram um carácter lúdico e recreativo bem marcado. Basta reportarmos ao papel refrescante dos jardins egípcios que se imbricavam em estreita ligação com as casas (CALDEIRA CABRAL, 1962; THACKER, 1979), à vivência dos jardins na Pérsia como locais de eleição tanto para reuniões de trabalho, como para a contemplação, a tranquilidade espiritual, a cultura, o lazer e o cortejar (GOTHEIN, 1912, citada em TURNER, 2005), aos jardins da antiguidade clássica, com ênfase nos romanos utilizados para encontros de trabalho e para usufruto do tempo de ócio, aos jardins fechados medievais divididos em três partes servindo os propósitos nutricionais, educativos e de meditação com destaque para os chamados *giardini segreti* dos castelos reservados às damas (THACKER, 1979; MASSON, 1987), aos espaços típicos do Renascimento de dimensões alargadas, de um refinamento estético extremo, em termos ornamentais, e de grande valor artístico convidativos ao passeio (LAZZARO, 1990; LOBODA & DE ANGELIS, 2005) ou aos parques municipais e jardins públicos do chamado “movimento dos parques urbanos do século XIX”, consequência das exigências da Revolução Industrial e de um espaço urbano sobrelotado e insalubre, onde os *“Public parks, providing green refreshment for the bodies and souls of city-dwellers, were becoming a necessity for every well-run city”* (JOHNSON, 2007: 75), criados sobretudo para satisfazer tanto as exigências higiénicas como as necessidades recreativas e educativas dos habitantes citadinos (FARIELLO, 2004, citado em AZEVEDO, 2013), tornando-se locais de fomento do ócio coletivo através de diversas atividades, agora alargadas a todos os cidadãos.

Esta base lúdica dos jardins manteve-se ao longo dos tempos à qual se foram acrescentando diversas outras formas de “consumir” os jardins na cultura e sociedade contemporâneas (HEWER, 2003), fruto da evolução das próprias sociedades e da forma como encaram os jardins, confirmando que estes *“(…) can be enjoyed on many levels...our most accessible art form”* (GOULTY, 1993, citado em CONNELL, 2004: 187).

Segundo CONNELL (2004: 232), *“The experiential nature of garden visiting is intrinsically associated with emotions, attitudes and very personal factors, in addition to more tangible aspects of attraction management (...)”*, por isso mesmo as motivações são diversas e derivam em muito do que o jardim tem para oferecer em termos funcionais, já que é



considerado uma paisagem multidimensional e com múltiplos significados, muitas vezes ambíguos e paradoxais, que desperta várias sensações e é encarado sob diversas perspectivas por quem dele usufrui (BHATTI & CHURCH, 2000, 2001; LONGHURST, 2006). Os motivos vão desde a apreciação de qualidades raras e estéticas de determinadas plantas, ao interesse pelo design e técnicas utilizadas ao longo da História, ao prazer de contemplar o cenário, ambiência e atmosfera dos jardins, à calma, paz, tranquilidade e liberdade que os jardins transmitem, aos seus efeitos restauradores e espirituais à pura recreação, à socialização e encontro com família e amigos, entre outros (ponto 5.4.3.1.).

É hoje indiscutível a importância dos jardins enquanto locais de lazer, até porque estão intrinsecamente ligados à também considerada maior atividade lúdica: a jardinagem (BHATTI & CHURCH, 2000, BENFIELD, 2013), mas também como atrações turísticas (CONNELL, 2002). E à complexa teia de motivações de carácter lúdico e turístico do usufruto dos parques e jardins estão afetas um conjunto de atividades e usufrutos diversos. Não será preciso ficar muito tempo nestes espaços para identificarmos alguns dos diferentes consumos que proporcionam e as diversas ações e atividades daí resultantes, sejam elas ativas ou passivas, o jardim pode ser experienciado de várias maneiras (Figura V.2).



Fonte: Elaboração própria. Fotos da autora (2012, 2013 e 2015)

Figura V.2: As diversas atividades lúdicas realizadas nos jardins<sup>148</sup>

<sup>148</sup> Foto grande: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra; Fotos pequenas (de cima para baixo): Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, *Imperial Gardens* (Innsbruck – Áustria), Estufa Fria de Lisboa e *Rhododendron Park* (Bremen – Alemanha).

Do carácter mais turístico traduzido em visitas guiadas ou passeios individuais por forma a conhecer o espaço e a diversidade florística, à mera recreação traduzida no brincar com crianças, na leitura, no simples estar e contemplar, no estudo mais recreativo, no fotografar ou ainda no aproveitamento das próprias atividades que os jardins disponibilizam como o jogo de xadrez gigante dos *Imperial Gardens* de *Innsbruck* ou a pista de patinagem no gelo localizada no *Central Park* em Nova Iorque, poder-se-á dizer que o jardim é um mundo disponível aos mais diversos consumos conforme as suas características e aquilo que disponibilizam ao público, assim como às necessidades do seu visitante.

### **5.3. Os jardins e os festivais de jardins e flores enquanto elementos estratégicos**

#### **5.3.1. Na atual conceção de lazer, recreio e turismo**

Já tivemos ocasião de abordar a evolução que se processou no seio da atividade turística, principalmente nas últimas duas décadas, no domínio da oferta e da procura, e da emergência de uma indústria de experiências, por oposição a uma indústria massificada que já não satisfaz aquele espectro de turistas que não se identifica com destinos, produtos e práticas estandardizadas e comuns proporcionadas pela globalização, e que procura a diferença e a originalidade capazes de satisfazer as suas necessidades lúdicas/turísticas.

Esta realidade tem proporcionado espaço ao aparecimento e desenvolvimento de segmentos turísticos alimentados por um turista mais seletivo, mais exigente e mais complexo (HALL & PAGE, 2006) que configura uma procura mais fragmentada e menos uniformizada e padronizada (ROBINSON & NOVELLI, 2005), mais assente em experiências únicas (NETTO & GAETA, 2011). O turista atual rejeita o comum, o banal, o imediato, o lugar a que toda a gente vai e que todos conhecem, procurando e valorizando a diferença e a originalidade, mas, acima de tudo, a experiência prolongada, até mesmo inesquecível, quer visual, quer sensorial ou emocional, que determinado lugar proporciona.

A esta linha reflexiva não são alheios os jardins e parques históricos. Os jardins constituem cenários privilegiados em termos visuais, levando mesmo WANHILL (2003, citado em FOX, 2006) a classificá-los como a única forma de *imagescape*, para além de importantes componentes da *green-scape* e parte insubstituível da paisagem histórica, na opinião de WILSON (2009). Aliás, cada jardim conta uma história, história essa que é influenciada por fatores micro e macro ambientais (GORMAN, 1999), tratando-se pois de sítios de consumo cultural para CHEVALIER (1998, citado em BHATTI & CHURCH, 2001) e, uma vez corretamente conservados e preservados, são vistos por sucessivas gerações,

sociedades que os percebem e apreendem de forma diferente das suas antecessoras, tornando-os num importante testemunho e documento cultural, que se renova e deteriora, com o tempo e com o uso, a cada instante (ANDRADE, 2008a). A sua visita é uma forma de turismo cultural na sociedade pós-moderna que adquire um papel importante no tempo e nas necessidades de lazer do turista contemporâneo (CONNELL, 2004; ASSUNÇÃO, 2008) que, acima de tudo, se pode resumir numa “(...) *recherche d’émerveillement, d’authenticité et de nature*” (ARAMA-CARREL, 2006: 3).

A visita a jardins tem conhecido um crescimento fulgurante tornando-se mesmo num setor em franco crescimento no seio da atividade turística. Para além do carácter atrativo intrínseco dos jardins e das motivações pessoais de cada um (fatores internos), estar e experienciar o jardim é um fenómeno que pode ser em muito explicado através de um conjunto de fatores externos.

Cresce o interesse do público pelos temas relacionados com jardins, jardinagem e paisagem, em muito impulsionado por manifestações públicas e eventos (desde jornadas, debates, exposições, mostras, festivais), de carácter nacional e internacional, relacionados com o tema e que se alarga ao setor do comércio florístico que cresce e ocupa um lugar cada vez mais visível nos espaços que ocupa (ex.: nos centros comerciais), à multiplicação da criação de associações regionais de parques e jardins no caso de França e Reino Unido (ARAMA-CARREL, 2006). Assiste-se igualmente à profusão de revistas da especialidade nas prateleiras das livrarias com capas apelativas à atenção do público urbano, à edição e reedições de obras<sup>149</sup> sobre o tema, guias (note-se o caso mais conhecido da Grã-Bretanha com o *Yellow Book*), cartas, programas de televisão, *websites* especializados, ateliers e cursos de jardinagem que incitam à criação do próprio paraíso, promoção de excursões e viagens especializadas, exposições de plantas e artigos de jardinagem, etc. Os jardins constituem um objeto de interesse maior e a sua clientela e audiência aumenta todos os dias (EVANS, 2001; CASTEL-BRANCO, 2002; RIALLAND, 2003; LONGHURST, 2006; BENFIELD, 2013).

CASTEL-BRANCO (2002: 9) afirma mesmo que “Não parece ser só uma moda frívola, os jardins históricos cativam cada vez mais atenções duradouras”. Até porque, o atual contexto em que se vive, política e economicamente instável, minado por incertezas, sentimentos contraditórios e paradoxais, em que as sociedades se sentem prisioneiras e enclausuradas pelo rígido e impessoal betão, as pesadas e caóticas atmosferas do dia a dia e uma sociabilidade em muitos contextos duvidosa e pautada pela indiferença, esta mesma

---

<sup>149</sup> A este respeito refere-se a mais recente obra de Richard BENFIELD (2013) *Garden Tourism*, e a mais atual na temática que, apenas com alguns meses de venda, esgotou.

sociedade procura desesperadamente algo que a evada por momentos, que a transporte para algo ou algum lugar bem melhor do que a realidade em que vive mergulhado (SILVA & CARVALHO, 2012). Um sentimento coletivo de procura, de retorno e contacto com a natureza e elementos naturais, consequência da consciencialização, também coletiva, da sua importância e dos perigos do planeta em consequência das atitudes do Homem (ARAMA-CARREL, 2006). BALE (1999: 56) faz notar isso mesmo quando afirma que “*Gardens are widely regarded as sources of freedom and play, havens for pleasure away from a world of control and constraint*”.

O homem procura um regresso às origens, procura um paraíso perdido (NYS, 1999; HEWER, 2003), e as suas atitudes mostram-no de forma clara. “Chegou a hora dos jardins” ou “*Aujourd’hui, les jardins sont à la mode*”, as afirmações de M. Baridon e R. Péchere, proferidas em 1998 e 1993, respetivamente, nunca estiveram tão atuais como hoje.

### **5.3.2. Na atratividade e no desenvolvimento dos territórios**

As estratégias de desenvolvimento dos lugares, impregnadas de sentimentos de diferenciação, originalidade, unicidade e exclusividade que se desenvolvem, mais do que nunca, a partir dos recursos do próprio território, apoderam-se destes elementos colocando-os à disposição das manobras estratégicas dos planos de desenvolvimento turísticos dos locais assim como do marketing territorial, transformando-os em traços identitários e em atrações turísticas, com objetivo de conferir uma determinada centralidade ao território em causa (AVRAHAM & KETTER, 2008).

O jardim, cenário “natural” construído com morfologias, cores, imagens, sons e cheiros, capaz de despertar uma miríade de sensações e sentimentos, corresponde a um património cultural com uma grande capacidade atrativa. De tal forma que este tipo particular de paisagem incorpora muitas vezes elementos da identidade e imagem de um território, tal como simplesmente as próprias flores contribuem para a promoção de uma imagem e se transformam em chamarizes. A este respeito veja-se o caso do Hawai onde a *flowered lei/plumeria lei* tem sido o símbolo promocional do turismo (BENFIELD, 2013), das ilhas ou das flores como símbolos identificativos de países ou regiões como o caso das tulipas na Holanda, ou da Madeira, “vendida” como ilha-jardim e que, de acordo com FRANCO (2009), recebeu múltiplos cognomes superlativos e mitificadores da sua singular realidade como “Flor do Oceano”, “Ilha das Flores”, “Flor dos Mares”, “Orquídea do Atlântico”, entre outros. E

ainda da iniciativa Florir Portugal<sup>150</sup>, recentemente lançada, cujos objetivos passam por criar uma (r)evolução de afetos, estimular a união e a autoestima coletiva, potenciar a criação de uma economia positiva e aumentar as receitas provenientes do turismo. E ainda o caso de *Chandigarh*, uma cidade indiana, mundialmente conhecida pela sua *urban greenery* que atrai, segundo CHAUDRHRY e TEWARI (2010), mais de meio milhão de turistas domésticos. Os autores revelam que os parques e jardins da cidade são, na opinião da maioria dos turistas, os grandes responsáveis pela sua atratividade turística<sup>151</sup>.

Como tal, os jardins, nas suas diversas tipologias, têm vindo a ser identificados como recursos estratégicos dos territórios e não raras vezes como elementos de identidade e imagem dos mesmos, essenciais na sua leitura, qualificação e promoção. O reconhecimento do valor patrimonial e cultural dos jardins assim como a sua potencialidade como recursos turísticos é, neste momento, transversal a muitos países e territórios. De tal forma que têm vindo a ser desenvolvidas estratégias de modo, não só a preservar, como também a valorizar e otimizar este recurso, através da atividade turística. Foi o caso do Programa de Restauração de Jardins Históricos implementado na Irlanda nos anos 90, na sequência da identificação dos jardins como um recurso importante para o produto turístico nacional (GORMAN, 1999); da implementação e desenvolvimento da política a favor dos jardins em França (já abordada no ponto 3.3.2. do capítulo III), ou ainda da definição de uma estratégia específica para o turismo de jardins como a de *Ontario* (Canadá)<sup>152</sup>, desenhada com o objetivo de gerar viagens adicionais para a região com base nas experiências disponíveis relacionadas com jardins e de fazer crescer a indústria do turismo de jardins (OGTC, 2011).

---

<sup>150</sup> A iniciativa “Florir Portugal” foi lançada pela *Eva Dream* e tem sido bastante bem acolhida pelos territórios e populações. Municípios como Braga, Miranda do Douro, Vouzela, Lisboa, Setúbal, Sesimbra, Rio Maior, entre outros, já aderiram (informação disponibilizada no endereço eletrónico da Campanha, 2016).

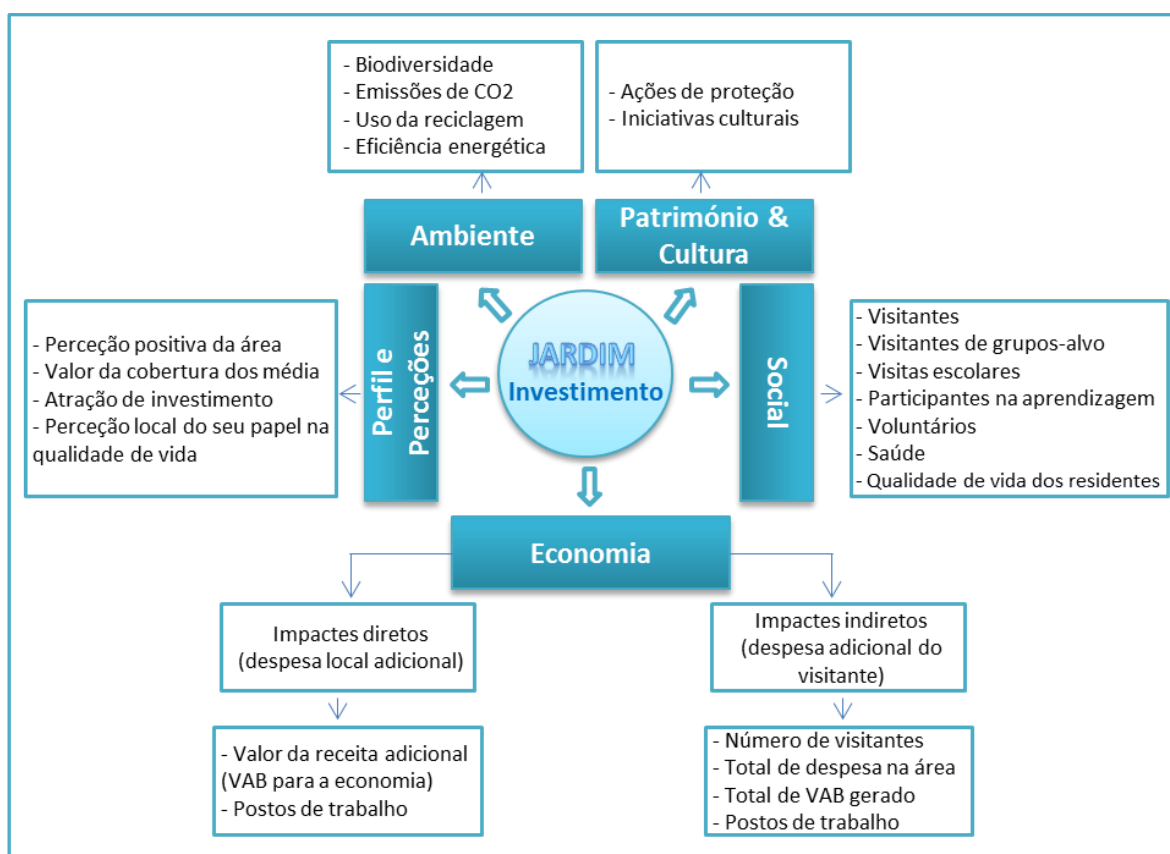
<sup>151</sup> No estudo realizado foi apurado que 61,5% dos visitantes consideraram os parques e jardins da cidade 100% responsáveis pela sua atratividade turística, pelo que, na sua perspetiva, se estes fossem removidos o valor turístico da cidade valeria zero. Acrescenta-se que 27,5% foram da opinião que os jardins e parques eram em 75% responsáveis pela atratividade da cidade, 6% dos visitantes posicionaram essa responsabilidade nos 50%, 3% nos 25% e 2% considerou outras razões (CHAUDRHRY & TEWARI, 2010).

<sup>152</sup> Este território viu na quantidade e variedade de recursos e produtos de que dispunha (203 produtos e experiências e 77 festivais relacionados com jardins para além de 23 jardins botânicos) uma oportunidade para desenvolver o território e o turismo na região elaborando, desta forma, a *Ontario Garden Tourism Strategy* (OGTC, 2011). Note-se que o Canadá tem desenvolvido um trabalho de charneira no desenvolvimento da chamada *garden experience*, impulsionada pelo *Canadian Garden Council* que pretende contribuir para o desenvolvimento e celebração da *Canadian Garden Culture*, e que inclui a *Canada's Garden Route*, os *Garden Days*, a *Garden Tourism Conference*, os *Garden Tourism Awards* (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Canadian Garden Council*, 2016), sendo que o crescimento contínuo do turismo de jardins tem representado uma boa oportunidade de marketing para muitas comunidades, em particular as mais pequenas (GAUTHIER & COWAN, 2014).

### 5.3.2.1. Os impactes dos jardins

O turismo e as atrações turísticas têm subjacente um conjunto de impactes, positivos e negativos, já amplamente discutidos na bibliografia (ex.: HALL & PAGE, 2006; PÉREZ, 2009). No caso particular dos jardins, parece indiscutível que constituam também eles atrações, sejam elas de grande, média ou pequena dimensão, com um potencial significativo materializado nos efeitos a diversos níveis, há muito identificados, e em vários casos já estudados, embora se verifique alguma subestimação dos mesmos.

Já tivemos ocasião de abordar as grandes dimensões e, por consequência, os benefícios dos jardins no capítulo I. O modelo de impacte apresentado (Figura V.3) (adaptado do modelo desenvolvido para o *Tatton Park*<sup>153</sup>) permite perceber e sintetizar a extensão do impacte global dos jardins, com um foco geográfico flexível, ou seja, os impactes podem ser explorados a nível local, sub-regional e/ou regional mediante os objetivos.



Fonte: Adaptado de SQW (2007)

Figura V.3: Modelo de impacte dos jardins

<sup>153</sup> O *Tatton Park* (Cheshire – Inglaterra) é um dos jardins âncora britânicos da *EGHN* e constitui umas das mais importantes atrações turísticas de *Cheshire*. O modelo foi elaborado para aferir o valor e impacte não só deste espaço mas para que fosse replicado em cada jardim membro da *EGHN*.

Segundo os autores (SQW, 2007), o valor dos jardins pode ser avaliado em cinco grandes dimensões de impactes: económicos, sociais, patrimoniais e culturais, ambientais, e ao nível do perfil e perceções. Os jardins contribuem desta forma para a economia regional e sub-regional de forma direta e indireta, através das despesas dos visitantes (dentro e fora do jardim) em vários setores (como a restauração, alojamento, serviços, artesanato, entre outros), e dos consequentes efeitos multiplicadores que geram sobretudo no âmbito dos postos de trabalho e do aumento de produtividade; para a atitude participativa, através de visitantes e voluntários, e para a saúde e qualidade de vida da comunidade local; detêm um papel essencial na proteção dos edifícios e paisagem associada e na divulgação do património através de iniciativas culturais com repercussões no sentido de identidade da população local, na coesão social e no aumento de visitantes; contribuem também para a preservação e aumento da biodiversidade, para as emissões de carbono (de forma negativa e positiva) e para o desenvolvimento e implementação de práticas de eficiência energética; a presença dos jardins concorre ainda para a imagem positiva, local e regional, baseada em parte na cobertura mediática recebida em particular devido a eventos culturais, para a atração de investimento e para a perceção dos locais sobre o papel dos jardins na sua própria qualidade de vida.

Enquanto atrações turísticas principais, os jardins podem constituir uma forma sustentável de desenvolvimento com repercussões na atratividade de outros produtos locais/regionais e com impactes positivos na economia local e regional (SHARPLEY, 2007) pois, à parte do seu extraordinário valor cultural, representam, de igual modo, importantes fatores económicos nas regiões onde se inserem pelas ligações que são estabelecidas com outros setores económicos. Os casos de *Alnwick Garden* em *Northumberland* e o *Eden Project* na *Cornwall* (Reino Unido) cujos objetivos pressupunham a recuperação económica regional, de *Tatton Park*, dos jardins da Áustria Federal, de *Dessau-Wörlitz* (Alemanha) ou até mesmo do complexo cultural de Serralves, no qual se inclui o parque, ilustram e corroboram com toda a propriedade estes factos (Quadro AII.20). Destaca-se o estudo realizado para o *Tatton Park* como o mais completo, já que o seu impacte foi medido em várias vertentes que não somente a económica, não obstante os efeitos económicos dos jardins serem os que mais sobressaem e, por isso, os que mais atenções têm tido na literatura.

Os jardins constituem assim elementos estratégicos no desenvolvimento global dos territórios, desde o nível económico mais direto à construção e promoção de uma imagem atrativa. É justamente esta conjugação que leva EVANS (2001) a afirmar que os jardins constituem atrações turísticas, por si só e por direito próprio, e por isso são cada vez mais

identificados não só como recursos estratégicos, mas como produtos importantes no seio da atividade turística local, regional e até mesmo nacional.

Bastará, pois, pensar que alguns dos mais famosos sítios turísticos no mundo são jardins ou estão associados a jardins e constituem grandes atrações turísticas por si só (EVANS, 2001; FOX & EDWARDS, 2004; BALLANTYNE *et al.*, 2008) como é o caso do *Central Park*, em Nova Iorque (Estados Unidos da América), *Tivoli* (Dinamarca), *Giverny* e *Versailles* (França), os inúmeros jardins Zen do Japão, *Keukenhof* (Holanda), *Kirstenbosch Gardens* (África do Sul) ou *Butchart Gardens* (Canadá)<sup>154</sup>; dos jardins botânicos que estão ligados à conservação e preservação ambiental e à educação e que possuem vastas coleções de plantas capazes de atrair milhões de visitantes (cerca de 250 milhões no mundo (BGCI, 2010)) como *Kew Gardens*, com uma frequência superior a 1 milhão de pessoas (Figura V.4).



Fonte: Autora (1ª e 4ª) (2013); *Versailles* e *Butchart Gardens* – endereços eletrônicos (2015)

Figura V.4: *Central Park*, *Versailles*, *Butchart Gardens* e *Kew Gardens*

Ou ainda porque têm associada a classificação de Património Mundial como os exemplos seguintes (Quadro V.2). Alguns destes figuram na lista dos 10<sup>155</sup> mais famosos jardins do mundo, segundo a *National Geographic* (2012), como os que atraem grandes números de visitantes e que revelam uma preparação mais consistente para o turismo de jardins.

<sup>154</sup> O *Central Park* aparece no topo das imagens relacionadas com Nova Iorque em muito devido à sua projeção através de filmes e programas de televisão, recebe cerca de 25 milhões de visitantes anuais; *Giverny* (França) foi, durante muito tempo, o refúgio do pintor impressionista Monet e é visitado anualmente por mais de 500 mil pessoas; em *Versailles*, casa da nobreza francesa, sede da Corte Real e símbolo do absolutismo de Luís XIV (França), os visitantes ascendem a cerca de 6 milhões; *Tivoli* possui o mais alto carrossel do mundo – *The Star Flyer*, recebe visitantes na ordem dos 4 milhões e é o parque temático mais visitado da Escandinávia; *Keukenhof* é considerado o maior jardim de flores do mundo (com cerca de 7 milhões), abre apenas 2 meses por ano e recebe à volta de 800 mil visitantes por temporada; *Kirstenbosch Gardens* é visitado por 1,5 milhões de pessoas e *Butchart Gardens* por cerca de 1 milhão (informação disponibilizada no endereço eletrónico dos jardins, 2016).

<sup>155</sup> Segundo a *National Geographic* (LANDE & LANDE, 2012), no *Top 10 Gardens* figuram *Versailles* (França), *Kew Gardens* (Inglaterra), *Powerscourt Gardens* (Enniskerry, Irlanda), *Butchart Gardens* (Vancouver, Canadá), *Villa d'Este* (Tivoli, Itália), *Dumbarton Oaks* (Washington, EUA), *Gardens of the Villa Éphrussi de Rothschild* (St. Jean-Cap-Ferrat, França), *Stourhead* (Warminster, Inglaterra), *The Master-of-Nets Garden* (Suzhou, China), *Sans Souci* (Postdam, Alemanha).



Quadro V.2: Jardins que figuram como Património Mundial<sup>156</sup>

País	Jardim	Ano de classificação
Alemanha	<i>Garden Kingdom of Dessau-Wörlitz</i>	2000
	<i>Palaces and Parks of Potsdam and Berlin</i>	1990/92/99
	<i>Würzburg Residence with the Court Gardens &amp; Residence Square</i>	1981
Austrália	<i>Royal Exhibition Building and Carlton Gardens</i>	2004
Áustria	<i>Palace and Gardens of Schönbrunn</i>	1996
China	<i>Classical Gardens of Suzhou</i>	1997/2000
	<i>Summer Palace, an Imperial Garden in Beijing</i>	1998
França	<i>Palace and Park of Fontainebleau</i>	1981
	<i>Palace and Park of Versailles</i>	1979
Índia	<i>Humayun's Tomb, Delhi (Garden Tomb)</i>	1993
Irão	<i>The Persian Garden</i>	2011
Itália	<i>18th-Century Royal Palace at Caserta with the Park, ...</i>	1997
	<i>Botanical Garden of Padua</i>	1997
	<i>Villa d'Este, Tivoli</i>	2001
	<i>Medici Villas and Gardens in Tuscany</i>	2013
Japão	<i>Hiraizumi – Temples, Gardens and Archaeological Sites ...</i>	2011
Paquistão	<i>Fort and Shalamar Gardens in Lahore</i>	1981
Reino Unido	<i>Kew Gardens</i>	2003
República Checa	<i>Gardens and Castle at Kroměříž</i>	1998
Singapura	<i>Singapore Botanical Gardens</i>	2015
Suécia	<i>Birka and Hovgården</i>	1993
	<i>Skogskyrkogården</i>	1994

Fonte: Elaboração própria a partir de UNESCO – endereço eletrónico (2016)

### 5.3.2.2. O papel dos festivais na requalificação do território, na construção e promoção de uma imagem atrativa

Ao carácter atrativo intrínseco dos jardins acrescenta-se o aumento do interesse do público pelos temas relacionados com jardins, flores, jardinagem e paisagem, motivado muitas vezes, e motivando outras tantas, pela realização de manifestações culturais, festivais e eventos especiais, nacionais e internacionais de grande projeção.

Estas manifestações, já consideradas um fenómeno do turismo mundial (GETZ, 1991, 2008) e destinos criativos (PRENTICE & ANDERDON, 2003), constituem importantes catalisadores da atividade turística já que funcionam como instrumentos de promoção da imagem de um território como destino turístico a ser consumido. Segundo GETZ (1991), os festivais e eventos especiais têm quatro grandes funções que, combinadas, resultam em efeitos

<sup>156</sup> Note-se que nesta listagem constam apenas os jardins que de forma singular são património mundial. Muitos outros jardins beneficiam desta distinção ao estarem incluídos em conjuntos/centros históricos como é o caso, por exemplo, do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra que faz parte da área classificada da Alta/Universidade, e de uma série de jardins que compõem a Paisagem Cultural de Sintra. Ao introduzir a palavra *garden* na secção de busca da Lista do Património Mundial aparece a referência a 166 propriedades (163 culturais, 2 naturais e 1 mista) (informação disponibilizada no endereço eletrónico da UNESCO, 2016).

sinérgicos determinantes para o sucesso das áreas de destino e das atrações individuais (Figura V.5).



Fonte: Elaboração própria com base em GETZ (1991)

Figura V.5: Principais funções dos festivais e eventos especiais

Utilizados de forma frequente como ferramentas de marketing, muitos destinos servem-se destes eventos para promover o turismo e os destinos. Estes têm impactes a nível social, económico, cultural e territorial. Assumem um papel importante no contexto do planeamento turístico e, por consequência, nos próprios territórios ao promoverem ou até mesmo construírem a imagem dos territórios que os acolhem, sendo ainda responsáveis pela atração de inúmeros visitantes, animação de outras atrações estáticas presentes e catalisadores para outros desenvolvimentos, que se verificam não só durante como após a realização dos eventos, combatendo desta forma a sazonalidade (GETZ, 1991, 2008; LARSON, 2009; QUINN, 2009). Para GETZ (1991), os festivais e eventos fazem parte de um turismo alternativo que minimiza efeitos negativos, contribui para o desenvolvimento sustentável e promove melhores relações entre anfitrião e convidado.

Já a procura de eventos é motivada, de acordo com DIMMOCK e TIYCE (2001, citados em MARUJO, 2014a), pelo escape, lazer, observação e participação, socialização, aprendizagem, nostalgia e experiência.

Segundo THOMAS *et al.* (1994), os *Bundestgartenshaus – Federal Garden Shows*, na Alemanha, e os *International Garden Festivals*, em Inglaterra, foram os primeiros exemplos

de evento turístico em larga escala, mas que se têm multiplicado não só por todos os países como no seio de cada um. Só nos Estados Unidos da América existem mais de 3 mil eventos e festivais de flores e jardins, já a Alemanha e a Holanda tornaram-se líderes em exposições e mega eventos hortícolas (BENFIELD, 2013).

Os jardins são, assim, palco ou motivo para diversas modalidades de eventos e festivais, com conceções e objetivos diferentes. Uns são mais específicos outros mais generalistas, há-os de frequência anual, bianual ou até mesmo decenal. Uns são de carácter mais local/regional, outros de âmbito internacional; uns acontecem dentro dos jardins, outros fora; uns constituem autênticas mostras e competições entre diferentes conceções de jardins, outros são apenas a mostra de flores ou do que com elas pode ser feito como carros alegóricos, arranjos e tapetes em grande escala. O universo dos festivais e eventos de flores e jardins é enorme, diverso e muito fascinante.

Estes eventos tornam-se pontos turísticos com grande capacidade de atração de turistas não só domésticos como internacionais, aumentam o número de turistas nas regiões e contribuem para a afirmação de determinados territórios neste produto, como se verá através dos exemplos destacados. Mas não só. Segundo THEOKAS (2004), os festivais de jardins representam um grande investimento de capital público e privado e são mais do que meras exposições temporárias de horticultura. São projetos complexos com um amplo significado adicional que implicam planeamento, projetos de recuperação, locais de arte pública, sendo percursos de novos parques urbanos. Na perspetiva do autor, o seu alcance vai muito além do que está implícito no termo festival de jardim, pois os impactes verificam-se ao nível económico, regional, demográfico, ambiental, social e político, pelo que o bom planeamento destes eventos pode beneficiar a cidade/território onde o mesmo ocorre de duas formas. Por um lado, a comunidade obtém rendimentos e emprego a partir dos passeios e concessões, por outro os locais recuperados para a realização do evento podem ser transformados para outros usos públicos e privados transformando-se em oportunidades de moradia e/ou empreendimentos comerciais que continuam a proporcionar rendimento à cidade organizadora através dos impostos. Os *Buga* e a *Floríade* são dois bons exemplos desta realidade.

Uma das grandes premissas dos *Bundsgartenschau* ou *Buga* (Alemanha) é a de contribuir para o desenvolvimento regional a vários níveis, promovendo desde logo a requalificação urbana em moldes sustentáveis. Para a realização deste festival, que é recebido a cada dois anos por uma cidade diferente, um parque novo é construído ou um parque existente, por vezes em áreas degradadas ou pouco qualificadas, é requalificado e revitalizado

“devolvendo” estes espaços à vivência das cidades durante e após o festival. Na última edição (2015), levada a cabo na Região de *Havel*, várias áreas foram requalificadas. Por exemplo em *Brandenburg* um teatro ao ar livre pré-existente foi restaurado para albergar parte da exposição, num antigo estaleiro (*Am Packhof*) foi criado um parque de 4,4 hectares que acolheu a mostra dos jardins temáticos e, na cidade de *Premnitz*, foram criadas também duas zonas verdes, uma no centro e outra na zona ribeirinha<sup>157</sup> (Figura V.6).



Fonte: Buga 2015/*Havel Region* – endereço eletrónico (2015)

Figura V.6: Parque *Packhof* (*Brandenburg*) e Passeio à beira-rio (*Premnitz*)

Uma série de eventos culturais e de entretenimento complementam o festival, uma estratégia de marketing é desenvolvida e implementada incorporando o festival da cidade que o acolhe. Os *Buga* funcionam como uma mostra promocional para as empresas paisagísticas e horticólicas, as cidades de acolhimento do evento beneficiam de melhoramentos urbanos e da construção de novos edifícios (THOMAS *et al.*, 1994), atraem milhões de visitantes ao longo de um período de vários meses tornando-se grandes atrações turísticas com repercussões na economia local/regional, cujos efeitos se estendem a longo prazo<sup>158</sup>.

<sup>157</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Buga Havel Region 2015* (2015). A este respeito note-se que para a edição de 2017 (Berlim) está a ser implementado um conjunto de intervenções com os mesmos objetivos. Um parque, um jardim contemporâneo em faixa e um teleférico estão a ser construídos para este evento, que vai disponibilizando informação sobre o decorrer dos trabalhos no seu *site* oficial (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Buga – Internationale Garten Ausstellung Berlin 2017* (2015)).

<sup>158</sup> Uma das edições recentes de maior sucesso foi a de *Koblenz* em 2011 que, com um investimento de 102 milhões de euros, obteve um retorno de 13 milhões. Foram registados mais de 3 milhões de visitantes nas exposições sobre jardinagem e arquitetura paisagista, um aumento de mais de 30% no número de dormidas, o tempo médio de permanência subiu de 1,56 para 2,08 dias e houve um incremento das visitas guiadas à cidade. Efeitos que segundo Joachim Hofmann-Göttig (Prefeito da cidade), não se ficaram pelos meses de duração do evento, mas que se estenderam no pós-*Buga* e crendo-se a um mais longo prazo (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Buga Koblenz 2011* (2015)).

A *Floriáde – World Horticulture Expo* (Holanda), que acontece a cada 10 anos numa cidade diferente, desenvolve-se na mesma linha ao promover a transformação de determinadas áreas e a construção de infraestruturas verdes para usufruto futuro da população<sup>159</sup>.

O *Chelsea Flower Show* (Inglaterra) é uma das mais famosas e importantes exposições sobre jardins e jardinagem do mundo para além de constituir um dos eventos sociais de grande relevo da primavera londrina. “*Chelsea is considered the most prestigious floral art competition in the UK. Exhibiting at the show is not only an honour, but a unique, unforgettable experience*” (SANDERSON, citada em *RHS*, 2015: 2). Durante cinco dias, em maio, milhares de visitantes, e membros da família real, apreciam as grandes atrações como as exposições de jardins e os arranjos florais (Figura V.7). Segundo um relatório da *RHS* (2016a), a edição de 2015 do festival registou 166,5 mil visitantes pagantes, atraindo um público maioritariamente britânico, feminino, adulto/idoso, de gastos elevados que gera vendas diretas e outras oportunidades relacionadas de marketing ou de negócios<sup>160</sup>.



Fonte: *RHS* – endereço eletrónico (2015)

Figura V.7: *Chelsea Flower Show 2015*

<sup>159</sup> Na edição de 2012, ocorrida em *Venlo*, num parque de 66 hectares cujo projeto foi desenvolvido entre 2007 e 2010 (atualmente designado de *Venlo GreenPark*), foram plantadas 1700 árvores, 20 mil arbustos, 200 mil espécies perenes, 65 mil plantas aquáticas, 1,5 milhões de bolbos e 95 mil plantas anuais, a partir de 2008. O parque foi dividido em cinco áreas temáticas, separadas por uma floresta, sendo que cada área temática tinha a sua própria decoração, programa e atividades. Participaram 35 países e os visitantes ultrapassaram os 2 milhões (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Floriáde Venlo 2012* (2015)). Atualmente está já em preparação a exposição de 2022 que será em *Almere*.

<sup>160</sup> O perfil do visitante de 2015 revela que na maioria são mulheres (78%), público na faixa etária dos 55 e mais anos, 81% de famílias com rendimentos líquidos elevados (classe profissional ABC1). Cerca de 3/4 dos visitantes são britânicos (16% provenientes da área de Londres, 20% do Sudeste e 40% das restantes áreas do Reino Unido) e 24% são estrangeiros provenientes do continente europeu (9%), da Austrália/Nova Zelândia (7%), dos EUA e Canadá (7%) e 1% do resto do mundo). Trata-se de um evento sobretudo de cariz regional e nacional mas com uma participação internacional interessante centrada em dois importantes núcleos ao nível do turismo de jardins. Acrescenta-se ainda que os expositores usufruem de uma série de vantagens durante o período da exposição mas também após com a sua entrada no Catálogo do *Show* que constitui um veículo publicitário posterior de grande importância, para além de poderem ser galardoados com um dos diferentes prémios em jogo (*RHS*, 2016a, 2016b).

É amplamente publicitado e coberto por diversos meios de comunicação social, desde a televisão à rádio, passando pela imprensa escrita e internet<sup>161</sup>. “*RHS Chelsea brings widespread media interest which brings good news to our industry. Our press exposure is phenomenal with average value of press exceeding Australian \$1million, and internationally over £2million*” (FLEMING’S NURSERIES, citada em *RHS*, 2016b: 9).

Em França, o Festival de *Chaumont-sur-Loire* é considerado um laboratório de criação contemporânea no domínio dos jardins e da arquitetura paisagista no Mundo. Para além de uma fonte de ideias, de inspiração e um viveiro de talentos, redinamiza a arte dos jardins e desperta o interesse do público e dos profissionais, apresentando novos arranjos, materiais, ideias e abordagens inovadoras. A diversidade, criatividade e a qualidade dos projetos têm contribuído para a reputação internacional do festival, que se tornou um evento-chave para a apresentação do trabalho de uma nova geração de paisagistas (CHAUMONT-SUR-LOIRE, 2015<sup>162</sup>). Durante cerca de 6 meses é apresentada uma seleção de criações, vencedoras de um concurso internacional lançado *a priori*, sob um tema particular<sup>163</sup>. Ainda em território francês não se pode deixar de mencionar a importância e o papel do evento *Rendez-vous aux Jardins* na promoção e divulgação dos jardins. Uma ação concertada de abertura de jardins em todo o país que conta com quase 2 milhões de visitantes (ponto 3.3.2. do capítulo III).

As próprias flores constituem igualmente mote para a realização de diversos eventos. Os festivais, *shows*, mostras, paradas, desfiles ou tapetes, uns celebrando um único tipo de flor<sup>164</sup>, outros uma profusão delas, são as modalidades mais comuns e que constituem autênticas atrações turísticas e a imagem de marca de determinados territórios.

Em vários países europeus são realizados os *Bloemencorso*, mas veja-se ainda os exemplos da parada do *Tournament of Roses* (Pasadena – California), o *Philadelphia International Flower Show* (Philadelphia – Pennsylvania), o *Infiorata Flower Festival*

---

<sup>161</sup> A cobertura da imprensa escrita atinge os 186 milhões de pessoas, traduzido num valor equivalente de publicidade de cerca de £6 milhões. A cobertura televisiva assegurada pela BBC (estação oficial) é feita de dia e de noite num total de 15 horas registadas em 2015, mas também por outras estações televisivas nacionais, regionais e internacionais. Mais de 1000 jornalistas, fotógrafos e produtores assistem ao *show* (*RHS*, 2016a). Em 2015, durante o período do evento o *RHS website* recebeu 4,9 milhões de acessos por cerca de 1 milhão de usuários únicos e as páginas do *site* do evento foram visualizadas 2,63 milhões de vezes por 404 mil de usuários únicos (*RHS*, 2016b).

<sup>162</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do festival de *Chaumont-sur-Loire* (2015).

<sup>163</sup> Em 2015, 30 jardins foram apresentados sob o tema *Jardins extraordinaires, jardins de collection* tendo-se registado uma frequência de cerca de 250 mil visitantes (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Domaine Chaumont-sur-Loire*, 2015). Este festival foi a base de inspiração para o Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima.

<sup>164</sup> BENFIELD (2013) apurou que nos Estados Unidos da América existem 54 festivais de narcisos, 38 de rosas, 24 de rododendros, 16 de azáleas, 7 de tulipas e 7 de cerejeiras em flor, entre os mais importantes.

(Genzano, Spello e Noto – Itália), o *Flower Carpet on the Grand Place* (Bruxelas – Bélgica)<sup>165</sup>, os vários festivais de tulipas (Holanda, Canadá, EUA)<sup>166</sup> (Figura V.8), os *Rhododendron Festivals* (Nova Zelândia) ou a Festa da Flor na Ilha da Madeira e ainda as caricatas *Batalla de Flores*<sup>167</sup> (Valência – Espanha) e *Battaglia di Fiori* (Ventimiglia – Itália).



Fonte: *Flower Carpet*, *Canadian Tulip Festival* – endereço eletrônico (2015) e *Tulip Time Festival*<sup>168</sup>

Figura V.8: Exemplos de Festivais de Flores<sup>169</sup>

Destaca-se aqui o *Tournament of Roses*. Este evento inclui um desfile de 5 km composto por um conjunto de carros alegóricos decorados com flores, bandas de música e grupos equestres (Figura V.9), a participação prévia na decoração dos carros, o *Rose Bowl Game* e a exposição posterior dos carros. Ocorre no final/início do ano, sendo a parada no dia

<sup>165</sup> O *Flower Carpet on the Grand Place* (Bruxelas) não é o único evento do género que existe na Bélgica mas é o maior e o mais famoso (BENFIELD, 2013). Mais de um milhão de begónias são utilizadas para dar forma a um tema em 1800 m<sup>2</sup> resultando num magnífico efeito visual, principalmente visto de cima (Figura V.8). Segundo o autor 6500 visitantes por dia adquirem bilhete para ver e fotografar o tapete das varandas dos monumentos adjacentes. Com a duração de apenas dois dias a organização estima que 100 mil visitantes visitem este espaço a cada edição provenientes não só da região como também do Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Polónia ou República Checa (informação disponibilizada no endereço eletrônico do evento, 2015).

<sup>166</sup> Eventos sobre tulipas acontecem um pouco por todo o mundo. O *Canadian Tulip Festival* (Ontario – Canadá) e o *Tulip Time Festival* (Holland – EUA) são os de maior destaque na América do Norte. Estes ocorrem em regiões com fortes raízes holandesas, e pela sua ocasião são plantadas milhões de tulipas nos parques e jardins das cidades, nas principais atrações públicas e ao longo dos passeios das ruas. Para além das paradas há as chamadas *tulip city tours* (Figura V.8). O primeiro é visitado por cerca de 600 mil visitantes, principalmente do género feminino (61%), adultos (51% entre 35-54 anos), locais/nacionais (24%), americanos (11%), asiáticos (24%) e do médio oriente (16%), originando um impacto económico de mais de \$70 milhões. Na Holanda o de maior dimensão ocorre no jardim de *Keukenhof*, que abre apenas mês e meio para permitir aos milhares de visitantes (800 mil por temporada) desfrutarem do cenário criado (informação disponibilizada no endereço eletrônico dos eventos, 2015).

<sup>167</sup> Esta festa é considerada Festa de Interesse Turístico desde 1965 e Festa de Interesse Turístico Nacional desde 2011 (informação disponibilizada no endereço eletrônico do evento, 2015).

<sup>168</sup> Foto do *Tulip Time Festival* gentilmente cedida por Susan Zalniss do Departamento de Marketing do evento (2015).

<sup>169</sup> Da esquerda para a direita: *Flower Carpet*, *Canadian Tulip Festival* e *Tulip Time Festival*.

de Ano Novo, e é considerado um dos Top 100 eventos dos EUA segundo a *American Bus Association* (ABA, 2016).

O desfile atrai cerca de 700 mil visitantes todos os anos, todavia são muitos mais os que têm a oportunidade de o seguir através de vários canais de televisão, nos EUA e em todo o mundo<sup>170</sup>. Esta disseminação através dos média projeta não só o próprio evento como a imagem do território no exterior gerando um interesse alargado.



Fonte: *Tournament of Roses* – endereço eletrónico (2016)

Figura V.9: *Rose Parade* e exemplos de carros alegóricos galardoados em 2016

O *Tournament of Roses*, que em 2015/2016 alcançou cerca de 950 mil visitantes, mais 1,6% que no ano anterior (935 mil), tem outras componentes turísticas, não se resumindo ao grande desfile, embora este represente a grande fatia do total de visitantes do evento, cerca de 3/4 (Figura V.10). É permitido aos turistas acompanharem também o processo de construção/acabamentos dos carros alegóricos nos dias que antecedem a Parada, sendo que na edição de 2015/2016 pouco mais de 22 mil pessoas (2,4%) tiveram oportunidade de o fazer. Depois da Parada, os carros permanecem em exposição um a três dias, cuja entrada é paga, atraindo cerca de 122 mil visitantes em 2016 (12,8%) (um aumento de 12% face a 2015) (TR 2015, 2016). De referir ainda que, segundo os dados disponibilizados pela organização, durante o período de 05/01/15 a 04/01/2016, foram registados quase 2,4 milhões de acessos à página do evento (TR, 2016). Sensivelmente o mesmo que foi registado na edição anterior (2014/2015) onde 25% (601.843) corresponderam aos que foram feitos no dia da Parada (TR, 2015) (Figura V.10), o que confirma a alcance do evento.

Um estudo apurou que o evento, em 2013, produziu no mínimo \$306 milhões de benefícios imediatos e identificáveis na região de *Los Angeles* (WEINSTEIN & STANFORD, 2013) (Quadro V.3).

<sup>170</sup> A *Rose Parade* é transmitida em direto, através de vários canais de televisão, para todo o território dos EUA, tendo registado uma audiência superior a 50 milhões de pessoas em 2015/2016, e, para mais de 100 países do mundo, com uma audiência internacional estimada de 28 milhões de espectadores (TR, 2016).



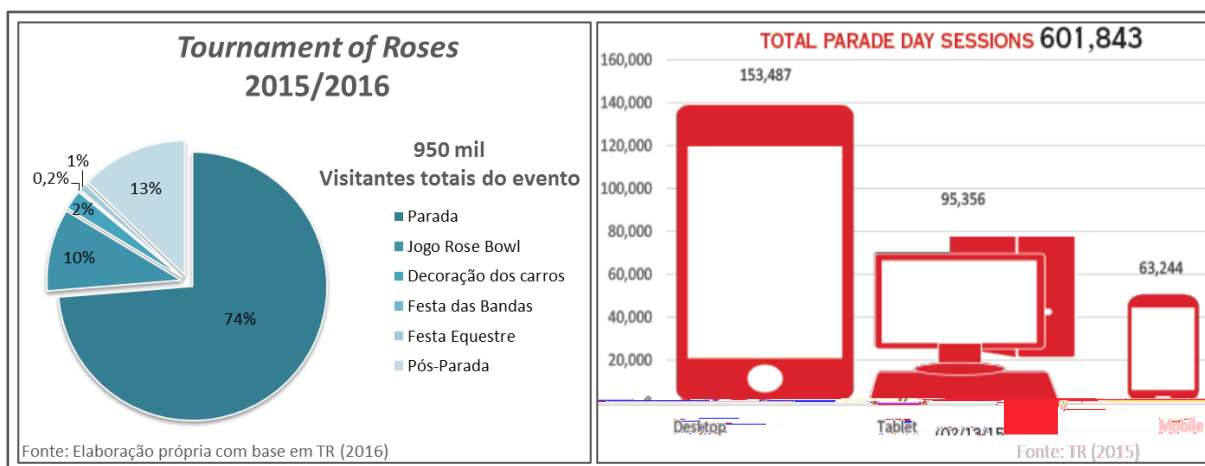


Figura V.10: Algumas estatísticas sobre o *Tournament of Roses* (2014/2015 e 2015/2016)

Quadro V.3: Distribuição dos impactos económicos do *Tournament of Roses* na região de *Los Angeles*, em 2013

Categoria do impacto	Montante (dólares)/Descrição
<b>Direto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- \$139,9 milhões em gastos diretos dos visitantes (fora da região) no evento (transporte local, alojamento, comida e bebida, entretenimento e compras)</li> <li>- \$3,7 milhões em gastos dos participantes fora da cidade do evento (bandas, unidades equestres, equipas e funcionários, comunicação social e ainda todos os que foram referidos no ponto anterior)</li> <li>- \$5,6 milhões associados à construção dos carros alegóricos;</li> <li>- \$14,6 milhões gastos pela <i>Tournament of Roses Association</i> (salários do <i>staff full-time</i> e sazonal, taxas à cidade, pagamentos de conferências e outras despesas)</li> </ul> <p><b>\$164 milhões</b> —————&gt; <b>2.204 empregos</b></p>
<b>Indireto (\$55,7 M) + Induzido (\$86,7 M)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- \$142 milhões em efeitos multiplicadores na economia local (ex.: aumento das receitas para os taxistas e operadores de transportes para o aeroporto, proprietários de restaurantes e clubes, funcionários de hotéis, que são canalizadas para outros gastos, produzindo uma nova ronda de beneficiários), incluindo \$22 milhões em receitas fiscais estaduais e locais</li> </ul> <p><b>\$142 milhões</b> —————&gt; <b>946 empregos</b></p>

Fonte: Elaboração própria com base em WEINSTEIN e STANFORD (2013)

Os autores estimam que este benefício económico é equivalente à criação de 3150 empregos *full-time* adicionais na região de *Los Angeles*. Este impacto global de \$306 milhões não inclui o valor dos patrocínios de um amplo conjunto de entidades, como a Coca-Cola, Honda ou *American Airlines*. Estas oportunidades de marketing, embora sejam difíceis de quantificar, podem produzir benefícios económicos significativos para a economia local.

Em Portugal é a Festa da Flor da Madeira que maior destaque e projeção tem, aparecendo em algumas listas como um dos mais importantes festivais de flores do mundo,

sendo um dos principais eventos turísticos anuais da Ilha e que é responsável por uma das mais elevadas taxas de ocupação hoteleira que é registada durante o ano<sup>171</sup>.

Todos estes de eventos, e outros, procuram celebrar as flores, os jardins e a jardinagem, e despertam, estimulam e desenvolvem o interesse público e profissional pelos jardins. Embora CONNELL (2004) admita que o seu real efeito seja difícil de avaliar, são evidentes os diversos impactes que têm, não só ao nível económico, mas territorial, cultural e social e os exemplos apresentados espelham isso mesmo<sup>172</sup>. Desde a requalificação de áreas degradadas e a sua consequente devolução à vivência dos territórios e das populações, ao aumento de visitantes (turistas e visitantes do dia) e, por inerência, da dinâmica associada quer em termos de hotelaria, restauração e comércio, à divulgação/projeção do evento, do território e das suas atrações por via da cobertura da comunicação social e dos visitantes a um nível nacional e internacional, à manutenção de tradições e à perpetuação das raízes de determinadas culturas, à dimensão caritativa ou ao facto de serem integradores de várias gerações e interesses possibilitado pelas inúmeras atividades paralelas que dispõem ao público.

### **5.3.2.3. A importância das indústrias culturais na turistificação dos jardins**

“ (...) Cada espaço geográfico tenta estruturar caminhos de afirmação da sua centralidade e capacidade de captação de novos residentes, investidores ou turistas” (FERNANDES, 2009: 3581). Na opinião do autor, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, é agora mais fácil a (des)construção de imagens de lugares que, através da literatura, da fotografia, da televisão, da publicidade ou do cinema, circulam e são consumidas por mercados globais. Esta difusão constitui, em muitos casos, um veículo de promoção e marketing territorial. As indústrias culturais, através da produção, reprodução e divulgação de material criativo, muito dele associado a representações de espaços geográficos, são agora agentes determinantes nas trajetórias de desenvolvimento local.

O turismo tira então partido da territorialização de narrativas, símbolos e imagens associadas, neste caso, ao jardim. Este torna-se protagonista, enquanto paisagem por si só e/ou enquanto paisagem com uma simbologia e história associadas, não raras vezes “construída” e

---

<sup>171</sup> Este assunto será desenvolvido no ponto 6.2.1.2. do capítulo VI.

<sup>172</sup> No campo dos impactes destes eventos, merece também uma referência a *Flora Canada*, uma exibição horticultural de 4 meses, que existe há 150 anos e cujas projeções para 2017 apontam para um impacto direto na economia de \$138 milhões, suportando mais de 2300 empregos e receitas fiscais na ordem dos \$107 milhões, estimando-se uma despesa direta dos visitantes na região superior a \$300 milhões. É esperado um aumento da indústria da horticultura e turismo (ERC, 2016).

fantasiada, quer seja política e social, quer seja de cariz romântico. E, muitas vezes, as indústrias culturais constituem o meio (acidental ou propositado) para atingir o fim: a construção de novos territórios turísticos ou a consolidação dos mesmos. Servem-se das histórias, das narrativas e até mesmo dos símbolos há muito associados a determinados lugares ou apenas os tomam como cenários na construção de novas narrativas que ficam, a partir daí, imbuídas nesses espaços, suscitando a curiosidade, a vontade e a experiência da visita (SILVA & CARVALHO, 2012).

Enquanto fonte de inspiração ou matéria-prima, o jardim toma então o papel de ator (principal ou secundário) no cinema, televisão, literatura, publicidade, pintura (jardim representado, ponto 1.3.1.2. do capítulo I), que, desta maneira, atribuem um protagonismo e importância, efémeros em muitos casos, eternos em muitos mais, a determinados lugares. O visitante realiza o desejo de visitar e de obter uma concretização visual e palpável de algo que apenas viu no cinema, televisão, nos livros ou nas telas, nomeadamente estar no sítio onde determinadas cenas (com determinados atores) foram rodadas, onde um pintor se inspirou, onde acontecimentos políticos e históricos importantes tiveram lugar, onde uma história de amor se desenrolou ou onde um poeta se enamorou. Os jardins de *Giverny*, *Versailles* (França), o Jardim da Especulação Cósmica (Escócia) ou ainda de *Alnwick* (Inglaterra) constituem bons exemplos do papel destas indústrias na sua turistificação<sup>173</sup> (SILVA & CARVALHO, 2012).

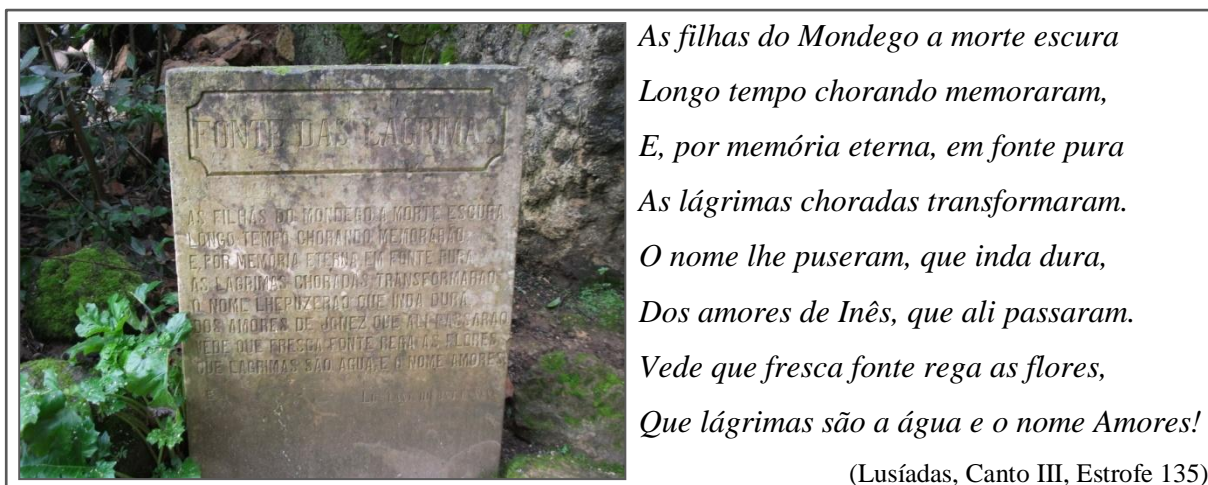
A respeito da literatura, nos vários géneros onde os jardins aparecem referenciados, FOX e EDWARDS (2004) destacam mesmo o seu papel no despoletar da motivação para a visita a um jardim e que vai ao encontro do modelo da motivação turística e de formação de expectativas introduzido por GNOTH (1997) que reconhece a importância do motivo e da motivação na própria motivação turística. Por exemplo, a necessidade de relaxar pode ser um motivo que pode ser satisfeito em qualquer local não stressante, mas a motivação, por

---

<sup>173</sup> Os jardins de *Giverny* foram a inspiração do impressionista Claude Monet que aí pintou os famosos quadros da série *Nenúfares*, imortalizando também outros elementos do mesmo em várias das suas obras como a célebre ponte japonesa e o lago com os nenúfares (ex.: *Le Bassin aux Nymphéas*). O jardim de Monet transformou-se ainda no cenário de algumas passagens do filme *Meia-noite em Paris* de Woody Allen (2011). Já em *Versailles*, para além das muitas películas que aí têm sido rodadas, reproduzindo sobretudo episódios da história francesa (como curiosidade refira-se que entre março e maio de 2016 passou na RTP1 a série *Versailles*), também jogos de vídeo e música vêm ajudando à projeção mundial deste monumento. O Jardim da Especulação Cósmica (Escócia), considerado um dos mais originais e importantes jardins do século XXI, foi a fonte de inspiração para uma das composições de Michael Gandolfi (SILVA & CARVALHO, 2012). De referir ainda o castelo de *Alnwick* (Inglaterra), cujo curriculum enquanto cenário/set de vários filmes e séries de televisão é extenso, em 2002, viu aumentar os seus visitantes de 60 mil para 140 mil, atraindo atualmente cerca de 300 mil visitantes muito por causa do facto de ter sido rodado parte do primeiro filme de *Harry Potter* neste castelo, seguindo-se-lhe posteriormente as outras sagas da série (SHARPLEY, 2007).

exemplo a leitura de poemas de Thomas Hardy, é que constituiu o elemento que determina que local de relaxe é visitado, no caso o Jardim em Max Gate (FOX & EDWARDS, 2004).

Em Portugal, a literatura constituiu também um veículo para imortalizar factos históricos relacionados ou ocorridos em jardins. Estes, ou elementos específicos que neles constam, são por sua vez ricas fontes de inspiração para a literatura. Camões “canta” a fatídica história de Pedro e Inês nos Lusíadas (Figura V.11). Segundo a lenda “construída” e perpetuada no tempo, o fim trágico da história de Pedro e Inês (século XIV) deixou marcas nos jardins da Quinta das Lágrimas – o sangue derramado – possível de identificar nas pedras da Fonte das Lágrimas (Figura V.12), à qual se junta o mito de que o fantasma de Inês ainda percorre o jardim, eternamente em busca de Pedro. Estes constituem um dos principais argumentos utilizados pelo jardim para a sua visita.



(Lusíadas, Canto III, Estrofe 135)

Fonte: Autora (2013)

Figura V.11: Inscrição do Poema de Luís Camões na Quinta das Lágrimas

A obra *Rapaz de Bronze* de Sophia de Mello Breyner Andresen é uma clara referência aos jardins da antiga quinta de família, o agora Jardim Botânico do Porto (Figura V.12). “*Era uma vez um jardim maravilhoso, cheio de grandes tílias, bétulas, carvalhos, magnólias e plátanos./ Havia nele roseirais, jardins de buxo e pomares. E ruas muito compridas, entre muros de camélias talhadas./ E havia nele uma estufa cheia de avencas onde cresciam plantas extraordinárias que tinham, atada ao pé, uma placa de metal onde o seu nome estava escrito em latim./ (...). E naquele jardim durante o dia mandavam a dona da casa e o jardineiro. Mas durante a noite mandava o Rapaz de Bronze./ Entre o roseiral e o parque, num lugar sombrio, solitário e verde, havia um pequeno jardim rodeado de árvores altíssimas que o cobriam com os seus ramos. No meio desse jardim havia um lago redondo*

*sempre cheio de folhas. No centro do lago havia uma ilha muito pequena feita de pedregulhos e onde cresciam fetos. E no centro da ilha estava uma estátua que era um rapaz feito de bronze” (ANDRESEN, 1966: 7, 16).*



Fonte: Autora (2013 e 2014)

Figura V.12: Fonte dos Amores na Quinta das Lágrimas e jardim do Rapaz de Bronze no Jardim Botânico do Porto

Determinados lugares e paisagens tornam-se, assim, atrações turísticas, por via do que representam e do que proporcionam àquele que sobre eles depositou determinada expectativa e deles usufrui em termos lúdicos, de bem-estar, sociais e sensoriais, mas também muito por causa dos seus símbolos e das narrativas associadas e que constituem muitas vezes a causa do efeito (SILVA & CARVALHO, 2012).

#### **5.4. O turismo de jardins e o *garden visiting***

Os jardins, pelas suas características intrínsecas, constituem locais bastante atrativos, e os eventos e festivais com base ou relacionados com jardins e flora têm também um grande poder de atração como já se constatou. Apesar do turismo de jardins ser amplamente conotado com a visita a jardins botânicos, a realidade é muito mais abrangente e complexa. Por um lado, não existem só jardins botânicos para visitar, por outro, o turismo de jardins não se reduz somente à vertente de visita a jardins.

Mas o que é exatamente o turismo de jardins? Quais são as suas características? O que é que se pode englobar no conceito de turismo de jardins? Quem é, como se define e quais as motivações de um turista/visitante de jardim? São estas questões que se pretendem clarificar de seguida.

#### 5.4.1. O universo conceptual

BENFIELD (2013) está convicto que um turista que viaja ou se desloca para ver jardins ou com o propósito de realizar/frequentar algum tipo de atividade ligada a jardins e/ou jardinagem, constitui uma parte importante da indústria turística. Embora o autor chame a atenção para o facto de muitas atividades relacionadas com a visita a viveiros ou a jardins abertos para o Fundo de Caridade não sejam consideradas, por norma, parte da viagem turística, parece não restar dúvidas quanto ao facto de se tratar de uma forma de turismo.

Não são muitos os autores que avançam com uma definição para turismo de jardins (Quadro V.4). Para THOMAS *et al.* (1994: 2), o conceito de turismo de jardins engloba os *tours* de jardins, ou seja, a visita a jardins, os eventos e festivais de jardins. HLAVAC (2006) coloca o foco nos jardins e parques enquanto atrações principais do turismo de jardins, referindo que são estes, independentemente da antiguidade ou propriedade/gestão, o objetivo geográfico ou temático deste tipo de turismo, fazendo uma alusão não só ao espaço físico (objetivo geográfico), como de alguma forma a menção ao objetivo temático fará subentender um alargamento a uma motivação, muito embora, nesta definição, seja ignorado o facto de que a visita a jardins é baseada em motivações e experiências específicas. QUINTAL (2009) já posiciona este tipo de turismo no campo dos nichos turísticos, aliás como CAVACO e SIMÕES (2009), apontando o carácter alternativo deste segmento, e avança com o tipo de jardins visitados, destacando essencialmente a questão histórica e a fitodiversidade, mas não considera, todavia, os eventos relacionados, tal como os anteriores, pelo menos de forma concreta. Na definição avançada pelo IMC-UASK (2012) é acrescentado o facto dos jardins e parques constituírem importantes atrações dos destinos, colocando assim em evidência o seu papel na atração de visitantes. No cômputo geral, estes autores apresentam abordagens reduzidas, apenas centradas no “objeto” ou seja, nos jardins em particular, e também nos eventos no primeiro caso, que não explicam quem pratica este tipo de turismo e as motivações subjacentes a esta prática.

Mais recentemente, o estudo levado a cabo por BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), apresenta uma definição um pouco mais completa com base na opinião de um conjunto de *experts*. Segundo os autores, o turismo de jardins faz parte do turismo cultural, é um segmento de nicho e um tipo bastante específico de turismo, inclui a visita a jardins para diferentes propósitos que é levada a cabo nas férias e durante o tempo de lazer. BENFIELD (2013) é mais abrangente e inclui compras, observação ou apenas passar algum tempo, seja recreativo seja educacional, numa área de criação horticultural que não somente os jardins,

apesar destes serem os mais considerados no conceito. Embora sejam os únicos que considerem a motivação, excluem os eventos que THOMAS *et al.* (1994) e CZALCZYŃSKA-PODOLSKA (2014) consideram. Aliás, esta autora, ao contrário de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) que posicionam o turismo de jardins no campo do turismo cultural, classifica este segmento como um tipo de ecoturismo, evidenciando assim a sua vertente natural.

Quadro V.4: Conceito de turismo de jardins, segundo diferentes autores

Autor	Turismo de jardins
THOMAS <i>et al.</i> (1994: 4)	“(…) garden tours, garden festivals and special events (…).”
HLAVAC (2006, citado em BAUER-KRÖSBACHER & PAYER, 2012: 11)	“(…) tourism whose geographical or thematic aim are gardens or parks, independent from its date of origin and independent from the fact if the property is public or privately owned.”
QUINTAL (2009: 71)	“O “Garden Tourism” é um nicho de turismo especializado nas visitas a jardins botânicos, jardins históricos e a outros jardins com elevada fitodiversidade.”
BAUER-KRÖSBACHER & PAYER (2012: 58)	“It is part of cultural tourism; It is a niche segment and very special type of tourism; It includes the deliberate visit of gardens for different purposes; Performed on holiday and during leisure time.”
IMC-UASK (2012: 7)	“(…) garden tourism can be specified as a form of tourism, whose geographical/thematic destinations are gardens or parks in their various forms. Gardens and parks are an important part of destinations’ attractions and help attract visitor.”
BENFIELD (2013: 15)	“(…) as travel away from one’s normal domicile to purchase, view, or spend reflective or educational time in an area of horticultural creation, most often with the moniker ‘garden’.”
CZALCZYŃSKA-PODOLSKA (2014: 132)	“Garden tourism is classified as a type of ecotourism and mostly encompasses sightseeing in parks, historic gardens and arboreta, as well as participating in garden festivals and exhibitions.”

Fonte: Elaboração própria com base em THOMAS *et al.* (1994), QUINTAL (2009), BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), IMC-UASK (2012), BENFIELD (2013) e CZALCZYŃSKA-PODOLSKA (2014)

No Quadro V.5 os autores intentam numa comparação entre as características qualitativas principais do turismo apresentadas por URRY (1990) por contraponto ao turismo de jardins procurando similaridades e contrastes, e identificando as particularidades deste em função de percepções, valores, crenças e atitudes o que, segundo BENFIELD (2013), torna a definição de turismo de jardins mais qualitativa.

Cada uma destas definições, umas mais restritas outras mais abrangentes, revela as diferentes perspetivas dos autores mas, ao mesmo tempo, vão acrescentando informação útil à construção de uma definição mais completa e ajustada.

Quadro V.5: Características do turismo em geral em comparação com o turismo de jardins

Características do turismo por URRY (1990)	Turismo de jardins
1. O turismo é uma atividade lúdica – o oposto do trabalho regulado e organizado. Envolve atuar como um turista – ser “moderno”.	1. Normalmente uma atividade de não-trabalho aos fins de semana, especialmente para os mais velhos, reformados.
2. As relações turísticas implicam movimentação e estadia num destino. Viagem – período da estadia – novo(s) lugar(es).	2. Atividade/deslocação diária envolvendo alguma viagem fora da localidade; pode incluir estadias no campo e percursos de longa distância.
3. Viagem para algures e estadia em locais fora do contexto habitual de residência/trabalho. Estadias: curtas/temporárias seguidas de retorno a casa.	3. Os locais visitados são jardins (de outras pessoas), que são encarados tanto como viagens de um dia ou como viagens com pernoite.
4. Lugares contemplados não estão diretamente relacionados com trabalho remunerado. Normalmente alguns contrastes distintivos entre trabalho remunerado e não remunerado.	4. Contemplar jardins – a maior atividade lúdica para grupos etários mais velhos que, embora envolva trabalho físico, é frequentemente considerado lazer em vez de trabalho.
5. Na sociedade moderna são substanciais os números daqueles que se envolvem em práticas turísticas. Novas formas são desenvolvidas para lidar com o carácter de massa do olhar do turista ( <i>tourist gaze</i> ). O contraste é a viagem individual.	5. Geralmente não se trata de turismo de massas como em grupos organizados – independência individual considerável. Os jardins estão frequentemente disponíveis apenas para “ocasiões especiais” – o acesso pode ser um problema.
6. Os lugares são sujeitos à “contemplação” e envolve a antecipação dos prazeres intensos que são diferentes do “normal”. A antecipação é socialmente construída e sustentada através da tv, filmes, literatura, revistas e vídeo, todos construindo e reforçando o olhar.	6. Prazeres do olfato e da visão – em particular belezas naturais, cores/formas e designs – criações de Deus. Não sustentada ativamente na maior parte do mundo pelos meios de comunicação eletrónicos, mas ativamente apoiada nos meios impressos.
7. Os turistas olham para os recursos do solo e das cidades diferenciando-as da “experiência quotidiana” – fora do comum. Mais sensíveis a elementos visuais na terra/paisagem urbana, que são visualmente objetivadas e, em seguida capturados em fotografias, filmes, cartões postais, etc., permitindo uma interminável recaptura e reprodução.	7. A maioria dos jardins são mais extensos e exóticos do que o normal jardim doméstico permite. Árvores maiores, uma gama mais ampla de arbustos e outras plantas, geralmente envolvendo um espetáculo floral, talvez mais velho e mais maduro. O grau de captura de imagens para reprodução é desconhecido.
8. O olhar é construído através de sinais – o turismo é a recolha de sinais que confirmam comportamentos “típicos”.	8. O ordenamento dos jardins confirma a ordem social natural?
9. Os “profissionais” de turismo reproduzem sempre novos objetos do olhar do turista. Estes formam uma hierarquia a partir da interação entre promotores competitivos e mudam pontos de vista de “bom gosto” entre os visitantes.	9. A jardinagem tem sido até agora um aspeto do turismo muito pouco desenvolvido. Tem potencial para gerar receitas, provenientes tanto dos viajantes domésticos como dos turistas estrangeiros.

Fonte: Adaptado de BENFIELD (2013, com base em TIPPLES, 1990)

Desta forma, e em termos gerais, poder-se-á concluir que o turismo de jardins constitui um tipo de turismo de nicho que envolve a viagem e visita a jardins de vários tipos, estilos, idades, públicos e privados, e não exclusivamente aos mais conhecidos, os jardins botânicos, a lugares relacionados com jardinagem, e ainda a festivais e eventos de jardins, flores ou jardinagem. Atrações que, nas suas mais diversas formas (locais e eventos), seja através da



visita passiva, seja através das atividades disponibilizadas, proporcionam a dita *garden experience*, com múltiplos propósitos que se podem agrupar em educação/aprendizagem/inspiração, relaxamento, interação social e contacto com a natureza, e cuja motivação central subjacente poderá estar balizada e/ou balançar entre a componente cultural e a natural, e que atrai diversos públicos, desde os pouco interessados no espaço em si aos aficionados por botânica e praticantes de jardinagem.

#### 5.4.2. A génese

A visita a casas de campo e jardins é referenciada em alguma bibliografia como uma atividade existente nos círculos das classes altas, no âmbito do *Grand Tour* (TOWNER, 1996, citado em CONNELL, 2002; KUKLA, 2009), havendo quem atribua as primeiras origens de uma participação em larga-escala à época Vitoriana (MANDLER, 1997, citado em CONNELL, 2004). Todavia, parece ser consensual que o turismo de jardins, uma forma organizada e comercial da indústria do turismo, tem origens na Europa, no início do século XX (CONNELL, 2004), particularmente em Inglaterra onde se desenvolveu o conceito de *garden tours* e *garden visits* por todo o país, impulsionado pelo *National Garden Scheme* e o *National Trust*, cujos principais objetivos passavam e passam por possibilitar os passeios e visitas a jardins, a publicação de guias com informação sobre os mesmos para além da sua atuação no âmbito da preservação, e na Alemanha através dos dois primeiros *Bundesparkenshäuser (Federal Garden Shows)* (THOMAS *et al.*, 1994), constituindo por isso uma prática enraizada e desenvolvida nestes países.

Ambos os conceitos tiveram e têm um grande sucesso. Os *garden tours* constituem uma parte substancial da indústria turística inglesa, considerando-se mesmo a visita a jardins como uma das atividades mais tradicionais e populares do tempo de lazer (EVANS, 2001; CONNELL, 2002, 2004) e os festivais, os *Buga*, transformaram as cidades alemãs em grandes e atrações turísticas principais. Implementado pela primeira vez em *Hannover*, em 1951, o objetivo inicial deste festival foi recuperar o parque e áreas degradadas da cidade através de várias intervenções paisagísticas, tendo alcançado os objetivos de planeamento definidos assim como benefícios económicos e empregos diretos e indiretos (BAREHAM, 1983, citado em THOMAS *et al.*, 1994).

Segundo BATEY e LAMBERT (1990, citados em TIPPLES & GIBBONS, 1992), o primeiro turista de jardim foi John Leland, o antiquário de Henrique VIII, que comentaria os jardins à medida que os ia encontrando. Contudo, John Evelyn é considerado o verdadeiro

primeiro turista de jardins, que não só escrevia sobre trabalhos de jardinagem como, desde 1654, visitava jardins no país ou no estrangeiro como França e Itália, e cujas anotações preencheram vários diários, prática entendida como o primeiro exemplo do que URRY (2002) descreve como a objetivação do olhar do turista (atualmente as fotografias, vídeos e postais). O primeiro guia de um jardim foi elaborado por Stowe em 1744, e por volta de 1835, a abertura de jardins privados ao público é entendida como um dos instrumentos de reforma social, tendo sido John Claudius Loundon o primeiro particular a abrir ao público a sua propriedade *Terrace Garden*, em *Gravesend* (Reino Unido) (ROSENDO & COELHO, 2001).

De acordo com FOX e EDWARDS (2008), os parques e jardins que figuram hoje como atrações abertas ao público desenvolveram-se de cinco formas: como *outputs* de culturas influentes; como complementos de uma determinada propriedade doméstica; como coleções científicas, nomeadamente os jardins botânicos; como equipamentos recreativos municipais, em particular no final do século XIX e início do século XX e finalmente como atrações associadas ou adjacentes a outros elementos como museus, zoos, entre outros.

#### **5.4.3. O visitante de jardim e a visita ao jardim**

Sabendo de antemão que não se trata de um grupo homogéneo (CONNELL, 2004) e muito menos se poderá falar num “*typical gardener*” (EVANS, 2001), este último autor concluiu que os “potenciais candidatos” a turistas de jardins seriam aqueles que possuem casas com jardins (quer seja no meio rural ou urbano) e que praticam alguma atividade relacionada com jardinagem, que leem e consultam imprensa escrita sobre jardinagem (mormente revistas especializadas) e endereços eletrónicos relacionados, que frequentam eventos de e sobre jardins e horticultura, que são membros (*friends*) de associações de horticultura e flores tanto locais como nacionais e mesmo de jardins, que pertencem ao *National Trust* e são participantes ativos nas iniciativas recreativas que envolvam estes elementos ou que são no geral turistas de “ar livre”, alertando que se trata de um mercado amplo e que por isso se deverá ter em conta que atravessa várias margens socioeconómicas, geográficas e estilos de vida.

Nas últimas décadas, os jardins têm despertado interesse num amplo espectro de pessoas, desde o simples visitante curioso generalista, o “*promeneur du dimanche*”, aos especialistas em plantas e botânica, ou historiadores de jardins, o “*passionné averti*” (PETT, 1998, citado em CONNELL, 2004; ARAMA-CARREL, 2006), desde visitantes locais aos nacionais e mesmo internacionais. Cada um destes grupos é caracteristicamente diferente, tem

objetivos diferentes e, por conseguinte, apreende e experiencia o jardim de forma diferente (HELLYER, 1977, citado em CONNELL, 2004) em consequência das expectativas que cada um tem face a essa experiência, e que variam, consoante o tipo de jardim, a estação do ano que proporciona cada uma, interesses, visões e situações diferentes, a companhia que se tem (ou não) nessa visita e as suas reações, a disposição e humor do visitante.

A este respeito, GORMAN (1999) segmentou este mercado em cinco grupos: os visitantes locais que correspondem ao habitual frequentador local, os visitantes domésticos provenientes da área urbana próxima, os turistas domésticos de outras partes do país e o turista estrangeiro, que corresponderão aos “*garden enthusiastic*” e ainda o visitante especializado. Posteriormente, a mesma autora (2010), definiu uma nova matriz do mercado do turismo de jardins composta por quatro grupos de visitantes: os acidentais (sem decisão prévia de visita), os gerais (famílias, *tours*, visitantes do dia e público escolar – decisão prévia de visita), os interessados (atraídos pelo local) e os especialistas (conhecedores e *experts*), correspondendo a um mercado progressivamente menor em termos de dimensão e maior em termos de tempo gasto no sítio, no envolvimento e expectativas. Na mesma linha, o estudo levado a cabo pelo *NORD/LB* (2002) clusterizou os visitantes dos jardins e castelos alemães de acordo com a sua motivação: visitantes culturais, visitantes regulares, visitantes orientados para a aventura e experiência e os amantes da natureza (*nature lovers*).

Já ARAMA-CARREL (2006) distingue três grandes tipos de visitantes de jardins conforme o grau de interesse daqueles em relação a estes e a dimensão do público-alvo e, claro, a motivação principal condutora: os “*passionnés avertis*” (apaixonados atentos e conhecedores), os “*nouveaux jardiniers*” ou “*débutants*” (recentes interessados) e os “*promeneurs du dimanche*” (visitantes de domingo/fim de semana). Os primeiros, descreve-os como visitantes mais velhos, especialistas que seguem de muito perto esta sua paixão, pois frequentemente são membros de associações que chegam a visitar quatro jardins por dia. Os segundos inserem-se no grupo dos adeptos da jardinagem como estilo de vida bastante sensíveis às questões do ambiente. Os últimos, referem-se ao grande público em geral, que preferem este tipo de espaços para passeios e caminhadas, geralmente em família e para os quais os jardins são um destino como os outros. Trata-se sobretudo de um público de proximidade (local/regional) que busca ar puro, momentos de prazer e relaxe ou exercitar-se.

Ainda no que concerne à utilização sociocultural dos jardins na vida quotidiana, na perspetiva de ANDRADE (2008b), os visitantes de jardins distribuem-se em três tipos: o *passante*, identificado como o habitante permanente da cidade que circula ocasionalmente

pelo jardim, em tempo de trabalho ou de lazer; o *passeante*, o visitante que habita ou não na cidade, muitas vezes turista, e que visita o jardim motivado pela ocupação de um tempo de ócio ou pela busca de informação ou cultura; e ainda o *cidadão*, aquele utilizador do jardim que entende esse espaço enquanto parte do património cultural, que tem uma opinião sobre o seu significado e, portanto, pode constituir uma voz ativa em debates sobre o assunto.

O que é indiscutivelmente transversal aos vários tipos de consumidores de jardins é o prazer e satisfação que deriva dos mesmos e da sua visita (GALLAGHER, 1981, citada em CONNELL, 2004), tornando-se a experiência da visita a um jardim bastante qualitativa e emocional (CONNELL & MEYER, 2004), proporcionada, em grande parte, pela invocação e estimulação de todos os sentidos humanos. Os interesses que estão subjacentes a esse prazer, esses são bastante diversos.

#### **5.4.3.1. O quadro motivacional**

As motivações e os comportamentos de um visitante não são lineares nem sempre constantes. A visita pode acontecer por numerosas razões, nomeadamente a procura de bem-estar, harmonia e ar puro, pode ser utilitária, lúdica, criativa, espiritual ou social, e ser influenciada por outras tantas, tendo em conta também que diferentes jardins provocam diferentes respostas e as diversas dimensões e funcionalidades que lhe estão inerentes suscita, de igual modo, diversos interesses à visita.

Posto isto, será válido concluir que não existe uma ou duas motivações bem definidas e conceptualmente delimitadas para a visita aos jardins, pelo contrário, a panóplia de motivos é bastante alargada, e pode bem ser ilimitada se pensarmos que cada um que visita um jardim o faz por um motivo bem diferente de outro, dependendo muito do que cada um espera obter com essa visita. A este respeito, HELLYER (1997, citado em CONNELL, 2004: 232) faz notar que *“Different people will seek different experiences and gardens mean different things to different people”*.

O entendimento deste aspeto, o mais profundo e universal possível, é tanto mais uma árdua tarefa quanto necessária uma vez que se trata de um produto turístico com implicações em diversas áreas, um conhecimento essencial ao desenvolvimento dos jardins como atrações turísticas. É clara e visível a procura crescente pelos jardins de todo o mundo mas a sua explicação não poderá isolar motivações nem ficar-se por justificações simplistas e bastante redutoras, mas sim por uma combinação de fatores.

O Quadro V.6 procura sintetizar as principais motivações para a visita a jardins identificadas por alguns dos diferentes estudos que têm sido realizados sobre a temática, tendo por base um ou mais jardins, jardins botânicos e outros tipos de jardins de regiões tão diferentes como Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Alemanha, Austrália, Áustria, Roménia, Bulgária, Irlanda, África do Sul ou Turquia.

Quadro V.6: Motivações para a visita a jardins, segundo diversos estudos

Autor/Ano	Motivações				
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
<b>GALLAGHER (1983)</b>	Interesse em jardins ou algo neles	Visita como <i>hobby</i>	Interesse em plantas	Interesse em jardinagem	-
<b>TIPPLES e GIBBONS (1992)</b>	Gosta de jardins	Interesse nas ideias usadas	Ajuda para angariação de fundos	Ver criações de outras pessoas	Planear o próprio jardim
<b>CONNELL (2002)</b>	Aproveitar o dia fora	Desfrutar do jardim	Interesse	Para ver algo específico	Já tinha visitado antes
<b>NORD/LB (2002)</b>	Caminhadas e passeios	Natureza	Descanso e relaxe	Interesse em botânica	Interesse no design do jardim
<b>FOX (2007)*</b>	Prazer de ver o jardim	Para diversão	Pela paz e calma	Estar ao ar livre	Ter um dia fora
<b>BALLANTYNE et al. (2008)*</b>	Apreciar/Desfrutar	Admirar o cenário do jardim	Passar tempo de qualidade com família e amigos	Desfrutar ao ar livre/na natureza	-
<b>KUKLA (2009)*</b>	Interesse em jardinagem e natureza	Passeio com família e amigos	Obter dicas para o próprio jardim	Passar tempo ao ar livre	Programa com crianças
<b>IWI/BRUNNER, MAHLBERG e SCHNEIDER (2009)</b>	Para descansar/relaxar	Obter ar fresco	Apreciar a natureza	Visitar o edifício histórico	Ver/passear com amigos
<b>WARD et al. (2010)</b>	Desfrutar da sua beleza natural	Para exercitar	Respirar ar fresco	Fazer piquenique	Ficar longe da confusão da cidade
<b>BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012)</b>	Ter um agradável dia fora	Admirar o cenário do jardim	Desfrutar ao ar livre	Para relaxar	Passar tempo de qualidade com família e amigos
<b>KARAŞAH e VAR (2013)*</b>	Fugir da confusão e stress da cidade	Obter informação sobre plantas	Respirar ar puro/fresco	Participar na educação	Ter um bom dia fora

Fonte: Elaboração própria com base em GALLAGHER (1983), TIPPLES e GIBBONS (1992), CONNELL (2002), NORD/LB (2002), FOX (2007), BALLANTYNE et al. (2008), KUKLA (2009), IWI/BRUNNER et al. (2009), WARD et al. (2010), BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), KARAŞAH e VAR (2013)/\*Amostra composta apenas por um jardim.

O facto da grande parte das visitas a jardins ser motivada sobretudo por razões de carácter mais geral do que propriamente por razões mais específicas é transversal a estes estudos, embora seja de notar a diversidade de motivos apresentados pelos visitantes.

É possível ainda verificar algumas diferenças nos principais motivos apurados assim como delinear um conjunto de grandes grupos de motivações para a visita a jardins: conhecimento/aprendizagem, contacto com a natureza, relaxamento e interação social (Figura V.13). Assim, enquanto nos dois primeiros estudos mencionados (GALLAGHER, 1983 e TIPPLES & GIBBONS, 1992), as motivações estão direcionadas sobretudo para o interesse específico nos jardins, nas técnicas de jardinagem e em obter ideias e inspiração para o próprio jardim, revelando os visitantes um desejo de conhecer e aprender, nos estudos subsequentes o foco é mais geral e está centrado essencialmente noutros três vértices: o contacto com a natureza/ar livre (*aproveitar o dia fora, natureza, admirar o cenário do jardim, desfrutar ao ar livre/na natureza*), o relaxamento (*pela paz e calma, para relaxar, fugir da confusão e stress da cidade*) e a interação social (*passar tempo de qualidade com família e amigos ou programa com crianças*).



Fonte: Elaboração própria

Figura V.13: Quadro motivacional da visita a jardins com base nos diferentes estudos

O contacto com a natureza e o estar ao ar livre assim como a paz e tranquilidade vêm ganhando, com o tempo, maior representatividade no quadro das motivações para a visita aos jardins. Pelo contrário, os aspetos relacionados com a horticultura e jardinagem e particularmente o valor estético do jardim e as associações que podem fazer com os seus próprios jardins domésticos, tem uma posição mais secundária, tal como o aspeto social não parece ser um motivo importante para a visita na maior parte destes estudos. Note-se que passear e passar tempo com a família e amigos apenas em quatro estudos surge nas cinco principais razões: KUKLA (2009) em segundo e quinto, BALLANTYNE *et al.* (2008) em terceiro, IWI/BRUNNER *et al.* (2009) em quinto e também na última posição no estudo de

BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012). Verifica-se, portanto, que o interesse/motivação pessoal e individual na visita aos jardins se sobrepõe a uma motivação mais coletiva de grupo e socialização. Este facto será tanto mais estranho quando a visita, na maior parte das vezes, é realizada de forma acompanhada.

É curioso perceber que apenas em três destes estudos há uma menção mais específica ao interesse por plantas nos principais motivos (GALLAGHER, 1983; *NORD/LB*, 2002; KARAŞAH & VAR, 2013). Ver/observar as espécies florísticas ou mesmo adquirir plantas parece ser uma motivação com uma menor importância, a avaliar pelas posições residuais que ocupa no seio do conjunto de motivações apuradas pelos mesmos<sup>174</sup>.

Neste âmbito, uma menção deve ser feita aos motivos de visita/frequência apurados pelos estudos nacionais de GONÇALVES (2009) e SILVA (2014a), embora tenham tido por base espaços (espaços verdes urbanos) e objetivos diferentes, conforme se referiu no ponto 1.4.1 do capítulo I. No primeiro estudo, a prática de atividade física, o recreio/lazer e o bem-estar mental e físico, no segundo caso, o lazer, o desporto, o descanso e a redução do stress, foram os principais motivos identificados pelas autoras.

Para além das motivações destacadas no Quadro V.6, em quase todos os estudos é possível verificar uma profusão de motivos identificados pelos autores<sup>175</sup>. A este respeito,

---

<sup>174</sup> A este respeito, foi possível verificar que “aprender sobre plantas” aparece em nono lugar da lista com apenas 3% no estudo de TIPPLES e GIBBONS (1992), “comprar plantas” obtém a mesma percentagem em CONNELL (2002), já em FOX (2007) “ver plantas desconhecidas”, embora na 12ª posição da lista, foi mencionada por quase 20% dos inquiridos, na investigação de WARD *et al.* (2010) “comprar plantas” surge em 11º com menos de 5%, num total de treze motivos apurados, e no estudo de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) “ver plantas desconhecidas” e “aprender mais sobre diferentes plantas” surgem na 8ª e 11ª posições respetivamente, num total de 22 motivos, com médias de resposta situadas no nível 2 (*concordo*). Pelo contrário, esta é uma razão que não tem qualquer representação no conjunto de motivos determinados por KUKLA (2009) e IWI/BRUNNER *et al.* (2009).

<sup>175</sup> GALLAGHER (1983) apurou ainda que os visitantes procuram um sítio para “estar fora” (42%), têm um “especial interesse no lugar ou em algo” e buscam “paz e sossego” na sua visita. Com menor representatividade surge a visita motivada pela ajuda ao *National Trust*, por impulso ou por excursão. Já TIPPLES e GIBBONS (1992) identificam também a “diversão”, mas sobretudo a “busca de inspiração” no trabalho e ideias de outros jardineiros (cerca de 1/3 de todas as motivações avançadas). Para além das razões apuradas por CONNELL (2002) através de resposta aberta às quais, com menor incidência, se acrescenta “para ver uma característica específica no jardim” (7,2%), “visita de grupo” (5,1%), “mostrar o jardim a alguém” (4,3%), a “compra de plantas e obter ideias” (3,0%), entre outras, a autora solicitou ainda que avaliassem um conjunto de razões para visitar jardins com base numa escala de *likert*. O “ambiente agradável” e a “tranquilidade” seguida da visita para “obter ideias para os próprios jardins” foram as que reuniram maior consenso, no campo do *concordo totalmente* (53%, 51% e 48% respetivamente), por parte dos inquiridos. Com menor concordância surgem motivos como “estar com outros como eu” e “poder visitar em grupo”. O estudo levado a cabo pelo *NORD/LB* (2002) no jardim de *Dessau-Wörlitz* registou também o “interesse nos edifícios históricos”, o “convívio com outras pessoas” e as “atividades de lazer”. Questões relacionadas com o “relaxamento”, “ver as mudanças ocorridas no jardim” e o “ambiente natural” também foram mencionadas com algum destaque (a rondar os 30% cada uma) pelos visitantes na investigação de FOX (2007). No trabalho de KUKLA (2009), com uma representatividade menor (inferior a 20%), foram referidos o “tempo”, “estar com a família”, “ver plantas” e “fazer exercício”, e com uma representação irrisória (menos de 2%) surge a “excursão em grupo”, “razões profissionais”, a “procura de

CONNELL (2002: 269) chama a atenção para a “(...) *fragmented nature of motivations for garden visiting*”. Na opinião da autora existe uma relação entre as razões para a visita a jardins e o *tourist gaze* (olhar do turista) que permite definir o tipo de visita (Quadro V.7), pelo que a forma de olhar tende a ser mais claramente expressa quando a visita ao jardim é espectral. Na sua perspectiva, a forma de olhar o jardim enquanto mero espectador está subjacente a razões como por exemplo obter ideias para o próprio jardim ou ver nele algo específico. O olhar antropológico está presente em visitantes que já o visitaram antes e que o revisitam para ver a sua evolução, o que pressupõe um conhecimento mais profundo do jardim e do seu desenvolvimento ao longo do tempo, havendo mesmo uma relação entre visitante e o meio que o rodeia. O olhar sob uma vertente coletiva configura a visita que é feita em grupo/com crianças ou para mostrar o jardim a alguém e, por fim, o olhar romântico está inerente aos visitantes que desejam desfrutar do jardim ou que o fazem por um interesse geral.

Quadro V.7: Relação entre as razões da visita, a forma de olhar o jardim e o tipo de visita

Razões da visita	Forma do olhar turístico	Tipo de visita
Para ter um dia fora	Espectador	Casual
Para desfrutar do jardim	Romântico	Casual
Por interesse/curiosidade	Espectador/Romântico	Casual
Para ver algo específico	Espectador	Intencional
Já visitou antes	Antropológico	Casual
Visita de grupo	Coletivo/Espectador	Intencional
Para mostrar a alguém	Coletivo	Intencional
Para obter ideias	Espectador/Romântico	Intencional
Para ver o progresso	Antropológico	Intencional
Revista/TV	Espectador	Intencional
<i>Yellow Book</i>	Espectador	Intencional
Viu folheto	Espectador	Intencional
Para comprar plantas	N/A	Intencional
Foi recomendado	N/A	Intencional
Tempo (atmosférico)	N/A	Casual
Para ver propriedade do		
<i>National Trust</i> /Outra atração	Espectador	Casual
Pelas crianças	Coletivo	Intencional
Apenas passou por lá	N/A	Casual
Para um passeio	N/A	Casual

Fonte: Adaptado de CONNELL (2002)

eventos culturais” e a “visita por acaso”. IWI/BRUNNER *et al.* (2009) registaram ainda os motivos “exercitar”, “aprender sobre a cultura”, “estar com as crianças ao ar livre”, “desfrutar de uma pausa” entre outros mais residuais, e WARD *et al.* (2010) os relacionados com “comer no restaurante”, “para as crianças brincarem ao ar livre”, ter uma “saída em família”, “motivos educativos”, “fazer compras”, “mostrar o jardim a outros” ou “ir a concerto/atividade”. No estudo de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) os visitantes destacaram também a procura de “paz e tranquilidade”, “estar com pessoas que têm os mesmos gostos”, “mostrar o jardim a alguém” ou “estar com a família”. Com menor importância surgem os motivos “obter ideias para jardim próprio”, porque “a visita faz parte de um *tour*”, para “comprar plantas” ou “participar num evento especial”.



CONNELL (2002) chegou à conclusão que o olhar/atitude de espectador é o que domina no seio do seu quadro motivacional (cerca de 40%) e o coletivo o que parece ter menos importância (pouco mais de 9%). De facto, ao analisarmos o conjunto de motivos apurados pelos diversos autores, conclui-se que a atitude/olhar espectral é transversalmente dominante, seguida da atitude/olhar romântico, assim como o tipo de visita classificado pela autora como casual, ou seja, sem razão específica.

#### 5.4.3.2. A experiência da visita

Relacionados com as motivações estão os fatores que influenciam a visita e a experiência da visita. Na perspectiva de CONNELL e MEYER (2004), a experiência do visitante, que constitui um elemento central na gestão da atração e na satisfação do consumidor, resulta de uma combinação entre as emoções e atitudes do visitante e as avaliações objetivas e subjetivas dos sítios visitados, sendo evidente que a experiência da visita a jardins é francamente qualitativa e emocional.

Para FOX (2006, 2007), no contexto britânico, é importante a influência de fatores/agentes materiais e sociais, mormente as condições atmosféricas e as organizações de caridade envolvidas na atividade como o *National Trust* e o *National Gardens Scheme*.

Segundo CONNELL (2002) e CONNELL e MEYER (2004), a experiência da visita a um jardim envolve um conjunto de fatores-chave que contribuem para a sua análise holística: fatores de oferta e de procura, ambientais, pessoais, fatores específicos do lugar e ainda fatores externos (Figura V.14), identificados através de questionários aplicados por CONNELL (2002) aos proprietários e visitantes. A autora registou algumas diferenças nos níveis de importância dos fatores em cada um dos grupos. Por exemplo, o tempo, o asseio, a afabilidade do *staff* ou a existência de loja/viveiro são, na perspectiva dos proprietários, aspetos que mais influenciam a visita, já os visitantes valorizam muito mais a segurança, o preço da entrada, os panfletos em várias línguas, as etiquetas nas plantas ou o parque de estacionamento. E, se alguns destes fatores são controláveis pelos responsáveis, totalmente ou parcialmente (oferta, procura e fatores específicos do lugar), outros não, tal como os fatores ambientais, pessoais e externos. Todavia, de acordo com CONNELL e MEYER (2004), a atratividade e a imagem de um jardim constituem os aspetos-chave na procura de jardins.

MARUJO (2014b) analisou as dimensões da experiência que os turistas adquiriram na Festa da Flor da Madeira, através de um inquérito por questionário aos turistas utilizando como modelo teórico a *economia da experiência* de PINE e GILMORE (1999) e verificou

que a experiência da visita a este evento é essencialmente de cariz passivo (os visitantes não participam no cortejo da flor nem na construção dos tapetes florais), situando-se sobretudo no campo do *Entretenimento*, seguida da *Estética*, *Escape* e por último *Educativa* (Figura V.15).



Fonte: Adaptado de CONNELL (2002) e CONNELL e MEYER (2004)

Figura V.14: Fatores que influenciam a experiência do visitante de jardim



Fonte: MARUJO (2014b)

Figura V.15: Dimensões da experiência da visita à Festa da Flor na Madeira

### 5.4.3.3. O perfil do visitante de jardins e as características da visita

Mediante a profusão de motivações e tendo em conta os diversos tipos de jardins e consumos, estabelecer o perfil completo do consumidor de jardins não é de todo uma tarefa fácil. A nível nacional, as informações são escassas reduzidas a alguns estudos singulares como o de Serralves que engloba toda a atividade da Fundação (FS, 2013) e o de MARUJO (2012) que se centrou no perfil do visitante da Festa da Flor na Madeira. Pelo contrário, existem vários estudos internacionais, mais diversos e profícuos que melhor nos elucidam sobre esta questão, procurando-se neste ponto sintetizar e delinear, em traços largos, o perfil, elencando as principais características do visitante de jardins e da própria visita (Quadro V.8).

Realizados em períodos temporais e em territórios diferentes, cada um dos estudos acrescenta novos dados, essenciais à compreensão deste mercado. Aliás, BENFIELD (2013) faz mesmo uma distinção entre o perfil do visitante do Reino Unido, dos EUA e da Austrália/Nova Zelândia, afirmando que o visitante, no primeiro caso, é mais diversificado que no segundo.

Embora a maior parte dos autores registe diferenças entre jardins em alguns itens considerados, esta visão geral da informação permite perceber que há um conjunto de traços identificativos que são transversais a todos os estudos, o que permite delinear as principais características do visitante de jardins. Trata-se assim de um público maioritariamente feminino, geralmente adulto e mais idoso, embora alguns estudos mais recentes revelem já o aumento da proporção de jovens, nacional/local, constituído por *day-trippers* (grande parte) e turistas, que ocupa profissões de topo, subentendendo-se que possui qualificações académicas superiores e conseqüentemente rendimentos mais elevados, que efetua a visita acompanhado, principalmente com o cônjuge ou com amigos, é repetente que, na maioria, possui o seu próprio jardim e manifesta um interesse geral por jardins e jardinagem (Quadro V.8). Alguns dos estudos referidos revelam ainda que são culturalmente interessados e que gastam consideráveis quantias de dinheiro durante o seu tempo de lazer.

Uma das primeiras pesquisas sobre o visitante de jardins em Inglaterra pertence a GALLAGHER (1983). A autora apurou tratar-se de um público mais jovem, essencialmente feminino, com profissões de topo, que realiza a visita acompanhado, em casal, sendo superior a percentagem de visitantes que o faz pela primeira vez e de turistas. Contudo, várias alterações significativas tiveram lugar desde então no aumento do número de visitantes, mas também ao nível das necessidades lúdicas da procura, nas atitudes e nas expectativas.

Quadro V.8: Perfil do visitante de jardins e características da visita nos diversos estudos

Características	Autor/Ano									
	GALLAGHER (1983)	TIPPLES e GIBBONS (1992)	CONNELL (2002)	NORD/LB (2002)	FOX (2007)	BALLANTYNE <i>et al.</i> (2008)	KUKLA (2009)	IWI/BRUNNER <i>et al.</i> (2009)	BAUER- KRÖSBACHER e PAYER (2012)	KARAŞAH e VAR (2013)
<b>Idade</b>	21-40 (32%)	50+ (-)	40-60 (48%)	40-59 (21%)	65+ (-)	30-49 (57%)	41-59 (43%)	16-29 (38%)	25-44 (46%)	-
<b>Gênero</b>	(53%)	(84%)	(66%)	(48%)	(57%)	Feminino (61%)	(66%)	(60%)	(55%)	(77,1%)
<b>Público</b>	-	Nacional	Nacional	Nacional (97%)	-	Nacional (local)	Nacional (99%)	Nacional (local) (70%)	Nacional (68%)	-
<b>Educação</b>	-	-	-	Ensino Superior	-	-	Ensino Técnico	Ensino Técnico e Superior	Ensino Superior	Ensino Superior
<b>Profissão</b>	AB	-	AB	Funcionários/ empregados	C1 C2	-	Funcionários/ empregados	Empregados	Lugares de topo	Funcionários Públicos
<b>Companhia</b>	(91%) Casal (46%)	(-)	(85%) Casal (46%)	72% Casal (37%)	(91%) Casal (51%)	Sim (98%) Grupo familiar (61%)	(98%) Casal (46%)	(66%) Amigos (48%)	(94%) Casal (44%)	(89%) Família (52%)
<b>Tempo de visita</b>	-	-	1h-2h	1-3h e 4h	-	-	-	Cerca 1h	1,6h-2h	-
<b>Visitas anteriores</b>	(49%)	(-)	(-)	(66%)	(75%)	Sim (73%)	-	(72%)	(51%)	(80%)
<b>Tipo de visitante mediante o interesse em jardins</b>	-	-	Interesse Geral (79%)	-	Jardineiros determinados (59%)	-	Especialista de jardim (39,1%)	.	Especial interesse horticultral (38%)	-
<b>Visitante Jardim próprio</b>	(61%)	(-)	(55%)	(-)	Visitante do dia/ <i>Day-tripper</i> (33%)	(-)	(95%)	(-)	(50%)	(-)
	-	-	Sim (95%)	-	Sim (-)	-	-	-	Sim (59%)	-

Fonte: Elaboração própria com base em GALLAGHER (1983), TIPPLES e GIBBONS (1992), CONNELL (2002), NORD/LB (2002), FOX (2007), KUKLA (2009), IWI/BRUNNER *et al.* (2009), BALLANTYNE *et al.* (2008), BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), KARAŞAH e VAR (2013). Nota: não foi incluído neste quadro o estudo de WARD *et al.* (2010) devido ao baixo nível de pormenorização da informação constante do artigo correspondente, relativamente aos itens aqui considerados.

FOX (2007) notou isso mesmo quando comparou os resultados do seu estudo com os de GALLAGHER (1983) e CONNELL (2002), verificando diferenças principalmente ao nível da faixa etária e do estrato profissional, onde o público maduro e mais idoso assim como os de estrato social médio tomam progressivamente um lugar predominante. Porém, note-se, que nos estudos mais recentes do IWI/BRUNNER *et al.* (2009) e de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) a proporção de jovens/adultos é mais elevada, assim como a companhia de amigos é a eleita para a visita aos jardins austríacos, um dado que diverge em relação aos outros estudos.

Considerada a mais importante e sustentada fonte de informação nesta matéria, tendo em conta que abarca um conjunto de jardins e não apenas um/dois exemplares, a investigação de CONNELL (2002) consolidou e acrescentou novos dados ao já conhecido até então. Os visitantes na faixa dos 40 e 60 anos ou acima dos 60 anos continuam a constituir a maior parte do público de jardins. Cerca de 80% têm ocupações nos grupos profissionais A, B e C1 e portanto elevados rendimentos, constituindo os “(...) *professional and white-collar occupational groups*” (2002: 246) o principal público. Os visitantes de um dia que viajam de casa estão em superioridade, embora 45% tenham sido identificados como turistas, levando a autora a alertar para a disparidade existente entre jardins com relação a este item, mas revelando acima de tudo a relevância das viagens diárias como importantes fontes geradoras de visitantes dos jardins. A visita é feita com companhia, essencialmente de uma forma passiva, já que estar sentado no jardim foi a forma de estar no jardim mais mencionada (75%), e com uma duração de 1-2 horas (42%) ou mesmo de uma manhã ou tarde inteiras (37%).

A autora demonstrou ainda a forte relação entre a visita a jardins e a propriedade de jardins, já que a esmagadora maioria dos inquiridos (95%) tinham o seu próprio jardim, e apurou que cerca de 70% dos inquiridos desde sempre tiveram interesse em visitar jardins. Para além de serem visitantes frequentes (47% fazem-no pelo menos uma vez por mês), visitando quer à semana quer ao fim de semana (56,1%), são ainda consumidores, em termos de lazer, de casas históricas, atrações naturais e museus e galerias.

Este facto em particular é igualmente constatado por BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) quando questionaram sobre o interesse dos visitantes nos diferentes tipos de jardins e de espaços abertos. Os resultados revelaram que são os jardins de palácios e castelos (15%), os jardins botânicos (14%) e os jardins de flores (13%) que constituem os tipos de jardins mais interessantes, assim como as paisagens naturais (22%), os parques públicos (21%) e as paisagens culturais (11%) no que diz respeito aos espaços abertos. Esta informação

dá uma indicação clara do tipo de visitante que é atraído pelos jardins, um visitante que mostra um interesse e propensão por atrações culturais e naturais.

TIPPLES e GIBBONS (1992), no estudo que realizaram em *Canterbury* (Nova Zelândia), concluíram ainda que os visitantes eram de proveniência maioritariamente urbana e que viajavam distâncias consideráveis até aos jardins, que efetuavam compras durante a visita, nomeadamente de plantas. Público feminino com mais de 50 anos era o mais frequente. Porém, já em território australiano, segundo os dados disponíveis referentes somente a jardins botânicos, os visitantes dos estratos etários mais jovens (15-34) têm uma prevalência superior quando comparados com outros estudos, embora se continue a verificar uma grande representatividade de faixas mais adultas (ABS, 2001). Segundo BENFIELD (2013), a idade dos visitantes verificada na Austrália parece revelar que atraem uma camada mais jovem da população em comparação com outras partes do mundo. Para tal contribuirá o facto de se tratarem apenas dados referentes a jardins botânicos e destes terem associada uma componente educativa importante.

Um estudo não publicado de BENFIELD (2005, citado em BENFIELD, 2013) levado a cabo em 10% dos jardins públicos americanos revelou o que o autor considera ser informação base sobre os visitantes típicos deste tipo de jardins nos EUA, e corroborados pelo estudo realizado pelo Jardim Botânico de *Olbrich* (*Madison – Wisconsin*) na mesma altura. Trata-se de um público feminino, com mais de 50 anos, com uma boa formação e provavelmente com um rendimento acima da média. A quase totalidade faz a viagem de carro, 80% não são associados dos jardins, tendem a visitar durante toda a semana embora haja uma preferência pelo fim de semana e pelas visitas matutinas. A maioria fica mais de 1 hora e cerca de 1/3 ficam mais de 2h, se existir uma loja de *souvenirs* mais de 2/3 visita-a mas menos de 50% vai ao café, se houver um. O autor avança ainda que a origem dos visitantes está relacionada com o tamanho, fama e tipo de jardim. Por exemplo, os jardins botânicos universitários atraem público mais local, os de tamanho médio gozam de uma atratividade mais regional (como é o caso do exemplo acima), já os jardins de grandes dimensões tendem a receber mais visitantes de carácter nacional e internacional, embora também seja elevada a proporção de público local.

CONNELL (2002), FOX (2007), KUKLA (2009) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) identificaram e tipificaram os visitantes consoante o nível de interesse referido e demonstrado por jardins e jardinagem. As diferenças são particularmente visíveis no campo da motivação, do tempo despendido e dos comportamentos tomados nos jardins. O Quadro V.9 apresenta uma síntese das principais características destes grupos.

Quadro V.9: Tipo de visitante consoante o interesse por jardins e jardinagem

Autor	Tipo de visitante		
	Especial interesse horticultural (10,3%)	Interesse geral em jardinagem (69,9%)	Passar um dia agradável fora (19,7%)
<b>CONNELL (2002)</b>	<p>Visitam jardins históricos privados 62% entre 40-60 anos 71% classe profissional AB 70% visitam pelo menos 1 vez/mês Para comprar plantas, por causa do bom tempo, motivados por aspetos horticulturais Parceiro como acompanhante Gasta meio dia na visita Toma notas (76%) e fica sentado (61%)</p>	<p>Visitam jardins de conservação e plantações privados e que são atrações turísticas 47% entre 40-60 anos 56% classe profissional AB 47% visitam pelo menos 1 vez/mês Para obter ideias, viu num folheto, motivados pelo bom ambiente e aspetos horticulturais Parceiro como acompanhante Gasta entre uma a duas horas na visita Fica sentado (75%), fotografa e tira notas (51%)</p>	<p>Visitam jardins de interesse geral e jardins históricos do <i>National Trust</i> 47% entre 40-60 anos 61% classe profissional AB 54% visitam algumas vezes durante o ano Para ter um dia fora, motivados pelo bom ambiente e tranquilidade Parceiro e grupo familiar com crianças (-16 anos) Gasta entre uma a duas horas na visita Fica sentado (84%) e conversa (64%)</p>
<b>FOX (2007)</b>	<p><b>Jardineiros entusiastas (30%)</b> Obter ideias para jardim próprio (43,6%) e design do jardim (34,5%)</p>	<p><b>Jardineiros determinados (59%)</b> Não visitam para aprender (34,3%) mas têm curiosidade sobre o design (37,1%)</p>	<p><b>Jardineiros por obrigação (11%)</b> Não visitam para aprender (50%) mas têm curiosidade sobre o design (16,7%)</p>
<b>KUKLA (2009)</b>	<p><b>Especialista em jardins (39,1%)</b> Interesse por natureza e jardins Procura dicas para o próprio jardim Parceiros e amigos como acompanhantes 14% visita com uma frequência de 2 vezes 76 km de distância média percorrida 40% masculino/60% feminino 52% entre 41-59 anos/19% com +60 anos 49% ensino técnico/25% ensino secundário 54% empregados/19% reformados</p>	<p><b>Experiência de visita orientada (38,5%)</b> Passeio com família e amigos Interesse por natureza e jardins Programa de animação para crianças Parceiros, crianças (-14 anos) e amigos Visitam uma vez 65 km de distância média percorrida 28% masculino/72% feminino 41% entre 41-59 anos/33% entre 31-41 anos 41% ensino técnico/29% secundário 58% empregados/14% reformados</p>	<p><b>Visitante de lazer (22,4%)</b> Passeio com família e amigos Interesse por natureza e jardins Contacto com a natureza Parceiros e amigos como acompanhantes Visitam uma vez 63 km de distância média percorrida 48% masculino/62% feminino 33% 41-59 anos/24% 31-41 anos/23% +60 anos 44% ensino técnico/24% secundário 50% empregados/23% reformados</p>
<b>*BAUER- KRÖSBACHER e PAYER (2012)</b>	<p><b>Especial interesse horticultural (38%)</b></p>	<p><b>Interesse geral em jardins (34%)</b></p>	<p><b>Sem interesse especial em jardins (29%)</b></p>

Fonte: Elaboração própria com base em CONNELL (2002), FOX (2007), KUKLA (2009) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012). \*Não esclareceram as características dos tipos de visitantes identificados.

#### 5.4.4. Entre a Cultura e a Natureza

Segundo Karl HAUSZER (citado em COSTA *et al.*, 1990: 154) “Repousar, descansar, rodeado de obras de arte tem maior significado do que simplesmente respirar bom ar...significando sempre uma assimilação cultural inconsciente”.

A componente cultural e natural são intrínsecas aos jardins. Na ótica de LAZZARO (1990) e LONGHURST (2006), estes constituem artefactos onde há uma união da cultura e natureza e BALE (1999) refere-se a eles como uma categoria algo ambígua e anómala entre natureza e cultura, tratando-se de uma arte essencialmente humana criada com ajuda da natureza, constituindo um elemento de interesse social e turístico, favorecendo o acesso das massas à cultura, ou a determinados aspetos da cultura. Aliás, a procura por locais paradisíacos constitui atualmente, na perspetiva de ASSUNÇÃO (2008), uma parcela importante da atividade turística mundial, onde o Homem alimenta a utopia de poder contemplar e interagir com uma paisagem natural, mesmo que esta seja normalizada.

De acordo com ALMEIDA (2003), os jardins, em particular os jardins históricos, constituem palcos privilegiados para o encontro entre arte e natureza proporcionando aos seus visitantes a redescoberta dos valores culturais e naturais de uma região. De tal forma, não será de estranhar que, subjacente ao turismo de jardins, estejam motivações de ordem cultural e motivações de cariz natural, aliás como se constatou da análise do quadro motivacional.

Já vários autores se debruçaram quer sobre o turismo cultural quer sobre o turismo natural, as suas motivações e características e por isso não se ambiciona aqui dissecar e discutir os contornos, bastante complexos, destas duas realidades, mas sim realizar uma abordagem sintética. De forma global, estes dois segmentos são entendidos como alternativos ao dito turismo de massas e por se posicionarem no campo das experiências.

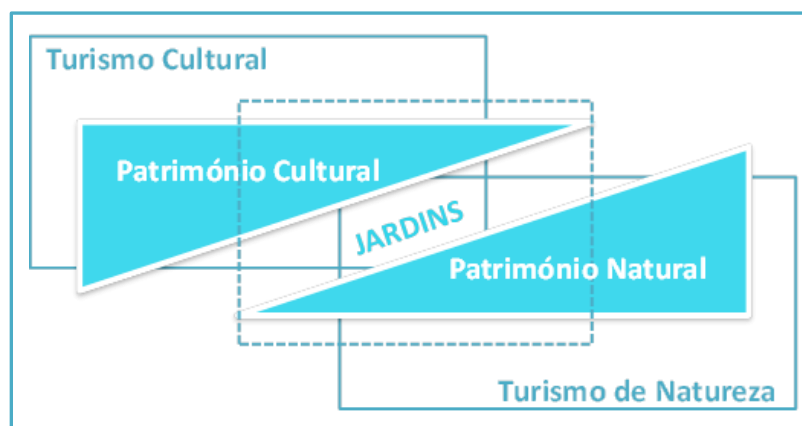
PÈREZ (2009), suportado por vários autores, encara o turismo cultural como uma experiência psicossocial, intimamente ligada à curiosidade e aprendizagem no sentido positivo, como um processo de mercantilização da cultura através da procura de atrações histórico-culturais, mas também como uma tendência para a nostalgia numa busca por representações culturais simbólicas de outrora, e como fuga para o “outro” em detrimento das rotinas quotidianas, em suma, um modo específico de consumo de cultura. MCKERCHER e DU CROS (2002) identificaram cinco tipos de turistas culturais, tendo em conta a centralidade ou não da motivação cultural e a profundidade ou superficialidade da experiência: turista cultural motivado, turista cultural inspirado, turista cultural esporádico, turista cultural casual, turista cultural acidental. Já para RICHARDS (2004, citado em



PÈREZ, 2009) a procura divide-se apenas nos “turistas abutres culturais” e nos “turistas culturais acidentais”. O perfil do turista cultural inclui cada vez mais jovens, são sobretudo mulheres, com um nível educacional elevado e que procuram, acima de tudo, ver coisas interessantes, revelando o desejo de aprender mais sobre a cultura local.

O produto turismo na natureza não é tão fácil de definir e delimitar até porque pode incorporar variadíssimos elementos e terminologias, verificando-se definições com conceções e níveis de abrangência distintos conforme os autores, havendo as que enfatizam a componente territorial, outras as atividades e experiências desenvolvidas e ainda as que focam a questão da sustentabilidade. Neste sentido, SILVA (2013) considera que o turismo na natureza é constituído por qualquer tipo de turismo que consista na visitação de territórios predominantemente naturais com objetivo de apreciar e desfrutar da natureza, ou na prática de atividades e experiências diretamente relacionadas com os recursos naturais. A flora constitui um desses recursos que pode ser apreciada nas ditas paisagens naturais e nas paisagens humanizadas de base natural, os jardins. Também no âmbito do turismo de natureza se identificam diversos níveis de segmentação do produto originando tipologias distintas e vários tipos de turistas da natureza, uns com base em indicadores sociodemográficos, outros com base no comportamento dos turistas e nas motivações de viagem. Por exemplo, a proposta de LINDBERG (1991) divide-os em quatro grupos: de núcleo duro, dedicados, *mainstream* e os casuais. Já MEHMETOGLU (2007) defende uma abordagem *multi-cluster*, cruzando três grandes grupos, com base na intensidade da motivação pela natureza (atividades orientadas para o lazer e cultura e orientadas para a natureza, e atividades pouco direcionadas para a natureza), nos fatores socioeconómicos (associados às características da viagem) e nas motivações individuais.

Tendo por base o exposto, pode ser assumido que os jardins constituem espaços atrativos para serem visitados por turistas culturais e por turistas de natureza. “*Entre nature et culture, la visite de jardin peut être associée aux loisirs de ces deux domaines et à l’ensemble des sites culturels et naturels*” (BLANDIGNERES & RACINE, 2002: 44). Na opinião de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), o quadro de motivações gerais sugere que o turista/visitante de jardins cruza características do turista cultural (o turista interessado nos aspetos culturais e históricos dos jardins) com características do turista de natureza (o turista interessado nos aspetos hortícolas/botânicos dos jardins). A Figura V.16 mostra justamente essa inter-relação.



Fonte: Elaboração própria

Figura V.16: Posicionamento dos jardins e da sua visita em função do património cultural, natural e do seu cruzamento

Dos estudos analisados, nacionais e internacionais, constata-se que tendencialmente o turismo de jardins tem sido posicionado mais no âmbito do turismo cultural, sendo considerado como um segmento deste produto. No caso nacional é evidente esta propensão, uma vez que os estudos focam essencialmente os jardins históricos, aos quais é inerente a dimensão cultural. SOUSA (2014), pelo contrário, a respeito de um estudo exploratório sobre o turismo de natureza no Funchal, identifica o turismo de jardins como uma das atividades terrestres do turismo de natureza, destacando desta forma a sua componente natural, onde a diversidade florística é um dos principais argumentos atrativos da Ilha, constituindo esta, com certeza, a motivação principal subjacente ao turismo de jardins praticado na Madeira.

## 5.5. Responsabilidade e sustentabilidade no turismo de jardins

### 5.5.1. A importância do planeamento

De uma forma global é reconhecido que na gestão de destinos turísticos e em particular de atrações singulares é imperativo considerar a dimensão da sustentabilidade. Conceito que aliás está relacionado com o carácter alternativo dos ditos turismos de nicho, no âmbito dos quais se inclui o turismo de jardins. No caso dos jardins, um dos mais frágeis tipos de património e mais vulneráveis aos “caprichos” e volatilidades do turismo e dos turistas, a incorporação dessa dimensão nas suas grandes vertentes – económica, ambiental e sociocultural – numa prática turística responsável, não só é indispensável como determinante na manutenção, otimização e na própria existência da atração.

Tal como já foi referido, a abertura dos jardins ao público, por força da fragilidade intrínseca destes espaços, constitui uma operação delicada que implica riscos, sendo por isso necessário um indispensável planeamento de todas as ações inerentes, a antecipação de cenários, assim como a definição prévia de respostas a episódios de crise. No ponto 3.4. do capítulo III foram destacados os casos de *Sissinghurst Castle Gardens* e *Alnwick Garden* onde o grande e imprevisível aumento de visitantes colocou em risco a sustentabilidade dos espaços, tendo sido necessária a implementação de sistemas de controlo de visitantes (o *timed entry system* e o *time-ticketing* respetivamente) (BENFIELD, 2001). Estes dois jardins traduzem exemplos em que os mecanismos de controlo foram introduzidos após o aumento de visitantes e não foram previstos antes. De qualquer forma, a sua aplicação tem revelado ao longo do tempo efeitos benéficos no marketing de longo prazo e por consequência na viabilidade comercial dos jardins, traduzindo-se num padrão de visitação mais sustentável e, por via disso, num mais alto grau de satisfa o do visitante e numa concretiza o plena da *garden experience*. Todavia, e tal como defende SILVA (2013: 118), “O planeamento turístico não pode limitar-se a reagir às mudanças que vão surgindo, devendo adotar uma a o proactiva na constru o de um futuro desejado, porque apesar de incerto, o futuro depende em grande medida da capacidade que temos para o influenciar”.

Neste sentido, HLAVAC (2012) interroga-se sobre em que situa es o turismo de jardins revela responsabilidade ecológica e social. O turismo de jardins   frequentemente associado a um turismo mais compatível em termos ecológicos, lento e tranquilo, mas será esta uma equa o determinista, automática e que se verifica sempre? Sobre que condi es   o turismo de jardins aceitável? A pertinente questão, levantada por HLAVAC (2012: 2), “*Is it permissible to look at garden tourism as a form of slow tourism or ecologically and socially responsible tourism?*”,   incontornável tendo em conta a dimensão que este segmento vem adquirindo. Na opinião do autor esta questão pode ser perspetivada de forma positiva ou negativa, dependendo do ponto de vista. Vejamos dois exemplos que ilustram bem esta situa o dicot mica e contraditória.

Por um lado, temos jardins considerados grandes atra es turísticas que recebem milhares ou até mesmo milhões de visitantes, remetendo desde logo para situa es de “excesso de carga”. Por outro lado, existem pequenos jardins, privados ou não, que, seja por força das suas características, ou porque a abertura e visita  , muitas vezes, limitada no tempo e no espaço, recebem menos visitantes o que, em teoria e   primeira vista, faz crer que estão isentos de situa es de massifica o. Porém, a realidade não   assim tão linear.

No território nacional o caso do Parque da Pena é um exemplo que ilustra bem a primeira situação. Recebe cerca de um milhão de visitantes (*day-trippers* e turistas), em particular turistas que visitam de forma concentrada no tempo e no espaço. A partir da altura da Páscoa, mas sobretudo no verão, Sintra é “invadida” por turistas que procuram essencialmente os mesmo lugares, sendo a Pena ponto obrigatório no roteiro. Aqui chegam autocarros repletos de pessoas a cada 20 minutos, visitantes a pé ou de carro. A esta aglomeração acrescentam-se os visitantes provenientes das visitas guiadas às cidades e integrantes dos inúmeros *tours* que incluem este local, para além das visitas escolares e das chamadas excursões. Em determinadas ocasiões a entrada no espaço é caótica, assim como nas imediações do Palácio. Mas, ao mesmo tempo, rapidamente se encontram locais onde é possível relaxar, observar e apreciar a natureza e a paisagem por toda a área do parque (Figura V.17). Este contraste entre sobrelotação e a escassez de visitantes é visível no espaço separado apenas por alguns metros. As dimensões generosas do parque e os vários pontos de interesse nele presente permitem a coexistência desta dualidade.



Fonte: Autora (2015)

Figura V.17: Visita ao Parque da Pena

Em jardins privados, ou de uso mais controlado, como o de Alão, Aveleda, Villar d’Allen, Nossa Senhora da Aurora, S. Cipriano ou Santar, a visita só pode ser feita de forma guiada, em alguns casos, só por marcação, e com limitação de pessoas por grupo. O jardim pode então ser experienciado de forma tranquila, com tempo, o proprietário tem disponibilidade para os visitantes e estes não correm o risco de “tropeçar” uns nos outros. Todavia, identificam-se situações em que os jardins estão abertos durante escassos períodos como o do Palácio de Belém (fim de semana e festividades) ou da Quinta da Palmeira (dois dias por semana) o que poderá resultar numa afluência maior a estes espaços e ocorrerem episódios de sobrelotação (embora longe do que acontece nos chamados *Open Day/Offene Gartentüre* dos jardins privados no Reino Unido, França ou Alemanha). Conclui-se, portanto, que também neste segundo cenário se poderá encontrar esta dualidade de situações (Figura V.18).



Fonte: Autora (1ª e 2ª) (2016 e 2015); B. Simões/Jornal de Negócios – endereço eletrônico (3ª) (2016)

Figura V.18: Visita ao Jardim Histórico de Santar (1ª) e do Palácio de Belém (2ª e 3ª)

Segundo HLAVAC (2012), o turismo de jardins será compatível com os conceitos de *slow tourism* e *socially responsible tourism* se estiverem reunidas um conjunto de condições específicas, nomeadamente se:

- ⇒ os visitantes chegarem aos jardins a pé, de bicicleta ou de transportes públicos (exceto comboios de alta velocidade);
- ⇒ os visitantes dispenderem tempo suficiente no jardim e não se apressarem de um jardim para o outro;
- ⇒ um grande jardim, público ou privado, não estiver sobrelotado com milhares de visitantes ou um pequeno jardim privado não tiver mais do que umas dezenas;
- ⇒ os visitantes seguirem as regras básicas de conduta (respeito pela propriedade alheia, evitar ruído e não colher plantas, por exemplo);
- ⇒ os visitantes não entrarem, mesmo que temporariamente, em áreas fechadas e sensíveis, tais como relvados recém semeados;
- ⇒ os dividendos obtidos com a admissão de visitantes e com o aluguer de espaços (restaurantes, lojas, eventos) forem diretamente canalizados para a preservação e manutenção dos jardins.

Voltando ao caso de Sintra, não obstante os excessos que inevitavelmente existem numa paisagem classificada, com um conjunto vasto de atrações, merece que sejam destacados os esforços efetuados no que diz respeito à sua gestão sustentável, não só numa atuação externa, como também interna, podendo ser considerado um caso paradigmático neste âmbito. A nível externo, para além da abundância e frequência de transportes públicos com conexões desde a estação ferroviária ou do centro da vila até aos jardins, existem ainda boas condições para pedestrianistas e ciclistas, informação e sinalização abundante. A nível interno, o conceito de visita/transporte sustentável e ambientalmente responsável também está

presente, em particular no parque da Pena e de Monserrate, com os autocarros elétricos e os de tecnologia híbrida, ou os passeios de charrete que proporcionam uma forma alternativa aos visitantes de apreciarem os jardins (Figura V.19).



Fonte: Autora (2015)

Figura V.19: Passeios de autocarro na Pena e em Monserrate e de Charrete na Pena

Na perspetiva de BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), a sustentabilidade, no caso dos jardins, deve ser implementada em todos os níveis, recomendando/sugerindo que sejam tomadas medidas a nível individual especialmente no aspeto ecológico (evitar produtos químicos e fertilizantes, praticar jardinagem orgânica, usar plantas antigas e raras, sistemas fotovoltaicos, serviço de transporte para os visitantes, monitorizar a capacidade de carga), no aspeto social (colaboração com a comunidade, jardim como um empregador, fator de identidade, jardim acessível a todas as pessoas) e no aspeto económico (cobrança de entrada – jardim como empreendimento viável).

Os proprietários de jardins estão cada vez mais sensíveis a esta questão e como tal têm uma gestão cada vez mais rigorosa do espaço, quer seja através de circuitos pré-definidos ou do regime de visitas guiadas com limite de participantes por grupo. Os horários de visita restritos constituem o mecanismo mais utilizado, embora a abertura ao público somente alguns dias por ano também seja implementado, mormente no caso da Grã-Bretanha. Aos visitantes deve ser, e já é em muitos casos, transmitida a mensagem de que este património cultural deve ser respeitado, quer através dos seus comportamentos, quer das suas ações (Figura V.20). Os jardins, na maior parte dos casos, constituem uma expressão de “*slow life*”, lugares de silêncio, paz e tranquilidade, e as estratégias que têm sido implementadas têm revelado uma efetiva consciência da vulnerabilidade deste tipo de património para além de que, e em conjunto com os exemplos apresentados, reiteram a certeza que são espaços que não se coadunam com os princípios de um turismo massificado que pode inviabilizar todo o processo de salvaguarda dos jardins históricos.



Fonte: Autora (2015 e 2016)

Figura V. 20: Placard informativo à entrada do Jardim Botânico da Ajuda e do Jardim da Casa de Juste (fotos maiores) e informação no viveiro da Mata do Buçaco e no Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco (fotos pequenas)

A importância do planeamento no desenvolvimento de modelos de valorização dos espaços/atrações de forma sustentável é por demais evidente no caso dos jardins históricos. E, da sua continuidade, depende o desenvolvimento de uma atitude integrada de responsabilidade social, ecológica e turística.

### 5.6. O contexto internacional do turismo de jardins/*garden visiting*

Para se ter uma ideia da dimensão e da relevância global deste segmento bastará centrarmo-nos nas afirmações de BENFIELD (2013) que considera que o turismo de jardins poderá tornar-se num dos maiores setores de retalho no mercado turístico, embora seja ainda um segmento de mercado subestimado. Poderá, numa primeira análise, tratar-se de uma afirmação inflamada, resvalando o exagero talvez. Mas, a perceção da importância dos jardins enquanto recursos turísticos estratégicos e da importância da visita a jardins é mais solidamente apreendida quando observamos o contexto internacional do fenómeno (assim intitulado por CONNELL & MEYER, 2004; FOX, 2006; MÜLLER, 2011; BENFIELD, 2013) que, não sendo novo (TIPPLES & GIBBONS, 1992; CONNELL, 2004), adquire hoje proporções elevadas, e com grandes margens de progressão em outros tantos contextos. Um cenário que afasta a hipótese de exagero na expressão de BENFIELD (2013) e comprova de facto a importância que o segmento adquiriu.

Já anteriormente se referiu que o turismo de jardins tem origens na Europa, nomeadamente em Inglaterra e na Alemanha (THOMAS *et al.*, 1994), constituindo uma

prática enraizada nestes países. Mas não é menos importante em França, Nova Zelândia, Austrália, Irlanda, Holanda, Canadá ou Estados Unidos da América (TIPPLES & GIBBONS, 1992; THOMAS *et al.*, 1994; EVANS, 2001; FOX, 2006, 2007; BLANDIGNERES & RACINE, 2002; CONNELL & MEYER, 2004), há muito familiarizados com este tipo de turismo, ou em países da Europa de Leste e Oriental como Polónia, Roménia, Bulgária, Singapura ou Japão onde este segmento começa a estar cada vez mais em evidência (BAUER-KRÖSBACHER & PAYER, 2012; CZALCZYŃSKA-PODOLSKA, 2014).

Os números da procura espelham a dimensão global que este segmento turístico assumiu. Embora os dados quantitativos apurados e aqui avançados não sejam comparáveis entre países, uma vez que são recolhidos seguindo várias metodologias e incluindo diferentes categorias, para além de alguns dos dados por países não coincidirem nos mesmos anos, parece facto comum aos exemplos abordados que os jardins geram um interesse significativo e crescente nos turistas domésticos e nos internacionais (CONNELL & MEYER, 2004).

No contexto mundial, a Grã-Bretanha surge desde logo com uma posição destacada constituindo um dos principais mercados emissores e recetores de visitantes de jardins, com uma longa tradição e diversidade de jardins, quer públicos quer privados, que se apresentam como o maior recurso de lazer no Reino Unido (FOX, 2006) e o turismo de jardins como uma das principais ofertas turísticas (CONNELL, 2004; WILSON, 2009). No início do século XXI tinha, segundo EVANS (2001), mais de 3500 jardins abertos ao público para visitas turísticas que figuravam na lista do *Yellow Book*, onde só 400 jardins haviam sido visitados por 16 milhões de pessoas no início do milénio, para além de cerca de 5000 jardins privados (de casas) que abrem os seus jardins a visitantes em dias específicos no ano para fins de caridade (CONNELL & MEYER, 2004). Destacam-se os jardins de *Kew* (Figura V.21) que recebem por ano mais de 1 milhão de visitantes. Segundo WILSON (2009), o valor do turismo de jardins está estimado em £200 milhões por ano e 64% da população visita jardins pelo menos uma vez por ano.



Fonte: Autora (2013)

Figura V.21: *Kew Gardens*



Desde 2000 que se verifica um aumento de visitas aos jardins britânicos muito por causa de novas atrações no setor dos jardins como o *National Botanic Garden of Wales*, o *Eden Project* e o *Ventnor Botanic Garden*, mas também devido ao aumento exponencial do marketing e publicidade com base nos jardins, assim como campanhas de promoção de turismo regional através destas atrações (CONNELL, 2004), ou ainda na capitalização proveniente da construção de pacotes turísticos envolvendo vários atores (EVANS, 2001).

Dados do *VisitEngland* (2015a) revelam que os jardins enquanto atrações turísticas têm um peso bastante importante, posicionando-se atualmente como a 3ª principal atração do mercado inglês (Figura V.22). No Top 20 das atrações turísticas pagas mais visitadas em Inglaterra têm figurado, nos últimos anos, o *Kew Gardens*, o *RHS Garden Wisley* e ainda o *Eden Project*. Os dois primeiros com visitantes acima de 1 milhão, atraindo um total de cerca de 3,2 milhões em 2014, o que corresponde a 14% do total de visitantes destas 20 atrações, e originando uma receita na ordem dos £50 milhões (Figura V.23) (VISITENGLAND, 2015b). Nas atrações livres encontra-se um jardim, o *Avenham and Miller Park* com cerca de 800 mil visitantes (VISITENGLAND, 2015c). Em 2014, só os 10 principais jardins do país receberam quase 5,6 milhões de visitantes (+4,3% que em 2013) (VISITENGLAND, 2015a).

Esta tendência é transversal aos demais países do Reino Unido. Na Escócia, mais de 600 jardins figuram no livro anual *Gardens of Scotland* (ou *Yellow Book*) da *Scotland's Gardens Scheme* (SGS, 2015)<sup>176</sup>. Segundo dados estatísticos do *Visit Scotland* (2015), o *Royal Botanic Garden Edinburgh*, com 766.250 visitantes em 2014, foi a 9ª atração turística grátis mais visitada de um universo de dez (VISITSCOTLAND, 2015). Em 2009, uma amostra de 35 jardins foi visitada por cerca de 1,4 milhões de pessoas (VISITSCOTLAND, 2010).

Já em Gales, a atração turística jardins (*gardens*) que engloba ainda *country parks and other natural attractions* tem vindo a registar aumentos. Em 2014, as 28 unidades integrantes desta categoria registaram mais de 3,1 milhões de visitantes (+26,8% que em 2013), destacando-se o *Bodnant Garden* com mais de 191 mil visitantes (+7,3%), no Top 10 das atrações pagas mais visitadas (4º) (VISITWALES, 2015). E, na Irlanda do Norte, durante 2015, mais de 8,2 milhões de pessoas visitaram *country parks, parks, forests and gardens*, 709 mil só na rubrica *gardens* (NISRA, 2016).

Em França, o turismo de jardins é um segmento em ascensão, e a última década tem consolidado o país como *garden destiny*. O desenvolvimento da política a favor dos jardins, abordada no capítulo III, a isso conduziu.

---

<sup>176</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Scotland's Gardens Scheme* (2015).

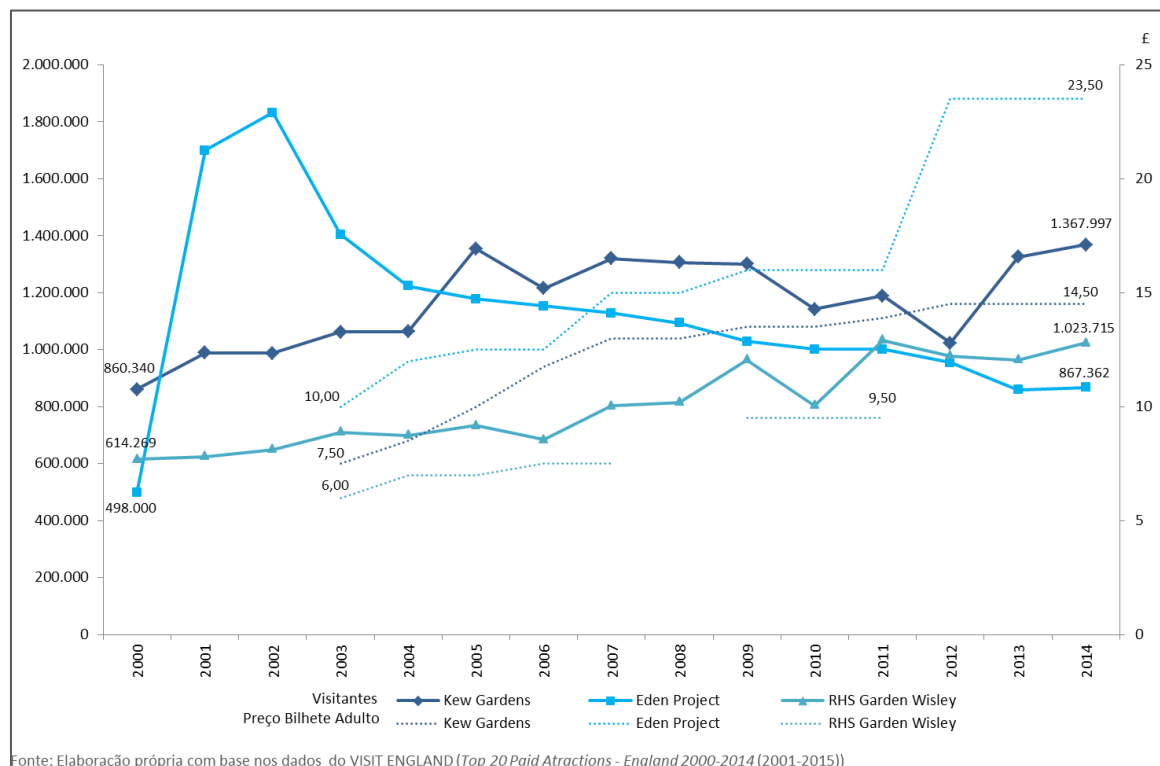
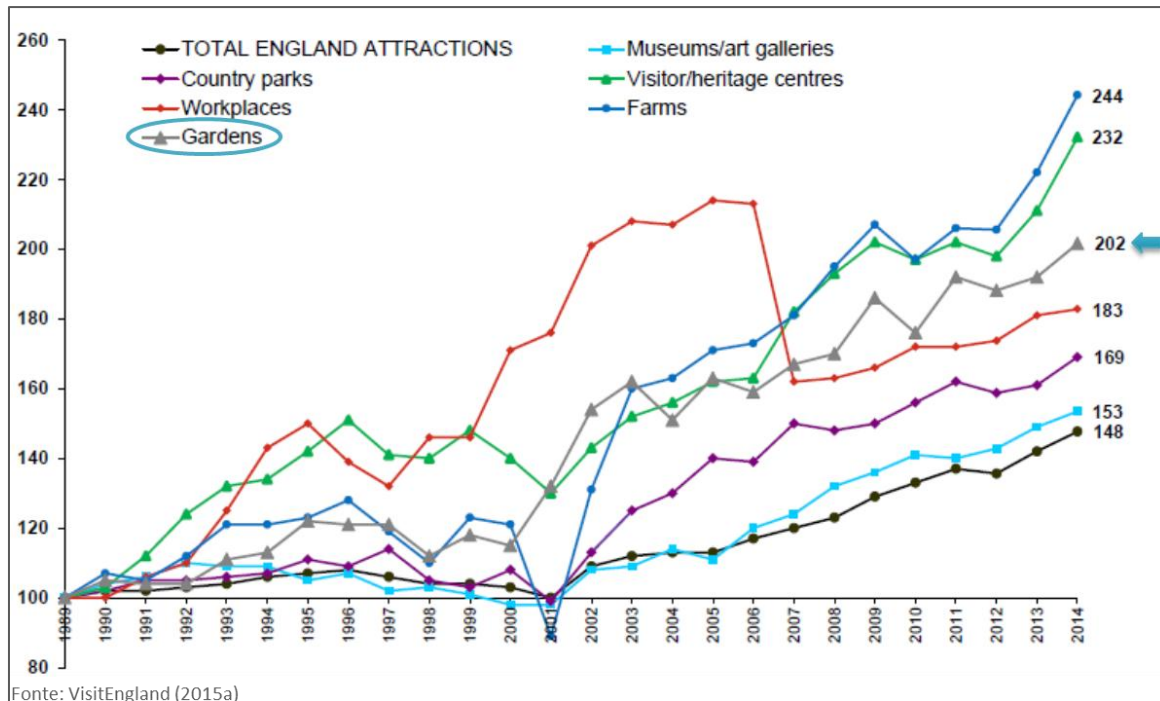


Figura V.22 e V.23: Posição dos jardins no total de atrações em Inglaterra (1989-2014) e Evolução dos visitantes e preço do bilhete de *Kew Gardens*, *RHS Garden Wisley* e *Eden Project* (2000-2014)

O reconhecimento patrimonial dos parques e jardins, o aumento dos seus usos (RIALLAND, 2000), resultando na multiplicação da abertura de parques e jardins ao público

(passou-se de 150 em 1991 para 750 em 2000 e mais de 1400 em 2007) e ainda a explosão de eventos e manifestações ao longo do ano, com destaque para o *Rendez-vous aux Jardins* (ARAMA-CARREL, 2006), que tem atraído nos últimos anos quase 2 milhões visitantes, tem contribuído para a evolução do mercado. Os dados disponíveis revelam que em 2000 um conjunto de 405 jardins atraíram 25 milhões de turistas (DELADERRIÈRE, 2004).

Na Áustria, os atuais 34 membros do *Gardens of Lower Austria* alcançaram os 3 milhões de visitantes (DIE GARTEN, 2016) e a associação *Grandi Giardini Italiani* registou uma frequência record de 8,5 milhões de visitantes em 2014, no conjunto de 120 jardins que integra (GGI, 2016)<sup>177</sup>. Já na Austrália, os 123 Jardins Botânicos, Arboretos e Herbários a operar em 1999/2000 foram visitados por 11,8 milhões de pessoas (ABS, 2001). Em 2005/2006, só os turistas domésticos, com 15 ou mais anos, representavam cerca de 5,4 milhões de visitas aos jardins botânicos (ABS, 2007).

No início da década 90 a jardinagem era a atividade ao ar livre mais popular nos EUA com cerca de 78 milhões de participantes. No alvor do novo milénio, os parques e jardins, os *tours* de jardins, tal como o grande número de eventos e festivais relacionados, mobilizaram mais de 40 milhões de visitantes. BENFIELD (2004, 2013) afirma mesmo que há mais pessoas a visitar jardins do que a *Disneyland* e o *Disneyworld* juntos, suplantando ainda os visitantes anuais de *Las Vegas*. Um estudo realizado sobre atividades em viagem e motivações, no contexto norte-americano (EUA e Canadá), revelou que 26,5 milhões de adultos visitaram jardins e atrações relacionadas com jardins (10,5% de americanos e 13,1% de canadianos) durante viagens com pernoite, dos quais 38,6% afirmou que esta atividade foi a principal razão para realizar pelo menos uma viagem nos últimos dois anos. Enquanto viajam, a visita a jardins botânicos (9,1% e 10,8% respetivamente americanos e canadianos) suplanta a visita a parques temáticos (3,2% e 5,2%) (LRI, 2007).

O BGCI (2010) estima que os cerca de 2500 jardins botânicos existentes em todo o mundo (148 países) recebam cerca de 250 milhões de visitantes.

Para concluir, e como já foi referido neste capítulo, a realização de eventos e festivais atraem milhares ou mesmo milhões de pessoas. Destaque para o *boom* que se tem registado na Ásia onde se verificam números de visitantes astronómicos. São disso exemplo o *Royal Flora 2006/2007* na Tailândia (3,7 milhões), o *Taipei International Flora Expo 2010/2011* (8,9 milhões) ou o *Xi'an China International Horticultural Exposition 2011* (12 milhões)<sup>178</sup>.

---

<sup>177</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Grandi Giardini Italiani* (2016).

<sup>178</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico dos eventos correspondentes (2016).

## Síntese

*Neste capítulo o jardim é apresentado como atração turística. Numa primeira fase, procurou-se abordar as novas tendências no campo do turismo, atualmente assente em pressupostos mais complexos por via de uma evolução da sociedade, dos territórios e das relações entre ambos.*

*A vivência e a oferta de experiências únicas e memoráveis são cada vez mais as forças motrizes tanto da procura como da oferta. Os jardins constituem um dos espaços apropriados pelo turismo, pelo que, no seio da multiplicidade e diversidade de segmentos emergentes, de carácter alternativo, surge o turismo de jardins, como uma atividade que encaixa perfeitamente no atual contexto de experiências turísticas.*

*Num segundo momento percebeu-se que os jardins e os eventos com eles relacionados constituem indubitavelmente recursos estratégicos no desenvolvimento dos territórios e na promoção de imagens atrativas e, por consequência, no aumento de visitantes.*

*A discussão sobre o turismo de jardins que se seguiu pretendeu clarificar o conceito, o perfil do visitante e as suas motivações. Conclui-se que se trata de um segmento que incorpora duas componentes estruturantes – a cultural e a natural – que atrai um amplo espectro de visitantes motivados por variadíssimas razões, embora de carácter mais generalista do que propriamente específico. O contacto com a natureza, a paz e sossego, o conhecimento e a interação social são quatro traços comuns aos estudos analisados.*

*A encerrar este capítulo, debruçamo-nos sobre a importância do planeamento para um turismo de jardins responsável e sustentável e ainda, no contexto internacional, sobre este tipo de turismo numa perspetiva quantitativa, concluindo-se que se trata de uma atividade bastante significativa e com larga margem de progressão. Tendo em conta os dados avançados, é fácil reconhecer que o turismo de jardins é identificado como um fenómeno por vários autores.*

*E a nível nacional? Que dimensão tem este segmento? Que lugar ocupa no cenário turístico global? No capítulo seguinte pretende-se dar resposta a estas e outras questões relacionadas.*

# Capítulo VI



Festival Internacional de Camélias de Lousada e Jardim  
do Palácio Mateus

*O turismo de jardins em  
Portugal: realidade ou  
utopia?*

## 6.1. Os jardins (históricos) portugueses enquanto produto turístico

### 6.1.1. O despertar para um “novo” produto turístico

Em Portugal, o reconhecimento dos jardins enquanto produto turístico foi tardio e tem sido um processo lento quando comparado com outros casos apresentados. Aliás, a potencialidade turística dos jardins talvez tenha sido percebida primeiro fora do país. É sobretudo a partir da década de 90 que um interesse mais concreto, proveniente de vários quadrantes, desponta através de diversas manifestações, e que se vem timidamente consolidando neste novo milénio. Referem-se nomeadamente a realização de alguns congressos e colóquios centrados na temática dos jardins históricos como o I Encontro Internacional de Jardins Históricos (1995, Tibães) ou o Colóquio Jardins Históricos – Um Novo Produto Turístico (1998, Lisboa) e que continuam hoje a realizar-se com alguma frequência promovidos por diversas entidades, desde as associativas às académicas<sup>179</sup>, a recuperação de jardins cada vez mais publicitada, a campanha “Visite os Jardins Históricos de Lisboa” nos anos 90 ou as ações levadas a cabo pela estrutura associativa (ponto 4.3. do capítulo IV) e ainda a iniciativa “Florir Portugal”. A nível institucional, já se referiu o levantamento dos jardins históricos com potencial turístico em Portugal Continental (ponto 4.2.2.2. do capítulo IV), como o primeiro passo concreto, que não teve um posterior desenvolvimento e aplicação prática, ou ainda as estratégias de turismo de algumas regiões que contemplam este produto.

Em boa verdade, não se pode afirmar que Portugal esteja completamente alheio ou estagnado no que diz respeito à temática dos jardins históricos e da sua valorização através do turismo. Aliás, os *tours* de jardins que existem comprovam a existência deste mercado em crescimento (ponto 6.2.1.1. deste capítulo). Ao longo deste trabalho fomos dando, e daremos, conta de pequenas ações que têm existido, embora esporádicas e desconcertadas, mas que demonstram mais que um interesse, uma vontade. Falta sobretudo organizar e efetivar essa vontade em iniciativas concretas de médio/longo prazo.

No final da década de 90, SILVA (1998: 51) já referia que “Apesar de um sistema turístico embrionário, o produto jardins históricos em Portugal tem um futuro prometedora pois existe um património de valor”. Todas as vertentes desta afirmação continuam a verificar-se, mas falta valorizar e promover este património de forma mais assertiva.

---

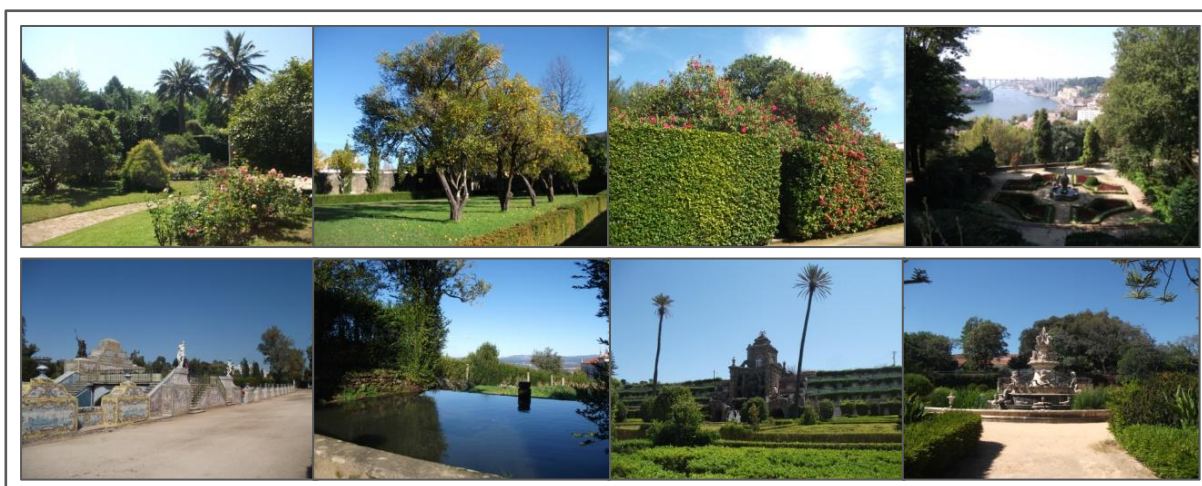
<sup>179</sup> Mais recentemente referem-se a Palestra “Jardins Botânicos e o novo Turismo de Jardins” (2016, JBUC), o *Workshop* “Turismo de Jardins nos Açores – Experiências, estratégias e potencial” (2015, Fundação Jardim José do Canto e APJH), o *Workshop* e Mesa Redonda “Abertura de Jardins Históricos Privados” (2014, Parques de Sintra e APJH), ou o Colóquio Internacional “*Gardens and Tourism – for and beyond economic profit*” (2014, CHAIA/Universidade de Évora).

### 6.1.2. O carácter diferenciador do jardim português

“Imagine a garden in a dream, a place at once familiar and deeply strange. This is the curious sensation evoked by Portuguese gardens” (ATTLEE, 2008: 9).

A história, os condicionalismos naturais e o tempo conferiram ao jardim português especificidades próprias que, aliadas a uma oferta diversificada, se traduzem num conjunto de argumentos consistentes à efetivação dos jardins nacionais como produtos turísticos. Já tivemos ocasião de abordar no ponto 4.1. do capítulo IV a especificidade cultural exclusiva do jardim português comparativamente com os majestosos e vistosos jardins de muitos países europeus. Embora as grandes tendências internacionais em termos de *design* da arquitetura paisagista não tivessem tido a expressão nos jardins portugueses que tiveram noutros países, certo é que o jardim português reúne em si um conjunto de predicados cuja interligação harmónica lhe confere um carácter original, diferenciador, único até.

Falamos da diversidade de árvores e arbustos com destaque para as cameleiras, laranjeiras, limoeiros ou glicínias, das vistas profundas e dos diversos níveis sugeridos pela topografia e localização privilegiadas, dos azulejos com vários motivos que atribuem ao jardim português um carácter fantasioso e mágico sem igual na Europa, e dos grandes planos de água sob a forma de tanques, lagos, chafarizes ou fontes, de cariz utilitário mas muito mais de natureza lúdica (Figura VI.1).



Fonte: Autora (2013, 2014 e 2015)

Figura VI.1: Alguns elementos característicos do jardim português<sup>180</sup>

<sup>180</sup> Da esquerda para a direita: Em cima – diversidade florística em Villar d’Allen, laranjeiras no Jardim dos Biscainhos, cameleiras em Serralves e vista sobre o rio Douro do Jardim do Palácio de Cristal; Em baixo – azulejos no Jardim do Palácio Nacional de Queluz, espelho de água na Cerca do Mosteiro de Tibães, cascata monumental na Quinta Real de Caxias e fontanário no Jardim Botânico da Ajuda.

Mas também dos embrechados que “Revestindo grutas, casas de fresco, paredes, nichos, arcos, simalhas (...) vão-se tornar um dos elementos mais típicos dos nossos jardins, numa arte de pendor naturalista, por vezes “naíf”, mas de forte valor inventivo e poético” (CARITA & CARDOSO, 1987: 85), as latadas, os alegretes, os bancos, os recantos ou os altos muros (Figura VI.2.) são comuns a muitos dos jardins históricos portugueses, que encontram plena realização nas quintas de recreio, e que dão corpo ao conceito de jardim de estar, de espaço cripto-mágico, aludindo ao desejado “Paraíso Perdido”.



Fonte: Autora (2013, 2014, 2015 e 2016)

Figura VI.2: Alguns elementos característicos do jardim português (continuação)<sup>181</sup>

E são estas especificidades que fazem com que o jardim português seja especial, seja diferente, seja único, de tal forma que ATTLEE (2008) refere mesmo que os jardins portugueses estão entre os mais cosmopolitas do mundo, e, por consequência, sejam atrativos às necessidades lúdicas de um mercado também ele diferente e exigente e que motive, a nível nacional embora de forma mais ténue, mas sobretudo a nível internacional, a elaboração de propostas de valorização turística (essencialmente a nível académico), de guias e a organização de *tours* específicos com destino aos jardins portugueses, como teremos ocasião de verificar mais à frente.

<sup>181</sup> Da esquerda para a direita: Em cima – embrechados, alegretes, bancos e azulejos no Jardim do Palácio Fronteira e no Jardim do Palácio Marquês de Pombal, banco e caramanchão no Jardim Botânico do Porto; Em baixo – latada, local de estar e oratório no Jardim da Quinta da Avelada, caminhos no Parque Monteiro-Mor, latada, tanque, bancos e azulejos na Quinta da Fidalga.



### 6.1.3. As propostas académicas...

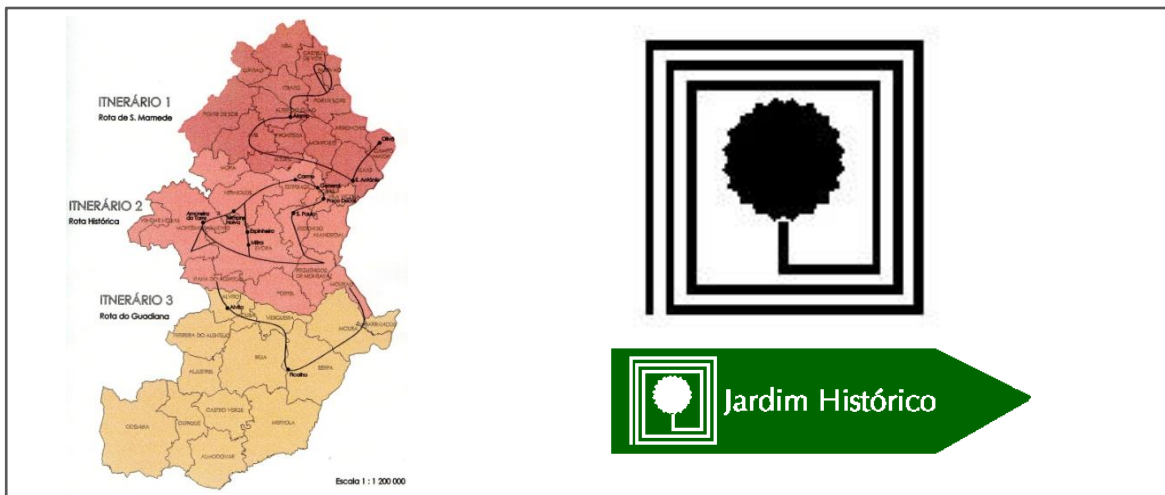
Em termos gerais, os jardins portugueses são sobretudo abordados sob a perspetiva histórica, arquitetónica, paisagística e fitogeográfica, onde subjaz o carácter de inventário, sendo muito poucos os que encaram os jardins como recursos turísticos.

É sobretudo na área da arquitetura paisagista que vão surgindo algumas investigações que identificam os jardins como importante património cultural como a de MATOS (1999), ESTADÃO (2005) ou LIMA (2005) que debatem a necessidade de preservação, restauro e salvaguarda dos jardins portugueses, e de forma pontual surgem as que identificam os jardins históricos como recursos turísticos nomeadamente as de SILVA (1998), ALMEIDA (2003), LIMA (2013) ou RIBEIRO (2014) que apontam já o turismo como um meio de salvaguarda dos jardins históricos, avançando com propostas de valorização turística dos mesmos, mormente através de roteiros.

Todavia, foi QUINTAL (2009), geógrafo, quem avaliou e discutiu a importância da visita aos jardins como nicho turístico na Madeira através da comparação entre entradas livres e pagas em três jardins e a relação destas com o número de hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros. Vejamos com mais detalhe estes exemplos.

SILVA (1998) apresentou uma proposta de valorização turística dos jardins históricos do interior alentejano que incluía a implementação de rotas de jardins e da adaptação de percursos já existentes (Rota dos Vinhos do Alentejo) à localização dos jardins históricos visitáveis, com base na metodologia utilizada pela equipa que realizou o levantamento dos jardins com potencialidades turísticas (ponto 4.2.2.2. do capítulo IV) e ainda propostas de uma campanha de divulgação que englobava um símbolo identificador dessa campanha, um panfleto, uma página na internet e sinalização exterior de orientação dos visitantes (Figura VI.3). Na mesma linha, também ALMEIDA (2003) fez uma abordagem ao valor turístico dos jardins históricos propondo um percurso turístico no noroeste de Portugal, através da adaptação do itinerário da Rota dos Vinhos Verdes, seguindo a metodologia referida atrás, para além de panfletos de promoção e divulgação do percurso para cada jardim (Figura VI.4).

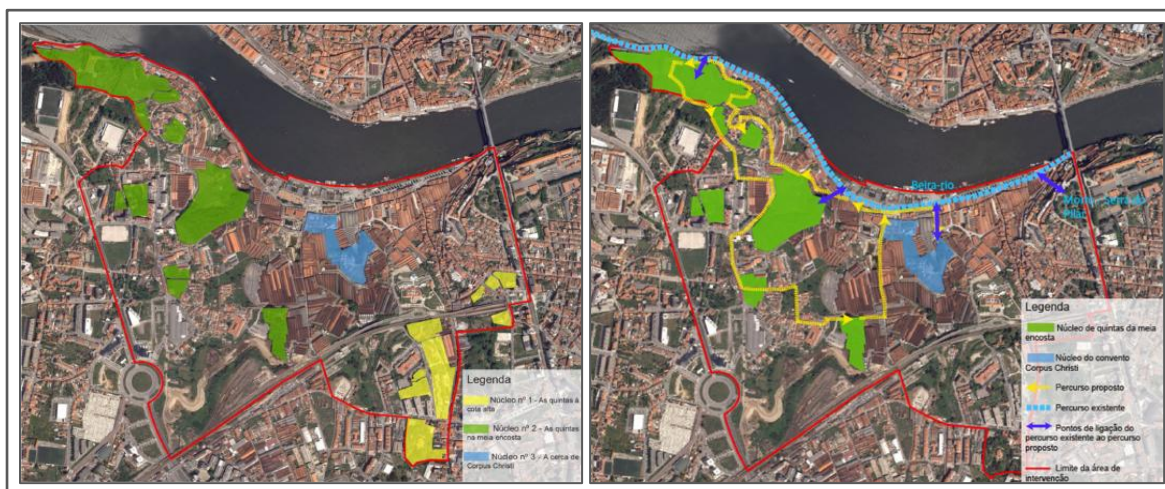
LIMA (2013) identificou vinte quintas no Centro Histórico de Vila Nova de Gaia, de grande valor histórico e paisagístico, agrupou-as em núcleos e apresentou um conjunto de medidas estratégicas materializadas numa proposta de valorização deste património com vista a potencializar igualmente o centro histórico, da qual se destaca a criação de um percurso imbricado com o já existente na área (Figura VI.5).



Fonte: SILVA (1998)



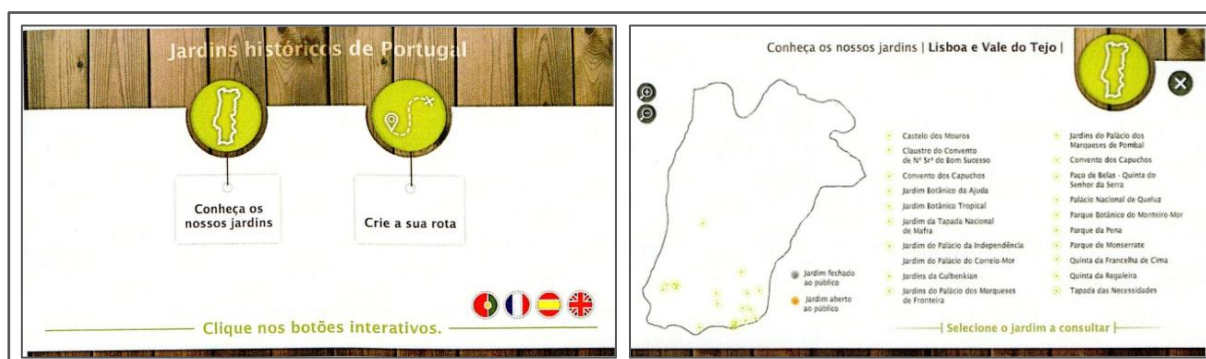
Fonte: ALMEIDA (2003)



Fonte: LIMA (2013)

Figura VI.3 e VI.4: Propostas de valorização turística dos jardins históricos (interior alentejano e noroeste de Portugal); Figura VI.5: Núcleos das quintas e proposta de percursos no Centro Histórico de Vila Nova de Gaia

E, mais recentemente, RIBEIRO (2014), para além da criação de uma base de dados de jardins para a APJH, apresentou uma proposta de *website* congregando a informação dos jardins históricos associados e não associados desta entidade e em que o utilizador é convidado a elaborar o seu próprio roteiro turístico com base nessa informação (Figura VI.6).



Fonte: RIBEIRO (2014)

Figura VI.6: Proposta de *website* sobre jardins históricos

Na perspetiva de QUINTAL (2009: 86), “A Ilha da Madeira possui património capaz de catapultá-la para um nível mais alto no mercado do *Garden Tourism* europeu”<sup>182</sup>. Todavia, esclarece ser necessário a criação de uma rede de jardins, públicos e privados de elevada qualidade, que garanta, pelo menos, uma semana de visitas diversificadas no âmbito botânico, paisagístico e histórico. O autor vaticina ainda que o Jardim Botânico, o Jardim Tropical Monte Palace e a Quinta do Palheiro Ferreiro continuarão a ser as três principais âncoras no campo da oferta, muito embora chame a atenção para a necessidade de melhorarem os seus conteúdos informativos por forma a proporcionarem visitas mais estimulantes. A este respeito, e tendo em conta que os jardins não só proporcionam lazer como são fontes de conhecimento, funcionando desta forma como polos de educação ambiental, o autor (2007) já havia esclarecido que as funções educativa e cultural seriam reforçadas se as autoridades competentes tivessem uma ação mais proativa no aumento da identificação das espécies com placas e no enriquecimento do seu conteúdo (nome científico, nomes vulgares em português e inglês, família e região de origem) assim como seria uma mais-valia a implementação de

<sup>182</sup> O mesmo autor (2007), através do estudo fitogeográfico que realizou em trinta e três jardins, parques e quintas do Funchal, comprovou a elevada fitodiversidade florística e taxonómica destes espaços tendo apurado a existência de 194 famílias, 901 géneros e 1928 *taxa* (1771 espécies, 32 subespécies, 40 variedades e 85 híbridos), onde entre 64% a 66% da flora tem origem tropical e subtropical e 30% a 32% provém de regiões com clima temperado. Concluiu ainda que a Quinta do Palheiro Ferreiro (um dos jardins integrantes do nosso estudo) possui a maior riqueza florística em famílias (136), géneros (420) e espécies (631).

painéis com a história das árvores monumentais e a criação de um circuito fitogeográfico que associasse cada árvore ao ecossistema de origem nos espaços verdes de maior importância.

QUINTAL (2009), para além de identificar os constrangimentos gerais de uma série de jardins e de propor medidas individualizadas para cada um deles, demonstra também a capacidade da Ilha para desenvolver e implementar a valência do hotel botânico ilustrando com vários exemplos, e avança ainda com um conjunto de linhas estratégicas para atrair mais turistas para os jardins da Madeira, sumarizadas no quadro seguinte.

Quadro VI.1: Estratégia de promoção dos jardins da Madeira, segundo QUINTAL (2009)

### Estratégia de promoção dos jardins da Madeira

Criação de uma rede de jardins de elevada qualidade, que proporcione visitas não repetitivas durante uma semana para especialistas

Preparar os jardins para acolher famílias, com programas de animação diferenciados para avós, filhos e netos

Discriminar positivamente os jardins de Excepcional Riqueza Florística

Associar a promoção da Festa da Flor, que se realiza em abril/maio, a programas de visitas a jardins e a áreas naturais ricas em flora indígena

Aproveitar as excelentes condições atmosféricas para fazer cursos sobre plantas ornamentais e jardinagem ao ar livre durante todo o ano

Apostar fortemente no aumento das visitas aos jardins nos meses de dezembro e janeiro (transmitir a imagem dos jardins da Madeira com árvores floridas, quando no centro e norte da Europa as árvores estão sem folhas)

Fonte: Elaboração própria com base em QUINTAL (2009)

A este respeito, refira-se que, recentemente, R. Quintal, em entrevista, foi perentório em afirmar que a Madeira não aposta o suficiente no turismo de jardins. O geógrafo aponta sobretudo a decadência de muitos jardins públicos e privados, havendo necessidade de um corpo de jardineiros qualificados, de investimento na recuperação e revitalização dos jardins assim como numa forte promoção nos mercados exteriores. Na sua perspetiva, a Madeira tem condições para atrair turismo de jardins não apenas durante a Festa da Flor, no mês de abril/maio, mas durante todo o ano sendo impreterível apostar nesta ideia porque há flores todo o ano nos jardins, mesmo em dezembro. Quintal acrescenta que, para que a Madeira seja um *'hotspot'* do turismo de jardins, precisa de um conjunto de jardins de elevada qualidade e excelência, capaz de atrair o público, já que os paisagistas, botânicos e amantes de jardins, pretendem ver vários jardins, e não apenas um só (FN, 2015).

#### 6.1.4. ...E as estratégias de desenvolvimento turístico

Tendo em conta as características já abordadas (ponto 5.4. do capítulo V), poder-se-á posicionar o segmento do turismo de jardins como um subproduto do *Touring Cultural* e Paisagístico/Turismo Cultural ou do Turismo de Natureza, mediante o objetivo e motivação principal. Dois produtos turísticos considerados estratégicos (como produtos prioritários ou complementares) nos documentos orientadores no âmbito do turismo nacional, no anterior PENT e no recente Turismo 2020. Documentos estes que se revelaram um tanto ou quanto omissos relativamente a este segmento em particular, ainda que, neste último, numa análise de nível regional no âmbito da oferta turística/recursos turísticos, se identifiquem especificamente os parques e jardins (património natural), no caso dos Açores e Madeira, e o evento Festa da Flor (património cultural) na Madeira, e se reconheça em todas as regiões o amplo e rico património histórico, cultural, natural e paisagístico como um dos pontos fortes (TP, 2015a). No conceito estratégico para a gestão do turismo na região de Lisboa, foram definidas centralidades a desenvolver, nomeadamente Lisboa e Sintra, no seio das quais são enumerados certos jardins/parques como alguns dos principais ativos culturais e sobre os quais pendem expectativas evolutivas (ERTRL/TL, 2014). Mas, sendo nestas regiões que se concentra grande parte do património paisagístico e uma das áreas territoriais mais representadas nos *tours* de jardins, como se verá no ponto 6.2.1.1. deste capítulo, não deixa de ser desconcertante verificar a fraca referência a este nicho turístico. Mesmo que, tanto a nível nacional como regional, haja o objetivo de aumentar o portfólio de produtos, mormente o desenvolvimento de novos produtos/segmentos de nicho. De entre as várias modalidades de turismo avançadas tanto a nível nacional como regional, o turismo de jardins nunca é referido!

No âmbito do objetivo estratégico Comunicar<sup>183</sup>, existe o projeto *Gardens of S. Miguel, Azores*<sup>184</sup> que consiste no desenvolvimento de uma aplicação direcionada aos dispositivos móveis no sentido de promover visitas autónomas a um conjunto selecionado de jardins e espaços verdes das ilhas.

---

<sup>183</sup> A visão do Turismo 2020 é composta pelos objetivos estratégicos: Atrair (Qualificação e valorização do território e dos seus recursos turísticos distintivos), Competir (Reforço da competitividade e internacionalização das empresas do turismo), Capacitar (Capacitação, Formação e I&D+I em Turismo), Comunicar (Promoção e comercialização da oferta turística do país e das regiões) e Cooperar (Reforço da cooperação internacional) (TP, 2015c).

<sup>184</sup> O Observatório do Turismo dos Açores é o promotor do projeto que tem ainda como parceiros: o Governo Regional dos Açores/Direção Regional do Turismo, o Turismo de Portugal, a Universidade dos Açores, o Turismo Açores e os proprietários dos principais jardins de S. Miguel (TP, 2015c). De notar que recentemente o projeto foi revisto e passou a incluir as ilhas da Terceira e Faial (informação disponibilizada pelo Observatório do Turismo dos Açores, 2016).

A Ilha da Madeira, como um dos núcleos com grandes potencialidades no âmbito do turismo de jardins, merece-nos uma atenção mais demorada sobre a abordagem deste produto na estratégia turística da região.

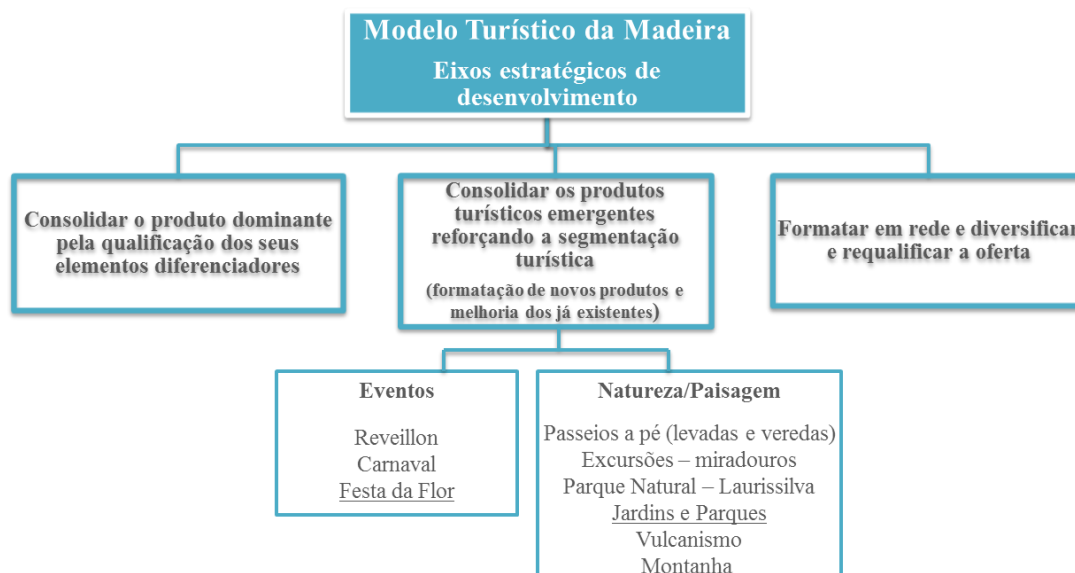
#### 6.1.4.1. Da Região Autónoma da Madeira

De acordo com MARUJO (2013), é na exuberância da paisagem, quer natural quer cultural, que se encontra um dos maiores atrativos turísticos da Madeira. A autora (2015) apurou que, para os turistas (67,3%), a *paisagem* constitui o principal elemento atrativo que promove a Ilha da Madeira como destino turístico, seguido do *clima* (41,5%) e dos *eventos culturais* (38,7%). Estes últimos já haviam sido igualmente identificados (2012, 2014a, 2014b) como as principais razões da visita à Ilha para os turistas que visitam pela primeira vez (33%) e para os que repetem a visita (66%).

A abundância de jardins, parques e flores corporizam em grande parte essa exuberância, constituindo, por isso, locais e motivos de atração fundamentais assumindo-se indubitavelmente como uma das grandes imagens de marca deste território (FRANCO, 2008). Um estudo realizado sobre a imagem da Madeira, enquanto destino turístico junto de turistas alemães e ingleses (GC, 2005), concluiu, por exemplo, que o Jardim Botânico da Madeira é o local turístico sobre o qual há um maior conhecimento antecipado (61%) seguido, mas bastante atrás, do Monte (carros de cesto) (38%) e da Laurissilva (35%). Quase 80% dos turistas auscultados identificou *flores e plantas* como o principal elemento característico associado à Ilha, a *Festa da Flor* surge em 7º lugar apontada por cerca de 14%. Na mesma linha, os turistas nacionais destacam a *beleza* (20%), o *clima* (10%), as *flores/jardins* (9%) e a *natureza* (9%) como os principais elementos que surgem no *top of mind* quando pensam na Madeira, aliás as *flores/jardins* foram identificados como o principal aspeto positivo (14%) e a principal atividade turística (19%) associada à ilha (D&TQF, 2006). A *natureza/paisagem/flora* foi inclusive reconhecida como uma das principais razões para a opção de visita à Madeira, num estudo efetuado sobre o Gasto Turístico na Madeira (SP, 2003/2004), os *tours/excursões a jardins* surgem como uma das áreas onde os turistas efetuaram despesa. Já SOUSA (2014) apurou que a visita a jardins é a segunda atividade (43%) na natureza mais praticada no Funchal, só suplantada pelas levadas e veredas (69%).

Dada a importância que os jardins/parques assumem neste território, constituem, por isso, parte integrante e frequente da estratégia de desenvolvimento da Ilha. No Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira (2002) os Jardins/Parques assim

como a Festa da Flor, considerados produtos turísticos emergentes, integram um dos eixos estratégicos de desenvolvimento através de duas vertentes: os Eventos e a Natureza/Paisagem (Figura VI.7). O objetivo era reforçar a capacidade atrativa de eventos já consolidados como a Festa da Flor e a tematização no consumo das paisagens, em particular, os espaços naturais protegidos, jardins e parques temáticos, valorizando os aspetos associados à biodiversidade e à origem e evolução geológica e geomorfológica do arquipélago (RAM, 2002).



Fonte: Adaptado de RAM (2002)

Figura VI.7: Modelo Turístico da Madeira – POT da Região Autónoma da Madeira (2002)

No XII Programa do Governo Regional da Madeira, no âmbito do Ambiente e Recursos Naturais, consta, como umas das intenções, a adoção de novos modelos de gestão de espaços verdes urbanos, quintas e jardins por forma a potenciar a sua qualidade e aumentar a sua sustentabilidade e atratividade (GRM, 2015). O Documento de Orientação Estratégica Regional/Compromisso Madeira@2020 reflete sobre o modelo de desenvolvimento turístico para a RAM assente em três eixos estratégicos – diversificar e qualificar a oferta turística regional, estimular a procura dos mercados tradicionais e emergentes e fomentar o desenvolvimento empresarial – que enquadram um conjunto de objetivos e de opções de investimento, um dos quais é qualificar os elementos diferenciadores do produto dominante, mormente o alojamento de elevada classificação e a oferta complementar (atividades de lazer, jardins, património natural e cultural, animação turística, ...) (IDR, IP-RAM, 2013).

No mais recente Documento Estratégico para o Turismo na RAM 2015-2020, não é dada qualquer atenção especial aos jardins. É definida uma proposta de valor futura assente na

Natureza complementada com a Cultura e Gastronomia, especificando um conjunto de produtos e subprodutos de natureza a potenciar, sem nunca haver menção ao turismo de jardins. A única referência feita a jardins, “Descontrair nos jardins”, surge apenas como uma das atividades a realizar num exemplo ilustrativo de um dia típico do turista que visita a Ilha da Madeira (ACIF/KPMG, 2015).

### 6.1.5. A dimensão da oferta – a atração

A abordagem dos jardins enquanto recursos turísticos remete-nos para a oferta, já abordada no ponto 4.2.2. do capítulo IV aquando do tratamento dos inventários realizados em Portugal. Mas serão estas fontes documentais suficientes para podermos conhecer a verdadeira dimensão da oferta, ou pelo contrário, o que se sabe através delas constitui apenas o ponto de partida para a descoberta de algo bem mais complexo? A questão crucial é: será a oferta verdadeiramente conhecida?

O interesse pelos jardins portugueses e pelas suas características únicas não são exclusivas da academia e entidades portuguesas, tendo motivado, a nível internacional, a elaboração de alguns guias turísticos. Data de 1932 o mais antigo guia de jardins nacionais (pelo menos que seja conhecido) da autoria de Thomas D. PRICE intitulado *Guide to the gardens of Spain and Portugal* e em 1999 Barbara SEGALL apresenta *Gardens of Spain and Portugal – a touring guide to over 100 of the best gardens* (A), onde recomenda à visita cerca de 40 jardins. Sem o carácter de guia dos anteriores, Helena ATTLEE (B) lança em 2008 um livro focado em Portugal e nos seus mais notáveis jardins, e Gerard LUCKHURST (2010) (C) uma obra centrada apenas nos jardins da Madeira, curiosamente quase que “esquecidos” pelos guias anteriores e pelos guias nacionais (Figura VI.8).

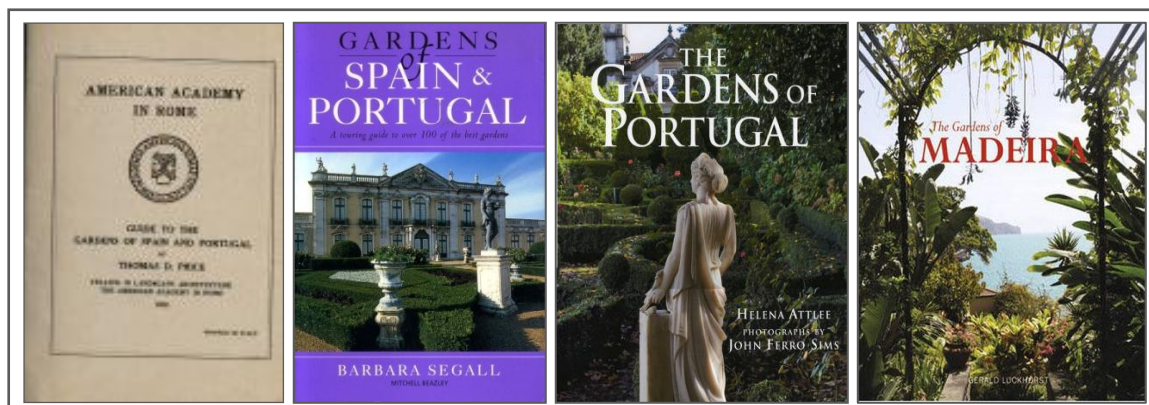
A nível nacional, no final da década de 90 do século XX, foram identificados cerca de 120 jardins históricos com maior potencial turístico em Portugal Continental (ponto 4.2.2.2. do capítulo IV). A propósito deste levantamento, é editado o livro *Jardins Históricos. Poesia atrás dos Muros* (CASTEL-BRANCO, 2002) (D), onde foram destacados os 32 (de 97) jardins nacionais mais bem cotados e que confirmavam o seu elevado valor de exceção. Mais recentemente, também da autoria de CASTEL-BRANCO (2014), surge o livro *Jardins de Portugal* (E). Embora não se trate de um guia propriamente dito, constitui uma interessante viagem pela beleza dos nossos jardins, continentais e insulares (Figura VI.9).

A consciencialização da importância deste tipo de património no equilíbrio, na imagem e, por consequência, na atratividade do território, especialmente urbano, e o aumento



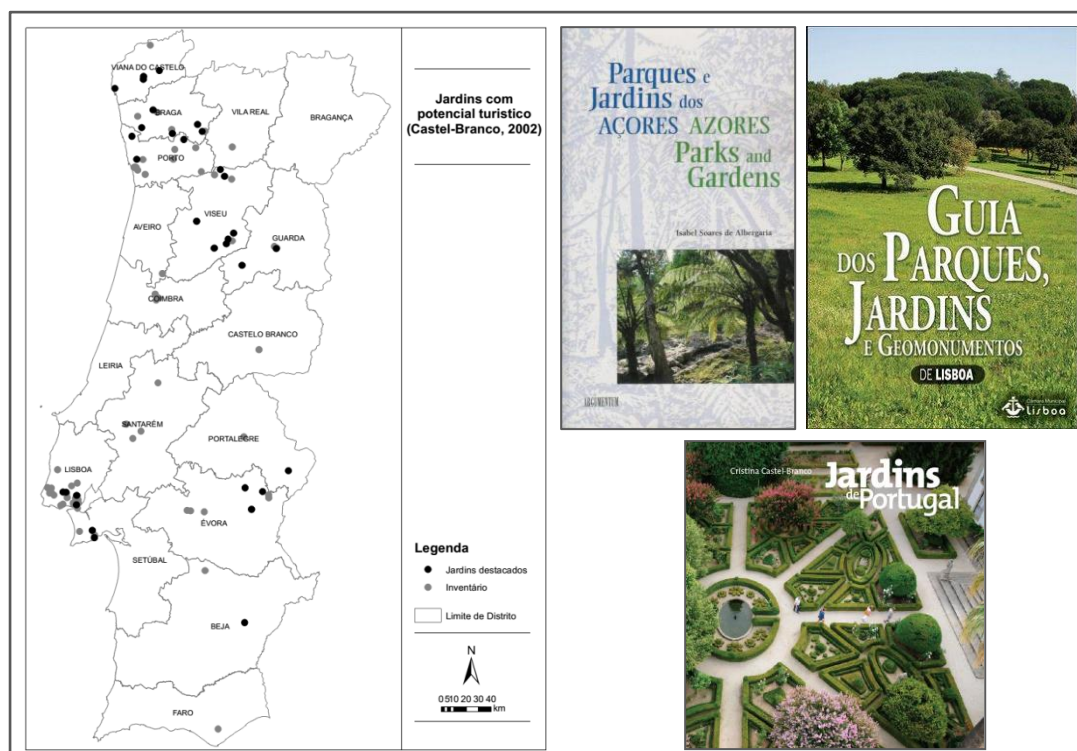
O turismo de jardins em Portugal: realidade ou utopia?

de interesse por estes espaços para visita e/ou usufruto tem feito surgir outros trabalhos, mais delimitados em termos territoriais, que procuram dar a conhecer e promover os seus recursos baseados nos parques e jardins, como é o caso do livro *Parques e Jardins dos Açores* (F) (ALBERGARIA, 2005) e do *Guia dos Parques, Jardins e Geomonumentos de Lisboa* (G) (TRAVASSOS, 2009) funcionando como uma estratégia de marketing dos territórios.



Fonte: *American Academy in Rome*, *The Garden Post*, *Helena Attlee* e Fnac – endereços eletrónicos (2012)

Figura VI.8: Guias internacionais dos jardins portugueses



Fonte: Elaboração própria a partir de CASTEL-BRANCO (2002); Fnac (2012), CML (2012), CTT (2015) – endereços eletrónicos

Figura VI.9: Guia de jardins de CASTEL-BRANCO (2002) e exemplos de guias de parques e jardins (nacional e locais)

Em comum, estes trabalhos têm o facto de percorrerem Portugal (e Espanha no caso de SEGALL, 1999) através dos seus jardins mais significativos apresentando aqueles que consideram os melhores e com mais potencialidades turísticas (acrescentando-lhes bastante informação útil como horários, moradas e contactos, localização, outros pontos de interesse turístico de cada região) sem se apartarem do incontornável enquadramento histórico.

Da sua análise ressalta um conjunto de jardins portugueses emblemáticos que se vão repetindo como aqueles com mais argumentos e fatores atrativos à visita (Quadro VI.2), e que de resto, constituem igualmente os jardins mais incluídos nos *tours* de jardins delineados para Portugal, como teremos ocasião de verificar mais adiante no ponto 6.2.1.1..

Quadro VI.2: Principais jardins de Portugal nos guias apresentados

Região	Jardins/Guias	A	B	C	D	E	F	G
Norte	Casa dos Biscainhos	✓	✓		✓			
	Casa do Campo	✓	✓		✓			
	Casa de Mateus	✓	✓		✓	✓		
	Quinta da Aveleda	✓	✓		✓	✓		
	Casa de Recarei (Quinta do Alão)	✓	✓		✓			
	Parque de Serralves	✓	✓		✓	✓		
Centro	Casa da Ínsua	✓	✓		✓	✓		
	Casa de Santar	✓	✓		✓			
	Mata e Hotel do Buçaco	✓	✓		✓	✓		
	Jardim Botânico de Coimbra	✓	✓		✓	✓		
	Quinta das Lágrimas		✓		✓	✓		
	Paço Episcopal de Castelo Branco	✓	✓		✓	✓		
Lisboa	Parque de Monserrate	✓	✓		✓			
	Palácio de Seteais	✓	✓		✓			
	Palácio Nacional de Sintra	✓	✓		✓			
	Parque da Pena	✓	✓		✓	✓		
	Jardins do Palácio de Queluz	✓	✓		✓	✓		
	Quinta/Palácio Marquês de Pombal	✓	✓		✓			
	Quinta dos Azulejos	✓	✓		✓	✓		
	Parque do Monteiro-Mor	✓	✓		✓	✓		✓
	Jardim do Palácio Fronteira	✓	✓		✓	✓		✓
	Fundação Calouste Gulbenkian	✓			✓	✓		✓
	Jardim Botânico da F. C. de Lisboa	✓			✓	✓		✓
	Jardim Botânico da Ajuda	✓			✓	✓		✓
	Jardim Botânico Tropical	✓			✓			✓
Madeira	Quinta da Boa Vista	✓		✓				
	Jardim Botânico da Madeira	✓		✓				
	Quinta das Cruzes	✓		✓				
	Jardim Tropical Monte Palace	✓		✓				
	Quinta do Palheiro Ferreiro	✓		✓		✓		
	Quinta da Palmeira	✓		✓				
	Quinta do Arco	✓		✓				
Açores	Mata – Jardim José do Canto					✓	✓	
	Jardim José do Canto					✓	✓	

Fonte: Elaboração própria com base nos guias referidos no texto

No início deste ponto, questionámo-nos se a oferta seria verdadeiramente conhecida, do recurso jardim no geral e do jardim histórico em particular. Existem de facto alguns trabalhos e guias que nos vão dando informação sobre os jardins portugueses que congregam mais argumentos turísticos e por isso são mais atrativos à visita, só que falta, a este nível, e a nosso ver, para além de uma atualização, uma sistematização real e concreta da informação, tal como acontece em países como a França, Inglaterra, Irlanda, Nova Zelândia, entre outros.

Este esforço na recolha e sistematização da informação tem sido continuado por parte das autoridades competentes, através do Inventário do Património Arquitectónico – categoria Espaço Verde, que engloba espaços com e sem características notáveis, não existindo uma categoria específica para os jardins históricos. Esta realidade leva-nos a questionar sobre quais os que se podem considerar realmente históricos e quais têm efetivas potencialidades/características turísticas passíveis de se tornarem parte de um produto, sendo necessário pois um trabalho de minúcia bastante grande para descortinar, de entre uma grande quantidade de referências, quais aquelas que detêm estas características. Se, por um lado, temos um conjunto de jardins que facilmente destacamos por surgirem sempre referenciados noutros trabalhos e guias entretanto produzidos, outros há que se torna quase impossível devido ao baixo nível e à escassa informação disponibilizada nas fichas de inventário. Para além disso, não consta, neste inventário, um conjunto alargado de referências de jardins e parques históricos importantes como por exemplo os das estâncias termais nacionais, a maior parte da segunda metade e final do século XIX e início do século XX.

Em suma, apesar do esforço de diversas entidades e dos trabalhos que vão sendo feitos no sentido da recolha e sistematização da informação, ao analisá-los percebemos que têm em comum alguma falha na concentração da informação e na atualização da mesma.

Dentro da grande categoria dos jardins, o nosso principal enfoque são os jardins históricos, embora esta definição seja algo ambígua e controversa quando nos referimos aos jardins, como já foi referido. Suportamo-nos por isso na definição ratificada pela *Carta de Florença* onde o jardim histórico é apresentado como uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico e que se aplica tanto a pequenos jardins como a grandes parques, sejam eles de carácter mais formal ou de carácter mais paisagístico. Com base nestas características, todos os jardins portugueses que aparecem nos guias turísticos e nos inventários realizados pela academia podem ser incluídos na categoria de “históricos”, ou, mais especificamente, de “notáveis”. Contudo não nos podemos limitar só a esse conjunto de jardins, pois diz respeito a uma pequena parte da

oferta que é muito maior, como se teve ocasião de verificar pela análise da informação do IPA, mas mesmo esta tem um conjunto de constrangimentos vários já atrás referidos.

Atualmente, a APJH é a única instituição que faz dos jardins históricos o elemento central da sua constituição e através dela se têm reunido esforços no sentido de se conhecer, organizar, divulgar a oferta e de conferir uma utilidade turística a estes espaços. Desta associação faz parte um conjunto de cerca de 70 jardins de categorias diversas, incluindo jardins botânicos, jardins de palácios, de fundações, jardins públicos e jardins privados, embora saibamos que não reúne todos os jardins históricos existentes no país com potencialidades turísticas (ponto 4.3.1. do capítulo IV).

## **6.2. O turismo de jardins em Portugal. Que lugar no cenário turístico global/atual?<sup>185</sup>**

À semelhança do que vem acontecendo em diversos países do mundo, também em Portugal o interesse do público por temas relacionados com jardins, flores, jardinagem e paisagens parece crescer. Eventos como jornadas, debates, exposições, mostras, festivais, de categoria nacional e internacional têm cada vez mais visibilidade. O setor do comércio florístico cresce e ganha visibilidade nos espaços que ocupa (ex.: nos centros comerciais ou nas feiras agrícolas), a imprensa especializada suscita um crescente interesse e multiplicam-se os *sites* e blogs sobre jardins e jardinagem.

O turismo de jardins não é uma novidade em vários países do mundo, de resto como vem sendo referido, encontra-se até bastante desenvolvido em vários países europeus. No contexto nacional, apesar da oferta, em número e diversidade, como se pode constatar no ponto anterior, certo é que, no cenário turístico português, à parte de determinados meios restritos onde há já algum tempo a visita a jardins enquanto prática turística é recorrente, embora praticada por um determinado público-alvo também ele restrito, em termos gerais é praticamente desconhecido enquanto produto turístico, sendo pouco divulgado e explorado. A falta de interesse científico e académico e a parca aposta profissional nos jardins, o desconhecimento da real oferta e das condições da mesma ao que se acrescenta a falta de organização e promoção do produto constituem algumas das razões para tal cenário.

Em Portugal o turismo de jardins não existe enquanto produto organizado por si só, de tal forma que em todas as pesquisas que efetuámos, no que respeita à sua promoção e distribuição, nunca nos surgiu a expressão “turismo de jardins”, apenas referências à atração,

---

<sup>185</sup> Sobre este assunto, foi publicado, em 2014 e em colaboração com Paulo CARVALHO, na *Revista Turismo e Desenvolvimento* um artigo intitulado “O turismo de jardins em Portugal: realidade ou utopia? Uma análise aos *tours* de jardins no país”, por ocasião do INVTUR 2014 que decorreu na Universidade de Aveiro.

o jardim, como local a visitar, e raramente como um produto principal mas antes como ponto de passagem ou complemento a um outro qualquer produto, surgindo frequentemente inserido no contexto do turismo cultural e de natureza. Neste momento, e pelo que pudemos apurar junto dos operadores turísticos que começam a formatar este recurso em produto turístico específico, o turismo de jardins é uma esfera, um conceito, uma opção e um produto em construção mas, segundo os mesmos, com grande capacidade de desenvolvimento e grande margem de progressão.

### 6.2.1. Organização, promoção e distribuição da oferta

O turismo de jardins em Portugal é um produto turístico bastante embrionário e não goza da organização e dimensão associada a outros produtos mais conhecidos. Contudo, apesar de se tratar de um segmento que, embora pouco desenvolvido e muito discreto no cenário turístico global, mas conhecido em alguns nichos territoriais, se pode encontrar já configurado nas modalidades de rotas sobretudo de cariz regional e localizado como a Rota da Topiária, Porto – Cidade das Camélias, Rota dos Jardins de Ponte de Lima, como por exemplo, percursos, *tours* e eventos relacionados como pudemos comprovar pela pesquisa efetuada e que se apresentará de seguida.

Conscientes da importância dos canais *online*<sup>186</sup> de oferta e venda de produtos turísticos no país e no mundo, foi justamente através deste meio que se tentou perceber como se organizava, apresentava e divulgava, como estava disponível ao público a informação e como se comercializava o turismo de jardins, ou melhor, a atração jardim em Portugal. Uma análise exploratória à informação constante nos principais *sites* de informação turística do

---

<sup>186</sup> Na era do global, do imediato e da ausência de fronteiras a promoção e distribuição dos produtos turísticos, assim como a sua aquisição, são hoje, mais do que nunca, feitas através da internet, tornando-se num dos meios mais privilegiados, senão o principal nestas operações. “A internet afirma-se cada vez mais como importante fonte de informação e como ponto de venda de destinos e produtos turísticos a nível global” (MEID & TP, 2011:19). O *marketing* digital veio alterar completamente a interação entre a oferta e a procura turística, impondo novas necessidades e desafios aos diversos *players* a atuar no setor. Os consumidores perceberam-no, aderiram e os agentes turísticos adaptaram-se. Esta ferramenta proporciona ao consumidor uma maior autonomia tanto no processo de pesquisa e obtenção de informação turística, agora mais variada, proveniente de diversas fontes (*sites* de turismo desenvolvidos quer pela Entidade Nacional, no caso o Turismo de Portugal, quer pelas Entidades Regionais de Turismo, blogues, fóruns, páginas de *facebook* ou *twitter*, *sites* de reserva *online* de hotéis, ...) quase em simultâneo e de forma espontânea, sem sair do lugar, como na construção do seu próprio pacote turístico e no processo final de compra. Segundo dados revelados no PENT (2011), as vendas *online* de um universo que inclui a UE dos 25 e a Suíça, representavam 69,9% e detinham um peso de 25,2%. A promoção e consolidação dos canais *online* têm figurado como pontos fundamentais para o desenvolvimento turístico nacional. No PENT, através da linha estratégica Promoção e distribuição (MEID & TP, 2011) e no Turismo 2020 no objetivo estratégico IV Comunicar – Promoção e comercialização da oferta turística do país e das regiões onde o reforço do marketing digital (plataformas *web*, redes sociais, canais *online*, *mobile* e conteúdos digitais) surge como uma das prioridades de investimento (TP, 2015c).

país como o *VisitPortugal*, das Entidades Regionais de Turismo ou os *sites Visit* das regiões correspondentes, mostrou que estes são fontes de informação mais descritiva e promocional, onde o enfoque está sobretudo na atração a visitar surgindo frequentemente como complemento a um outro qualquer produto, e raras vezes como produto principal. Aparecem sobretudo as listagens de jardins e, note-se, nunca fazendo referência à expressão turismo de jardins.

Por exemplo, no caso do *VisitPortugal*<sup>187</sup> verificou-se que os jardins enquanto locais de visita surgem apenas referenciados pontualmente na secção *Regiões e O que procura?*, inseridos num contexto de multiplicidade de locais e destinos a visitar. Já a Região de Turismo do Centro está organizada em torno de 8<sup>188</sup> grandes produtos, nos quais se inclui o *Touring Cultural e Paisagístico* que foi subdividido nas categorias Museus, Património, Arquitetura Contemporânea, Parques e Jardins, Aldeias Históricas, Aldeias do Xisto, *City Breaks*, Rotas e Parques Temáticos. Na categoria *Parques e Jardins* é apresentado um conjunto de 60 “locais de passeio citadino, de estudo botânico ou de meditação de eremitas”, que recomendam à visita, assim como informações e descrições, ainda que essa informação não esteja configurada enquanto produto através de um roteiro.

No *site Visit Centro de Portugal* é possível encontrar uma série de rotas na secção *Descobrir*, nomeadamente a *Rota dos Jardins* que inclui um pequeno lote de jardins da região Centro. No *site Visit Lisboa*, na secção *Cultura*, são apresentados um conjunto alargado de itinerários culturais, no seio dos quais surge o itinerário *Jardins e Património Botânico* que integra mais de trinta espaços a visitar e na secção *Aonde ir* é disponibilizada uma extensa lista de *Parques e Miradouros*. No *VisitPorto*, é na secção *Visitar & Entretenimento* que surgem as *Ruas e Jardins* a visitar e, adicionalmente, é feita uma breve descrição dos mesmos. E no *VisitAzores* também os *Jardins e Parques* constituem locais a *Explorar* das *Ilhas dos Açores*, estando listados mais de 60 espaços.

Na Ilha da Madeira, fruto da grande quantidade e diversidade de jardins que possui assim como da própria cultura e de muita da prática turística assentar nos jardins, a ampla promoção e divulgação dos jardins e da própria Festa da Flor é feita em vários *sites* da especialidade como o *VisitMadeira (Explorar – Jardins e Parques)*, no *Madeira-Web (A visitar – Jardins e Parques)*, *Madeira Live (Jardins e Parques da Madeira)* e ainda no *site da*

---

<sup>187</sup> O *VisitPortugal* constitui o *site* oficial de promoção turística do destino Portugal desenvolvido pelo Turismo de Portugal.

<sup>188</sup> *Touring Cultural e Paisagístico, Natureza, Saúde e Bem-Estar, Sol e Mar, Náutico, Gastronomia e Vinhos, Negócios e Golfe* (informação disponibilizada no endereço eletrónico do Turismo do Centro de Portugal, 2015).

Câmara Municipal do Funchal que apresenta uma extensa *Lista de Parques, Quintas, Jardins Municipais e outros Jardins Visitáveis*, e ainda um conjunto de informação útil à visita.

Para além destas vias de cariz mais institucional, é de referir o *site* da APJH, cujo papel na promoção dos jardins enquanto produto turístico, neste momento, apenas se restringe à divulgação das atividades promovidas pela própria ou em parceria, e que passam sobretudo por viagens e passeios a determinados locais, faltando por exemplo a divulgação de eventos que ocorrem nos seus jardins associados, de eventos nacionais de grande dimensão ou até mesmo internacionais. E ainda a organização Solares de Portugal que, num aproveitamento otimizado dos recursos patrimoniais que fazem parte das unidades de TER associadas, organizou o percurso *Jardins dos Solares* que percorre a biodiversidade e estilos arquitetónicos existentes nas matas e jardins históricos das casas da Solares de Portugal<sup>189</sup>.

Neste âmbito é de referir ainda a divulgação que algumas Câmaras Municipais fazem aos seus jardins, algumas até promovem rotas e percursos (ex.: Ponte de Lima, Porto, Valongo, Lisboa, Sintra, Amadora, Oeiras, entre outros) e os próprios jardins através dos seus endereços eletrónicos.

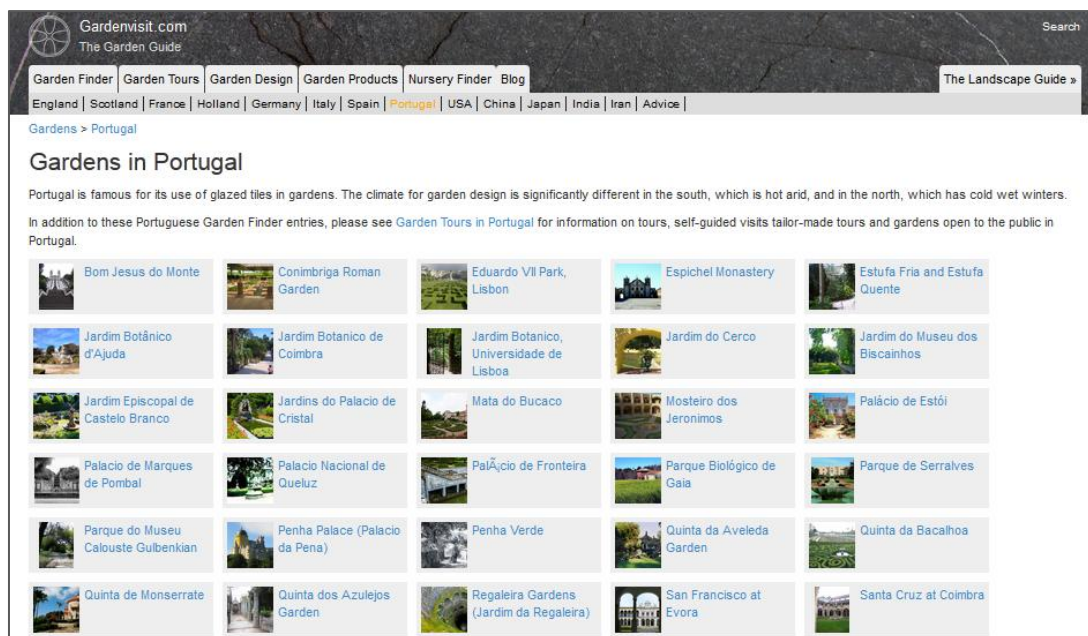
Nem só em *sites* portugueses é feita a divulgação dos jardins nacionais. O *GardenVisit*<sup>190</sup> (*The Garden and Landscape Guide*), o *site* internacional especializado de maior relevância que, para além de informações acerca de jardins, produtos para jardins e jardinagem, história e teoria, arquitetura paisagista, dispõe ainda de uma base de dados de jardins e viveiros de todo o mundo e recomenda *garden tours* não só para Portugal mas por todo o mundo em forma de *short break* ou *weekend away*. O potencial cliente tem à escolha um conjunto de informação relativa a jardins, por cada país que se encontra listado (40 países fazem parte desta lista) ligados pela *Garden Finder database* do *site*. Portugal integra esta base, atualmente com 30 jardins referenciados para visita (Figura VI.10).

Contudo, o *GardenVisit* não vende, apenas reúne a informação por país e sugere/recomenda os *tours* e depois, através de *link* a operadores turísticos, é concretizado o processo da venda/compra. Para o caso de Portugal está, de forma recorrente, disponível um *garden tour* na Madeira, que é comercializado por outra empresa, a *Brightwater Holidays*. Em 2016, a revista *Hortus* também aqui publicitou um *tour* para a Madeira.

---

<sup>189</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da Solares de Portugal (2015).

<sup>190</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do *GardenVisit* (2016). Este *site* foi galardoado em 2013 com o prémio *Best Garden Tourism Website* (Melhor *Website* de Turismo de Jardins), atribuído durante a *Garden Tourism Conference* em Toronto (Canadá) (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Garden Tourism Conference*, 2013).



Fonte: *GardenVisit* – endereço eletrônico (2016)

Figura VI.10: Jardins portugueses recomendados pelo *GardenVisit*

Para além destas entidades, que cumprem um papel mais informativo ao nível da divulgação e promoção dos locais e do recurso, do que propriamente na venda do produto, existem ainda um conjunto de operadores turísticos que divulgam e “comercializam” os jardins, não sendo uma atividade exclusiva de entidades e empresas portuguesas, pois através da investigação efetuada pôde-se constatar que também operadores estrangeiros organizam este tipo de programas/roteiros/*tours* no nosso país.

### 6.2.1.1. Os *tours* e percursos nacionais e internacionais

Uma pesquisa feita na internet de carácter exploratório, durante o período temporal que decorreu entre final de 2011 a 2016, através da inserção, no motor de busca *Google*, das expressões em língua portuguesa “*tours* de jardins em Portugal” e “turismo de jardins em Portugal”, em língua inglesa “*garden tours in Portugal*” e “*garden tourism in Portugal*” e francesa “*tours des jardins aux Portugal*” e “*tourisme des jardins aux Portugal*”, revelou que existe um importante conjunto de operadores turísticos, nacionais, mas sobretudo internacionais, que “vendem” o produto turismo de jardins em Portugal, em forma de férias especializadas e direcionadas para o público específico e típico consumidor de jardins, as *garden holidays*, ou como oferta secundária enquanto complemento nos roteiros/*tours* multiatividades. Estes constituem produtos que, pela forma como são apresentados, apelando



à beleza da paisagem e riqueza natural, mas, ao mesmo tempo, cultural, arquitetónica e patrimonial, se enquadram, no nosso ponto de vista, na esfera do *touring* cultural e paisagístico, como de resto já foi mencionado no início do capítulo.

As expressões atrás referidas permitiram identificar um leque de pouco mais de 30 operadores que promovem e vendem o produto em países como Inglaterra, França, Austrália, Nova Zelândia, Canadá ou EUA para além de Portugal, totalizando uma oferta de mais de 50 pacotes/rotas/percursos de *garden tourism* no país neste período temporal, e apenas os que têm a visita a jardins como componente principal, excluindo-se os programas/*tours* que combinam um conjunto diversificado de atividades (Quadro AII.21), não sendo de rejeitar, contudo, a possibilidade da existência de outros percursos que não entrem no circuito global de divulgação *online*, ou que a pesquisa não reconheceu.

A análise da informação recolhida permite reconhecer, em traços largos, dois tipos de operadores. Os que, neste intervalo de tempo disponibilizaram de forma esporádica *tours* de jardins, ou seja, que ocorreram apenas em um ou dois anos, e outro grupo, a maioria, que de forma ininterrupta vem disponibilizando por vários anos um ou mais *tours*.

Verifica-se que o número de programas se tem cifrado na ordem dos 30, com uma oscilação positiva em 2013 (fruto dos *tours* esporádicos que ocorreram) e um pouco negativa em 2015 (Figura VI.11), e ainda que alguns operadores têm igualmente, não só aumentado, como diversificado o destino dos roteiros. A análise detalhada de cada um dos programas permitiu, através da sua distribuição territorial, delimitar três grandes áreas de destino destes *tours* e, por consequência, identificar as áreas de maior potencial de desenvolvimento de turismo de jardins em Portugal que são a região de Lisboa/Sintra, o Norte e a Madeira, destinos presentes em 51%, 32% e 23% dos *tours* respetivamente (36%, 23% e 16% sobre o total de ocorrências) (Figura VI.12). Lisboa/Sintra e a Madeira são os principais destinos singulares destes programas. A este respeito note-se que recentemente a Madeira foi considerada um dos 10 melhores destinos de férias de jardins (*the best garden holidays*) pelo *Telegraph* (ANDRES, 2016)<sup>191</sup>.

A maioria dos programas que se lhe destinam centra-se num conjunto específico de jardins-chave que se repetem na grande maioria dos roteiros de jardins<sup>192</sup> (Quadro VI.3). A

---

<sup>191</sup> No *TOP 10 The best garden holidays*, a Madeira figura ao lado de destinos como *The Italian Lakes*, *Riviera*, *Capability Brown*, *Netherlands*, *Japan*, *Andalusia*, *South Africa*, *Year of the English Garden* e *Bordeaux cruise* (ANDRES, 2016).

<sup>192</sup> Foram apenas considerados os roteiros que apresentam programas detalhados, num total de 41. Não foram tidos em conta os roteiros que incidiam numa pequena área específica e aqueles cujos programas não dispunham de um nível suficiente de pormenorização que permitisse a sua análise.

sobrerrepresentação destas três áreas não será de estranhar uma vez que é nestas três regiões que, por motivos histórico-culturais e naturais, se concentra o maior número de jardins (ponto 4.2.2. do capítulo IV).

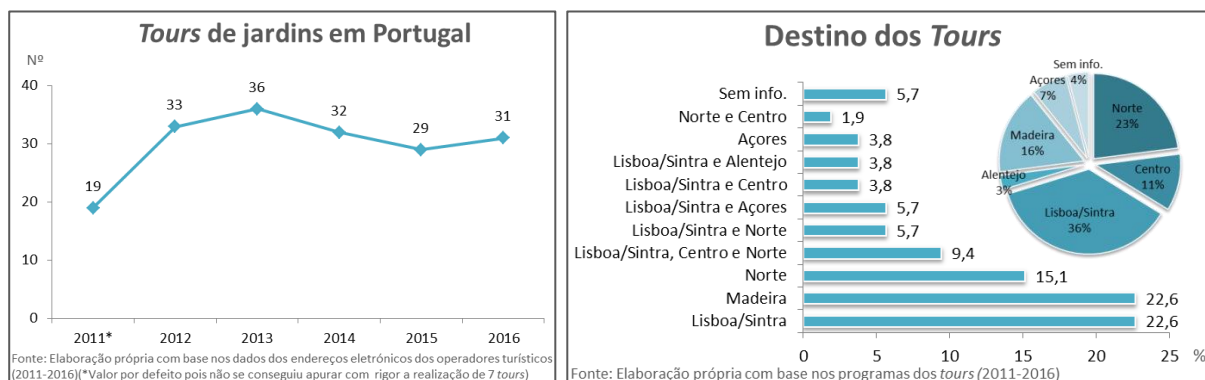


Figura VI.11 e VI.12: Evolução e destino dos *tours* de jardins em Portugal (2011-2016)

Na área de Lisboa/Sintra, o primeiro grande destino de jardins em Portugal, o Parque de Monserrate e os jardins do Palácio Nacional de Queluz são os que se destacam, com uma representatividade de 50% e 54% respetivamente, no conjunto de programas analisados para Portugal Continental (total de 28), seguidos do jardim do Palácio Fronteira e da Quinta da Regaleira, presentes em 46% e 43% dos *tours*. Na região Norte, o Parque de Serralves e os jardins da Quinta da Aveleda constituem ponto de visita em cerca de 32% dos percursos. A Ilha da Madeira, considerada um *garden destiny* por excelência, é o segundo destino com mais programas disponibilizados, num total de 11. São paragem obrigatória o Jardim Botânico da Madeira (em 82% dos roteiros), seguido da Quinta do Palheiro Ferreiro, estando presente em cerca de 64% dos programas disponíveis.

Para além do destino Portugal, alguns programas englobaram também a Espanha, aludindo às características particulares e únicas dos jardins mediterrâneos, nomeadamente às influências islâmicas que os diferenciam dos demais jardins europeus e mundiais, e por isso atrativos à visita, como atestam os vários operadores.

Do conjunto destes roteiros/*tours*, cerca de 40% são livres, ou seja, realizam-se em data a definir pelo cliente. Contudo, é também amplo o espectro de roteiros calendarizados para as várias épocas do ano, que não somente a primavera, embora esta domine (34%), e também para datas específicas e eventos particulares como a Festa da Flor na Madeira (Figura VI.13).

Quadro VI.3: Representatividade dos principais jardins nos programas analisados, por região

Região	Jardins	Nº Tours	%
<b>Norte</b>	Casa dos Biscainhos	6	21,4
	Bom Jesus do Monte	6	21,4
	Casa do Campo	7	25,0
	Casa de Mateus	7	25,0
	Quinta da Avelada	9	<b>32,1</b>
	Parque de Serralves	9	<b>32,1</b>
<b>Centro</b>	Jardim Botânico de Coimbra	6	<b>21,4</b>
	Buçaco	5	17,9
<b>Lisboa/ Sintra</b>	Jardim do Palácio Fronteira	13	<b>46,4</b>
	Jardim Botânico da Ajuda	6	21,4
	Jardim Botânico da F. C. de Lisboa	7	25,0
	Estufa Fria/Quente	10	35,7
	Fundação Calouste Gulbenkian	6	21,4
	Quinta da Regaleira	12	<b>42,9</b>
	Parque da Pena	9	32,1
	Parque de Monserrate	14	<b>50,0</b>
	Jardins do Palácio de Queluz	15	<b>53,6</b>
<b>Madeira</b>	Jardim Botânico da Madeira	9	<b>81,8</b>
	Quinta das Cruzes	5	45,5
	Quinta da Boa Vista	4	36,4
	Quinta do Arco	4	36,4
	Quinta do Palheiro Ferreiro	7	<b>63,6</b>
	Quinta da Palmeira	4	36,4
	Jardim Tropical Monte Palace	5	45,5
<b>Açores</b>	Parque Terra Nostra	5	<b>100,0</b>
	Jardim António Borges	5	<b>100,0</b>
	Jardim José do Canto	5	<b>100,0</b>
	Jardim de Santana	4	80,0

Fonte: Elaboração própria com base nos programas dos *tours* (2011-2016)

Os programas analisados têm uma duração variável, de um mínimo de um dia a um máximo de 25 dias, verificando-se nos operadores estrangeiros programas com maior duração, de vários dias, e com menor duração, frequentemente de um dia apenas, nos operadores portugueses. Tendo em conta a informação disponível (Quadro AII.21), o período de uma semana é o padrão de duração mais comum neste conjunto de *tours* disponíveis entre 2011 e 2016 (Figura VI.14). Os roteiros de maior duração, 22 e 16 dias, foram justamente dois dos que incluíam Espanha no programa. Já os roteiros com menor tempo são os que se realizam apenas numa área específica, nomeadamente Lisboa e Madeira, e são disponibilizados por operadores nacionais.

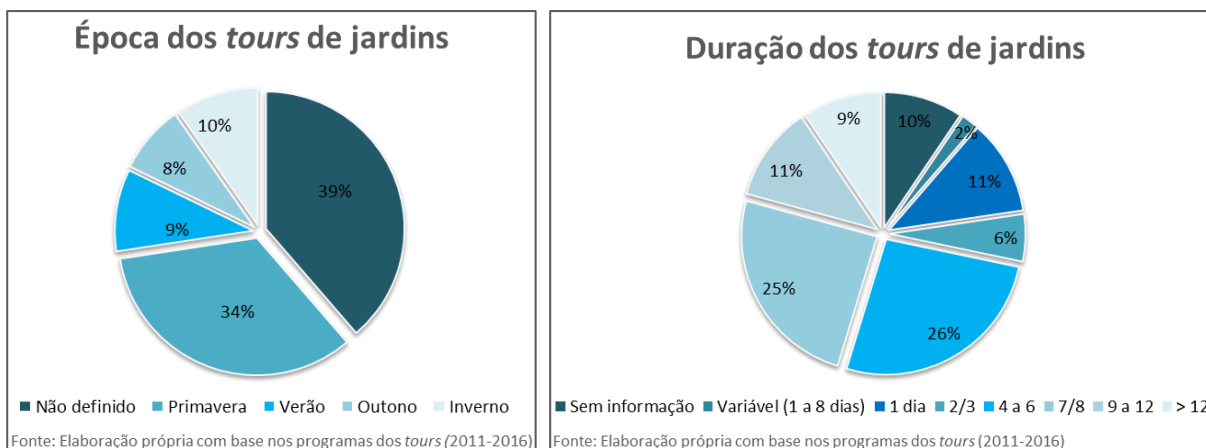


Figura VI.13 e VI.14: Época e duração dos *tours* de jardins

Note-se que não obstante este *tours* especificamente direcionados, os jardins portugueses, mormente aqueles que com maior frequência surgem nestes programas, integram um infundável número de percursos nacionais e internacionais que incluem outras atrações culturais.

#### 6.2.1.2. Os eventos e as festas (das flores e dos jardins) nacionais

Nos roteiros analisados em que estava pré-definida uma data para a realização dos *tours*, pode-se constatar que, naqueles cujo destino é a Madeira, há uma estreita relação com a época de realização da Festa da Flor. Esta realidade vem atestar a importância de eventos sustentados por esta temática na atração de visitantes e que vai ao encontro da definição de turismo de jardins avançada por THOMAS *et al.* (1994) que engloba neste produto todas as situações que estejam relacionadas com jardins desde os *tours*, aos festivais de jardins e aos eventos especiais.

No ponto anterior foram abordados os *tours* de jardins existentes em Portugal mas a estes acrescentam-se ainda alguns eventos que se realizam com base nesta temática e que constroem a globalidade do produto de turismo de jardins no país.

Já se havia referido eventos internacionais que não só proporcionam uma procura turística pelo produto em causa, como também apresentam consequências que se repercutem em toda uma atividade turística e em todo um território, modificando-o até. Alguns confundem-se mesmo com a imagem criada destes, contribuindo para a afirmação de determinados territórios neste produto (ponto 5.3.2.2. do capítulo V).

Também a nível nacional a temática dos jardins e das flores é materializada na realização de eventos, festas e festivais que concorrem não só para a afirmação e divulgação

dos territórios e na associação a uma imagem, como chamam à atenção para a temática jardins e para a forma como através destes eventos conseguem atrair milhares de visitantes e proporcionar efeitos económicos bastante positivos, corroborando a tendência de que os territórios, hoje mais do que nunca, assentam as suas estratégias de desenvolvimento e promoção nos recursos endógenos, naquilo que melhor os caracteriza e identifica. Daí que venha sendo profusamente usada por alguns territórios, desde há décadas, e que constituem mesmo já uma marca identificativa dos mesmos.

A Festa da Flor da Ilha da Madeira<sup>193</sup> será porventura um dos eventos do género mais conhecidos e com maior atratividade, pela grandiosidade do espetáculo concebido como dos elementos que lhe dão forma, as várias espécies de flores que povoam e coroam a ilha, e que nestes dias são mostradas e valorizadas, sob diversas formas, a todos quantos ali se deslocam com o propósito único de assistir às festas para além dos próprios madeirenses. O ponto alto é o desfile composto por diversos carros alegóricos enfeitados pelas exuberantes e perfumadas flores (Figura VI.15), complementado pelas mais variadas manifestações artísticas e culturais, tendo MARUJO (2012, 2014a) concluído que são justamente o *cortejo da flor* e a *exposição da flor* as manifestações que mais satisfazem o turista. O cenário montado, a nível tanto visual como olfativo, corresponde na íntegra ao *slogan* que acompanha desde há muito esta festa, “Madeira, o jardim do Mundo”.



Fonte: Funchal Notícias – endereço eletrónico (2016)

Figura VI.15: Festa da Flor da Madeira (2016)

Segundo MARUJO (2012, 2014a), *conhecer a cultura da festa* (65%) e a *participação num evento especial* (32%) são as duas grandes razões apontadas pelos turistas para a

<sup>193</sup> A Festa da Flor da Madeira, com origem na Festa da Rosa (1959), é realizada desde 1979, ocorre anualmente sob pretexto da celebração da primavera e pretende homenagear as flores da Madeira através de diversas manifestações culturais. Este evento foi, em 2013, considerado pela *National Geographic* como um dos melhores destinos da primavera de 2013 (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *VisitMadeira*, 2015).

participação na Festa da Flor pela primeira vez. Já os que regressam mencionam essencialmente as *atrações culturais* (21%) e o *ambiente da festa* (10%). O *gosto pelas flores* surge mais destacado no grupo que visita pela primeira vez (9%).

Este evento tem vindo a adquirir um protagonismo que extrapola os limites regionais, pelo que se transformou num dos principais cartazes turísticos da ilha. Note-se que a autora citada apurou que são sobretudo os turistas seniores estrangeiros que visitam a Festa (51% entre 60-69 anos e 32% com idade igual ou superior a 70 anos; 22% provenientes do Reino Unido, 20% da Alemanha, 12% da Holanda e 11% de Portugal e França).

A importância deste evento está espelhada nos números consideráveis que apresenta tanto a nível financeiro, como em termos de matéria-prima (flores) ou humanos. Na edição de 2016 foram investidos 320 mil euros (+1,6% que em 2015) e envolveu 3.160 pessoas (FN, 2016). São milhares os visitantes que acorrem a este evento todos os anos<sup>194</sup>, pelo que as taxas de ocupação hoteleira da Madeira e do tráfego aéreo e marítimo de passageiros nesta altura do ano, também são elevadas.

De acordo com os resultados de sondagens realizadas às taxas de ocupação hoteleira durante os eventos de animação turística da Ilha, a Festa da Flor tem consolidado a sua importância, sendo mesmo o evento que desde 2008 ocupa a posição cimeira (apenas suplantada em 2009 pela Festa de Fim de Ano). Em 2016, durante este evento, foi registada uma taxa de ocupação de 93,2% (Figura VI.16).

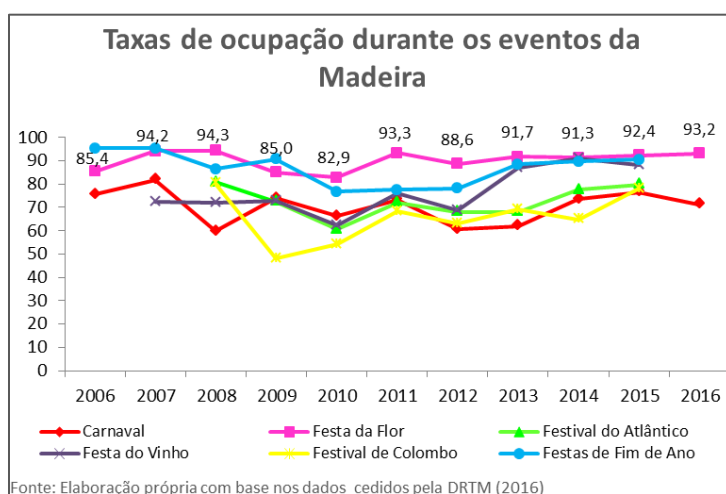


Figura VI.16: Taxas de ocupação hoteleira durante os eventos da Madeira

<sup>194</sup> Apesar de não existirem estatísticas concretas sobre os visitantes deste evento, sabe-se que são muitos milhares. Por ocasião da Festa da Flor 2016, uma responsável pelo Turismo da Madeira, revelou que eram esperadas cerca de 100 mil pessoas, acrescentando ainda que só o Pavilhão da Flor é visitado, em média, por 50/60 mil pessoas todos os anos (RTP1, 2016).

É nesta altura que se registam também grandes quantitativos de hóspedes e dormidas, bem superiores à época do Natal e Fim de Ano, só suplantados pelos números registados no pico do verão (Figura VI.17). Em relação ao tráfego de passageiros, tanto no aeroporto como nos portos da Madeira (momento do Funchal), o mês de realização da festa<sup>195</sup> tem sido, nestes últimos anos, um dos meses do ano mais importantes em termos de chegadas de passageiros, ocupando os lugares cimeiros como é possível verificar na Figura VI.18, mantendo-se próximo dos valores registados nos meses de verão e suplantando em muito o mês de dezembro, considerado também um dos momentos altos do panorama turístico da Ilha.

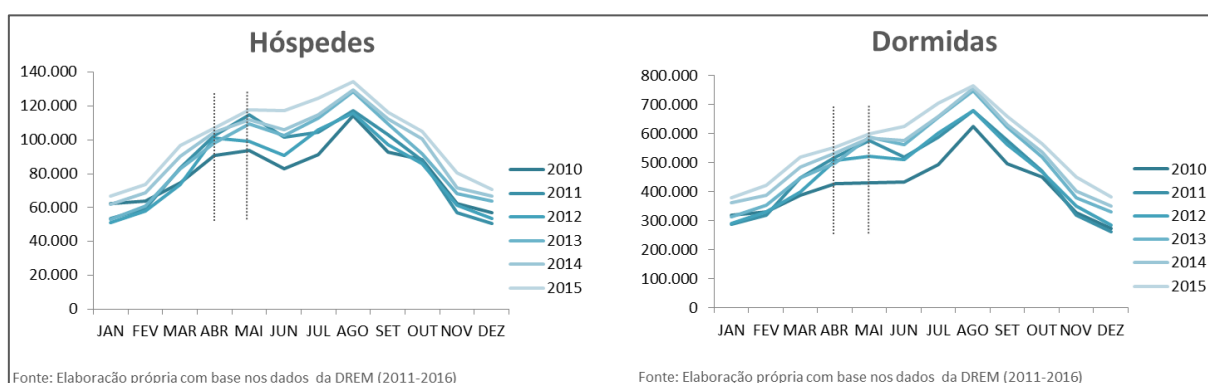


Figura VI.17: Evolução sazonal dos hóspedes e dormidas nos estabelecimentos hoteleiros da Madeira (2010-2015)

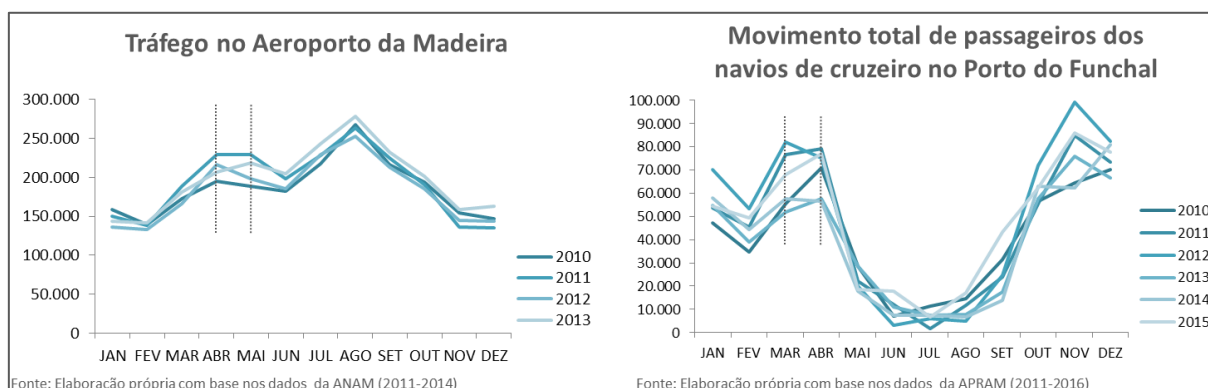


Figura VI.18: Evolução sazonal do movimento de passageiros no Aeroporto da Madeira (2010-2013) e no Porto do Funchal (2010-2015)

<sup>195</sup> A Festa da Flor realiza-se duas semanas depois da Páscoa pelo que o mês da sua realização alterna entre abril e maio (abril – 2009, 2010, 2013, 2015 e 2016; maio – 2011, 2012, 2014).

Em Ponte de Lima<sup>196</sup> há mais de uma década ocorre o Festival Internacional de Jardins<sup>197</sup>. Embora não goze da promoção feita aquando da Festa da Flor, revela crescente notoriedade internacional tanto no que diz respeito aos visitantes como aos projetos a concurso<sup>198</sup>.

Este festival integra a Rede Europeia de Festivais de Jardins onde constam os festivais de *Chaumont-sur-Loire* (França) e o *der Gärten* (região de *Kamptal*, Áustria), tendo sido inspirado no de França, e onde se pretende combinar arte com a questão ambiental. Com uma temática diferente<sup>199</sup> todos os anos, o festival tem como objetivos contribuir para uma maior sensibilidade para a arte e criação dos jardins, assim como para o aumento da importância dos mesmos e dos espaços verdes na melhoria e no aumento da qualidade de vida dos cidadãos, criando um movimento que aproxime as flores, as plantas e arte ao espaço urbano e simultaneamente uma força de conservação e enaltecimento dos valores paisagísticos ligados ao espaço rural, para além de procurar despertar a criatividade, a originalidade e a imaginação de participantes e visitantes, sendo para tal selecionados todos os anos onze/doze novos jardins<sup>200</sup> que ficam sujeitos à votação do público (CMPL, 2015).

---

<sup>196</sup> De referir a importância e a tradição de Ponte de Lima, considerada um exemplo no que diz respeito a espaços verdes, ambiente e qualidade de vida, já que venceu o Concurso Nacional de Vilas e Cidades Floridas por três vezes, para além de ter ganho as medalhas de prata e de bronze no Concurso de Vilas e Cidades Mais Floridas da Europa (1999 e 2000) motivando a aposta neste setor (informação disponibilizada no endereço eletrónico do Festival, 2015).

<sup>197</sup> Também na Madeira se realizou em 2012/2013 o Festival de Jardins do Funchal à semelhança deste. Neste festival podiam participar residentes, jardineiros, artistas, comerciantes locais que, de forma individual ou coletiva tinham como tarefa criar mini-jardins, responsabilizando-se por eles durante 11 meses, e aos quais foram atribuídos prémios por um júri. Os objetivos, para além da promoção dos jardins, dos espaços abertos e da flora única do Funchal, passavam também por dinamizar o comércio regional no setor de jardins e espaços exteriores, criar novas oportunidades de negócio na área da jardinagem e paisagismo, promover e divulgar a qualidade ambiental da cidade do Funchal e contribuir para a animação e valorização da sua zona histórica. Em simultâneo com o certame, a Câmara Municipal do Funchal organizou um programa de outras atividades relacionadas com a temática de jardins, de forma a garantir um fluxo de visitantes diversificado e constante ao longo do ano (informação disponibilizada no endereço eletrónico da Câmara Municipal do Funchal, 2012).

<sup>198</sup> Este festival foi reconhecido como o Festival do Ano de 2013 no âmbito do Prémio *Garden Tourism Awards*, integrado no evento internacional *2013 North American Garden Tourism Conference* (Toronto/Ontário) e finalista dos Prémios Novo Norte, na categoria Projetos Criativos (informação disponibilizada no endereço eletrónico da *Garden Tourism Conference*, 2013).

<sup>199</sup> A 1ª edição ocorreu em 2005 sem temática definida, tal como em 2006, em 2007 o festival apresenta-se sob o tema “O Lixo na Arte dos Jardins”, 2008 – “Energias no Jardim”, 2009 – “As Artes no Jardim”, 2010 – “Kaos no Jardim”, 2011 – “A Floresta no Jardim”, 2012 – “Jardins P’ra Comer”, 2013 – “Jardim dos Sentidos”, 2014 – “Jardins em Festa”, 2015 – “Água no Jardim”, 2016 – “Jardins do Conhecimento”, estando já definido o tema para 2017 – “Jardim das Descobertas” (informação disponibilizada no endereço eletrónico do Festival, 2015).

<sup>200</sup> Todos os anos o desafio é lançado a todos aqueles que queiram participar, desde arquitetos, paisagistas, pintores, carpinteiros, administrativos e outros criadores. Para tal apenas é necessário que apresentem uma proposta criativa, original e inovadora que visem sobretudo a sensibilização da defesa do ambiente e a preservação do património ambiental (CMPL, 2015).



Anualmente, de maio a outubro, milhares de visitantes descobrem um conjunto de jardins diferentes, sob égide da temática definida, que pretendem realçar as diferentes perspetivas e formas de estar perante esta arte que é a construção de jardins efémeros, e que tem crescido de ano para ano tanto em dimensão como em número de visitantes. Há muito ultrapassada a barreira dos 100 mil anuais, depois de ter começado com 60 mil visitantes em 2005, nos últimos anos tem-se mantido nos 105 mil, o que representa um aumento de 75% desde a 1ª edição (Figura VI.19). As candidaturas provêm de vários países do Mundo, mormente europeus, muito embora se destaque a origem nacional dos jardins selecionados (45%), seguida da Espanha (12%), Áustria (9%) e França (8%) (CMPL, 2015).

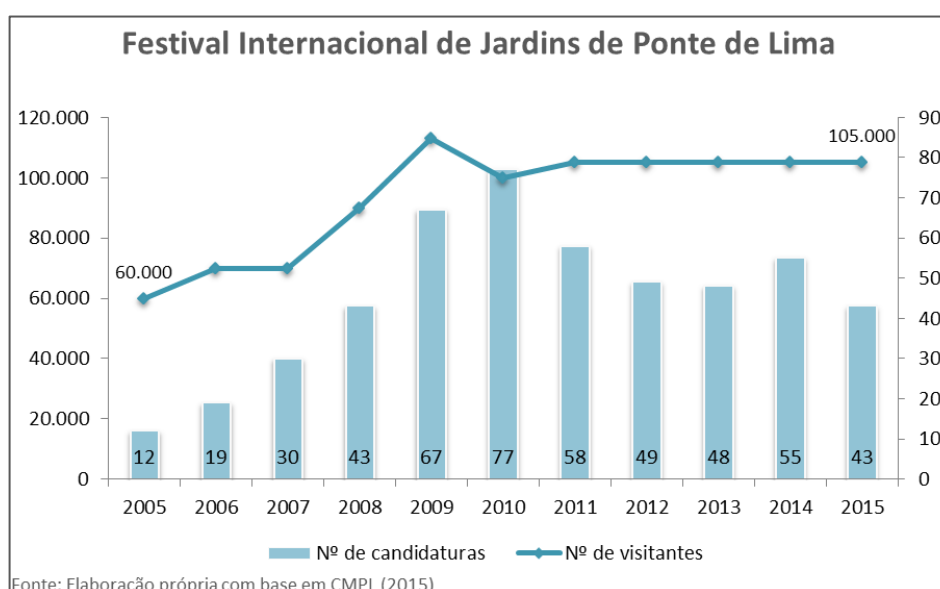


Figura VI.19: Evolução dos visitantes e das candidaturas do Festival Internacional de Jardins em Ponte de Lima (2005-2015)

A uma dimensão mais regional, não se poderia deixar de referir ainda o Festival Internacional de Camélias de Lousada<sup>201</sup> que, em 2016, contou com cerca de 7 mil visitantes, entre especialistas e apreciadores de camélias, distribuídos pelas várias atividades que ocorreram como os prémios atribuídos às melhores camélias, os diversos *workshops*, a visita aos jardins de camélias e o desfile de camélias em *body painting* (CML, 2016) (Figura VI.20).

Para além destes, com uma maior projeção a nível nacional e internacional, outros eventos vão surgindo de forma contínua ou pontual, com uma dimensão mais restrita e uma

<sup>201</sup> Este Festival é promovido pela Câmara Municipal da Lousada em parceria com a Associação Portuguesa de Camélias desde 2010. Desde o mercado das camélias, a passeios pelos jardins de camélias do concelho, a desfiles de moda, ao chá das camélias e ainda a palestras e fóruns sobre camélias, ao que se junta uma animação cultural constante, são várias as atividades que o certame disponibiliza aos visitantes (CML, 2016).

importância mais local e regional como festas, festivais, exposições<sup>202</sup> que vão tomando o seu lugar e contribuem para o avolumar deste tipo de eventos relacionados com o tema.



Fonte: Autora (2016)

Figura VI.20: Festival Internacional de Camélias de Lousada (2016)

Ainda no Continente, com uma dimensão transfronteiriça, embora a natureza da matéria-prima seja diferente, mas igualmente com uma grande capacidade atrativa, não poderíamos deixar de mencionar dois eventos particulares e talhados nos mesmos moldes. Falamos das Festas do Povo de Campo Maior, nomeadamente a Festa da Flor e a festa “Ruas Floridas” de Redondo, onde a flor de papel impera. Trata-se de uma dimensão diferente do evento da Madeira, até porque o elemento principal, a flor, deixa de ser natural e é substituída pelo artificial, criado e moldado pela fértil imaginação dos moradores. As flores de papel são dispostas em “tapetes aéreos” que cobrem os céus das ruas<sup>203</sup>.

Estes dois eventos atraem milhares de visitantes e constituem um dos elementos estratégicos desta região deprimida económica e socialmente<sup>204</sup>, envelhecida e pressionada

<sup>202</sup> São exemplo a Exposição de Camélias do Porto e Celorico, a Exposição de Orquídeas e de Rosas de Lousada, a Festa da Flor de Coimbra e de Lisboa ou a Feira dos Jardins e Espaços Verdes de Ponte de Lima. Não obstante existirem outros eventos e manifestações, em particular de cariz religioso, que embora não sejam eventos relacionados com flores de forma direta, utilizam-nas como matéria-prima construindo tapetes florais, andores ou outros artificios bastante atrativos (ex.: Festa do Corpo de Deus em Caminha, Vila do Conde ou em São Pedro de Rates – Póvoa do Varzim, Festa em honra dos Santos Populares em Fânzeres – São Pedro da Cova, Festa das Tochas Floridas em São Brás de Alportel, Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres em Ponta Delgada, Festa das Cruzes em Barcelos, Festa de Santa Cruz e Andores Floridos em Alvarães – Viana do Castelo ou a Festa dos Tabuleiros em Tomar).

<sup>203</sup> Em Campo Maior, em 2015, foram 100 as ruas decoradas com mais de 20 toneladas de papel por seis mil pessoas, no Redondo foram 41 as ruas enfeitadas por cerca de 500 pessoas (informação disponibilizada no endereço eletrónico da Câmara Municipal de Campo Maior e de Redondo, 2015).

<sup>204</sup> Em Campo Maior, o atual modelo das Festas do Povo realizou-se até hoje por 20 vezes e, em apenas 15 anos, entre 1989 e 2004, o número de visitantes duplicou. Segundo um estudo elaborado pela Universidade de Évora, as Festas do Povo que tiveram lugar em 2004, levaram a Campo Maior cerca de 2 milhões de pessoas (em 1989 alcançou-se 1 milhão, 1998 e 2000 contaram com 1,5 milhões), vindas de todo o país, de Espanha, da comunidade emigrante e até mesmo de outros países europeus, e Campo Maior sentiu um impacto de quase 12% do volume de vendas anual do setor de alojamento e restauração e 400% no que diz respeito ao volume de vendas diárias (AFPCM, 2011a). A edição realizada em 2011 atraiu a esta cidade cerca de 1,5 milhões de pessoas, beneficiou de uma verba provida do setor público de 190.000€ (253.000€ em 2004) e o lucro cifrou-se nos 1.090.200€ (AFPCM, 2011b). A edição de 2015 atraiu igualmente mais de um milhão de visitantes. Estima-

pelo abandono dos jovens, revestindo-se de grande importância económica e estratégica pois, para além do reforço de sentimento de pertença, a dimensão que os eventos têm adquirido têm contribuído para estimular a economia na promoção dos pequenos negócios tradicionais e representam uma manifestação de afirmação identitária, durante a qual são postos em evidência inúmeros aspetos culturais desta região.

De forma conclusiva, poder-se-á afirmar que os eventos relacionados com jardins têm vindo a crescer tanto em número como em dimensão. A temática é cada vez mais popular e por isso atrai mais aficionados. Os efeitos a nível económico e territorial são evidentes.

### **6.3. A procura turística de jardins em Portugal**

Em Portugal, o turismo de jardins constitui um segmento embrionário, pouco divulgado e explorado e menos ainda estudado, como se referiu. E trata-se de um segmento embrionário não por falta de mercado. Ele existe e os exemplos que fomos dando e que avançaremos dão conta disso de forma inequívoca. Trata-se sim de uma questão de desconhecimento geral e da falta de aposta neste segmento em termos de desenvolvimento e promoção de um produto estruturado, como mais à frente os próprios proprietários/responsáveis confirmarão (capítulo VII). No entanto, à parte desta apatia geral relativamente ao produto, há territórios e operadores há muito familiarizados com o segmento.

No que diz respeito à procura turística dos jardins e eventos relacionados verificamos que os dados não estão organizados, os que estão disponíveis não estão compilados, são escassos e referentes a casos pontuais. Em particular no que se refere aos visitantes dos jardins, nem a APJH dispõe do número total de visitantes dos jardins associados, nem o Instituto Nacional de Estatística (INE) tem essa informação reunida devido, em grande parte, ao facto dos jardins serem privados e não estarem referenciados como locais turísticos, embora recebam visitantes. Outros, são jardins públicos com acesso livre e portanto sem qualquer controlo de entradas, ou ainda porque alguns estão associados a determinado monumento ou museu e, por isso, os números não são separados mas antes incluídos no total de visitantes de determinado lugar, sendo frequente a modalidade do bilhete incluir o monumento e jardim (SILVA & CARVALHO, 2013).

---

se que o impacte económico das Festas do Povo tenha efeitos num raio de 100 km em torno de Campo Maior, consideradas um evento importante na dinamização da economia e economia local, gerando receitas importantes para vários setores do concelho de Campo Maior e Região do Alentejo (AFPCM, 2011a).

Na vila de Redondo, com uma tradição que remonta a 1838, de 2 em 2 anos e sistematicamente desde 1998, as várias ruas enfeitadas pelas vistosas flores de papel atraem milhares e, segundo os números divulgados, a edição de 2015, com um orçamento cerca de 170 mil euros, teve uma afluência de mais de 500 mil visitantes (informação disponibilizada no endereço eletrónico da Câmara Municipal de Redondo, 2015).

Os únicos dados que o INE disponibiliza com relação às visitas a jardins surgem agrupados na categoria *jardins zoológicos, botânicos e aquários*, onde, para além de serem tratados em conjunto com mais duas rúbricas (aquários e zoos), são restritos aos jardins botânicos nacionais. Admitindo que em 1961 estava englobado o zoológico de Lisboa e mais dois botânicos, já se estava perante um quadro de visita superior a meio milhão de pessoas. Esta cifra foi atingida pela primeira vez em 1991 revelando uma trajetória ascendente a partir de então (à exceção de 1992 e 1998) e consolidada nos últimos anos com uma frequência superior a 3 milhões, embora com um número bastante maior de unidades a concorrerem para tal, verificando-se na última década um aumento de 45% (Figura VI.21).

O público escolar corresponde a uma média de 16% (cerca de 470 mil) do público total embora desde 2010 tenha perdido representatividade, não chegando aos 11% em 2014. O público nacional é bastante superior ao internacional que representa cerca de 30%. Embora a tendência seja de crescimento, este conjunto de atrações revela uma certa dificuldade em assumir uma dimensão internacional.

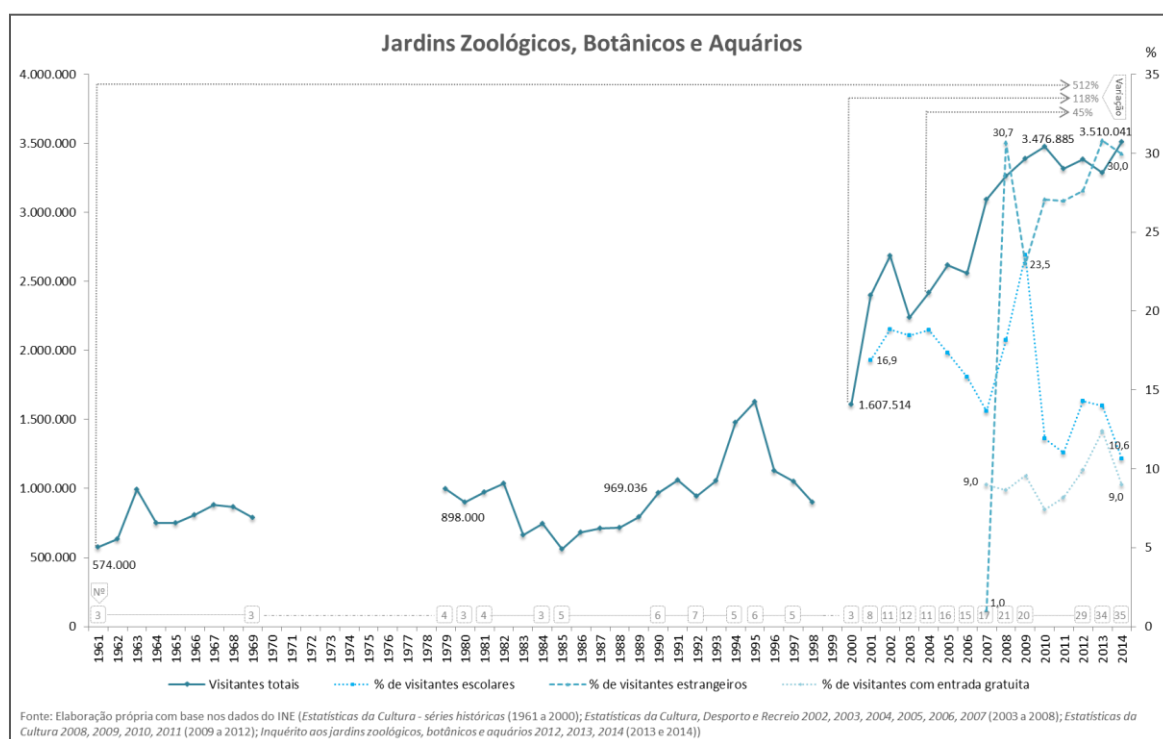


Figura VI.21: Evolução dos visitantes totais de *jardins zoológicos, botânicos e aquários* (1961-2014), percentagem de visitantes escolares (2001-2014), de visitantes estrangeiros (2007-2014) e de visitantes com entrada gratuita (2007-2014)

A partir de 2012, esta categoria passou a ser tratada com base num inquérito próprio (*Inquérito aos jardins zoológicos, botânicos e aquários*) e os dados discriminados e disponibilizados por tipologia, sendo possível apresentá-los apenas para a tipologia *jardim botânico*<sup>205</sup> (Figura VI.22). Repare-se que os visitantes dos jardins botânicos têm uma representatividade de cerca de 25% no total dos visitantes desta categoria que, recorde-se, engloba zoológicos e aquários.

Tendo em conta os dados disponíveis até então, verifica-se um aumento da frequência na ordem dos 7%, assim como do público estrangeiro que representa, em 2014, quase 40% do total de visitantes (323 mil). De notar ainda a quebra do público escolar (-36,5%) que, no último ano analisado, não foi muito além dos 27 mil alunos, cerca de 3%. A este cenário não estarão com certeza alheios o facto de nos últimos anos ter havido uma restrição às visitas de estudo feitas pelas escolas e ainda o encerramento do programa educativo em 2012, centrado nas visitas guiadas, do Jardim Botânico de Coimbra.

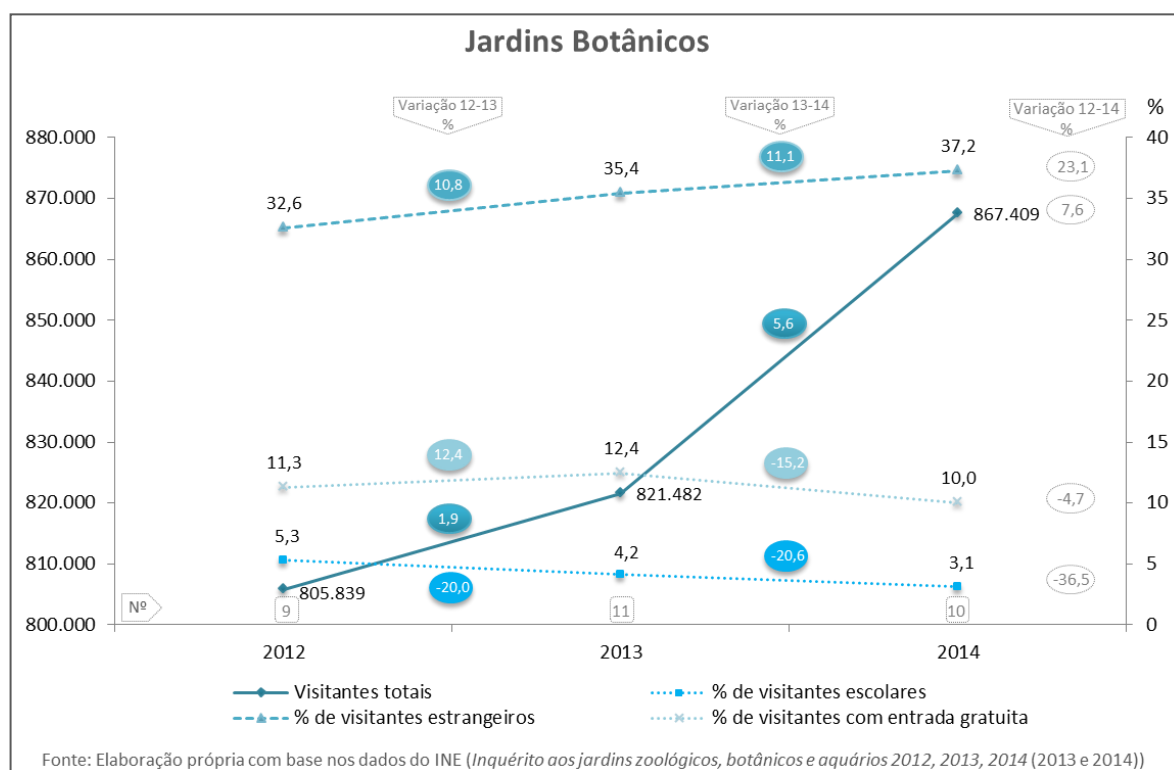


Figura VI.22: Visitantes totais de jardins botânicos, percentagem de visitantes escolares, estrangeiros, de visitantes com entrada gratuita e respetivas variações (2012-2014)

<sup>205</sup> A este respeito o INE foi questionado no sentido de disponibilizar os dados discriminados por tipologia para anos anteriores a 2012, o qual foi negado tendo a instituição esclarecido que "(...) para os anos antes de 2012, o INE não dispõe de informação por tipologia dos Jardins zoológicos, botânicos e aquários. Os dados por tipologia só existem a partir de 2012, ano a partir do qual se alterou a metodologia da operação estatística".

O facto do público escolar ter uma representatividade residual no total de visitantes dos jardins botânicos nacionais, leva-nos igualmente a concluir que estes espaços, pese embora a sua intrínseca vocação educativa e científica, atraem outro público, até em maior proporção, que não somente o escolar. E, embora os números dos visitantes internacionais sejam inferiores aos nacionais, e estes jardins ainda tenham que percorrer um caminho no sentido de aumentar e consolidar a sua internacionalização, certo é que se comprova que estes jardins não atraem apenas público local e público nacional, mas constituem atrações que o mercado internacional valoriza cada vez mais.

Segundo QUINTAL (2009), o principal foco da procura localiza-se na Madeira, aliás o autor faz notar que a ilha possui património com potencial suficiente capaz de a posicionar num nível importante no mercado do *garden tourism*, embora tenha que haver uma rede de jardins públicos e privados de elevada qualidade que garantam uma oferta diversificada, em termos de visitas, do ponto de vista botânico, paisagístico e histórico, a qualificação dos jardins e adaptação aos diversos públicos, a discriminação positiva dos jardins de carácter excecional, a construção de programas com inclusão da Festa da Flor, o desenvolvimento de cursos sobre plantas e jardinagem todo o ano e o impulsionamento da visita aos jardins nos principais meses de inverno (dezembro e janeiro).

Com mais de 30 jardins distribuídos pelas duas ilhas (Madeira e Porto Santo), só os três principais jardins, Jardim Botânico Eng.º Rui Vieira, Quinta do Palheiro Ferreiro e o Jardim Tropical Monte Palace, atraem quase 650 mil visitantes, dos quais mais de 580 mil são pagas, originando uma receita superior a 3,5 milhões de euros (QUINTAL, 2009), destacando-se o Jardim Botânico da Madeira que, entre entradas pagas e gratuitas, contabilizou cerca de 360 mil visitantes em 2015 (JBM, 2016) (Figura VI.23).

Este conjunto de jardins da Madeira será porventura, à luz dos atuais dados conhecidos e disponíveis, o de maior sucesso e visibilidade em termos da conceção destes espaços como territórios de lazer, recreio e turismo, uma vez que há uma promoção conjunta dos jardins com outros pontos turísticos e porque os principais turistas são de nacionalidade inglesa, o público com maior tradição na visita e contemplação de jardins.

Do nosso ponto de vista, e tendo em conta os programas dos *tours* de jardins tratados no ponto anterior, existem ainda mais três importantes polos de atração no território continental. O Norte, onde se localizam jardins notáveis como o Parque de Serralves (Porto) em que a vertente turística está bem presente e desenvolvida, com visitantes anuais superiores a 100 mil, números em muito influenciados pela presença do Museu de Arte Contemporânea que, no espaço, funciona como atração âncora (ponto 8.1.3.1.2. do capítulo VIII). Merecem

destaque ainda a Quinta da Aveleda (Penafiel), uma das mais reconhecidas empresas vitivinícolas nacionais, que realiza visitas guiadas que incluem o passeio pela quinta e jardins, passagem pelo centro de engarrafamento e prova de vinhos e queijos, contabilizando já mais de 20 mil visitantes, ou o jardim do Museu dos Biscainhos com quase 30 mil (Figura VI.24).

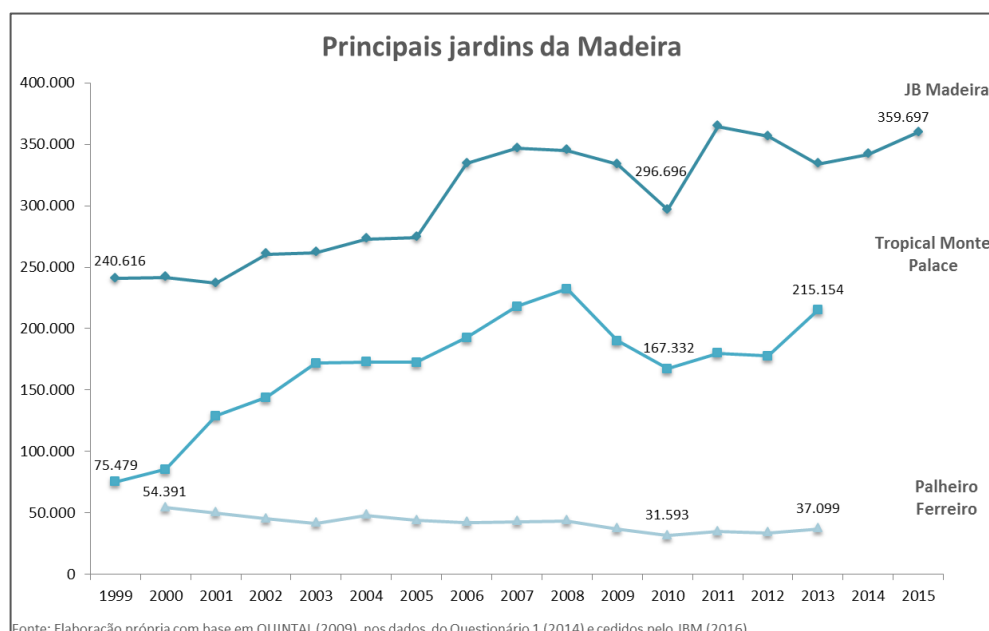


Figura VI.23: Evolução dos visitantes nos três principais jardins da Madeira (1999-2015)

A área de Lisboa, onde se podem encontrar um conjunto diverso de quintas de recreio e jardins de palácios, heranças da realeza e nobreza de outros tempos, para além de jardins botânicos. Em termos de bons exemplos de utilização dos jardins para fins turísticos refere-se a Quinta do Marquês de Fronteira (Lisboa) que realiza igualmente visitas guiadas sob diversos temas, exposições, espetáculos de arte ultrapassando os 13 mil visitantes pagos em 2013 (ponto 8.1.3.1.2. do capítulo VIII), o Parque Monteiro Mor ou o JB Tropical (Figura VI.25).

Por fim, a área de Sintra. A paisagem cultural de Sintra é povoada por um conjunto importante e diversificado de jardins do período romântico que são visitados por milhares ou mesmo milhões de visitantes. Veja-se os casos do Parque da Pena, dos jardins da Quinta da Regaleira ou de Monserrate e Queluz onde se verifica uma evolução positiva no quantitativo de visitantes, à exceção de Queluz com um ligeiro decréscimo (Figura VI.26).

Com uma visível tendência de crescimento, na maioria dos jardins destacados, é de referir ainda a alta percentagem de visitantes estrangeiros, em especial nos da área de Sintra (na casa dos 90% na Pena e acima dos 50% em Monserrate), demonstrando, desta forma, o seu elevado grau de internacionalização.

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

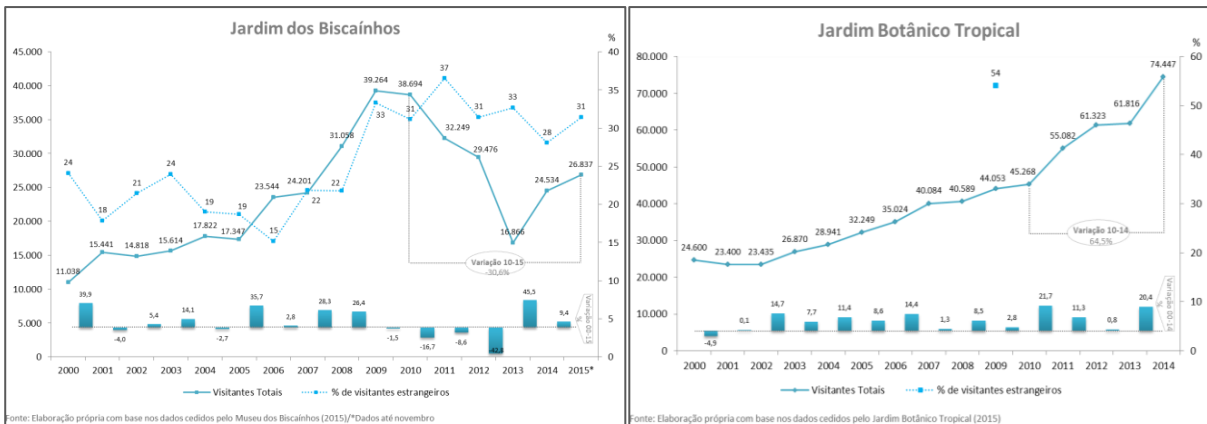


Figura VI.24 e VI.25: Evolução dos visitantes no Jardim dos Biscaínhos e no Jardim Botânico Tropical

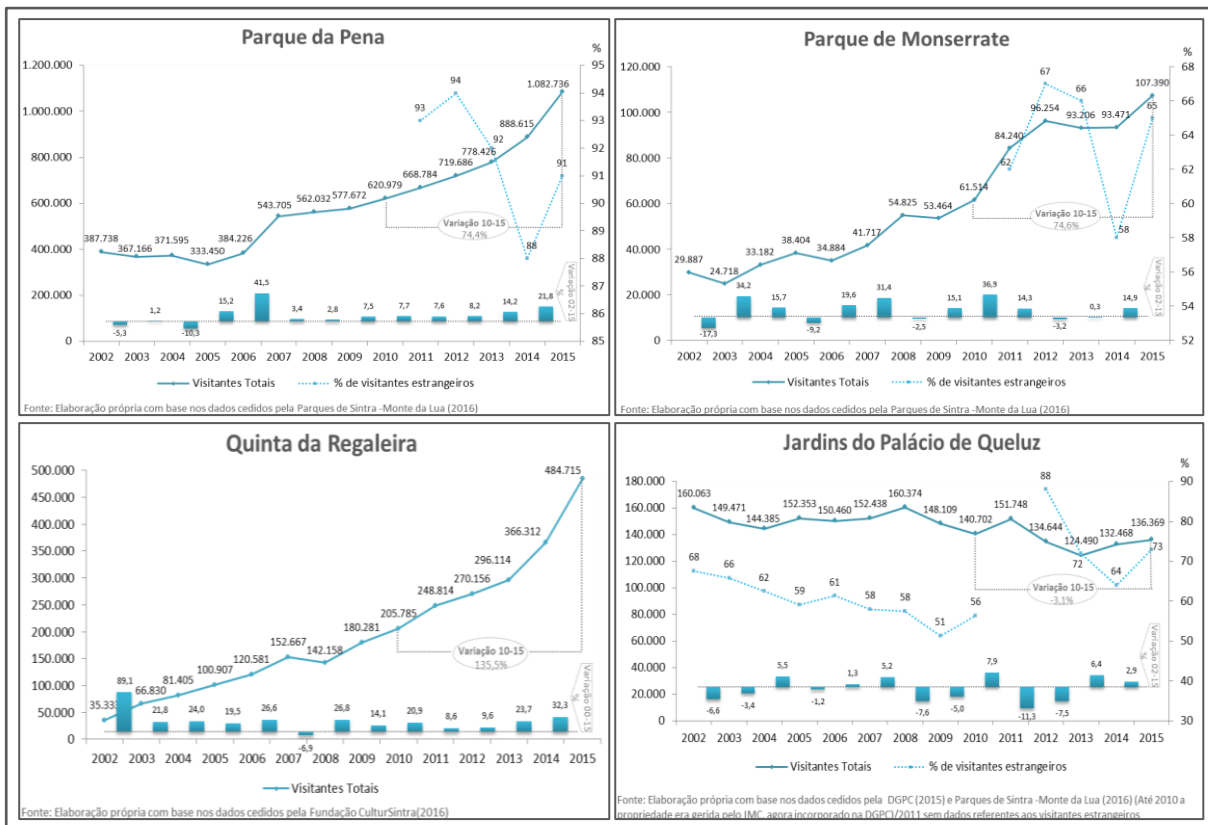


Figura VI.26: Evolução dos visitantes no Parque da Pena e de Monserrate, Quinta da Regaleira e Jardins do Palácio de Queluz

O facto de não existirem dados concretos em relação à frequência total dos jardins em Portugal e os que existem, em termos oficiais, serem demasiado restritos (jardins botânicos), mesmo ao nível de cada jardim os dados são em grande parte das vezes escassos, inacessíveis ou até mesmo inexistentes, não permite fazer uma comparação rigorosa entre jardins e entre



este segmento e outros que existem no país considerados de nicho. Todavia, não podemos ignorar alguns dos números que foram avançados nem deixar de os enquadrar no seio de alguns segmentos da atividade turística (Quadro VI.4). Veja-se, por exemplo, que os visitantes de dez jardins botânicos correspondem a 7,4% do total de visitantes de 392 museus, uma das grandes atrações nacionais. Se se considerarem os quatro grandes jardins da área de Sintra (Pena, Monserrate, Regaleira e Queluz), essa percentagem ascende aos 15,4%. Os cerca de 38 mil visitantes da Aveleda e dos jardins de Fronteira correspondem a mais de metade dos frequentadores do turismo de saúde e bem-estar, cerca de 52 mil. E, só os visitantes de Queluz superam a frequência total dos 41 estabelecimentos termais. A visitação do Jardim Botânico da Madeira, cerca de 360 mil, quase que alcança o número de hóspedes do Turismo em Espaço Rural e de Habitação, correspondendo a 42% do total de dormidas (883 unidades).

Quadro VI.4: Posição dos jardins face a outras atrações/produtos turísticos

Atrações/Produtos	Nº	Visitantes
Jardins Botânicos (2014)	10	867.409
Tropical Monte Palace (2013)	1	215.154
Parque de Serralves (2013)	1	169.833
Quinta da Aveleda (2015)	1	21.147
Parque da Pena (2015)	1	1.082.736
Jardins do Palácio de Queluz (2015)	1	136.369
Jardim do Palácio Fronteira (2014)	1	16.614
Museus (2014)	392	11.749.732
TER e TH – Hóspedes (2014)	883	371.649
TER e TH – Dormidas (2014)	883	855.726
Estabelecimentos Termais (total) (2014)	41	93.381
Turismo de saúde e bem-estar (2014)	-*	51.904

Fonte: INE (2014, 2016), PSML (2016), Questionário 1 (2014); TP (2015d)/\* Sem informação

Estes constituem apenas alguns exemplos da dimensão e da importância que a visita a jardins tem no país, quando comparados com outras atrações, o que justifica um olhar mais incisivo sobre este segmento.

#### 6.4. Análise SWOT dos jardins históricos e do turismo de jardins em Portugal

Os jardins históricos nacionais debatem-se hoje em dia com um conjunto de constrangimentos, principalmente de ordem estrutural, quer ao nível interno quer externo, que vêm sendo apontados por vários autores há muito, principalmente da área da arquitetura paisagista e, volvidas várias décadas, constata-se que a realidade com que nos deparamos hoje em dia, pouco ou nada se alterou. Os próprios proprietários assumiram isso mesmo quando

elencaram os principais pontos fracos dos jardins históricos e os obstáculos a um maior desenvolvimento da vertente lúdica/turística (ponto 7.2.3.5. do capítulo VII).

No início do século XX já SOUSA VITERBO (1904) alertava para a degradação deste património e a falta de conhecimento do mesmo. No final do século XX, SILVA (1998), apoiada em GILBERT (1998), chega mesmo a apontar as principais condicionantes ao desenvolvimento e salvaguarda dos jardins históricos portugueses que, na sua perspetiva, se centravam na falta de tradição em jardins no que diz respeito ao conhecimento dos mesmos pela população nacional, o facto da grande maioria dos jardins ser privada, a falta de uma tradição associativista (ex.: *National Trust*), a ausência de legislação específica, o elevado número de organismos intervenientes nos processos de salvaguarda, a carência de recursos humanos qualificados e ainda a incapacidade para aguardar resultados.

Neste ponto, procura-se elaborar uma síntese integradora das análises efetuadas sobre a situação de referência, dos jardins e do produto, que foi sendo abordada ao longo dos capítulos anteriores, da informação recolhida aquando da visita aos jardins e antecipar alguma informação proveniente de ambos os questionários aplicados, procurando identificar os principais fatores positivos e negativos suscetíveis de influenciar de forma positiva e negativa o desenvolvimento da atividade turística e a salvaguarda dos jardins (Quadro VI.5).

O grande ponto forte é a existência de um amplo, rico e diversificado património de jardins, capaz de proporcionar experiências diferentes e únicas aos seus visitantes, para além da possibilidade de visita durante todo o ano por via das condições atmosféricas favoráveis e dos períodos de abertura, na maior parte, serem anuais. Por outro lado, o ponto mais negativo diz respeito à degradação e abandono dos jardins devido à falta de investimento na manutenção, de informação/divulgação convenientes e à falta de coordenação e cooperação entre as diversas entidades. O carácter privado de muitos e a conseqüente inacessibilidade ao público no geral constitui igualmente um dos *handicaps* dos jardins históricos portugueses.

A localização, o enquadramento favorável ou a classificação dos jardins constituem uma oportunidade para aumentar a sua atratividade. É importante ainda ter em conta o crescente interesse e procura por jardins e o desenvolvimento do segmento a nível mundial e, dispondo o país de condições atmosféricas favoráveis à visita durante todo o ano, estas devem ser encaradas como oportunidades únicas para alargar os mercados da procura. Os *tours* que existem e os preços de entrada praticados<sup>206</sup> constituem mais-valias que é necessário explorar.

---

<sup>206</sup> Note-se por exemplo que os preços praticados em *Kew Gardens* (£14,50), *Eden Project* (£23,50), Jardim Botânico de Pádua (10€) ou *Versailles*/1 dia (8/9€ só jardins) são superiores aos do Jardim Botânico do Porto, Coimbra e Ajuda (grátis), Jardim Botânico de Lisboa (2€) e da Madeira (5,5€), Parque da Pena (7,5€), Quinta da

Quadro VI.5: Análise *SWOT* aos jardins históricos e turismo de jardins em Portugal

Pontos fortes	Pontos fracos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grande quantidade de jardins</li> <li>- Rico, diverso e único património de jardins ao nível botânico, arquitetónico, paisagístico, histórico e cultural</li> <li>- Bons acessos pedonais e rodoviários</li> <li>- Atividades oferecidas</li> <li>- Boa localização e enquadramento territorial/ambiental</li> <li>- Períodos de abertura extensos/anuais</li> <li>- Possibilidade de visita durante todo o ano/ condições atmosféricas favoráveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Degradação e abandono</li> <li>- Falta de manutenção, de mão de obra qualificada, de equipamentos, de atividades diversas, de capacidade económica e investimento</li> <li>- Falta ou poucas formas de interpretação</li> <li>- Dimensão reduzida</li> <li>- Falta de coordenação, cooperação e estruturação</li> <li>- Falta de uma marca agregadora e identificativa</li> <li>- Carácter privado dos jardins e a inacessibilidade ao público com proprietários envelhecidos</li> <li>- Incapacidade de atração de mais visitantes</li> <li>- Sazonalidade</li> <li>- Falta de informação/divulgação/de marketing</li> <li>- Património disperso em alguns territórios/isolamento</li> <li>- Fraca sinalização/identificação nos trajetos</li> <li>- Carência de transportes públicos regulares</li> </ul>
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cultura e natureza são produtos estratégicos</li> <li>- Localização e enquadramento (proximidade a centros urbanos, a outros jardins e associação a elementos âncora importantes)</li> <li>- Produtos capazes de acrescentar valor</li> <li>- Doenças modernas (ex.: stress) ligadas ao trabalho e ambiente urbano</li> <li>- Saturação de algumas atrações tradicionais</li> <li>- Aumento da procura de experiências</li> <li>- <i>Boom</i> mundial do turismo de jardins</li> <li>- Presença em eventos sobre jardins e turismo</li> <li>- Características climáticas do país</li> <li>- Património classificado</li> <li>- <i>Tours</i> de jardins existentes</li> <li>- Preços praticados</li> <li>- Riqueza e unicidade dos jardins</li> <li>- Jardins distinguidos e premiados</li> <li>- Recuperação de jardins e recentes aberturas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de legislação específica</li> <li>- Desconhecimento do património e da sua real situação</li> <li>- Saturação do espaço por massificação da frequência</li> <li>- Perda/alteração irreparável de património/valores históricos por massificação e falta de preparação dos espaços</li> <li>- Retorno económico insuficiente com reflexos na manutenção</li> <li>- Encerramento definitivo de alguns jardins e consequente desaparecimento</li> <li>- Perda de clientes pela falta de informação e degradação</li> <li>- Classificação dos jardins</li> <li>- Sujeitos a desastres naturais</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria com base na bibliografia, questionários e trabalho de campo

A ausência de um enquadramento legislativo específico assim como a falta de um inventário rigoroso a este património, constitui uma séria ameaça ao nível da descaracterização dos jardins ou da sua perda total. Note-se que a própria classificação dos jardins pode constituir um entrave à implantação de estruturas de apoio aos visitantes e ao pleno desenvolvimento da vertente lúdica/turística.

É, pois, por demais evidente a necessidade de um plano estratégico e concertado para o desenvolvimento turístico dos jardins. No capítulo final são avançadas algumas propostas neste sentido.

---

Regaleira (6€), Tropical Monte Palace (10€) ou Serralves (5€) (informação disponibilizada nos respetivos endereços eletrónicos, 2016).

## Síntese

*Este capítulo apresenta e discute o turismo de jardins em Portugal, a sua expressão territorial, as suas características e os quantitativos gerais.*

*Num primeiro momento chama-se a atenção para o despertar de um “novo” produto turístico e, após uma breve abordagem ao carácter singular e atrativo do jardim português, o foco centra-se no facto dos jardins terem vindo a ser encarados como recursos estratégicos dos territórios motivando a elaboração de interessantes estratégias de valorização turística por parte de estudos e investigações académicas que poderiam constituir uma forma efetiva de salvaguarda e promoção deste património, não fosse o facto de, infelizmente, nunca terem passado de propostas remetidas única e exclusivamente ao papel, não tendo tido qualquer repercussão nos jardins.*

*Todavia, a Região da Madeira assume a importância do evento Festa da Flor e dos jardins como elementos importantes na estratégia turística da ilha.*

*O turismo de jardins em Portugal é ainda um segmento embrionário e nele poder-se-ão incluir as visitas a jardins através dos roteiros/percursos/tours, ou de forma individual, e os eventos relacionados.*

*Através de uma análise exploratória dos roteiros de jardins nacionais e internacionais disponíveis online, foram identificadas as áreas de maior potencial de desenvolvimento de turismo de jardins, e da procura turística de jardins em Portugal, designadamente o Norte, Lisboa/Sintra e a Madeira.*

*Nota-se uma tendência de crescimento e consolidação dos roteiros por um lado e da visitação de jardins e eventos relacionados, por outro. A sua visita pode vir a assumir um papel importante não só como forma de complementar a experiência do turista num determinado destino, como pode também assumir o papel principal no produto turístico e constituir a principal motivação da deslocação. Para tal, é imprescindível valorizar os pontos fortes, suprimir os aspetos mais negativos, agarrar as oportunidades e estar alerta para as possíveis ameaças.*

*No término deste capítulo concluir-se-á portanto que existe um nicho de turismo que, embora pouco conhecido e reconhecido nos circuitos turísticos globais, poderá ter uma ampla progressão no país, procurando-se comprovar isso mesmo nos capítulos seguintes, através do estudo empírico à oferta e à procura.*

## Parte IV



Jardim do Palácio de Belém

*Estudo empírico. Os jardins históricos como espaços de lazer, recreio e turismo. Uma abordagem geográfica à oferta e à procura*



# Capítulo VII



Jardim do Palácio Fronteira e do Paço Episcopal de Castelo Branco

*Os jardins históricos em  
Portugal – a dimensão da  
oferta e as perspetivas dos  
seus responsáveis*

### 7.1. Inquérito por questionário aos jardins históricos de interesse/consumo turístico<sup>207</sup>

Em capítulos anteriores referimos os constrangimentos que existem ao nível de uma informação completa e rigorosa relativa aos jardins históricos portugueses, e o *handicap* que isso constitui relativamente à sua hipotética valorização para a atividade lúdica/turística. Para além disso, é desconhecida a posição dos seus proprietários, gestores ou administradores quanto ao uso lúdico/turístico deste tipo de jardins. Neste sentido, foi encetado um estudo com foco na oferta através de um inquérito por questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos de interesse/uso/consumo turístico, de âmbito nacional. Neste capítulo, pretende-se dar conta, de forma mais pormenorizada, dos objetivos, processo de elaboração, estrutura, metodologia utilizada e dos resultados desta fase da investigação.

#### 7.1.1. Os objetivos e as linhas de investigação específicas

*Como se caracteriza a oferta dos jardins históricos e quais as perspetivas dos responsáveis face ao segmento?* Esta é a primeira sub-questão-chave que norteia a aplicação deste questionário e que nela concentra a intenção de responder a um conjunto de objetivos centrais que estruturam o inquérito:

**Objetivo 1.** Conhecer as principais características e a organização geral dos jardins;

**Objetivo 2.** Identificar o perfil do proprietário/responsável dos jardins;

**Objetivo 3.** Compreender a estrutura turística dos jardins, o perfil dos visitantes e as suas motivações na perspetiva dos proprietários, identificar potencialidades e constrangimentos dos jardins e ainda perceber a sua atratividade e lugar no território;

**Objetivo 4.** Conhecer a opinião do proprietário, referindo-se à realidade nacional do lazer e turismo nos jardins históricos nacionais, no que concerne à situação atual e a perspetivas futuras assim como perceber qual a sua tendência face ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica/turística.

---

<sup>207</sup> A este respeito refira-se que após o início do nosso estudo surge um outro proveniente da área científica da arquitetura paisagista (RIBEIRO, 2014), apoiado pela APJH, que também desenvolveu e aplicou um inquérito por questionário aos proprietários dos jardins (abertos e encerrados ao público), apenas em território continental, cujos objetivos passavam por analisar a situação dos jardins em Portugal, criar uma base de dados para a APJH com a informação organizada e desenvolver uma proposta de *website* que permitisse criar rotas. Embora algumas questões de carácter organizacional e de caracterização geral fossem transversais aos dois questionários, entendeu-se que partiam de uma base objetivacional diferente e por isso não entraram em conflito.



Para além destes objetivos centrais surgem, de igual modo, questões/hipóteses de investigação mais específicas, passíveis de verificação através da análise estatística. Para este questionário definiu-se que:

### **Q.1. Hipóteses de investigação específicas**

**H.1.** Os motivos para a visita aos jardins variam de acordo com o tipo de jardim.

**H.2.** O tipo de visitante consoante o seu interesse é determinado pelo tipo de jardim.

**H.3.** O nível de favorabilidade relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica/turística nos jardins varia em função do modelo de gestão.

A prossecução e concretização destes objetivos teve como suporte um inquérito por questionário enviado aos proprietários/responsáveis dos jardins (AIII.1). Um instrumento de avaliação que pretendeu não só obter um conhecimento mais profundo sobre cada jardim, como reconhecer o seu papel como atores fundamentais no processo de valorização dos jardins e constituir uma via para melhor e de forma mais sustentada enquadrar uma futura estratégia para estes espaços.

#### **7.1.2. O processo de elaboração e a estrutura do questionário**

O processo de elaboração do questionário dirigido aos proprietários/responsáveis dos jardins foi longo e complexo. Primeiro porque não dispúnhamos, a nível nacional, de uma base da qual pudéssemos partir, embora neste processo de construção convenha referir que o questionário aplicado por BLANDIGNÈRES e RACINE (2002)<sup>208</sup>, o que foi utilizado pelo *Comité des Jardins de France – Amis des Parcs et Jardins du Languedoc-Roussillon* (2009)<sup>209</sup> no território francês, e também o questionário desenvolvido pela investigação de

<sup>208</sup> Este questionário foi aplicado em 2001 com o objetivo de conhecer o panorama da oferta francês. A informação recolhida incluía: Características do jardim (datas de abertura, estilos, propriedade, parceiros financeiros, elementos associados, área, custos de manutenção, estrutura de gestão); Organização da atividade turística (condições de abertura e visita – períodos de abertura, condições de visita, preços, duração; condições de acolhimento ao público – equipamentos turísticos, atividades associadas, pessoal empregado; promoção e representação – promoção individual e associativa, sinalização exterior); Frequência dos jardins (estimativas de visitantes totais e percentagens de estrangeiros e tipos de eventos).

<sup>209</sup> Este questionário (8 páginas – cerca de 100 questões) foi elaborado no âmbito do “Estudo do Património dos Jardins em *Languedoc-Roussillon*” e tinha como objetivo conhecer de forma pormenorizada cada um dos jardins desta região e englobava: Dados Gerais (nome, proprietário e seu estatuto, entidade gestora); Características do Jardim (tipo, características, género artístico, área, data de criação, criador, decorações, estado de conservação,

CONNELL (2002)<sup>210</sup> direcionado à Grã-Bretanha, ainda que com objetivos diferentes, constituíram boas referências no que diz respeito à disposição e estrutura de algumas questões. Acrescentaram-se ainda dificuldades relacionadas com o facto de ter de ser elaborada uma estrutura que satisfizesse os objetivos inicialmente traçados, que fosse o mais adequada possível à realidade dos jardins e aos próprios responsáveis, que de alguma forma permitisse cruzar informação com o questionário dirigido aos visitantes, e que fosse claro e simples de responder por parte dos inquiridos, tendo havido o cuidado de fornecer instruções de como responder às questões sempre que se justificasse, e optando-se na maior parte das vezes por questões fechadas (ou semifechadas), do tipo *tick box answers*. De referir que, para além da informação proveniente do quadro teórico, houve o cuidado de o submeter à apreciação de outras entidades e investigadores internacionais, assim como de o testar numa fase prévia junto de um conjunto de proprietários (associados da APJH), cujas opiniões e contributos foram essenciais na estruturação definitiva do questionário, e cujo *layout* final se distribuiu por 4 páginas encetado por uma nota introdutória ao estudo e objetivos, assim como de algumas indicações (AIII.1), tendo sido estruturado em quatro partes (Figura VII.1):

### **I – Caracterização do jardim e sua organização:**

Nesta primeira parte, pretendeu-se conhecer as principais características de cada jardim ao nível físico/morfológico e tipológico e a sua organização geral. As questões desta secção referiam-se sobretudo à localização, ao tipo e estilo, área e época do jardim, aos objetivos da sua criação, aos elementos permanentes associados, aos equipamentos presentes, à entidade proprietária e gestora do jardim, à associação ou não a outra atividade lucrativa, ao seu estado de conservação, proteção legal e acessibilidade. Em suma, pretendia-se obter uma visão geral do tipo e organização do jardim aberto ao público.

---

proteção, pontos fortes e fracos, elementos dominantes, ambiente na proximidade, flora e fauna, qualidade ambiental); Acesso e Acolhimento (informações de acesso e estacionamento, tipo e período de abertura ao público, condições das visitas, tipos de serviços oferecidos, número de visitantes, evolução e previsões, equipamentos disponíveis, preços, meios de pagamento, sinalética); Comunicação e Animação (endereço eletrónico, documentos publicitários e informativos, meios de divulgação, atividades de animação disponíveis, objetivos, associações e parcerias); Aspectos Económicos (receitas, gastos e financiamento, pessoal afeto); Informações respeitantes à Associação de Jardins em causa (APJLR, 2009).

<sup>210</sup> O questionário aplicado por CONNELL (2002) (4 páginas – 35 questões) pretendia essencialmente perceber o uso e gestão dos jardins como recurso recreativo. Para tal este questionário focava questões como: Características do jardim e da sua gestão (tipo, características particulares, ano e objetivos de abertura, equipamentos disponíveis aquando da abertura e no momento, tipo de serviço de restauração, formas de interpretação, métodos de marketing mais eficazes); Visitantes do jardim e sua gestão (quantitativos, tendências evolutivas e respetivas razões justificativas, tipos de visitantes); Gestão da experiência da visita ao jardim (aspectos influenciadores da visita, medidas limitadoras de visitantes, horários, preços, aspetos que possam afetar a gestão do jardim no futuro).

## II – Caracterização do Proprietário/Responsável do jardim:

Nesta secção pretendia-se conhecer o proprietário ou o responsável máximo/direto do jardim através de questões de cariz sociodemográfico (cargo, género, idade, nacionalidade, habilitações e área de formação) por forma a perceber-se quem e qual o perfil dos responsáveis por este conjunto de jardins abertos ao público. Alguma informação adicional era solicitada como saber se o proprietário atual é o proprietário original do jardim, há quanto tempo é proprietário e se a residência do mesmo se fixa no jardim ou próximo deste, tendo em conta que muitos jardins estão agregados a casas, solares e/ou palácios.

## III – Informação relativa à visita e atividade lúdica/turística no jardim:

Por forma a perceber a estrutura e organização turística do jardim foram elaboradas um conjunto de questões que focavam os objetivos e condições de abertura, entrada e visita ao jardim, a informação disponível ao visitante, os quantitativos e países de origem, as tendências de visitação, as formas de organização, o tipo de visitante e suas motivações à visita, os proveitos, questões relacionadas com a promoção e divulgação, animação, integração/relação com outros produtos turísticos, atrativos e constrangimentos do jardim. Nesta secção pretendia-se também perceber o lugar e importância do jardim histórico no território, a influência que tem na imagem do território e a relação dos jardins com outras atrações aí presentes. No final era solicitada a opinião dos proprietários mediante um conjunto de afirmações relacionadas com as características do jardim, o seu comportamento no sistema territorial e turístico, o comportamento do próprio proprietário e a relação com o público, sobre as quais teriam que manifestar o seu nível de concordância ou discordância, tendo sido utilizada para o efeito a escala *Likert* de 5 pontos<sup>211</sup>.

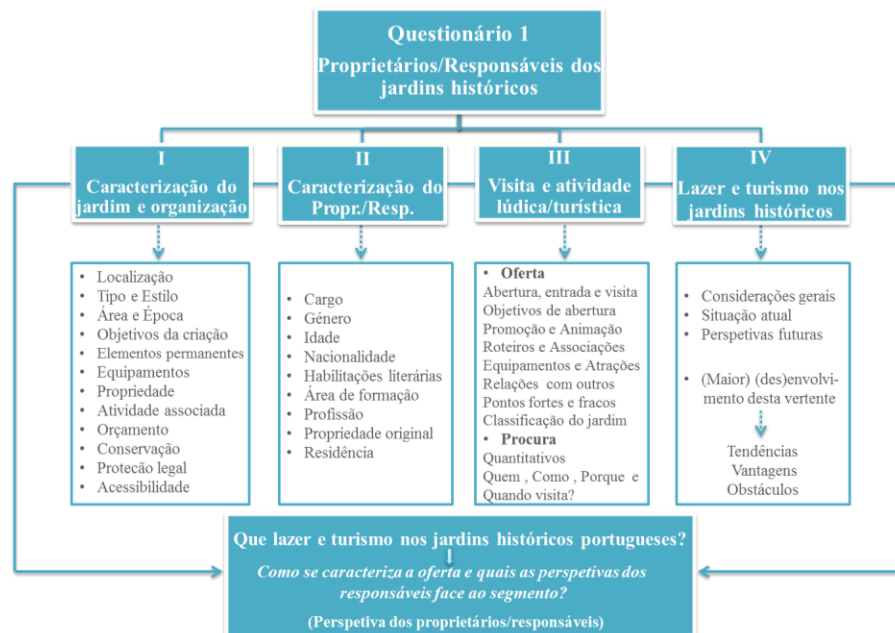
## IV – Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários e/ou responsáveis

Através de uma listagem de afirmações dispostas em 3 secções – Considerações gerais, Situação atual e Perspetivas futuras – aglutinadas na questão central “Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses?”, foi solicitado aos proprietários/responsáveis que manifestassem a sua concordância ou discordância face às mesmas tendo por base o conhecimento de que dispunham da realidade nacional, utilizando para isso mais uma vez a

---

<sup>211</sup> Escala de respostas definida através de categorias com um intervalo de 1 a 5 em que o nível 1 corresponde a *discordo totalmente*, o nível 2 a *discordo, em parte*, o nível 3 a *não concordo nem discordo*, o nível 4 a *concordo, em parte* e o nível 5 a *concordo totalmente*.

escala *Likert* de 5 pontos. A delineação destas afirmações teve como base não só o quadro bibliográfico, mas também as respostas que tinham sido proferidas por alguns proprietários de jardins aquando do primeiro envio do questionário. Conhecer a tendência/posição dos proprietários face ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses era igualmente um objetivo assim como perceber as principais vantagens e obstáculos a essa orientação.



Fonte: Elaboração própria

Figura VII.1: Representação esquemática da estrutura do questionário aos proprietários dos jardins históricos

### 7.1.3. A escolha dos estudos de caso e a definição da amostra

A definição dos objetivos para esta investigação ajudou-nos, de forma prévia, a perceber que grupo de jardins poderia de forma fidedigna e cabal dar-lhes resposta. Estes objetivos remetiam desde logo para um grupo particular de jardins e não para a categoria geral de jardins, ou seja, que fossem dotados de características notáveis e atrativas constituindo polos de visita. O termo histórico aqui aparece como uma definição global na qual cabem muitos tipos e épocas de jardins, como oportunamente já se referiu. Em suma, teriam que ser jardins com características de alguma forma especial e com comprovado interesse e uso/consumo lúdico/turístico. Portanto, foram apenas considerados os jardins abertos ao

público, quer de forma permanente, quer por contacto prévio com o proprietário/entidade proprietária, excluindo-se os jardins e parques municipais/urbanos.

Dispúnhamos de algumas fontes, umas mais focadas no recurso (inventários), outras mais no produto, umas mais completas que outras, o que constituiu uma dificuldade na perceção imediata de quais seriam os jardins a incluir nesta investigação, ou seja, quais aqueles que estavam efetivamente abertos ao público, que constituíam um produto e cujas opiniões dos responsáveis pudessem ser alvo de avaliação através do nosso questionário. Perante a falta de uma base de dados atualizada dos jardins históricos, já que cada uma das bases conhecidas não era suficiente de forma individual, foi então considerado um conjunto de fontes, umas de carácter principal e outras de carácter complementar, que se completavam umas às outras, por forma a selecionarmos e construirmos a base de jardins aos quais seria enviado o questionário (Quadro AII.22), detalhadas a seguir.

### **I – Fontes principais:**

#### **1 – Estudo *Levantamento e Avaliação de Jardins Históricos para Turismo* (CASTELBRANCO, 1998)**

Este estudo, embora com mais de 10 anos, permitiu identificar um conjunto de 121 jardins com mais potencialidades turísticas, contudo, incluía apenas jardins do continente, não fazendo dele parte um conjunto importante de jardins localizados na Ilha da Madeira já referenciado, e que constitui o principal foco da procura a nível nacional. Tratava-se mais de um inventário de recursos, embora fornecesse informação quanto à possibilidade/condições de visita, contactos e moradas;

#### **2 – Publicação *Jardins Históricos. Poesia atrás dos Muros* (CASTELBRANCO, 2002)**

Esta publicação surge na sequência do estudo anterior, fruto de uma atualização de dados, onde foram destacados os 32 jardins nacionais mais bem cotados e que confirmavam o seu elevado valor de exceção, fazendo referência a mais 65 jardins num total de 97, revelando ainda informação quanto à possibilidade de visita, contactos e moradas;

#### **3 – Jardins associados da Associação Portuguesa dos Jardins Históricos**

Esta associação agrega um conjunto de cerca de 70 jardins, contudo, no estudo preliminar realizado, percebeu-se que grande parte não está aberta ao público e os pedidos de visita são esporádicos ou inexistentes. Para além disso, a APJH não inclui o total de jardins históricos conhecidos uma vez que parte da vontade dos jardins fazerem parte desta

Associação e não desta em agregar os jardins, pelo que estão de fora um conjunto considerável de jardins históricos que seria importante incluir no nosso estudo. Acresce o facto da informação disponibilizada por esta Associação, quer na sua página *online* quer a título pessoal, estar desatualizada e ser incipiente, limitando-se, na maioria das vezes, a listar os jardins sem fornecer informação adicional;

#### **4 – Guia *Gardens of Spain and Portugal – a touring guide to over 100 of the best gardens* (SEGALL, 1999)**

Neste guia a autora recomenda à visita 41 jardins no país, incluindo já o conjunto mais expressivo da Madeira, disponibilizando, para além da informação histórica de cada um, contactos, moradas, horários e outros locais a visitar nas proximidades;

#### **5 – Publicação *The Gardens of Portugal* (ATTLEE, 2008)**

Nesta obra a autora apresenta os jardins mais notáveis do país num total de 32, disponibilizando também contactos e moradas, não deixando de fazer o seu respetivo enquadramento histórico;

#### **6 – Site *GardenVisit* (2013)**

O *GardenVisit*, considerado o Melhor *Website* de Turismo de Jardins 2013 (*Best Garden Tourism Website* pela *Garden Tourism Conference – Toronto*), constituiu igualmente uma fonte importante pois aí estão listados alguns jardins portugueses para visita, categorizados com estrelas pelos próprios visitantes. No momento da pesquisa encontravam-se 30 jardins listados;

#### **7 – *Tours/roteiros de jardins em Portugal***

A pesquisa e análise realizada aos *tours* de jardins, nacionais e internacionais, permitiu identificar cerca de 90 jardins que deles fazem parte;

#### **8 – *Sites das Entidades Regionais de Turismo nacionais***

A análise realizada aos principais *sites* de informação turística permitiu identificar os jardins mais referenciados pelos mesmos à visita. De referir que apenas o Turismo do Norte, Turismo do Centro, a Entidade Regional de Turismo de Lisboa e a Direção Regional de Turismo da Madeira fazem referência aos jardins enquanto produto turístico, apresentando-os como recursos passíveis de visita.

## **II – Fontes complementares:**

### **9 – Publicação *Guia dos parques, jardins e geomonumentos de Lisboa* (TRAVASSOS, 2009)**

Neste guia são apresentados cerca de 60 jardins, parques, matas, alamedas e espaços ajardinados, disponibilizando ainda um conjunto de informações úteis (área, data, endereço, abertura, equipamentos, atividades, entre outras), informação histórica e botânica enriquecidas com representações pictóricas;

### **10 – Publicação *The Gardens of Madeira* (LUCKHURST, 2010)**

Nesta obra o autor debruça-se sobre um território específico – a Ilha da Madeira – e apresenta 29 jardins enaltecendo a informação botânica e histórica além do seu enquadramento;

### **11 – Publicação *Parques e Jardins dos Açores – Azores Parks and Gardens* (ALBERGARIA, 2005)**

Neste livro a autora apresenta 67 espaços entre os quais jardins, parques, matas existentes nas ilhas dos Açores, assim como um conjunto de informação útil à sua visita;

### **13 – Inventário do Património Arquitetónico – Espaços Verdes (DGPC)**

O IPA teria constituído uma das principais fontes de informação, todavia não dispunha de uma categoria própria para os jardins históricos incluindo-os na grande categoria Espaço Verde, que contava no final de 2013 com 546 referências, englobando não só este tipo de jardins, como também espaços verdes e ajardinamentos sem qualquer carácter e interesse histórico ou turístico, sendo ainda algo incipiente ou até mesmo inexistente, em muitos casos, informação quanto ao seu uso atual. Para além disso, constatou-se que, embora se tratasse de uma base de dados expressiva, não constavam alguns jardins importantes.

Tendo em conta que muitos jardins eram transversais a todas estas fontes foi apurado um universo inicial de mais de 400 jardins (excetuando a base de dados da DGPC). Todavia, e como já foi sendo referido, estas bases de dados detinham alguns constrangimentos, o que não nos permitiu considerar só uma das fontes nem todos os espaços que delas faziam parte. Assim, no cruzamento e tratamento da informação foram excluídos logo à partida os jardins públicos urbanos/municipais sem controlo de visitantes ou qualquer estrutura lúdica/turística

organizada, os jardins que estavam fechados ao público<sup>212</sup>, outros que entretanto desapareceram ou foram transformados, espaços ajardinados e outros espaços verdes sem qualquer valor notável e/ou turístico, chegando-se a um conjunto de 96 jardins abertos ao público de forma regular (31 dos quais pertencentes à APJH) (Quadro AII.22) e considerados históricos no quadro bibliográfico, constituindo estes o nosso universo alvo<sup>213</sup>.

Aquando do tratamento desta informação foi elaborada, para este conjunto de jardins, uma base de dados contendo as moradas de correspondência, as pessoas de contacto e os contactos telefónicos atualizados, aos quais se acrescentou os endereços de e-mail e as páginas *web*, quando existentes, utilizando para o efeito os dados presentes nestes estudos, atualizados e completados através de informação disponível *online* e de contactos telefónicos realizados. Esta foi, sem dúvida, a principal dificuldade sentida, porque na falta de uma referência concreta nestas fontes, o uso da internet, em vários casos, não conseguiu suprimir essa lacuna. Tal acarretou um esforço e tempo adicionais.

#### **7.1.4. Métodos de aplicação/disponibilização e resultados da recolha**

Em dezembro de 2012 foi iniciado o processo de envio dos questionários a um grupo de proprietários (cerca de 60), inicialmente a título experimental. Esta fase revelou-se essencial para reformulação, adaptação e ajustes nas questões e no seu formato, e posterior envio dos questionários aos cerca de 100 proprietários/responsáveis dos jardins no final de janeiro/início de fevereiro de 2014, que se prolongou no tempo dada a demora na obtenção das respostas e conseqüente necessidade de reenvio do questionário, quer por correio normal quer por correio eletrónico. Foram acompanhados de ofício no sentido da motivação dos inquiridos à participação nesta investigação assim como da necessidade de celeridade na disponibilização das respostas, e envelope devidamente endereçado para respetiva devolução. Até 15 de outubro de 2014 foram rececionados 65 questionários correspondendo portanto a uma taxa de resposta de 67,7%<sup>214</sup>, tendo sido validados 63 questionários (65,6%), o que

---

<sup>212</sup> Tendo em conta que alguns dos estudos/publicações considerados tinham alguns anos, alguma da informação neles presente estava desatualizada ou em alguns casos era insuficiente. Desta forma foi necessário apurar se a situação de abertura ou não se tinha entretanto alterado (como se veio a constatar), uma informação que foi obtida através de contacto telefónico com a maioria destes jardins.

<sup>213</sup> Optou-se por não utilizar qualquer técnica de amostragem para a delimitação do universo a inquirir uma vez que o número de jardins a que chegámos – 96, depois de uma cuidada e rigorosa análise ao conjunto inicial, pareceu-nos um número razoável e por isso decidiu-se tomar todos os casos como o universo alvo.

<sup>214</sup> A este respeito refira-se que os estudos levados a cabo por BLANDIGNÈRES e RACINE (2002), CONNELL (2002) e RIBEIRO (2014), nos quais também foram auscultados os proprietários dos jardins, obtiveram uma taxa de respostas de 53,1%, 48,4% e de 56,5%, respetivamente.



demonstra não só a importância do estudo e da temática mas da necessidade de se conhecer esta realidade. De notar que, dos 63 questionários considerados, cerca de 38% (24) correspondem a jardins associados da APJH, verificando-se que responderam a este questionário 77% em relação ao total de jardins da APJH integrantes da amostra (31).

A distribuição dos jardins inquiridos por região reflete a histórica distribuição dos mesmos com o Norte a destacar-se seguido da área de Lisboa. Concomitantemente foram destas regiões das quais se obteve maior percentagem de respostas (40% e 31%), com destaque para o distrito e concelho de Lisboa. Note-se que há uma concordância entre a posição relativa da distribuição dos questionários enviados e recebidos. Em todas as regiões, exceto o Alentejo e Açores, se verificou uma taxa de respostas em relação ao número de questionários enviados por região superior a 50% (Figura VII.2, Quadro AII.23).

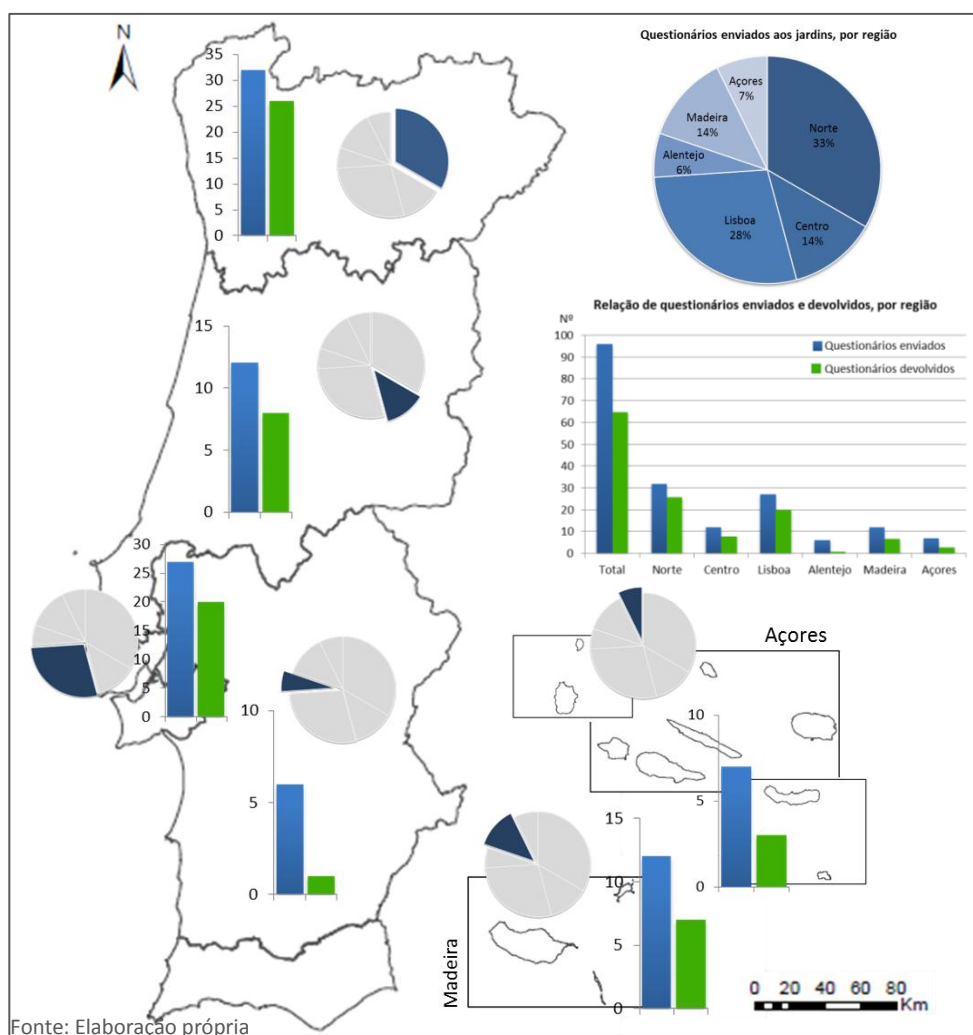


Figura VII.2: Relação dos questionários enviados e devolvidos pelos proprietários/responsáveis dos jardins históricos, por região

## **7.2. Análise e discussão dos principais resultados do questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos<sup>215</sup>**

### **7.2.1. Caracterização geral do jardim e sua organização**

Esta secção, focada essencialmente nas características primárias dos jardins, torna-se fundamental por forma a percebermos não só que tipo de jardim está aberto ao público, mas também para atestarmos que no nosso conjunto de inquiridos está presente uma grande variedade de jardins, ou seja, para o grande grupo de questões do grupo IV contribuíram os proprietários/responsáveis de variados tipos de jardins, com diferentes estruturas e organizações. Tal permitir-nos-á perceber qual a sua relação com o tipo de visitante, frequência e usos/consumos dos mesmos.

Relativamente ao enquadramento territorial dos jardins inquiridos refira-se uma predominância da sua localização em áreas urbanas ou periurbanas (76%), situação que se encontra em conformidade com a distribuição dos jardins inventariados. De referir que, à época de construção de muitos destes jardins, a sua localização era mais rural, situando-se a alguma distância das grandes metrópoles, já que eram/são partes integrantes de quintas, palácios ou casas apalaçadas que funcionavam, na sua maioria, como residências secundárias de descanso no período estival.

Apesar de termos um leque diversificado de tipologias de jardins, são sobretudo os jardins das quintas de recreio, que proliferaram durante os séculos XVIII e XIX em Portugal, que se destacam atingindo quase metade do total dos jardins inquiridos (46%), seguidos dos jardins envolventes de casas/residências (16%), dos jardins botânicos (14%) e parques (13%). No que concerne à época de construção, note-se que cerca de 65% dos jardins revelam apenas uma data, os restantes 35% assinalaram duas ou mais épocas respeitantes não só à época de construção original como às posteriores intervenções (Figura VII.3).

A antiguidade da maior parte destes jardins conferiu-lhes um estatuto, um lugar na história. Todavia, também constituiu um fator de alteração ou até mesmo, em muitos casos, de destruição da essência original dos jardins. Falamos em particular do estilo do jardim. As constantes alterações e obras de requalificação que foram sendo feitas, por vezes sem

---

<sup>215</sup> A este respeito foi publicado, no início de 2015, em colaboração com Paulo CARVALHO, um pequeno artigo contendo uma breve síntese dos principais resultados, intitulado *The Portuguese (historic) gardens as strategic tourism resources in the XXI century. An opportunity to promote, to develop and to preserve*, num livro com o mesmo nome, por ocasião do Colóquio Internacional *Gardens and tourism for and beyond economic profit* que decorreu na Universidade de Évora.

Todas as figuras apresentadas no texto têm por base a informação estatística organizada em quadros que são apresentados no Anexo IV.

obedecer aos preceitos de manutenção e recuperação instaurados e obedecendo muitas vezes às vontades dos consecutivos proprietários, levaram à alteração e à destruição dos estilos originais de muitos jardins e, não raras vezes, à mistura de vários estilos conforme as épocas em que o jardim era intervencionado. A respeito desta complexidade em “catalogar” os jardins num estilo, CASTEL-BRANCO (2014: 12), a propósito da Casa de Aurora, refere que “A dificuldade em descrever este jardim prende-se com a impossibilidade de lhe fixar um estilo, um ambiente ou uma história”, já sobre o jardim da Aveleda, a mesma autora (2014: 33) esclarece ser “(...) um exemplar de jardim romântico com derivações muito originais e genuinamente portuguesas”.

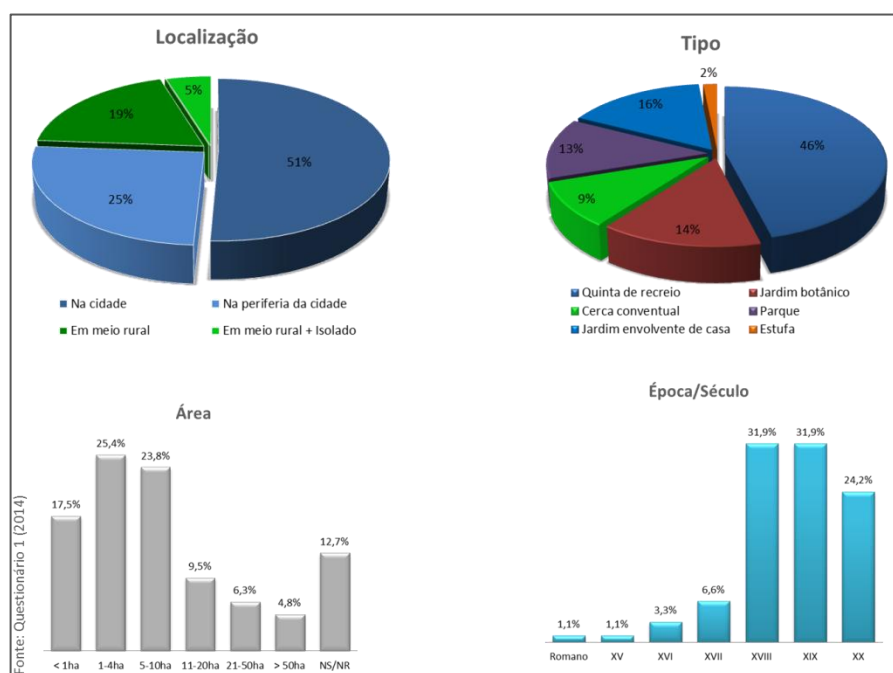


Figura VII.3: Caracterização dos jardins quanto à sua localização, tipologia, área e época, sobre o total de ocorrências

Apesar de não ter sido possível apurar com absoluto rigor os que por ora estão patentes nestes jardins<sup>216</sup>, os estilos à francesa e à inglesa (clássico/formal/barroco e paisagista/romântico) são os que historicamente tiveram maior expressão nos jardins portugueses (CARITA & CARDOSO, 1987), e, por consequência, os que mais se verificam neste conjunto de jardins, havendo ainda a registar em alguns uma mistura de estilos, em especial estes dois.

<sup>216</sup> Em relação à questão do estilo do jardim verificou-se que algumas das respostas avançadas pelos proprietários/responsáveis não coincidiam com a informação constante na bibliografia existente. Como tal, optou-se por não tratar estatisticamente a questão, mas sim fazer uma observação mais geral sobre esta temática.

Um dos grandes *handicaps* dos jardins portugueses apontados por muitos especialistas é a dimensão reduzida dos mesmos, realidade verificada através deste questionário, já que cerca de 40% dos jardins deste conjunto não atingem os 5 ha.

O principal motivo para a criação dos jardins apontado pelos proprietários/responsáveis foi o enquadramento do elemento principal (32%), mormente de casas, palácios ou outros, seguido do usufruto pessoal (18%), objetivos que estão em consonância com os tipos de jardins constantes nesta amostra. A fruição coletiva foi apontada em grande maioria pelos parques e jardins botânicos, sendo que, a estes últimos, foi atribuído sobretudo o motivo de recurso educativo (Figura VII.4).

A maior parte, senão a totalidade dos jardins históricos portugueses, fruto da sua génese histórico/cultural, têm associados elementos permanentes, constituindo estes, muitas vezes, a razão da existência daqueles, não querendo dizer que a sua atratividade se dilui na do elemento associado, antes pelo contrário, pode reforçá-la e, em muitos casos, o jardim funciona como ator principal no quadro da atratividade geral do conjunto.

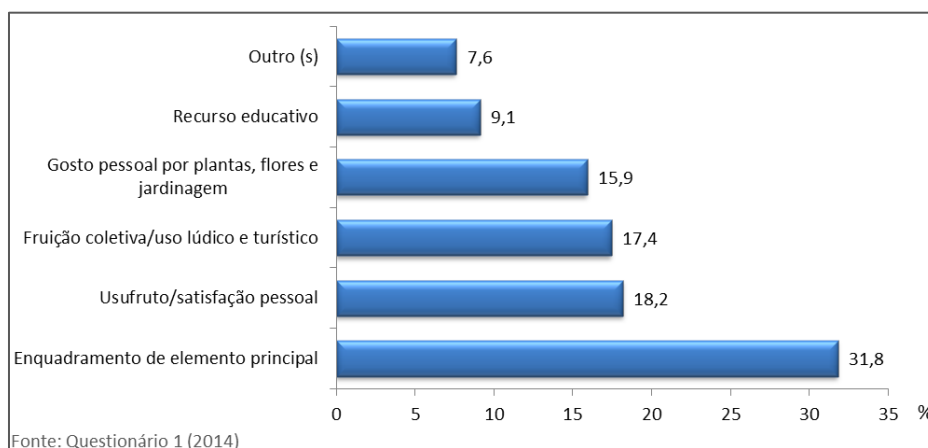


Figura VII.4: Objetivos da criação dos jardins, sobre o total de ocorrências

Do conjunto de jardins analisados, cerca de 60% têm dois ou mais elementos associados, destacando-se como principais elementos âncora as casas/solares e palácios presentes em quase metade (Figura VII.5 e VII.6). Para além destes, museus, estufas/viveiros ou mosteiros/conventos constituem também componentes existentes nos jardins históricos. Quanto aos equipamentos presentes nos jardins, ou no espaço integrante, apenas 6 jardins referiram não possuir qualquer equipamento e mais de 70% revelaram ter dois ou mais equipamentos disponíveis ao público, 38% dos quais um conjunto diverso combinando quase todos os apresentados e acrescentando-lhes outros. *Instalações sanitárias, lojas/pontos de venda e café/bar/salas de chá* são os mais referidos pelos inquiridos (Figura VII.5 e VII.7).

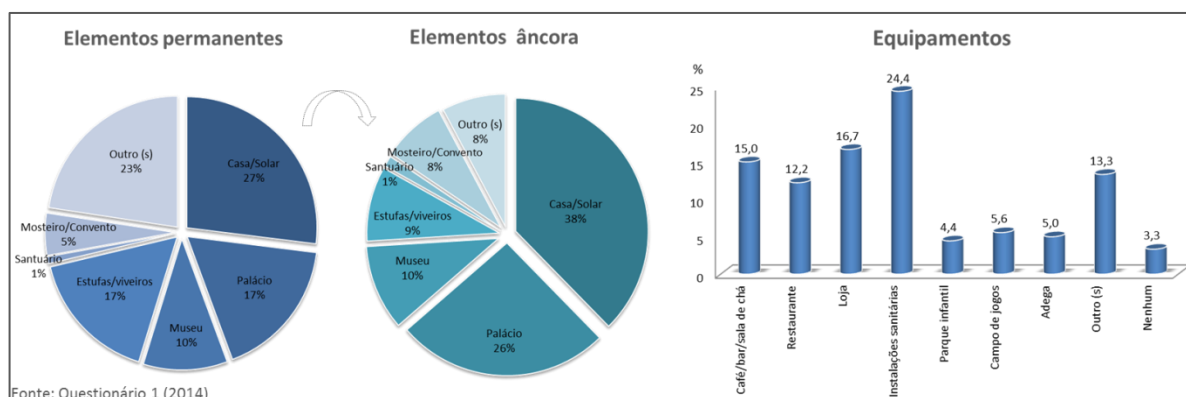


Figura VII.5: Total de elementos permanentes, elementos âncora e equipamentos associados aos jardins, sobre o total de ocorrências



Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura VII.6: Exemplos de elementos associados aos jardins<sup>217</sup>



Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura VII.7: Exemplos de equipamentos presentes nos jardins<sup>218</sup>

Em termos de propriedade e gestão verifica-se que na quase totalidade dos casos o proprietário é também o gestor do jardim e apenas em 6% dos casos tal não acontece, para além de um relativo equilíbrio entre o âmbito público e privado (54% e 43% respetivamente),

<sup>217</sup> Da esquerda para a direita: Em cima – Museu da Gulbenkian, Estufas do Jardim Botânico da Ajuda, Palácio da Pena, Quinta do Meio/Casa Tait.

<sup>218</sup> Da esquerda para a direita: Restaurante/Cafetaria no Jardim do Palácio de Cristal e Quinta da Regaleira, Loja na Quinta da Aveleda e indicações para sanitários, loja e cafetaria em Monserrate.

muito embora se registre um ligeiro decréscimo entre o total de jardins cuja entidade proprietária é pública e que depois tem igualmente uma gestão de cariz público. Ou seja, existem jardins pertencentes a entidades públicas que têm uma gestão privada e público/privada (Figura VII.8).

De forma mais específica, e no que diz respeito à propriedade de cariz público, são várias as instituições, designadamente organismos do Estado, que têm sob sua alçada jardins: Câmaras Municipais, Governo Regional, Direções Regionais de Cultura ou Universidades/Institutos.

Já no âmbito privado é grande a percentagem de jardins pertencentes a privados singulares (22%) que na sua maioria têm uma gestão também individual, mas sobretudo de cariz familiar (20%). De destacar igualmente as Fundações que gerem 13% dos jardins deste conjunto e ainda os modelos empresariais através de Sociedades Anónimas que têm a seu encargo 16% dos jardins inquiridos nesta investigação (Figura VII.8).

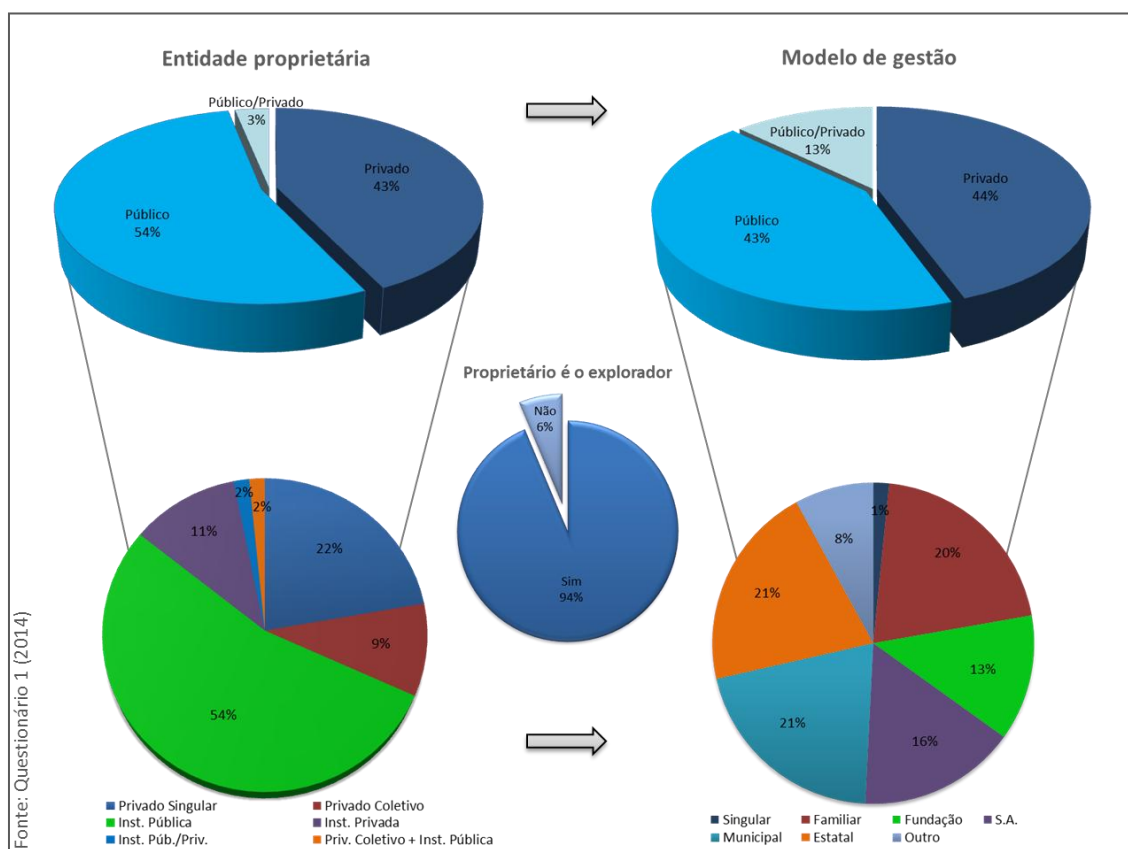


Figura VII.8: Entidade proprietária e Modelo de gestão dos jardins

Da análise dos dados constatou-se que grande parte destes jardins (86%), e na sequência da presença de determinados elementos âncora e equipamentos, têm associado

outro tipo de negócio e/ou atividade lucrativa num amplo espectro que inclui desde a *restauração*, atividade que está presente em mais de 60% dos jardins, a *outro tipo de atividades recreativas* (ex.: golf, zoológico, atividades pedagógicas). De sublinhar ainda a importância do *comércio*, *aluguer para eventos*, *museologia* e *alojamento* (em particular Turismo em Espaço Rural (TER) e hotelaria) (Figura VII.9 e VII.10).

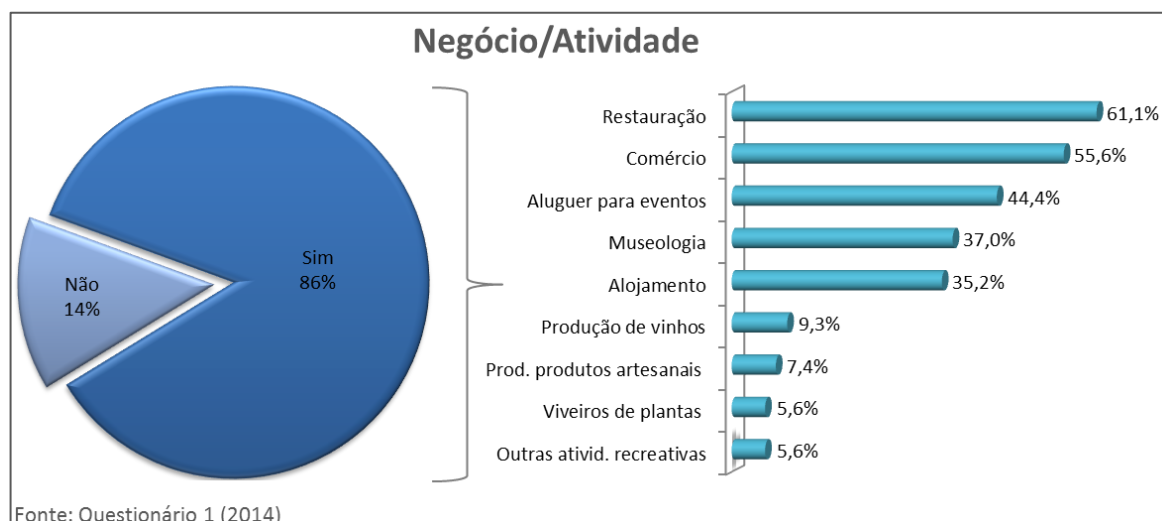


Figura VII.9: Tipo de negócio/atividade associada aos jardins, sobre o total de jardins



Fonte: Autora (2015)

Figura VII.10: Exemplos de negócios/atividades associadas aos jardins<sup>219</sup>

Neste âmbito é de notar ainda que a associação a viveiros de plantas é particularmente importante na Quinta de Villar d'Allen com a coleção e produção de camélias<sup>220</sup>, a associação à produção de vinhos goza de grande relevância, por exemplo, na Quinta da Aveleda, tendo

<sup>219</sup> Da esquerda para a direita: Sala onde decorre um evento na Estufa Fria, Museu de História Natural no Jardim Botânico de Lisboa, Palace Hotel no Buçaco e viveiros da Quinta de Villar d'Allen.

<sup>220</sup> Alfredo Allen, 1º Visconde de Vilar d'Allen, destacou-se com a hibridação de camélias que brilhavam na exposição de flores pela sua perfeição. O gosto pelo colecionismo e pela produção de camélias perdura até aos dias de hoje com os descendentes José Alberto Allen e sua esposa, Isaura Allen. Algumas das variedades criadas estão inscritas no *International Camellia Register* (CASTEL-BRANCO, 2014; GARRIDO, 2014).

esta inclusive sido galardoada em 2011 com o prémio internacional *Best Wine Tourism* na categoria de “Arquitetura, Parques e Jardins”<sup>221</sup>.

Apenas 9 dos 63 jardins referiram não terem qualquer negócio associado, contudo conseguiu-se apurar que nas dependências dos mesmos (casas e palácios) funcionam outro tipo de atividades nomeadamente gabinetes das Câmaras Municipais a que pertencem.

Tanto os elementos monumentais como os equipamentos e serviços associados aos jardins poderão constituir um fator positivo na atratividade dos mesmos.

A existência deste conjunto de atividades poderá, em parte, justificar o facto de, em muitos dos casos, o orçamento disponível para estes jardins ser de proveniência própria e/ou pessoal. Não obstante se destaque a origem estatal tendo em conta a propriedade dos jardins. A origem do orçamento deste conjunto de jardins está, deste modo, em conformidade com a sua propriedade e gestão com destaque para o estatal e para o pessoal/próprio (Figura VII.11).

Na sua opinião, os jardins de que são proprietários/responsáveis estão em *bom* (44%) e *muito bom* (29%) estado de conservação, sendo residual a percentagem dos que referem estarem em *mau* estado (3%). Por exemplo, sobre a Quinta da Aveleda, um dos jardins integrantes desta amostra, CASTEL-BRANCO (2014: 32) faz questão de atestar que “O aprumo e a boa manutenção dos jardins e mata da Aveleda poderiam ganhar o prémio nacional de jardins bem cuidados... se ele existisse”.

Grande parte beneficia ainda de uma *boa* (43%) e *muito boa* (39%) acessibilidade. Uma menos boa acessibilidade é referida essencialmente pelos jardins localizados em meio rural (Figura VII.11)

O facto de mais de metade dos jardins inquiridos (65%) estar classificada ou beneficiar de alguma forma de proteção vem igualmente confirmar a sua importância e o seu carácter histórico e cultural e, por conseguinte, a necessidade de medidas de salvaguarda mormente através da classificação. O tipo de classificação mais comum neste conjunto de jardins é o de Imóvel de Interesse Público (IIP) seguido do de Monumento Nacional (MN). Na modalidade *Outra* estão incluídos os jardins que estão classificados como Património Mundial da Humanidade pela Unesco (Figura VII.11).

De referir que há uma percentagem de jardins classificados que está abrangida pelo regime de proteção dos elementos associados ao estarem inseridos na sua Zona Especial de

---

<sup>221</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da Quinta da Aveleda (2014). O *Best of Wine Tourism* é um concurso promovido, desde 2003, pela Câmara Municipal do Porto no âmbito da sua participação na rede internacional *Great Wine Capitals Global Network*, que coloca em competição os melhores prestadores de serviços de enoturismo de nove capitais vinhateiras: Bordéus, *Bilbao – Rioja*, Cidade do Cabo, *Christchurch – South Island*, Florença, *Mendoza, Mainz – Rheinhessen*, Porto e São Francisco – *Napa Valley* (informação disponibilizada no endereço eletrónico do Turismo do Porto – *VisitPorto*, 2014).



Proteção (ZEP) ou Zona Geral de Proteção (ZGP). Existem ainda jardins que não usufruem de qualquer tipo de classificação mas o elemento associado está classificado (embora sem inclusão dos jardins) (13%) ou neles se encontram árvores ou vegetação classificada (3%).

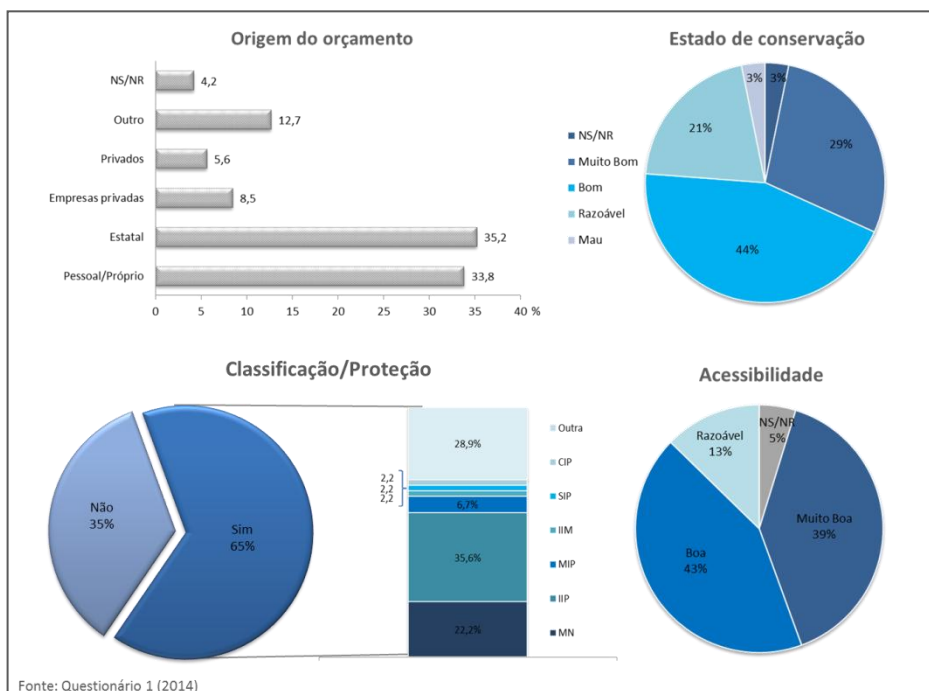


Figura VII.11: Origem do orçamento, classificação (sobre o total de ocorrências), estado de conservação e acessibilidade dos jardins

### 7.2.2. Caracterização do Proprietário/Responsável do jardim

A análise deste conjunto de questões permite delinear em traços gerais<sup>222</sup> o perfil do proprietário/responsável destes jardins. A questão introdutória deste grupo possibilitou individualizar os cargos dos responsáveis e perceber a quem os dados seguintes se referem. Assim, para além de proprietários singulares, responderam a este conjunto de questões responsáveis que ocupam o cargo de presidente, diretor, gestor/administrador, e ainda outros responsáveis como chefes de divisão, arquitetos paisagistas ou coordenadores de serviços. Na sua maioria são do sexo *masculino* (60%), de nacionalidade *portuguesa* (92%), exceto em duas situações (nacionalidades sueca e italiana), com uma idade média entre os 50 e os 59 anos (30%) e com grau académico superior, designadamente ao nível do 1º e 3º ciclos (*Licenciatura* – 27% e *Doutoramento* – 21%) (Figura VII.12).

<sup>222</sup> Refere-se “traços gerais” uma vez que em algumas questões deste grupo notou-se uma elevada ausência de respostas.

A propósito da formação dos inquiridos, e após análise inicial, optou-se por fazer uma agregação simples das respostas por grandes áreas. Apesar de se verificar a existência de áreas de formação diversas, destacam-se a arquitetura e a agronomia/agricultura como as áreas de formação de 16% dos inquiridos respetivamente. A engenharia civil, história ou gestão foram referidas, cada uma, por cerca de 6% dos responsáveis. De referir ainda que a área do turismo foi apenas mencionada por dois inquiridos (Quadro AIV.28). As respetivas profissões exercidas estão intimamente relacionadas com o cargo que ocupam nestes jardins destacando-se o subgrupo 134 da CNP/2010 – *Diretores de serviços especializados* – ao qual pertencem cerca de 21% dos responsáveis e o subgrupo 112 – *Diretor geral e gestor executivo, de empresas* – com cerca de 13%. De relevância surgem igualmente os subgrupos 231 – *Professor dos ensinos universitário e superior* e 334 – *Administrativos e secretários especializados* com cerca de 10% cada um (Quadro AIV.29).

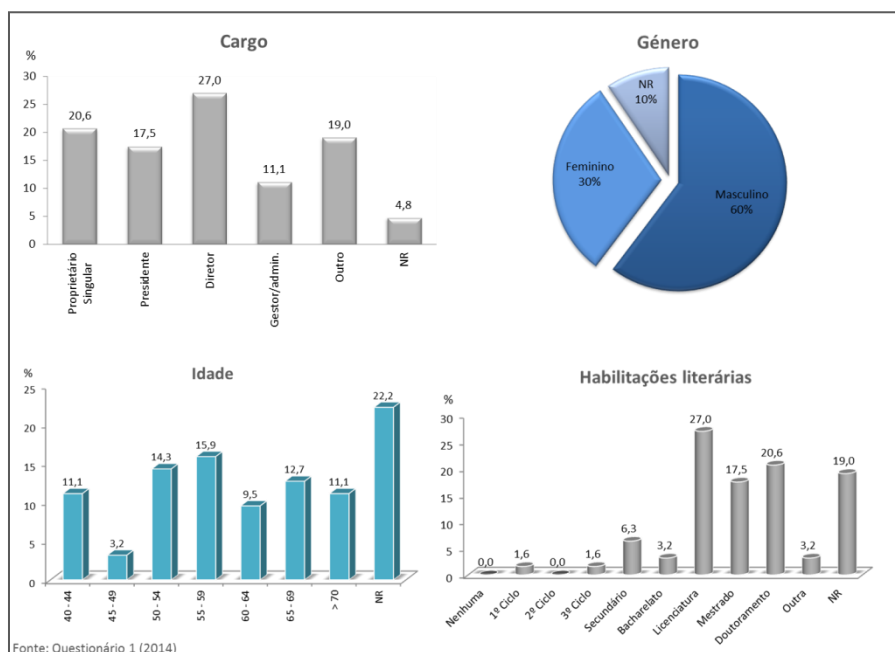


Figura VII.12: Características socioeconómicas dos responsáveis dos jardins

Quanto à originalidade e longevidade da propriedade verificou-se que cerca de 40% dos jardins mantém o mesmo proprietário, quer seja ao nível da mesma família (passando o jardim de geração em geração) ou de outra entidade (pública ou privada), desde a fundação do jardim e, a maior parte, pouco mais de 60%, revelou que o atual proprietário é diferente do da sua origem, sendo que 24% detém a propriedade há mais de 20 anos e menos de 50 anos. De notar ainda que são escassos os exemplos de novas propriedades sendo que apenas 8% dos jardins deste conjunto revelou ter um novo proprietário há menos de 10 anos (Figura VII.13).

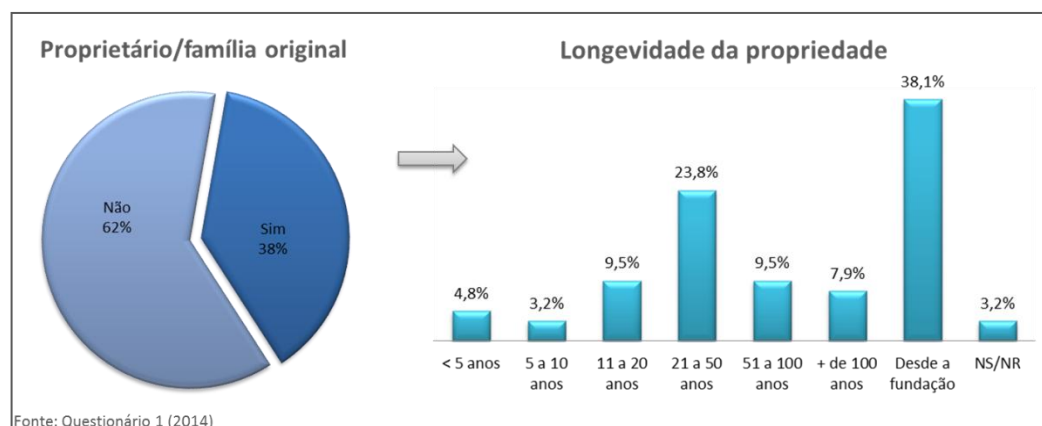


Figura VII.13: Proprietário/família original e longevidade de propriedade do jardim

Conclui-se, portanto, que em parte significativa dos jardins não houve alteração, ou grandes alterações, quanto à sua propriedade. Por um lado, temos um conjunto de jardins que se mantêm com o mesmo proprietário (família ou entidade), sendo a única mudança a registar a de passagem por herança familiar, muitos deles há várias gerações. Por outro, os jardins que apesar do proprietário ser diferente, o é há já muitos anos, não havendo por isso alterações, nomeadamente nos últimos 100 anos.

Tendo em conta que muitos destes jardins têm associadas casas ou solares verificou-se também que, no caso de propriedade privada<sup>223</sup>, 75% dos proprietários fazem desta a sua residência permanente, revelando uma proximidade e controlo mais ativo sobre o jardim e a atividade turística nele desenvolvida. Apenas quatro proprietários referiram que não “vivem perto dos seus jardins” apesar de existir essa possibilidade (casa), um dos quais revela mesmo fazê-lo após obras de recuperação em curso.

### 7.2.3. Informação relativa à visita e atividade lúdica/turística no jardim

A propósito da atividade lúdica/turística desenvolvida nestes jardins surge, nesta secção, um conjunto de questões que enfatiza sobretudo a sua estrutura e organização turística com o intuito de conhecer a atratividade e potencialidade destes jardins.

Uma das questões que desde logo se impunha e, cuja informação certamente terá implicações noutras questões, era saber há quanto tempo o jardim estava aberto ao público, em particular de forma sistemática.

<sup>223</sup> Nesta questão foram tidos em consideração não só os casos de propriedade privada singular mas também os de propriedade privada coletiva quando se trata de entidades empresariais familiares e a família, ou parte dela, usufruí da casa/solar/palácio como residência permanente.

O primeiro grande foco de abertura ocorre no século XIX, por via do surgimento dos jardins botânicos nesta época (11%) e é já quase no final do século XX, na década de 80, que se volta a registar novo impulso na abertura de jardins ao público (16%), desta feita coincidindo com o *boom* do TER que se registou nesta altura, com a requalificação destas casas e solares sobretudo para unidades de turismo de habitação, e, por consequência, a abertura dos seus jardins à frequência do público (Figura VII.14). Deste modo, verifica-se que, apesar da maior parte destes jardins ter origens nos séculos XVIII e XIX, como constatado no ponto 7.2.1., e portanto serem bastante antigos, muitos deles permaneceram privados e reservados ao usufruto dos seus proprietários, sendo que a primeira abertura, ou a abertura sistemática ao público, de mais de metade destes jardins (dos mais de 80% que responderam à questão) ocorreu somente no século XX. Não obstante as datas avançadas pelos responsáveis, alguns esclareceram que antes da abertura que consta como “oficial” já se realizariam algumas visitas esporádicas aos jardins, mormente a grupos.

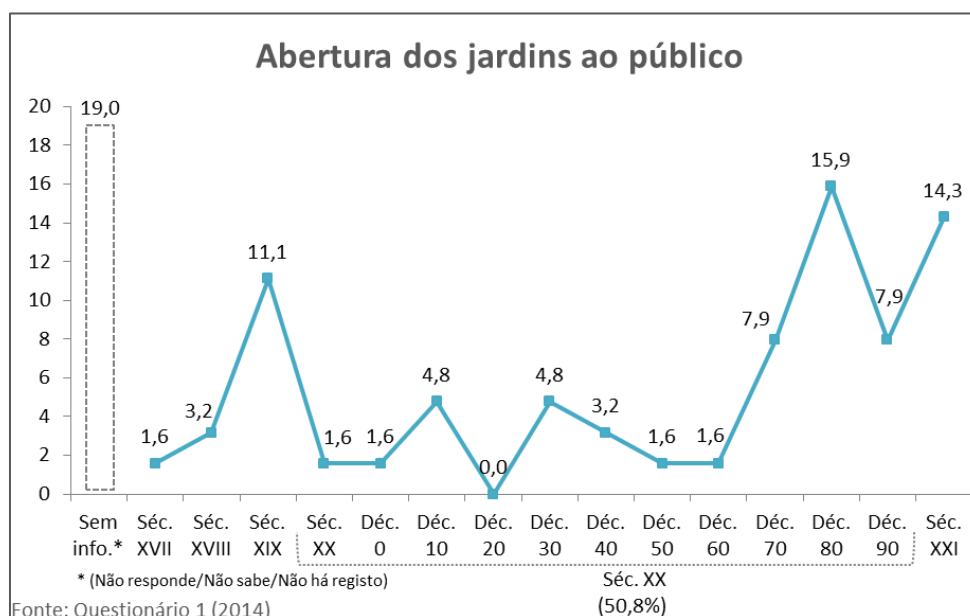


Figura VII.14: Época/Data de abertura dos jardins ao público

Significa portanto que estiveram durante décadas, até mesmo séculos, “escondidos do olhar alheio” não só pela sua célebre barreira física, os muros, mas também pelas barreiras socioeconómicas, culturais e de propriedade, já que muitos destes espaços constituíam as privadíssimas e restritas quintas de recreio das classes abastadas e as residências oficiais da realeza. Note-se que, com a implantação da República em 1910, e da Democracia em 1974, muitos bens foram nacionalizados e alguns transformados em espaços museológicos abertos

ao público, e por inerência o mesmo aconteceu aos jardins que deles faziam parte, como foi o caso do Palácio da Pena, Palácio de Sintra, Queluz ou de Vila Flor.

Acrescenta-se ainda que, para além de escondidos do público, muitos destes monumentos ficaram abandonados à sua própria sorte e à degradação iminente por dificuldades económicas, falta de interesse ou até mesmo por incapacidade dos seus proprietários, privados ou públicos, de resgatá-los dessa condição. Todavia, não esqueçamos que muitos deles foram e continuam a ser “ressuscitados” justamente por essa mesma iniciativa privada e/ou pública, cada vez mais consciente do valor deste património, para a história, para a cultura, para a sociedade em geral. E por isso, uma nota deve ser feita ainda ao número interessante de jardins que abre ao público somente no século XXI, apesar da sua longa vida, como é o caso do jardim do Convento do Espinheiro, do Palácio do Marquês de Pombal, da Casa N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Aurora ou da Quinta da Fidalga.

Uma abertura que não ocorreu por motivos financeiros como à primeira vista se poderia supor, aparecendo este apenas em 5º lugar (Figura VII.15). As razões educativas e culturais foram as mais mencionadas representando cerca de 29% do total de ocorrências (referidas por 70% dos inquiridos), tendo sido inclusive apontadas por 41% dos inquiridos como as principais razões, nomeadamente por jardins botânicos. Neste âmbito, um resultado bastante diferente, embora ajustado ao contexto inglês, foi apurado pela investigação de CONNELL (2002), onde os proprietários revelaram que o principal motivo foi a angariação de fundos para a caridade (52%). À semelhança do estudo desta autora a segunda razão apontada pelos responsáveis nacionais foram as motivações relativas à preservação e conservação dos jardins (20%) (Figura VII.16).

De destacar ainda, de forma positiva, o facto de poderem contribuir para o desenvolvimento local do meio em que se inserem como indutor da sua abertura (17%) e, pela negativa, o facto de ser membro da APJH, apontado apenas por três inquiridos. Recorde-se que esta associação agrega quase 70 jardins, apesar de mais de metade permanecer encerrada ao público. A questão financeira foi referida apenas por 25% dos inquiridos (11% das ocorrências), ocupando o 5º lugar, uma posição bastante secundária quando comparado com a 3ª posição que a forma de iniciar um negócio (11%) detém no estudo da autora inglesa, embora apresentem percentagens semelhantes.

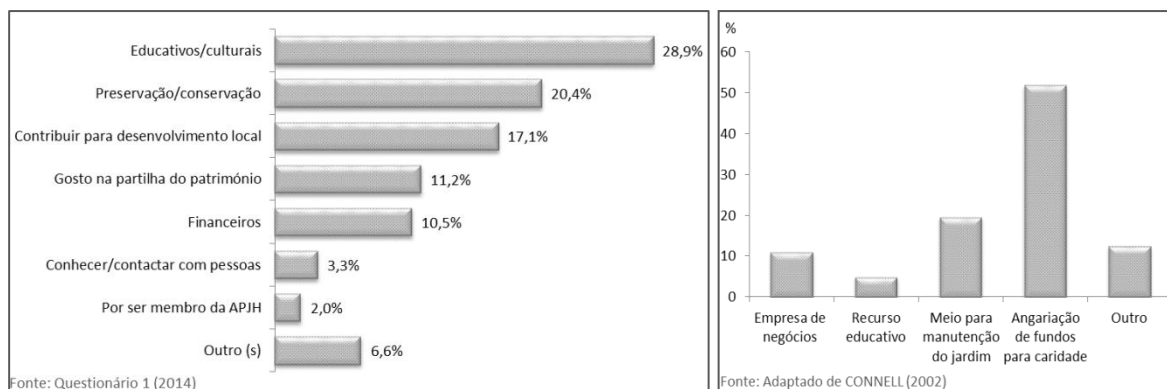


Figura VII.15 e VII.16: Objetivos da abertura dos jardins, sobre o total de ocorrências (Questionário 1, 2014 e CONNELL, 2002)

A análise dos dados mostra ainda que, no caso dos jardins de propriedade privada, há uma dispersão no que diz respeito às razões da abertura muito embora se destaquem as de carácter mais pessoal como a *preservação/conservação* e o *gosto pessoal na partilha do património*, enquanto que a maioria dos jardins públicos referiu essencialmente motivos *educativos/culturais* para a sua abertura, não fossem essas as principais premissas orientadoras dos jardins botânicos ou dos jardins que “emolduram” importantes museus que fazem parte da amostra.

### 7.2.3.1. Condições de abertura, entrada e visita nos jardins

Em relação às condições de acolhimento ao visitante, há a referir que a quase totalidade dos jardins (95%) está aberta durante *todo o ano*, excetuando 3 situações cuja abertura se realiza, em grande parte, nos períodos de primavera/verão (março a outubro), a maioria (67%) está aberta *todos os dias* da semana (Figura VII.17), sem necessidade de marcação prévia em mais de metade dos jardins (52%) (Figura VII.18).

Quase 40% dos jardins podem ser visitados de forma gratuita, ou seja, o visitante, qualquer que ele seja, é livre de visitar sem ter de pagar por isso. Já em cerca de 50%, apesar de se pagar, existem várias possibilidades de obter visita de forma gratuita, como é o caso das crianças até determinada idade, seniores, estudantes, pessoas que pertençam a determinados grupos como as Ligas dos Amigos dos Jardins, entre as situações mais vulgares. A estes acresce os jardins em que a visita é paga sem qualquer tipo de exceção (14%) (Figura VII.18).

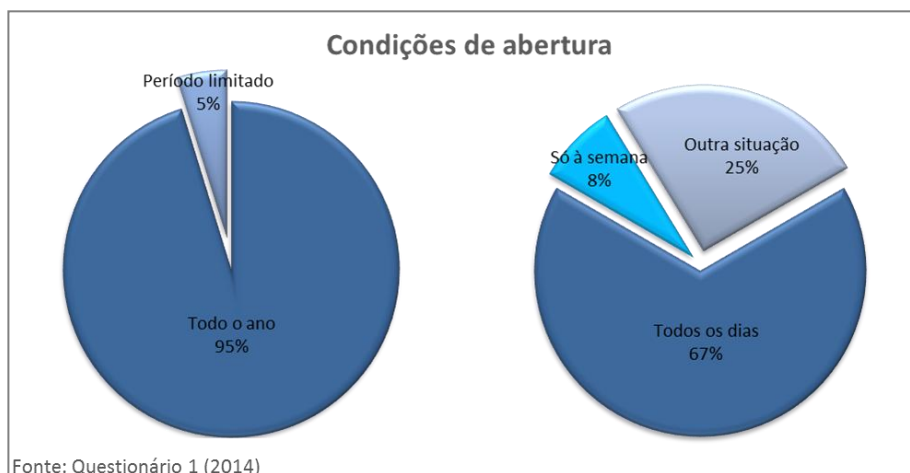


Figura VII.17: Condições atuais de abertura dos jardins

No que diz respeito ao preço dos bilhetes, e considerando apenas o preço de um bilhete normal, o preço de entrada médio praticado no conjunto de jardins analisados é de 5€, podendo-se individualizar 3 grandes grupos. Verifica-se que cerca de metade dos jardins praticam preços inferiores a 5€, grupo no qual se incluem a quase totalidade dos jardins botânicos presentes neste conjunto e o bilhete de 5€ é o que se pratica em mais jardins (7 no total). No terceiro grupo estão os jardins com bilhetes de montante superior (de 6,5€ a 15€), sendo que as entradas mais caras, entre os 10€ e 15€, se registam nos principais jardins da Madeira e da área de Sintra (Figura VII.18). No cômputo geral, poder-se-á concluir que os preços praticados estão ajustados em função do que é oferecido ao visitante, já que os jardins onde se praticam preços mais elevados são de uma dimensão maior, com elementos e equipamentos associados de grande importância e com uma projeção nacional e internacional maior, tendo em conta os quantitativos de visitantes.

Em muitos casos, a receita de bilheteira é a única fonte geradora de dinheiro para os jardins, o que os torna exclusivamente dependentes da frequência de visitantes, noutros a gratuidade é regra, o que constitui um dos problemas mais críticos dos jardins. BENFIELD (2013) chama a atenção para isso mesmo, pois, por um lado, os jardins, em particular os mais pequenos, encontram dificuldades em serem integrados no mercado lúdico se os preços praticados forem demasiado altos, por outro, os que são gratuitos encontram, de forma recorrente, dificuldades em se tornarem atrações pagas.

Ainda no que concerne às condições gerais de visita aos jardins refere-se que em mais de metade (65%) existe a possibilidade de realizar *visitas guiadas e livres*, sendo que 16% só tem disponível a modalidade de visita guiada, que tem em média uma duração de *1 hora* (Figura VII.18 e VII.19).

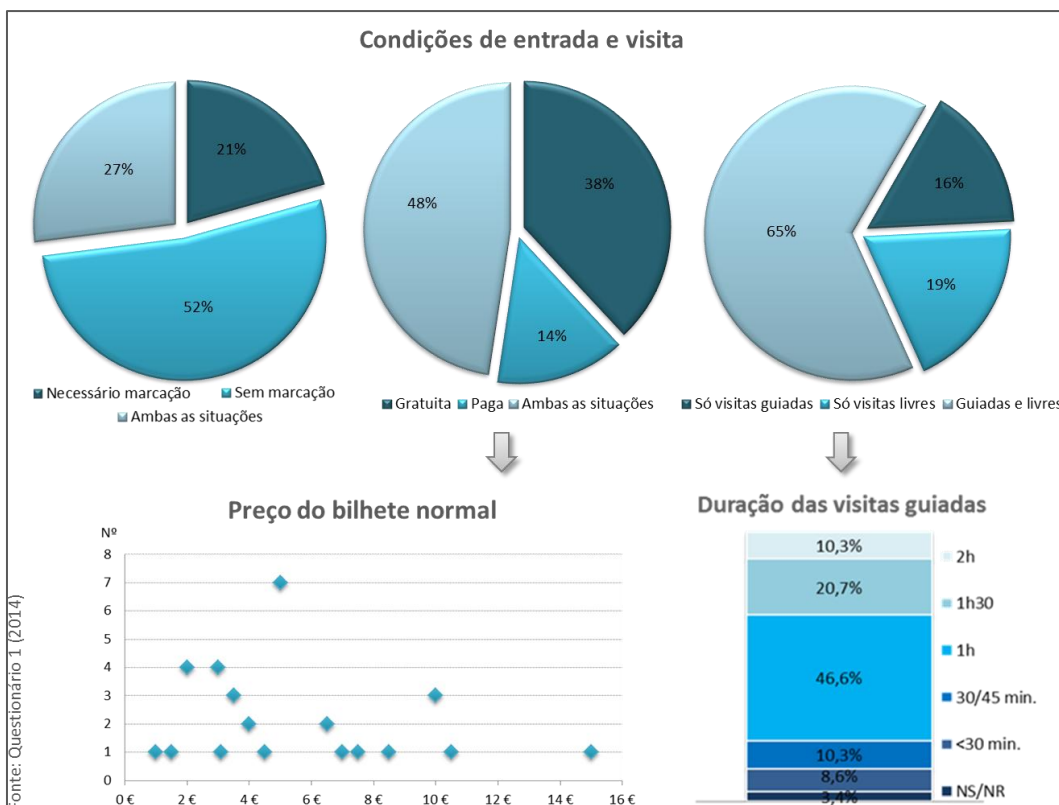


Figura VII.18: Condições gerais de entrada e visita dos jardins



Fonte: Autora (2015)

Figura VII.19: Exemplos de informações sobre as condições de entrada e visita<sup>224</sup>

A informação é um dos aspetos fundamentais da experiência turística. A *visita guiada* é, de resto, a principal forma de informação/interpretação disponibilizada aos visitantes por estes jardins (30%), seguida das *informações à entrada/na aquisição de bilhete e panfletos/flyers* (15% cada uma). Porém, é mais frequente a associação entre as diversas possibilidades, destacando-se a conjugação entre informações à entrada e visita guiada e entre todas as possibilidades apresentadas (8% cada uma) (Quadro AIV.41).

<sup>224</sup> Da esquerda para a direita: Parque da Pena (Sintra), Jardim Botânico Tropical e Jardim Botânico de Lisboa.



Cerca de um quarto dos jardins inquiridos tem apenas disponível uma forma de interpretação, pelo contrário são cerca de 19% os que têm à disposição dos visitantes uma gama mais diversificada de informação, composta por cinco ou mais tipos. Apenas uns poucos expressivos 8%, correspondendo a 5 jardins, assumem não ter à disposição do visitante qualquer tipo de informação, o que invariavelmente influirá na forma de interpretar, experienciar e recordar estes jardins (Figura VII.20 e VII.21).

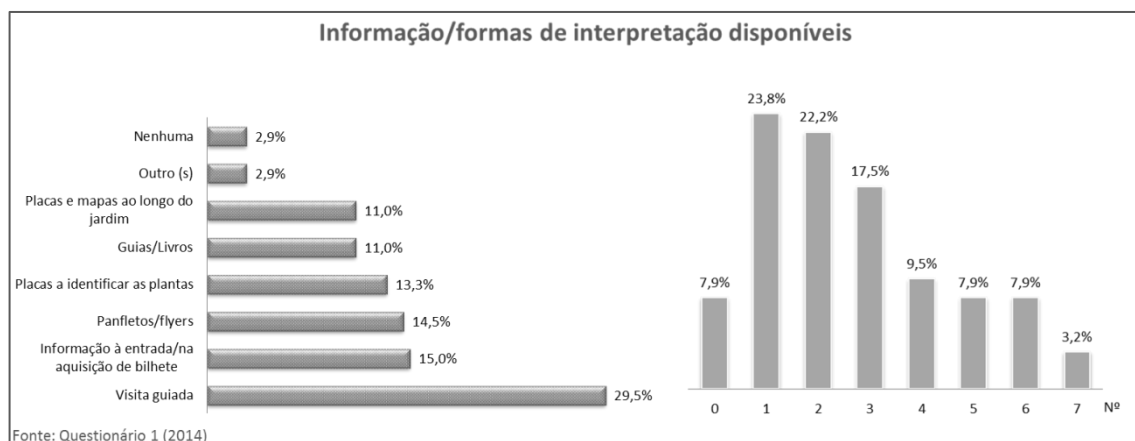
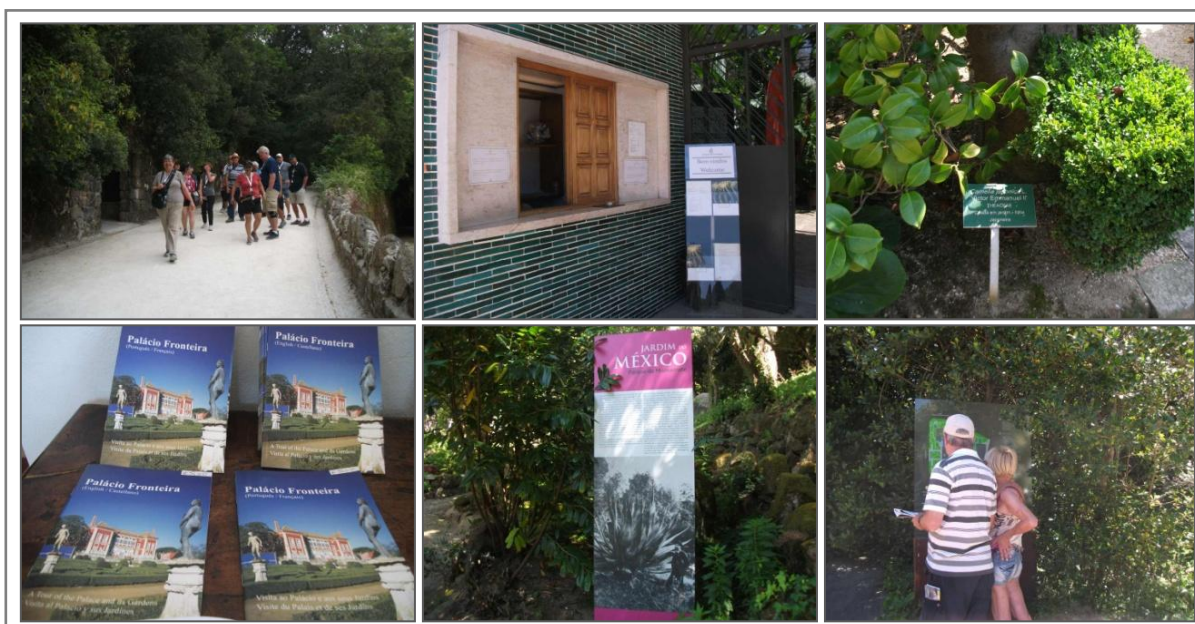


Figura VII.20: Informação/formas de interpretação disponíveis nos jardins aos visitantes, sobre o total de ocorrências



Fonte: Autora (2015)

Figura VII.21: Exemplos de informação/formas de interpretação disponíveis aos visitantes<sup>225</sup>

<sup>225</sup> Da esquerda para a direita: Em cima – Visita guiada na Quinta da Regaleira, informações à entrada na Estufa Fria, placa a identificar plantas no Jardim Botânico do Porto; Em baixo – guias/livros no Palácio Fronteira, placa informativa no Parque de Monserrate, mapa no Jardim da Gulbenkian.

Qualquer uma das situações decorre das próprias estruturas de acolhimento aos visitantes (mais frágil ou bem desenvolvida) e da importância (maior ou menor) conferida ao jardim como atração turística por parte dos seus responsáveis, e que concorre para a maior ou menor dimensão da visita, como se verá a seguir. Da análise destes resultados percebe-se assim uma correspondência entre a capacidade atrativa dos jardins e a sua importância enquanto locais turísticos e a sua própria estrutura e organização turística.

A estimativa do número de visitantes avançada pelos responsáveis (Figura VII.22) permite desde logo não só perceber o seu nível de frequência individual como também distinguir, grosso modo, três grandes grupos de jardins. Desta forma, neste universo da amostra considerou-se que existem jardins de baixa frequência (até 1000 visitantes/ano) (21%), sendo que se poderá individualizar ainda um subgrupo de muito baixa frequência (menos de 100 e 101-500 – 14%), que corresponde sobretudo a jardins com localizações rurais (46%) e periféricas (38%), com uma estrutura de acolhimento e de promoção mais débil, tendo a casa/solar como único elemento associado e o TER como a principal atividade lucrativa (54%). Embora a maioria destes jardins registe uma tendência de manutenção da frequência (46%), perspetivam com otimismo o futuro no sentido de um aumento (46%).

No caso dos jardins, convém esclarecer que a baixa frequência não querera necessariamente significar um aspeto negativo e que deva ser trabalhado de forma urgente, uma vez que tem que ser entendida tendo em conta não só a própria área do jardim e a sua “capacidade de carga” (que já vimos no ponto 7.2.1. ser em muitos casos reduzida, rondando aqui os 2 ha), mas também a própria política e tendência dos responsáveis face à visita nos seus jardins. Apesar de registarem uma menor frequência, não deixam de ser importantes no seu contexto regional, como também o são as suas opiniões e posições uma mais-valia para este estudo e, para no futuro, se delinearem estratégias visando este segmento.

Um segundo grupo de jardins, com uma frequência média (de 1000 a 100 mil/ano), integra mais de 50% do total da amostra, revelando uma estrutura mais desenvolvida e atrativa que o grupo anterior. E, por fim, com uma alta frequência definiu-se o grupo de jardins com mais de 100 mil visitantes por ano, que representa cerca de 16% da amostra (10 jardins). Estes jardins estão localizados, sobretudo, na área de Sintra<sup>226</sup>, da Madeira e do Norte. Possuem uma grande área, estrutura de acolhimento, de informação e de promoção ao visitante bastante desenvolvida e direcionada, dispõem de mais do que um elemento associado

---

<sup>226</sup> Recorde-se que a Paisagem Cultural de Sintra, que abrange parte da Serra de Sintra, inclui a vila/centro histórico, um grande conjunto de monumentos e a vegetação dos parques da Serra, é Património Mundial da Unesco desde 1995 (informação disponibilizada no endereço eletrónico Parques de Sintra-Monte da Lua SA, 2015).

tendo como elemento-âncora Palácios<sup>227</sup>, Santuários ou Museus e são, na sua grande maioria, jardins de propriedade pública (60%), cuja gestão em alguns casos se associa à iniciativa privada sob a forma de sociedade anónima.

Portugal é o principal mercado da procura (54%), sendo ainda de destacar a referência a Espanha e França por parte de 14% como os principais mercados. Em termos secundários, o mercado espanhol ganha destaque seguido de França e Portugal; já França, Inglaterra e Espanha foram o terceiro mercado de origem dos visitantes mais mencionados (Figura VII.22). Estes são alguns dos mercados onde a cultura do *garden visiting* está muito mais enraizada, desenvolvida e promovida. Todavia, o nosso país apresenta algumas vantagens sobre estes em especial ao nível do clima, ameno e agradável para visitas a jardins, mesmo no inverno uma vez que não neva (pelo menos nas áreas de maior concentração de jardins), ao contrário de França ou Inglaterra, tornando a visita e apreciação de jardins nesta época, nestes países, bastante difícil se não impossível. Portugal poderia então otimizar e beneficiar destas excelentes condições para implantar o interesse e captar este público estrangeiro para (aumentar) a visita aos nossos jardins, que pode ser feita durante todo o ano.

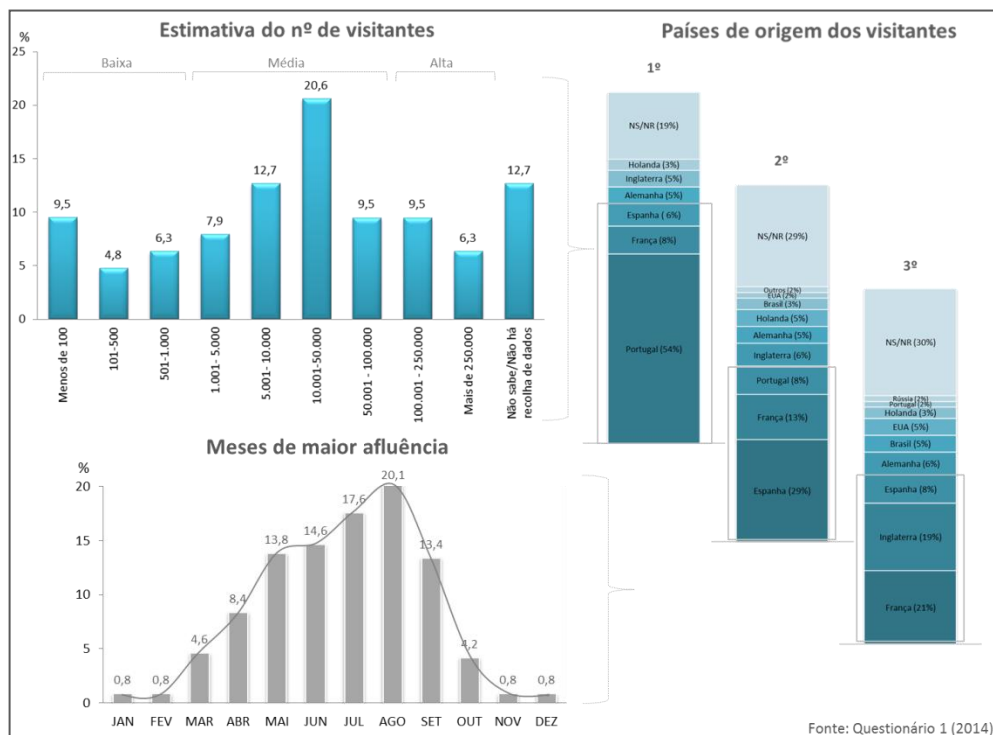


Figura VII.22: Número de visitantes em termos estimativos, principais países de origem e meses de maior afluência (sobre o total de ocorrências)

<sup>227</sup> Destaque para o conjunto parques e monumentos sob a gestão da Parques de Sintra que, segundo dados avançados pela empresa, foram visitados por quase 2 milhões de pessoas em 2014 (mais 13% que em 2013), a maioria estrangeiros (86%), gerando uma receita de cerca de 18 milhões de euros (OLIVEIRA, 2015).

Em termos de frequência mensal, os dados recolhidos são meramente indicativos, uma vez que alguns inquiridos referiram apenas o principal mês, já outros mencionaram vários meses ou apenas os períodos temporais em que registam uma maior afluência de visitantes. Conclui-se que a frequência se estende por todos os meses, contudo são sobretudo as épocas da primavera e do verão as mais atrativas à visita de jardins, com o mês de agosto a destacar-se, já que se trata do mês que tradicionalmente é escolhido para férias e que mais visitantes estrangeiros traz ao país (Figura VII.22).

De referir que os meses de inverno também foram apontados como os de maior frequência por alguns jardins (8 no total), mormente por jardins do Norte, uma vez que nestes as camélias (ou japoneiras) são as “flores rainhas” desta estação e muito apreciadas sobretudo por estrangeiros, e também por jardins da Madeira, já que não podemos ignorar a grande afluência de visitantes na quadra natalícia, Ano Novo e Carnaval (e na Festa da Flor realizada em abril/maio) com evidente repercussão na visita de jardins da ilha, assim como o facto de que nos jardins madeirenses existem mais de 500 espécies que florescem em dezembro (QUINTAL, 2009).

No âmbito da visita é positivo o balanço feito pelos inquiridos da abertura ao público, pois mais de 50% das respostas confirmam que os visitantes têm aumentado (Figura VII.23), cujos motivos apontados se agregaram em dois grandes conjuntos: motivos de ordem interna, ou seja, diretamente relacionados com o jardim e com a atuação de quem por eles é responsável, e motivos de ordem externa, ou seja, razões independentes do jardim ou da atuação dos seus responsáveis (Quadro VII.1). Uma tendência que, segundo os inquiridos, se prevê que evolua de forma positiva a curto/médio prazo, aliás com um número mais expressivo (62%), são ainda menos os que apontam uma diminuição de visitantes.

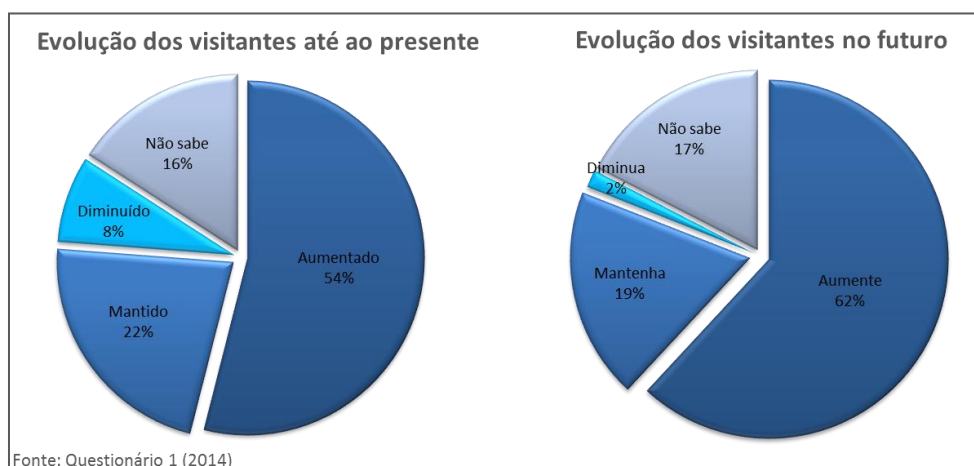


Figura VII.23: Evolução dos visitantes dos jardins

A nível interno, os inquiridos destacaram a maior e melhor divulgação dos jardins (30%), assim como a recuperação de património e infraestruturas (19%), e o aumento e melhoria das atividades disponibilizadas ao público (12%) como fatores decisivos no aumento de visitantes. Já a nível externo, apesar de menor incidência, a proximidade a uma atração com bastante visibilidade foi apontada por dois inquiridos, ao qual se junta o aumento de turistas no geral e do interesse do público assim como a melhoria de acessibilidades (Quadro VII.1).

A manutenção do número de visitantes também constitui um dado importante neste âmbito com mais de 20% a afirmarem que o volume de visitantes se tem mantido e 19% assim perspectiva que continue. Apenas 8% (5) dos inquiridos revelaram que os visitantes nos seus jardins têm diminuído, uma situação justificada com o contexto económico internacional pouco favorável (crise internacional) que se reflete no turismo em geral e nas visitas a jardins em particular, a falta de apoios, a perda de parcerias com operadores turísticos importantes e a carência de infraestruturas e recursos adequados a atividades lúdicas (Quadro VII.2).

Os resultados apurados nestas questões incidem, em parte, em aspetos semelhantes aos que CONNELL (2002) verificou no estudo que levou a cabo (Quadro VII.3), não obstante a importância atribuída aos mesmos ser de forma global diferente. Os proprietários de jardins da Grã-Bretanha evidenciaram sobretudo o facto de haver mais público interessado em jardins (35%), um motivo externo ao jardim que foi apenas apontado por um responsável no estudo nacional, seguido do melhoramento/aumento do marketing do jardim (35%), considerado este o principal motivo (interno) para o aumento de visitantes dos jardins nacionais. Já a competição com outras atrações foi referida por mais de metade dos respondentes ingleses como a principal razão para a diminuição de visitantes, enquanto os responsáveis nacionais a justificam com a falta de infraestruturas dedicadas ao lazer e turismo. Na Grã-Bretanha cada uma das situações é justificada, de forma primária, com razões externas aos jardins, já no contexto nacional ganham protagonismo as razões internas, diretamente relacionadas com os jardins e atividade neles desenvolvida.

Relativamente à forma de organização dos visitantes não houve uma diferença significativa entre as opções apresentadas, verificando-se quase todas elas nos jardins inquiridos. Contudo, os seus responsáveis apontaram uma predominância dos visitantes *individuais* (22% no total de ocorrências, 83% dos inquiridos), sendo destacada também por 14% como a principal forma de organização (Figura VII.24).

Quadro VII.1: Motivos apresentados pelos inquiridos para o aumento de visitantes

Motivos	Motivos apresentados pelos inquiridos	Nº	1 %	2 %
<b>Motivos internos</b>	1º Maior e melhor divulgação/promoção e informação	13	30,2	38,2
	2º Recuperação do património e infraestruturas	8	18,6	23,5
	3º Aumento/diversificação de atividades lúdicas/culturais	5	11,6	14,7
	4º Elemento associado com aumento de visitantes	3	7,0	8,8
	5º Fama e qualidade do jardim	3	7,0	8,8
	6º Abertura ao público de áreas fechadas/associadas	2	4,7	5,9
	7º Associação a operador/roteiro turístico	2	4,7	5,9
	8º Melhoria das condições gerais de acolhimento	2	4,7	5,9
<b>Motivos externos</b>	1º Proximidade a atração com bastante visibilidade	2	4,7	5,9
	2º Aumento de turistas no geral	1	2,3	2,9
	3º Aumento do interesse do público	1	2,3	2,9
	4º Melhoria de acessibilidades	1	2,3	2,9

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário 1 (2014)/1 – ocorrências (n.º 43); 2 – inquiridos (n.º 34)

Quadro VII.2: Motivos apresentados pelos inquiridos para a diminuição de visitantes

Motivos	Motivos apresentados pelos inquiridos
<b>Motivos internos</b>	Falta de infraestruturas/recursos para lazer
	Perda de parcerias com operadores turísticos
<b>Motivos externos</b>	Falta de apoios
	Contexto económico internacional

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário 1 (2014)/Apenas 1 inquirido não respondeu

Quadro VII.3: Razões para o aumento e diminuição de visitantes nos jardins da Grã-Bretanha

Razões para o aumento de visitantes		Razões para a diminuição de visitantes	
Mais público interessado em jardins	34,9%	Concorrência de outras atrações	53,6%
Melhoria no marketing do jardim	34,9%	Aberturas reduzidas	14,3%
Nova atração no jardim	10,7%	Redução do n.º de visitantes na área	10,7%
Mais visitantes na área	3,9%	Maioria dos moradores locais já visitou	7,1%
Outros	15,7%	Outros	14,3%

Fonte: Adaptado de CONNELL (2002)

A combinação entre *grupos escolares, individuais, famílias, grupos turísticos nacionais e grupos turísticos internacionais* foi a que mais se verificou (19%), mas é de salientar também a importância dos jardins que referiram receber, em maior número, por exemplo, grupos turísticos nacionais e grupos turísticos internacionais, de resto apontada

como a principal forma de organização por cerca de 8%, a par das famílias (Quadro AIV.46 e AIV.47).



Figura VII.24: Formas de organização dos visitantes dos jardins, sobre o total de ocorrências

### 7.2.3.2. Os visitantes e as motivações da visita ao jardim

Tendo em conta o largo espectro de visitantes, com motivações diversas, como mais adiante veremos, era importante perceber-se que tipo de visitantes, tendo em conta o seu interesse principal e a sua faixa etária, frequentava este amplo e diverso conjunto de jardins, na perspetiva dos seus responsáveis.

Da tipificação elaborada *a priori* e disponibilizada aos inquiridos, foi destacado por estes como visitante dos seus jardins, e tendo em conta o número de ocorrências, o que tem *interesse geral por jardins, flores e plantas* (40%) e o que *busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado* (36%), de resto, as mais apontadas também sobre o total de jardins e combinações de modalidades verificadas, tendo sido esta combinação a mais referida (Figura VII.25). O tipo de *visitante com interesse específico por jardins e botânica* também reuniu uma percentagem interessante (16%), revelando que os nossos jardins atraem não só um tipo de visitante com interesse mais geral ou sem interesse aparente, mas também os que procuram especificamente este tipo de espaços pelas suas espécies florísticas. Estes resultados estão em consonância com os apurados por CONNELL (2002), mantendo-se a ordem de importância mas com percentagens diferentes.

Quanto à faixa etária, as respostas dos proprietários/responsáveis permitiram destacar sobretudo o visitante pertencente a uma classe mais madura (54%), sendo inclusive a faixa do visitante mais idoso (14%) superior à do mais jovem (9%).

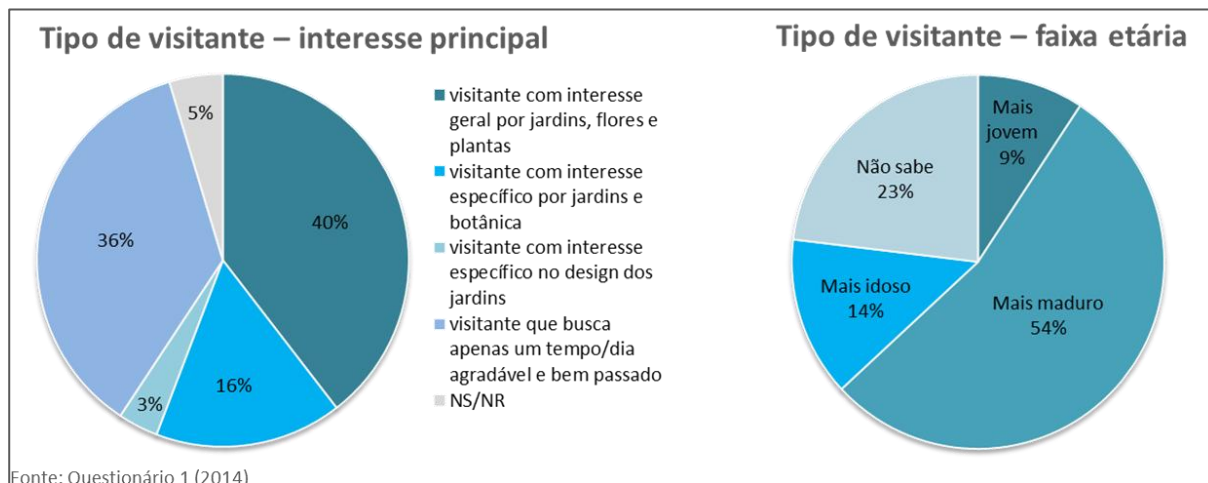


Figura VII.25: Definição dos visitantes dos jardins, quanto ao seu interesse principal e quanto à sua faixa etária, sobre o total de ocorrências

Jardins diferentes atraem visitantes com interesses diferentes. Todavia, a partir da informação avançada pelos responsáveis esta relação não se conseguiu estabelecer de forma clara e indubitável uma vez que vários inquiridos referiram dois ou mais tipos de visitantes ( $p=0,632$ ). Não obstante, os dados apurados permitem verificar que as quintas de recreio e os jardins envolventes de casas atraem os diferentes tipos de visitantes, embora no primeiro se destaque o visitante com interesse geral (34,5%) e, no segundo, o visitante que busca um dia bem passado (40,0%) (Quadro VII.4).

Quadro VII.4: Tipo de visitante consoante o interesse por tipo de jardim

Tipo de visitante consoante o interesse (% coluna)	Tipo de jardim											
	Q. de recreio		Jardim Botânico		Cerca		Parque		J. envolvente de casa		Estufa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas	10	34,5	4	44,4	1	16,7	2	25,0	2	20,0	0	0,0
Visitante com interesse específico por jardins e botânica	3	10,3	1	11,1	0	0,0	0	0,0	1	10,0	1	100,0
Visitante que busca apenas um dia agradável e bem passado	7	24,1	0	0,0	4	66,7	1	12,5	4	40,0	0	0,0
Visitante com dois ou três tipos de interesse	7	24,1	4	44,4	1	16,7	4	50,0	2	20,0	0	0,0

Fonte: Elaboração própria com base no questionário 1 (2014)/Valor de NS/NR (4 casos) excluído da representação



No sentido de se apurar com mais detalhe o quadro motivacional da visita a este conjunto de jardins foi solicitado, numa primeira fase, que os inquiridos indicassem o nível de concordância ou discordância face a um grupo de motivos apresentados para a visita aos jardins (elaborado com base na bibliografia) e, numa segunda fase, para indicarem especificamente os três principais motivos para a visita aos seus jardins.

O Quadro VII.5 e a Figura VII.26 revelam com clareza as grandes tendências motivacionais dos visitantes deste conjunto de jardins, na perspetiva dos seus responsáveis. Desta forma, são amplamente destacados pelos inquiridos em primeiro lugar o *elemento associado ao jardim* seguido do *contacto com a natureza e ar livre*, embora este último granjeie a maior percentagem de concordância (total e parcial) – 81%, a média de respostas mais elevada (3,92) e um desvio padrão de 1,639. A *fama e importância do jardim* reúnem um nível de concordância total de quase 50%, sendo ainda de destacar a *paz, tranquilidade, descanso* (44%). A *procura de inspiração para jardim próprio* a par da *visita ocasional e sem motivo* específico são os menos destacados pelos responsáveis obtendo uma média de respostas situada no nível 2 (*Discordo, em parte*).

Quadro VII.5: Nível de concordância/discordância face aos motivos para a visita

Motivos para a visita ao jardim (%)								
Motivos	NS/NR	1	2	3	4	5	Méd.	DP
a) Contacto com a natureza, ar livre	12,7	0,0	1,6	4,8	30,2	<b>50,8</b>	3,92	1,639
b) As diferentes espécies florísticas	15,9	1,6	1,6	17,5	33,3	30,2	3,41	1,710
c) Ocupação dos tempos livres	14,3	3,2	4,8	19,0	28,6	30,2	3,35	1,696
d) Paz, tranquilidade, descanso	14,3	0,0	3,2	14,3	23,8	<b>44,4</b>	3,67	1,713
e) Interação familiar/social	12,7	1,6	14,3	20,6	33,3	17,5	3,13	1,550
f) Arquitetura/design do jardim	14,3	0,0	3,2	19,0	31,7	31,7	3,46	1,683
g) Fica perto/a caminho de outra atração	15,9	12,7	11,1	12,7	27,0	20,6	2,84	1,780
h) Fama e importância do jardim	12,7	1,6	1,6	12,7	22,2	<b>49,2</b>	3,78	1,689
i) Procura de inspiração para jardim próprio	22,2	14,3	22,2	28,6	7,9	4,8	2,00	1,448
j) Simples curiosidade	19,0	1,6	6,3	27,0	27,0	19,0	2,98	1,709
l) Casa/Palácio/Museu ou outro associado	11,1	7,9	4,8	9,5	12,7	<b>54,0</b>	3,67	1,805
m) Sem motivo específico, visita ocasional	22,2	11,1	6,3	31,7	11,1	17,5	2,51	1,768
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>		

Fonte: Elaboração própria com base no questionário 1 (2014) (NS/NR – Não sabe/Não responde; 1 – discordo totalmente; 2 – discordo em parte; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo em parte; 5 – concordo totalmente)

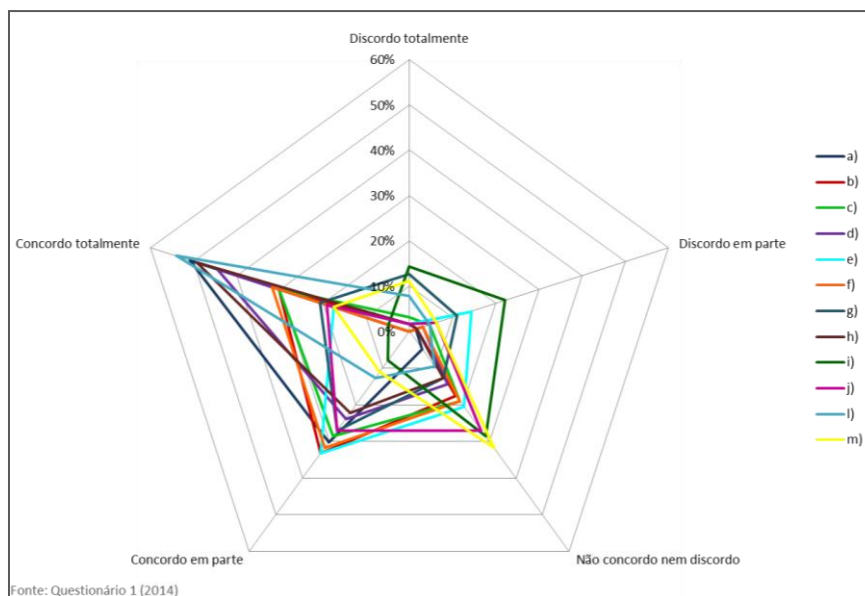


Figura VII.26: Representação gráfica do nível de concordância/discordância face aos motivos para a visita

Já foi referido que grande parte destes jardins está associada a um elemento âncora, sendo este até a razão da existência dos mesmos em muitos casos (note-se que a principal razão para a criação dos jardins apontada pelos inquiridos foi o enquadramento do elemento principal), com grande capacidade atrativa, e por isso não é de estranhar que a *casa/palácio/museu ou outro elemento associado* seja apontado pelos inquiridos como o principal motivo da visita dos seus jardins. Todavia, esta não é, para muitos, a principal ou até mesmo a única razão da sua frequência, como de resto se pode confirmar no Quadro VII.6. Com efeito, a *fama e importância do jardim* (em termos gerais de antiguidade, estilo, arquitetura, espécies ou história) foi dos mais destacados, posicionando-se em segundo como o principal motivo, em primeiro como motivo secundário e novamente em segundo no que diz respeito ao terceiro motivo da frequência.

Esta avaliação permite concluir que o elemento associado ao jardim é sem dúvida importante mas, o leque de motivações à visita é mais amplo, e os jardins são também visitados por razões mais específicas como as suas *espécies florísticas* ou a sua *arquitetura e design*, como por razões mais comuns como o *contacto com a natureza* ou a procura de *paz, tranquilidade e descanso* que tão bem estes espaços sabem providenciar aos seus visitantes, quaisquer que eles sejam, e que é, de resto, uma característica intrínseca dos jardins.

Quadro VII.6: Principais motivos para a visita ao jardim

Principais motivos para a visita ao jardim, por ordem de importância			
Motivos	1º	2º	3º
a) Contacto com a natureza, ar livre	<b>14,3</b>	4,8	<b>15,9</b>
b) As diferentes espécies florísticas	7,9	<b>17,5</b>	3,2
c) Ocupação dos tempos livres	4,8	4,8	4,8
d) Paz, tranquilidade, descanso	4,8	<b>11,1</b>	7,9
e) Interação familiar/social	0,0	0,0	1,6
f) Arquitetura/design do jardim	4,8	7,9	<b>17,5</b>
g) Fica perto/a caminho de outra atração	3,2	3,2	3,2
h) Fama e importância do jardim	<b>17,5</b>	<b>23,8</b>	<b>15,9</b>
i) Procura de inspiração para jardim próprio	0,0	1,6	1,6
j) Simples curiosidade	1,6	1,6	4,8
l) Casa/Palácio/Museu ou outro associado	<b>28,6</b>	7,9	7,9
m) Sem motivo específico, visita ocasional	0,0	0,0	1,6
n) Outros	3,2	6,4	1,6
NS/NR	9,5	9,5	11,1
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria com base no questionário 1 (2014)

Tendo em conta a informação avançada pelos responsáveis constatou-se que não se verificam diferenças estatisticamente relevantes entre o principal motivo para a visita e o tipo de jardim ( $p=0,826$ ), embora se registre uma maior diversidade de motivos nas quintas de recreio, jardins botânicos e parques em relação aos restantes (Quadro VII.7).

Quadro VII.7: Principal motivo para a visita por tipo de jardim

Principal motivo para a visita (1º) (% coluna)	Tipo de jardim											
	Q. de recreio		Jardim Botânico		Cerca		Parque		J. envolvente de casa		Estufa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Contacto com a natureza, ar livre	5	17,2	1	11,1	1	16,7	1	12,5	1	10,0	0	0,0
As diferentes espécies florísticas	3	10,3	1	11,1	0	0,0	0	0,0	1	10,0	0	0,0
Ocupação dos tempos livres	1	3,4	2	<b>22,2</b>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Paz, tranquilidade, descanso	1	3,4	0	0,0	1	16,7	1	12,5	0	0,0	0	0,0
Arquitetura/design do jardim	2	6,9	0	0,0	0	0,0	1	12,5	0	0,0	0	0,0
Fica perto (...) de outra atração	1	3,4	1	11,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Fama e importância do jardim	5	17,2	3	<b>33,3</b>	1	16,7	1	12,5	0	0,0	1	<b>100,0</b>
Simples curiosidade	1	3,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Casa/Palácio/Museu ou outro	9	<b>31,0</b>	0	0,0	1	16,7	3	<b>37,5</b>	5	<b>50,0</b>	0	0,0
Outros	0	0,0	0	0,0	1	16,7	0	0,0	1	10,0	0	0,0

Fonte: Elaboração própria com base no questionário 1 (2014)/Valor de NS/NR (6 casos) excluído da representação

De notar que cerca de 40% dos jardins não têm qualquer fonte de receitas e apenas 22% avançou com quantitativos, dos quais quase 60% são inferiores a 100 mil euros anuais.

### 7.2.3.3. O marketing e a atividade lúdica

A promoção e a divulgação é um dos aspetos mais relevante no que concerne à atividade turística. O seu papel torna-se essencial principalmente no que diz respeito aos jardins privados que não constituem atrações turísticas de relevo no sistema global, embora com importância a nível local e para grupos específicos de visitantes. Neste campo, a grande maioria dos inquiridos (90%) revelou que promove os seus jardins de variadas formas, sendo mais comum uma combinação entre diferentes formatos (87%) do que propriamente apenas um (13%). A análise do número de ocorrências evidencia sobretudo a promoção feita *online*, quer seja através da *própria página na internet* (23%), apontado também como o principal meio usado (12%), quer seja através das *redes sociais* (*facebook*, *twitter*, entre outros) (14%), mas não menos importante é a presença em *rotas e itinerários turísticos* (18%), constituindo este um meio de promoção secundário. Por outro lado, e mais uma vez, a APJH e as atividades que a mesma desenvolve foi referida por um parco número de inquiridos (2) revelando uma importância residual nesta matéria (Figura VII.27).

Como já foi mencionado é mais vulgar haver uma combinação de meios (Figura VII.28), pelo que a mais referida foi a promoção através da conjugação entre *página na internet*, *redes sociais*, *rotas e itinerários turísticos*, *feiras/certames*, *comunicação social*, *cartazes publicitários/panfletos*, *eventos internacionais e em rede com outras atrações turísticas* (7%), sobretudo em grandes jardins que constituem grandes polos de atração. Há ainda a destacar a promoção através da *página na internet e rotas e itinerários turísticos* ou da *página na internet, rotas e itinerários turísticos e comunicação social*, ambas as combinações indicadas por 5% dos inquiridos (Quadro AIV.53).

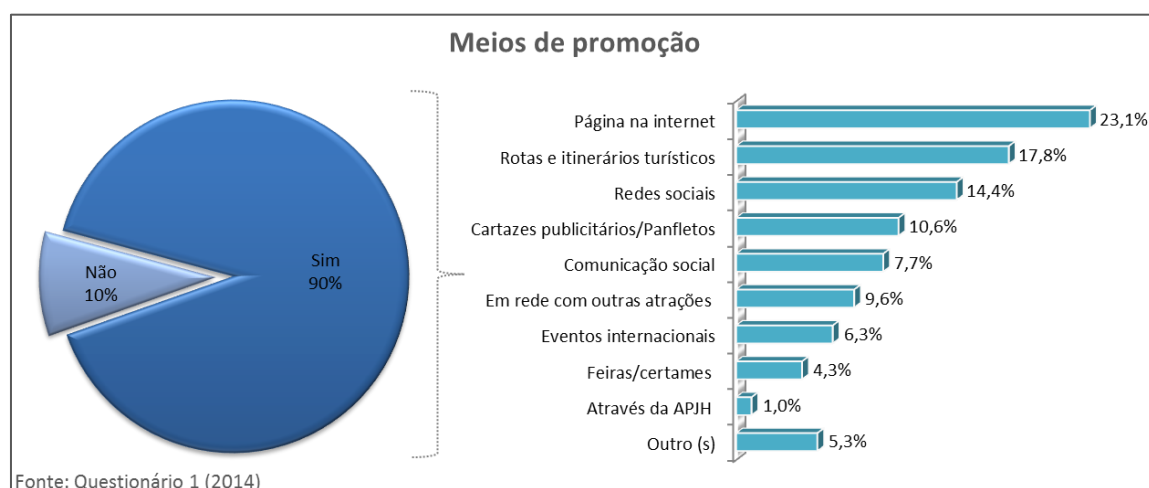


Figura VII.27: Meios de promoção dos jardins, sobre o total de ocorrências



Fonte: Endereço eletrónico do Palheiro Ferreiro (2015) e Autora (2015)

Figura VII.28: Exemplos de meios de promoção dos jardins<sup>228</sup>

No ponto 5.2. do capítulo V foi abordada a questão dos diversos usos dos jardins tendo em conta que estes são permeáveis à realização de vários tipos de atividades. Mais de 3/4 dos jardins analisados promovem atividades com um nítido destaque para os *percursos turístico-educativos* (27%) e *espetáculos culturais* (19%), com base no número de ocorrências (Figura VII.29). Os primeiros foram igualmente destacados como a única e principal atividade. Neste âmbito note-se que há em quase todos uma combinação de atividades onde a conjugação de percursos e espetáculos é a que mais acontece (Quadro AIV.56).



Fonte: Questionário 1 (2014)

Figura VII.29: Tipo de atividades promovidas nos jardins, sobre o total de ocorrências

A visita aos jardins que fazem parte deste estudo permitiu presenciar e nalguns casos fazer parte dessas mesmas atividades. Muito acontece nestes jardins. Desde visitas guiadas,

<sup>228</sup> Página *online* dos jardins do Palheiro Ferreiro (2015) na Madeira e diversos exemplos de panfletos promocionais e informativos recolhidos aquando da visita aos jardins.

exposições e espetáculos culturais variados, feiras do livro ou concertos. As figuras seguintes ilustram algumas dessas atividades (Figura VII.30).



Fonte: Autora (2015)

Figura VII.30: Exemplos de atividades levadas a cabo nos jardins<sup>229</sup>

#### 7.2.3.4. A inserção e o contexto territorial do jardim

As rotas, roteiros e percursos constituem uma forma não só de agregar elementos com características comuns, potenciando a criação e consolidação de redes e interesses, estimulando a cooperação entre diversos atores, mas também de os promover junto do público, efetivo e potencial, já que estes se tornaram fundamentais na organização e comercialização do turismo como produto. A este respeito FERNANDES (2010) e FERREIRA, AGUIAR e PINTO (2012) sublinham a capacidade estruturadora de rotas e itinerários turísticos ao permitirem unir lugares com traços comuns, para além de que evidenciam formas de cooperação e aproximação por uma mais-valia que se complementa ao longo do percurso através da possibilidade de adição de uma variedade de serviços, daí decorrendo um conjunto de sinergias não só para turistas e operadores mas também para toda a comunidade, e demonstram ainda um excelente desempenho na captação de turistas.

A pertença a este tipo de organização é apontada pelos inquiridos como um importante meio de promoção. Mais de metade dos jardins integrantes deste estudo faz parte de alguma rota ou percurso, nomeadamente ao nível regional e nacional, com destaque para a Rota Porto Cidade das Camélias. Note-se que 76% (38) dos jardins fazem parte dos *tours* de jardins apurados no capítulo VI (Figura VII.31 e VII.32).

Conhecer e perceber o contexto turístico em que os jardins estão inseridos é um dos objetivos desta investigação, mormente em relação à proximidade de determinado tipo de equipamentos e de outras atrações.

<sup>229</sup> Da esquerda para a direita: visita guiada nos Jardins do Palácio de Belém, informação sobre espetáculo de teatro no Jardim Botânico da Ajuda e sobre exposição na Estufa Fria de Lisboa.

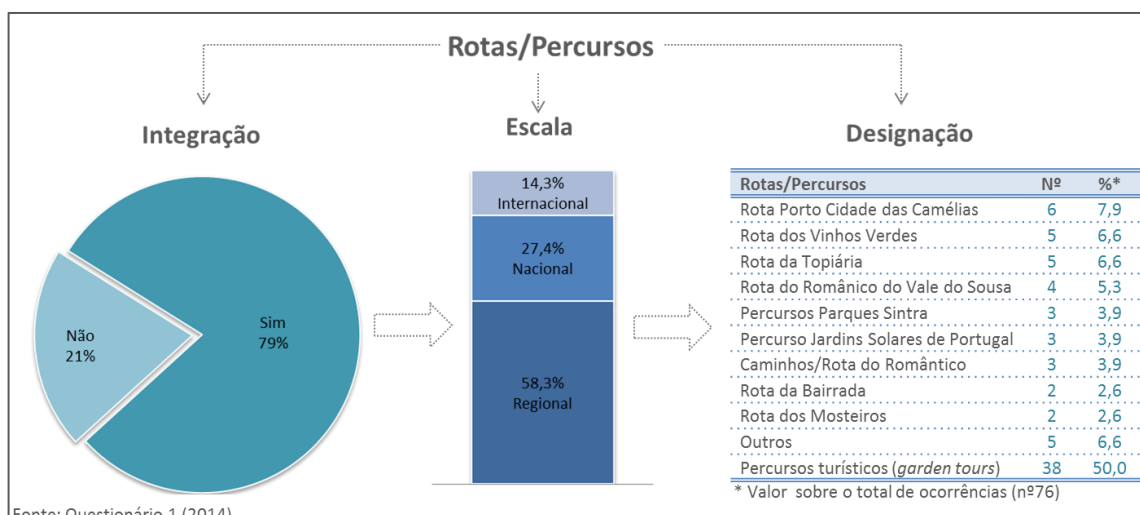
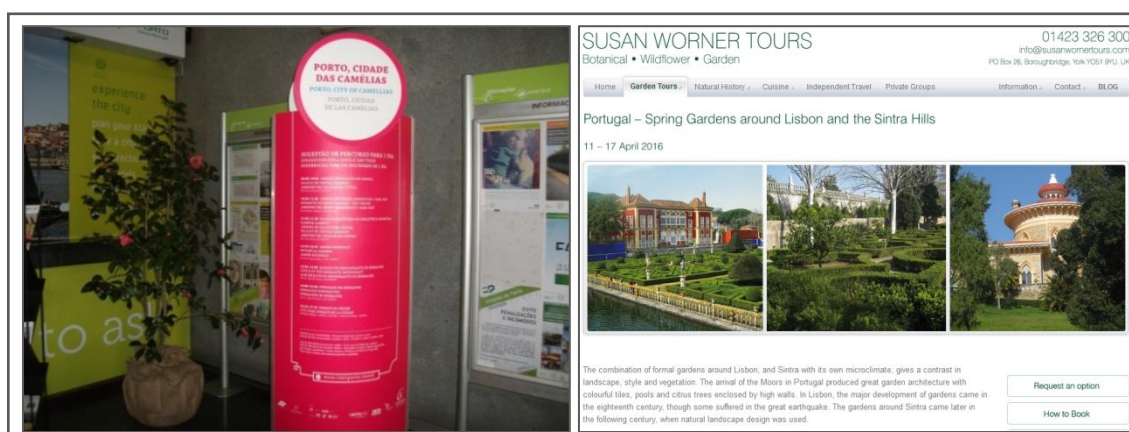


Figura VII.31: Integração dos jardins em rotas e percursos e sua escala territorial



Fonte: Autora (2014), Susan Worner Tours – endereço eletrónico (2016)

Figura VII.32: Exemplo de rota e garden tour<sup>230</sup>

A análise dos dados permite afirmar que a quase totalidade dos jardins está inserida num contexto territorial favorável no que diz respeito a estes dois cenários, o que configura uma oportunidade de criação de sinergias com vantagens para os atores territoriais envolvidos. O alojamento é o equipamento mais presente nas imediações dos jardins (35% sobre o total de ocorrências), desde *unidades hoteleiras* (17%), *pensões/residenciais* (10%) a *outro tipo de alojamento* (9%), acrescido da restauração, também com uma presença forte (24%), sendo mais comum a combinação entre *café/restaurante e hotel* (10%) e entre todos os equipamentos mencionados (14%). Note-se também que quase metade dos

<sup>230</sup> Rota Porto Cidade das Camélias e *Portugal – Spring Gardens around Lisbon and Sintra Hills*.

proprietários/responsáveis (46%) revelaram ainda estar próximo de outros jardins (Figura VII.33).

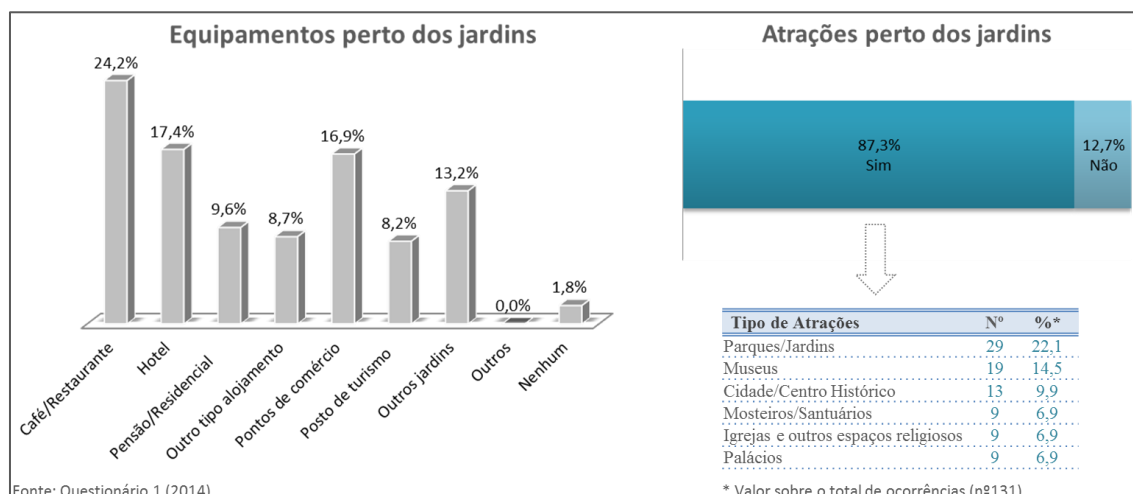


Figura VII.33: Equipamentos e atrações localizadas próximas dos jardins, sobre o total de ocorrências

Perto de 90% beneficia ainda da localização próxima de outro tipo de atrações. Embora não tivesse sido pedido aos inquiridos um levantamento exaustivo, estes foram bastante completos e referiram um conjunto alargado de espaços dos quais se destacam os parques e jardins, os museus, as cidades e centros históricos, mosteiros e santuários, assim como igrejas e palácios (nestes últimos casos, referindo-se com certeza aos próprios elementos associados aos jardins) (Figura VII.34).



Fonte: Autora (2015)

Figura VII.34: Exemplos de equipamentos e atrações localizadas próximo dos jardins<sup>231</sup>

<sup>231</sup> Da esquerda para direita: hotel próximo da Estufa Fria em Lisboa, restaurante em frente aos Jardins do Palácio de Queluz, Posto de Turismo de Sintra, Mosteiro e Jardins dos Jerónimos perto do Jardim do Palácio de Belém, do Jardim Botânico da Ajuda e do Jardim Botânico Tropical.



No que diz respeito à relação de complementaridade entre os jardins e outras atrações presentes no território, os proprietários/responsáveis classificam-na de *forte* e *muito forte* (44%). Apesar da tendência positiva no que diz respeito às relações desenvolvidas e mantidas entre estes atores, há que ter em conta os 14% de casos em que esta *relação não existe*, embora em 13% dos casos esteja *em construção*, um sinal positivo que mostra a vontade de que efetivamente se estabeleçam relações vantajosas para as partes (Figura VII.35).

Mais de 80% dos inquiridos assumiram que os jardins de que são proprietários e/ou responsáveis são *importantes* e *muito importantes* para a atratividade dos territórios em que se inserem, principalmente os jardins que se localizam em meio urbano. Uma constatação em perfeita sintonia com o facto de considerarem os seus jardins como atrações principais (Figura VII.36). Num sentido mais negativo está o facto de mais de metade destes jardins (57%) não terem/manterem qualquer relação com outros jardins, o que compromete as eventuais sinergias positivas de que poderiam tirar proveito. Pelo contrário é de ressaltar que estas relações existam em cerca de 33% dos jardins em estudo.

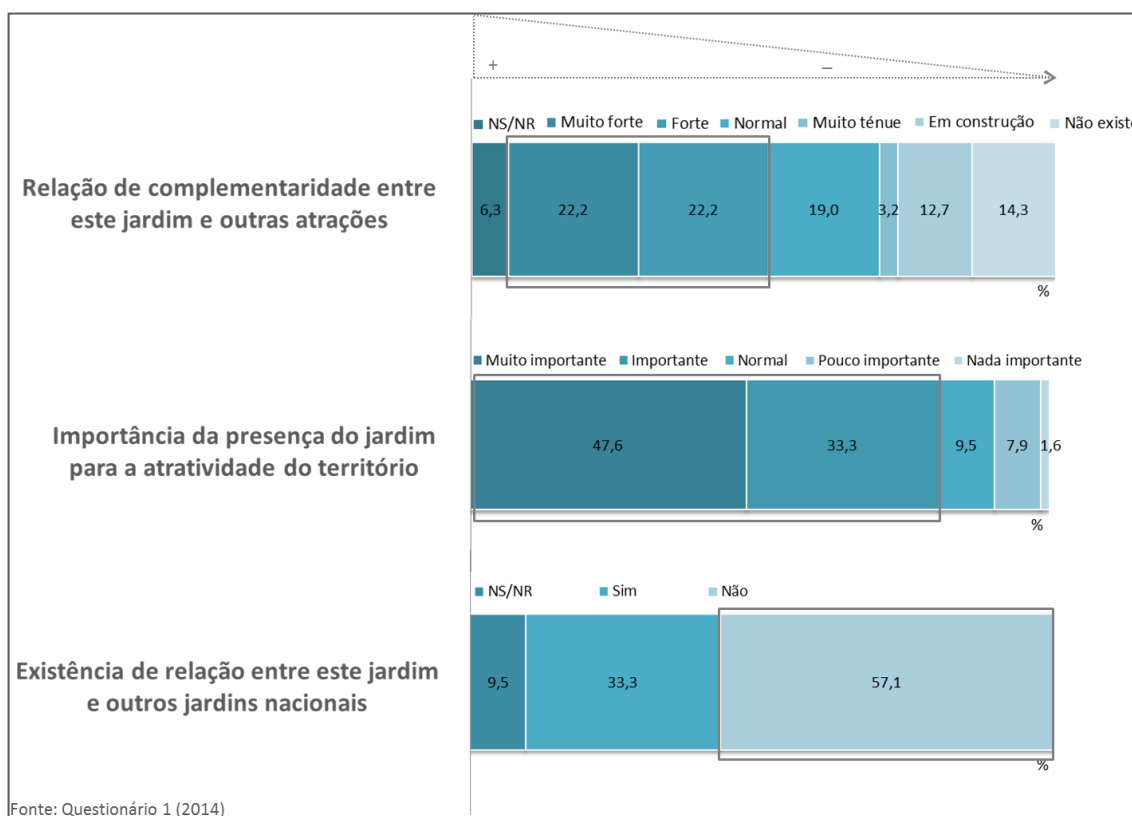


Figura VII.35: Relações de complementaridade e importância da presença dos jardins para a atratividade dos territórios

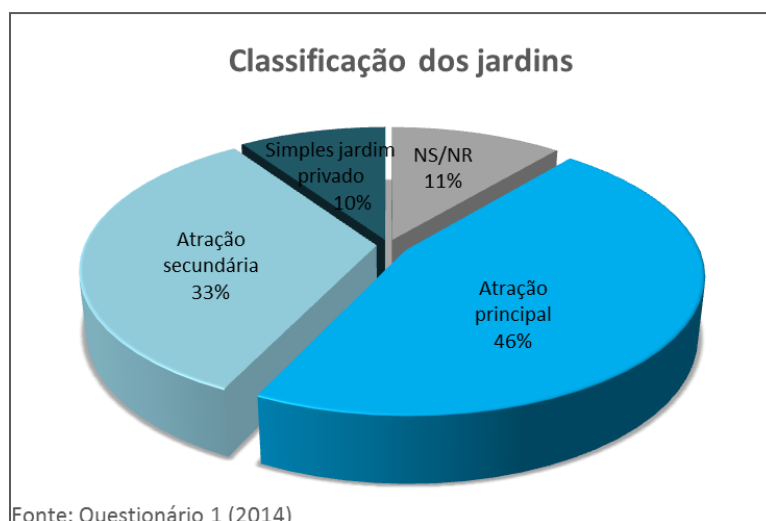


Figura VII.36: Classificação dos jardins tendo em conta o nível/tipo de atração

No quadro do sistema territorial/turístico, é de notar que quase 80% dos inquiridos posicionam os jardins de que são responsáveis como atrações, quase metade (46%) classifica-os mesmo como *atrações principais* do território, 33% como *atração secundária* e apenas uma pequena percentagem (10%), correspondendo a 6 inquiridos, veem os seus jardins como meras propriedades privadas que estão abertas ao público, concluindo-se portanto que não exercem um papel influente na atratividade do território (Figura VII.36). São sobretudo os jardins que se localizam nas cidades aqueles que se consideram atrações principais, sendo bem menos os que se qualificam como secundários. Pelo contrário, grande parte dos que se localizam em meio rural posicionam-se como atrações secundárias, embora cerca de 1/4 destes declare a sua posição principal.

A pertença a grupos com interesses comuns é importante, e muitas vezes crucial, não só na defesa desses mesmos interesses comuns, mas também como forma de partilha de experiências e boas práticas. No âmbito do património paisagístico, e mais especificamente dos jardins, existem algumas formas organizativas, tanto nacionais como internacionais, de grande revelo às quais mais de metade dos inquiridos (62%) respondeu pertencer, sobretudo a organizações de âmbito internacional, algumas com tradução nacional e/ou ibérica, como é o caso da *International Camellia Society*/Associação Portuguesa de Camélias, que reúne um maior número de associados (64% do total de jardins). A nível nacional é a APJH que se destaca congregando mais de 60% dos jardins que assumiram ter este tipo de relação associativa. O peso dos jardins botânicos neste grupo de jardins faz com que sejam referidas organizações como o *BGCI* e a *Asociación Ibero-Macaronésica de Jardines Botánicos* posicionando-se em terceiro e quarto lugar respetivamente (Quadro AIV.67 e AIV.68).

### 7.2.3.5. Pontos fortes e fracos do jardim

A revelação dos principais pontos fortes e fracos dos jardins em estudo por parte dos seus responsáveis e a sua análise permitiu, em traços gerais, descortinar um conjunto de fatores tangíveis e intangíveis, de cariz interno e externo, traduzidos nos principais fatores atrativos e repulsivos dos mesmos e que, em muito, justificam o nível de atratividade que atribuem aos seus jardins.

No que diz respeito aos pontos fortes, o valor histórico, arquitetónico e paisagístico trespassa, de forma direta ou indireta, a maioria das respostas dos inquiridos que, após análise, foram agrupadas num conjunto aglutinador de pontos essenciais (Quadro AIV.69).

Na opinião dos responsáveis, a história, o património botânico e a arquitetura e design, enquanto pontos fortes internos relacionados de forma direta com os jardins, são os que têm um peso fundamental e central no seu poder atrativo (Quadro VII.8). A dimensão histórica dos jardins é mencionada por cerca de 15% dos inquiridos de forma global, havendo apenas a registar um que especificou o facto de ter pertencido a uma personalidade histórica com grande importância, sendo na maior parte das vezes um fator associado ao património botânico e à arquitetura.

Já no que concerne ao património botânico/natural, referido por cerca de 43% dos responsáveis dos jardins e ocupando o segundo lugar, com 23% sobre o total de ocorrências, foi sobretudo destacada a presença de coleções e de espécies botânicas com interesse (17%), sendo que 13% dos inquiridos foram mais específicos e frisaram a diversidade das espécies e cerca de 7% a antiguidade, monumentalidade e raridade das mesmas. Neste caso, as coleções de camélias oitocentistas do Buçaco<sup>232</sup>, Fiães ou de Villar d'Allen são alguns exemplos de um património intimamente ligado à história e cultura do país, que deve ser preservado e valorizado. Grande parte dos inquiridos associou este fator à arquitetura e design dos jardins e às vistas e perspetivas, aliás um dos traços característicos do jardim português.

Em lugar de destaque surge o fator ligado à arquitetura, design e organização do jardim com maior número de ocorrências (38%) e mencionado por 70% dos responsáveis. Dentro deste foram enaltecidos aspetos relacionados com a arquitetura e desenho dos jardins,

---

<sup>232</sup> “O Buçaco possui uma coleção de camélias de excelência, que retrata todo um género a nível mundial durante quase dois séculos. Esta coleção é o espelho do estilo de vida cultural, onde os Homens ansiavam pela procura do saber e se apaixonavam pela mais bela das artes, a Natureza. Assim, esta coleção deve ser preservada e para tal a manutenção dos cultivares torna-se fundamental. (...) O género *Camellia* constitui um elevado potencial uma vez que está associado a turismo cultural, muito em voga” (CORDEIRO, 2014: 97). A autora acrescenta ainda que as camélias oitocentistas do Buçaco constituem uma fonte de educação científica, consciência ambiental e botânica pelo que poderá ser palco de um novo conceito de turismo em camélias, atrativo para os amantes de camélias, proprietários, produtores ou simples entusiastas.

as vistas e perspetivas, a época representada, os elementos decorativos e estátuas e ainda a boa organização geral. Acrescenta-se ainda o género/estilo e as técnicas utilizadas mormente a topiária como fatores atrativos para cerca de 11% dos inquiridos (Quadro AIV.69). Neste domínio os pontos fortes ligados à arquitetura surgem associados entre si, havendo contudo quem os conjuge com o elemento âncora e a localização.

Quadro VII.8: Pontos fortes/atrativos dos jardins apresentados pelos inquiridos

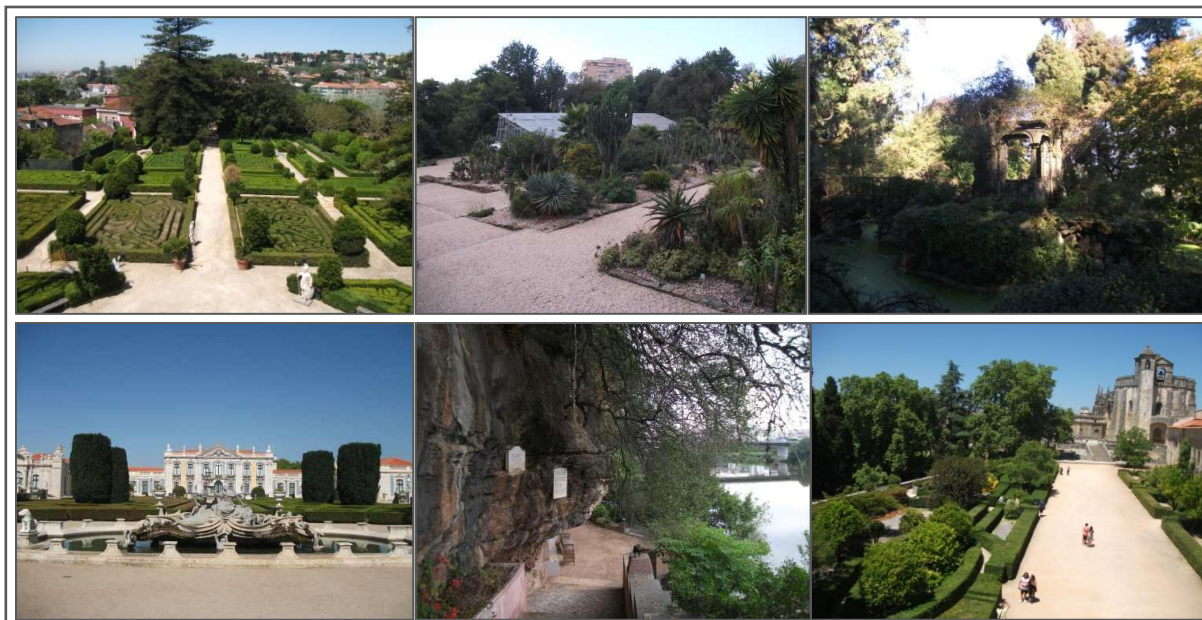
Pontos fortes/atrativos apresentados pelos inquiridos		1%	2%
<b>Atrativos centrais</b>	1º Arquitetura/Design/Organização	38,4	70,4
	2º Património botânico/natural	23,2	42,6
	3º História/Valor histórico	8,1	14,8
<b>Atrativos secundários</b>	1º Associação a elemento âncora/elementos patrimoniais	6,1	11,1
	2º Localização/Enquadramento	6,1	11,1
	3º Valor do conjunto global	5,1	9,3

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário 1 (2014)/1 – % sobre o total de ocorrências; 2 – % sobre o total de inquiridos

Em relação aos pontos fortes relacionados com os jardins, mas não de forma intrínseca, ou seja os que se consideram externos aos jardins, os inquiridos determinaram que a associação e presença de elemento âncora (11%), a sua localização (11%) e o conjunto global (9%) são os principais atrativos. A beleza e qualidade geral do jardim, a notoriedade, a tranquilidade e descanso, a acessibilidade, o facto de servir a população, a proximidade a equipamento ou atração e o projeto de conservação em curso também foram mencionados mas com uma importância residual no conjunto (Figura VII.37).

Quanto aos aspetos menos positivos verificados nestes jardins, a análise das respostas permitiu delinear cinco grandes grupos de pontos fracos, no seio dos quais estes são especificados (Quadro AIV.70). São sobretudo as questões ligadas à manutenção e conservação, ao aspeto estrutural e lúdico/turístico que, de acordo com a opinião dos inquiridos, são os principais pontos negativos (Quadro VII.9).

No topo dos constrangimentos deste conjunto de jardins estão questões relacionadas com a manutenção e conservação apontadas por 51% dos inquiridos, em particular no que diz respeito à falta e dificuldade de manutenção, à necessidade de muita manutenção e, conseqüentemente, ao seu custo (em 19% das ocorrências e 24% dos jardins). Neste âmbito foi ainda referida a degradação de áreas dos jardins, de elementos construídos associados e a constatação da fragilidade destes espaços, por 12% dos inquiridos no primeiro caso e por 5% nos dois últimos.



Fonte: Autora (2015 e 2016)

Figura VII.37: Exemplos de pontos fortes dos jardins<sup>233</sup>

Quadro VII.9: Pontos fracos/constrangimentos dos jardins apresentados pelos inquiridos

Pontos fracos/constrangimentos apresentados pelos inquiridos	1%	2%
<b>1. Manutenção/Conservação</b> Falta, dificuldade, custo e necessidade de muita manutenção Degradação de algumas áreas (património natural, caminhos)	39,6	51,2
<b>2. Aspeto Económico (geral)</b> Elevados encargos financeiros e falta de financiamento	5,7	7,3
<b>3. Aspeto Estrutural</b> Dimensão reduzida Acessibilidade condicionada a visitantes com mobilidade reduzida Falta/reduzido estacionamento	22,6	29,3
<b>4. Aspeto lúdico/turístico</b> Falta de articulação/integração com outras valências/rede turística	18,9	24,4
<b>5. Outros aspetos externos</b> Falta de acessibilidade e degradação de vias de acesso Localização	13,2	17,1

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário 1 (2014)/1 – % sobre o total de ocorrências ; 2 – % sobre o total de inquiridos

Ao nível estrutural foram mencionados com destaque a dimensão reduzida dos jardins (10%), os condicionalismos existentes à acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida

<sup>233</sup> Da esquerda para a direita: Em cima: Arquitetura/Design do Jardim da Quinta Real de Caxias, Coleção de catos do Jardim Botânico do Porto e janela manuelina do século XVI na Quinta da Aveleda; Em baixo: Palácio e Jardins do Palácio de Queluz, enquadramento da Lapa dos Esteios e Cerca do Convento de Cristo.

(5%), nomeadamente escadas, e ainda a falta ou reduzido estacionamento (5%), inviabilizando ou, pelo menos dificultando, por exemplo a paragem de autocarros. Com menor importância os inquiridos apontaram a falta de diversidade botânica, o facto de existirem áreas fechadas ao público e de espaços menos apelativos à visita.

No âmbito do aspeto lúdico/turístico foi salientada, pelos responsáveis destes jardins, a falta de articulação e de integração do jardim com outras valências culturais, turísticas e educativas da região (7%). O facto de não estar sob tutela do monumento a que está associado, a pouca importância atribuída como elemento individual, a falta de informação, de atividades, de formas de interpretação, de vigilância e não estar aberto aos fins de semana foram aspetos referidos, cada um deles, por apenas um inquirido, e portanto no conjunto global têm um peso pouco significativo, mas são importantes para se perceber quais são as reais dificuldades destes jardins.

A questão económica traduzida nos elevados encargos financeiros e na falta de financiamento constituem também um dos problemas sentidos, até porque está subjacente a muitos outros pontos referidos. Acrescentam-se ainda outros fatores externos, independentes da vontade dos responsáveis, como a falta de acessibilidade, sobretudo de transportes e a degradação de vias de acesso, para além da localização que, apesar de ter sido um dos fatores positivos referidos, adquire aqui uma dimensão negativa – um inquirido especifica que se localiza em meio rural e longe de tudo, um outro não beneficia da melhor localização na cidade, considerando-se à margem dos principais núcleos turísticos.

Pela posição estratégica que ocupa no seio das economias, também em Portugal a atividade turística tem sido alvo de atenções várias, levando a que mais que nunca se estabeleçam metas e objetivos, se definam eixos, linhas e produtos estratégicos a nível nacional e regional e a que os territórios e entidades vejam nos diversos programas e iniciativas disponíveis para a sua concretização uma possibilidade para qualificar e reforçar a competitividade da oferta. Neste sentido, foi intenção deste trabalho perceber a proatividade dos proprietários/entidades responsáveis no que diz respeito ao desenvolvimento da vertente turística nos jardins através da concretização de intervenções nos espaços por meio ou com o apoio de projetos e/ou programas. De acordo com os inquiridos, nos últimos 10 anos, estas intervenções ocorreram em 44% dos jardins aproveitando iniciativas externas como o *EEA Grants* (ponto 4.3.1.2. do capítulo IV), o Programa Leader, o Programa Polis, o ProConvergência, o Programa ON (CCDRN), o QREN, o Proder, o Projeto *Bright*, o *World Monument Fund*, ou iniciativas internas promovidas pelos próprios jardins ou apoiadas de alguma forma pelas entidades camarárias (Quadro AIV.72 e AIV.73).

Mas, mais do que identificar as iniciativas às quais se candidataram, muitos inquiridos optaram por revelar as intervenções já realizadas e as que estão a decorrer no momento nos jardins e/ou nos elementos construídos associados por forma a reforçar a sua atratividade (Figura VII.38). Têm sido alvo de atenção privilegiada, e conseqüentemente de obras de restauro e conservação, os sistemas hidráulicos, muros e elementos decorativos dos jardins (ex.: Jardim Botânico de Coimbra, Jardim de Fronteira, Quinta da Palmeira, Paço Episcopal de Castelo Branco, Quinta da Boa Viagem e Jardim José do Canto), edifícios associados e de apoio (ex.: Jardim Botânico do Porto e de Lisboa, Buçaco, Parque da Pena, Quinta da Regaleira). E têm sido concretizados também projetos de requalificação global dos jardins como por exemplo o Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco, o Jardim da Gulbenkian, o Palácio de Vila Flor, o Parque de Serralves ou a Prelada, intervenções mais específicas ao nível da plantação de espécies em vias de extinção (Casa de Santar), da requalificação paisagística e identificação de todas as espécies (Jardim José do Canto), manutenção da mata (Buçaco) e ainda do melhoramento da informação disponível ao público (Quinta da Palmeira).



Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura VII.38: Exemplos de intervenções realizadas e em curso nos jardins da amostra<sup>234</sup>

#### 7.2.4. Itens caracterizadores dos jardins e da sua situação

Na parte final desta secção achou-se importante conhecer a opinião do inquirido, referindo-se ao seu jardim, no âmbito de questões relacionadas com as características do jardim, o seu comportamento no sistema territorial e turístico, o comportamento do próprio proprietário e a relação com o público, materializadas num conjunto de itens/afirmações, de cariz positivo e negativo, para as quais se solicitava o respetivo nível de concordância ou discordância, tendo sido sujeitos posteriormente a uma apreciação em termos de média (Méd.), moda (MO), nível máximo (Máx.) e mínimo (Mín.) e desvio padrão (DP) registado para cada opção (Quadro AIV.74), e cujos resultados gerais se apresentam na Figura VII.39.

<sup>234</sup> Da esquerda para a direita: Casa Andresen no Jardim Botânico do Porto, observatório no Botânico de Lisboa, estufa quente na Estufa Fria em Lisboa e intervenção nas sebes de buxo nos Jardins do Palácio de Queluz.

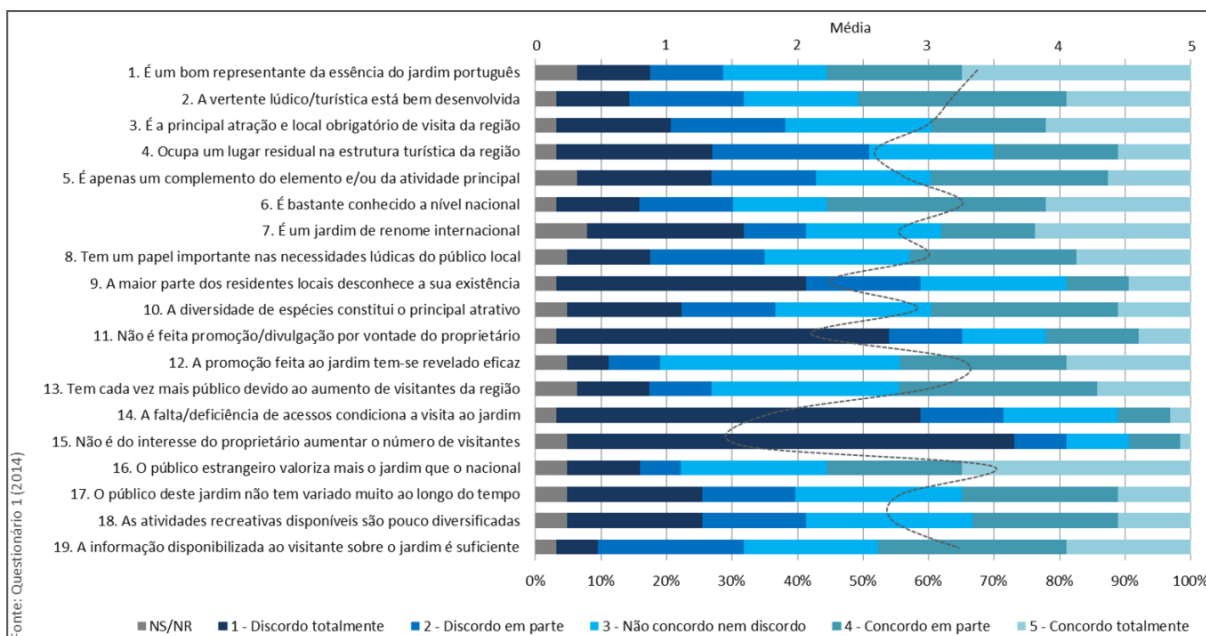


Figura VII.39: Nível de concordância/discordância face às afirmações sobre os jardins e respetiva média

Uma análise mais apurada permite concluir que mais de metade dos inquiridos (56%) considera que os seus jardins são bons representantes daquilo que é o jardim português, sendo que 35% concorda inteiramente e 21% concorda parcialmente, alcançando uma das maiores médias (3,4) e uma moda de respostas no nível 5 (*concordo totalmente*). Relativamente à sua perceção quanto ao bom desenvolvimento da vertente lúdica e turística nos seus jardins, cerca de 32% concorda em parte que está bem desenvolvida, mas as percentagens de respostas nos níveis 1 e 2 (*discordo totalmente* e *discordo em parte*), são reveladoras de um caminho que ainda há a percorrer e desenvolver em muitos deles (Figura VII.40).

Os itens 3 a 9 ratificam aquilo que vem sendo referido a propósito da importância turística destes jardins não só a nível territorial como também ao nível das comunidades que estes servem diretamente e dos visitantes externos. A saber, cerca de 40% concordam (parcial e totalmente) com o facto de que o seu jardim é a principal atração do território e local de visita obrigatório, levando por isso a que quase 50% rejeite uma posição residual na estrutura turística da região embora, para além dos 19% sem opinião definida, se registre uma percentagem considerável (30%) que concorda total ou parcialmente com esta afirmação (Figura VII.40), uma posição tomada nomeadamente pelos proprietários/responsáveis que consideram que os seus jardins têm um papel secundário enquanto atração ou que não passam



de simples propriedades privadas abertas ao público, aliás uma conclusão subjacente à maior parte deste conjunto de afirmações.

Mais de metade dos inquiridos parece estar de acordo quanto à relevância nacional dos seus jardins (33% concorda parcialmente e 22% totalmente) mas revela uma divisão de opiniões mais acentuada quando se trata de avaliar a importância internacional já que 24% discorda totalmente e também 24% concorda totalmente, registando-se ainda 21% sem opinião formada a respeito. Apesar das opiniões dos inquiridos serem um tanto ou quanto dispersas, relativamente à importância que os jardins têm nas necessidades lúdicas da população local, certo é que 43% admite o seu papel neste âmbito, nomeadamente em termos parciais (Figura VII.40), muito embora se tenha constatado que, de acordo com os responsáveis, em 19% dos casos os residentes locais desconhecem a sua existência.

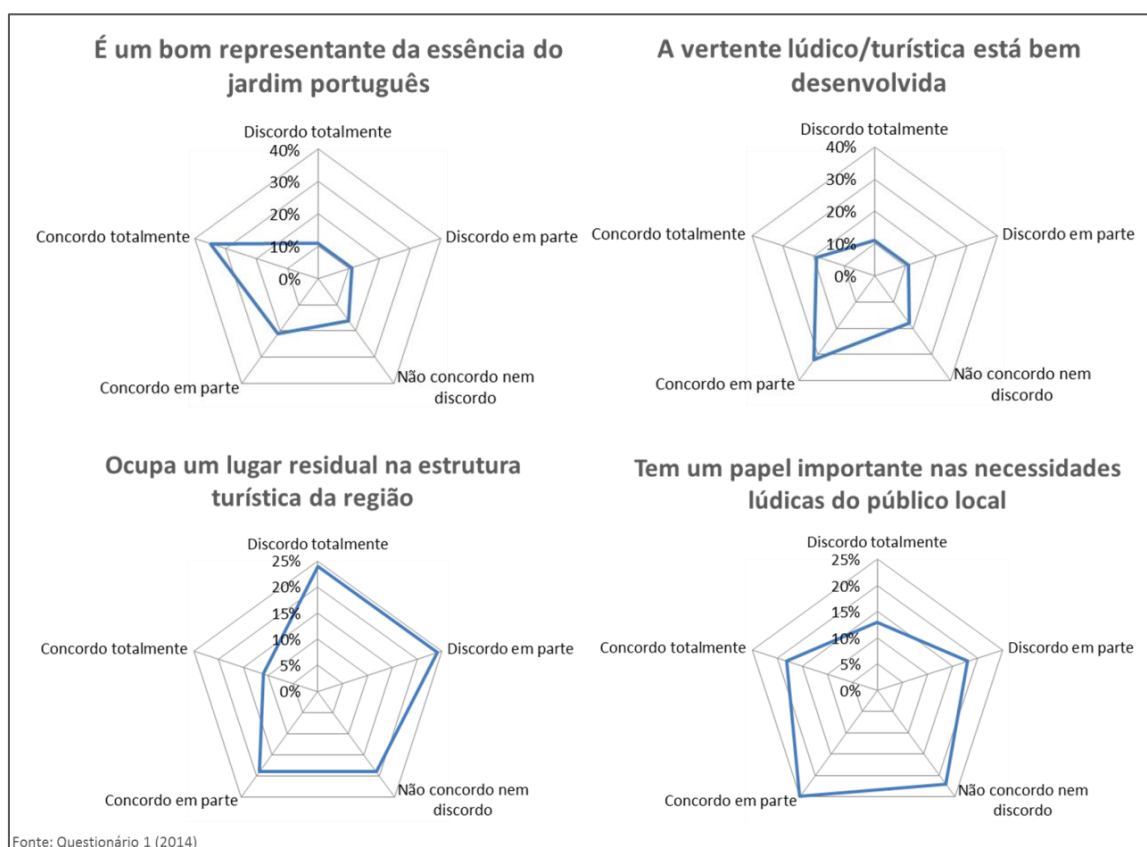


Figura VII.40: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº1, nº2, nº4 e nº8

Quanto ao facto dos jardins serem apenas um complemento do elemento e/ou da atividade principal, verifica-se um equilíbrio relativo entre quem concorda (40%) e não concorda (37%). Apesar da média de resposta (2,8) se situar no nível 2 (*discordo em parte*), a moda fixa-se no nível 4 (*concordo em parte*), dizendo respeito principalmente a jardins cujo

elemento associado tem um peso maior no conjunto em termos de atratividade e/ou o jardim apenas um elemento acessório/complementar, assim se posicionando por exemplo a Quinta da Aveleda, da Ínsua, Tormes, Queluz, Casa do Campo, Bom Jesus do Monte ou Quinta das Cruzes. Contudo, para cerca de 40% dos inquiridos, a diversidade de espécies é o principal atrativo do jardim, dentro dos quais 11% concorda totalmente e cerca de 29% concorda parcialmente (Figura VII.41), conclusões que, de resto, estão na linha de outras questões relacionadas já abordadas como as motivações da visita e os pontos fortes.

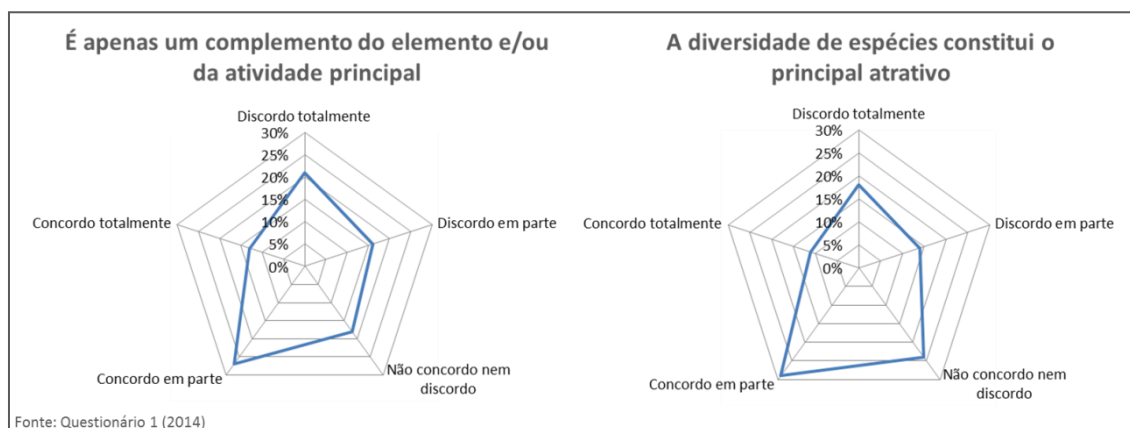


Figura VII.41: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº5 e nº10

Não é por vontade do proprietário que não se faz promoção e divulgação e 44% concorda que a que têm feito se tem revelado eficaz embora seja de salientar a grande percentagem de inquiridos com uma posição indefinida (*não concorda nem discorda* – 37%) relativamente a este item, levando a que, conseqüentemente, a média de respostas se situe neste nível (Figura VII.42).

O aumento geral de turistas das regiões onde se localizam tem-se repercutido na frequência dos jardins, assim consideram 30% dos inquiridos em parte e 14% inteiramente, não sendo de todo a questão dos acessos (falta e/ou deficiência) relevante para a sua visita para cerca de 56%. Quanto ao facto de não ser do interesse dos proprietários o aumento de visitantes nos seus jardins, a análise das respostas demonstra que os inquiridos parecem discordar de forma total, e sem grandes dúvidas, com a afirmação, sendo que perto de 70% discorda totalmente com a mesma, aos quais se juntam 8% que discordam de forma parcial. Uma afirmação de cariz negativo que obteve uma média de 1,5 e cuja moda de respostas foi o nível 1, embora haja a registar posições concordantes nesse sentido por parte de cerca de 10%.

Uma posição assumida sobretudo por jardins cuja visita já é alta e cuja capacidade de carga está a atingir os seus limites, principalmente em determinadas épocas do ano.

É novamente pautada pelo equilíbrio a posição dos inquiridos em relação à não variação dos visitantes ao longo do tempo, uma vez que 35% discorda e 35% concorda, destacando-se os 24% que concordam em parte com a afirmação, havendo ainda a registar uma grande percentagem de indecisos (25%); e também quanto à pouca diversidade de atividades recreativas disponíveis ao público, registando praticamente os mesmos valores (Figura VII.42). Recorde-se que, no que diz respeito às atividades disponíveis, já se teve oportunidade de constatar que grande parte dos jardins revelou que disponibiliza um leque bastante amplo e diverso de atividades pelo que foram estes que neste item afirmaram a sua discordância.

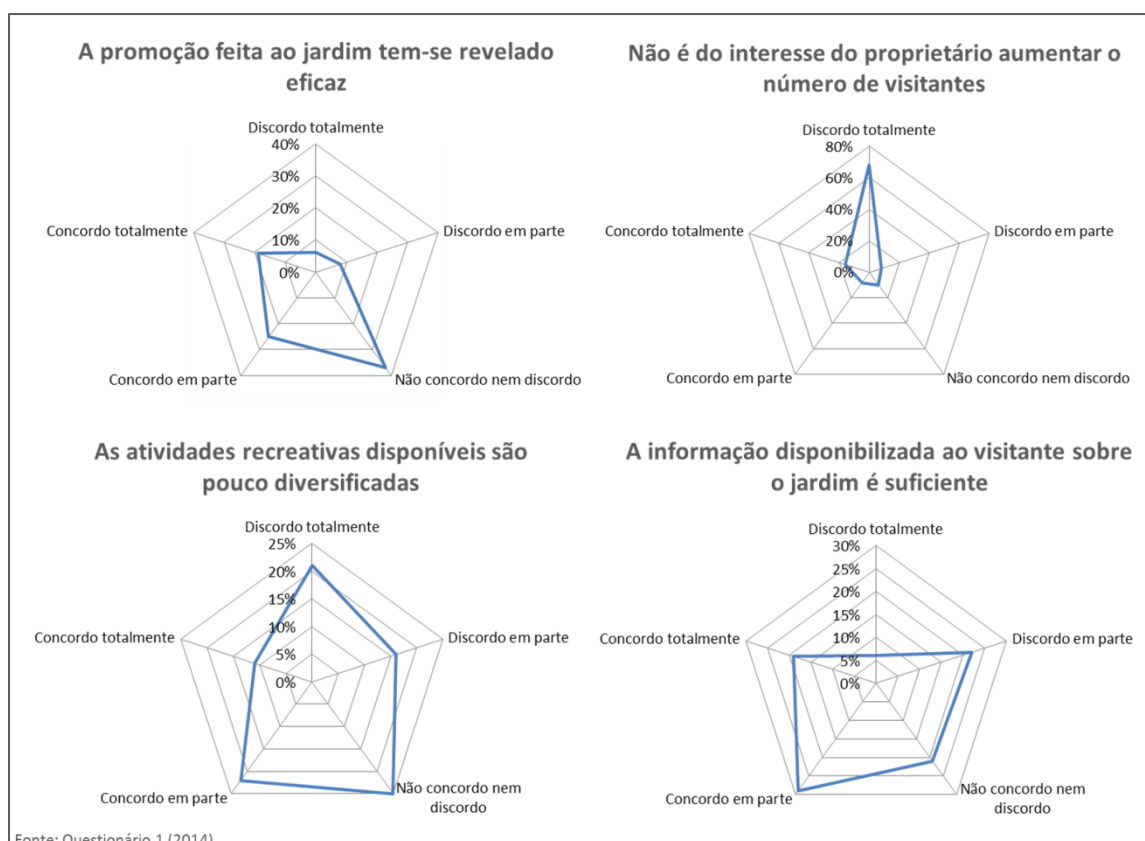


Figura VII.42: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº12, nº15, nº18 e nº19

No término do conjunto há ainda a ressaltar a concordância dos responsáveis quanto à informação disponibilizada ser suficiente (48%) embora destes, 27% concordem, mas de forma parcial, sendo que a discordância por parte de 29%, ainda que seja a maioria em termos

parciais (22%), é reveladora do défice que existe a este nível em vários jardins (Figura VII.42).

O conjunto de afirmações de cariz positivo (1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 16 e 19) obteve uma média de respostas – 3,2 – situadas no nível intermédio 3 (*nem concordo nem discordo*) revelando, em termos globais, uma posição neutra ou sem posição completamente definida, com exceção dos itens 1 e 16 que reuniram mais consenso por parte dos inquiridos nos níveis de resposta positivos (4 e 5, ou seja, 21% e 35% respetivamente para os dois), com uma média de respostas muito perto do nível positivo 4 (*concordo*) sendo o nível 5 (*concordo totalmente*) a moda verificada. Todavia, a afirmação *O público estrangeiro valoriza mais o jardim que o nacional* (16), apesar de reunir menos discordantes parciais, regista uma percentagem maior de indecisos face à primeira (Figura VII.43).

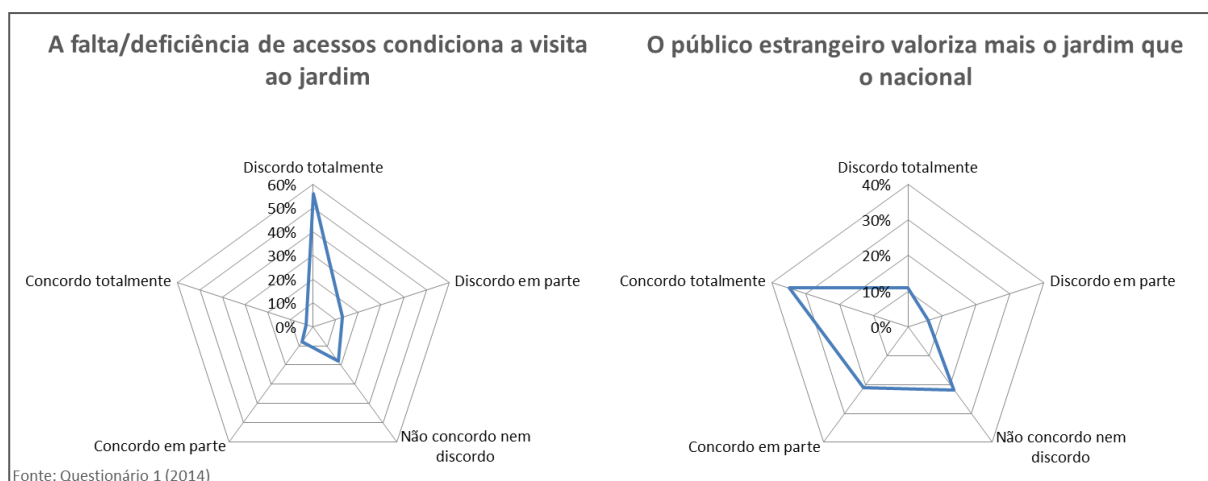


Figura VII.43: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº14 e nº16

Já o conjunto de opções de cariz negativo (4, 5, 9, 11, 14, 15, 17, 18), que invertem o sentido da escala de respostas, alcançou um valor médio de 2,3 que se situa no nível de respostas 2 (*discordo em parte*), revelador de posições mais definidas e tendencialmente positivas. Os inquiridos foram sobretudo unânimes nos itens *A falta/deficiência de acessos condiciona a visita ao jardim* (14) e *Não é do interesse do proprietário aumentar o número de visitantes* (15), cuja média de respostas se posicionou no nível 1 (*discordo totalmente*), sendo este último o que registou menor desvio padrão (1,105), para além de serem residuais as percentagens nos níveis de resposta 4 e 5, adquirindo, nestes casos, um sentido negativo.

Esta questão pretendia fazer um apanhado global e sintetizar o contexto destes jardins mas também colocar a descoberto a forma como os proprietários e responsáveis veem e posicionam os seus jardins. Da análise dos resultados ficou claro que estes jardins são

importantes para o território em que se inserem como também para a população local em termos de satisfação de necessidades lúdicas, não sendo única e exclusivamente um complemento do elemento principal ou atividade. Detêm por isso, a sua própria atratividade, em especial devido à diversidade de espécies que muitos encaram como o grande atrativo, mas cujo património é muito mais valorizado por estrangeiros do que propriamente pelo público nacional.

### **7.2.5. Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis**

A parte IV do questionário está estruturada em duas grandes questões em torno da perceção dos proprietários/responsáveis face ao lazer e turismo nos jardins históricos portugueses.

Quanto à primeira questão, agora centrada na realidade global nacional, mais uma vez, com recurso a uma escala *Likert*, os inquiridos foram confrontados com um conjunto de afirmações, de sentido positivo e negativo, divididas em 3 blocos: 1 – Considerações gerais; 2 – Situação atual e 3 – Perspetivas futuras, para as quais foi novamente solicitado o seu nível de concordância/discordância face a cada uma delas.

A segunda questão pretendia conhecer qual a posição dos proprietários/responsáveis no que diz respeito ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses, em termos de favorabilidade, tendo sido ainda pedida uma justificação para a sua tomada de posição assim como a apresentação das principais vantagens e obstáculos à sua concretização.

#### **7.2.5.1. Considerações gerais**

O primeiro bloco – Considerações gerais – era composto por um conjunto de oito afirmações, essencialmente de cariz positivo que, de alguma forma, contextualizam a temática e traduzem um conjunto de reflexões constantes na bibliografia, para as quais foi solicitado aos inquiridos que registassem o seu nível de concordância ou discordância, cujos resultados se representam de forma condensada na Figura VII.44 (Quadro AIV.75), e que se passam a apresentar de forma mais detalhada de seguida.

No cômputo geral, neste bloco de reflexões, verificou-se uma média de respostas situada no nível 4 (*Concordo, em parte*) e um desvio padrão que oscilou entre 0,482 registado no item 6 e 1,366 verificado no item 2. Este foi justamente onde se verificou uma grande

inflexão, tendo em conta os valores médios de resposta, mas considerada positiva já que a questão era de cariz negativo, resultando de uma divisão notória de opiniões face à afirmação.

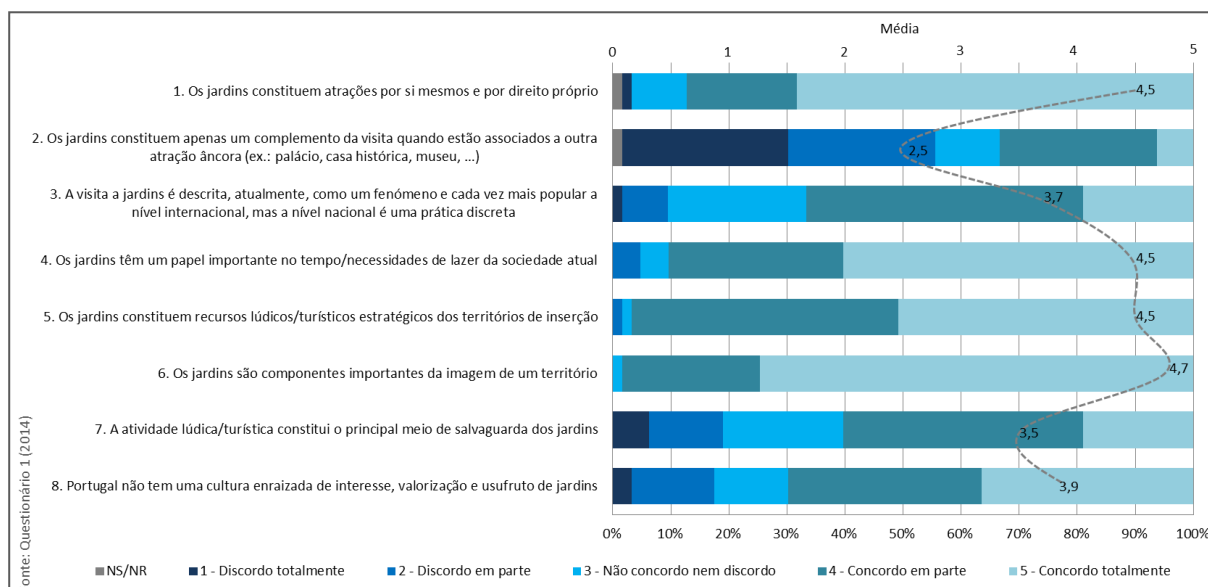


Figura VII.44: Perceção dos proprietários/responsáveis – Considerações gerais

A reflexão *Os jardins constituem atrações por si mesmos e por direito próprio (1)* é transversal e/ou está subjacente a vários estudos, trabalhos e documentos teóricos sobre jardins, mormente de EVANS (2001), CONNELL (2004, 2005) ou BENFIELD (2013).

Quando confrontados com esta afirmação, cerca de 90% dos inquiridos demonstraram de forma clara e inequívoca a sua concordância com a mesma, sendo que destes, 68% estão em total acordo a que acrescem os 19% dos que concordam de forma parcial, apenas 10% manifestam uma posição neutra e 1,6% discordam totalmente, evidenciando uma média de respostas muito próxima do nível 5 (*concordo totalmente*). Esta posição está em consonância com o facto dos jardins não serem apenas elementos complementares de uma qualquer atração âncora associada. Desta feita à afirmação *Os jardins constituem apenas um complemento da visita quando estão associados a outra atração âncora (2)*, apesar de não mostrarem o consenso verificado na anterior, mais de metade dos inquiridos são perentórios ao não concordarem com este aspeto. Neste sentido, 54% discorda, sendo que cerca de 30% discorda totalmente, contudo, estão também muito próximo dos 30% aqueles que concordam, embora que de modo parcial, com esta afirmação (Figura VII.45).

Nesta linha parecem não restar dúvidas aos inquiridos quanto à importância dos jardins uma vez que se posicionam de forma concordante perante as afirmações *Os jardins constituem recursos lúdicos/turísticos estratégicos dos territórios de inserção (5)* e *Os jardins*

são componentes importantes da imagem de um território (6), verificando-se, em cada uma delas, níveis elevados de conformidade total, com destaque para esta última, já que foi a que reuniu mais consenso entre os inquiridos, neste grupo, com uma média de respostas muito perto do nível 5 (*concordo totalmente*) e registando o menor desvio padrão (0,482) (Figura VII.45).

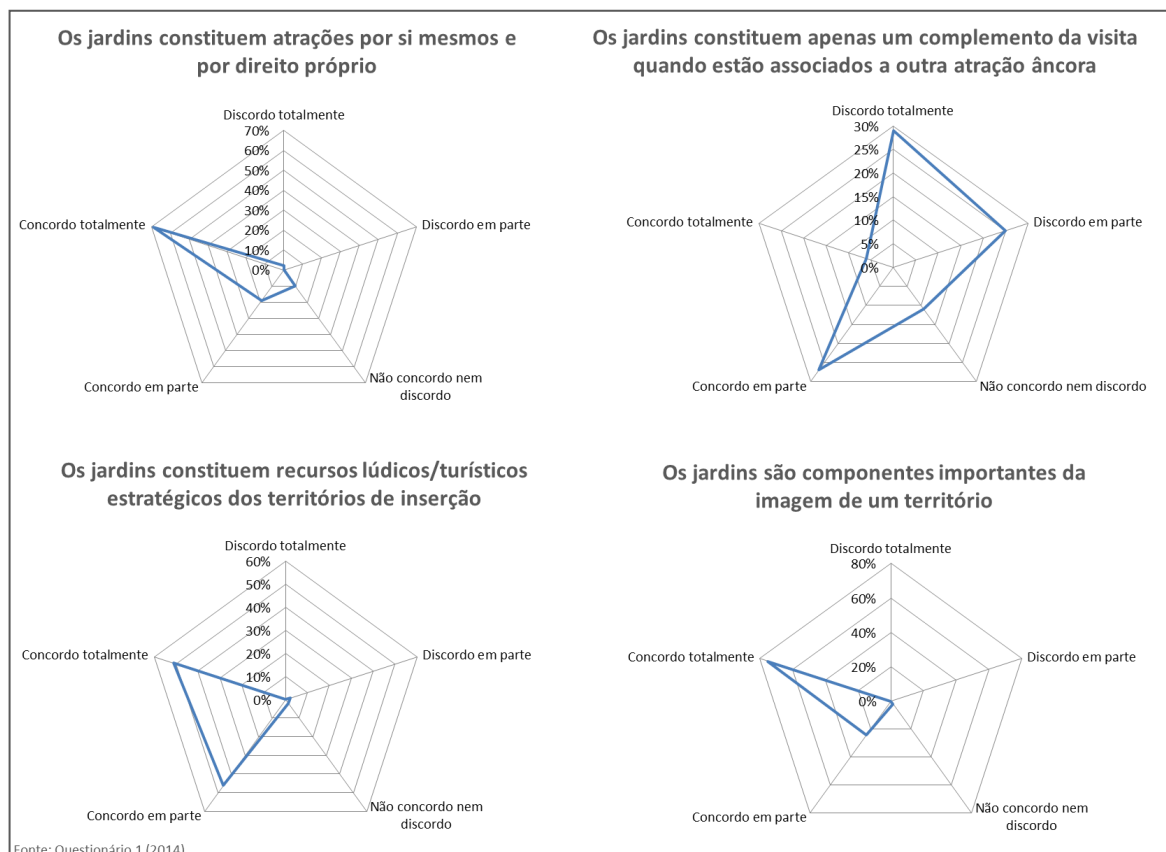


Figura VII.45: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº1, nº2, nº5 e nº6

São amplamente conhecidas as funções dos jardins assim como a sua importância na dimensão económica, territorial e social. O lazer, enquanto tempo de não trabalho, ocupa uma posição cada vez mais importante na sociedade e, estes espaços, como configurações de uma natureza, embora construída, a que a sociedade recorre cada vez mais como forma de “fuga” a um quotidiano stressante e artificial, “(...) *play a significant role in the enjoyment of leisure time and the pleasures derived from the garden environment extend well beyond the parameters of the domestic garden*” (CONNELL, 2004: 229). Nesta linha de pensamento estão cerca de 90% dos inquiridos, dos quais 60% sem qualquer reserva, ao concordarem que *Os jardins têm um papel importante no tempo/necessidades de lazer da sociedade atual* (4), embora seja de referir os 5% que assumem uma posição discordante (Figura VII.46).

O lazer e o turismo constituem uma das funções inerentes aos jardins, oportunamente contempladas na *Carta de Florença* que esclarece que, na sua génese, o jardim foi concebido para ser usado, apreciado, vivenciado e experienciado e por isso o reconhece como lugar de fruição, meditação e repouso, mas também uma das formas de contribuir para a sua preservação e valorização, salvaguardando-se as devidas cautelas ao seu uso, uma vez que se trata de um “monumento vivo” (ICOMOS, 1982). Perante este cenário quisemos perceber qual a posição dos proprietários face ao papel da atividade lúdica e turística na salvaguarda dos jardins, indo mais além e tentando perceber se este seria o principal meio. Embora a posição concordante seja dominante, com 19% a concordar totalmente e 41% a concordar mas de forma parcial, há a registar cerca de 19% de inquiridos que discordam e 21% sem opinião definida (Figura VII.46). Depreender-se-á portanto destas conclusões que, segundo os responsáveis por um conjunto de jardins nacionais, o lazer e o turismo são importantes sim, mas podem não ser os únicos ou os principais meios de salvaguarda dos jardins.

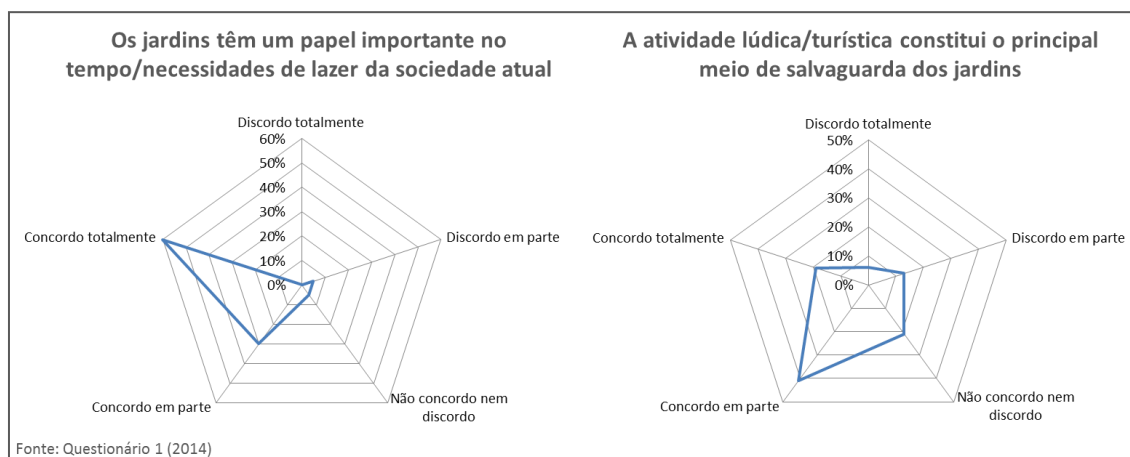


Figura VII.46: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº4 e nº7

Para rematar este conjunto de considerações gerais sobre jardins, lazer e turismo, confrontámos os inquiridos com as afirmações *A visita a jardins é descrita, atualmente, como um fenómeno e cada vez mais popular a nível internacional, mas a nível nacional é uma prática discreta* (3) e *Portugal não tem uma cultura enraizada de interesse, valorização e usufruto de jardins* (8). Tanto numa como noutra se verifica uma clara posição concordante. Contudo, relativamente à primeira, regista-se alguma reserva já que concordam mas parcialmente (48%) e uma margem significativa (24%) de indefinidos, na segunda afirmação, é mais clara a posição concordante, sobretudo de forma total (37%), mas também se verifica uma posição de discordância mais evidente (18%) (Figura VII.47).



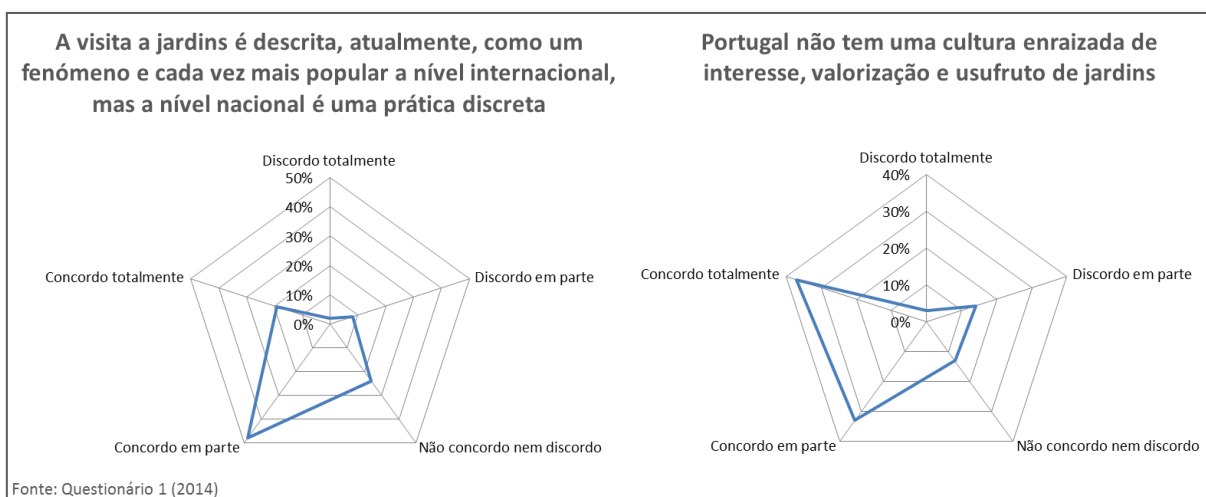


Figura VII.47: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº3 e nº8

### 7.2.5.2. Situação atual

O segundo bloco – Situação atual – era composto por conjunto mais alargado de afirmações, 23 no total, de cariz positivo e negativo que pretendeu igualmente, de forma sucinta, reunir um conjunto de considerações sobre a situação atual dos jardins e deste segmento de visita, mormente ao nível dos seus principais constrangimentos, e que aparecem espelhadas em documentos teóricos, que se procurou sintetizar nesta questão, mas que quisemos perceber a que nível têm tradução efetiva e prática nestes jardins através da sua discordância ou concordância por parte dos proprietários/responsáveis.

Os resultados estão representados de forma condensada na Figura VII.48 (Quadro AIV.76). No cômputo geral, as posições dos inquiridos face às afirmações disponibilizadas foram, na sua maioria, concordantes, pelo que a média e moda de respostas se situou perto do nível 4 (*concordo, em parte*), havendo contudo a registar percentagens significativas de inquiridos que manifestaram não ter opinião definida (*não concordo nem discordo*). Deste conjunto, destacam-se as reflexões *Não existe uma política/estratégia nacional concertada de desenvolvimento turístico dos jardins* (24) como a que reuniu mais consenso por parte dos proprietários ao manifestarem a sua concordância, total (48%) e parcial (37%), registando, por isso, a maior média de respostas (4,3) e o menor desvio padrão (0,775), seguida da afirmação *A falta de capacidade financeira tem levado muitos jardins à degradação e até abandono* (19), destacando-se da anterior pela obtenção da maior percentagem de concordância total (52%) e também de discordância (6%), mas com uma média de repostas muito próxima (4,2).

De forma mais pormenorizada apresentam-se, de seguida, os principais resultados deste conjunto de afirmações.

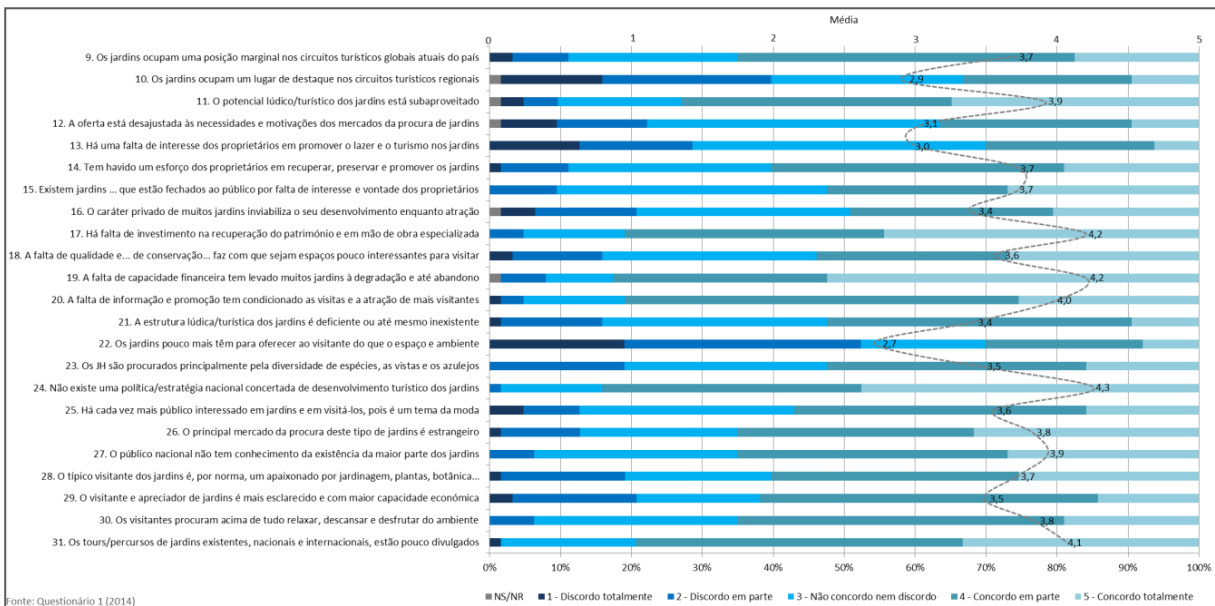


Figura VII.48: Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? – Situação atual

Relativamente à posição que os jardins ocupam no seio dos circuitos turísticos globais do país e a uma escala regional, os inquiridos mostram uma posição muito mais definida a concordarem (65% de forma total e parcial) com o facto de os jardins ocuparem uma posição marginal relativamente à primeira situação, pese embora haja uns poucos expressivos 11% que defendem o contrário. No que diz respeito à importância dos jardins à escala regional verifica-se uma dispersão de respostas, assumindo protagonismo os que têm uma opinião indefinida (27%) (Figura VII.49).

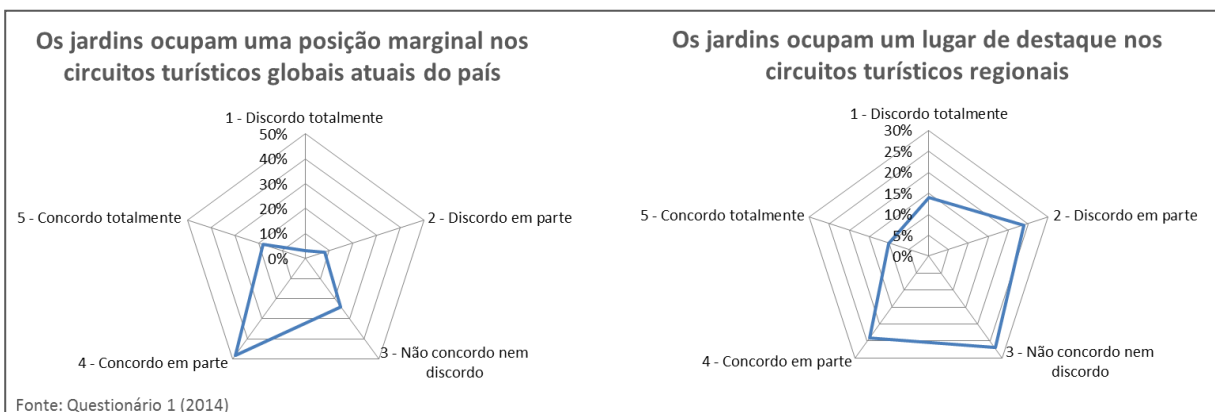


Figura VII.49: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº9 e nº10

É clara a posição dos responsáveis quando confrontados com a afirmação *O potencial lúdico/turístico dos jardins está subaproveitado* (11), tendo concordado mais de 70%. Todavia mostram-se indecisos perante o facto de que *A oferta está desajustada às necessidades e motivações dos mercados da procura de jardins* (12), mesmo assim 27% concorda de forma parcial e 10% de forma total com esta realidade (Figura VII.50).

Quando o enfoque é a atuação dos próprios responsáveis pelos jardins as opiniões, umas são claras, outras dividem-se, havendo ainda algumas que não revelam qualquer posição sobre o assunto. Os resultados das respostas à afirmação *Há uma falta de interesse dos proprietários em promover o lazer e o turismo nos jardins* (13) são apenas um exemplo disso mesmo. Perante esta constatação mais de 40% não manifesta qualquer opinião, embora seja de salientar as posições de cerca de 24% e 6% que respetivamente *concorda em parte* e *concorda totalmente* (Figura VII.50).

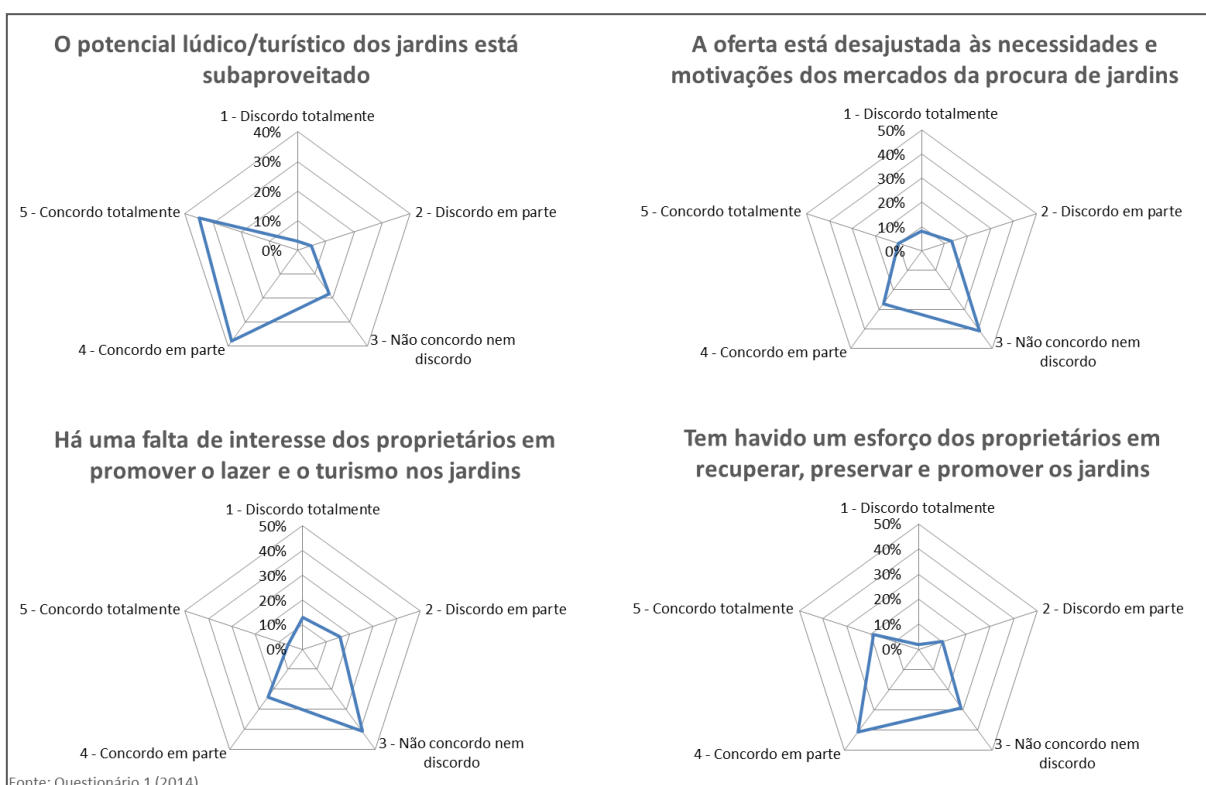


Figura VII.50: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº11, nº12, nº13 e nº14

De facto, importa desenvolver um maior interesse e proatividade por parte dos proprietário/gestores e esse esforço em recuperar, preservar e promover os jardins tem existido, em parte, assim acreditam cerca de 41% dos inquiridos, sendo que apenas 11% acha que tal não tem acontecido, sendo mais de metade (52%) os que concordam com o facto de

que *Existem jardins com um património rico e capacidade atrativa que estão fechados ao público por manifesta falta de interesse e vontade dos proprietários* (15).

Nesta linha, mais de 80% dos inquiridos mostra consenso quando se afirma que *Há falta de investimento na recuperação do património e em mão de obra especializada* (17) e que *A falta de capacidade financeira tem levado muitos jardins à degradação e até abandono* (19), esta última registando a maior percentagem de respostas no nível 5 (*concordo totalmente*) deste grupo, e uma média de 4,2 (Figura VII.51). Aliás, esta posição vem corroborar os principais constrangimentos avançados pelos inquiridos, e já analisados, na maioria centrados na falta, dificuldade, custo e necessidade de muita manutenção, assim como os elevados encargos financeiros e a falta de financiamento.

Um dos *handicaps* dos jardins, sobre o qual os responsáveis concordam, é ao nível da informação e da sua transmissão o que inviabiliza não só a promoção dos mesmos como também a atração de mais visitantes. Um obstáculo que se coloca igualmente aos roteiros e percursos existentes. Eles existem, mas para cerca de 80% dos inquiridos não têm sido alvo da melhor divulgação (Figura VII.51).

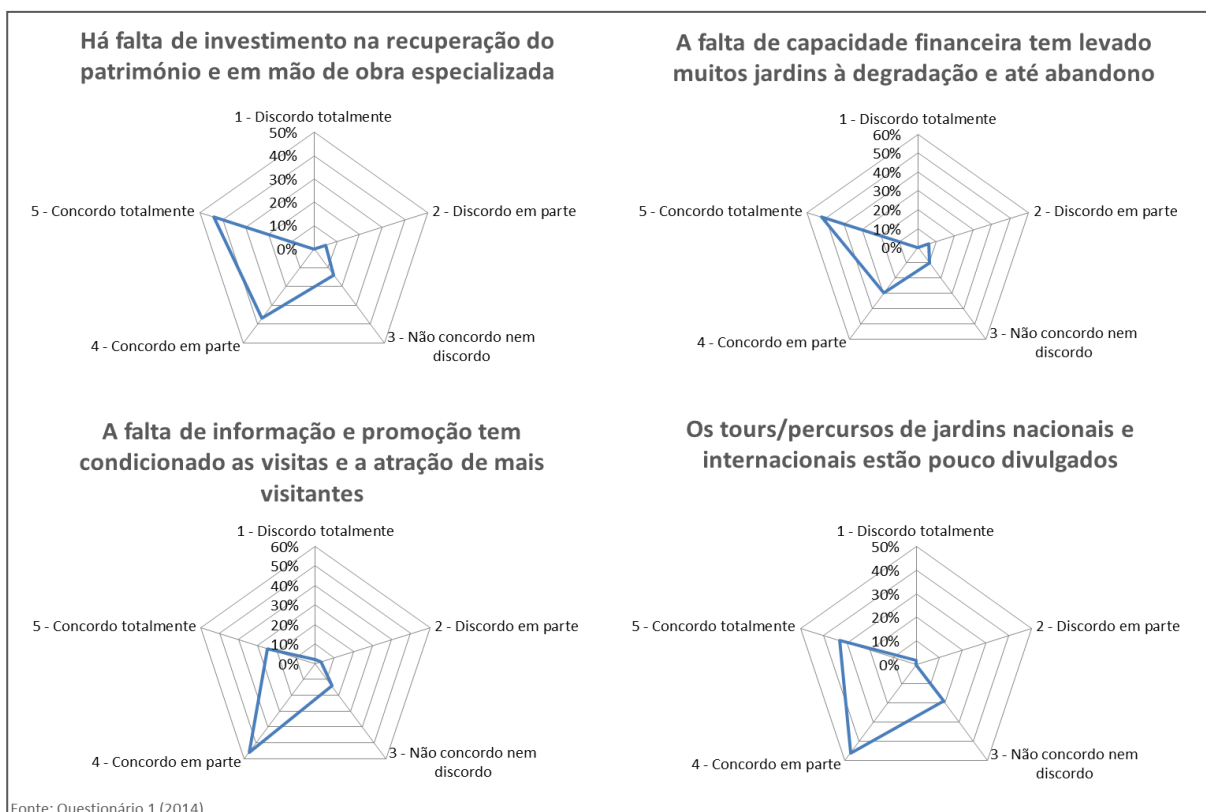


Figura VII.51: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº17, nº19, nº20 e nº31

A realidade assumida pela maioria (84%) é que *Não existe uma política/estratégia nacional concertada de desenvolvimento turístico dos jardins* (24), pese embora estes constituam grandes focos de atratividade, como já se teve ocasião de verificar, até porque mais de metade dos responsáveis (57%) concorda que *Há cada vez mais público interessado em jardins e em visitá-los, pois é um tema da moda* (25) (57%), sendo que cerca de 65% considera que *O principal mercado da procura deste tipo de jardins é estrangeiro* (26) (Figura VII.52).

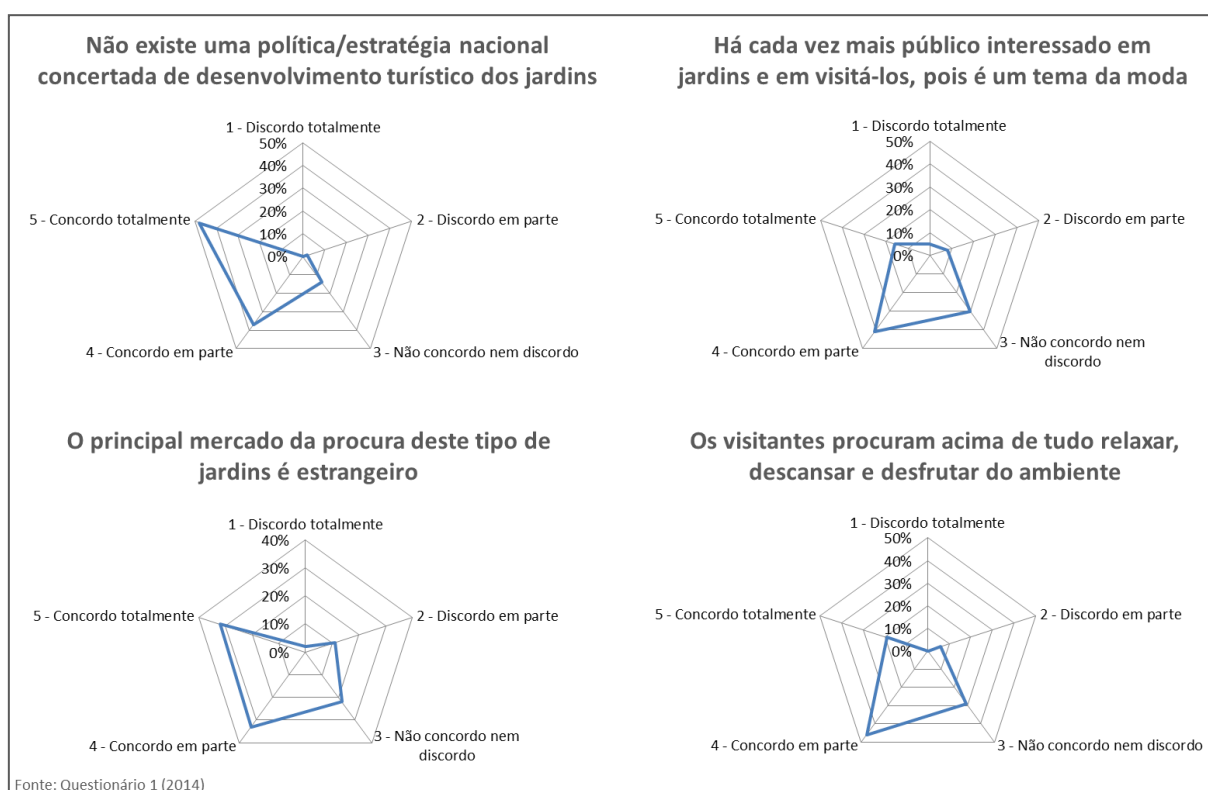


Figura VII.52: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº24, nº25, nº26 e nº30

### 7.2.5.3. Perspetivas futuras

Num terceiro bloco de reflexões, e de forma conclusiva, tentou-se perceber quais as perspetivas futuras em relação aos jardins e a esta sua função através da opinião dos seus responsáveis.

Os resultados, apresentados de forma condensada na Figura VII.53 (Quadro AIV.77), revelam que os inquiridos detêm uma posição mais clara e inequívoca face às afirmações disponibilizadas. A média de respostas situou-se acima do nível 4 (*concordo, em parte*) em mais de 70% dos casos, e a moda fixou-se no nível 5 (*concordo totalmente*), havendo a registar percentagens bem menores de inquiridos que manifestaram não ter opinião definida.

*Portugal tem recursos em termos quantitativos e qualitativos, para construir um produto turístico de qualidade e atrativo (32). É uma realidade evidente e sem margem para dúvidas e com a qual cerca de 90% dos responsáveis concorda, tendo reunido a concordância total de 64%, registando uma média de respostas de 4,5 e um desvio padrão de 0,692.*

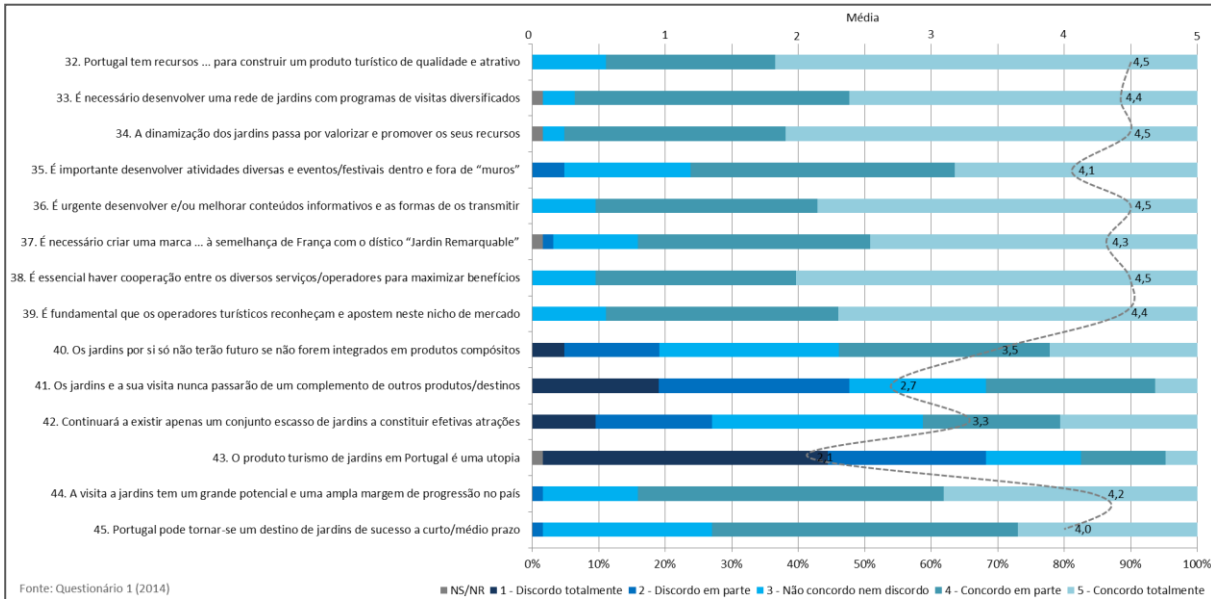


Figura VII.53: Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? – Perspetivas futuras

O destaque foca-se ainda nas reflexões *É necessário desenvolver uma rede de jardins com programas de visitas diversificados (33)* e *A dinamização dos jardins passa por valorizar e promover os seus recursos (34)*, numa alusão à necessidade de se voltarem as atenções tanto para os recursos como para a sua valorização e dinamização através de formas de organização em rede, maximizadoras de sinergias positivas a diversos níveis. Ambas registam os mais altos níveis de concordância, parcial e total, com 94% e 95% respetivamente e médias de resposta próximas do nível 5 (*concordo totalmente*) (Figura VII.54).



Figura VII.54: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº32, nº33 e nº34

Tanto em questões anteriores como na secção *Situação atual* os responsáveis vêm identificando o que consideram ser os principais pontos fracos dos jardins no que à sua visita diz respeito. Desta forma, a informação respeitante aos jardins e às atividades relacionadas, assim como a sua divulgação, constituem um dos pontos negativos e um dos obstáculos que afirmam ser condicionante do (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística. Neste sentido, os inquiridos assumem que *É urgente desenvolver e/ou melhorar conteúdos informativos e as formas de os transmitir* (36) e, para tal, não só *É necessário criar uma marca... à semelhança de França com o dístico “Jardin Remarquable”* (37), como também *É essencial haver cooperação entre os diversos serviços/operadores para maximizar benefícios* (38), sendo ainda *fundamental que os operadores turísticos reconheçam e apostem neste nicho de mercado* (39) (Figura VII.55). Este é um empenho que não é só individual mas coletivo, onde vários agentes e entidades podem, mas sobretudo devem intervir.

Neste conjunto de itens a posição de concordância parcial e total foi tomada por cerca de 90% dos responsáveis inquiridos. Tal mostra, não só, uma noção concreta da realidade dos constrangimentos dos jardins, como a identificação do caminho que é necessário tomar para o desenvolvimento dos jardins enquanto atrações turísticas.

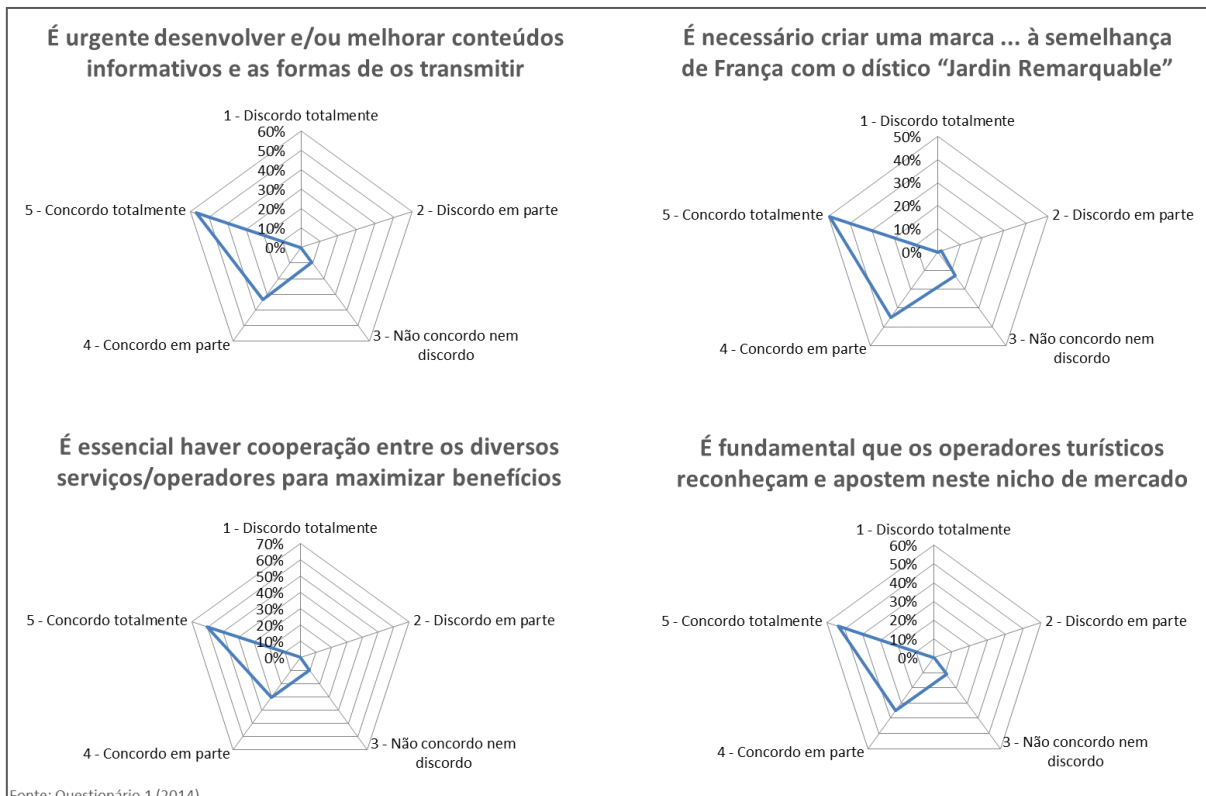


Figura VII.55: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº36, nº37, nº38 e nº39

A questão do dístico é importantíssima, veja-se o caso de França (ponto 3.3.2. do capítulo III), não só porque contribuirá para a tão almejada divulgação como para o envolvimento de diversos atores pois “(...) terá necessariamente de estar associado um grupo de trabalho pluridisciplinar, envolvendo os proprietários, as tutelas da cultura/património, turismo, agricultura e ambiente e ainda especialistas provenientes do meio académico, que delineie a matriz deste dístico” (SILVA, 2014d: 40, 43). Este tem todas as condições para se desenvolver e implementar, e crê-se que poderá constituir uma das importantes e urgentes medidas de salvaguarda e valorização dos jardins históricos portugueses.

Embora alguns inquiridos (32% e 41% respetivamente) concordem com o facto de que *Os jardins e a sua visita nunca passarão de um complemento de outros produtos/destinos (41)* e que *Continuará a existir apenas um conjunto escasso de jardins a constituir efetivas atrações (42)*, certo é que a grande maioria (84%) se mostra convicta de que *A visita a jardins tem um grande potencial e uma ampla margem de progressão no país (44)*, refutando a ideia de que *O produto turismo de jardins em Portugal é uma utopia (43)*, levando a que 67% dos responsáveis discordem desta ideia. Neste último caso não são de menosprezar os 18% de céuticos que concordam com a afirmação.

Por fim, é assumida uma posição evidente quanto à ideia de que *Portugal pode tornar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo (45)*, embora com algumas reservas por parte de 46% dos responsáveis. A este respeito, cerca de 25% dos inquiridos não manifestou qualquer opinião (Figura VII.56).

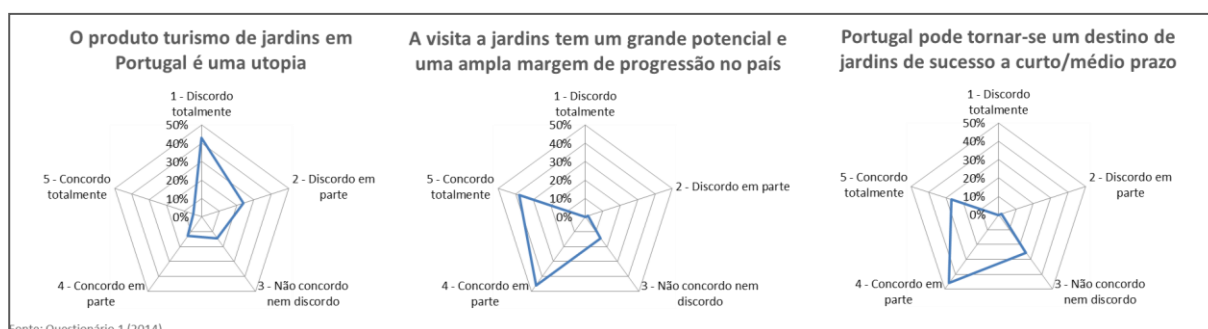


Figura VII.56: Nível de concordância/discordância face às afirmações nº43, nº44 e nº45

### 7.2.6. Nível de favorabilidade relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística

Em termos conclusivos poder-se-á afirmar que os inquiridos são tendencialmente favoráveis ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos



portugueses, já que 64% são totalmente favoráveis, a que se acrescenta os cerca de 30% que são favoráveis, embora com alguma reserva. O número de inquiridos com opinião indefinida é residual ficando-se pelos 6% (Figura VII.57).

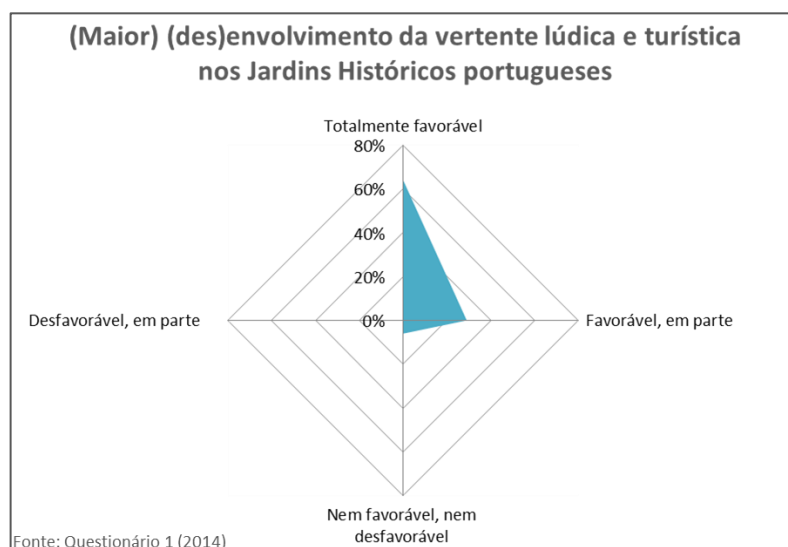


Figura VII.57: Nível de favorabilidade face ao desenvolvimento lúdico/turístico nos jardins históricos

Neste âmbito, achou-se pertinente perceber se o nível de favorabilidade relativamente ao maior desenvolvimento da vertente lúdica/turística variava consoante o modelo de gestão (privado, público e público/privado), já que são realidades diferentes, em termos de capacidade financeira, estrutura e organização turística, que oferecem oportunidades e experiências de fruição distintas, o que, à primeira vista, poderia pressupor uma atitude diferenciada. Recorde-se que metade dos inquiridos acredita que o carácter privado de muitos jardins condiciona o seu desenvolvimento turístico. Porém, no seio deste grupo de responsáveis, não se registaram diferenças relevantes em termos estatísticos entre o nível de favorabilidade e o modelo de gestão dos jardins ( $p=0,112$ ) (Quadro VII.10).

Quadro VII.10: Nível de favorabilidade em função do modelo de gestão dos jardins

Nível de favorabilidade (% coluna)	Modelo de gestão do jardim					
	Privado		Público		Público/ Privado	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Totalmente favorável	18	64,3	14	51,9	8	100,0
Favorável em parte	6	21,4	12	44,4	0	0,0
Nem favorável nem desfavorável	3	10,7	1	3,7	0	0,0

Fonte: Elaboração própria com base no questionário 1 (2014)/Valor de NS/NR (1 caso) excluído da representação

### 7.2.6.1. Justificações

Para os inquiridos cuja posição é totalmente favorável, um maior desenvolvimento da atividade lúdica e turística nos jardins históricos portugueses, para além de constituir uma forma de valorização, preservação e conservação deste tipo de património, tendo sido referido por 22% dos inquiridos, é também uma via de promoção e divulgação dos jardins do país (17% dos inquiridos). A par destas, outras justificações são avançadas para a sua tomada de posição, mormente o interesse histórico, botânico, cultural e patrimonial dos jardins, o facto de contribuir para um aumento de atratividade e, conseqüentemente, um aumento de visitantes assim como constituir uma forma de financiamento e receitas para os jardins. De forma menos acentuada, mas ainda assim relevante, surgem opiniões que consideram que esta abertura permitirá otimizar os jardins nacionais, mas, mais importante, torná-los acessíveis ao público, uma vez que muitos deles não estão abertos a visita, tanto por falta de condições como por falta de vontade dos proprietários. O aumento do interesse e de uma cultura de visita de jardins que o público contemporâneo vem manifestando constitui igualmente uma oportunidade para alargar e/ou consolidar “novos usos” dos jardins, para além de que a vertente lúdica e turística dos jardins é considerada um importante nicho de mercado turístico e que é necessário desenvolver e explorar (Quadro VII.11).

Quadro VII.11: (Maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística – justificações

Justificações apresentadas pelos inquiridos		Nº	1 %	2 %
<b>Totalmente favorável</b>	Valorização, preservação e conservação do património	9	19,1	22,0
	Promoção e divulgação dos jardins do país	7	14,9	17,1
	Interesse histórico, botânico, cultural e patrimonial	5	10,6	12,2
	Aumento de atratividade/mais visitantes	4	8,5	9,8
	Fonte de financiamento/receitas	3	6,4	7,3
	Otimização dos jardins e torná-los acessíveis	2	4,3	4,9
	Aumento da cultura de visita de jardins	1	2,1	2,4
	Novos usos para o público contemporâneo	1	2,1	2,4
	Importante nicho de mercado turístico	1	2,1	2,4
<b>Favorável, em parte e Nem favorável, nem desfavorável</b>	Necessário respeitar a capacidade de carga do espaço	5	10,6	12,2
	Depende do uso e das atividades a desenvolver	3	6,4	7,3
	Deve existir complementaridade entre funções	3	6,4	7,3
	Parte lúdica localizada em locais compartimentados	1	2,1	2,4
	Necessária uma entidade que agregue os jardins históricos	1	2,1	2,4
	Depende dos apoios	1	2,1	2,4

Fonte: Elaboração própria com base no inquérito por questionário 1 (2014)/1 – % sobre o total de ocorrências (n.º 47); 2 – % sobre o total de inquiridos (n.º 41, tendo-se registado 22 casos (35%) – NS/NR)

Cerca de 30% dos inquiridos, embora tivessem revelado serem favoráveis ao (maior) (des)envolvimento desta vertente, manifestaram alguma reserva, estando por isso dependentes de algumas condições. Neste sentido, os responsáveis destacam o facto de se ter em conta a capacidade de carga dos jardins (a área) e o tipo de jardim (12% dos inquiridos), uma vez que segundo eles, o objetivo não é um turismo de massas e nem todos os jardins apresentam condições físicas ou vocação para o desenvolvimento desta vertente, pelo que maior quantidade de pessoas pode implicar menor qualidade e ter efeitos negativos a médio e longo prazo. A vertente lúdica e turística não pode descaracterizar o jardim, estando dependente, segundo eles, das atividades a desenvolver e da delimitação de áreas nos jardins para o efeito, sendo essencial definir critérios do que pode ser feito e onde, para além de que é necessário uma complementaridade entre funções e não o enaltecimento de uma só, no caso da vertente turística. Um dos responsáveis sublinhou a necessidade da existência de uma entidade que agregue os jardins históricos e que tenha uma ação efetiva na sua promoção, já outro destacou o facto de estar dependente da existência de apoios para tal (Quadro VII.11).

#### **7.2.6.2. Principais vantagens**

Quando questionados sobre as principais vantagens de um (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística, os inquiridos destacam sobretudo dois grandes tipos de benefícios: económicos e culturais (Quadro VII.12).

Ao nível interno do jardim, um aumento de receitas, proporcionado pelo aumento de visitantes em termos absolutos mas também pela sua diversificação, constitui uma contribuição financeira importante para a manutenção, preservação e valorização do património paisagista permitindo, desta forma, a sustentabilidade e viabilidade económica dos jardins.

A um outro nível, que não relacionado com cada jardim de modo direto, alguns inquiridos sublinham que uma das grandes vantagens de um (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos recai sobre o facto de se poder diversificar e, como consequência, valorizar a oferta turística do país, representando os jardins uma alternativa diferente à oferta mais clássica e sobejamente conhecida.

De igual modo importante na voz dos responsáveis é o aspeto cultural, em especial através da sua disseminação, ou seja, apontam a maior divulgação/promoção dos jardins e do seu património cultural e botânico como consequência do desenvolvimento da vertente

turística. Não foi esquecida também a possibilidade que oferece de rentabilizar e dinamizar os espaços e colocá-los ao dispor da sociedade.

Quadro VII.12: Principais vantagens relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses

Principais vantagens apresentadas pelos inquiridos		
Benefícios Económicos	Externo	Sustentabilidade e viabilidade económica
	Internos	Aumento de visitantes
		Aumento de receitas
		Dinamização/Rentabilização dos espaços
		Diversificação e valorização da oferta turística do país
Benefícios Socioculturais		Maior divulgação/promoção/sensibilização dos jardins e do seu património cultural e botânico
		Intercâmbio de conhecimento entre proprietário e visitante
		Cultura
		Oferta de um serviço à sociedade

Fonte: Elaboração própria com base no inquérito por questionário 1 (2014)

### 7.2.6.3. Principais obstáculos

Através das respostas dos inquiridos, pudemos distinguir dois níveis de obstáculos: obstáculos existentes *a priori* ou anteriores à concretização do pressuposto e obstáculos decorrentes ou possíveis de verificar *a posteriori* da concretização do pressuposto (Quadro VII.13).

*A priori* são destacados pelos inquiridos a falta de recursos financeiros no geral por quase 10% dos inquiridos, a falta de interesse e de uma cultura de jardins por cerca de 9% e a falta de interesse dos proprietários e instituições como os principais constrangimentos ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses por mais de 6%. Foram ainda mencionados um conjunto de obstáculos que é necessário ultrapassar e que estão diretamente relacionados com a manutenção e conservação dos jardins, a falta de promoção e divulgação e a capacidade de carga que, em muitos casos, é reduzida.

Os inquiridos revelaram também preocupações que poderão decorrer *a posteriori*, ou seja, na sequência do (maior) (des)envolvimento da vertente turística, e que se deverão evitar, como a degradação e descaracterização dos jardins devido ao aumento ou excesso de carga humana e/ou uso incorreto do espaço, a sobreposição da vertente turística a missões específicas de alguns jardins, como é o caso dos jardins botânicos, e ainda a redução dos jardins a parques temáticos.

Os resultados desta fase da investigação, suportada pelos questionários realizados aos responsáveis pelos jardins, corroboram o modelo de salvaguarda e valorização para os jardins que se tem vindo a defender nesta investigação, e que há muito é trabalhada em vários contextos não só europeus como mundiais. Um modelo assente na complementaridade e articulação entre as várias vertentes dos jardins, com destaque para uma aposta num (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica/turística. Embora não seja uma novidade, recorde-se os exemplos internacionais e outros nacionais bastante conhecidos, é pena que tarde o seu desenvolvimento e a sua aplicação em moldes sustentáveis e sustentados, e de forma mais alargada a outros jardins que não os há muito estruturados como atrações turísticas.

Quadro VII.13: Principais obstáculos relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses

Obstáculos apresentados pelos inquiridos		Nº	1 %	2 %
<b>Anterior/a priori da concretização (a ultrapassar)</b>	Falta de recursos financeiros	7	16,7	9,6
	Falta de interesse e de cultura de jardins	6	14,3	8,6
	Falta de interesse dos proprietários e/ou instituições	4	9,5	6,6
	Mau estado de conservação dos jardins/Falta ou deficiente manutenção	3	7,1	5,6
	Falta de mão de obra especializada	2	4,8	4,6
	Falta de estrutura/infraestruturas	2	4,8	4,6
	Falta de conhecimento e divulgação dos jardins	2	4,8	4,6
	Falta de condições de segurança	2	4,8	4,6
	Falta de meios e apoios para a sua valorização/excesso de burocracia	1	2,4	3,6
	(Reduzida) Capacidade de carga de um jardim histórico	1	2,4	3,6
<b>Decorrente/a posteriori da concretização (a evitar)</b>	Degradação/descharacterização dos jardins devido ao aumento ou excesso de carga humana e/ou uso incorreto	9	21,4	11,6
	Sobreposição da vertente turística a missões específicas de alguns jardins	2	4,8	4,6
	A redução do espaço a mero parque temático	1	2,4	3,6

Fonte: Elaboração própria com base no inquérito por questionário 1 (2014)/1 – % sobre o total de ocorrências (n.º 42); 2 – % sobre o total de inquiridos (n.º 39, tendo-se registado 24 casos (38%) – NS/NR)

### 7.2.7. Principais conclusões e verificação das hipóteses de investigação específicas

Nesta secção conclusiva procura-se realizar uma síntese integradora dos principais resultados do inquérito por questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos e das respostas às hipóteses de investigação específicas expostas no início deste capítulo. Quanto aos primeiros destaca-se no essencial o seguinte:

### **I) Características dos jardins**

- ✓ Verifica-se uma diversidade de tipos, estilos e épocas de jardins com destaque para os jardins de quintas de recreio, do século XVIII e XIX, localizados essencialmente em meio urbano;
- ✓ A quase totalidade dos jardins têm agregados elementos permanentes, nomeadamente casas/solares e palácios, equipamentos de restauração, de comércio e culturais;
- ✓ A maior parte tem associado um negócio/atividade, complementar ou principal, destacando-se mais uma vez a restauração e o comércio;
- ✓ Mais de metade são propriedades públicas geridas pelo Estado ou Municípios. Ao nível da propriedade privada destaque para a gestão singular e familiar;
- ✓ Os jardins estão em bom ou muito bom estado de conservação, dispõem de boas acessibilidades e mais de metade está classificada;

### **II) Características dos Proprietários/Responsáveis dos jardins**

- ✓ A maior parte é do género masculino e de faixas etárias mais envelhecidas;
- ✓ Revelam habilitações literárias ao nível do ensino superior;
- ✓ Mais de metade não são os proprietários (família) originais dos jardins;

### **III) Características da atividade lúdica/turística nos jardins**

- ✓ Grande parte dos jardins abriu ao público durante o século XX, a quase totalidade está aberta ao público durante todo o ano, mais de metade todos os dias;
- ✓ Em mais de metade não é necessário marcar visita, existe a possibilidade de visitar de forma gratuita e de usufruir de visitas guiadas em grande parte dos jardins;
- ✓ Há disponibilidade de informação/formas de interpretação em quase todos os jardins;
- ✓ Os meses de maior afluência são os primaveris e estivais;
- ✓ Os visitantes são essencialmente de origem nacional, francesa e espanhola;
- ✓ O público tem aumentado e prevê-se que evolua neste sentido no futuro devido à aposta na informação e divulgação dos jardins, que se tem feito essencialmente através de meios *online* e das rotas/itinerários;
- ✓ Destaca-se o visitante da faixa etária mais madura, com interesse geral por jardins, flores e plantas e o que busca apenas um dia/tempo agradável e bem passado;
- ✓ A visita ao elemento associado, o contacto com a natureza, a fama e importância do jardim e ainda a paz, tranquilidade e descanso são os principais motivos apresentados para a visita;

- ✓ São várias as atividades promovidas com destaque para os percursos turístico-educativos e os espetáculos culturais;
- ✓ Mais de 2/3 dos jardins estão inseridos em rotas e percursos, sobretudo regionais;
- ✓ A maioria dos jardins está situada em contextos favoráveis em termos da presença e proximidade de equipamentos e outras atrações de vária natureza, beneficiando de uma forte/muito forte relação de complementaridade com estas, o mesmo não se verifica nas relações com outros jardins;
- ✓ Quase metade dos jardins é classificada pelos responsáveis como atrações principais, e a maioria com uma posição importante/muito importante na atratividade do território;
- ✓ A arquitetura/design e o património botânico são os principais pontos fortes dos jardins, já os principais constrangimentos são no âmbito da manutenção/conservação e no aspeto estrutural;

#### **IV) Perceção dos proprietários/responsáveis quanto ao turismo e lazer nos jardins históricos portugueses**

- ✓ É reconhecido o carácter atrativo próprio dos jardins, não estando apenas reduzidos a meros complementos, assim como a sua importância estratégica nos territórios, na construção da imagem destes e na satisfação das necessidades lúdicas da sociedade;
- ✓ Fica demonstrada a posição dos responsáveis ao assumirem que a atividade turística pode constituir o principal meio de salvaguarda dos jardins históricos;
- ✓ É comprovado que a visita a jardins no país é ainda uma prática discreta, em boa parte porque não há uma cultura de interesse e valorização dos jardins, ocupando por isso uma posição marginal nos circuitos turísticos globais mas evidenciando alguma importância a nível regional;
- ✓ É confirmado o subaproveitamento do potencial dos jardins mas também o esforço feito pelos proprietários para a sua recuperação e valorização, não obstante a falta de capacidade financeira e consequente falta de investimento no património e em mão de obra especializada, assim como falta de informação e de promoção;
- ✓ Os responsáveis atestam não existir uma estratégia nacional concertada em torno do desenvolvimento turístico dos jardins, embora reconheçam que há cada vez mais público interessado, sobretudo estrangeiro, que procura acima de tudo relaxar e desfrutar do ambiente;

- ✓ Fica evidenciado que Portugal dispõe de recursos com potencialidades para a construção de um produto turístico de qualidade sendo necessário para tal a sua valorização e promoção através da aposta na informação, na cooperação, na estruturação em rede, na criação de uma marca e no seu reconhecimento pelos operadores turísticos;
- ✓ Por fim, fica demonstrado que o turismo de jardins no país não é uma utopia, que dispõe de uma ampla margem de progressão e que pode, num futuro próximo, tornar-se num destino de jardins de sucesso;
- ✓ E ainda que os responsáveis são tendencialmente favoráveis ao desenvolvimento deste segmento nos seus jardins por via dos consequentes benefícios económicos, e socioculturais que daí advêm, não deixando de alertar para os obstáculos inerentes.

Em relação às hipóteses de investigação específicas formuladas no ponto 7.1.1. os resultados estatísticos não revelaram diferenças significativas, embora algumas considerações devam ser tecidas:

#### **H.1. Os motivos para a visita aos jardins variam de acordo com o tipo de jardim.**

Não se verificaram diferenças relevantes entre os principais motivos para a visita (considerando o 1º motivo) apresentados pelos responsáveis e o tipo de jardim sendo que os resultados apurados em termos globais (*elemento associado e fama e importância do jardim*) estão praticamente espelhados ao nível de cada tipo de jardim. Todavia, verificou-se uma maior diversidade de motivos apresentados pelos responsáveis das quintas de recreio, parques e jardins botânicos. A respeito destes últimos é curioso perceber que, tendo em conta a sua génese e objetivos, o motivo *as diferentes espécies florísticas* não tenha sido mais referenciado pelos seus responsáveis, sendo suplantado pelo motivo *ocupação dos tempos livres*. O baixo preço ou a gratuidade da visita na maior parte dos jardins botânicos inquiridos talvez justifique esta posição dos responsáveis.

#### **H.2. O tipo de visitante consoante o seu interesse é determinado pelo tipo de jardim.**

Não foi possível determinar com todo o rigor a relação entre estas duas variáveis uma vez que muitos proprietários avançaram com dois ou mais tipos de visitantes consoante o seu interesse em jardins. Porém, tendo em conta a informação avançada pelos responsáveis dos jardins integrantes desta amostra, constatou-se que o tipo de jardim não tem influência no tipo



de visitante que atrai, oscilando, na maior parte, entre o visitante com interesse geral e o que busca um dia bem passado. Uma vez mais é peculiar o facto dos responsáveis dos jardins botânicos terem destacado o visitante com interesse geral em detrimento do visitante com interesse específico em jardins e botânica, já que estes constituem excelentes focos de aglomeração e diversidade florística.

**H.3. O nível de favorabilidade relativamente ao maior desenvolvimento da vertente lúdica/turística nos jardins varia em função do modelo de gestão.**

Poder-se-ia supor à partida que os proprietários privados revelassem uma maior resistência ao desenvolvimento da vertente lúdica/turística dos jardins históricos, pois, em muitos casos, trata-se de pessoas de uma faixa etária mais envelhecida, com poucas capacidades económicas e de iniciativa e cuja descendência, ou não existe, ou não manifesta qualquer interesse pelos jardins. Note-se que quase 50% dos responsáveis manifestaram a sua concordância face à afirmação *O carácter privado de muitos jardins inviabiliza o seu desenvolvimento enquanto atração*. Todavia foram em maior número os proprietários privados os que revelaram ser totalmente favoráveis, mas também os que assumiram uma posição neutra, ficando desta forma claro que a posição adotada em relação ao maior desenvolvimento desta vertente nos jardins históricos é independente do modelo de gestão dos jardins.

## Síntese

*Este capítulo traduz os resultados da primeira fase do trabalho empírico – o questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos.*

*Num primeiro momento foi possível perceber a existência de um grande número de jardins considerados de valor ou interesse histórico e da dificuldade em reunir informação relativa aos mesmos pela falta de um guia ou inventário que condensasse toda essa informação.*

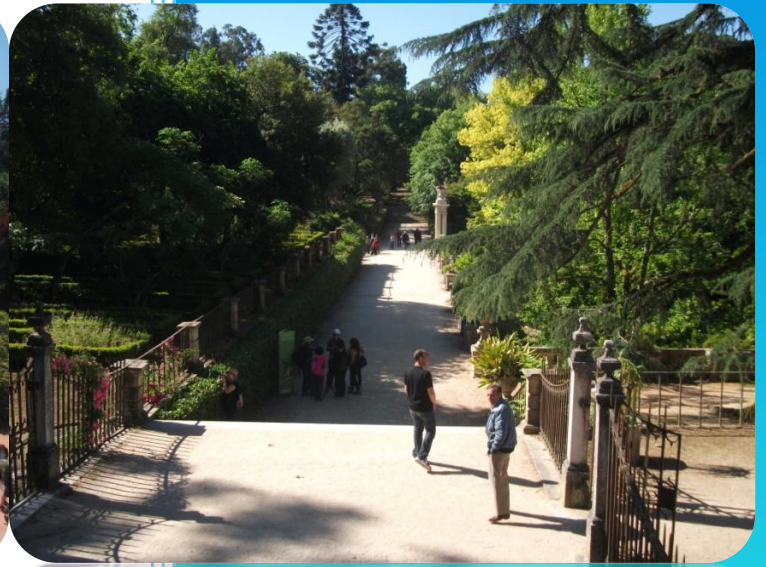
*Num segundo momento, a análise dos resultados dos questionários revelou que, para além de uma capacidade atrativa própria por força da riqueza, originalidade e antiguidade dos jardins, estes “oferecem” outras experiências complementares por via dos elementos permanentes e das atividades associadas ao nível do turismo de habitação, museologia ou artesanato. Gozam ainda de um contexto territorial turístico favorável em termos da oferta de outros produtos e equipamentos. Desta forma, para além do seu potencial intrínseco, muitos deles estão inseridos num contexto territorial interessante com repercussões no aumento da sua atratividade. A maior parte dos jardins constitui atrações turísticas de relevância para os seus territórios assim como para as populações e as suas necessidades recreativas. No entanto, não obstante o quadro favorável a nível externo e os pontos fortes internos revelados, há todo um conjunto de constrangimentos reconhecidos pelos próprios responsáveis que é necessário ultrapassar.*

*Concluir-se-á, portanto, que a visita a jardins pode vir a assumir um papel importante não só como forma de complementar a experiência do turista num determinado destino, como também assumir o papel principal no produto turístico e constituir, de igual modo, a principal motivação da deslocação.*

*Suportada pela posição dos responsáveis por este grupo de jardins, poder-se-á ainda avançar que o turismo de jardins em Portugal não é uma utopia, mas sim uma realidade com uma ampla margem de progressão, se bem organizada e promovida, podendo constituir um importante e competitivo segmento do turismo nacional (individual ou compósito) com impacte na promoção, desenvolvimento e preservação, tanto dos jardins como dos territórios.*

*É nesta linha que, no capítulo seguinte, se irá introduzir e analisar a segunda fase do estudo empírico realizado – os questionários aos visitantes de três jardins históricos (Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira).*

# Capítulo VIII



Parque de Serralves e Jardim Botânico de Coimbra

*Vivências e experiências dos  
visitantes dos jardins  
históricos em Portugal –  
identificação e caracterização  
da procura a partir de três  
casos de estudo*

### **8.1. Inquérito por questionário aos visitantes de três jardins históricos**

Uma das motivações que nos levou a pretender traçar o perfil do visitante de jardins históricos em Portugal foi o facto de não haver qualquer referência à procura orientada para os jardins, nas suas mais diversas vertentes, nem a nível académico nem a nível institucional, não obstante existirem casos pontuais de estudos internos levados a cabo pelas próprias instituições a que pertencem os jardins. Tal constitui de igual modo um *handicap* em relação ao potencial da atividade lúdica/turística nos jardins e à estruturação da oferta. No sentido de suprimir a falta de informação sobre a procura de um segmento com grandes potencialidades, foi encetado um estudo através de um inquérito por questionário aos visitantes de três jardins históricos – Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira – tendo como objetivo geral conhecer a procura que escolhe os jardins como locais de visita, identificar as características da viagem/saída de casa do visitante, as motivações para a visita, as características da visita e as experiências vividas.

Neste capítulo pretende dar-se conta, de forma mais pormenorizada, dos seus objetivos, processo de elaboração, estrutura, metodologia utilizada e dos resultados desta segunda fase da investigação.

#### **8.1.1. Os objetivos e as linhas de investigação específicas**

*Como se caracteriza a procura dos jardins históricos?* Esta é a segunda sub-questão-chave que norteia a aplicação deste questionário e nela concentra a intenção de responder a um conjunto central de questões basilares: Quem visita? Quando visita? Quanto visita? Porque visita? O que visita? Como visita? e O que faz durante a visita?. Este quadro derivou na definição de um conjunto de objetivos centrais que estruturam o inquérito:

**Objetivo 1.** Identificar as características do visitante ao nível dos elementos socioeconómicos, demográficos e territoriais assim como ao nível das características da viagem/saída de casa no dia da abordagem;

**Objetivo 2.** Apurar os hábitos de lazer e turismo dos visitantes, gerais e especificamente orientados para os jardins e a visita a jardins;

**Objetivo 3.** Identificar as características da visita aos jardins.

Pretende-se, desta forma, apurar tendências, semelhanças e/ou diferenças nos tipos de utilização e utilizadores, através do cruzamento das variáveis principais: (1) os três jardins em estudo, (2) o grupo de turistas e de *day-trippers* (estrangeiros/nacionais), (3) os grupos de visitantes tendo em conta o interesse por jardins, definidos *a priori* e (4) os visitantes de época alta (abril a setembro) e de época baixa (outubro a março); cruzar dados entre questões basilares do questionário como: motivações, tipo de visitante, atividades realizadas, experiência da visita com outras complementares como: idade, género e ocupação por forma a definir-se grupos de visitantes e confrontar resultados com outros estudos realizados sobre esta temática em particular.

Na sequência destes objetivos centrais surgem questões/hipóteses de investigação mais específicas, passíveis de verificação através da análise estatística. Para este questionário definiu-se que:

## **Q.2. Hipóteses de investigação específicas**

**H.1.** O perfil sociodemográfico dos visitantes varia consoante o:

**a)** jardim; **b)** tipo de visitante; **c)** tipo de interesse; **d)** época da visita

**H.2.** Os motivos para a visita aos jardins variam de acordo com o:

**a)** jardim; **b)** tipo de visitante; **c)** tipo de interesse; **d)** época da visita

**H.3.** Os hábitos e comportamentos dos visitantes durante a visita são influenciados pelo:

**a)** tipo de jardim; **b)** tipo de visitante; **c)** tipo de interesse; **d)** época da visita

**H.4.** A propriedade de um jardim e a prática da jardinagem são elementos distintivos dos visitantes de jardins.

A prossecução e concretização destes objetivos teve como suporte um inquérito por questionário (AIII.2 a AIII.5) aplicado aos visitantes dos três jardins históricos.

### **8.1.2. O processo de elaboração e a estrutura do questionário**

Este questionário foi elaborado e estruturado com base no quadro teórico não se apartando dos parâmetros essenciais de um questionário aplicado no âmbito da temática do turismo, apesar de, a nível nacional, não dispormos de nenhum exemplo neste tema específico. Os dois exemplos de questionários aos visitantes de jardins que foram aplicados por CONNELL (2002) e FOX (2007), na Grã-Bretanha, constituíram uma base fundamental

para a sua construção, contudo, não se optou por traduzi-los e implementá-los, até porque determinadas questões não fariam sentido, mas sim pela sua interpretação e adaptação ao contexto nacional. Embora baseados em realidades e dinâmicas próprias daquele país, dirigidos a universos com características diferentes, e até mesmo com alguns objetivos díspares e dimensão do questionário bem mais alargada, estes constituíram um ponto de partida para a elaboração do questionário que foi aplicado. Acrescenta-se ainda que, para a obtenção do questionário final aos visitantes, a visita prévia e a observação empírica realizada durante algum tempo nos referidos jardins, assim como as conversas e indicações dadas pelos responsáveis dos mesmos, a submissão à apreciação de outros investigadores internacionais com trabalho realizado nesta matéria, mormente as duas autoras supra citadas, para além da sua implementação prévia, foram contributos indispensáveis à estruturação definitiva do questionário<sup>235</sup>.

Houve o cuidado de que as questões respondessem aos objetivos gerais da investigação, às perguntas/hipóteses de estudo delineadas inicialmente assim como se intrincassem com perguntas do questionário dirigido aos proprietários/responsáveis e que se adequassem à realidade dos jardins e dos seus visitantes. Foram elaboradas quatro versões do questionário correspondendo aos idiomas: português, inglês, espanhol e francês. Estas foram também disponibilizadas *online* no sentido de dar resposta aos visitantes que manifestaram vontade de participar desta forma (AIII.2 a AIII.6).

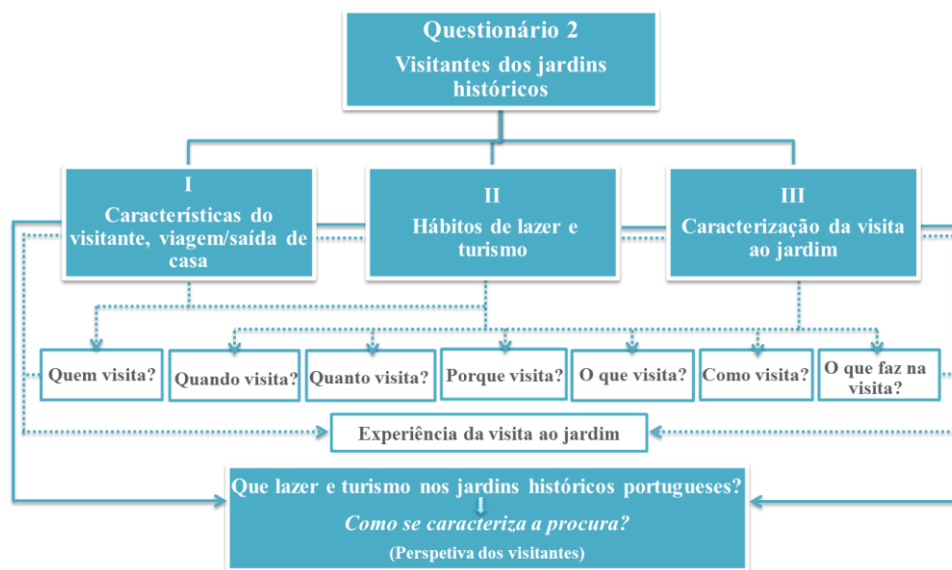
Privilegiou-se uma linguagem simples e clara, tendo-se tido o cuidado de fornecer instruções de como responder às questões sempre que se justificava, principalmente na versão *online*. Neste inquérito por questionário foram utilizadas questões de natureza mista, embora fossem privilegiadas as *questões fechadas e semifechadas*, do tipo “*tick box answers*” em que, na maioria delas, era apresentada uma lista definida *a priori* das várias possibilidades de resposta, apresentadas sob a forma de alternativa, em termos dicotómicos ou não, de escolha múltipla e com escalas de variação, com o objetivo de encurtar não só o tempo de reposta

---

<sup>235</sup> No caso dos questionários aos visitantes dos jardins ressalva-se que sete anos de experiência enquanto guia de visitas, com grupos escolares e outros visitantes, no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, constituiu um tempo de observação e de prática que foram determinantes para a elaboração do questionário, tanto no que diz respeito à sua estrutura como à sua dimensão, e posteriormente na abordagem aos visitantes e aplicação do mesmo. Da experiência em contactar com este público, para além da aplicação de questionários noutras fases do percurso académico, cedo se percebeu que por muita informação que quiséssemos recolher teríamos que fazer escolhas quanto às perguntas que deveriam ser incluídas e as que teriam que ser descartadas sob pena do questionário se tornar demasiado longo e pouco apelativo à colaboração destes inquiridos, uma vez que se trata de um público que procura nestes espaços mais calma e sossego do que propriamente algum tipo de incómodo, mesmo que de cariz académico. Desta forma, conscientes de que muito mais haveria para questionar e esclarecer fixámo-nos no essencial de acordo com os objetivos centrais da investigação. Mesmo assim, apesar da aceitação geral verificada, há a registar algumas recusas na participação e pouca vontade inicial de outros tantos na colaboração que, felizmente, se ia esbatendo com o decorrer da conversa.

como facilitar o processo de respostas do inquirido e concomitantemente o posterior processamento, tratamento e análise de dados, tendo em conta o grande número de inquiridos a realizar. Ao longo do questionário foram também incluídas de forma estratégica *questões abertas* para que os inquiridos não se sentissem condicionados nas suas respostas (situação aliás que constituiu sempre uma preocupação com a inclusão, na maior parte das questões, da possibilidade de resposta *Outra*).

Tivemos o cuidado de agrupar as questões em função da afinidade e relação entre elas, seguindo uma sequência lógica em termos temáticos, cujo *layout* final se distribuiu por duas páginas, sendo precedidas por uma breve explicação do estudo e seus objetivos, resultando na estruturação do questionário em três partes/secções principais. A Figura VIII.1 sintetiza de forma simples a estrutura e âmbito deste questionário seguindo-lhe um resumo mais alargado dos conteúdos de cada uma das secções e dos objetivos específicos decorrentes.



Fonte: Elaboração própria

Figura VIII.1: Representação esquemática da estrutura e objetivos do questionário aos visitantes dos jardins históricos

### I – Características do visitante:

Nesta primeira secção o foco era a pessoa do inquirido, onde se pretendia traçar um perfil geral do visitante do jardim através de um conjunto de questões de âmbito socioeconómico, demográfico e territorial, num primeiro momento, designadamente nacionalidade, sexo, idade, habilitações literárias, área de formação, profissão/ocupação e residência dos visitantes, e para o qual contribuiria de igual modo, num segundo momento, a

informação respeitante à situação/circunstância do visitante no dia em que foram interpelados, em relação ao primeiro motivo da viagem/saída de casa, à eventual situação de férias (tipo de férias, duração, tipo e local de hospedagem), e ainda aos locais/atrações visitados ou a visitar, antes e depois do jardim, com o objetivo de conhecer as características da viagem/saída de casa caracterizando assim os dois tipos de visitantes definidos *a priori*: turista e *day-tripper*. Este bloco de questões revelou-se essencial por forma a verificarmos, ou não, a diversidade de perfil dos visitantes dos jardins.

## **II – Hábitos de lazer e turismo:**

A segunda parte do questionário procurava conhecer os principais hábitos de lazer e turismo dos visitantes dos jardins, os mais gerais (A) no que diz respeito às principais atividades lúdicas/recreativas praticadas e às principais atrações visitadas, e os especificamente relacionados com jardins e visita a jardins (B), nomeadamente se tinham jardim em casa, se gostavam e praticavam jardinagem, que tipo de visitante consideravam ser tendo em conta a frequência da visita, o principal motivo da visita a um jardim, a forma como costumam visitar jardins, se já tinham visitado outros jardins em Portugal e no estrangeiro, se já tinham visitado outras atrações/situações relacionadas com jardins e jardinagem, os aspetos que consideravam serem mais positivos da visita a um jardim, o que consideravam ser um jardim, como se definiriam enquanto visitantes de jardins e a ligação a alguma associação de jardins. A secção foi rematada pela questão que pretendia apurar junto dos visitantes o que um jardim oferece de diferente de outras atrações.

Este bloco de questões proporcionava um conhecimento prévio dos hábitos gerais de lazer e turismo dos inquiridos, importante para enquadrarmos e direcionarmos depois o questionário para a visita ao jardim em concreto.

## **III – Caracterização da visita ao jardim:**

O último bloco de questões focava a própria visita ao jardim e as suas características, e englobava um conjunto vasto de questões que procuravam saber se o jardim tinha sido o principal motivo/destino da saída de casa, se a visita estava inserida num *tour* de jardins, se tinha sido planeada (como e quando), e ainda questões relativas às motivações, atividades realizadas, ao conhecimento do jardim, à frequência da visita, à duração, à situação de acompanhamento ou não, à forma como usufruiu da visita, as outras atrações e os equipamentos utilizados, conhecimento e participação de atividades do jardim, as expectativas



e a avaliação em relação à visita, a classificação da experiência da visita (que decorre de todas as questões anteriores) e ainda a vontade, ou não de regressar.

### **8.1.3. A escolha dos casos de estudo – justificação, breve enquadramento e caracterização dos jardins**

No seio de um conjunto de mais de 100 jardins que revelavam, mais do que potencialidades, um evidente carácter turístico, a aplicação do questionário aos visitantes por forma a conhecermos o tipo e características da procura em todos eles revelou-se, logo à partida, uma tarefa muito difícil de concretizar tendo em conta um conjunto de constrangimentos vários como a falta de tempo para executar esta tarefa em tempo útil assim como entraves funcionais, pois a deslocação, necessária (como se revelou), pressuporia uma organização logística para a qual não tínhamos nem capacidade nem disponibilidade económica e temporal. A estes juntam-se o facto de muitos dos jardins históricos estarem neste momento fechados ao público e de outros não deterem um fluxo de visitantes importante e contínuo que nos permitisse fazer uma recolha sustentada dos questionários, que determinamos para um período de um ano, ou não estarem interessados em acolher este estudo. Para além disso, enviar os questionários para os jardins para serem distribuídos pelos responsáveis dos jardins e serem preenchidos de forma autónoma pelos visitantes, como de resto foi a metodologia aplicada por CONNELL (2002) no estudo que elaborou, não nos pareceu ser uma opção viável e sustentável, situação que, aliás, ficou comprovada quando, a título experimental, o fizemos nos três jardins em estudo.

Este cenário levou a que fossem tomadas opções no sentido da determinação de um conjunto de jardins onde pudéssemos aplicar de forma presencial este questionário, tendo-se então optado por três casos de estudo cuja escolha teve em consideração vários parâmetros, uns de ordem determinante e outros de ordem complementar:

#### **I. Características determinantes:**

- a) Abertura do jardim ao público;
- b) Fluxo de visitantes que permitisse uma sustentada recolha de questionários;
- c) Estrutura turística associada;
- d) Aceitação, apoio e interesse das instituições na realização do estudo.

#### **II. Características complementares:**

- e) Localização geográfica do jardim;
- f) Enquadramento turístico do jardim;
- g) Estado de conservação e manutenção do jardim;
- h) Época do jardim;
- i) Tipo/estilo de jardim;
- j) Classificação legal do jardim;
- l) Valor turístico potencial (estudo realizado nos anos 90).

Na conjugação destas características, e depois de consultada diversa bibliografia e a própria APJH, chegou-se à conclusão de que os jardins que reuniam mais e melhores condições de representatividade, e da oferta em geral, para aplicação e desenvolvimento deste estudo seriam o Parque de Serralves, no Porto, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (JBUC) e o Jardim do Palácio Fronteira, em Lisboa. Três distintos exemplos do que é a diversidade de jardins e de usos de jardins em Portugal, tal como se poderá verificar de seguida em relação a cada um dos itens referenciados atrás.

Neste sentido, na secção seguinte, procura-se caracterizar o objeto de estudo – os três jardins – mas também, porque assim se justifica, alargar essa caracterização ao território em que se inserem, essencialmente na sua dimensão turística.

### **8.1.3.1. Características determinantes**

#### **8.1.3.1.1. Abertura do jardim ao público**

Os três jardins estão de forma permanente abertos ao público, independentemente da marcação de visita. Em Serralves e em Fronteira a entrada é condicionada mediante aquisição e pagamento de bilhete (com as devidas exceções previstas de gratuidade), no JBUC a entrada é livre na maior parte do jardim, embora haja a possibilidade de fazer visitas guiadas<sup>236</sup>. Em Serralves e no JBUC o horário da visita estende-se ao longo do dia, todos os dias da semana, em Fronteira encerra aos sábados à tarde e domingos e a possibilidade de fazer visitas guiadas ocorre apenas da parte da manhã.

---

<sup>236</sup> O serviço de visitas guiadas disponibilizado pelo JBUC desde 1997 foi interrompido no final de 2012 (embora ocorressem casos pontuais de visitas guiadas em 2013), situação justificada oficialmente com a necessidade de mudança, em muito associada às obras de remodelação e requalificação de espaços que estão a decorrer e do próprio serviço educativo. Esta situação não se alterou até à data de conclusão deste estudo. De notar que, apesar de este serviço ter sido suspenso, as visitas livres ao jardim continuaram a poder ser feitas, como de resto já acontecia.

### 8.1.3.1.2. Fluxo de visitantes que permitisse a recolha de questionários

O facto de haver controlo de visitantes em Serralves e em Fronteira permite-nos saber com maior rigor a dimensão do fluxo de visitantes. Contudo, constitui um constrangimento no caso do JBUC uma vez que não há controlo de entradas, a não ser as que eram marcadas previamente. Temos três exemplos diversos em termos de fluxo de visitação e a análise da evolução global dos visitantes permite desde logo perceber que tem havido uma intensificação da frequência.

O Parque de Serralves, com uma grande frequência, maioritariamente de origem nacional<sup>237</sup>, regista uma média de quase 160 mil visitantes por ano, considerando os dois tipos de bilhetes (museu + parque e só parque), e de cerca de 27 mil, considerando apenas o bilhete para o parque. No cômputo geral, tem revelado uma tendência de crescimento, fixada nos 9,4% nos últimos 10 anos, apesar de alguns decréscimos pontuais, verificados sobretudo na modalidade de bilhete museu + parque, mais acentuado entre 2008/2009, crendo-se que para tal tenha contribuído a crise económica nacional ocorrida nesse período. De notar que o público que visita apenas o parque registou um aumento de mais de 50%, no mesmo intervalo de tempo, a um ritmo médio anual de quase 5% (Figura VIII.2).

A este respeito importa ainda mencionar que o universo global da Fundação Serralves (que não se resume somente ao parque) regista um número de visitantes total superior a 400 mil<sup>238</sup>, patamar alcançado desde 2008 e não mais abandonado (Figura VIII.3).

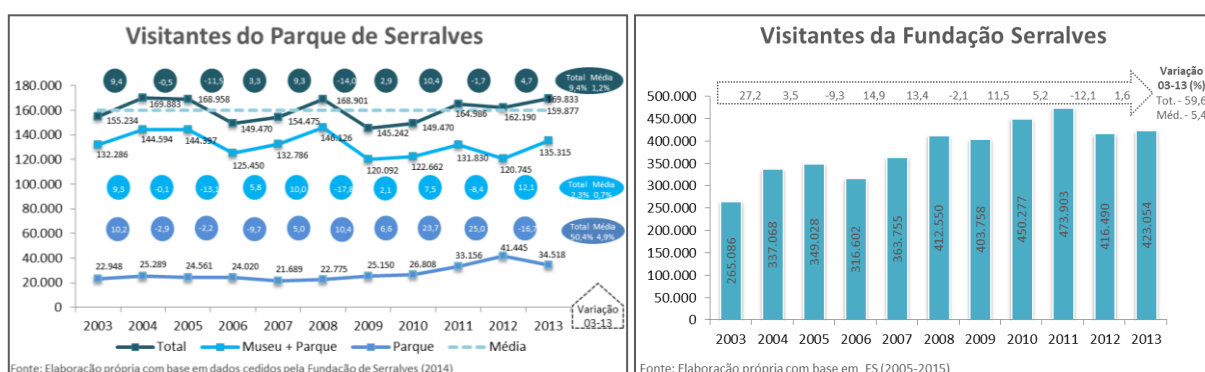


Figura VIII.2 e VIII.3: Evolução dos visitantes do Parque de Serralves e dos visitantes totais da Fundação Serralves (2003-2013)

<sup>237</sup> A respeito da origem dos visitantes dos três jardins em estudo deve mencionar-se que estes não dispõem de dados estatísticos concretos, apenas informação global que foi disponibilizada pelos responsáveis no questionário 1.

<sup>238</sup> Para este quantitativo total de visitantes da Fundação concorrem, para além dos visitantes do parque, os espectadores de artes performativas, os participantes do serviço educativo, os participantes do evento Serralves em Festa, os participantes de eventos corporativos e os leitores da biblioteca.

Já o JBUC regista uma frequência inferior, uma média a rondar os 8 mil visitantes, se se considerarem apenas os valores das visitas guiadas, mas que poderão estar perto dos de Serralves pois é um espaço de livre entrada, pelo que a estes se poderão acrescentar um grande número de visitantes que todos os dias passam pelo botânico mas que não são contabilizados. Relativamente aos visitantes guiados, até ao encerramento deste serviço, em 2012, vinha-se registando uma variação positiva global (210% a um ritmo anual médio de 12,9%, se excetuarmos o ano de 1997 com apenas 58 visitantes), tendo atingido um máximo, em 2003, com mais de 14 mil visitantes. A partir deste ano verifica-se uma maior instabilidade com algumas variações negativas (Figura VIII.4).

Para além dos que efetuavam visita guiada – podendo afirmar-se que estes correspondiam a uma parcela minoritária do total de visitantes – muitos mais visitam o JBUC. Na impossibilidade de estimar a sua frequência total, neste caso tomámos como valores de referência o número de visitantes dos postos de turismo de Coimbra, que nos últimos anos se tem situado acima dos 100 mil e que são essencialmente portugueses, espanhóis, franceses, brasileiros e alemães, pressupondo assim que parte desses visita o JBUC (Figura VIII.5)

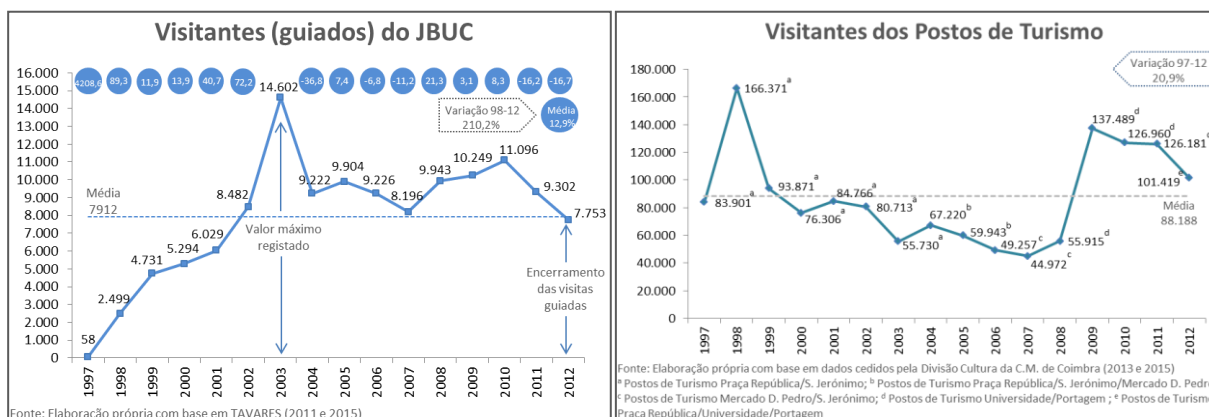


Figura VIII.4 e VIII.5: Evolução dos visitantes guiados do JBUC e evolução dos visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra (1997-2012)

Quanto ao Jardim de Fronteira, verifica-se uma menor frequência, mas, segundo os responsáveis, perfeitamente ajustada ao tipo e dimensão do espaço disponível. O número de visitantes pagantes tem aumentado, observando-se um aumento de quase 70% entre 2005 e 2013 a um ritmo médio anual de 7,4%. Com exceção de três anos em que se registou um decréscimo na visita, desde 2009 que é evidente a escalada progressiva do número de visitantes, ultrapassando já a marca dos 10 mil, com repercussões nos proveitos económicos da bilheteira correspondente (Figura VIII.6). Segundo CASTEL-BRANCO (2008) o conjunto

dos Jardins e Palácio Fronteira tornou-se mesmo, dentro do turismo cultural internacional, o mais visitado em Lisboa sendo inclusive o jardim português mais conhecido no estrangeiro. O seu público é sobretudo de origem francesa.

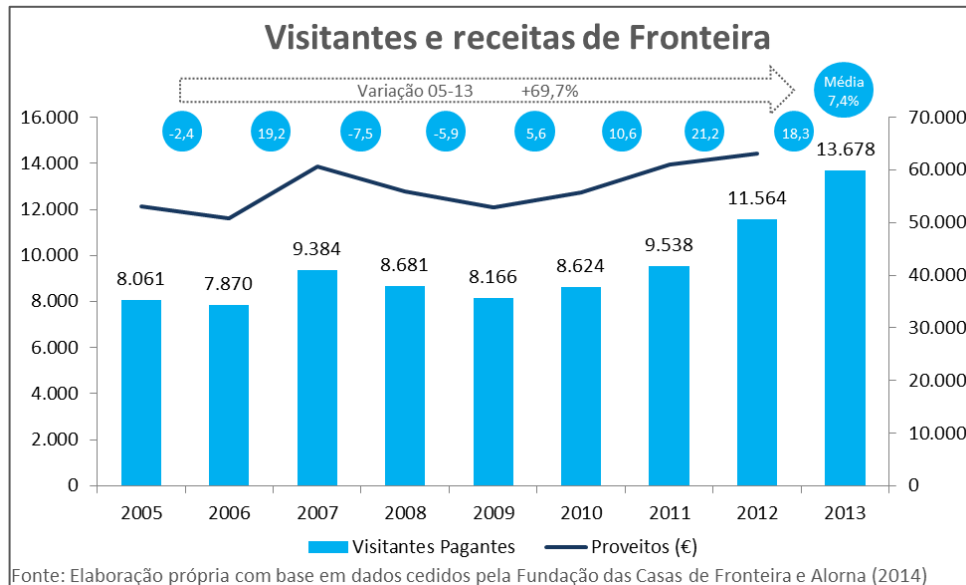


Figura VIII.6: Evolução dos visitantes e receitas do Jardim de Fronteira (2005-2013)

### 8.1.3.1.3. Estrutura turística associada

Os três jardins possuem uma estrutura turística<sup>239</sup> associada, embora cada um deles apresente níveis de desenvolvimento/implementação diferentes, mormente ao nível das infraestruturas, equipamentos e serviços disponíveis ao público.

Serralves é o que apresenta um leque mais diversificado tanto de equipamentos como serviços, atividades e eventos. No espaço consignado à Fundação Serralves para além do Parque (Figura VIII.7) está localizado o Museu<sup>240</sup>, a Casa de Serralves<sup>241</sup> e a Quinta Pedagógica. A estes acrescenta-se a loja, a livraria, a biblioteca, um restaurante, bar e casa de

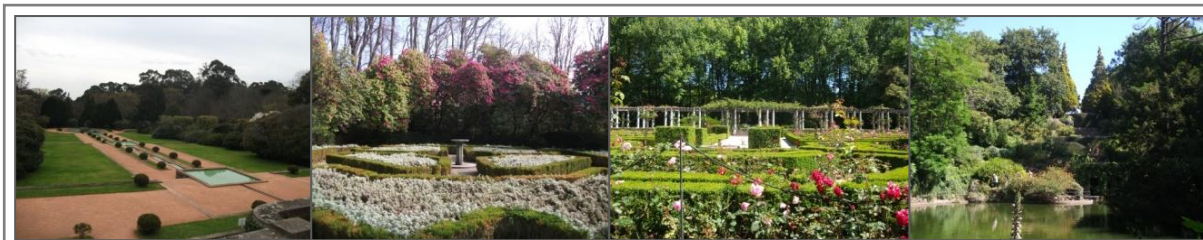
<sup>239</sup> No caso do JBUC tal deixou de se verificar no decorrer da investigação face às alterações determinadas pela administração e que tiveram consequências. Assim, a partir de final 2012 deixou de haver visitas guiadas ao jardim, fechou o quiosque (Porta dos Arcos), fechou o espaço de cafetaria (Departamento de Ciências da Vida), fecharam as estufas ao público, mantendo-se apenas o *Sky Garden* aberto. Contudo, face ao trabalho já entretanto desenvolvido, decidiu manter-se este caso de estudo.

<sup>240</sup> Da autoria do arquiteto Siza Vieira, foi inaugurado em 6 de junho de 1999 constituindo o primeiro grande projeto do género em Portugal. Possui 4000 m<sup>2</sup> de superfície expositiva, administração e armazém, biblioteca de arte, auditório, cafetaria, livraria e garagem no subsolo (FS, 2002).

<sup>241</sup> O atual edifício foi construído sobre uma antiga casa de férias com capela, propriedade de Diego José Cabral, 1º Conde de Vizela. Da autoria de Marques da Silva, constitui um dos mais expressivos exemplos da *Art Déco* em Portugal. Faz parte do Museu de Arte Contemporânea e é reservada à apresentação de exposições temporárias (FS, 2002).

chá (no parque) (Figura VIII.8), tornando assim possível ao visitante, num mesmo espaço, usufruir de uma série de equipamentos e atividades.

As atividades e eventos desenvolvidos e promovidos pela Fundação, mormente tendo como palco o parque, são muitas, variadas e direcionadas para os diversos tipos de público. Visitas guiadas, festas, exposições temáticas, concertos musicais, teatros e muitas outras expressões culturais tomam o parque como cenário (Figura VIII.9).



Fonte: Autora (2013 e 2014)

Figura VIII.7: Pormenores do Parque de Serralves



Fonte: Autora (2012, 2013, 2014 e 2015)

Figura VIII.8: Atrações e equipamentos da Fundação Serralves



Fonte: Autora (2013 e 2014)

Figura VIII.9: Atividades e eventos no Parque de Serralves

O *Serralves em Festa*<sup>242</sup> é o evento de maior projeção promovido pela Fundação onde os visitantes usufruem das inúmeras atividades culturais disponíveis para “miúdos e graúdos” durante dois dias, que decorrem sobretudo na área do parque (Figura VIII.10).

<sup>242</sup> PACHECO (2014), que realizou um estudo onde analisou o marketing experiencial, emoções, satisfação e lealdade com relação ao *Serralves em Festa*, apurou também que os visitantes deste evento são sobretudo do



Fonte: Autora (2014)

Figura VIII.10: Serralves em Festa 2014

“O *Serralves em Festa* é o maior festival de expressão artística contemporânea em Portugal e um dos maiores da Europa. São 40 horas consecutivas, com atividades para todas as idades, para todas as famílias e para a família toda!” (FS, 2014: 119). Este evento tem visto o seu público aumentar praticamente todos os anos a um ritmo médio anual de 15% (Figura VIII.11), tendo atingido um máximo de mais de 140 mil pessoas em 2014 nos dois dias de festa (31 de maio e 1 de junho) preenchidos com cerca de 250 eventos/espetáculos, o que corresponde a um acréscimo de mais de 200% face ao primeiro ano da realização do evento (2004), que foi visitado por pouco mais de 42 mil pessoas.

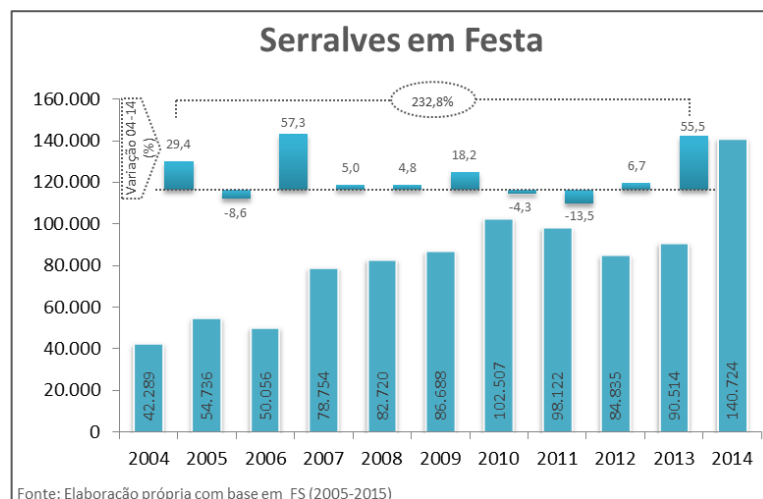
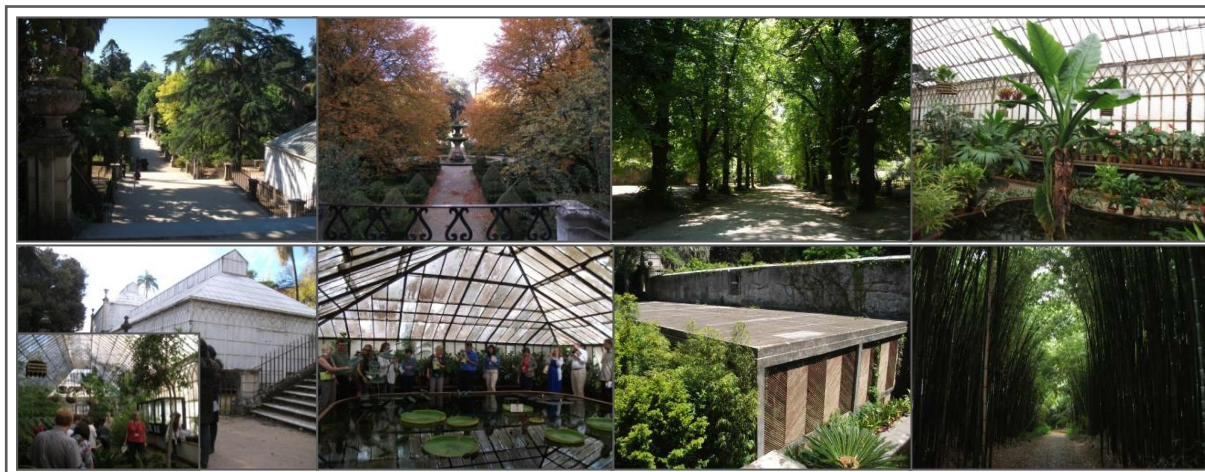


Figura VIII.11: Evolução e variação dos visitantes do Serralves em Festa (2004-2014)

Relativamente ao JBUC, no espaço existiam as duas estufas quentes – Estufa Equatorial ou Estufa Pequena e a Estufa Grande – outrora possíveis de visitar mediante aquisição de bilhete junto dos jardineiros ou através de visita guiada. Todavia, no decurso

género feminino, com idade compreendida entre os 25 e os 34 anos, com habilitações ao nível do ensino superior e profissões intelectuais e científicas bem como estudantes. A maioria é visitante repetente e vão acompanhados de família e amigos.

deste estudo, devido a obras de remodelação, a primeira foi destruída e a segunda está em processo de recuperação, como já foi referido. Para além destas há a referir a existência da Estufa Fria, localizada na Mata (Figura VIII.12).



Fonte: Autora (2012, 2013, 2014 e 2015)

Figura VIII.12: Pormenores e atrações do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

Até 2012 existia um leque diversificado de atividades regulares dirigidas aos públicos escolares e ao público em geral, distribuídas por mês, estação e/ou festividade<sup>243</sup>. Após cancelamento do serviço educativo, e por conseguinte de todas as atividades com ele relacionadas, esporadicamente têm sido realizadas outro tipo de ações mais específicas (orquídeas, yoga, etc.) para além da realização do mercadinho do botânico dois sábados por mês. Desde 2012, está disponível ao público um serviço desportivo – *Sky Garden*<sup>244</sup> – que funciona na mata todos os meses, exceto em janeiro (Figura VIII.13).

O Jardim do Palácio Fronteira, dividido em vários *parterres* (terraços) (Figura VIII.14) tem associado o Palácio dos Marqueses de Fronteira que, não sendo um museu, possui todo um património arquitetónico e cultural disponível ao público. Está ainda ao dispor dos visitantes uma loja onde estes podem adquirir uma série de objetos e *souvenirs* relacionados com o jardim/palácio e Fundação (Figura VIII.15)

<sup>243</sup> São exemplo as visitas guiadas gerais com os circuitos “À descoberta do mundo das plantas”, “Volta ao Mundo em 80 minutos”, “Vamos abraçar as árvores”, “Circuito das Famílias Botânicas” ou mais específicas como a “Ecomata”, “Biodiversidade, extinção, sustentabilidade e conservação” ou “Evolução dos Grandes Grupos Vegetais”. Eram desenvolvidas ainda uma série de visitas e ateliers temáticos como “Carnaval perfumado”, “Uma prenda para a mãe”, “Do papiro ao papel”, “PUB – Plantas Utilizadas em Bebidas”, “Exploradores”, “Presépio botânico”, festas de aniversário entre outras (TAVARES, 2011, 2015).

<sup>244</sup> Foram solicitados à administração do *Sky Garden* dados referentes aos participantes da atividade, pedido para o qual não foi obtida qualquer resposta.





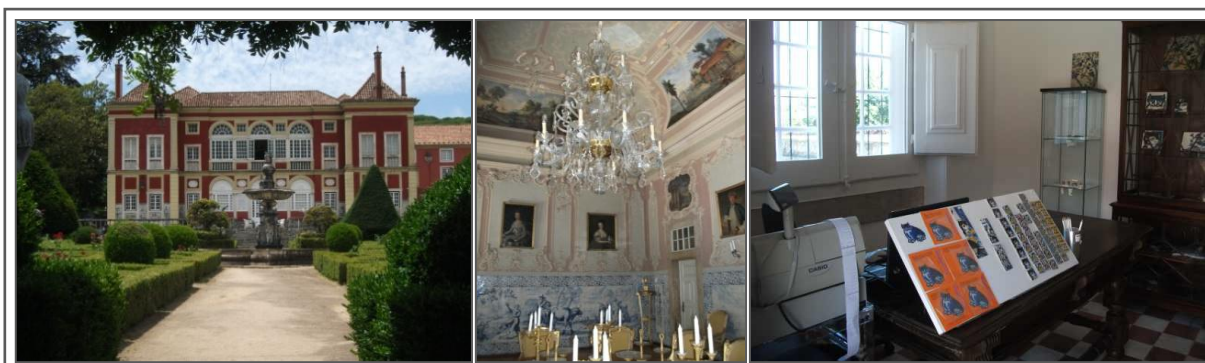
Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura VIII.13: Atividades no JBUC



Fonte: Autora (2012 e 2013)

Figura VIII.14: Pormenores do Jardim do Palácio Fronteira



Fonte: Autora (2012, 2013 e 2015)

Figura VIII.15: Palácio Fronteira, pormenor do interior e loja

Em termos de atividades proporcionadas ao público, para além das visitas guiadas possíveis de integrar todos os dias (exceto domingos e feriados) da parte da manhã, a Fundação proporciona, a todos quantos queiram participar, um conjunto de eventos e programas nomeadamente torneios de *bridge*, sessões de leitura, concertos de música e outros encontros culturais, que ocorrem principalmente no interior do palácio. O espaço do jardim está também disponível à realização de eventos por parte de qualquer pessoa ou organização (festas, casamentos, entre outros) (Figura VIII.16).



Fonte: Autora (2014); FCFA (2012)

Figura VIII.16: Visitas guiadas, tenda para evento e panfleto de atividade no Palácio Fronteira

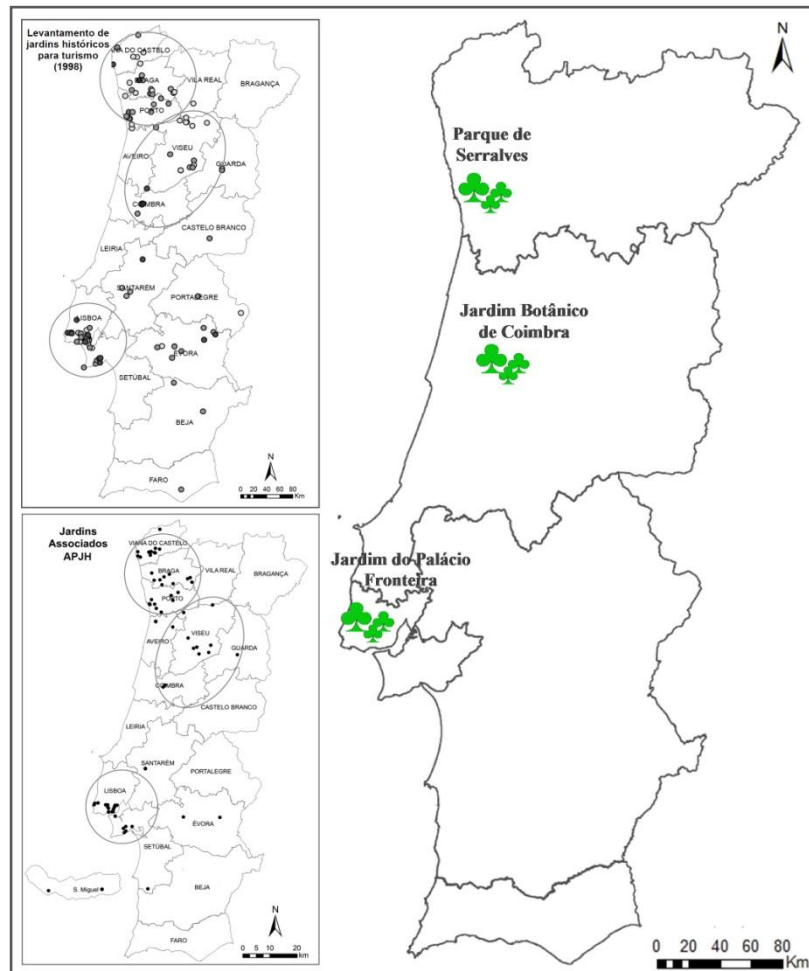
#### **8.1.3.1.4. Aceitação, apoio e interesse das instituições na realização do estudo**

As três instituições, nas pessoas dos seus diretores, mostraram, desde o primeiro contacto, interesse e disponibilidade para acolher este estudo. Foi dado total apoio para o seu desenvolvimento, liberdade para aplicação dos questionários em qualquer hora e dia da semana, para além de terem disponibilizado informação e dados sempre que solicitados. A aceitação e apoio ao estudo foram determinantes na escolha destes três jardins.

#### **8.1.3.2. Características complementares**

##### **8.1.3.2.1. Localização geográfica do jardim**

Procurou-se representar as regiões com maior densidade de jardins históricos com potencialidades turísticas, tendo em conta o conjunto de jardins históricos que fazem parte do estudo coordenado por CASTEL-BRANCO (1998) e os que são associados da APJH. São justamente as regiões do Norte, nomeadamente a área do Porto, onde o referido estudo localizou 37% dos jardins e a APJH tem 42% dos seus associados, o Centro onde se localizam 15% e 18% dos jardins respetivamente e, mais a Sul, a área de Lisboa como a segunda região que reúne a maior percentagem de jardins com potencial turístico, 35% e de membros da Associação, 30% (Figura VIII.17).



Fonte: Elaboração própria

Figura VIII.17: Localização geográfica dos casos de estudo

#### 8.1.3.2.2. Enquadramento turístico do jardim

Os três jardins localizam-se em três grandes centros urbanos, de elevada atratividade e, por conseguinte, de grande procura e atividade turística, para além de que estão associados ou situam-se na proximidade de atrações turísticas âncora ou locais emblemáticos importantes.

Não sendo intenção fazer uma análise aprofundada e detalhada, nesta secção procura-se fazer uma leitura global e integrada do contexto turístico de inserção dos jardins em estudo, no que diz respeito aos principais indicadores turísticos e culturais de oferta e procura e à sua variação temporal, qual o comportamento do território de inserção dos jardins, face a outros territórios, tentando perceber quais são as tendências verificadas ao nível do município de cada sub-região e região. Acima de tudo, importa aqui perceber que estes jardins se inserem num território diverso e rico em termos de atratividade e com dinâmicas turísticas interessantes que podem beneficiar e/ou consolidar a própria atratividade dos jardins.

Os três jardins que constituem os casos de estudo inserem-se em territórios – particularmente em três cidades/municípios (Porto, Coimbra e Lisboa), sub-regiões – NUTS III (Grande Porto, Baixo Mondego e Grande Lisboa)<sup>245</sup> e regiões – NUTS II (Norte, Centro e Lisboa) – bastante diversos e particulares em termos paisagísticos, patrimoniais e culturais. Dispõem de recursos e atrações que oferecem um sem número de experiências distribuídas por várias modalidades de turismo, desde o amplo segmento do turismo cultural ao turismo de sol e praia, de natureza, passando pelo enoturismo, turismo rural ou gastronómico, atraindo por consequência um vasto espectro de visitantes, e constituindo importantes e premiadas regiões turísticas do país, em especial as cidades do Porto e Lisboa<sup>246</sup>.

Os centros urbanos constituem centros culturais por excelência, tanto ao nível do próprio património como das atividades e estes três casos são exemplo disso como se pode constatar nos Quadros AII.24 e AII.25. A sua análise permite perceber qual a representatividade de cada um dos itens apresentados na respetiva sub-região e região de inserção dos municípios, concluindo-se que tanto na oferta e procura de âmbito cultural como na de cariz turístico, cada um dos municípios tem uma posição cimeira face aos restantes territórios no seio da sua sub-região, uma posição privilegiada ao nível da região e em alguns itens uma posição de destaque no âmbito nacional.

Por exemplo, no que diz respeito ao património cultural construído verifica-se que cada um dos municípios em causa assume uma relevância modesta no seio de Portugal Continental. Todavia, essa representatividade assume maior importância no âmbito das sub-regiões e regiões a que pertencem. A categoria de Monumento é a que se destaca. Em 2013, estes três municípios possuíam 12,5% da totalidade dessa categoria no país que beneficiavam de diversos estatutos de proteção. É de assinalar que estes detêm mais de 50% dos Monumentos Nacionais existentes nas suas sub-regiões, sendo no concelho de Coimbra que se localiza quase 76% e cerca de 15% dos Monumentos Nacionais do Baixo Mondego e da região Centro respetivamente, e em Lisboa quase 60% da totalidade existente na Grande Lisboa (Figura VIII.18, Quadro AII.24).

---

<sup>245</sup> Durante o período de realização desta investigação houve alteração das NUTS. Todavia como a recolha e tratamento dos dados já havia sido feito optou-se por manter a organização territorial antiga até porque se consegue ter uma melhor perceção da posição ocupada pelos concelhos na sub-região, visto serem em menor número.

<sup>246</sup> A este respeito recorde-se que a cidade do Porto ganhou em 2014 a distinção *European Best Destination* tendo sido destacada a sua história, arquitetura, cultura, gastronomia, comércio, encontros e descobertas (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *Europe's Best Destinations*, 2015). Lisboa tem constado regularmente como um dos melhores destinos por vários organismos internacionais ligados ao turismo. Desde “Melhor Destino para *City Breaks* da Europa” ao “óscar” para melhor porto e destino de cruzeiros (informação disponibilizada no endereço eletrónico do *World Travel Awards*, 2015).

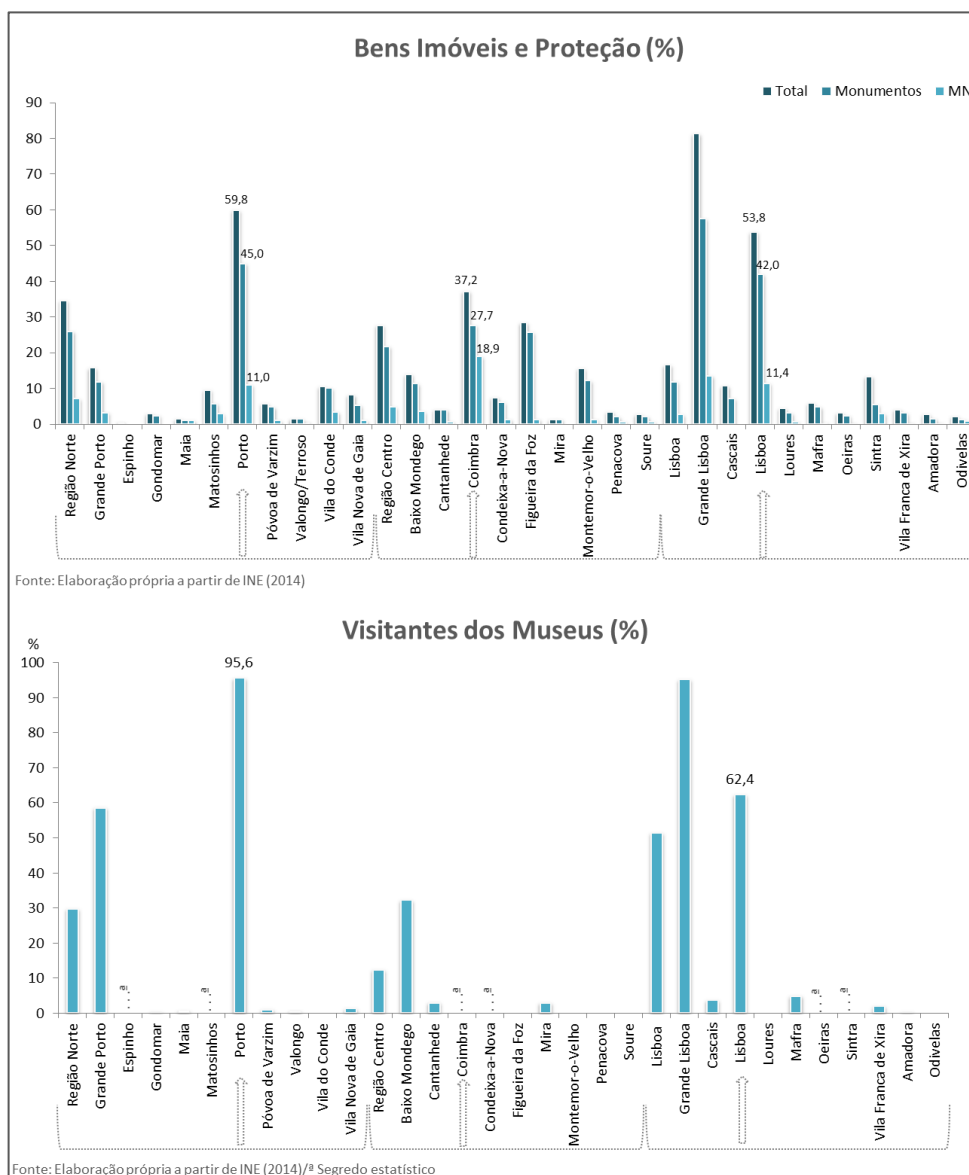


Figura VIII.18: Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta e procura, em 2013

No âmbito do património classificado presente nestes territórios, é importante referir aquele que beneficia do estatuto de Património Mundial da Humanidade. Encarada como verdadeira marca de identidade dos territórios e das comunidades, nestes, como em vários outros casos, a distinção de Património Mundial é, em muito, responsável pela atração de importantes fluxos de visitantes, mormente de turistas de cariz cultural, proporcionando-lhes diferentes experiências, com efeitos positivos significativos no desenvolvimento dos

territórios aos mais diversos níveis, não obstante alguns aspetos mais negativos (TP & UNESCO, 2013; UNESCO, 2014), embora seja prudente analisar caso a caso<sup>247</sup>.

O Centro Histórico do Porto, a Universidade de Coimbra (Alta e Sofia) e ainda o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém (Quadro VIII.1) constituem o património distinguido localizado na mesma cidade e perto dos jardins em estudo, estando inclusive o Jardim Botânico inserido na área de proteção definida para Coimbra (Figura VIII.19).

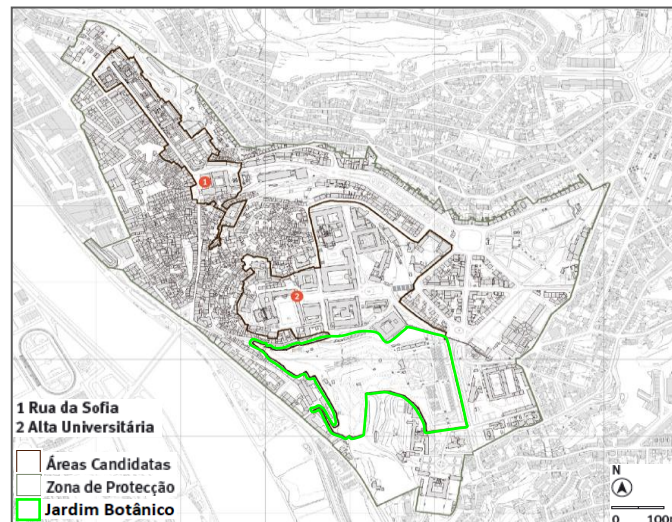
Quadro VIII.1: Locais inscritos como Património Mundial da Unesco nas regiões Norte, Centro e Lisboa<sup>248</sup>

Regiões	Património Mundial da Humanidade da Unesco
Municípios	
<b>Região Norte</b> ⇒ <b>Porto</b>	Região Vinhateira do Alto Douro Centro Histórico de Guimarães ⇒ Centro Histórico do Porto
<b>Região Centro</b> ⇒ <b>Coimbra</b>	Convento de Cristo em Tomar Mosteiro de Alcobaça Mosteiro da Batalha Sítios de Arte Rupestre do Vale do Côa ⇒ Universidade de Coimbra – Alta e Sofia
<b>Lisboa</b> ⇒ <b>Lisboa</b>	Paisagem Cultural de Sintra ⇒ Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém em Lisboa

Fonte: UNESCO – endereço eletrónico (2015)

<sup>247</sup> A este respeito, MARTINS (2014), que no seu estudo tentou perceber e analisar os impactes da classificação atribuída sobre o património da Universidade e o turismo da Alta de Coimbra, na perspetiva dos comerciantes, chegou à conclusão de que estes reconhecem os efeitos positivos da classificação na cidade e na área classificada, muito embora constatem que esses impactes são menos expressivos nos seus estabelecimentos. Na mesma linha, uma notícia da autoria de SOLDADO (2015), publicada no Jornal Público, revela opiniões pouco consensuais sobre o efeito desta distinção na vida e na economia da cidade. Por um lado, tem-se notado o aumento de afluência em algumas atividades, especialmente na área classificada, por outro, fora desta área há quem destaque a falta de dinamismo, pois apesar da passagem de muitas excursões, não há consumo. O efeito Unesco é mais visível na Universidade que, desde 2013, viu aumentar 40% as receitas relacionados com turismo, tendo esta arrecadado 2 milhões de euros com a venda de bilhetes e *merchandising* em 2014, prevendo um crescimento de 10% em 2015. Uma tendência que não é acompanhada pelos principais museus da cidade. Também MAURÍCIO (2014) procurou atestar a correlação positiva entre a distinção da UNESCO e a promoção da cidade na esfera internacional tomando como estudo de caso o Circuito Turístico da Universidade de Coimbra. A autora constatou que começam a surgir os primeiros indicadores que traduzem a eficácia da promoção do lugar na configuração de territorialidades e mapas percetuais relacionados com a distinção de património mundial e as dinâmicas turísticas de Coimbra.

<sup>248</sup> Para além dos sítios inscritos na lista do Património Mundial, existe ainda uma lista de património indicativo que cada país considera para nomeação. No caso português, e nas regiões em foco, há ainda a acrescentar a Baixa Pombalina (Lisboa), o Palácio, Convento e Tapada de Mafra, a Mata dos Carmelitas Descalços – Buçaco, a Arrábida e os Icnitos de Dinossauros (Ourém e Sesimbra) (informação disponibilizada no endereço eletrónico da UNESCO, 2015).



Fonte: Adaptado de Património Mundial/UC – endereço eletrónico (2015)

Figura VIII.19: Inserção do JBUC na área classificada como Património Mundial

Ainda no campo da oferta e procura cultural, note-se que nestas três regiões se localiza cerca de 83% da oferta museológica nacional e 82% das galerias de arte com destaque das sub-regiões e municípios em causa. Ao nível do município, Lisboa domina nas duas categorias consideradas, representado respetivamente cerca de 13% e 14% da oferta nacional, uma posição que ocupa também ao nível dos quantitativos de visitantes (Quadro AII.24). É ainda nestes municípios que se concentra a maior parte dos recintos de espetáculos, de participantes nos mesmos e da despesa efetuada no seio das sub-regiões (Quadro AII.25).

No seio de cada sub-região (Grande Porto, Baixo Mondego e Grande Lisboa) regista-se assim um padrão de distribuição do património e da atividade cultural algo desequilibrado no território já que é notória a sua concentração nos municípios onde se localizam os jardins em estudo (Porto, Coimbra e Lisboa), e algo residual nos restantes, em alguns até inexistente. Essa quantidade, diversidade e, em alguns dos casos, a importância monumental e histórica do património localizado nestes territórios constituem pontos de atração gerando fluxos de visitantes nacionais e internacionais. Uma procura que tende a consolidar-se e aumentar ao longo do tempo uma vez que há muito para visitar, experienciar e descobrir.

Uma leitura orientada para a dinâmica de determinadas atrações, bons exemplos do património construído, que se localizam perto dos jardins em causa, ajuda-nos a perceber o quão importante é todo o contexto em que estes se integram e de como daí poderão advir vantagens para a sua visita. Segundo dados do Turismo do Porto, os visitantes dos Postos de Turismo e *iPoints* entre 1991 e 2013 aumentaram mais de 100% a um ritmo anual de cerca de 7%, sendo particularmente intenso desde 2009 (73,4%) (Figura VIII.20), e o fluxo de

passageiros no aeroporto Sá Carneiro, no mesmo período, passou de cerca de 1,5 milhões para pouco mais de 6 milhões, registrando um crescimento de mais de 300% (Figura VIII.21).

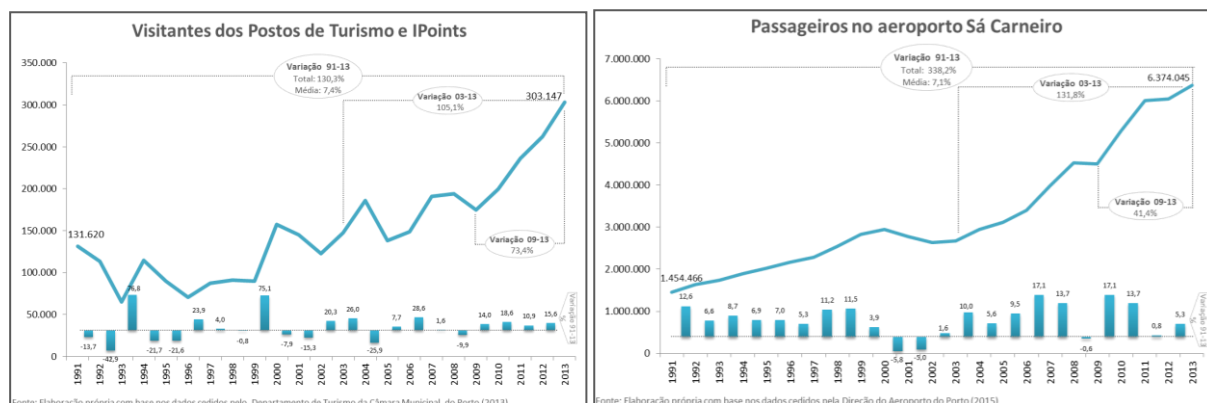


Figura VIII.20 e Figura VIII.21: Visitantes dos Postos de Turismo e *iPoints* e fluxo de passageiros do aeroporto Sá Carneiro (1991-2013)

O Parque de Serralves tem associado o Museu de Arte Contemporânea, uma das grandes atrações culturais da cidade e da região e parte integrante da Fundação Serralves que há muito ultrapassa a barreira dos 400 mil visitantes, com uma média de quase 40 mil visitantes por mês. Embora a Fundação não se localize na área turística mais central, certo é que a facilidade com que se circula na cidade faz com que os pontos turísticos se “aproximem” e que se verifiquem fluxos turísticos que não deixam de incluir este espaço.

Relativamente perto de Serralves situa-se a Casa da Música, um espaço cultural emblemático e o mais visitado da cidade do Porto por turistas que, em 2011, ultrapassou os 500 mil visitantes, dos quais quase 300 mil são distribuídos por visitas guiadas e visitas livres, sendo os restantes espectadores de concertos e participantes em atividades, mais de 1600. Desde a sua abertura (abril de 2005) o número de visitantes totais do espaço mais do que triplicou, revelando um aumento de mais de 240% (Figura VIII.22).

A Foz do Porto e toda a margem do rio Douro convidativa ao passeio, o Parque da Cidade, o *Sea Life*, o Jardim Botânico e até mesmo o Centro Histórico (Património Cultural da Humanidade desde 1996) assim como as Caves do Vinho do Porto em Gaia, fazem parte, regra geral, dos circuitos dos visitantes (Figura AII.9). Estas últimas, que configuram o produto enoturismo como um dos que apresenta grande expressão nesta sub-região, são visitadas anualmente por milhares de pessoas. Os dados fornecidos pela Associação de Caves



do Vinho do Porto revelam uma frequência de mais de meio milhão de visitantes e uma tendência de crescimento<sup>249</sup> (Figura VIII.23)

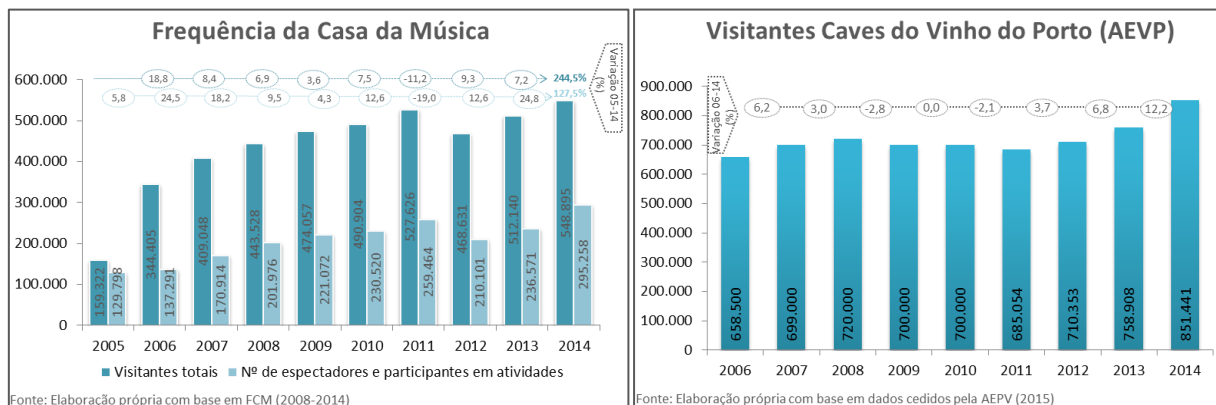


Figura VIII.22 e VIII.23: Evolução dos visitantes da Casa da Música (2005-2014) e dos visitantes das Caves do Vinho do Porto (2006-2014)

O JBUC localiza-se na emblemática e bastante visitada Alta de Coimbra, classificada em 2013 como Património Mundial da Humanidade, na qual se insere a Universidade. As atrações principais estão situadas no Pátio e Paço das Escolas nomeadamente a Porta Férrea, Via Latina, Biblioteca Joanina, Capela de S. Miguel, Torre da Universidade, Sala dos Capelos, Prisão Académica para além dos edifícios universitários do Estado Novo e o Museu Académico da Universidade.

A Loja da UC, situada na Biblioteca Geral, onde funciona o Posto de Turismo da Universidade, e onde se vendem os bilhetes para a maioria dos locais atrás referidos, tem registado um movimento de visitantes anual médio de mais de 40 mil entre 2000 e 2014 (Figura VIII.24).

Segundo os dados apresentados por MOREIRA (2013), o Paço das Escolas regista um fluxo de visitantes anuais superior a 100 mil, tendo atingido máximos de mais de 200 mil em 2007 e 2009<sup>250</sup> (Figura VIII.25). Mas, não menos importantes são o Museu Nacional Machado de Castro que, desde a sua reabertura total ao público em 2012, registou um

<sup>249</sup> A respeito destes dados, Simão Machado (assistente de Direção da AEPV) esclarece que entre 2006 e 2010 os dados eram recolhidos com base em amostras e estimativas. A partir de 2011 passaram a receber de todas as Caves associadas os números efetivos de visitantes. Nos anos anteriores a 2006 as estimativas apontavam para um número de visitantes entre os 650.000 e os 700.000.

<sup>250</sup> Foi solicitado por diversas vezes à entidade responsável por este circuito uma atualização dos dados referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015, pedido para o qual não foi obtida qualquer resposta. Segundo MOREIRA (2013) estes dados apresentam uma taxa de erro entre 10% a 20% devido às condições especiais de visita de que alguns visitantes beneficiaram não sendo portadores de bilhete.

aumento de frequência superior a 100% (mais de 77 mil visitantes em 2015), ou o Museu da Ciência, a Sé Velha e a Sé Nova, o Parque da Sereia e o Penedo da Saudade que também se localizam na sua proximidade (Figura AII.10).

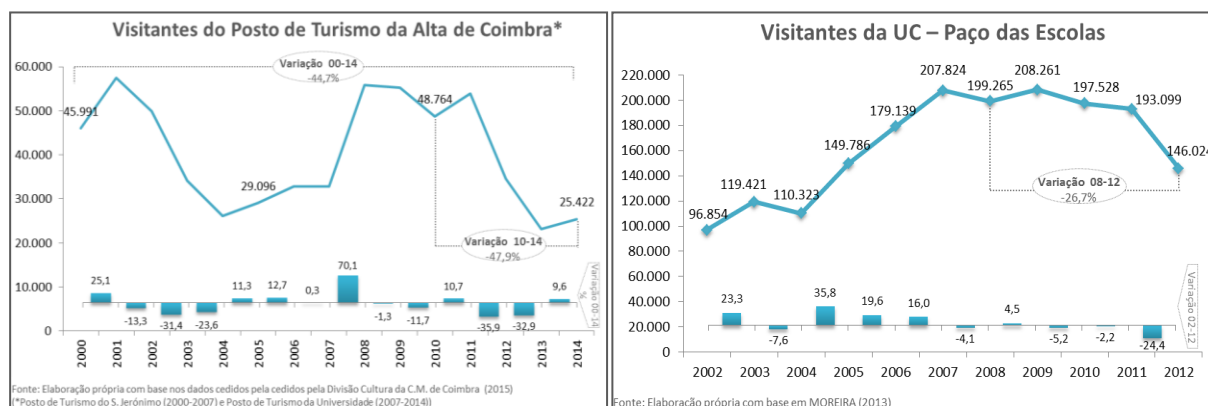


Figura VIII.24 e VIII.25: Evolução dos visitantes do Posto de Turismo da UC (2000-2014) e dos visitantes da UC – Paço das Escolas (2002-2012)

A parte do *Arboretum*/Mata povoa a encosta a Oeste onde um portão, outrora aberto ao público, dá passagem para mais dois espaços verdes de relevância, o Parque Dr. Manuel Braga e o Parque Verde, localizados na margem direita do Mondego. A margem esquerda do rio também é profícua em atrações, desde os mosteiros, mormente o de Santa Clara-a-Velha, ao Portugal dos Pequenitos (uma média de 230/245 mil visitantes por ano<sup>251</sup>) ou à histórica e célebre Quinta das Lágrimas (Figura VIII.26 e VIII.27) que registam uma frequência de visitantes bastante interessante.

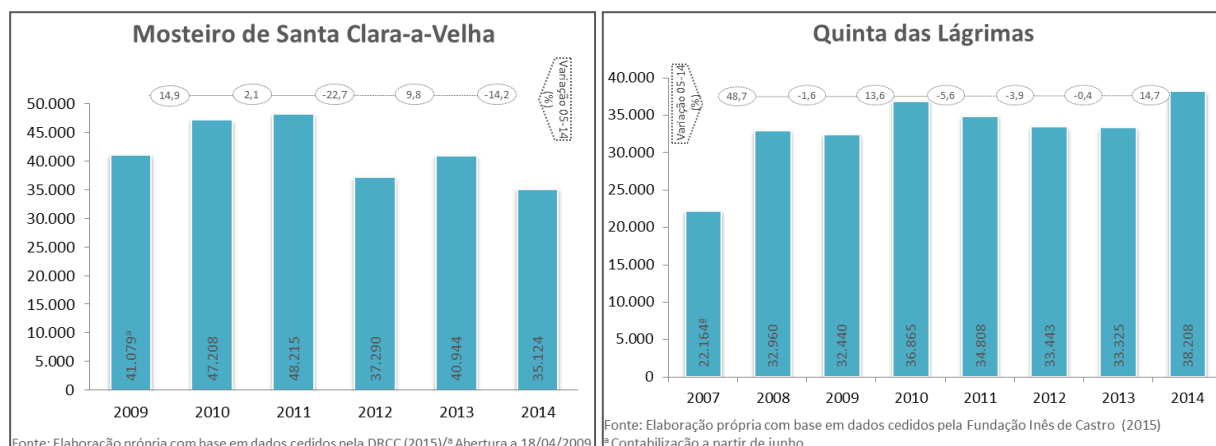


Figura VIII.26 e VIII.27: Evolução dos visitantes do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (2009-2014) e da Quinta das Lágrimas (2007-2014)

<sup>251</sup> Foram solicitados à administração valores concretos mas apenas estes dados foram disponibilizados pela Diretora do Portugal dos Pequenitos.

Tendo em conta estes importantes quantitativos, seria importante desenhar estratégias de forma a canalizar estes visitantes, ou parte deles, para o JBUC. Até porque este não se encontra assim tão longe do ponto nevrálgico de visita da Universidade nem das atrações da margem esquerda e, embora seja um facto praticamente desconhecido para quem visita, o jardim faz parte integrante do património classificado da Unesco. Neste caso particular é necessária uma estratégia de promoção e o desenvolvimento de um aspeto tão simples como a sinalética e sinalização.

De referir que o JBUC apresenta uma posição mais central em relação à área mais turística da cidade, enquanto os outros dois casos se localizam mais afastados desses mesmos pontos nas respetivas cidades.

A Quinta dos Marquês de Fronteira constitui uma das muitas atrações de Lisboa, uma cidade que vem registando um aumento exponencial de visitantes nos últimos anos. Segundo dados do Turismo de Lisboa, os visitantes dos Postos de Turismo entre 2000 e 2014 aumentaram mais de 300%, sendo particularmente intenso a partir de 2010 (163%) (Figura VIII.28).

Associado ao jardim está o palácio e todo o património arquitetónico, histórico/cultural presente, o conjunto único dos painéis de azulejo e os embrechados do século XVII que os jardins alojam. Constitui ainda um dos vértices de um triângulo formado pelo Parque de Monsanto e pelo Jardim Zoológico de Lisboa que tem uma frequência média anual de 800 mil visitantes<sup>252</sup> (uma média de quase 67 mil por mês). O Aqueduto das Águas Livres surge nas imediações com uma frequência superior a 20 mil nos últimos anos (Figura VIII.29), embora seja residual os quantitativos dos que efetuam a visita guiada “Do Aqueduto ao Palácio Fronteira” (cerca de 60 por ano). Em contexto de proximidade estão o Estádio da Luz e o Estádio de Alvalade<sup>253</sup>, locais também eles bastante atrativos (Figura AII.11).

No que concerne aos principais indicadores turísticos no âmbito da oferta e da procura, os dados mostram que, na maior parte deles, estes três concelhos se destacam pela positiva, uma tendência que se estende às sub-regiões em que se inserem. Dentro de cada sub-região os concelhos em causa detêm a maior percentagem de estabelecimentos hoteleiros, capacidade de alojamento, hóspedes, dormidas, taxa de ocupação-cama e proporção de hóspedes estrangeiros para além de registarem variações positivas, com exceção de Coimbra que viu a

---

<sup>252</sup> Foram solicitados dados mais específicos quanto à frequência de visitantes mas apenas esta referência geral foi disponibilizada pelo Centro Pedagógico do Jardim Zoológico de Lisboa.

<sup>253</sup> Foram solicitados à administração dos estádios dados referentes à frequência de visitantes, pedido para o qual não foi obtida qualquer resposta.

sua taxa de ocupação-cama diminuir. Em relação à estada média, estes territórios são ultrapassados por outros municípios, todavia, no caso do Porto (1,9 noites) e Lisboa (2,3 noites), a estada média é superior à registada na sub-região correspondente (Quadro AII.26 e AII.27, Figuras AII.1 a AII.8).

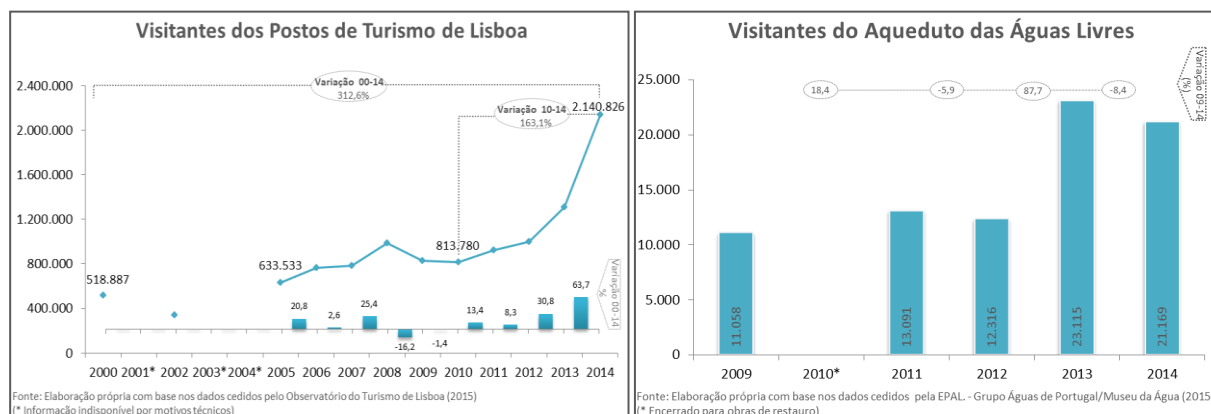


Figura VIII. 28 e VIII.29: Evolução dos visitantes dos Postos de Turismo de Lisboa (2000-2014) e do Aqueduto das Águas Livres (2009-2014)

O turismo interno, com referência aos hóspedes e dormidas, domina a nível nacional, com tradução a nível regional e municipal, assim como as posições dos principais países emissores de turistas se refletem nas várias escalas territoriais, mormente Espanha e França que ocupam respetivamente a 2ª e 3ª posição em termos de importância. O fluxo de turistas portugueses, enquanto hóspedes, é em parte dos casos superior a 50%, havendo uma pequena descida quando se trata do número de dormidas. Dos três municípios em causa apenas Coimbra revela uma percentagem de hóspedes nacionais superior a 50%, quantitativo que desce para 33,5% no Porto e para 26,5% em Lisboa. Na sub-região Grande Porto, o município do Porto regista uma grande percentagem de espanhóis nos dois indicadores já que a proximidade com a Galiza assim o influenciará e o mesmo se verifica em Coimbra. Em Lisboa, para além deste, ganham relevo os hóspedes de nacionalidade francesa e alemã, revelando ainda atrair uma diversidade maior de estrangeiros pela grande percentagem de outras nacionalidades verificadas (Quadro AII.28).

Conclui-se, desta forma, que os territórios de inserção dos jardins em estudo detêm uma ampla e diversa oferta patrimonial, cultural e em termos de equipamentos turísticos o que se traduz numa dinâmica turística e cultural que sobressai em relação aos demais territórios limítrofes. Este contexto turístico pode e deve ser encarado como uma oportunidade para estes e outros jardins presentes nestes territórios.

### 8.1.3.2.3. Estado de conservação e manutenção do jardim

Os três jardins encontram-se em boas condições de conservação e manutenção, não obstante a pertinência de intervenções regulares com vista a manter o bom estado de conservação e atenuar algum desgaste próprio de um espaço histórico “vivo”, aberto ao público. Para além da manutenção diária assegurada por um conjunto de jardineiros, nos últimos 10 anos, foram realizadas algumas intervenções importantes nestes três jardins<sup>254</sup>.

O JBUC, assim como o Jardim de Fronteira, foram dois dos jardins intervencionados pelo *EEA Grants* através do projeto “Recuperação de sistemas hidráulicos, muros e caminhos em jardins históricos” (ponto 4.3.1.2. do capítulo IV).

No primeiro caso são ainda de referir as intervenções realizadas em alguns elementos do jardim como a porta D. Maria I (2013) e a porta dos Arcos (2014). No decorrer desta investigação, no âmbito do QREN, está a ser levada a cabo ainda uma profunda recuperação da estrutura da Estufa Grande que implicará consequentemente uma requalificação das coleções que albergava. Foram ainda construídas novas estufas para acolher outras coleções no jardim Garcia da Horta (Figura VIII.30).



Fonte: Autora (2013, 2014 e 2015)

Figura VIII.30: Exemplos de intervenções no JBUC

Serralves foi objeto de um Projeto de Recuperação e Valorização, entre 2001 e 2006, assente na filosofia de Reabilitação, que consistiu na adaptação dos espaços e/ou dos elementos estruturantes e de composição. A área intervencionada incluiu o espaço do jardim projetado por Jacques Gréber (Figura VIII.31), as áreas a Sul e Sudeste com características agrícolas e a mata localizada a Oeste (FS, 2015)<sup>255</sup>.

<sup>254</sup> Informação recolhida no inquérito por questionário 1 dirigido aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos.

<sup>255</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da Fundação Serralves (2015).



Fonte: FS (2013)<sup>256</sup>

Figura VIII.31: Exemplos das últimas intervenções no Parque de Serralves

#### 8.1.3.2.4. Época do jardim

Não sendo nossa intenção dissertar de forma profunda sobre a história de cada um dos jardins que fazem parte deste estudo, uma vez que outros autores tão bem já o fizeram<sup>257</sup>, apresenta-se aqui contudo uma síntese com os principais pontos que nos pareceram essenciais à contextualização dos mesmos.

Cada um dos jardins constitui um dos grandes exemplos das principais épocas em termos de arquitetura paisagista e do contexto histórico em que surgiram, assim atestam vários autores. Começemos pelo mais antigo.

O Jardim do Palácio Fronteira é um dos exemplos mais bem conservados do final do século XVII. O palácio e os jardins foram mandados construir na década de 60 de seiscentos por D. João de Mascarenhas<sup>258</sup>, no lugar que se chamava Morgado Novo/Quinta dos Loureiros, com o objetivo de “enquadrar” o palácio, na altura residência de verão ou pavilhão de caça da família Mascarenhas, Condes da Torre, e que, posteriormente, foi adaptada para residência principal (CASTEL-BRANCO, 2008), num contexto histórico decorrente da Restauração da Independência após 60 anos de ocupação pela dinastia filipina e marcado pelo fulgor da aristocracia portuguesa proporcionado pelo ouro proveniente do Brasil (QUINTAS, 2011).

<sup>256</sup> As fotos foram retiradas de painéis expositivos referentes à exposição “Parque de Serralves: Paisagem com Vida”, patente ao público em 2013.

<sup>257</sup> A este respeito veja-se, por exemplo, sobre a Fronteira os trabalhos de DÁ-MESQUITA (1992), MATEUS (1995), NEVES (1995), CASTEL-BRANCO (2008), QUINTAS (2011); sobre o JBUC os trabalhos de HENRIQUES (1876), BRITES (2006), REIS e TRINCÃO (2014), e sobre Serralves os trabalhos de ANDRESEN e MARQUES (2001), FS (2002), ANDRADE (2009) e NOGUEIRA *et al.* (2014).

<sup>258</sup> D. João de Mascarenhas, segundo Conde da Torre, descendente de D. Pedro e D. Francisco de Mascarenhas, vice-reis da Índia, conquista o título de Marquês de Fronteira em 1670 concedido pelo rei D. Afonso VI, como recompensa pelos seus esforços e dedicação na causa da Restauração Portuguesa, que constitui o tema de celebração dos jardins (CASTEL-BRANCO, 2008).

O conjunto fica concluído e é inaugurado no início da década seguinte na presença do príncipe regente D. Pedro, sofrendo posteriores obras de remodelação e acrescentos<sup>259</sup>. Nos jardins destacam-se as intervenções que ocorreram no final do século XVIII, início de XIX no jardim grande e no jardim de Vénus onde se procedeu à plantação de espécies exóticas seguindo um espírito romântico, e durante o século XX, por vontade do proprietário ou na sequência de fenómenos atmosféricos, mormente nas décadas de 20, 40, 50 e 60, nesta última da responsabilidade do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (DÁ-MESQUITA, 1992; IPA, 2015<sup>260</sup>). Data do novo milénio, de 2010, o Jardim do Laranjal, da autoria do Atelier Castel-Branco<sup>261</sup>, que foi acrescentado ao conjunto ao abrigo do programa *EEA Grants*.

O jardim abre experimentalmente ao público no início de 1987, sem obras de restauro, bilhetes, loja ou visitas guiadas. Com a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna<sup>262</sup> iniciaram-se as atividades culturais e os restauros de vários elementos (telhados, *loggia* a norte, azulejos, estátuas, muros, entre outros) (QUINTAS, 2011).

CARITA e CARDOSO (1987) creem que o progressivo gosto pelas árvores e plantas exóticas nos jardins portugueses está ligado à instituição dos jardins botânicos. O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra é uma criação do século XVIII, um projeto que toma forma por iniciativa do Marquês de Pombal na sequência da reforma da Universidade de Coimbra de 1772<sup>263</sup>, tendo sido instituído nesta data, com o objetivo de complementar o estudo da História Natural e da Medicina. William Elsdén<sup>264</sup> foi incumbido de traçar o

---

<sup>259</sup> Note-se que nem toda a Quinta de Fronteira foi construída no século XVII pelo que a ala ocidental só é acrescentada, pelo do 5º Marquês, após o terramoto de 1755, quando a família teve de se mudar do seu palácio em ruínas no centro de Lisboa para o pavilhão de caça em Benfica que havia resistido ao terramoto. O palácio sofreu mais alterações ainda no século XVIII, XIX e XX pormenorizadamente descritas no trabalho de QUINTAS (2011).

<sup>260</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do IPA (2015).

<sup>261</sup> ACB – Arquitetura Paisagista, Lda sendo a equipa do projeto composta pela arquiteta Cristina Castel-Branco (diretora) e a arquiteta Raquel Carvalho (CASTEL-BRANCO, 2010).

<sup>262</sup> A constituição da Comissão Instaladora da FCFA data de 24 de fevereiro de 1987 e em 1989 é reconhecida por portaria no Diário da República n.º 248 de 27 de outubro de 1989.

<sup>263</sup> A ideia de criar um jardim botânico em Coimbra partiu de Jacob de Castro Sarmiento em 1731. Este médico português, estabelecido em Londres desde 1721, propôs ao Marquês de Alegrete, Manuel Teles da Silva, secretário da Academia Real de História, enviar um exemplar de cada espécie existente no *Chelsea Physic Garden* para a sua criação. O projeto foi recusado (CHAMBEL, SOARES, LIMA & MANSO, 2010).

<sup>264</sup> O Tenente Coronel William Elsdén e os italianos Dominico Vandelli e Dalla-Bella escolhem o terreno para a implantação do jardim que pertencia ao Colégio de São Bento. Elsdén apresenta mais tarde o seu projeto ao Marquês de Pombal que o rejeita por ser demasiado grandioso e dispendioso, ordenando que se delineasse outro plano “(...) reduzido somente ao numero de Ervas Medicinaes, que são indispensaveis para os exercícios Botânicos, e necessarios para se darem aos Estudantes as noçoens precisas para que não ignorem esta parte da

desenho inicial desta obra, em 1773 foi escolhido o terreno e os trabalhos foram iniciados em 1774 sob planos mais modestos e orientação de Vandelli, paralelamente ao plantio da responsabilidade de Júlio Mattiazzi, com plantas trazidas do Jardim Botânico da Ajuda, em terrenos que, na sua maior parte, foram adquiridos aos frades Marianos e doados pelos Beneditinos. Os trabalhos são morosos, o jardim sofre consecutivos aumentos mas fica votado a um abandono progressivo. Na segunda metade do século XIX é levada a cabo uma campanha empreendedora, é implantada a Estufa Grande, é anexada a mata que ocupa a parte inferior do vale, na sequência da extinção das ordens religiosas e em 1867 é terminado o processo de ampliação do jardim, embora continuassem a ser feitas várias intervenções no espaço pelos sucessivos diretores. A abertura ao público ocorre no século XIX (SEGALL, 1999; BRITES, 2006; CHAMBEL *et al.*, 2010; REIS & TRINCÃO, 2014).

O Parque de Serralves é um exímio exemplar do início do século XX, mas com raízes no século XIX. O projeto para o jardim da Casa de Serralves foi encomendado pelo 2º Conde de Vizela<sup>265</sup> ao arquiteto paisagista francês Jacques Gréber<sup>266</sup> em 1932 tendo sido concluído na década de 1940. A quinta foi adquirida pelo Estado em 1986 e restaurada sob direção da arquiteta paisagista Maria Teresa Andresen (1987/1988), abrindo ao público e pertencendo à Fundação de Serralves<sup>267</sup> desde 1989 (FS, 2002; ANDRADE, 2009; NOGUEIRA *et al.*,

---

*Medicina; (...) Deixando-se para outro tempo o que pertencer ao Luxo Botânico, que atualmente grassa em toda a Europa”* (BRITES, 2006: 37, 38).

<sup>265</sup> Carlos Alberto Cabral, 2º Conde de Vizela (nascido em 1895), herdou da sua família – Cabral – uma propriedade, localizada numa freguesia rural da área ocidental do Porto, composta por uma casa de verão, e jardins, resistindo ainda hoje vestígios dos jardins aí existentes e algumas árvores notáveis do parque dessa época (2ª metade do século XIX), à qual foi acrescentando terrenos e quintas das imediações ao património inicial da família até perfazer os atuais 18 ha, tendo sido seu objetivo inicial adquirir propriedades até ao Rio Douro (2 km). Tal não se concretizou. O 2º Conde de Vizela, homem culto e viajado, por ocasião da Exposição das Artes Decorativas em Paris (1925), teve oportunidade de contactar com diversos artistas, tendo-se então rodeado dos mais prestigiados nomes das artes para proceder a uma profunda intervenção na sua propriedade de 18 ha, casa e jardins. A casa, um dos mais interessantes exemplares de arquitetura *Art Déco* do país, é da autoria de José Marques da Silva (prestigiado arquiteto portuense formado em Paris e autor, entre outros, do teatro de S. João e da estação ferroviária de São Bento no Porto) e domina a área mais alta da propriedade, os jardins foram remodelados pelo paisagista francês Jacques Gréber (CASTEL-BRANCO, 2002; FS, 2002; ANDRADE, 2009; NOGUEIRA *et al.*, 2014).

<sup>266</sup> Jacques Gréber (1882-1962), arquiteto e urbanista francês, formado pela *École de Beaux Arts* de Paris em 1909, exerceu parte significativa da sua carreira no continente americano (EUA e Canadá) no âmbito do urbanismo e do projeto de jardins mas também na Europa, sobretudo em França. Os seus projetos de parques e jardins marcam de certa forma o culminar dos jardins das grandes propriedades/quintas dos industriais americanos inspirados pelo grande jardim clássico francês à maneira de André Le Nôtre. A sua intervenção em Serralves, datada de 1932, pode ser considerada um exemplo último. Em 1937, Gréber foi o arquiteto chefe da Exposição Internacional de Paris. Gréber foi professor de Robert Auzelle (1913-1983), figura incontornável da cidade do Porto, autor do Plano da cidade de 1962 (NOGUEIRA *et al.*, 2014).

<sup>267</sup> A Fundação de Serralves foi instituída pelo Decreto-Lei n.º 240 A/89 de 27 de julho, assinalando o início de uma parceria entre o Estado português e a sociedade civil. Em 6 de junho de 1999 é inaugurado o Museu de Arte



2014). No final do século XX com a implantação do museu foi construído o jardim adjacente e o jardim das aromáticas.

O parque resulta assim de processos de desenho de uma paisagem ao longo de mais de um século, constituindo uma unidade temporal e espacialmente complexa, incluindo vestígios de um jardim do século XIX, a Quinta do Mata-Sete, o jardim da Casa de Serralves, assim como a paisagem do Museu de Arte Contemporânea do século XX (SEGALL, 1999; NOGUEIRA *et al.*, 2014).

#### 8.1.3.2.5. Tipo/estilo de jardim – características do jardim português

Relacionado com a época dos jardins está o tipo e estilo e, por consequência, a finalidade de cada um.

A Quinta dos Marqueses de Fronteira, localizada no sopé da serra de Monsanto, é um exemplo de uma quinta de recreio seiscentista composta pelo palácio, capela, jardins formais, mata, pomares e horta, distribuídos por cerca de 6 ha sobre o vale de Benfica (Figura VIII.32).

Os jardins revelam a influência de culturas diferentes mas sobressaem as influências italianas presentes nos desenhos geométricos exprimindo o gosto pelo Renascimento traduzido no estilo clássico, embora com um atraso de mais de 100 anos. SEGALL (1999: 118) refere-se a este jardim como “(...) *formality on a grand scale with all the characteristics of Portuguese garden (...)*”, com diversos *parterres*, estátuas e baixos relevos que “(...) *continue to make an unforgettable impact on the garden’s visitors*”. Considerado um dos 250 jardins mais belos do mundo, o autor desta escolha (COX, 2014: 285) refere-se ao Jardim de Fronteira como “(...) *the uniquely Portuguese approach to garden design – comfortable and intimate yet grand, influenced by italian renaissance gardens, indigenous indo-portuguese and moorish influences*”.

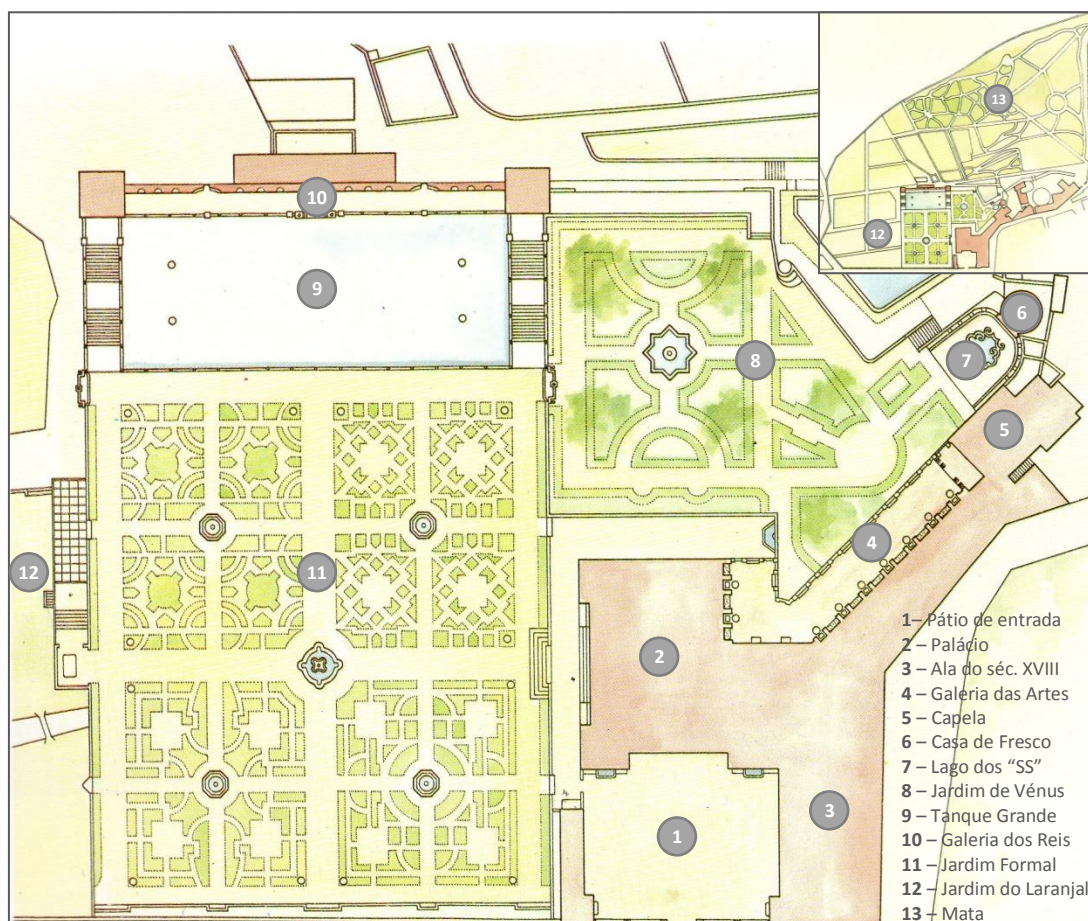
A influência oriental está presente no jardim ordenado cujos elementos vegetais estão envolvidos por uma cerca regular, sendo de influência islâmica a engenharia hidráulica mormente o espelho de água e o Tanque dos Cavaleiros e o uso de azulejos, com motivos geométricos, ramagens e outros elementos decorativos (QUINTAS, 2011).

O Jardim Formal é formado pelo Jardim Grande, Tanque e Galeria dos Reis que dá passagem ao Jardim de Vénus (Figura VIII.33). Aqui, a influência italiana é visível na temática das estátuas, fontes, azulejos e muretes. O Jardim de Vénus revela um carácter mais

---

Contemporânea. Este é o primeiro grande projeto do género em Portugal e o maior centro jamais construído na região norte do país. A 7 de junho de 2000 é inaugurada a Quinta para as Crianças (FS, 2002).

intimista e bucólico conferido pelos recantos e vegetação exótica, um espaço de repouso, inspirado possivelmente nos Jardins das Vilas Italianas. Já a influência dos jardins franceses, do século XVII, está presente nas três grutas no Tanque Grande, decoradas com estátuas, conchas, pedaços de porcelana e imitações de rocha (CASTEL-BRANCO, 2008). A este respeito a autora (2008: 91) menciona que “Ao contrário da influência italiana que se manifesta na disposição e na articulação do desenho dos jardins, nos jardins de Fronteira a moda francesa sente-se nos temas da ornamentação e nos pormenores. Ambas (...) modificadas para se adaptarem ao local, ao clima e à utilização permanente de azulejos”.



Fonte: Adaptado de CARITA e CARDOSO (1987)/Nota: o mapa original não tem escala nem orientação.

Figura VIII. 32: Planta do Palácio e Jardins de Fronteira

Apesar das influências externas, bastante comuns à época, CARVALHO, CASTEL-BRANCO e RIBEIRO (2010) afirmam que os jardins de Fronteira espelham a essência do jardim português, quer nos seus elementos originais, quer nas inspirações obtidas junto dos jardins italianos, franceses, islâmicos ou orientais.



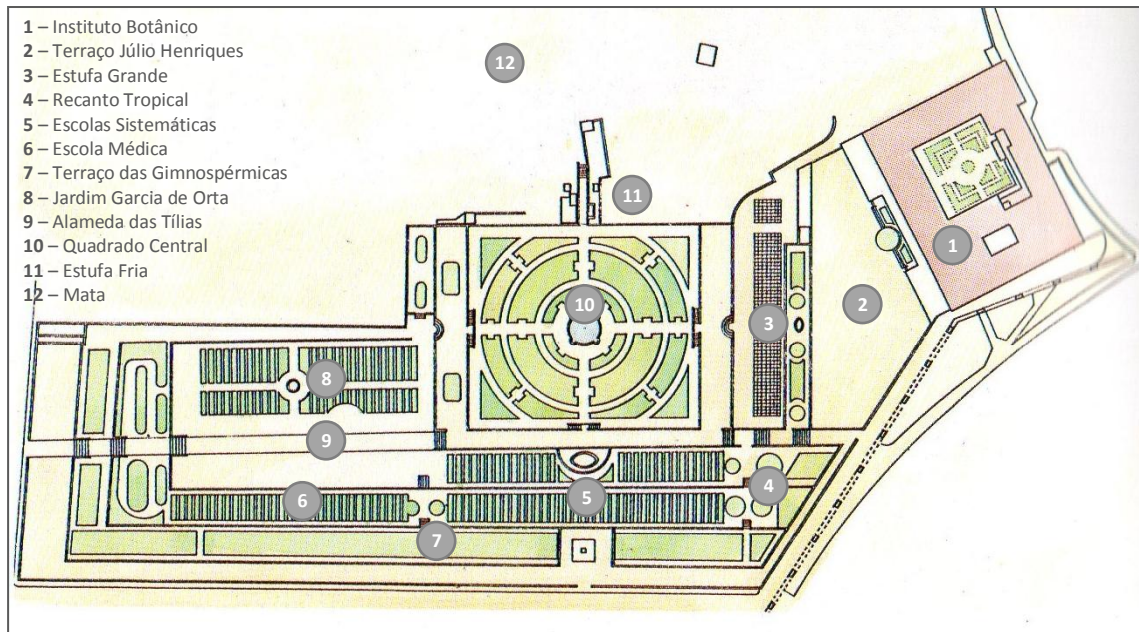
Fonte: Autora (2012 e 2014)

Figura VIII.33: Jardim Grande, Tanque e Galeria dos Reis e Jardim de Vénus em Fronteira

O jardim apresenta assim um estilo próprio misturando várias influências mas apresenta uma unidade distintamente nacional levando a autora (2008: 57) a esclarecer que “Os jardins do Palácio Fronteira apresentam uma síntese de uma sucessão de estilos onde o vocabulário clássico, a arte islâmica e o traçado renacentista foram entrelaçados para criar uma magnífico jardim português”. CARITA e CARDOSO (1987) acrescentam que o jardim integra influências italianas numa tradição estética portuguesa de azulejaria, embrechados e o conceito de espaço particular. Na perspectiva de CARVALHO *et al.* (2010) não se destacam pela simplicidade, mas sim pela sua exuberância, originalidade artística e intensa simbologia que tem dado origem a múltiplas interpretações. O terraço principal constitui a imagem de marca dos jardins de Fronteira, sendo considerado, em muitos livros sobre arte dos jardins, como o melhor exemplo do jardim português.

Os jardins de Fronteira são um dos exemplos de uma “(...) obra de arte que torna manifesto o pensamento de uma época” cujo significado “(...) se concentra em redor da glorificação da raça portuguesa (...)” (CASTEL-BRANCO, 2008: 34, 40), pensamento e gosto de uma época condicionado pelo contexto político, económico e cultural, constituindo, por isso, um singular e importante monumento para a compreensão da nossa própria cultura.

Ao longo de um pequeno vale da margem direita do rio Mondego surge o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra estruturado em duas áreas principais: a parte formal/clássica composta por seis terraços (3 ha), polarizada pelo quadrado central, e a informal composta pela mata/*arboretum* (10 ha) que se desenvolve ao longo da encosta. A rica coleção botânica distribui-se por alamedas, terraços, jardinetas, as escolas sistemática e médica e as estufas. A mata desenvolve-se pelo vale, incluindo para além da área florestal, a estufa fria, bambuzal, pomar e a escola das monocotiledóneas (Figura VIII.34).



Fonte: Adaptado de CARITA e CARDOSO (1987)/Nota: o mapa original não tem escala nem orientação.

Figura VIII.34: Planta do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

O IPA descreve-o como um jardim botânico de estilo barroco, com eixos e jardins formais de traçado geométrico regular, apresentando o terreno modelado em *parterres*. O quadrado central, o primitivo “horto botânico”, de inspiração neoclássica italiana, é rodeado por cinco terraços retangulares, ao qual se acede através de três escadarias duplas encimadas por portões monumentais, vencendo o desnível murado que é coroado por uma balaustrada de cantaria, alegretes e conversadeiras. Estes últimos considerados elementos típicos do jardim português. A implantação reforçada pela simetria remete para cenografias do barroco, privilegiando panorâmicas sobre os canteiros e o lago central (Figura VIII.35).



Fonte: Autora (2012 e 2015)

Figura VIII.35: Recanto Tropical, Estufa Grande, Quadrado Central e Escolas Sistemáticas do

JBUC

Segundo BRITES (2006: 66), “(...) este Jardim se talhou no contraponto entre a Arte e a Ciência, no equilíbrio entre o sonhado e o alcançado, entre o desejado e o possível. Correm-lhe, nas veias, as influências italianas e inglesas que marcaram o Portugal pombalino, as vicissitudes económicas e políticas que acompanharam o século XIX, bem como os diferentes nacionalismos que percorreram o século XX. De todos constitui um testemunho vivo, cuja valorização depende, como invariavelmente acontece, do grau de conhecimento a seu respeito”.

Fruto de várias épocas e da vontade intervencionista dos sucessivos diretores, ao Jardim Botânico de Coimbra foram-se-lhe acrescentando elementos ao longo dos tempos, estando patente até hoje um conflito entre os objetivos científicos que presidiram à criação deste jardim e as potencialidades que oferece enquanto espaço público.

O Parque de Serralves é um parque de linhas modernistas remodelado/concebido por Jacques Gréber, no limiar do modernismo (FS, 2002), que inclui alguns aspetos de características românticas, espelhando o gosto do final do século XIX, eclético e pitoresco, nomeadamente o lago e o jardim de camélias, constituindo desta forma uma ponte entre o neoclassicismo e a modernidade (NOGUEIRA *et al.*, 2014).

A estética de Gréber está expressa no grande eixo, no roseiral, na pérgola e num conjunto de elementos racionalizantes, já o segundo jardim, denominado de Jardim Romântico, obedece a outro risco levando Ilídio ARAÚJO (1962) a sugerir ter havido contributo de um jardineiro portuense. O paisagista francês “(...) optou pelo ressurgimento do formalismo geométrico, aliando-se às artes decorativas com elementos preexistentes, resultando numa combinação única no país” (CASTEL-BRANCO, 2002: 162), constituindo assim um importante jardim de transição entre as artes decorativas e o modernismo (CASTEL-BRANCO, 2014) considerando-se que este constitui um dos poucos, e mais relevantes, exemplos do paisagismo modernista, de influência francesa, em todo o mundo (DGPC, 2015)<sup>268</sup>.

Este parque é composto por um conjunto diverso de espaços que concorrem para a harmonia do conjunto (Figura VIII.36). O jardim a sul é estruturado por um eixo central à francesa de 500 metros, que se inicia na Casa, ao longo do qual se sucedem patamares desnivelados e jogos de água e que culmina numa grande fonte. Desenhado para ser “observado da janela”, este espaço conjuga o traçado ortogonal com o esplendor da floração

---

<sup>268</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico da DGPC (2015).

das espécies aí presentes. Paralelamente a este eixo surge a Avenida dos Liquidâmbares que dá acesso ao Jardim do Relógio do Sol, mais pequeno e intimista, que serve de antecâmara ao Roseiral que apresenta um traçado geométrico. Estrategicamente submetido ao grande eixo surge o lago romântico, num nível inferior depois de um desnível pronunciado, onde se percebe o seu desenho orgânico, caminhos em pedra e pequenas quedas de água típicas do século XIX (IPA, 2015)<sup>269</sup> (Figura VIII.37).



Fonte: Adaptado de Fundação Serralves – endereço eletrónico (2015)/Nota: o mapa original não tem escala nem orientação.

Figura VIII.36: Planta do Parque de Serralves



Fonte: Autora (2014 e 2015)

Figura VIII.37: *Parterre* Central, Avenida dos Liquidâmbares e Jardim/lago romântico do Parque de Serralves

<sup>269</sup> Informação disponibilizada no endereço eletrónico do IPA (2015).

#### 8.1.3.2.6. Classificação legal do jardim

Os três jardins estão classificados e portanto beneficiam de estatutos de proteção no plano legal. O conjunto formado pelo palácio, jardins, horta e mata dos Marqueses de Fronteira obteve a distinção de Monumento Nacional em 1982, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra mereceu a classificação de Imóvel de Interesse Público no ano de 1996, tendo-lhe sido atribuída ainda a distinção de Património Mundial da Unesco em junho de 2013 ao ser integrado no conjunto da Alta de Coimbra e, em 2011, o Casal de Santa Maria, mais comumente denominado de Parque de Serralves, depois de ser classificado em 1996 como Imóvel de Interesse Público, foi reclassificado como Monumento Nacional em 2011 (ponto 4.2.3. do capítulo IV).

#### 8.1.3.2.7. Valor turístico potencial (estudo realizado nos anos 90)

No estudo levado a cabo pela equipa de arquitetos paisagistas no final do século passado (CASTEL-BRANCO, 1998) foi atribuído um alto valor turístico potencial a cada um destes jardins: Serralves – 30, JBUC – 36 e Fronteira – 33 (Quadro AII.4 a AII.7). Todos obtiveram uma pontuação superior a 30 quando a classificação mínima registada foi de 12 e a máxima de 38, fazendo parte dos 46% de jardins com pontuação superior a 30.

No seu conjunto, todos estes critérios contribuíram para a escolha dos casos de estudo, que se destacam tanto a nível regional como nacional. Trata-se assim de três jardins diferentes quer nas épocas e contexto em que surgiram, nas razões que presidiram à sua construção, nos estilos arquitetónicos que representam, quer na sua essência, na sua funcionalidade ou mesmo no contexto em que se inserem atualmente, mas acima de tudo são jardins históricos, crendo-se portanto que são representativos do que é a especificidade e diversidade dos jardins portugueses. Constituem ainda três exemplos de boas práticas em termos turísticos figurando nos principais guias e obras nacionais e internacionais e em grande parte dos *tours* de jardins (ponto 6.2.1.1. do capítulo VI). O quadro seguinte (VIII.2) sintetiza algumas das suas principais características, as mesmas que os distinguem.

A distinção de dois destes três jardins comprova o seu carácter único e diferenciador. O Parque de Serralves e o Jardim dos Marqueses de Fronteira estão entre os 250<sup>270</sup> jardins mais notáveis do mundo figurando ao lado de nomes como o *Taj Mahal* (Índia), *Kew Gardens*

---

<sup>270</sup> Nesta obra figuram ainda outros três jardins portugueses: a Quinta da Regaleira em Sintra, a Quinta do Palheiro no Funchal e o Parque Terra Nostra nas Furnas (Açores).

(Inglaterra), *Versailles* (França), *Alhambra* (Espanha), *High Line* de Nova Iorque (Estados Unidos da América) ou o Jardim de Burle Marx (Brasil). A escolha é feita no livro “O Jardim do Jardineiro” (*The Gardener’s Garden*) de Madison Cox, um paisagista referido pelo *Wall Street Journal* como sendo o autor de alguns dos jardins mais espantosos que foram desenhados nos últimos 25 anos.

Quadro VIII.2: Algumas características dos jardins em estudo

Jardim	Parque de Serralves	Jardim Botânico de Coimbra	Jardim do Palácio Fronteira
Localização	Norte – Porto	Centro – Coimbra	Lisboa – Lisboa
Tipo	Parque	Jardim Botânico	Quinta de Recreio
Época	XX	XVIII	XVII
Área (ha)	18	13,5	5,5
Propriedade	Público/Privado Fundação (1989)	Público	Privado Fundação (1989)
Classificação	MN (2011)	IIP/Património Mundial (1996/2013)	MN (1982)
1ª abertura	1988	Século XIX	1989
Abertura	Todos os dias (exceto segunda-feira entre outubro e junho) Todo o ano	Todos os dias Todo o ano	Todos os dias, exceto domingo Todo o ano
Entrada	Paga (4€ – parque/8,5€ – parque + museu)	Gratuita	Paga (3€ – jardim/7€ – jardim + palácio)
Visitantes	100.000-250.000 <sup>a</sup>	5.001-10.000 <sup>b</sup>	5.001-10.000
Evolução	Aumento	Aumento	Aumento
Equipamentos	Loja, Restaurante, Livraria, Café/Casa de chá, WC	WC (quiosque, cafetaria)	Loja, WC
Atrações	Museu, Casa, Quinta	Estufas, Mata	Palácio
Formas de interpretação	Várias	Placas nas plantas	<i>Guide book</i> , visita

Fonte: Questionário 1 (2014)<sup>a</sup> considerando os dois tipos de bilhete; <sup>b</sup>Visitas guiadas

#### 8.1.4. O universo e a definição da amostra – princípios e constrangimentos

Um dos objetivos deste estudo era auscultar uma das vertentes do sistema turístico – a procura, ou seja, os visitantes destes três jardins. Uma das principais questões que se colocam a uma investigação assente na metodologia por questionário é a definição da amostra que seja o mais representativa possível do universo em estudo, para que as conclusões obtidas possam ser extrapoladas para o universo (HILL & HILL, 2012), tendo sido por isso importante perceber que metodologias tinham sido aplicadas em estudos semelhantes (Quadro AII.29).



Relativamente a este estudo, o próprio universo/população revelou-se, à partida, difícil de delimitar, por deficiência ou até mesmo inexistência de dados completos, tanto a um nível global, como ao nível particular de cada jardim em estudo. Tendo em conta cada caso particular, se o Parque de Serralves e o Jardim do Palácio Fronteira dispunham de dados o mesmo não acontecia com o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra que apenas possuía registos dos visitantes que marcavam visita guiada, principalmente provenientes do contexto escolar, não havendo cobrança e controlo de entradas no jardim, não havia forma de se saber ao certo quantos visitantes recebe o JBUC por dia, por mês ou mesmo por ano, embora se tivesse a convicção, por conhecimento de causa, que são milhares por ano. A questão que se colocava era como definir uma amostra representativa do universo se mesmo o universo não estava delimitado?

Desta forma, a aplicação do questionário e a sustentada resposta aos objetivos traçados pressupunha a delimitação de uma amostra que fosse o mais representativa possível do universo, tendo em conta os dados disponíveis. Assim, e na impossibilidade de definir com clareza os contornos do universo em causa (considerando o total de visitantes dos três jardins e não cada um em particular), embora estimando-se que este universo esteja posicionado entre os 100 e 250 mil visitantes, chegou-se à conclusão que se tratava de um grande universo, e portanto de uma população infinita, segundo os pressupostos defendidos por GUMUNCHIAN e MAROIS (2000). Desta forma, seguindo a proposta apresentada pelos autores (2000: 287), para um nível de confiança de 99% e um intervalo de confiança de 0,05, a dimensão da amostra obtida através da aplicação de uma fórmula estatística<sup>271</sup> era composta por 666 visitantes a inquirir.

Houve necessidade de determinar igualmente quantos questionários seriam recolhidos por jardim, ou seja, de estratificar a amostra no espaço. Os cálculos para determinar o peso de cada jardim no total dos visitantes dos três considerando a média 2005-2012 resultaram em percentagens, e concomitantemente em número de questionários, que não nos pareceram

<sup>271</sup> Seguindo a proposta apresentada por GUMUNCHIAN e MAROIS (2000: 287), e partindo do princípio que estávamos perante um grande universo, e portanto de uma *população infinita*, a fórmula utilizada foi a seguinte:

$$n = \left( \frac{z \sqrt{pq}}{c} \right)^2 = \left( \frac{2,58 \sqrt{(0,50)(0,50)}}{0,05} \right)^2 = 665,64$$

Onde:  $n$ =tamanho mínimo da amostra;  $z$ =nível de confiança ( $z=1,96$  para um nível de confiança de 95% ou  $z=2,58$  para um nível de confiança de 99%);  $p$ =probabilidade de ocorrência de um acontecimento cuja proporção varia entre 0,0 e 1,0;  $q=1-p$ ;  $c$ =dimensões do intervalo de confiança. Presumindo-se que a probabilidade de ocorrência de um acontecimento  $p=0,50$  e que  $q=0,50$  e com uma amplitude do intervalo de confiança em que  $c=0,05$  e  $z=2,58$  para um nível de confiança de 99%.

O número de questionários encontrado segue igualmente as propostas definidas por ABREU (2006) que para uma população infinita, um nível de confiança de 99% e um coeficiente de variação de 0,1 sugere a realização de 663 questionários.

adequados mormente para o caso de Fronteira, uma vez que tem um quantitativo de visitantes inferior, cujo número de questionários total era irrisório, o que resultaria num dispêndio de tempo e dinheiro para a sua recolha mensal. Desta feita decidiu-se ajustar as percentagens, sem alterar a posição que cada um tem no total dos três jardins, para que houvesse uma representatividade mais expressiva deste sem prejuízo dos dois primeiros, tendo sido estipulado que seriam recolhidos em Serralves 50% (tinha uma % superior a 50% e continuou a ser o jardim com maior número de questionários a recolher), 30% no JBUC (continuou na casa dos 30%, ocupando a 2ª posição) e 20% no Jardim do Palácio Fronteira (passou de 3% para 20% justificando assim as deslocções mensais para obtenção dos questionários) o que corresponde a 333, 200 e 133 respetivamente, perfazendo desta forma o total de 666 questionários (Quadro VIII.3).

Quadro VIII.3: Determinação do número de questionários a recolher por jardim

Questionários por Jardim	Visitantes 05-12 (média)	% sobre o total	Nº questionários	%/jardim ajustadas	Nº questionários final
<b>Serralves</b>	157.962	60	400	<b>50</b>	<b>333</b>
<b>JBUC</b>	97.226	37	246	<b>30</b>	<b>200</b>
<b>Fronteira</b>	8.986	3	20	<b>20</b>	<b>133</b>
<b>Total</b>	264.173	100	666	<b>100</b>	<b>666</b>

Fonte: Elaboração própria

Segundo ABREU (2006: A-84), a aplicação do questionário deve “decorrer numa época conveniente, relativamente homogênea e bem determinada. Esta definição é um valor acrescentado à operação e recolha e aumenta a fiabilidade na informação”. Para que a amostra fosse o mais representativa possível estipulou-se que essa recolha seria distribuída por todos os meses de um ano – março de 2013 a fevereiro de 2014, pelo que se determinou para cada mês uma amostra/quota base a recolher para cada um dos jardins (Quadro VIII.4). Para o cálculo destas quotas foi necessário considerar as particularidades da visita e a natureza da recolha dos dados praticada em cada jardim. Assim, no caso do Parque de Serralves foram utilizados os dados dos visitantes totais do parque correspondentes ao bilhete *museu + parque* e bilhete *parque* para o período de 2005 a 2012. Para o Jardim de Fronteira consideraram-se os dados dos visitantes pagantes totais correspondentes ao bilhete *palácio + jardim* e bilhete *jardim* para o período de 2005 a 2012. Em relação ao JBUC foi utilizada a combinação de

dois tipos de fontes<sup>272</sup>, nomeadamente o número de visitantes com visita guiada (2005-2012), recolhidos pelo extinto serviço educativo e de visitas do jardim, e o movimento de turistas/visitantes (estrangeiros e nacionais) atendidos nos Postos de Turismo de Coimbra<sup>273</sup> (2005-2012), compilados pela extinta empresa municipal TC – Turismo de Coimbra e disponibilizados pela Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Coimbra.

A partir dos números recolhidos, e através do cálculo da média aritmética (Quadro AII.30, AII.31 e AII.32) foi possível determinar a percentagem de visitantes a inquirir por mês em cada jardim como se pode verificar no quadro seguinte.

Quadro VIII.4: Distribuição de visitantes por jardim e por meses (2005-2012) e número de questionários a realizar

Período/Jardins	Serralves 50%		JBUC 30%		Fronteira 20%		Total geral nos 3 jardins	
	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
março 2013 – fevereiro 2014								
<b>Março</b>	8,4	28	7,3	15	7,2	10	7,6	53
<b>Abril</b>	10,2	34	10,3	21	12,8	17	11,1	72
<b>Mai</b>	8,9	30	10,1	20	13,6	18	10,9	68
<b>Junho</b>	7,1	24	9,6	19	7,9	11	8,2	54
<b>Julho</b>	9,6	32	12,7	25	9,8	13	10,7	70
<b>Agosto</b>	12,4	41	19,3	39	12,9	17	14,9	97
<b>Setembro</b>	8,2	27	10,6	21	10,3	14	9,7	62
<b>Outubro</b>	8,7	29	6,4	13	9,1	12	8,1	54
<b>Novembro</b>	6,9	23	3,4	7	4,8	6	5,0	36
<b>Dezembro</b>	5,5	18	3,0	6	4,0	5	4,2	29
<b>Janeiro</b>	7,8	26	3,2	6	3,3	4	4,8	36
<b>Fevereiro</b>	6,3	21	4,1	8	4,3	6	4,9	35
<b>Total Geral</b>	100,0	<b>333</b>	100,0	<b>200</b>	100,0	<b>133</b>	100,0	<b>666</b>

Fonte: Elaboração própria com base nos dados facultados por Serralves, JBUC, DCT/CMC e Fronteira (2005-2012)

<sup>272</sup> Houve necessidade de combinar dois tipos de fontes para a determinação de quotas por mês uma vez que a utilização de uma delas seria insuficiente para representar a dinâmica global de visitas do JBUC, já que as visitas guiadas ao jardim tinham uma maior incidência nos meses primaveris. Todavia, como se trata de um espaço aberto ao público, não poderíamos descartar os visitantes que o visitavam de forma livre e, tendo em conta a inexistência de dados dos visitantes livres, optou-se por tomar como base os visitantes que se dirigiram aos postos de turismo da cidade. Uma fonte de dados que tem uma dinâmica de frequência diferente, esta com maior incidência nos meses estivais. Desta forma consideramos que seria mais correto e demonstrativo da realidade da visitação do jardim a combinação destas duas fontes de informação.

<sup>273</sup> Relativamente aos Postos de Turismo de Coimbra há a ressaltar que: em 2005 os dados provieram dos Postos Praça República/Mercado D. Pedro/S. Jerónimo; em 2006 dos Postos Mercado D. Pedro/S. Jerónimo; em 2007 dos Postos Mercado D. Pedro (fecha em outubro)/S. Jerónimo (fecha e muda para Universidade em outubro); em 2008, 2009, 2010 e 2011 dos Postos Universidade/Portagem e em 2012 dos Postos Praça República (reaberto em junho)/Universidade/Portagem.

### 8.1.5. Métodos de aplicação e resultados da recolha

Para a aplicação dos questionários estipulou-se um período de um ano (março de 2013 a fevereiro de 2014), que foi precedido de um período de aplicação prévia do questionário em setembro e outubro de 2012 para experimentação do mesmo, tendo sido posteriormente adaptado, corrigidas as incongruências detetadas, aferida a clareza e coerência das questões, subtraídas algumas questões e acrescentadas outras. O horizonte temporal de um ano foi estipulado em função do estudo poder abarcar o mais possível a variedade de situações e de ocorrências, tendo-se em conta a época alta, época baixa, fins de semana, dias da semana, manhãs, tardes, finais de tarde, horas de almoço, períodos de férias e de trabalho, dias com bom tempo, dias com mau tempo e os mais diversos eventos.

O questionário, disponível em quatro idiomas – português, inglês, francês e espanhol (AIII.2 a AIII.5) – foi aplicado, na sua maioria, de forma presencial, pela investigadora<sup>274</sup> ao longo do período temporal definido previamente, como já foi referido, tanto em dias de semana como fins de semana escolhidos de forma aleatória, tendo sido totalizadas cerca de 70 saídas de campo com este propósito. O questionário foi ainda disponibilizado *online* (nas quatro versões) (AIII.6) na plataforma *Google Docs* e disponibilizado através dos *links*<sup>275</sup> respetivos aos visitantes que manifestaram vontade em colaborar desta forma (num total de 302), tendo sido devolvidos 169 questionários (taxa de resposta de 56%), correspondendo estes a 25,4% e os questionários em papel a 74,6% do total de questionários recolhidos.

O questionário tinha uma duração prevista de 10/15 minutos, ocorrendo por vezes a extrapolação desse período, sobretudo com visitantes que manifestavam interesse pelo estudo e tema, mas nunca ultrapassando os 20/30 minutos. Foi implementado através da interpelação dos visitantes, com idade igual ou superior a 18 anos, privilegiando-se a auscultação de um indivíduo apenas em grupos reduzidos (2 ou 3 elementos) e no máximo de dois em grandes grupos, de forma aleatória em vários pontos dos jardins com incidência particular nas áreas de entrada/saída dos mesmos, pela autora devidamente identificada, tendo sido obtidas as necessárias autorizações dos responsáveis para a sua realização.

A respeito do trabalho de campo duas ressalvas devem ser feitas. A tarefa de interpelação dos visitantes dos jardins não se revelou nada fácil de assumir, interiorizar e

---

<sup>274</sup> A este respeito refira-se que em apenas duas saídas de campo houve a colaboração de um membro externo ao estudo devidamente orientado sobre o questionário.

<sup>275</sup> V. português: <https://docs.google.com/forms/d/11-0coRgK4vy3xyYy17Ru6UaRMC9bV4jO7rYJf9wGIDc/viewform>  
V. inglês: <https://docs.google.com/forms/d/1qZ6SM6uz3fldG3JOGJGW27iaWbpSF9OE7ueolHqfvE/viewform>  
V. francês: <https://docs.google.com/forms/d/1q7Y6m2r5T8lGwBhzfdtS-SlAtSUHQF77YeO2-umXNKY/viewform>  
V. espanhol: [https://docs.google.com/forms/d/1XuYMXk\\_V\\_iPi2B5KyIwq0AlrRMaR244OZBMeVd58AMg/viewform](https://docs.google.com/forms/d/1XuYMXk_V_iPi2B5KyIwq0AlrRMaR244OZBMeVd58AMg/viewform)

concretizar porque o visitante de jardim vai à procura no jardim de tudo menos de qualquer coisa que importune a sua contemplação do espaço, o seu descanso e relaxe, tendo-se percebido que se trata de um visitante que não gosta de ser incomodado, embora a grande maioria se tenha mostrado recetiva e colaborante, tendo sido poucos os casos verificados de recusa de colaboração. A realização dos questionários *in situ*, ou pelo menos a interpelação dos visitantes *in situ* (no caso dos que foram preenchidos *online*), e todos presenciados pela autora (mesmo nas situações onde houve colaboração externa), foi a maneira que se encontrou para se ter a certeza de que a amostra pretendida era representativa e obtida de forma aleatória. Tudo isto aliado à extensão do questionário, a fatores externos como as condições atmosféricas instáveis/adversas ao longo dos dias e de alguns meses, em particular durante o inverno, a ocorrência de episódios atmosféricos extremos que levaram os jardins a fechar (como, por exemplo, a tempestade de janeiro de 2013), greves de transportes, entre outros, tornou, mais que morosa, bastante mais difícil do que se previa inicialmente, a tarefa da sua recolha no terreno. No entanto, a mesma foi levada a bom porto, tendo havido um grande cuidado nos procedimentos adotados para que a qualidade da informação não colocasse em causa a credibilidade das conclusões da investigação.

De forma conclusiva, crê-se que a metodologia adotada neste estudo está ajustada à dimensão e aos objetivos do mesmo, tendo em conta outros semelhantes (Quadro AII.29).

## 8.2. Análise e discussão dos resultados do questionário aos visitantes dos três jardins<sup>276</sup>

Neste ponto procura-se representar, analisar e discutir os resultados dos questionários dirigidos aos visitantes dos três jardins. A informação, previamente tratada e inserida numa base de dados, foi sujeita a uma análise de distribuição de frequências, tabelas de contingência, cálculos de média e de variância feitos com recurso ao programa de análise estatística *SPSS*.

### 8.2.1. Caracterização geral do visitante que compõe a amostra

Esta primeira secção do questionário era composta por um grupo de questões (1.1. a 1.7.) focado essencialmente nas características sociodemográficas básicas dos visitantes. A

---

<sup>276</sup> A este respeito foi publicado, em 2013, em colaboração com Paulo CARVALHO, um resumo alargado contendo uma breve síntese dos principais resultados, intitulado *Lazer e turismo nos jardins históricos portugueses. Uma abordagem preliminar ao perfil dos visitantes*, por ocasião do IX Congresso da Geografia Portuguesa que decorreu na Universidade de Évora.

Todas as figuras apresentadas no texto têm por base a informação estatística organizada em quadros que são apresentados no Anexo IV.

análise relativa à sua nacionalidade e residência, ao género, idade, qualificações académicas completas, áreas de formação e ocupação socioprofissional, ajudam-nos desde logo a perceber a diversidade de visitantes, ou melhor, a ter uma visão do amplo espectro de visitantes, tendo em conta, os seus atributos gerais, que estes espaços têm capacidade de atrair.

Esta amostra é composta maioritariamente por turistas (64,6%), sobretudo estrangeiros, sendo que os *day-trippers* ou *same-day-visitors* (visitantes de um dia) representam os restantes 35,4%, na quase totalidade de origem portuguesa (Figura VIII.38), o que revela desde logo a capacidade atrativa de turistas destes espaços, muito mais do que se poderia supor. Não se tratam por isso de atrações de carácter meramente local, regional ou nacional, antes pelo contrário, constituem atrações com um elevado grau de internacionalização, em especial Serralves e Fronteira, com fluxos de turistas mais elevados em relação ao JBUC, onde dominam os *day-trippers*. Turistas estes de alcance internacional diverso, como veremos de seguida, e nos quais se deve apostar no sentido de aumentar e diversificar a matriz de mercados de origem. Não se verificam diferenças estatísticas assinaláveis entre o tipo de visitante e a sua residência em relação à época de visita ( $p=0,096$  e  $p=0,333$  respetivamente)<sup>277</sup> (Quadro VIII.7).

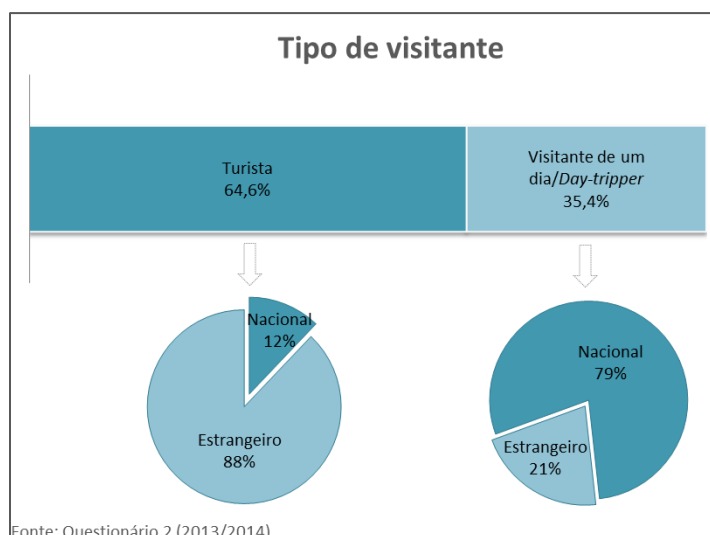


Figura VIII.38: Tipo de visitante e nacionalidade por tipo de visitante

Na amostra predominam então os visitantes de nacionalidade estrangeira (64,3%) e os de origem nacional correspondem a 35,7%. Quanto aos inquiridos de nacionalidade estrangeira assumem importância duas grandes áreas geográficas – o continente Europeu e o

<sup>277</sup> No âmbito da estatística inferencial, de acordo com ALTINAY e PARASKEVAS (2008), aceitam-se como estatisticamente significativas as diferenças às quais correspondem um nível de significância de  $p < 0,05$ .

Americano (Figura VIII.39). O primeiro detém uma representatividade de cerca de 89%, o segundo não chega aos 10%. O continente Asiático e a Oceânia têm uma representatividade residual no total da amostra com 1,4% e 0,3% respectivamente. E, note-se que o continente Africano não tem qualquer representação no total de inquiridos.

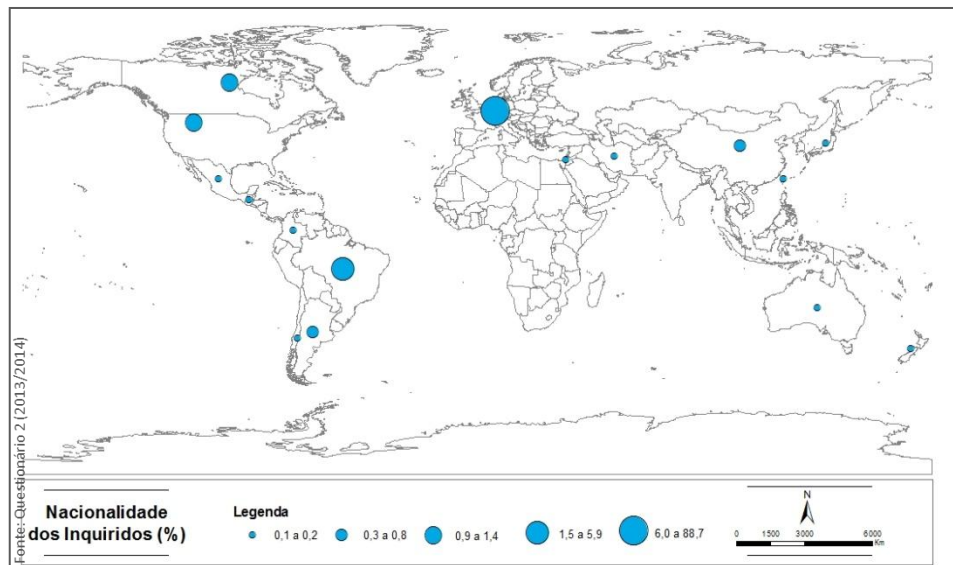


Figura VIII.39: Nacionalidade dos inquiridos

No continente Europeu verifica-se uma dispersão da proveniência dos inquiridos por vários países, contudo estão maioritariamente representados os visitantes com origem na Europa do Sul, na qual se inclui Portugal, que surge destacado com uma representatividade de cerca de 36%, seguindo-se a Espanha com 7,5% dos inquiridos e Itália com 3,0%. Porém, é a França o segundo país emissor de visitantes com uma representatividade de 20,3%. Esta grande percentagem de indivíduos de origem francesa provém sobretudo do Jardim de Fronteira, representando cerca de 52% do total de visitantes deste jardim. No seio da Europa Ocidental, mais concretamente a Alemanha, Holanda e Bélgica constituem a origem de 5,4%, 4,2% e 2,6% dos visitantes respetivamente (Figura VIII.40). Uma menção deve ainda ser feita à apelidada *nation of garden lovers*, o Reino Unido, mormente Inglaterra, como o 5º país emissor de visitantes (4,1%).

Na América do Sul surge destacado o Brasil como a principal nacionalidade dos visitantes (5,9%) tendo as restantes nacionalidades uma representatividade simbólica. Não menos importante é a América do Norte com os Estados Unidos da América (1,4%) e Canadá (1,2%). Já no continente Asiático uma referência deve ser feita aos visitantes de nacionalidade chinesa apesar da representação no total ser residual (0,8%).

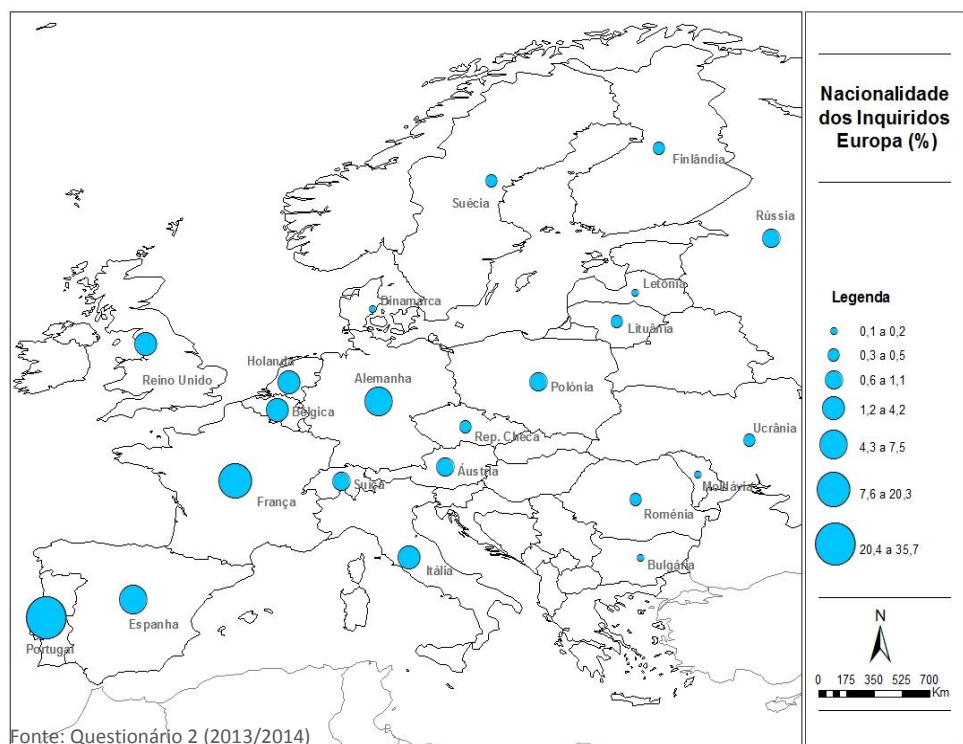


Figura VIII.40: Nacionalidade dos inquiridos europeus

Note-se que há uma ligeira diferença quanto ao país de residência habitual que, em alguns, casos não coincide com a nacionalidade apurada. No entanto, continua a verificar-se a supremacia das mesmas áreas geográficas atrás referidas no que diz respeito à emissão de visitantes, havendo a registar um reforço da posição dos residentes em Portugal (41,6%), França, (20,7%), Bélgica (2,7%), Estados Unidos da América (1,7%) e Suíça (1,4%).

Neste âmbito é importante referir que há diferenças estatisticamente significativas quando observada a residência dos visitantes no geral (nacional vs internacional) e o país de residência em particular por jardim ( $p=0,000$ ). No Parque de Serralves e no JBUC os visitantes residentes em Portugal surgem destacados, correspondendo no primeiro a cerca de 40% e no segundo a 60%. A grande diferença surge em Fronteira onde mais de metade do público reside em França e só depois surgem os visitantes residentes em Portugal representando uns simbólicos 18%<sup>278</sup>. Em Serralves, França e Espanha completam o trio de países de residência dos visitantes deste espaço, constituindo também os nossos vizinhos

<sup>278</sup> Esta distribuição não estará alheia ao facto de existirem algumas obras sobre esta quinta em francês nomeadamente *Les jardins des Vice-Rois: Fronteira* de Cristina Castel-Branco baseado na sua tese de doutoramento, *La frontière: Azulejos du Palais Fronteira* de Pascal Quignard e ainda de alguns documentários franceses sobre o mesmo.



peninsulares o segundo público do Botânico seguido dos visitantes provenientes do Brasil e França (Figura VIII.41).

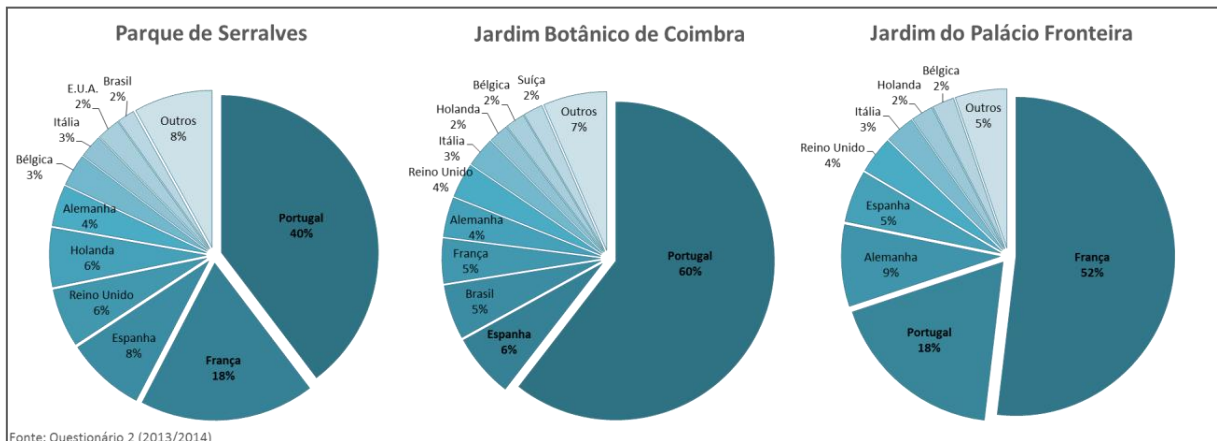


Figura VIII.41: País de residência dos inquiridos por jardim

Desta forma, em comum estes três jardins têm o facto de possuírem uma atratividade que extravasa o público nacional, sendo até bastante diversa em termos internacionais. Nos dois primeiros casos há uma supremacia do público nacional, com maior significado no JBUC, onde o facto de ter livre entrada assim o justificará, seguidos pelo público residente em países vizinhos. De referir ainda que em Serralves se regista uma maior diversidade em termos de país de residência dos visitantes (de onde vieram os que residem mais longe).

Quanto aos inquiridos residentes em território nacional verifica-se, desde logo, uma atratividade exercida pelos jardins em estudo nas populações residentes nas imediações dos mesmos, ou seja público local/regional, principalmente em Serralves (Porto) e no JBUC (Coimbra), sendo que, em termos individuais, o Porto é o concelho de residência de cerca de 17% e Coimbra de 25% dos residentes em território nacional. Todavia, é na área metropolitana do Porto que residem 26,4% dos visitantes. Ainda a registar está o facto dos visitantes destes jardins provirem principalmente da faixa litoral do território nacional, sendo bastante residual a representação do interior (Figura VIII.42).

A análise circunscrita a cada um dos jardins em estudo é importante por forma a percebermos o alcance da atratividade de cada um (Figura VIII.43). Deste modo, os visitantes do Parque de Serralves com residência em Portugal vivem na grande maioria na própria cidade do Porto (29,5%) o que revela que este espaço, embora pago, faz parte da vivência desta população. A figura permite perceber uma grande dispersão da atratividade deste parque, para além da cidade, ou seja, os visitantes de Serralves deslocam-se de áreas difusas

abrindo todo o território nacional em termos de NUTS II (Figura VIII.43). É interessante ainda a quantidade de visitantes (23,5%) com residência habitual na área de Lisboa, com destaque para a própria cidade (14,4%) que manifesta interesse na visita deste espaço, pese embora nem todos tivessem feito a deslocação efetiva da sua residência ao parque naquele dia da visita, já que cerca de 27% dos inquiridos de Serralves com residência nacional eram turistas, provenientes em grande parte da área de Lisboa. Apesar de Faro ser o concelho de residência mais distante registado no continente (550 km), o indivíduo daí proveniente era um turista alojado na cidade do Porto. Os restantes 73% eram visitantes de um dia regressando à residência habitual, registando-se assim as maiores deslocações efetivas no dia da visita: a norte do concelho de Alfândega da Fé (187 km); no centro o da Guarda (201 km); da área de Lisboa os concelhos de Lisboa (316 km) e Barreiro (348 km); e do Alentejo o de Ponte de Sôr (272 km).

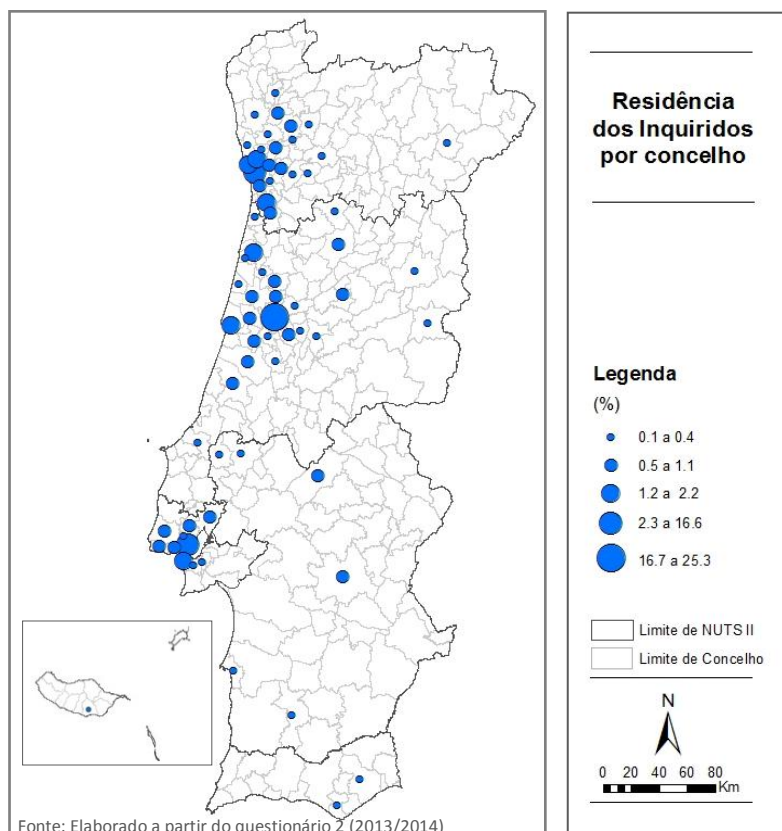


Figura VIII.42: Residência dos inquiridos, com residência nacional, por concelho

Em relação ao JBUC e ao Jardim de Fronteira nota-se uma maior concentração da residência dos visitantes próxima dos jardins. Mais de metade (53,7%) dos visitantes do JBUC reside em Coimbra. Embora bastante distanciados nos pesos relativos, aparecem os

concelhos de Lisboa (5,8%), Porto (4,1%) e Figueira da Foz (3,3%). Neste caso apenas 5% se definiu como turista provenientes, sobretudo, de Lisboa, Setúbal, Porto e Fafe. A maior deslocação até ao jardim foi feita por um visitante de um dia desde o concelho de Ourique (357 km).

No caso do Jardim de Fronteira os visitantes com residência nacional deslocaram-se essencialmente de Lisboa (58,3%), apenas dois residem no Porto (turistas) e os restantes concelhos mencionados têm uma representatividade residual ao nível do visitante único. O visitante residente em Tavira realizou a maior deslocação (303 km), embora fosse turista e estivesse alojado na cidade.

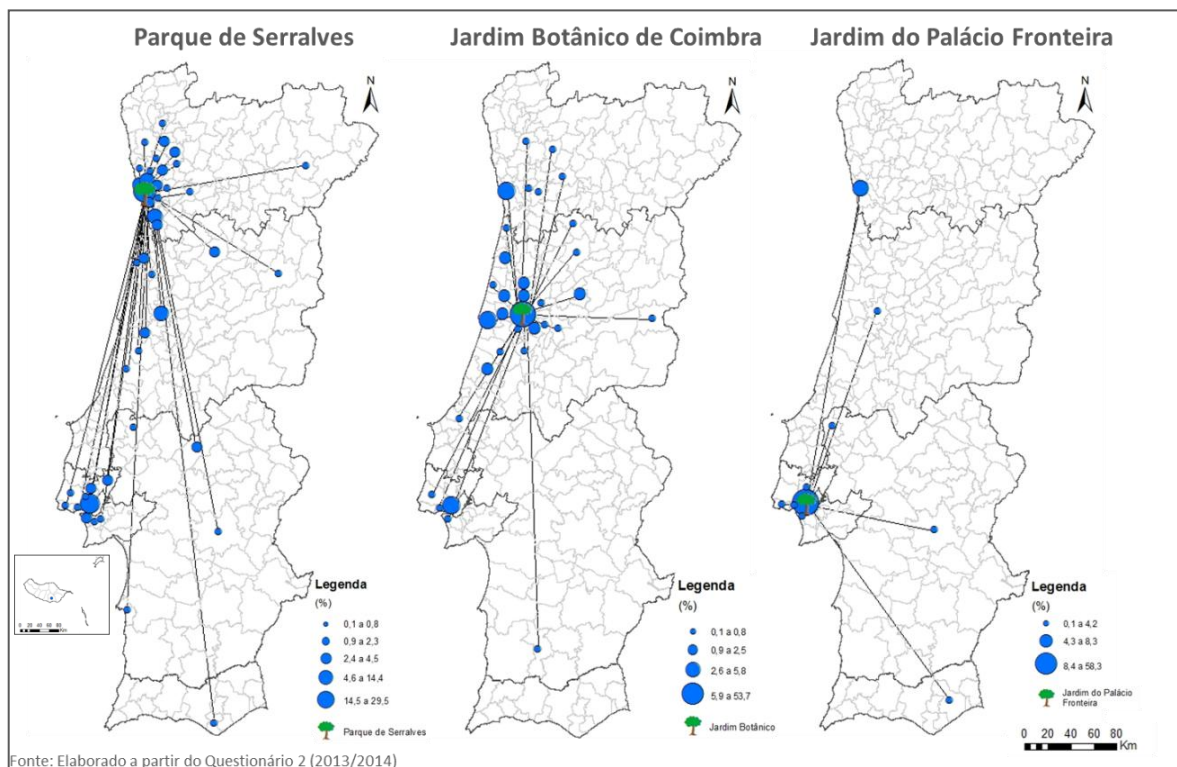


Figura VIII.43: Concelho de residência dos inquiridos, com residência nacional, por jardim

Quanto aos residentes internacionais importa de igual modo identificar quais as regiões, mormente as principais cidades de residência dos inquiridos. Foram identificadas duzentas cidades de residência diferentes. A informação constante no Quadro VIII.5 revela que Paris (França) foi, no conjunto dos inquiridos residentes no estrangeiro, a cidade de onde provieram mais visitantes (10,5%). Do território francês destacam-se ainda as cidades de Toulouse (4<sup>a</sup>), Bordéus (7<sup>a</sup>), e Lyon (8<sup>a</sup>). Madrid (Espanha) e Londres (Inglaterra) completam o trio das principais cidades emissoras de visitantes destes três jardins. De mencionar a

presença de uma cidade não europeia – Montreal (Canadá) – neste conjunto. Na análise por jardim é possível identificar algumas diferenças. Em Serralves mantêm-se as três principais cidades seguidas de Barcelona (Espanha). No JBUC verifica-se uma dispersão maior entre países com Madrid (Espanha) e São Paulo (Brasil) a destacarem-se, já em Fronteira dominam as cidades francesas encabeçadas por Paris e Toulouse (Quadro AIV.84). Constata-se que os visitantes inquiridos são provenientes sobretudo do meio urbano.

A perceção de onde se deslocam os visitantes, quer nacionais quer internacionais, a estes jardins é crucial para quem é proprietário/gestor destes espaços pois, para além de permitir conhecer as regiões com maior e menor importância na emissão de visitantes, também permitirá direccionar e concentrar de forma mais ajustada esforços de promoção e a adoção de estratégias de marketing junto de potenciais visitantes. Desta forma se conclui que o mercado da Europa de Leste e da Ásia é, neste momento, fundamental porque o potencial mercado é enorme, muitos destes países conhecem um grande crescimento económico traduzido na maior disponibilidade financeira para férias/viagens, alguns estudos revelam que são mercados bastante interessados em jardins e em aspetos relacionados e ainda porque não têm um clima propício anual para a visita como acontece em Portugal. De igual modo, o mercado norte-americano, apesar da representatividade diminuta, não deve ser menosprezado, lembre-se os 26,5 milhões de adultos que visitaram jardins e atrações relacionadas com jardins (LRI, 2007).

Quadro VIII.5: As 10 principais cidades de residência dos visitantes inquiridos

Posição	Cidades	Total	
		Nº	%
1º	Paris	41	10,5
2º	Madrid	16	4,1
3º	Londres	14	3,6
4º	Toulouse	10	2,6
5º	Barcelona	7	1,8
6º	Bruxelas	7	1,8
7º	Bordéus	6	1,5
8º	Lyon	5	1,3
9º	Stuttgart	5	1,3
10º	Montreal	5	1,3

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Centrando a atenção nas características sociodemográficas da amostra importa desde já referir que esta é composta sobretudo por mulheres e cuja média de idades da mesma ronda

os 42 anos. Assim, o género feminino, representado em cerca de 62%, prevalece sobre o masculino, com pouco mais de 38% (Figura VIII.44), no geral e em cada um dos jardins, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre eles ( $p=0,635$ ) (Quadro VIII.7). Um dado que está em linha com resultados de vários estudos realizados e sintetizados no Quadro V.8 (ponto 5.4.3.3. do capítulo V), que atestam ser mais mulheres a visitar jardins do que homens. Não será de estranhar a conhecida apetência e gosto pelos assuntos relacionados com jardinagem, jardins e flores por parte do género feminino, em muito decorrente de questões de ordem histórica e social relativamente ao papel das mulheres, embora não seja de menosprezar que os homens representam, nesta amostra, mais de 1/3 deste público, o que será indiciador do interesse destes pelo universo dos jardins. Note-se que a análise estatística concluiu que o género não tem qualquer relação com o tipo de visitante e a época da visita, não se tendo verificado diferenças estatísticas ( $p=0,372$  e  $p=0,512$ ) (Quadro VIII.7).

No que diz respeito às idades dos inquiridos, e considerando três grandes escalões, destaca-se o escalão etário dos jovens-adultos (18-39 anos) com cerca de 49%, seguido do dos adultos (40-64 anos) com 41% e, por fim, o dos idosos com 10%. Uma análise mais fina das idades revela que dominam os visitantes com idade compreendida entre os 25 e 34 anos representando cerca de 23% da amostra (Figura VIII.44).

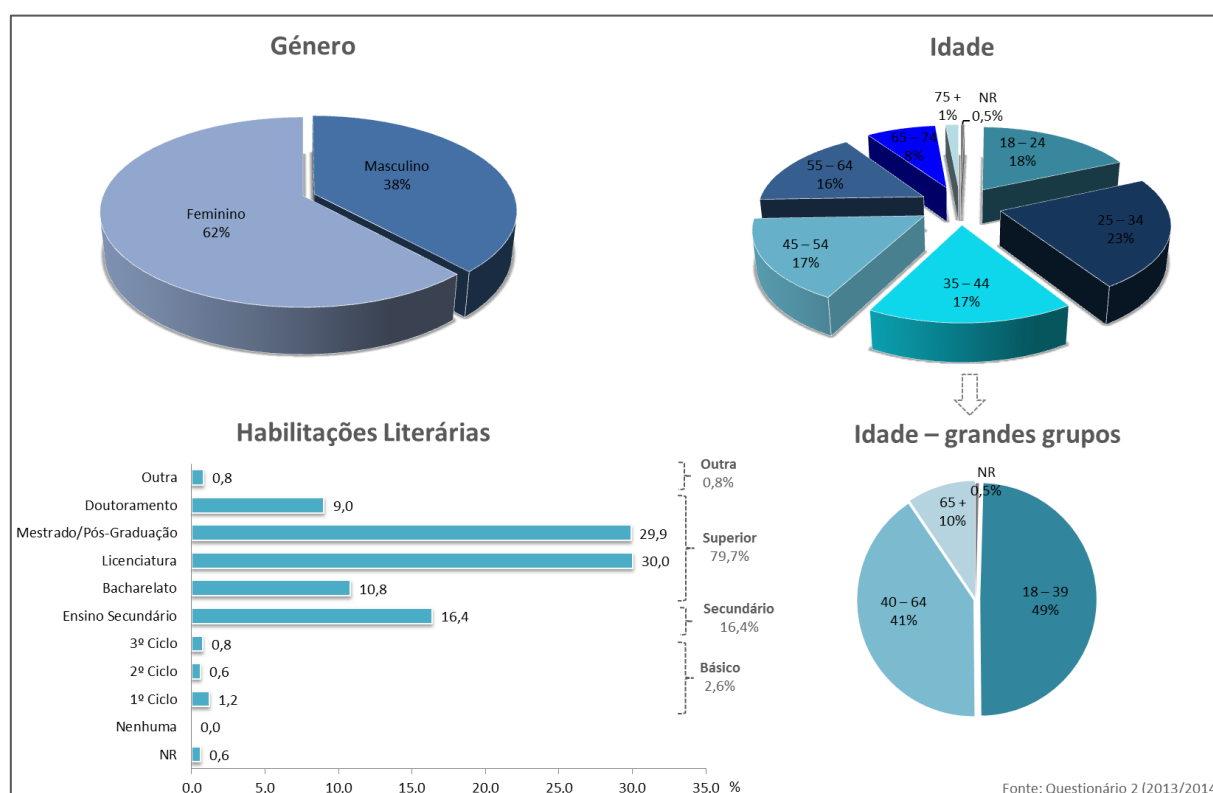


Figura VIII.44: Caracterização dos visitantes quanto ao género, idade e habilitações literárias

Verifica-se que, neste estudo, a faixa mais jovem está em supremacia quando comparado com o de CONNELL (2002) ou FOX (2007), o que decorre em boa medida da presença de um jardim botânico universitário de entrada livre, como veremos adiante, contudo, o público adulto e idoso é maioritário confirmando as tendências já verificadas noutras análises de que o público de jardins é tradicionalmente mais maduro.

O cruzamento de dados relativos ao género e idade revela que na quase totalidade dos escalões etários há uma representatividade maior das mulheres, com exceção do escalão superior a 75 anos em que há um equilíbrio (50/50). Se for tido em conta o tipo de visitantes, os turistas estão superiormente representados em todos os escalões, exceto na fração mais jovem (18-24 anos) onde os visitantes de um dia têm uma representatividade mais elevada. Os visitantes de nacionalidade estrangeira dominam em todos os escalões, com especial expressão nas idades dos 25-34, 45-54 e 55-64 anos (Figura VIII.45).

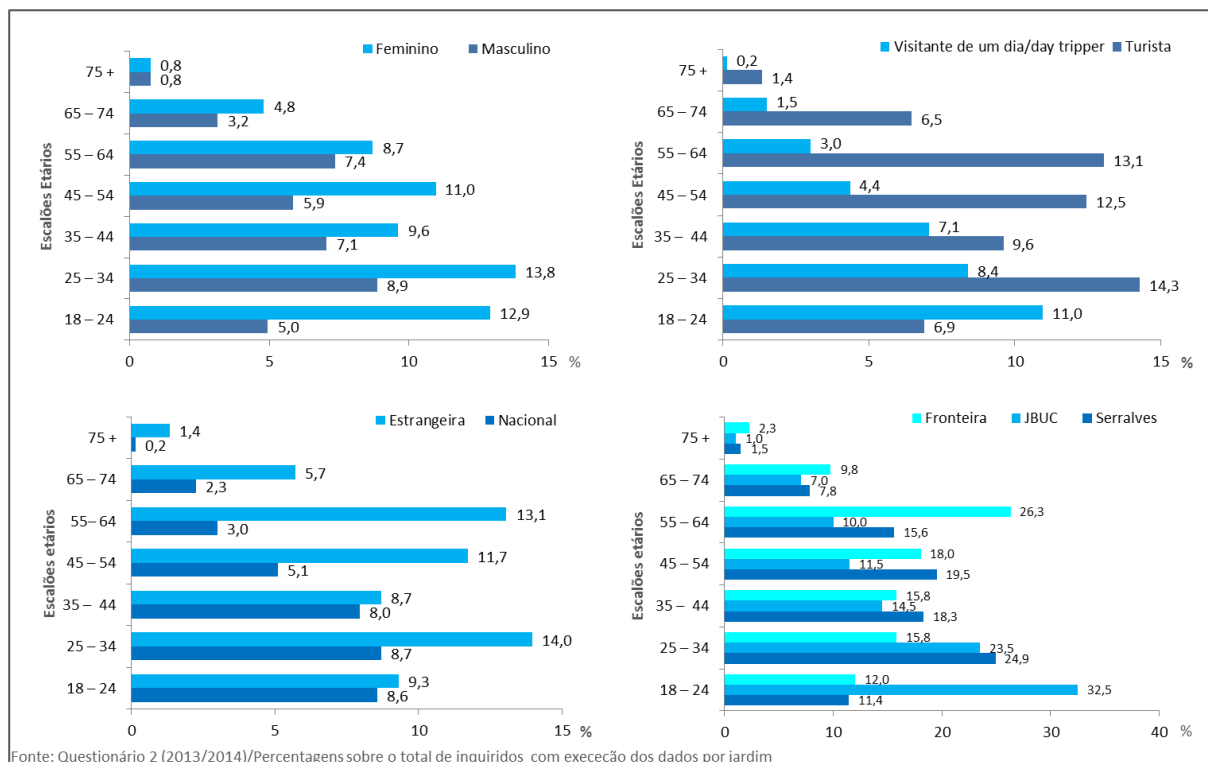


Figura VIII.45: Escalão etário por género, tipo de visitante, nacionalidade e jardim

As diferenças em termos de idade são evidentes ao considerarmos as amostras provenientes dos três jardins em estudo ( $p=0,000$ ) (Figura VIII.45, Quadro VIII.6 e VIII.7). Os visitantes mais jovens (18-34) estão de forma maioritária representados no JBUC com destaque para o escalão 18-24 onde este jardim se sobrepõe aos outros dois, representando 32,5% do total da amostra, sendo a idade de 24 anos e de cerca de 37 anos a moda e média

registada para este jardim. Tal facto justificar-se-á com a presença da Universidade perto do jardim e a possibilidade de visita gratuita, fazendo este parte da “vida social e académica” dos estudantes (grande parte jovens) e dos demais residentes locais. Na amostra proveniente de Serralves estão representados de forma superior aos outros dois jardins os escalões jovem-adulto 25-54, com especial incisão no estrato 25-34 com uma representatividade de cerca de 25% da amostra, revelando uma média de idades perto dos 43 anos. Tal justificar-se-á pelo facto deste ser um espaço eclético com atrações e equipamentos direcionados para diversas idades. Já na amostra do Jardim do Palácio Fronteira são os escalões de idade superior, 45-54 a 75 e mais anos, que se evidenciam em relação a Serralves e ao JBUC, com destaque para as idades compreendidas entre os 55 e os 64 anos, constituindo a idade de 60 anos a moda verificada. A presença do palácio, da rica coleção de azulejos e de toda a história associada explicará este interesse particular destes estratos etários mais elevados.

Quadro VIII.6: Média, Moda, Mínimo, Máximo e DP das idades registadas, por jardim

Jardins	Medidas	Média	Moda	Mínimo	Máximo	DP
Parque de Serralves		42,79*	25	19	82	15,20
Jardim Botânico de Coimbra		36,71	24	18	76	16,06
Jardim do Palácio Fronteira		46,38	60	18	83	16,02
<b>Total</b>		41,67*	24	18	83	16,00

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/\*Considerados apenas os que responderam à questão

Deste modo se conclui que estes três jardins constituem espaços que suscitam interesses diversos em diferentes estratos etários, a que não estará alheio não só o conjunto de atrações e atividades associadas e disponíveis para o público, mas também a localização e a condição de espaço pago vs espaço livre.

Quanto às habilitações literárias completas a amostra é em grande parte (cerca de 80%) composta por indivíduos com qualificação académica superior sendo que 10,8% completou o bacharelato, 30% possui licenciatura, 29,9% concluiu mestrado/pós-graduação e 9% detém o doutoramento. Os níveis académicos inferiores (1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico) têm uma baixa representatividade no conjunto da amostra, cerca de 2,6%. O nível secundário foi mencionado por 16,4% dos inquiridos, dos quais 41,3% referiram estar a frequentar o ensino superior, designadamente o grau de licenciatura (Figura VIII.44).

Estes dados permitem pressupor que se trata de um público esclarecido, com altos níveis de formação intelectual e cultural, indiciando por inerência, pelo menos dentro dos

parâmetros expectáveis para estes segmentos, ser uma procura mais exigente nos diversos aspetos que compõem uma visita a jardins, e a que os proprietários ou responsáveis dos mesmos deverão estar especialmente atentos no sentido da experiência da visita ser o mais positiva e completa possível. Desta forma, é fundamental que tudo o que envolva e contribua para a experiência da visita a jardins tenha como referência altos padrões de qualidade, desde a disponibilização de informação completa e atualizada, ao atendimento, à diversidade de atividades e equipamentos, à manutenção do espaço, até ao mais simples pormenor.

A análise dos dados revelou que não existem diferenças estatísticas relevantes entre as qualificações académicas e o género ( $p=0,729$ ). Porém, constata-se que as mulheres dominam nos graus académicos superiores, principalmente ao nível da licenciatura (19,2%) e mestrado (18,9%). No nível básico há um equilíbrio entre géneros nos dois primeiros graus e uma prevalência de indivíduos do sexo masculino no 3º ciclo (Figura VIII.46).

As diferenças estatísticas entre as qualificações académicas e a nacionalidade/origem dos visitantes são bastante evidentes ( $p=0,000$ ), sobretudo em dois grandes níveis académicos. Os graus de instrução inferiores, nomeadamente ao nível do ensino básico são detidos na sua maioria por visitantes de origem nacional (2,3%), sendo residual a percentagem de visitantes estrangeiros com estas habilitações (ao nível do indivíduo único). Os dados revelam ainda que apenas visitantes nacionais possuem o 3º ciclo do ensino básico. As posições invertem-se quando se trata de qualificações superiores, detidas na sua maioria por visitantes de origem internacional. No grau de doutoramento e mestrado esta diferença é flagrante. Considerando apenas os dados de cada um dos graus verifica-se que dos 199 indivíduos mestres, 78,4% são visitantes estrangeiros e somente 21,6% são nacionais. Os doutorados (60 indivíduos) correspondem na grande maioria a estrangeiros (80%), pelo que apenas 20% são de origem portuguesa (Figura VIII.46).

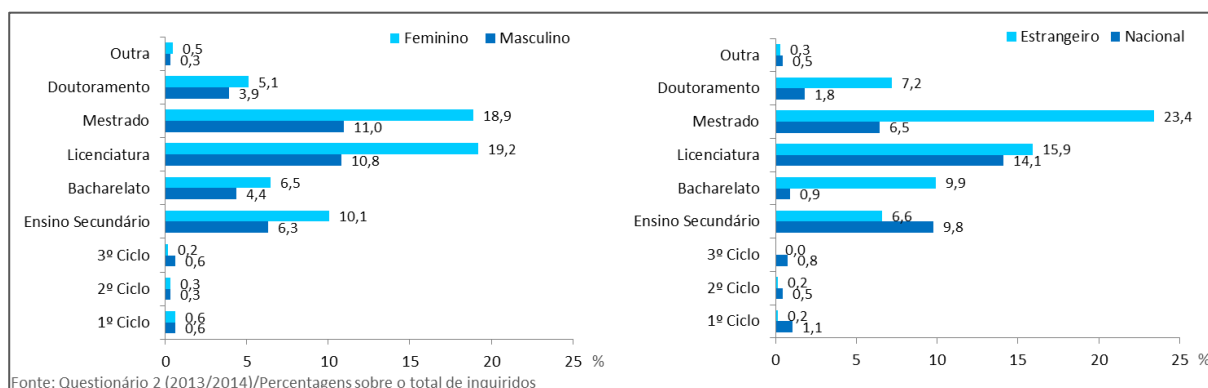


Figura VIII.46: Habilitações académicas por género e origem dos visitantes



Tendo em conta a distribuição/amostra por jardim, confirma-se a existência de diferenças com relação às habilitações literárias ( $p=0,000$ ) (Figura VIII.47). A análise dos dados permite concluir que em Serralves e Fronteira se verifica uma prevalência de graus académicos mais elevados. O que não quer dizer que no JBUC também não aconteça. A diferença é que enquanto nos dois primeiros é irrelevante (Serralves) ou até mesmo inexistente (Fronteira) o número de inquiridos com níveis de escolaridade mais baixos, na amostra do JBUC foram identificados 5% de indivíduos com o ensino básico.

Na amostra proveniente de Serralves há uma maior prevalência de licenciados (34,2%) e mestres (33,3%), no JBUC grande parte dos inquiridos completaram o ensino secundário e licenciatura, ambos com uma representatividade de 28,5%, e em Fronteira quase 40% da amostra tem o mestrado e cerca de 14% dos visitantes são doutorados.

Note-se que o JBUC é um jardim que faz parte da vivência da cidade para o que contribui o facto de ser de frequência gratuita e livre levando a crer que o público com nível de formação mais baixo e por inerência com capacidades económicas também elas inferiores procura muito mais este tipo de espaço com estas características, e muito menos espaços em que está bastante desenvolvida a vertente cultural, para além de serem pagos, como são os casos de Serralves e Fronteira, mais apelativos a um público que, em tese, tem uma sensibilidade cultural maior, um nível intelectual superior e, em geral, dispõe de maiores capacidades económicas.

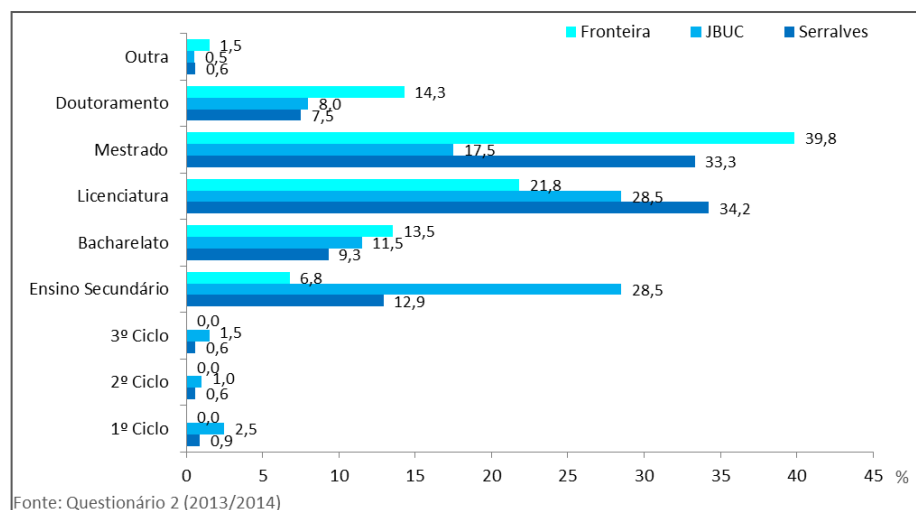


Figura VIII.47: Habilitações académicas por jardim

Importante também é conhecer a posição socioeconómica dos inquiridos através da sua área de formação e ocupação/profissão. Tanto as áreas de formação como as profissões

mencionadas pelos inquiridos foram agrupadas e analisadas segundo classificações previamente estabelecidas<sup>279</sup> (Quadro AIV.88 e AIV.91).

A amostra é composta por indivíduos possuidores de áreas de formação diversas. A análise por grandes grupos revela que o grande grupo 3 das *Ciências Sociais, comércio e direito* detém a maior representatividade já que 26% dos inquiridos revelaram ter formação nesta área. Este é secundado pelos grupos 2 *Artes e Humanidades* (14,4%) e 7 *Saúde e proteção social* (13,5%) (Figura VIII.48).

Ao nível dos grupos intermédios de formação, correspondentes às áreas de estudo segundo a CNAEF, a área 72 *Saúde* é a que reúne maior representatividade na totalidade dos inquiridos, com pouco mais de 12%. As áreas 34 *Ciências empresariais* e 14 *Formação de professores/formadores e ciências da educação* completam o conjunto de áreas de formação mais representadas com 11% e 10% respetivamente.

Uma análise mais discriminada ao nível do que se pode chamar de subgrupos, estando na Figura VIII.48 reveladas as 12 áreas mais representativas, vem dar destaque às áreas de educação e formação ao nível dos *Programas de Base (010)* detida por 6,8% do conjunto total da amostra. As áreas 345 *Gestão e administração* e 145 *Formação de professores de áreas disciplinares específicas* são as formações, dentro das áreas de estudo atrás referidas, que se destacam respetivamente na 2ª e 3ª posição com 5,1% e 4,7%. No seio da área de estudo *Saúde*, destaca-se a formação em *Medicina (721)* detida por 4,4%, a mesma percentagem de indivíduos com formação em *Direito (380)*. Não podemos deixar de referir áreas que de alguma forma estão relacionadas com a temática jardins, mormente a *Arquitetura e urbanismo (581)* que corresponde à formação de 3,9% dos indivíduos e a formação específica em *Floricultura e jardinagem (622)* detida apenas por um inquirido (0,2%), no caso mulher.

A inquirição sobre a profissão/ocupação permitiu perceber e avaliar também a condição perante a atividade económica dos visitantes da amostra, tendo-se apurado que cerca de 64% estavam ativos ou empregados e apenas 3% revelaram estar em situação de desemprego. Em situação de inatividade surge o grupo dos estudantes/investigadores com uma representação considerável (20%), particularmente no JBUC (37%) e no grupo dos *day-trippers* (35%), e ainda os reformados e as domésticas, correspondendo a 11% e 1% dos inquiridos respetivamente (Figura VIII.49), tendo os reformados uma representatividade maior entre os visitantes de Fronteira e entre os turistas (Quadro VIII.7).

---

<sup>279</sup> As áreas de formação foram reunidas e analisadas segundo a Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF) (Portaria n.º 256/2005 de 16 de março). As profissões foram reunidas e analisadas segundo a Classificação Nacional de Profissões 2010 (CNP 2010) (INE, 2011).

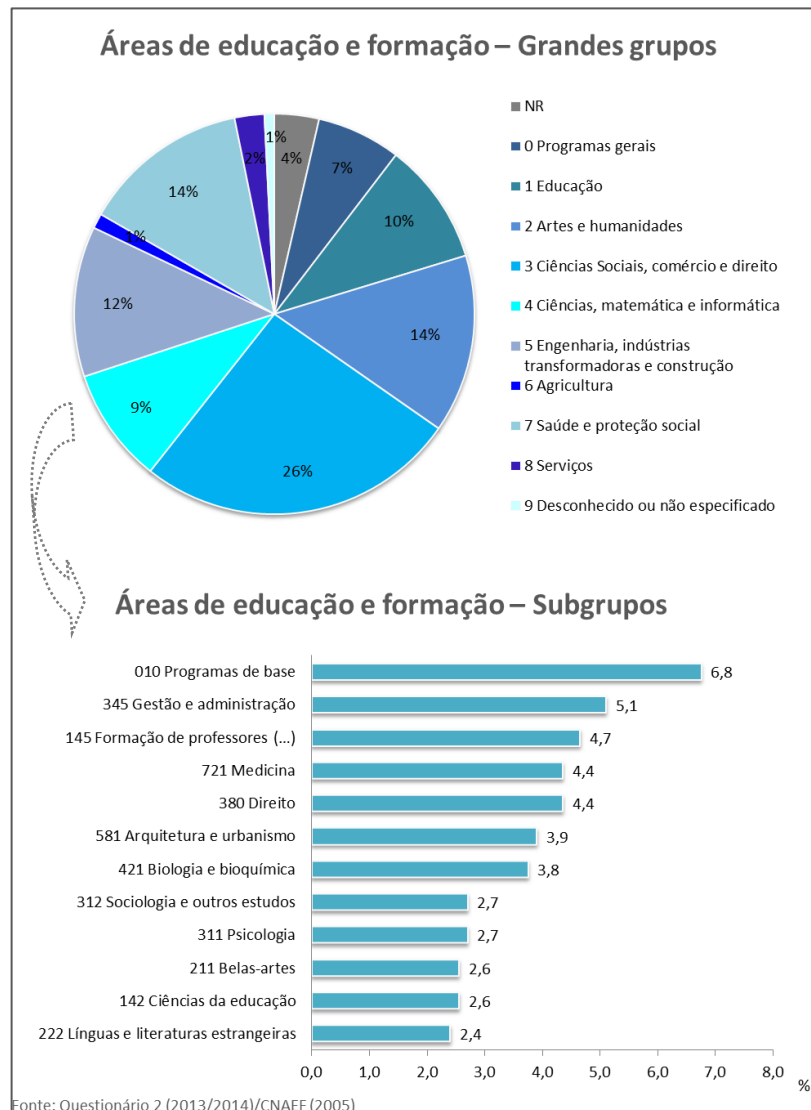


Figura VIII.48: Áreas de educação e formação dos inquiridos por grandes grupos e subgrupos

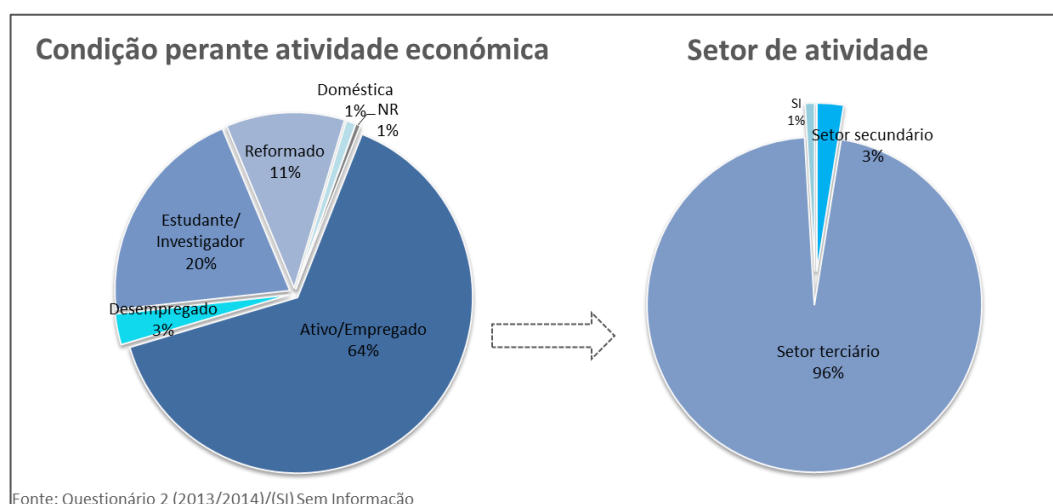


Figura VIII.49: Condição dos inquiridos perante a atividade económica e setores de atividade

O Quadro VIII.7 reúne muita da informação já entretanto avançada e representada graficamente, esclarecendo a relação de dependência, ou não, entre grande parte destas variáveis e os grupos em estudo definidos *a priori* nas hipóteses de investigação. Uma análise sintética e global da informação será realizada no ponto 8.2.6. deste capítulo, aquando da verificação das referidas hipóteses de investigação.

No que diz respeito à profissão principal exercida pelos inquiridos verifica-se também uma grande diversidade tendo-se identificado 27 sub grandes grupos de profissões e 58 subgrupos (Quadro AIV.91), com base na Classificação Nacional de Profissões de 2010.

Predominam os indivíduos *especialistas das atividades intelectuais e científicas* (grande grupo 2) que representam cerca de 41% do total da amostra. Os restantes grandes grupos identificados têm uma representatividade substancialmente mais reduzida. Ainda assim, na segunda posição surge o grande grupo 3 *técnicos e profissões de nível intermédio* com 5,1%, seguidos do *pessoal administrativo* (grande grupo 4) que corresponde a 3,9% da amostra. Estes dados permitem concluir que há uma evidente sobrerrepresentação do setor terciário, já que a quase totalidade dos indivíduos ativos exerce a sua atividade profissional no âmbito de profissões relacionadas com a prestação de serviços e uma pequena percentagem na área do comércio.

Uma análise mais apurada ao nível dos subgrupos mostra que dentro do grande grupo dos *especialistas das atividades científicas* há um sub grande grupo que se destaca, o dos *professores* (23), revelando que cerca de 11% dos inquiridos se dedica ao ensino, principalmente ao nível dos *ensinos básico (2º e 3º ciclos) e secundário* (4,5%). Ainda neste sub grande grupo surge na segunda posição os *especialistas das ciências físicas, matemáticas, engenharias e técnicas afins* (21) com 9,3%, nomeadamente o subgrupo *dos arquitetos, urbanistas, agrimensores e designers* (216) e dos *especialistas em engenharia* (214) que representam 4,1% e 3,9% dos inquiridos respetivamente. Os *especialistas em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais* (26) (9%) ocupam a terceira posição de importância, no qual se destaca o subgrupo 263 *Especialistas em ciências sociais e religiosas* com 3,3%. Uma menção deve ainda ser feita ao sub grande grupo 22 *Profissionais de saúde* (6,2%) mormente o subgrupo dos *médicos e outros profissionais de saúde* (Figura VIII.50).

No seio do grande grupo 4 *Pessoal administrativo* destacam-se os *empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados* (41) que representam 2,6% da amostra.

Quadro VIII.7: Perfil socioeconómico dos visitantes por jardim, tipo de visitante e época da visita

Variáveis (% coluna)	Jardins			Tipo de visitante			Época da visita		
	Serralves Nº %	JBUC Nº %	Fronteira Nº %	Turista Nº %	Day-tripper Nº %	P- value	Alta Nº %	Baixa Nº %	P- value
<i>Tipo de visitante</i>						0,000			0,096
Turista	233 70,0	85 42,5	112 84,2	-	-	-	283 66,9	147 60,5	
Day-tripper	100 30,0	115 57,5	21 15,8	-	-	-	140 33,1	96 39,5	
<i>Residência</i>						0,000			0,333
Nacional	132 39,6	121 60,5	24 18,0	45 10,5	232 98,3		170 40,2	107 44,0	
Internacional	201 60,4	79 39,5	109 82,0	385 89,5	4 1,7		253 59,8	136 56,0	
<i>Género</i>						0,635			0,512
Masculino	127 38,1	81 40,5	47 35,3	170 39,5	85 36,0		158 37,4	97 39,9	
Feminino	206 61,9	119 59,5	86 64,7	260 60,5	151 64,0		265 62,6	146 60,1	
<i>Idade</i>						0,000			0,110
18-39	155 46,5	127 63,5	47 35,3	171 39,8	158 66,9		211 49,9	118 48,6	
40-64	144 43,2	57 28,5	70 52,6	204 47,4	67 28,4		175 41,4	96 39,5	
65+	31 9,3	16 8,0	16 12,0	52 12,1	11 4,7		37 8,7	26 10,7	
<i>Habilitações académicas</i>						0,000			0,498
1º Ciclo	3 0,9	5 2,5	0 0,0	3 0,7	5 2,1		6 1,4	2 0,8	
2º Ciclo	2 0,6	2 1,0	0 0,0	0 0,0	4 1,7		2 0,5	2 0,8	
3º Ciclo	2 0,6	3 1,5	0 0,0	0 0,0	5 2,1		2 0,5	3 1,2	
Ensino Secundário	43 12,9	57 28,5	9 6,8	38 8,8	71 30,1		79 18,7	30 12,3	
Bacharelato	31 9,3	23 11,5	18 13,5	62 14,4	10 4,2		47 11,1	25 10,3	
Licenciatura	114 34,2	57 28,5	29 21,8	118 27,4	82 34,7		117 27,7	83 34,2	
Mestrado	111 33,3	35 17,5	53 39,8	158 36,7	41 17,4		125 29,6	74 30,5	
Doutoramento	25 7,5	16 8,0	19 14,3	45 10,5	15 6,4		39 9,2	21 8,6	
Outra	2 0,6	1 0,5	2 1,5	2 0,5	3 1,3		3 0,7	2 0,8	
<i>Condição perante atividade económica</i>						0,000			0,086
Ativo/Empregado	245 73,6	93 46,5	91 68,4	309 71,9	120 50,8		280 66,2	149 61,3	
Desempregado	7 2,1	11 5,5	1 0,8	4 0,9	15 6,4		8 1,9	11 4,5	
Estudante/Investigador	41 12,3	74 37,0	21 15,8	53 12,3	83 35,2		85 20,1	51 21,0	
Reformado	35 10,5	20 10,0	18 13,5	57 13,3	16 6,8		46 10,9	27 11,1	
Doméstica	2 0,6	2 1,0	2 1,5	4 0,9	2 0,8		4 0,9	2 0,8	

Nota: Não estão apresentados no quadro os valores de NS/NR relativos às variáveis *idade* (3 casos, todos em Serralves, no grupo dos turistas e na época baixa), *habilitações académicas* (4 casos: 1 no JBUC e 3 em Fronteira; os 4 no grupo dos turistas: 3 na época alta e 1 na época baixa) e *condição perante atividade económica* (3 casos, todos em Serralves, no grupo dos turistas e na época baixa).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)



Figura VIII.50: Profissões dos inquiridos segundo os subgrupos da CNP (2010)

Estes dados revelam ainda que as profissões menos qualificadas e não qualificadas têm uma reduzida expressão no total da amostra o que pode indiciar uma apetência e interesse menores destes indivíduos à visita a jardins em especial, e no fundo à cultura em geral uma vez que estes constituem expressões culturais, e aos jardins com entrada paga em particular.

No cômputo geral, e em linha com o que foi apurado por CONNELL (2002), FOX (2007) ou mais recentemente por BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), poder-se-á afirmar que o público de jardins tende a ter ocupações/profissões de nível mais elevado, fazendo pressupor uma igualmente elevada capacidade económica e nível/interesse cultural. Foram identificadas diferenças estatisticamente relevantes entre profissões (grandes grupos) e jardins ( $p=0,000$ ) e entre o tipo de visitante ( $p=0,000$ ), o que não se confirmou no cruzamento dos dados por época de visita ( $p=0,325$ ) (Quadro AIV.92). Verifica-se que na amostra de Serralves há uma predominância de atividades de nível intelectual superior (grande grupo 2

com 50%), que aliás se constata nos restantes embora com uma representatividade mais baixa, os estudantes e reformados constituem também um grupo importante de visitantes, para o qual contribui o facto dos primeiros não pagarem entrada e os segundos beneficiarem de desconto. No JBUC são os estudantes/investigadores que estão em superioridade, note-se ainda que tanto os grupos de profissões menos qualificadas ou não qualificadas assim como os desempregados e reformados têm uma representação expressiva no JBUC, o que pode ser explicado em larga medida devido à entrada e visita ser livre, já que estes grupos de indivíduos dispõem, em regra, de uma menor disponibilidade financeira para visitar estes espaços (Figura VIII.51).

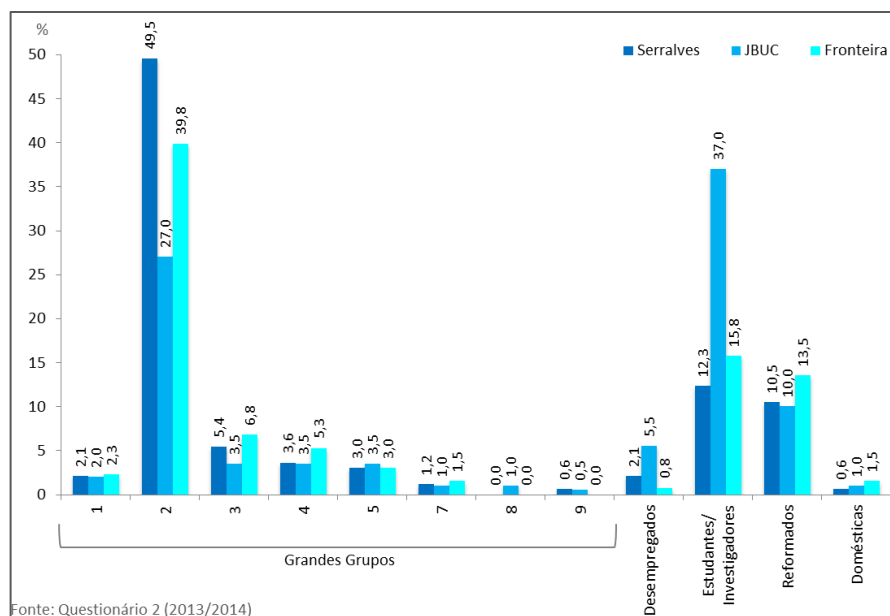


Figura VIII.51: Profissão dos inquiridos por jardim

De igual modo se verifica que no conjunto dos turistas há uma prevalência superior das profissões pertencentes ao já referido grande grupo 2 e no seio dos visitantes de um dia são os estudantes/investigadores o grupo com maior expressão (Quadro AIV.92).

## 8.2.2. Caracterização do visitante considerando a situação do dia do inquérito

### 8.2.2.1. Principais motivos da viagem/saída de casa e suas características

No que diz respeito à circunstância/situação do visitante no dia em que foram interpelados foram colocadas questões relativas ao primeiro motivo da viagem/saída de casa, à eventual situação de férias e ainda aos locais/atrações visitados ou a visitar antes e depois da

visita ao jardim por forma mais uma vez a perceber-se quem e em que situação visitam estes espaços e ainda o lugar do jardim no percurso efetuado.

Mais de metade (60,1%) dos inquiridos alegou estar de *férias* naquele momento, ainda que alguns conjuguem essa situação com a *visita a familiares/amigos* (2,3%), com *eventos culturais* (0,6%) ou *negócios* (0,5%), o que corresponde a uma percentagem em termos de ocorrências de cerca de 58%. O *simples passeio recreativo* foi o segundo motivo mais referido correspondendo a pouco mais de 24% da amostra. Dados que estão de acordo com o que BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) apuraram no estudo que fizeram, onde mais de metade dos seus inquiridos (52%) revelaram estar em férias e 42% numa viagem de lazer (*day-trip*).

De notar ainda que 4,8% dos visitantes apontaram razões de ordem *profissional*, cerca de 5% do total de ocorrências uma vez que se verificaram situações de conjugação com *férias*. A *visita a familiares e amigos* e a ocorrência de *evento cultural* completam o leque das razões mais apontadas. Outros motivos foram avançados por 6,3% dos inquiridos no qual se destacam as razões de ordem escolares/académicas, relacionadas em particular com o visitante que se definiu como estudante (Figura VIII.52).

A análise desta variável por jardim revelou que existem diferenças estatisticamente significativas entre si ( $p=0,000$ ). No Parque de Serralves há uma dispersão maior dos visitantes pelos motivos da viagem apresentados, embora dominem os visitantes que estão de férias assim como em Fronteira, já no JBUC, os visitantes em simples passeio recreativo sobrepõem-se aos que estão de férias. Os que saíram de casa por causa de algum evento cultural ou para visitar família e amigos têm maior expressão em Serralves. Os inquiridos, cuja viagem foi de âmbito profissional, destacam-se no JBUC assim como os que apresentaram motivos académicos (*Outro*) (Quadro AIV.93).

Os indivíduos que se assumiram em férias classificaram-nas de forma clara e inequívoca como *férias culturais*, materializando desta forma o turismo cultural. Este tipo de férias foi mencionado por cerca de 93% dos visitantes, correspondendo a uma taxa de ocorrência de perto de 68%, já que foi frequente a associação deste tipo com *férias de sol e praia* por cerca de 12%, e com *férias na natureza* por cerca de 11% dos inquiridos. Com alguma expressão surgem também as *férias na natureza*, de forma singular ou em conjugação, praticadas por cerca de 16% dos inquiridos em férias. De referir a baixa ocorrência de *férias de saúde e bem-estar* (7% da amostra total). Dentro da modalidade *Outro(s)* foram ainda referidas férias desportivas e *city-breaks*.



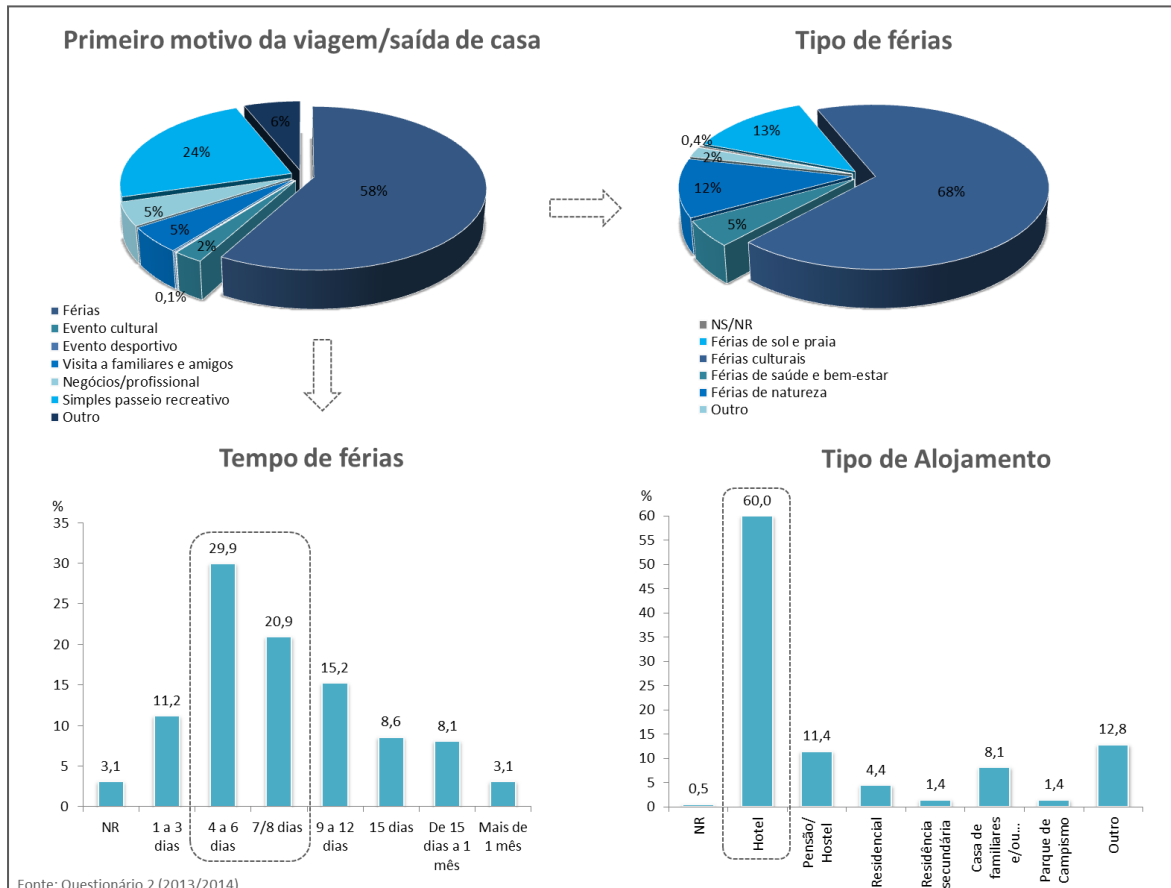


Figura VIII.52: Condição/situação do visitante quanto ao primeiro motivo da viagem, tipo de férias (sobre o total de ocorrências), tempo de férias e tipo de alojamento

Mais uma vez se percebe através destas questões que se trata de visitantes com níveis culturais elevados e cujo interesse, em tempo de férias, se foca essencialmente na cultura. Na considerada época alta do turismo (meses de verão), onde se esperaria encontrar visitantes cujo foco principal seria a praia, tal não se verificou, até porque apenas se registaram 6 inquiridos que referem o sol/praias como único tipo de férias a realizar.

Quanto aos períodos de férias dos visitantes em Portugal verificam-se algumas situações distintas. Temos um conjunto de inquiridos com férias de curta duração nomeadamente *1 a 3 dias* (11,2%) e *4 a 6 dias* (29,9%) compatíveis com os conhecidos *short-breaks* ou *city breaks* cada vez mais frequentes e possíveis pela democratização do transporte aéreo e a redução das distâncias. Todavia é também de ressaltar a alta percentagem de turistas que revela estar de férias por períodos entre *7 a 12 dias* (36,1%). Durante *15 dias* apenas 8,6% dos inquiridos e é de notar também os 3% que estendem as suas férias em Portugal por *mais de um mês*.

Perante este cenário concluir-se-á que o visitante de jardins o fará independentemente da duração do seu tempo de férias, já que se identifica um conjunto de inquiridos que, embora estando num curto período de férias, inclui nos seus destinos a visita a jardins (um ou mais), e outro conjunto de visitantes com mais tempo para usufruir que também incluem os jardins nos seus roteiros.

O *hotel* é o meio de alojamento, em período de férias, preferido pelos turistas, tendo sido referido por mais de metade dos inquiridos, 60%. Os meios menos qualificados na hierarquia dos alojamentos como *pensões/hostels* ou *residenciais* são preteridos pelos visitantes tendo apenas uma representatividade de 15,8% e são escolhidos na sua grande maioria por jovens estudantes. A *casa de familiares e/ou amigos* foi apontada por 8,1% e, dentro da categoria *Outro*, há a destacar os 5,4% que referiram alugar apartamento. Embora não tenhamos informação quanto à qualificação dos hotéis (5\*, 4\*, 3\* e 2\*), parece-nos evidente que a escolha deste meio de alojamento será mais um indício das capacidades económicas dos visitantes dos jardins.

A localização do alojamento revela que a grande parte dos turistas não se afasta muito dos núcleos urbanos centrais (Figura VIII.53). No caso de Serralves e Fronteira cerca de 91% dos inquiridos ficam alojados na cidade do Porto e Lisboa respetivamente. Em relação ao JBUC essa percentagem desce para os 82%, notando-se uma dispersão maior das localidades de acolhimento em termos de alojamento, registando uma distância média percorrida pelos turistas de cerca de 37 km, se se excluir o Porto (120 km) e Lisboa (206 km), os dois locais de alojamento mais distantes registados (62 km com a sua inclusão). Quanto a Serralves, o local de alojamento mais afastado (Lisboa) dista 313 km do jardim, verificando-se uma média de distância de 81 km, que desce para os 36 km ao descartar Lisboa e Coimbra, os pontos mais distantes. Em Fronteira, embora se tenha assinalado um turista cujo alojamento se localizava em Loulé (265 km), originando por isso uma distância média total de 61 km, a sua exclusão permite perceber que este jardim regista a menor distância média percorrida, cerca de 31 km.

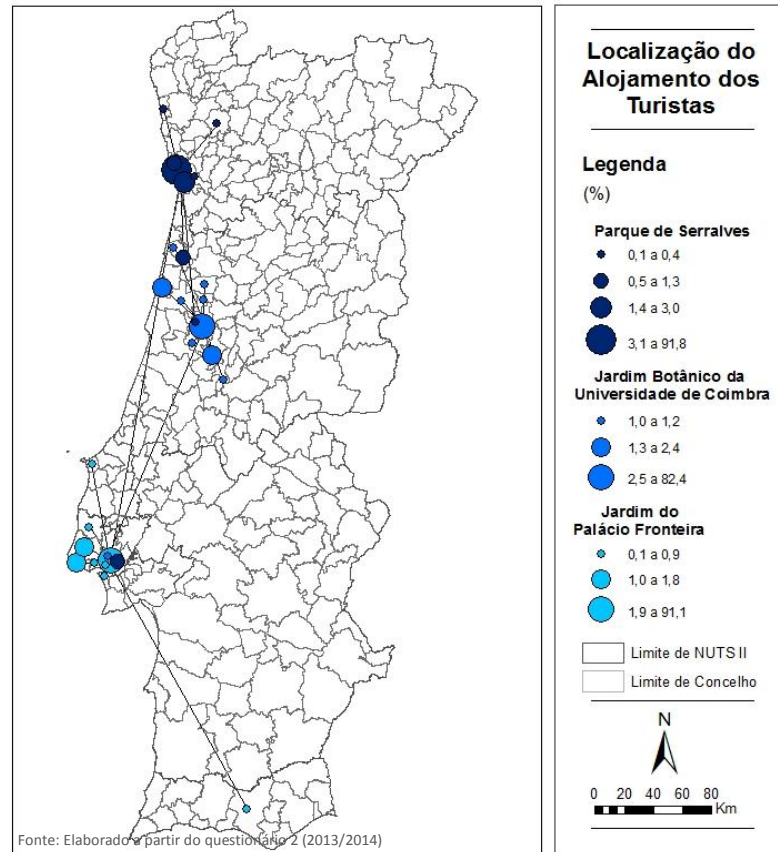


Figura VIII.53: Localização do alojamento dos turistas

### 8.2.2.2. Os percursos dos visitantes

Os três jardins em estudo localizam-se em três importantes centros urbanos sobejamente conhecidos pela sua atratividade. Segundo EDWARDS, GRIFFIN e HAYLLAR (2008), os destinos urbanos continuam a seduzir cada vez mais turistas com variadas motivações e interesses devido à sua multifuncionalidade e diversidade bastante atrativa. É justamente essa multiplicidade de atrações que materializa os destinos urbanos como espaços privilegiados da experiência de visita *multi-attraction*, tida como o padrão mais comum (HUNT & CROMPTON, 2008). Desta forma, “*The multifunctional city serves the user with multiple motivations*” (ASHWORTH & TUNBRIDGE, 2000: 59), este tende a incluir várias atrações no seu itinerário de visita, porque a limitação de tempo, característica de um turismo urbano de curta duração (*short-breaks*), induz o turista a ver o máximo possível no menor período de tempo (MANSFELD, 1990, citado em KOO, WU & DWYER, 2012).

A informação sobre o *movimento turístico* dos visitantes, ou seja, sobre os locais visitados pelos inquiridos antes e depois da visita a cada um dos jardins, permite não só

avaliar quais as atrações e/ou as principais áreas mais valorizadas na visita, assim como desenhar percursos. Com base nestes dados, embora não sejam exaustivos mas meramente indicativos, fruto da lembrança da ocasião, pode-se identificar ainda quem incluiu no seu percurso, naquele dia, outros jardins e/ou espaços verdes para além daquele em que foram abordados. Considera-se este um aspeto bastante importante na definição de estratégias conjuntas de divulgação e promoção dos jardins.

São em número expressivo os visitantes que declaram não ter visitado qualquer local/atração antes da visita ao jardim: 64% no global. Uma situação que é mais significativa em particular em Fronteira (86%) mas que domina nos três jardins. Pelo contrário, são muitos mais os que afirmam visitar outros locais depois do jardim, cerca de 56%. Mais uma vez o Jardim de Fronteira é o que se destaca com cerca de 75% dos inquiridos a visitarem outros sítios posteriormente; em Serralves também prevalece esta situação (57%) mas no botânico são um pouco mais os que não se dirigem a outros locais (Figura VIII.54). A análise dos dados permite perceber ainda que pouco mais de 1/4 dos inquiridos (28,4%) apenas visitam o espaço/jardim naquele dia.

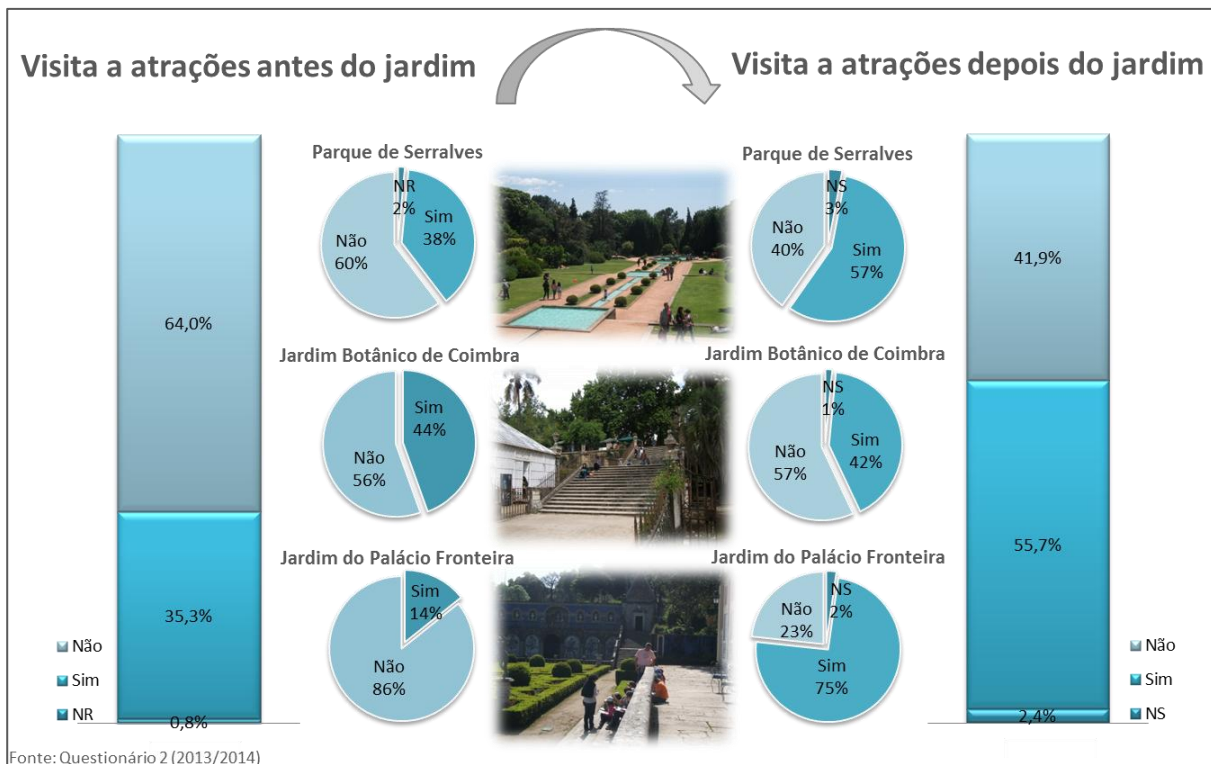


Figura VIII.54: Visita a locais/atrações antes e depois da visita ao jardim

Importa pois conhecer que locais/atrações são esses que os inquiridos visitam antes e depois da visita a cada um dos jardins, materializando desta forma o conceito de visita urbana *multi-attraction*, condizente sobretudo com os turistas que se encontram de férias.

No caso de Serralves, este fica na rota após a visita de locais como a Casa da Música, referida por cerca de 28% dos inquiridos no parque, segue-se o próprio Museu/Fundação Serralves (14,2%), a Baixa/Centro Histórico no seu todo e a Sé/Catedral do Porto em particular, cada um mencionado por 8% dos inquiridos. De entre o conjunto de espaços referidos pelos visitantes aparecem 3 jardins nos percursos anteriores ao parque – o Palácio de Cristal (3,9%), o Jardim Botânico do Porto (3,1%) e o Parque da Cidade (2,4%).

Depois do Parque de Serralves os inquiridos visitam com mais frequência a Casa da Música (14,8%), a Baixa/Centro Histórico (12,7%) no geral, e em particular a Torre dos Clérigos (7,4%) e a Sé (6,9%), a Zona e Cais da Ribeira (11,6%) e ainda as Caves de Vinho do Porto (10,6%) na margem de Gaia. No percurso posterior ao parque repetem-se os mesmos jardins, notando-se um reforço dos Jardins do Palácio de Cristal (4,2%).

Através da análise da Figura VIII.55, na qual se desenharam os fluxos/movimentos dos visitantes, poder-se-ão individualizar no território quatro eixos principais, com densidades diferentes, dentro dos quais circulam os visitantes:

1. Serralves  Baixa/Centro Histórico/Ribeira
2. Serralves  Boavista
3. Serralves  Gaia
4. Serralves  Foz

É evidente o efeito da proximidade geográfica entre os espaços e ainda a existência de estações de metro que, de forma fácil e célere, proporcionam as deslocações entre os pontos turísticos.

No caso do JBUC o destaque vai para a área da Universidade como o espaço mais visitado antes do jardim por cerca de 71% dos inquiridos, e que se repete nas visitas posteriores, mas com menor incidência (21,7%)<sup>280</sup>. Tal compreende-se uma vez que a Universidade se localiza na parte mais destacada da “Alta de Coimbra” constituindo o local mais turístico da cidade, sendo ainda o ponto culminante das principais subidas/percursos a partir da Baixa/Centro Histórico da cidade, área esta referida por 14,6% dos visitantes, num

<sup>280</sup> A este respeito note-se que um estudo conduzido por SIMÕES (2009) já havia identificado a Universidade (92,5%), o Centro Histórico (84,4%), a Sé Velha (71,9%) e o JBUC (55,0%) como os locais mais visitados da cidade de Coimbra.

dos quais surge a Sé Velha como o segundo local mais visitado antes do jardim (19,1%). Os visitantes do Botânico apontam um conjunto mais expressivo de espaços verdes visitados em relação aos visitantes de Serralves. Um total de sete, dentro dos quais se destaca o Penedo da Saudade e o Jardim da Sereia, ambos referidos por cerca de 7%, o Parque Verde do Mondego (5,6%), a Quinta das Lágrimas (2,2%) e o Buçaco (2,2%). A Quinta das Lágrimas reforça a sua representatividade (6%) no percurso que sucede ao jardim.

No caso do JBUC conseguem identificar-se três grandes áreas nas quais se movimentam os fluxos de visitantes (Figura VIII.56):

1. JBUC  Universidade
2. JBUC  Baixa/Centro Histórico
3. JBUC  Santa Clara

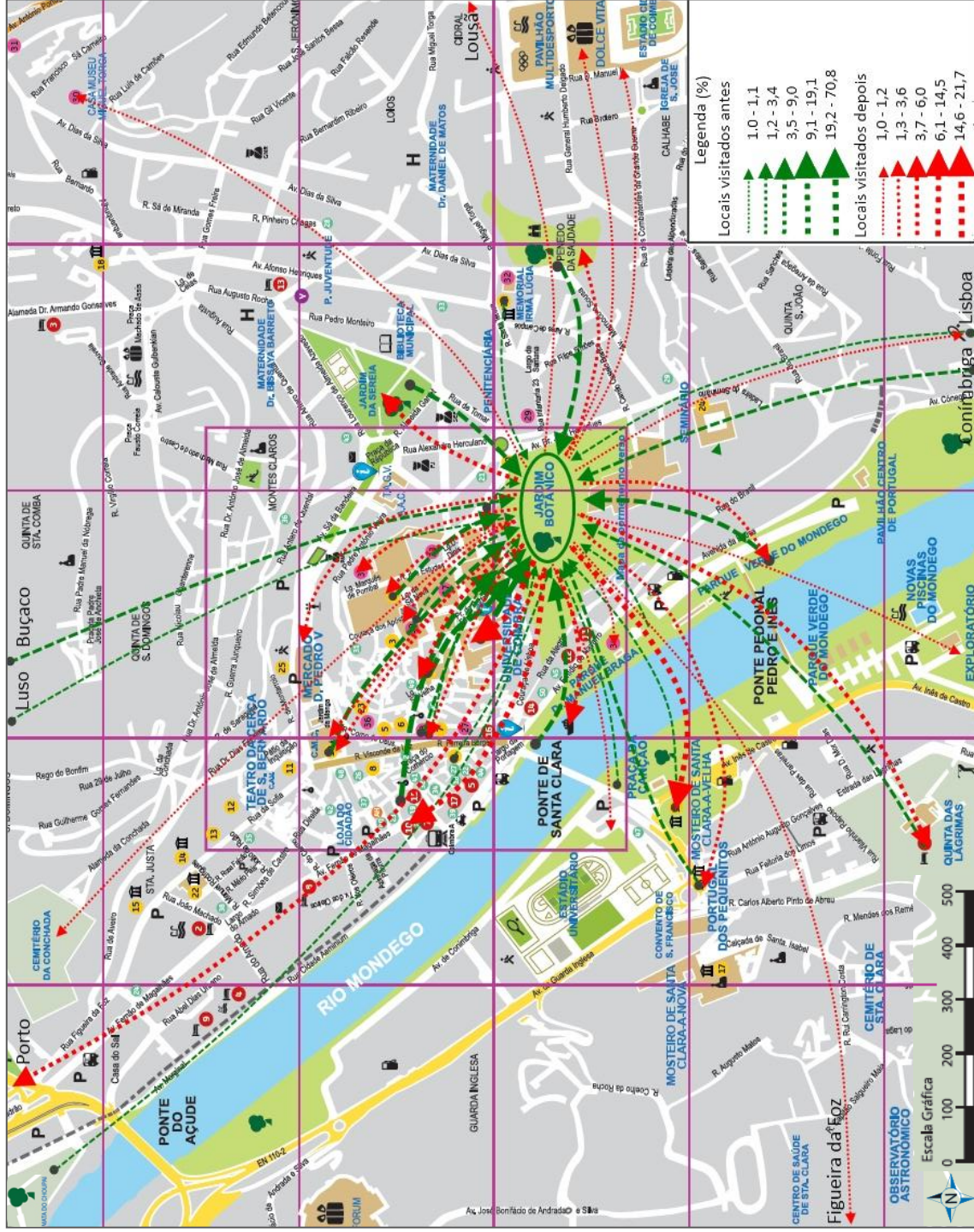
Já em Fronteira, a área de Belém e a Fundação/Museu Gulbenkian são os espaços visitados antes do jardim mais mencionados pelos visitantes (21,1% e 15,8% respetivamente). Uma referência deve ser feita ainda ao próprio Palácio Fronteira, ao Parque de Monsanto, Bairro de Alfama e Sintra, cada um indicado por cerca de 11% dos inquiridos. Neste caso, para além do espaço verde da Gulbenkian e do Parque de Monsanto, outros são referidos mas com uma expressão residual, ao nível do visitante único como por exemplo o Parque Eduardo VII ou Queluz.

Tendo em conta que o palácio está aberto apenas da parte da manhã, e sendo este o elemento principal na motivação da visita como se verá mais à frente, não será pois de estranhar que seja maior a diversidade de espaços visitados depois deste jardim, distribuídos um pouco por toda a cidade e arredores. De novo a Fundação/Museu Gulbenkian e a área de Belém são, de forma mais frequente, os destinos de visita dos visitantes de Fronteira, aos quais se acrescenta o Castelo de São Jorge e Sintra. Aliás, é de destacar o conjunto de jardins de Sintra que são visitados depois do Jardim de Fronteira. O desenho dos movimentos dos visitantes revela quatro percursos (Figura VIII.57):

4. Fronteira  Baixa/Centro Histórico
5. Fronteira  Belém
6. Fronteira  Sintra
7. Fronteira  Oriente



## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica



Fonte: Elaboração própria a partir de Questionário 2 (2013/2014)/Mapa Turístico de Coimbra (Turismo de Coimbra – endereço eletrónico, 2015)

Figura VIII.56: Atrações/Locais visitados antes e depois da visita ao JBUC, no dia da realização do questionário





Fonte: Elaboração própria a partir de Questionário 2 (2013/2014)/Mapa da Rede do Metropolitano de Lisboa (Metropolitano de Lisboa – endereço eletrónico, 2015)

Figura VIII.57: Atrações/Locais visitados antes e depois da visita ao Jardim do Palácio Fronteira, no dia da realização do questionário

### 8.2.3. Hábitos gerais de lazer e turismo do visitante

O lazer é uma necessidade humana com um papel preponderante na qualidade de vida dos indivíduos, e cada vez mais valorizado e pautado pela satisfação de necessidades, essencialmente no domínio do imaterial, sob uma perspetiva holística. Como tal, tende a ser preenchido com atividades que correspondam às expectativas que sobre ele se colocam.

No sentido de melhor conhecer o visitante de jardins, procurámos saber quais os hábitos em termos de atividades praticadas fora do tempo de trabalho e as principais atrações visitadas pelos visitantes destes jardins. Em particular que lugares ocupam a jardinagem, no conjunto de atividades lúdicas mais praticadas, e os jardins/parques, no conjunto de atrações turísticas mais visitadas pelos inquiridos.

Em relação ao primeiro item surge destacada a opção de *leitura*, uma atividade praticada por 60,5% dos inquiridos, correspondendo a 23% do total de ocorrências (Figura VIII.58), verificando-se em grande parte das vezes uma situação de conjugação de atividades, mormente com *andar/caminhar*, *cozinhar*, *ver televisão* e *outras*. Poder-se-á concluir que estamos perante indivíduos com elevado nível intelectual, já que dedicam parte do seu tempo livre à leitura.

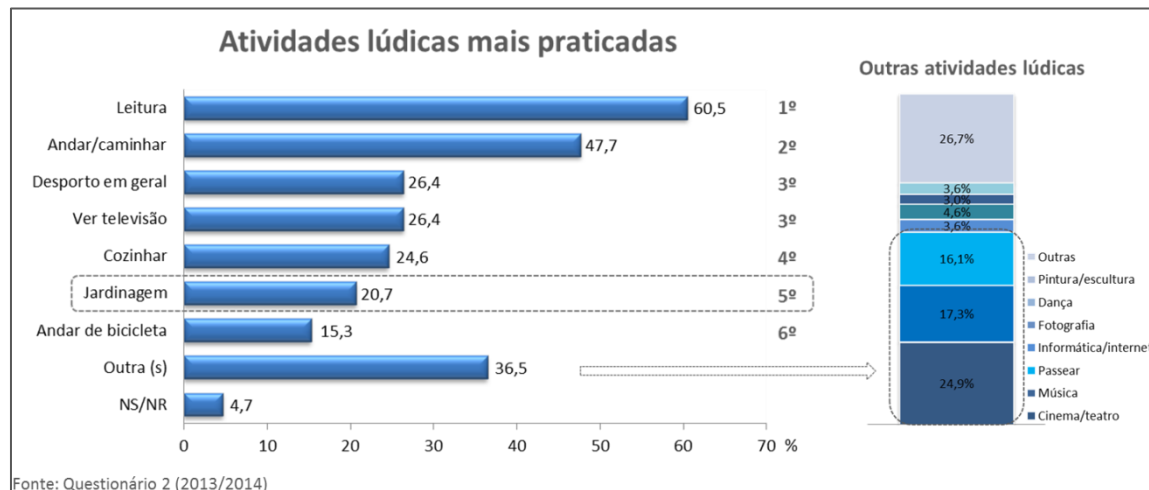


Figura VIII.58: Atividades lúdicas mais praticadas pelos visitantes, sobre o total de inquiridos

*Andar/caminhar* é também uma atividade bastante praticada (47,7% dos inquiridos) ocupando a segunda posição em termos de representatividade. A prática de *desporto em geral* e *ver televisão* também detêm alguma relevância com 10% cada uma no total de ocorrências. A *jardinagem*, considerada uma das atividades lúdicas mais praticadas em todo o mundo (BENFIELD, 2013), e a mais popular atividade ao ar livre no Reino Unido (EVANS, 2001),

ocupa o 5º lugar tendo sido apontada como praticada com regularidade por cerca de 21% dos inquiridos (7,9% no total de ocorrências). Esta atividade foi frequentemente associada à *leitura* e a *andar/caminhar*.

Outras atividades foram mencionadas por perto de 37% dos visitantes das quais se destaca o cinema/teatro, a música e o passeio em geral (Figura VIII.58).

Quando interpelados quanto aos principais locais turísticos visitados, do conjunto de opções disponíveis é clara a supremacia do *património construído* e dos *museus/galerias de arte* (Figura VIII.59). Mais de 70% dos inquiridos, em cada uma das situações, apontaram estas atrações como as mais visitadas, correspondendo a cerca de 22% e 21%, respetivamente, do total de ocorrências, tendo sido frequente a associação a outras atrações e entre elas. Vejamos, entre as principais destaca-se os *museus e galerias/património natural/locais religiosos/património construído* referida por 8,4% dos inquiridos, 8,0% mencionou *museus e galerias/património natural/património construído* e 6,9% conjugou *museus e galerias/património natural/locais religiosos/jardins e parques/património construído*. O *património natural* surge como terceira opção mais mencionada (67,7%) seguida dos *locais religiosos* (43,7%) correspondendo a uma percentagem de ocorrências de 20,3% e 13,1% respetivamente.

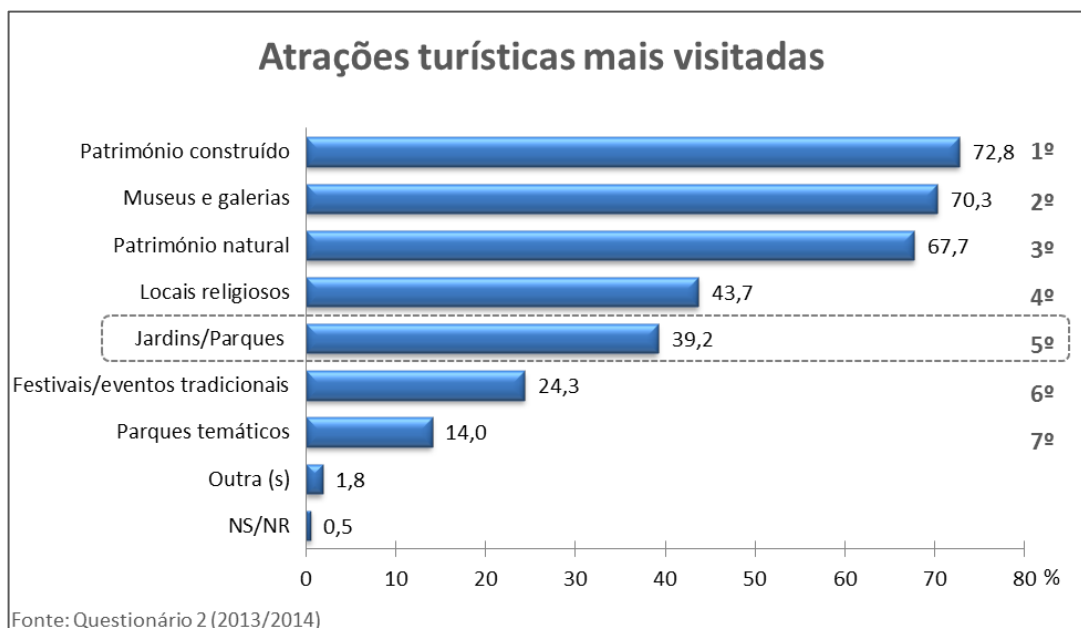


Figura VIII.59: Atrações turísticas mais visitadas pelos visitantes, sobre o total de inquiridos

Os *jardins e parques* (históricos ou não) ocupam a 5ª posição de importância no seio do conjunto de atrações disponível tendo sido referidos por 39,2% dos visitantes,

correspondendo a uma taxa de ocorrência de perto de 12%, já que se verificou igualmente a associação deste tipo de espaço com outros. Todavia, enquanto espaço único de visitação foi apontado por 2,3% dos inquiridos, só suplantado pelo *património construído* (2,7%). Os *jardins e parques* surgem de forma maioritária associados aos *museus*, ao *património construído* e ainda ao *património natural*. De destacar a mencionada conjugação entre *museus e galerias/património natural/locais religiosos/jardins e parques/património construído* (6,9%), *museus e galerias/património natural/jardins e parques/património construído* (2,8%) e *museus e galerias/jardins e parques* (2,6%).

A visitação/frequência de *festivais/eventos tradicionais e parques temáticos* foi mencionada por 24,3% e 14% da amostra, representando 7,3% e 4,2% respetivamente do total de ocorrências, sendo que os segundos foram sobretudo referidos por estrangeiros.

Estes resultados indicam que o tipo de visitante que os jardins atraem revela uma inequívoca propensão para a visita a atrações culturais e naturais, uma conclusão também apurada por CONNELL (2002) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012).

#### **8.2.4. Hábitos de lazer e turismo específicos sobre jardins**

Segundo EVANS (2001), os visitantes de jardins são na sua maioria praticantes de jardinagem e indivíduos que vivem no campo ou em áreas urbanas mas com casas com jardim, portanto proprietários de jardins. Desta forma é importante perceber se o visitante inquirido para este estudo é também ele proprietário do seu próprio jardim, no sentido de se tentar estabelecer uma relação entre a propriedade de jardim, a propensão para a visita a jardins e a frequência de visita a jardins. Procurou-se ainda saber se o visitante do jardim gosta da atividade que lhe está subjacente, a jardinagem, e perceber se existe relação entre o gosto pela jardinagem, a sua prática efetiva e a frequência da visita a jardins e o género e grupos etários.

##### **8.2.4.1. Hábitos de visita a jardins**

Os dados recolhidos permitem concluir que se verifica um certo equilíbrio entre a existência e a inexistência de jardim em casa, embora com prevalência da existência em 52,4% dos visitantes, situação que ocorre também na questão da sua prática com 51,8% a

afirmar que a pratica<sup>281</sup>. Quanto ao gosto pela jardinagem bem mais de metade (67,6%) declara gostar da atividade (Figura VIII.60).

Enquanto CONNELL (2002) conseguiu detetar uma relação forte entre a visitação e a propriedade de jardim (95% dos visitantes eram proprietários), neste estudo essa relação não surge de forma tão explícita.

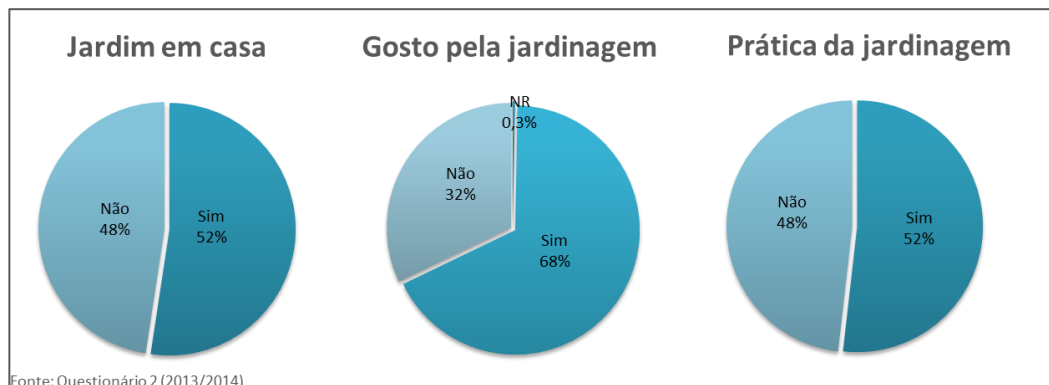


Figura VIII.60: Existência de jardim em casa, gosto e prática da jardinagem

Neste âmbito a diferença está em Serralves em que é maior a percentagem de inquiridos que refere não ter jardim e por conseguinte a que não pratica jardinagem, embora tanto neste como no JBUC haja um certo equilíbrio nas três variáveis, enquanto no Jardim de Fronteira é bastante maior a vantagem do sim sobre o não, nas mesmas.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre géneros nestas três questões ( $p=0,563$ ;  $p=0,668$ ;  $p=0,988$ ), mas foram identificadas diferenças entre os estratos etários ( $p=0,000$ ;  $p=0,001$ ;  $p=0,000$ ), revelando desta forma que é o grupo de visitantes entre os 40-64 anos, que mais são proprietários de jardins e que revelam um interesse e prática maior por jardins e jardinagem (Quadro AIV. 107).

Foi solicitado aos inquiridos que se definissem, de forma geral, enquanto visitantes tendo em conta a frequência da visita a jardins. Cerca de 2/3 da amostra assume-se como visitante habitual de jardins, os restantes 34% afirmam visitar este tipo de espaços de forma ocasional.

No que diz respeito às tendências gerais de frequência de jardins conclui-se que a visita é sobretudo de assiduidade mensal uma vez que 31% o faz com esta regularidade. Porém, a frequência anual também regista uma representatividade elevada, em particular na

<sup>281</sup> A este respeito, acrescenta-se, embora não fizesse parte do questionário esta abordagem, que algumas pessoas referiram fazê-lo apenas por obrigação.

opção *duas ou mais vezes por ano*, eleita pelos visitantes que o fazem diversas vezes ao ano, embora não tantas que justifique um registo mensal. Digno de nota são os 4% de inquiridos que visita jardins *todos os dias* e os cerca de 19% que o faz *pelos menos uma vez por semana* (Figura VIII.61).

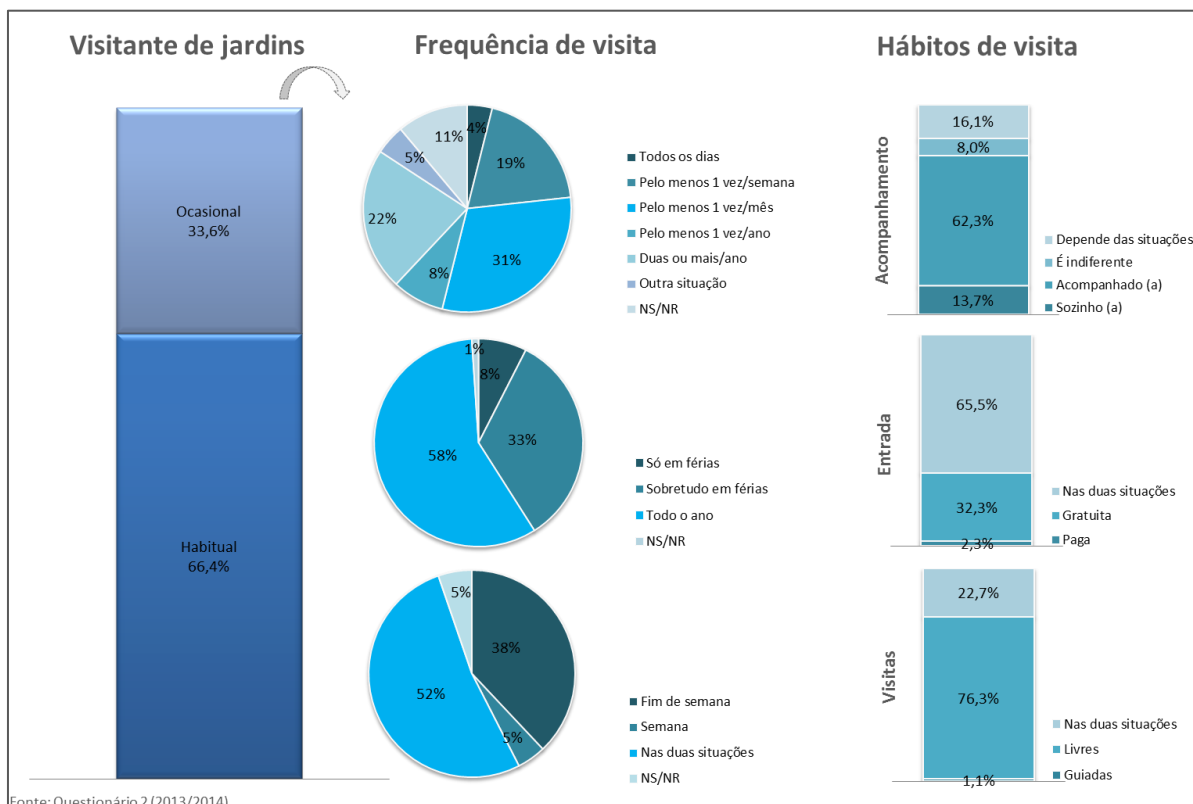


Figura VIII.61: Visitante segundo a frequência e hábitos de visita

Mais de metade da amostra revela que visita jardins *todo ano*, independentemente da situação de férias, facto que aliás apenas 8% evidenciaram, e do dia da semana. Todavia é de notar os 38% de inquiridos que visita jardins em especial ao *fim de semana*, uma vez que se trata do período de tempo livre por excelência, e por tradição dedicado à saída e à família. Esta situação é corroborada pelo facto de mais de metade da amostra (62,3%) costumar visitar jardins *acompanhado(a)*, sendo que apenas 14% o faz de forma individual. Tal sugere que a visita a jardins é, de uma forma geral, uma atividade de cariz grupal e residualmente de cariz solitário.

Quanto aos hábitos de visita dos inquiridos importa ainda evidenciar a sua tendência para a visita de jardins com entrada *gratuita* (32,3%), muito embora para a maioria dos visitantes seja indiferente (65,5%) visitando em qualquer uma das situações. Note-se que, num universo de 666 inquiridos apenas 15 (2,3%), na quase totalidade estrangeiros e turistas

declararam que têm por hábito visitar jardins com entrada *paga*, revelando desta forma intenção e motivação clara e concreta de visita. Acrescenta-se ainda a alta propensão para a visita e apreciação dos jardins de forma *livre*, sendo residual a percentagem de inquiridos (1,1%) que costuma usufruir e conhecer jardins através de visita *guiada*, cerca de 23% revela ainda que tanto desfruta dos mesmos de forma guiada como livre.

Temos então um diversificado espectro de visitantes no que diz respeito à frequência e hábitos de visita que é essencial aos responsáveis dos jardins conhecer para que possam responder às necessidades e expectativas desse público, da forma mais ajustada possível. Vejamos, se o mercado atraído por jardins tem por hábito frequentar jardins com uma regularidade mensal será imperativo que se criem motivos diferentes para a visitação a cada mês, quer seja ao nível das atividades disponibilizadas, quer ao nível do “espetáculo florístico” proporcionado. O marketing e a divulgação são componentes importantes para uma estratégia bem sucedida neste âmbito. Se se trata de um público que visita acompanhado então há que criar atrativos para os jardins serem usufruídos a dois, se prefere visitar de forma livre, os jardins que em regra apenas realizam visitas guiadas deverão criar condições para que essa visita possa ser feita livremente e assim assegurar/aumentar este tipo de visitante.

Cerca de 65% da amostra, na maioria portugueses, informou que já visitou outros jardins para além daquele onde se encontrava. Das várias referências assinaladas, foi possível contabilizar cerca de 100 jardins dispersos por todo o país, embora com especial incidência nas áreas do Porto e Lisboa, crê-se que em muito influenciado pela própria localização do jardim base da inquirição. Tendo em conta o número de ocorrências, de um universo bastante diversificado de parques públicos/urbanos, quintas de recreio, jardins botânicos entre outros, destaca-se o conjunto de jardins da área de Sintra, os jardins do Palácio de Cristal, o Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, o Parque de Serralves e o Jardim Botânico do Porto (Quadro AIV.117). Quase 90% acrescentou que também já visitou jardins no estrangeiro e os 12% que responderam de forma negativa são sobretudo portugueses.

A propósito ainda dos hábitos de lazer relacionados com jardins e jardinagem achou-se pertinente perceber se o visitante se limita apenas a visitar jardins ou se é um interessado ou até entusiasta do tema e por isso é também visitante/frequentador de outro tipo de atrações/atividades/situações ou membro de associações/organizações relacionadas com jardins e jardinagem. Note-se que, a este respeito, EVANS (2001) admite que os potenciais turistas de jardins por exemplo frequentam festivais e eventos de jardins e jardinagem, são membros de associações nacionais/locais relacionadas ou a iniciativas “Amigos de...”.

De entre as opções disponibilizadas apenas cerca de 19% dos inquiridos afirmaram nunca ter visitado nenhuma delas. Os restantes 80% responderam de modo positivo e hierarquizaram por ordem de importância, tendo em conta o número de ocorrências, as *estufas* (44%), os *viveiros/centros de jardinagem* (23%), os *festivais de jardins/flores* (21%) e os *eventos de jardinagem* (12%). As *estufas* destacam-se no conjunto tendo sido mencionadas por cerca de 85% dos inquiridos. Verifica-se que estas foram sobretudo conjugadas com *viveiros/centros de jardinagem* (14,3%) e com *festivais de jardins/flores* (9,9%). É surpreendente a proporção que esta última situação toma no conjunto, quando não se trata de um evento vulgar quando comparado com as restantes opções mais comuns e conhecidas, ocupando a terceira posição no total de ocorrências, mas foi a segunda situação mais referida de forma individual (5%) (Figura VIII.62).

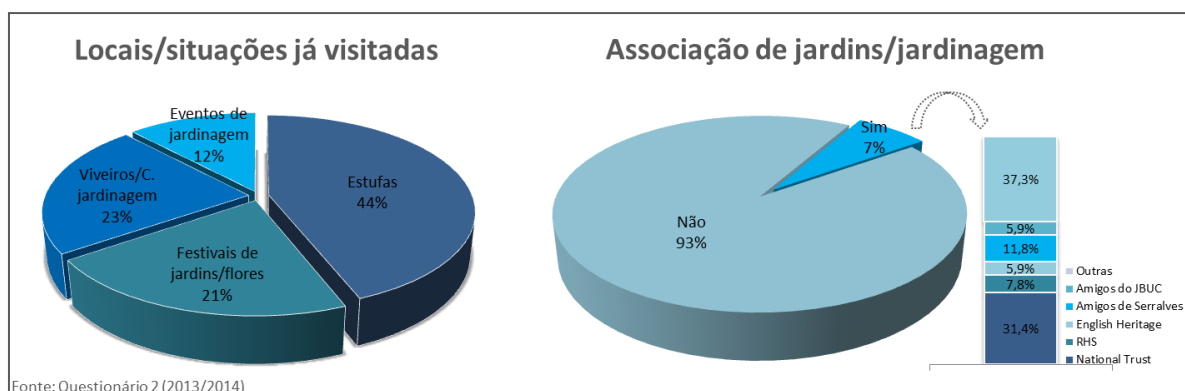


Figura VIII.62: Locais/situações visitadas e filiação em associações de jardins/jardinagem, sobre o total de ocorrências

No seguimento do que é o interesse e envolvimento dos visitantes com este universo, tentou-se ainda perceber se o tipo de visitante inquirido tem uma relação mais estreita com jardins e jardinagem através da filiação a associações relacionadas. Os dados revelam que 93% não é sócio ou faz parte de qualquer associação ou organização, sendo diminuta a representatividade dos que responderam de forma positiva (Figura VIII.62), que são na sua grande maioria, cerca de 85%, estrangeiros. O *National Trust* (Reino Unido/Nova Zelândia) encabeça a lista com 34,8% dos inquiridos a declararem-se membros da mesma (31,4% das ocorrências). Aliás, o Reino Unido é o que mais associações tem representadas no conjunto de inquiridos, para além desta, alguns dos visitantes são membros da *Royal Horticultural Society* (*RHS*) (a terceira mais mencionada), da *English Heritage* (a quarta mais mencionada), da *Garden History Society* e da *Natural Heritage*, estas últimas referidas apenas por um visitante



cada uma. De referir que quatro indivíduos revelaram ser membros de mais de uma associação verificando-se uma combinação entre o *National Trust*, a *RHS* e a *English Heritage*.

A nível nacional, os *Amigos de Serralves* foi a segunda mais apontada a que se acrescenta ainda a *Liga dos Amigos do Jardim Botânico de Coimbra*, totalizando um conjunto de cinco associações de origem portuguesa. Uma nota deve ser feita ainda às duas organizações holandesas referidas, a *Volkstuin Vereniging* e a *Holland Garden Club*.

#### 8.2.4.2. As motivações para a visita a jardins – perspetiva geral

Cada um dos visitantes tem um conjunto mais ou menos heterogéneo de representações e significados que atribui ao espaço jardim que, direta ou indiretamente, influenciam e estão subjacentes à sua visita, e que diferem de visitante para visitante induzindo assim a interpretações e a experiências igualmente diferentes, para além de que a diversidade de jardins existentes suscita interesses diversos levando a que a visita ocorra por variadas razões. Ora vejamos, quando questionados sobre o principal motivo para a visita a jardins, vários foram avançados pelos inquiridos, registando-se de forma frequente referências múltiplas, o que está em linha com o que CONNELL (2004: 232) defende “(...) *in reality motivation and experiences result from a multi-faceted range and combination of factors*”, levando a autora a rejeitar uma visão simplista e redutora sobre as motivações da procura com relação a jardins, evocando mesmo HADFIELD (citado em HUNT, 1964) que descreve o visitante de jardins como “(...) *he or she who loves a garden instinctively without knowing why*”. De facto esta foi uma explicação apresentada algumas vezes durante a aplicação do inquérito: “porque gosto de jardins, não sei porquê, mas gosto”. Este tipo de resposta ilustra bem a dificuldade que é identificar e isolar motivos para a visita a jardins, já que está “(...) *intrinsically associated with emotions, attitudes and very personal factors, in addition to more tangible aspects of attraction management, and such experiences are notoriously thorny to research*” (CONNELL, 2004: 232).

A análise apurada das respostas dos inquiridos permitiu desde logo definir sete grandes grupos de motivos para a visita a jardins: *paz, tranquilidade e descanso* (32%), *natureza/contacto com a natureza* (30%), *beleza/estética* (16,3%), *realizar atividade específica* (7,5%), *cultura/conhecimento/aprendizagem* (5,6%), *interação social* (3,9%) e *outros motivos* (3,4%) (Quadro AIV.113). No seu desdobramento chegou-se a um conjunto de

cerca de 40 motivos para a visita a jardins. A Figura VIII.63 revela os 10 principais, sobre o total de ocorrências.



Figura VIII.63: Principais motivos da visita a jardins apontados pelos inquiridos, sobre o total de ocorrências

Tal como já se havia constatado em estudos sobre esta temática, o carácter geral da motivação é bastante superior à motivação específica. A maioria dos visitantes (45%) aponta a *paz, tranquilidade, descanso, sossego* como a principal razão motivadora da visita destes espaços, correspondendo a 23,5% do total de ocorrências. Esta foi sobretudo conjugada com a *natureza/contacto com natureza*, motivo este que surge em segundo lugar no total de ocorrências (14,5%) tendo sido referido por 27,8% dos inquiridos, e com a *beleza/estética do lugar* que fecha a tríade dos principais motivos com 11,1,% das ocorrências, apontado por 21,3% da amostra. Note-se que há uma grande diferença, em termos de número de ocorrências e número de inquiridos a referir, dos principais motivos para os restantes, demonstrando bem o peso destas dimensões no ato da visita a jardins. Os resultados revelam, desta forma, a importância que esta trilogia de motivos e a sua conjugação tem para os visitantes e para a experiência da visita, sendo transversal a vários estudos (Quadro V.6, ponto 5.4.3.1. do capítulo V). A este respeito note-se que OLMSTED (1865, citado em ASHTON-SHAEFFER & CONSTANT, 2006: 2) outrora constatou que o contacto visual com a natureza é benéfico tanto emocionalmente e fisiologicamente, afirmando mesmo que a natureza “*employs the mind without fatigue and yet exercises it; tranquilizes it and yet enlivens it; and*

*thus, through the influence of the mind over the body, gives the effect of refreshing rest and reinvigoration to the whole system”.*

Numa posição destacada (4º lugar) surge o motivo compósito referente a *flores, árvores, plantas, flora, botânica* que reuniu 16,1% dos inquiridos correspondendo a 8,4% do total de ocorrências. Note-se que nos estudos citados no capítulo V as motivações relacionadas com estas questões tinham uma representatividade baixa, com exceção de FOX (2007).

São dignos de nota outros motivos avançados pelos visitantes relacionados com o *passeio, lazer e recreio* apontado por 6,8% (3,5% das ocorrências), a procura de *ar puro* numa tentativa de *fugir e afastar da confusão, ruído e poluição da cidade*, a *arquitetura e design* do jardim, o facto de ser um *espaço exterior*, de poder *estar ao ar livre* conferindo uma sensação legítima de *liberdade*, as *crianças* e o poder interagir mais livremente com elas nestes espaços, o *silêncio*, a *saúde e o bem-estar* proporcionado pelos jardins, o *verde*, os *sons da natureza*, os *perfumes e aromas* e o facto de serem fontes de *ideias/inspiração para os seus próprios jardins*.

Menos referidos, mas também importantes para a perceção da multifuncionalidade dos jardins, surgem os motivos: *passear o cão, escrever, usufruir de atividades disponibilizadas, motivos profissionais, namorar, estudar*, a sua *notabilidade*, *conversar, motivos culturais, fazer picnic, fazer exercício*, pela *possibilidade de estar só*.

São motivos intimamente relacionados com o que os visitantes esperam que os jardins lhes proporcionem. Este conjunto de motivos não é muito diferente dos aspetos que são apresentados posteriormente pelos inquiridos quando questionados sobre o que os jardins oferecem de diferente face a outras atrações turísticas. Aliás, esta harmonização de tendências sobre o universo jardins estende-se de igual modo aos efeitos positivos dos jardins e às palavras que os inquiridos apontaram para definir jardim.

Quanto aos aspetos positivos dos jardins, no ponto 1.3.2. do capítulo I foram abordados os vários efeitos positivos dos jardins e a diversos níveis mormente físico e psicológico. Quando interpelados acerca dos principais aspetos positivos da visita a jardins os inquiridos são claros e inequívocos ao destacarem os *momentos de paz e evasão* e o *contacto com a natureza*. O primeiro é referido por 79,4% dos indivíduos e o segundo por 65,8%, correspondendo respetivamente a 36,1% e 29,9% sobre o total de referências, sendo inclusive a associação entre os dois a que reuniu mais menções (19,8%). É de notar também a elevada

percentagem de inquiridos que não conseguiu destacar nenhum tendo por isso selecionado todas as opções (14,3%) (Quadro AIV.119).

#### 8.2.4.3. As representações e significados dos jardins

Voltando às representações, já atrás afluídas, é facto que estas ajudam a explicar o porquê da visita a estes espaços. Cada visitante identifica “jardim” com determinado conceito ou emoção e são esses conceitos e emoções que se crê que devem ser tidos em conta pelos responsáveis de modo a que as expectativas colocadas sobre os jardins e sobre a sua visita sejam satisfeitas, a experiência concretizada de forma positiva e a lembrança futura da visita provoque um retorno agradável a essas emoções, tal como a vontade de regresso.

Na opinião de WEGNER (2010) as plantas evocam memórias e como tal os jardins constituem lugares de ligação sentimental e de nostalgia. Todo o universo “jardim” alimenta o imaginário do regresso à natureza e ao “paraíso perdido” facilitando esse contacto mais estreito pelo simbolismo que se reveste (NYS, 1999; HEWER, 2003). Por isso não será de estranhar que a grande maioria dos visitantes defina, traduza ou identifique os jardins com *verde, natureza, paz, calma, tranquilidade*. A análise mais apurada das cerca de 1880 palavras/expressões mencionadas pelos inquiridos permitiu agregá-las e determinar 10 grandes dimensões<sup>282</sup> (Figura VIII.64).

Aquela que se definiu como emocional/psicológica, estreitamente relacionada com estados de alma, questões mais pessoais e psicológicas, está sobrerrepresentada em relação às restantes, reunindo a maior parte das definições de jardim avançadas pelos inquiridos, cerca de 37% do total de ocorrências. Nesta dimensão ganham destaque os termos *paz, calma e tranquilidade*.

As sensações são igualmente valorizadas pelos inquiridos no que diz respeito a jardins pois cerca de 16% das definições dadas enquadram-se neste âmbito, em especial *verde, cor(es) e aromas/cheiros/odores*.

Cerca de 40% dos visitantes revela que jardins significam *natureza e ar puro*, expressões que fazem parte da dimensão a que se denominou de natural e que corresponde a 15% do total de ocorrências, a mesma percentagem que os descreve apenas como *beleza*, integrada na dimensão estética/artística que representa 14,2%. Importante também é a identificação ao nível da flora/botânica, que se posiciona em 5º lugar, correspondendo a 10,4% do total de ocorrências na qual surgem destacadas as definições *flores e árvores*.

---

<sup>282</sup> Algumas definições enquadravam-se em mais do que uma dimensão, todavia optou-se pela inclusão na dimensão que mais se ajustava em termos de afinidades globais.

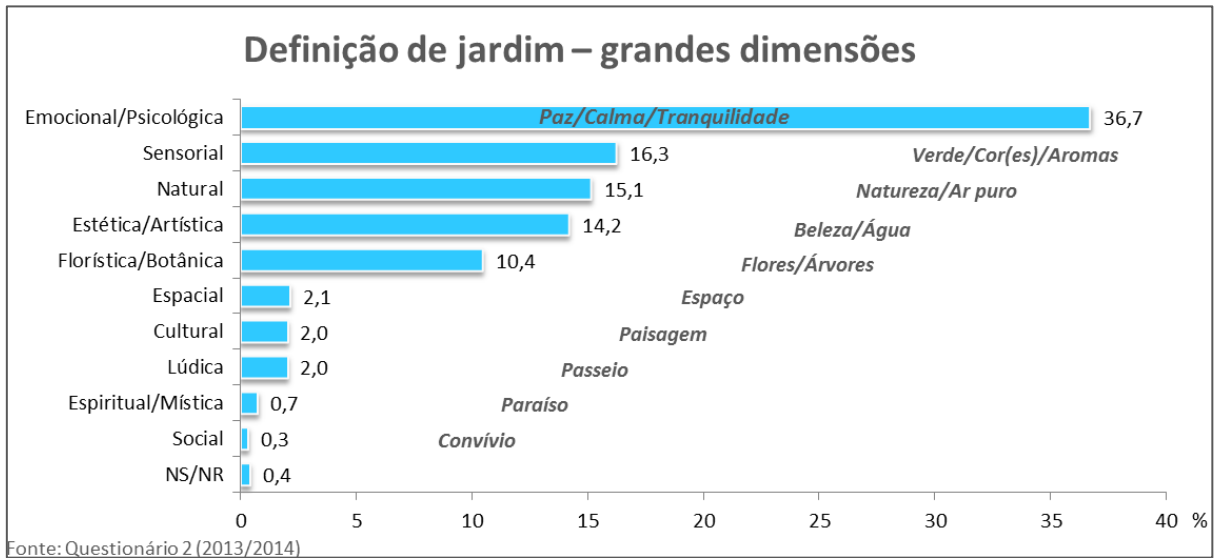


Figura VIII.64: Definição de jardim por grandes grupos, sobre o total de ocorrências

Com menor representatividade estão as dimensões espacial (2,1%), cultural (2,0%), lúdica (2,0%), espiritual/mística (0,7%) e social (0,3%). A dimensão lúdica surge nos últimos lugares, embora se admita uma proximidade em termos conceptuais com a dimensão social.

POUYA *et al.* (2015), num questionário endereçado aos visitantes do jardim histórico *El-Goli* (Irão) a respeito do que o jardim significava para a cidade e a sua população, apuraram que este era sobretudo identificado como símbolo da natureza (*symbol of nature*) levando os autores a justificarem esta tendência com a existência de uma grande taxa de urbanização na cidade, mormente muitos edifícios construídos e poucos espaços verdes, potenciada pelo aumento da pressão populacional e a crescente necessidade de espaços abertos. O segundo conceito de jardim mais referido neste estudo foi “lugar de lazer e recreação” que, curiosamente, surge no nosso estudo com uma importância residual no conjunto das grandes dimensões apuradas.

De facto, a urbanização das últimas décadas tem literalmente “engolido” muitos espaços verdes, outrora existentes nas orlas do tecido urbano, resultando na maior parte das vezes até na sua completa destruição. Esta identificação de jardim com natureza, com verde mas também com paz e sossego por parte dos inquiridos, não é mais do que a tradução de um íntimo desejo de regresso e contacto com a natureza há muito perdido para o betão que nos invade as vistas das janelas, que esconde e camufla o chão que pisamos, que se impregna no ar que respiramos, mas também que se imprime no estilo de vida que adotámos. Tendo em conta que a grande maioria dos visitantes inquiridos reside em ambientes citadinos, não será

pois de estranhar que para eles “jardim” signifique paz, calma, verde, natureza, ar puro, tudo aquilo que não têm no seu dia a dia, como por exemplo referiu uma turista de Hong Kong.

No término deste grande grupo de questões relacionadas com a visita e usufruto de jardins procurou-se saber junto dos visitantes o que os jardins oferecem de diferente em relação a outro tipo de atrações turísticas. A *paz, tranquilidade e sossego* assim como a *natureza e o contacto* com a mesma continuam a ocupar as posições cimeiras (32,1% e 18,9% das ocorrências respetivamente), tendo sido mencionados, cada um, por cerca de 52% e 31% da amostra, com um distanciamento considerável dos restantes (Figura VIII.65).

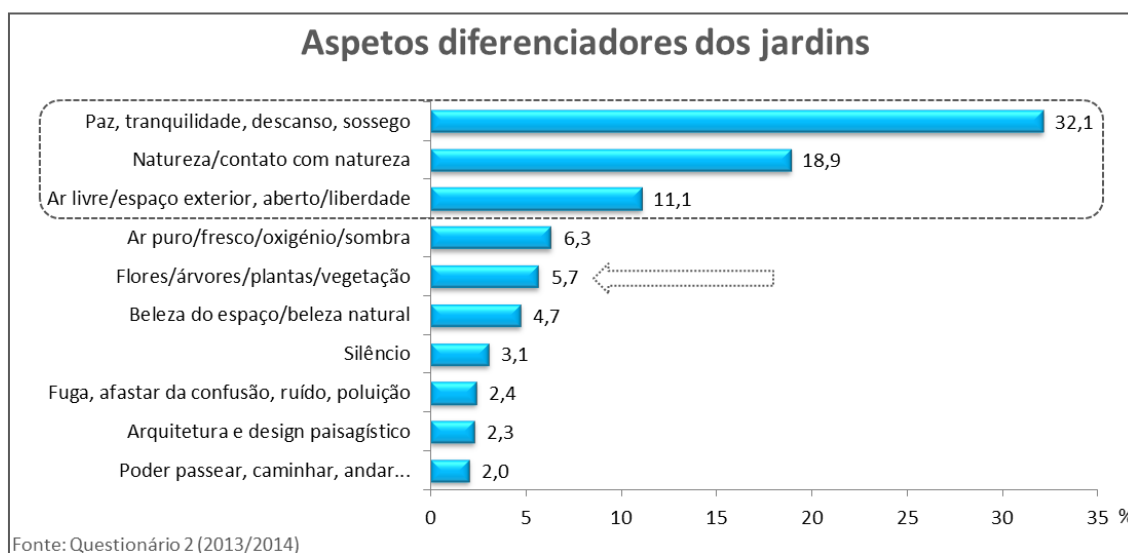


Figura VIII.65: Aspectos diferenciadores dos jardins, sobre o total de ocorrências

O facto de poderem estar ao *ar livre*, num *espaco exterior e aberto* é registado por cerca de 18% dos inquiridos e o *ar puro, o oxigenio e frescura* foi lembrado por 10% (11,1% e 6,3% no total de ocorrências) como elementos diferenciadores. Curiosa é a importância dada ao que efetivamente dá “corpo ao jardim” ou seja as *árvores, flores, plantas...*enfim vegetação, surgindo apenas em 5º lugar.

As conclusões são claras e consolidam o quadro de motivações apurado atrás para além de seguirem as tendências em termos das representações mentais sobre jardins, também entretanto analisadas. Constatou-se que há uma correspondência quase direta entre a representação ou definição empírica que o visitante possui do jardim com a própria motivação à visita, estas diretamente relacionadas com as próprias especificidades dos jardins.

A *paz, tranquilidade, descanso e sossego* constituem o principal universo motivacional, ideológico, representacional e associativo que gira em torno dos jardins. É um

facto indiscutível. Veja-se a sua representatividade no quadro motivacional delineado no capítulo V (Quadro V.6). Não restam pois dúvidas do papel fundamental dos jardins e da sua visita no equilíbrio físico, mas sobretudo psicológico das pessoas. A este respeito, recorde-se que a redução do stress já fora identificada por BENNETT e SWASEY (1996) como uma importante razão para a visita a jardins públicos comprovando mesmo esse efeito de redução após a visita. Na opinião dos autores, e que se adequa à realidade identificada também neste estudo, os proprietários e/ou responsáveis não deverão ficar alheios a estes resultados, mas antes considerarem-nos como uma mais-valia e um poderoso argumento nas estratégias de marketing. Num tempo e espaço cada vez mais urbanizado, “*Urban public gardens provide urban residents with an exposure to nature in an environment where such exposures are rare*” (BENNETT & SWASEY, 1996: 128), os jardins deveriam enfatizar as qualidades “redutores de stress” e restaurativas da sua visita nos materiais promocionais junto do público.

No remate deste conjunto de questões relativas a hábitos e tendências específicas referentes a jardins e à sua visita é importante perceber como se classifica o inquirido enquanto visitante de jardins, tendo em conta as suas motivações principais e interesses específicos. Neste sentido foram definidos quatro tipos de visitantes *a priori*, suportados pela base bibliográfica e pela análise da própria realidade nacional<sup>283</sup>.

Os dados revelam uma supremacia evidente do tipo de visitante que não demonstra qualquer interesse particular ou evidente por este tipo de espaço, procurando apenas usufruir dele no que à proporção global de bem-estar diz respeito. O *visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado* representa cerca de metade do total da amostra. Na segunda posição surge o visitante que revela ter um *interesse geral por jardins, flores e plantas* (34%). É curiosa a percentagem de visitantes com *interesse específico no design dos jardins* (11%), sendo residual a representação dos visitantes que afirmam ter um *interesse mais específico por jardins e botânica* (5%) (Figura VIII.66).

Uma menção deve ser feita aos 2% de inquiridos que se assumem como visitantes com interesse geral por jardins e que buscam apenas um tempo/dia agradável e ainda aos 1,7% que manifestam interesse específico no design dos jardins e que também procuram usufruir de um tempo/dia agradável. Um resultado algo diferente dos estudos de CONNELL (2002), FOX

---

<sup>283</sup> Foram disponibilizadas aos inquiridos quatro opções de tipos de visitantes das quais teriam que escolher apenas uma. Todavia 40 inquiridos não foram capazes de se incluir num dos grupos tendo escolhido pertencer a dois tipos de visitantes. Estas 40 respostas não foram invalidadas, até porque se considerou serem dados importantes, e foram tidas em conta na análise total. A sua inclusão não influenciou a distribuição dos pesos relativos de cada grupo de visitantes.

(2007), KUKLA (2009) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012), onde o interesse específico e geral domina (Quadro VIII.8).

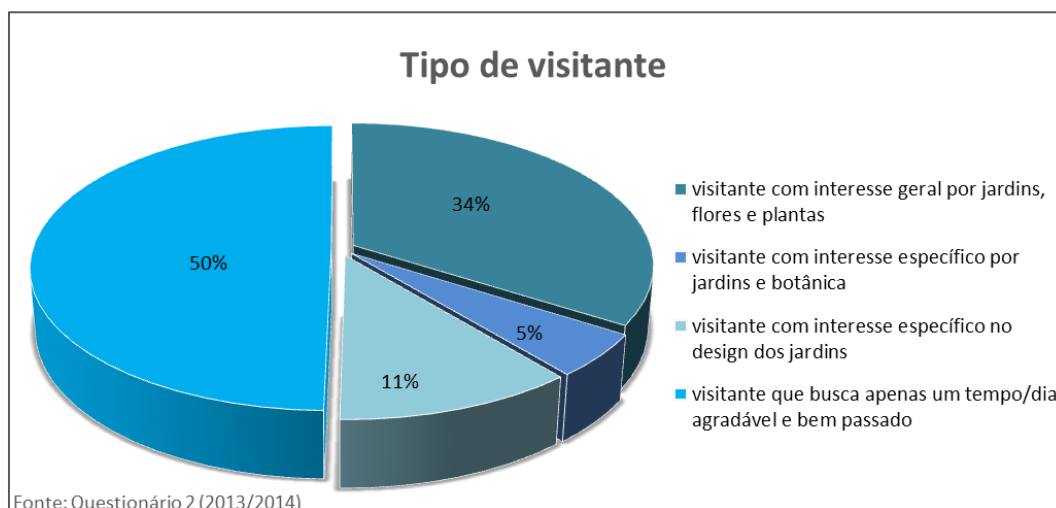


Figura VIII.66: Definição do tipo de visitante de jardins, sobre o total de ocorrências

Quadro VIII.8: Tipo de visitante consoante o interesse por jardins nos diversos estudos

Autor	Tipo de visitante		
CONNELL (2002)	Especial interesse horticultural (10,3%)	Interesse geral em jardinagem (69,9%)	Passar um dia agradável fora (19,7%)
FOX (2007)	Jardineiros entusiastas (30%)	Jardineiros determinados (59%)	Jardineiros por obrigação (11%)
KUKLA (2009)	Especialista em jardins (39,1%)	Experiência de visita orientada (38,5%)	Visitante de lazer (22,4%)
BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012)	Especial interesse horticultural (38%)	Interesse geral em jardins (34%)	Sem interesse especial em jardins (29%)
Nosso Estudo (2013/2014)	Interesse específico (jardins, botânica e design) (16%)	Interesse geral por jardins flores e plantas (34%)	Visitante que busca apenas um tempo/dia agradável (50%)

Fonte: Elaboração própria com base em CONNELL (2002), FOX (2007), KUKLA (2009), BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) e Questionário 2 (2013/2014).

Embora as definições do tipo de visitante sejam um pouco diferentes das apresentadas nos estudos anteriores, para além de que se acrescentou uma outra tipologia no campo do interesse específico, poder-se-ão fazer algumas comparações generalistas. A percentagem de visitantes sem qualquer motivo específico e que buscam apenas um tempo agradável é superior no nosso estudo relativamente aos demais, já o visitante com interesse geral



apresenta sensivelmente os mesmos quantitativos que os estudos de KUKLA (2009) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012) mas muito inferior aos apurados por CONNELL (2002) e FOX (2007). O nosso estudo apresenta semelhança com CONNELL (2002) na relativa baixa percentagem dos visitantes com interesse específico em jardins e jardinagem.

Em relação a esta questão é interessante comparar as duas perspetivas em estudo – a da oferta (responsáveis) e a da procura (visitantes) (Quadro VIII.9). Vejamos, os primeiros destacam o visitante com interesse geral em jardins como os principais frequentadores dos seus jardins, já os segundos definem-se como visitantes que buscam apenas um dia agradável. Apesar desta inversão de posições em ambos os lados se destacam estes dois tipos de frequentadores. Quanto aos outros dois tipos verifica-se também uma inversão de posições.

Quadro VIII.9: Correspondência entre as respostas dos responsáveis e dos visitantes dos jardins quanto ao tipo de visitante

Questionário	Questionário 1	Questionário 2
<b>Tipo de visitante</b>		
Visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas	<b>39,5%</b>	34,0%
Visitante com interesse específico por jardins e botânica	16,3%	5,0%
Visitante com interesse específico no design dos jardins	3,5%	11,3%
Visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado	36,0%	<b>49,7%</b>

Fonte: Questionário 1 e Questionário 2

O cruzamento de dados permite identificar diferenças relevantes no plano estatístico entre o tipo de visitante e um conjunto amplo de variáveis relacionadas com o perfil socioeconómico e com os hábitos de lazer relacionados com jardins, mas também descartar possíveis dependências, como se pode verificar nos Quadros VIII.10 e VIII.11.

Os indivíduos que manifestam algum tipo de interesse por jardins, seja geral ou específico, são na maioria turistas, residentes no estrangeiro, situam-se no estrato etário dos 40 a 64 anos, revelam um elevado grau de habilitação académica e profissões de nível intelectual elevado (grande grupo 2), tendo aqui os reformados uma expressão maior. Embora, o visitante que busca um dia agradável revele a mesma tendência nestes itens, neste grupo verifica-se uma percentagem mais elevada de *day-trippers* e de residentes nacionais, sendo composto maioritariamente por indivíduos de um estrato mais jovem (18-39 anos), e um quantitativo de estudantes superior em relação aos outros dois tipos de visitantes. O visitante com interesse específico detém a mais alta percentagem de turistas e está representado de forma superior no estrato dos 40-64 anos (Quadro VIII.10).

Quadro VIII.10: Perfil socioeconómico dos visitantes por visitante com diferentes interesses

Tipo de visitante consoante o interesse (% por coluna)	Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins e design <sup>284</sup>		Visitante que busca dia agradável		P-value
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<b>Variáveis</b>							
<i>Jardim</i>							0,008
Parque de Serralves	100	<b>45,5</b>	38	<b>46,3</b>	170	<b>52,5</b>	
Jardim Botânico de Coimbra	73	33,2	17	20,7	98	30,2	
Jardim do Palácio Fronteira	47	21,4	27	32,9	56	17,3	
<i>Tipo de visitante</i>							0,000
Turista	151	<b>68,6</b>	65	<b>79,3</b>	184	<b>56,8</b>	
Day-tripper	69	31,4	17	20,7	140	43,2	
<i>Época da visita</i>							0,987
Época alta	140	<b>63,6</b>	53	<b>64,6</b>	206	<b>63,6</b>	
Época baixa	80	36,4	29	35,4	118	36,4	
<i>Residência</i>							0,000
Nacional	84	38,2	21	25,6	161	49,7	
Internacional	136	<b>61,8</b>	61	<b>74,4</b>	163	<b>50,3</b>	
<i>Género</i>							0,869
Masculino	86	39,1	28	34,1	125	38,6	
Feminino	134	<b>60,9</b>	54	<b>65,9</b>	199	<b>61,4</b>	
<i>Idade</i>							0,000
18-39	84	38,2	28	34,1	198	<b>61,1</b>	
40-64	104	<b>47,3</b>	44	<b>53,7</b>	108	33,3	
65+	30	13,6	10	12,2	18	5,6	
<i>Habilitações académicas</i>							0,080
1º Ciclo	0	0,0	0	0,0	7	2,2	
2º Ciclo	1	0,5	1	1,2	2	0,6	
3º Ciclo	2	0,9	1	1,2	2	0,6	
Ensino Secundário	31	14,1	6	7,3	69	21,3	
Bacharelato	18	8,2	13	15,9	37	11,4	
Licenciatura	71	<b>32,3</b>	21	<b>25,6</b>	96	<b>29,6</b>	
Mestrado	70	<b>31,8</b>	31	<b>37,8</b>	85	<b>26,2</b>	
Doutoramento	25	11,4	7	8,5	21	6,5	
Outra	2	0,9	1	1,2	2	0,6	
<i>Condição perante atividade económica</i>							0,001
Ativo/Empregado	139	<b>63,2</b>	56	<b>68,3</b>	206	<b>63,6</b>	
Desempregado	9	4,1	1	1,2	8	2,5	
Estudante/Investigador	39	<b>17,7</b>	10	12,2	81	<b>25,0</b>	
Reformado	33	15,0	11	<b>13,4</b>	25	7,7	
Doméstica	0	0,0	4	4,9	2	0,6	
<i>Profissões</i>							0,010
Grande grupo 2	96	<b>43,6</b>	35	<b>42,7</b>	120	<b>37,0</b>	
Grande grupo 3	11	5,0	6	7,3	16	4,9	
Grande grupo 4	6	2,7	4	4,9	12	3,7	
Grande grupo 5	8	3,6	0	0,0	12	3,7	
Restantes Grandes grupos (1, 7 e 8)	7	3,2	5	6,1	15	4,6	

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR em relação às variáveis *idade* (3 casos: 2 no grupo dos visitantes com interesse geral e 1 nos visitantes com dois tipos de interesse), *habilitações académicas* (4 casos: 1 no grupo de visitantes com interesse específico e 3 nos visitantes que buscam dia agradável), *condição perante atividade económica* e *profissões* (3 casos cada: 2 no grupo de visitantes que busca dia agradável e 1 nos visitantes com dois tipos de interesse). Na variável *profissões* não estão apresentados os valores das *profissões não apuradas* (49 casos: 11 no grupo dos visitantes com interesse geral, 6 no nos visitantes com interesse específico, 31 nos visitantes que buscam dia agradável e 1 no grupo com dois interesses).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

<sup>284</sup> Na análise de cruzamento de dados foram agrupados estes dois interesses específicos. Não são incluídos nesta tabela e nas seguintes os visitantes que revelaram mais do que um interesse.

Tal facto revela que são os indivíduos mais maduros que nutrem um interesse maior por esta temática.

De notar ainda que os três grupos de visitantes têm uma representatividade superior em Serralves e o visitante com interesse específico tem um peso maior em Fronteira comparativamente com os outros dois grupos de visitantes.

Conclui-se ainda que não há diferenças estatisticamente significativas entre o tipo de interesse e o género, havendo um claro domínio do grupo feminino nas três dimensões.

Quanto aos hábitos de lazer relacionados com jardins e jardinagem, verifica-se que o visitante com interesse geral e específico é, em mais de metade dos casos, proprietário do seu próprio jardim, gosta e pratica jardinagem, já a tendência inverte-se quando olhamos para o visitante que busca apenas um dia agradável, embora também revele o gosto pela atividade. A frequência mensal na visita a jardins é transversal aos três tipos de visitantes, embora se verifique que o que busca um dia agradável apresenta uma frequência semanal superior aos outros, mas é o visitante com interesse específico o que apresenta a maior percentagem de visitas diárias. Os dados revelam que não existem grandes diferenças no que diz respeito aos hábitos de visita, todavia poder-se-á dizer que o visitante que busca um dia agradável apresenta, em relação aos outros dois tipos, uma percentagem maior de indivíduos que visita jardins só em férias e que o faz ao fim de semana e o visitante com interesse específico demonstra uma apetência superior para visitar sozinho (Quadro VIII.11).

Os três tipos de visitantes procuram sobretudo estufas, todavia são os visitantes com interesse geral e específico que revelam uma propensão maior para a visita a festivais de jardins e para serem associados de organizações relacionadas com jardins, sendo o conjunto de visitantes com interesse específico o que mais associados tem.

No que concerne à motivação geral da visita a jardins verifica-se que existem algumas diferenças entre os tipos de visitantes ( $p=0,004$ ) (Quadro VIII.12). O visitante identificado com um interesse geral manifesta sobretudo uma apetência pela *natureza/contacto com a natureza* e pela *paz e sossego*, o visitante que tem um interesse mais específico para além de visitar jardins por razões ligadas à natureza revela ainda motivações de carácter estético. Por sua vez o visitante que busca apenas um dia agradável está mais interessado na paz, tranquilidade e sossego seguido do contacto com a natureza que os jardins proporcionam.

Quadro VIII.11: Hábitos de lazer especificamente relacionados com jardins por visitante com diferentes interesses

Tipo de visitante consoante o interesse	Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins e design		Visitante que busca dia agradável		P-value
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<b>Variáveis</b>							
<i>Jardim em casa</i>							0,033
Sim	116	<b>52,7</b>	54	<b>65,9</b>	156	48,1	
Não	104	47,3	28	34,1	168	<b>51,9</b>	
<i>Gosta de jardinagem</i>							0,000
Sim	172	<b>78,2</b>	57	<b>69,5</b>	190	<b>58,6</b>	
Não	46	20,9	25	30,5	134	41,4	
<i>Pratica jardinagem</i>							0,000
Sim	127	<b>57,7</b>	52	<b>63,4</b>	141	43,5	
Não	93	42,3	30	36,6	183	<b>56,5</b>	
<i>Frequência de visita</i>							0,165
Todos os dias	11	5,0	5	6,1	9	2,8	
Pelo menos 1 vez/semana	40	18,2	8	9,8	69	21,3	
Pelo menos 1 vez/mês	73	<b>33,2</b>	29	<b>35,4</b>	91	<b>28,1</b>	
Pelo menos 1 vez/ano	14	6,4	7	8,5	31	9,6	
Duas ou mais/ano	52	23,6	21	25,6	66	20,4	
Outra situação	10	4,5	6	7,3	12	3,7	
<i>Hábitos de visita</i>							
Só em férias	13	5,9	1	1,2	32	9,9	0,096
Sobretudo em férias	75	34,1	36	43,9	104	32,1	
Todo o ano	130	<b>59,1</b>	44	<b>53,7</b>	184	<b>56,8</b>	
Fim de semana	79	35,9	30	36,6	132	40,7	0,131
Semana	7	3,2	1	1,2	22	6,8	
Nas duas situações	123	<b>55,9</b>	47	<b>57,3</b>	153	<b>47,2</b>	
Sozinho (a)	38	17,3	15	18,3	35	10,8	0,018
Acompanhado (a)	132	<b>60,0</b>	51	<b>62,2</b>	211	<b>65,1</b>	
É indiferente	18	8,2	10	12,2	20	6,2	
Depende das situações	32	14,5	6	7,3	58	17,9	
<i>Situações visitadas</i>							-
Estufas	176	<b>80,0</b>	55	<b>67,1</b>	192	<b>59,3</b>	
Festivais de jardins/flores	100	<b>45,5</b>	27	<b>32,9</b>	81	25,0	
Viveiros/C. jardinagem	86	39,1	23	28,0	104	<b>32,1</b>	
Eventos de jardinagem	49	22,3	24	29,3	45	13,9	
Nenhuma destas	16	7,3	13	15,9	92	28,4	
<i>Sócio Associação</i>							0,024
Sim	20	9,1	10	12,2	13	4,0	
Não	200	<b>90,9</b>	72	<b>87,8</b>	311	<b>96,0</b>	

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR em relação às variáveis *gosta de jardinagem* (2 casos no grupo de visitantes com interesse geral), *frequência da visita* (74 casos: 20 no grupo de visitantes com interesse geral, 6 nos visitantes com interesse específico, 46 nos visitantes que buscam dia agradável e 2 no grupo dos visitantes com dois interesses), *hábitos de visita 1* (7 casos: 2 no grupo dos visitantes com interesse geral, 1 nos visitantes com interesse específico e 4 nos visitantes que buscam dia agradável), *hábitos de visita 2* (35 casos: 11 no grupo de visitantes com interesse geral, 4 nos visitantes com interesse específico, 17 nos visitantes que buscam dia agradável e 3 no grupo dos visitantes com dois interesses) e *situações visitadas* (4 casos: 1 no grupo de visitantes com interesse geral e 3 no nos visitantes que buscam dia agradável).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Quadro VIII.12: Principais motivos para visitar jardins (motivação geral) por visitante com diferentes interesses

Tipo de visitante consoante o interesse	Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins e design		Visitante que busca dia agradável		P-value
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<b>Variáveis</b>							
<i>Motivos (grandes grupos)</i>							0,004
Natureza	44	<b>20,0</b>	15	<b>18,3</b>	43	13,3	
Natureza e Paz	33	<b>15,0</b>	6	7,3	54	<b>16,7</b>	
Natureza, Paz e Outros	24	10,9	5	6,1	30	9,3	
Natureza e Outros	20	9,1	6	7,3	20	6,2	
Paz	31	14,1	9	11,0	60	<b>18,5</b>	
Paz, Beleza e Outros	19	8,6	8	9,8	23	7,1	
Paz e Outros	8	3,6	3	3,7	17	5,2	
Beleza e Outros	19	8,6	15	<b>18,3</b>	23	7,1	
Realizar atividade e Outros	4	1,8	4	4,9	19	5,9	
Cultura	4	1,8	7	8,5	13	4,0	
Interação Social e Outros	3	1,4	0	0,0	8	2,5	
Outros motivos	8	3,6	3	3,7	5	1,5	

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR (14 casos: 3 no 1º grupo; 1 no 2º grupo; 9 no 3º grupo e 1 no 4º grupo).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

## 8.2.5. A visita aos jardins em estudo – caracterização

### 8.2.5.1. As motivações para visitar e os comportamentos durante a visita

As motivações no âmbito do lazer e turismo são muitas e variadas e têm gerado ao longo dos tempos profundas reflexões até porque constituem a base da construção e promoção estratégica do produto. No caso particular da visita a jardins parece-nos de todo essencial identificar as motivações e as características das visitas para que a oferta vá de facto ao encontro das aspirações e exigências da procura, e não só para que a experiência da visita seja positiva, mas também para que se repita.

Quanto à visita ao jardim, uma das primeiras observações é que mais de metade dos inquiridos, 62%, revelou que essa não fora a razão principal da saída de casa/deslocação, muito embora sejam de destacar os cerca de 33% de inquiridos que afirmaram que ir e visitar o jardim em causa foi de facto o seu principal destino do dia (Figura VIII.67). Estes factos induzem desde já a afirmar que estes jardins possuem atratividade por si só, podendo ser não só um elemento do percurso mais ou menos diversificado, como de resto foi já possível constatar, mas constituir ele próprio o destino único ou o objetivo principal da deslocação e não somente só mais um ponto de visitação.

De referir ainda que cerca de 5% garantiram que não tendo sido a razão principal ou exclusiva, o jardim se incluía no conjunto que tinham selecionado como principal para visitar naquele dia.

No ponto 6.2.1.1. do capítulo VI foi abordada a questão dos percursos/roteiros de jardins (*garden tours*), pelo que se achou pertinente saber se os visitantes faziam parte de algum. Os resultados mostram que é residual a percentagem de inquiridos cuja visita se insere num *garden tour*, cerca de 2% (16 indivíduos), que é sobretudo de *nível regional* (62,5%). Contudo, é importante perceber a existência deste visitante, ou seja, aquele cujo foco principal é a visita a jardins.

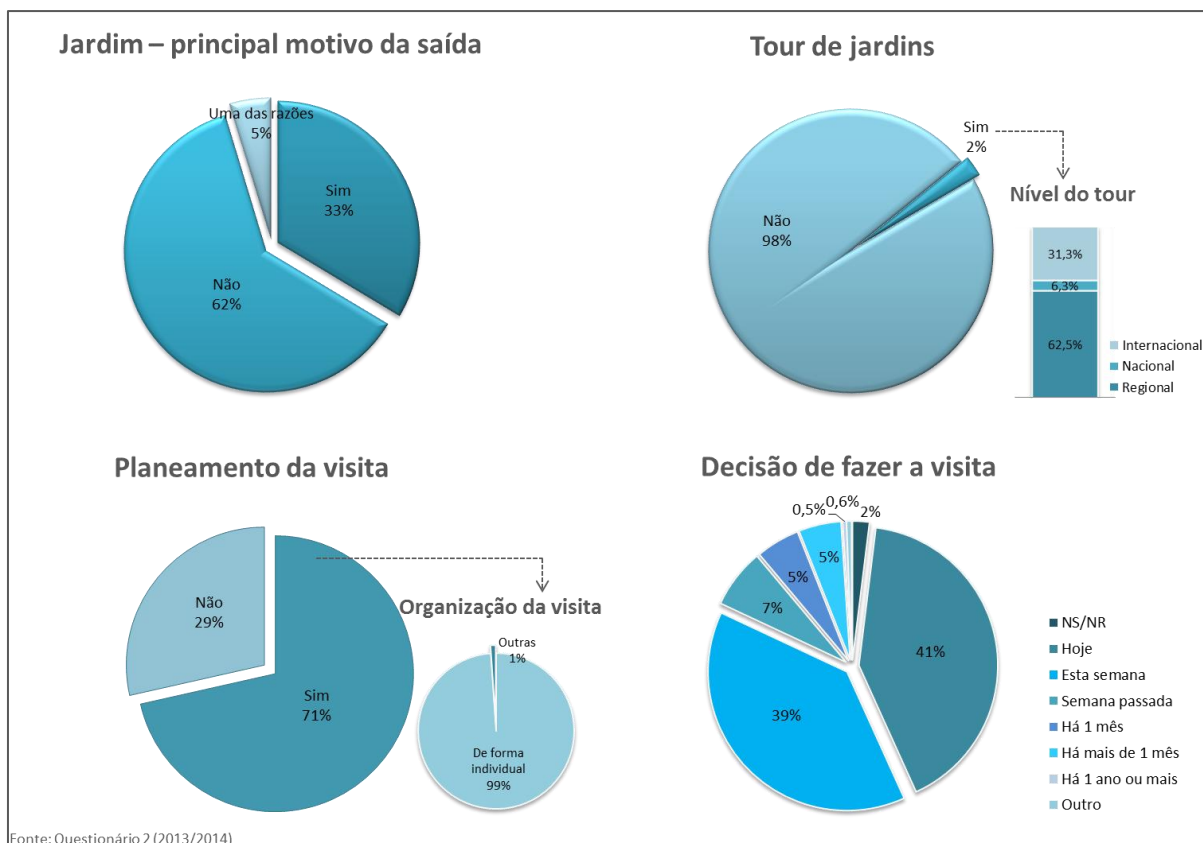


Figura VIII.67: Planeamento e organização da visita ao jardim

Constata-se que a visita é planeada (71%), organizada *de forma individual* (99%) e que é decidida num período de tempo relativamente próximo do próprio dia/hora da visita, sendo que 41% revelou que decidiu fazer a visita no próprio dia, 39% na própria semana (com uma alta percentagem a referir o dia anterior). Com um mês ou mais de antecedência foram muito menos os que decidiram a visita ao jardim.

Em relação aos jardins, e tal como já foi referido em ocasiões anteriores, são diversos os motivos que induzem à sua visita e dependentes de uma série de fatores. Neste sentido, foi disponibilizado um amplo espectro de motivos, para que fossem tidas em conta as mais diversas e possíveis situações, a partir do qual os inquiridos eram solicitados a assinalar os

motivos que melhor se adequavam à sua condição, registando-se quase sempre referências múltiplas resultando, por isso, num grande número de combinações de opções. Cada inquirido referiu uma média de três motivos para a visita. A análise dos resultados permite desde logo individualizar três grandes motivos que conduziram à visita do jardim: 1º *Paz, tranquilidade, descanso* apontado por 46,1% dos visitantes correspondendo a 15,8% das ocorrências, 2º *Bom tempo para passear* indicado por 32,3% (11,1% das ocorrências) e 3º *Ambiente natural* apontado por 32% dos inquiridos (11% das ocorrências) (Figura VIII.68). Reconhece-se pois que os visitantes procuram estes espaços sobretudo porque os identificam com locais que lhes proporcionam momentos de bem-estar ao nível da tranquilidade, descanso e sossego e porque lhes permitem estar em contacto com a natureza, ou uma construção dela. Tal revela uma “busca pelo verde” e o desejo de reforçar o vínculo com a natureza, em particular manifestado pelo cidadão urbano, sendo que o preferem fazer quando as condições atmosféricas são mais favoráveis, comprovando a importância do clima e condições de tempo no processo de decisão dos turistas e na realização de atividades recreativas ao ar livre (GÓMEZ MARTÍN, 2005), nomeadamente enquanto fator decisivo na visita a parques e jardins (FOX, 2006; FOX & EDWARDS, 2008; WILSON, 2009). Aliás, a este respeito, note-se que CONNELL (2002) e FOX (2007) apuraram que o tempo constitui um dos fatores influenciadores da experiência da visita, bastante valorizado pelos visitantes.

Apesar disso, é importante perceber o carácter fragmentado da motivação para a visita ao jardim, conclusão a que já haviam chegado CONNELL (2002) e FOX (2007).

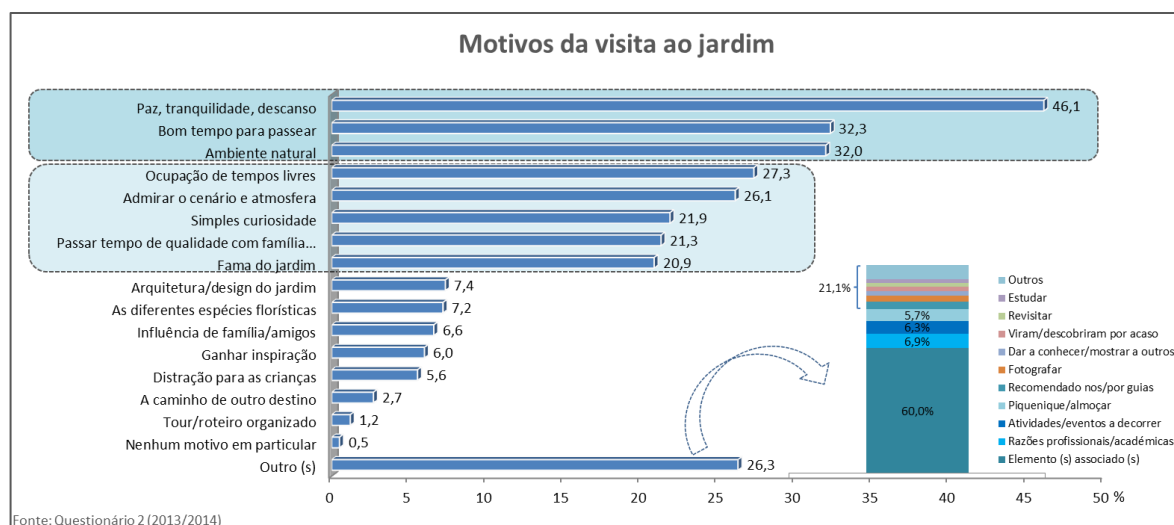


Figura VIII.68: Motivos da visita ao jardim, sobre o total de inquiridos

Merecem destaque também os motivos *ocupação dos tempos livres, admirar o cenário e atmosfera, a curiosidade pelo espaço, passar tempo de qualidade com família e amigos* e ainda a *fama do jardim*. Na categoria *Outro(s)* há a realçar a razão diretamente relacionada com o *elemento(s) associado(s)* ao jardim que foi mencionado por 16% da amostra total.

Grande parte dos inquiridos optou por conjugar alguns motivos, até porque, dado o grau de pormenorização dos mesmos, estes prestavam-se a que isso acontecesse. Evidencia-se desde logo a conjugação entre *fama do jardim e outro(s)* (1,8%) sendo que na opção *outro(s)* a grande maioria acrescenta o *elemento(s) associado(s)*, podendo portanto concluir-se que a visita envolve o conjunto, não dissociando e/ou individualizando ou o jardim ou o elemento (no caso o museu e o palácio). Aliás, esta é uma evidência que se verifica na maior parte das referências em que é envolvido o elemento. Apenas 5,3% dos inquiridos revelaram que visitam o jardim apenas por causa do museu, palácio ou qualquer elemento associado de relevância, como as estátuas no caso de Serralves ou os azulejos no caso de Fronteira.

As combinações entre *ambiente natural, paz, tranquilidade, descanso, bom tempo para passear* (1,4%) e *ocupação de tempos livres, paz, tranquilidade, descanso e bom tempo para passear* (1,2%) são as que, em conjunto com a anterior, se destacam.

Através da análise dos dados percebe-se que os motivos avançados pelos visitantes para a visita a cada um destes jardins não são muito diferentes dos que são observados noutros estudos realizados sobre esta temática e que sistematizámos no Quadro V.6 (ponto 5.4.3.1. do capítulo V).

A análise dos motivos da visita ao jardim não revelou grandes diferenças entre género, grupos etários e condição perante a atividade/profissão no que aos principais motivos da visita diz respeito. Ainda assim, considera-se importante referir que a visita realizada devido às *diferentes espécies florísticas* tem maior representatividade no grupo masculino e no estrato etário dos 65 e mais anos e o motivo *arquitetura/design do jardim* é tendencialmente mais referido por mulheres e no grupo etário dos 40 aos 64 anos. De notar ainda que a *ocupação de tempos livres* e o *bom tempo para passear* estão representados de forma maioritária no grupo mais jovem (18-39 anos), estudantes e desempregados, e a referência ao elemento associado (*Outros*) com particular destaque no grupo dos seniores (65+) e reformados (Quadro AIV.132).

Todavia, foram identificadas algumas diferenças entre o motivo da visita ao jardim, os jardins e o tipo de visitante, como se pode verificar nos Quadros VIII.13 e VIII.14. De um modo geral, as grandes razões para a visita também se destacam nos três jardins e nos dois tipos de visitantes, embora existam nuances que é necessário registar. A *paz, tranquilidade e*



*descanso* foi o principal motivo apontado pelos visitantes de Serralves e do JBUC, no primeiro caso o *bom tempo* surge como motivo secundário, já no segundo caso é a *ocupação de tempos livres* que se destaca. No Jardim de Fronteira foi sobretudo o elemento associado, no caso o Palácio (referido na categoria *Outros*), e a *fama do jardim* juntamente com a *paz, tranquilidade e descanso* os principais motivos apontados. De referir ainda que o motivo *as diferentes espécies florísticas* foi referido, em especial, por visitantes do JBUC e de Serralves, tendo uma representatividade irrisória em Fronteira, já a *arquitetura/design do jardim* foi mais referida pelos inquiridos de Serralves e de Fronteira (Quadro VIII.13). O que não será de estranhar se se tiver em conta que Serralves, e particularmente o JBUC, são conhecidos em muito pela sua grande biodiversidade e pela presença de espécies exóticas bastante atrativas, já o Jardim de Fronteira escuda grande parte da sua fama no peculiar estilo à francesa/italiana e Serralves no facto de ser um exemplar importante da arquitetura contemporânea de Jacques Gréber no país. A este respeito, note-se algumas diferenças com o que foi apontado pelos proprietários no questionário 1, principalmente de Serralves e do JBUC, tendo, no primeiro, sido referido o museu e, no segundo, o contacto com a natureza, como principais motivos da visita.

Em particular, no que diz respeito aos motivos para visitar o JBUC, verifica-se algumas diferenças comparativamente com os estudos de BALLANTYNE *et al.* (2008), WARD *et al.* (2010) e KARASAH e VAR (2013), focados neste tipo de jardim. Enquanto que no JBUC se destacam sobretudo motivações de carácter mais geral e de âmbito individual, nos estudos citados, para além destas, encontram-se razões mais específicas como exercitar e fazer piquenique (WARD *et al.*, 2010), obter informações sobre plantas (KARASAH & VAR, 2013) e a referência ao coletivo com passar tempo de qualidade com família e amigos que surge como o terceiro principal motivo em BALLANTYNE *et al.* (2008) (Quadro V. 6, ponto 5.4.3.1. do capítulo V) e apenas em sexto no JBUC.

Uma maior percentagem de visitantes do dia em relação aos turistas assumiu visitar os jardins para mera *ocupação de tempos livres*, pela *paz, tranquilidade e descanso*, por causa do *bom tempo* ou para *passar algum tempo de qualidade com família e amigos*. No grupo de turistas as motivações relacionadas com as *diferentes espécies, arquitetura e fama do jardim* adquirem maior importância em comparação com o dos *day-trippers*, em particular as duas últimas (Quadro VIII.13).

Quadro VIII.13: Motivos da visita por jardim e tipo de visitante

Motivos da visita Variáveis (% coluna)	Jardins						Tipo de Visitante			
	Serralves		JBUC		Fronteira		Turista		Day-tripper	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ocupação de tempos livres	86	25,8	83	<b>41,5</b>	13	9,8	85	19,8	97	<b>41,1</b>
Ambiente natural	118	35,4	73	36,5	22	16,5	143	<b>33,3</b>	70	29,7
Paz, tranquilidade, descanso	163	<b>48,9</b>	108	<b>54,0</b>	36	<b>27,1</b>	193	<b>44,9</b>	114	<b>48,3</b>
As diferentes espécies florísticas	24	7,2	20	10,0	4	3,0	32	7,4	16	6,8
Bom tempo para passear	132	<b>39,6</b>	66	33,0	17	12,8	122	28,4	93	<b>39,4</b>
Arquitetura/design do jardim	30	9,0	4	2,0	15	11,3	44	10,2	5	2,1
Fama do jardim	84	25,2	19	9,5	36	<b>27,1</b>	116	27,0	23	9,7
Admirar cenário e atmosfera	104	31,2	48	24,0	22	16,5	131	<b>30,5</b>	43	18,2
Passar tempo de qualidade	92	27,6	39	19,5	11	8,3	77	17,9	65	27,5
Simples curiosidade	80	24,0	36	18,0	30	22,6	127	29,5	19	8,1
Restantes motivos	83	24,9	49	24,5	18	13,5	83	19,3	67	28,4
Outros	85	25,5	29	14,5	61	<b>45,9</b>	119	27,7	56	23,7

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

De modo global, a *paz, tranquilidade e descanso* é o grande motivo apontado pelos três grupos de visitantes definidos consoante o interesse demonstrado em jardins e nas duas épocas de visita consideradas (alta e baixa) (Quadro VIII.14). O visitante com interesse geral destaca ainda o *ambiente natural* e o visitante que busca um dia agradável também valoriza o *bom tempo para passear*. O visitante com interesse específico revela uma maior incidência em *outros* argumentos, em larga maioria no elemento associado, sendo neste grupo que os motivos relacionados com as espécies e com o design têm maior peso relativo em relação aos outros dois grupos. Durante a época alta é valorizado ainda o *ambiente natural* e durante a época baixa o *bom tempo para passear*, já que este é, por norma nesta altura, mais raro.

Quadro VIII.14: Motivos da visita por visitante com diferentes interesses e por época

Motivos da visita Variáveis (% coluna)	Tipo de visitante consoante o interesse						Época da visita			
	Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins/design		Visitante que busca dia agradável		Alta		Baixa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ocupação de tempos livres	56	25,5	13	15,9	105	32,4	107	25,3	75	30,9
Ambiente natural	80	<b>36,4</b>	21	25,6	98	30,2	138	<b>32,6</b>	75	30,9
Paz, tranquilidade, descanso	114	<b>51,8</b>	29	<b>35,4</b>	153	<b>47,2</b>	191	<b>45,2</b>	116	<b>47,7</b>
As diferentes espécies	18	8,2	9	11,0	14	4,3	28	6,6	20	8,2
Bom tempo para passear	69	31,4	15	18,3	122	<b>37,7</b>	121	28,6	94	<b>38,7</b>
Arquitetura/design	19	8,6	9	11,0	13	4,0	30	7,1	19	7,8
Fama do jardim	56	25,5	14	17,1	61	18,8	90	21,3	49	20,2
Admirar cenário e atmosfera	69	31,4	24	29,3	71	21,9	103	24,3	71	29,2
Passar tempo de qualidade	49	22,3	11	13,4	72	22,2	86	20,3	56	23,0
Simples curiosidade	52	23,6	20	24,4	60	18,5	85	20,1	61	25,1
Restantes motivos	46	20,9	16	19,5	80	24,7	98	23,2	52	21,4
Outros	48	21,8	26	<b>31,7</b>	91	28,1	113	26,7	62	25,5

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Tendo em conta o elevado número de motivos disponibilizados e as combinações resultantes procedeu-se ao seu agrupamento. A análise dos dados revelou existirem diferenças estatisticamente significativas entre os motivos para a visita e os grupos de visitantes que estão em estudo, com exceção da variável época de visita ( $p=0,085$ ) (Quadro AIV.133), e que corroboram, em larga medida, o que vem sendo referido nesta matéria, escusando-nos de entrarmos em repetições desnecessárias.

Os resultados demonstram, de forma clara, quais as motivações de visita em termos gerais e dos diferentes públicos destes jardins. Estamos em crer que constituem, por isso, preciosas informações para futuras estratégias, sendo, acima de tudo, evidente que os responsáveis destes jardins deverão apostar na publicitação das qualidades apaziguadoras e relaxantes destes espaços e providenciar condições e experiências que promovam isso mesmo.

Enquanto espaço multifuncional o jardim presta-se a diversas utilizações e modos de usufruto diferentes, consoante o tipo de pessoa e motivo da visita. Não será preciso ficar durante muito tempo num destes espaços para imediatamente se observar uma multiplicidade de situações a acontecer. Ora vejamos alguns exemplos. O silêncio trespassado apenas pelo canto dos pássaros de repente é abafado pelo som das cantorias afinadas pela pujança da projeção de voz dos muitos caloiros que Coimbra recebe e a quem o jardim botânico empresta o palco tantas vezes, não muito longe dali as passadas apressadas fazem-se notar de alguém que aproveita as escadarias para se exercitar, fielmente imitado pelo seu animal de estimação. O clique das máquinas fotográficas não são raros, em particular quando as tílias, as faias e os áceres se engalanam para receber cada estação do ano. A Norte, a dança desconcertante de um arco-íris composto por um grupo de crianças faz corar o colorido roseiral, e o verdejante relvado, embalando um artificial rio, convida a uma paragem, a um apetitoso piquenique com família e amigos e às habituais brincadeiras primaveris e estivais. A topiária das camélias esconde os namorados mais afoitos e os cliques, novamente os cliques, registam cada detalhe de um mundo à parte ali mesmo no meio da cidade. A Sul, quase escondido pela exuberância do místico Monsanto, surge o jardim da realeza. Vários recantos, quais prolongamentos da sala de estar, acolhem os que pretendem descansar, *have a break*, conversar ou apenas apreciar as vistas, imediatamente desviadas para as crianças que correm em direção aos cisnes vaidosos e sedentos de atenção. Os azulejos envolvem e contam uma história a cada passada, assim como as estátuas que fazem pose para mais uma sequência de cliques para memória futura.

Um dos objetivos deste estudo passa também por perceber que uso fazem os visitantes dos jardins ou, de modo mais concreto, o que vão ao jardim fazer, para além da intrínseca ação de passear? De que forma usufruem do espaço? Como se comportam?

Um amplo conjunto de opções de atividades/ações, umas mais passivas outras mais ativas, foi disponibilizado aos inquiridos o que originou uma vez mais, e de forma frequente, conjugações entre elas. A análise mostra que *fotografar* foi a atividade mais empreendida, num total de 74,3% de inquiridos (25,7% das ocorrências) (Figura VIII.69), numa clara intenção de “fixar a memória da visita” (FOX, 2007), importante na construção da narrativa e memória do passeio. Esta foi de resto a atividade que mais inquiridos referiram ser a única a concretizar no jardim (4,8%). Uma diferença em comparação com o estudo de CONNELL (2002) em que “estar sentado no jardim” foi a que mais inquiridos mencionaram (75%).

Na segunda posição de importância surge *conversar* (56,5%) seguida de *observar as plantas* (48,6%). Cerca de 35% revelaram que se encontram no jardim simplesmente para *estar* (12,1% das ocorrências). De notar que apenas uma residual percentagem de inquiridos referiu *outras* atividades (2,1%) nomeadamente ouvir música, observar os pássaros, passear o cão, observar os azulejos, filmar e fazer atividades disponíveis no jardim (Figura VIII.69). Daqui se conclui que o usufruto dos jardins de forma mais passiva, sem empreender qualquer ação, é o que domina.

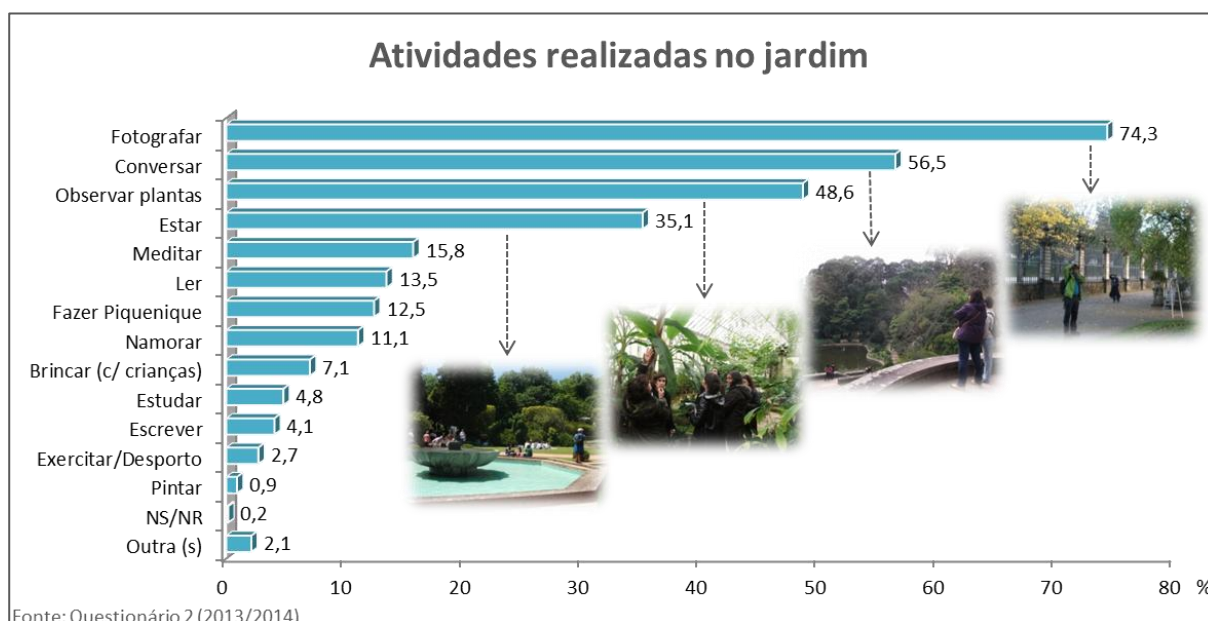


Figura VIII.69: Atividades realizadas no jardim, sobre o total de inquiridos

Quando questionados sobre como conheceram ou se informaram sobre o jardim pela primeira vez, embora se esperasse que referissem uma ou duas vias, certo é que o conjunto de opções disponíveis levou a que frequentemente os inquiridos não fossem capazes de indicar apenas uma, optando por conjugá-las, proferindo uma resposta mais completa à questão.

Os visitantes destacam a importância dos *guias/livros/revistas*, mormente os guias, como fonte de informação privilegiada sobre os jardins em causa, tendo 38% dos inquiridos (28,9% sobre o total de ocorrências) conhecido, tomado contacto ou obtido informação sobre os mesmos pela primeira vez desta forma (Figura VIII.70). De notar que esta fonte de informação é quase exclusivamente referida por visitantes estrangeiros. O quadro familiar e de amigos constituem, não raras vezes, a fonte de transmissão de informação, de representações e/ou práticas culturais. Por isso não será de estranhar que a segunda fonte de informação/conhecimento apontada por cerca de 19% dos visitantes (15% sobre o total de ocorrências) seja *familiares e/ou amigos*. Perto de 13% refere que apenas *ouviu falar* sem especificar em concreto onde ou através de quem. Um resultado bastante diferente do apurado por CONNELL (2002) ou KARAŞAH e VAR (2013) onde o *passa-palavra* foi a principal fonte de informação motivadora da visita para 83% e 66% dos visitantes respetivamente.

No mundo da era digital em que se vive, estes meios constituem fontes de informação privilegiada no seio da atividade turística e assumem um papel preponderante na tomada de decisões e nas escolhas. Neste caso, a *internet* em geral e as *redes sociais* em particular, foram responsáveis por informar apenas 12% dos inquiridos, parecendo-nos óbvio que os jardins devem apostar no desenvolvimento e dinamização deste filão informativo, já que o seu manuseamento é simples e não implica um grande investimento.

Será nestes meios de transmissão de informação que os responsáveis dos jardins deverão focar-se. Ou seja, na presença regular e na transmissão de uma imagem apelativa nos diferentes meios de comunicação social, em proporcionar experiências de tal forma positivas e inesquecíveis que sejam publicitadas pelos visitantes e instiguem à visita de outros e na divulgação e atualização de informação nos principais canais de difusão *online*.

Um total de cerca de 24% de inquiridos assinala *Outro(s)* meios de informação. No seio desta opção, quase metade (42%) do total de ocorrências diz respeito ao facto de vive (ou viveu) perto ou relativamente perto dos jardins por isso os conhece desde sempre, escusando-se desta forma de apontar uma forma de conhecimento específica, referindo apenas que são de lá, vivem lá e sempre conheceram os jardins em causa. Curiosa também é a fração de visitantes que revela que passou a conhecer os jardins desde que ingressou na universidade,

ou seja, o facto de estudarem na universidade (note-se que Serralves e o JBUC se localizam perto dos polos universitários) justifica o seu conhecimento sobre os jardins. Refira-se ainda que a informação constante nos mapas turísticos é responsável pelo conhecimento dos jardins em 9,6% dos casos, acrescentando-se ainda que o conhecimento dos jardins na receção, no ato de compra de bilhete para a visita ao elemento associado (mormente para o museu no caso de Serralves e para o palácio em Fronteira), corresponde a pouco mais de 8% das respostas.

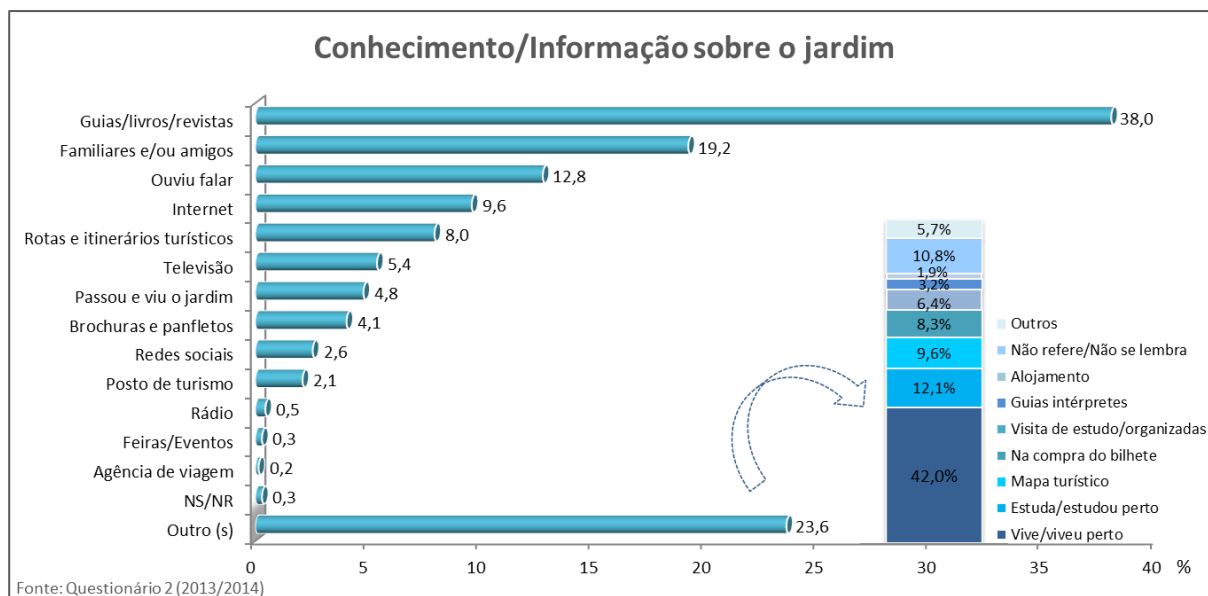


Figura VIII.70: Fonte de informação sobre o jardim, sobre o total de inquiridos

As visitas de estudo, a informação prestada por guias intérpretes aquando das visitas realizadas nos conhecidos *Yellow/Red Bus* ou nos alojamentos são outras fontes de informação mencionadas, mas com menor incidência e relevância.

Os jardins, sobretudo aqueles que oferecem condições de visita gratuita e/ou que fazem parte intrínseca do dia a dia da sociedade que o rodeia, não será de estranhar que constituam locais de frequência habitual. Mas é verdade também que enquanto atrações maiores ou *ex-libris* de determinados territórios detenham por isso uma capacidade própria de atração de novos visitantes e de visitantes menos frequentes.

Quanto à frequência de visita dos jardins constata-se que mais de metade (66,2%) visita pela *primeira vez* (Figura VIII.71), o que não surpreende dado o facto de a amostra ser composta por uma elevada percentagem de estrangeiros, e de resto são na maioria visitantes provenientes de outras origens que mais referem estar no espaço pela primeira vez. Cerca de 34% revelou já ter visitado o jardim *outras vezes* e, na mesma linha de resultados apurados por CONNELL (2002) ou KARAŞAH e VAR (2013), a frequência é sobretudo anual e

mensal, embora neste último a frequência semanal ser ligeiramente superior à mensal. Neste sentido, grande parte dos nossos inquiridos fá-lo com uma frequência anual (27,1%), sendo que 18,2% visita *duas ou mais vezes por ano* e 8,9% pelo menos *uma vez por ano*. A frequência mensal também tem uma representação expressiva (23,6%) com destaque para a visita realizada pelo menos *uma vez por mês* (18,7%).

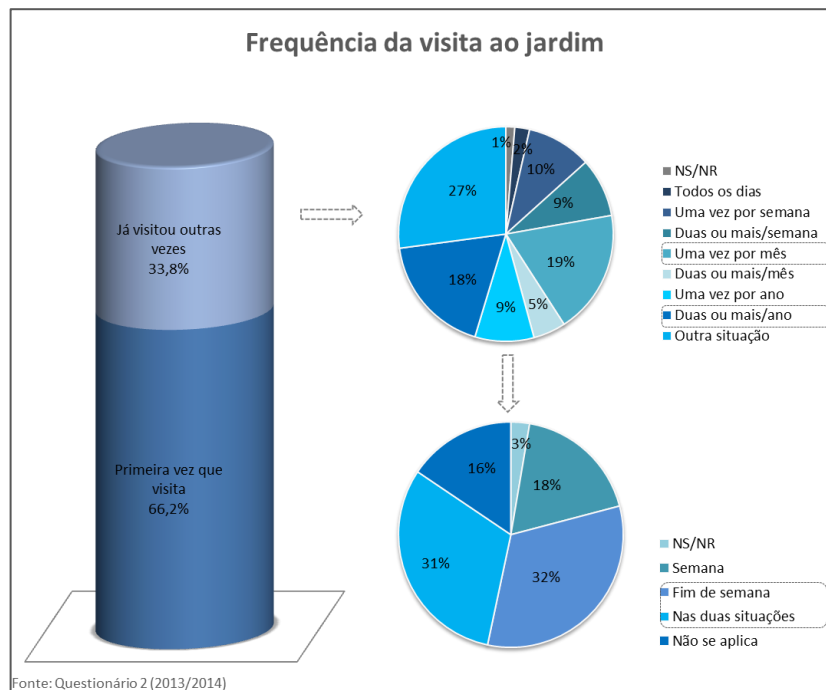


Figura VIII.71: Frequência da visita ao jardim

É de salientar que cerca de 10% dos visitantes habituais o fazem pelo menos *uma vez por semana* e apenas 2,2% (5 indivíduos) revelaram serem frequentadores diários do jardim. É ao *fim de semana* (32,4%) que a visita mais se realiza uma vez que se trata do período semanal reservado ao descanso e usufruto de tempo livre fora das obrigações laborais, muito embora seja de registar os 31% que mencionaram visitá-lo em qualquer dia da semana e os 18% que o fazem de forma preferencial à *semana*. Visitar jardins, embora seja em geral conotada com uma prática de final de semana, não se reduz apenas a este período e entra, de forma frequente, nos roteiros semanais de muitos visitantes.

Em relação à visita propriamente dita verifica-se que esta tem uma duração de *1 a 2 horas* (37,7%), um resultado semelhante ao verificado por exemplo em CONNELL (2002) e BAUER-KRÖSBACHER e PAYER (2012). De notar os 19% de inquiridos que usufruem do jardim *mais de 2 horas*, uma situação recorrente em particular no Parque de Serralves, tendo sido comum os visitantes referirem ter ficado por lá a manhã ou a tarde inteira, uma vez que

se trata de um espaço maior e com outras atrações incorporadas. Já as visitas mais curtas, *menos de uma hora* (14,9%), em menor número, verificaram-se sobretudo no Jardim de Fronteira, onde a dimensão mais reduzida do jardim assim o determina (Figura VIII.72). Desta forma se constata que a duração da visita aos jardins está fortemente relacionada não só com a sua dimensão mas com as atrações, de diversa origem, neles presentes, ou não, e que deverá ser um aspeto que os responsáveis devem ter em conta.

Grande parte dos visitantes faz-se acompanhar (85,3%), em especial pelo cônjuge (42,4% dos inquiridos, 35,2% das ocorrências) e por *amigos* (29,4% e 24,4% respetivamente). Cerca de 21% realizou a visita na companhia do(a) *namorado(a)* e aproximadamente 17% foram acompanhados pelos *filhos*, 63% dos quais com menos de 14 anos. Constata-se que a tendência de visita em família é transversal à maioria dos vários estudos (Quadro V.8, ponto 5.4.3.3. do capítulo V) com exceção do estudo de *IWI/BRUNNER et al.* (2009) onde a visita individual tem uma grande expressão (34%) e a companhia de amigos (48%) se sobrepõe à do parceiro(a) (39%). A composição de dois elementos foi a que mais se verificou sendo residual as situações em que o grupo tinha 5 ou mais indivíduos, e apenas 15% realizou a visita de forma solitária, sendo esta situação mais recorrente no JBUC (28,5%). Poder-se-á concluir que se trata sobretudo de uma visita realizada com companhia muito embora também sejam espaços atrativos para se visitar de forma individual.

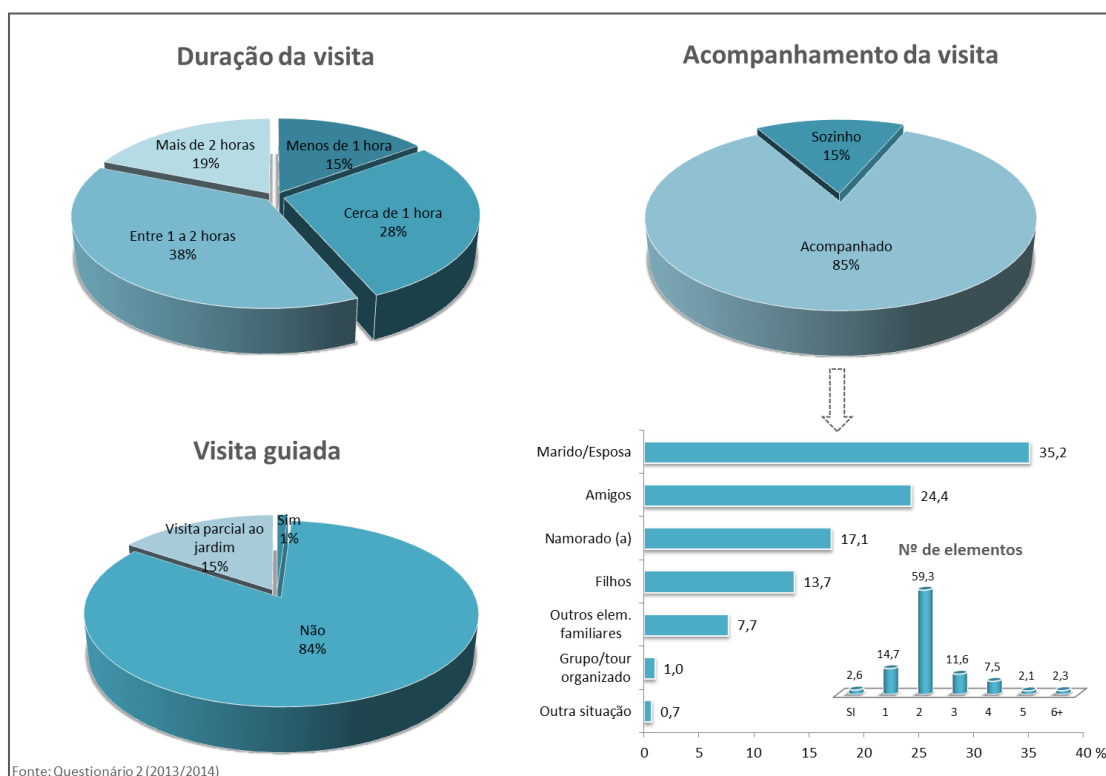


Figura VIII.72: Caracterização da visita quanto à duração, acompanhamento (sobre o total de ocorrências) e realização de visita guiada



Neste bloco de questões referentes à vista ao jardim, o cruzamento de informação mostrou que em grande parte dos itens existem diferenças entre os três jardins e entre turistas e *day-trippers*, não se verificando o mesmo em relação aos visitantes com diferentes tipos de interesse e à época da visita, e que se sintetizam nos Quadros VIII.15, VIII.16 e VIII.17.

Os três jardins são, na sua essência, naquilo que oferecem e na forma como oferecem, diferentes. Desta forma também o público e os seus comportamentos são distintos como se verá (Quadro VIII.15).

Em nenhum dos três casos o jardim foi o principal motivo da saída de casa, porém a diferença entre ter sido, ou não, é bastante mais acentuada no JBUC e em Fronteira. Em Serralves perto de metade (40,5%) apontou o jardim como o principal motivo. O JBUC, pelas suas características, faz parte da vivência quotidiana e talvez por isso a sua visita seja decidida numa circunstância mais imediata (*hoje*) em comparação com os outros dois jardins, cuja visita revela um planeamento um pouco mais atempado (*esta semana*). Note-se que no caso de Fronteira a decisão da visita *há um mês* ou *há mais de um mês* tem uma representatividade superior em relação a Serralves e ao JBUC.

No JBUC o público repetente suplanta o que visita pela primeira vez ao contrário dos outros dois jardins que revelam uma grande percentagem de público estreante, quase total no caso de Fronteira. Sobre a situação de repetição de visita, em Serralves e em Fronteira essa frequência é sobretudo anual enquanto no JBUC é semanal e mensal. O facto de ser um jardim de entrada livre e sempre aberto ao público justificará esta tendência. Verificou-se que *fotografar*, *conversar* e *observar plantas* surgem como as principais atividades realizadas durante a sua visita nos três jardins. As diferenças ocorrem a partir daqui. É frequente ir a Serralves apenas para *estar* (atividade passiva), *meditar* e *fazer piquenique*, no JBUC *estar*, *ler*, *namorar* e *fazer piquenique* estão entre as atividades mais mencionadas. A visita tende a ser mais demorada em Serralves (*entre 1 a 2 e mais de 2 horas*) e mais curta em Fronteira (*menos de 1 hora e cerca de 1 hora*), já atrás justificado pela dimensão dos jardins e pela presença ou não de outras atrações. Por último, Serralves atrai sobretudo casais, em especial *marido/mulher*, casais com *filhos* e *amigos* como acompanhantes. Este jardim apresenta uma dimensão familiar bastante vincada em relação aos outros dois casos, a programação e atividades diversas durante todo o ano dirigidas a toda a família justificará a atração deste segmento de público. Casais de namorados e grupos de amigos são o público mais frequente no JBUC. Neste caso mais uma vez se chama a atenção para o facto de ser grátis e estar localizado perto do polo universitário mais antigo, um ambiente onde este tipo de relações se

desenvolve e se vive nos espaços adjacentes, como se pode constatar nas diversas observações feitas. O Jardim de Fronteira, um espaço de maior complexidade cultural, atrai sobretudo casais de *marido/mulher*.

A natureza do turismo praticado também tem implicações na forma como se “consume o espaço”, já a época da visita, de um modo geral, não tem tanta influência nos comportamentos, como se pode verificar (Quadro VIII.16 e VIII.18). Embora o jardim não tenha sido o principal motivo da saída de casa, curiosamente, é no grupo dos *day-trippers* e na época baixa que se verifica uma tendência maior para o ser. O grupo de turistas, em regra, planeia as suas visitas e com mais antecedência do que propriamente os *day-trippers* cuja decisão é mais imediata, tomada no próprio dia, uma situação que também se verifica durante a época alta de visita. *Fotografar* ou *observar plantas* tem um peso maior no grupo dos turistas, sendo que a primeira se destaca no grupo que visitou na época alta e a segunda na época baixa, pelo contrário, atividades mais passivas como *estar*, *meditar* ou *ler* têm uma representatividade maior nos *day-trippers* e na época baixa.

Como seria de esperar, a maioria dos turistas visitava os jardins pela primeira vez, sobretudo em casal (*marido/mulher*) e com amigos, ao contrário dos visitantes de um dia, a maioria repetentes que visitava sozinho ou com amigos. De notar que a visita na companhia do(a) namorado(a) e de forma solitária tem uma representatividade maior durante a época baixa. A visita, nos dois casos, demora em média *1 a 2 horas*, todavia, verifica-se uma ligeira tendência para a visita ser mais curta no grupo dos turistas e na época baixa e mais demorada no grupo dos *day-trippers*.

O grau de interesse em jardins/jardinagem que define três grupos de visitantes revela não ter grande influência na visita aos jardins, no cômputo geral (Quadro VIII.17 e VIII.18). Embora não se registem diferenças estatisticamente relevantes nas variáveis referentes ao planeamento da visita, à decisão de fazer a visita ou à duração da visita, estas verificam-se sobretudo ao nível do principal motivo da saída de casa, das atividades realizadas e no acompanhamento da visita. É no grupo de visitantes que buscam um dia agradável que o jardim surge, de forma maioritária, em comparação com os outros dois tipos, como o principal motivo. Durante a visita o visitante com interesse geral e com interesse específico *fotografa* e *observa plantas*, essencialmente na companhia do cônjuge e de amigos, já o visitante que busca um dia agradável também *fotografa* mas *conversar* é também uma das atividades destacadas que realizam na companhia de *namorados(as)* e *amigos*. Note-se que *estar* tem uma maior incidência neste grupo e no que manifesta um interesse geral.

Quadro VIII.15: Hábitos e comportamentos de visita por jardim

Variáveis (% coluna)	Jardins		Serralves		JBUC		Fronteira		P-value
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<i>Jardim o principal motivo</i>									0,001
Sim	135	40,5	45	22,5	44	33,1			
Não	186	<b>55,9</b>	144	<b>72,0</b>	81	<b>60,9</b>			
Uma das razões	12	3,6	11	5,5	8	6,0			
<i>Planeamento da visita</i>									0,000
Sim	254	<b>76,3</b>	105	<b>52,5</b>	117	<b>88,0</b>			
Não	79	23,7	95	47,5	16	12,0			
<i>Quando decidiu visitar</i>									0,000
Hoje	118	<b>35,4</b>	133	<b>66,5</b>	24	<b>18,0</b>			
Esta semana	143	<b>42,9</b>	46	<b>23,0</b>	69	<b>51,9</b>			
Semana passada	28	8,4	5	2,5	13	9,8			
Há 1 mês	18	5,4	5	2,5	11	8,3			
Há mais de 1 mês	16	4,8	9	4,5	8	6,0			
Há 1 ano ou mais	2	0,6	1	0,5	0	0,0			
Outro	2	0,6	1	0,5	1	0,8			
<i>Atividades realizadas</i>									-
Fotografar	252	<b>75,7</b>	122	<b>61,0</b>	121	<b>91,0</b>			
Conversar	204	<b>61,3</b>	109	<b>54,5</b>	63	<b>47,4</b>			
Observar plantas	172	51,7	93	46,5	59	44,4			
Meditar	59	17,7	30	15,0	16	12,0			
Namorar	39	11,7	31	15,5	4	3,0			
Ler	38	11,4	45	22,5	7	5,3			
Piquenique	48	14,4	30	15,5	5	3,8			
Estar	141	42,3	72	36,0	21	15,8			
Restantes atividades e Outras	78	23,4	57	28,5	9	6,8			
<i>Frequência da visita (a)</i>									0,000
Primeira vez que visita	229	<b>68,8</b>	90	45,0	122	<b>91,7</b>			
Já visitou outras vezes	104	31,2	110	<b>55,0</b>	11	8,3			
<i>Frequência da visita (b)</i>									0,000
Diária	1	1,0	4	3,6	0	0,0			
Semanal	7	6,7	34	<b>30,9</b>	1	9,1			
Mensal	18	17,3	35	<b>31,8</b>	0	0,0			
Anual	48	<b>46,2</b>	11	10,0	2	18,2			
Outra situação	29	27,9	24	21,8	8	<b>72,7</b>			
<i>Quando frequente</i>									0,000
Semana	7	6,7	33	<b>30,0</b>	1	9,1			
Fim de semana	47	<b>45,2</b>	26	23,6	0	0,0			
Nas duas situações	33	31,7	33	<b>30,0</b>	4	<b>36,4</b>			
<i>Duração da visita</i>									0,000
Menos de 1 hora	20	6,0	33	16,5	46	34,6			
Cerca de 1 hora	60	18,0	83	<b>41,5</b>	48	<b>36,1</b>			
Entre 1 a 2 horas	155	<b>46,5</b>	64	32,0	32	24,1			
Mais de 2 horas	98	29,4	20	10,0	7	5,3			
<i>Acompanhamento</i>									0,000
Marido/Esposa	88	<b>26,4</b>	24	12,0	53	<b>39,8</b>			
Marido/Esposa, Filhos e Outros	38	11,4	11	5,5	9	6,8			
Marido/Esposa e Outros	5	1,5	5	2,5	8	6,0			
Filhos e Outros	20	6,0	13	6,5	3	2,3			
Namorado (a) e Outros	65	19,5	39	<b>19,5</b>	13	9,8			
Amigos e Outros	71	<b>21,3</b>	40	<b>20,0</b>	27	20,3			
Grupo/Tour organizado	0	0,0	1	0,5	4	3,0			
Outros	14	4,2	10	5,0	7	5,3			
Sozinho (a)	32	9,6	57	28,5	9	6,8			

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR em relação às variáveis *quando decidiu visitar* (13 casos: 6 em Serralves e 7 em Fronteira), *atividades realizadas* (1 caso em Serralves), *frequência da visita (b)* (3 casos: 1 em Serralves e 2 no JBUC) e *quando frequente* (6 casos: 4 em Serralves e 2 no JBUC), e os de Não se aplica em relação à variável *quando frequente* (35 casos: 13 em Serralves, 16 no JBUC e 6 em Fronteira).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Quadro VIII.16: Hábitos e comportamentos de visita por tipo de visitante e época da visita

Variáveis (% coluna)	Tipo de visitante				P-value	Época da visita				P-value
	Turista		Day-tripper			Alta		Baixa		
	Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%	
<i>Jardim o principal motivo</i>					0,018					0,004
Sim	133	30,9	91	38,6		127	30,0	97	39,9	
Não	271	<b>63,0</b>	140	<b>59,3</b>		270	<b>63,8</b>	141	<b>58,0</b>	
Uma das razões	26	6,0	5	2,1		26	6,1	5	2,1	
<i>Planeamento da visita</i>					0,000					0,441
Sim	349	<b>81,2</b>	127	<b>53,8</b>		298	<b>70,4</b>	178	<b>73,3</b>	
Não	81	18,8	109	46,2		125	29,6	65	26,7	
<i>Quando decidiu visitar</i>					0,000					0,045
Hoje	144	33,5	131	<b>55,5</b>		182	<b>43,0</b>	93	38,3	
Esta semana	184	<b>42,8</b>	74	31,4		149	35,2	109	<b>44,9</b>	
Semana passada	30	7,0	16	6,8		31	7,3	15	6,2	
Há 1 mês	28	6,5	6	2,5		22	5,2	12	4,9	
Há mais de 1 mês	25	5,8	8	3,4		20	4,7	13	5,3	
Há 1 ano ou mais	3	0,7	0	0,0		3	0,7	0	0,0	
Outro	4	0,9	0	0,0		3	0,7	1	0,4	
<i>Atividades realizadas</i>					-					-
Fotografar	364	<b>84,7</b>	131	<b>55,5</b>		315	74,5	180	74,1	
Conversar	240	<b>55,8</b>	136	<b>57,6</b>		237	56,0	139	57,2	
Observar plantas	231	<b>53,7</b>	93	39,4		204	48,2	120	49,4	
Meditar	65	15,1	40	16,9		64	15,1	41	16,9	
Ler	44	10,2	46	19,5		48	11,3	42	17,3	
Piquenique	52	12,1	31	13,1		62	14,7	21	8,6	
Estar	138	32,1	96	<b>40,7</b>		139	32,9	95	39,1	
Restantes atividades e Outras	84	19,5	134	<b>56,8</b>		133	31,4	85	35,0	
<i>Frequência da visita (a)</i>					0,000					0,852
Primeira vez que visita	385	<b>89,5</b>	56	23,7		279	<b>66,0</b>	162	<b>66,7</b>	
Já visitou outras vezes	45	10,5	180	<b>76,3</b>		144	34,0	81	33,3	
<i>Duração da visita</i>					0,024					0,026
Menos de 1 hora	68	15,8	31	13,1		51	12,1	48	19,8	
Cerca de 1 hora	133	30,9	58	24,6		133	31,4	58	23,9	
Entre 1 a 2 horas	162	<b>37,7</b>	89	<b>37,7</b>		159	<b>37,6</b>	92	<b>37,9</b>	
Mais de 2 horas	67	15,6	58	24,6		80	18,9	45	18,5	
<i>Acompanhamento</i>					0,000					0,009
Marido/Esposa	146	<b>34,0</b>	19	8,1		108	<b>25,5</b>	57	<b>23,5</b>	
Mar./Esp., Filhos e Outros	38	8,8	20	8,5		37	8,7	21	8,6	
Marido/Esposa e Outros	17	4,0	1	0,4		17	4,0	1	0,4	
Filhos e Outros	18	4,2	18	7,6		27	6,4	9	3,7	
Namorado (a) e Outros	69	16,0	48	<b>20,3</b>		65	15,4	52	21,4	
Amigos e Outros	84	<b>19,5</b>	54	<b>22,9</b>		85	<b>20,1</b>	53	<b>21,8</b>	
Grupo/Tour organizado	0	0,0	5	2,1		1	0,2	4	1,6	
Outros	16	3,7	15	6,4		24	5,7	7	2,9	
Sozinho (a)	42	9,8	56	<b>23,7</b>		59	13,9	39	16,0	

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR em relação às variáveis *quando decidiu visitar* (13 casos: 12 no grupo dos turistas e 1 no dos *day-trippers* e todos na época alta) e *atividades realizadas* (1 caso no grupo dos turistas e na época baixa).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Quadro VIII.17: Hábitos e comportamentos de visita por visitantes com diferentes interesses

Tipo de visitante consoante o interesse	Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins e design		Visitante que busca dia agradável		P-value
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
<b>Variáveis (% por coluna)</b>							
<i>Jardim o principal motivo</i>							0,019
Sim	74	33,6	25	30,5	117	36,1	
Não	134	<b>60,9</b>	53	<b>64,6</b>	198	<b>61,1</b>	
Uma das razões	12	5,5	4	4,9	9	2,8	
<i>Planeamento da visita</i>							0,089
Sim	161	<b>73,2</b>	67	<b>81,7</b>	221	<b>68,2</b>	
Não	59	26,8	15	18,3	103	31,8	
<i>Quando decidiu visitar</i>							0,274
Hoje	81	36,8	32	39,0	145	<b>44,8</b>	
Esta semana	86	<b>39,1</b>	34	<b>41,5</b>	124	38,3	
Semana passada	14	6,4	5	6,1	23	7,1	
Há 1 mês	14	6,4	6	7,3	13	4,0	
Há mais de 1 mês	15	6,8	2	2,4	13	4,0	
Há 1 ano ou mais	1	0,5	0	0,0	1	0,3	
Outro	4	1,8	0	0,0	0	0,0	
<i>Atividades realizadas</i>							-
Fotografar	167	<b>75,9</b>	66	<b>80,5</b>	231	<b>71,3</b>	
Conversar	122	55,5	39	47,6	197	<b>60,8</b>	
Observar plantas	128	<b>58,2</b>	49	<b>59,8</b>	127	39,2	
Meditar	41	18,6	9	11,0	49	15,1	
Namorar	20	9,1	5	6,1	45	13,9	
Ler	39	17,7	10	12,2	35	10,8	
Piquenique	31	14,1	4	4,9	46	14,2	
Estar	72	32,7	22	26,8	123	38,0	
Restantes atividades e Outras	48	21,8	12	14,6	70	21,6	
<i>Frequência da visita (a)</i>							0,020
Primeira vez que visita	148	<b>67,3</b>	63	<b>76,8</b>	199	<b>61,4</b>	
Já visitou outras vezes	72	32,7	19	23,2	125	38,6	
<i>Duração da visita</i>							0,660
Menos de 1 hora	34	15,5	11	13,4	48	14,8	
Cerca de 1 hora	64	29,1	32	<b>39,0</b>	87	26,9	
Entre 1 a 2 horas	82	<b>37,3</b>	25	30,5	126	<b>38,9</b>	
Mais de 2 horas	40	18,2	14	17,1	63	19,4	
<i>Acompanhamento</i>							0,002
Marido/Esposa	70	<b>31,8</b>	30	<b>36,6</b>	54	16,7	
Marido/Esposa, Filhos e Outros	12	5,5	7	8,5	31	9,6	
Marido/Esposa e Outros	8	3,6	3	3,7	6	1,9	
Filhos e Outros	15	6,8	2	2,4	16	4,9	
Namorado (a) e Outros	29	13,2	12	14,6	71	<b>21,9</b>	
Amigos e Outros	37	<b>16,8</b>	15	<b>18,3</b>	81	<b>25,0</b>	
Grupo/Tour organizado	2	0,9	0	0,0	3	0,9	
Outros	10	4,5	3	3,7	18	5,6	
Sozinho (a)	37	16,8	10	12,2	44	13,6	

Nota: Não estão apresentados os valores de NS/NR em relação às variáveis *quando decidiu visitar* (13 casos: 5 no 1º grupo, 3 no 2º grupo e 5 no 3º grupo) e *atividades realizadas* (1 caso no 3º grupo).

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2

Verificou-se que a maioria dos visitantes (83,5%) optou por visitar de forma livre, principalmente em Serralves e no JBUC; apenas 1% realizou visita guiada e 15% efetuou uma

visita guiada parcial, uma situação registada somente em Fronteira, onde apenas parte do jardim está incluído na visita guiada ao palácio. Neste jardim cerca de 80% dos visitantes fizeram parte desta visita guiada e 21% visitaram-no de forma livre (Quadro AIV.144).

Tal como referido anteriormente, estes jardins possuem uma estrutura turística composta tanto por outras atrações como por equipamentos que estão disponíveis à fruição do público, podendo ser visitados em conjunto ou de forma individual. Neste âmbito verificam-se diferenças significativas em termos estatísticos entre jardins ( $p=0,000$ ). Quanto ao primeiro caso, percebeu-se que mais de metade da amostra (61,1%) não visitou apenas o jardim mas usufruiu também de outras atrações presentes no espaço. Uma situação que colhe tradução fiel em Serralves e em Fronteira, sendo que no primeiro é o *museu* a atração que a maioria dos inquiridos não deixa de visitar, já no segundo é o *palácio* que, enquanto elemento único a visitar no lugar, complementa a visita (Figura VIII.73).

Não menos importante são os cerca de 39% de inquiridos cujo foco, no espaço, foi em exclusivo o jardim, uma situação traduzida em particular no JBUC onde mais de 70% dos visitantes apenas usufruíram do jardim. Em relação a este caso, cabe aqui mais uma vez referir que aquando do início do estudo ainda era possível visitar as estufas, facto que posteriormente se alterou e que talvez possa ter tido alguma influência no reduzido valor percentual (6%) correspondente aos que visitaram as estufas.

Estes dados vêm corroborar a ideia de que também os jardins portugueses, no caso personificados nestes três exemplos estudados, constituem atrações por si só, à semelhança do que EVANS (2001), SHARPLEY (2007) e outros autores vêm afirmando sobre a atratividade dos jardins.

Mais de metade da amostra (61,7%) revela não ter usufruído de qualquer equipamento disponível no espaço (Figura VIII.74). Apenas em Serralves esta situação se inverte sendo que mais de metade (58,6%) usou algum tipo de equipamento, como por exemplo o *café/casa de chá* (49,2%) que se localiza no meio do jardim, a *loja* (23,4%) que surge na entrada/saída do mesmo e o *restaurante* (15,2%) com uma vista privilegiada sobre o parque. No JBUC o *sky garden* ganha protagonismo tendo sido praticado por mais de 80% dos visitantes que responderam de modo afirmativo à questão e em Fronteira a quase totalidade (94%) dos que usufruíram de equipamento adquiriu-o na *loja* que se encontra aberta ao público.

Como seria de esperar, o turista não se limita apenas a visitar o elemento jardim no espaço, embora se tenham registado uns interessantes 26,5% que têm no jardim o único foco da visita, tal como a grande parte dos *day-trippers*, sendo igualmente os turistas os que mais usufruem dos equipamentos disponíveis, em relação aos visitantes do dia (Quadro VIII.18).

Não se verificam diferenças estatísticas relevantes entre estas variáveis e os três grupos de visitantes conforme o interesse. Todavia, refira-se que o visitante que busca um dia agradável detém uma percentagem maior de indivíduos que visitam só o jardim em comparação com os outros dois grupos, sendo curioso que os que se identificaram como visitantes com um interesse específico revelem uma baixa percentagem neste sentido.

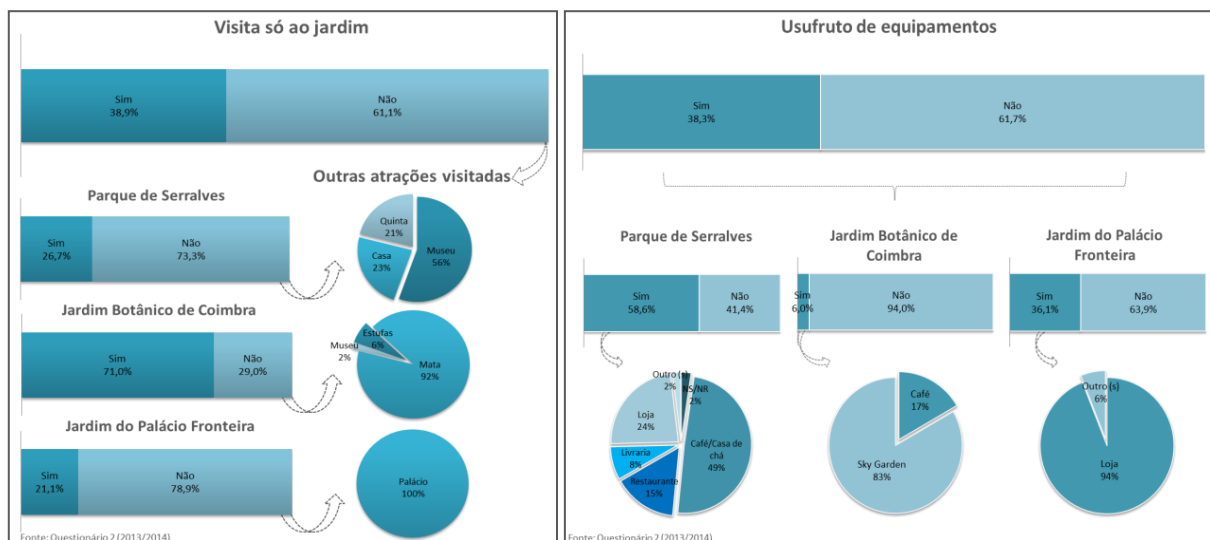


Figura VIII.73 e VIII.74: Comportamento do visitante no que diz respeito à visita de outras atrações do espaço e ao usufruto de equipamentos

Quadro VIII.18: Visita ao jardim e usufruto dos equipamentos por tipo de visitante, visitante com diferentes interesses e época da visita

Variáveis (% coluna)	Tipo de visitante				Tipo de visitante consoante o interesse						Época da Visita					
	Turista		Day-Tripper		Interesse geral em jardins		Interesse específico em jardins e design		Visitante que busca dia agradável		Alta		Baixa			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
<i>Visita só o jardim</i>																
Sim	114	26,5	145	<b>61,4</b>	88	40,0	24	29,3	136	42,0	167	39,5	92	37,9		
Não	316	<b>73,5</b>	91	38,6	132	<b>60,0</b>	58	<b>70,7</b>	188	<b>58,0</b>	256	<b>60,5</b>	151	<b>62,1</b>		
P-value											0,000		0,079		0,680	
<i>Usufri dos equipamentos</i>																
Sim	187	43,5	68	28,8	84	38,2	38	46,3	114	35,2	151	35,7	104	42,8		
Não	243	<b>56,5</b>	168	<b>71,2</b>	136	<b>61,8</b>	44	<b>53,7</b>	210	<b>64,8</b>	272	<b>64,3</b>	139	<b>57,2</b>		
P-value											0,000		0,171		0,070	

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Quanto ao conhecimento mais apurado sobre as atividades existentes no jardim e à sua participação conclui-se que são sobretudo os nacionais com residência perto dos jardins que

têm conhecimento do programa de atividades e também os que costumam participar em alguma delas. Verificam-se alguns casos de inquiridos que conhecem esse programa mas não participam nele. É em Serralves que se encontra um número maior de visitantes com mais conhecimento e participação na dinâmica do jardim, onde cerca de 26% dos inquiridos neste espaço afirma conhecer o programa de atividades disponíveis e 13% revela participar em algumas delas. O Jardim de Fronteira é, dos três, aquele cujos visitantes mais desconhecimento revelam (89,5%) sendo a participação nessas atividades irrisória (3%) (Figura VIII.75). No que diz respeito aos visitantes estrangeiros apenas uma percentagem muito residual afirma conhecer o que se passa no jardim e participar nas atividades disponíveis (5,3% e 1,8% respetivamente).

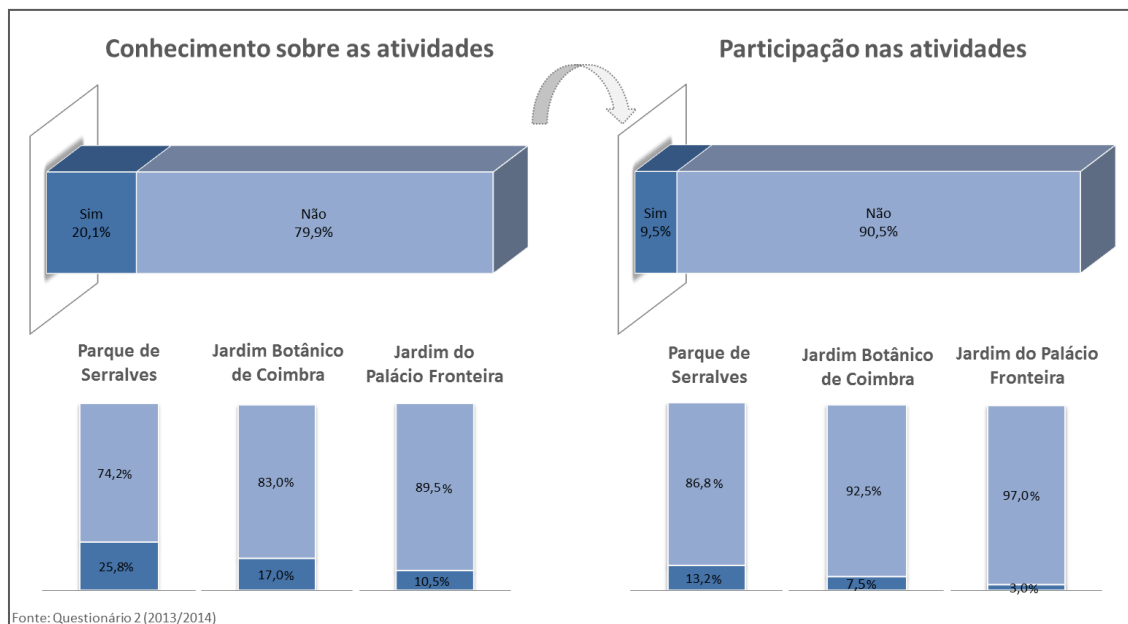


Figura VIII.75: Conhecimento e participação nas atividades dos jardins

Neste âmbito é fundamental apostar-se não só no aumento e diversificação de atividades como em estratégias de marketing e divulgação direcionadas para os diferentes tipos de público.

### 8.2.5.2. Satisfação e qualificação da experiência da visita ao jardim

As expectativas desempenham um importante papel na determinação da satisfação e, de acordo com a teoria da expectativa, uma experiência de viagem/visita que atinja ou exceda as expectativas dos turistas será lembrada de forma positiva (GNOTH, 1997). A grande maioria dos visitantes tinha algum tipo de expectativas sobre o jardim visitado que foram, em



86% dos casos, satisfeitas. Apenas uns pouco expressivos 4% afirmam que as suas expectativas saíram goradas e 10% revelaram não esperar nada do espaço visitado. Mesmo assim, a quase totalidade dos visitantes saiu *satisfeito* (39,9%) e  *muito satisfeito* (50,2%) com a visita ao jardim constatando-se apenas uma irrisória percentagem de *pouco satisfeitos* (0,9%, 6 indivíduos) que se eleva aos 8% de visitantes indiferentes, ou seja *nem satisfeitos, nem insatisfeitos* (Figura VIII.76).

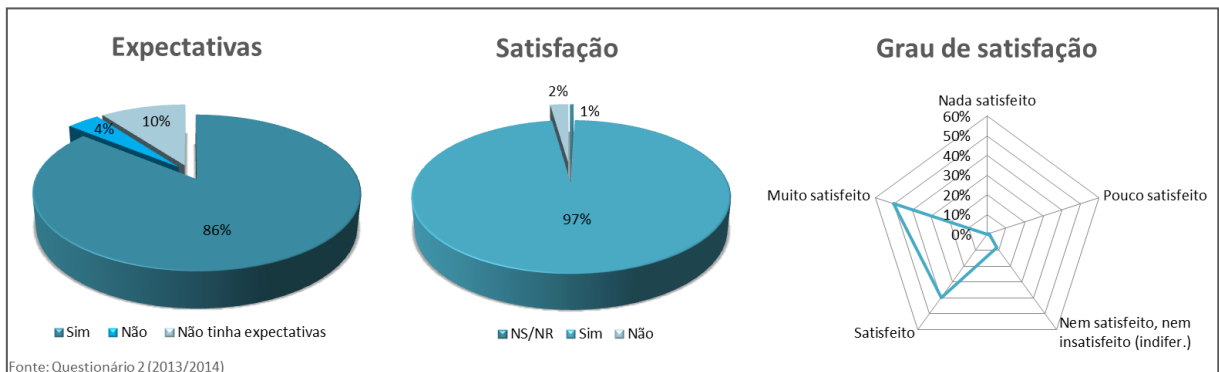


Figura VIII.76: Expectativas e satisfação com a visita ao jardim

No seguimento desta questão procurou saber-se o que mais tinha agradado e desagradado no espaço e na visita. Recorde-se que estas informações provenientes dos visitantes constituem elementos fundamentais para os proprietários ou gestores para a manutenção dos aspetos positivos e supressão e/ou melhoramento dos aspetos negativos por forma a corresponder às expectativas dos diversos tipos de públicos e proporcionar-lhe uma experiência positiva, induzindo-lhes o desejo de regresso.

Os jardins gozam de um impacto visual bastante grande, de tal maneira que WANHILL (2003, citado em FOX, 2006) afirma mesmo que são a única forma de *imagescape*. É sobretudo a *beleza visual dos jardins* que mais agrada aos visitantes, tendo sido referida por mais de metade da amostra (57,4%) correspondendo a 27,2% no total de ocorrências. Uma avaliação sobre gostos que está em consonância com a apurada no estudo de CHEN *et al.* (2009) onde também a beleza cénica é o fator destacado.

Em segundo lugar, e na linha daquilo que os visitantes esperam encontrar num jardim, daquilo com que o identificam e que por isso o torna tão diferente de outras atrações, surge a *calma, tranquilidade e sossego*, apontada por cerca de 54% dos inquiridos, correspondendo a cerca de 26% das ocorrências (Figura VIII.77). Conclui-se portanto que além de visualmente bonitos e apelativos os jardins transmitem calma e tranquilidade, são identificados como locais aprazíveis para o descanso e espaços seguros. Estes dois pontos ocupam também os

dois lugares cimeiros quando a análise é feita ao nível de cada jardim. Todavia é de registar que as posições se invertem no JBUC onde o aspeto positivo mais referido foi a *calma, tranquilidade e sossego*.

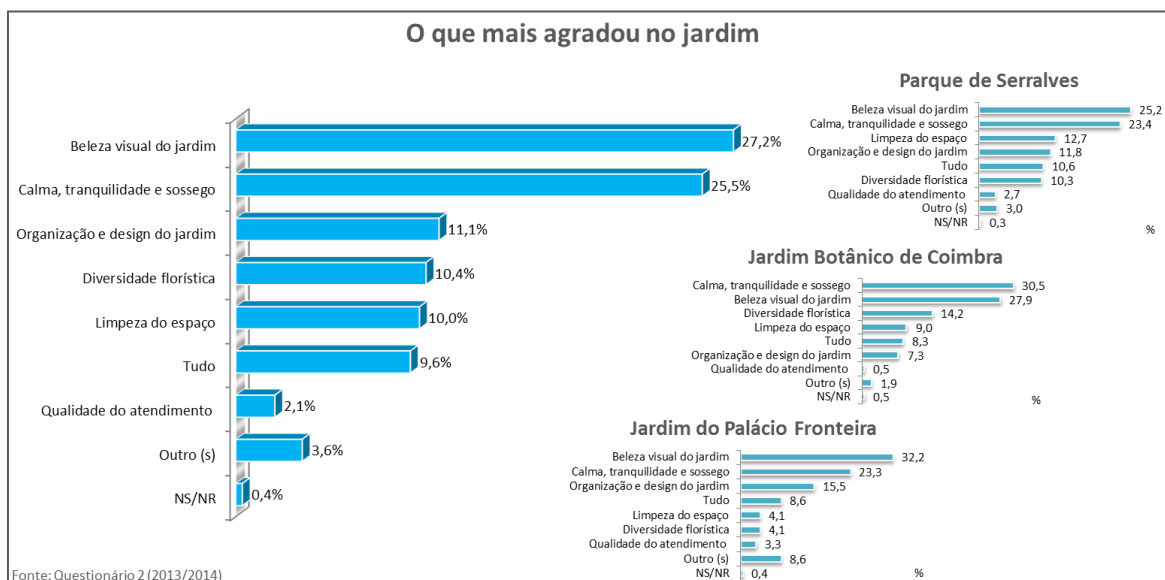


Figura VIII.77: Aspetos positivos dos jardins, sobre o total de ocorrências (total e por jardim)

Com relação a outros aspetos é de destacar ainda, no geral, a importância dada à *organização e design do jardim* (11,1% das ocorrências) assim como à *diversidade florística* (10,4% das ocorrências). Em Serralves a *limpeza do espaço* (12,7%) foi bastante elogiada pelos visitantes assim como a *diversidade florística* (14,2%) foi notada pelos visitantes do JBUC. Já no Jardim de Fronteira o enfoque foi dado à *organização/design do jardim* (15,5%), recorde-se de inspiração neoclássica italiana (Figura VIII.77).

Outros aspetos foram destacados pelos visitantes e que merecem a pena revelar a título de curiosidade. Em Serralves são de igual modo apreciadas as esculturas/obras de arte dispersas pelo jardim, a dimensão do espaço e a diversidade da oferta, as vistas, a conjugação de cores, a boa manutenção, o sons e os sítios para sentar e descansar à sombra, e a gratuidade para estudantes. Já no JBUC, as atenções dos visitantes focam-se de forma positiva na abertura da mata, ainda que parcial, na dimensão de algumas árvores e do próprio jardim, nos sons, na arquitetura dos fontanários e na providencial sombra. Em Fronteira os visitantes são unânimes em destacar a coleção de azulejos que se encontra cravada nos muros e a sua perfeita conexão com o jardim envolvente, referindo ainda a boa manutenção, os cisnes negros que povoam o Grande Tanque, o bilhete acessível e a reduzida dimensão do jardim permitindo uma visão geral do mesmo.

No que diz respeito aos aspetos que menos agradaram é de ressaltar os quase 45% de visitantes (35,9% das ocorrências) que nada têm a apontar ao jardim visitado. Uma situação que tem tradução fiel nos três estudos de caso (Figura VIII.78). Porém, verifica-se que a *falta de informação* e de  *sinalização* (13,7% e 10,8% das ocorrências respetivamente) são os principais problemas apontados e transversais aos três jardins, muito embora os visitantes de Fronteira tenham indicado, acima destes, a *degradação do jardim*.

Quanto à ausência de informação e sinalização, os visitantes fazem questão de mencionar que sentem falta sobretudo de informação a identificar as espécies florísticas através de placas informativas, de informação geral sobre o jardim (história, atividades, alguns elementos), em folhetos e painéis, disponível em diversos idiomas para além do inglês, o que, dada a diversidade de nacionalidades dos visitantes, constitui um entrave à sua correta perceção e informação, e ainda de sinalização de percursos. Este *handicap* não é sentido apenas dentro do próprio jardim, como também fora do mesmo, levando alguns visitantes a chamar a atenção para a falta de sinalização no trajeto para o jardim. De notar que por exemplo em Fronteira não há indicações e sinalização própria a direcionar para o palácio e jardim. O mesmo não acontece com Serralves ou o JBUC que até dispõem de alguma sinalização no exterior.

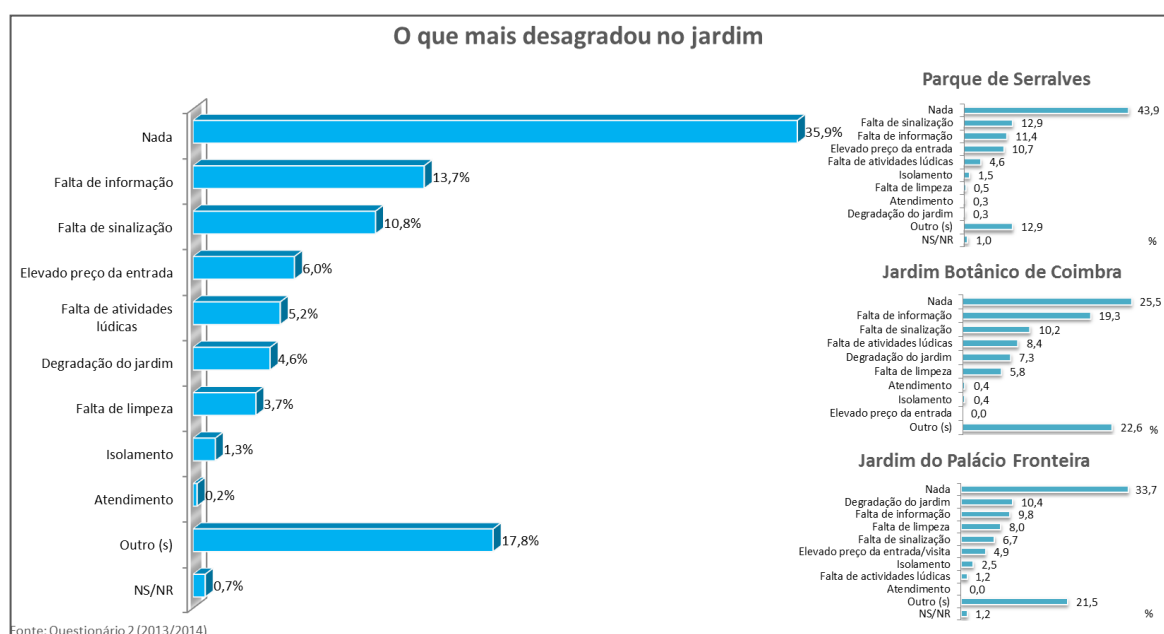


Figura VIII.78: Aspetos negativos dos jardins, sobre o total de ocorrências (total e por jardim)

Este conjunto de inquiridos sente-se de igual modo desagradado com o *elevado preço da entrada*, em particular no Parque de Serralves. Este aspeto, que cerca de 8% dos visitantes

considera negativo, é apontado em grande parte por visitantes de origem nacional. Com uma expressão residual está o *isolamento* (1,3% das ocorrências), referido na maioria pelos visitantes de Fronteira, e o *atendimento* (0,2% das ocorrências). Merece uma nota ainda a questão da *degradação do jardim* mencionada com particular destaque em Fronteira (4,6% das ocorrências). No JBUC são 10% os que consideram o jardim degradado, chamando também à atenção de 11,5% a *falta de atividades* (7,3% e 8,4% das ocorrências).

Para além das opções disponíveis, cerca de 22% dos inquiridos não se coibiu de apontar outros constrangimentos que nos parecem importantes ter em consideração para reflexão e futura intervenção, estando particularizados por jardim no Quadro VIII.19.

Em Serralves são apontados com maior frequência a falta de flores, que aliás é comum aos três jardins, muito associada à degradação do roseiral, a sujidade da água presente nos lagos, o pavimento inadequado para pessoas com mobilidade reduzida e carrinhos de bebé (Figura VIII.79), a falta de casas de banho ao longo do parque ou ainda o encerramento da Casa em algumas situações. Para além destes aspetos mais internos, os visitantes apontam ainda alguns constrangimentos externos, ou seja, não controláveis pelos responsáveis, como o barulho dos aviões que circulam a relativa baixa altitude naquela área (note-se que o aeroporto se localiza a pouco mais de 9 km) e o barulho do toque e das crianças das escolas adjacentes aos muros da Fundação.

No JBUC o descontentamento é sentido essencialmente ao nível da impossibilidade de visita de alguns espaços, em particular das estufas, que se encontram vedados/encerrados ao público (Figura VIII.79). A degradação das estruturas e edifícios assim como a falta de determinados equipamentos que ajudam a uma permanência mais alargada dos visitantes no espaço como café ou loja de plantas, são também apontados como pontos negativos.

Em Fronteira o desagrado fixa-se sobretudo na área do jardim que foi restaurada através do programa *EEA Grants* (ponto 4.3.1.2. do capítulo IV), levando alguns visitantes a manifestarem total aversão aos azulejos e cor aí usados como ao próprio desenho em si, nada compatível com o restante conjunto (Figura VIII.79). A degradação de alguns elementos presentes no jardim, como as estátuas e os azulejos, também foi referido ao que se acrescenta ainda as vistas que, em determinada perspetiva, são quebradas e preenchidas por prédios e construção urbana configurando um *sky line* nada atrativo e que destoia por completo do sítio em que se encontram, como se verifica na imagem atrás.

Salientaram-se os aspetos que mereceram especial atenção dos visitantes, os restantes pontos fracos enumerados no Quadro VIII.19 têm, na maioria, uma representatividade residual.

Quadro VIII.19: Outros aspetos que desagradaram aos visitantes

Parque de Serralves	JBUC	Jardim de Fronteira
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Falta de flores</li> <li>✓ Roseiral degradado</li> <li>✓ Sujidade do lago, da água</li> <li>✓ Pavimento inadequado</li> <li>✓ Falta de WCs no jardim</li> <li>✓ WC fechado</li> <li>✓ Encerramento da Casa</li> <li>✓ Arquitetura/interior da Casa</li> <li>✓ Incompatibilidade da cor dos azulejos com o redor</li> <li>✓ Falta de quiosque e mapa à entrada</li> <li>✓ Muitas espécies exóticas</li> <li>✓ Falta de organização e diversidade de plantas</li> <li>✓ Degradação do jardim das aromáticas</li> <li>✓ Esculturas sujas</li> <li>✓ Falta de cinzeiros</li> <li>✓ Falta de mais arte/estátuas</li> <li>✓ Painéis da exposição interferem com paisagem</li> <li>✓ Falta de segurança</li> <li>✓ Demasiados alunos escolares/barulho</li> <li>✓ Cascata sem funcionar</li> <li>✓ Demasiado pequeno</li> <li>✓ Comportamento de alguns visitantes</li> <li>✓ Barulho dos aviões</li> <li>✓ Barulho do toque e das crianças nas escolas ao lado</li> <li>✓ Gaivotas e insetos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Setores fechados</li> <li>✓ Estufas fechadas</li> <li>✓ Degradação dos edifícios</li> <li>✓ Falta de flores</li> <li>✓ Falta bancos confortáveis</li> <li>✓ Falta de bebedouros</li> <li>✓ Degradação das estufas</li> <li>✓ Falta de WCs</li> <li>✓ Falta de café, bar</li> <li>✓ Existência de muitas espécies invasoras</li> <li>✓ Piso/chão lamacento</li> <li>✓ Falta de mesas para estudo</li> <li>✓ Escadas</li> <li>✓ Falta de manutenção</li> <li>✓ Falta de rampas para pessoas com mobilidade reduzida</li> <li>✓ Falta de loja de plantas</li> <li>✓ <i>Sky garden</i> fechado</li> <li>✓ Encerramento cedo do jardim</li> <li>✓ Sujidade dos lagos</li> <li>✓ Reduzida publicidade</li> <li>✓ Muitas moscas</li> <li>✓ Falta de relva</li> <li>✓ Impossibilidade de descansar na relva</li> <li>✓ Falta de dinâmica</li> <li>✓ Falta de civismo de pessoas</li> <li>✓ Desorganização</li> <li>✓ Falta de diversidade de espécies</li> <li>✓ Dimensão reduzida</li> <li>✓ Plantas degradadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Arquitetura da parte recente do jardim/cor dos azulejos</li> <li>✓ Falta de flores</li> <li>✓ Degradação dos edifícios</li> <li>✓ Estátuas deterioradas</li> <li>✓ Degradação dos azulejos</li> <li>✓ Vista para os prédios</li> <li>✓ Falta de café</li> <li>✓ Falta de cestos do lixo</li> <li>✓ Falta de acompanhamento do guia no jardim</li> <li>✓ Falta de bancos</li> <li>✓ Fontes paradas</li> <li>✓ Demasiado verde e poucas cores</li> <li>✓ Degradação do <i>Buxus</i></li> <li>✓ Cheiro do <i>Buxus</i></li> <li>✓ Não fazerem visita em espanhol</li> <li>✓ Barulho que vem da estrada</li> </ul>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)



Fonte: Autora (2013 e 2014)

Figura VIII.79: Exemplos de pontos negativos dos jardins apontados pelos inquiridos<sup>285</sup>

<sup>285</sup> Da esquerda para a direita: espaços vedados ao público no JBUC, pavimento pedregoso em alguns caminhos no Parque de Serralves e *sky line* urbano e Jardim do Laranjal em Fronteira.

Alguns inquiridos referiram-se à falta de determinados equipamentos, que de resto acontece um pouco por todos os jardins portugueses (ponto 7.2.1. do capítulo VII), e que invariavelmente influenciou com a vivência em pleno da experiência da visita, e que deve ser considerado pelos seus responsáveis. A este respeito, CONNELL (2002) apurou que sala de chá, WCs e parque de estacionamento são considerados pelos visitantes equipamentos muito importantes num jardim, tal como os visitantes do *Nezahat Gökyiğit Botanical Garden* (KARAŞAH & VAR, 2013) consideraram importante nele ser implantado, entre outros, um café/restaurante e uma loja de *souvenirs* e de plantas.

Nesta linha, e de forma conclusiva, procurou-se que os visitantes classificassem e/ou definissem a experiência da visita de forma sintética em três palavras, tendo em conta a concretização das expectativas iniciais e dos motivos que os levaram lá assim como o grau de satisfação geral de cada um. A análise das expressões (1587 no total) utilizadas pelos inquiridos para a qualificar, essencialmente ao nível da adjetivação, mostra de modo inequívoco, que a visita foi, de forma global, positiva e em muito relacionada com o que esperavam e o que procuraram que o jardim lhes oferecesse. Ora vejamos, as expressões *agradável* e *relaxante* foram de longe as mais utilizadas revelando desta forma que o jardim correspondeu àquilo que procuravam e esperavam. *Tranquila, boa, bela/bonita, inspiradora, interessante, calma* e *apaziguante* foram algumas das avaliações mais referidas, embora muitas delas constituam sinónimos.

A diversidade de perceções da experiência da visita avançadas pelos inquiridos determinou a necessidade de as agrupar em grandes dimensões, adotando alguns conceitos já utilizados noutros estudos<sup>286</sup> que contemplaram este âmbito e acrescentando outros ajustados à temática em questão, cada uma delas regidas por parâmetros representativos de cada uma e com base nos quais foram agregadas as expressões que apresentavam um fio condutor semelhante. Foram assim definidas seis dimensões de carácter positivo, a de carácter negativo e indiferente ou neutro (Figura VIII.80).

Uma avaliação global revela que na perceção da experiência foram invocados aspetos/valores de carácter pessoais/emotivos e estéticos, para além dos mais básicos. Tendo em conta o total de ocorrências, as dimensões genérica/elementar e psicológica/emocional destacam-se. A primeira com avaliações mais simplistas e básicas no campo do *interessante, agradável, boa, a repetir* ou *espetacular*, o segundo agregando qualificações como *calma, tranquila, inspiradora, romântica*.

---

<sup>286</sup> Refere-se especificamente o estudo de SANTOS (2004) onde a autora avaliou a experiência vivida pelos inquiridos no Santuário de Fátima.

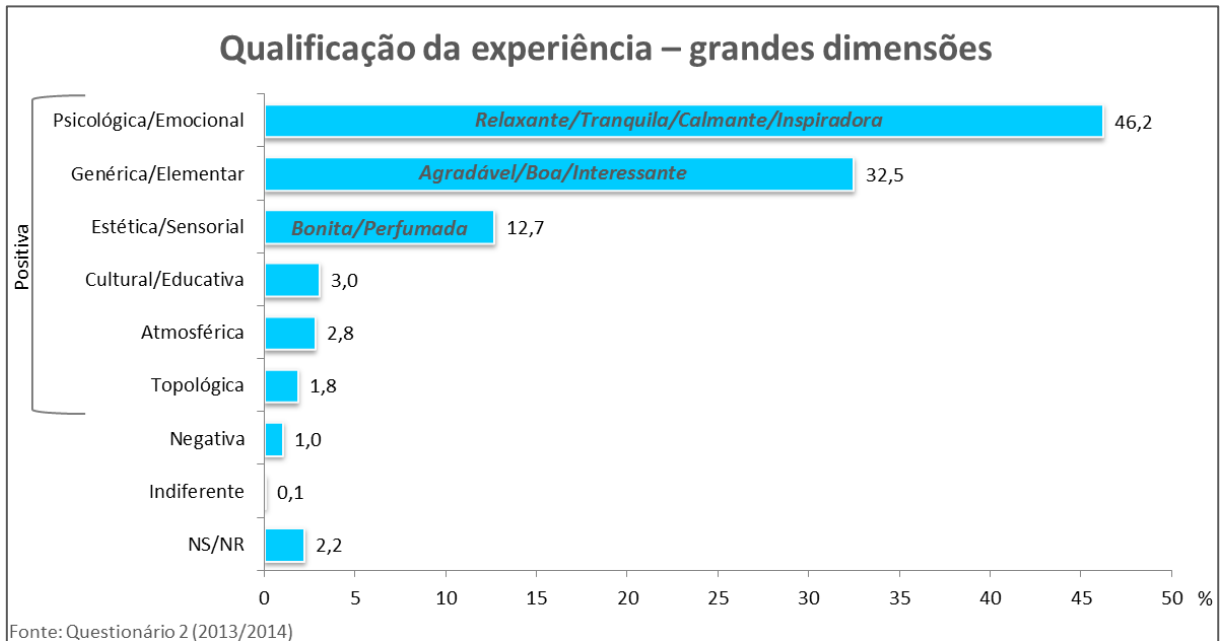


Figura VIII.80: Qualificação da experiência de visita aos jardins, sobre o total de ocorrências

Os jardins são espaços que apelam sobretudo aos sentidos da visão e do olfato e por isso indissociáveis da estética considerada no seu todo. Neste âmbito, definiu-se um campo estético/sensorial mais geral para o qual remetemos expressões básicas como *bela/bonita*, *perfumada* ou *colorida*, e outro mais específico que se designou de topológico onde eram feitas referências mais específicas a determinados elementos estéticos/artísticos dos jardins.

Ainda no domínio da perceção positiva da experiência de visita, cerca de 7% dos inquiridos (3% do total de ocorrências) avaliou-a sob uma dimensão cultural/educativa classificando-a como *cultural*, *didática*, *histórica* e 6,6% (2,8% de ocorrências) apelou às condições atmosféricas do dia da visita e definiu-a maioritariamente como *solarenga* e *refrescante*.

Com uma representação residual estão os que avaliaram a visita de forma negativa (2,4% que representam 1% do total de ocorrências) traduzida nas situações: *dececionante*, *desapontadora*, *barulhenta*, *ventosa*, *chuvosa*. Apenas um inquirido se mostrou completamente indiferente.

Atendendo ao facto de que eram solicitadas três apreciações à experiência da visita, percebeu-se que os inquiridos associaram de modo recorrente o âmbito genérico, psicológico e estético (em igual proporção cada um ou com pesos diferentes), sobretudo os que se destacam individualmente, como se pode verificar no Quadro AIV.158, embora uma menção deva ser feita aos que apreciaram a sua visita em exclusivo no campo do

emocional/psicológico. Estes dados permitem perceber/detetar ainda uma relação global entre os motivos da visita enunciados pelos inquiridos e a perceção da experiência da mesma através da sua avaliação.

No término do questionário mais de metade dos visitantes inquiridos revela que vai voltar (52,3%), perto de 27% mostram-se indecisos apontando um talvez, se voltar à cidade em questão, e cerca de 18% é perentório em afirmar que não mais regressarão ao jardim visitado. Apenas em Fronteira se registam algumas diferenças já que são mais aqueles que indicam que não regressam (36,1%) do que os que pretendem voltar (24,1%) (Figura VIII.81). De acrescentar que são sobretudo turistas estrangeiros que revelam intenção de não retornar ao jardim sendo que os *day-trippers* demonstram uma vontade quase total para o regresso.

No estudo austríaco (IWI/BRUNNER *et al.*, 2009), por exemplo, é bastante superior a percentagem de visitantes que deseja voltar aos jardins (97%) dos quais cerca de 80% querem definitivamente voltar e irrisória, na ordem dos 2%, aqueles que não vão voltar.

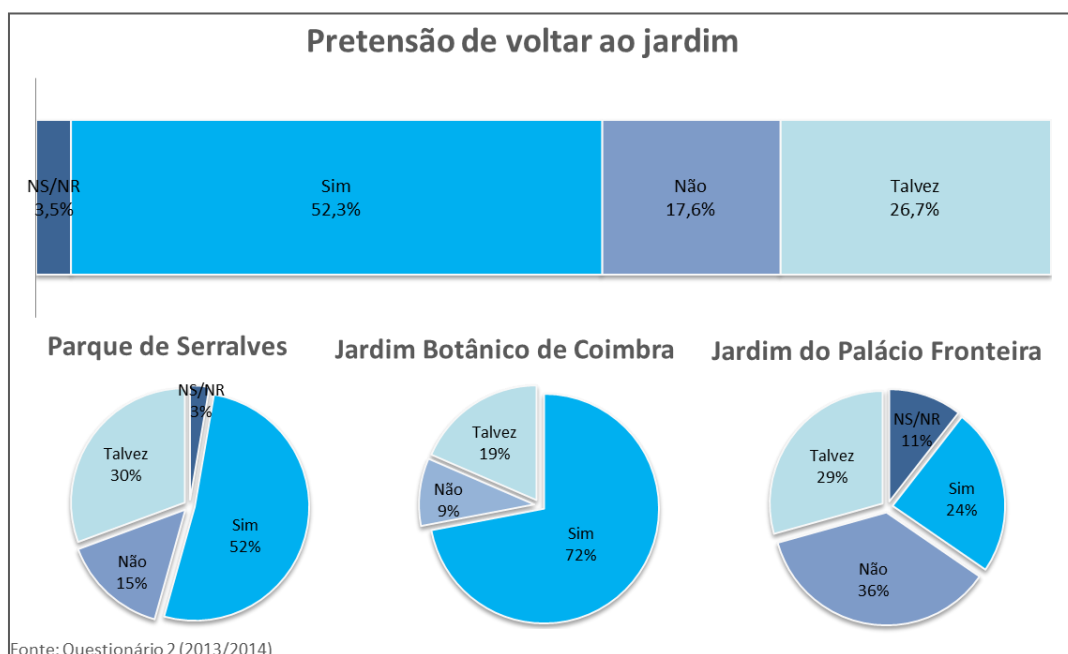


Figura VIII.81: Pretensão dos visitantes em voltar ao jardim

### 8.2.6. Principais conclusões e verificação das hipóteses de investigação específicas

Procura-se neste ponto fazer uma síntese integradora dos principais resultados do inquérito por questionário aos visitantes e das respostas às hipóteses de investigação específicas apresentadas no início deste capítulo. Quanto aos primeiros destaca-se no essencial o seguinte:



**I.a) Características sociodemográficas:**

- ✓ A maior parte dos inquiridos são mulheres, o que sugere que o típico visitante de jardins se trata de um público maioritariamente feminino. Não obstante, é interessante a percentagem do segmento masculino registado;
- ✓ É sobretudo a faixa jovem-adulta, situada entre os 18-39 anos, em particular a dos 25-34 anos, que mais se verificou, registando-se uma idade média de idade de 41 anos;
- ✓ O público inquirido é altamente qualificado, pois mais de metade frequentou o ensino superior, predominando os indivíduos especialistas em atividades intelectuais e científicas, e em particular as profissões de professor, arquiteto e engenheiro;
- ✓ Ao contrário de outros estudos, neste apurou-se que estes jardins atraem maioritariamente público estrangeiro, embora seja alta a percentagem de nacionais, mormente de locais, e por consequência mais turistas que *day-trippers*;

**I.b) Características relativas à viagem/saída de casa:**

- ✓ Mais de metade dos inquiridos revelou estar de férias, de cariz cultural, com uma duração entre 4 e 8 dias, que se aloja em hotéis localizados perto dos jardins;
- ✓ Nas visitas a outras atrações antes e depois dos jardins estudados consta também a referência a outros jardins;

**II.a) Hábitos gerais de lazer e turismo**

- ✓ A leitura e andar/caminhar são as atividades lúdicas mais praticadas pelos inquiridos. A jardinagem surge em quinto lugar da lista tendo sido referida por cerca de 21% dos inquiridos;
- ✓ Os inquiridos revelaram que o património construído e os museus/galerias são as principais atrações turísticas alvo da sua visita. Os jardins/parques ocupam igualmente a quinta posição, referidos por 39% dos visitantes. Estes indicadores mostram que estamos perante um público com uma grande apetência cultural;

**II.b) Hábitos específicos de lazer e turismo com relação a jardins**

- ✓ Mais de metade dos inquiridos afirmou ter jardim em casa, gostar e praticar jardinagem, destacando-se a faixa etária dos 40-64 anos;
- ✓ Quase 2/3 da amostra assume ser visitante habitual de jardins, visita que é sobretudo de assiduidade mensal, feita durante todo o ano, seja à semana ou fim de semana, embora este último período reúna a preferência de cerca de 40%;

- ✓ A visita a jardins é efetuada de forma acompanhada, seja em jardins de entrada paga ou gratuita, embora mais de 30% privilegie jardins gratuitos e mais de 70% visitas livres;
- ✓ A maior parte dos inquiridos revelaram já ter visitado outras atrações relacionadas com jardins, em particular estufas, todavia é residual a percentagem dos que são filiados em associações ou organizações relacionadas com jardins/jardinagem;
- ✓ A paz, tranquilidade, descanso e sossego assim como o contacto com a natureza são os principais motivos gerais apresentados para a visita a jardins, pois é com a dimensão emocional/psicológica, sensorial e natural que os inquiridos identificam e que através destas diferenciam os jardins de outras atrações;
- ✓ Metade dos inquiridos assume-se como visitantes que buscam apenas um tempo/dia agradável;

### III) Características da visita ao jardim

- ✓ Mais de metade da amostra admitiu que a visita ao jardim não fora o principal motivo da saída, sendo irrisória a percentagem dos que afirmaram estar a realizar um *tour* de jardins;
- ✓ Cerca de 3/4 dos inquiridos planeou a visita ao jardim, de forma individual, e cuja decisão de visita foi tomada no próprio dia ou na semana antecedente;
- ✓ A paz, tranquilidade e descanso, o bom tempo para passear e o ambiente natural foram os principais motivos da visita aos jardins. De notar que os motivos arquitetura/design assim como as diferentes espécies florísticas foram referidos, cada um, por menos de 10% dos inquiridos;
- ✓ Fotografar, conversar e observar plantas foram as atividades realizadas mais mencionadas, verificando-se um claro domínio das atividades mais passivas;
- ✓ A maior parte dos inquiridos revelou que conheceu ou informou-se sobre o jardim através de guias/livros/revistas e de familiares e/ou amigos;
- ✓ Mais de metade da amostra afirmou ser a primeira vez que visitava aquele jardim. Os que já o tinham feito outras vezes revelaram que o fazem com uma assiduidade mensal e anual, independente da altura da semana, embora se destaque o fim de semana;
- ✓ A visita tem uma duração de uma a duas horas, é realizada de forma livre e acompanhada, mormente pelo respetivo cônjuge ou amigos;
- ✓ Por norma, os inquiridos não visitaram somente os jardins estendendo a visita aos elementos associados, o mesmo não se verificou com o usufruto dos equipamentos;

- ✓ Grande parte revelou desconhecimento quanto às atividades proporcionadas pelos jardins, registando-se uma baixa participação nas mesmas;
- ✓ Na maioria dos casos as expectativas foram satisfeitas, tendo o grau de satisfação se situado sobretudo ao nível do Muito Satisfeito;
- ✓ A beleza visual do jardim e a calma, tranquilidade e sossego foram justamente os aspetos que mais foram do agrado dos visitantes, já a falta de informação e de sinalização o que mais desagradou, embora seja de destacar a elevada percentagem dos que nada tiveram a apontar aos jardins visitados;
- ✓ Por fim, verificou-se que a quase totalidade dos inquiridos qualificou a sua experiência de visita de forma positiva, situando-a ao nível da dimensão psicológica/emocional (relaxante, tranquila, calmante, inspiradora) e genérica (agradável, boa, interessante), pelo que mais de metade manifestou intenção de regressar.

Em relação às hipóteses de investigação específicas formuladas no ponto 8.1.1. os resultados posicionam-se da seguinte forma:

#### **H.1. O perfil sociodemográfico dos visitantes varia consoante o:**

*a) jardim:* verificou-se que no JBUC o público é constituído sobretudo por *day-trippers* dominando por isso os visitantes de residência nacional, são por norma mais jovens tendo-se registado uma média de idades a rondar os 37 anos e uma maior incidência da faixa etária dos 18-24 anos; embora se destaquem os indivíduos com ensino secundário e licenciatura, as habilitações mais baixas são mais comuns neste jardim assim como os estudantes, desempregados ou com profissões menos qualificadas. A gratuitidade da visita assim como a sua localização assim o justificarão. Pelo contrário, regista-se um quantitativo superior de turistas em Serralves e em Fronteira, demonstrando uma atratividade internacional mais vincada. No Jardim de Fronteira evidenciam-se os escalões de idade superior, 45-54 a 75 e mais anos (média de 46 anos) e em Serralves há um maior equilíbrio entre os escalões etários, embora se registre um ligeiro predomínio da faixa jovem adulta (18-39 anos), regista-se uma média de idades de 43 anos. Nestes dois casos as habilitações académicas são essencialmente de nível superior assim como as profissões, notando-se que os mestres e doutorados assim como os reformados têm particular incidência entre os visitantes de Fronteira. Nos três jardins há um domínio do público feminino (Quadro VIII.7).

**b) tipo de visitante:** foi possível verificar que os turistas estão sobretudo representados nos escalões 25-34 a 75 e mais anos, que apresentam qualificações superiores, em particular mestrado, tendo os doutorados mais expressão neste grupo assim como os reformados comparativamente com os *day-trippers*. Os visitantes de um dia têm uma representatividade maior nas frações de idades mais jovens mormente dos 18-24 anos e 25-34 anos e os graus de instrução inferiores, nomeadamente ao nível do ensino básico, são detidos na sua maioria por este tipo de visitante, muito embora o ensino secundário e a licenciatura sejam os níveis académicos com mais representatividade. De notar ainda que os estudantes assim como os desempregados têm um peso maior no seio deste grupo. Não se verificam diferenças de género nestes dois tipos de visitantes (Quadro VIII.7).

**c) tipo de interesse:** os indivíduos que manifestam interesse geral por jardins são turistas que residem sobretudo no estrangeiro, situam-se no estrato etário dos 40 a 64 anos e possuem um elevado grau de habilitação académica, com destaque para a licenciatura, assim como profissões de nível intelectual elevado (grande grupo 2). Os reformados têm uma expressão maior neste grupo. O visitante que busca um dia agradável demonstra a mesma tendência nestes itens, mas neste tipo regista-se uma percentagem mais elevada de residentes nacionais e de *day-trippers*, é composto maioritariamente por indivíduos de um estrato mais jovem (18-39 anos), com o grau de licenciatura e onde o peso dos estudantes se destaca em relação aos outros dois grupos. Os visitantes com interesse específico são essencialmente turistas residentes no estrangeiro, do estrato etário dos 40-64 anos que possuem o mestrado. Não se registam diferenças entre géneros (Quadro VIII.7).

**e) época da visita:** a análise estatística não revelou diferenças relevantes entre os visitantes de época alta e de época baixa na totalidade das variáveis consideradas. Todavia há que referir que na época baixa verifica-se uma incidência ligeiramente maior, em comparação com a época alta, de *day-trippers* assim como de visitantes do estrato etário dos 65 e mais anos e dos reformados (Quadro VIII.7).

## **H.2. Os motivos para a visita aos jardins variam de acordo com o:**

**a) jardim:** a análise estatística realizada no ponto 8.2.5.1. (Quadro VIII.13) revelou que as motivações para a visita são divergentes conforme os jardins. O motivo *paz, tranquilidade e descanso* foi o principal motivo apontado pelos visitantes de Serralves e do JBUC, em Fronteira a principal motivação foi o palácio (*Outros*), a *fama do jardim* assim como a *paz*,

*tranquilidade e descanso*. Em particular o motivo respeitante às *diferentes espécies florísticas* foi referido sobretudo por visitantes de Serralves e do JBUC, já a *arquitetura/design* do jardim foi mais referida pelos inquiridos de Serralves e Fronteira. A *ocupação dos tempos livres* foi largamente mencionada por visitantes do JBUC já que se trata de um espaço de livre acesso. Uma referência deve ser feita ainda ao facto do visitante que busca apenas um dia agradável dominar nos três jardins embora se verifique em Fronteira uma expressão maior de visitantes com interesse específico em relação aos outros dois jardins.

**b) tipo de visitante:** comprovou-se a existência de uma relação de dependência entre a motivação e o tipo de visitante (Quadro VIII.13). Verificou-se uma percentagem superior de visitantes de um dia em relação aos turistas a assumir que a visita foi realizada para *ocupação de tempos livres*, por causa do *bom tempo* ou para *passar algum tempo de qualidade com família e amigos*. No grupo dos turistas a visita foi realizada pela *paz, tranquilidade e descanso*, pelo *ambiente natural* e para *admirar o cenário e atmosfera*. Acrescenta-se ainda que os motivos relacionados com a *arquitetura e fama do jardim* adquirem neste grupo maior importância em comparação com o dos *day-trippers*.

**c) tipo de interesse:** constata-se de igual modo diferenças entre os motivos para a visita e o tipo de interesse. Relativamente ao motivo geral para a visita a jardins (Quadro VIII.12) verifica-se que a *natureza* e a *paz* constituem os motivos com maior representação no grupo dos visitantes com interesse geral, o visitante com interesse específico para além da *natureza*, destaca os motivos relacionados com a *estética* dos jardins e a *paz* é o que detém maior representatividade no grupo dos visitantes que buscam um dia agradável. Quanto aos motivos específicos para a visita aos três casos de estudo (Quadro VIII.14) confirma-se que a *paz, tranquilidade e descanso* é transversal aos três grupos de visitantes. O visitante que busca um dia agradável valoriza também o *bom tempo para passear*, o visitante com interesse geral o *ambiente natural* e o visitante com interesse específico revela uma maior incidência noutro argumento, em larga maioria no elemento associado. É neste grupo de visitantes que os motivos relacionados com as espécies e com o design têm uma representação maior.

**e) época da visita:** as diferenças nos motivos para a visita por época não são muito expressivas havendo apenas a destacar uma ligeira propensão para referirem o *ambiente natural* na época alta e para o *bom tempo para passear* na época baixa (Quadro VIII.14).

**H.3. Os hábitos e comportamentos dos visitantes durante a visita são influenciados pelo:**

a) **tipo de jardim:** no JBUC a decisão da visita é mais imediata (*hoje*), o público repetente é superior ao contrário dos outros dois casos cuja visita é planeada com mais antecedência (*esta semana*) e revelam uma grande percentagem de público estreante, em particular em Fronteira que é quase total. No que diz respeito à repetição da visita apurou-se também que em Serralves e na Fronteira essa frequência é sobretudo anual enquanto no JBUC é essencialmente semanal e mensal. Em Serralves há uma preferência pela visita ao fim de semana. Não existem grandes diferenças entre os três jardins nas principais atividades realizadas que se centram em *fotografar*, *conversar* e *observar plantas*. Porém é possível identificar diferenças nas restantes, por exemplo, *estar*, *meditar* e *fazer piquenique* são bastante mencionadas em Serralves, *estar*, *ler*, *namorar* e *fazer piquenique* no JBUC e *estar* e *meditar* em Fronteira. Ainda no campo dos comportamentos, constatou-se que a visita tende a ser mais demorada em Serralves (*entre 1 a 2 e mais de 2 horas*) e mais curta em Fronteira (*menos de 1 hora e cerca de 1 hora*). Serralves atrai sobretudo casais, em especial marido/mulher, casais com filhos e amigos como acompanhantes, os casais de namorados e grupos de amigos são o público mais frequente verificado no JBUC e em Fronteira os casais de marido/mulher (Quadro VIII.15). Por fim, é de ressaltar que em Serralves e em Fronteira a visita se estende às outras atrações presentes no espaço e os visitantes usufruem mais dos equipamentos disponíveis, o que não acontece no JBUC (Figura VIII.73 e VIII.74).

b) **tipo de visitante:** a maioria dos turistas planeou a visita de forma mais atempada (com incisão em *esta semana*), visitava os jardins pela primeira vez em casal (marido/mulher) e com amigos, ao contrário dos visitantes de um dia, a maioria repetentes que visitava sozinho, com *amigos* ou *namorado(a)* e cuja decisão da visita foi tomada no próprio dia. *Fotografar* e *conversar* são as atividades mais realizadas por estes dois grupos, mas a primeira é superior no dos turistas e a segunda no dos *day-trippers*, sendo de notar também que *estar*, *meditar* ou *ler* têm uma representatividade maior nos *day-trippers* em comparação com os turistas. A duração da visita *entre 1 a 2 horas* domina nos dois tipos de visitantes, embora no grupo dos visitantes de um dia se verifique uma ligeira superioridade na duração, *mais de 2 horas* e no grupo dos turistas a duração *menos de 1 hora* (Quadro VIII.16). A grande maioria dos turistas visita também outras atrações do espaço mas menos de metade usufrui dos equipamentos, já a maior parte dos *day-trippers* fica-se somente pelo jardim e 3/4 não desfruta dos equipamentos disponíveis (Quadro VIII.18).

**c) tipo de interesse:** não se registam diferenças estatisticamente relevantes entre o planeamento, a decisão, a duração da visita e o tipo de interesse do visitante, verificando-se sobretudo ao nível das atividades realizadas, acompanhamento e frequência da visita. Durante a visita o visitante com interesse geral e com interesse específico *fotografa e observa plantas*, essencialmente na companhia do cônjuge e de amigos, já o visitante que busca um dia agradável também *fotografa* mas *conversar* é de igual modo uma das atividades destacadas que realizam com *namorados(as)* e *amigos*. Note-se que *estar* tem uma maior incidência neste grupo em comparação com outros dois. Nos três grupos domina a primeira visita sendo que o visitante que busca um dia agradável tem uma expressão maior de visitantes repetentes (Quadro VIII.17). Não se registam diferenças estatísticas significativas entre os três grupos e as variáveis *visita só o jardim* e *usufrui dos equipamentos* (Quadro VIII.18).

**d) época da visita:** no Quadro VIII.16 fica explícito que as diferenças entre as duas épocas de visita consideradas não são tão evidentes no que diz respeito aos hábitos e comportamentos dos visitantes, não se verificando de todo nos itens relacionados com o planeamento da visita, as atividades realizadas e a frequência da visita. Todavia verificou-se que durante a época alta a decisão da visita foi tomada no próprio dia e na época baixa durante a semana da visita. *Ler* e *estar* são atividades com uma representatividade maior na época baixa e fazer *piquenique* na época alta. A visita tende a ser mais curta na época baixa e mais demorada na época alta.

#### **H.4. A propriedade de um jardim e a prática da jardinagem são elementos distintivos dos visitantes de jardins**

Ficou demonstrado que a propriedade de jardins, o gosto e a prática da jardinagem não são condição *sine quanon* para a visita a jardins, uma vez que a percentagem de respostas negativas nestes itens é substancial, quase metade no que diz respeito à propriedade de jardim e gosto pela jardinagem. Desta forma, não obstante os aficionados pela temática, outro tipo de visitante é atraído por este espaço impulsionados por outros motivos, como se teve ocasião de verificar no ponto 8.2.4.

Face ao exposto poder-se-á concluir que o perfil sociodemográfico dos visitantes assim como os motivos para a visita aos jardins variam conforme o jardim visitado, o tipo de visitante e o tipo de interesse, não se verificando o mesmo em relação à época da visita. No

que diz respeito aos hábitos e comportamentos dos visitantes durante a visita ficou claro que são influenciados pelo tipo de jardim e de visitante, todavia essa relação não foi apurada na maior parte das variáveis associadas com relação ao interesse do visitante e à época da visita.

Tal como já se mencionou, é essencial aos responsáveis dos jardins conhecerem não só o perfil do visitante como a dinâmica de visita dos seus jardins, porque é a partir daí que deverá desenvolver-se uma estratégia adequada ao seu público, ou melhor à diversidade dos seus públicos.

### *Síntese*

*Detentores de um elevado valor intrínseco, os jardins são cada vez mais locais de visita e de consumos lúdicos/turísticos vários.*

*No sentido de se conhecer o perfil do visitante de jardins em Portugal, nomeadamente as suas motivações, as características da visita e a experiência do lugar, foi aplicado um questionário aos visitantes de três jardins históricos portugueses – Parque de Serralves, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira. À escolha destes três casos de estudo presidiram um conjunto de parâmetros determinantes e complementares dos quais demos conta num primeiro momento deste capítulo. Num segundo momento foram analisados e discutidos os resultados decorrentes do questionário.*

*Este estudo permitiu conhecer e delinear um conjunto de traços identificadores dos visitantes de jardins em Portugal e revelou a existência de diferentes tipos de visitantes de jardins e, em consequência, diversos consumos de espaço em cada jardim, e mesmo entre os três casos de estudo. No cômputo geral, o visitante do jardim histórico oscila entre o visitante que apenas pretende usufruir de um dia agradável e o que tem um interesse geral por jardins, que procura, de forma regular neste tipo particular de paisagem, não só momentos de paz e tranquilidade conferidos pelo estreito contacto com a natureza que esta experiência proporciona, mas também procura conhecer e aprender mais sobre a história e flora do lugar, materializando e confirmando desta forma o carácter multidimensional e multifuncional de jardim.*

*O conhecimento do perfil do visitante de jardim assume uma grande importância na perceção e entendimento dos contornos deste nicho turístico, em especial ao nível da procura, podendo transformar-se numa ferramenta essencial ao próprio desenvolvimento, qualificação e divulgação desta atividade.*



# Parte V

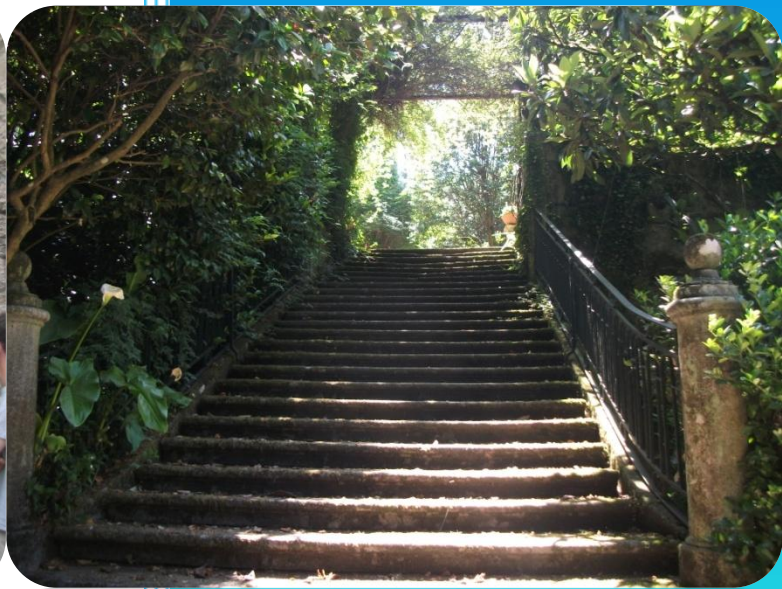


Jardim do Palácio Fronteira

## Considerações finais



# Capítulo IX



Quinta da Regaleira e Quinta de Villar d'Allen

*Conclusões, desafios,  
orientações futuras e notas  
finais*

### 9.1. Reflexões gerais

Os jardins e a visita a jardins estão na moda! Não será, portanto, de estranhar o interesse que a geografia haveria de ter neste “fenómeno”, uma vez que o mesmo implica espaço, pessoas, movimentos, motivações. Argumentos que materializam a própria essência da geografia e sustentam a pertinência de um estudo sobre jardins neste domínio científico.

No âmbito das necessidades lúdicas de um público cada vez mais exigente, os atuais desafios colocam-se em particular ao nível da diversificação e da promoção de experiências únicas e inesquecíveis (ROBINSON & NOVELLI, 2005; NETTO & GAETA, 2011). Por outro lado, a competitividade e a gestão estratégica constituem os maiores desafios dos destinos turísticos (MOREIRA, 2013). Entende-se que os jardins e a experiência da sua visita estão bem posicionados nesta “corrida”. No decorrer deste estudo procurou-se comprovar isso mesmo, canalizando os conteúdos abordados ao longo dos oito capítulos para estas realidades.

Esta investigação incidiu sobre o universo do lazer, do turismo e dos jardins, num âmbito geral, e, mais concretamente, nos jardins históricos portugueses. O objetivo central foi conhecer a dimensão deste segmento através do estudo da estrutura da oferta, na voz dos seus proprietários e/ou responsáveis, o perfil do visitante assim como as perspetivas futuras do segmento turístico relacionado; e da procura através da auscultação dos visitantes de três jardins históricos nacionais (Serralves, JBUC e Fronteira) com o objetivo de traçar o perfil do visitante, conhecer o seu comportamento e motivações, através da investigação empírica. Não sem antes explorar todo um contexto teórico de modo a melhor conhecer este tipo de espaço, o seu enquadramento no designado património cultural, a várias escalas territoriais e temáticas, assim como analisar as suas potencialidades como atração turística e as diversas iniciativas nesse sentido, que em muito contribuem para a sua salvaguarda e valorização e o segmento turístico em si, à escala internacional e nacional.

As principais conclusões já foram sendo expressas na síntese final de cada capítulo pretendendo-se nesta secção fazer apenas um remate retrospectivo com o que de mais importante resultou desta investigação. Procurámos comentar as reflexões descritas *a priori* assim como responder às linhas de investigação derivantes, não nos furtando ainda de tecer algumas considerações, que nos pareceram pertinentes, e avançar algumas sugestões/medidas de ação de atuação futura, uma vez que o esforço de um trabalho desta natureza, para além de pretender contribuir para o conhecimento científico, tem subjacente a intenção de se constituir como um contributo prático e aplicado do conhecimento produzido.

No término desta jornada, resta acrescentar que a temática dos jardins, na sua vertente lúdica e turística é, como se teve oportunidade de perceber no decorrer desta investigação, bastante diversa e abrangente, mas, acima de tudo, interessante e estimulante. De resto, é nossa convicção que esse mesmo entusiasmo e interesse perpassaram ao leitor ao longo do trabalho. Todavia, apesar da abrangência da investigação realizada e aqui apresentada, estamos conscientes de que não se esgota em si mesma. Pelo contrário, constitui, a nosso ver, apenas o ponto de partida para novas reflexões que procuramos, de igual modo, avançar.

## 9.2. Síntese e principais observações da investigação teórica e empírica realizada

No início desta investigação, a pesquisa primária sobre a temática dos jardins, em particular no âmbito nacional, levou-nos para domínios científicos diversos, diríamos até que adequados e normais, face ao objeto em si. Verificou-se desde logo uma ausência de perspetivas provenientes das áreas sociais, nomeadamente do turismo e da geografia.

Desta forma no *Capítulo I*, da primeira parte, procurou justificar-se a pertinência do estudo dos jardins também no âmbito científico da geografia, demonstrando inclusive que, ao nível nacional, ao contrário de outras áreas do saber, as ciências sociais em geral e a geografia em particular, salvo um ou outro caso pontual, têm estado um tanto ou quanto apartadas desta realidade. Verificada esta ausência, restou-nos evidenciar o contributo de trabalhos provenientes de outras ciências para uma compreensão inicial da dinâmica lúdica/turística dos jardins, não sem antes trazermos à luz trabalhos internacionais que nos pareceram pertinentes. Ainda neste capítulo, tivemos oportunidade de verificar o carácter abrangente e rico do jardim, com significados diferentes consoante as dimensões privilegiadas, colocando em evidência a consequente dificuldade em definir esta realidade, situação coadjuvada pelo facto de existirem diversos tipos/estilos de jardins. A este estudo interessou o jardim histórico, um jardim com características notáveis que constitui parte do património cultural de um território e de uma sociedade.

Foi justamente esta relação entre jardim histórico e património cultural, que é necessário salvaguardar e valorizar, que se procurou demonstrar nos *Capítulos III e IV*, da *Parte II* da investigação. O primeiro, centrado na realidade global/internacional, o segundo, focando o contexto nacional.

Em particular, no *Capítulo III*, crê-se ter ficado claro que os jardins, por serem transversais aos tempos e sociedades, constituem importantes documentos culturais, artísticos e históricos, essenciais não só na leitura como na qualificação dos territórios e das sociedades

que os povoam. Um património que, devido às suas características intrínsecas, é necessariamente frágil, embora o reconhecimento dessa vulnerabilidade tenha sido árduo. Recorde-se que, neste caminho, se evidenciou o papel de algumas figuras singulares assim como de instituições, documentos e políticas de defesa e valorização dos jardins históricos, mormente René Pechère, o ICOMOS-IFLA e a *Carta de Florença*. Este documento introduz o conceito de jardim histórico no conjunto de bens culturais, encara-o como um “monumento vivo” e estabelece um conjunto de diretrizes no âmbito da manutenção, conservação, restauro e reconstrução dos jardins históricos. Em nossa opinião, este documento talvez necessitasse de uma atualização. O valor dos jardins históricos foi colocado em evidência através da apresentação de um conjunto de políticas de salvaguarda e valorização e de estratégias que têm sido levadas a cabo um pouco por todo o mundo, de forma individual ou em rede. A apresentação dos casos paradigmáticos do Reino Unido e da França pareceu-nos ilustrar, de forma adequada, a relevância dos jardins enquanto atrações e constituir uma fonte inspiradora para o caso nacional, numa futura definição de medidas/iniciativas. A este respeito não foi esquecida uma reflexão um pouco mais alargada sobre o carácter dicotómico da salvaguarda dos jardins através do turismo, chamando-se a atenção para a necessidade de se encontrar um ponto de equilíbrio para que esta atividade seja desenvolvida em moldes sustentados e sustentáveis que, acima de tudo, seja benéfica e não prejudicial.

No *Capítulo IV*, inteiramente dedicado ao contexto nacional, colocou-se em evidência a especificidade do jardim português, não se encontrando semelhante, pelo menos no que diz respeito à conjugação dos seus elementos particulares, noutra parte do globo. À primeira vista este facto seria motivo mais do que suficiente para que o país tivesse uma política própria de salvaguarda e valorização dos seus jardins. Neste capítulo foi feito um levantamento e análise, tanto quanto possível detalhados, do quadro legal, dos diversos estudos, listagens e inventários dos jardins em Portugal, que permitiram compreender a evolução da proteção e conservação do património paisagístico no país, mas, acima de tudo, das suas lacunas. Concluiu-se que, para além de uma legislação pouco específica em relação aos jardins, não existe uma metodologia de inventariação deste património que permita concretizar o disposto no artigo 6º do Decreto-lei n.º 107/2001. Cada inventário utiliza uma metodologia própria, e o Inventário do Património Paisagista vai mudando de metodologia o que, por vezes, compromete o real conhecimento deste património. A classificação dos jardins foi de igual modo objeto de discussão. Uma análise apurada revelou que, face ao património existente, muito pouco está contemplado com esta “pretensa” medida protecionista e, mais uma vez, a informação revela alguns constrangimentos ao nível da insuficiência, incoerência ou até

mesmo ausência, referindo-se desde logo a omissão, em muitos casos, da referência ao património paisagístico na designação atribuída por decreto-lei ao bem classificado. Chama-se pois à atenção para o facto de, tanto ao nível da inventariação como da classificação, ser necessário um maior rigor na informação assim como uma uniformização de conteúdos que promovam um maior equilíbrio na gestão da informação sobre o património paisagístico. No último momento deste capítulo é trazido ainda à discussão o papel da estrutura associativa com relação aos jardins que, em nossa opinião, apesar dos esforços e intenções, não se tem mostrado com o vigor necessário à efetiva valorização e promoção dos jardins portugueses.

Na *Parte III* deste trabalho é colocado em evidência o jardim e o *garden tourism/garden visiting* no contexto do lazer e turismo da pós-modernidade, mais uma vez considerando o contexto global e o nacional. No *Capítulo V* é assumida a prevalência de uma indústria de experiências em detrimento de uma indústria massificada face a um turista exigente e pouco convencional, e o *garden tourism* (visita a jardins, festivais/eventos de flores e jardins) como um desses segmentos de nicho/alternativos que ganha importância um pouco por todo o mundo, não só na atual conceção de lazer, recreio e turismo como também no desenvolvimento holístico do território, como se demonstrou. Este segmento tem suscitado, por isso, um crescente interesse, imprimindo-lhe um carácter fascinante e surpreendente até, tanto no que diz respeito ao passado, mas sobretudo com relação ao presente e futuro. Neste sentido, clarificaram-se as principais questões que preenchem o debate atual sobre a visita a jardins no que diz respeito às suas características, às motivações, ao perfil do visitante e da visita confrontando e analisando resultados de diversas investigações, tendo ainda sido apresentado o contexto internacional do *garden tourism/garden visiting*.

No *Capítulo VI* comprovou-se que o turismo de jardins existe de facto no país, colocando desde logo de parte o carácter utópico de que se possa revestir a um primeiro olhar. É certo que se trata um segmento embrionário, pouco conhecido e divulgado pelo menos nestes termos, todavia ficou demonstrado que é uma realidade que goza de uma ampla margem de progressão. Desde logo, são reconhecidas e destacadas as potencialidades exclusivas dos jardins históricos portugueses, algumas iniciativas que têm sido levadas a cabo, particularmente desde a década de 90, as estratégias territoriais neste sentido, a existência de *tours* de jardins, cuja análise permitiu delimitar os potenciais territórios/destinos de turismo de jardins, e do sub-segmento dos festivais assim como alguns dados referentes à procura de jardins. Não obstante, e apesar das potencialidades evidenciadas, foram ainda reconhecidos os principais constrangimentos deste segmento.

A *Parte IV* foi preenchida com a apresentação, análise e discussão dos resultados da investigação empírica, tanto quanto possível de forma crítica e construtiva, que envolveu os atores integrantes das duas componentes do sistema turístico – a oferta, com os proprietários/responsáveis dos jardins (*Capítulo VII*) e a procura, com os visitantes de três jardins históricos (Serralves, JBUC e Jardim do Palácio Fronteira) (*Capítulo VIII*). Foi analisada em paralelo a consequente resposta/confirmação, ou não, das hipóteses de investigação específicas apresentadas no início de cada um destes capítulos.

O *Capítulo VII* centrou-se nos resultados do inquérito por questionário aos proprietários/responsáveis dos jardins históricos, precedidos pela definição dos respetivos objetivos e linhas de investigação específicas, assim como pela apresentação e discussão da metodologia adotada. Da análise e discussão dos resultados foram identificadas as principais características e a organização geral dos jardins, foi delineado o perfil do proprietário/responsável dos jardins, ficou conhecida a estrutura turística dos jardins, o perfil e motivações dos visitantes, as suas potencialidades e constrangimentos, a sua atratividade e lugar no território de inserção e ainda a opinião do proprietário, referindo-se à realidade nacional do lazer e turismo nos jardins históricos nacionais, no que concerne à situação atual e a perspetivas futuras, e a sua posição quanto ao segmento. Neste âmbito, há a destacar, no geral, o seguinte: Portugal dispõe de um amplo e diverso património de jardins históricos com grandes potencialidades turísticas, jardins que revelam possuir não só potencialidades intrínsecas decorrentes em grande parte do património botânico, arquitetónico e histórico que encerram e da estrutura organizativa que têm, mas também potencialidades advindas de todo um contexto atrativo em termos de equipamentos e atividades disponíveis no espaço e em termos do enquadramento territorial que fazem com que estes jardins aumentem a sua atratividade, não obstante terem sido apontadas as principais dificuldades dos mesmos. Foi ainda reconhecido que o turismo de jardins não é uma utopia sendo os responsáveis favoráveis ao desenvolvimento do segmento. Tendo por base as respostas dos inquiridos há ainda a ressaltar que se verificou que o tipo de jardim não influencia o tipo de visitante e os motivos para a visita, assim como não ficou demonstrada a relação entre o nível de favorabilidade ao desenvolvimento da vertente turística e o modelo de gestão dos jardins.

A segunda parte da investigação empírica preenche o *Capítulo VIII*, focada nos resultados do questionário aos visitantes dos três jardins, não sem antes se ter delineado os objetivos e as linhas de investigação específicas e se ter apresentado e discutido a metodologia de estudo, se ter justificado a escolha destes três estudos de caso e, finalmente, de se ter feito o respetivo enquadramento territorial, havendo a sublinhar as comprovadas



potencialidades turísticas dos mesmos que só beneficiam, ou deveriam beneficiar, os jardins. Da análise e discussão dos resultados foram conhecidas as características do visitante ao nível dos elementos socioeconómicos, demográficos e territoriais e das características da viagem/saída de casa no dia da abordagem; foram apurados os hábitos de lazer e turismo dos visitantes, gerais e os especificamente orientados para os jardins e a visita a jardins e, por último, foram identificadas as características da visita aos jardins em estudo que contribuiriam para a definição de um perfil global do visitante. Não obstante este perfil geral traçado, assim como a identificação das motivações, hábitos e comportamentos de visita, ficou demonstrado que se registam diferenças significativas entre estes e os jardins estudados, o tipo de visitante e o seu tipo de interesse. O mesmo não se constatou em relação à época da visita.

É, pois, essencial às entidades competentes conhecerem estas diferenças para que a oferta se ajuste à procura, mormente às suas características e necessidades, como já fomos dando conta ao longo dos dois capítulos anteriores.

### **9.3. Verificação das linhas da investigação: reflexões-chave e sub-questões complementares**

Recorde-se que no *Capítulo II* foi delineado um quadro de linhas/problemáticas de investigação e apresentado um conjunto de reflexões gerais determinadas a partir da bibliografia, que originaram de igual modo um conjunto de sub-questões complementares, daí derivantes, direcionadas para a realidade nacional. Apesar das respostas às hipóteses/questões terem já, de alguma forma, sido avançadas no decorrer deste trabalho, crê-se ser fundamental resumir aqui as principais conclusões a reter a respeito.

**R.1 – A atividade turística tem sido identificada, em vários contextos, como um dos meios de salvaguarda do património relacionado com os jardins históricos.**

⇒ **Q.1a – Poderá a dimensão lúdica/turística constituir uma via para a salvaguarda, valorização e proteção dos jardins históricos portugueses? De que forma?**

À semelhança do que acontece um pouco por todo o mundo, ficou demonstrado ao longo deste trabalho (parte teórica e empírica) que o turismo pode constituir uma via não só para a salvaguarda, mas também para a valorização dos jardins históricos, uma posição confirmada pelos próprios proprietários/responsáveis. Relembre-se que, perante a afirmação *A atividade lúdica/turística constitui o principal meio de salvaguarda dos jardins*, estes

revelaram uma posição concordante (60%: 41% em parte e 19% totalmente) e esta postura é tanto mais inequívoca pelo facto de na frase constar *o principal meio* e não “um dos meios”, embora se creia que os que manifestaram discordância o tenham feito devido a esse pormenor.

Os visitantes, por via quer do bilhete adquirido quer do usufruto de equipamentos ou realização de atividades disponíveis nos jardins, constituem fontes de receitas adicionais que podem ser canalizadas, a curto/médio prazo, para a sua manutenção e, a longo prazo, para melhorar equipamentos e infraestruturas de acolhimento ao visitante. Não obstante a importância atribuída ao turismo, há que ter presente que este é um património frágil e efémero e que a implantação e/ou desenvolvimento desta vertente deve ser alvo de um cuidado planeamento concertado entre vários atores, pelo que a exposição aos visitantes deverá assim ser objeto de controlo, sob pena de um excesso inviabilizar a sua defesa, e até mesmo induzir à destruição desses espaços, como se pode verificar no ponto 3.4. do capítulo III. Devem, por isso, ser salvaguardadas as devidas cautelas ao seu uso e deve haver a preocupação de que este se faça de forma responsável e sustentável, de acordo com os pressupostos da *Carta de Florença*: “O interesse pelos jardins históricos deve ser estimulado por todo o tipo de atividades capazes de enfatizarem o seu real valor como parte do património e o seu melhor conhecimento e apreciação, através de (...) encorajamento do acesso pelo público, sob adequadas condições de controlo, (...)”. Todavia, para que esta vertente se efetive, há todo um conjunto de constrangimentos que é necessário ultrapassar e que serão tratados na secção seguinte.

**R.2 – *Os jardins constituem atrações turísticas por si só e por direito próprio, independentemente da associação, ou não, a outra atração e, não raras vezes, têm sido identificados como recursos estratégicos do território capazes de estimular o desenvolvimento territorial, motivando inclusive a delimitação de políticas e medidas estratégicas.***

- ⇒ **Q.2a** – Terão os jardins históricos portugueses capacidade de atração por si só e atrativos que motivem a sua visita ou constituem apenas um complemento da visita quando estão associados a outra atração âncora (ex.: palácio, casa histórica ou museu)?
- ⇒ **Q.2b** – Constituirão os jardins históricos portugueses recursos turísticos importantes e estratégicos no seio da oferta lúdica/turística global?
- ⇒ **Q.2c** – Será que os jardins históricos portugueses detêm um papel importante na atratividade dos territórios e, por consequência, no seu desenvolvimento?

O senso comum e o desconhecimento talvez nos levem, num primeiro momento, a olhar os jardins como meros acessórios de uma qualquer atração maior, com um papel secundário ou até mesmo irrelevante nos territórios e seu desenvolvimento. No decorrer deste trabalho fica mais do que comprovado que tal não é de toda verdade. A investigação empírica (capítulo VII, ponto 7.2.1.) permitiu conhecer a estrutura dos jardins históricos portugueses, nomeadamente o facto da grande maioria ter associado algum elemento que, não obstante a sua capacidade atrativa, inequivocamente reconhecida em vários casos, não ofusca a dos jardins. Vejamos, os proprietários/responsáveis dos jardins históricos portugueses, quando colocados perante a sua realidade específica, o seu jardim, na afirmação *É apenas um complemento do elemento e/ou da atividade principal*, manifestaram uma divisão de opiniões. Cerca de 37% discordou (21% dos quais totalmente) e 40% concordou (13% dos quais totalmente) havendo ainda registar uns significativos 18% sem opinião definida. Note-se ainda que o património botânico, arquitetónico e histórico foi identificado como os seus principais pontos fortes. Em relação aos motivos para a visita ao jardim, a análise global ao nível da concordância/discordância revelou que pouco mais de metade dos proprietários (54%) destacaram o elemento associado (*Casa/Palácio/Museu ou outro associado*). Contudo, não se poderá dizer que este surja destacado de todos os outros, pois registaram-se valores igualmente elevados para outros motivos, de entre os quais a *fama e importância do jardim* (49%) ou ainda *as diferentes espécies florísticas e arquitetura/design do jardim*, na ordem dos 30% cada um. Observando os principais motivos para a visita por ordem de importância, os resultados confirmam a primazia do *elemento associado* sendo que a *fama do jardim* constitui o segundo primeiro motivo e o primeiro segundo motivo. A este respeito refira-se que no campo da procura há a registar o facto de 33% ter admitido ser o jardim o principal motivo da saída de casa e de cerca de 39% só ter mesmo visitado o jardim. No quadro motivacional os visitantes destacaram sobretudo a *paz, tranquilidade e descanso*, aliás, motivo bastante destacado pelos proprietários, a *fama do jardim*, mencionada por cerca de 21%, é claramente sobrevalorizada em relação ao *elemento associado* (opção *Outros*), referido por 16%.

Acrescenta-se ainda que, numa análise da perspetiva global, os responsáveis foram perentórios ao reconhecerem que *Os jardins constituem atrações por si mesmos e por direito próprio*, onde quase 90% manifestou a sua concordância (68% dos quais de forma total), apenas um inquirido declarou a sua discordância.

Em relação à **Q.2a** fica desta forma demonstrado que os jardins históricos portugueses, não obstante a maioria estar associado a outros elementos atrativos, revelam igualmente uma

atratividade própria e são capazes de se constituírem atrações principais por si só, de tal forma que em vários casos existem bilhetes separados para a sua visita.

No que diz respeito à **Q.2b** e **Q.2c**, foi de igual modo colocado em evidência que os jardins históricos portugueses são estratégicos no seio da oferta detendo por isso um papel importante na atratividade dos territórios e no seu desenvolvimento. Desde logo se apurou a quantidade e diversidade de jardins distribuídos por todo o território nacional, verificando-se uma concentração em áreas densamente turísticas e a localização em contextos territoriais favoráveis, podendo portanto não só constituir alternativas para a difusão espacial de fluxos turísticos, mas também responder às necessidades cada vez mais específicas dos visitantes, sendo de referir que muitos deles já se encontram inseridos em produtos compósitos conferindo-lhes valor e uma experiência mais completa. Recorde-se que mais de 40% dos proprietários reconheceram como *forte* e  *muito forte* a relação de complementaridade entre os jardins e as outras atrações, o que só beneficia a oferta global. De resto, note-se também que os proprietários foram unânimes nestas questões, com quase 100% (mais de metade de forma total) a concordar com a ideia de que *Os jardins constituem recursos lúdicos/turísticos estratégicos dos territórios de inserção* e que *são componentes importantes da imagem de um território*, veja-se o caso da Madeira, apresentado no capítulo VI. Aliás, mais de 80% classificou de *importante* e *muito importante* a presença do seu jardim na atratividade do território e quase 50% autotranscreveu-se como atração principal. Em nosso entender, esse papel sairia reforçado se os jardins históricos fossem otimizados e valorizados, desafios dos quais se dará conta na secção seguinte.

**R.3 – Os jardins detêm um papel importante no tempo e na satisfação das necessidades de lazer do turista pós-moderno/contemporâneo.**

⇒ **Q.3a** – Qual o papel dos jardins históricos portugueses na satisfação das necessidades de lazer e turismo do público que os visita?

Os jardins constituem locais de lazer por excelência, o turista contemporâneo procura locais e experiências diferenciadas. É notório o crescente interesse do público por jardins e pelos temas relacionados refletindo-se na sua visita que, tal como se constatou nos diversos estudos analisados e, posteriormente, no estudo empírico empreendido (à oferta e procura), é motivada sobretudo pelo *contacto com a natureza* e pela *paz, tranquilidade e descanso* que os jardins proporcionam, também destacados pelos visitantes como os principais pontos positivos destes espaços. Neste sentido, numa perspetiva global, para cerca de 90% (60% de

forma total) dos responsáveis *Os jardins têm um papel importante no tempo/necessidades de lazer da sociedade atual*, porém ao nível de cada jardim as posições são mais divergentes, cerca de 43% concorda e 30% discorda da relevância do seu jardim nas necessidades do público local.

Nesta questão não pode ser menosprezado o facto dos jardins/parques terem sido apontados pelos visitantes como a quinta atração turística mais visitada (39%), de 66% ter revelado ser visitante habitual de jardins, com uma frequência sobretudo mensal. Tendo em conta em particular as visitas aos três casos de estudo, note-se que naqueles que referiram já ter visitado outras vezes se verifica uma frequência semanal e mensal significativa. Resultados estes que revelam a importância dos jardins históricos nas necessidades de lazer/turismo dos seus visitantes.

**R.4 – A visita a jardins/garden tourism é descrita, atualmente, como um fenómeno e cada vez mais popular a nível internacional, mas a nível nacional é uma prática discreta, inserida na categoria dos segmentos de nicho.**

- ⇒ **Q.4a** – Tendo em conta os dados nacionais disponíveis, a visita a jardins é um segmento significativo do ponto de vista quantitativo?
- ⇒ **Q.4b** – Qual a posição dos jardins nos circuitos turísticos globais atuais do país?

Alguns autores posicionam a visita a jardins no campo dos fenómenos, BENFIELD (2013) avança mesmo a cifra de 300 milhões de visitantes de jardins no mundo. No capítulo V foram apresentados alguns exemplos no contexto internacional que, de alguma forma, corroboram essa dimensão fenomenística. Quando confrontados com esta reflexão, cerca de 48% dos proprietários/responsáveis dos jardins históricos tenderam a concordar de forma parcial. No capítulo VI, ponto 6.3., foi dada conta das vicissitudes que comprometem o real conhecimento deste segmento: os dados disponíveis são escassos, incompletos e desorganizados. A nível oficial, os jardins são reduzidos a apenas uma tipologia (jardins botânicos), deixando de fora uma miríade de jardins que têm frequências de visitantes impressionantes como se viu e, em grande parte da linha temporal, surgem agrupados com outras atrações. Ainda assim, é possível perceber que só os jardins botânicos foram visitados, nestes últimos anos, por mais de 800 mil visitantes. Tendo em conta a linha evolutiva positiva, crê-se que não tardará a atingir o milhão. Analisando apenas os dados obtidos (considerando os dados disponibilizados pelos responsáveis no Q.1) pelos principais polos

territoriais da oferta e procura, deve referir-se que só os três principais jardins da Madeira (Jardim Botânico, Tropical Monte Palace e Palheiro Ferreiro) atraem mais de meio milhão de visitantes; no Norte, o quantitativo pode chegar aos 300 mil ou mais de um milhão se o Bom Jesus do Monte entrar na equação; na área de Lisboa e Sintra estima-se que sejam entre 2,5 a 3 milhões de visitantes anuais, um milhão só no Parque da Pena. Crê-se que os quantitativos totais de visitantes de jardins andarão na ordem dos 4 milhões, ou um pouco mais, o que comprova a tese (Q.4a) de que se trata de um segmento de turismo com uma expressão significativa, números que não podem, nem devem ser vilipendiados, pois aproximam-se, e em alguns casos superam, e muito, outros conhecidos produtos turísticos, como de resto se verificou. Desta forma, merecem um olhar mais atento e uma intervenção mais concreta.

A real importância e proporção da visita aos jardins nacionais só é de facto realmente percebida quando se analisam os dados estatísticos e se reúne a mais diversa informação sobre a temática. Não obstante, não deixa de ser um segmento embrionário, pouco potenciado e muito menos ainda conhecido. Note-se que os jardins/parques foram apontados como a 5ª atração turística mais visitada, tendo sido referidos por cerca de 39% dos visitantes inquiridos. Desta forma, na perspectiva dos proprietários/responsáveis *ocupam uma posição marginal nos circuitos turísticos globais atuais do país*. Mais de metade (65%) concorda com esta realidade, embora cerca de 48% apenas de forma parcial. Realidade esta que é corroborada por vários factos que foram sendo apresentados ao longo desta investigação. A oferta não é totalmente conhecida, não está organizada, estruturada e integrada, as rotas e percursos além de serem insuficientes estão muito pouco preparados para o turismo. Além do mais, os jardins não estão convenientemente divulgados/promovidos pelos organismos oficiais de turismo, como se constatou no capítulo VI. Quando se poderia supor que a uma dimensão mais regional os jardins e a sua visita tivessem uma importância maior do que no contexto nacional global, a afirmação *Os jardins ocupam um lugar de destaque nos circuitos turísticos regionais* apresenta um significativo nível de discordância (38%) face ao nível concordante (33%), revelando desta forma uma posição frágil também a esta escala. Porém, curiosamente, verifica-se que a posição dos responsáveis sofre alterações quando o foco é o seu próprio jardim, tendo manifestado uma significativa discordância (48%, 24% dos quais de forma total) face à afirmação *Ocupa um lugar residual na estrutura turística da região*, aliás cerca de 40% corrobora o facto de o seu jardim ser *a principal atração e local obrigatório de visita da região*. Assinala-se aqui alguma disparidade na posição dos responsáveis que são mais pessimistas, quando emitem uma opinião mais global, mas bastante positivos quando se referem ao seu próprio jardim e à sua importância local/regional.

A respeito da **Q.4b**, poder-se-á concluir que a visita a jardins constitui um segmento com uma posição residual no global do sistema turístico nacional, acima de tudo porque não está organizado e integrado, está pouco explorado, divulgado e o seu potencial subestimado. Ainda assim, é reconhecida a sua importância a um nível mais regional.

**R.5 – Os visitantes/consumidores de jardins não são um grupo homogêneo em termos gerais mas é possível encontrar/definir subgrupos com características similares.**

⇒ **Q.5a** – Quem são os visitantes dos nossos jardins históricos e qual o seu perfil?

⇒ **Q.5b** – Verificam-se subgrupos com perfis, motivações, hábitos, comportamentos e percepções diferentes no seio dos visitantes dos jardins históricos nacionais?

De acordo com os proprietários/responsáveis, referindo-se à realidade dos seus próprios jardins, são sobretudo individuais de um estrato etário adulto/maduro com um interesse geral e que apenas busca um tempo agradável que mais visitam, registando-se também uma grande percentagem de público escolar. Tendo em conta os dados disponibilizados, embora o mercado nacional seja ligeiramente superior ao mercado estrangeiro, este representa quase metade do total de visitantes. Aliás, a este respeito, e focando a realidade nacional, na perspetiva de mais de metade dos responsáveis *O principal mercado da procura deste tipo de jardins é estrangeiro* e trata-se de um público *mais esclarecido e com maior capacidade económica* (65% e 62% respetivamente).

Ao longo de todo o capítulo VIII foi possível verificar que os visitantes de três jardins históricos apresentam um perfil bastante diversificado em termos demográficos, socioeconómicos, geográficos, e nas diversas variáveis respeitantes à visita a jardins, mesmo assim conseguiu-se delimitar um perfil global do visitante, cerca de 2/3 turistas. Em jeito de síntese e em traços gerais poder-se-á dizer que se trata, no geral, de um público jovem e adulto, onde há uma ligeira supremacia do género feminino, com profissões de nível mais elevado, subentendendo-se com maiores capacidades económicas. Embora a nacionalidade portuguesa domine (36%) sobre cada uma das que foram apuradas, no cômputo geral o público estrangeiro é superior representando mais de metade (64%). Revelam uma grande apetência pela cultura, verifica-se uma tendência para serem proprietários de jardim próprio e de praticarem jardinagem, todavia não revelam propriamente um interesse mais específico sobre o tema, manifestando sobretudo um interesse geral e apenas a vontade de passar um tempo agradável nos jardins, visitando-os com alguma frequência, em geral de forma

acompanhada, preferindo os jardins de entrada gratuita e com visitas livres. Procuram sobretudo o contacto com a natureza e a paz e sossego que os jardins podem proporcionar (**Q.5a**). Não obstante se ter delimitado um perfil global, conseguiu-se perceber a existência de subgrupos de visitantes diferenciados conforme o jardim, o tipo de visitante, o tipo de interesse e a época de visita, amplamente caracterizados ao longo do capítulo VIII, tendo-se sistematizado esta informação no ponto 8.2.6. (**Q.5b**).

**R.6** – *Considerada um fenómeno a nível internacional, é assumido que a visita a jardins, assim como o turismo de jardins no geral, dispõe de uma ampla margem de progressão.*

- ⇒ **Q.6a** – Os jardins históricos portugueses possuem argumentos capazes de os posicionar num nível superior dos circuitos turísticos nacionais e internacionais?
- ⇒ **Q.6b** – A visita aos jardins históricos nacionais goza igualmente de uma larga margem de progressão, podendo o país tornar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo?
- ⇒ **Q.6c** – Qual a posição/tendência dos proprietários/responsáveis em relação ao maior desenvolvimento do turismo nos jardins históricos? Quais os impactes daí decorrentes?

Em relação à **Q.6a** ficou demonstrado, tanto a nível teórico como através do Q.1, que Portugal possui um conjunto rico de jardins (históricos/notáveis) com características ímpares e com potencialidades, intrínsecas e extrínsecas. Para além de uma capacidade atrativa própria, devido à riqueza, originalidade e antiguidade dos jardins, estes “oferecem” outras experiências complementares por via das atividades associadas e ainda dispõem de um contexto territorial turístico favorável em termos da oferta de outros produtos e equipamentos, mas que se encontram por explorar em muitos casos. Neste sentido, cerca de 90% dos responsáveis reconhece que *Portugal tem recursos quantitativos e qualitativos para construir um produto turístico de qualidade e atrativo*, todavia mais de 70% concorda com o facto de que o seu *potencial lúdico/turístico está subaproveitado*. Neste contexto, não poderão ser esquecidos os *tours* de jardins nacionais e internacionais já existentes que contribuem para posicionar os jardins num nível superior, embora tenham que ser mais consolidados ao nível essencialmente da promoção, a montante e a jusante do *tour*.



Embora se trate de um segmento embrionário no panorama turístico nacional, como já se referiu, os responsáveis reconhecem que *Há cada vez mais público interessado em jardins e em visitá-los*, sobretudo estrangeiro, o que vem confirmar que, para além de um grande potencial, a visita a jardins dispõe de uma larga margem de progressão (mais de 80% dos responsáveis concordam com este facto), podendo o país tornar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo (mais de 70% concordam) (**Q.6b**). Ficou por isso mais do que claro que o turismo de jardins em Portugal não é uma utopia. Todavia, verificou-se que muito há por fazer no desenvolvimento e qualificação deste segmento, como se constatará na secção seguinte, sendo que os responsáveis estão particularmente recetivos, tendo manifestando altas percentagens de concordância, ao desenvolvimento de uma rede de jardins, à valorização e promoção dos recursos, à implantação de atividades diversas, à criação de uma marca, ao melhoramento de conteúdos informativos e à cooperação entre os diversos atores turísticos.

Por fim, e em relação à **Q.6c**, no ponto 7.2.6., fica demonstrada, sem margem para dúvidas, a posição favorável dos responsáveis em relação ao maior desenvolvimento do turismo nos jardins históricos, embora existam um conjunto de obstáculos identificados *a priori* e *a posteriori* como a falta de recursos financeiros e a falta interesse e de cultura de jardins, no primeiro caso, e a perda de valor histórico e descaracterização por excesso de carga e uso incorreto, no segundo, que é necessário ultrapassar. Na secção seguinte propõem-se algumas medidas capazes de os atenuar ou suprimir. Não obstante estes constrangimentos, os efeitos positivos ao nível económico e socioculturais são, de igual modo, destacados pelos responsáveis.

#### **9.4. Desafios e propostas no campo do segmento turístico e no campo científico**

##### **9.4.1. Os desafios dos jardins históricos e do produto em Portugal**

No término deste trabalho, e depois de percorridos oito capítulos que versam sobre o lazer e o turismo nos jardins históricos portugueses, é clara a conclusão a que se havia de chegar: temos um rico e inigualável património cultural e paisagístico ligado aos jardins históricos, temos até um prenúncio de desenvolvimento de um segmento turístico, todavia temos ainda um longo caminho a percorrer, quase tudo está ainda por fazer, pelo menos de forma efetiva e concertada. O mais animador deste cenário, para além daquilo que se acabou de enumerar, é que não é necessário recorrer a extraordinárias capacidades inventivas para, pelo menos, se alavancar essa caminhada! Basta tão e só conhecer bem o que se tem feito em

diversos países, sendo imperativo conhecer de forma aprofundada a realidade nacional, para que não se copiem modelos, mas antes se ajustem e adaptem.

Os jardins históricos distribuídos pelo país têm potencial para o desenvolvimento de um turismo exigente (CASTEL-BRANCO, 1998). Porém, a adaptação ao turismo de um elemento patrimonial frágil e efêmero, como o são os jardins históricos, exige sensibilidade e conhecimento técnico e científico, uma vez que pode estar em causa a sua sobrevivência face às vantagens económicas provenientes da atividade turística (ALMEIDA, 2003). Por isso, todos os atores envolvidos neste processo (oferta e procura) deverão estar cientes e ter em consideração, acima de tudo, a capacidade de carga de cada espaço. Embora COSTA *et al.* (1990) assumam que é difícil conceber um sistema económico associado a um jardim que o torne produtivo, admitem que o contributo financeiro proveniente da associação à atividade turística pode ser fundamental para a salvaguarda deste património ao permitir a sua manutenção a curto/médio prazo, e, a longo prazo, a reabilitação de diversas estruturas. Na opinião de GORMAN (2010), para o desenvolvimento dos jardins enquanto atrações turísticas, o consumidor (visitante), o desenvolvimento do produto, o marketing, a viabilidade e a sustentabilidade são importantes aspetos a ter em consideração.

Desta forma, tendo como suporte o *background* que constituiu esta investigação e pelo conhecimento da realidade que esta nos proporcionou, assim como a própria visita aos jardins e territórios de localização, cremos estar numa posição confortável para avançarmos com um conjunto de sugestões de âmbito geral direcionadas para a oferta e para a procura, organizadas em quatro eixos que, em nossa opinião, são essenciais em relação aos jardins históricos, sintetizando muito do que já foi sendo referido ao longo do trabalho. Anseia-se que estas orientações sejam, no futuro, valorizadas e tidas como referência em possíveis medidas/políticas de ação com referência à salvaguarda, valorização e promoção dos jardins históricos e do lazer/turismo nos jardins históricos portugueses.

Em nosso entender, e em termos globais, os desafios colocam-se sobretudo ao nível da qualificação (I), organização (II), cooperação (III) e promoção/divulgação (IV) (Quadro IX.1), aos quais deverão estar subjacentes, impreterivelmente, pressupostos de qualidade, inovação, responsabilidade, sustentabilidade e competitividade. São inúmeras as sugestões e orientações que se podem avançar no quadro de cada um destes eixos, porém não sendo objetivo fazer aqui uma abordagem exaustiva das medidas/ações, sumarizam-se algumas das que consideramos serem sugestões-chave, fundamentais ao desenvolvimento do turismo nos jardins históricos sem comprometer a sua essência, ao acrescento de valor e posicionamento do segmento num nível mais profissional, e que surgem imbricadas umas nas outras apesar de

as termos segmentado no quadro seguinte. Note-se que o facto de as mencionarmos não querará dizer que algumas não estejam já implementadas ou em vias disso, a questão é que não raras vezes se restringem a determinados casos específicos e o objetivo é que se alarguem aos demais jardins. Apesar da consciência de que estas medidas podem ser vistas como utópicas, especialmente por responsáveis de alguns jardins em que é débil a vertente turística, há a profunda convicção de que estas podem constituir um começo para uma discussão mais alargada.

Quadro IX.1: Estrutura dos desafios e orientações dos jardins e do turismo de jardins

Eixos	Orientações gerais
<b>I QUALIFICAÇÃO DOS JARDINS E DA EXPERIÊNCIA DA VISITA</b>	1.1. Recuperação e valorização do património botânico 1.2. Criação, reforço, recuperação e (re)qualificação das infraestruturas e equipamentos 1.3. Aposta em mão de obra qualificada, nos vários quadrantes 1.4. Desenvolvimento dos conteúdos informativos e diversificação das formas de interpretação 1.5. Aumento/Diversificação de atividades 1.6. Dinamização de segmentos de negócio complementares
<b>II ORGANIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA OFERTA</b>	2.1. Inventariação completa e organizada da oferta de jardins históricos 2.2. Criação de uma rede de jardins históricos 2.3. Dinamização de <i>clusters</i> , em particular de âmbito regional 2.4. Criação de rotas/percursos temáticos (a diversas escalas) e/ou dinamização/qualificação das existentes
<b>III COOPERAÇÃO ENTRE AS DIVERSAS ENTIDADES</b>	3.1. Conceção de um plano de ação estratégico de âmbito global concertando vários contributos que englobe metas, objetivos e formas de promoção 3.2. Elaboração de candidaturas a programas de financiamento 3.3. Criação de pacotes de medidas de ajuda financeira
<b>IV MARKETING PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO</b>	4.1. Criação de um dístico “Jardim Português Notável” 4.2. Implementação de um Dia Nacional do Jardim Português 4.3. Promoção da abertura de jardins históricos privados 4.4. Melhoria/reforço das diversas fontes/meios de informação 4.5. Campanhas publicitárias direcionadas/Plano de marketing 4.6. Participação em eventos relacionados, nacionais e internacionais 4.7. Criação de prémios/distinções

Fonte: Elaboração própria

Do nosso ponto de vista estas são diretrizes fundamentais para o desenvolvimento do turismo de jardins históricos em Portugal. Antes de tudo, a montante, considera-se essencial que se elabore um quadro legislativo mais específico e ajustado à realidade nacional que

defina e regulamente, não só as questões da manutenção e preservação, mas também as relacionadas com a valência turística, e que as diversas entidades envolvidas com o património paisagístico e turismo coordenem esforços e cooperem no sentido de um planeamento concertado e integrado, ou seja, de produzirem uma estratégia global ajustada para os jardins históricos onde se definam metas e objetivos a alcançar, sendo imperativo que cada um transponha e adapte para a sua realidade particular essas diretrizes e produza o seu próprio plano de ação. Estas orientações devem ter como meta dois objetivos que deverão complementar-se e equilibrar-se, e não entrar em conflito ou sobreporem-se: o aumento de visitantes e a preservação dos jardins e do seu valor histórico.

Em termos mais específicos, julga-se fundamental, em primeiro lugar, (re)qualificar e valorizar a oferta. Ficou claro o valor de nível internacional dos jardins que possuímos, diferentes, únicos, capazes de atrair centenas e milhares de pessoas, mas que possuem constrangimentos intrínsecos que deverão ser suprimidos ou pelo menos minorados para um sustentado desenvolvimento deste segmento, pois há que ter em conta que muitos jardins não foram concebidos como atrações não estando, por isso, preparados para tal. Desta forma, se o objetivo é receber (mais) visitantes torna-se imperativa a criação e/ou (re)qualificação de infraestruturas e equipamentos de acolhimento ao visitante, adequados ao espaço, para que não entrem em confronto ou alterem o conceito e identidade histórica do jardim. Estacionamento para veículos motorizados e velocípedes, ponto/quiosque de informações e sanitários são indispensáveis. Acrescenta-se os caixotes do lixo e bebedouros, dois simples elementos que fazem toda a diferença tanto para a oferta, no caso dos primeiros (não terão lixo espalhado pelo jardim conferindo um mau aspeto), como para a procura, em relação aos segundos (principalmente nos períodos de maior calor), e que faltam, ou escasseiam, em muitos dos jardins visitados. Deve haver uma intervenção sobre o património degradado nos jardins, mormente estruturas/construções (muros, estátuas, fontes/fontanários, pavimentos e caminhos, edificações, escadarias, sistema hidráulico entre outros) e espécies botânicas (intervensões em canteiros, sebes e árvores), de acordo com os pressupostos da *Carta de Florença*. A limpeza e manutenção dos espaços que os visitantes frequentam assim como a criação de condições para que pessoas com mobilidade reduzida possam visitar devem ser uma prioridade. A vigilância também é importante, sobretudo nos jardins de grande dimensão, tal como a delimitação dos espaços em que é possível andar.

A respeito da flora, que dá corpo e atratividade ao jardim, esta deve ser alvo de uma atenção especial, e para isso é fundamental mão de obra qualificada e especializada. Tendo em conta que nestes espaços são estimulados essencialmente os sentidos visual e olfativo,

julga-se que se deve investir em espécies que floresçam durante todas as estações, proporcionando assim um espetáculo florístico distribuído ao longo do ano, apostando não só em espécies exóticas mas sobretudo em espécies autóctones. Note-se que o objetivo aqui não é transformar o jardim histórico português exclusivamente num *show* visual monoflorístico efêmero como por exemplo *Keukenhof* (o maior jardim de tulipas do mundo que abre apenas 2 meses por ano), mas proporcionar mais flores aos visitantes, mais policromia e maior estímulo visual, e, por consequência, olfativo. Refira-se que o estudo empírico revelou que as *flores, árvores, plantas, flora, botânica* foi identificado como um dos motivos para a visita (16%), assim como um dos principais elementos identificadores de jardins tal como o aspeto sensorial, e a falta de flores um dos aspetos que desagradaram aos visitantes dos três estudos de caso. A criação/implementação e publicitação de um ponto de interesse no domínio botânico superlativando-o ou humanizando-o, suscitaria com certeza a curiosidade e a vontade da visita como por exemplo: o maior nenúfar do mundo que aguenta com um bebé (*victoria cruziana* ou *amazonica*), a planta carnívora que devora pequenos roedores (algumas espécies do género *Nepenthes*), a planta sentimental quando tocada (*mimosa pudica*), a maior e mais mal cheirosa inflorescência do mundo (*amorphophallus titanum*), a árvore que se transforma num fantasma (*eucalyptus citriodora*) ou a maior coleção de camélias, orquídeas ou rosas. Neste âmbito, acrescenta-se que o desenvolvimento do filão de mercado ligado às camélias, que florescem no inverno, poderá ser uma interessante aposta uma vez que existem no país ricas e antigas coleções que atraem produtores, colecionadores e entusiastas.

Os resultados do estudo empírico (da oferta e da procura) revelaram várias fragilidades ao nível da informação e sinalização, comprovadas na visita aos jardins. Recorde-se que cerca de 8% dos jardins assumiram não dispor de qualquer informação ou formas de interpretação disponíveis ao público durante a visita, 24% tem apenas uma e 22% disponibiliza dois tipos de informação, levando os responsáveis a assumir que a falta de informação tem condicionado as visitas e a atração de um quantitativo maior de visitantes. A deficiente ou mesmo ausência de informação e sinalização foi apontado como um dos grandes *handicaps* da experiência da visita para 31% dos visitantes inquiridos. Constata-se, portanto, que é necessária e urgente uma intervenção nesse sentido. Deverá, pelo menos, existir uma página *online* com a informação completa, organizada e apresentada de forma dinâmica, apelativa e uma *newsletter* (mensal ou trimestral), ser disponibilizada informação em placards tradicionais ou interativos e/ou num simples folheto com conteúdos informativos básicos sobre o jardim (história, atrativos, horários, preço, regras de visita), em vários idiomas e acessível a

peças invisíveis, assim como sinalética e sinalização por forma a melhor orientar o visitante fora e dentro dos jardins, caso a dimensão e a segmentação do jardim assim o justifique, podendo inclusive apostar-se em conteúdos para aplicações informáticas. A identificação das espécies num jardim é, de igual modo, fundamental e poderia ir muito além da informação básica e contemplar para além do nome científico, nome comum e origem, informação relacionada com as características físicas, utilização comercial e medicinal, histórias e lendas. Verificou-se a falta de um ou todos estes elementos em alguns jardins visitados.

Seria interessante valorizar-se (mais) algumas edificações presentes nos jardins e dinamizar-se segmentos de negócio complementares. A investigação empírica demonstrou que a maior parte dos jardins possui elementos associados e que, em muitos casos, se verificou *in situ* que estão subaproveitados, pelo que se considera importante valorizar as casas/solares para implantação, por exemplo, de TER ou casas-museu e de algumas estruturas adjacentes que existem sem funcionalidade aparente para instalação de um ponto de venda de produtos artesanais locais/regionais (ou não), de plantas produzidas no jardim, sementes, lembranças sustentáveis, ou ainda um ponto de restauração (restaurante, café ou simples casa de chá). Os próprios jardins, ou parte do espaço exterior e/ou interior onde se inserem, poderiam ser otimizados como palco de determinados acontecimentos/eventos nomeadamente casamentos, festas de aniversário entre outros, como de resto já acontece em alguns jardins, e de eventos específicos relacionados com jardins e flores, desde que salvaguardadas as devidas cautelas ao seu uso e cumpridas todas as regras de uma utilização sustentável. Os responsáveis teriam aqui algumas fontes de receitas complementares que os ajudariam com as despesas mais correntes de manutenção dos jardins e repercussões ao nível da promoção de uma imagem atrativa.

Verificou-se que, em alguns jardins, as atividades disponíveis ao público são incipientes ou até mesmo inexistentes (19%). E, em outros tantos, reduzidas apenas às visitas guiadas, aliás, convém referir que cerca de 24% dos jardins referiram disponibilizar apenas uma, sendo inclusive a falta de atividades um dos pontos fracos apontados por cerca de 7% dos visitantes, realidade constatada *in situ*, tendo sido de igual modo reconhecido pelos responsáveis a necessidade de haver uma intervenção neste departamento. Do nosso ponto de vista, é indispensável o desenvolvimento e promoção de uma agenda de animação mensal/anual com uma distribuição equilibrada no tempo, incluindo atividades tão diversas quanto os seus públicos, por forma a não só fidelizar como captar novos públicos, que também poderá contribuir para uma visitação mais difusa no tempo e, portanto, ter um papel determinante na atenuação da sazonalidade. Enquanto espaços privilegiados, em termos

paisagísticos, poderão assim ser dinamizados através de espetáculos culturais variados (música, teatro, dança), exposições, festas e percursos temáticos (os jardins históricos estão cheios de *estórias*, muitas delas desconhecidas), *peddy-papers*, algumas atividades desportivas ajustadas aos espaços, *workshops* de jardinagem ou de plantas utilizadas para diversos fins, mostras de produtos regionais, eventos ligados a flores, plantas ou à arquitetura paisagista. Estes constituem apenas alguns exemplos das inúmeras atividades que poderiam ocorrer nos jardins. No âmbito particular das visitas guiadas considera-se que deve haver uma especial atenção pois constatou-se que, em alguns casos, o elemento associado monopolizava grande parte do discurso e sobre o jardim eram apenas tecidos breves comentários, desvalorizando a sua essência. Segundo HÁJEK *et al.* (2010), os jardins históricos são monumentos culturais em igualdade de circunstâncias com os edifícios históricos, por vezes são até mais importantes que os seus elementos associados, não devendo, por isso, ser tratados apenas como meros cenários e enquadramentos. Há que rever, qualificar e equilibrar o discurso das visitas guiadas de modo a que, como referem os autores, estas sejam representativas do valor patrimonial do conjunto, e integrar aspetos arquitetónicos, vegetais, históricos, cronológicos e aspetos relacionados com o seu desenvolvimento espacial.

Ainda no que diz respeito à oferta é por demais evidente que os responsáveis dos jardins devem, numa primeira etapa, conhecer e ir acompanhando o perfil dos seus visitantes, as suas motivações assim como o grau de satisfação geral e em relação a elementos específicos. A aplicação regular de estudos de opinião e de satisfação (por meios próprios ou através de estudos académicos) deve fazer parte do seu plano estratégico. Numa segunda etapa, talvez a um nível de integração superior da oferta, deverão elaborar estudos de mercado visando os potenciais visitantes. O objetivo será tirarem partido das informações obtidas para melhorarem o serviço prestado ao público e captarem novos mercados.

Relativamente aos mercados, considera-se essencial valorizar e acima de tudo diversificar os mercados da procura no sentido de aumentar o quantitativo de visitantes dos jardins históricos. Tanto no questionário 1 como no questionário 2, foi possível identificar quais os mercados tradicionais de visitantes de jardins em Portugal, mas também os mercados que revelam potencialidades que é necessário explorar e valorizar, nomeadamente os da Europa de Leste, da Ásia e ainda da América do Norte e América Latina, por forma a que se atenuem os efeitos da sazonalidade, pois são mercados com grandes quantitativos populacionais e com grandes capacidades económicas. Neste sentido, os responsáveis devem apostar numa estratégia de marketing e promoção que, de forma eficaz, transmita a mensagem

de que em Portugal é possível visitar jardins durante todo o ano, ver e desfrutar de jardins floridos durante todo o ano, o que não acontece nos países de Leste ou na América do Norte, que têm climas mais rigorosos, e que enfatize o facto dos jardins nacionais praticarem preços de entrada competitivos em relação a muitos jardins europeus. Como tal, não deverão menosprezar a presença em eventos internacionais, ligados ao turismo no geral e aos jardins em particular, que ocorrem um pouco por todas estas regiões assim como a promoção direcionada deve constar da estratégia. Deverão igualmente ser valorizados os mercados tradicionais, mormente o nacional, o vizinho ibérico e o do centro e norte da Europa, através de campanhas publicitárias e iniciativas que atraiam o público aos jardins, para além da participação em eventos e iniciativas nacionais.

Os jardins atraem todos os estratos etários e visitantes com diversas condições perante a atividade económica e, por consequência, com diversas motivações, como foi possível constatar no capítulo VIII. Será, por isso, essencial haver campanhas de marketing e promoção ajustadas e direcionadas a cada um destes públicos e às suas necessidades. Desta forma, é necessário valorizar o público maduro/sénior e aposentado e desenvolver/diversificar argumentos atrativos nos jardins que justifiquem a visita deste segmento durante todo o ano já que, ao estarem libertos de preocupações laborais, dispõem de mais tempo livre e têm disponibilidade para viajar e passear tendencialmente fora das épocas consideradas altas, o que contribuirá para combater a sazonalidade. Por outro lado, o público mais jovem não se pode menosprezar, pois constitui um quantitativo importante e é de igual modo indispensável a criação de atrativos mais ajustados às suas necessidades/gostos.

Durante a investigação empírica percebeu-se que o público que demonstra interesse específico pelos jardins e pelo design é ainda incipiente quando comparado com os restantes, pelo que é essencial que os jardins criem condições que atraiam mais público desta natureza. Os eventos especificamente centrados nestas temáticas seriam uma boa opção.

Mais de 50% dos visitantes inquiridos manifestaram vontade de retornar ao jardim, desta forma seria interessante criar condições de fidelização através da criação de um sistema de valorização da visita através de um cartão de pontos por visita, por exemplo, com benefícios no jardim (atingindo um determinado quantitativo de pontos o visitante teria direito a uma entrada grátis ou desconto no bilhete), em qualquer serviço disponibilizado pelo jardim (por exemplo desconto numa refeição, na entrada do elemento associado) ou noutras atrações que se localizem no mesmo território.

A organização, estruturação e integração adequada da oferta seria um passo importante no aumento de competitividade, sendo, antes de mais, impreterível um real conhecimento do



património paisagístico disponível (público e privado) e uma avaliação prévia das suas efetivas condições e potencialidades para o seu desenvolvimento enquanto atração turística. Através desta investigação, foi possível constatar que os jardins não estão convenientemente inventariados/identificados com toda a informação necessária, as atrações não estão organizadas e por isso o produto não se encontra estruturado de forma conveniente. É então fundamental a reunião de diversa informação quantitativa e qualitativa e perceber o que existe e em que condições: diferenciar os que constituem já um produto turístico, aqueles que até detêm condições mas que não estão valorizados nem integrados no sistema turístico e ainda aqueles que não possuem qualquer qualidade ou condições para tal, pelo menos num primeiro momento. O desenvolvimento de um turismo de jardins históricos, estruturado e organizado, poderá ser potenciado através da criação, de raiz, de uma entidade maior, agregadora dos jardins e assuntos relacionados, ou a requalificação e ampliação de competências da entidade existente (APJH). Concomitantemente, poderia ser criada uma rede de jardins históricos a nível nacional, sem esquecer o território insular, que agregue os jardins com reconhecido valor histórico, artístico e paisagístico, e crie condições à sua transformação em efetivos produtos e destinos turísticos de qualidade através da definição das melhores estratégias a implementar e de promoção conjunta, e que favoreça, desta forma, a complementaridade entre jardins, que se constatou ser bastante débil ou até mesmo inexistente. Por outro lado, defende-se uma estrutura associativa implementada a várias escalas por forma a dar uma resposta mais ajustada às necessidades dos jardins e dos seus proprietários.

Neste sentido, para além de uma rede de jardins eficiente, uma proposta que reuniu a concordância de mais de 90% dos responsáveis, as rotas/itinerários/percursos constituem, de igual modo, um dos grandes fatores aglutinadores de interesses comuns com repercussões positivas em ambos os sentidos (oferta e procura) e a vários níveis. Nos capítulos VI e VII foram identificadas algumas destas formas organizativas, umas compostas apenas por jardins e outras, de modo até mais frequente, integrando outro tipo de atrações, sendo os jardins um complemento ao objeto central da rota. Esta oferta é manifestamente insuficiente e, para além de muito pouco ajustada à procura, apresenta grandes debilidades não só ao nível da própria estruturação (constituem a maioria iniciativas territoriais de âmbito municipal e não estão homologadas) como da informação nela presente, muito incipiente e pouco esclarecedora, como a sua divulgação está restrita na maior parte das vezes às páginas *online* das entidades criadoras como as Câmaras Municipais, não constando sequer nas páginas dos próprios jardins integrantes e não estão sinalizadas de forma conveniente ou simplesmente não estão.

O amadorismo que caracteriza as atuais rotas está a condicionar o seu sucesso e tem contribuído para que passem um tanto ou quanto despercebidas da oferta global dos territórios.

Neste âmbito joga-se essencial não só a reabilitação, profissionalização e valorização das rotas existentes como a criação de novas rotas. Por um lado, rotas só com jardins podendo ser temáticas (considerando uma espécie particular, um estilo, histórias), o que de algum modo contribuiria para um aumento das relações entre jardins nacionais que é, como se apurou, em mais de metade dos casos inexistente, beneficiando da proximidade que existe entre grande parte deles, e por outro valorizar e enriquecer a experiência turística através da inclusão de vários elementos do *cluster* regional. Esta investigação apurou que grande parte dos jardins está inserida em territórios favoráveis em termos de atrações e equipamentos disponíveis e em mais de 40% dos casos essa relação de complementaridade é até forte e muito forte, embora mais de metade revele ser débil, sendo pois necessário dinamizar e estreitar essas relações e tirar partido dos territórios e das condições que oferecem, através da criação de produtos compósitos (rotas, pacotes, entre outros), ou seja, que integrem várias atrações e experiências do território, ligando os jardins sobretudo às dimensões da cultura e natureza, duas vertentes do turismo de jardins, englobando experiências gastronómicas, enoturísticas, museológicas, botânicas, entre outras, adicionando desta forma valor à rota/percurso/pacote, enfim ao produto, procedendo-se a uma promoção conjunta dos produtos. Considera-se este facto determinante para a organização e estruturação da oferta e consequente aumento de competitividade.

A organização internacional não deve ser menosprezada até porque, como se verificou no capítulo III (ponto 3.5.), no caso da Rede Europeia dos Jardins Históricos, esta pode ser uma excelente via para a melhoria das condições, valorização, promoção e troca de experiências entre os jardins integrantes que, de momento, apenas inclui um único jardim nacional, a Quinta de Monserrate. Todavia, muitos outros jardins dispõem de argumentos mais do que válidos para poderem fazer parte desta estrutura, bastando que tomem a iniciativa da candidatura para o efeito.

É justamente esta base de apoio e de suporte cooperativo necessária a estes e outros formalismos que urge desenvolver no quadro dos jardins históricos e que a APJH, não obstante o seu trabalho meritório ao longo de mais de uma década, não tem, em nossa opinião, respondido com eficácia. Os responsáveis dos jardins reconhecem esta necessidade, pelo que a cooperação e o estabelecimento, reforço e promoção de parcerias entre as diversas entidades (estatais e privadas de diversa índole, de dimensão local, regional ou central) ligadas ao

património paisagístico/jardins e ao turismo, numa reunião de esforços, se revela determinante para que algum do amadorismo já mencionado seja suprimido, para que não se deixem evadir oportunidades e, acima de tudo, para que de alguma forma incentivem à iniciativa dos proprietários. Neste sentido, as formas de cooperação e colaboração deverão desenvolver-se quer seja no âmbito da captação de investimento através do apoio necessário aos proprietários para a realização de candidaturas a programas de financiamento nacionais e comunitários, quer na definição de pacotes de ajuda financeira (como por exemplo a dedutibilidade das despesas do jardim, bilhetes isentos de iva para jardins abertos mais de 6 meses), na elaboração de uma estratégia global concertada incluindo o plano de marketing/promoção e a definição de uma matriz de iniciativas como por exemplo o dístico “Jardim Português Notável”. A cooperação e colaboração deve acontecer também ao nível da implementação de iniciativas de sensibilização e formação dos proprietários, de estudos dos jardins, estudos de opinião, da produção e divulgação de informação e sinalização.

O trabalho em rede nos mais diversos domínios e entre as mais diversas entidades e organismos, de forma organizada, coordenada, coerente e inclusiva, afigura-se como incontornável no caso dos jardins históricos, onde já se percebeu que o modelo individualista não traz quaisquer benefícios. Tal como observou GORMAN (2010), o trabalho em rede permite não só amplificar a visibilidade do jardim como também aumentar e qualificar a proposta de valor junto do cliente.

A coordenação ao nível do desenvolvimento e disponibilização da informação é indispensável. A informação, assim como a forma de a disponibilizar, adquire atualmente um papel primordial no seio da atividade turística. Já foram referidos alguns constrangimentos ao nível particular do jardim que se alargam a uma dimensão mais global, sendo pois bastante difícil perceber/tomar conhecimento de iniciativas, campanhas ou de simples informações sobre os jardins, já que esta é manifestamente insuficiente (tal como as iniciativas) e surge fragmentada, ou seja, dispersa por várias entidades e plataformas, muitas vezes restrita apenas aos meios de divulgação dos próprios jardins. Como tal, considera-se antes de mais imperativa a conceção de um plano de marketing que integre não só uma visão de curto/médio prazo mas que se estenda a longo prazo, devendo incluir ações como a criação e divulgação de uma marca, de slogans e logotipos fortes e apelativos, o desenvolvimento de campanhas de marketing promocionais diferenciadas em função dos diversos segmentos de público, das suas especificidades e motivações, em função da época do ano e fazendo uso também de particularidades históricas, arquitetónicas e botânicas, incidindo em especial no carácter único

do jardim português, difundidas em diversos meios de comunicação social. Deve apostar-se ainda numa promoção integradora de escalas (estratégias de publicidade a nível regional, nacional e internacional), em particular a nível internacional, defende-se a participação em feiras e eventos relacionados e a presença em *sites* internacionais da especialidade. Neste sentido, apela-se ainda à coordenação entre as diversas entidades na divulgação da informação, para que não esteja limitada apenas à menção do recurso a visitar.

A criação de uma marca agregadora, forte, valorativa, de fácil associação e identificação coletiva, parece-nos uma medida incontornável e afigura-se como determinante na construção e promoção deste produto. Neste sentido, à semelhança do que ocorre em França, e como já anteriormente se reconheceu (SILVA, 2014d), a criação de um dístico “Jardim Português Notável” poderia ser uma forma de organizar, qualificar e promover a oferta. Aliás, os resultados deste estudo empírico caminham justamente neste sentido com um quantitativo superior a 90% de responsáveis a concordar com esta medida (50% dos quais sem qualquer reserva). Subjacente à criação deste dístico, acessível a todo o tipo de jardins, teria forçosamente que estar associado um grupo de trabalho multidisciplinar, corporizando aquilo que defendemos que é uma cooperação e colaboração ativa e integradora. Assim, deverão estar envolvidos na construção da matriz desta distinção os proprietários, as tutelas da cultura/património, turismo, agricultura e ambiente, devendo ainda ser considerados os contributos provenientes da estrutura associativa e do meio académico que, não raras vezes, é preterido, cujos papéis deverão estar bem delimitados no que diz respeito ao seu desenvolvimento, aplicação, fiscalização, monitorização, avaliação e promoção. Este dístico deve ter um carácter temporário e obedecer a um conjunto de critérios que considerem a diversidade de jardins históricos portugueses, nomeadamente botânicos, históricos, arquitetónicos/estéticos/artísticos, agronómicos, literários, devendo ainda ser tidos em conta critérios relacionados com a manutenção, gestão e promoção dos jardins. Esta distinção deve contemplar deveres, e desde logo a obrigatoriedade de abertura durante um período mínimo no ano incluindo dias estratégicos assume grande relevância (dever-se-ão fixar períodos de abertura consoante as especificidades dos jardins e a sua capacidade de carga) assim como a promoção de boas condições de acolhimento ao visitante, e direitos no seio dos quais existam benefícios fiscais que permitam reduzir encargos com os jardins. Na situação em que se encontram muitos dos jardins históricos nacionais, os benefícios fiscais poderão constituir uma das contrapartidas mais esperadas e importantes para a sua salvaguarda. Note-se que a falta de capacidade financeira é uma realidade assumida pelos próprios proprietários. “Porque o jardim, e especificamente o jardim português, não pode nem deve ser encarado como um

negócio, mas sim como uma paixão do seu “autor e/ou guardião” e a paixão do seu visitante, sendo que juntas contribuem para a conceção do jardim enquanto documento histórico e cultural. E esta distinção será um passo decisivo no aprofundamento e consolidação desta relação binária entre jardim/proprietário e jardim/visitante” (SILVA, 2014d: 47).

A cultura e as tradições não são estáticas no tempo e no espaço, também podem e são de facto criadas. Portugal pode não ter uma tradição e cultura de visita a jardins como se verificam noutros povos, aliás como de resto reconheceram os responsáveis, mas estas podem ser criadas, mormente através da implementação de ações específicas. Neste sentido, seria de igual modo interessante elaborar iniciativas de abertura dos jardins históricos com benefícios para os visitantes e proprietários, à semelhança do que já acontece em vários países. Um *Open Garden Day*, integrado num hipotético Dia Nacional do Jardim Português, promovendo a abertura concertada de vários jardins de forma livre ou com preços simbólicos, com horários alargados, possibilidade de visitas guiadas ou oferta de um qualquer desconto em serviços proporcionados pelos jardins ou para visita a outras atrações, poderia contribuir não só para dar a conhecer os jardins a um público mais amplo, mas também para aproximar o público dos jardins, em especial aquele que normalmente não frequenta porque está fechado, porque os horários não são compatíveis ou porque é demasiado dispendioso. Esta pode incluir ou não outra iniciativa direcionada em particular aos jardins privados que normalmente se encontram encerrados ao público (como acontece na Grã-Bretanha), com preço simbólico, podendo nestes casos a abertura a visitantes gerar receita adicional para a manutenção e conservação dos jardins, mas não só, pode aproximar a comunidade local deste património e dá-lo a conhecer a visitantes externos, possibilitando a troca de experiências e saberes. E, no decorrer desta investigação, em particular aquando das visitas aos jardins, foi possível constatar que existem muitos jardins históricos encerrados, “escondidos” pelos seus altos muros e portanto desconhecidos do público.

É de grande relevância que toda esta informação esteja reunida, por isso a criação de uma única plataforma agregadora e integradora da informação relativa aos jardins históricos e de campanhas de marketing promocional, que disponibilizasse igualmente estatísticas desagregadas (considerando as diferentes modalidades de bilhete existentes nos jardins), mapas de jardins a várias escalas territoriais e respetivas rotas, em suma, informação atualizada, organizada, dinâmica, disponível para as várias plataformas digitais e em diversos idiomas (português, inglês, francês, espanhol, alemão, russo e chinês), parece-nos desde logo uma das mais importantes medidas a implementar.

Importa pois produzir, qualificar, organizar e divulgar a informação, pois “se não se conhece não se visita”, e reforçar a participação *online* (*sites*, redes sociais, blogues, fóruns), apostar nas novas tecnologias/plataformas e desenvolver conteúdos para aplicações que possam ser disponibilizadas para vários dispositivos móveis (*tablets*, *smartphones* entre outros) de forma a aumentar a acessibilidade ao produto de potenciais mercados. Embora a investigação empírica à procura tenha concluído que os guias turísticos/livros/revistas constituem as principais fontes de informação relegando a dimensão *online* para uma posição relativamente secundária, deve notar-se que foi apurado, na investigação à oferta, que as plataformas *online* até detêm um peso apreciável na promoção global dos jardins (com destaque para a própria página da internet) pelo que esta não deve ser menosprezada mas antes reforçada, até porque muita da comunicação realizada nos dias que correm é feita através deste meio. Há que aproveitar esta tendência e ter em conta desde logo que não implica um grande investimento financeiro, apenas disponibilidade, ferramentas tecnológicas simples como um *tablet* ou *smartphone* e matéria, sobretudo de cariz visual, que, de forma fácil e quase imediata, se publica e partilha com o mundo.

É ainda essencial uma revisão e/ou conceção de material promocional impresso como folhetos e brochuras a uma dimensão individual (cada jardim) e a um nível global integrador da oferta, sendo fundamental que a informação seja coerente, consistente, apelativa e distribuída/promovida de forma conjunta e integrada, envolvendo vários elementos do *cluster* (restauração, hotelaria, vinicultura, postos de turismo e outras atrações) e as diferentes escalas territoriais.

Neste campo considera-se vantajoso também tirar partido dos eventuais prémios ganhos pelos jardins e/ou destinos em que se inserem, da classificação dos jardins, designadamente da classificação de Património Mundial da Unesco, explorando oportunidades daí advindas. Note-se que há um amplo conjunto de jardins históricos nacionais incluídos em áreas classificadas (Sintra, Coimbra, Porto, ou Guimarães) que muitos desconhecem e cujos quantitativos de visitantes ficam bastante distanciados dos que se verificam em determinados centros/pontos centrais como por exemplo o Paço das Escolas em Coimbra, incluindo Biblioteca Joanina e Torre da Universidade que estão neste momento lotadas, sendo por isso imperativo que se redirecione ou se distribua de forma mais equilibrada este público por outras atrações, no caso os jardins.

Considera-se interessante criar prémios nacionais que distingam a qualidade e as boas práticas de manutenção e gestão dos jardins como acontece em Itália (*Premio Grandi Giardini Italiani*) ou como os que são atribuídos pela *Garden Tourism Conference* (Canadá),

pois, para além de constituírem um estímulo para os proprietários, a publicidade daí advinda será bastante positiva.

Aquando da visita efetuada aos jardins históricos, foi possível verificar que alguns deles estão num processo de degradação galopante, sendo necessária uma intervenção em vários níveis. A consideração de pelo menos algumas destas orientações é relevante para qualificar o ambiente global dos jardins aumentando a sua capacidade atrativa e melhorando o acolhimento ao visitante assim como a sua experiência de visita. Deseja-se que a matriz de diretrizes avançadas possa, de alguma forma, contribuir para que da conjugação de várias vontades se passe à ação.

#### **9.4.2. Futuras linhas de investigação**

A realização deste estudo permitiu conhecer, explorar, refletir e perceber a dimensão lúdica e turística dos jardins históricos portugueses, através da apresentação e discussão de um quadro teórico abrangente, mas também através da oferta e da procura com recurso ao inquérito por questionário aos proprietários/responsáveis pelos jardins históricos e aos visitantes de três jardins. Ainda assim, e como já foi referido, a temática não se esgota nas conclusões aqui apresentadas e constitui apenas o mote para a realização de outros estudos. Desta forma, consideramos que em futuras investigações seria pertinente:

- analisar o perfil do visitante numa base mais alargada de jardins, de modo a representar-se todo o território nacional (continental e insular). De resto, crê-se que os resultados respeitantes às ilhas poderão revelar nuances importantes em termos de perfil, comportamentos e motivações;

- realizar uma abordagem aos operadores turísticos nacionais e internacionais que vendem o produto “turismo de jardins” em Portugal, por forma a melhor conhecer como o produto está construído e organizado, como é promovido, distribuído e vendido assim como para se perceber quem o compra e consome, na sua perspetiva (ponto que não se conseguiu aqui concretizar);

- analisar e quantificar os impactes diretos, indiretos e induzidos a nível económico, social, ambiental e cultural dos jardins e das atividades associadas nos territórios, a diferentes escalas;

- determinar/avaliar a importância ou o papel dos jardins na imagem e atratividade dos territórios para o público residente e para os turistas.

## 9.5. Notas finais

Os jardins adquirem cada vez mais importância como espaços de consumo lúdico, importantes não só para a atratividade dos territórios, como também para a população integrante desses mesmos territórios. E são justamente os proprietários que testemunham e atestam essa importância.

Portugal possui um conjunto diverso de jardins com especificidades próprias, únicas e com potencialidades, intrínsecas e extrínsecas, por conhecer, mas sobretudo por explorar. Desta forma, o trabalho realizado no âmbito da oferta assim como o conhecimento do perfil do jardim histórico português pretendeu, de alguma forma, iniciar esse estudo e discussão, assumindo uma grande importância na percepção e entendimento dos contornos deste segmento turístico, podendo transformar-se numa ferramenta essencial ao próprio desenvolvimento, qualificação e divulgação da atividade. Porque Portugal possui um conjunto rico de jardins históricos, acima de tudo de grande notabilidade, com características ímpares, inseridos na sua maioria em contextos favoráveis; porque existem operadores turísticos nacionais e internacionais a vender o produto em Portugal que tem uma grande visibilidade na Ilha da Madeira, na área de Lisboa/Sintra e norte de Portugal e, acima de tudo, porque há público que quer ver e usufruir destes espaços.

Os jardins históricos constituem palcos privilegiados para o encontro entre arte e natureza. Desta forma se concluirá que o jardim português encaixa plenamente naquilo que são os pressupostos do turismo nacional que incluem a natureza e as paisagens histórico/culturais. O produto turismo de jardins não é uma utopia mas uma realidade com uma ampla margem de progressão no país, se bem organizado e promovido, e pode constituir um importante e competitivo segmento alternativo do turismo nacional (individual ou composto) com repercussões na promoção, desenvolvimento e preservação, tanto dos jardins como dos próprios territórios, até porque, tal como está expresso na *Carta de Florença*, “Como expressão da afinidade direta entre a civilização e a natureza, e como lugar de fruição adequado à meditação ou ao repouso (...) um jardim histórico [foi] projetado para ser visto e percorrido (...)” e como monumento dever ser preservado.

Não obstante a ampla abrangência desta investigação (âmbito da oferta e procura), esta temática não se esgota nas conclusões apuradas. Antes pelo contrário. Esperamos que este trabalho contribua para que, pelo menos, se comecem a encarar os jardins de outra forma e que seja útil para proprietários/responsáveis dos jardins assim, como para operadores turísticos e para o meio institucional.



# Bibliografia e Fontes



Jardim do Palácio Mateus e Jardim Botânico do Porto

*Referências Bibliográficas*

### 1. Obras publicadas (apenas as citadas no texto)

- ABA (2016). *Top 100 Events 2016 in North America*. Washington: American Bus Association. Disponível em: <http://www.buses.org/news/publication/top-100-events>.
- ABREU, D. (2006). *Análise de dados II: programa. Estudos para o Planeamento Regional e Urbano*, 69. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- ACIF/KPMG (2015). *Documento Estratégico para o Turismo na RAM (2015-2020)*. Madeira: ACIF em colaboração com a KPMG. Disponível em: [http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Doc\\_Estrategico\\_Turismo\\_RAM\\_0.pdf](http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Doc_Estrategico_Turismo_RAM_0.pdf).
- ACL/FCG (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. II Volume G-Z. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, Editorial Verbo.
- ADEVI, A. & MARTENSOON, F. (2013). Stress rehabilitation through garden therapy: the garden as a place in the recovery from stress. *Urban For & Urban Green*, 12, 230-237.
- AFPCM (2011a). *Campo Maior – Alentejo em Flor: 27 Agosto/4 Setembro 2011*. Campo Maior: Associação das Festas do Povo de Campo Maior.
- AFPCM (2011b). *Informação sobre as Festas do Povo de 2011*. Boletim Informativo. Campo Maior: Associação das Festas do Povo de Campo Maior.
- AGUSTINA, I. & BEILIN, R. (2012). Community Gardens: Space for Interactions and Adaptations. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 36, 439-448.
- ALBERGARIA, I. S. (2005). *Parques e Jardins dos Açores – Azores Parks and Gardens*. Lisboa: Argumentum.
- ALMARGEM (2007). *Vamos conhecer as Árvores Monumentais do Concelho de Loulé – Relatório Final*. Loulé: ALMARGEM/Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve.
- ALMEIDA, M. N. G. F. (2003). *Os jardins históricos e o seu valor turístico. Proposta de um percurso no noroeste de Portugal*. Relatório de Licenciatura em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- ALMEIDA, O. T. (2014). Jardins portugueses na América. *Revista Jardins*, 139, Setembro, pp. 36.
- ALTINAY, L. & PARASKEVAS, A. (2008). *Planning Research in Hospitality and Tourism*. Amsterdam: Butterworth-Heinemann.
- ANDRADE, I. El-J. (2008a). Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. *Risco*, 8(2), 138-144.

- ANDRADE, I. El-J. (2009). *Dimensão Ambiental do Património Verde Público Urbano: o impacto do entorno urbano nos jardins de interesse histórico*. Tese de Doutoramento em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- ANDRADE, P. (2008b). A sociologia cultural-artística dos jardins. In J. E. FRANCO & A. C. C. GOMES (Coord.), *Jardins do Mundo – discursos e práticas* (pp. 481-487). Funchal, Gradiva.
- ANDRADE, S. C. (2009). *Serralves: 20 anos e outras histórias*. Porto: Fundação de Serralves.
- ANDRES, T. (2016). The best garden holidays. *The Telegraph*, 04/03/2016. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/travel/tours/10-best-garden-holidays/>.
- ANDRESEN, S. M. B. (1966). *O Rapaz de Bronze* (1ª ed.). Lisboa: Minotauro.
- ANDRESEN, T. & MARQUES, T. (2001). *Jardins históricos do Porto*. Porto: Edições INAPA.
- ANES, J. M. (2007). *Os jardins Iniciáticos da Quinta da Regaleira*. 2ª Ed. Lisboa: Ésquilo.
- ANES, J. M. (2010). O espaço sagrado e os jardins iniciáticos da Quinta da Regaleira. *AE... Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, 3, 99-129.
- AÑÓN, C. F. (1981). Conservation and value of the Galician Pazo. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 167-174). Madrid: Foundation Cultural Banesto.
- AÑÓN, C. F. (1993). Introduction. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 25-26). Madrid: Foundation Cultural Banesto.
- APCA (2006). *Estatutos da Associação Portuguesa das Casas Antigas*. Lisboa: Associação Portuguesa das Casas Antigas. Disponível em: [http://www.ap-casas-antigas.pt/images/pdfs/Estatutos\\_da\\_Associação\\_Portuguesa\\_das\\_Casas\\_Antigas.pdf](http://www.ap-casas-antigas.pt/images/pdfs/Estatutos_da_Associação_Portuguesa_das_Casas_Antigas.pdf).
- APJLR (2009). *Etude 2009 du Patrimoine des Jardins en Languedoc-Roussillon*. Amis des Parcs et Jardins du Languedoc-Roussillon. Disponível em: <http://www.parcsetjardins.fr/docs/data/actualites/documents/369-1013.pdf>.
- ARAMA-CARREL, S. (2006). *Les jardins, un marché en floraison*. Isère: Faena Études Marketing. Disponível em: <http://www.parcsetjardins.fr/docs/data/actualites/documents/125-889.pdf>.
- ARAÚJO, I. (1962). *A Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (Centro de Estudos de Urbanismo).
- ARAÚJO, I. (1974). Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII). *Separata da Revista BRACARA AUGUSTA*, Vol. XXVII – Fasc. 63 (75).

- ARAÚJO, I. (1979). Jardins, Parques e Quintas de Recreio no aro do Porto. *Separata da Revista de História*, Volume II – Centro de História da Universidade do Porto.
- ASHWORTH, G. & TUNBRIDGE, J. (2000). *The touristic-historic city: Retrospect and prospect of managing the heritage city*. Oxford: Elsevier Science.
- ASHTON-SHAEFFER, C. & CONSTANT, A. (2006). Why Do Older Adults Garden?. *Activities, Adaptation & Aging*, 30:2, 1-18.
- ASSUNÇÃO, P. (2008). Jardins, Arquitectura e Turismo. In J. E. FRANCO & A. C. C. GOMES (Coord.), *Jardins do Mundo – discursos e práticas* (pp. 309-322). Lisboa: Gradiva.
- ATLEE, H. (2008). *The Gardens of Portugal*. Londres: Frances Lincoln Ltd.
- AVRAHAM, E. & KETTER, E. (2008). *Media Strategies for Marketing Places in Crisis. Improving the Image of Cities, Countries and Tourist Destinations*. Londres: Elsevier.
- AZEVEDO, I. T. T. (2013). *Os jardins da cidade: do jardim privado aos espaços verdes enquanto elementos estruturantes do espaço urbano*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- BACKHAUS, G. & MURUNGI, J. (Eds.) (2009). *Symbolic Landscapes*. London: Springer.
- BALE, J. (1999). Parks and Gardens: Metaphors for the Modern Places of Sport. In D. CROUCH (Ed.), *Leisure/tourism geographies: practices and geographical knowledge*, Chapter 4 (pp. 46-58). New York: Routledge.
- BALLANTYNE, R., PACKER, J. & HUGHES, K. (2008). Environmental awareness, interests and motives of botanic gardens visitors: implications for interpretative practice. *Tourism Management*, 29, 429-444.
- BARROS, J. C. (2004). *A Projecção do Quotidiano no Turismo e no Lazer*. Lisboa: Instituto Superior da Ciências Sociais e Políticas.
- BASTO, A. R. S. (2015). *Da inventariação à salvaguarda do património paisagístico*. Relatório de Estágio de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Porto: Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- BAUER-KRÖSBACHER, C. & PAYER, H. (2012). *Profiling the Garden Heritage Tourist II*. INTERREG. Krems: IMC-University of Applied Sciences. Disponível em: [www.southeast-europe.net/document.cmt?id=868](http://www.southeast-europe.net/document.cmt?id=868).
- BEATTIE, J. (2007). Growing chinese influences in New Zealand: chinese gardens, identity and meaning. *New Zealand Journal of Asian Studies*, 9(1), 38-61.

- BEMANIAN M. R. & AZIMI S. F. (2010). Reflection of meanings originated from Islamic ideology in architectural design. *Journal of Studies on Iranian Islamic City*, 2(1), 39-48.
- BÉNETIÈRE, M. H. (2012). *Rendez-vous aux jardins*. Ministère de la Culture et de la Communication. Disponível em: [http://www.rendezvousauxjardins.culture.fr/?page\\_id=24](http://www.rendezvousauxjardins.culture.fr/?page_id=24).
- BENNETT, E. S. (1995). *The psychological benefits of public gardens for urban residents*. Master degree thesis in Science in Public Horticulture Administration. Delaware: Faculty of the University of Delaware.
- BENNETT, E. S. & SWASEY, J. E. (1996). Perceives Stress Reduction in Urban Public Gardens. *HortTechnology*, 6(2), 125-128.
- BENFIELD, R. W. (2001). Good Things Come to Those who Wait': Sustainable Tourism and Timed Entry at Sissinghurst Castle Garden, Kent. *Tourism Geographies*, 3(2), 207-217.
- BENFIELD, R. W. (2013). *Garden Tourism*. Wallingford: CABI Publishing.
- BERG, A., WINSUM-WESTRA, M., VRIES, S. & DILLEN, S. (2010). Allotment gardening and health: a comparative survey among allotment gardeners and their neighbors without an allotment. *Environmental Health*, 9:74, 12 pp.
- BERJMAN, S. (2001). El paisaje y el patrimonio. *Seminario Internacional Los Jardines Históricos: Aproximación Multidisciplinaria*. Buenos Aires: ICOMOS.
- BHATTI, M. (2006). "When I'm in the garden I can create my own paradise": homes and gardens in later life. *The Sociological Review*, 54(2), 318-341.
- BHATTI, M. & CHURCH, A. (2000). 'I never promised you a rose garden': gender, leisure and home-making. *Leisure Studies*, 19(3), 183-197.
- BHATTI, M. & CHURCH, A. (2001). Cultivating Natures: homes and gardens in late modernity. *Sociology*, 35(2), 365-383.
- BHATTI, M. & CHURCH, A. (2004). Home, the culture of nature and the meanings of gardens in late modernity. *Housing Studies*, 19(1), 37-51.
- BHATTI, M., CHURCH, A., CLAREMONT, A. & STENNER, P. (2009). 'I love being in the garden': enchanting encounters in everyday life. *Social & Cultural Geography*, 10(1), 61-76.
- BLANDIGNERES, M. & RACINE, M. (2002). *Le tourisme de jardins en France: panorama de l'offre*. Paris: AFIT.
- BRITES, J. (2006). Jardim Botânico de Coimbra: Contraponto entre a Arte e a Ciência, In P. BERNASCHINA (Coord.), *Transnatural* (pp. 30-69). Porto: Artez.

- BURLS, A. (2007). People and green spaces: promoting public health and mental well-being through ecotherapy. *Journal of public mental health*, 6(3), 24-39.
- CABRERA, A. T. (1999). El jardín histórico en Andalucía: reflexiones para una tutela del paisaje patrimonial. *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimônio Histórico*, 27, 128-137. Disponível em: <http://www.iaph.junta-andalucia.es/Dossiers>.
- CALDEIRA CABRAL, F. (1993). *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- CARAPINHA, A. (1995). *Da essência do Jardim Português*. Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Évora: Universidade de Évora.
- CARAPINHA, A. (2009). Uma breve perspectiva histórica. In D. TRAVASSOS (Coord.), *Guia dos parques, jardins e geomonumentos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CARDODO, I. L. (2014). Quintal é rei em casa de Português – Jardins e hortas em contexto migratório. In H. PIRES, T. MORA, A. AZEVEDO & M. BANDEIRA (Eds.), *Jardins – Jardineiros – Jardinagem* (pp. 39-77). Braga: CECS/CICS – Universidade do Minho.
- CARETO, H. & LIMA, S. (2006). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável 1*. Lisboa: Geota – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente.
- CARITA, H. & CARDOSO, A. H. (1987). *Tratado da Grandeza dos Jardins Em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Edição dos Autores.
- CARVALHO, P. (2012). Prefácio. In P. CARVALHO (Coord.), *Turismo e Desenvolvimento. Estudos de caso no Centro de Portugal* (pp. 13-17). Málaga: Eumed – Universidade de Málaga. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros-gratis/2012a/1181/>.
- CARVALHO, R., CASTEL-BRANCO, C. & RIBEIRO, J. (2010). Jardins do Palácio dos Marqueses de Fronteira. In C. CASTEL-BRANCO (Ed.), *A água nos jardins portugueses* (pp. 25-37) Lisboa: SCRIBE.
- CARVÃO, S. (2009). Tendências do Turismo Internacional. *Revista Exedra*, Nº Temático – Turismo e Património, 17-32.
- CASTEL-BRANCO, C. (Coord.) (1998). Levantamento e Avaliação de Jardins Históricos para Turismo. Volume I. Lisboa: Centro de Ecologia Aplicada Baeta Neves do Instituto Superior de Agronomia.
- CASTEL-BRANCO, C. (Dir.) (2002). *Jardins Históricos. Poesia atrás dos Muros*. Lisboa: Inapa.
- CASTEL-BRANCO, C. (2008). *O jardim dos Vice-Reis – Fronteira*. Alfragide: Oceanos.
- CASTEL-BRANCO, C. (2010). O jardim português e a história da água nos jardins. In C. CASTEL-BRANCO (Ed.), *A água nos jardins portugueses* (pp. 7-21). Lisboa: SCRIBE.

- CASTEL-BRANCO, C. (2014). *Jardins de Portugal*. Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.
- CAVACO, C. (2006). Práticas e lugares de turismo. In C. CAVACO (Coord.), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas, Novos Lugares de Turismo e Lazer* (pp. 299-361). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CAVACO, C. & SIMÕES, J. M. (2009). Turismos de nicho: uma introdução. In J. M. SIMÕES & C. C. FERREIRA (Eds.), *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios* (pp. 15-39). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- CHAMBEL, T., SOARES, A. L., LIMA, I. P. & MANSO, F. (2010). Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. In C. CASTEL-BRANCO (Ed.), *A água nos jardins portugueses* (pp. 81-87) Lisboa: SCRIBE.
- CHAMBEL, T. (2014). O despojamento do jardim português. *Revista Jardins*, 139, Setembro, 54-55.
- CHAUDRHRY, P. & TEWARI, V. (2010). Role of public parks/gardens in attracting domestic tourists: an example from city beautiful of India. *Turismos*, 5(1), 101-109.
- CHEN, B., ADIMO, O. A. & BAO, Z. (2009). Assessment of Aesthetic Quality and Multiple Functions of Urban Green Space from The Users' Perspective: The case of Hangzhou Flower Garden, China. *Landscape and Urban Planning*, 93(1), 76-82.
- CML (2016). Mais de 6800 visitaram o Festival Internacional das Camélias. *Revista Municipal/Cultural Lousada*, 143 – Ano n.º 17/4.ª Série, 10-14.
- CMPL (2015). *Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima – Plano de Comunicação e Imagem 2015*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- CONNELL, J. (2002). *A critical analysis of gardens as a resource for tourism and recreation in the UK*. PhD Thesis in Philosophy. Plymouth: University of Plymouth, Department of Geographical Sciences, Faculty of Science, UK.
- CONNELL, J. (2004). The Purest of Human Pleasures: the Characteristics and Motivations of Garden Visitors in Great Britain. *Tourism Management*, 25(2), 229-247.
- CONNELL, J. & MEYER, D. (2004). Modelling the Visitor Experience in gardens of Great Britain. *Current Issues in Tourism*, 7(3), 183-216.
- CONNELL, J. (2005). Managing Gardens for Visitors in Great Britain: a Story of Continuity and Change. *Tourism Management*, 26(2), 185-201.
- COOPER MARCUS, C. (2007). Healing Gardens in Hospitals, *Interdisciplinary Design and Research e-Journal*, Vol. I, Issue I. Disponível em: [http://spokane.wsu.edu/academics/Design/IDRP2/Vol\\_1/Cooper\\_Marcus.pdf](http://spokane.wsu.edu/academics/Design/IDRP2/Vol_1/Cooper_Marcus.pdf).

- COOPER MARCUS, C. & BARNES, M. (1995). *Gardens in Health Care Facilities: Uses, Therapeutic Benefits, and Design Considerations*. Martinez, CA: The Center of Health Design.
- CORDEIRO, L. M. C. (2014). *As Camélias Oitocentistas do Buçaco*. Dissertação de Mestrado em Biodiversidade e Biotecnologia Vegetal. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- COSTA, M. J. D., FORTES, M. S. & GONÇALVES, R. T. (1990). Turismo: Salvaguarda ou destruição dos jardins e sítios históricos. *Proceedings do Simpósio da Região Central da IFLA: Turismo e a Gestão da Paisagem* (pp.153-179). Porto: IFLA.
- COUSINS, P. (2009). *Economic contribution of green networks: current evidence and action*. North West (USA): North West Development Agency.
- COX, M. (2014). *The Gardener's Garden*. London: Phaidon Press.
- CPJF (2004). Qui sommes-nous et que faisons-nous ?. *Revue Parcs&Jardins*, 24/11, 4-6.
- CRILLEY, G. (2008). Visitor Service Quality Attributes at Australian Botanic Gardens: Their Use in Predicting Behavioral Intentions. *Annals of Leisure Research*, 11(1-2), 20-40.
- CRUZ, R. (2001). *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca.
- CUNHA, L. (2003). *Introdução ao Turismo*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Verbo.
- CZALCZYŃSKA-PODOLSKA, M. (2014). Utilization and preservation of historic gardens and the development of garden tourism. *Technical Transactions Architecture*, 5-A, 131-145.
- D. & T. Q. F. (2006). *A Madeira vista do Continente*. Lisboa: Deloitte & Touche Quality Firm, S.A. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional#9226>.
- DÁ-MESQUITA, M. (1992). *História e arquitectura: uma proposta de investigação. O Palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal*. Tese de Doutoramento em Arquitectura, especialidade de História da Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- DAVIS, J. (2004). Psychological benefits of nature experiences: an outline of research and theory with special reference to transpersonal psychology. Naropa University and School of Lost Borders. Disponível em: [http://www.soulcraft.co/essays/psychological\\_benefits\\_of\\_nature\\_experiences.pdf](http://www.soulcraft.co/essays/psychological_benefits_of_nature_experiences.pdf).
- DELADERRIÈRE, B. (2004). Le tourisme de jardins, quels enjeux?. *Revue Parcs&Jardins*, 24/11, 10-12.



- DGOTDU (2005). *Vocabulário de termos e conceitos do Ordenamento do Território*. Coleção Informação. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- DGOTDU (2008). *Proposta de projecto de decreto regulamentar que estabelece conceitos técnicos a utilizar nos instrumentos de gestão territorial*. Documento Final. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- DIE GARTEN (2007). “Garden Tourism” as an international trend: background and facts. St. Polten: Die Garten. Disponível em: <http://www.diegaerten.at/en/default.asp?id=47979>.
- DODD, J. & JONES, C. (2010). *Redefining the role of botanic gardens – towards a new social purpose*. Research Centre for Museums and Galleries (RCMG) e Botanic Gardens Conservation International (BGCI). Leicester: University of Leicester.
- DOOLITTLE, W. (2004). Gardens are us, we are nature: Transcending antiquity and modernity. *The Geographical Review*, 94(3), 391-404.
- DREIJA, K. (2012). Historic gardens and parks: challenges of development in the context of relevant regulations, definitions and terminology. *Science – Future of Lithuania/Mokslas – Lietuvos Ateitis*, 4(2), 167-175.
- DUMAZEDIER, J. (1977). *Vers une civilisation du loisir?*. Paris: Seuil.
- DUMAZEDIER, J. (1988). *Révolution culturelle du temps libre*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- EDWARDS, D., GRIFFIN, T. & HAYLLAR, B. (2008). Urban tourism research: developing an agenda. *Annals of Tourism Research*, 35(4), 1032-1052.
- EH (2010). *The register of parks and gardens. Moving towards a new way of managing England’s historic environment*. London: English Heritage. Disponível em: <https://content.historicengland.org.uk/images-books/publications/register-parks-gardens/register-parks-garden.pdf/>.
- ERC (2016). *Flora Canada 2017 Economic Impact Projections*. Enigma Research Corporation. Disponível em: <http://floracanada.org/FLORA%20CANADA%202017%20PRESENTATION.pdf>.
- ERTRL/TL (2014). *Plano Estratégico para o Turismo na Região de Lisboa 2015-2019*. Lisboa: Entidade Regional do Turismo da Região de Lisboa/Turismo de Lisboa. Disponível em: <http://www.visitlisboa.com/Plano-Estrategico-para-o-Turismo-na-Regiao-de-Lisboa-2015-2019.aspx>.
- ESTADÃO, L. (2005). *Salvaguarda dos jardins históricos através do inventário. Caracterização topológica e tipológica dos jardins do Alentejo*. Relatório do trabalho de fim de curso de Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

- ESTADÃO, L. (2006). Políticas de Inventário de Jardins Históricos em Portugal. *Congresso 30 anos APAP: A paisagem da Democracia*. Lisboa: Edição APAP.
- EVANS, M. (2001). Gardens tourism – is the market really blooming?. *Tourism Insights – Sharing sector expertise, analysis and intelligence*, 12(4), 153-159.
- FCFA (2012). *Ciclo de Música e Poesia Portuguesa – Séc. XVII*. Folheto Promocional. Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna.
- FERNANDES, J. L. (2009). Indústrias culturais, representações de lugares e marketing territorial – caso particular do continente africano em O Fiel Jardineiro, de Fernando Meirelles (2005). 6º Congresso SOPCOM/Ibérico (pp. 3581-3601). Lisboa: Universidade Lusófona.
- FERNANDES, J. L. (2010). As identidades locais no desenvolvimento, no marketing territorial e no planeamento estratégico. Perspectiva desde a Geografia. In M. G. M. P. SANTOS (Org.), *Turismo cultural, territórios e identidades* (pp. 337-354). Porto: Edições Afrontamento, Instituto Politécnico de Leiria e CIID-Centro de Investigação e Identidade(s) e Diversidade(s).
- FERNANDES, J. L. (2011). Territórios turísticos, paisagens e memórias do holocausto – caso particular do campo prisional e do gueto de Theresienstadt, na actual República Checa. *Actas do 5º Congreso Internacional Virtual Turismo y Desarrollo*. Málaga: EUMED/ Universidad de Málaga (edição online).
- FERREIRA, L., AGUIAR, L. & PINTO, J.R. (2012). Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos. *CULT UR – Revista de Cultura e Turismo*, 2, 109-126.
- FIRAT, A. F. & SHULTZ, C. J. (1997). From Segmentation to Fragmentation: Markets and Marketing Strategy in the Postmodern Era. *European Journal of Marketing*, 3 (3-4), 183-207.
- FN (2015). Madeira não aposta o suficiente no turismo de jardins. *Funchal Notícias*, 28/12/2015. Disponível em: <https://funchalnoticias.net/2015/12/28/madeira-nao-aposta-o-suficiente-no-turismo-de-jardins/>.
- FN (2016). Festa da Flor custa 320 mil euros e inclui novidades. *Funchal Notícias*, 31/03/2016. Disponível em: <https://funchalnoticias.net/2016/03/31/45430/>.
- FOX, D. (2006). The influence of social and material agents on garden visiting in England. *Progressing Tourism Research* (Unpublished paper). Exter: University of Exter.
- FOX, D. (2007). *Understanding garden visitors: the affordances of a leisure environment*, PhD Thesis in Philosophy. Poole: Department of Philosophy of the Bournemouth University, Poole, UK.
- FOX, D. & EDWARDS, J. (2004). The Role of Cognitions in the Leisure and Tourism Motivation Process, with Reference to Gardens. *Tourism and Literature: Travel, Imagination and Myth Conference*. Harrogate, England.

- FOX, D. & EDWARDS, J. (2008). Managing Gardens. In A. FYALL, B. GARROD, A. LEASK & S. WANHILL (Eds.), *Managing Visitor Attractions*, Chapter 13 (pp. 217-236). Oxford: New Direction, Butterworth Heinemann.
- FRANCIS, M. & HESTER R. T. (1990). *The meaning of gardens*. Cambridge: MIT Press.
- FRANCO, J. E. (2008). Madeira, Mito Ilha-Jardim – Cultura da regionalidade ou da nacionalidade imperfeita. In J. E. FRANCO & A. C. C. GOMES (Coord.), *Jardins do Mundo – discursos e práticas* (pp. 37-68). Lisboa: Gradiva.
- FREITAS, J. A. (2013). Por falar em pós-turismo. *Revista Itinerarium*, 1(1), 22 pp.
- FS (2002). *Serralves: a Fundação, a Casa e o Parque, o Museu, o Arquitecto, a Colecção, a Paisagem*. Porto: Edições ASA.
- FS (2013). *Impacto Económico da Fundação de Serralves no âmbito do Projeto Improvisações/Colaborações*. Porto: Fundação de Serralves & Porto Business School. Disponível em: [http://www.serralves.pt/FLIPBOOK/Impacto\\_Economico/](http://www.serralves.pt/FLIPBOOK/Impacto_Economico/).
- GALLAGHER, J. (1983). *Visiting historic gardens. A report on contemporary garden visiting and its literature*. Leeds, UK: Planning Research Unit, School of Planning and Environmental Studies, Leeds Polytechnic.
- GANHO, N. (1998). *O clima urbano de Coimbra: estudo de climatologia local aplicada ao ordenamento urbano*. Tese de Doutoramento em Geografia Física. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- GARRIDO, J. (2014). *Camélias portuguesas: história & formosura*. Odivelas: Agro manual publicações.
- GASTAL, S. & SILVA, A. (2015). Jardins e Jardim Histórico: Espaços de memória e possibilidades para o turismo. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo*, Número Especial, 63-85.
- GATRELL, J. D. & COLLINS-KREINER, N. (2006). Negotiated space: Tourists, pilgrims, and the Bahá'í terraced gardens in Haifa. *Geoforum*, 37, 765-778.
- GAUTHIER, M. & COWAN, C. (2014). The Garden Experience. Could it be a tourism draw in your municipality?, *Municipal World – Canada's Municipal Magazine*, maio, 5-8. Disponível em: [http://gardendays.ca/cg/application/views/canday/Municipal\\_World\\_Garden\\_Tourism\\_Article\\_May2014.pdf](http://gardendays.ca/cg/application/views/canday/Municipal_World_Garden_Tourism_Article_May2014.pdf).
- GC (2005). *Imagem da Madeira enquanto Destino Turístico*. Miraflores: G. Consulting. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional#9226>.
- GETZ, D. (1991). *Festivals, special events, and tourism*. New York: Van Nostrand Reinhold.

- GETZ, D. (2008). Event tourism: definition, evolution, and research. *Tourism Management*, 29(3), 403-428.
- GIDDENS, A. (2000). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- GLOVER, T. & PARRY, D. (2005). Building relationships, accessing resources: mobilizing social capital in community garden contexts. *Journal of Leisure Research*, 37(4), 450-474.
- GLOVER, T. D., SHINEW, K. J. & PARRY, D. C. (2005). Association, Sociability, and Civic Culture: The Democratic Effect of Community Gardening. *Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal*, 27(1), 75-92.
- GNOTH, J. (1997). Tourism motivation and expectation formation. *Annals of Tourism Research*, 24(2), 283-304.
- GOLLWITZER, G. (1971). “L’Inventaire des Jardins Historiques. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 31-32). Madrid: Fundación Cultural Banesto.
- GÓMEZ MARTÍN, M. B. (2005). Weather, Climate and Tourism. A Geographical Perspective. *Annals of Tourism Research*, 32(3), 571–591.
- GOMES, R. M. (1997). Directrizes Fundamentais para Processos de Adaptação em Jardins Históricos – Proposta para a Quinta de São Lourenço. Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- GONÇALVES, R. M. T. (2001). A Protecção do Património Paisagista – 1.<sup>a</sup> parte. *Revista Património Estudos*, 108-115.
- GONÇALVES, P. M. H. (2009). Espaços verdes e de recreio: estudo de caso da área urbana de Leiria. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Território e Desenvolvimento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- GOODCHILD, P. (2001). Inventarios de parques y jardines en el Reino Unido cómo y por qué. La experiencia inglesa. *Seminario Internacional Los Jardines Históricos: Aproximación Multidisciplinaria*. Buenos Aires: ICOMOS.
- GOOSSENS, C. (2000). Tourism Information and pleasure Motivation. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 301-321.
- GORMAN, C. (1999). Developing Ireland as a successful garden tourism destination. *ARROW@DIT – Archiving Research Resources On the Web*, School of Hospitality Management and Tourism. Conference Papers. Dublin: Dublin Institute of Technology.
- GORMAN, C. (2010). *Garden Tourism in Ireland: An Exploration of Product Group Co-operation, Links and Relationships*. Unpublished PhD Thesis in Tourism and Food. Dublin: Department of Geography, Dublin Institute of Technology, Trinity College Dublin.

- GREENWOOD, D. & SURREY COUNTY COUNCIL (2007). *Report on the Access Action – Improving access to parks and gardens and also within parks and gardens*. European Garden Heritage Network. Disponível em: [http://project.eghn.org/downloads/EGHN\\_Access%20Final%20Report.pdf](http://project.eghn.org/downloads/EGHN_Access%20Final%20Report.pdf).
- GRM (2015). *Programa do XII Governo Regional da Madeira*. Madeira: Governo Regional da Madeira. Madeira: Governo Regional da Madeira. Disponível em: <http://www.madeira.gov.pt/Portals/0/Documentos/Programa do XII Governo Regional da Madeira.pdf>.
- GUMUNCHIAN, H. & MAROIS, C. (2000). *Initiation à la recherche en géographie – Aménagement, développement territorial, environment*. Paris: Anthropos.
- HAGER, G. (2006). Historische Gärten in der Schweiz. *KGS PBC PCP Forum*, 9/2006 (pp.13-19). Schweiz: Bundesamt für Bevölkerungsschutz BABS. Disponível em: [www.babs.admin.ch/content/.../kgs/.../kgs/forum/forum9dfie.pdf](http://www.babs.admin.ch/content/.../kgs/.../kgs/forum/forum9dfie.pdf).
- HÁJEK, T., SVOBODOVÁ, K. & MAJEROVÁ, S. (2010). Principles for designing tour routes in a historic garden and park. *Journal of Landscape Studies*, 3, 191-201.
- HALL, C. M. & PAGE, S. J. (2006). *The geography of tourism and recreation: environment, place and space*. London: Routledge.
- HALL, C. M. & PAGE, S. (2009). Progress in Tourism Management: From the Geography of Tourism to Geographies of Tourism – A Review. *Tourism Management*, 30, 3-16.
- HELIKER D., CHADWICK, A. & O'CONNELL, T. (2001). The Meaning of Gardening and the Effects on Perceived Well Being of a Gardening Project on Diverse Populations of Elders. *Activities, Adaptation & Aging*, 24:3, 35-56.
- HENRIQUES, E. B. (2003). *Cultura e território, das políticas às intervenções. Estudo Geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda*. Tese de Doutoramento em Geografia Humana. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- HENRIQUES, J. A. (1876). O Jardim Botânico de Coimbra. *O Instituto*, vol. XXIII.
- HEWER, P. (2003). Consuming Gardens; Representation of Paradise, Nostalgia and Postmodernism. In D. TURLEY & S. BROWN (Eds.), *E-European Advances in Consumer Research*, Vol. 6 (pp. 327-331). Provo, UT: Association for Consumer Research.
- HILL, M. & HILL, A. (2012). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- HLAVAC, C. (2012). *Ecological and Social Responsibility in Garden Tourism*. CulTour – South East Europe Transnational Cooperation Programme. Disponível em: [http://www.culttour.eu/nc/en/knowledge-base/scientific-texts/download-plain-texts/?tx\\_drblob\\_pi1%5BdownloadUId%5D=1](http://www.culttour.eu/nc/en/knowledge-base/scientific-texts/download-plain-texts/?tx_drblob_pi1%5BdownloadUId%5D=1).

- HOLBROOK, A. (2009). *The green we need. An investigation of the benefits of green life and green spaces for urban-dwellers' physical, mental and social health*. Newcastle: Centre for the Study of Research Training an Impact, Faculty of Education & Arts, University of Newcastle, Austrália.
- HS (2012). *The Inventory of Gardens and Designed Landscapes in Scotland. A guide for owners, occupiers and managers*. Scotland: Historic Scotland. Disponível em: <http://www.pkc.gov.uk/CHttpHandler.ashx?id=29673&p=0>.
- HUNT, M. & CROMPTON, J. (2008). Investigating attraction compatibility in an east Texas city. *International Journal of Tourism Research*, 10 (3), 237-246.
- ICOMOS (1993). *Jardins et Sites Historiques. Jornal Scientifique*. Madrid: Fundation Cultural Banesto.
- IDR, IP-RAM (2013). *Documento de Orientação Estratégica Regional/Compromisso Madeira@2020*. Madeira: Instituto de Desenvolvimento Regional, IP-RAM. Disponível em: [http://www.idr.gov-madeira.pt/compromissomadeira2020/regionais/Documento\\_de\\_Orientacao\\_Estrategica\\_Madeira\\_2020.pdf](http://www.idr.gov-madeira.pt/compromissomadeira2020/regionais/Documento_de_Orientacao_Estrategica_Madeira_2020.pdf).
- IMC-UASK (2012). *Garden Tourism. Definitions, Concepts and Examples*. Krems/Áustria: IMC-University of Applied Sciences Krems. Disponível em: [http://www.culttour.eu/fileadmin/user\\_upload/Media/Garden\\_Tourism\\_Brochure\\_online\\_Version.pdf](http://www.culttour.eu/fileadmin/user_upload/Media/Garden_Tourism_Brochure_online_Version.pdf).
- INE (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- IWI/BRUNNER, M. P., MAHLBERG, B. & SCHNEIDER, H. W. (2009). “Historische Gärten” – *Das touristische Potential von historischen Gärten unter besonderer Berücksichtigung der Österreichischen Bundesgärten*. Wien: Industriewissenschaftliches Institut/ Bundesministeriums für Wirtschaft, Familie und Jugend.
- JENKES, C. (2004). *Charles Jencks: Being Iconic*. Entrevista de Peter Kimelman. Disponível em: <http://archinect.com/features/article/29809>.
- JOHNSON, B. (2007). The changing face of the Botanic Garden. In T. MCCORQUODALE (Ed.), *Botanic gardens – a living history* (pp. 64-80). London: Black Dog Publishing.
- JONG, R. (2001). Jardines Históricos y Paisajes Culturales: nuestro patrimonio ambiental. La experiencia de Europa del Norte. *Seminario Internacional Los Jardines Históricos: Aproximación Multidisciplinaria*. Buenos Aires: ICOMOS.
- KABISCH, N. & HAASE, D. (2012). Green spaces of European cities revisited for 1990–2006. *Landscape and Urban Planning*, 110(1), 113-122.

- KANANI, N. & KANANI, S. (2014). The reflection of concepts arisen from islamic ideology in design of persian garden. *International Journal of Current Life Sciences*, 4(9), 6367-6373.
- KAPELARI, S. *et al.* (2014). Strengthening networks for people, plants and botanic gardens. In N. KRIGAS, G. TSOKTOURIDIS, C. M. COOK, P. MYLONA & E. MALOUPA (Eds.), *European botanic gardens in a changing world: Insights into Eurogarden*, Vol. 6 (pp. 273-279). London: Balkan Botanic Garden of Kroussia and BGCI.
- KAPLAN, R. (1992). The psychological benefits of nearby nature. In RELF, D. (Ed.), *The Role of Horticulture in Human Well-Being and Social Development: A National Symposium* (pp. 125-133). Portland/Oregon: Timber Press.
- KAPLAN, R. & KAPLAN, S. (1989). *The Experience of Nature: A Psychological Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KARAŞAH, B. & VAR, M. (2013). Recreational Functions of Botanical Gardens And Examining Sample of Nezahat Gökyiğit Botanical Garden. *International Caucasian Forestry Symposium* (pp. 803-809). Turquia: Artvin University.
- KIMBER, C. T. (2004). Gardens and Dwelling: People in Vernacular Gardens. *The Geographical Review*, 94(3), 263-283.
- KOO, T., WU, C. & DWYER, L. (2012). Dispersal of visitors within destinations: descriptive measures and underlying drivers. *Tourism Management*, 33 (5), 1209-1219.
- KREISEL, W. A. (2012). Some thoughts on the future research on leisure and tourism geography. *Current Issues in Tourism*, 15:4, 397-403.
- KRIPPNER *et al.* (2012). *Transnational methodology for garden and openspace heritage assessment*. Disponível em: [www.culttour.eu/nc/en/knowledge-base/scientific-texts](http://www.culttour.eu/nc/en/knowledge-base/scientific-texts).
- KUKLA, A. (2009). *Niederösterreichs Landesgartenschau 2008 als gartentouristisches Ausflugsziel – Eine Analyse der Konsumentenstruktur der „Garten Tulln“ Besucher unter besonderer Berücksichtigung der Besucherzufriedenheit*. Magistra der Naturwissenschaften. Wien: Universität Wien.
- KUO, F.E., & SULLIVAN, W.C. (2001). Environment and crime in the inner city: Does vegetation reduce crime?. *Environment & Behavior*, 33(3), 343-367.
- KUO, F. E. (2010). *Parks and Other Green Environments: Essential Components of a Healthy Human Habitat*. Research Series. Ashburn: National Recreation and Park Association. Disponível em: [www.nrpa.org/uploadedFiles/.../MingKuo-ResearchPaper.pdf](http://www.nrpa.org/uploadedFiles/.../MingKuo-ResearchPaper.pdf).
- KURTZ, H. (2001). Differentiating multiple meanings of garden and community. *Urban Geography*, 22:7, 656-670.

- LANDE, N. & LANDE, A. (2013). *The 10 Best Of Everything – an ultimate guide for travelers*. National Geographic. Disponível em: <http://travel.nationalgeographic.com/travel/top-10/gardens/>.
- LARSON, M. (2009). Joint event production in the jungle, the park and the garden: metaphors of event networks. *Tourism Management*, 30, 393-399.
- LAZZARO, C. (1990). *The Italian Renaissance Garden*. New Haven and London: Yale University Press.
- LEITE, A. C. S. T. (1988). *O jardim em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Dissertação de Mestrado em História de Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LESSA, E. (2014). O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza. In H. PIRES, T. MORA, A. AZEVEDO & M. BANDEIRA (Eds), *Jardins – Jardineiros – Jardinagem* (pp. 28-38). Braga: CECS/CICS – Universidade do Minho.
- LIMA, A. R. C. S. R. (2013). *O Património das quintas do Centro Histórico de Gaia*. Relatório de estágio de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- LIMA, I. P. (2005). *A Salvaguarda do Património Paisagístico*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- LINDBERG, K. (1991). *Policies for maximizing nature tourism's ecological and economic benefits*. International Conservation Financing Project Working Paper (pp. 1-37), Washington: World Resources Institute.
- LIPOVSKÁ, B. (2013). The fruit of garden tourism may fall over the wall: Small private gardens and tourism. *Tourism Management Perspectives*, 6, 114-121.
- LOBODA, C. R. & DE ANGELIS, B. L. D. (2005). Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência – Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*, 1(1), 125-139.
- LONGHURST, R. (2006). Plots, plants and paradoxes: contemporary domestic gardens in Aotearoa/New Zealand. *Social & Cultural Geography*, 7(4), 581-593.
- LOPES, F. & CORREIA, M. B. (2004). *Património arquitectónico e arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LOURENÇO, D.F.P. (2015). *Árvores de Interesse Público da cidade do Porto. Do Inventário ao Itinerário*. Relatório Final de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Porto: Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.



- LRI (2007). *TAMS 2006: U.S. activity profile: visiting garden theme attractions while on trips*. Lang Research Inc. Disponível em: [www.mtc.gov.on.ca/...activities/CDN\\_TAMS\\_2006\\_Garden\\_Theme\\_Attractions\\_Dec\\_2007.pdf](http://www.mtc.gov.on.ca/...activities/CDN_TAMS_2006_Garden_Theme_Attractions_Dec_2007.pdf).
- LUCKHURST, G. (2010). *The Gardens of Madeira*. Londres: Frances Lincoln Ltd.
- LUMMEN, A. M. (2001). La memoria de la História. *Seminario Internacional Los Jardines Históricos: Aproximación Multidisciplinaria*. Buenos Aires: ICOMOS.
- MADUREIRA, H. (2012). Revitalizar a cidade pelo planeamento da estrutura verde. *XIII Colóquio Ibérico de Geografia – Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*. Santiago de Compostela: APGEO.
- MAGALHÃES, C. M. (2012). De jardim em jardim: itinerário histórico pelas paisagens culturais brasileiras. *Cultura Histórica & Património*, 1(1), 108-130.
- MAGALHÃES, M. R. (1992). *Espaços Verdes Urbanos*. Lisboa: Direção Geral do Ordenamento do Território, Ministério do Planeamento e da Administração do Território. Secretaria de Estado e da Administração Local e do Ordenamento do Território.
- MARTINS, M. A. S. (2014). *A Universidade de Coimbra como Património Mundial: Impactos no turismo na perspectiva do comércio local*. Dissertação de Mestrado em Economia, na especialidade de Industrial. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- MARUJO, N. (2012). *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Tese de Doutoramento em Turismo. Évora: Universidade de Évora.
- MARUJO, N. (2013). O Desenvolvimento do Turismo na Ilha da Madeira. *TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo*, 6(15), 16 pp.
- MARUJO, N. (2014a). Turismo e eventos culturais: a Festa da Flor na Ilha da Madeira e as motivações dos turistas. *Investigaciones Turísticas*, 7, 71-86.
- MARUJO, N. (2014b). Turismo e eventos especiais: a Festa da Flor na Ilha da Madeira. *Tourism & Management Studies*, 10(2), 26-31.
- MATEUS, J. (1995). *A Quinta de Recreio dos Marqueses de Fronteira, um jardim Português*. Évora: Universidade de Évora.
- MATOS, R. S. (1999). *Recuperação de Jardins Históricos em Portugal. Algumas Reflexões*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico. Évora: Universidade de Évora.
- MAURÍCIO, M. D. C. (2014): *O estatuto de Património Mundial e a promoção turística de lugares: o caso da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- MCC (2012). *Operation “Adoptez un jardin”*. France: Ministère de la Culture et de la Communication. Disponível em : [www.culturecommunication.gouv.fr/.../jardin+-+2012+-+009+-+Adoptez+un+jardin+-+document+mère+28+08+2012+.pdf](http://www.culturecommunication.gouv.fr/.../jardin+-+2012+-+009+-+Adoptez+un+jardin+-+document+mère+28+08+2012+.pdf).
- MCC (2014). *Liste des parcs et jardins protégés au titre des monuments historiques au 31 décembre 2014*. France : Ministère de la Culture et de la Communication. Disponível em: [www.culturecommunication.gouv.fr/Politiques-ministerielles/Monuments-historiques/Intervenir-sur-un-monument-historique/Les-parcs-et-jardins-historiques](http://www.culturecommunication.gouv.fr/Politiques-ministerielles/Monuments-historiques/Intervenir-sur-un-monument-historique/Les-parcs-et-jardins-historiques).
- MCC (2016). *Liste des jardins labellisés – “Jardin remarquable” au 31 janvier 2016*. Ministère de la Culture et de la Communication. Disponível em: [www.parcsetjardins.fr/docs/Liste-jardins-labellises.pdf](http://www.parcsetjardins.fr/docs/Liste-jardins-labellises.pdf).
- MCINTOSH, C. (2005). *Gardens of the Gods – Myth, Magic and Meaning*. London and New York: I.B. Tauris.
- MCKERCHER, B., & DU CROS, H. (2002). *Cultural Tourism. The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management*. Binghamton: The Haworth Hospitality Press.
- McNAMARA, K. E. & PRIDEAUX, B. (2010). Experiencing ‘natural’ heritage. *Current Issues in Tourism*, 14(1), 47-55.
- MEHMETOGLU, M. (2007). Typologising nature-based tourists by activity – Theoretical and practical implications. *Tourism Management*, 28, 651-660.
- MEID & TP (2011). *Plano Estratégico Nacional do Turismo – Propostas para revisão no horizonte 2015*. Versão 2.0. Lisboa: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento e Turismo de Portugal, IP.
- MENDES, M. C. C. (2014). O espírito do lugar: jardins e jardineiros na obra de Agustina Bessa Luís. In H. PIRES, T. MORA, A. AZEVEDO & M. BANDEIRA (Eds.), *Jardins – Jardineiros – Jardinagem* (pp. 7-15). Braga: CECS/CICS – Universidade do Minho.
- MINTER, S. (2004). Sustainable tourism and botanic gardens – a Win-Win situation. *Roots*, 1(1), 12-15.
- MONTEIRO, A. (2001-2002). *Importância dos espaços verdes para a promoção do Conforto Bioclimático e da Qualidade do Ar na cidade do Porto*. Estrutura Ecológica Urbana-Carta Verde da Cidade do Porto (coord. APARTE para a CMP) (pp.1-24). Porto. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/21313>.
- MOREIRA, C. C. O. (2013). *Turismo, Território e Desenvolvimento. Competitividade e Gestão Estratégica de Destinos*. Tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura – especialidade Turismo e Desenvolvimento. Coimbra: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- MORRIS, N. (2003). *Health, well-being and open space. Review – Literature and Arts of the Americas*. Edinburgh: OPENSspace Research Centre, College of Art/Heriot Watt University. Disponível em: [http://www.walkcolchester.org.uk/assets/o/s/os\\_healthwellbeing\\_2003.pdf](http://www.walkcolchester.org.uk/assets/o/s/os_healthwellbeing_2003.pdf).
- MÜLLER, D. (2011). “Phänomen "Gartentourismus". ein theoretischer Bezugsrahmen”. In A. KAGERMEIER & A. STEINECKE (Hrsg.), *Kultur als touristischer Standortfaktor. Potenziale – Nutzung – Management* (pp. 101-113). Paderborn: Universität Gesamthochsch.
- NETTO, A. P. & GAETA, C. (2011). *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac.
- NEVES, J. C. (1995). *Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira*. 3ª Ed. Lisboa: Quetzal Editores.
- NEWTON, J. (2007). Wellbeing and the Natural Environment: A brief overview of the evidence. Disponível em: <http://resolve.sustainablelifestyles.ac.uk/sites/default/files/JulieNewtonPaper.pdf>.
- NIEA (2007). *Register of parks, gardens and demesnes of special historic interest*. Northern Ireland: Northern Ireland Environment Agency. Disponível em: <http://www.nihgc.org/resources/images/Register%20of%20Parks%20Gds%20&%20Demesnes%20-%20Northern%20Ireland-NIEA.pdf>.
- NIGHAT, S. *et al.* (2005). Valuation of green spaces in social life: a focus on parks and gardens. *Journal of Agriculture & Social Sciences*, 1(2), 176-177.
- NOGUEIRA, P. *et al.* (2014). Parque de Serralves: Paisagem com Vida. In PIRES, H., T. MORA, A. AZEVEDO & M. BANDEIRA (Eds.), *Jardins – Jardineiros – Jardinagem* (pp. 138-157). Braga: CECS/CICS – Universidade do Minho.
- NORD/LB Regionalwirtschaft (2002). *Das Gartenreich Dessau-Wörlitz als Wirtschaftsfaktor, Grundlagen für eine Marketingkonzeption* (Vol. 6). Hannover/Magdeburg: Tourismus Studien Sachsen-Anhalt.
- NOVELLI, M. (2005). *Niche Tourism. Contemporary issues, trends and cases*. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- NYS, P. (1999). *Le jardin exploré. Une herméneutique du lieu*. Vol. 1. Besançon: Les Éditions de L'Imprimeur.
- O'BRIEN, L., WILLIAMS, K. & STEWART, A. (2010). Urban health and health inequalities and the role of trees, woods and forests in Britain: A review, Farnham: Forest Research. Disponível em : [http://www.forestry.gov.uk/pdf/urban\\_health\\_and\\_forestry\\_review\\_2010.pdf/\\$FILE/urban\\_health\\_and\\_forestry\\_review\\_2010.pdf](http://www.forestry.gov.uk/pdf/urban_health_and_forestry_review_2010.pdf/$FILE/urban_health_and_forestry_review_2010.pdf).
- OECD (2014). *OECD Tourism Trends and Policies 2014*. Paris: OECD Publishing. Disponível em : [http://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/oecd-tourism-trends-and-policies-2014\\_tour-2014-en](http://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/oecd-tourism-trends-and-policies-2014_tour-2014-en).

- OGTC (2011). *Ontario Garden Tourism Strategy*. Ontario: Brain Trust Marketing & Communications. Disponível em: [www.mtc.gov.on.ca/en/publications/Garden\\_tourism.pdf](http://www.mtc.gov.on.ca/en/publications/Garden_tourism.pdf).
- OLIVEIRA, T. (2015). Espaços emblemáticos de Sintra – Palácios rendem milhões. *Jornal Correio da Manhã* (05/07/2015), pp. 35.
- OUP (1995). *Oxford Advanced Learners Dictionary of Current English*. 5<sup>th</sup> edition. Oxford: Oxford University Press.
- PACHECO, J. D. L. (2014). *Marketing experiencial, emoções, satisfação e lealdade: um estudo empírico em Serralves em Festa*. Dissertação de Mestrado em Marketing Digital. Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.
- PALRINHAS, M. F. M. (2012). *Ensinar biologia e geologia nos jardins e praças de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Biologia e de Geologia para o 3º Ciclo do Ensino Básico e para o Ensino Secundário. Coimbra: Departamento de Ciências da Vida e Departamento Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- PARRY, N. & PARRY, J. (1977). *Theories of culture and leisure*. Paper presented at Leisure Studies, Association Conference. Manchester: University of Manchester.
- PE (2011). *Dicionário da Língua Portuguesa 2011*. Lisboa: Porto Editora.
- PECHÈRE, R. (1971). La restauration des jardins historiques et la philosophie du colloque. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 29-30). Madrid: Fondation Cultural Banesto.
- PECHÈRE, R. (1973). Etude sur les jardins iraniens. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 45-74). Madrid: Fondation Cultural Banesto.
- PECHÈRE, R. (1987). Memorandum sur la naissance et les origines de l'IFLA et du Comité International des Jardins et des Sites Historiques ICOMOS-IFLA. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 259-261). Madrid: Fondation Cultural Banesto.
- PEDDLE, R. (2014). Visitar Jardins em Portugal com a APEJECM. *Revista Jardins*, 139, Setembro, p. 50.
- PENDLEBURY, J. (1996). *Historic parks and gardens and statutory protection*. Working Paper n.º 44. Newcastle: School of Architecture, Planning & Landscape Global Urban Research Unit, University of Newcastle.
- PEREIRA, M. P. R. (2011). *Espaços Verdes Urbanos. Contributo para a optimização do planeamento e gestão – Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

- PÉREZ, X. P. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. *Colección PASOS edita*, Nº 2.
- PICKERING, A. T. (1992). *An Evaluation of the Roles of Botanic Gardens in Recreation and Conservation*. PhD Thesis in Philosophy. Newcastle: Department of Town and Country Planning, University of Newcastle upon Tyne.
- PINE, B. J. & GILMORE, J. H. (1999). *The experience economy: work is theatre & every business a stage*. Boston: Harvard Business School.
- PINTO, M. M. C. P. B. (2001). *Salvaguarda de jardins históricos. Intervenções em elementos construídos*. Relatório de Licenciatura em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- PITT, H. (2014). Therapeutic experiences of community gardens: putting flow in its place. *Health & Place*, 27, 84-91.
- PLUMPTRE, G. (2005). *Royal Gardens of Europe*. London: Mitchell Beazley.
- PORIA, GURION, B., Y., BUTLER, R. & AIREY, D. (2004). Links between tourists, heritage, and reasons for visiting heritage sites. *Journal of Travel Research*, 43(1), 19-28.
- PORTER, R. & MCILVAINE-NEWSAD, H. (2013). Gardening in green space for environmental justice: food security, leisure and social capital. *Leisure/Loisir*, 37(4), 379-395.
- POUYA, S., DEMIREL, O. & POUYA, S. (2015). Historical gardens at risk of the destruction by visitors, case study of El-Goli garden (Iran). *Landscape Research*, 40(7), 875-883.
- PRENTICE, R. & ANDERSEN, V. (2003). Festival as creative destination. *Annals of Tourism Research*, 30(1), 7-30.
- QUINN, B. (2009). Festivals, events and tourism. In T. JAMAL & M. ROBINSON (Eds.), *The SAGE Handbook of Tourism Studies* (pp. 483-503). London: Sage Publications.
- QUINTAL, R. (2007). *Estudo Fitogeográfico dos Jardins, Parques e Quintas do Concelho do Funchal*. Tese de Doutoramento em Geografia Física. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- QUINTAL, R. (2008). Quinta do Palheiro Ferreiro: Caracterização Fitogeográfica. In J. E. FRANCO & A. C. C. GOMES (Coord.), *Jardins do Mundo – discursos e práticas* (pp. 107-116). Lisboa: Gradiva.
- QUINTAL, R. (2009). A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira. In J. M. SIMÕES & C. C. FERREIRA (Eds.), *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios* (pp. 71-93). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

- QUINTAS, J. A. T. C. (2011). *Acções de Salvaguarda e Reabilitação do Património: O Exemplo do Palácio Fronteira*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitetura e Núcleos Urbanos. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RAM (2002). *Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira*. Madeira: Região Autónoma da Madeira. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional#9226>.
- REIS, C. S. & TRINCÃO, P. (2014). Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: 241 anos de história. In H. PIRES, T. MORA, A. AZEVEDO & M. BANDEIRA (Eds.), *Jardins – Jardineiros – Jardinagem* (pp. 118 -137). Braga: CECS/CICS – Universidade do Minho.
- RELF, P. D. (1982). Consumer horticulture: A psychological perspective. *Hortscience: A Publication of the American Society for Horticulture Science*, 17, 317-319.
- RELF, P. D. (Ed.) (1992). *The Role of Horticulture in Human Well-being and Social Development*. Portland/Oregon: Timber Press.
- RIALLAND, O. (2000). La patrimonialisation des parcs et jardins remarquables: de conflits en consensus?. *Norois*, 185, 151-166.
- RIALLAND, O. (2003). Les parcs et jardins des châteaux dans l’Ouest de la France. *Paysage évanescent, patrimoine naissant*. *ESO*, 20, 85-93.
- RIALLAND, O. (2004). Art des jardins et appropriation de l’espace. *ESO*, 21, 65-69.
- RIBEIRO, L. P. F. A. (1992). *Quintas do Concelho de Lisboa – Inventário, Caracterização e Salvaguarda*. Relatório de Aptidão Pedagógica. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- RIBEIRO, M. M. A. (2014). *Jardins históricos e turismo cultural em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- RHS (2015). *5 days that shape the floral year – RHS Chelsea Flower Show 2015*. London: RHS. Disponível em: <https://www.rhs.org.uk/shows-events/PDF/Exhibitor-applications/2015/Chelsea/Floral-arrangements/why-exhibit-2015>.
- RHS (2016a). *5 days that inspire and educate – RHS Chelsea Flower Show 2016*. London: RHS. Disponível em: <https://www.rhs.org.uk/shows-events/pdf/exhibitor-applications/2016/Chelsea/discovery/Why-Exhibit-Discovery-2016>.
- RHS (2016b). *Why you should exhibit at RHS Chelsea Flower Show*. London: RHS. Disponível em: <https://www.rhs.org.uk/shows-events/pdf/exhibitor-applications/2017/Chelsea-2017/Why-Exhibit-2017>.

- ROBINSON, M. & NOVELLI, M. (2005). Niche Tourism: an introduction. In M. NOVELLI (Ed.), *Niche Tourism. Contemporary issues, trends and cases*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann.
- ROGERS, E. B. (2007). The History of the Botanic Garden. In T. MCCORQUODALE (Ed.), *Botanic gardens – a living history* (pp. 12-17). London: Black Dog Publishing.
- ROSENDO, C. & COELHO, C. (2001). Razão e Invenção: elementos para um percurso do conhecimento da natureza. Exposição *A natureza Mestra das Artes – Natura Artis Magistra*. Almada: Centro de Arte Contemporânea.
- RTP1 (2016). *Festa da Flor 2016*. Emissão do dia 10 de Abril de 2016. Disponível em: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p32940>.
- RYAN, C. (2002). Stages, gazes and constructions of tourism. In C. Ryan (Ed.), *The tourist experience*, 2.<sup>a</sup> Ed., (pp.1-26). Australia: Thomson.
- RYAN, C. (2011). Ways of conceptualizing the tourist experience: a review of literature. In R. SHARPLEY & P. STONE (Eds.), *Tourist experience: contemporary perspectives*, (pp.9-28). London and NewYork: Routledge.
- SÁ, J. F. F. (2013). *Espaços verdes em meio urbano: uma abordagem metodológica com base em ser serviços de ecossistema*. Dissertação de Mestrado em Urbanismo e Ordenamento do Território. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa.
- SÁ CARNEIRO, A. R., MENEZES, J. F. & MESQUITA, L. (2004). The conservation of historical gardens in a multidisciplinary context: the “Cactário da Madalena”, Recife, Brazil. *City & Time*, 1(2): 3, 25-35.
- SÁ CARNEIRO, A. R., SILVA, A. F. & MAFRA, F. (2007). The restoration of Burle Marx gardens in Recife and the vision of paradise of the Florence Charter. *City & Time*, 3(2): 9, 109-119.
- SALADINO, A. & OLIVEIRA, C. (2012). Um jardim da res publica: desafios e algumas propostas possíveis para a preservação e a valorização do jardim histórico do palácio do catete. *Revista Museologia e Patrimônio/PPG-PMUS Unirio*, 5(2), 3-21.
- SANTOS, M. G. M. P. (2004). *Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima*. Tese de Doutoramento em Geografia. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SEGALL, B. (1999). *Gardens of Spain and Portugal – a touring guide to over 100 of the best gardens*. London: Mitchell Beazley.
- SHAHIDI, M., BEMANIAN, M. R., ALMASIFAR, N. & OKHOVAT, H. (2010). A Study on Cultural and Environmental Basics at Formal Elements of Persian Gardens (before & after Islam). *Asian Culture and History*, 2(2), 133-147.

- SHARPLEY, R. (2007). Flagship attractions and sustainable rural tourism development: the case of the Alnwick Garden, England. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(2), 125-143.
- SIMKOVIC, P. (1977). Restoration of historical parks with regard to their dendrological value. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 139-142). Madrid: Fundación Cultural Banesto.
- SIMÕES, J. M. (2008). Turismo, ordenamento e sustentabilidade do território: Problemas e desafios. In C. Cavaco (Ed.), *Turismo, inovação e desenvolvimento – Atas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território* (pp. 341-393). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- SILVA, F. A. S. (2013). *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*. Tese de Doutoramento em Geografia – Planeamento Regional e Urbano. Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.
- SILVA, J. F. D. (2014a). *Contributo dos espaços verdes para o bem-estar das populações. Estudo de caso em Vila Real*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana – Ordenamento do Território e Desenvolvimento. Coimbra: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, J. M. (2014b). A conservação do jardim histórico, um olhar sobre o componente vegetal da Praça de Casa Forte e da Praça Euclides da Cunha. *Revista Espaço Acadêmico*, 158, 29-40.
- SILVA, R. S. (1998). *O Turismo como salvaguarda de jardins históricos*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.
- SILVA, S. (2014c). Políticas de valorização dos jardins. Exemplos de sucesso e o caso de Portugal. *Revista Jardins*, 139, Setembro, 38-43.
- SILVA, S. (2014d). O dístico “Jardim Português Notável”. A iniciativa que falta para a valorização dos nossos jardins. *Revista Jardins*, 139, Setembro, 44-47.
- SILVA, S. & CARVALHO, P. (2012). O *Garden Tourism*: nicho turístico da pós-modernidade. *Revista TURyDES, Turismo y Desarrollo Local*, 5 (13), 15 pp.
- SILVA, S. & CARVALHO, P. (2013). Os jardins no contexto do turismo pós-moderno. O caso de Portugal. *Revista Pasos*, 11(4), 631-647.
- SILVA, S. & CARVALHO, P. (2014). O turismo de jardins em Portugal: realidade ou utopia? Uma análise aos *tours* de jardins no país”. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 4 (21/22), 447-458.



- SILVA, S. & CARVALHO, P. (2015). The Portuguese (historic) gardens as strategic tourism resources in the XXI century. An opportunity to promote, to develop and to preserve. In A. D. RODRIGUES (Coord.), *Gardens and tourism for and beyond economic profit, Part III – Economic growth through historic garden tourism and problems to be faced* (pp. 93-106). Évora: CHAIA/CIUHCT.
- SILVA, S., TAVARES, A. C. & BETTENCOURT, T. (2013). The IBSE methodology at Botanic Garden of Coimbra – results and reflections about two courses undertaken. *Proceedings of the 6th International Conference of Education, Research and Innovation (ICERI 2013)* (pp. 5757-5767). Sevilha: ICERI.
- SIMÕES, A. L. L. (2009). *Posicionamento estratégico da cidade de Coimbra face a potenciais concorrentes*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.
- SIMÕES, J. M. & FERREIRA, C. C. (2009). Nota de Abertura. In J. M. SIMÕES & C. C. FERREIRA (Eds.), *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios* (pp. 8-7). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- SMITH, V. L. & EADINGTON, W. R. (1994). *Tourism alternatives. Potentials and problems in the development of tourism*. England: John Wiley & Sons Ltd.
- SOARES, A. L. *et al.* (2014). Historic Gardens of Lisbon – A Landscape Heritage Inventory Model. In *Landscape: A Place of Cultivation. Peer Reviewed Proceedings of European Council of Landscape Architecture Schools (ECLAS) 2014 Conference* (pp. 413-416). Porto: ECLAS/School of Sciences, Universidade do Porto.
- SOARES, A. L., CHAMBEL, T. & ANDRADE, I. (2010). A Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos e o Programa EEA Grants. In C. CASTEL-BRANCO (Ed.), *A água nos jardins portugueses*. Lisboa: SCRIBE.
- SOLDADO, C. (2005). Dois anos depois, Coimbra sente pouco o efeito da classificação da UNESCO. *Jornal Público*, 21/06/2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/dois-anos-depois-coimbra-sente-pouco-o-efeito-da-classificacao-da-unesco-1699567?frm=ult>.
- SOUSA, B. M. (2013). *Actividade física em idosos nos espaços verdes de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- SOUSA, A. J. G. (2014). *O Turismo de Natureza no Funchal*. Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento. Coimbra: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SOUSA VITERBO, F. (1906). *A jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SOUSA VITERBO, F. (1909). *A jardinagem em Portugal. Segunda série*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- SP (2003/2004). *Estudo sobre o Gasto Turístico na Madeira*. Lisboa: Synovate Portugal. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional#9226>.
- SQW (2007). *A value and impact assessment of Tatton Park. Executive Summary*, SQW – Economic and Management Consultants. Disponível em: [http://project.eghn.org/downloads/EGHN\\_Value%20and%20impact%20assessment%20of%20Tatton%20Park.pdf](http://project.eghn.org/downloads/EGHN_Value%20and%20impact%20assessment%20of%20Tatton%20Park.pdf).
- STACEY, M. (1991). *Historic parks and gardens in the planning process*. Unpublished postgraduate dissertation. Bristol: Department of Town & Country Planning, Bristol Polytechnic.
- ST-DENIS, B. (2006). Just what is a garden?. *Studies in the History of Gardens and Designed Landscapes*, 27(1), 61-76.
- SWANWICK, C., DUNNETT, N. & WOOLLEY, H. (2003). The Nature, Role and Value of Green Space in Towns and Cities – An Overview. *Built Environment*, 29(2), 94-106.
- SZUMACHER, I. (2011). Functions of urban greenspace and ecosystem. *Miscellanea*, 15(1), 123-129.
- TAVARES, A. C. (2011). *Um Programa Educativo Sustentável: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (1997-2010)*. Coimbra: Departamento de Ciências da Vida, FCTUC.
- TAVARES, A. C. (2015). *Educação em Jardins Botânicos: 16 anos de experiência*. Málaga: Eumed – Universidade de Málaga. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros-gratis/2015/1442/index.htm>.
- TAVARES, A. C., SILVA, S. & BETTENCOURT, T. (2015). Advantages of Science Education Outdoors through IBSE Methodology. In P. BLESSINGER & J. M. CARFORA (Eds.), *Inquiry-Based Learning for Science, Technology, Engineering, and Math (Stem) Programs: A Conceptual and Practical Resource for Educators*, Vol.4 (pp.151-169). Bingley: Emerald Group Publishing Limited.
- THACKER, C. (1979). *The history of gardens*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- THEOKAS, A. C. (2004). *Grounds for Review: The Garden Festival in Urban Planning and Design*. Liverpool: Liverpool University Press.
- THOMAS, R., PORTEOUS, G. & SIMMONS, D. (1994). *Garden Tourism and its Potential Organization in Canterbury*. Occasional Paper N.º 10. Canterbury: Department of Parks, Recreation and Tourism, Lincoln University.
- THOMPSON, S., CORKERY, L. & JUDD, B. (2007). The role of community gardens in sustaining healthy communities. *SOAC*, 161-171.

- TIPPLES, R. & GIBBONS, P. (1992). Garden Visiting – Twentieth Century Local Tourism in Canterbury. *Horticulture in New Zealand*, 3(2), 29-34.
- TORKILDSEN G. (2000). *Leisure and Recreation Management* (4ª Ed). London: Spon Press.
- TP (2015a). *Turismo 2020 – Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Lisboa: Turismo de Portugal. Disponível em: [http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020\\_Parte I\\_mercados - SWOT.pdf](http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte I_mercados - SWOT.pdf).
- TP (2015c). *Turismo 2020 – Projetos*. Lisboa: Turismo de Portugal. Disponível em: [http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020\\_Parte II\\_projetos.pdf](http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte II_projetos.pdf).
- TP & UNESCO (2013): *Turismo e Património Mundial: Seleção de abordagens e experiências de gestão em sítios do Património Mundial de origem e influência portuguesa (TOUR – WHPO)*. Disponível em: <http://www.tour-whpo.org>.
- TRAVASSOS, D. (Coord.) (2009). *Guia dos parques, jardins e geomonumentos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- TREITLER, S. M. (2010). A importância dos jardins históricos e a restauração de um jardim de Burle Marx. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, 16(1), 51-56.
- TURNER, T. (2005). *Garden History. Philosophy and design 2000 BC-2000 AD*. London: Routledge.
- ULRICH, R. S. (2002). The therapeutic role of greenspace'. *Greenspace and Healthy Living National Conference*. Manchester.
- UNESCO (2014): *Estudo sobre o valor económico da ligação às redes da Unesco em Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO/Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- UNWTO (2010). *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*. New York: World Tourism Organization/ Department of Economic and Social Affairs – Statistics Division. Disponível em: [http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM\\_83rev1e.pdf#page=36](http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf#page=36).
- UNWTO (2014). *Glossary of tourism terms*. Madrid: World Tourism Organization. Disponível em: <https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/staticunwto/Statistics/Glossary+of+terms.pdf>.
- UNWTO (2015). *UNWTO Tourism Highlights 2015 edition*. Madrid: World Tourism Organization. Disponível em: <http://mkt.unwto.org/publication/unwto-tourism-highlights-2015-edition>.
- URIELY, N. (2005). The Tourist Experience. Conceptual Developments. *Annals of Tourism Research*, 32(1), 199-216.

- URRY, J. (2002). *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies* (2<sup>a</sup> ed.). London: Sage Publications Limited.
- VALCARCEL, J. M. G. (1973). Les jardins et les villes historiques. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 100-101). Madrid: Fundación Cultural Banesto.
- VIEIRA, J. N. (2010). *O culto da Árvore e a 1<sup>a</sup> República*. Lisboa: Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas, Autoridade Florestal Nacional. Disponível em: [www.afn.min-agricultura.pt/](http://www.afn.min-agricultura.pt/).
- VISITENGLAND (2015a). *Visitor Attraction Trends in England 2014 – Full Report*. Visit England. Disponível em: [https://www.visitengland.com/sites/default/files/va\\_2015\\_trends\\_in\\_england-full\\_report\\_version\\_for\\_publication\\_v3.pdf](https://www.visitengland.com/sites/default/files/va_2015_trends_in_england-full_report_version_for_publication_v3.pdf).
- WARD, C. D., PARKER, C. M. & SHACKLETON, C. M. (2010). The use and appreciation of botanical gardens as urban green spaces in South Africa. *Urban Forestry and Urban Greening*, 9(1), 49-55.
- WASSENBERG, C. L., GOLDENBERG, M. A. & SOULE, K. E. (2015). Benefits of botanical garden visitation: A means-end study. *Urban Forestry & Urban Greening*, 14, 148–155.
- WEGNER, J. (2010). Why garden? Gardening on mining fields in the dry tropics of Queensland, 1860 to 1960. *Journal of Australian Studies*, 34:3, 347-361.
- WEINSTEIN, R. & STANFORD, K. (2013). *Economic Impact of the 2013 Tournament of Roses On Los Angeles County*. Los Angeles: Micronomics and LA Tourism & Convention Board. Disponível em: [www.micronomics.com/articles/tor\\_study.pdf](http://www.micronomics.com/articles/tor_study.pdf)
- WEISS, A. S. (2011). *Miroirs de l'infini: Le jardin à la française et la métaphysique au XVII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Seuil.
- WILLIAMS, S. (1998). *Tourism Geography*. London: Routledge.
- WILSON, M. (2009). Climate change and garden tourism. *Tourism Insights – Sharing sector expertise, analysis and intelligence*, 18(7).
- WIRTH, D. (2009). *Lettre de la Fondation Parcs et Jardins de France*. FPJF. Disponível em: [www.parcsetjardins.fr](http://www.parcsetjardins.fr).
- WIRTH, D. & GUÉROULT, J. (2004). Parcs et jardins, Mieux les connaître pour mieux les aimer. *Demeure Historique*, n.º 152, 3 pp.
- YOKOYAMA, M. (1971). Special problems connected with the conservation of gardens of historical interest in Japan. In ICOMOS (1993, Coord.), *Jardins et Sites Historiques* (pp. 33-37). Madrid: Fundación Cultural Banesto.

ZAKRISSON, I. & ZILLINGER, M. (2012). Emotions in motion: tourist experiences in time and space. *Current Issues in Tourism*, 15(6), 505-523.

ZARGHAMI, E. & SADEGHI, A. (2014). Examine the mutual influence of sufism with the art of persian gardens (case study: Fin Garden). *DAMA International*, 3(3), 539-547.

## 2. Fontes – Dados

ABS (2001). *Botanic Gardens, Australia*. Australia: Australian Bureau of Statistics. Disponível em: <http://www.abs.gov.au/ausstats/abs@.nsf/mf/8563.0/>.

ABS (2007). *Attendance at Selected Cultural Venues and Events, 2005-06*. Australia: Australian Bureau of Statistics. Disponível em: <http://www.abs.gov.au/ausstats/abs@.nsf/mf/4114.0>.

AEVP (2015). *Visitantes das Caves do Vinho do Porto entre 2006 e 2014*. Porto: Associação das Empresas de Vinho do Porto. (Foi realizado pedido específico)

ANA/AFSC (2014). *Movimento no Aeroporto Francisco Sá Carneiro 1991-2013*. Porto: Aeroporto Francisco Sá Carneiro. (Foi realizado pedido específico)

ANAM (2011-2014). *Estatística do Tráfego Aéreo Mensal – 2010, 2011, 2012 e 2013*. Madeira: Aeroportos da Madeira. Disponível em: <http://routelab.ana.pt/en-US/Airports/Madeira/Statistics/Pages/default.aspx>.

APRAM (2011-2016). *Movimentos nos Portos da Madeira 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016*. Madeira: APRAM, S.A., Portos da Madeira. Disponível em: <http://www.portosdamadeira.com/site/index.php/pt/estatisticas>.

BGCI (2010). *Annual Report 2009*, Botanic Gardens Conservation International. Disponível em: <https://www.bgci.org/about-us/annualreports/>.

DCT/CMC (2013 e 2015). *Visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra de 2003 a 2013*. Coimbra: Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Coimbra. (Foi realizado pedido específico)

DGPC (2012, 2014, 2015). *Património Imóvel classificado ou em vias de classificação*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>.

DGPC (2015). *Total de entradas, total de entradas estrangeiras e total de entradas gratuitas do Palácio Nacional de Queluz de 2000 a 2010*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. (Foi realizado pedido específico)

DRCC (2015). *Número de visitantes do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de 2009 a 2014*. Coimbra: Direção Regional de Cultura do Centro. (Foi realizado pedido específico)

- DREM/SRCTT-DRT (2011-2015). *Estatísticas do turismo (2011-2015)*. Direção Regional de Estatística da Madeira/Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes-Direção Regional de Turismo. Disponível em: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional#9226>.
- DRTM (2016). *Taxas de ocupação durante os eventos de animação turística efectuadas por sondagem 2006-2016*. Madeira: Direção Regional de Turismo da Madeira. (Foi realizado pedido específico)
- DTCMP (2014). *Visitantes dos Postos de Turismo e 1 Points do Porto de 1991 a 2013*. Porto: Departamento de Turismo da Câmara Municipal do Porto (Foi realizado pedido específico)
- EPAL-GAP (2015). *Visitantes do Aqueduto das Águas Livres de 2009 a 2014*. Lisboa: EPAL-Grupo Águas de Portugal/Museu da Água. (Foi realizado pedido específico)
- FCFA (2014). *Número de visitantes do Jardim/Palácio Fronteira de 2005 a 2013*. Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. (Foi realizado pedido específico)
- FCM (2014). *Relatório Anual de Actividades & Contas 2013*. Porto: Fundação Casa da Música. Disponível em: [http://www.casadamusica.com/pt/media/5133230/relatorio\\_e\\_contas\\_2013.pdf?lang=pt](http://www.casadamusica.com/pt/media/5133230/relatorio_e_contas_2013.pdf?lang=pt).
- FCS (2016). *Número de visitantes da Quinta da Regaleira de 2002 a 2015*, Fundação CulturSintra, Sintra. (Foi realizado pedido específico)
- FI (2007). *Tourism Product Development Strategy 2007-2013*. Dublin: Fáilte Ireland. Disponível em: [http://www.failteireland.ie/FailteIreland/media/WebsiteStructure/Documents/4\\_Corporate\\_Documents/Strategy\\_Operations\\_Plans/Tourism-Product-Development-Strategy-2007-2013.pdf?ext=.pdf](http://www.failteireland.ie/FailteIreland/media/WebsiteStructure/Documents/4_Corporate_Documents/Strategy_Operations_Plans/Tourism-Product-Development-Strategy-2007-2013.pdf?ext=.pdf).
- FIC (2015). *Número de visitantes dos jardins da Quinta das Lágrimas de 2007 a 2014*. Coimbra: Fundação Inês de Castro. (Foi realizado pedido específico)
- FS (2014). *Número de visitantes do Parque de Serralves de 2003 a 2013*. Porto: Fundação de Serralves. (Foi realizado pedido específico)
- ICNF (2015). *Registo Nacional do Arvoredo de Interesse Público*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/Arvores.qry?Distrito=&Concelho=&Freguesia=&Processo=&template%3Amethod=Pesquisar>.
- INE (1961-2000). *Estatísticas da Cultura – Séries Históricas*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2003-2008). *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

- INE (2009-2012). *Estatísticas da Cultura*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2013-2014). *Inquérito aos Jardins Zoológicos, Botânicos e Aquários*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2014). *Estatísticas do Turismo 2014*, Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa.
- INE (2016). *Anuário Estatístico de Portugal 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- JBM (2016). *Relação de entradas no Jardim Botânico de 2009 a 2015*. Funchal: Jardim Botânico da Madeira. (Foi realizado pedido específico)
- JBT (2015). *Número de visitantes do Jardim Botânico Tropical de 2000 a 2014*. Lisboa: Jardim Botânico Tropical. (Foi realizado pedido específico)
- JBUC (2014). *Número de visitantes do serviço educativo do JBUC 2005-2012*. Coimbra: Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. (Foi realizado pedido específico)
- MB (2015). *Dados Estatísticos de Públicos – Museu dos Biscainhos de 2000 a 2015*. Braga: Museu dos Biscainhos. (Foi realizado pedido específico)
- MCC (2012). *Liste des parcs et jardins protégés au titre des monuments historiques au 31 décembre 2010*. Ministère de la Culture et de la Communication. Disponível em: [www.culturecommunication.gouv.fr](http://www.culturecommunication.gouv.fr).
- NISRA (2016). *NI Annual Visitor Attraction Statistics 2015*. Northern Ireland Statistics and Research Agency. Disponível em: <https://www.economy-ni.gov.uk/publications/visitor-attraction-survey-publications>.
- OTL (2015). *Número de visitantes dos Postos de Turismo de Lisboa 2000-2014*. Lisboa : Observatório do Turismo de Lisboa. (Foi realizado pedido específico)
- PSML (2016). *Número de visitantes do Parque da Pena de 2002 a 2015*. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua. (Foi realizado pedido específico)
- PSML (2016). *Número de visitantes do Parque de Monserrate de 2002 a 2015*. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua. (Foi realizado pedido específico)
- PSML (2016). *Número de visitantes dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz de 2011 a 2015*. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua. (Foi realizado pedido específico)
- TP (2011). *O Turismo na Economia. Evolução do contributo do Turismo para a economia portuguesa 2000-2010*. Lisboa: Direção de Estudos e Planeamento Estratégico/Departamento de Informação Estatística, Turismo de Portugal.
- TP (2015b). *Anuário das Estatísticas do Turismo 2013*. Lisboa: Direção de Planeamento Estratégico. Turismo de Portugal. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Português/ProTurismo/estatísticas/análisesestatísticas/oturismoem/Pages/OTurismoem.aspx>.

- TP (2015d). *Termas em Portugal 2014 – Caracterização da oferta e da procura*. Lisboa: Turismo de Portugal. Disponível em: [http://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Documents/An%C3%A1lises/Atividades%20Tur%C3%ADsticas/Termas%20Portugal\\_2014.pdf](http://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Documents/An%C3%A1lises/Atividades%20Tur%C3%ADsticas/Termas%20Portugal_2014.pdf).
- TR (2015). *2015 Rose Parade Statistics*. Pasadena: Tournament of Roses. Disponível em: [cdn.tournamentofroses.com/.../2015%20ToFR%20Stats\\_Final.pdf](http://cdn.tournamentofroses.com/.../2015%20ToFR%20Stats_Final.pdf).
- TR (2016). *2016 Rose Parade Statistics*. Pasadena: Tournament of Roses. Disponível em: [https://www.tournamentofroses.com/sites/default/files/2016%20Stats\\_FINAL\\_v2.pdf](https://www.tournamentofroses.com/sites/default/files/2016%20Stats_FINAL_v2.pdf)
- VISITENGLAND (2001-2015a). *Most visited paid attractions – England 2000 to 2014*. Visit England. Disponível em: [www.visitengland.org](http://www.visitengland.org).
- VISITENGLAND (2015b). *Most visited paid attractions – England 2014*. Visit England. Disponível em: [www.visitengland.org](http://www.visitengland.org).
- VISITENGLAND (2015c). *Most visited free attractions – England 2014*. Visit England. Disponível em: [www.visitengland.org](http://www.visitengland.org).
- VISITSCOTLAND (2010). *The 2009 Visitor Attraction Monitor*. Moffat Centre for Travel and Tourism Business Development. Disponível em: <http://www.visitscotland.org/pdf/visitorattraction-monitor2009.pdf>.
- VISITSCOTLAND (2015). *Scotland – The key facts on tourism in 2014*. Scotland's National Tourism Organization. Disponível em: [http://www.visitscotland.org/pdf/2015%200729%20Tourism%20in%20Scotland%2014\\_Final%20draft.pdf](http://www.visitscotland.org/pdf/2015%200729%20Tourism%20in%20Scotland%2014_Final%20draft.pdf).
- VISITWALES (2015). *Visits to Tourist Attractions in Wales 2014*, Visit Wales. Disponível em: <http://gov.wales/docs/caecd/research/2015/151020-visits-tourist-attractions-2014-en.pdf>

### **3. Fontes – Documentos Normativos e Legislação**

#### **Europa:**

(1931). Carta de Atenas.

(1964). Carta de Veneza.

CE (1991). Recomendação Nº R (91) 3 – Princípios para a Salvaguarda e Valorização do Património do Século XX, Conselho da Europa.

ICOMOS (1982). *Historic Gardens – The Florence Charter 1981*. Paris: International Council on Monuments and Sites.



**Austrália:**

AUSTRALIA ICOMOS (2013). *The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance 2013*. Australian National Committee of ICOMOS.

**Brasil:**

IPHAN (1999). *Manual de Intervenção em Jardins Históricos*. Brasília: DEPROT/IPHAN.

IPHAN (2010). *Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, dita Carta de Juiz de Fora*. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**Espanha:**

(1985). *Lei do Patrimônio Histórico Espanhol – Lei 16/1985 de 25 de junho*.

**França:**

(1913). *Lei de 31 de dezembro de 1913 – Lei dos Monumentos Históricos*.

(1930). *Lei de 2 de maio de 1930 – relativa à proteção dos monumentos naturais e dos sítios de carácter artístico, histórico, científico, lendário ou pitoresco*.

MCC (2003). *Decreto n.º 2003-447 de 19 de maio de 2003 – Lei da criação do Conselho Nacional dos Parques e Jardins, Ministère de la Culture et de la Communication*.

MCC (2004). *Circular n.º 2004/003 de 17 de fevereiro de 2004 relativa aos parques e jardins, Ministère de la Culture et de la Communication*.

MCC (2005). *Ordonnance n.º 2005-1128 de 8 de setembro de 2005 – relativa aos monumentos históricos e aos espaços protegidos, Ministère de la Culture et de la Communication*.

MCC (2007). *Decreto n.º 2007-487 de 30 de março de 2007 – Decreto relativo aos monumentos históricos e às zonas de proteção do património arquitetónico, urbano e paisagístico, Ministère de la Culture et de la Communication*.

MCC (2008). *Circular n.º 2008/011 de 29 de outubro de 2008, Ministère de la Culture et de la Communication (MCC)*.

**Inglaterra:**

(1983). *National Heritage Act 1983 – Chapter 47 – Lei do Patrimônio Nacional de 1983, Parlamento do Reino Unido*.

**Itália:**

(1973). *Código dos Impostos – Decreto do Presidente da República de 29 de setembro de 1973, n.º 601*.

(2004). Código do Património Cultural e da Paisagem de Itália – Decreto-Lei de 22 de janeiro de 2004, n.º 42.

DGBAP (1981). *Carta italiana dei giardini storici*. Direzione Generale Belle Arti e Paesaggio/Ministero dei Beni e delle Attività Culturali e del Turismo.

**Portugal:**

(1901). Decreto de 30 de dezembro de 1901

(1910). Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23-06-1910

(1914). Lei n.º 118 de 16 de março de 1914

(1932). Decreto n.º 20.985 de 7 de março de 1932

(1934). Decreto n.º 23 967, DG, I Série, n.º 130 de 5-06-1934

(1936). Decreto-Lei n.º 26.611 de 19 de maio de 1936

(1938). Decreto-Lei n.º 28468 de 15 de fevereiro de 1938

(1965). Decreto n.º 46.349 de 22 de maio de 1965

(1982). Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47 de 26-02-1982

(1985). Lei n.º 13/85 de 6 de julho de 1985

(1996). Decreto n.º 2/96, DR, I Série-B, n.º 56 de 6-03-1996

(2001). Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro 2001

(2001). Portaria 1136/2001 de 25 de setembro de 2001

(2005). Portaria n.º 256/2005 de 16 de março de 2005

(2008). Portaria 216-B/2008 de 3 de março de 2008

(2009). Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro de 2009

(2010). Portaria n.º 64/2010, DR, 2.ª série, n.º 12 de 19 de janeiro de 2010

(2010). Decreto n.º 18/2010, DR, 1.ª série, n.º 250 de 28 de dezembro de 2010

(2011). Decreto-Lei n.º 115/2011 de 5 de dezembro de 2011

(2011). Decreto-lei n.º 126-A/2011 de 29 de dezembro de 2011

(2012). Lei n.º 53/2012 de 5 de setembro de 2012

(2012). Decreto-Lei n.º 265/2012 de 28 de dezembro de 2012

(2012). Decreto n.º 31-G/2012, DR, I Série, n.º 252 de 31-12-2012

(2014). Portaria n.º 124/2014 de 24 de junho

(Vários anos). Diversos Decretos e Portarias respeitantes à classificação dos jardins.

#### 4. Endereços eletrônicos de relevância

- Aeroportos da Madeira: [www.ana.pt/pt-PT/Aeroportos/Madeira/](http://www.ana.pt/pt-PT/Aeroportos/Madeira/) (último acesso em 19/04/16);
- Alnwick Garden: [www.alnwickgarden.com](http://www.alnwickgarden.com) (último acesso em 18/02/12);
- American Academy in Rome: [www.aarome.org/](http://www.aarome.org/) (último acesso em 15/12/2012);
- Around & About Lisbon: [www.aalisbon.com/](http://www.aalisbon.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Arte Paisagista no Norte de Portugal: [www.artepaisagista.utad.pt/](http://www.artepaisagista.utad.pt/) (último acesso em 02/06/12);
- Associação Amigos de Monserrate: <http://amigosdemonstrate.com/> (último acesso em 13/11/15);
- Associação Árvores de Portugal: [www.arvoresdeportugal.net/](http://www.arvoresdeportugal.net/) (último acesso em 14/04/16);
- Associação de Plantas e Jardins em Climas Mediterrânicos:  
[www.mediterraneangardeningportugal.org/](http://www.mediterraneangardeningportugal.org/) (último acesso em 11/04/16);
- Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda: [www.aajba.com](http://www.aajba.com) (último acesso em 13/11/15);
- Asociación Española de Parques y Jardines Públicos: [www.aepjp.es/](http://www.aepjp.es/) (último acesso em 15/07/16);
- Associação Portuguesa das Casas Antigas: [www.ap-casas-antigas.pt](http://www.ap-casas-antigas.pt) (último acesso em 11/04/16);
- Associação Portuguesa dos Jardins Históricos: [www.jardinhistoricos.pt/](http://www.jardinhistoricos.pt/) (último acesso em 07/06/16);
- Associazione Parchi e Giardini d'Italia: [www.apgi.it/](http://www.apgi.it/) (último acesso em 19/06/15);
- Australian Bureau of Statistics: [www.abs.gov.au](http://www.abs.gov.au) (último acesso em 23/07/16);
- Away Network: <http://away.com/> (último acesso em 12/12/13);
- Batalla de Flores: [www.batalladeflores.net/](http://www.batalladeflores.net/) (último acesso em 13/10/15);
- Best Cultural Tours: <http://www.bestculturaltours.com/> (último acesso em 12/12/13);
- Botanic Gardens Conservation International: [www.bgci.org](http://www.bgci.org) (último acesso em 11/08/16);
- Bright Water Holidays: [www.brightwaterholidays.com/tours](http://www.brightwaterholidays.com/tours) (último acesso em 26/04/16);
- Buga Koblenz 2011: <http://bundesgartenschau.de/buga-iga/bisherige-gartenschauen/buga-koblenz-2011.html> (último acesso em 12/10/15);
- Buga Havel Region 2015: <http://www.buga-2015-havelregion.de/> (último acesso em 12/10/15);
- Cadw – Historic Environment division of the Welsh Government: <http://cadw.wales.gov.uk/> (último acesso em 13/01/16);
- Câmara Municipal de Campo Maior: [www.cm-campo-maior.pt/](http://www.cm-campo-maior.pt/) (último acesso em 30/11/15);
- Câmara Municipal do Funchal: [www.cm-funchal.pt/](http://www.cm-funchal.pt/) (último acesso em 25/04/16);
- Câmara Municipal de Lisboa: [www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/) (último acesso em 15/12/2012);
- Câmara Municipal de Redondo: [www.cm-redondo.pt/](http://www.cm-redondo.pt/) (último acesso em 30/11/15);
- Canadian Garden Council: <http://gardencouncil.ca/> (último acesso em 13/05/16);
- Canadian Tulip Festival: <http://tulipfestival.ca/> (último acesso em 18/05/16);
- Casa da Música: [www.casadamusica.com/pt/](http://www.casadamusica.com/pt/) (último acesso em 30/10/15);
- Central Nacional do Turismo no Espaço Rural: [www.center.pt](http://www.center.pt) (último acesso em 11/04/16);
- Central Park: [www.centralparknyc.org/](http://www.centralparknyc.org/) (último acesso em 03/06/2016);
- Chaumont-sur-Loire: [www.domaine-chaumont.fr](http://www.domaine-chaumont.fr) (último acesso em 23/05/16);

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

Chelsea Flower Show: [www.chelseafloowershow.moonfruit.com](http://www.chelseafloowershow.moonfruit.com) (último acesso em 30/06/16);  
Collette Worldwide Holidays: [www.gocollette.com/](http://www.gocollette.com/) (último acesso em 26/04/16);  
Comité des Parcs et Jardins de France: [www.parcsetjardins.fr](http://www.parcsetjardins.fr) (último acesso em 13/05/16);  
Cooper Smiths: [www.coopersmiths.com/](http://www.coopersmiths.com/) (último acesso em 26/04/16);  
CTT: [www.ctt.pt/](http://www.ctt.pt/) (último acesso em 30/10/15);  
Destino Madeira: [www.madeira-web.com/](http://www.madeira-web.com/) (último acesso em 14/10/15);  
Direção Geral do Património Cultural: [www.dgpc.pt](http://www.dgpc.pt) (último acesso em 30/04/16);  
Direzione generale Belle Arti e Paesaggio: [www.beap.beniculturali.it/](http://www.beap.beniculturali.it/) (último acesso em 15/02/16);  
Eden Project: [www.edenproject.com/](http://www.edenproject.com/) (último acesso em 18/02/12; 20/06/16);  
EEA Grants: [www.eeagrants.gov.pt/](http://www.eeagrants.gov.pt/) (último acesso em 25/02/12);  
English Heritage: [www.english-heritage.org.uk/](http://www.english-heritage.org.uk/) (último acesso em 13/01/16);  
Episode-travel: <http://www.episode-travel.com/> (último acesso em 26/04/16);  
Europe's Best Destinations: [www.europeanbestdestinations.com/](http://www.europeanbestdestinations.com/) (último acesso em 02/11/15);  
European Garden Heritage Network: <http://cmsen.eghn.org/home> (último acesso em 26/03/16);  
Eva Dream Florir Portugal: [www.facebook.com/evadream/](http://www.facebook.com/evadream/)(último acesso em 13/05/16);  
Fáilte Ireland: [www.failteireland.ie](http://www.failteireland.ie) (último acesso em 23/07/16);  
Federal Horticultural Show Koblenz: [www.buga2011.de](http://www.buga2011.de) (último acesso em 12/10/15);  
Festival de Jardins de Ponte de Lima: [www.festivaldejardins.cm-pontedelima.pt/](http://www.festivaldejardins.cm-pontedelima.pt/) (último acesso em 11/10/15);  
Flora Canada: <http://floracanada.org/about.html> (último acesso em 13/05/16);  
Floriade: [www.floriade.com](http://www.floriade.com) (último acesso em 12/10/15);  
Flower Carpet on the Grand Place: [www.flowercarpet.be/](http://www.flowercarpet.be/) (último acesso em 13/10/15);  
Fnac: [www.fnac.pt/The-Gardens-of-Madeira-Gerald-Luckhurst/a324023](http://www.fnac.pt/The-Gardens-of-Madeira-Gerald-Luckhurst/a324023) e [Parques-e-jardins-dosacores-edica-ALBERGARIA-ISABEL-SOARES-DE/a638485](http://www.fnac.pt/Parques-e-jardins-dosacores-edica-ALBERGARIA-ISABEL-SOARES-DE/a638485) (último acesso em 15/12/2012)  
Fondation des Parcs et Jardins de France: [www.fondationparcsetjardins.com](http://www.fondationparcsetjardins.com) (último acesso em 13/10/15);  
Foundation Monet/Giverny: [www.fondation.monet.fr](http://www.fondation.monet.fr) (último acesso em 03/06/2016);  
Funchal Notícias: <https://funchalnoticias.net/2016/04/16/> (último acesso em 16/06/16);  
Fundação das Casas de Fronteira e Alorna: [www.fronteira-alorna.pt](http://www.fronteira-alorna.pt) (último acesso em 20/06/16);  
Fundação de Serralves: [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt) (último acesso em 20/06/16);  
Garden Platform of Lower Austria: [www.diegaerten.at/home.html](http://www.diegaerten.at/home.html) (último acesso em 16/05/16);  
Garden Visit: [www.gardenvisit.com](http://www.gardenvisit.com) (último acesso em 23/06/16);  
Gardening Tours: [www.gardeningtours.com/](http://www.gardeningtours.com/) (último acesso em 26/04/16);  
Garden Tourism Conference: <http://gardentourism.blogspot.pt/> (último acesso em 16/05/16);  
Grandi Giardini Italiani: [www.grandigiardini.it/](http://www.grandigiardini.it/) (último acesso em 16/05/16);  
Helena Attlee: [www.helena-attlee.com/books-and-articles.html](http://www.helena-attlee.com/books-and-articles.html) (último acesso em 15/12/2012);  
Historic England: <https://historicengland.org.uk/> (último acesso em 19/05/16);

- Historic Houses Association: [www.hha.org.uk/](http://www.hha.org.uk/) (último acesso em 13/01/16);
- Historic Scotland: [www.historic-scotland.gov.uk/](http://www.historic-scotland.gov.uk/) (último acesso em 13/01/16);
- IGA Berlin 2017: [www.iga-berlin-2017.de/](http://www.iga-berlin-2017.de/) (último acesso em 12/10/15);
- Individual Holidays Garden Tours: [www.gardentours.co.uk/](http://www.gardentours.co.uk/) (último acesso em 26/04/16);
- Inspired Travel: [www.inspiredtravel.com.au/](http://www.inspiredtravel.com.au/) (último acesso em 26/04/16);
- Intermedes: [www.intermedes.com/](http://www.intermedes.com/) (último acesso em 26/04/16);
- International Council on Monuments and Sites: [www.icomos.org](http://www.icomos.org) (último acesso em 15/07/16);
- International Plant Names Index: [www.ipni.org/](http://www.ipni.org/) (último acesso em 22/07/2016);
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: [www.icnf.pt](http://www.icnf.pt) (último acesso em 30/04/16);
- Jacqueline Coates & Trafalgar Tours: [www.jacquelinecoates.com/](http://www.jacquelinecoates.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Jardim Botânico da Ajuda: [www.isa.ulisboa.pt/jba/apresentacao](http://www.isa.ulisboa.pt/jba/apresentacao) (último acesso em 20/06/16);
- Jardim Botânico da Madeira: [www.sra.pt/jarbot/](http://www.sra.pt/jarbot/) (último acesso em 20/06/16);
- Jardim Botânico da Universidade de Lisboa: [www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-lisboa](http://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-lisboa) (último acesso em 20/06/16);
- Jardim Botânico de Coimbra: [www.uc.pt/jardimbotanico](http://www.uc.pt/jardimbotanico) (último acesso em 20/06/16);
- Jardim Botânico de Pádua: [www.ortobotanicopd.it/en/](http://www.ortobotanicopd.it/en/) (último acesso em 20/06/16);
- Jardim Botânico do Porto: <http://jardimbotanico.up.pt/> (último acesso em 20/06/16);
- Jardins ouverts de Belgique a.s.b.l: [www.jardinsouverts.be/](http://www.jardinsouverts.be/) (último acesso em 15/07/16);
- Jeff Sainsbury Tours: <http://jeffsainsburytours.com/> (último acesso em 26/04/16);
- Jornal de Negócios: [www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/) (último acesso em 18/05/16);
- Keukenhof Gardens: [www.keukenhof.nl/](http://www.keukenhof.nl/) (último acesso em 03/06/2016);
- Kirker Holidays: [www.kirkerholidays.com/](http://www.kirkerholidays.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Kirstenbosch Gardens: [www.sanbi.org/gardens/kirstenbosch](http://www.sanbi.org/gardens/kirstenbosch) (último acesso em 03/06/2016);
- Liga de Amigos do JB da UTAD: <http://jb.utad.pt/liga-de-amigos> (último acesso em 13/11/15);
- Liga de Amigos do Jardim Botânico Tropical: [www2.iict.pt/jbt/?idc=201](http://www2.iict.pt/jbt/?idc=201) (último acesso em 13/11/15);
- Liga dos Amigos do JB de Lisboa: <http://amigosdobotanico.blogspot.pt/> (último acesso em 13/11/15);
- Lisboasightseeing: [www.lisboasightseeing.com/](http://www.lisboasightseeing.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Madeira Island Tours: [www.madeira-island-tours.com/](http://www.madeira-island-tours.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Madeira Live: [www.madeira-live.com/pt/](http://www.madeira-live.com/pt/) (último acesso em 14/10/15);
- Madeira-Tours: [www.madeira-tours.info/](http://www.madeira-tours.info/) (último acesso em 26/04/16);
- Martin Randall: [www.martinrandall.com/](http://www.martinrandall.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Metropolitano de Lisboa: <http://metro.transporteslisboa.pt/> (último acesso em 13/04/15);
- Ministère de la Culture et de la Communication: [www.culturecommunication.gouv.fr](http://www.culturecommunication.gouv.fr) (último acesso em 13/05/16);
- My Way Tours: [mywaytours.pt/pt/](http://mywaytours.pt/pt/) (último acesso em 26/04/16);
- National Botanic Garden of Wales: [www.gardenofwales.org.uk/](http://www.gardenofwales.org.uk/) (último acesso em 18/02/12);

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

National Garden Scheme: [www.ngs.org.uk/](http://www.ngs.org.uk/) (último acesso em 15/07/16);

National Geographic: <http://travel.nationalgeographic.com/travel/top-10/gardens/> (último acesso em 23/07/16);

Northern Ireland Statistics and Research Agency: [www.nisra.gov.uk/](http://www.nisra.gov.uk/) (último acesso em 23/07/16);

Oficina da Natureza: [www.oficinadanatureza.pt/](http://www.oficinadanatureza.pt/)(último acesso em 26/04/16);

Organização Mundial de Turismo: <http://unwto.org/> (último acesso em 25/01/16);

Palácio de Versailles: [www.chateauversailles.fr/](http://www.chateauversailles.fr/) (último acesso em 20/06/16);

Parques de Sintra – Monte da Lua, SA: [www.parquesdesintra.pt](http://www.parquesdesintra.pt) (último acesso em 20/06/16);

Património Mundial/UC: <http://worldheritage.uc.pt/pt/> (último acesso em 05/10/15);

Plant Heritage: [www.nccpg.com/](http://www.nccpg.com/) (último acesso em 13/01/16);

PORTAexpresso – Portugal: [www.portaexpresso.com/](http://www.portaexpresso.com/) (último acesso em 12/12/13);

Portos da Madeira: [www.portosdamadeira.com/](http://www.portosdamadeira.com/) (último acesso em 25/04/16);

Portugal Tours: [www.portugaltours.com.pt](http://www.portugaltours.com.pt) (último acesso em 26/04/16);

Private-guides: [www.private-guides.com/](http://www.private-guides.com/) (último acesso em 26/04/16);

Quality tours: [www.qualitytours.pt/](http://www.qualitytours.pt/) (último acesso em 26/04/16);

Quinta da Aveleda: [www.aveledaportugal.pt/](http://www.aveledaportugal.pt/) (último acesso em 30/10/14);

Quinta da Regaleira: [www.regaleira.pt/](http://www.regaleira.pt/) (último acesso em 20/06/16);

Quinta do Palheiro Ferreiro: [www.palheirogardens.com/](http://www.palheirogardens.com/) (último acesso em 20/06/16);

Renaissance Tours: [www.renaissancetours.com.au](http://www.renaissancetours.com.au) (último acesso em 26/04/16);

Rendez-vous aux jardins: [www.rendezvousauxjardins.culture.fr](http://www.rendezvousauxjardins.culture.fr) (último acesso em 23/05/16);

Ross Tours: [www.rosstours.com](http://www.rosstours.com) (último acesso em 26/04/16);

Royal Botanic Gardens of Kew: [www.kew.org/](http://www.kew.org/) (último acesso em 20/06/16);

Royal Flora Ratchaphruek: [www.zeenthailand.com/www/royalflora.html](http://www.zeenthailand.com/www/royalflora.html) (último acesso em 18/05/16);

Royal Horticultural Society: [www.rhs.org.uk/](http://www.rhs.org.uk/) (último acesso em 13/10/15);

Scotland's Gardens Scheme: [www.scotlandsgardens.org/](http://www.scotlandsgardens.org/) (último acesso em 13/01/16);

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt) (último acesso em 30/04/16);

Solares de Portugal: [www.solaresdeportugal.pt/](http://www.solaresdeportugal.pt/) (último acesso em 14/10/2015);

Susan Worner Tours: [www.susanwornertours.com/](http://www.susanwornertours.com/) (último acesso em 26/04/16);

Taipei International Flora Expo: [www.enexpopark.taipei/](http://www.enexpopark.taipei/) (último acesso em 18/05/16);

Take me away: [www.takemeaway.pt/](http://www.takemeaway.pt/) (último acesso em 26/04/16);

The Butchart Gardens: [www.butchartgardens.com/](http://www.butchartgardens.com/) (último acesso em 03/06/2016);

The Garden Post: [www.thegardenpost.com/books-by-barbara-segall/](http://www.thegardenpost.com/books-by-barbara-segall/) (último acesso em 15/12/12);

The Gardens Trust: [www.gardenstrusts.org.uk/](http://www.gardenstrusts.org.uk/) (último acesso em 13/01/16);

The National Trust: [www.nationaltrust.org.uk/](http://www.nationaltrust.org.uk/) (último acesso em 13/01/16);

The Northern Ireland Heritage Gardens Trust: [www.nihgc.org/](http://www.nihgc.org/) (último acesso em 13/01/16);

The Telegraph: [www.telegraph.co.uk/](http://www.telegraph.co.uk/) (último acesso em 25/04/16);

- The Tour Company: [www.thetourcompany.co.nz/](http://www.thetourcompany.co.nz/) (último acesso em 26/04/16);
- Tivoli Gardens: [www.tivoli.dk/en](http://www.tivoli.dk/en) (último acesso em 03/06/2016);
- Tournament of Roses: [www.tournamentofroses.com/](http://www.tournamentofroses.com/) (último acesso em 18/05/16);
- Tours Gallery: [www.toursgallery.com/](http://www.toursgallery.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Travel One Portugal: [www.travelone.pt/](http://www.travelone.pt/) (último acesso em 26/04/16);
- Trip Connector: [www.tripconnector.it/](http://www.tripconnector.it/) (último acesso em 12/12/13);
- Tropical Monte Palace: [www.montepalace.com/](http://www.montepalace.com/) (último acesso em 20/06/16);
- Tulip Time Festival: <http://www.tuliptime.com/> (último acesso em 18/05/16);
- Turismo da Madeira: [www.visitmadeira.pt/](http://www.visitmadeira.pt/) (último acesso em 25/04/16);
- Turismo de Coimbra: <http://turismodecoimbra.pt/> (último acesso em 31/03/15);
- Turismo de Lisboa: [www.visitlisboa.com/pt](http://www.visitlisboa.com/pt) (último acesso em 14/10/15);
- Turismo de Portugal: [www.turismodeportugal.pt/](http://www.turismodeportugal.pt/) (último acesso em 20/06/16);
- Turismo do Centro de Portugal: [www.turismodocentro.pt/](http://www.turismodocentro.pt/) (último acesso em 14/10/15);
- Turismo do Porto: [www.visitporto.travel/](http://www.visitporto.travel/) (último acesso em 14/10/15);
- Unesco: <http://whc.unesco.org/en/list7> (último acesso em 13/05/16);
- Valesacultural Services Portugal & Spain: [www.valesacultural.com/](http://www.valesacultural.com/) (último acesso em 26/04/16);
- Verdie: [www.verdie.com/](http://www.verdie.com/) (último acesso em 26/04/16);
- VisitAzores: [www.visitazores.com/pt](http://www.visitazores.com/pt) (último acesso em 14/10/15);
- VisitBritain: [www.visitbritain.org](http://www.visitbritain.org) (último acesso em 23/05/16);
- Visitar o Centro de Portugal: [www.visitcentro.com/pt/](http://www.visitcentro.com/pt/) (último acesso em 14/10/15);
- VisitEngland: [www.visitengland.org](http://www.visitengland.org) (último acesso em 23/05/16);
- VisitScotland: [www.visitscotland.org/](http://www.visitscotland.org/) (último acesso em 05/11/15);
- VisitWales: <http://wales.gov.uk/> (último acesso em 07/11/15);
- VisitPortugal: [www.visitportugal.com](http://www.visitportugal.com) (último acesso em 14/10/15);
- Xi'an International Horticultural Exposition 2011: <http://en.expo2011.cn/> (último acesso em 18/05/16);
- Wattletree Horticultural Services: [www.wattletreehorticulture.com.au/](http://www.wattletreehorticulture.com.au/) (último acesso em 26/04/16);
- World Travel Awards: [www.worldtravelawards.com/](http://www.worldtravelawards.com/) (último acesso em 02/11/15);





# ANEXOS

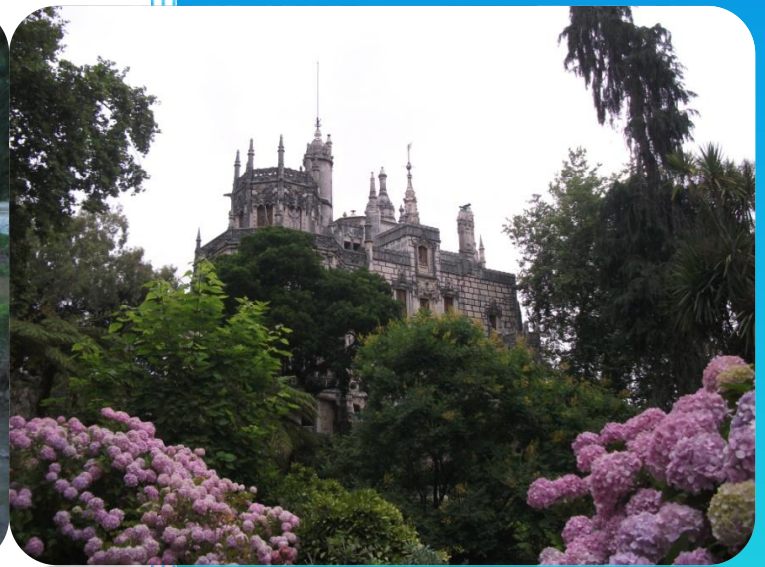


Jardim do Palácio do Marquês de Pombal

*Cartas dos Jardins Históricos, Quadros e Figuras, Questionários*



# Anexo I



Jardim dos Biscainhos e Quinta da Regaleira

*Cartas dos Jardins Históricos:  
Carta de Florença  
Carta Italiana  
Carta Brasileira*

## AI.1. Carta de Florença

### PREÂMBULO

O ICOMOS-IFLA *International Comitee for Historic Gardens*, reunido em Florença a 21 de maio de 1981, decidiu elaborar uma carta sobre a preservação dos jardins históricos, que tomou o nome da cidade. A atual *Carta de Florença* foi preparada pelo Comité e adotada pelo ICOMOS a 15 de dezembro de 1982 como uma adenda à *Carta de Veneza* cobrindo o campo específico correspondente.

#### ➤ **DEFINIÇÕES E OBJETIVOS:**

**Artigo 1º** – “Um jardim histórico é uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico”. Como tal, deve ser considerado um monumento.

**Artigo 2º** – “O jardim histórico é uma composição arquitetónica cujos constituintes são principalmente vegetais e, portanto, vivos, o que significa que eles são perecíveis e renováveis”. Assim, a sua aparência reflete o perpétuo equilíbrio entre o ciclo das estações, o desenvolvimento e a deterioração da natureza e o desejo do artista e do operário em manterem-no permanentemente inalterado.

**Artigo 3º** – Sendo um monumento, o jardim histórico deve ser preservado de acordo com o espírito da *Carta de Veneza*. No entanto, enquanto monumento vivo, a sua preservação deve ser regulada por regras específicas, que são o objeto da presente carta.

**Artigo 4º** – A composição arquitetónica do jardim histórico inclui:

- A sua planta e a sua topografia.
- A sua vegetação, incluindo as suas espécies, proporções/volumes, jogo de cores, espaçamentos e alturas respetivas.
- Os seus elementos estruturais e decorativos.
- A água, em movimento ou parada, refletindo o céu.

**Artigo 5º** – Como expressão da afinidade direta entre a civilização e a natureza, e como lugar de fruição adequado à meditação ou ao repouso, o jardim adquire assim o significado cósmico de uma imagem idealizada do mundo, um “paraíso” no sentido etimológico do termo e, mesmo, um testemunho de uma cultura, de um estilo, de uma época e, frequentemente, da originalidade de um artista criador.

**Artigo 6º** – A expressão “jardim histórico” é igualmente aplicável a pequenos jardins ou a grandes parques, quer sejam formais ou “paisagens”.

**Artigo 7º** – Quer esteja ou não associado a um edifício, caso em que é seu complemento inseparável, o jardim histórico não pode ser isolado da sua envolvente própria, seja ela urbana ou rural, artificial ou natural.

**Artigo 8º** – Um sítio histórico é uma paisagem específica associada a um facto memorável tal como, por exemplo: um grande acontecimento histórico; um mito famoso; um combate épico; ou o objeto de uma pintura célebre.

**Artigo 9º** – A preservação dos jardins históricos depende da sua identificação e da sua inventariação. Necessitam de intervenções diversificadas, nomeadamente de manutenção, de conservação e de restauro. Em certos casos, a sua reconstrução é recomendável. A autenticidade de um jardim histórico depende, em igual forma, do desenho e da escala das suas diferentes partes, assim como da composição ornamental, ou da seleção das plantas e dos materiais inorgânicos adotados para cada uma das suas partes.

➤ **MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO:**

**Artigo 10º** – Em qualquer trabalho de manutenção, conservação, restauro ou reconstrução de um jardim histórico, ou de uma qualquer parte sua, todos os seus elementos constituintes devem ser tratados em simultâneo. O isolamento das diferentes operações pode alterar a unidade do conjunto.

**Artigo 11º** – A manutenção do jardim é um processo fundamental e necessariamente contínuo tendo em conta a especificidade do material de que é composto, matéria vegetal. A preservação do jardim no seu estado habitual requer tanto, reposições concretas, devendo ser feitas apenas quando necessário e de forma pontual, como um programa, a longo prazo, de renovações periódicas (podas e replantações com plantas adultas).

**Artigo 12º** – A seleção de árvores, arbustos, plantas e flores a utilizar nas substituições periódicas deve ser feita de acordo com as práticas estabelecidas e reconhecidas em cada região botânica e hortícola, com o objetivo de se identificarem as espécies originalmente plantadas e de as preservar.

**Artigo 13º** – Os elementos arquitetónicos, escultóricos ou decorativos fixos e móveis que constituam parte integrante do jardim histórico só devem ser removidos ou deslocados apenas se for essencial para a sua conservação ou para o seu restauro. A substituição ou o restauro de qualquer um desses elementos que esteja em risco, deve ser efetuada de acordo com os princípios da Carta de Veneza, e o prazo para qualquer substituição deve ser indicado.

**Artigo 14º** – O jardim histórico deve ser preservado numa envolvente apropriada. Devem ser proibidas todas as alterações ao ambiente físico que ponham em risco o seu equilíbrio ecológico. Estas regras são aplicáveis a todos os aspetos infraestruturais, quer internos quer externos (canalizações, sistemas de irrigação, estradas, caminhos, parques de estacionamento, muros e vedações, instalações de manutenção, apoios para visitantes, etc.).

➤ **RESTAURO E RECONSTRUÇÃO:**

**Artigo 15º** – Não deve ser empreendido nenhum trabalho de restauro nem, acima de tudo, de reconstrução num jardim histórico sem ter sido realizada, previamente, uma investigação profunda que garanta que esse trabalho é cientificamente executado, e que envolva desde a escavação até à reunião dos registos relacionados com o jardim em questão e com outros jardins semelhantes. Antes do começo de qualquer trabalho prático deve ser preparado um projeto com base nessa investigação, o qual deve ser submetido a um grupo de peritos para exame e aprovação em conjunto.

**Artigo 16º** – O trabalho de restauro deve respeitar as sucessivas fases da evolução do jardim em questão. Em princípio, não se deve dar precedência a nenhum período em detrimento de outro, a não ser em casos excepcionais, quando o grau de destruição e de danos que afetam algumas partes de um jardim sejam tais que seja decidido reconstruírem-se essas partes, com base nos vestígios que subsistiram ou em evidências documentais indiscutíveis. Esse trabalho de reconstrução pode ser executado, especialmente, nas partes do jardim situadas mais perto do edifício nele contido, de modo a fazer sobressair o significado dessas partes do conjunto.

**Artigo 17º** – Quando um jardim tiver desaparecido completamente, ou quando não existirem mais do que evidências conjecturais sobre as suas sucessivas fases, a sua reconstrução não pode ser considerada como sendo um jardim histórico.

➤ **USO:**

**Artigo 18º** – Embora um jardim histórico tenha sido projetado para ser visto e percorrido, o seu acesso deve ser restrito em função da sua dimensão e da sua vulnerabilidade, para que possam ser preservadas a sua substância e a sua mensagem cultural.

**Artigo 19º** – Pela sua natureza e objetivo, um jardim histórico é um sítio aprazível e indutor de contactos humanos, do silêncio e da fruição da natureza. Esta conceção do seu uso quotidiano deve contrastar com o papel que desempenha, naquelas raras ocasiões mais festivas. Assim, devem ser claramente definidas as condições de tais usos ocasionais de um jardim histórico, para que essas festividades possam, por si mesmas, contribuir para valorizar o efeito visual do jardim, em vez de o desvirtuar ou danificar.

**Artigo 20º** – Embora um jardim histórico possa ser adequado para jogos mais tranquilos, de ocorrência diária, devem ser preparadas áreas separadas, adjacentes ao jardim histórico, apropriadas para jogos e desportos mais ativos e movimentados, para que possam ser satisfeitas as necessidades do público a este respeito sem prejuízo para a conservação dos jardins e das paisagens.

**Artigo 21º** – O trabalho de manutenção e de conservação, cujas oportunidades são determinadas pelas estações, e as operações breves que servem para restaurar a autenticidade do jardim, devem ter sempre prioridade sobre o uso público. A organização de qualquer visita

aos jardins históricos deve ser sujeita a regulamentos que garantam que o espírito do local é preservado.

**Artigo 22º** – Se um jardim for murado, os seus muros não podem ser removidos sem serem tidas em consideração todas as possíveis consequências que possam conduzir a alterações na sua atmosfera e afetarem a sua preservação.

➤ **PROTEÇÃO LEGAL E ADMINISTRATIVA:**

**Artigo 23º** – É da competência das autoridades responsáveis adotarem, sob o parecer de peritos qualificados, as medidas legais e administrativas apropriadas para a identificação, registo e proteção dos jardins históricos. A preservação destes jardins deve ser prevista nos planos de utilização do solo e nos documentos de ordenamento e planeamento do território. É igualmente da competência das autoridades responsáveis adotarem, sob o parecer de peritos qualificados, as medidas económicas que facilitem a manutenção, a conservação e o restauro, e, quando necessário, a reconstrução dos jardins históricos.

**Artigo 24º** – O jardim histórico é um dos elementos do património cuja sobrevivência, devido à sua própria natureza, requer uma prestação de cuidados intensiva e contínua através de peritos qualificados. Deve, portanto, ser prevista a formação de tais pessoas, quer sejam historiadores, arquitetos, arquitetos paisagistas, jardineiros ou botânicos. Também se deve procurar assegurar a produção regular das variedades de plantas necessárias para a manutenção ou para o restauro dos jardins.

**Artigo 25º** – O interesse pelos jardins históricos deve ser estimulado por todo o tipo de atividades capazes de enfatizarem o seu real valor como parte do património e o seu melhor conhecimento e apreciação, através da: promoção de investigação científica; troca e difusão internacional de informação; publicações, incluindo trabalhos destinados ao público em geral; encorajamento do acesso pelo público, sob adequadas condições de controlo, e uso dos media para sensibilização ao respeito pela natureza e pelo património histórico. Os mais extraordinários jardins históricos devem ser propostos para inclusão na Lista do Património Mundial.

Fonte: Tradução de ICOMOS (1982)

## *AI.2. Carta italiana dei giardini storici*

Il giardino storico (giardini di case, di palazzi, di ville, parchi, orti botanici, aree archeologiche, spazi verdi dei centri storici urbani, ecc.) è un insieme polimaterico, progettato dall'uomo, realizzato in parte determinante con materiale vivente, che insiste su (e modifica) un territorio antropico, un contesto naturale.

Esso, in quante artefatto materiale, è un'opera d'arte e come tale, bene culturale, risorsa architettonica e ambientale, patrimonio dell'intera collettività che ne fruisce.

Il giardino, al pari di ogni altra risorsa, costituisce un unicum, limitato, peribile, irripetibile, ha un proprio processo di sviluppo, una propria storia (nascita, crescita, mutazione, degrado) che riflette le società e le culture che lo hanno ideato, costruito, usato o che, comunque, sono entrate in relazione con esso.

Per quanto concerne i metodi e i modi d'intervento si richiama la piena validità della carta del restauro del 1964 e delle disposizioni del 1972 in base ai principi in esse indicati e al conseguente dibattito che ne è seguito, l'intervento di restauro dovrà rispettare il complessivo processo storico del giardino, poiché tale processo materializza l'evoluzione della struttura e delle configurazioni via via assunte nel tempo.

Pertanto ogni operazione che tendesse a privilegiare una singola fase assunta in un certo periodo storico e a ricrearla ex novo, a spese delle fasi successive, comporterebbe una sottrazione di risorse e risulterebbe riduttiva e decisamente antistorica. L'intervento perciò dovrà identificarsi con un intervento di conservazione, e tale obiettivo dovrà essere conseguito e garantito nel tempo attraverso un processo di continua, programmata, tempestiva manutenzione.

I giardini storici fuori degli agglomerati urbani non sono separabili dal relativo contesto: il tessuto agricolo e boschivo, inteso sia come fatto ambientale, sia come luogo di attività produttiva. La conservazione di un giardino storico è perciò inscindibile da una corretta opera di programmazione e di pianificazione delle risorse, finalizzata al riequilibrio del territorio. La conservazione si intende che debba essere estesa dall'unità di architettura e giardino all'insieme delle infrastrutture esterne (rete viaria, piazzali d'accesso, canali, rete idrica, specchi d'acqua, ecc.). Per tutelare e conservare bisogna conoscere. L'indagine diretta (unita alla schedatura, al vincolo e – ove necessario – ad un idoneo reimpiego) ancora oggi appare l'esigenza preliminare di ogni intervento.

Il giardino va analiticamente studiato in tutte le sue componenti (architettoniche, vegetali, idriche, geologiche, topografiche, ambientali, ecc.) e attraverso documenti e fonti storiche e letterarie, e attraverso rilievi, topografici e catastali antichi, nonché ogni altra fonte iconografica, attraverso la fotointerpretazione e - ove necessario - attraverso l'indagine archeologica diretta. Tale studio analitico e comparato implica il necessario concorso di molte specifiche discipline.

Si richiama l'opportunità - già espressa nel colloquio Icomos a Zeist nel 1975 - di compilare elenchi delle essenze corrette dal punto di vista storico per aree culturali e botaniche, al fine della sostituzione di isolate essenze, sicuramente pertinenti ad un particolare giardino, ribadendo anche per le specie vegetali il concetto del restauro conservativo del palinsesto, cioè del mantenimento delle specie esistenti, immessevi nel tempo e perciò storicizzate.



**Raccomandazioni**

Si raccomanda che:

- 1** – Il Giardino storico abbia un uso non contrastante con la sua fragilità e comunque tale da non provocare alterazioni della sua struttura e dell'uso originario. Quando un giardino sia di proprietà pubblica, esso deve essere aperto compatibilmente ai problemi di manutenzione; occorre dunque favorire l'accesso al pubblico, ma al tempo stesso prendere le opportune precauzioni contro un eccessivo numero di visitatori, programmando accettabili soluzioni alternative. I giardini privati, quando non siano aperti al pubblico, devono essere visitabili in giorni, ore e modi da stabilirsi da parte dei proprietari; le agevolazioni fiscali (Decreto del Presidente della Repubblica numero 131 del 1978) vanno estese dai manufatti architettonici alle essenze arboree, qualora queste necessitino di interventi di manutenzione straordinaria.
- 2** – I giardini pubblici nei centri storici debbono essere esclusi dagli standards urbanistici, in quanto luoghi dedicati prevalentemente alla passeggiata, al riposo, allo studio. Nella pianificazione urbana e territoriale vanno previsti perciò nuovi parchi per uso della collettività e per tutte le sue esigenze.
- 3** – Nell'attuale riforma delle legge sui beni culturali sia dichiarato che nell'elaborazione dei Piani Regolatori siano riconosciuti come degni di tutela, nella loro perimetrazione globale, i giardini e i parchi storici anche se ancora non vincolati e ciò ai fini di una auspicata promozione culturale.
- 4** – Il Ministero per i Beni Culturali e Ambientali crei un apposito ufficio destinato all'ambiente che curi - in collaborazione con le Università e tutti gli altri Enti interessati - il censimento e la schedatura completa dei giardini e a cui faccia capo ogni operazione di vincolo e di programmazione e coordinamento degli interventi.
- 5** – Nei bilanci dello Stato e degli Enti Locali siano previste voci specifiche concernenti le disponibilità economiche per la manutenzione dei giardini storici.
- 6** – Nei grandi comuni siano istituite scuole di giardinaggio le quali offrano anche lezione sui giardini storici della zona e sulla loro particolare manutenzione e conservazione.
- 7** – Nelle zone archeologiche, dove sia opportuno progettare parchi (con concorso nazionale), si tenga conto, con i necessari apporti collaborativi interdisciplinari, della delicatezza della zona.
- 8** – Nelle commissioni edilizie, urbanistiche e territoriali venga sempre interpellato un esperto di giardini.
- 9** – Si organizzino e allestiscano in sito esposizioni e opportuni sussidi didattici attraverso i quali offrire un'esatta lettera della genesi del giardino e delle modifiche nel tempo, pubblicizzando tutti i documenti grafici, letterari, storici e le raffigurazioni antiche, accompagnati da rilievi e dalle ipotesi ricostruttive e insieme dalla illustrazione della parte botanica (originaria, sostituita e inserita successivamente, ecc.).
- 10** – Nell'attuale riforma e sperimentazione universitaria si dia riconoscimento istituzionale all'area delle scienze dell'ambiente, incoraggiando particolari corsi formativi, indirizzi e corsi di laurea, nonché corsi di specializzazione e perfezionamento post lauream.
- 11** – Le competenti autorità avviino gli studi per la costituzione di un catasto specializzato dei giardini storici, il quale, elencando le loro peculiari caratteristiche, possa stabilire un pubblico registro, capace di definire la relativa individualità e di assicurare nel tempo la necessaria salvaguardia.

DGBAP (1981)

### *AI.3. Carta dos Jardins Históricos Brasileira (Carta de Juiz de Fora)*

Foi elaborada a presente **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros**, dita **Carta de Juiz de Fora**, que estabelece definições, diretrizes e critérios para a defesa e salvaguarda dos jardins históricos brasileiros.

#### **1. DEFINIÇÃO**

Para efeito desta Carta, considera-se **Jardim Histórico** os sítios e paisagens agenciados pelo homem como, por exemplo, jardins botânicos, praças, parques, largos, passeios públicos, alamedas, hortos, pomares, quintais e jardins privados e jardins de tradição familiar. Além desses, jardins zoológicos, claustros, pomares, hortas, cultivos rurais, cemitérios, vias arborizadas de centros históricos, espaços verdes circundantes de monumentos ou de centros históricos urbanos, áreas livres e espaços abertos em meio à malha urbana, entre outros.

Nos jardins, natureza e história são elementos vivos e dinâmicos em incessante mutação, surgindo sempre em sua gestão novas e imprevistas situações. O tratamento dessas questões não pode ser reduzido a fórmulas precisas já que cada jardim apresenta aspectos singulares a exigir soluções próprias. Portanto, o objetivo desta Carta é atender às exigências de orientação técnica voltada para a preservação dos jardins históricos.

As indicações expressas nesta Carta – que traduz para a realidade brasileira a Carta de Florença – destinam-se a: técnicos e administradores de órgãos culturais federais, estaduais e municipais; profissionais envolvidos na preservação do patrimônio cultural; empresas de restauração e proprietários e usuários de jardins submetidos a qualquer forma de proteção cultural, entre outros. Aborda especificamente os sítios caracterizados como jardins históricos, incluindo seus entornos.

#### **2. A IMPORTÂNCIA DOS JARDINS HISTÓRICOS**

Os jardins históricos, públicos ou privados, podem levar os visitantes a novas atitudes, ao vislumbre de realidades até então despercebidas. Sua leitura e narração não é apenas espacial, mas temporal. Estende-se a estratos subterrâneos e estados pretéritos da história do homem, da natureza e da terra, o que pode abranger estudos geológicos, paleontológicos e arqueológicos para sua melhor compreensão. Preservá-los é um ato de respeito à vida, ao equilíbrio ambiental, à obra e ao legado humano. Defendê-los é induzir gerações contemporâneas e futuras a atitudes de maior zelo por esse patrimônio.

Os jardins históricos são um rico testemunho da relação entre a cultura e a natureza, testemunho que se preserva no carácter das intervenções realizadas no local e na salvaguarda do espírito do lugar. Preservá-los não se trata apenas de cuidar de um legado do passado, mas de criar condições para novos bens que irão enriquecer a herança do futuro.

Os jardins históricos são boas referências de como se resume e se concentra a relação do homem urbano com o meio natural. Cada vez mais ameaçados os jardins, urge que sejam

defendidos, sob orientação dos órgãos culturais especializados, segundo condições, normas, diretrizes e critérios específicos.

### 3. AUTENTICIDADE E INTEGRIDADE

A autenticidade é um aspecto fundamental na avaliação dos jardins históricos, assim como de qualquer bem cultural. Esta se refere ao grau de originalidade dos diferentes elementos de um mesmo sistema. A autenticidade de um jardim histórico, como em qualquer outro bem cultural, depende de quanto seus materiais são originais ou genuínos, levando-se em conta quando e como foi construído, considerando-se o envelhecimento e mudanças que o afectaram ao longo do tempo. A maioria dos bens históricos é alterada pela acção da natureza e pelo modo como são utilizados, sendo as mudanças consideradas como parte da estratificação histórica do bem.

Considerando-se os jardins históricos como sistemas harmoniosos, a integridade depende do grau de equilíbrio que os elementos que o compõem mantêm entre si. O conjunto de elementos que configuram um sítio histórico forma uma unidade básica. A partir dessa compreensão, pode-se descrever cada elemento, cada parte, tendo por base a intenção original. A integridade se refere ao quanto o bem é completo e ao quanto preserva do equilíbrio entre os diversos elementos componentes. Suas qualidades intrínsecas estão relacionadas à qualidade dos materiais, a sua construção, desenho e localização.

### 4. PROBLEMÁTICAS E FATORES DE DEGRADAÇÃO

Constata-se que nos últimos anos as intervenções urbanas, especialmente aquelas realizadas nas áreas livres das cidades resultaram, muitas vezes, em ações desastrosas e negativas para os jardins históricos, pois sob o pretexto de resolver questões urbanas ou sociais, muitas intervenções foram feitas à custa de seus aspectos mais valiosos, contribuindo para sua degradação.

O planejamento das cidades não deve seccionar ou compartimentar os jardins históricos. Características tradicionais podem ser perdidas quando não se atentam para a preservação de sua unidade estética. Dentre essas características, destaca-se o espírito do lugar, composto por bens móveis e imóveis e, por elementos intangíveis que dão importante contribuição à formação do lugar, conferindo-lhe o espírito que o distingue de outros bens culturais e atribuindo-lhe significado mais rico e completo.

A proteção e conservação dos jardins históricos é um dos desafios atuais para a preservação do patrimônio cultural, devendo fazer parte dos planos de desenvolvimento locais e regionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações urbanas. Um jardim histórico não é um campo de experimentações onde especialistas devam intervir favorecendo o objeto de suas pesquisas, nem um palanque no qual políticos exerçam atividades eleitoreiras à custa de sua identidade, integridade e autenticidade, deve ser considerado e administrado como um bem cultural.

Dentre os principais fatores de degradação citem-se:

- Interesses políticos e administrativos alheios à preservação dos jardins históricos;
- Empreendimentos imobiliários que apregoam, juntamente com a venda de apartamentos, vantagens oferecidas pelas áreas livres dos jardins históricos na vizinhança e pelo uso e fruição de seus atributos, sem qualquer compensação pelos danos que seguramente irão lhes provocar;
- Abertura dos jardins históricos a eventos agressivos que possam submetê-los ao risco de atos de vandalismo;
- Falta de vigilância;
- Ausência de compartilhamento da gestão entre os diferentes responsáveis pelo jardim histórico;
- Cessão de áreas do jardim histórico para usos e instalações alheios a suas funções originais, tais como bancas de jornal, caixas eletrônicas, monumentos estranhos à história do sítio, plantios comemorativos de espécies vegetais em locais não previstos no projeto original, marcos e esculturas homenageando políticos e religiões;
- Desconsideração pelo desenho e estilo original, bem como pelas diferentes fases de evolução dos jardins históricos;
- Desconsideração pelas espécies originalmente empregadas em jardins históricos;
- Intervenções que especificam a vegetação, guiadas por visões restritas de especialistas que optam por utilizar plantas nativas onde originalmente foram empregadas espécies exóticas;
- Substituição de plantas tradicionais por plantas alheias à escala, ao desenho, ao estilo e ao caráter original;
- Prevalência de formas convergentes de percepção no trato dos jardins históricos como percepção artística, ecológica, biológica e outras, em detrimento de seu valor integral;
- Omissão administrativa em relação a invasões de interesse privado como edificações de moradia, prestação de serviços ou comércio;
- Carência de bancos de mudas, já que viveiros e o comércio nem sempre oferecem as espécies necessárias aos plantios em jardins históricos;
- Falta de registro das intervenções e das sucessões ao longo das fases dos jardins;
- Inexistência de arquivos com dados sobre jardins;
- Falta de mão-de-obra especializada para cuidar dos jardins, em todos os níveis;
- Ausência de educação do cidadão sobre a necessidade de respeito às áreas livres das cidades, guiado sobretudo pelo exemplo da administração municipal que, ao invés de mantê-las cuidadas de forma exemplar, sujeita-as a todas as formas de pressão;

- Falta de proteção ao entorno dos jardins históricos contra a poluição atmosférica e sonora, os inconvenientes do trânsito, a construção das áreas livres;
- As propostas de empreendimentos que afetem qualquer de seus componentes físicos, biológicos e antrópicos;

## 5. IDENTIFICAÇÃO

Dentre as ações iniciais para proteção dos jardins históricos está a identificação, relacionada ao reconhecimento e registro ordenado desse tipo de bem cultural e dos elementos que o compõem. A realização do inventário fundamenta a identificação e o registro do jardim histórico por meio de pesquisa e levantamento das características e particularidades de determinado bem, adotando-se, para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados, de natureza histórica, artística, arquitetônica, sociológica, paisagística e antropológica, entre outros.

## 6. PROTEÇÃO

Em termos legais, proteger é criar condições para que um monumento, área ou sítio histórico perdure e se desenvolva de forma íntegra e autêntica. A proteção física dos jardins históricos garante a segurança contra roubo, vandalismo, ataques ambientais, ruídos e intrusões visuais. Como forma de assegurar a defesa e salvaguarda, os jardins históricos devem ser objeto de acautelamento legal, sob a forma de registros, inventários e tombamentos.

A proteção legal visa a resguardar o sítio contra qualquer dano, fornece instruções sobre medidas apropriadas, como punição ou compensação por prejuízos ocasionados. O tombamento é um dos instrumentos de acautelamento mais comumente usados na proteção legal. No caso de valor nacional é feito pela inscrição em livros de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. O tombamento pode também ser feito por outras instituições do Poder Público, no âmbito estadual ou municipal, legalmente constituída, de acordo com o modelo da legislação federal.

A legislação ambiental deve apoiar a defesa do patrimônio cultural. A avaliação de impactos ambientais por empreendimentos potencialmente capazes de afetar o meio ambiente exige estudos de efeitos sobre os bens culturais, como os jardins históricos. A legislação de crimes ambientais define penas, chegando a estabelecer condições para compensação e valores para multas, em casos de danos.

Devem-se considerar, além da proteção concedida pela legislação vigente, atos administrativos e decisões judiciais como mecanismos de proteção do patrimônio cultural. Um instrumento de capital importância na proteção de sítios históricos é a emissão de pareceres técnicos solidamente fundamentados em normas expressas nas cartas patrimoniais, sobretudo em cartas de jardins históricos, paisagem natural e cultural.

A proteção efetiva de um jardim histórico deve incluir atos legais e administrativos e abranger desde a definição da situação fundiária até ações de proteção física, como cercamento integral das áreas naturais, medidas de segurança e serviço de vigilância. O

caráter da proteção efetiva deve ser antes educativo que repressivo, mas sem deixar de ser firme na defesa do patrimônio.

## **7. PRESERVAÇÃO**

O termo preservação engloba todas as ações que visam a salvaguardar bens culturais identificados, classificados ou protegidos. Segundo a Carta de Nairobi, aprovada pela Unesco em 1976, a preservação deve significar a identificação, proteção, conservação, restauração, renovação, manutenção e revitalização, ou seja, todas as operações necessárias à defesa e salvaguarda de um bem, o que inclui ainda o uso, planejamento, administração e outras ações.

Os jardins históricos devem ser considerados segundo seus valores, que se referem tanto a seu significado imaterial quanto a sua materialidade, levando em conta o estado de conservação, os materiais empregados, desenho e localização, assim como o entorno. Qualquer legado do passado sofre transformações ou deterioração tanto por consequência do desgaste natural quanto pelo uso. A soma das diferentes modificações acaba por se converter em fator componente do caráter histórico e do material essencial ao bem cultural. O material essencial representa o valor intrínseco do bem e é o suporte dos testemunhos históricos e dos valores culturais associados, do passado e do presente. A meta da preservação é salvaguardar a qualidade e os significados do bem, proteger o material essencial e assegurar sua integridade e autenticidade para as gerações futuras.

A preservação dos jardins históricos, no entanto, não leva em consideração apenas valores culturais mas também ambientais. Os jardins históricos devem ser encarados como ambientes agenciados artificialmente, cujos elementos vivos e seu equilíbrio natural devem ser igualmente preservados. Mais importante do que devolver feições já perdidas do projeto original à custa de elementos vivos, é reconhecer a preponderância de valores naturais em relação a elementos culturais já perdidos. Em muitos casos pode prevalecer a decisão de se manter, por exemplo, a intrusão de uma árvore, mesmo que sua sombra impeça a restauração de canteiros de flores de pleno sol e que se tenha de abrir mão de aspectos formais do passado.

A preservação e a conservação dos jardins históricos fazem parte das coisas essenciais necessárias à reconquista da vida no futuro, pois reúnem aspectos sociais, simbólicos e afetivos, constituindo áreas de convívio e construção do senso comunitário do cidadão. Como os jardins históricos contribuem para o equilíbrio microclimático das grandes áreas urbanizadas bem como para a preservação da diversidade ecológica e genética, tornam-se, especialmente, um fator de valorização social e de reforço da identidade cultural.

## **8. CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO**

Um jardim deve ter sua gestão programada conforme peculiaridades que irão condicionar ou determinar as formas de uso e atividades passíveis de serem nele desenvolvidas. Considerando-se usos tradicionais e novos, devem ser propostas atividades gerais e recreativas, avaliando-se seus impactos, e levando sempre em conta a acessibilidade

universal, por pessoas portadoras de deficiência física. Dentre as intervenções em jardins históricos, pode-se distinguir:

**Revitalização:** designa a reutilização de um bem cultural e sua adaptação a novos usos, observando aquilo que lhe é essencial: o abrigo de atividades humanas ou os fatores ambientais para o desenvolvimento de atividades como as recreativas, de lazer, contemplação, esporte etc.

**Restituição:** refere-se ao conjunto de operações que visam a recuperar as condições originais do bem cultural e do espírito de uma época, o que se pode obter mediante remoção de partes espúrias ou reconstituição de elementos supostamente originais degradados ou que estejam faltando. Só se empreende um trabalho de restituição quando se dispõe de sólidos fundamentos iconográficos ou de levantamentos físicos rigorosos.

**Restauração:** é a ação que tem como objetivo recuperar e reintegrar partes ou mesmo todos os elementos de um bem cultural móvel ou imóvel. Envolve todas as outras formas de intervenção física em bens culturais que visem à preservação. As intervenções de restauração nos jardins históricos visam a garantir a unidade e a permanência no tempo dos valores que caracterizam o conjunto, por meios e procedimentos ordinários e extraordinários.

**Manutenção:** permite ações sistemáticas que visam a manter um bem cultural em condições de uso ou fruição. Significa a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem.

A manutenção de um jardim histórico visa a três objetivos básicos: manter as qualidades físicas e químicas do solo, garantindo aos vegetais o fornecimento de água e dos nutrientes necessários; manter, dentro da margem de variação ditada pelos ritmos naturais, os volumes, cores e texturas dos vegetais; defender a flora e a fauna do jardim contra organismos nocivos ou desastres naturais. Dentre os trabalhos de manutenção incluem-se: varredura, capina, irrigação, trato dos gramados, limpeza de bueiros, produção de mudas, redução do lixo, poda, retirada de árvores, tratamento fitossanitário, adubação, manutenção de tanques e lagos pequenos, coroamento e retirada de ervas daninhas.

Na medida do possível, os serviços de manutenção devem estar integrados numa rotina programada que incluiria, por exemplo, tarefas diárias, semanais, mensais, trimestrais, sazonais, anuais e quinquenais.

Para a preservação e manutenção dos jardins históricos é imprescindível, dentre outras ações o cumprimento das seguintes:

#### Recomendações

- Capacitação da mão de obra, em todos os níveis;
- Programas contínuos de educação patrimonial que devem fazer parte de todas as ações empreendidas;
- Criteriosa programação das atividades de lazer e recreação;

- Reintrodução das espécies tradicionais durante a restauração dos jardins, devendo ser recuperados todos os elementos de época, inclusive os florísticos;
- Reconhecimento da importância do levantamento topográfico e botânico como documento do jardim;
- Trabalho conjunto com outros jardins históricos para intercâmbio de saberes, de mudas e sementes;
- Respeito pelo caráter original de todas as feições do jardim histórico;
- Constante intercâmbio com instituições nacionais – federais, estaduais e municipais, bem como internacionais, governamentais ou da sociedade civil voltadas para a defesa do patrimônio cultural em geral e, especificamente, dos jardins históricos;
- Incentivo à pesquisa e à criação de bancos de dados informatizados sobre os jardins históricos;
- Cuidado com projetos de sinalização para que as placas de interpretação não se sobreponham ao próprio jardim. Muitas informações podem ser transmitidas por meio de impressos, sendo desnecessário etiquetar a paisagem;
- Confecção de mobiliário adequado às características de cada jardim;
- Controle de veículos;
- Avaliação da capacidade de carga de cada jardim histórico com o objetivo de evitar usos excessivos e danosos ao patrimônio neles protegido;
- Planejamento cuidadoso da coleta de lixo;
- Manutenção da qualidade da água e de outros elementos físicos e naturais;
- Serviços especializados de guarda, vigilância e segurança;
- Presença de equipes especializadas;
- Maior compartilhamento, no processo de gestão, com diferentes agentes e instituições;
- Busca de interdisciplinaridade necessária a cada caso;
- Necessidade de diálogo com as representações de classe órgãos de classe federal, estadual e municipal;
- Reconhecimento, de forma clara e efetiva, da importância e singularidade do ofício de jardineiro;
- Quando possível, deverão ser desenvolvidos nos jardins históricos, segundo o porte de cada um, programas de manejo cultural e ambiental; de proteção; de recuperação de áreas degradadas; de uso público; de interpretação ambiental e cultural; de



educação ambiental e patrimonial; de recreação e lazer; de divulgação dos valores do sítio, de turismo cultural e ecológico, de pesquisa científica; de acervo museológico, de publicações, de apoio à formação e aperfeiçoamento de recursos humanos e de destinação de recursos financeiros.

- Intervenções construtivas ou de agenciamento paisagístico em paisagens ou sítios naturais protegidos devem ser autorizadas pelos órgãos competentes, devendo colaborar para a valorização dos bens protegidos;
- Intervenções em jardins históricos ou em seu entorno devem ser, na medida do possível, reversíveis e essa reversão deve provocar o mínimo possível de danos ao sítio;
- A visibilidade do conjunto ou de suas partes não deve ser prejudicada, deixando-se livres os eixos visuais necessários à contemplação de seus elementos de valor;
- Intervenções urbanas, que interagem com um objeto artístico, um monumento ou com um espaço público, quando não autorizadas, são consideradas como vandalismo e não como arte;
- Enquanto não se dispuser de um documento específico para orientar o trato do moderno jardim tropical brasileiro, sua gestão deverá adotar as diretrizes estabelecidas por esta **Carta dos Jardins Históricos Brasileiros**, dita **Carta de Juiz de Fora**;
- Os empreendimentos próximos aos jardins históricos devem ter seus impactos avaliados e um termo de ajuste deverá compensar os possíveis danos.

## 9. ASPECTOS GERAIS DA GESTÃO

Para efeitos da gestão dos Jardins Históricos, devem ser considerados aspectos como:

**Seleção de Recursos Humanos:** entre os profissionais possivelmente envolvidos nas diferentes atividades relativas à preservação de um jardim histórico citem-se, de forma geral, arquitetos paisagistas, botânicos, especialistas em fitossanidade e nutrição de plantas, jardineiros, viveiristas, horticultores, entomologistas, zoólogos, biólogos, geólogos, hidrólogos, mineralogistas, ecólogos, geógrafos, arquitetos, engenheiros, especialistas em planejamento urbano, topógrafos, arqueólogos, etnólogos, antropólogos, sociólogos, restauradores de patrimônio, historiadores, historiadores de arte, museólogos, antiquários, arquivistas, técnicos em documentação, administradores, legisladores, políticos, trabalhadores rurais, operários e outros. Ressalte-se que os jardineiros que tratam diretamente dos jardins são as pessoas com conhecimento mais indispensável, outras especialidades variam de caso para caso.

**Contratação de serviços:** a contratação de serviços de restauração, conservação e manutenção dos jardins históricos requer conhecimento altamente especializado, devendo ser tratada de forma diferenciada pela administração pública, especialmente no que se refere

aos processos licitatórios. Planos e contratos para serviços de restauração devem seguir critérios estabelecidos pelo gestor do jardim, de acordo com as especificidades de cada local. Os contratos não devem se limitar à contratação de serviços como restauração, sem considerar a necessidade de manutenção do jardim. Indica-se aproximação e intercâmbio com áreas jurídicas e administrativas de órgãos responsáveis pelo desenvolvimento, acompanhamento e gestão dos contratos.

**Fiscalização:** compete aos órgãos de preservação dos jardins históricos a fiscalização de todas as operações que sobre ele incidirem. Tais operações devem dar-se conforme a legislação vigente e as normas nacionais e internacionais estabelecidas por cartas patrimoniais. Cabe a esses órgãos a apreciação prévia de qualquer proposta ou projeto capaz de afetar os valores preservados em um jardim histórico.

## 10. INSTRUMENTOS DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

- É necessária a criação de fundos municipais, estaduais e federais para a preservação do patrimônio cultural, que devem incorporar a importância dos jardins históricos;
- O investimento público para a gestão e manutenção dos jardins históricos deve considerar as funções sociais;
- Quando o proprietário não tiver condições financeiras, compete ao poder público cuidar do jardim, como estabelece o Decreto-Lei n.º 25/37, que organiza a proteção do patrimônio cultural.

Em caso de declaração de emergência, deverá haver recursos disponíveis para as ações de recuperação.

## 11. DISPOSIÇÕES FINAIS

Levando-se em conta que os jardins históricos brasileiros devem ser regidos pelas normas desta Carta enquanto não se dispuser de um instrumento adequado às suas especificidades, e considerando a importância da existência ou constituição de associações e fundações para a gestão dos jardins, sugere-se a criação de um fórum para discussão de assuntos referentes a jardins históricos, de conselho ou associação brasileira dos jardins históricos.

Juiz de Fora, 07 de outubro de 2010

Fonte: IPHAN (2010)

# Anexo II



Jardim do Palácio de Queluz e do Paço Episcopal de Castelo Branco

*Quadros e Figuras*

**Capítulo IV**

Quadro AII.1: Jardins e Quintas referenciadas por SOUSA VITERBO, por localização

Localização		Jardins que lista e descreve com pormenor	Outros jardins referidos		Total
Distrito	Concelho	Nº	Nº	Nº	%
<b>Braga</b>	Amares	2	0	2	2,3
	Guimarães	0	1	1	1,1
<b>Castelo Branco</b>	Castelo Branco	1	0	1	1,1
<b>Coimbra</b>	Coimbra	4	1	5	5,7
	Figueira da Foz	1	0	1	1,1
<b>Évora</b>	Évora	1	0	1	1,1
	Vila Viçosa	1	0	1	1,1
<b>Lisboa</b>	Alenquer	1	0	1	1,1
	Cascais	0	2	2	2,3
	Lisboa	11	13	24	27,3
	Loures	2	0	2	2,3
	Mafra	2	1	3	3,4
	Sintra	6	4	10	11,4
	Torres Vedras	0	1	1	1,1
<b>Porto</b>	Matosinhos	2	3	5	5,7
	Porto	2	9	11	12,5
	Vila Nova de Gaia	2	1	3	3,4
<b>Santarém</b>	Salvaterra de Magos	0	1	1	1,1
<b>Setúbal</b>	Alcácer do sal	1	0	1	1,1
	Alcochete	1	0	1	1,1
	Almada	1	1	2	2,3
	Barreiro	0	1	1	1,1
	Moita	0	1	1	1,1
	Sesimbra	1	0	1	1,1
	Setúbal	2	1	3	3,4
<b>Viseu</b>	Lamego	1	0	1	1,1
	Penalva do Castelo	1	0	1	1,1
	Viseu	1	0	1	1,1
<b>Total</b>		<b>47</b>	<b>41</b>	<b>88</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de SOUSA VITERBO (1906 e 1909)

Quadro AII.2: Inventário realizado por Ilídio de ARAÚJO, por localização

Jardins Inventariados				Outros jardins referenciados				
Distrito	Concelho	Nº	%	Distrito	Concelho	Nº	%	
<b>Aveiro</b>	Águeda	4	3,7	<b>Braga</b>	Barcelos	1	1,2	
	Aveiro	1	0,9		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,2</b>	
	Castelo de Paiva	2	1,8	<b>Castelo Branco</b>	Castelo Branco	1	1,2	
	Mealhada	1	0,9		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,2</b>	
	Oliveira de Azeméis	1	0,9	<b>Coimbra</b>	Coimbra	1	1,2	
	Santa Maria da Feira	1	0,9		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,2</b>	
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>9,2</b>	<b>Évora</b>	Évora	3	3,7	
<b>Braga</b>	Amares	1	0,9		Vila Viçosa	1	1,2	
	Barcelos	1	0,9		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,9</b>	
	Braga	8	7,3	<b>Faro</b>	Faro	1	1,2	
	Cabeceiras de Basto	2	1,8		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,2</b>	
	Celorico de Basto	4	3,7	<b>Guarda</b>	Guarda	2	2,5	
	Esposende	1	0,9		Trancoso	2	2,5	
	Guimarães	4	3,7		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,9</b>	
	Póvoa do Lanhoso	2	1,8	<b>Leiria</b>	Peniche	1	1,2	
	Terras do Bouro	1	0,9		Leiria	1	1,2	
	Vila Nova de Famalicão	3	2,8		Bombarral	1	1,2	
	Vizela	1	0,9		<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>3,7</b>	
	<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>25,7</b>	<b>Lisboa</b>	Lisboa	8	9,9	
	<b>Coimbra</b>	Coimbra	2		1,8	Loures	4	4,9
		Lousã	1		0,9	Mafra	1	1,2
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>2,8</b>		Oeiras	2	2,5	
<b>Guarda</b>	Guarda	1	0,9		Sintra	10	12,3	
	Trancoso	2	1,8		Torres Vedras	2	2,5	
	<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>2,8</b>		<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>33,3</b>	
<b>Porto</b>	Felgueiras	3	2,8	<b>Portalegre</b>	Portalegre	2	2,5	
	Lousada	3	2,8		<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2,5</b>	
	Maia	2	1,8	<b>Porto</b>	Porto	3	3,7	
	Marco de Canavezes	2	1,8		V. N. de Gaia	1	1,2	
	Matosinhos	6	5,5		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,9</b>	
	Paços de Ferreira	1	0,9	<b>Santarém</b>	Abrantes	1	1,2	
	Penafiel	3	2,8		Cartaxo	1	1,2	
	Porto	9	8,3		Salvaterra de Magos	1	1,2	
	Póvoa do Varzim	1	0,9		Santarém	1	1,2	
	Santo Tirso	2	1,8		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,9</b>	
	<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>29,4</b>	<b>Setúbal</b>	Seixal	1	1,2	
<b>Viana do</b>	Arcos de Valdevez	1	0,9		Sesimbra	1	1,2	
	Caminha	2	1,8		Setúbal	3	3,7	
<b>Castelo</b>	Monção	1	0,9		<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>6,2</b>	
	Ponte de Lima	3	2,8	<b>Viseu</b>	Carregal do Sal	4	4,9	
	Valença	2	1,8		Mangualde	6	7,4	
	Viana do Castelo	1	0,9		Moimenta da Beira	1	1,2	
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>9,2</b>		Nelas	2	2,5	
<b>Vila Real</b>	Chaves	1	0,9		Penalva do Castelo	2	2,5	
	Mondim de Basto	1	0,9		Penedono	1	1,2	
	Vila Pouca de Aguiar	1	0,9		Tondela	6	7,4	
	Vila Real	2	1,8		Viseu	2	2,5	
	<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>4,6</b>		<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>29,6</b>	
<b>Viseu</b>	Lamego	2	1,8		<b>Total Geral</b>	<b>81</b>	<b>100,0</b>	
	Mangualde	3	2,8					
	Moimenta da Beira	1	0,9					
	Nelas	1	0,9					
	Penalva do Castelo	1	0,9					
	S. João da Pesqueira	3	2,8					
	S. Pedro do Sul	1	0,9					
	Tarouca	2	1,8					
	Viseu	4	3,7					
	<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>16,5</b>					
	<b>Total Geral</b>	<b>109</b>	<b>100,0</b>					

Fonte: Elaboração própria a partir de ARAÚJO (1962)

Quadro AII.3: Inventário da Arte Paisagista no Norte de Portugal, por localização

<b>Inventário da UTAD</b>			
<b>Distrito</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Braga</b>	Cabeceiras de Basto	14	5,1
	Celorico de Basto	26	9,5
	<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>14,6</b>
<b>Bragança</b>	Alfândega da Fé	1	0,4
	Bragança	6	2,2
	Carrazeda de Ansiães	1	0,4
	Macedo de Cavaleiros	5	1,8
	Miranda do Douro	3	1,1
	Mirandela	7	2,6
	Mogadouro	1	0,4
	Torre de Moncorvo	2	0,7
	Vimioso	1	0,4
	<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>9,9</b>
<b>Guarda</b>	Vila Nova de Foz Côa	3	1,1
	<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>1,1</b>
<b>Porto</b>	Amarante	14	5,1
	Baião	29	10,6
	<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>15,7</b>
<b>Vila Real</b>	Alijó	8	2,9
	Boticas	2	0,7
	Chaves	13	4,7
	Mesão Frio	12	4,4
	Mondim de Basto	10	3,6
	Montalegre	5	1,8
	Murça	4	1,5
	Peso da Régua	13	4,7
	Ribeira da Pena	4	1,5
	Sabrosa	7	2,6
	Santa Marta de Penaguião	8	2,9
	Valpaços	1	0,4
	Vila Pouca de Aguiar	6	2,2
	Vila Real	22	8,0
<b>Total</b>	<b>115</b>	<b>42,0</b>	
<b>Viseu</b>	Armamar	2	0,7
	Lamego	25	9,1
	Resende	6	2,2
	São João da Pesqueira	5	1,8
	Tabuaço	8	2,9
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>16,8</b>	
<b>Total Geral</b>		<b>274</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de APNP/UTAD (2012)

Quadro AII.4: Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Norte

Nº	Designação	Valor próprio	Valor complementar	Valor turístico potencial
1	Quinta da Brejoeira	12	9	21
2	Torre de Lanhelas	16	14	30
3	Casa da Coutada	16	12	28
4	Paço da Glória	14	14	28
5	Paço de Calheiros	12	16	28
6	Paço do Cardido	14	15	29
7	Quinta da Boa Viagem	18	18	36
8	Quinta do Paço de Palmeira	15	5	20
9	Cerca do Mosteiro de Tibães	22	14	36
10	Casa dos Biscainhos	15	10	25
11	Casa de S. <sup>to</sup> António de Vessadas	16	13	29
12	Casa de Assade	18	16	34
13	Casa de Caneiros	12	9	21
14	Casa de Vila Flor	15	11	26
15	Casa do Proposto	10	8	18
16	Casa do Alto	7	5	12
17	Paço de São Cipriano	19	11	30
18	Casa de Campo	14	12	26
19	Casa da Boavista	17	11	28
20	Casa da Gandarela	11	9	20
21	Casa do Vinhal	14	12	26
22	Mosteiro S. Simão da Junqueira	20	7	27
23	Casa de Simaens	18	14	32
24	Casa de Mateus	18	10	28
25	Casa de Pascoaes	18	16	34
26	Quinta da Bouça	14	9	23
27	Quinta da Aveleda	14	10	24
28	Casa de Recarei	15	2	17
29	Quinta da Granja	10	11	21
30	Jardim Botânico do Porto	13	16	29
31	Parque de Serralves	17	13	30
32	Quinta da Macieirinha	12	15	27
33	Quinta de Vilar d'Allen	14	13	27
34	Casa dos Condes Campo Bello	17	10	27
35	Casa Barbot	11	10	21
36	Quinta de Santo Inácio de Fiães	14	14	28
37	Mosteiro do Grijó – Casa Amorim	19	7	26
38	Casa de Tormes	14	15	29
39	Casa da Soenga	16	13	29
40	Vale de Abraão	15	13	28
41	Casa das Brolhas	14	13	27
42	Santuário N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup> dos Remédios	15	13	28
43	Convento de S. Pedro d'Águas	10	15	25
44	Cerca do Mosteiro de Salzedas	19	8	27
45	Quinta da Fisga	13	8	21

Fonte: CASTEL-BRANCO (1998)

Quadro AII.5: Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Centro

Nº	Designação	Valor próprio	Valor complementar	Valor turístico potencial
1	Quinta da Comenda	13	17	30
2	Casa da Ínsua	19	15	34
3	Casa de Quintela	12	13	25
4	Casa Condes de Anadia	13	10	23
5	Casa de Almeidinha	19	15	34
6	Quinta das Fidalgas	11	12	23
7	Casa de Santar	13	14	27
8	Casa do Soito – Paço dos Cunhas	13	13	26
9	Quinta de São José	12	16	28
10	Quinta de São Mateus	9	11	20
11	Quinta da Ponte	16	16	32
12	Mata e Hotel do Buçaco	21	16	37
13	Jardim da Manga	17	13	30
14	Parque de S. <sup>ta</sup> Cruz/Jardim da Sereia	17	15	32
15	Jardim Botânico de Coimbra	18	18	36
16	Quinta das Lágrimas	18	16	34
17	Conímbriga	17	14	31
18	Jardim Bispos de Castelo Branco	21	13	34

Fonte: CASTEL-BRANCO (1998)

Quadro AII.6: Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Alentejo e Algarve

Nº	Designação	Valor próprio	Valor complementar	Valor turístico potencial
1	Casa de Álamo	15	15	30
2	Jardim do Visconde Olivão	12	15	27
3	Quinta Carmo	14	16	30*
4	Quinta do General	19	15	34
5	Paço Ducal de Vila Viçosa	18	15	33
6	Tapada de Vila Viçosa	19	16	35
7	Convento da Serra d'Ossa	21	17	38
8	Quinta da Sempre Noiva	18	12	30
9	Castelo de Montemor-o-Novo	17	17	34
10	Quinta da Amoreira da Torre	15	12	27
11	Solar da Oliveira	16	16	32
12	Convento do Espinheiro	19	15	34
13	Paço da Mitra	16	16	32
14	Castelo do Alvito	15	18	33
15	Palácio dos Marqueses de Ficalho	17	15	32
16	Jardim do Palácio de Estói	15	15	30

Fonte: CASTEL-BRANCO (1998)



Quadro AII.7: Síntese da avaliação do potencial turístico dos jardins – Lisboa e Vale Tejo

Nº	Designação	Valor próprio	Valor complementar	Valor turístico potencial
1	Convento de Cristo	20	16	37*
2	Casa dos Patudos	10	12	22
3	Quinta de Vale de Lobos	10	15	25
4	Quinta da Alorna	10	14	24
5	Tapada de Mafra/Jardim do Cerco	18	16	35*
6	Palácio da Miltra	20	12	32
7	Quinta do Correio Mor	17	11	28
8	Quinta Ribafrias	17	10	27
9	Quinta do Carmo	19	12	31*
10	Quinta da Regaleira	18	13	32*
11	Parque de Monserrate	18	16	35*
12	Quinta da Penha Verde	21	7	28
13	Palácio de Seteais	17	14	31
14	Palácio Nacional de Sintra	17	14	32*
15	Parque da Pena	18	16	35*
16	Quinta do Molha Pão	16	12	28
17	Quinta da Fronteira	15	11	26
18	Quinta do Bonjardim	19	13	32
19	Quinta do Senhor da Serra	17	12	29
20	Palácio de Queluz	19	13	33*
21	Palácio dos Marquês de Pombal	17	15	32
22	Quinta Real de Caxias	15	13	29*
23	Quinta dos Azulejos	15	12	27
24	Parque do Monteiro-Mor	18	16	36*
25	Quinta das Laranjeiras	12	15	27
26	Palácio Fronteira	19	14	33
27	Casa do Lago (Quinta da Infanta)	11	11	22
28	Fundação Calouste Gulbenkian	13	12	25
29	Jardim Botânico da Fac. Ciências	15	11	26
30	Tapada das Necessidades	19	14	34*
31	Jardim das Damas	15	10	25
32	Jardim Botânico da Ajuda	19	12	32*
33	Jardim-Museu Agrícola Tropical	18	17	37*
34	Casa da Cerca	11	14	25
35	Quinta Princesa	16	14	30
36	Quinta Fidalga ou Vale do Grou	16	11	27
37	Quinta da Bacalhoa	21	16	37
38	Quinta das Torres	17	16	33
39	Jardins do Convento da Arrábida	18	17	35
40	Quinta de Santo Amaro	12	18	30
41	Quinta do Calhariz	14	9	23
42	Cabo Espichel, Mãe de Água	17	13	31*

Fonte: CASTEL-BRANCO (1998)\* O valor turístico potencial não corresponde à soma mas optou-se por apresentar os dados tal como aparecem na bibliografia citada. Nota: Foram considerados os valores totais (valor turístico potencial), muito embora se tenha considerado importante apresentar os valores próprio e complementar.

Quadro AII.8: Jardins com potencial turístico segundo CASTEL-BRANCO, por localização

Jardins com potencial turístico							
Distrito	Concelho	Nº	%	Distrito	Concelho	Nº	%
<b>Aveiro</b>	Mealhada	1	1,0	<b>Porto</b>	Matosinhos	1	1,0
	<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,0</b>		Penafiel	1	1,0
<b>Beja</b>	Alvito	1	1,0	Porto	3	3,1	
	Serpa	1	1,0	Vila do Conde	1	1,0	
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2,1</b>	V. Nova de Gaia	2	2,1	
<b>Braga</b>	Barcelos	2	2,1	<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>13,4</b>	
	Braga	2	2,1	<b>Santarém</b>	Almeirim	1	1,0
	Celorico de Basto	3	3,1		Alpiarça	1	1,0
	Guimarães	2	2,1		Santarém	1	1,0
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9,3</b>		Tomar	1	1,0
			<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>4,1</b>	
<b>Castelo Branco</b>	Castelo Branco	1	1,0	<b>Setúbal</b>	Almada	1	1,0
	<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,0</b>		Sesimbra	1	1,0
<b>Coimbra</b>	Coimbra	4	4,1		Setúbal	3	3,1
	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,1</b>		<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>5,2</b>
<b>Évora</b>	Borba	1	1,0	<b>Viana do Castelo</b>	Arcos de Valdevez	1	1,0
	Estremoz	1	1,0		Monção	1	1,0
	Évora	1	1,0		Ponte de Lima	2	2,1
	Montemor-o-novo	2	2,1		Viana do Castelo	1	1,0
	Redondo	1	1,0		<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>5,2</b>
	Vila Viçosa	2	2,1	<b>Vila Real</b>	Vila Real	1	1,0
	<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>8,2</b>		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,0</b>
<b>Faro</b>	Faro	1	1,0	<b>Viseu</b>	Lamego	2	2,1
	<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,0</b>		Mangualde	3	3,1
<b>Guarda</b>	Gouveia	1	1,0		Nelas	2	2,1
	Guarda	3	3,1		Penalva do Castelo	1	1,0
	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4,1</b>		Resende	1	1,0
<b>Lisboa</b>	Lisboa	12	12,4		São Pedro do Sul	1	1,0
	Loures	1	1,0		Tarouca	1	1,0
	Mafra	1	1,0		<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>11,3</b>
	Oeiras	2	2,1		<b>Total Geral</b>	<b>97</b>	<b>100,0</b>
	Sintra	10	10,3				
	<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>26,8</b>				
<b>Portalegre</b>	Alter do Chão	1	1,0				
	Elvas	1	1,0				
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2,1</b>				
<b>Porto</b>	Amarante	1	1,0				
	Baião	1	1,0				
	Felgueiras	1	1,0				
	Lousada	1	1,0				
	Maia	1	1,0				

Fonte: Elaboração própria a partir de CASTEL-BRANCO (2002)

Quadro AII.9: Inventário do Património Arquitectónico – Espaço Verde, por localização

<b>Inventário do Património Arquitectónico – Espaço Verde</b>							
<b>Distrito</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Distrito</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Aveiro</b>	Águeda	1	0,2	<b>Faro</b>	Lagoa	1	0,2
	Aveiro	3	0,5		Lagos	3	0,5
	Castelo de Paiva	1	0,2		Loulé	6	1,0
	Estarreja	1	0,2		Portimão	2	0,3
	Ílhavo	1	0,2		Silves	2	0,3
	Oliveira de Azeméis	1	0,2		<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>3,3</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>1,6</b>		<b>Guarda</b>	Celorico da Beira	1
<b>Beja</b>	Alvito	1	0,2	Gouveia		1	0,2
	Beja	4	0,7	Guarda		4	0,7
	Moura	2	0,3	Seia		2	0,3
	Serpa	1	0,2	Trancoso		1	0,2
	Vidigueira	1	0,2	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>1,6</b>	
<b>Braga</b>	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>1,6</b>	<b>Leiria</b>	Alcobaça	1	0,2
	Amares	1	0,2		Bombarral	1	0,2
	Barcelos	2	0,3		Caldas da Rainha	1	0,2
	Braga	4	0,7		Figueiró dos Vinhos	2	0,3
	Celorico de Basto	3	0,5		Leiria	4	0,7
	Fafe	1	0,2	Porto de Mós	1	0,2	
	Guimarães	3	0,5	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>1,7</b>	
	Vila Nova de Famalicão	2	0,3	<b>Lisboa</b>	Alenquer	7	1,2
	Vizela	1	0,2		Amadora	2	0,3
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>3,0</b>	Azambuja		2	0,3	
<b>Castelo Branco</b>	Castelo Branco	2	0,3		Cascais	49	8,5
	Covilhã	3	0,5		Lisboa	103	17,9
	Fundão	2	0,3		Loures	15	2,6
	Oleiros	1	0,2		Mafra	9	1,6
	Penamacor	1	0,2		Odivelas	3	0,5
<b>Coimbra</b>	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>1,6</b>		Oeiras	21	3,7
	Arganil	2	0,3		Sintra	36	6,3
	Coimbra	11	1,9		Sobral de Monte Agraço	1	0,2
	Figueira da Foz	1	0,2	Torres Vedras	12	2,1	
	Lousã	1	0,2	Vila Franca de Xira	3	0,5	
<b>Évora</b>	<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>2,6</b>	<b>Total</b>	<b>263</b>	<b>45,8</b>	
	Borba	1	0,2	<b>Portalegre</b>	Arronches	4	0,7
	Estremoz	4	0,7		Avis	2	0,3
	Évora	9	1,6		Campo Maior	9	1,6
	Montemor-o-Novo	3	0,5		Castelo de Vide	2	0,3
	Redondo	3	0,5		Crato	1	0,2
	Reguengos de Monsarraz	3	0,5		Elvas	17	3,0
	Viana do Alentejo	2	0,3		Fronteira	1	0,2
	Vila Viçosa	2	0,3		Marvão	1	0,2
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>4,7</b>	Monforte		3	0,5	
<b>Faro</b>	Albufeira	3	0,5		Ponte de Sor	1	0,2
	Faro	2	0,3		Portalegre	8	1,4
				<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>8,5</b>	

<b>Inventário do Património Arquitectónico – Espaço Verde (Continuação)</b>							
<b>Distrito</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Distrito</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Porto</b>	Felgueiras	1	0,2	<b>Viana do Castelo</b>	Ponte de Lima	4	0,7
	Maia	1	0,2		Viana do Castelo	2	0,3
	Marco de Canaveses	1	0,2		<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>1,0</b>
	Matosinhos	2	0,3	<b>Vila Real</b>	Vila Real	2	0,3
	Paços de Ferreira	1	0,2	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>	
	Porto	18	3,1	<b>Viseu</b>	Lamego	2	0,3
	Póvoa do Varzim	1	0,2	Mangualde	3	0,5	
	Santo Tirso	2	0,3	Moimenta da Beira	1	0,2	
	Vila do Conde	2	0,3	Nelas	2	0,3	
	<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>5,1</b>	Penalva do Castelo	1	0,2	
<b>Santarém</b>	Abrantes	1	0,2	São Pedro do Sul	2	0,3	
	Benavente	3	0,5	Tarouca	1	0,2	
	Cartaxo	1	0,2	Tondela	3	0,5	
	Chamusca	2	0,3	Viseu	6	1,0	
	Constância	1	0,2	<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>3,7</b>	
	Coruche	1	0,2	<b>Angra do Heroísmo</b>	Angra do Heroísmo	1	0,2
	Entroncamento	1	0,2	<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>	
	Rio Maior	1	0,2	<b>Ponta Delgada</b>	Ponta Delgada	2	0,3
	Santarém	1	0,2	Povoação	2	0,3	
	Tomar	1	0,2	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>0,7</b>	
	<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>2,3</b>	<b>Funchal</b>	Funchal	17	3,0
<b>Setúbal</b>	Alcochete	4	0,7	<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>3,0</b>	
	Almada	9	1,6	<b>Total Geral</b>	<b>574</b>	<b>100,0</b>	
	Barreiro	1	0,2	Fonte: Elaboração própria a partir do IPA/IHRU (2014)			
	Grândola	1	0,2				
	Moita	3	0,5				
	Montijo	2	0,3				
	Seixal	3	0,5				
	Sesimbra	2	0,3				
	Setúbal	16	2,8				
	Sines	4	0,7				
	<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>7,8</b>				

Quadro AII.10: Espaço Verde por subcategoria

<b>Arvoredo classificado por categoria</b>		
<b>Tipo</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Conjunto de Espaços Verdes	10	2,3
Espaço de Cultivo	11	2,6
Espaço de Desporto	2	0,5
Jardim	331	77,3
Parque	64	15,0
Espaço de Circulação	0	0,0
Sem informação	10	2,3
<b>Total</b>	<b>428</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir do IPA/DGPC (2016)

Quadro AII.11: Arvoredo de Interesse Público, por categoria de classificação

<b>Arvoredo classificado por categoria</b>		
<b>Tipo</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Árvore isolada	464	85,3
Alameda	25	4,6
Maciço	24	4,4
Arvoredo	20	3,7
Bosquete	9	1,7
Alinhamento	2	0,4
<b>Total</b>	<b>544</b>	<b>100,0</b>
Sem classificação (desaparecidas ou desclassificadas)		
	47	-
<b>Total de referências</b>	<b>591</b>	

Fonte: Elaboração própria a partir do RNAIP/ICNF (2016)

Quadro AII.12: Arvoredo de Interesse Público, por década de classificação

<b>Arvoredo classificado por década</b>		
<b>Década</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1930	14	2,4
1940	65	11,0
1950	20	3,4
1960	25	4,2
1970	10	1,7
1980	11	1,9
1990	126	21,3
2000	219	37,1
2010	101	17,1
<b>Total</b>	<b>591</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir do RNAIP/ICNF (2016)

Quadro AII.13: Arvoredo de Interesse Público, por localização

Arvoredo classificado							
Distrito	Concelho	Nº	%	Distrito	Concelho	Nº	%
<b>Aveiro</b>	Águeda	1	0,2	<b>Évora</b>	Montemor-o-Novo	3	0,6
	Albergaria-a-Velha	2	0,4		Mora	3	0,6
	Anadia	1	0,2		<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>1,8</b>
	Arouca	2	0,4	<b>Faro</b>	Alcoutim	1	0,2
	Aveiro	1	0,2		Lagoa	2	0,4
	Estarreja	1	0,2		Lagos	1	0,2
	Ílhavo	2	0,4		Loulé	1	0,2
	Oliveira de Azeméis	4	0,7		Monchique	7	1,3
	Oliveira do Bairro	1	0,2		Olhão	1	0,2
	Santa Maria da Feira	3	0,6		Portimão	1	0,2
	Sever do Vouga	1	0,2		São Brás de Alportel	1	0,2
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>3,5</b>	Silves		2	0,4	
<b>Beja</b>	Alvito	1	0,2		Tavira	1	0,2
	Beja	1	0,2	<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>3,3</b>	
	Ferreira do Alentejo	1	0,2	<b>Guarda</b>	Celorico da Beira	4	0,7
	Odemira	5	0,9		Figueira de Castelo Rodrigo	2	0,4
	Serpa	6	1,1		Guarda	9	1,7
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>2,6</b>	Manteigas		1	0,2	
<b>Braga</b>	Braga	8	1,5		Sabugal	2	0,4
	Celorico de Basto	1	0,2		Seia	1	0,2
	Guimarães	9	1,7		Trancoso	3	0,6
	Póvoa de Lanhoso	1	0,2		<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>4,0</b>
	Vieira do Minho	1	0,2	<b>Leiria</b>	Alcobaça	4	0,7
	Vila Nova de Famalicão	3	0,6		Alvaiázere	1	0,2
	Vila Verde	1	0,2		Batalha	1	0,2
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>4,4</b>	Bombarral		2	0,4	
<b>Bragança</b>	Alfândega da Fé	1	0,2		Caldas da Rainha	1	0,2
	Bragança	4	0,7		Castanheira de Pêra	1	0,2
	Miranda do Douro	2	0,4		Figueiró dos Vinhos	1	0,2
	Vinhais	5	0,9		Leiria	13	2,4
	<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>2,2</b>		Marinha Grande	32	5,9
<b>Castelo Branco</b>	Covilhã	1	0,2		Pedrógão Grande	5	0,9
	Proença-a-Nova	7	1,3	Peniche	3	0,6	
	Sertã	3	0,6	Pombal	3	0,6	
	Vila de Rei	1	0,2	<b>Total</b>	<b>67</b>	<b>12,3</b>	
<b>Coimbra</b>	<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>2,2</b>	<b>Lisboa</b>	Alenquer	1	0,2
	Arganil	7	1,3		Amadora	1	0,2
	Cantanhede	3	0,6		Azambuja	3	0,6
	Coimbra	8	1,5		Cascais	12	2,2
	Condeixa-a-Nova	1	0,2		Lisboa	83	15,3
	Figueira da Foz	2	0,4		Loures	6	1,1
	Góis	1	0,2		Lourinhã	3	0,6
	Lousã	1	0,2		Mafra	5	0,9
	Oliveira do Hospital	3	0,6		Odivelas	1	0,2
	Pampilhosa da Serra	2	0,4		Oeiras	5	0,9
	Penacova	5	0,9		Sintra	12	2,2
	Tábua	3	0,6		Torres Vedras	1	0,2
	<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>6,6</b>		Vila Franca de Xira	4	0,7
<b>Évora</b>	Estremoz	1	0,2	<b>Total</b>	<b>137</b>	<b>25,2</b>	
	Évora	3	0,6				

Arvoredo classificado (Continuação)							
Distrito	Concelho	Nº	%	Distrito	Concelho	Nº	%
<b>Portalegre</b>	Avis	3	0,6	<b>Viana do Castelo</b>	Caminha	3	0,6
	Elvas	2	0,4		Melgaço	1	0,2
	Marvão	1	0,2		Ponte de Lima	2	0,2
	Ponte de Sor	2	0,4		Viana do Castelo	12	2,4
	Portalegre	2	0,4		<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>3,3</b>
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>1,8</b>				
<b>Porto</b>	Amarante	1	0,2	<b>Vila Real</b>	Alijó	4	0,7
	Baião	3	0,6		Chaves	3	0,6
	Gondomar	1	0,2		Montalegre	2	0,4
	Maia	2	0,4		Murça	2	0,4
	Paços de Ferreira	6	1,1		Peso da Régua	4	0,7
	Paredes	1	0,2		S. <sup>ta</sup> Marta de Penaguião	1	0,2
	Penafiel	3	0,6	Vila Pouca de Aguiar	1	0,2	
	Porto	20	3,7	Vila Real	2	0,4	
	Santo Tirso	5	0,9	<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>3,5</b>	
	Trofa	2	0,4	<b>Viseu</b>	Armamar	2	0,4
	Valongo	1	0,2		Carregal do Sal	3	0,6
	Vila Nova de Gaia	1	0,2		Castro Daire	2	0,4
	<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>8,5</b>		Cinfães	1	0,2
	<b>Santarém</b>	Abrantes	2		0,4	Lamego	2
Almeirim		2	0,4		Moimenta da Beira	2	0,4
Benavente		2	0,4		Nelas	1	0,2
Cartaxo		1	0,2		Oliveira de Frades	1	0,2
Chamusca		2	0,4		Penalva do Castelo	2	0,4
Ferreira do Zêzere		1	0,2		São João da Pesqueira	2	0,4
Ourém		2	0,4	Sátão	1	0,2	
Santarém		2	0,4	Viseu	9	1,7	
Sardoal		3	0,6	Vouzela	3	0,6	
<b>Total</b>		<b>17</b>	<b>3,1</b>	<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>5,7</b>	
<b>Setúbal</b>	Alcácer do Sal	1	0,2	<b>Total Geral</b>		<b>544</b>	<b>100,0</b>
	Almada	2	0,4				
	Grândola	1	0,2				
	Moita	1	0,2				
	Montijo	2	0,4				
	Palmela	3	0,6				
	Seixal	2	0,4				
	Sesimbra	4	0,7				
	Setúbal	16	2,9				
	<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>5,9</b>				

Fonte: Elaboração própria a partir do RNAIP/ICNF (2016)/Apenas o que se encontra atualmente classificado

Quadro AII.14: Jardins e Bens com Jardins classificados, por categoria e tipo de proteção

CATEGORIAS	TIPO DE PROTEÇÃO							Total	
	MN	IIP	MIP	SIP	CIP	IM	VR	Nº	%
	<b>Tipologia Arquitetura Civil</b>							Nº	%
Área Urbana	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
Biblioteca	-	-	1	-	-	-	-	1	0,6
Casa	-	17	6	-	-	3	-	26	14,4
Casal	1	-	-	-	-	-	-	1	0,6
Cerca	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
Conjunto	-	1	6	-	2	1	-	10	5,6
Edifício	-	3	4	-	-	2	-	9	5,0
Escola	-	-	1	-	-	-	-	1	0,6
Janela	-	-	1	-	-	-	-	1	0,6
Jardim	2	1	-	-	-	-	-	3	1,7
Museu	1	-	-	-	-	-	-	1	0,6
Núcleo Urbano	-	-	-	-	1	-	-	1	0,6
Paço	-	3	1	-	-	-	-	4	2,2
Palacete	1	1	1	-	-	1	-	4	2,2
Palácio	8	13	7	-	1	1	-	30	16,7
Parque	-	1	-	-	-	1	-	2	1,1
Quinta	2	16	13	1	1	2	-	35	19,4
Solar	-	6	3	-	-	1	-	10	5,6
Tapada	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
Termas	-	-	1	-	-	-	-	1	0,6
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>65</b>	<b>45</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>12</b>	<b>0</b>	<b>143</b>	<b>79,4</b>
	<b>Tipologia Arquitetura Mista</b>								
Conjunto	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>0,6</b>
	<b>Tipologia Arquitetura Religiosa</b>								
Capela	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
Claustro	1	-	-	-	-	-	-	1	0,6
Convento	2	4	-	-	-	-	-	6	3,3
Igreja	1	-	1	-	-	-	-	2	1,1
Mosteiro	1	2	1	-	-	-	-	4	2,2
Paço	-	2	-	-	-	-	-	2	1,1
Santuário	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>17</b>	<b>9,4</b>
	<b>Tipologia Não Definida</b>								
Conjunto	-	-	-	-	1	-	-	1	0,6
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>0,6</b>
	<b>Bens não integrados em qualquer tipologia/categoria</b>								
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>10,0</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>21</b>	<b>80</b>	<b>57</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>14</b>	<b>1</b>	<b>180</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de DGPC (Atualizado a 30 de abril de 2016)/Legenda: MN – Monumento Nacional, MIP – Monumento de Interesse Público, IIP – Imóvel de Interesse Público, IM – Interesse Municipal, SIP – Sítio de Interesse Público; CIP – Conjunto de Interesse Público; VR – Valor Regional.



Quadro AII.15: Jardins e Bens com Jardins classificados, por localização e tipo de proteção

Distrito	Tipo de Proteção							Total		
	MN	IIP	MIP	SIP	CIP	IM	VR	Nº	%	
Aveiro	-	4	6	-	1	2	-	13	7,2	
Beja	1	-	-	-	-	-	-	1	0,6	
Braga	2	8	9	-	-	2	-	21	11,7	
Bragança	-	1	-	-	-	-	-	1	0,6	
Coimbra	1	3	2	1	1	-	-	8	4,4	
Évora	-	3	3	-	-	-	-	6	3,3	
Faro	-	1	1	-	-	-	-	2	1,1	
Leiria	-	2	-	-	-	-	-	2	1,1	
Lisboa	13	34	13	-	2	2	-	64	35,6	
Portalegre	-	1	-	-	-	1	-	2	1,1	
Porto	2	7	9	-	-	2	-	20	11,1	
Santarém	-	3	1	-	-	-	-	4	2,2	
Setúbal	1	2	3	-	-	2	-	8	4,4	
Viana do Castelo	-	1	4	-	1	1	-	7	3,9	
Viseu	1	7	6	-	1	1	-	16	8,9	
Funchal	-	1	-	-	-	-	1	2	1,1	
Ponta Delgada	-	2	-	-	-	-	-	2	1,1	
Povoação	-	-	-	-	-	1	-	1	0,6	
<b>Total</b>	<b>Nº</b>	<b>21</b>	<b>80</b>	<b>57</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>14</b>	<b>1</b>	<b>180</b>	<b>100,0</b>
	<b>%</b>	<b>11,7</b>	<b>44,4</b>	<b>31,7</b>	<b>0,56</b>	<b>3,3</b>	<b>7,8</b>	<b>0,56</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaboração própria a partir de DGPC (Atualizado a 30 de abril de 2016)

Quadro AII.16: Jardins e bens com jardins classificados, por década (1ª classificação)

Classificação por década		
Década	Nº	%
1910	1	0,6
1920	0	0,0
1930	5	2,8
1940	5	2,8
1950	3	1,7
1960	3	1,7
1970	20	11,1
1980	20	11,1
1990	38	21,1
2000	16	8,9
2010	69	38,3
<b>Total</b>	<b>180</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de DGPC

(Atualizado a 30 de abril de 2016)

Quadro AII.18: Jardins associados da APJH, por distrito

Jardins associados da APJH		
Distritos	Nº	%
Aveiro	2	2,8
Beja	1	1,4
Braga	9	12,7
Coimbra	2	2,8
Évora	2	2,8
Guarda	1	1,4
Lisboa	15	21,1
Porto	10	14,1
Santarém	1	1,4
Setúbal	6	8,5
Viana do Castelo	11	15,5
Viseu	8	11,3
São Miguel – Açores	3	4,2
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de APJH (2016)

Quadro AII.17: Jardins classificados, por ano e tipo de classificação

Anos	Tipo de classificação							Total	
	MN	MIP	IIP	IM	CIP	SIP	VR	Nº	%
1910	1	-	-	-	-	-	-	1	0,5
<b>Total %</b>	<b>100</b>	-	-	-	-	-	-	<b>1</b>	<b>0,5</b>
1934	1	-	-	-	-	-	-	1	0,5
1936	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1938	-	-	3	-	-	-	-	3	1,6
<b>Total %</b>	<b>20</b>	-	<b>80</b>	-	-	-	-	<b>5</b>	<b>2,7</b>
1943	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1944	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1947	-	-	2	-	-	-	-	2	1,1
1949	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
<b>Total %</b>	-	-	<b>100</b>	-	-	-	-	<b>5</b>	<b>2,7</b>
1953	2	-	1	-	-	-	-	3	1,6
<b>Total %</b>	<b>67</b>	-	<b>33</b>	-	-	-	-	<b>3</b>	<b>1,6</b>
1962	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1967	-	-	2	-	-	-	-	2	1,1
<b>Total %</b>	-	-	<b>100</b>	-	-	-	-	<b>3</b>	<b>1,6</b>
1970	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1971	-	-	2	-	-	-	-	2	1,1
1974	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
1977	-	-	11	-	-	-	-	11	6,0
1978	-	-	5	-	-	-	-	5	2,7
<b>Total %</b>	-	-	<b>100</b>	-	-	-	-	<b>20</b>	<b>10,9</b>
1982	2	-	7	1	-	-	-	10	5,4
1983	-	-	1	4	-	-	-	5	2,7
1984	-	-	3	-	-	-	-	3	1,6
1986	-	-	1	1	-	-	-	2	1,1
<b>Total %</b>	<b>10</b>	-	<b>60</b>	<b>30</b>	-	-	-	<b>20</b>	<b>10,9</b>
1993	1	-	5	-	-	-	-	6	1,6
1995	2	-	1	-	-	-	-	3	1,6
1996	1	-	12	2	-	-	1	16	8,7
1997	2*	-	9	3	-	-	-	14	7,6
<b>Total %</b>	<b>15</b>	-	<b>69</b>	<b>13</b>	-	-	<b>3</b>	<b>39</b>	<b>21,2</b>
2001	1	-	-	-	-	-	-	1	0,5
2002	1	-	7	-	-	-	-	8	4,3
2003	-	-	-	1	-	-	-	1	0,5
2005	-	-	1	-	-	-	-	1	0,5
2006	-	-	2	1	-	-	-	3	1,6
2007	2	-	-	-	-	-	-	2	1,1
<b>Total %</b>	<b>25</b>	-	<b>63</b>	<b>13</b>	-	-	-	<b>16</b>	<b>8,7</b>
2010	2	1	2	1	1	-	-	7	3,8
2011	1	0	-	-	-	1	-	2	1,1
2012	1*	29	-	-	1*	-	-	31	16,8
2013	1	15	-	-	1	-	-	17	9,2
2014	-	9*	-	-	2	-	-	11	6,0
2015	-	3	-	-	1	-	-	4	2,2
<b>Total %</b>	<b>7</b>	<b>79</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	-	<b>72</b>	<b>39,1</b>
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>57</b>	<b>84</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>184</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria a partir de DGPC (Atualizado a 30 de abril de 2016)/\*  
Reclassificações de jardins que anteriormente detinham a classificação de IIP).

Quadro AII.19: Intervenções e investimento realizados nos 12 jardins abrangidos pelo Projeto Europeu *EEA Grants*

Jardim	Local	Trabalhos realizados	Investimento total
<b>Palácio dos Marqueses de Fronteira</b>	Lisboa	Limpeza das minas; restauro do sistema de repuxos e esguichos da Casa de Fresco e do Lago dos SS; construção do jardim do laranjal com 8 lagos e 3 espelhos de água para armazenamento da água vinda da Casa de Fresco e Lago dos SS.	197.193,95€
<b>Claustro do Convento do Bom Sucesso</b>	Lisboa	Restauro do sistema hidráulico dos esguichos do lago; colocação de calçada à portuguesa; muretes e instalação do sistema de drenagem.	23.416,00€
<b>Jardim José do Canto</b>	Ponta Delgada (Açores)	Reorganização do armazenamento e distribuição de água para que funcione com a força da gravidade; restauro do tanque; reconstrução de algumas paredes; instalação de rede de rega.	72.152,52€
<b>Quinta da Boa Viagem</b>	Viana do Castelo	Reparação do sistema de minas e caleiras, fontes e canais de pedra; limpeza de quatro fontes e realocização da grande fonte de taça, degraus e pavimentos, ligação por escada à varanda da casa; reconstrução do muro de suporte da entrada; instalação de um sistema de rega automática.	107.772,29€
<b>Jardim do Paço Vitorino</b>	Ponte de Lima	Limpeza e recuperação do sistema de minas de água; restauro/reconstrução dos muros de suporte e reparação de canais, tanques e fontes.	83.149,24€
<b>Jardim da Casa de Juste</b>	Lousada	Construção/recuperação de caminhos, muros, telheiros e drenagem; limpeza e reconstrução de estatuária; construção de tanque para armazenamento e distribuição de água das minas; instalação de sistemas de rega automatizada.	74.795,00€
<b>Jardim Botânico da Universidade de Coimbra</b>	Coimbra	Recuperação do sistema de canais subterrâneos e recolção de água para irrigação/regagem automática; implementação de um sistema de rega/irrigação automático com recurso ao sistema gota-a-gota e regagem local para otimização e melhoramento da gestão da água; abertura de um furo; limpeza e levantamento da fonte de Santa Escolástica, da fonte e das minas da mata.	52.843,01€
<b>Quinta das Lágrimas</b>	Coimbra	Restauro da Fonte e Cano dos Amores; restauro dos muros de suporte da mata; reparação do tanque de prensa da azeitona e respetivos ductos; impermeabilização dos lagos e recuperação da cascata; drenagem do prado e construção de lago com 305 m <sup>3</sup> para regagem.	158.198,34€
<b>Quinta das Machadas</b>	Setúbal	Restauro das condutas do aqueduto e duas noras; reparação dos canais, tanques, fontes e recuperação da água para o sistema automático de regagem, bem como pérgolas, bancos e elementos construídos.	84.748,50€
<b>Paço de Belas e Quinta do Senhor da Serra</b>	Sintra	Restauro do lago do jardim de buxo; restauro do muro entre o paço e a capela; restauros pontuais no muro exterior do paço; recuperação do pavimento da alameda dos plátanos e da zona envolvente da cascata.	26.745,00€
<b>Quinta de Santo António</b>	Lisboa	Limpeza e reativação do poço e cisterna; reconstrução de parte do muro de pedra; limpeza dos lagos; restauro de uma fonte de conchas e parede verde, de um chafariz e de uma queda de água.	35.561,93€
<b>Quinta da Francelha</b>	Loures	Regeneração do sistema de drenagem do pátio de entrada, do jardim e da horta; restauro da cascata de embrechados.	19.436,22€
<b>Investimento total nos 12 jardins históricos.....</b>			<b>936.012 €</b>
<b>Investimento total no projeto.....</b>			<b>1.084.324 €</b>
<b>Investimento proveniente do EEA GRANTS.....</b>			<b>650.594 €</b>

Fonte: Adaptado de Castel-Branco *et al.* (2010)

**Capítulo 5**

Quadro AII.20: Impactes de alguns jardins, de acordo com os estudos correspondentes

<b>Jardim</b>	<b>Diversos impactes</b>
<b>Alnwick Garden e Eden Project (Reino Unido)</b>	O <i>Alnwick Garden</i> ultrapassou as previsões de 67 mil visitantes anuais para 570 mil em 2003 (abriu em 2001), tornou-se num potencial catalisador para o desenvolvimento sustentável da região, teve logo um impacte positivo no aumento de chegadas de turistas à região, no aumento dos investimentos em hotelaria e na qualidade dos serviços, no aumento dos negócios locais (visitantes que depois se dirigiam a outras atrações da região e à própria cidade, criação de postos de trabalho e novos negócios). O <i>Eden Project</i> atraiu, em 2001, 500 mil visitantes adicionais para a Cornualha, gerando £111 milhões em proveitos diretos (£188 milhões indiretos e induzidos), 435 empregos no local, funcionando ainda como suporte de cerca de 3500 empregos na região (MINTER, 2004; SHARPLEY, 2007).
<b>Tatton Park (Reino Unido)</b>	Mais de £21 milhões de despesa bruta anual em resultado do parque, dos quais metade é atribuída à hospedagem do <i>RHS Show</i> (elevada taxa de dormidas e de despesas) em <i>Cheshire</i> e <i>Warrington</i> (C&W); £8,8 (C&W) e £6,6 milhões ( <i>North West Region/NWR</i> ) em vendas de bens e serviços relacionados (output); £3,3 (C&W) e £2,4 milhões (NWR) em VAB (salários e lucros gerados); 159 (C&W) e 119 (NWR) de empregos em <i>full time</i> equivalentes ao output registado. Visitas, eventos e despesas próprias geram £8,8 milhões de receita líquida anual na economia de C&W (£6,6 milhões na da NWR). Mais de 200 mil visitas de residentes locais (estimativa de 800 mil no total), mais de 120 visitas escolares provenientes de C&W e cerca de 300 da NWR, quase 6 mil (C&W) e 14 mil (NWR) crianças participam nos programas educativos, cerca de 80 voluntários (reformados), redução do custo anual da inatividade física adulta entre £5 e £27 mil; 56% dos residentes locais visitam por causa dos jardins e 22% para disfrutarem da paz e sossego do ambiente. Preservação da biodiversidade, uso de biodiesel nos veículos do parque, reutilização de águas, reciclagem, estimativa de 630 toneladas de carbono absorvidas pela floresta superando o impacte negativo das emissões dos carros (148 ton./ano). Proteção ativa de património e iniciativas educativas e culturais que contribuem também para a perceção positiva da região (SQW, 2007).
<b>Dessau-Wörlitz (Alemanha)</b>	Só a despesa primária dos visitantes de <i>Dessau-Wörlitz</i> gera cerca de 15 milhões de euros para a região da Alta Saxónia, um valor acrescentado de 12,5 milhões de euros, significando um impacte no emprego ao nível dos 430 postos de trabalho criados. Se consideradas o total de despesas (jardim e visitantes) é adicionado à região um volume de receita de cerca de 16 milhões, um VAB de 17 milhões e 500 empregos a tempo inteiro. A uma escala macroeconómica estes valores ascendem a 25 e 27 milhões e a 700 empregos. Neste âmbito a hotelaria e restauração são os setores que mais beneficiam (NORD/LB, 2002).
<b>Jardins da Áustria Federal</b>	Estima-se que mais de 14 milhões de euros sejam gerados na economia por sete jardins da Áustria Federal, contribuem para 347 empregos a tempo inteiro e mais 135 indiretos. As receitas fiscais ascendem a cerca de 4,3 milhões de euros. O impacte global dos jardins na economia pode chegar aos 638 milhões de euros, o valor total acrescentado pode atingir os 349 milhões, até 7600 empregos ou 6500 equivalentes são garantidos pelas atividades dos jardins, e o montante dos impostos e taxas pode ascender aos 107 milhões de euros (IWI/BRUNNER <i>et al.</i> , 2009).
<b>Serralves (Portugal)</b>	Em 2010, a atividade do complexo artístico-cultural gerou um impacte global sobre o PIB nacional de cerca de 40,6 milhões de euros, quase 1300 postos de trabalho em equivalente a tempo inteiro, gerou cerca de 20,7 milhões de euros em remunerações e 10,8 em receitas fiscais. O impacte indireto situou-se nos 19,3 milhões de euros do PIB e o induzido em 9,5 milhões de euros do PIB. A notoriedade de Serralves é superior a 6,6 milhões de euros sendo visitado por cerca de 400 mil visitantes. Foi confirmado ainda o seu impacte como entidade educativa e formadora de públicos e como símbolo da cidade do Porto (FS, 2013).

Fonte: Elaboração própria com base em MINTER (2004); SHARPLEY (2007); SQW (2007); NORD/LB (2002), IWI/BRUNNER *et al.* (2009) e FS (2013)

## Capítulo 6

Quadro AII.21: *Tours* de jardins em Portugal, duração e data\*, por operador turístico (2011-2016)

Operador Turístico/ Nacionalidade	Designação do <i>Tour</i> /Ano da realização	Duração	Data pré-definida
Episode-Travel (POR)	<i>Jardins e Flora da Madeira</i> (2012-2016)	6 dias	Não
	<i>Jardins e Paisagens do Norte de Portugal</i> (2012-2016)	4 dias	Não
	<i>Parques e Jardins (Lisboa)</i> (2012-2016)	4 dias	Não
	<i>Natureza e Jardins dos Açores</i> (2016)	4 dias	Não
Portugal Tours (POR)	<i>Jardins do Norte de Portugal em 5 dias</i> (2011-2016)	5 dias	Não
	<i>Jardins, Matas e Parques</i> (2012, 2013, 2014)	8 dias	Não
PORTAexpresso – Portugal Experience & Tours (POR)	<i>Passoio Pedestre Jardins de Setúbal</i> (2011, 2012)	1 dia	Não
	<i>Os Parques de Lisboa</i> (2011-2016)	8 horas (1 dia)	Não
Lisboasightseeing (POR)	<i>Rose Gardens Tour</i> (2011-2016)	1 dia	Não
	<i>Madeira Rose Garden Tour (NorthEast Coast)</i> (2011-2016)	1 dia	Não
Madeira-Tours (POR)	<i>É tempo de camélias... nos Açores</i> (2012)	8 dias	Sim (março)
	<i>Orquídeas no Porto; Camélias em Guimarães</i> (2012)	2 dias	Sim (março)
Madeira Island Tours (POR)	<i>As Camélias em Terras de Basto</i> (2013)	2 dias	Sim (março)
	<i>Os jardins e Parques mais fascinantes de Portugal</i> (2011-2016)	8 dias	Não
My Way Tours (POR)	<i>Jardins &amp; Flores (Madeira)</i> (2011- 2016)	Sem info.	Sem info.
	<i>Take me to Jardim Buddha</i> (2015, 2016)	8 horas (1 dia)	Não
Travel One Portugal (POR)	<i>À Descoberta dos Jardins de Guimarães</i> (2011-2016) (by Oficina da Natureza)	3 dias	Não
	<i>Madeira – Gardens of Madeira</i> (2011, 2012)	7 noites	Sim (março, abril, maio)
Bright Water Holidays (RU)	<i>In the shade of a Portuguese garden</i> (2012, 2013)	5 noites	Não
	<i>Madeira at its best</i> (2013-2016)	7 noites	Sim (abril e setembro)
Kirker Holidays (RU)	<i>Gardens of Lisbon and the Azores</i> (2016/2017) ( <i>RHS Garden Holidays</i> )	7 noites	Sim (abril, junho e agosto)
	<i>The gardens of Madeira</i> (? , 2012, 2013, 2014)	6 noites	Sim (jan, mar e novembro)
Susan Worner Tours (RU)	<i>Discovering Lisbon – Art, Garden and History Tours</i> (2013-2016)	5 noites	Sim (maio e outubro)
	<i>Portugal – Spring gardens of Lisbon and Sintra Hills</i> (2011-2016)	7 dias	Sim (abril)
Martin Randall (RU)	<i>Walking in Madeira Garden of the Atlantic</i> (2012, 2013, 2014, 2016)	6 dias	Sim (outubro/novembro)
	<i>Lisbon Neighbourhoods – Art, architecture &amp; gardens in and around the capital</i> (2012, 2013, 2014, 2015)	6 dias	Sim (abril)
Around & About Lisbon (RU)	<i>Gardens of Northern Portugal – Porto &amp; the Minho Valley</i> (2014-2016)	6 dias	Sim (abril)
	<i>The gardens of Lisbon Tour</i> (? , 2012, 2013, 2014, 2015, 2016)	8 horas (1 dia)	Não

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

<b>Collette Worldwide Holidays (RU)</b>	<i>Portugal's Gardens – featuring the Azores (Sintra) and Lisbon</i> (2014, 2015, 2016) (RHS Garden Holidays)	9 dias	Sim (março e abril)
<b>Individual Holidays Garden Tours (RU)</b>	<i>Madeira Flower Festival and Gardens of Funchal</i> (2011-2016) <i>Lisbon – Tiles, gardens and landscapes</i> (2013-2016) <i>Camellias and historic gardens of Northern Portugal</i> (2013-2016)	7 noites 4 noites 4 noites	Sim (abril) Sim (junho) Sim (março)
<b>Tours Gallery (AU)</b>	<i>Spain &amp; Portugal Gardens, Art and Culture Tour</i> (?; 2012, 2013, 2014)	Sem info.	Não
<b>Inspired Travel Worldwide (AU)</b>	<i>Gardens of Spain &amp; Portugal</i> (2013)	10 dias	Sim (?)
<b>Ross Tours (AU)</b>	<i>Spain &amp; Portugal – Gardens &amp; Glory</i> (2011)	22 dias/19 noites	Sim (maio)
<b>Renaissance Tours (AU)</b>	<i>Gardens of Andalucía and Portugal</i> (2013)	16 dias	Sim (abril/maio)
<b>Jacqueline Coates &amp; Trafalgar Tours (AU)</b>	<i>Arts &amp; Garden Tour to Spain, Portugal &amp; Morocco</i> (2013)	22 dias	Sim (outubro)
<b>Wattletree Horticultural Services (AU)</b>	<i>Garden Tour May 2011 Spain/Portugal/Wales</i> (2011)	25 dias	Sim (maio)
<b>The Tour Company/Flora Tours (NZ)</b>	<i>Gardens of Spain &amp; Portugal Tour</i> (?; 2012, 2013) <i>Spain, Portugal and Morocco Tour</i> (2014) <i>Gardens of Portugal &amp; Chelsea Flower Show</i> (2016)	10 dias - 14 dias	Sim (junho) - Sim (maio)
<b>Intermèdes (FR)</b>	<i>Jardins et demeures du Portugal</i> (2011-2016) <i>Madère aux mille parfums</i> (2011-2016) <i>Les jardins du Nord du Portugal</i> (2015, 2016)	5 dias 7 dias 6 dias	Sim (maio) Sim (maio/junho e setembro) Sim (setembro/outubro)
<b>Verdie Voyages (FR)</b>	<i>Madère – L'île aux fleurs</i> (2011-2016) <i>Quintas, Levadas e jardins ...</i> (?; 2012, 2013, 2014, 2015, 2016)	8 dias/7 noites 11 dias	Sim (abril/maio) Não
<b>Valescultural Services Portugal &amp; Spain (ES)</b>	<i>Gardens Tour</i> (2011-2016)	Sem info	Sem info
<b>Trip Connector (IT)</b>	<i>Il Tour dei Giardini – In Solares de Portugal</i> (2011, 2012, 2013)	8 dias	Não
<b>Cooper Smiths (EUA)</b>	<i>Springtime in Portugal: Gardens, Palaces &amp; Fine Arts</i> (2013)	11 dias/9 noites	Sim (maio)
<b>Away Network (EUA)</b>	<i>The Moors and the Mediterranean: The Gardens of Spain and Portugal</i> (?; 2012, ?)	Sem info.	Não
<b>Jeff Sainsbury Tours (EUA)</b>	<i>Gardens, Palaces, and Manor Houses of Portugal</i> (2014, 2015)	9 noites	Sim (maio)
<b>Gardening Tours (CAN)</b>	<i>Lisbon, Sintra and Madeira – Gardens, Art, History and Tiles!</i> (2017)	11 dias	Sim (abril)
<b>Private-guides (Sem info.)</b>	<i>Parks and Gardens of Portugal</i> (2011-2016) <i>Gardens of Portugal – Walking tour in Lisbon</i> (?; 2012, ?)	8 dias 1 dia a 1 semana	Não Não
<b>Total</b>	<b>35 operadores/54 tours</b>		

Fonte: Elaboração própria com base nos programas dos roteiros (2012, 2013, 2014, 2015 e 2016). Legenda: POR (Portugal), RU (Reino Unido), AU (Austrália), NZ (Nova Zelândia), FR (França), ES (Espanha), IT (Itália), EUA (Estados Unidos da América), CAN (Canadá), Sem info. (Sem informação), ? (Informação não apurada).

\*Os dados apresentados relativamente à duração e data de realização destes *tours* referem-se à informação disponibilizada à última data de realização de cada um.

**Capítulo 7**

Quadro AII.22: Jardins com questionário enviado (fontes principais e complementares)

Região	Designação do jardim	I – Fontes principais						II – Fontes complementares			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Norte	1. Palácio/Quinta da Brejoeira	21									
	2. Paço de Calheiros	28	D					2			
	3. Casa de Nossa Senhora d'Aurora										
	4. Quinta da Boa Viagem	36	D								
	5. Quinta do Paço de Palmeira	20									
	6. Cerca Mosteiro S. Martinho de Tibães	36	D					1			
	7. Casa dos Biscainhos	25						4			
	8. Bom Jesus do Monte							3			
	9. Casa de Assade	34	D								
	10. Quinta de Pindela										
	11. Casa/Palácio de Vila Flor	26						1			
	12. Quinta da Cancela										
	13. Casa de Sezim							1			
	14. Paço de São Cipriano	30	D					2			
	15. Casa do Campo	26	D					5			
	16. Solar do Souto							1			
	17. Casa de Mateus	28						5			
	18. Casa de Pascoaes	34									
	19. Quinta da Aveleda	24						6			
	20. Casa de Recarei (Quinta do Alão)	17	D					1			
	21. Jardim Botânico Porto	29						1	PN		
	<b>22. Parque de Serralves</b>	30						6	PN		
	23. Palácio de Cristal							1	PN		
	24. Quinta do Meio – Casa Tait										
	25. Quinta de Vilar d'Allen	27						2	PN		
	26. Jardins do Palácio do Freixo							1			
	27. Jardins da Quinta da Prelada								PN		
	28. Casa Barbot	21									
	29. Quinta de Santo Inácio de Fiães	28						1			
	30. Casa de Tormes	29									
	31. Casa de Juste										
	32. Quinta da Fisga	21									
Centro	33. Casa da Ínsua	34	D						C		
	34. Casa de Santar	27	D						C		
	35. Casa do Soito ou Paço dos Cunhas	26							C		
	36. Quinta da Ponte – Faia	32	D								
	37. Mata e Hotel do Buçaco	37						3	C		
	38. Parque das Termas da Curia								C		
	<b>39. Jardim Botânico de Coimbra</b>	36						5	C		
	40. Quinta das Canas – Lapa dos Esteios								C		
	41. Quinta das Lágrimas	34							C		
	42. Conímbriga	31						1			
	43. Paço Episcopal de Castelo Branco	34							C		
	44. Cerca do Convento de Cristo e Mata	37									
Lisboa	45. Jardim do Cerco (Mafra)	35							L		
	46. Palácio dos Arcebispos (Miltra)	32									
	47. Quinta da Regaleira	32						7	L		
	48. Parque de Monserrate	35						11	L		
	49. Palácio de Seteais	31						4	L		
	50. Palácio Nacional de Sintra	32						3			
	51. Parque da Pena	35						8			
	52. Jardins do Palácio de Queluz	33						11	L		
	53. Quinta/Palácio Marquês de Pombal	32						1	L		
	54. Quinta Real de Caxias	29							L		
	55. Casa da Pérgola							1			
	56. Quinta da Piedade										
	57. Quinta da Francelha de Cima										
	58. Quinta dos Azulejos	27	D					1			
	59. Parque do Monteiro-Mor	36						3		GL	
	<b>60. Palácio Fronteira</b>	33						10	L	GL	
	61. Fundação Calouste Gulbenkian	25						6	L	GL	

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

	62. Jardim Botânico da F. C. de Lisboa	26			6	L	GL
	63. Tapada das Necessidades	34	D			L	GL
	64. Jardim Botânico da Ajuda	32			5	L	GL
	65. Jardim Botânico Tropical	37			2	L	GL
	66. Tapada da Ajuda						GL
	67. Estufa Fria e Estufa Quente				7	L	GL
	68. Jardins Palácio Nacional de Belém					L	GL
	69. Jardim do Beau-Séjour						GL
	70. Quinta Fidalga ou Vale do Grou	27					
	71. Quinta da Bacalhoa	37			2		
Alentejo	72. Casa de Álamo	30					
	73. Quinta do Carmo/Qt Dona Maria	31	D		1		
	74. Convento de S. Paulo (Serra d'Ossa)	38	D				
	75. Convento do Espinheiro	34					
	76. Castelo do Alvito	33					
	77. Quinta de Santo António (Elvas)		D				
Madeira	78. Quinta da Boa Vista				3	M	GM
	79. Jardim Botânico da Madeira				7	M	GM
	80. Quinta das Cruzes				3	M	GM
	81. Jardim Tropical Monte Palace				3	M	GM
	82. Quinta do Palheiro Ferreiro				5	M	GM
	83. Quinta da Palmeira				3	M	GM
	84. Quinta/Parque do Monte				2		GM
	85. Jardim da Quinta da Vigia				1	M	GM
	86. Jardins do Reid's Palace Hotel				1		GM
	87. Quinta Jardins do Lago					M	GM
	88. Quinta do Arco					M	GM
89. Quinta do Poço da Câmara					M		
Açores	90. Mata – Jardim José do Canto				1		GA
	91. Jardim José do Canto				1		GA
	92. Jardim Botânico do Faial				1	A	GA
	93. Jardim Duque da Terceira					A	GA
	94. Parque Terra Nostra						GA
	95. Jardim de Santana						GA
	96. Quinta da Nasce Água						GA

Fonte: Elaboração própria

### Legenda:

- 1 – Estudo *Levantamento e Avaliação de Jardins Históricos para Turismo* (CASTEL-BRANCO, 1998)
- 2 – Publicação *Jardins Históricos. Poesia atrás dos Muros* (CASTEL-BRANCO, 2002) /D – jardins destacados
- 3 – Jardins associados da Associação Portuguesa dos Jardins Históricos em março de 2013
- 4 – Guia *Gardens of Spain and Portugal – a touring guide to over 100 of the best gardens* (SEGALL, 1999)
- 5 – Publicação *The Gardens of Portugal* (ATTLEE, 2008)
- 6 – *Site GardenVisit* (2013)
- 7 – *Tours/roteiros de jardins em Portugal 2011/2014/ N° de roteiros*
- 8 – *Sites das Entidades Regionais de Turismo nacionais* (PN – Turismo do Porto e Norte de Portugal; C – Entidade Regional de Turismo do Centro; L – Entidade Regional de Turismo da região de Lisboa; M – VisitMadeira/Câmara Municipal do Funchal/Madeira Web; A – Associação Regional de Turismo dos Açores)
- 9 – Outros Guias/Publicações (GL – *Guia dos parques, jardins e geomonumentos de Lisboa* (TRAVASSOS, 2009); GM – *The Gardens of Madeira* (LUCKHURST, 2010) e GA – *Parques e Jardins dos Açores – Azores Parks and Gardens* (ALBERGARIA, 2005)
- 10 – Inventário do Património Arquitetónico – Espaços Verdes (IHRU, 2013/2014)

Quadro AII.23: Relação de questionários enviados e devolvidos pelos proprietários/responsáveis dos jardins históricos, por região

Regiões	Enviados		Devolvidos			
	Nº	%	Nº	%/Total devolvidos	%/Total enviados por região	%/Total enviados
Norte	32	33,3	26	40,0	81,3	27,1
Centro	12	12,5	8	12,3	66,7	8,33
Lisboa	27	28,1	20	30,8	74,1	20,8
Alentejo	6	6,3	1	1,5	16,7	1,04
Madeira	12	12,5	7	10,8	58,3	7,29
Açores	7	7,3	3	4,6	42,9	3,13
<b>Total</b>	<b>96</b>	<b>100</b>	<b>65</b>	<b>67,7</b>		

Fonte: Elaboração própria



## Capítulo 8

Quadro AII.24: Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta e procura, em 2013 (a)

Indicadores		Bens Imóveis e Proteção			Museus		Galerias de arte	
		Total	Monumentos	MN	Nº	Visitantes	Nº	Exposições
<b>Portugal Continental</b>		<b>3.846</b>	<b>2.826</b>	<b>806</b>	<b>318</b>	<b>10.704.910</b>	<b>981</b>	<b>6.700</b>
<b>Região Norte</b>		<b>1.331</b>	<b>998</b>	<b>272</b>	<b>102</b>	<b>3.183.712</b>	<b>289</b>	<b>2.034</b>
<b>Grande Porto</b>		<b>209</b>	<b>158</b>	<b>43</b>	<b>24</b>	<b>1.866.540</b>	<b>110</b>	<b>831</b>
	Espinho	1	0	0	1	... <sup>a</sup>	3	15
	Gondomar	6	5	0	1	5.000	8	64
	Maia	3	2	2	1	10.242	5	30
	Matosinhos	20	12	6	4	... <sup>a</sup>	8	46
	<b>Porto (1º)</b>	<b>125</b>	<b>94</b>	<b>23</b>	<b>13</b>	<b>1.784.738</b>	<b>60</b>	<b>459</b>
	Póvoa de Varzim	12	10	2	1	18.706	6	66
	Valongo	3	3	1	1	9.332	6	36
	Vila do Conde	22	21	7	0	0	8	75
	V. N. Gaia	17	11	2	2	23.993	6	40
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Porto</b>	<b>59,8</b>	<b>59,5</b>	<b>53,5</b>	<b>54,2</b>	<b>95,6</b>	<b>54,5</b>	<b>55,2</b>
	<b>Região Norte</b>	<b>9,4</b>	<b>9,4</b>	<b>8,5</b>	<b>12,7</b>	<b>56,1</b>	<b>20,8</b>	<b>22,6</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	<b>2,9</b>	<b>4,1</b>	<b>16,7</b>	<b>6,1</b>	<b>6,9</b>
<b>Região Centro</b>		<b>1.064</b>	<b>836</b>	<b>186</b>	<b>88</b>	<b>1.323.318</b>	<b>255</b>	<b>1.702</b>
<b>Baixo Mondego</b>		<b>148</b>	<b>120</b>	<b>37</b>	<b>10</b>	<b>426.219</b>	<b>30</b>	<b>235</b>
	Cantanhede	6	6	1	1	12.690	3	23
	<b>Coimbra (1º)</b>	<b>55</b>	<b>41</b>	<b>28</b>	<b>7</b>	<b>...<sup>a</sup></b>	<b>14</b>	<b>82</b>
	Condeixa-a-Nova	11	9	2	1	... <sup>a</sup>	4	13
	Figueira da Foz	42	38	2	0	0	4	52
	Mira	2	2	0	1	12.376	2	... <sup>a</sup>
	Montemor-o-Velho	23	18	2	0	0	1	... <sup>a</sup>
	Penacova	5	3	1	0	0	2	... <sup>a</sup>
	Soure	4	3	1	0	0	0	0
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Baixo Mondego</b>	<b>37,2</b>	<b>34,2</b>	<b>75,7</b>	<b>70,0</b>	<b>...</b>	<b>46,7</b>	<b>34,9</b>
	<b>Região Centro</b>	<b>5,2</b>	<b>4,9</b>	<b>15,1</b>	<b>8,0</b>	<b>...</b>	<b>5,5</b>	<b>4,8</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>1,4</b>	<b>1,5</b>	<b>3,5</b>	<b>2,2</b>	<b>...</b>	<b>1,4</b>	<b>1,2</b>
<b>Lisboa</b>		<b>636</b>	<b>456</b>	<b>103</b>	<b>75</b>	<b>5.507.574</b>	<b>256</b>	<b>1832</b>
<b>Grande Lisboa</b>		<b>517</b>	<b>366</b>	<b>86</b>	<b>63</b>	<b>5.247.288</b>	<b>214</b>	<b>1527</b>
	Cascais	55	37	0	5	190.622	21	128
	<b>Lisboa (1º)</b>	<b>278</b>	<b>217</b>	<b>59</b>	<b>41</b>	<b>3.272.142</b>	<b>140</b>	<b>1059</b>
	Loures	23	16	3	0	0	5	30
	Mafra	30	25	2	4	254.518	6	39
	Oeiras	16	12	1	1	... <sup>a</sup>	5	52
	Sintra	69	28	15	7	... <sup>a</sup>	13	52
	Vila Franca de Xira	21	16	1	3	101.580	10	56
	Amadora	14	8	1	2	10.859	6	48
	Odivelas	11	7	4	0	0	8	63
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Lisboa</b>	<b>53,8</b>	<b>59,3</b>	<b>68,6</b>	<b>65,1</b>	<b>62,4</b>	<b>65,4</b>	<b>69,4</b>
	<b>Lisboa</b>	<b>43,7</b>	<b>47,6</b>	<b>57,3</b>	<b>54,7</b>	<b>59,4</b>	<b>54,7</b>	<b>57,8</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>7,2</b>	<b>7,7</b>	<b>7,3</b>	<b>12,9</b>	<b>30,6</b>	<b>14,3</b>	<b>15,8</b>

Fonte: INE – Anuário Estatístico da Região Norte, Centro e Lisboa 2013 (2014)<sup>a</sup> Segredo estatístico

Quadro AII.25: Posicionamento do Porto, Coimbra e Lisboa em função de alguns indicadores culturais relevantes no âmbito da oferta, em 2013 (b)

Regiões/Municípios	Indicadores	Recintos de espetáculos		Espetáculos ao vivo			Despesa das C.M. em atividades culturais e criativas		
		Total	Lugares n.º	Sessões	Espectadores		Receitas (Milhares €)	Total (€)	Por hab. (€)
					Total	Por/hab.			
<b>Portugal Continental</b>		<b>316</b>	<b>169.104</b>	<b>28.313</b>	<b>8.589.472</b>	<b>0,9</b>	<b>59.431</b>	<b>362.206</b>	<b>36,4</b>
<b>Região Norte</b>		<b>83</b>	<b>38.802</b>	<b>6.988</b>	<b>2.912.497</b>	<b>0,8</b>	<b>17.059</b>	<b>109.614</b>	<b>30,0</b>
<b>Grande Porto</b>		<b>28</b>	<b>15.003</b>	<b>3.951</b>	<b>1.375.974</b>	<b>1,1</b>	<b>14.102</b>	<b>27.791</b>	<b>21,8</b>
Espinho		1	180	63	13.283	0,4	49	991	32,3
Gondomar		1	245	12	6.865	... <sup>b</sup>	98	4.222	25,2
Maia		1	752	102	8.138	0,1	22	2.479	18,2
Matosinhos		2	460	272	19.982	0,1	65	2.876	16,4
<b>Porto (1º)</b>		<b>15</b>	<b>10.414</b>	<b>2.936</b>	<b>1.163.097</b>	<b>5,2</b>	<b>12.753</b>	<b>8.901</b>	<b>39,6</b>
Póvoa de Varzim		1	296	20	22.925	0,4	3	3.589	56,8
Valongo		0	0	123	52.100	0,5	11	594	6,3
Vila do Conde		3	1.328	44	11.588	0,1	120	2.703	33,9
V. N. Gaia		4	1.328	379	77.996	0,3	980	1.436	4,7
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Porto</b>	<b>53,6</b>	<b>69,4</b>	<b>74,3</b>	<b>84,5</b>	<b>---</b>	<b>90,4</b>	<b>32,0</b>	<b>---</b>
	<b>Região Norte</b>	<b>18,1</b>	<b>26,8</b>	<b>42,0</b>	<b>39,9</b>	<b>---</b>	<b>74,8</b>	<b>8,1</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>4,7</b>	<b>6,2</b>	<b>10,4</b>	<b>13,5</b>	<b>---</b>	<b>21,5</b>	<b>2,5</b>	<b>---</b>
<b>Região Centro</b>		<b>85</b>	<b>37.987</b>	<b>4.605</b>	<b>1.327.064</b>	<b>0,6</b>	<b>2.260</b>	<b>98.812</b>	<b>43,1</b>
<b>Baixo Mondego</b>		<b>9</b>	<b>7.875</b>	<b>1.082</b>	<b>232.820</b>	<b>0,7</b>	<b>869</b>	<b>18.741</b>	<b>57,7</b>
Cantanhede		0	0	161	33.012	0,9	0	574	15,8
<b>Coimbra</b>		<b>5</b>	<b>1.300</b>	<b>710</b>	<b>135.178</b>	<b>1,0</b>	<b>482</b>	<b>12.529</b>	<b>90,8</b>
Condeixa-a-Nova		0	0	0	0	0,0	0	1.781	102,7
Figueira da Foz		4	6.575	146	55.880	0,9	373	2.074	33,8
Mira		0	0	0	0	0,0	0	527	42,9
Montemor-o-Velho		0	0	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	435	16,7
Penacova		0	0	0	0	0,0	0	324	21,9
Soure		0	0	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	497	26,7
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Baixo Mondego</b>	<b>55,5</b>	<b>16,5</b>	<b>65,6</b>	<b>58,1</b>	<b>---</b>	<b>55,5</b>	<b>66,9</b>	<b>---</b>
	<b>Região Centro</b>	<b>5,9</b>	<b>3,4</b>	<b>15,4</b>	<b>10,2</b>	<b>---</b>	<b>21,3</b>	<b>12,7</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>1,9</b>	<b>0,8</b>	<b>2,5</b>	<b>1,6</b>	<b>---</b>	<b>0,8</b>	<b>3,5</b>	<b>---</b>
<b>Lisboa</b>		<b>90</b>	<b>58.774</b>	<b>12.921</b>	<b>3.174.901</b>	<b>1,1</b>	<b>36.773</b>	<b>83.013</b>	<b>29,5</b>
<b>Grande Lisboa</b>		<b>68</b>	<b>51.537</b>	<b>10.901</b>	<b>2.697.669</b>	<b>1,3</b>	<b>35.852</b>	<b>55.723</b>	<b>27,4</b>
Cascais		7	1.622	207	26.662	0,1	156	3.575	17,2
<b>Lisboa</b>		<b>41</b>	<b>44.449</b>	<b>8.055</b>	<b>2.143.578</b>	<b>4,1</b>	<b>28.934</b>	<b>34.214</b>	<b>65,4</b>
Loures		3	780	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	...	... <sup>a</sup>	2.303	11,4
Mafra		3	348	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	...	... <sup>a</sup>	816	10,2
Oeiras		5	1.503	707	273.228	1,6	6.117	2.482	14,4
Sintra		5	2.049	467	71.383	0,2	366	3.998	10,5
Vila Franca de Xira		1	104	566	119.795	0,9	9	4.069	29,3
Amadora		2	287	177	17.715	0,1	47	3.129	17,8
Odivelas		1	395	705	43.534	0,3	222	1.136	7,6
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Lisboa</b>	<b>60,3</b>	<b>86,2</b>	<b>73,9</b>	<b>79,5</b>	<b>---</b>	<b>80,7</b>	<b>61,4</b>	<b>---</b>
	<b>Lisboa</b>	<b>45,5</b>	<b>75,6</b>	<b>62,3</b>	<b>67,5</b>	<b>---</b>	<b>78,7</b>	<b>41,2</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>13,0</b>	<b>26,3</b>	<b>28,4</b>	<b>25,0</b>	<b>---</b>	<b>48,7</b>	<b>9,4</b>	<b>---</b>

Fonte: INE – Anuário Estatístico da Região Norte, Centro e Lisboa 2013 (2014)<sup>a</sup>Segredo estatístico; <sup>b</sup>Sem informação

Quadro AII.26: Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função de indicadores turísticos relevantes no âmbito da oferta e respetiva variação (2001-2013)

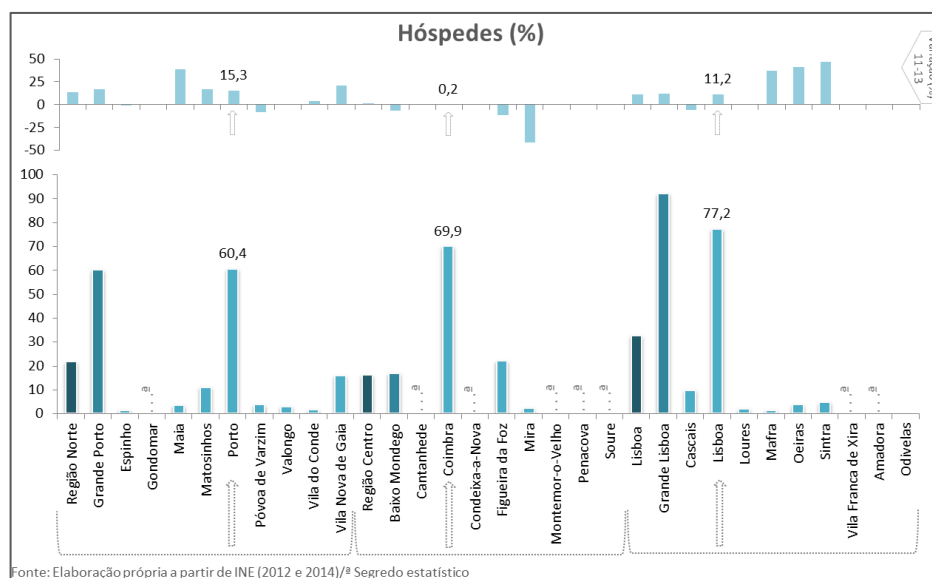
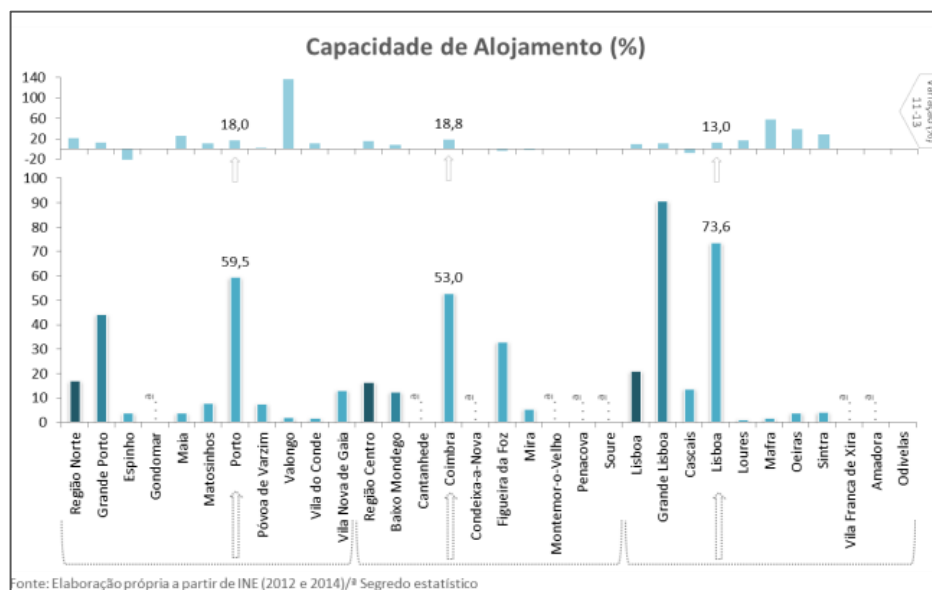
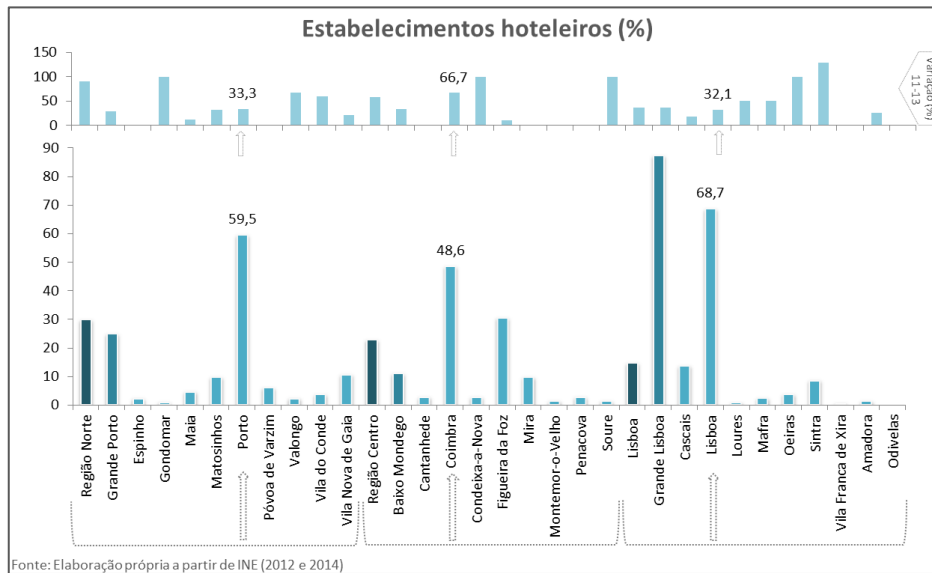
Indicadores	Total de estabelecimentos		Capacidade de alojamento		Capacidade alojamento/ 1000 habit. 2013	Variação (2001-2013)		
	(a)		(b)			(a)	(b)	
Regiões/Municípios	2001	2013	2001	2013				
<b>Portugal Cont.</b>	<b>1.781</b>	<b>2.869</b>	<b>228.665</b>	<b>285.140</b>	<b>28,7</b>	<b>61,1</b>	<b>24,7</b>	
<b>Região Norte</b>	<b>392</b>	<b>860</b>	<b>29.523</b>	<b>48.894</b>	<b>13,4</b>	<b>119,4</b>	<b>65,6</b>	
<b>Grande Porto</b>	<b>146</b>	<b>215</b>	<b>12.628</b>	<b>21.689</b>	<b>17,0</b>	<b>47,3</b>	<b>71,8</b>	
Espinho	5	5	860	838	27,3	0,0	-2,6	
Gondomar	2	2	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	0,0	...	
Maia	9	10	367	831	6,1	11,1	126,4	
Matosinhos	10	21	609	1.735	9,9	110,0	184,9	
<b>Porto</b>	<b>90</b>	<b>128</b>	<b>7.496</b>	<b>12.905</b>	<b>57,4</b>	<b>42,2</b>	<b>72,2</b>	
	(1º)	(1º)	(1º)	(1º)	(1º)			
Póvoa de Varzim	12	13	1.459	1.665	26,4	8,3	14,1	
Valongo	1	5	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	400,0	...	
Vila do Conde	3	8	115	374	4,7	166,7	225,2	
Vila Nova de Gaia	14	23	1.644	2.854	9,4	64,3	73,6	
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Porto</b>	<b>61,6</b>	<b>59,5</b>	<b>59,4</b>	<b>59,5</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Região Norte</b>	<b>23,0</b>	<b>14,9</b>	<b>25,4</b>	<b>26,4</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>5,0</b>	<b>4,5</b>	<b>3,3</b>	<b>4,5</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
<b>Região Centro</b>	<b>369</b>	<b>656</b>	<b>30.839</b>	<b>47.176</b>	<b>20,6</b>	<b>77,8</b>	<b>53,0</b>	
<b>Baixo Mondego</b>	<b>57</b>	<b>72</b>	<b>5.080</b>	<b>5.936</b>	<b>18,3</b>	<b>26,3</b>	<b>16,9</b>	
Cantanhede	2	2	...	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	...	...	
<b>Coimbra</b>	<b>23</b>	<b>35</b>	<b>2.169</b>	<b>3.149</b>	<b>22,8</b>	<b>52,2</b>	<b>45,2</b>	
	(1º)	(1º)	(1º)	(1º)	(3º)			
Condeixa-a-Nova	1	2	90	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	100,0	...	
Figueira da Foz	22	22	2.203	1.963	32,0	0,0	-10,9	
Mira	8	7	343	335	27,3	-12,5	-2,3	
Montemor-o-Velho	-	1	-	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	...	...	
Penacova	1	2	...	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	100,0	...	
Soure	-	1	-	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	...	...	
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Baixo Mondego</b>	<b>40,4</b>	<b>48,6</b>	<b>42,7</b>	<b>53,0</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Região Centro</b>	<b>6,2</b>	<b>5,3</b>	<b>7,0</b>	<b>6,7</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>1,3</b>	<b>1,2</b>	<b>1,0</b>	<b>1,1</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
<b>Lisboa</b>	<b>283</b>	<b>425</b>	<b>41.839</b>	<b>60.289</b>	<b>21,4</b>	<b>50,2</b>	<b>44,1</b>	
<b>Grande Lisboa</b>	<b>247</b>	<b>371</b>	<b>37.280</b>	<b>54.656</b>	<b>26,9</b>	<b>50,2</b>	<b>46,6</b>	
Cascais	43	51	7.877	7.530	36,1	18,6	-4,4	
<b>Lisboa</b>	<b>176</b>	<b>255</b>	<b>27.227</b>	<b>40.235</b>	<b>77,7</b>	<b>44,9</b>	<b>47,8</b>	
Loures	-	3	-	644	3,1	...	...	
Mafra	5	9	479	976	12,2	80,0	103,8	
Oeiras	4	14	483	2.136	12,4	250,0	342,2	
Sintra	15	32	1.214	2.263	6,0	113,3	86,4	
Vila Franca de Xira	2	2	...	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	0,0	...	
Amadora	2	5	...	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	150,0	...	
Odivelas	-	0	-	0	0,0	...	...	
<b>Representatividade (%)</b>	<b>Grande Lisboa</b>	<b>71,3</b>	<b>68,7</b>	<b>73,0</b>	<b>73,6</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Lisboa</b>	<b>62,2</b>	<b>60,0</b>	<b>65,1</b>	<b>66,7</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>9,9</b>	<b>8,9</b>	<b>11,9</b>	<b>14,1</b>	<b>---</b>	<b>---</b>	<b>---</b>

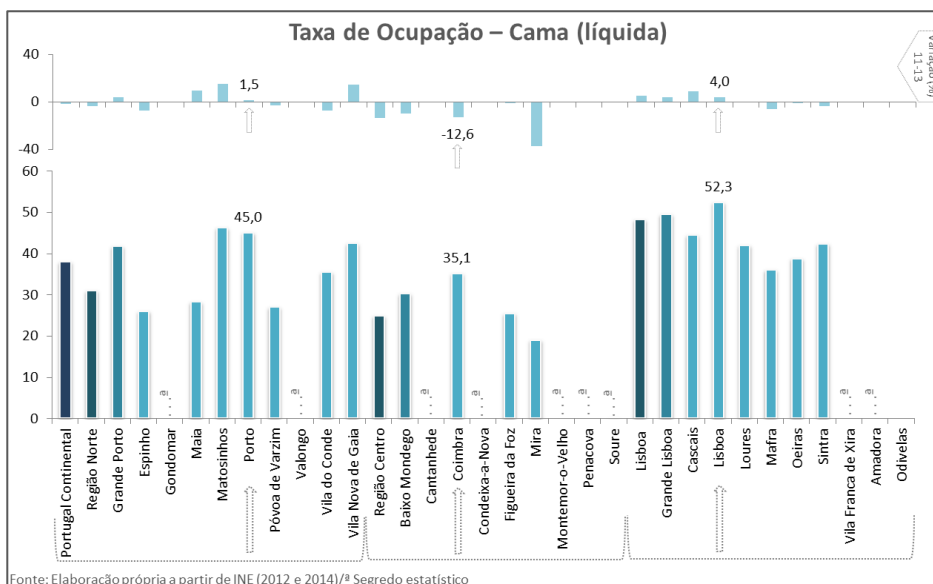
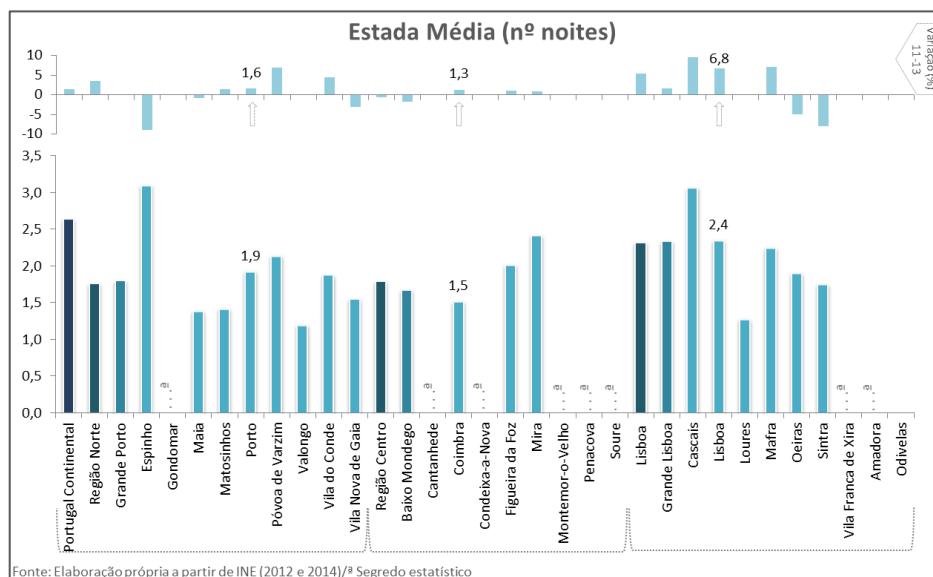
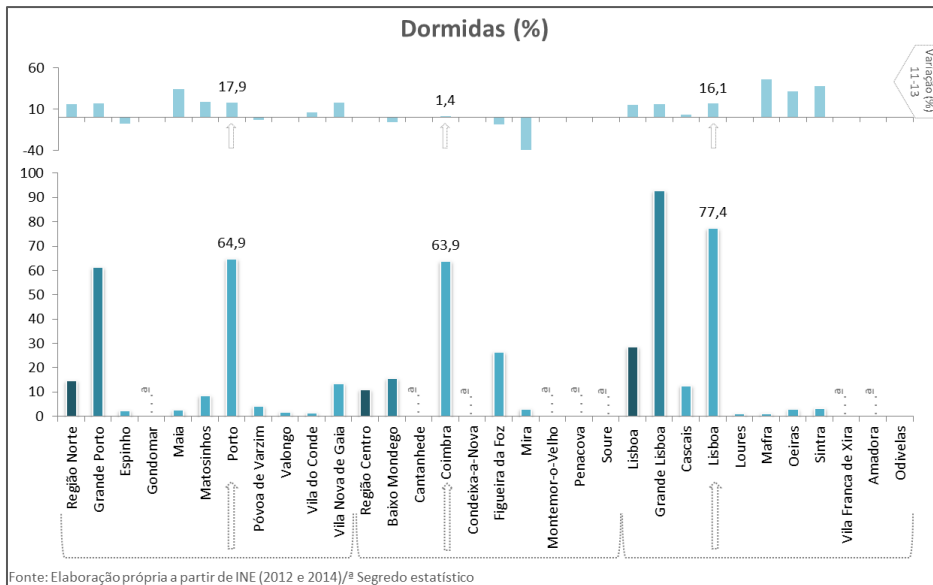
Fonte: INE – Anuário Estatístico da Região Norte, Centro e Lisboa 2013 (2014)<sup>a</sup> Segredo estatístico

Quadro AII.27: Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos principais indicadores turísticos no âmbito da procura, em 2013

Indicadores	Hóspedes	Dormidas	Estada Média no estabelecimento n.º noites (%)	Taxa de Ocupação - Cama (líquida %)	Proporção de Hóspedes Estrangeiros (%)	Proveitos de apostento por capacidade alojamento (milhares €)
<b>Regiões/Municípios</b>						
<b>Portugal Cont.</b>	<b>13.741.217</b>	<b>36.214.676</b>	<b>2,64</b>	<b>37,9</b>	<b>54,8</b>	<b>4,3</b>
<b>Região Norte</b>	<b>2.996.737</b>	<b>5.276.137</b>	<b>1,76</b>	<b>31,0</b>	<b>41,7</b>	<b>3,5</b>
<b>Grande Porto</b>	<b>1.804.062</b>	<b>3.241.848</b>	<b>1,80</b>	<b>41,75</b>	<b>52,0</b>	<b>4,9</b>
Espinho	25.536	79.250	3,10	25,91	50,0	2,5
Gondomar	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Maia	60.873	84.630	1,39	28,15	56,7	3,6
Matosinhos	197.273	279.727	1,42	46,16	22,2	4,7
<b>Porto</b>	<b>1.090.066</b>	<b>2.102.481</b>	<b>1,93</b>	<b>44,95</b>	<b>66,5</b>	<b>5,5</b>
	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(3º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>
Póvoa de Varzim	65.045	139.184	2,14	26,89	35,1	2,7
Valongo	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Vila do Conde	27.101	50.897	1,88	35,38	46,2	4,2
Vila Nova de Gaia	285.023	441.220	1,55	42,55	29,6	5,2
<b>Representati- vidade (%)</b>	<b>Grande Porto</b>	<b>64,9</b>	-	-	-	-
	<b>Região Norte</b>	<b>64,9</b>	-	-	-	-
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>7,9</b>	-	-	-	-
<b>Região Centro</b>	<b>2.241.208</b>	<b>4.022.416</b>	<b>1,79</b>	<b>24,84</b>	<b>34,6</b>	<b>2,5</b>
<b>Baixo Mondego</b>	<b>377.168</b>	<b>629.274</b>	<b>1,67</b>	<b>30,34</b>	<b>43,3</b>	<b>3,0</b>
Cantanhede	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
<b>Coimbra</b>	<b>263.705</b>	<b>401.868</b>	<b>1,52</b>	<b>35,06</b>	<b>47,9</b>	<b>3,4</b>
	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(3º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>
Condeixa-a-Nova	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Figueira da Foz	82.566	167.178	2,02	25,38	29,9	2,5
Mira	7.971	19.280	2,42	18,93	27,4	2,4
Montemor-o-Velho	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Penacova	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Soure	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
<b>Representa- tividade (%)</b>	<b>B. Mondego</b>	<b>63,9</b>	-	-	-	-
	<b>Região Centro</b>	<b>11,8</b>	-	-	-	-
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>1,9</b>	-	-	-	-
<b>Lisboa</b>	<b>4.469.396</b>	<b>10.386.705</b>	<b>2,32</b>	<b>48,24</b>	<b>67,4</b>	<b>7,2</b>
<b>Grande Lisboa</b>	<b>4.115.753</b>	<b>9.633.868</b>	<b>2,34</b>	<b>49,55</b>	<b>69,6</b>	<b>7,6</b>
Cascais	398.745	1.223.295	3,07	44,42	71,8	7,9
	<b>3.176.138</b>	<b>7.454.655</b>	<b>2,35</b>	<b>52,31</b>	<b>73,5</b>	<b>7,9</b>
	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(2º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>	<b>(1º)</b>
Loures	82.208	105.103	1,28	41,88	51,1	6,4
Mafra	55.910	125.743	2,25	35,92	48,0	3,3
Oeiras	148.790	282.480	1,90	38,71	40,5	4,5
Sintra	190.435	332.837	1,75	42,27	51,5	7,1
Vila Franca de Xira	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Amadora	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>
Odivelas	... <sup>a</sup>	... <sup>a</sup>	5,00	12,10	0,0	//
<b>Representa- tividade (%)</b>	<b>Grande Lisboa</b>	<b>77,4</b>	-	-	-	-
	<b>Lisboa</b>	<b>71,8</b>	-	-	-	-
	<b>Portugal Cont.</b>	<b>23,1</b>	-	-	-	-

Fonte: INE – Anuário Estatístico da Região Norte, Centro e Lisboa 2013 (2014)<sup>a</sup> Segredo estatístico





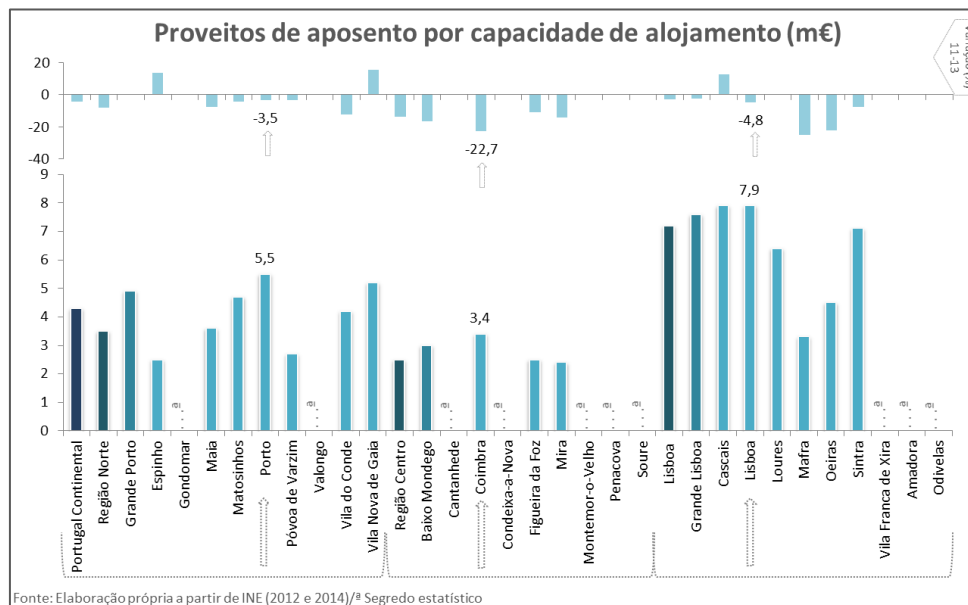
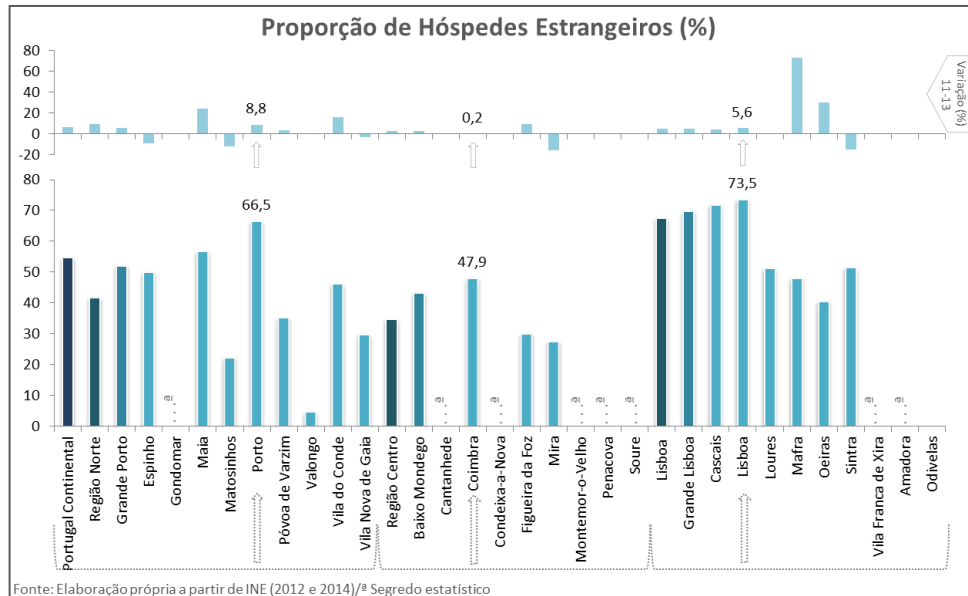


Figura AII.1 a AII.8: Posicionamento do município do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos principais indicadores turísticos relevantes no âmbito da oferta/procura (2013)

Quadro AII.28: Posicionamento do Porto, Coimbra e Lisboa em função dos Hóspedes (%) e Dormidas (%) e Dormidas (%), por país de residência habitual

Países Regiões/Municípios	Portugal		Alemanha		Espanha		França		Itália		Países Baixos		Reino Unido		EUA		Outros	
	H	D	H	D	H	D	H	D	H	D	H	D	H	D	H	D	H	D
<b>Portugal Continental</b>	45,2	33,5	5,1	7,3	9,1	8,1	5,3	5,4	2,3	2,1	2,9	5,2	8,8	15,7	2,4	2,0	18,9	18,9
<b>Região Norte</b>	58,3	50,0	3,3	4,1	10,4	11,3	6,2	7,8	2,2	2,4	1,5	1,9	2,1	2,9	1,5	1,7	14,6	14,6
<b>Grande Porto</b>	48,0	38,7	4,1	4,9	11,8	13,2	7,4	9,4	2,9	3,2	1,8	2,2	2,5	3,1	2,0	2,1	19,5	19,5
Espinho	50,0	46,1	3,5	4,0	20,1	18,8	8,4	8,1	1,4	1,4	2,6	3,7	1,5	2,1	0,7	0,7	11,7	11,7
Gondomar	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Maia	43,3	42,4	5,4	5,3	13,0	14,1	11,0	9,4	4,0	3,8	4,2	3,7	2,6	2,5	1,4	1,3	15,0	15,0
Matosinhos	77,8	66,8	1,8	2,8	5,7	8,3	3,0	4,6	1,2	1,6	0,4	0,6	1,1	1,6	0,3	0,5	8,8	8,8
<b>Porto</b>	33,5	28,1	5,0	5,5	14,4	14,8	8,8	10,5	4,0	4,0	2,2	2,6	2,9	3,1	2,8	2,8	26,2	26,2
Póvoa de Varzim	64,9	50,6	2,1	3,8	11,1	11,6	8,0	9,2	0,9	1,1	1,3	2,0	4,5	11,3	0,3	0,3	7,0	7,0
Valongo	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Vila do Conde	53,8	45,7	5,4	7,5	17,7	17,9	4,7	6,5	1,8	1,9	1,4	1,4	2,0	2,7	1,0	1,2	12,2	12,2
Vila Nova de Gaia	70,4	57,4	3,0	4,0	6,7	8,8	5,5	8,7	1,1	1,4	0,8	1,3	1,6	2,4	1,1	1,5	9,9	9,9
<b>Região Centro</b>	65,4	60,2	2,1	2,7	9,6	11,5	4,6	5,2	2,5	2,5	1,0	1,2	1,2	1,9	1,4	1,5	12,2	12,2
<b>Baixo Mondego</b>	56,7	54,4	3,0	3,1	10,0	11,3	5,2	6,1	3,6	3,1	1,5	1,8	1,2	1,4	1,5	1,4	17,3	17,3
Cantanhede	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
<b>Coimbra</b>	52,1	51,9	3,5	3,3	10,1	10,6	4,3	4,0	4,8	4,3	1,3	1,4	1,0	1,3	1,8	1,8	21,0	21,0
Condeixa-a-Nova	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Figueira da Foz	70,1	61,5	1,9	2,5	9,2	11,4	7,3	9,8	0,9	1,0	1,4	2,3	1,0	1,1	0,5	0,4	7,8	7,8
Mira	72,6	59,2	3,3	5,5	7,1	8,6	10,2	17,8	0,4	0,3	1,3	1,9	0,8	0,6	0,5	0,5	3,9	3,9
Montemor-o-Velho	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Penacova	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Soure	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
<b>Lisboa</b>	32,6	24,6	5,7	6,9	9,9	10,4	7,2	8,0	3,7	4,1	2,3	3,0	4,3	4,8	4,7	4,5	29,7	29,7
<b>Grande Lisboa</b>	30,4	22,8	5,8	7,1	9,6	9,9	7,4	8,2	4,0	4,3	2,4	3,0	4,5	5,0	5,0	4,8	30,9	30,9
Cascais	28,2	18,2	5,3	6,5	10,5	10,2	7,7	8,1	1,6	1,4	4,2	6,4	8,7	10,0	4,0	3,5	29,8	29,8
<b>Lisboa</b>	26,5	20,4	5,9	7,2	9,9	9,8	7,9	8,6	4,7	5,1	2,3	2,6	4,2	4,3	5,4	5,2	33,1	33,1
Loures	48,9	49,4	3,4	3,0	4,5	5,5	4,2	4,2	2,5	2,3	1,3	1,2	3,3	3,0	4,5	4,1	27,5	27,5
Mafra	52,0	41,8	28,7	29,9	4,2	5,5	3,0	3,6	0,9	0,9	2,1	4,8	1,5	3,0	0,6	0,6	6,8	6,8
Oeiras	59,5	51,6	1,7	2,7	9,0	13,0	2,7	4,0	0,9	1,3	0,9	1,5	2,2	3,3	1,1	1,5	21,8	21,8
Sintra	48,5	40,8	4,2	5,3	9,2	12,3	5,1	5,6	1,7	1,7	1,9	2,8	5,6	6,2	6,5	6,2	17,2	17,2
Vila Franca de Xira	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Amadora	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Odivelas	100,0	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Elaboração própria a partir de INE – Anuário Estatístico da Região Norte, Centro e Lisboa 2013 (2014)<sup>a</sup> Segredo estatístico





Fonte: Elaboração própria. Mapa Turístico Oficial do Porto (Turismo do Porto/VisitPorto – endereço eletrónico, 2015); Fotos: Da autora (2013, 2014 e 2015)

Figura AII.9: Enquadramento territorial/turístico do Parque de Serralves



Fonte: Elaboração própria. Mapa Turístico de Coimbra (Turismo de Coimbra – endereço eletrónico, 2015); Fotos: Da autora (2013, 2014 e 2015)

Figura AII.10: Enquadramento territorial/turístico do Jardim Botânico de Coimbra



Fonte: Elaboração própria. Mapa da Rede do Metropolitano de Lisboa (Metropolitano de Lisboa – endereço eletrónico, 2015); Fotos: Da autora (2013, 2014 e 2015)

Figura AII.11: Enquadramento territorial/turístico do Jardim do Palácio Fronteira

Quadro AII.29: Metodologias aplicadas por autores com estudos semelhantes

Autor/Data	Objetivo	Metodologia
GALLAGHER (1983)	Definir o perfil do visitante de jardins	Entrevistas a mais de 600 visitantes durante o verão de 1982.
TIPPLES & GIBBONS (1990) <i>Canterbury</i>	Investigar o turismo de jardins na área de <i>Canterbury</i>	Questionários distribuídos aos visitantes de 5 jardins da região de <i>Canterbury</i> (Nova Zelândia) na primavera de 1990, para serem completados pelos mesmos. Foram obtidos 284 questionários válidos.
CONNELL (2002) (PhD)	Definir o perfil do visitante de jardins	Aplicação de questionário a completar pelos próprios visitantes que foi distribuído pelos proprietários de um conjunto de 13 jardins localizados na Grã-Bretanha, dispensando a presença do investigador nessa recolha, durante 6 semanas (junho e julho de 2001). Foram distribuídos 1200 questionários e recolhidos 546 (taxa de resposta de 45,5%).
FOX (2007) (PhD)	Definir o perfil do visitante de jardins e dos potenciais visitantes	Questionários aos visitantes de um jardim ( <i>Compton Acres</i> ) em <i>Dorset</i> ; Entrevistas aos visitantes em atrações hortícolas em <i>Dorset</i> e <i>West Sussex</i> ; Questionários e entrevistas aos residentes de <i>East Dorset</i> e parte de <i>South-West Hampshire</i> .
BALLATYNE, PACKER & HUGHES (2008)	Perceber a consciencialização dos visitantes para a conservação, interesses e motivos para visitar jardins botânicos	Questionários aplicados no <i>Mt. Coori-tha Botanic Gardens</i> ( <i>Brisbane</i> – Austrália) a 150 visitantes durante 6 semanas, incluindo dias de semana, fins de semana e períodos de férias escolares. Um investigador, situado na entrada principal, abordava o visitante, adulto, e após breve explicação do estudo convidava-o a preencher o questionário antes de entrar no jardim.
KUKLA (2009) (Master)	Analisar a estrutura dos visitantes com incisão na questão da satisfação	Questionários aplicados no jardim <i>Tulln</i> (Áustria). Foram obtidos 539 questionários.
IW/BRUNNER, MAHLBERG & SCHNEIDER (2009)	Definir o perfil do visitante dos jardins históricos e determinar os seus impactos	Questionários aplicados durante um mês (maio/junho), em todos os dias da semana, em oito jardins da Áustria Federal tendo sido definidas quotas para cada um. Foram obtidos 750 questionários.
WARD, PARKER & SHACKLETON, 2010	Determinar o uso e perceção dos jardins botânicos como áreas verdes urbanas na África do Sul	Questionários aplicados aos visitantes de seis jardins botânicos em junho e julho de 2008 aos sábados, domingos, segundas e terças. A amostra por jardim variou entre os 50 e 76, tendo sido obtidos 336 questionários. Realização de entrevistas qualitativas a diversos responsáveis dos jardins (gestor, responsável do serviço educativo e diretor).
BAUER-KRÖSBACHER & PAYER (2012) (Projeto de Investigação)	Definir o perfil do visitante de jardins (identificar as suas características principais, motivações, necessidades e comportamentos) Definir o turismo de jardins	Questionários aplicados em quatro países diferentes (Áustria, Roménia, Bulgária e Irlanda), durante duas semanas em agosto de 2010 em simultâneo, que eram completados pelo inquirido na presença de profissionais ligados ao estudo. Não foi aplicada nenhuma técnica de amostragem em particular; apenas foram recolhidos tantos quantos possível num total de 954. Entrevistas semiestruturadas a 18 <i>experts</i> em turismo de jardins (operadores e responsáveis de jardins) de vários países da Europa.
KARASAH & VAR (2013)	Determinar as expectativas dos visitantes, as preferências espaciais e razões da visita	Questionário aplicado no <i>Nezahat Köknüği Botanical Garden</i> ( <i>Istanbul</i> – Turquia) em fins de semana e dias de semana. Foram obtidos 204 questionários.
CZAJCZYŃSKA-PODOLSKA (2014)	Identificar as motivações e necessidades dos visitantes; as ameaças aos jardins pelo aumento do uso e definir medidas protectionistas	Questionários aplicados no <i>Różanka</i> ( <i>Sczeczcin</i> – Polónia) em agosto e setembro de 2013. Foram obtidos 50 questionários.
POUYA, DEMIREL & POUYA (2015)	Identificar as razões para a visita ao jardim, o comportamento no jardim e como os visitantes usam o jardim	Questionários distribuídos de forma aleatória aos visitantes do jardim <i>El-Goli</i> ( <i>Tabriz</i> – Irão), a completar pelos próprios, em diferentes partes do jardim, a diferentes horas e em dias de semana, no inverno. Foram obtidos 100 questionários.

Fonte: Elaboração própria com base nos estudos referidos

Quadro AII.30: Visitantes do Parque de Serralves, por meses e média (2005-2012)

Anos Meses	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Total	Média (05-12)	%
<b>Janeiro</b>	3.5214	7.155	8.569	7.057	10.949	9.929	9.642	9.521	98.036	12.254,5	7,8
<b>Fevereiro</b>	7.991	9.049	8.918	9.758	13.297	8.649	9.939	11.784	79.385	9.923,1	6,3
<b>Março</b>	9.804	7.868	14.715	18.842	14.209	12.595	14.398	13.342	105.773	13.221,6	8,4
<b>Abril</b>	15.743	21.626	16.297	14.433	12.932	14.424	17.176	16.765	129.396	16.174,5	10,2
<b>Mai</b>	17.252	12.991	12.276	16.364	11.577	16.436	12.009	13.273	112.178	14.022,3	8,9
<b>Junho</b>	11.644	9.803	9.771	13.115	11.516	10.453	14.081	9.967	90.350	11.293,8	7,1
<b>Julho</b>	13.419	12.963	14.341	14.683	13.925	15.930	18.183	18.113	121.557	15.194,6	9,6
<b>Agosto</b>	16.377	17.797	17.919	19.557	19.268	21.481	21.703	23.096	157.198	19.649,8	12,4
<b>Setembro</b>	11.953	11.664	14.024	12.497	11.404	12.647	15.475	14.087	103.751	12.968,9	8,2
<b>Outubro</b>	12.065	13.452	14.938	12.850	13.840	13.597	16.453	12.727	109.922	13.740,3	8,7
<b>Novembro</b>	8.469	12.233	12.370	17.931	8.208	8.741	10.523	8.254	86.729	10.841,1	6,9
<b>Dezembro</b>	9.027	12.869	10.337	11.814	4.117	4.588	5.404	11.261	69.417	8.677,1	5,5
<b>Total</b>	<b>168.958</b>	<b>149.470</b>	<b>154.475</b>	<b>168.901</b>	<b>145.242</b>	<b>149.470</b>	<b>164.986</b>	<b>162.190</b>	<b>1.263.692</b>	<b>157.961,5</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fundação de Serralves (FS) (Entradas Museu + Parque e Parque) (2014)

Quadro AII.31: Visitantes do Jardim do Palácio Fronteira, por meses e média (2005-2012)

Anos Meses	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Total	Média (05-12)	%
<b>Janeiro</b>	278	264	289	355	260	243	273	430	2.393	299,1	3,3
<b>Fevereiro</b>	370	307	400	417	419	300	429	465	3.108	388,5	4,3
<b>Março</b>	549	486	768	719	666	587	627	748	5.149	643,7	7,2
<b>Abril</b>	859	975	1.199	1.105	1.098	1.151	1.313	1.488	9.188	1.148,5	12,8
<b>Mai</b>	1.228	1.077	1.351	1.268	1.041	1.038	1.150	1.632	9.786	1.223,2	13,6
<b>Junho</b>	688	673	414	744	853	754	860	704	5.691	711,4	7,9
<b>Julho</b>	874	713	1.171	737	707	858	908	1.068	7.036	879,5	9,8
<b>Agosto</b>	1.142	1.139	1.195	1.085	1.041	1.012	1.156	1.538	9.309	1.163,6	12,9
<b>Setembro</b>	671	986	824	889	814	985	1.001	1.263	7.433	929,2	10,3
<b>Outubro</b>	700	615	889	761	657	899	949	1.049	6.519	814,9	9,1
<b>Novembro</b>	344	307	536	310	306	439	455	728	3.425	428,1	4,8
<b>Dezembro</b>	357	326	349	292	302	358	417	451	2.852	356,4	4,0
<b>Total</b>	<b>8.061</b>	<b>7.870</b>	<b>9.384</b>	<b>8.681</b>	<b>8.166</b>	<b>8.624</b>	<b>9.538</b>	<b>11.564</b>	<b>71.888</b>	<b>8.986,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna (FCFA) (2014)

Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

Quadro AIII.32: Relação de Visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra e do Jardim Botânico de Coimbra, por meses e média (2005-2012)

Anos	2005			2006			2007			2008			2009		
	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total
Janeiro	2.239	339	2.578	1.706	555	2.261	1.447	162	1.609	2.337	250	2.587	3.409	483	3.892
Fevereiro	2.173	1.616	3.789	1.763	699	2.462	1.381	774	2.155	2.344	1.155	3.499	4.316	492	4.808
Março	3.905	1.884	5.789	1.991	2.697	4.688	2.245	2.361	4.606	4.544	1.305	5.849	6.959	2.176	9.135
Abril	4.156	1.320	5.476	3.947	855	4.802	4.099	999	5.098	4.882	1.591	6.473	14.410	2.042	16.452
Maió	4.730	1.107	5.837	3.892	1.561	5.453	3.660	1.396	5.056	6.323	1.826	8.149	12.451	2.261	14.712
Junho	4.654	1.215	5.869	6.071	1.918	7.989	2.749	868	3.617	5.294	2.185	7.479	12.462	1.523	13.985
Julho	8.532	498	9.030	6.774	523	7.297	5.999	532	6.531	6.184	313	6.497	17.601	779	18.380
Agosto	15.262	133	15.395	11.900	60	11.960	11.947	96	12.043	11.251	97	11.348	30.042	109	30.151
Setembro	6.182	405	6.587	4.913	100	5.013	4.955	179	5.134	6.031	119	6.150	16.156	360	16.516
Outubro	4.035	299	4.334	2.450	164	2.614	1.796	369	2.165	3.466	193	3.659	10.214	8	10.222
Novembro	2.697	612	3.309	2.101	94	2.195	1.920	291	2.211	1.338	528	1.866	5.155	8	5.163
Dezembro	1.378	476	1.854	1.749	0	1.749	2.774	169	2.943	1.921	381	2.302	4.314	8	4.322
<b>Total</b>	<b>59.943</b>	<b>9.904</b>	<b>69.847</b>	<b>49.257</b>	<b>9.226</b>	<b>58.483</b>	<b>44.972</b>	<b>8.196</b>	<b>53.168</b>	<b>55.915</b>	<b>9.943</b>	<b>65.858</b>	<b>137.489</b>	<b>10.249</b>	<b>147.738</b>

(Continuação)

Anos	2010			2011			2012			Total Geral 05-12	Média (05-12)	%
	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total	PTC	JBUC	Total			
Janeiro	3.889	414	4.303	3.520	460	3.980	3.184	104	3.288	24.498	3.062,3	3,2
Fevereiro	4.487	1.223	5.710	4.192	824	5.016	3.717	867	4.584	32.023	4.002,9	4,1
Março	7.671	2.134	9.805	6.493	2.563	9.056	5.210	2.453	7.663	56.591	7.073,9	7,3
Abril	13.516	2.146	15.662	14.042	1.444	15.486	9.177	1.675	10.852	80.301	10.037,6	10,3
Maió	13.483	1.579	15.062	13.441	1.590	15.031	8.188	917	9.105	78.405	9.800,6	10,1
Junho	11.135	1.986	13.121	11.047	1.334	12.381	9.027	802	9.829	74.270	9.283,8	9,6
Julho	17.158	799	17.957	15.870	471	16.341	16.058	444	16.502	98.535	12.316,9	12,7
Agosto	21.879	16	21.895	25.808	95	25.903	21.486	113	21.599	150.294	18.786,8	19,3
Setembro	15.405	181	15.586	15.287	132	15.419	12.094	99	12.193	82.598	10.324,8	10,6
Outubro	10.520	200	10.720	9.096	72	9.168	7.062	88	7.150	50.032	6.254,0	6,4
Novembro	3.936	178	4.114	3.927	240	4.167	3.418	136	3.554	26.579	3.322,4	3,4
Dezembro	3.881	240	4.121	3.458	77	3.535	2.798	55	2.853	23.679	2.959,9	3,0
<b>Total</b>	<b>126.960</b>	<b>11.096</b>	<b>138.056</b>	<b>126.181</b>	<b>9.302</b>	<b>135.483</b>	<b>101.419</b>	<b>7.753</b>	<b>109.172</b>	<b>777.805</b>	<b>97.225,6</b>	<b>100,0</b>

Fonte: DCT/CMC (2013 e 2015), TAVARES (2011, 2015), JBUC (2014)/PTC – Visitantes dos Postos de Turismo de Coimbra; JBUC – Visitantes guiados do jardim botânico

# Anexo III



Parque da Gulbenkian e Parque de Monserrate

*Questionários*

## AIII.1: Questionário 1 – Proprietários dos Jardins Históricos

**Questionário 1 - Proprietários dos Jardins Históricos (JH)**

O presente questionário faz parte de um conjunto alargado de estudos a realizar sobre os jardins enquanto atrações lúdico/turísticas e tem como principal objetivo conhecer a dimensão e as características atuais da oferta, assim como as perspetivas futuras do segmento através dos responsáveis por cada jardim de caráter/interesse histórico e turístico.

**Por ser um estudo pioneiro em Portugal agradece-se a todos os proprietários a máxima colaboração e cuidado no preenchimento do questionário** assim como a sua **devolução até 01 de março** utilizando para isso o envelope que se anexa. Agradecemos que leia atentamente todas as questões assim como as instruções de resposta e se certifique que respondeu a todas. Muito obrigada pela colaboração.

**Questão prévia:** Quem preenche o questionário?  Proprietário  Outro. Cargo/função: \_\_\_\_\_.

**I. Caracterização do jardim e sua organização:**

1. **Denominação do jardim:** \_\_\_\_\_.
2. **Localização do jardim:** a)  Na cidade  Na periferia da cidade  Em meio rural/aldeia  Isolado  
b) Localidade: \_\_\_\_\_ Freguesia: \_\_\_\_\_ Concelho: \_\_\_\_\_.
3. **Tipo (a) e Estilo (b) do jardim:**  
a)  Quinta de recreio  Jardim botânico  Cerca conventual  Tapada  Parque  Outro. \_\_\_\_\_  
b)  À francesa  À inglesa  À italiana  Sem estilo definido/generalista  Não sabe  Outro. \_\_\_\_\_.
4. **Área do jardim (ha):** \_\_\_\_\_.
5. **Época/Séc. do jardim:** \_\_\_\_\_.
6. **Objetivos da criação do jardim:** (assinale todos os que se aplicarem, sinalizando com 1º o principal)  
 Enquadramento de elemento principal (ex.: casa)  Usufruto/Satisfação pessoal  
 Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem  Fruição coletiva/uso lúdico e turístico  
 Recurso Educativo  Outro (s) \_\_\_\_\_.
7. **Elementos permanentes associados ao jardim:** (assinale tantos quantos tiver, ou assinale  Nenhum)  
 Casa/Solar  Palácio  Museu  Estufas/viveiros  Santuário  Mosteiro/Convento  Outro (s) \_\_\_\_\_.
8. **Equipamentos presentes no jardim/espaco:** (assinale tantos quantos tiver, ou assinale  Nenhum)  
 Café/bar/sala de chá  Restaurante  Loja  Instalações sanitárias  
 Parque infantil  Campo de jogos  Adega  Outro (s) \_\_\_\_\_.
9. **Entidade proprietária do jardim:**  Privado Singular  Inst. Pública  Inst. Privada  Inst. Púb./Priv.  
9.1. **Se for uma Instituição (Inst.), refira qual:** \_\_\_\_\_.
10. **Modelo de gestão do jardim:**  Privado  Público  Público/Privado  
10.1. **De que tipo?**  Singular  Familiar  Fundação  Sociedade Anónima  Outro \_\_\_\_\_.  
10.2. **O proprietário do jardim é também o explorador do jardim?**  Sim  Não
11. **O jardim está associado a outro negócio?**  Sim  Não 11.1. **Se Sim, qual?** \_\_\_\_\_.
12. **Origem do orçamento:**  Pessoal/Próprio  Estatal  Empresas privadas  Privados  Outro \_\_\_\_\_.
13. **Estado de conservação atual do jardim:**  Muito Bom  Bom  Razoável  Mau  Muito Mau
14. **O jardim está classificado ou dispõe de alguma proteção legal?**  Sim  Não  
14.1. **Se Sim, qual a classificação<sup>1</sup>?**  MN  IIP  IIM  Outra \_\_\_\_\_.
15. **Como classifica a acessibilidade do jardim?**  Muito Boa  Boa  Razoável  Má  Muito Má

**II. Caracterização do Proprietário/ Responsável do jardim:**

1. **Características gerais<sup>2</sup>:**  Proprietário Singular  Presidente  Diretor  Gestor/administr.  Outro \_\_\_\_\_.
- 1.1. **Sexo:**  Masculino  Feminino 1.2. **Idade:** \_\_\_\_\_.
- 1.3. **Nacionalidade:** \_\_\_\_\_.
- 1.4. **Habilitações Literárias:**  Nenhuma  1º Ciclo  2º Ciclo  3º Ciclo  Ensino Secundário  
 Ensino Superior ( Bacharelato  Licenciatura  Mestrado  Doutoramento)  Outra \_\_\_\_\_.
- 1.5. **Área de Formação:** \_\_\_\_\_.
- 1.6. **Profissão/Ocupação:** \_\_\_\_\_.
2. **O atual proprietário é o proprietário original do jardim?**  Sim  Não 2.1. **Há quantos anos o é?** \_\_\_\_\_.
3. **No caso de ser proprietário privado singular, e do jardim ter associado uma casa/palácio, faz desta a sua residência permanente?**  Sim  Não
- 3.1. **Se Não, a residência do proprietário é:** Localidade \_\_\_\_\_ . Concelho \_\_\_\_\_.

<sup>1</sup> MN – Monumento Nacional; IIP – Imóvel de Interesse Público; IIM – Imóvel de Interesse Municipal.

<sup>2</sup> No caso do proprietário ser privado singular as informações do ponto 1 devem referir-se a este; se for estatal/público, fundação ou outra instituição devem referir-se ao responsável máximo do jardim (presidente, diretor, gestor, administrador...), especificando a quem se referem.



**III. Informação relativa à visita e atividade lúdico/turística no jardim:**

- 1. Data (ano/século) da primeira abertura ao público:** \_\_\_\_\_;  Não sabe/Não há registo
- 1.1. Condições atuais de abertura: a)**  Todo o ano  Período limitado no ano. Qual? \_\_\_\_\_.
- b)**  Todos os dias  Só à semana  Só ao fim de semana  Outra situação \_\_\_\_\_.
- 2. Objetivos da abertura do jardim ao público:** (assinale todos os que se aplicarem, sinalizando com 1º o principal)
- Financeiros  Por ser membro da APJSH (Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos)
- Educativos/culturais  Gosto pessoal na partilha do património
- Preservação/conservação  Contribuir para o desenvolvimento local
- Conhecer/contactar com pessoas  Outro (s) \_\_\_\_\_.
- 3. Condições da entrada e visita ao jardim:**
- 3.1.**  Necessário marcação prévia  Sem marcação prévia
- 3.2.**  Gratuita  Paga (Quanto? Adultos \_\_\_\_\_; Crianças \_\_\_\_\_; Grupos \_\_\_\_\_)  Ambas as situações
- 3.3.**  Só visitas guiadas  Só visitas livres  Guiadas e livres
- 3.3.1. Se guiadas, indique a sua duração, em média:**  <30 min.  30/45 min.  1h  1h30  2h  >2h
- 4. Informação/formas de interpretação disponíveis ao visitante, no jardim:** (assinale as que se aplicarem, ou  Nenhuma)
- Informações à entrada/na aquisição de bilhete  Guias/livros  Visita guiada  Panfletos/flyers
- Placas a identificar as plantas  Placas e mapas ao longo do jardim  Outro (s) \_\_\_\_\_.
- 5. Indique o número de visitantes do jardim em:**
- 2010: \_\_\_\_\_; 2011: \_\_\_\_\_ 2012: \_\_\_\_\_; 2013: \_\_\_\_\_;  Não sabe/Não há recolha de dados
- 5.1. Se não sabe ao certo indique, em termos estimativos, em que intervalo se tem situado o nº de visitantes:**
- Menos de 100  101-500  501-1.000  1.001- 5.000  5.001- 10.000
- 10.001-50.000  50.001 - 100.000  100.001 - 250.000  Mais de 250.000
- 6. Indique os 5 principais países de origem dos visitantes, fazendo uma estimativa da sua percentagem (%):**
- Portugal (\_\_\_\_%)  Inglaterra (\_\_\_\_%)  Itália (\_\_\_\_%)  E.U.A. (\_\_\_\_%)
- Espanha (\_\_\_\_%)  Alemanha (\_\_\_\_%)  Rússia (\_\_\_\_%)  Outro (\_\_\_\_%) (\_\_\_\_%)
- França (\_\_\_\_%)  Holanda (\_\_\_\_%)  Brasil (\_\_\_\_%)  Não sabe
- 7. Desde que se encontra aberto ao público o número de visitantes tem:**
- Aumentado  Mantido  Diminuído  Não sabe
- 7.1. Se aumentou, indique o principal motivo:** \_\_\_\_\_.
- 7.2. Se diminuiu, indique o principal motivo:** \_\_\_\_\_.
- 7.3. A curto/médio prazo prevê que o nº de visitantes:**  Aumente  Mantenha  Diminua  Não sabe
- 8. Qual (ais) o (s) mês (meses) de maior afluência de visitantes?** \_\_\_\_\_.
- 9. Indique a (s) forma (s) de organização dos visitantes:** (assinale todas as que se aplicarem, sinalizando com 1º a principal)
- Grupos escolares  Grupos organizados por agências/operadores turísticos nacionais
- Individuais  Grupos organizados por agências/operadores turísticos internacionais
- Famílias  Outros grupos organizados: \_\_\_\_\_.
- 10. Das hipóteses seguintes, indique a que melhor define o visitante deste jardim, estimando a % para b):**
- a)**  visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas **b)**  Mais jovem (\_\_\_\_%)
- visitante com interesse específico por jardins e botânica  Mais maduro (\_\_\_\_%)
- visitante com interesse específico no design dos jardins  Mais idoso (\_\_\_\_%)
- visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado  Não sabe
- 11. Indique o nível de concordância ou discordância face aos seguintes motivos para a visita a este jardim:**  
(1- discordo totalmente; 2- discordo em parte; 3- não concordo nem discordo; 4- concordo, em parte; 5- concordo totalmente)
- a) Contacto com a natureza, ar livre (\_\_\_\_) Ex.: (4) g) Fica perto/a caminho de outra atração (\_\_\_\_)
- b) As diferentes espécies florísticas (\_\_\_\_) h) Fama e importância do jardim (\_\_\_\_)
- c) Ocupação dos tempos livres (\_\_\_\_) i) Procura de inspiração para jardim próprio (\_\_\_\_)
- d) Paz, tranquilidade, descanso (\_\_\_\_) j) Simples curiosidade (\_\_\_\_)
- e) Interação familiar/social (\_\_\_\_) l) Casa/Palácio/Museu ou outro associado (\_\_\_\_)
- f) Arquitetura/design do jardim (\_\_\_\_) m) Sem motivo específico, visita ocasional (\_\_\_\_)
- 12. Indique, por ordem de importância, os 3 principais motivos para a visita a este jardim:** (com base na lista anterior bastando indicar a), b), c)... ou indicando outros motivos que não se encontram listados)
- 1º \_\_\_\_\_; 2º \_\_\_\_\_; 3º \_\_\_\_\_

13. Indique as receitas totais do jardim em 2013 (ou 2012): \_\_\_\_\_ €;  Não sabe  Sem receitas

14. Promove e divulga o jardim de que é proprietário?  Sim  Não

14.1. Se Sim, como? (assinale todas as que se aplicarem, sinalizando com 1º a principal)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Página própria na internet                          | <input type="checkbox"/> Comunicação social (tv, rádio, imprensa escrita)           |
| <input type="checkbox"/> Redes sociais ( <i>facebook, twitter, blogues</i> ) | <input type="checkbox"/> Cartazes publicitários/ Panfletos/Brochuras/ <i>Flyers</i> |
| <input type="checkbox"/> Rotas e itinerários turísticos                      | <input type="checkbox"/> Eventos Internacionais                                     |
| <input type="checkbox"/> Feiras/certames da especialidade                    | <input type="checkbox"/> Em rede com outras atrações turísticas                     |
| <input type="checkbox"/> Através da APJSH e das suas atividades              | <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.   |

15. Promove algum tipo de animação/atividades no jardim?  Sim  Não

15.1. Se Sim, qual (ais)? (assinale todas as que se aplicarem, sinalizando com 1º a principal)

- |   |  |   |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Festas temáticas               | <input type="checkbox"/> Atividades desportivas                            | <input type="checkbox"/> Provas de vinhos |
| <input type="checkbox"/> Exposições/Conferências        | <input type="checkbox"/> Ateliers/Cursos de jardinagem e outros            | <input type="checkbox"/> Outras(s) _____. |
| <input type="checkbox"/> Percursos turístico-educativos | <input type="checkbox"/> Espetáculos culturais (música, teatro, dança,...) |   |

16. Este jardim integra algum roteiro/percurso turístico?  Sim  Não

16.1. Se Sim, a que nível?  Regional  Nacional  Internacional 16.1.1. Qual a designação? \_\_\_\_\_.

16.2. Se Não, gostaria ou estaria interessado em fazer parte de um?  Sim  Não

17. Equipamentos localizados próximos deste jardim: (assinale tantos quantos se verificarem, ou assinale  Nenhum)

- |   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Café/Restaurante   | <input type="checkbox"/> Hotel            | <input type="checkbox"/> Pensão/Residencial | <input type="checkbox"/> Outro tipo de alojamento |
| <input type="checkbox"/> Pontos de comércio | <input type="checkbox"/> Posto de turismo | <input type="checkbox"/> Outros jardins     | <input type="checkbox"/> Outros _____.            |

18. Estão localizadas outras atrações próximas desde jardim?  Sim  Não

18.1. Se Sim, quais? \_\_\_\_\_.

19. Classifique a relação de complementaridade entre este jardim e outras atrações do território:

- Muito forte  Forte  Normal  Muito ténue  Em construção  Não existe qualquer relação

20. Qual a importância da presença do jardim para a atratividade do território em que está inserido?

- Muito importante  Importante  Normal  Pouco importante  Nada importante

21. Existe alguma relação/articulação entre este jardim e outros jardins nacionais?  Sim  Não

22. Este jardim pertence a alguma Associação/Organização nacional ou internacional?  Sim  Não

22.1. Se Sim, qual (ais)? (Ex.: APJSH, *National Trust*...) \_\_\_\_\_.

23. Na sua opinião, quais são os pontos fortes/atrativos (a) e os pontos fracos (b) deste jardim?

a) \_\_\_\_\_.

b) \_\_\_\_\_.

24. Como classifica este jardim?  atração principal  atração secundária  simples jardim privado aberto

25. Relativamente a este jardim, indique o nível de concordância ou discordância (com um X) face às afirmações:

(1- discordo totalmente; 2- discordo em parte; 3- não concordo nem discordo; 4- concordo em parte; 5- concordo totalmente)

Nº	Afirmações:	1	2	3	4	5
1	É um bom representante da essência do jardim português.					
2	A vertente lúdico/turística está bem desenvolvida.					
3	É a principal atração e local obrigatório de visita da região.					
4	Ocupa um lugar residual na estrutura turística da região.					
5	É apenas um complemento do elemento e/ou da atividade principal.					
6	É bastante conhecido a nível nacional.					
7	É um jardim de renome internacional.					
8	Tem um papel importante nas necessidades lúdicas do público local.					
9	A maior parte dos residentes locais desconhece a sua existência.					
10	A diversidade de espécies constitui o principal atrativo.					
11	Não é feita promoção/divulgação por vontade do proprietário.					
12	A promoção feita ao jardim tem-se revelado eficaz.					
13	Tem cada vez mais público devido ao aumento de visitantes da região.					
14	A falta/deficiência de acessos condiciona a visita ao jardim.					
15	Não é do interesse do proprietário aumentar o número de visitantes.					
16	O público estrangeiro valoriza mais o jardim que o nacional.					
17	O público deste jardim não tem variado muito ao longo do tempo.					
18	As atividades recreativas disponíveis são pouco diversificadas.					
19	A informação disponibilizada ao visitante sobre o jardim é suficiente.					

26. Este jardim já foi alvo de alguma intervenção por meio de projeto (s) /programa (s) com vista ao seu desenvolvimento turístico (últimos 10 anos)?  Sim  Não

26.1. Se Sim, qual (ais)? \_\_\_\_\_.

**IV – Que lazer e turismo nos JH portugueses? Percepção dos proprietários/responsáveis**

1. Com base na realidade nacional preencha o quadro seguinte, com um X em cada afirmação, onde: 1- discordo totalmente; 2- discordo em parte; 3- não concordo nem discordo; 4- concordo em parte; 5- concordo totalmente

Que lazer e turismo nos JH portugueses? Situação atual e perspectivas futuras		1	2	3	4	5
Considerações gerais	1. Os jardins constituem atrações por si mesmos e por direito próprio.					
	2. Os jardins constituem apenas um complemento da visita quando estão associados a outra atração âncora (ex.: palácio, casa histórica, museu, ...).					
	3. A visita a jardins é descrita, atualmente, como um fenómeno e cada vez mais popular a nível internacional, mas a nível nacional é uma prática discreta.					
	4. Os jardins têm um papel importante no tempo/necessidades de lazer da sociedade atual.					
	5. Os jardins constituem recursos lúdicos/turísticos estratégicos dos territórios de inserção.					
	6. Os jardins são componentes importantes da imagem de um território.					
	7. A atividade lúdica/turística constitui o principal meio de salvaguarda dos jardins.					
	8. Portugal não tem uma cultura enraizada de interesse, valorização e usufruto de jardins.					
Situação atual	9. Os jardins ocupam uma posição marginal nos circuitos turísticos globais atuais do país.					
	10. Os jardins ocupam um lugar de destaque nos circuitos turísticos regionais.					
	11. O potencial lúdico/turístico dos jardins está subaproveitado.					
	12. A oferta está desajustada às necessidades e motivações dos mercados da procura de jardins.					
	13. Há uma falta de interesse dos proprietários em promover o lazer e o turismo nos jardins.					
	14. Tem havido um esforço dos proprietários em recuperar, preservar e promover os jardins.					
	15. Existem jardins com um património rico e capacidade atrativa que estão fechados ao público por manifesta falta de interesse e vontade dos proprietários.					
	16. O carácter privado de muitos jardins inviabiliza o seu desenvolvimento enquanto atração.					
	17. Há falta de investimento na recuperação do património e em mão de obra especializada.					
	18. A falta de qualidade e o mau estado de conservação de muitos jardins nacionais faz com que sejam espaços pouco interessantes para visitar.					
	19. A falta de capacidade financeira tem levado muitos jardins à degradação e até abandono.					
	20. A falta de informação e promoção tem condicionado as visitas e a atração de mais visitantes.					
	21. A estrutura lúdica/turística dos jardins é deficiente ou até mesmo inexistente.					
	22. Os jardins pouco mais têm para oferecer ao visitante do que o espaço e ambiente.					
	23. Os JH são procurados principalmente pela diversidade de espécies, as vistas e os azulejos.					
	24. Não existe uma política/estratégia nacional concertada de desenvolvimento turístico dos jardins.					
	25. Há cada vez mais público interessado em jardins e em visitá-los, pois é um tema da moda.					
	26. O principal mercado da procura deste tipo de jardins é estrangeiro.					
	27. O público nacional não tem conhecimento da existência da maior parte dos jardins.					
	28. O típico visitante dos jardins é, por norma, um apaixonado por jardinagem, plantas, botânica no geral e temas relacionados.					
	29. O visitante e apreciador de jardins é mais esclarecido e com maior capacidade económica.					
	30. Os visitantes procuram acima de tudo relaxar, descansar e desfrutar do ambiente.					
	31. Os <i>tours</i> /percursos de jardins existentes, nacionais e internacionais, estão pouco divulgados.					
Perspectivas futuras	32. Portugal tem recursos, em termos quantitativos e qualitativos, para construir um produto turístico de qualidade e atrativo.					
	33. É necessário desenvolver uma rede de jardins com programas de visitas diversificados.					
	34. A dinamização dos jardins passa por valorizar e promover os seus recursos.					
	35. É importante desenvolver atividades diversas e eventos/festivais dentro e fora de “muros”.					
	36. É urgente desenvolver e/ou melhorar conteúdos informativos e as formas de os transmitir.					
	37. É necessário criar uma marca que ateste a qualidade e notabilidade dos jardins à semelhança de França com o dístico “ <i>Jardin Remarquable</i> ”.					
	38. É essencial haver cooperação entre os diversos serviços/operadores para maximizar benefícios.					
	39. É fundamental que os operadores turísticos reconheçam e apostem neste nicho de mercado.					
	40. Os jardins por si só não terão futuro se não forem integrados em produtos compostos.					
	41. Os jardins e a sua visita nunca passarão de um complemento de outros produtos/destinos.					
	42. Continuará a existir apenas um conjunto escasso de jardins a constituir efetivas atrações.					
	43. O produto turismo de jardins em Portugal é uma utopia.					
	44. A visita a jardins tem um grande potencial e uma ampla margem de progressão no país.					
	45. Portugal pode tornar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo.					

2. Relativamente ao (maior) (des) envolvimento da vertente lúdica e turística nos JH portugueses, a sua posição é:

- Totalmente favorável     Favorável, em parte     Nem favorável, nem desfavorável     Desfavorável, em parte  
 Totalmente desfavorável

2.1. Justifique a sua opção anterior: \_\_\_\_\_.

2.2. Indique a principal: a) vantagem: \_\_\_\_\_.

b) obstáculo: \_\_\_\_\_.

Nota: Por favor indique os seus contactos: Tlf: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

AIII.2: Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em português)

**Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos**

O presente questionário faz parte de um conjunto de estudos a realizar sobre o lazer e turismo de jardins, no âmbito do doutoramento em Geografia pela Universidade de Coimbra, e tem como principal objetivo conhecer a dimensão e as características da procura do jardim histórico em Portugal, procurando responder às questões: Quem visita? Porque visita? Como visita? O que visita e faz durante a visita? Por ser pioneiro em Portugal agradece-se a todos os visitantes a máxima colaboração no preenchimento do questionário, que não demorará mais de 10/15 minutos. Este é anónimo, todos os dados serão tratados de forma confidencial e usados para fins meramente académicos. Muito obrigada pela colaboração.

**QUESTÃO PRÉVIA - Tipo de frequentador/ visitante do jardim:**

**Data:** \_\_\_\_\_

Turista (mais de 24h e menos de 1 ano fora da residência habitual, pernoita em alojamento)

**Jardim:** \_\_\_\_\_

Visitante de um dia/day-tripper (menos de 24h fora da residência habitual, regressa a casa)

**I. Características do visitante:**

**1. Dados gerais**

**1.1. Nacionalidade:**  Portuguesa  Outra. Qual? \_\_\_\_\_.

**1.2. Sexo:**  Masculino  Feminino **1.3. Idade:** \_\_\_\_\_.

**1.4. Habilitações Literárias (completa):**  Nenhuma  1º Ciclo  2º Ciclo  3º Ciclo  Ensino Secundário  
 Ensino Superior ( Bacharelato  Licenciatura  Mestrado  Doutoramento)  Outra. Qual? \_\_\_\_\_.

**1.5. Área de Formação:** \_\_\_\_\_ **1.6. Profissão/Ocupação:** \_\_\_\_\_.

**1.7. Residência: Localidade** \_\_\_\_\_ **Concelho (ou País/cidade)** \_\_\_\_\_.

**2. Informação relativa ao dia de hoje/situação atual do visitante:**

**2.1. Qual o primeiro motivo desta viagem/saída de casa?**

- Férias  Visita a familiares e amigos  
 Evento cultural  Negócios/profissional  
 Evento desportivo  Simples passeio recreativo  
 Evento religioso  Outro \_\_\_\_\_.

**2.1.1. Se está de férias, como as classifica?**

- Férias de sol e praia  Férias de saúde e bem-estar  
 Férias culturais  Férias de natureza  
 Outro \_\_\_\_\_.

**2.1.2. Quanto tempo estará de férias em Portugal?** \_\_\_\_\_.

**2.2. Se é turista, onde está hospedado/acomodado?**

- Hotel  Residência secundária (própria)  
 Pensão  Casa de familiares e/ou amigos  
 Residencial  Parque de Campismo  
 Outro \_\_\_\_\_.

**2.2.1. Em que Localidade?** \_\_\_\_\_.

**2.3. Já visitou outro (s) local (ais) turístico (s), hoje?**

- Sim  Não

**2.3.1. Se Sim, qual (ais)?** \_\_\_\_\_.

**2.4. Vai visitar outro (s) local (ais) turístico (s) depois deste jardim?**  Sim  Não

**2.4.1. Se Sim, qual (ais)?** \_\_\_\_\_.

**II. Hábitos de Lazer e Turismo - A) Gerais:**

**1. Que atividades lúdicas mais costuma praticar?<sup>1</sup>**

- Jardinagem  Leitura  Andar de bicicleta  
 Ver televisão  Andar/caminhar  Desporto em geral  
 Cozinhar  Outra (s) \_\_\_\_\_.

**2. Que tipo de atrações turísticas mais costuma visitar?<sup>1</sup>**

- Museus e galerias  Património construído  
 Património natural  Parques temáticos  
 Locais religiosos  Festivais/eventos tradicionais  
 Jardins (históricos)  Outra (s) \_\_\_\_\_.

<sup>1</sup> Assinalar todas as que se aplicarem.

**B) Específicos sobre jardins:**

**3. Tem jardim em casa?**  Sim  Não

**3.1. Gosta de jardinagem?**  Sim  Não

**3.1.1. Costuma praticar?**  Sim  Não

**4. É um (a) visitante de jardins:**  Habitual  Ocasional

**4.1. Com que frequência costuma visitar jardins?**

- Todos os dias  Pelo menos 1 vez/semana  
 Pelo menos 1 vez/mês  Pelo menos 1 vez/ano  
 Duas ou mais/ano  Outra situação \_\_\_\_\_.

**4.2. Quando é que habitualmente visita jardins?**

- 1)  Só em férias  Sobretudo em férias  Todo o ano  
2)  Fim de semana  Semana  Nas duas situações

**5. Indique o principal motivo porque visita jardins:** \_\_\_\_\_.

**6. Costuma visitar jardins:**  Sozinho (a)  Acompanhado (a)

- É indiferente  Depende das situações

**7. Costuma visitar jardins com entrada:**

- Paga  Gratuita  Nas duas situações

**8. Costuma visitar jardins com visitas:**

- Guiadas  Livres  Nas duas situações

**9. Já visitou outros jardins em Portugal?**  Sim  Não

**9.1. Se Sim, dê alguns exemplos:** \_\_\_\_\_.

**10. Já visitou jardins no estrangeiro?**  Sim  Não

**11. Das situações seguintes, indique as que já visitou:<sup>1</sup>**

- Estufas  Festivais de jardins/flores  
 Viveiros/C. jardinagem  Eventos de jardinagem  
 Nenhuma destas

**12. Para si, quais os aspetos positivos da visita a um jardim?**

- Contacto com a Natureza  Interação familiar/social  
 Momentos de paz e evasão  Aprender sobre história/plantas  
 Outro (s) \_\_\_\_\_.

**13. Indique, com 3 palavras, o que é para si um jardim:** \_\_\_\_\_

<p><b>14. Das hipóteses seguintes, qual a que melhor o define?</b>  <input type="checkbox"/> visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas  <input type="checkbox"/> visitante com interesse específico por jardins e botânica  <input type="checkbox"/> visitante com interesse específico no design dos jardins  <input type="checkbox"/> visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado</p> <p><b>15. Pertence ou é sócio de alguma Associação/Organização relacionada com/a jardins?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>15.1. Se Sim, qual (ais)?</b> _____.</p> <p><b>16. Para si, o que é que um jardim oferece que outras atrações ou locais turísticos não oferecem?</b>          _____.</p> <p><b>III. Caracterização da visita a este jardim</b></p> <p><b>1. A visita ao jardim foi o principal motivo da saída de casa de hoje?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><b>2. A visita está inserida nalgum tipo de roteiro/tour ou percurso turístico relacionado com jardins?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>2.1. Se Sim, a que nível?</b>  <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Internacional</p> <p><b>3. A visita de hoje ao jardim foi planeada?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>3.1. Se Sim, como organizou a visita ao jardim?</b>  <input type="checkbox"/> De forma individual  <input type="checkbox"/> Através de agências/operadores turísticos nacionais  <input type="checkbox"/> Através de agências/operadores turísticos internacionais</p> <p><b>3.2. Quando decidiu fazer esta visita?</b>  <input type="checkbox"/> Hoje <input type="checkbox"/> Esta semana <input type="checkbox"/> Semana passada <input type="checkbox"/> Há 1 mês  <input type="checkbox"/> Há mais de 1 mês <input type="checkbox"/> Há 1 ano ou mais <input type="checkbox"/> Outro _____.</p> <p><b>4. Motivos da visita ao jardim:</b> (máximo 5)  <input type="checkbox"/> Ocupação de tempos livres <input type="checkbox"/> Ambiente natural  <input type="checkbox"/> Paz, tranquilidade, descanso <input type="checkbox"/> As ≠ espécies florísticas  <input type="checkbox"/> Bom tempo para passear <input type="checkbox"/> Arquitetura/design do jardim  <input type="checkbox"/> Influência de família/amigos <input type="checkbox"/> Ganhar inspiração  <input type="checkbox"/> Distração para as crianças <input type="checkbox"/> Fama do jardim  <input type="checkbox"/> A caminho de outro destino <input type="checkbox"/> Tour/roteiro organizado  <input type="checkbox"/> Admirar o cenário e atmosfera <input type="checkbox"/> Simples curiosidade  <input type="checkbox"/> Passar tempo de qualidade <input type="checkbox"/> Nenhum motivo em particular com família e/ou amigos  <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.</p> <p><b>5. Atividades realizadas no jardim:<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Fotografar <input type="checkbox"/> Meditar <input type="checkbox"/> Exercitar/desporto  <input type="checkbox"/> Conversar <input type="checkbox"/> Namorar <input type="checkbox"/> Fazer piquenique  <input type="checkbox"/> Pintar <input type="checkbox"/> Escrever <input type="checkbox"/> Brincar (c/ crianças)  <input type="checkbox"/> Estudar <input type="checkbox"/> Ler <input type="checkbox"/> Estar  <input type="checkbox"/> Observar plantas <input type="checkbox"/> Outra (s) _____.</p> <p><b>6. Onde tomou conhecimento/ se informou do jardim pela 1ª vez?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Ouviu falar <input type="checkbox"/> Rádio  <input type="checkbox"/> Televisão <input type="checkbox"/> Internet (sites, blogues,...)  <input type="checkbox"/> Redes sociais (facebook,...) <input type="checkbox"/> Brochuras, panfletos  <input type="checkbox"/> Rotas e itinerários turísticos <input type="checkbox"/> Feiras/Eventos  <input type="checkbox"/> Guias/livros/revistas <input type="checkbox"/> Posto de turismo  <input type="checkbox"/> Agência de viagem <input type="checkbox"/> Familiares e/ou amigos  <input type="checkbox"/> Passou e viu o jardim <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.</p> <p><b>7. Frequência da visita:</b>  <input type="checkbox"/> Primeira vez que visita este jardim (ir para questão 8)  <input type="checkbox"/> Já visitou outras vezes. Quantas (+ ou-)? _____.</p>	<p><b>7.1. Se já visitou outras vezes este jardim, fá-lo com que frequência?</b>  <input type="checkbox"/> Todos os dias <input type="checkbox"/> Duas ou mais/mês  <input type="checkbox"/> Uma vez por semana <input type="checkbox"/> Uma vez por ano  <input type="checkbox"/> Duas ou mais/semana <input type="checkbox"/> Duas ou mais/ano  <input type="checkbox"/> Uma vez por mês <input type="checkbox"/> Outra situação (ir para questão 8)</p> <p><b>7.2. Quando costuma visitar/frequentar o jardim?</b>  <input type="checkbox"/> Semana <input type="checkbox"/> Fim de semana <input type="checkbox"/> Nas duas situações</p> <p><b>8. Duração desta visita:</b>  <input type="checkbox"/> Menos de 1 hora <input type="checkbox"/> Entre 1 a 2 horas  <input type="checkbox"/> Cerca de 1 hora <input type="checkbox"/> Mais de 2 horas</p> <p><b>9. Visita o jardim:</b> <input type="checkbox"/> Sozinho (a) <input type="checkbox"/> Acompanhado (a)  <b>9.1. Se visita o jardim acompanhado (a), com quem?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Marido/Esposa <input type="checkbox"/> Filhos. Idades: _____.  <input type="checkbox"/> Namorado (a) <input type="checkbox"/> Amigos. N°: _____.  <input type="checkbox"/> Grupo/tour organizado <input type="checkbox"/> Outros elementos familiares. N°: _____  <input type="checkbox"/> Outra situação</p> <p><b>10. Integrou alguma visita guiada ao jardim?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><b>11. No espaço, só visitou o jardim?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>11.1. Se Não, que outras atrações presentes visitou?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Museu <input type="checkbox"/> Casa de Serralves <input type="checkbox"/> Quinta  <input type="checkbox"/> Estufas <input type="checkbox"/> Mata <input type="checkbox"/> Palácio</p> <p><b>12. Usufruiu dos equipamentos que o espaço disponibiliza?</b>  <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>12.1. Se Sim, qual (ais)?<sup>1</sup></b> <input type="checkbox"/> Café/Casa de chá <input type="checkbox"/> Restaurante  <input type="checkbox"/> Livraria <input type="checkbox"/> Loja <input type="checkbox"/> Sky Garden <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.</p> <p><b>13. Conhece o programa de atividades da Fundação/Jardim?</b>  <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>13.1. Já participou, ou costuma participar em alguma dessas atividades?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p><b>14. O jardim correspondeu às suas expectativas?</b>  <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não tinha expectativas</p> <p><b>15. Está satisfeito com a visita e espaço?</b> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  <b>15.1. Qual o grau de satisfação?</b>  <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5          (1 – nada satisfeito e 5 – muito satisfeito)</p> <p><b>16. Na sua opinião, o que mais lhe agrada ou agradou neste jardim?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Beleza visual do jardim <input type="checkbox"/> Diversidade florística  <input type="checkbox"/> Calma, tranquilidade e sossego <input type="checkbox"/> Qualidade do atendimento  <input type="checkbox"/> Organização e design do jardim <input type="checkbox"/> Limpeza do espaço  <input type="checkbox"/> Tudo <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.</p> <p><b>17. Na sua opinião, o que mais lhe desagrada ou desagradou neste jardim?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Falta de informação <input type="checkbox"/> Falta de sinalização  <input type="checkbox"/> Falta de atividades lúdicas <input type="checkbox"/> Falta de limpeza  <input type="checkbox"/> Degradação do jardim <input type="checkbox"/> Isolamento  <input type="checkbox"/> Elevado preço da entrada/visita <input type="checkbox"/> Atendimento  <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Outro (s) _____.</p> <p><b>18. Descreva, com 3 palavras, a experiência da visita a este jardim:</b>          _____</p> <p><b>19. Pretende regressar a este jardim?</b>  <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Talvez</p>
--	---

<sup>1</sup> Assinalar todas as que se aplicarem.

AIII.3: Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em inglês)

**Survey questionnaire 2 – Historic garden visitors**

This survey questionnaire is part of a series of studies to be undertaken about leisure and garden tourism, under a Geography PhD from the University of Coimbra, and has as main objective to know the Portuguese historic garden demand dimension and characteristics, looking answer the following questions: Who visit? Why visit? How visit? What visit and do during the visit? Because it is a pioneer study in Portugal we thank all the visitors the best cooperation in completing this questionnaire, which will take not more than 10/15 minutes. This is anonymous; all data will be treated confidentially and used for academic purposes only. Thank you for your cooperation.

**PREVIOUS QUESTION – Type of garden visitor:**

- Tourist (more than 24h and less than 1 year out of habitual residence, overnight in accommodation)  
 Day-tripper (less than 24 hours out of habitual residence, returns home)

**Date:** \_\_\_\_\_

**Garden:** \_\_\_\_\_

**I. Characteristics of the visitor:**

**1. General data**

- 1.1. Nationality:**  Portuguese  Other. Which one? \_\_\_\_\_  
**1.2. Gender:**  Male  Female **1.3. Age:** \_\_\_\_\_  
**1.4. Educational qualification:**  
 No qualification  Elementary school  Middle school  Secondary/High school  Higher education  
 Bachelor degree  Graduation degree  Master degree  Doctoral degree)  Other. Which one? \_\_\_\_\_  
**1.5. Training area:** \_\_\_\_\_ **1.6. Profession/Occupation:** \_\_\_\_\_  
**1.7. Residence: City** \_\_\_\_\_ **Country** \_\_\_\_\_

**2. Information concerning today/current situation of the visitor:**

**2.1. What is the first reason for this trip / leaving home?**

- Holidays  Visit to family and friends  
 Cultural event  Business/professional  
 Sport event  Simple recreational walk  
 Religious event  Other \_\_\_\_\_

**2.1.1. If you're on holidays, how do you classify them?**

- Sun and beach holidays  Health and wellness holidays  
 Cultural holidays  Nature holidays  
 Other \_\_\_\_\_

**2.1.2. How long you will be on holidays in Portugal? \_\_\_\_\_**

**2.2. If you are a tourist, where are you staying?**

- Hotel  Secondary residence (own)  
 Hostel  Family/friend house  
 Residential  Campsite  
 Other \_\_\_\_\_

**2.2.1. In which village/city? \_\_\_\_\_**

**2.3. Have you already visited other (s) touristic place (s), today?**  Yes  No

**2.3.1. If Yes, which one (s)? \_\_\_\_\_**

**2.4. Will you visit other (s) touristic place (s) after this garden?**  Yes  No

**2.4.1. If Yes, which one (s)? \_\_\_\_\_**

**II. Leisure and Tourism habits - A) General habits:**

**1. What kind of leisure activities do you usually practice? <sup>1</sup>**

- Gardening  Reading  Ride a bike  
 Watch TV  Walking  Sports in general  
 Cooking  Other (s) \_\_\_\_\_

**2. What kind of tourist attractions do you often visit? <sup>1</sup>**

- Museums and galleries  Built/historic heritage  
 Natural heritage  Thematic parks  
 Religious places  Festivals/ tradicional events  
 (Historic) Gardens  Other (s) \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Check all that apply.

**B) Specific leisure habits about gardens:**

- 3. Do you have a garden at home?**  Yes  No  
**3.1. Do you like gardening?**  Yes  No  
**3.1.1. Do you practice it?**  Yes  No  
**4. You are a garden visitor:**  Regular  Occasional  
**4.1. How often you visit gardens?**  
 Every days  At least once a week  
 At least once a month  At least once a year  
 Twice or more a year  Another situation  
**4.2. When do you usually visit gardens?**  
 1)  Only on vacation  Especially on vacation  All year  
 2)  Weekend  Week  In both situations  
**5. Indicate the main reason why you visit gardens:** \_\_\_\_\_  
**6. Do you usually visit gardens:**  Alone  With company  
 It is irrelevant  Depends on the situation  
**7. Do you usually visit gardens with:**  
 Entrance fee  Free entrance  In both situations  
**8. Do you usually visit gardens with:**  
 Guided visits  Free visits  In both situations  
**9. Have you visit other gardens in Portugal?**  Yes  No  
**9.1. If Yes, give some examples:** \_\_\_\_\_  
**10. Have you visited gardens abroad?**  Yes  No  
**11. Of the following situations, indicate the already visited? <sup>1</sup>**  
 Greenhouses  Gardens/flower festivals  
 Nurseries/Garden centers  Gardening events  
 None of these  
**12. Indicate positive aspects of visiting a garden: <sup>1</sup>**  
 Contact with Nature  Family/Social interaction  
 Moments of peace/evasion  Learning about history and plants  
 Other (s) \_\_\_\_\_  
**13. Indicate, with 3 words, what is for you a garden:**  
 \_\_\_\_\_

<p><b>14. The following hypotheses, which one better defines you?</b>  <input type="checkbox"/> visitor with general interest by gardens, flowers and plants  <input type="checkbox"/> visitor with specific interest in gardens and botanic  <input type="checkbox"/> visitor with specific interest in garden design  <input type="checkbox"/> visitor who seeks only have a pleasant time/day out</p> <p><b>15. Do you belong or are a member of some Association/ Organization related with gardens?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>15.1. If Yes, which one (s)?</b> _____</p> <p><b>16. For you, what offers a garden that others touristic attractions or places do not offer?</b>          _____</p> <p><b>III. Characterization of the visit to this garden</b></p> <p><b>1. A visit to the garden was the <u>main</u> reason for leaving home today?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>2. Your visit is part of some route/tour or tourist trail related with gardens?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>2.1. If Yes, at what level?</b>  <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> National <input type="checkbox"/> International</p> <p><b>3. Today's visit to the garden was planned?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>3.1. If Yes, how did you organized this visit?</b>  <input type="checkbox"/> Individually  <input type="checkbox"/> Through agencies/national tour operators  <input type="checkbox"/> Through agencies / international tour operators</p> <p><b>3.2. When did you decide to make this visit?</b>  <input type="checkbox"/> Today <input type="checkbox"/> This week <input type="checkbox"/> Last week <input type="checkbox"/> 1 month ago  <input type="checkbox"/> More than 1 month <input type="checkbox"/> 1 year ago or more <input type="checkbox"/> Other _____</p> <p><b>4. Reasons for the visit to the garden: (maximum 5)</b>  <input type="checkbox"/> Occupy free time <input type="checkbox"/> Natural environment  <input type="checkbox"/> Peace, tranquility, rest <input type="checkbox"/> The different species  <input type="checkbox"/> Good time to walk <input type="checkbox"/> Garden design/architecture  <input type="checkbox"/> Family/friends influence <input type="checkbox"/> Gaining inspiration  <input type="checkbox"/> Children distraction <input type="checkbox"/> Fame of the garden  <input type="checkbox"/> In a way to other destination <input type="checkbox"/> Organized tour  <input type="checkbox"/> Admire the scenery/atmosphere <input type="checkbox"/> Curiosity  <input type="checkbox"/> Spend some quality time with family and/or friends <input type="checkbox"/> No reason in particular  <input type="checkbox"/> Other (s) _____</p> <p><b>5. Activities you realized in the garden:<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Take pictures <input type="checkbox"/> Meditate <input type="checkbox"/> Sports  <input type="checkbox"/> Talk <input type="checkbox"/> Dating <input type="checkbox"/> Do a pic nic  <input type="checkbox"/> Paint <input type="checkbox"/> Write <input type="checkbox"/> Play with children  <input type="checkbox"/> Study <input type="checkbox"/> Read <input type="checkbox"/> Just be  <input type="checkbox"/> Observe plants <input type="checkbox"/> Other (s) _____</p> <p><b>6. Where did you inform/noted about the garden for the first time?</b>  <input type="checkbox"/> Heard about <input type="checkbox"/> Radio  <input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> Internet (sites, blogs,...)  <input type="checkbox"/> Social networks (facebook, ...) <input type="checkbox"/> Brochures, flyers  <input type="checkbox"/> Tourist routes and itineraries <input type="checkbox"/> Shows/ events  <input type="checkbox"/> Guides/books/magazines <input type="checkbox"/> Tourism desk  <input type="checkbox"/> Travel agencies <input type="checkbox"/> Family and/or friends  <input type="checkbox"/> Passed and saw the garden <input type="checkbox"/> Other _____</p> <p><b>7. Frequency of the visit:</b>  <input type="checkbox"/> First time you visit the garden (go to question 8)  <input type="checkbox"/> Have you visited other times. How many (+ or-)? _____  <small><sup>1</sup> Check all that apply.</small></p>	<p><b>7.1. If you have visited this garden other times, how often you do it?</b>  <input type="checkbox"/> Every days <input type="checkbox"/> Twice or more a month  <input type="checkbox"/> Once a week <input type="checkbox"/> Once a year  <input type="checkbox"/> Twice or more a week <input type="checkbox"/> Twice or more a year  <input type="checkbox"/> Once a month <input type="checkbox"/> Another situation (go to question 8)</p> <p><b>7.2. When do you usually visit this garden?</b>  <input type="checkbox"/> Week <input type="checkbox"/> Weekend <input type="checkbox"/> In both situations</p> <p><b>8. Duration of this visit:</b>  <input type="checkbox"/> Less than an hour <input type="checkbox"/> Between 1 and 2 hours  <input type="checkbox"/> About one hour <input type="checkbox"/> More than 2 hours</p> <p><b>9. You visit the garden:</b> <input type="checkbox"/> Alone <input type="checkbox"/> With company</p> <p><b>9.1. If you visit the garden with company, with whom?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Husband/Wife <input type="checkbox"/> Kids. Ages: _____  <input type="checkbox"/> Boyfriend/girlfriend <input type="checkbox"/> Friends. N<sup>o</sup>: _____  <input type="checkbox"/> Organized tour group <input type="checkbox"/> Other family members N<sup>o</sup>: _____  <input type="checkbox"/> Other situation</p> <p><b>10. Did you joined a guided tour to the garden?</b>  <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>11. In space, you only visited the garden?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>11.1. If Not, which other attractions did you visited?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Museum <input type="checkbox"/> Serralves House <input type="checkbox"/> Farm  <input type="checkbox"/> Greenhouses <input type="checkbox"/> Arboretum <input type="checkbox"/> Palace</p> <p><b>12. Did you use the available facilities?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>12.1. If Yes, which one (s)?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Coffee/Tea house <input type="checkbox"/> Restaurant <input type="checkbox"/> Bookshop  <input type="checkbox"/> Souvenir store <input type="checkbox"/> Sky Garden <input type="checkbox"/> Other (s) _____</p> <p><b>13. Do you know the Foundation/Garden program of activities?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>13.1. Have you ever participated, or usually participate in some of them?</b> <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>14. The garden corresponded to your expectations?</b>  <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No <input type="checkbox"/> Had no expectations</p> <p><b>15. Are you satisfied with the garden and space?</b>  <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No</p> <p><b>15.1. Degree of satisfaction:</b>  <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5  <small>(1 – nothing satisfied and 5 – very satisfied)</small></p> <p><b>16. In your opinion, what more you enjoy, or enjoyed, in this garden?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Visual beauty of the garden <input type="checkbox"/> Floristic diversity  <input type="checkbox"/> Calm, peace and quiet <input type="checkbox"/> Quality of treatment  <input type="checkbox"/> Garden's organization and design <input type="checkbox"/> Cleanliness space  <input type="checkbox"/> Everything <input type="checkbox"/> Other (s) _____</p> <p><b>17. In your opinion, what more you don't like, or didn't like, in this garden?<sup>1</sup></b>  <input type="checkbox"/> Lack of information <input type="checkbox"/> Lack of signaling  <input type="checkbox"/> Lack of recreational activities <input type="checkbox"/> Grubbiness  <input type="checkbox"/> Degradation of the garden <input type="checkbox"/> Isolation  <input type="checkbox"/> High price of admission/visit <input type="checkbox"/> Treatment  <input type="checkbox"/> Nothing <input type="checkbox"/> Other (s) _____</p> <p><b>18. Describe, with 3 words, the garden visiting experience:</b>          _____</p> <p><b>19. Do you intend to come back to this garden?</b>  <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No <input type="checkbox"/> Maybe</p>
--	---

AIII.4: Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em francês)

**Questionnaire 2 – Visiteurs de Jardins Historiques**

Ce questionnaire fait partie d'une série d'études qui seront menées sur le loisir et le tourisme des jardins dans le cadre d'un Doctorat en Géographie à l'Université de Coimbra, et a pour principal objectif la connaissance de la dimension et des caractéristiques de la demande du jardin historique au Portugal, en essayant de répondre aux questions suivantes: Qui visite? Pourquoi visite-t-on? Comment est faite la visite? Que visite-t-on et que fait-on durant la visite?

Il s'agit d'une étude pionnière au Portugal et donc nous vous remercions de votre coopération en remplissant le questionnaire ci-dessous, qui ne prendra pas plus de 10/15 minutes. Le questionnaire est anonyme. Toutes les données seront traitées de façon confidentielle et utilisées uniquement à des fins académiques. Merci beaucoup de votre collaboration.

**QUESTION PRÉALABLE – Type de visiteur du jardin:**

**Date:** \_\_\_\_\_

- Touriste (plus de 24 heures hors de sa résidence habituelle, en hébergement pour la nuit) **Jardin:** \_\_\_\_\_  
 Visiteur d'un jour (moins de 24 heures à l'extérieur de la résidence, retour à la maison)

**I. Caractéristiques des visiteurs:**

**1. Données générales**

- 1.1. Nationalité:**  Portugaise  Autre. Laquelle? \_\_\_\_\_  
**1.2. Sexe:**  Masculin  Féminin **1.3. Âge:** \_\_\_\_\_  
**1.4. Études:**  Aucune  École primaire  Collège  Lycée  Études supérieures  
 Baccalauréat  Licence  Master  Doctorat  Autre. Lesquelles? \_\_\_\_\_  
**1.5. Formation:** \_\_\_\_\_ **1.6. Profession/Occupation:** \_\_\_\_\_  
**1.7. Résidence: Localité** \_\_\_\_\_ **Pays/ville** \_\_\_\_\_

**2. Informations sur aujourd'hui/situation actuelle du visiteur:**

**2.1. Quelle est la première raison de ce voyage/ de sortir de chez soi?**

- Vacances  Visiter la famille et les amis  
 Événement culturel  Professionnelle  
 Événement sportif  Simple visite de loisir  
 Événement religieux  Autre \_\_\_\_\_

**2.1.1. Si vous êtes en vacances, comme les classez-vous?**

- Vacances de soleil et plage  Vacances santé et bien-être  
 Vacances culturelles  Vacances nature  
 Autre \_\_\_\_\_

**2.1.2. Combien de temps vous serez en vacances au Portugal?** \_\_\_\_\_

**2.2. Si vous êtes touriste, où résidez-vous?**

- Hôtel  Résidence secondaire (propre)  
 Pension  Maison de famille et/ou d'amis  
 Résidence  Camping  
 Autre \_\_\_\_\_

**2.2.1. Dans quelle ville?** \_\_\_\_\_

**2.3. Avez-vous visité d'autre(s) site(s) touristique(s), aujourd'hui?**  Oui  Non

**2.3.1. Si Oui, lequel(s)?** \_\_\_\_\_

**2.4. Visitez-vous d'autre(s) site(s) touristique(s) après ce jardin?**  Oui  Non

**2.4.1. Si Oui, lequel(s)?** \_\_\_\_\_

**II. Habitudes de Loisirs et Tourisme - A) Générales:**

**1. Quelles sont les activités ludiques que vous pratiquez le plus?**

- Jardinage  Lecture  Vélo  
 Regarder la télé  Marche  Sport en général  
 Cuisiner  Autre(s) \_\_\_\_\_

**2. Quel type d'attractions touristiques visitez-vous habituellement?<sup>1</sup>**

- Musées et galeries  Patrimoine bâti/Monuments  
 Patrimoine naturel  Parcs à thèmes  
 Sites religieux  Festivals/événements traditionnels  
 Jardins (historiques)  Autre(s) \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Indiquer tout ce qui s'applique.

**B) Spécifiques sur les jardins:**

**3. Avez-vous un jardin à la maison?**  Oui  Non

**3.1. Aimez-vous le jardinage?**  Oui  Non

**3.1.1. Avez-vous l'habitude de jardiner?**  Oui  Non

**4. Vous êtes un visiteur de jardins:**  Régulier  Occasionnel

**4.1. À quelle fréquence visitez-vous les jardins?**

- Tous les jours  Au moins 1 fois par semaine  
 Au moins 1 fois par mois  Au moins 1 fois par an  
 Deux fois ou plus par an  Autre situation \_\_\_\_\_

**4.2. D'habitude, quand visitez-vous les jardins?**

- 1)  Seulement en vacances  Surtout en vacances  Toute l'année  
 2)  Week-end  Semaine  Dans les deux cas

**5. Indiquez la raison principale pour laquelle vous visitez les jardins:** \_\_\_\_\_

**6. D'habitude, visitez-vous les jardins:**  Seul  Accompagné  
 Indifférent  Dépend de la situation

**7. D'habitude, visitez-vous les jardins dont l'entrée est:**

- payante  gratuite  dans les deux cas

**8. D'habitude, visitez-vous les jardins avec des visites:**

- guidées  libres  dans les deux cas

**9. Avez-vous visité d'autres jardins au Portugal?**  Oui  Non

**9.1. Si Oui, lequel(s)?** \_\_\_\_\_

**10. Avez-vous visité jardins dans d'autres pays?**  Oui  Non

**11. Parmi les situations suivantes, indiquez si vous avez déjà visité des:<sup>1</sup>**

- Serres  Festivals des jardins/fleurs  
 Pépinières/C. de jardinage  Événements de jardinage  
 Aucun

**9. Indiquez les aspects positifs de la visite d'un jardin:<sup>1</sup>**

- Contact avec la Nature  Interaction familiale/sociale  
 Moments de paix et d'évasion  Apprendre sur l'histoire et plants  
 Autre(s) \_\_\_\_\_

**10. Indiquez avec 3 mots, ce qui est pour vous un jardin:** \_\_\_\_\_



<p><b>11. Des hypothèses suivantes, laquelle vous définirait-elle le mieux?</b></p> <p><input type="checkbox"/> visiteur avec un intérêt général pour les jardins, fleurs et plantes</p> <p><input type="checkbox"/> visiteur avec un intérêt particulier pour les jardins et la botanique</p> <p><input type="checkbox"/> visiteur avec un intérêt particulier pour le paysagisme</p> <p><input type="checkbox"/> visiteur qui cherche seulement à passer une journée agréable</p> <p><b>12. Vous faites partie ou êtes associé d'une Association/Organisation de jardins ou liée aux jardins?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>12.1. Si Oui, laquelle(s)?</b> _____</p> <p><b>13. Pour vous, qu'est-ce un jardin offre que d'autres attractions ou lieux touristiques n'offrent pas?</b></p> <p>_____</p> <p><b>III. Caractérisation de la visite de ce jardin:</b></p> <p><b>1. La visite du jardin était la raison <u>principale</u> de sortir de chez vous aujourd'hui?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>2. Votre visite s'inscrit dans une route/itinéraire touristique liée aux jardins?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>2.1. Si Oui, à quel niveau?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Régional <input type="checkbox"/> National <input type="checkbox"/> International</p> <p><b>3. La visite d'aujourd'hui au jardin a été prévue?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>3.1. Si Oui, comment avez-vous organisé la visite du jardin?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Individuellement</p> <p><input type="checkbox"/> Agences/ tour-opérateurs nationaux</p> <p><input type="checkbox"/> Agences/ tour-opérateurs internationaux</p> <p><b>3.2. Quand avez-vous décidé de faire cette visite?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Aujourd'hui <input type="checkbox"/> Cette semaine <input type="checkbox"/> Semaine dernière <input type="checkbox"/> Il y a 1 mois <input type="checkbox"/> Il y a plus d'1 mois <input type="checkbox"/> Il y a 1 an ou plus <input type="checkbox"/> Autre _____</p> <p><b>4. Motifs de la visite du jardin:</b> (5 au maximum)</p> <p><input type="checkbox"/> Occupation du temps libre <input type="checkbox"/> Environnement naturel</p> <p><input type="checkbox"/> Paix, tranquillité, repos <input type="checkbox"/> Les différentes espèces</p> <p><input type="checkbox"/> Bon temps pour la promenade <input type="checkbox"/> L'architecture du jardin</p> <p><input type="checkbox"/> Influence de la famille/amis <input type="checkbox"/> Trouver de l'inspiration</p> <p><input type="checkbox"/> Distraction pour les enfants <input type="checkbox"/> Notoriété du jardin</p> <p><input type="checkbox"/> Sur la route d'autre destination <input type="checkbox"/> Simple curiosité</p> <p><input type="checkbox"/> Admire le paysage et l'atmosphère <input type="checkbox"/> Visite organisée</p> <p><input type="checkbox"/> Passer du temps de qualité <input type="checkbox"/> Aucune raison particulière avec la famille et/ou les amis <input type="checkbox"/> Autre(s) _____</p> <p><b>5. Les activités menées dans le jardin:<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Photographier <input type="checkbox"/> Méditer <input type="checkbox"/> Exercice/sport</p> <p><input type="checkbox"/> Parler <input type="checkbox"/> Pique-niquer <input type="checkbox"/> Sortir en amoureux</p> <p><input type="checkbox"/> Peindre <input type="checkbox"/> Écrire <input type="checkbox"/> Jouer avec les enfants</p> <p><input type="checkbox"/> Étudier <input type="checkbox"/> Lire <input type="checkbox"/> Se promener</p> <p><input type="checkbox"/> Observer les plantes <input type="checkbox"/> Autre(s) _____</p> <p><b>6. Où avez-vous été informé du jardin la première fois?<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Entendu parler <input type="checkbox"/> Radio</p> <p><input type="checkbox"/> Télévision <input type="checkbox"/> Internet (sites, blogs,...)</p> <p><input type="checkbox"/> Réseaux sociaux (facebook, ...)</p> <p><input type="checkbox"/> Brochures, dépliants</p> <p><input type="checkbox"/> Routes touristiques et itinéraires <input type="checkbox"/> Évènements</p> <p><input type="checkbox"/> Guides/livres/magazines <input type="checkbox"/> Agence de tourisme</p> <p><input type="checkbox"/> Agences de voyages <input type="checkbox"/> Famille et/ou amis</p> <p><input type="checkbox"/> Est passé et a vu le jardin <input type="checkbox"/> Autre _____</p> <p><b>7. Fréquence de la visite:</b></p> <p><input type="checkbox"/> Première visite à ce jardin (allez à la question 8)</p> <p><input type="checkbox"/> Je l'ai visité d'autres fois. Combien (+ ou-)? _____</p> <p><sup>1</sup> Indiquer tout ce qui s'applique.</p>	<p><b>7.1. Si vous avez déjà visité ce jardin, vous l'avez fait à quelle fréquence?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Tous les jours <input type="checkbox"/> Deux ou plusieurs fois/mois</p> <p><input type="checkbox"/> Une fois par semaine <input type="checkbox"/> Une fois par an</p> <p><input type="checkbox"/> Deux ou plus fois/semaine <input type="checkbox"/> Deux ou plusieurs fois/an</p> <p><input type="checkbox"/> Une fois par mois <input type="checkbox"/> Autre situation (allez à la question 8)</p> <p><b>7.2. Quand avez-vous l'habitude de visiter le jardin?</b></p> <p><input type="checkbox"/> La semaine <input type="checkbox"/> Le week-end <input type="checkbox"/> Dans les deux cas</p> <p><b>8. Durée de cette visite:</b></p> <p><input type="checkbox"/> Moins d'1 heure <input type="checkbox"/> De 1 à 2 heures</p> <p><input type="checkbox"/> Environ 1 heure <input type="checkbox"/> Plus de 2 heures</p> <p><b>9. Vous visitez le jardin:</b> <input type="checkbox"/> Seul <input type="checkbox"/> Accompagné</p> <p><b>9.1. Si vous visitez le jardin accompagné, avec qui?<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Époux/Épouse <input type="checkbox"/> Enfants. Âges: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Petit(e) ami(e) <input type="checkbox"/> Amis. N°: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Groupe/visite organisée <input type="checkbox"/> Autres éléments familiaux. N°: _____</p> <p><input type="checkbox"/> Autre situation</p> <p><b>10. Avez-vous participé à une visite guidée du jardin?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>11. Dans l'espace, avez-vous uniquement visité le jardin?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>11.1. Si Non, quelles autres attractions avez-vous visité?<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Musée <input type="checkbox"/> Maison de Serralves <input type="checkbox"/> Ferme</p> <p><input type="checkbox"/> Serres <input type="checkbox"/> Forêt <input type="checkbox"/> Palais</p> <p><b>12. Avez-vous utilisé les équipements que l'espace vous offre?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>12.1. Si Oui, lequel(s)?<sup>1</sup></b> <input type="checkbox"/> Café/Salon de thé <input type="checkbox"/> Restaurant</p> <p><input type="checkbox"/> Librairie <input type="checkbox"/> Boutique <input type="checkbox"/> Sky Garden <input type="checkbox"/> Autre(s) _____</p> <p><b>13. Connaissez-vous le programme d'activités de la Fondation/ du Jardin?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>13.1. Avez-vous participé, ou participez-vous habituellement à l'une de ces activités?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>14. Le jardin a-t-il répondu à vos attentes?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non <input type="checkbox"/> Pas d'attentes</p> <p><b>15. Êtes-vous satisfait de la visite et de l'espace?</b> <input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non</p> <p><b>15.1. Niveau de satisfaction:</b> (1 – pas satisfait et 5 – très satisfait)</p> <p><input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5</p> <p><b>16. À votre avis, qu'est-ce vous plaît le plus dans ce jardin?<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Beauté visuelle du jardin <input type="checkbox"/> Diversité de la flore</p> <p><input type="checkbox"/> Calme, la paix et la tranquillité <input type="checkbox"/> Propreté de l'espace</p> <p><input type="checkbox"/> Aménagement/conception du jardin <input type="checkbox"/> Qualité du personnel</p> <p><input type="checkbox"/> Tout <input type="checkbox"/> Autre(s) _____</p> <p><b>17. À votre avis, qu'est-ce qui vous ne plaît pas dans ce jardin?<sup>1</sup></b></p> <p><input type="checkbox"/> Manque d'informations <input type="checkbox"/> Manque de signalisation</p> <p><input type="checkbox"/> Manque d'activités récréatives <input type="checkbox"/> Manque de propreté</p> <p><input type="checkbox"/> Dégradation du jardin <input type="checkbox"/> Isolement</p> <p><input type="checkbox"/> Prix élevé de l'entrée/visite <input type="checkbox"/> Qualité du personnel</p> <p><input type="checkbox"/> Rien <input type="checkbox"/> Autre(s) _____</p> <p><b>18. Décrivez, avec trois mots, votre expérience de visite du jardin:</b></p> <p>_____</p> <p><b>19. Avez-vous l'intention de revenir voir ce jardin?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Oui <input type="checkbox"/> Non <input type="checkbox"/> Peut-être</p>
--	---

AIII.5: Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão em espanhol)

**Encuesta 2 – Los visitantes de los jardines históricos**

Este cuestionario forma parte de una serie de estudios que se realizan sobre el ocio y el turismo de jardines, en el marco del Doctorado en Geografía de la Universidad de Coimbra, y tiene como principal objetivo conocer la dimensión y las características de la demanda del jardín histórico en Portugal, para responder a las preguntas: ¿Quiénes visitan? ¿Por qué visitar? ¿Cómo visitar? ¿Qué visitar y hacer durante la visita? Al ser un estudio pionero en Portugal agradecemos a todos los visitantes la máxima cooperación en la realización de esta encuesta, que no demorará más de 10/15 minutos. Esta encuesta es anónima, todos los datos serán tratados confidencialmente y son utilizados solamente con fines académicos. Gracias por su cooperación.

**PREGUNTA PREVIA – Tipo de frecuentador/ visitante del jardín:** **Día:** \_\_\_\_\_.  
 Turista (más de 24 horas fuera de su residencia habitual, en un alojamiento durante la noche) **Jardín:** \_\_\_\_\_.  
 Visitante de un día/day-tripper (menos de 24 horas fuera de la residencia, volver a casa)

**I. Características de los visitantes:**

**1. Datos generales**

**1.1. Nacionalidad:**  Portuguesa  Otra. ¿Cuál? \_\_\_\_\_.  
**1.2. Sexo:**  Masculino  Femenino **1.3. Edad:** \_\_\_\_\_.  
**1.4. Formación Académica:**  Ninguna  Educación primaria  Educación Secundaria  
 Educación Superior  Técnico Superior  Licenciatura  Master  Doctorado  Otro. ¿Cuál? \_\_\_\_\_.  
**1.5. Área de Formación:** \_\_\_\_\_ **1.6. Profesión/Ocupación:** \_\_\_\_\_.  
**1.7. Residencia: Ciudad** \_\_\_\_\_ **Comunidad (o País)** \_\_\_\_\_.

**2. Datos relativos a este día/situación actual del visitante:**

**2.1. ¿Cuál es la primera razón para este viaje/paseo?**  
 Vacaciones  Visitas a parientes y amigos  
 Evento cultural  Negocios/profesional  
 Evento deportivo  Simple paseo recreativo  
 Evento religioso  Otro \_\_\_\_\_.

**2.1.1. Si está de vacaciones, ¿cómo las clasifica?**

Vacaciones de sol y playa  Vacaciones de salud y bienestar  
 Vacaciones culturales  Vacaciones en la naturaleza  
 Otro \_\_\_\_\_.

**2.1.2. ¿Cuánto tiempo estará de vacaciones en Portugal? \_\_\_\_\_.**

**2.2. Si usted es un turista, ¿dónde se hospeda?**

Hotel  Residencia secundaria (propia)  
 Pensión  Casa de la familia y/o amigos  
 Residencial  Campamento  
 Otro \_\_\_\_\_.

**2.2.1. ¿En qué ciudad? \_\_\_\_\_.**

**2.3. ¿Ha visitado otro (s) sitio (s) turístico (s), hoy?**

Sí  No

**2.3.1. En caso afirmativo, ¿cuál (es)? \_\_\_\_\_.**

**2.4. ¿Usted visitará otro (s) sitio (s) turístico (s) después de este jardín?  Sí  No**

**2.4.1. En caso afirmativo, ¿cuál (es)? \_\_\_\_\_.**

**II. Hábitos de Ocio y Turismo - A) Generales:**

**1. ¿Qué actividades de ocio práctica más?<sup>1</sup>**

Jardinería  Lectura  Andar en bicicleta  
 Ver televisión  Caminar  Deportes en general  
 Cocinar  Otro (s) \_\_\_\_\_.

**2. ¿Qué tipo de atracciones turísticas visita más?<sup>1</sup>**

Museos y galerías  Patrimonio construido  
 Patrimonio natural  Parques temáticos  
 Lugares religiosos  Festivales/eventos tradicionales  
 Jardines (históricos)  Otro (s) \_\_\_\_\_.

<sup>1</sup> Marcar todas las que se apliquen.

**B) Específica sobre jardines:**

**3. ¿Tiene jardín en casa?**  Sí  No  
**3.1. ¿Le gusta la jardinería?**  Sí  No  
**3.1.1. ¿Suele practicarla?**  Sí  No  
**4. Usted es un visitante de jardines:**  Regular  Ocasional  
**4.1. ¿Con qué frecuencia visita jardines?**  
 Todos los días  Al menos 1 vez por semana  
 Al menos 1 vez por mes  Por lo menos 1 vez al año  
 Dos o más veces al año  Otra situación \_\_\_\_\_.  
**4.2. ¿Usualmente cuándo visita los jardines?**  
 1)  Sólo en vacaciones  Especialmente en vacaciones  Todo el año  
 2)  Fin de semana  Semana  En ambas situaciones

**5. Indique la razón principal para visitar jardines:** \_\_\_\_\_.

**6. Es usual visitar los jardines:**  Solo  Acompañado  
 Es indiferente  Depende de la situación

**7. Es usual visitar los jardines de entrada:**

Pago  Libre  En ambas situaciones

**8. Es usual visitar los jardines con visitas:**

Guiadas  Libres  En ambas situaciones

**9. ¿Ha visitado otros jardines en Portugal?  Sí  No**

**9.2. En caso afirmativo, da algunos ejemplos: \_\_\_\_\_.**

**10. ¿Ha visitado los jardines en extranjero?  Sí  No**

**11. De las siguientes situaciones, indique las que ya ha visitado:<sup>1</sup>**

Invernaderos  Festivales de jardines/flores  
 Viveros/C. de jardinería  Eventos de jardinería  
 Ninguna

**12. Indique los aspectos positivos de la visita a un jardín:<sup>1</sup>**

Contacto con la Naturaleza  Interacción familiar/social  
 Momentos de paz y evasión  Aprender sobre historia y plantas  
 Otro (s) \_\_\_\_\_.

**13. Señale, con 3 palabras, qué es para usted un jardín:** \_\_\_\_\_

**14. De las siguientes hipótesis, ¿cuál es la que le define mejor?**  
 visitante con interés general por los jardines, flores y plantas  
 visitante con interés específico en jardines y botánica  
 visitante con interés específico en el diseño de jardines  
 visitante que busca solamente un tiempo/día agradable

**15. Pertenece o es un miembro de alguna Asociación/Organización relacionada con jardines?**  Sí  No

**15.1. En caso afirmativo, ¿cuál (es)?** \_\_\_\_\_

**16. Para usted, ¿qué es lo que un jardín ofrece que otras atracciones turísticas o lugares no ofrecen?**  
 \_\_\_\_\_

**III. Caracterización de la visita a este jardín**

**1. ¿La visita al jardín fue el principal motivo para salir de casa hoy?**  Sí  No

**2. ¿Su visita forma parte de algún tipo de tour o ruta turística relacionado con jardines?**  Sí  No

**2.1. En caso afirmativo, ¿a qué nivel?**  
 Regional  Nacional  Internacional

**3. ¿La visita de hoy al jardín fue planeada?**  Sí  No

**3.1. En caso afirmativo, cómo organizó la visita al jardín?**  
 Individualmente  
 A través de las agencias/operadores de turismo nacionales  
 A través de agencias/operadores turísticos internacionales

**3.2. ¿Cuándo decidió hacer esta visita?**  
 Hoy  Esta semana  Semana pasada  Hace 1 mes  
 Hay más de 1 mes  Hay 1 año o más  Otro \_\_\_\_\_

**4. Las razones para la visita a este jardín: (máximo 5)**  
 Ocupación de tiempos libres  Ambiente natural  
 Paz, tranquilidad, descanso  Las diferentes especies  
 Buen tiempo para pasear  Arquitectura del jardín  
 Influencia de la familia/amigos  Ganar inspiración  
 Distracción para los niños  Fama del jardín  
 El camino a otro destino  Tour organizado  
 Admirar el paisaje y el ambiente  Simple curiosidad  
 Pasar tiempo de calidad con la familia y/o amigos  Ninguna razón en particular  
 Otra (s) \_\_\_\_\_

**5. Las actividades llevadas a cabo en el jardín:<sup>1</sup>**  
 Fotografía  Meditar  Ejercitar/deporte  
 Hablar  Romance  Picnic  
 Pintar  Escribir  Jugar (con los niños)  
 Estudiar  Leer  Estar  
 Observar plantas  Otra (s) \_\_\_\_\_

**6. ¿Dónde se informó/ tomó conocimiento del jardín por 1ª vez?**  
 De oída  Radio  
 Televisión  Internet (sites, blogs,...)  
 Redes sociales (facebook,...)  Folletos, volantes  
 Rutas e itinerarios turísticos  Ferias/Eventos  
 Guías/libros/revistas  Oficina de turismo  
 Agencias de viajes  Familia y/o amigos  
 Pasó y vio el jardín  Otro \_\_\_\_\_

**7. Frecuencia de la visita:**  
 Es la primera vez que visita el jardín (pase a la cuestión 8)  
 Lo ha visitado otras veces. ¿Cuántas (+ ó -)? \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Marcar todas las que se apliquen.

**7.1. Si ha visitado otras veces este jardín, ¿lo hace con qué frecuencia?**  
 Todos los días  Dos o más/mes  
 Una vez a la semana  Una vez al año  
 Dos o más/semana  Dos o más/ año  
 Una vez al mes  Otra situación (pase a la cuestión 8)

**7.2. ¿Cuándo suele visitar/frecuentar el jardín?**  
 Semana  Fin de semana  En ambas situaciones

**8. Duración de la visita:**  
 Menos de 1 hora  De 1 a 2 horas  
 Alrededor de 1 hora  Más de 2 horas

**9. Visita el jardín:**  Solo (a)  Acompañado (a)

**9.1. Si usted visita el jardín acompañado (a), ¿con quién?<sup>1</sup>**  
 Esposo/Esposa  Niños. Edades: \_\_\_\_\_  
 Novio (a)  Amigos. N°: \_\_\_\_\_  
 Grupo/tour organizado  Otros elementos familiares. N°: \_\_\_\_\_  
 Otra situación

**10. ¿Formó parte de una visita guiada por el jardín?**  
 Sí  No

**11. En el espacio, ¿sólo visitó el jardín?**  Sí  No

**11.1. Si No, ¿qué otras atracciones ha visitado?<sup>1</sup>**  
 Museo  Casa de Serralves  Quinta  
 Invernaderos  Bosque  Palacio

**12. ¿Disfrutó de los equipamientos que proporciona el espacio?**  Sí  No

**12.1. En caso afirmativo, ¿cuál (es)?<sup>1</sup>**  
 Café/Salón de té  Restaurante  Librería  
 Tienda  Sky Garden  Otro (s) \_\_\_\_\_

**13. ¿Conoce el programa de actividades de la Fundación/Jardín?**  Sí  No

**13.1. ¿Ha participado, o normalmente participa en alguna de esas actividades?**  Sí  No

**14. ¿El jardín correspondió a sus expectativas?**  
 Sí  No  No tenía ninguna expectativa

**15. ¿Está satisfecho con la visita y el espacio?**  Sí  No

**15.1. ¿Cuál es su nivel de satisfacción?**  
 1  2  3  4  5  
 (1 – nada satisfecho y 5 – muy satisfecho)

**16. En su opinión, ¿qué es lo que más te gusta, o gustó, en este jardín?<sup>1</sup>**  
 Belleza visual del jardín  Diversidad florística  
 Calma, paz y tranquilidad  Calidad de la atención  
 Organización y diseño del jardín  Limpieza del espacio  
 Todo  Otro (s) \_\_\_\_\_

**17. En su opinión, ¿qué es lo que menos le gusta, o no le gustó, en este jardín?<sup>1</sup>**  
 Falta de información  Falta de señalización  
 Falta de actividades recreativas  Falta de limpieza  
 Degradación del jardín  Aislamiento  
 Alto precio de entrada/visita  Tratamiento  
 Nada  Otro (s) \_\_\_\_\_

**18. Describa, con 3 palabras, la experiencia de visitar el jardín:**  
 \_\_\_\_\_

**19. ¿Piensa volver a este jardín?**  
 Sí  No  Quizá

AIII.6: Questionário 2 – Visitantes dos Jardins Históricos (versão *online* em português)<sup>287</sup>



## Visitantes dos Jardins Históricos



O presente questionário faz parte de um conjunto de estudos a realizar sobre o lazer e turismo de jardins, no âmbito do doutoramento em Geografia pela Universidade de Coimbra, e tem como principal objetivo conhecer a dimensão e as características da procura do jardim histórico em Portugal, procurando responder às questões Quem visita? Porque visita? Como visita? O que visita e faz durante a visita?, a partir de três casos de estudo: Parque de Serralves (Porto), Jardim Botânico de Coimbra e Jardim do Palácio Fronteira (Lisboa).

Por ser pioneiro em Portugal agradece-se a todos os visitantes a máxima colaboração no preenchimento do questionário, que não demorará mais de 10/15 minutos. Este é anónimo, todos os dados serão tratados de forma confidencial e usados para fins meramente académicos. Agradece-se que leia atentamente as questões assim como as instruções de resposta e se certifique que respondeu a todas.

NOTA PRÉVIA: As questões estão formatadas para quem visitou hoje um dos jardins atrás mencionados. Todavia, se a sua visita se realizou ontem ou há relativamente poucos dias também se encontra em condições de preencher este questionário, pedindo por isso o favor de reportar as suas respostas ao dia em que visitou o jardim.

Muito obrigada pela colaboração.

**\*Obrigatório**

**QUESTÃO PRÉVIA: Tipo de frequentador/visitante de jardim: \***

Turista (mais de 24h fora da residência habitual, pernoita em alojamento)

Visitante de um dia /day-tripper (menos de 24h fora da residência habitual, regressa a casa)

**I. CARACTERÍSTICAS/PERFIL DO VISITANTE: \***

1. Dados Gerais: 1.1. Nacionalidade:

Portuguesa

Outra:

1.2. Sexo: \*

Feminino

Masculino

1.3. Idade: \*

1.4. Habilitações Literárias: \*

Nenhuma

1º Ciclo

2º Ciclo

3º Ciclo

Ensino Secundário

Ensino Superior

Outra:

1.4.1. Se escolheu Ensino Superior, indique o grau:

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

1.5. Área de Formação:

1.6. Profissão/Ocupação: \*

1.7. Residência (a): \*

Localidade

1.7. Residência (b): \*

Concelho (ou País/cidade)

2. Informação relativa ao dia de hoje (ou dia da visita ao jardim) \*

2.1. Qual o primeiro motivo desta viagem/saída de casa?

Férias

Visita a familiares e amigos

Evento cultural

Negócios/profissional

Evento desportivo

Simples passeio recreativo

Evento religioso

Outra:

<sup>287</sup> Tendo em conta que a estrutura *online* do questionário se estende por várias páginas, optou-se por apresentar apenas a versão em português a título exemplificativo.

2.1.1. Se está de férias, como as classifica?

Férias de sol e praia

Férias culturais

Férias de saúde e bem-estar

Férias de natureza

Outra:

2.1.2. Quanto tempo estará de férias em Portugal?

2.2. Se é turista, onde está hospedado/acomodado?

Hotel

Pensão

Residencial

Residência secundária (própria)

Casa de familiares e/ou amigos

Parque de Campismo

Outra:

2.2.1. Em que Localidade está hospedado/acomodado?

2.3. Visitou outro (s) local (ais) turístico (s) antes do jardim, hoje? \*

Sim

Não

2.3.1. Se Sim, qual (ais)?

2.4. Visitou outro (s) local (ais) turístico (s) depois deste jardim? \*

Sim

Não

2.4.1. Se Sim, qual (ais)?

**II. Hábitos de Lazer e Turismo - A) Gerais: \***

1. Que atividades lúdicas mais costuma praticar? (Nota: assinala todas as que se aplicarem)

Jardinagem

Ver televisão

Leitura

Andar/caminhar

Andar de bicicleta

Desporto em geral

Cozinhar

Outra:

2. Que tipo de atrações turísticas mais costuma visitar? \*

Nota: assinala todas as que se aplicarem

Museus e galerias

Património construído

Património natural

Parques temáticos

Locais religiosos

Festivais/eventos tradicionais

Jardins (históricos)

Outra:

**II. Hábitos de Lazer e Turismo - B) Específicos sobre jardins: \***

3. Tem jardim em casa?



Sim

Não

3.1. Gosta de jardinagem? \*

Sim

Não



3.1.1. Costuma praticar jardinagem? \*

Sim  
 Não

4. É um visitante de jardins? \*

Habitual  
 Ocasional

4.1. Com que frequência costuma visitar jardins? \*

Todos os dias  
 Pelo menos 1 vez por semana  
 Pelo menos 1 vez por mês  
 Pelo menos 1 vez por ano  
 Duas ou mais vezes por ano  
 Outro:

4.2. (1) Quando é que habitualmente visita jardins?

Só em férias  
 Sobretudo em férias  
 Todo o ano

4.2. (2) Quando é que habitualmente visita jardins?

Fim de semana  
 Semana  
 Nas duas situações

5. Indique o principal motivo porque visita jardins: \*

6. Costuma visitar jardins: \*

Sozinho (a)  
 Acompanhado (a)  
 É indiferente  
 Depende das situações

7. Costuma visitar jardins com entrada: \*

Paga  
 Gratuita  
 Nas duas situações

8. Costuma visitar jardins com visitas: \*

Guiadas  
 Livres  
 Nas duas situações

9. Já visitou outros jardins em Portugal? \*

Sim  
 Não

9.1. Se Sim, dê alguns exemplos:

10. Já visitou outros jardins no estrangeiro? \*

Sim  
 Não

11. Das situações seguintes, indique as que já visitou: \*

Nota: assinala todas as que se aplicarem

Estufas  
 Festivais de jardins/flores  
 Eventos de jardinagem  
 Viveiros/Centros de jardinagem  
 Nenhuma destas  
 Outra:



**12. Indique aspetos positivos da visita a um jardim: \***  
 Nota: assinala todas as que se aplicarem

Contacto com a Natureza

Momentos de paz e evasão

Aprender sobre história e plantas

Interação familiar/social

Outra:

**13. Indique, com 3 palavras, o que é para si um jardim: \***

**14. Das hipóteses seguintes, qual a que melhor o define? \***

visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas

visitante com interesse específico por jardins e botânica

visitante com interesse específico no design dos jardins

visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado

**15. Pertence ou é sócio de alguma Associação/Organização relacionada com/a jardins? \***  
 (Ex.: APJSH; Liga dos Amigos do Jardim...; National Trust; National Garden Scheme...)

Sim

Não

**15.1. Se Sim, indique qual (ais):**

**16. Para si, o que é que um jardim oferece que outras atrações ou locais turísticos não oferecem? \***

**III. Caracterização da visita a este jardim \***  
 Por favor indique a qual dos jardins se referiu esta visita:

Parque de Serralves (Porto)

Jardim Botânico de Coimbra

Jardim do Palácio Fronteira (Lisboa)

**1. A visita ao jardim foi o principal motivo da saída de casa de hoje? \***

Sim

Não

**2. A sua visita estava inserida nalgum tipo de roteiro/tour ou percurso turístico relacionado com jardins? \***

Sim

Não

**2.1. Se Sim, a que nível?**

Regional

Nacional

Internacional

**3. A visita de hoje ao jardim foi planeada? \***

Sim

Não

**3.1. Se Sim, como organizou a visita ao jardim?**

De forma individual

Através de agências/operadores turísticos nacionais

Através de agências/operadores turísticos internacionais

**3.2. Quando decidiu fazer esta visita? \***

Hoje

Esta semana

Semana passada

Há 1 mês

Há mais de 1 mês

Há 1 ano ou mais

Outra:





**4. Motivos da visita ao jardim: \***  
Nota: assinale um máximo de 5

- Ocupação de tempos livres
- Ambiente natural
- Paz, tranquilidade, descanso
- As diferentes espécies florísticas
- Bom tempo para passear
- Arquitetura/design do jardim
- Influência de família/amigos
- Ganhar inspiração
- Distração para as crianças
- Fama do jardim
- Ficava no caminho para outro destino
- Tour/roteiro organizado
- Admirar o cenário e atmosfera
- Simples curiosidade
- Passar tempo de qualidade com família e/ou amigos
- Nenhum motivo em particular
- Outra:

**5. Atividades realizadas no jardim: \***  
Nota: assinale todas as que se aplicarem

- Fotografar
- Conversar
- Pintar
- Estudar
- Observar plantas
- Meditar
- Namorar
- Escrever
- Ler
- Estar
- Exercitar/desporto
- Fazer piquenique
- Brincar (c/ crianças)
- Outra:

**6. Onde tomou conhecimento/se informou do jardim pela 1ª vez? \***

- Ouviu falar
- Televisão
- Redes sociais (facebook,...)
- Rotas e itinerários turísticos
- Guias/livros/revistas
- Agências de viagem
- Passou e viu o jardim
- Rádio
- Internet (sites, blogues,...)
- Brochuras, panfletos
- Feiras/Eventos
- Posto de turismo
- Familiares e/ou amigos
- Outra:

**7. Frequência da visita: \***

- Primeira vez que visita este jardim (ir para questão 8)
- Já visitou outras vezes

Se respondeu "outras vezes", indique quantas (+ ou -):

**7.1. Se já visitou outras vezes este jardim, fá-lo com que frequência?**

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas ou mais/semana
- Uma vez por mês
- Duas ou mais/mês
- Uma vez por ano
- Duas ou mais/ano
- Outra situação (ir para questão 8)

**7.2. Quando costuma visitar/frequentar o jardim?**

- Semana
- Fim de semana
- Nas duas situações



8. Duração desta visita: \*

Menos de 1 hora  
 Cerca de 1 hora  
 Entre 1 a 2 horas  
 Mais de 2 horas

9. Visitou o jardim: \*

Sozinho (a)  
 Acompanhado (a)

9.1. Se visitou o jardim acompanhado (a), com quem?

Nota: assinala todas as que se aplicarem

Marido/Esposa  
 Filhos  
 Namorado (a)  
 Amigos  
 Grupo/tour organizado  
 Outros elementos familiares  
 Outra:

Se respondeu com os filhos, com amigos/outros elementos familiares, indique as idades para o primeiro caso e a quantidade para o segundo caso.

10. Integrou alguma visita guiada ao jardim? \*

Sim  
 Não

11. No espaço, só visitou o jardim? \*

Sim  
 Não

11.1. Se Não, que outras atrações presentes no espaço visitou?

Nota: estão listadas todas as atrações referentes aos 3 jardins em estudo. Por favor indique apenas as que se referem ao jardim que visitou.

Museu  
 Estufas  
 Casa de Serralves  
 Mata  
 Quinta  
 Palácio

12. Usufruiu dos equipamentos que o espaço disponibiliza? \*

Sim  
 Não

12.1. Se Sim, qual (ais)?

Nota: estão listados todos os equipamentos referentes aos 3 jardins em estudo. Por favor indique apenas os que se referem ao jardim que visitou.

Café/casa de chá  
 Restaurante  
 Livraria  
 Loja de souvenirs  
 Sky Garden  
 Outra:

13. Conhece o programa de atividades da Fundação/Jardim? \*

Sim  
 Não

13.1. Já participou, ou costuma participar, em alguma dessas atividades? \*

Sim  
 Não

14. O jardim correspondeu às suas expectativas? \*

Sim  
 Não  
 Não tinha expectativas

15. Está satisfeito com a visita e espaço? \*

Sim  
 Não

15.1. Qual o grau de satisfação? \*

1 2 3 4 5

nada satisfeito      muito satisfeito



16. Na sua opinião, o que mais lhe agrada ou agradou neste jardim? \*

Nota: assinala todas as que se aplicarem

- Beleza visual do jardim
- Diversidade florística
- Calma, tranquilidade e sossego
- Qualidade do atendimento
- Organização e design do jardim
- Limpeza do espaço
- Tudo
- Outra:

17. Na sua opinião, o que mais lhe desagrada ou desagradou neste jardim? \*

Nota: assinala todas as que se aplicarem

- Falta de informação
- Falta de sinalização
- Falta de atividades lúdicas
- Falta de limpeza
- Degradação do jardim
- Isolamento
- Elevado preço da entrada/visita
- Atendimento
- Nada
- Outra:

18. Descreva, com 3 palavras, a experiência da visita a este jardim? \*

19. Pensa regressar a este jardim? \*

- Sim
- Não
- Talvez


**OBSERVAÇÕES**

Se achar que no questionário não foi abordado algum item que considera importante ou dispõe de mais informações que considera essenciais para o estudo, este é o espaço disponibilizado para o fazer.

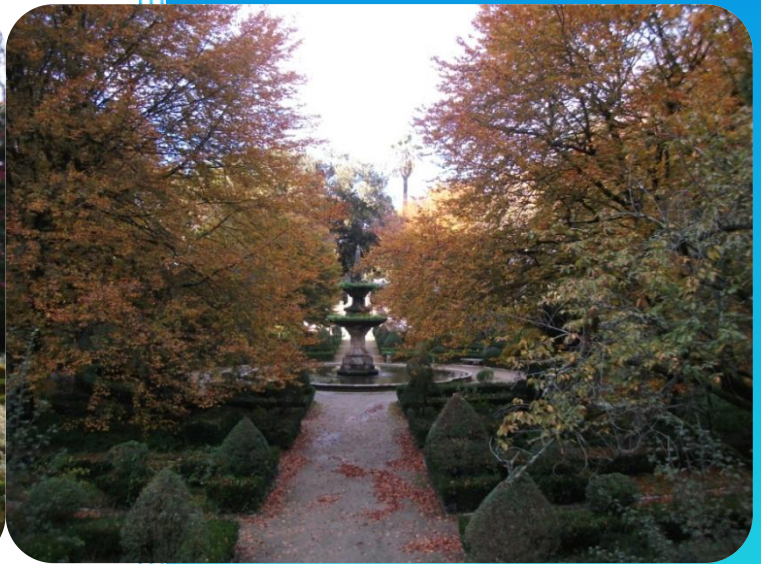
**Contacto de e-mail**

Informação não obrigatória mas importante em termos estatísticos, para perceber quem, das pessoas abordadas, respondeu ao questionário. Obrigada.

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Com tecnologia  Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Termos adicionais](#)

# Anexo IV



Parque de Serralves e Jardim Botânico de Coimbra

*Questionários – Quadros*

**Capítulo VII****Grupo I – Caracterização do jardim e sua localização**

Quadro AIV.1: Localização dos jardins

<b>Localização do jardim</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Na cidade	32	50,8
2 – Na periferia	16	25,4
3 – Em meio rural	12	19,0
4 – Isolado	0	0,0
5 – Em meio rural + Isolado	3	4,8
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.2: Tipologia dos jardins

<b>Tipo de jardim</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Quinta de recreio	29	46,0
2 – Jardim botânico	9	14,3
3 – Cerca conventual	6	9,5
4 – Tapada	0	0,0
5 – Parque	8	12,7
6 – Jardim envolvente de casa	10	15,9
7 – Estufa	1	1,6
8 – Outro	0	0,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.3: Área dos jardins

<b>Área do jardim (ha)</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	8	12,7
1 – <1 ha	11	17,5
2 – 1-4 ha	16	25,4
3 – 5-10 ha	15	23,8
4 – 11-20 ha	6	9,5
5 – 21-50 ha	4	6,3
6 – >50 ha	3	4,8
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.4: Época/século dos jardins

Época/Séc. do jardim	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Romano	1	1,6	1	1,1	2,0
2 – XV	1	1,6	1	1,1	2,0
3 – XVI	2	3,2	3	3,3	5,0
4 – XVII	2	3,2	6	6,6	10,0
5 – XVIII	13	20,6	29	31,9	46,0
6 – XIX	14	22,2	29	31,9	46,0
7 – XX	8	12,7	22	24,2	35,0
8 – XVII+XVIII	2	3,2			
9 – XVIII+XIX	6	9,5			
10 – XVIII+XX	3	4,8			
11 – XIX+XX	5	7,9			
12 – XVI+XVIII+XX	1	1,6			
13 – XVII+XVIII+XX	1	1,6			
14 – XVII+XIX+XX	1	1,6			
15 – XVIII+XIX+XX	3	4,8			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>91</b>	<b>-</b>	<b>91</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário I (2014)

Quadro AIV.5: Principal objetivo da criação dos jardins

Principal objetivo		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – Não responde	10	15,9
1 – Enquadramento de elemento principal	27	42,9
2 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem	2	3,2
3 – Recurso Educativo	4	6,3
4 – Usufruto/Satisfação pessoal	2	3,2
5 – Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	3	4,8
6 – Outro (s)	5	7,9
7 – Enquadramento de elemento principal + Usufruto/Satisfação pessoal	5	7,9
8 – Enquadramento de elemento principal + Fruição coletiva/uso lúdico...	1	1,6
9 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Recurso educativo	1	1,6
10 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Fruição coletiva/uso lúdico..	1	1,6
11 – Recurso Educativo + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	1	1,6
12 – Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário I (2014)

Quadro AIV.6: Objetivos da criação dos jardins

Objetivos da criação do jardim	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Enquadramento de elemento principal	15	23,8	42	31,8	66,7
2 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem	1	1,6	21	15,9	33,3
3 – Recurso Educativo	1	1,6	12	9,1	19,0
4 – Usufruto/Satisfação pessoal	1	1,6	24	18,2	38,1
5 – Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	3	4,8	23	17,4	36,5
6 – Outro (s)	4	6,3	10	7,6	12,0
7 – Enquadramento de elemento principal + Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem	2	3,2			
8 – Enquadramento de elemento principal + Usufruto/Satisfação pessoal	7	11,1			
9 – Enquadramento de elemento principal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	2	3,2			
10 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Recurso educativo	1	1,6			
11 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	2	3,2			
12 – Recurso Educativo + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	1	1,6			
13 – Recurso Educativo + Outro (s)	2	3,2			
14 – Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	2	3,2			
15 – Enquadramento de elemento principal + Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Usufruto/Satisfação pessoal	5	7,9			
16 – Enquadramento de elemento principal + Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Fruição coletiva/uso lúdico turístico	1	1,6			
17 – Enquadramento de elemento principal + Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	1	1,6			
18 – Enquadramento de elemento principal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico + Outro (s)	1	1,6			
19 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico	1	1,6			
20 – Recurso educativo + Fruição coletiva/uso lúdico e turístico + Outro (s)	1	1,6			
21 – Enquadramento de elemento principal + Gosto por plantas, flores e jardinagem + Recurso educativo + Fruição coletiva/uso lúdico	1	1,6			
22 – Enquadramento de elemento principal + Gosto por plantas, flores e jardinagem + Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva	2	3,2			
23 – Enquadramento de elemento principal + Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Usufruto/Satisfação pessoal + Outro (s)	1	1,6			
24 – Enquadramento de elemento principal + Recurso educativo + Fruição coletiva/uso lúdico + Outro (s)	1	1,6			
25 – Gosto pessoal por plantas, flores e jardinagem + Recurso Educativo + Usufruto/Satisfação pessoal + Fruição coletiva/uso lúdico	1	1,6			
26 – Todos os objetivos apontados	3	4,8			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>132</b>	<b>-</b>	<b>132</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.7: Total de elementos permanentes associados aos jardins

Total de elementos permanentes	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Casa/Solar	12	19,0	31	27,0	49,2
2 – Palácio	6	9,5	20	17,4	31,7
3 – Museu	1	1,6	12	10,4	19,0
4 – Estufas/Viveiros	1	1,6	19	16,5	30,2
5 – Santuário	0	0,0	1	0,9	1,6
6 – Mosteiro/Convento	3	4,8	6	5,2	9,5
7 – Outro (s)	2	3,2	26	22,6	41,3
8 – Nenhum	0	0,0	0	0,0	0,0
9 – Casa/Solar + Museu	2	3,2			
10 – Casa/Solar + Estufas/Viveiros	3	4,8			
11 – Casa/Solar + Outro (s)	10	15,9			
12 – Palácio + Estufas/Viveiros	2	3,2			
13 – Palácio + Outro (s)	6	9,5			
14 – Museu + Estufas/Viveiros	1	1,6			
15 – Museu + Outro (s)	2	3,2			
16 – Estufas/Viveiros + Outro (s)	3	4,8			
17 – Casa/Solar + Museu + Estufas/Viveiros	2	3,2			
18 – Palácio + Museu + Estufas/Viveiros	2	3,2			
19 – Palácio + Estufas/Viveiros + Mosteiro/Convento	1	1,6			
20 – Estufas/Viveiros + Santuário + Outro (s)	1	1,6			
21 – Casa/Solar + Palácio + Estufas/Viveiros + Outro (s)	1	1,6			
22 – Casa/Solar + Palácio + Museu + Estufas... + Mosteiro...	1	1,6			
23 – Palácio + Museu + Estufas... + Mosteiro... + Outro (s)	1	1,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>115</b>	<b>-</b>	<b>115</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.8: Elemento (s) âncora associado (s) aos jardins

Elemento (s) âncora	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Casa/Solar	26	41,3	29	37,7	46,0
2 – Palácio	13	20,6	20	26,0	31,7
3 – Museu	2	3,2	8	10,4	12,7
4 – Estufas/Viveiros	2	3,2	7	9,1	11,1
5 – Santuário	1	1,6	1	1,3	1,6
6 – Mosteiro/Convento	3	4,8	6	7,8	9,5
7 – Outro (s)	2	3,2	6	7,8	9,5
7 – Casa/Solar + Museu	2	3,2			
9 – Casa/Solar + Estufas/Viveiros	1	1,6			
10 – Palácio + Museu	2	3,2			
11 – Palácio + Estufas/Viveiros	2	3,2			
12 – Palácio + Mosteiro/Convento	3	4,8			
13 – Museu + Outro (s)	2	3,2			
14 – Estufas/Viveiros + Outro (s)	2	3,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>77</b>	<b>-</b>	<b>77</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.9: Equipamentos presentes nos jardins

Equipamentos presentes	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Café/bar/sala de chá	1	1,6	27	15,0	42,9
2 – Restaurante	1	1,6	22	12,2	34,9
3 – Loja	2	3,2	30	16,7	47,6
4 – Instalações sanitárias	5	7,9	44	24,4	69,8
5 – Parque infantil	1	1,6	8	4,4	12,7
6 – Campo de jogos	0	0,0	10	5,6	15,9
7 – Adega	0	0,0	9	5,0	14,3
8 – Outro (s)	1	1,6	24	13,3	38,1
9 – Nenhum	6	9,5	6	3,3	9,5
10 – Café/bar/sala de chá + Restaurante	1	1,6			
11 – Café/bar/sala de chá + Instalações sanitárias	1	1,6			
12 – Restaurante + Instalações sanitárias	1	1,6			
13 – Loja + Instalações sanitárias	4	6,3			
14 – Instalações sanitárias + Outro (s)	4	6,3			
15 – Campo de jogos + Outro (s)	1	1,6			
16 – Adega + Outro (s)	1	1,6			
17 – Café/bar/sala de chá + Restaurante + Instalações sanitárias	1	1,6			
18 – Café/bar/sala de chá + Loja + Instalações sanitárias	1	1,6			
19 – Café/bar/sala de chá + Instalações sanitárias + Parque infantil	1	1,6			
20 – Café/bar/sala de chá + Instalações sanitárias + Outro (s)	1	1,6			
21 – Restaurante + Loja + Instalações sanitárias	1	1,6			
22 – Restaurante + Loja + Adega	1	1,6			
23 – Loja + Instalações sanitárias + Adega	1	1,6			
24 – Loja + Instalações sanitárias + Outro (s)	1	1,6			
25 – Campo de jogos + Adega + Outro (s)	1	1,6			
26 – Café/bar/sala de chá + Restaurante + Loja + Instalações sanitárias	6	9,5			
27 – Café/bar/sala de chá + Loja + Instalações sanitárias + Campo de jogos	1	1,6			
28 – Café/bar/sala de chá + Loja + Instalações sanitárias + Outro (s)	1	1,6			
29 – Café/bar/sala de chá + Instalações sanitárias + Parque infantil + Campo de jogos	1	1,6			
30 – Café/bar/sala de chá + Instalações sanitárias + Adega + Outro (s)	1	1,6			
31 – Café/bar/sala de chá + Restaurante + Loja + Outro (s)	1	1,6			
32 – Restaurante + Loja + Campo de jogos + Outro (s)	1	1,6			
33 – Restaurante + Instalações sanitárias + Parque infantil + C. de jogos	1	1,6			
34 – Loja + Instalações sanitárias + Adega + Outro (s)	2	3,2			
35 – Café/bar/sala de chá + Restaurante + Loja + Instalações sanitárias + Outro (s)	4	6,3			
36 – Café/bar/... + Loja + Instalações sanitárias + C. de jogos + Adega	1	1,6			
37 – Café/bar/... + Restaurante + Loja + Instalações sanitárias + Parque infantil + Outro (s)	1	1,6			
38 – Café/bar/... + Restaurante + Instalações sanitárias + Parque infantil + C. de jogos + Outro (s)	1	1,6			
39 – Café/bar/... + Instalações sanitárias + Parque infantil + C. de jogos + Adega + Outro (s)	1	1,6			
40 – Café/bar/... + Restaurante + Loja + Instalações sanitárias + Parque infantil + C. de jogos + Outro (s)	1	1,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>180</b>	<b>-</b>	<b>180</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário I (2014)



Quadro AIV.10: Entidade Proprietária (geral) dos jardins

<b>Entidade proprietária geral</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Privado	27	42,9
2 – Público	34	54,0
3 – Público/Privado	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.11: Entidade Proprietária (específica) dos jardins

<b>Entidade proprietária específica</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Privado Singular	14	22,2
2 – Privado Coletivo	6	9,5
3 – Inst. Pública	34	54,0
4 – Inst. Privada	7	11,1
5 – Inst. Púb./Priv.	1	1,6
6 – Privado Coletivo + Inst. Pública	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.12: Modelo de Gestão (geral) dos jardins

<b>Modelo Gestão geral</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Privado	28	44,4
2 – Público	27	42,9
3 – Público/Privado	8	12,7
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.13: Tipo de Gestão dos jardins

<b>Tipo de Gestão</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Singular	1	1,6
2 – Familiar	13	20,6
3 – Fundação	8	12,7
4 – Sociedade Anónima	10	15,9
5 – Municipal	13	20,6
6 – Estatal	13	20,6
5 – Outro	5	7,9
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.14: Proprietário é o explorador do jardim

<b>Proprietário é o explorador</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	59	93,7
2 – Não	4	6,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.15: Origem do orçamento dos jardins

<b>Origem do orçamento</b>	<b>Por resposta/ ocorrência</b>		<b>Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)</b>		
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
0 – NS/NR	3	4,8	3	4,2	4,8
1 – Pessoal/Próprio	21	33,3	24	33,8	38,1
2 – Estatal	20	31,7	25	35,2	39,7
3 – Empresas privadas	5	7,9	6	8,5	9,5
4 – Privados	2	3,2	4	5,6	6,3
5 – Outro	6	9,5	9	12,7	14,3
6 – Pessoal/Próprio + Estatal	1	1,6			
7 – Pessoal/Próprio + Privados	1	1,6			
8 – Estatal + Outro	3	4,8			
9 – Pessoal/Próprio + Estatal + Empresas privadas + Privados	1	1,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>71</b>	<b>-</b>	<b>71</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.16: Estado de conservação dos jardins

<b>Estado de conservação</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	2	3,2
1 – Muito Bom	18	28,6
2 – Bom	28	44,4
3 – Razoável	13	20,6
4 – Mau	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.17: Negócio/atividade associada aos jardins

<b>Outro negócio/atividade associada</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	54	85,7
2 – Não	9	14,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.18: Tipo de negócio/atividade associada aos jardins

Tipo de negócio/atividade	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Alojamento	1	1,9	19	13,5	35,2
2 – Restauração	3	5,6	33	23,4	61,1
3 – Comércio	2	3,7	30	21,3	55,6
4 – Museologia (museus e núcleos museológicos)	0	0,0	20	14,2	37,0
5 – Produção de vinhos	0	0,0	5	3,5	9,3
6 – Produção de produtos artesanais	0	0,0	4	2,8	7,4
7 – Aluguer para eventos ou outras atividades	5	9,3	24	17,0	44,4
8 – Outras atividades recreativas	0	0,0	3	2,1	5,6
9 – Viveiros de plantas	0	0,0	3	2,1	5,6
10 – Alojamento + Restauração	2	3,7			
11 – Alojamento + Museologia	1	1,9			
12 – Alojamento + Produção de vinhos	1	1,9			
13 – Alojamento + Aluguer para eventos	2	3,7			
14 – Restauração + Comércio	1	1,9			
15 – Restauração + Museologia	3	5,6			
16 – Restauração + Aluguer para eventos	1	1,9			
17 – Comércio + Museologia	2	3,7			
18 – Comércio + Produção de vinhos	1	1,9			
19 – Comércio + Aluguer para eventos	2	3,7			
20 – Museologia + Outras atividades recreativas	1	1,9			
21 – Alojamento + Restauração + Comércio	1	1,9			
22 – Alojamento + Restauração + Museologia	1	1,9			
23 – Alojamento + Restauração + Aluguer para eventos	1	1,9			
24 – Alojamento + Comércio + Aluguer para eventos	1	1,9			
25 – Restauração + Comércio + Museologia	4	7,4			
26 – Restauração + Comércio + Aluguer para eventos	1	1,9			
27 – Restauração + Comércio + Viveiros de plantas	1	1,9			
28 – Restauração + Museologia + Aluguer para eventos	1	1,9			
29 – Comércio + Produção de vinhos + Produção de produtos artesanais	1	1,9			
30 – Alojamento + Restauração + Comércio + Museologia	1	1,9			
31 – Alojamento + Restauração + Comércio + Aluguer para eventos	2	3,7			
32 – Alojamento + Restauração + Outras atividades recreativas + Viveiros de plantas	1	1,9			
33 – Alojamento + Comércio + Produção de produtos artesanais + Outras atividades recreativas	1	1,9			
34 – Restauração + Comércio + Museologia + Aluguer para eventos	3	5,6			
35 – Restauração + Comércio + Museologia + Outras atividades recreativas	1	1,9			
36 – Restauração + Comércio + Produção de vinhos + Aluguer para eventos	1	1,9			
37 – Alojamento + Restauração + Comércio + Museologia + Aluguer para eventos	1	1,9			
38 – Alojamento + Restauração + Comércio + Produção de produtos artesanais + Aluguer para eventos	1	1,9			
39 – Restauração + Comércio + Museologia + Aluguer para eventos + Viveiros de plantas	1	1,9			
40 – Alojamento + Restauração + Comércio + Produção de vinhos + Produção de produtos artesanais + Aluguer para eventos	1	1,9			
<b>Total inquiridos</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>	<b>54</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>141</b>	<b>-</b>	<b>141</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário I (2014)

Quadro AIV.19: Classificação/proteção dos jardins

Classificação/proteção		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	41	65,1
2 – Não	22	34,9
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.20: Classificação – designação

Classificação do jardim	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – MN	9	22,0	10	22,2	24,4
2 – IIP	13	31,7	16	35,6	39,0
3 – IIM	1	2,4	1	2,2	2,4
4 – MIP	3	7,3	3	6,7	7,3
5 – SIP	1	2,4	1	2,2	2,4
6 – CIP	1	2,4	1	2,2	2,4
7 – Outra	9	26,8	13	28,9	31,7
8 – MN + Outra	1	2,4			
9 – IIP + Outra	3	7,3			
<b>Total inquiridos</b>	<b>41</b>	<b>100,0</b>	<b>41</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>45</b>	-	<b>45</b>	<b>100,0</b>	-

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.21: Formas de proteção dos jardins

Forma de proteção		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – Jardim sem qualquer classificação	14	22,2
1 – Jardim classificado (individualmente ou incluindo elemento associado – MN, IIP, IIM, MIP, CIP, SIP)	32	50,8
2 – Jardim não classificado especificamente mas com elemento associado classificado	8	12,7
3 – Jardim inserido em ZEP/ZGP de elemento/conjunto associado classificado	7	11,1
4 – Jardim apenas com árvores ou vegetação classificada	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)/Nota: tomou-se em consideração a principal forma de classificação/proteção do jardim

Quadro AIV.22: Acessibilidade dos jardins

Acessibilidade		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	3	4,8
1 – Muito Boa	25	39,7
2 – Boa	27	42,9
3 – Razoável	8	12,7
4 – Má	0	0,0
5 – Muito Má	0	0,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

**Grupo II – Caracterização dos proprietários/responsáveis dos jardins**

Quadro AIV.23: Cargo dos proprietários/responsáveis

<b>Proprietário/Responsável – Cargo</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	3	4,8
1 – Proprietário Singular	13	20,6
2 – Presidente	11	17,5
3 – Diretor	17	27,0
4 – Gestor/administrador	7	11,1
5 – Outro	12	19,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.24: Género dos proprietários/responsáveis

<b>Género</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	6	9,5
1 – Masculino	38	60,3
2 – Feminino	19	30,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.25: Idade dos proprietários/responsáveis

<b>Idade</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	14	22,2
1 – 40 - 44	7	11,1
2 – 45 - 49	2	3,2
3 – 50 - 54	9	14,3
4 – 55 - 59	10	15,9
5 – 60 - 64	6	9,5
6 – 65 - 69	8	12,7
7 – > 70	7	11,1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.26: Nacionalidade dos proprietários/responsáveis

<b>Nacionalidade</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	3	4,8
1 – Portuguesa	58	92,1
2 – Outra	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.27: Habilitações literárias dos proprietários/responsáveis

<b>Habilitações Literárias</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	12	19,0
1 – Nenhuma	0	0,0
2 – 1º Ciclo	1	1,6
3 – 2º Ciclo	0	0,0
4 – 3º Ciclo	1	1,6
5 – Ensino Secundário	4	6,3
6 – Bacharelato	2	3,2
7 – Licenciatura	17	27,0
8 – Mestrado	11	17,5
9 – Doutoramento	13	20,6
10 – Outra	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.28: Área de formação dos proprietários/responsáveis

<b>Área de formação</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR/NA	14	22,2
1 – Arquitetura/Arquitetura paisagista	10	15,9
2 – Agronomia/Agricultura/Eng <sup>a</sup> Agrícola e Silvícola	10	15,9
3 – Engenharia Civil	4	6,3
4 – História	4	6,3
5 – Gestão	4	6,3
6 – Enologia	3	4,8
7 – Direito	3	4,8
8 – Turismo	2	3,2
9 – Outros	9	14,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.29: Profissão/ocupação dos proprietários/responsáveis

<b>Profissão/Ocupação</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	11	17,5
1 – Reformado	2	3,2
2 – 111 Representantes do poder legislativo e órgãos executivos, dirigentes (...)	4	6,3
3 – 112 Diretor geral e gestor executivo de empresas	8	12,7
4 – 134 Diretores de serviços especializados	13	20,6
5 – 141 Diretores e gerentes, de hotelaria e restauração	2	3,2
6 – 213 Especialistas em ciências da vida	2	3,2
7 – 214 Especialistas em engenharia	2	3,2
8 – 216 Arquitetos, urbanistas, agrimensores e designers	4	6,3
9 – 231 Professor dos ensinos universitário e superior	6	9,5
10 – 263 Especialistas em ciências sociais e religiosas	1	1,6
11 – 334 Administrativos e secretários especializados	6	9,5
12 – NA (Não foi possível apurar)	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)/CNP 2010 – Classificação Nacional de Profissões (2010)

Quadro AIV.30: Proprietário atual é o proprietário/família original do jardim

Proprietário/família original		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	24	38,1
2 – Não	39	61,9
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.31: Longevidade de propriedade do proprietário atual do jardim

Longevidade de propriedade		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	2	3,2
1 – < 5 anos	3	4,8
2 – 5 a 10 anos	2	3,2
3 – 11 a 20 anos	6	9,5
4 – 21 a 50 anos	15	23,8
5 – 51 a 100 anos	6	9,5
6 – + de 100 anos	5	7,9
7 – Desde a fundação/origem	24	38,1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.32: Residência do proprietário do jardim na casa/palácio do mesmo

Proprietário reside na casa/palácio do jardim		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	15	75,0
2 – Não	4	20,0
3 – Parte do ano	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)/Nota: Proprietários privados singulares e coletivos

### Grupo III – Caracterização da visita e atividade lúdica/turística no jardim

Quadro AIV.33: Época/século da primeira abertura dos jardins ao público

Época/Século de abertura			Século XX – Décadas					
Código/Modalidades	Nº	%	Décadas	Nº	%	Décadas	Nº	%
0 – Sem resposta	6	9,5	Séc. XX*	1	1,6	1960	1	1,6
1 – Século XVII	1	1,6	1900	1	1,6	1970	5	7,9
2 – Século XVIII	2	3,2	1910	3	4,8	1980	10	15,9
3 – Século XIX	7	11,1	1920	0	0,0	1990	5	7,9
4 – Século XX	32	50,8	1930	3	4,8			
5 – Século XXI	9	14,3	1940	2	3,2			
6 – Não sabe/Não há registo	6	9,5	1950	1	1,6			
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>50,8</b>			

Fonte: Questionário 1 (2014)

\* Não especificou data

Quadro AIV.34: Objetivos da abertura dos jardins

Objetivos da abertura	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Financeiros	0	0,0	16	10,5	25,4
2 – Educativos/culturais	11	17,5	44	28,9	69,8
3 – Preservação/conservação	3	4,8	31	20,4	49,2
4 – Conhecer/contactar com pessoas	0	0,0	5	3,3	7,9
5 – Por ser membro da APJH	0	0,0	3	2,0	4,8
6 – Gosto pessoal na partilha do património	3	4,8	17	11,2	27,0
7 – Contribuir para o desenvolvimento local	3	4,8	26	17,1	41,3
8 – Outro (s)	5	7,9	10	6,6	15,9
9 – Financeiros + Educativos/culturais	1	1,6			
10 – Financeiros + Outro (s)	2	3,2			
11 – Educativos/culturais + Preservação/conservação	6	9,5			
12 – Educativos/culturais + Contribuir para o desenvolvimento local	2	3,2			
13 – Educativos/culturais + Outro (s)	2	3,2			
14 – Financeiros + Educativos/culturais + Gosto pessoal na partilha do património	1	1,6			
15 – Financeiros + Preservação/conservação + Gosto pessoal na partilha do património	1	1,6			
16 – Educativos/culturais + Preservação/conservação + Contribuir para o desenvolvimento local	2	3,2			
17 – Educativos/culturais + Conhecer/contactar com pessoas + Contribuir para o desenvolvimento local	1	1,6			
18 – Educativos/culturais + Gosto pessoal na partilha do património + Contribuir para o desenvolvimento local	1	1,6			
19 – Preservação/conservação + Conhecer/contactar com pessoas + Gosto pessoal na partilha do património	1	1,6			
20 – Financeiros + Educativos/culturais + Preservação/conservação + Gosto pessoal na partilha do património	1	1,6			
21 – Financeiros + Educativos/culturais + Preservação/conservação + Contribuir para o desenvolvimento local	4	6,3			
22 – Educativos/culturais + Preservação/conservação + Conhecer/contactar com pessoas + Contribuir para o desenvolvimento local	1	1,6			
23 – Educativos/culturais + Preservação/conservação + Gosto pessoal na partilha do património + Contribuir para o desenvolvimento local	5	7,9			
24 – Educativos/culturais + Preservação/conservação + Contribuir para o desenvolvimento local + Outro (s)	1	1,6			
25 – Financeiros + Educativos/culturais + Preservação/conservação + Por ser membro da APJH + Contribuir para o desenvolvimento local	2	3,2			
26 – Financeiros + Educativos/culturais + Preservação/conservação + Gosto pessoal na partilha do património + Contribuir para o desenvolvimento local	1	1,6			
27 – Financeiros + Preservação/conservação + Por ser membro da APJH + Gosto pessoal na partilha do património + Contribuir para o desenvolvimento local	1	1,6			
28 – Financeiros + Educativos/culturais + Preservação/conservação + Conhecer/contactar com pessoas + Gosto pessoal na partilha do património + Contribuir para o desenvolvimento local	2	3,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>152</b>	<b>-</b>	<b>152</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário I (2014)



Quadro AIV.35: Principal objetivo da abertura dos jardins

Objetivo principal		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	17	27,0
1 – Financeiros	2	3,2
2 – Educativos/culturais	20	31,7
3 – Preservação/conservação	5	7,9
4 – Conhecer/contactar com pessoas	0	0,0
5 – Por ser membro da APJH	0	0,0
6 – Gosto pessoal na partilha do património	3	4,8
7 – Contribuir para o desenvolvimento local	4	6,3
8 – Outro (s)	6	9,5
9 – Financeiros + Educativos/culturais	1	1,6
10 – Educativos/culturais + Preservação/conservação	5	7,9
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.36: Condições atuais de abertura (a e b) dos jardins

Condições atuais de abertura (a)		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Todo o ano	60	95,2
2 – Período limitado no ano	3	4,8
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Condições atuais de abertura (b)		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Todos os dias	42	66,7
2 – Só à semana	5	7,9
3 – Só ao fim de semana	0	0,0
4 – Outra situação	16	25,4
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.37: Condições atuais de entrada e visita (a e b) dos jardins

Condições da entrada e visita (a)		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Necessário marcação prévia	13	20,6
2 – Sem marcação prévia	33	52,4
3 – Ambas as situações	17	27,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Condições da entrada e visita (b)		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Gratuita	24	38,1
2 – Paga	9	14,3
3 – Ambas as situações	30	47,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.38: Preço do bilhete normal

Preço de um bilhete normal		
Modalidades	Nº	%
NR	5	12,8
1,00€	1	2,6
1,50€	1	2,6
2,00€	4	10,3
3,00€	4	10,3
3,10€	1	2,6
3,50€	3	7,7
4,00€	2	5,1
4,50€	1	2,6
5,00€	7	17,9
6,50€	2	5,1
7,00€	1	2,6
7,50€	1	2,6
8,50€	1	2,6
10,00€	3	7,7
10,50€	1	2,6
15,00€	1	2,6
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.39: Condições atuais de visita aos jardins

Condições de visita		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Só visitas guiadas	10	15,9
2 – Só visitas livres	12	19,0
3 – Guiadas e livres	41	65,1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.40: Caracterização dos jardins quanto à duração das visitas guiadas

Duração das visitas guiadas	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	2	3,9	2	3,4	3,9
1 – <30 min.	5	9,8	5	8,6	16,9
2 – 30/45 min.	6	11,8	6	10,3	11,8
3 – 1h	20	39,2	27	46,6	52,9
4 – 1h30	7	13,7	12	20,7	23,5
5 – 2h	4	7,8	6	10,3	11,8
6 – > 2h	0	0,0	0	0,0	0,0
7 – 1h + 1h30	5	9,8			
8 – 1h + 2h	2	3,9			
<b>Total inquiridos</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>	<b>51</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>58</b>	-	<b>58</b>	<b>100,0</b>	-

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.41: Informação/formas de interpretação disponíveis nos jardins aos visitantes

Informação/formas de interpretação disponíveis	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Informação à entrada/na aquisição de bilhete	0	0,0	26	15,0	41,3
2 – Guias/Livros	0	0,0	19	11,0	30,2
3 – Visita guiada	12	19,0	51	29,5	79,4
4 – Panfletos/flyers	0	0,0	25	14,5	39,7
5 – Placas a identificar as plantas	2	3,2	23	13,3	36,5
6 – Placas e mapas ao longo do jardim	1	1,6	19	11,0	30,2
7 – Outro (s)	0	0,0	5	2,9	7,9
8 – Nenhuma	5	7,9	5	2,9	7,9
9 – Informações à entrada/na aquisição de bilhete + Visita guiada	5	7,9			
10 – Informações à entrada/na aquisição de bilhete + Placas e mapas ao longo do jardim	1	1,6			
11 – Guias/livros + Visita guiada	1	1,6			
12 – Guias/livros + Panfletos/flyers	1	1,6			
13 – Visita guiada + Panfletos/flyers	2	3,2			
14 – Visita guiada + Placas a identificar as plantas	1	1,6			
15 – Visita guiada + Placas e mapas...	2	3,2			
16 – Panfletos/flyers + Placas a identificar as plantas	1	1,6			
17 – Informações à entrada... + Guias/livros + Visita guiada	1	1,6			
18 – Informações à entrada... + Visita guiada + Panfletos/flyers	1	1,6			
19 – Informações à entrada... + Visita guiada + Placas a identificar as plantas	1	1,6			
20 – Informações à entrada... + Visita guiada + Outro (s)	1	1,6			
21 – Informações à entrada... + Placas a identificar as plantas + Placas e mapas ao longo do jardim	1	1,6			
22 – Guias/livros + Visita guiada + Placas a identificar as plantas	1	1,6			
23 – Visita guiada + Panfletos/flyers + Placas a identificar as plantas	3	4,8			
24 – Visita guiada + Panfletos/flyers + Outro (s)	1	1,6			
25 – Visita guiada + Placas a identificar as plantas + Placas e mapas ao longo do jardim	2	3,2			
26 – Informações à entrada... + Guias/livros + Visita guiada + Panfletos/flyers	2	3,2			
27 – Informações à entrada... + Visita guiada + Panfletos/flyers + Placas a identificar as plantas	1	1,6			
28 – Informações à entrada... + Visita guiada + Panfletos/flyers + Placas e mapas ao longo do jardim	1	1,6			
29 – Guias/livros + Visita guiada + Placas a identificar as plantas + Placas e mapas ao longo do jardim	1	1,6			
30 – Informações à entrada... + Guias/livros + Visita guiada + Panfletos flyers + Placas a identificar as plantas	2	3,2			
31 – Informações à entrada... + Guias/livros + Visita guiada + Panfletos/flyers + Placas e mapas ao longo do jardim	2	3,2			
32 – Guias/livros + Visita guiada + Panfletos/flyers + Placas e mapas ao longo do jardim + Outro (s)	1	1,6			
33 – Todos os tipos/formas de informação apontados	5	7,9			
34 – Todos os tipos/formas de informação apontados + Outro (s)	2	3,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>173</b>	<b>-</b>	<b>173</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário I (2014)

Quadro AIV.42: Número de visitantes dos jardins em termos estimativos

Nº de visitantes em termos estimativos		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Menos de 100	6	9,5
2 – 101-500	3	4,8
3 – 501-1.000	4	6,3
4 – 1.001-5.000	5	7,9
5 – 5.001-10.000	8	12,7
6 – 10.001-50.000	13	20,6
7 – 50.001-100.000	6	9,5
8 – 100.001-250.000	6	9,5
9 – Mais de 250.000	4	6,3
10 – Não sabe/Não há recolha de dados	8	12,7
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.43: Principais países de origem dos visitantes dos jardins

Países	1º		2º		3º		4º		5º	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Portugal	<b>34</b>	<b>54,0</b>	5	7,9	1	1,6	5	7,9	1	1,4
França	5	7,9	8	12,7	<b>13</b>	<b>20,6</b>	<b>9</b>	<b>14,3</b>	4	5,6
Espanha	4	6,3	<b>18</b>	<b>28,6</b>	5	7,9	4	6,3	4	5,6
Alemanha	3	4,8	3	4,8	4	6,3	2	3,2	<b>10</b>	<b>13,9</b>
Inglaterra	3	4,8	4	6,3	12	19,0	7	11,1	5	6,9
Holanda	2	3,2	3	4,8	2	3,2	1	1,6	2	2,8
Brasil			2	3,2	3	4,8	6	9,5	6	8,3
EUA			1	1,6	3	4,8			4	5,6
Rússia					1	1,6			2	2,8
Japão/China							3	4,8		
Itália									4	5,6
Outros			1	1,6			3	4,8	3	4,2
NS/NR	12	19,0	18	28,6	19	30,2	23	36,5	30	41,7
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>72*</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014) (\* Total de ocorrências uma vez que alguns inquiridos referiram mais do que um país)

Quadro AIV.44: Meses de maior afluência dos jardins

Meses	Meses de maior afluência de jardins	
	Jardins	
	1%	2%
JAN	0,8	3,3
FEV	0,8	3,3
MAR	4,6	18,0
ABR	8,4	32,8
MAI	13,8	54,1
JUN	14,6	57,4
JUL	17,6	68,9
AGO	20,1	78,7
SET	13,4	52,5
OUT	4,2	16,4
NOV	0,8	3,3
DEZ	0,8	3,3
	<b>239</b>	<b>61</b>

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário 1 (2014)/1 – % sobre o total de ocorrências; 2 – % sobre o total de inquiridos

Quadro AIV.45: Evolução dos visitantes dos jardins

Evolução dos visitantes até agora			Evolução futura dos visitantes		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
1 – Aumentado	34	54,0	1 – Aumente	39	61,9
2 – Mantido	14	22,2	2 – Mantenha	12	19,0
3 – Diminuído	5	7,9	3 – Diminua	1	1,6
4 – Não sabe	10	15,9	4 – Não sabe	11	17,5
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.46: Formas de organização dos visitantes dos jardins

Formas de organização dos visitantes	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Grupos escolares	0	0,0	46	19,6	73,0
2 – Individuais	0	0,0	52	22,1	82,5
3 – Famílias	0	0,0	38	16,2	60,3
4 – Grupos organizados por agências/operadores turísticos nacionais	0	0,0	43	18,3	68,3
5 – Grupos organizados por agências/operadores turísticos internacionais	1	1,6	39	16,6	61,9
6 – Outros grupos organizados	0	0,0	17	7,2	27,0
7 – Grupos escolares + Individuais	2	3,2			
8 – Grupos escolares + Grupos...turísticos internacionais	1	1,6			
9 – Grupos escolares + Outros grupos organizados	2	3,2			
10 – Individuais + Famílias	2	3,2			
11 – Individuais + Grupos...turísticos internacionais	1	1,6			
12 – Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	6	9,5			
13 – Grupos escolares + Individuais + Famílias	6	9,5			
14 – Grupos escolares + Individuais + Grupos...turísticos nacionais	2	3,2			
15 – Individuais + Famílias + Outros grupos organizados	1	1,6			
16 – Individuais + Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	2	3,2			
17 – Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais + Outros grupos organizados	1	1,6			
18 – Grupos escolares + Individuais + Famílias + Grupos...turísticos nacionais	3	4,8			
19 – Grupos escolares + Individuais + Famílias + Outros grupos organizados	4	6,3			
20 – Grupos escolares + Individuais + Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	6	9,5			
21 – Individuais + Famílias + Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	2	3,2			
22 – Individuais + Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais + Outros grupos organizados	1	1,6			
23 – Grupos escolares + Individuais + Famílias + Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	12	19,0			
24 – Grupos escolares + Individuais + Famílias + Grupos...turísticos nacionais + Outros grupos organizados	2	3,2			
25 – Todas as formas de organização apontadas	6	9,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>235</b>	<b>-</b>	<b>235</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.47: Principal forma de organização dos visitantes dos jardins

Principal forma de organização dos visitantes		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	27	42,9
1 – Grupos escolares	4	6,3
2 – Individuais	9	14,3
3 – Famílias	5	7,9
4 – Grupos organizados por agências/operadores turísticos nacionais	3	4,8
5 – Grupos organizados por agências/operadores turísticos internacionais	4	6,3
6 – Grupos escolares + Individuais	2	3,2
7 – Grupos escolares + Grupos... turísticos internacionais	1	1,6
8 – Grupos escolares + Outros grupos organizados	2	3,2
9 – Individuais + Famílias	1	1,6
10 – Grupos...turísticos nacionais + Grupos...turísticos internacionais	5	7,9
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.48: Definição dos visitantes dos jardins quanto ao seu interesse principal

Definição dos visitantes	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	4	6,3	4	4,7	6,3
1 – visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas	20	31,7	34	39,5	54,0
2 – visitante com interesse específico por jardins e botânica	5	7,9	14	16,3	22,2
3 – visitante com interesse específico no design dos jardins	0	0,0	3	3,5	4,8
4 – visitante que busca apenas um tempo/dia agradável e bem passado	16	25,4	31	36,0	49,2
5 – visitante com interesse geral por jardins + visitante com interesse específico	2	3,2			
6 – visitante com interesse geral por jardins + visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	7	11,1			
7 – visitante com interesse específico por jardins + visitante com interesse específico no design	1	1,6			
8 – visitante com interesse específico por jardins + visitante que busca apenas tempo/dia agradável	2	3,2			
9 – visitante com interesse específico no design + visitante que busca apenas tempo/dia agradável	1	1,6			
10 – visitante com interesse geral por jardins + visitante com interesse específico por jardins + visitante que busca apenas tempo/dia agradável	4	6,3			
11 – visitante com interesse geral por jardins + visitante com interesse específico no design + visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	1	1,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>86</b>	<b>-</b>	<b>86</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.49: Definição dos visitantes dos jardins quanto à sua faixa etária

Definição dos visitantes Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	15	23,8	15	23,1	23,8
1 – Mais jovem	6	9,5	6	9,2	9,5
2 – Mais maduro	33	52,4	35	53,8	55,6
3 – Mais idoso	7	11,1	9	13,8	14,3
4 – Mais maduro + Mais idoso	2	3,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>65</b>	<b>-</b>	<b>65</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.50: Principais motivos para a visita aos jardins

Motivos para a visita aos jardins Código/Modalidades	1º		2º		3º	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	6	9,5	6	9,5	7	11,1
1 – Contacto com a natureza, ar livre	9	14,3	3	4,8	10	15,9
2 – As diferentes espécies florísticas	5	7,9	11	17,5	2	3,2
3 – Ocupação dos tempos livres	3	4,8	3	4,8	3	4,8
4 – Paz, tranquilidade, descanso	3	4,8	7	11,1	5	7,9
5 – Interação familiar/social	0	0,0	0	0,0	1	1,6
6 – Arquitetura/design do jardim	3	4,8	5	7,9	11	17,5
7 – Fica perto/a caminho de outra atração	2	3,2	2	3,2	2	3,2
8 – Fama e importância do jardim	11	17,5	15	23,8	10	15,9
9 – Procura de inspiração para jardim próprio	0	0,0	1	1,6	1	1,6
10 – Simples curiosidade	1	1,6	1	1,6	3	4,8
11 – Casa/Palácio/Museu ou outro associado	18	28,6	5	7,9	5	7,9
12 – Sem motivo específico, visita ocasional	0	0,0	0	0,0	1	1,6
13 – Outro (s)*	2	3,2	4	6,4	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)\*Foram mencionados ainda motivos pedagógicos, o conhecimento, a diversidade do património cultural e natural, o alojamento rural associado, ver o património e estatutária, os eventos e atividades lúdicas promovidas e o lazer.

Quadro AIV.51 e AIV.52: Receitas dos jardins e Promoção dos jardins

Receitas totais do jardim		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NR	9	14,3
1 – Apresenta quantitativo	14	22,2
2 – Não sabe	15	23,8
3 – Sem receitas	25	39,7
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Promoção		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	57	90,5
2 – Não	6	9,5
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.53: Meios de promoção dos jardins

Meios de promoção	Por		Total de		
	resposta/ ocorrência		ocorrências (1) e inquiridos (2)		
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Página própria na internet	4	7,0	48	23,1	84,2
2 – Redes sociais	0	0,0	30	14,4	52,6
3 – Rotas e itinerários turísticos	1	1,8	37	17,8	64,9
4 – Feiras/certames da especialidade	0	0,0	9	4,3	15,8
5 – Através da APJH e das suas atividades	0	0,0	2	1,0	3,5
6 – Comunicação social	0	0,0	20	9,6	35,1
7 – Cartazes publicitários/ Panfletos/Brochuras/Flyers	1	1,8	22	10,6	38,6
8 – Eventos internacionais	0	0,0	13	6,3	22,8
9 – Em rede com outras atrações turísticas	0	,0	16	7,7	28,1
10 – Outro (s)	2	3,5	11	5,3	19,3
11 – Página própria na internet + Redes sociais	2	3,5			
12 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos	3	5,3			
13 – Página própria na internet + Outro (s)	3	5,3			
14 – Redes sociais + Cartazes publicitários...	1	1,8			
15 – Rotas e itinerários turísticos + Em rede com outras atrações turísticas	1	1,8			
16 – Rotas e itinerários turísticos + Outro (s)	1	1,8			
17 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos	2	3,5			
18 – Página própria na internet + Redes sociais + Comunicação social	1	1,8			
19 – Página própria na internet + Redes sociais + Cartazes publicitários...	1	1,8			
20 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Através da APJH...	1	1,8			
21 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social	3	5,3			
22 – Página própria na internet + Cartazes publicitários + Eventos internacionais	1	1,8			
23 – Rotas e itinerários... + Comunicação social + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
24 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários + Comunicação social	1	1,8			
25 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Cartazes publicitários...	3	5,3			
26 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
27 – Página própria na internet + Redes sociais + Feiras/certames da especialidade + Eventos internacionais	1	1,8			
28 – Página própria na internet + Redes sociais + Comunicação social + Eventos internacionais	1	1,8			
29 – Página própria na internet + Redes sociais + Cartazes publicitários... + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
30 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Cartazes publicitários...	1	1,8			
31 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
32 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Feiras/certames da especialidade + Cartazes publicitários...	2	3,5			
33 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Feiras da especialidade + Em rede com outras atrações---	1	1,8			
34 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
35 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários	1	1,8			



turísticos + Comunicação social + Outro (s)					
36 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Através da APJH... + Em rede com outras atrações... + Outro (s)	1	1,8			
37 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação Social + Cartazes publicitários... + Eventos internacionais	1	1,8			
38 – Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Cartazes publicitários... + Em rede com outras atrações... + Outro (s)	1	1,8			
39 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Cartazes publicitários... + Eventos internacionais	1	1,8			
40 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Comunicação social + Cartazes publicitários/ +Em rede com outras atrações...	1	1,8			
41 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Cartazes publicitários/ + Eventos internacionais + Em rede com outras atrações...	1	1,8			
42 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Cartazes publicitários/ + Eventos internacionais + Outro (s)	1	1,8			
43 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Eventos internacionais + Em rede com outras atrações...+ Outro (s)	1	1,8			
44 – Página própria na internet + Redes sociais + Feiras/certames da especialidade + Comunicação social + Cartazes publicitários...+ Eventos internacionais	1	1,8			
45 – Página própria na internet + Redes sociais + Rotas e itinerários turísticos + Feiras/certames da especialidade + Comunicação social + Cartazes publicitários... + Eventos internacionais + Em rede com outras atrações...	4	7,0			
<b>Total inquiridos</b>	<b>57</b>	<b>100,0</b>	<b>57</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>208</b>	<b>-</b>	<b>208</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.54: Principal meio de promoção dos jardins

Meio de promoção principal		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	34	59,6
1 – Página própria na internet	7	12,3
2 – Redes sociais	0	0,0
3 – Rotas e itinerários turísticos	2	3,5
4 – Feiras/certames da especialidade	0	0,0
5 – Através da APJSH e das suas atividades	0	0,0
6 – Comunicação social	0	0,0
7 – Cartazes publicitários/Panfletos/Brochuras/Flyers	1	1,8
8 – Eventos internacionais	0	0,0
9 – Em rede com outras atrações turísticas	1	1,8
10 – Outro (s)	2	3,5
12 – Página própria na internet + Redes sociais	2	3,5
13 – Página própria na internet + Rotas e itinerários turísticos	3	5,3
14 – Página própria na internet + Outro (s)	2	3,5
15 – Redes sociais + Cartazes publicitários/	1	1,8
16 – Rotas e itinerários turísticos + Em rede com outras atrações	1	1,8
17 – Rotas e itinerários turísticos + Outro (s)	1	1,8
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.55: Promoção de atividades nos jardins

<b>Atividades no jardim</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	51	81,0
2 – Não	12	19,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.56: Tipo de atividades promovidas nos jardins

<b>Tipo de atividades no jardim</b>	<b>Por resposta/ ocorrência</b>		<b>Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)</b>		
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
1 – Festas temáticas	0	0,0	19	11,3	37,3
2 – Exposições/Conferências	0	0,0	19	11,3	37,3
3 – Percursos turístico-educativos	10	19,6	46	27,4	90,2
4 – Atividades desportivas	0	0,0	11	6,5	21,6
5 – Ateliers/Cursos de jardinagem e outros	0	0,0	25	14,9	49,0
6 – Espetáculos culturais	2	3,9	31	18,5	60,8
7 – Provas de vinhos	0	0,0	6	3,6	11,8
8 – Outras (s)	0	0,0	11	6,5	21,6
9 – Percursos turístico-educativos + Ateliers/Cursos de jardinagem...	1	2,0			
10 – Percursos turístico-educativos + Espetáculos culturais	4	7,8			
11 – Percursos turístico-educativos + Provas de vinhos	2	3,9			
12 – Percursos turístico-educativos + Outra (s)	2	3,9			
13 – Festas temáticas + Percursos turístico-educativos + Provas de vinhos	1	2,0			
14 – Festas temáticas + Atividades desportivas + Espetáculos culturais	2	3,9			
15 – Exposições/Conferências + Percursos turístico-educativos + Ateliers/Cursos...	1	2,0			
16 – Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Espetáculos culturais	1	2,0			
17 – Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos... + Espetáculos...	1	2,0			
18 – Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos... + Outra (s)	2	3,9			
19 – Festas temáticas + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos... + Espetáculos...	3	5,9			
20 – Festas temáticas + Percursos turísticos... + Atividades desportivas + Espetáculos...	1	2,0			
21 – Festas temáticas + Atividades desportivas + Ateliers/Cursos... + Espetáculos...	1	2,0			
22 – Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos... + Espetáculos...	1	2,0			
23 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Atividades desportivas + Espetáculos culturais	1	2,0			
24 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos de jardinagem... + Espetáculos culturais	3	5,9			
25 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos de jardinagem... + Outras (s)	1	2,0			
26 – Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos de jardinagem... + Espetáculos culturais + Outra (s)	2	3,9			
27 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Atividades desportivas + Ateliers/Cursos de jardinagem... + Espetáculos culturais	3	5,9			
28 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers de jardinagem + Espetáculos culturais + Outra (s)	2	3,9			
29 – Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Atividades desportivas + Ateliers/Cursos de jardinagem... + Espetáculos culturais + Provas de vinhos	2	3,9			
30 – Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Ateliers/Cursos de jardinagem + Espetáculos culturais + Provas de vinhos + Outra (s)	1	2,0			
31 – Festas temáticas + Exposições/Conferências + Percursos turísticos... + Atividades desportivas + Ateliers/Cursos... + Espetáculos culturais + Outra (s)	1	2,0			
<b>Total inquiridos</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>	<b>51</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>168</b>	<b>-</b>	<b>168</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.57: Principal tipo de atividades promovidas nos jardins

Principal atividade		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	29	46,0
1 – Festas temáticas	0	0,0
2 – Exposições/Conferências	0	0,0
3 – Percursos turístico-educativos	13	20,6
4 – Atividades desportivas	0	0,0
5 – Ateliers/Cursos de jardinagem e outros	1	1,6
6 – Espetáculos culturais	2	3,2
7 – Provas de vinhos	1	1,6
8 – Outra (s)	0	0,0
9 – Nenhuma	12	19,0
10 – Percursos turístico-educativos + Ateliers/Cursos de jardinagem...	1	1,6
11 – Percursos turístico-educativos + Espetáculos culturais	4	6,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.58: Integração dos jardins em rotas/percursos

Integração em rota/percurso – resposta proprietários			Integração em rota/percurso – pesquisa da autora		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	6	9,5	1 – Sim	50	79,4
1 – Sim	27	42,9	2 – Não	13	20,6
2 – Não	30	47,6	<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 1 e endereços eletrônicos (2014)

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.59: Escala territorial das rotas/percursos

Escala dos roteiros	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Regional	24	48,0	49	58,3	98,0
2 – Nacional	1	2,0	23	27,4	46,0
3 – Internacional	0	0,0	12	14,3	24,0
4 – Regional + Nacional	13	26,0			
5 – Regional + Internacional	3	6,0			
6 – Regional + Nacional + Internacional	9	18,0			
<b>Total inquiridos</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>	<b>50</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>84</b>	<b>-</b>	<b>84</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 e endereços eletrônicos (2014)

Quadro AIV.60: Vontade dos proprietários/responsáveis em fazer parte de uma rota/percurso

Fazer parte de rota/percurso – resposta proprietários		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	11	36,7
1 – Sim	15	50,0
2 – Não	4	13,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.61: Equipamentos próximos dos jardins

Equipamentos próximos	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Café/Restaurante	5	7,9	53	24,2	84,1
2 – Hotel	1	1,6	38	17,4	60,3
3 – Pensão/Residencial	0	0,0	21	9,6	33,3
4 – Outro tipo de alojamento	2	3,2	19	8,7	30,2
5 – Pontos de comércio	1	1,6	37	16,9	58,7
6 – Posto de turismo	0	0,0	18	8,2	28,6
7 – Outros jardins	1	1,6	29	13,2	46,0
8 – Outros	0	0,0	0	0,0	0,0
9 – Nenhum	4	6,3	4	1,8	6,3
10 – Café/Restaurante + Hotel	6	9,5			
11 – Café/Restaurante + Pensão/Residencial	1	1,6			
12 – Café/Restaurante + Pontos de comércio	1	1,6			
13 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial	2	3,2			
14 – Café/Restaurante + Hotel + Pontos de comércio	1	1,6			
15 – Café/Restaurante + Hotel + Outros jardins	2	3,2			
16 – Café/Restaurante + Outro tipo de alojamento + Pontos de comércio	4	6,3			
17 – Café/Restaurante + Pontos de comércio + Outros jardins	3	4,8			
18 – Hotel + Pensão/Residencial + Outro tipo de alojamento	1	1,6			
19 – Café/Restaurante + Hotel + Pontos de comércio + Posto de turismo	2	3,2			
20 – Café/Restaurante + Hotel + Pontos de comércio + Outros jardins	5	7,9			
21 – Café/Restaurante + Pensão/Residencial + Pontos de comércio + Outros jardins	1	1,6			
22 – Café/Restaurante + Pontos de comércio + Posto de turismo + Outros jardins	1	1,6			
23 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial + Outro tipo de alojamento + Posto de turismo	1	1,6			
24 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial + Pontos de comércio + Posto de turismo	1	1,6			
25 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial + Pontos de comércio + Outros jardins	4	6,3			
26 – Café/Restaurante + Hotel + Pontos de comércio + Posto de turismo + Outros jardins	2	3,2			
27 – Café/Restaurante + Outro tipo de alojamento + Pontos de comércio + Posto de turismo + Outros jardins	1	1,6			
28 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial + Outro tipo de alojamento + Pontos de comércio + Posto de turismo	1	1,6			
29 – Café/Restaurante + Hotel + Pensão/Residencial + Outro tipo de alojamento + Pontos de comércio + Posto de turismo + Outros jardins	9	14,3			
<b>Total inquiridos</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>215</b>	<b>-</b>	<b>215</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.62: Atrações próximas dos jardins

Atrações próximas		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	55	87,3
2 – Não	8	12,7
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.63: Tipo de atrações próximas dos jardins referidas pelos inquiridos

Tipos de Atrações	Nº	1 %	2 %
Parques/Jardins	29	22,1	52,7
Museus	19	14,5	34,5
Cidade próxima/Centro Histórico	13	9,9	23,6
Mosteiros/Santuários	9	6,9	16,4
Igrejas e outros espaços religiosos	9	6,9	16,4
Palácios	9	6,9	16,4
Castelo	6	4,6	10,9
Espaços Culturais	6	4,6	10,9
Conjunto patrimonial	5	3,8	9,1
Monumentos/Património edificado	5	3,8	9,1
Golfe	4	3,1	7,3
Serra	2	1,5	3,6
Praias	2	1,5	3,6
Outras atrações turísticas indiferenciadas	13	9,9	23,6
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>131</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>55</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.64: Relação de complementaridade entre este jardim e outras atrações do território

Relação de complementaridade		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	4	6,3
1 – Muito forte	14	22,2
2 – Forte	14	22,2
3 – Normal	12	19,0
4 – Muito ténue	2	3,2
5 – Em construção	8	12,7
6 – Não existe qualquer relação	9	14,3
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.65: Importância da presença do jardim para a atratividade do território

<b>Importância da presença do jardim para a atratividade do território</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Muito importante	30	47,6
2 – Importante	21	33,3
3 – Normal	6	9,5
4 – Pouco importante	5	7,9
5 – Nada importante	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.66: Relação entre este jardim e outros jardins nacionais

<b>Relação entre este jardim e outros jardins</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	6	9,5
1 – Sim	21	33,3
2 – Não	36	57,1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.67: Pertença a Associação/Organização nacional ou internacional

<b>Pertença a Associação/Organização</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	39	61,9
2 – Não	24	38,1
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.68: Designação das Associações

<b>Associações/Organizações</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
APC – Associação Portuguesa de Camélias/ICS Portugal	25	31,3	64,1
APJH – Associação Portuguesa dos Jardins Históricos	24	30,0	61,5
BGCI – <i>Botanic Gardens Conservation International</i>	10	12,5	25,6
EBGC – <i>European Botanic Garden Consortium</i> /AIMJB – <i>Asociación Ibero-Macaronésica de Jardines Botánicos</i>	6	7,5	15,4
APCA – Associação Portuguesa das Casas Antigas	4	5,0	10,3
ARRE – <i>Association of European Royal Residences</i>	4	5,0	10,3
TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação	4	5,0	10,3
<i>Réseau des Centres culturels/Monuments historiques en Europe</i>	2	2,5	5,1
EGHN – <i>European Garden Heritage Network</i>	1	1,3	2,6
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>80</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>39</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.69: Pontos fortes/atrativos dos jardins apresentados pelos inquiridos

<b>Pontos fortes/atrativos dos jardins</b>			
<b>Pontos fortes</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
1. História/Valor histórico	8	8,1	14,8
1.1. História (no global)	7	7,1	13,0
1.2. Ter sido propriedade de alguém notável	1	1,0	1,9
2. Património botânico/natural	23	23,2	42,6
2.1. Património/Coleções/Espécies botânicas	9	9,1	16,7
2.2. Diversidade de espécies/Biodiversidade	7	7,1	13,0
2.3. Antiguidade/Monumentalidade das espécies	3	3,0	5,6
2.4. Raridade das espécies	1	1,0	1,9
2.5. Presença de matas/parques/bosques adjacentes	3	3,0	5,6
3. Arquitetura/Design/Organização	38	38,4	70,4
3.1. Arquitetura/Desenho	6	6,1	11,1
3.2. Elementos atribuídos a determinado século/autor	1	1,0	1,9
3.3. Género/Estilo	3	3,0	5,6
3.4. Bom/Melhor exemplo da época representada	4	4,0	7,4
3.5. Técnicas utilizadas – topiária	3	3,0	5,6
3.6. Sistema hidráulico	2	2,0	3,7
3.7. (Grande número de) estátuas/elementos decorativos	4	4,0	7,4
3.8. Topografia	2	2,0	3,7
3.9. Diversidade de recantos	2	2,0	3,7
3.10. Boa organização geral do jardim	4	4,0	7,4
3.11. Dimensão	1	1,0	1,9
3.12. Vistas/Perspetivas	5	5,1	9,3
3.13. Relvado	1	1,0	1,6
4. Associação a elemento âncora/elementos patrimoniais	6	6,1	11,1
5. Valor do conjunto global	5	5,1	9,3
6. Tranquilidade, paz e descanso	2	2,0	3,7
7. Beleza, qualidade geral e identidade do espaço	4	4,0	7,4
8. Projeto de conservação	1	1,0	1,9
9. Notoriedade (nacional e internacional)	3	3,0	5,6
10. Proximidade a equipamento ou outra atração	1	1,0	1,9
11. Localização/Enquadramento	6	6,1	11,1
12. Acessibilidade	1	1,0	1,9
13. Serviço à população	1	1,0	1,9
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>99</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>1 – Total inquiridos</b>	<b>54</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.70: Pontos fracos/constrangimentos dos jardins apresentados pelos inquiridos

<b>Pontos fracos/constrangimentos dos jardins</b>			
<b>Pontos fracos</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
<b>1. Manutenção/Conservação</b>	<b>21</b>	<b>39,6</b>	<b>51,2</b>
1.1. Falta de manutenção	2	3,8	4,9
1.2. Dificuldade na sua manutenção/conservação	5	9,4	12,2
1.3. Custo da manutenção	2	3,8	4,9
1.4. Necessidade de muita manutenção	1	1,9	2,4
1.5. Degradação de algumas áreas (património natural, caminhos)	5	9,4	12,2
1.6. Degradação de elementos construídos	2	3,8	4,9
1.7. Fragilidade do espaço	2	3,8	4,9
1.8. Falta de mão de obra	1	1,9	2,4
1.9. Obras de requalificação em curso	1	1,9	2,4
<b>2. Aspeto Económico (geral)</b>	<b>3</b>	<b>5,7</b>	<b>7,3</b>
2.1. Elevados encargos financeiros	2	3,8	4,9
2.2. Falta de financiamento	1	1,9	2,4
<b>3. Aspeto Estrutural</b>	<b>12</b>	<b>22,6</b>	<b>29,3</b>
3.1. Dimensão reduzida	4	7,5	9,8
3.2. Pouca diversidade botânica	1	1,9	2,4
3.3. Acessibilidade condicionada a visitantes com mobilidade reduzida/Presença de escadas	2	3,8	4,9
3.4. Áreas fechadas ao público	1	1,9	2,4
3.5. Existência de espaços menos apelativos	1	1,9	2,4
3.6. Falta/reduzido estacionamento	2	3,8	4,9
3.7. Casa principal desabitada	1	1,9	2,4
<b>4. Aspeto lúdico/turístico</b>	<b>10</b>	<b>18,9</b>	<b>24,4</b>
4.1. Falta de articulação com outras valências/rede turística	3	5,7	7,3
4.2. Não estar sob a tutela do Monumento a que pertence	1	1,9	2,4
4.3. Pouca personalidade própria atribuída	1	1,9	2,4
4.4. Falta de informação histórica e botânica	1	1,9	2,4
4.5. Falta de atividades de educação ambiental	1	1,9	2,4
4.6. Não estar aberto aos fins de semana	1	1,9	2,4
4.7. Falta de meios de interpretação	1	1,9	2,4
4.8. Falta de vigilância	1	1,9	2,4
<b>5. Outros aspetos externos</b>	<b>7</b>	<b>13,2</b>	<b>17,1</b>
5.1. Ruído exterior	1	1,9	2,4
5.2. Condições atmosféricas adversas no inverno	1	1,9	2,4
5.3. Falta de acessibilidade/transportes públicos	2	3,8	4,9
5.4. Degradação das vias de acesso ao local	1	1,9	2,4
5.5. Localização	2	3,8	4,9
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>53</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>1 – Total inquiridos</b>	<b>41</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)



Quadro AIV.71: Perceção dos jardins enquanto atrações pelos proprietários/responsáveis

<b>Como classifica este jardim?</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	7	11,1
1 – Atração principal	29	46,0
2 – Atração secundária	21	33,3
3 – Simples jardim privado aberto	6	9,5
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.72: Intervenção nos jardins por meio de projetos/programas

<b>Intervenção para o seu desenvolvimento turístico</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	28	44,4
2 – Não	35	55,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.73: Designação dos projetos/programas

<b>Intervenção para o seu desenvolvimento turístico</b>		
<b>Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<i>EEA Grants</i>	6	21,4
Outros programas	6	21,4
Projetos de reabilitação indiferenciados	16	57,1
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

Quadro AIV.78: Nível de favorabilidade relativamente ao (maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses

<b>(Maior) (des)envolvimento da vertente lúdica e turística nos jardins históricos portugueses</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	1	1,6
1 – Totalmente favorável	40	63,5
2 – Favorável, em parte	18	28,6
3 – Nem favorável, nem desfavorável	4	6,3
4 – Desfavorável, em parte	0	0,0
5 – Totalmente desfavorável	0	0,0
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário 1 (2014)

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

Quadro AIV.74: Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão face às afirmações sobre os jardins

Afirmações sobre os jardins	Nível de concordância/discordância										Medidas de dispersão									
	1		2		3		4		5		1		2							
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Méd	Mod	Máx.	Mín.	Máx.	DP		
1. É um bom representante da essência do jardim português	7	11,1	7	11,1	10	15,9	13	20,6	22	34,9	4	6,3	3,38	5	0	5	1,621	3,61	5	1,402
2. A vertente lúdico/turística está bem desenvolvida	7	11,1	11	17,5	11	17,5	20	31,7	12	19,0	2	3,2	3,21	4	0	5	1,405	3,31	4	1,298
3. É a principal atração e local obrigatório de visita da região	11	17,5	11	17,5	14	22,2	11	17,5	14	22,2	2	3,2	3,00	3/5	0	5	1,503	3,10	3/5	1,422
4. Ocupa um lugar residual na estrutura turística da região	15	23,8	15	23,8	12	19,0	12	19,0	7	11,1	2	3,2	2,60	1/2	0	5	1,409	2,69	1/2	1,348
5. É apenas um complemento do elemento e/ou da atividade principal	13	20,6	10	15,9	11	17,5	17	27,0	8	12,7	4	6,3	2,76	4	0	5	1,521	2,95	4	1,382
6. É bastante conhecido a nível nacional	8	12,7	9	14,3	9	14,3	21	33,3	14	22,2	2	3,2	3,29	4	0	5	1,453	3,39	4	1,345
7. É um jardim de renome internacional	15	23,8	6	9,5	13	20,6	9	14,3	15	23,8	5	7,9	2,81	1/5	0	5	1,693	3,05	1/5	1,538
8. Tem um papel importante nas necessidades lúdicas do público local	8	12,7	11	17,5	14	22,2	16	25,4	11	17,5	3	4,8	3,03	4	0	5	1,448	3,18	4	1,308
9. A maior parte dos residentes locais desconhece a sua existência	24	38,1	11	17,5	14	22,2	6	9,5	6	9,5	2	3,2	2,25	1	0	5	1,391	2,33	1	1,351
10. A diversidade de espécies constitui o principal atrativo	11	17,5	9	14,3	15	23,8	18	28,6	7	11,1	3	4,8	2,87	4	0	5	1,420	3,02	4	1,295
11. Não é feita promoção/divulgação por vontade do proprietário	32	50,8	7	11,1	8	12,7	9	14,3	5	7,9	2	3,2	2,08	1	0	5	1,440	2,15	1	1,412
12. A promoção feita ao jardim tem-se revelado eficaz	4	6,3	5	7,9	23	36,5	16	25,4	12	19,0	3	4,8	3,29	3	0	5	1,313	3,45	3	1,111
13. Tem cada vez mais público devido ao aumento de visitantes da região	7	11,1	6	9,5	18	28,6	19	30,2	9	14,3	4	6,3	3,08	4	0	5	1,418	3,29	4	1,204
14. A falta/deficiência de acessos condiciona a visita ao jardim	35	55,6	8	12,7	11	17,5	5	7,9	2	3,2	2	3,2	1,81	1	0	5	1,203	1,87	1	1,176
15. Não é do interesse do proprietário aumentar o número de visitantes	43	68,3	5	7,9	6	9,5	5	7,9	1	1,6	3	4,8	1,52	1	0	5	1,105	1,60	1	1,077
16. O público estrangeiro valoriza mais o jardim que o nacional	7	11,1	4	6,3	14	22,2	13	20,6	22	34,9	3	4,8	3,48	5	0	5	1,533	3,65	5	1,351
17. O público deste jardim não tem variado muito ao longo do tempo	13	20,6	9	14,3	16	25,4	15	23,8	7	11,1	3	4,8	2,76	3	0	5	1,434	2,90	3	1,324
18. As atividades recreativas disponíveis são pouco diversificadas	13	20,6	10	15,9	16	25,4	14	22,2	7	11,1	3	4,8	2,73	3	0	5	1,428	2,87	3	1,321
19. A informação disponibilizada ao visitante sobre o jardim é suficiente	4	6,3	14	22,2	13	20,6	18	28,6	12	19,0	2	3,2	3,22	4	0	5	1,337	3,33	4	1,221

Fonte: Questionário I (2014) (1 – discordo totalmente; 2 – discordo em parte; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo em parte; 5 – concordo totalmente; NS/NR – Não sabe/Não responde/1 – NS/NR incluído nos cálculos; 2 – NS/NR não incluído nos cálculos)

Quadro AIV.75: Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Considerações gerais  
(Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)

Afirmações	Nível de concordância/discordância										Medidas de dispersão											
	NS/NR	1		2		3		4		5		1		2								
Considerações gerais	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Méd	Mod	Mín.	Máx.	DP					
1. Os jardins constituem atrações por si mesmos e por direito próprio	1	1,6	1	1,6	0	0,0	6	9,5	12	19,0	43	68,3	4,48	5	0	5	0,981	4,55	5	1	5	0,803
2. Os jardins constituem apenas um complemento da visita quando estão associados a outra atração âncora (ex.: palácio, casa histórica, museu, ...)	1	1,6	18	28,6	16	25,4	7	11,1	17	27,0	4	6,3	2,52	1	0	5	1,366	2,56	1	1	5	1,338
3. A visita a jardins é descrita, atualmente, como um fenómeno e cada vez mais popular a nível internacional, mas a nível nacional é uma prática discreta	0	0,0	1	1,6	5	7,9	15	23,8	30	47,6	12	19,0	3,75	4	1	5	0,915	3,75	4	1	5	0,915
4. Os jardins têm um papel importante no tempo/necessidades de lazer da sociedade atual	0	0,0	0	0,0	3	4,8	3	4,8	19	30,2	38	60,3	4,46	5	2	5	0,800	4,46	5	2	5	0,800
5. Os jardins constituem recursos lúdicos/turísticos estratégicos dos territórios de inserção	0	0,0	0	0,0	1	1,6	1	1,6	29	46,0	32	50,8	4,46	5	2	5	0,618	4,46	5	2	5	0,618
6. Os jardins são componentes importantes da imagem de um território	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,6	15	23,8	47	74,6	4,73	5	3	5	0,482	4,73	5	3	5	0,482
7. A atividade lúdica/turística constitui o principal meio de salvaguarda dos jardins	0	0,0	4	6,3	8	12,7	13	20,6	26	41,3	12	19,0	3,54	4	1	5	1,133	3,54	4	1	5	1,133
8. Portugal não tem uma cultura enraizada de interesse, valorização e usufruto de jardins	0	0,0	2	3,2	9	14,3	8	12,7	21	33,3	23	36,5	3,86	5	1	5	1,162	3,86	5	1	5	1,162

Fonte: Questionário I (2014) (NS/NR – Não sabe/Não responde; 1 – discordo totalmente; 2 – discordo em parte; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo em parte; 5 – concordo totalmente/1 – NS/NR incluído nos cálculos; 2 – NS/NR não incluído nos cálculos)

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

Quadro AIV.76: Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Situação atual  
(Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)

Afirmações Situação atual	Nível de concordância/discordância										Medidas de dispersão									
	NS/NR		1		2		3		4		5		1		2					
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Méd	Mod	Mín.	Máx.	DP			
9. Os jardins ocupam uma posição marginal nos circuitos turísticos globais atuais do país	0	0,0	2	3,2	5	7,9	15	23,8	30	47,6	11	17,5	3,68	4	1	5	0,964	5	0,964	
10. Os jardins ocupam um lugar de destaque nos circuitos turísticos regionais	1	1,6	9	14,3	15	23,8	17	27,0	15	23,8	6	9,5	2,86	3	0	5	1,255	3	1,211	
11. O potencial lúdico/turístico dos jardins está subaproveitado	1	1,6	2	3,2	3	4,8	11	17,5	24	38,1	22	34,9	3,92	4	0	5	1,126	4	1,016	
12. A oferta está desajustada às necessidades e motivações dos mercados da procura de jardins	1	1,6	5	7,9	8	12,7	26	41,3	17	27,0	6	9,5	3,13	3	0	5	1,114	3	1,048	
13. Há uma falta de interesse dos proprietários em promover o lazer e o turismo nos jardins	0	0,0	8	12,7	10	15,9	26	41,3	15	23,8	4	6,3	2,95	3	1	5	1,084	3	1,084	
14. Tem havido um esforço dos proprietários em recuperar, preservar e promover os jardins	0	0,0	1	1,6	6	9,5	18	28,6	26	41,3	12	19,0	3,67	4	1	5	0,950	4	1	0,950
15. Existem jardins com um património rico e capacidade atrativa que estão fechados ao público por manifesta falta de interesse e vontade dos proprietários	0	0,0	0	0,0	6	9,5	24	38,1	16	25,4	17	27,0	3,70	3	2	5	0,978	3	2	0,978
16. O carácter privado de muitos jardins inviabiliza o seu desenvolvimento enquanto atração	1	1,6	3	4,8	9	14,3	19	30,2	18	28,6	13	20,6	3,41	3	0	5	1,200	3	1	1,127
17. Há falta de investimento na recuperação do património e em mão de obra especializada	0	0,0	0	0,0	3	4,8	9	14,3	23	36,5	28	44,4	4,21	5	2	5	0,864	4	2	0,864
18. A falta de qualidade e o mau estado de conservação de muitos jardins nacionais faz com que sejam espaços pouco interessantes para visitar	0	0,0	2	3,2	8	12,7	19	30,2	17	27,0	17	27,0	3,62	3	1	5	1,113	3	1	1,113
19. A falta de capacidade financeira tem levado muitos jardins à degradação e até abandono	1	1,6	0	0,0	4	6,3	6	9,5	19	30,2	33	52,4	4,24	5	0	5	1,043	5	2	0,898
20. A falta de informação e promoção tem condicionado as visitas e a atração de mais visitantes	0	0,0	1	1,6	2	3,2	9	14,3	35	55,6	16	25,4	4,00	4	1	5	0,823	4	1	0,823
21. A estrutura lúdica/turística dos jardins é deficiente ou até mesmo inexistente	0	0,0	1	1,6	9	14,3	20	31,7	27	42,9	6	9,5	3,44	4	1	5	0,912	4	1	0,912
22. Os jardins pouco mais têm para oferecer ao visitante do que o espaço e ambiente	0	0,0	12	19,0	21	33,3	11	17,5	14	22,2	5	7,9	2,67	2	1	5	1,244	2	1	1,244
23. Os JH são procurados principalmente pela diversidade de espécies, as vistas e os azulejos	0	0,0	0	0,0	12	19,0	18	28,6	23	36,5	10	15,9	3,49	4	2	5	0,982	4	2	0,982
24. Não existe uma política/estratégia nacional concertada de desenvolvimento turístico dos jardins	0	0,0	0	0,0	1	1,6	9	14,3	23	36,5	30	47,6	4,30	5	2	5	0,775	4	2	0,775
25. Há cada vez mais público interessado em jardins e em visitá-los, pois é um tema da moda	0	0,0	3	4,8	5	7,9	19	30,2	26	41,3	10	15,9	3,56	4	1	5	1,012	4	1	1,012
26. O principal mercado da procura deste tipo de jardins é estrangeiro	0	0,0	1	1,6	7	11,1	14	22,2	21	33,3	20	31,7	3,83	4	1	5	1,056	4	1	1,056
27. O público nacional não tem conhecimento da existência da maior parte dos jardins	0	0,0	0	0,0	4	6,3	18	28,6	24	38,1	17	27,0	3,86	4	2	5	0,895	4	2	0,895
28. O típico visitante dos jardins é, por norma, um apaixonado por jardinagem, plantas, botânica no geral e temas relacionados	0	0,0	1	1,6	11	17,5	13	20,6	22	34,9	16	25,4	3,65	4	1	5	1,095	4	1	1,095
29. O visitante e apreciador de jardins é mais esclarecido e com maior capacidade económica	0	0,0	2	3,2	11	17,5	11	17,5	30	47,6	9	14,3	3,52	4	1	5	1,045	4	1	1,045
30. Os visitantes procuram acima de tudo relaxar, descansar e desfrutar do ambiente	0	0,0	0	0,0	4	6,3	18	28,6	29	46,0	12	19,0	3,78	4	2	5	0,832	4	2	0,832
31. Os <i>tourists</i> /percursos de jardins existentes, nacionais e internacionais, estão pouco divulgados	0	0,0	1	1,6	0	0,0	12	19,0	29	46,0	21	33,3	4,10	4	1	5	0,817	4	1	0,817

Fonte: Questionário I (2014) (NS/NR – Não sabe/Não responde; 1 – discordo totalmente; 2 – discordo em parte; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo em parte; 5 – concordo totalmente/1 – NS/NR incluído nos cálculos; 2 – NS/NR não incluído nos cálculos)

Quadro AIV.77: Que lazer e turismo nos jardins históricos portugueses? Perceção dos proprietários/responsáveis – Perspetivas futuras  
(Nível de concordância/discordância e medidas de dispersão)

Afirmações Perspetivas futuras	Nível de concordância/discordância										Medidas de dispersão												
	NS/NR		1		2		3		4		5		1		2								
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Méd	Mod	Máx.	Mín.	Máx.	DP					
32. Portugal tem recursos, em termos quantitativos e qualitativos, para construir um produto turístico de qualidade e atrativo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7	11,1	16	25,4	40	63,5	4,52	5	5	3	5	0,692	5	0,692			
33. É necessário desenvolver uma rede de jardins com programas de visitas diversificados	1	1,6	0	0,0	0	0,0	3	4,8	26	41,3	33	52,4	4,41	5	5	0	5	0,816	4,48	5	0,593		
34. A dinamização dos jardins passa por valorizar e promover os seus recursos	1	1,6	0	0,0	0	0,0	2	3,2	21	33,3	39	61,9	4,52	5	5	0	5	0,800	4,60	5	0,557		
35. É importante desenvolver atividades diversas e eventos/festivais dentro e fora de "muros"	0	0,0	0	0,0	3	4,8	12	19,0	25	39,7	23	36,5	4,08	4	5	2	5	0,867	4,08	4	0,867		
36. É urgente desenvolver e/ou melhorar conteúdos informativos e as formas de os transmitir	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	9,5	21	33,3	36	57,1	4,48	5	5	3	5	0,669	4,48	5	0,669		
37. É necessário criar uma marca que ateste a qualidade e notabilidade dos jardins à semelhança de França com o dístico "Jardin Remarquable"	1	1,6	0	0,0	1	1,6	8	12,7	22	34,9	31	49,2	4,27	5	5	0	5	0,937	4,34	5	0,767		
38. É essencial haver cooperação entre os diversos serviços/operadores para maximizar benefícios	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	9,5	19	30,2	38	60,3	4,51	5	5	3	5	0,669	4,51	5	0,669		
39. É fundamental que os operadores turísticos reconheçam e apostem neste nicho de mercado	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7	11,1	22	34,9	34	54,0	4,43	5	5	3	5	0,689	4,43	5	0,689		
40. Os jardins por si só não terão futuro se não forem integrados em produtos compostos	0	0,0	3	4,8	9	14,3	17	27,0	20	31,7	14	22,2	3,52	4	5	1	5	1,134	3,52	4	1	1,134	
41. Os jardins e a sua visita nunca passarão de um complemento de outros produtos/destinos	0	0,0	12	19,0	18	28,6	13	20,6	16	25,4	4	6,3	2,71	2	1	1	5	1,224	2,71	2	1	1,224	
42. Continuará a existir apenas um conjunto escasso de jardins a constituir efetivas atrações	0	0,0	6	9,5	11	17,5	20	31,7	13	20,6	13	20,6	3,25	3	1	5	5	1,244	3,25	3	1	5	1,244
43. O produto turismo de jardins em Portugal é uma utopia	1	1,6	27	42,9	15	23,8	9	14,3	8	12,7	3	4,8	2,08	1	0	5	5	1,261	2,11	1	1	5	1,243
44. A visita a jardins tem um grande potencial e uma ampla margem de progressão no país	0	0,0	0	0,0	1	1,6	9	14,3	29	46,0	24	38,1	4,21	4	2	5	5	0,744	4,21	4	2	5	0,744
45. Portugal pode tomar-se um destino de jardins de sucesso a curto/médio prazo	0	0,0	0	0,0	1	1,6	16	25,4	29	46,0	17	27,0	3,98	4	2	5	5	0,772	3,98	4	2	5	0,772

Fonte: Questionário 1 (2014) (NS/NR – Não sabe/Não responde; 1 – discordo totalmente; 2 – discordo em parte; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo em parte; 5 – concordo totalmente/1 – NS/NR incluído nos cálculos; 2 – NS/NR não incluído nos cálculos)

**Capítulo VIII****Grupo I – Caracterização do visitante**

Quadro AIV.79: Tipo de visitante e nacionalidade por tipo de visitante

Tipo de visitante Código/Modalidades			Nacional		Estrangeira	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Turista	430	64,6	52	12,1	378	87,9
2 – Visitante de um dia/day-tripper	236	35,4	186	78,8	50	21,2
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>238</b>	<b>-</b>	<b>428</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.80 e AIV.81: Nacionalidade e País de residência dos inquiridos

Nacionalidade			País de residência		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
1 – Portugal	238	35,7	1 – Portugal	277	41,6
2 – Espanha	50	7,5	2 – Espanha	47	7,1
3 – França	135	20,3	3 – França	138	20,7
4 – Reino Unido	27	4,1	4 – Reino Unido	32	4,8
5 – Alemanha	36	5,4	5 – Alemanha	33	5,0
6 – Holanda	28	4,2	6 – Holanda	27	4,1
7 – Itália	20	3,0	7 – Itália	18	2,7
8 – Bélgica	17	2,6	8 – Bélgica	18	2,7
9 – Suíça	7	1,1	9 – Suíça	9	1,4
10 – Áustria	4	0,6	10 – Áustria	2	0,3
11 – Finlândia	2	0,3	11 – Finlândia	2	0,3
12 – Suécia	2	0,3	12 – Suécia	2	0,3
13 – Rússia	6	0,9	13 – Rússia	3	0,5
14 – Ucrânia	3	0,5	14 – Polónia	2	0,3
15 – Polónia	5	0,8	15 – Roménia	2	0,3
16 – Roménia	3	0,5	16 – República Checa	2	0,3
17 – República Checa	2	0,3	17 – Lituânia	1	0,2
18 – Moldávia	1	0,2	18 – Letónia	1	0,2
19 – Lituânia	2	0,3	19 – Bulgária	1	0,2
20 – Letónia	1	0,2	20 – E.U.A.	11	1,7
21 – Bulgária	1	0,2	21 – Canadá	7	1,1
22 – E.U.A.	9	1,4	22 – Brasil	17	2,6
23 – Canadá	8	1,2	23 – Argentina	2	0,3
24 – Brasil	39	5,9	24 – China	2	0,3
25 – Argentina	4	0,6	25 – Japão	1	0,2
26 – Colômbia	1	0,2	26 – Taiwan	1	0,2
27 – Chile	1	0,2	27 – Austrália	1	0,2
28 – Guatemala	1	0,2	28 – Nova Zelândia	1	0,2
29 – China	5	0,8	29 – México	2	0,3
30 – Japão	1	0,2	30 – Israel	1	0,2
31 – Taiwan	1	0,2	31 – Dinamarca	1	0,2
32 – Austrália	1	0,2	32 – Sérvia	1	0,2
33 – Nova Zelândia	1	0,2	33 – Guatemala	1	0,2
34 – México	1	0,2	<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>
35 – Israel	1	0,2			
36 – Dinamarca	1	0,2			
37 – Irão	1	0,2			
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.82: Concelho de residência dos inquiridos com residência nacional (total e por jardim)

Total			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Alfândega da Fé	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
2 – Almada	4	1,4	2	1,5	1	0,8	1	4,2
3 – Amarante	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
4 – Anadia	2	0,7	0	0,0	2	1,7	0	0,0
5 – Ansião	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
6 – Aveiro	5	1,8	2	1,5	3	2,5	0	0,0
7 – Barcelos	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
8 – Barreiro	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
9 – Braga	3	1,1	2	1,5	1	0,8	0	0,0
10 – Caldas Rainha	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
11 – Cantanhede	2	0,7	0	0,0	2	1,7	0	0,0
12 – Cascais	2	0,7	1	0,8	0	0,0	1	4,2
13 – Castro Daire	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
14 – Coimbra	70	25,3	4	3,0	65	53,7	1	4,2
15 – Condeixa-a-Nova	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
16 – Évora	2	0,7	1	0,8	0	0,0	1	4,2
17 – Fafe	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
18 – Faro	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
19 – Figueira da Foz	4	1,4	0	0,0	4	3,3	0	0,0
20 – Funchal	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
21 – Góis	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
22 – Gondomar	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
23 – Guarda	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
24 – Guimarães	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
25 – Ílhavo	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
26 – Leiria	3	1,1	1	0,8	2	1,7	0	0,0
27 – Lisboa	40	14,4	19	14,4	7	5,8	14	58,3
28 – Loures	3	1,1	2	1,5	0	0,0	1	4,2
29 – Lousã	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
30 – Maia	4	1,4	4	3,0	0	0,0	0	0,0
31 – Marco Canavezes	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
32 – Matosinhos	6	2,2	6	4,5	0	0,0	0	0,0
33 – Mealhada	3	1,1	0	0,0	3	2,5	0	0,0
34 – Mira	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
35 – Miranda do Corvo	2	0,7	0	0,0	2	1,7	0	0,0
36 – Montemor-o-Velho	2	0,7	0	0,0	2	1,7	0	0,0
37 – Odivelas	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
38 – Oeiras	3	1,1	1	0,8	1	0,8	1	4,2
39 – Oliveira do Bairro	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
40 – Oliveira do Hospital	2	0,7	0	0,0	2	1,7	0	0,0
41 – Ourique	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
42 – Ovar	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
43 – Paredes	2	0,7	1	0,8	1	0,8	0	0,0
44 – Penacova	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
45 – Penafiel	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
46 – Penamacor	1	0,4	0	0,0	1	0,8	0	0,0
47 – Pombal	2	0,7	1	0,8	1	0,8	0	0,0
48 – Ponte de Sôr	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
49 – Porto	46	16,6	39	29,5	5	4,1	2	8,3
50 – Rio Maior	1	0,4	0	0,0	0	0,0	1	4,2
51 – S. Maria da Feira	5	1,8	5	3,8	0	0,0	0	0,0
52 – Santarém	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
53 – Santo Tirso	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
54 – S. João Madeira	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
55 – Seixal	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
56 – Setúbal	4	1,4	3	2,3	1	0,8	0	0,0
57 – Sines	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
58 – Sintra	2	0,7	1	0,8	1	0,8	0	0,0
59 – Soure	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
60 – Tavira	1	0,4	0	0,0	0	0,0	1	4,2
61 – Trofa	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
62 – Valongo	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
63 – Vila do Conde	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
64 – V. Franca de Xira	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
65 – V. N. de Famalicão	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
66 – V. N. de Gaia	2	0,7	2	1,5	0	0,0	0	0,0
67 – Vila Verde	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
68 – Viseu	3	1,1	2	1,5	1	0,8	0	0,0
69 – Vizela	1	0,4	1	0,8	0	0,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>277</b>	<b>100,0</b>	<b>132</b>	<b>100,0</b>	<b>121</b>	<b>100,0</b>	<b>24</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.83: País de residência dos inquiridos com residência internacional, por jardim

Serralves			JBUC			Fronteira		
Países	Nº	%	Países	Nº	%	Países	Nº	%
Portugal	132	39,6	Portugal	121	60,5	França	69	51,9
França	60	18,0	Espanha	13	6,5	Portugal	24	18,0
Espanha	27	8,1	Brasil	11	5,5	Alemanha	11	8,3
Reino Unido	20	6,0	França	9	4,5	Espanha	7	5,3
Holanda	20	6,0	Alemanha	8	4,0	Reino Unido	5	3,8
Alemanha	14	4,2	Reino Unido	7	3,5	Itália	4	3,0
Bélgica	11	3,3	Itália	6	3,0	Holanda	3	2,3
Itália	8	2,4	Holanda	4	2,0	Bélgica	3	2,3
E.U.A.	8	2,4	Bélgica	4	2,0	Outros	7	5,3
Brasil	6	1,8	Suíça	4	2,0	<b>Total</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>
Outros	27	8,1	Outros	13	6,5			
<b>Total</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.84: Cidade de residência dos inquiridos com residência internacional, total e por jardim

Cidade de residência								
Modalidades	Total Geral		Serralves		JBUC		Fronteira	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Paris	41	10,5	13	6,5	1	1,3	27	24,8
Toulouse	10	2,6	3	1,5	0	0,0	7	6,4
Bordéus	6	1,5	2	1,0	0	0,0	4	3,7
Lyon	5	1,3	3	1,5	0	0,0	2	1,8
Madrid	16	4,1	12	6,0	3	3,8	1	0,9
Barcelona	7	1,8	5	2,5	1	1,3	1	0,9
Londres	14	3,6	12	6,0	0	0,0	2	1,8
Bruxelas	7	1,8	4	2,0	1	1,3	2	1,8
Stuttgart	5	1,3	3	1,5	2	2,5	0	0,0
Montreal	5	1,3	3	1,5	2	2,5	0	0,0
Strasbourg	4	1,0	4	2,0	0	0,0	0	0,0
São Paulo	4	1,0	1	0,5	3	3,8	0	0,0
Nantes	4	1,0	0	0,0	1	1,3	3	2,8
Grenoble	3	0,8	0	0,0	0	0,0	3	2,8
Outras	251	64,5	131	65,2	64	81,0	56	51,4
NS/NR	7	1,8	5	2,5	1	1,3	1	0,9
<b>Total</b>	<b>389</b>	<b>100,0</b>	<b>201</b>	<b>100,0</b>	<b>79</b>	<b>100,0</b>	<b>109</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.85: Género dos inquiridos

Género		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Masculino	255	38,3
2 – Feminino	411	61,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)



Quadro AIV.86: Idade dos inquiridos (total, por género, nacionalidade, tipo de visitante e jardim)

Idade – Total			Masculino		Feminino		Nacional		Estrangeira			
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
0 – NS/NR	3	0,5	2	0,3	1	0,2	0	0,0	3	0,5		
1 – 18 - 24	119	17,9	33	5,0	86	12,9	57	8,6	62	9,3		
2 – 25 - 34	151	22,7	59	8,9	92	13,8	58	8,7	93	14,0		
3 – 35 - 44	111	16,7	47	7,1	64	9,6	53	8,0	58	8,7		
4 – 45 - 54	112	16,8	39	5,9	73	11,0	34	5,1	78	11,7		
5 – 55 - 64	107	16,1	49	7,4	58	8,7	20	3,0	87	13,1		
6 – 65 - 74	53	8,0	21	3,2	32	4,8	15	2,3	38	5,7		
7 – 75 +	10	1,5	5	0,8	5	0,8	1	0,2	9	1,4		
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>255</b>	<b>38,3</b>	<b>411</b>	<b>61,7</b>	<b>238</b>	<b>35,7</b>	<b>428</b>	<b>64,3</b>		
<i>P-value</i>	<b>0,131</b>						<b>0,000</b>					
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
0 – NS/NR	3	0,5	2	0,3	1	0,2	0	0,0	3	0,5		
1 – 18 - 39	329	49,4	120	18,0	209	31,4	147	22,1	182	27,3		
2 – 40 - 64	271	40,7	107	16,1	164	24,6	75	11,3	196	29,4		
3 – 65 +	63	9,5	26	3,9	37	5,6	16	2,4	47	7,1		
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>255</b>	<b>38,3</b>	<b>411</b>	<b>61,7</b>	<b>238</b>	<b>35,7</b>	<b>428</b>	<b>64,3</b>		
<i>P-value</i>	<b>0,597</b>						<b>0,000</b>					
			Turista		Day-tripper		Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	3	0,5	0	0,0	3	0,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0
1 – 18 - 24	46	6,9	73	11,0	38	11,4	65	32,5	16	12,0		
2 – 25 - 34	95	14,3	56	8,4	83	24,9	47	23,5	21	15,8		
3 – 35 - 44	64	9,6	47	7,1	61	18,3	29	14,5	21	15,8		
4 – 45 - 54	83	12,5	29	4,4	65	19,5	23	11,5	24	18,0		
5 – 55 - 64	87	13,1	20	3,0	52	15,6	20	10,0	35	26,3		
6 – 65 - 74	43	6,5	10	1,5	26	7,8	14	7,0	13	9,8		
7 – 75 +	9	1,4	1	0,2	5	1,5	2	1,0	3	2,3		
<b>Total</b>	<b>430</b>	<b>64,6</b>	<b>236</b>	<b>35,4</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>		
<i>P-value</i>	<b>0,000</b>						<b>0,000</b>					

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Nota: Percentagens sobre o total de inquiridos com exceção dos dados por jardim

Quadro AIV.87: Habilitações literárias dos inquiridos (total, por género e nacionalidade)

Habilitações literárias – Total			Masculino		Feminino		Nacional		Estrangeira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	4	0,6	1	0,2	3	0,5	0	0,0	4	0,6
1 – Nenhuma	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
2 – 1º Ciclo	8	1,2	4	0,6	4	0,6	7	1,1	1	0,2
3 – 2º Ciclo	4	0,6	2	0,3	2	0,3	3	0,5	1	0,2
4 – 3º Ciclo	5	0,8	4	0,6	1	0,2	5	0,8	0	0,0
5 – Ensino Secundário	109	16,4	42	6,3	67	10,1	65	9,8	44	6,6
6 – Bacharelato	72	10,8	29	4,4	43	6,5	6	0,9	66	9,9
7 – Licenciatura	200	30,0	72	10,8	128	19,2	94	14,1	106	15,9
8 – Mestrado	199	29,9	73	11,0	126	18,9	43	6,5	156	23,4
9 – Doutoramento	60	9,0	26	3,9	34	5,1	12	1,8	48	7,2
10 – Outra	5	0,8	2	0,3	3	0,5	3	0,5	2	0,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>255</b>	<b>38,3</b>	<b>411</b>	<b>61,7</b>	<b>238</b>	<b>35,7</b>	<b>428</b>	<b>64,3</b>
<i>P-value</i>	<b>0,729</b>						<b>0,000</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Nota: Percentagens sobre o total de inquiridos

Quadro AIV.88: Área de formação e educação dos inquiridos

<b>Áreas de educação e formação</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NR	24	3,6
<b>1 – 0 Programas gerais</b>	<b>45</b>	<b>6,8</b>
<b>1 – 01 Programas de base</b>	<b>45</b>	<b>6,8</b>
010 Programas de base	45	6,8
<b>2 – 1 Educação</b>	<b>66</b>	<b>9,9</b>
<b>2 – 14 Formação de professores/formadores e ciências da educação</b>	<b>66</b>	<b>9,9</b>
142 Ciências da educação	17	2,6
144 Formação de professores do ensino básico (1.º e 2.º ciclos)	12	1,8
145 Formação de professores de áreas disciplinares específicas	31	4,7
146 Formação de professores e formadores de áreas tecnológicas	6	0,9
<b>3 – 2 Artes e humanidades</b>	<b>96</b>	<b>14,4</b>
<b>3 – 21 Artes</b>	<b>51</b>	<b>7,7</b>
211 Belas-artes	17	2,6
212 Artes do espetáculo	7	1,1
213 Audiovisuais e produção dos media	4	0,6
214 Design	11	1,7
215 Artesanato	3	0,5
219 Artes - Programas não classificados noutra área de formação	9	1,4
<b>4 – 22 Humanidades</b>	<b>45</b>	<b>6,8</b>
221 Religião e teologia	1	0,2
222 Línguas e literaturas estrangeiras	16	2,4
223 Língua e literatura materna	4	0,6
225 História e arqueologia	13	2,0
226 Filosofia e ética	5	0,8
229 Humanidades - Programas não classificados noutra área de formação	6	0,9
<b>4 – 3 Ciências Sociais, comércio e direito</b>	<b>173</b>	<b>26,0</b>
<b>5 – 31 Ciências sociais e do comportamento</b>	<b>56</b>	<b>8,4</b>
311 Psicologia	18	2,7
312 Sociologia e outros estudos	18	2,7
313 Ciência política e cidadania	9	1,4
314 Economia	11	1,7
<b>6 – 32 Informação e jornalismo</b>	<b>15</b>	<b>2,3</b>
321 Jornalismo e reportagem	11	1,7
322 Biblioteconomia, arquivo e documentação	4	0,6
<b>7 – 34 Ciências empresariais</b>	<b>73</b>	<b>11,0</b>
341 Comércio	3	0,5
342 Marketing e publicidade	9	1,4
343 Finanças, banca e seguros	8	1,2
344 Contabilidade e fiscalidade	11	1,7
345 Gestão e administração	34	5,1
346 Secretariado e trabalho administrativo	7	1,1
347 Enquadramento na organização/empresa	1	0,2
<b>8 – 38 Direito</b>	<b>29</b>	<b>4,4</b>
380 Direito	29	4,4
<b>5 – 4 Ciências, matemática e informática</b>	<b>62</b>	<b>9,3</b>
<b>9 – 42 Ciências da Vida</b>	<b>25</b>	<b>3,8</b>
421 Biologia e bioquímica	25	3,8
<b>10 – 44 Ciências físicas</b>	<b>18</b>	<b>2,7</b>
441 Física	3	0,5
442 Química	8	1,2
443 Ciências da terra	7	1,1

<b>11 – 46 Matemática e estatística</b>	<b>9</b>	<b>1,4</b>
461 Matemática	9	1,4
<b>12 – 48 Informática</b>	<b>10</b>	<b>1,5</b>
481 Ciências informáticas	10	1,5
<b>6 – 5 Engenharia, indústrias transformadoras e construção</b>	<b>81</b>	<b>12,2</b>
<b>13 – 52 Engenharia e técnicas afins</b>	<b>37</b>	<b>5,6</b>
521 Metalurgia e metalomecânica	9	1,4
522 Eletricidade e energia	3	0,5
523 Eletrónica e automação	8	1,2
524 Tecnologia dos processos químicos	2	0,3
529 Engenharia e técnicas afins – Programas não classificados noutra área de formação	15	2,3
<b>14 – 54 Indústrias transformadoras</b>	<b>4</b>	<b>0,6</b>
541 Indústrias alimentares	2	0,3
542 Indústrias do têxtil, vestuário, calçado e couro	2	0,3
<b>15 - 58 Arquitetura e construção</b>	<b>40</b>	<b>6,0</b>
581 Arquitetura e urbanismo	26	3,9
582 Construção civil e engenharia civil	14	2,1
<b>7 – 6 Agricultura</b>	<b>8</b>	<b>1,2</b>
<b>16 – 62 Agricultura, silvicultura e pescas</b>	<b>7</b>	<b>1,1</b>
621 Produção agrícola e animal	4	0,6
622 Floricultura e jardinagem	1	0,2
623 Silvicultura e caça	2	0,3
<b>17 – 64 Ciências veterinárias</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>
640 Ciências veterinárias	1	0,2
<b>8 – 7 Saúde e proteção social</b>	<b>90</b>	<b>13,5</b>
<b>18 – 72 Saúde</b>	<b>82</b>	<b>12,3</b>
721 Medicina	29	4,4
723 Enfermagem	15	2,3
724 Ciências dentárias	8	1,2
725 Tecnologias de diagnóstico e terapêutica	1	0,2
726 Terapia e reabilitação	8	1,2
727 Ciências farmacêuticas	14	2,1
729 Saúde – programas não classificados noutra área de formação	6	0,9
<b>19 – 76 Serviços sociais</b>	<b>8</b>	<b>1,2</b>
761 Serviços de apoio a crianças e jovens	1	0,2
762 Trabalho social e orientação	8	1,2
<b>9 – 8 Serviços</b>	<b>16</b>	<b>2,4</b>
<b>20 – 81 Serviços pessoais</b>	<b>10</b>	<b>1,5</b>
811 Hotelaria e restauração	3	0,5
812 Turismo e lazer	4	0,6
815 Cuidados de beleza	3	0,5
<b>21 – 84 Serviços de transporte</b>	<b>3</b>	<b>0,5</b>
840 Serviços de transporte	3	0,5
<b>22 – 85 Proteção do ambiente</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>
851 Tecnologia de proteção do ambiente	1	0,2
<b>23 – 86 Serviços de segurança</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
861 Proteção de pessoas e bens	1	0,2
863 Segurança militar	1	0,2
<b>10 – 9 Desconhecido ou não especificado</b>	<b>5</b>	<b>0,8</b>
<b>24 – 99 Desconhecido ou não especificado</b>	<b>5</b>	<b>0,8</b>
999 Desconhecido ou não especificado	5	0,8
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação (Portaria n.º 256/2005 de 16 de março)

Quadro AIV.89 e AIV.90: Condição dos inquiridos perante a atividade económica e setor de atividade

Profissão/Ocupação			Setor de atividade		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
0 – NR	3	0,5	1 – Setor secundário	11	2,6
1 – Ativo/Empregado	429	64,4	2 – Setor terciário	414	96,5
2 – Desempregado	19	2,9	3 – SI/Sem Informação	4	0,9
3 – Estudante/Investigador	136	20,4	<b>Total</b>	<b>429</b>	<b>100,0</b>
4 – Reformado	73	11,0			
5 – Doméstica	6	0,9			
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.91: Caracterização profissional dos inquiridos por grandes grupos, grupos e subgrupos da CNP 2010

Profissão/Ocupação		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NR	3	0,5
<b>1 – 1 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos</b>	<b>14</b>	<b>2,1</b>
<b>1 – 11 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes superiores da Administração Pública, de organizações especializadas, diretores e gestores de empresas</b>	<b>4</b>	<b>0,6</b>
1 – 111 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes superiores da Administração Pública e de organizações especializadas	1	0,2
2 – 112 Diretor geral e gestor executivo, de empresas	3	0,5
<b>2 – 12 Diretores de serviços administrativos e comerciais</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>
3 – 122 Diretores de vendas, marketing e de desenvolvimento de negócios	1	0,2
<b>3 – 13 Diretores de produção e de serviços especializados</b>	<b>6</b>	<b>0,9</b>
4 – 132 Diretores das indústrias transformadoras, extrativas, da construção, transportes e distribuição	1	0,2
5 – 134 Diretores de serviços especializados	5	0,8
<b>4 – 14 Diretores de hotelaria, restauração, comércio e de outros serviços</b>	<b>3</b>	<b>0,5</b>
6 – 141 Diretores e gerentes, de hotelaria e restauração	2	0,3
7 – 142 Diretores e gerentes, do comércio a retalho e por grosso	1	0,2
<b>2 – 2 Especialistas das atividades intelectuais e científicas</b>	<b>272</b>	<b>40,8</b>
<b>5 – 21 Especialistas das ciências físicas, matemáticas, engenharias e técnicas afins</b>	<b>62</b>	<b>9,3</b>
8 – 211 Físicos, químicos e especialistas relacionados	1	0,2
9 – 212 Matemáticos, atuários, estaticistas e demógrafos	1	0,2
10 – 213 Especialistas em ciências da vida	4	0,6
11 – 214 Especialistas em engenharia (exceto electrotecnologia)	26	3,9
12 – 215 Engenheiros de electrotecnologia	3	0,5
13 – 216 Arquitetos, urbanistas, agrimensores e designers	27	4,1
<b>6 – 22 Profissionais de saúde</b>	<b>41</b>	<b>6,2</b>
14 – 221 Médicos	15	2,3
15 – 222 Profissionais de enfermagem	9	1,4
16 – 226 Outros profissionais de saúde	17	2,6
<b>7 – 23 Professores</b>	<b>72</b>	<b>10,8</b>
17 – 231 Professor dos ensinos universitário e superior	18	2,7
18 – 233 Professor dos ensinos básico (2º e 3º ciclos) e secundário	30	4,5
19 – 234 Professores do ensino básico (1º ciclo) e educadores de infância	6	0,9
20 – 235 Outros especialistas do ensino	5	0,8

<b>8 – 24 Especialistas em finanças, contabilidade, organização administrativa, relações públicas e comerciais</b>	<b>23</b>	<b>3,5</b>
21 – 241 Especialistas em finanças e contabilidade	11	1,7
22 – 242 Especialistas em organização administrativa	5	0,8
23 – 243 Especialistas em vendas, marketing e relações públicas	7	1,1
<b>9 – 25 Especialistas em tecnologias de informação e comunicação (TIC)</b>	<b>14</b>	<b>2,1</b>
24 – 251 Analistas e programadores, de software, Web e de aplicações	14	2,1
<b>10 – 26 Especialistas em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais</b>	<b>60</b>	<b>9,0</b>
25 – 261 Especialistas em assuntos jurídicos	9	1,4
26 – 262 Bibliotecários, arquivistas e curadores de museus e similares	5	0,8
27 – 263 Especialistas em ciências sociais e religiosas	22	3,3
28 – 264 Autores, jornalistas e linguistas	9	1,4
29 – 265 Artistas criativos e das artes do espetáculo	15	2,3
<b>3 – 3 Técnicos e profissões de nível intermédio</b>	<b>34</b>	<b>5,1</b>
<b>11 – 31 Técnicos e profissões das ciências e engenharia, de nível intermédio</b>	<b>8</b>	<b>1,2</b>
30 – 311 Técnicos das ciências físicas e de engenharia	5	0,8
31 – 315 Técnicos operacionais e controladores, dos transportes marítimo e aéreo	3	0,5
<b>12 – 32 Técnicos e profissionais, de nível intermédio da saúde</b>	<b>6</b>	<b>0,9</b>
32 – 321 Técnicos da medicina e farmácia	1	0,2
33 – 322 Auxiliares de enfermagem e parteiras	4	0,6
34 – 325 Outros profissionais de nível intermédio da saúde	1	0,2
<b>13 – 33 Técnicos de nível intermédio, das áreas financeira, administrativa e dos negócios</b>	<b>16</b>	<b>2,4</b>
35 – 331 Técnicos de nível intermédio da área financeira e matemática	2	0,3
36 – 332 Agentes de compras, de vendas e corretores comerciais	7	1,1
37 – 333 Agentes de negócios	5	0,8
38 – 334 Administrativos e secretários especializados	2	0,3
<b>14 – 34 Técnicos de nível intermédio dos serviços jurídicos, sociais, desportivos, culturais e similares</b>	<b>4</b>	<b>0,6</b>
39 – 343 Técnicos de nível intermédio das atividades culturais, artísticas e culinárias	4	0,6
<b>4 – 4 Pessoal administrativo</b>	<b>26</b>	<b>3,9</b>
<b>15 – 41 Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados</b>	<b>17</b>	<b>2,6</b>
40 – 411 Empregado de escritório em geral	11	1,7
41 – 412 Técnico de secretariado	6	0,9
<b>15 – 42 Pessoal de apoio direto a clientes</b>	<b>9</b>	<b>1,4</b>
42 – 421 Caixas, penhoristas e similares	6	0,9
43 – 422 Pessoal de receção e de informação a clientes	3	0,5
<b>5 – 5 Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores</b>	<b>21</b>	<b>3,2</b>
<b>16 – 51 Trabalhadores dos serviços pessoais</b>	<b>9</b>	<b>1,4</b>
44 – 511 Assistentes de viagem, cobradores e guias intérpretes	1	0,2
45 – 512 Cozinheiro	1	0,2
46 – 513 Empregados de mesa e bar	5	0,8
47 – 514 Cabeleireiros, esteticistas e similares	2	0,3
<b>17 – 52 Vendedores</b>	<b>7</b>	<b>1,1</b>
48 – 522 Vendedores em lojas	7	1,1
<b>18 – 53 Trabalhadores dos cuidados pessoais e similares</b>	<b>3</b>	<b>0,5</b>
49 – 531 Auxiliares de educadores de infância e de professores	2	0,3
50 – 532 Trabalhadores de cuidados pessoais nos serviços de saúde	1	0,2
<b>19 – 54 Pessoal dos serviços de proteção e segurança</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
51 – 541 Pessoal dos serviços de proteção e segurança	2	0,3
<b>7 – 7 Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices</b>	<b>8</b>	<b>1,2</b>
<b>20 – 71 Trabalhadores qualificados da construção e similares, exceto eletricista</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
52 – 711 Trabalhadores qualificados da construção das estruturas básicas e similares	2	0,3

<b>21 – 72 Trabalhadores qualificados da metalurgia, metalomecânica e similares</b>	<b>2</b>	<b>0,2</b>
53 – 721 Trabalhadores de chapas metálicas, preparadores e montadores de estruturas metálicas, moldadores de metal, soldadores e trabalhadores similares	1	0,2
<b>22 – 73 Trabalhadores qualificados da impressão, do fabrico de instrumentos de precisão, joalheiros, artesãos e similares</b>	<b>4</b>	<b>0,6</b>
54 – 731 Trabalhadores qualificados do fabrico de instrumentos de precisão, joalheiros, artesãos e similares	4	0,6
<b>23 – 75 Trabalhadores da transformação de alimentos, da madeira, do vestuário e outras indústrias e artesanato</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>
55 – 753 Trabalhadores da confeção de vestuário, curtidores de peles, sapateiros e similares	1	0,2
<b>8 – 8 Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
<b>24 – 83 Condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
56 – 833 Motoristas de veículos pesados e de autocarros	2	0,3
<b>9 – 9 Trabalhadores não qualificados</b>	<b>3</b>	<b>0,5</b>
<b>25 – 91 Trabalhadores de limpeza</b>	<b>1</b>	<b>0,2</b>
57 – 911 Trabalhadores de limpeza em casas particulares, hotéis e escritórios	1	0,2
<b>26 – 93 Trabalhadores não qualificados da indústria extrativa, construção, indústria transformadora e transportes</b>	<b>2</b>	<b>0,3</b>
58 – 932 Trabalhadores não qualificados da indústria transformadora	2	0,3
59 – 23 Sub Grande Grupo Professores (não foi possível apurar com rigor em que subgrupo dos professores se inseriam)	13	2,0
60 – Profissões em que não foi possível apurar com rigor o subgrupo em que se inseriam	49	7,4
<b>POPULAÇÃO INATIVA</b>	<b>234</b>	<b>35,1</b>
61 – Desempregados	19	2,9
62 – Estudantes/Investigadores	136	20,4
63 – Reformados	73	11,0
64 – Domésticas	6	0,9
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/CNP 2010 – Classificação Nacional de Profissões (2010)

Quadro AIV.92: Profissões (grandes grupos) por jardim, tipo de visitante e época da visita

Código/Modalidades	Profissões – Grandes grupos													
	Jardim						Tipo de visitante				Época da visita			
	Serralves		JBUC		Fronteira		Turista		Day-tripper		Alta		Baixa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	3	0,9	0	0,0	0	0,0	3	0,7	0	0,0	0	0,0	3	1,2
1 – Grande grupo 1	7	2,1	4	2,0	3	2,3	11	2,6	3	1,3	9	2,1	5	2,1
2 – Grande grupo 2	165	49,5	54	27,0	53	39,8	207	48,1	65	27,5	185	43,7	87	35,8
3 – Grande grupo 3	18	5,4	7	3,5	9	6,8	26	6,0	8	3,4	22	5,2	12	4,9
4 – Grande grupo 4	12	3,6	7	3,5	7	5,3	17	4,0	9	3,8	17	4,0	9	3,7
5 – Grande grupo 5	10	3,0	7	3,5	4	3,0	12	2,8	9	3,8	14	3,3	7	2,9
6 – Grande grupo 7	4	1,2	2	1,0	2	1,5	4	0,9	4	1,7	4	0,9	4	1,6
7 – Grande grupo 8	0	0,0	2	1,0	0	0,0	1	0,2	1	0,4	1	0,2	1	0,4
8 – Grande grupo 9	2	0,6	1	0,5	0	0,0	1	0,2	2	0,8	2	0,5	1	0,4
9 – Prof. não apuradas	27	8,1	9	4,5	13	9,8	30	7,0	19	8,1	26	6,1	23	9,5
10 – Desempregados	7	2,1	11	5,5	1	0,8	4	0,9	15	6,4	8	1,9	11	4,5
11 – Estudantes/Invest.	41	12,3	74	37,0	21	15,8	53	12,3	83	35,2	85	20,1	51	21,0
12 – Reformados	35	10,5	20	10,0	18	13,5	57	13,3	16	6,8	46	10,9	27	11,1
13 – Domésticas	2	0,6	2	1,0	2	1,5	4	0,9	2	0,8	4	0,9	2	0,8
<b>Total</b>	<b>333</b>	<b>100</b>	<b>200</b>	<b>100</b>	<b>133</b>	<b>100</b>	<b>430</b>	<b>100</b>	<b>236</b>	<b>100</b>	<b>423</b>	<b>100</b>	<b>243</b>	<b>100</b>
<b>P-value</b>	<b>0,000</b>						<b>0,000</b>				<b>0,325</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

**Grupo II – Caracterização da viagem/saída de casa**

Quadro AIV.93: Primeiro motivo da viagem/saída de casa dos inquiridos (total e por jardim)

Primeiro motivo da viagem/saída de casa	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)			Serralves		JBUC		Fronteira	
	Nº	%	Nº	1 %	2 %	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Férias	377	56,6	400	58,1	60,1	205	61,6	65	32,5	107	80,5
2 – Evento cultural	13	2,0	17	2,5	2,6	10	3,0	1	0,5	2	1,5
3 – Evento desportivo	1	0,2	1	0,1	0,2	1	0,3	0	0,0	0	0,0
4 – Evento religioso	0	0,0	0	0,0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
5 – Visita a familiares e amigos	20	3,0	35	5,1	5,3	12	3,6	7	3,5	1	0,8
6 – Negócios/profissional	29	4,4	32	4,6	4,8	13	3,9	15	7,5	1	0,8
7 – Simples passeio recreativo	162	24,3	162	23,5	24,3	68	20,4	77	38,5	17	12,8
8 – Outro	41	6,2	42	6,1	6,3	10	3,0	28	14,0	3	2,3
9 – Férias + Evento cultural	4	0,6				2	0,6	1	0,5	1	0,8
10 – Férias + Visita a familiares e amigos	15	2,3				11	3,3	3	1,5	1	0,8
11 – Férias + Negócios/profissional	3	0,5				1	0,3	2	1,0	0	0,0
12 – Férias + Outro	1	0,2				0	0,0	1	0,5	0	0,0
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>689</b>	<b>-</b>	<b>689</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.94: Tipo de férias praticadas pelos inquiridos

Tipo de férias	Por resposta/ ocorrência		Sobre o total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	2	0,5	2	0,4	0,5
1 – Férias de sol e praia	6	1,5	71	13,0	17,8
2 – Férias culturais	275	68,8	370	67,9	92,5
3 – Férias de saúde e bem-estar	4	1,0	28	5,1	7,0
4 – Férias de natureza	6	1,5	63	11,6	15,8
5 – Outro	10	2,5	11	2,0	2,8
6 – Sol e praia + Culturais	30	7,5			
7 – Sol e praia + Natureza	1	0,3			
8 – Sol e praia + Outro	1	0,3			
9 – Culturais + Saúde e bem-estar	7	1,8			
10 – Culturais + Natureza	24	6,0			
11 – Sol e praia + Culturais + Saúde e bem-estar	2	0,5			
12 – Sol e praia + Culturais + Natureza	17	4,3			
13 – Culturais + Saúde e bem-estar + Natureza	1	0,3			
14 – Um pouco de todas	14	3,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>400</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>545</b>	<b>-</b>	<b>545</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.95 e AIV.96: Tempo de férias em Portugal e Tipo de alojamento

Tempo de férias em Portugal			Tipo de alojamento		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
0 – NR	13	3,1	0 – NR	2	0,5
1 – 1 a 3 dias	47	11,2	1 – Hotel	258	60,0
2 – 4 a 6 dias	126	29,9	2 – Pensão/Hostel	49	11,4
3 – 7/8 dias	88	20,9	3 – Residencial	19	4,4
4 – 9 a 12 dias	64	15,2	4 – Residência secundária	6	1,4
5 – 15 dias	36	8,6	5 – Casa de familiares e/ou amigos	35	8,1
6 – De 15 dias a 1 mês	34	8,1	6 – Parque de Campismo	6	1,4
7 – Mais de 1 mês	13	3,1	7 – Outro	55	12,8
<b>Total</b>	<b>421</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>430</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Nota: Para além dos que referiram estar de férias (200) incluíram-se os que, não estando de férias, referiram o tempo de permanência.

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.97: Localidade do alojamento, por jardim

Serralves			JBUC			Fronteira		
Localidade	Nº	%	Localidade	Nº	%	Localidade	Nº	%
NS/NR	0	0,0	NS/NR	3	3,5	Lisboa	102	91,1
Porto	214	91,8	Porto	1	1,2	Peniche	1	0,9
Coimbra	1	0,4	Coimbra	70	82,4	Cascais	2	1,8
Lisboa	3	1,3	Lisboa	1	1,2	Queluz	2	1,8
V. Nova de Gaia	7	3,0	Aveiro	1	1,2	Ericeira	1	0,9
Rio Tinto	1	0,4	Anadia	1	1,2	Algés	1	0,9
Matosinhos	2	0,9	Luso	1	1,2	Arroios	1	0,9
Esposende	1	0,4	Conímbriga	1	1,2	Almada	1	0,9
Guimarães	1	0,4	Penela	2	2,4	Loulé	1	0,9
Aveiro	3	1,3	F. dos Vinhos	1	1,2	<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>100,0</b>
<b>Total</b>	<b>233</b>	<b>100,0</b>	Mira	2	2,4			
			Cantanhede	1	1,2			
			<b>Total</b>	<b>85</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.98 e AIV.99: Locais visitados antes e depois da visita ao jardim (total e por jardim)

Locais visitados antes								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	5	0,8	5	1,5	0	0,0	0	0,0
1 – Sim	235	35,3	127	38,1	89	44,5	19	14,3
2 – Não	426	64,0	201	60,4	111	55,5	114	85,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>
Locais visitados depois								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	16	2,4	10	3,0	3	1,5	3	2,3
1 – Sim	371	55,7	189	56,8	83	41,5	99	74,4
2 – Não	279	41,9	134	40,2	114	57,0	31	23,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)



Quadro AIV.100: Designação dos locais visitados antes e depois – Serralves

Designação dos locais visitados	Antes			Depois		
	Nº	1 %	2 %	Nº	1 %	2 %
Casa da Música	36	19,6	28,3	28	9,4	14,8
Museu/Fundação de Serralves	18	9,8	14,2	2	0,7	1,1
Baixa da cidade do Porto/Centro Histórico	10	5,4	7,9	24	8,1	12,7
Vila piscatória/Zona da Ribeira	7	3,8	5,5	22	7,4	11,6
Torre dos Clérigos	2	1,1	1,6	14	4,7	7,4
Sé/Catedral do Porto	10	5,4	7,9	13	4,4	6,9
Caves do Vinho do Porto	6	3,3	4,7	20	6,7	10,6
Sealife	2	1,1	1,6	1	0,3	0,5
Parque da Cidade do Porto	3	1,6	2,4	3	1,0	1,6
Castelo do Queijo	4	2,2	3,1	2	0,7	1,1
Palácio de Cristal e jardins	5	2,7	3,9	8	2,7	4,2
Museu Romântico	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Ponte Luís I	2	1,1	1,6	4	1,3	2,1
Palácio da Bolsa	5	2,7	3,9	10	3,4	5,3
Jardim Botânico do Porto	4	2,2	3,1	1	0,3	0,5
Museu dos Transportes e Comunicações	2	1,1	1,6	1	0,3	0,5
Livraria Lello	3	1,6	2,4	8	2,7	4,2
Museu do Vinho do Porto	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Museu Nacional Soares do Reis	1	0,5	0,8	2	0,7	1,1
Igreja Santo Ildefonso (a)/ Capela das Almas (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Igreja N.ª S.ª da Boavista (a)/ Exposição da EDP (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Igreja Românica de Cedofeita (a)/ Avenida dos Aliados (d)	1	0,5	0,8	3	1,0	1,6
Igreja de S. Francisco	1	0,5	0,8	2	0,7	1,1
Igrejas (indiferenciado)	4	2,2	3,1	6	2,0	3,2
Cemitério Agramonte (a)/ Rua Miguel Bombarda (d)	1	0,5	0,8	2	0,7	1,1
Universidade do Porto	2	1,1	1,6	1	0,3	0,5
Casa Manoel de Oliveira (a)/ Câmara Municipal do Porto (d)	1	0,5	0,8	2	0,7	1,1
Casa das Artes (a)/ Centro Português Fotografia (d)	1	0,5	0,8	6	2,0	3,2
Mercado do Bolhão	3	1,6	2,4	3	1,0	1,6
Forte de S. João Baptista da Foz (a)/ Estação de S. Bento (d)	1	0,5	0,8	7	2,3	3,7
Foz/Beira-mar	4	2,2	3,1	18	6,0	9,5
Praia/Praia da Foz	2	1,1	1,6	16	5,4	8,5
Zona marginal do rio Douro	4	2,2	3,1	2	0,7	1,1
6 Pontes (a)/ Loja de Fotografia do Porto – Colorfoto (d)	2	1,1	1,6	1	0,3	0,5
Visita no Yellow Bus pela cidade do Porto	5	2,7	3,9	3	1,0	1,6
Tour/passeio de barco no rio Douro	5	2,7	3,9	8	2,7	4,2
Mosteiro da Serra do Pilar (a)/ Passeio Alegre (d)	2	1,1	1,6	1	0,3	0,5
Marginal de Gaia	1	0,5	0,8	3	1,0	1,6
Vila Nova de Gaia	1	0,5	0,8	4	1,3	2,1
Leixões (a)/ Teleférico de Gaia (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Viana do Castelo	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Matosinhos	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Praia de Matosinhos	1	0,5	0,8	3	1,0	1,6
Mercado de Matosinhos (a)/ Alfândega do Porto (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Guimarães	2	1,1	1,6	2	0,7	1,1
Braga	3	1,6	2,4	4	1,3	2,1
Casas de Ílhavo (a)/ Instituto do Vinho (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Universidade de Coimbra/Coimbra	1	0,5	0,8	2	0,7	1,1
Lisboa (a)/ Galerias Paris (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Algarve (a)/ Casa da Guitarra (d)	1	0,5	0,8	1	0,3	0,5
Não se lembra (a)/ Café Magestic (d)	5	2,7	3,9	3	1,0	1,6
Zona litoral da Maia	-	-	-	1	0,3	0,5
Óbidos	-	-	-	1	0,3	0,5
Batalha	-	-	-	1	0,3	0,5
Vários indiscriminados sem especificar	-	-	-	5	1,7	2,6
Vai visitar mas ainda não sabe o que vai visitar	-	-	-	14	4,7	7,4
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>184</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>298</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>127</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>189</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/ (a) – antes; (d) – depois

Quadro AIV.101: Designação dos locais visitados antes e depois – JBUC

Designação dos locais visitados	Antes			Depois		
	Código/Modalidades	Nº	1 %	2 %	Nº	1 %
Zona da Universidade	63	39,9	70,8	18	16,1	21,7
Museu Machado de Castro	2	1,3	2,2	2	1,8	2,4
Exposição da Globo	1	0,6	1,1	-	-	-
Penedo da Saudade	6	3,8	6,7	3	2,7	3,6
Carmelo Irmã Lúcia	1	0,6	1,1	-	-	-
Jardim da Sereia	6	3,8	6,7	5	4,5	6,0
Sé Nova	8	5,1	9,0	3	2,7	3,6
Sé Velha	17	10,8	19,1	4	3,6	4,8
Baixa/Centro Histórico	13	8,2	14,6	12	10,7	14,5
Torre/Arco Almedina	2	1,3	2,2	-	-	-
Livraria Almedina	1	0,6	1,1	2	1,8	2,4
Igreja de S. Bartolomeu	1	0,6	1,1	-	-	-
Igreja Santa Cruz	6	3,8	6,7	3	2,7	3,6
Igrejas (Indiferenciado)	7	4,4	7,9	1	0,9	1,2
Rio Mondego/Zona Ribeirinha/Cruzeiro no rio	4	2,5	4,5	4	3,6	4,8
Parque Manuel Braga	1	0,6	1,1	-	-	-
Parque Verde do Mondego	5	3,2	5,6	3	2,7	3,6
Choupal	1	0,6	1,1	-	-	-
Mosteiro de Santa Clara Velha	1	0,6	1,1	11	9,8	13,3
Portugal dos Pequeninos	3	1,9	3,4	2	1,8	2,4
Quinta das Lágrimas	2	1,3	2,2	5	4,5	6,0
Zona de Santa Clara/Margem Santa Clara	1	0,6	1,1	1	0,9	1,2
Conímbriga	2	1,3	2,2	-	-	-
Luso	1	0,6	1,1	-	-	-
Buçaco	2	1,3	2,2	-	-	-
Lisboa	1	0,6	1,1	1	0,9	1,2
Museu da Ciência	-	-	-	2	1,8	2,4
Mercado Municipal	-	-	-	2	1,8	2,4
Cemitério da Conchada	-	-	-	1	0,9	1,2
Casas de Fado	-	-	-	4	3,6	4,8
Café Santa Cruz	-	-	-	2	1,8	2,4
Casa Miguel Torga	-	-	-	1	0,9	1,2
Museu da água	-	-	-	1	0,9	1,2
Exploratório	-	-	-	1	0,9	1,2
Dolce Vita	-	-	-	1	0,9	1,2
Zona do Estádio	-	-	-	1	0,9	1,2
Tour no Yellow Bus	-	-	-	1	0,9	1,2
Lousã	-	-	-	1	0,9	1,2
Praia da Figueira da Foz	-	-	-	1	0,9	1,2
Porto	-	-	-	4	3,6	4,8
Não sabe ainda o que vai visitar/Não se lembra dos nomes	-	-	-	9	8,0	10,8
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>158</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>112</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>89</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>83</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.102: Designação dos locais visitados antes e depois – Fronteira

Designação dos locais visitados	Antes			Depois		
	Nº	1 %	2 %	Nº	1 %	2 %
Palácio da Fronteira	2	7,4	10,5	-	-	-
Castelo de São Jorge	1	3,7	5,3	7	5,2	7,1
Aqueduto das águas livres	1	3,7	5,3	-	-	-
Parque de Monsanto	2	7,4	10,5	2	1,5	2,0
Centro de Interpretação de Monsanto	1	3,7	5,3	-	-	-
Bairro Alfama	2	7,4	10,5	3	2,2	3,0
Sintra	2	7,4	10,5	7	5,2	7,1
Belém	4	14,8	21,1	7	5,2	7,1
Fundação/Museu Gulbenkian	3	11,1	15,8	9	6,7	9,1
Museu dos Azulejos	1	3,7	5,3	4	3,0	4,0
Oceanário	1	3,7	5,3	4	3,0	4,0
Mosteiro dos Jerónimos	1	3,7	5,3	5	3,7	5,1
Torre de Belém	1	3,7	5,3	3	2,2	3,0
Miradouro Monte da Graça	1	3,7	5,3	-	-	-
Parque Eduardo VII	1	3,7	5,3	-	-	-
Queluz/Palácio de Queluz	1	3,7	5,3	2	1,5	2,0
Jardim Zoológico de Lisboa	-	-	-	3	2,2	3,0
Centro Cultural de Belém	-	-	-	2	1,5	2,0
Palácio da Ajuda	-	-	-	3	2,2	3,0
Bairro Alto	-	-	-	5	3,7	5,1
JB de Lisboa	-	-	-	1	0,7	1,0
Sé Catedral de Lisboa	-	-	-	2	1,5	2,0
LX Factory	-	-	-	1	0,7	1,0
Museu de Arte Antiga	-	-	-	2	1,5	2,0
S. <sup>ta</sup> Maria Madalena	-	-	-	1	0,7	1,0
S. <sup>to</sup> António	-	-	-	1	0,7	1,0
Igreja/Museu São Roque	-	-	-	2	1,5	2,0
Igreja Mãe de Deus	-	-	-	1	0,7	1,0
Igrejas de Lisboa (indiferenciado)	-	-	-	3	2,2	3,0
Museu Militar	-	-	-	1	0,7	1,0
Museu de Arqueologia	-	-	-	1	0,7	1,0
Museu da Farmácia	-	-	-	1	0,7	1,0
Museu de Macau	-	-	-	2	1,5	2,0
Casa Museu Anastácio Gonçalves	-	-	-	1	0,7	1,0
Panteão Nacional	-	-	-	1	0,7	1,0
Praça de Espanha	-	-	-	1	0,7	1,0
Marquês de Pombal	-	-	-	1	0,7	1,0
Baixa de Lisboa/Centro Histórico	-	-	-	6	4,5	6,1
Gare do Oriente	-	-	-	3	2,2	3,0
Parque das Nações	-	-	-	3	2,2	3,0
Praia	-	-	-	1	0,7	1,0
Tour por Lisboa de Bus	-	-	-	2	1,5	2,0
Passeio de barco no Tejo	-	-	-	1	0,7	1,0
Palácio da Pena	-	-	-	1	0,7	1,0
Palácio e Parque Monserrate	-	-	-	1	0,7	1,0
Quinta da Regaleira	-	-	-	1	0,7	1,0
Palácio de Sintra	-	-	-	1	0,7	1,0
Exposição Fundação Eugénio Almeida (Évora)	-	-	-	1	0,7	1,0
Peniche	-	-	-	1	,7	1,0
Óbidos	-	-	-	2	1,5	2,0
Setúbal	-	-	-	2	1,5	2,0
Alentejo	-	-	-	1	,7	1,0
Vários/Não especificou	1	3,7	5,3	6	4,5	6,1
Não se lembra/Não sabe o que vai visitar	1	3,7	5,3	12	9,0	12,1
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>27</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>134</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>19</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>99</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

**GRUPO II – Hábitos de Lazer/A – Gerais**Quadro AIV.103: Atividades lúdicas mais praticadas pelos inquiridos (informação agrupada<sup>288</sup>)

Atividades lúdicas Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	31	4,7	31	1,8	4,7
1 – Jardinagem	10	1,5	138	7,9	20,7
2 – Ver televisão	5	0,8	176	10,1	26,4
3 – Cozinhar	5	0,8	164	9,4	24,6
4 – Leitura	23	3,5	403	23,0	60,5
5 – Andar/caminhar	14	2,1	318	18,2	47,7
6 – Andar de bicicleta	2	0,3	102	5,8	15,3
7 – Desporto em geral	17	2,6	176	10,1	26,4
8 – Outra (s)	34	5,1	243	13,9	36,5
9 – Jardinagem e outras	8	1,2			
10 – Jardinagem + Ver televisão e outras	39	5,9			
11 – Jardinagem + Cozinhar + e outras	31	4,7			
12 – Jardinagem + Leitura e outras	34	5,1			
13 – Jardinagem + Andar/caminhar e outras	16	2,4			
14 – Ver televisão e outras	19	2,9			
15 – Ver televisão + Cozinhar e outras	35	5,3			
16 – Ver televisão + Leitura e outras	67	10,1			
17 – Ver televisão + Andar/caminhar e outras	11	1,7			
18 – Cozinhar e outras	16	2,4			
19 – Cozinhar + Leitura e outras	57	8,6			
20 – Leitura e outras	67	10,1			
21 – Leitura + Andar/caminhar e outras	76	11,4			
22 – Andar/caminhar e outras	31	4,7			
23 – Andar de bicicleta e outras	8	1,2			
24 – Desporto em geral e outras	10	1,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1751</b>	<b>-</b>	<b>1751</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.104: Outras atividades lúdicas praticadas pelos inquiridos

Outras atividades	Nº	1 %	2 %
Cinema/teatro	82	24,9	33,7
Música	57	17,3	23,5
Passear	53	16,1	21,8
Informática/internet	12	3,6	4,9
Fotografia	15	4,6	6,2
Dança	10	3,0	4,1
Pintura/escultura	12	3,6	4,9
Outras	88	26,7	36,2
<b>Total ocorrências</b>	<b>329</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>Total inquiridos</b>	<b>243</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

<sup>288</sup> Sempre que se verificou um elevado número de conjugações entre as modalidades (mais de 40/50), optou-se por condensar a informação e apresentar os dados de forma agrupada apenas para uma boa visualização global da mesma, estando esta situação devidamente identificada com a indicação de *informação agrupada*. A designação Outras inclui todas ou qualquer uma das outras modalidades inclusive a modalidade *Outra (s)*.

Quadro AIV.105: Atrações turísticas mais visitadas pelos inquiridos (informação agrupada)

Atrações turísticas mais visitadas Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	3	0,5	3	0,1	0,5
1 – Museus e galerias	12	1,8	468	21,0	70,3
2 – Património natural	9	1,4	451	20,3	67,7
3 – Locais religiosos	2	0,3	291	13,1	43,7
4 – Jardins/Parques (históricos)	15	2,3	261	11,7	39,2
5 – Património construído	18	2,7	485	21,8	72,8
6 – Parques temáticos	4	0,6	93	4,2	14,0
7 – Festivais/eventos tradicionais	3	0,5	162	7,3	24,3
8 – Outra (s)	4	0,6	12	0,5	1,8
9 – Museus, galerias e outras	4	0,6			
10 – Museus e galerias + Património natural e outras	36	5,4			
11 – Museus e galerias + Patr. natural + Locais religiosos + Jardins/Parques + (Patr. construído) e outras	91	13,7			
12 – Museus e galerias + Patr. natural + Locais religiosos + Patr. construído e outras	96	14,4			
13 – Museus... + Patr. natural + Jardins/Parques e outras	44	6,6			
14 – Museus... + Patr. natural + Patr. construído e outras	75	11,3			
15 – Museus... + L. religiosos + (Patr. construído) e outras	44	6,6			
16 – Museus... + Jardins/Parques e outras	34	5,1			
17 – Museus e galerias + Patr. construído e outras	32	4,8			
18 – Património natural e outras	12	1,8			
19 – Patr. natural + L. religiosos + (Patr. construído) e outras	29	4,4			
20 – Património natural + Jardins/Parques e outras	25	3,8			
21 – Património natural + Património construído e outras	34	5,1			
22 – Locais religiosos e outras	20	3,0			
23 – Jardins/Parques e outras	16	2,4			
24 – Património construído e outras	3	0,5			
25 – Parques temáticos e outras	1	0,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>2226</b>	<b>-</b>	<b>2226</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

### GRUPO II – Hábitos de Lazer/B – Específicos sobre jardins

Quadro AIV.106: Existência de jardim na residência do inquirido, apreciação e prática da jardinagem por parte do inquirido

Código /Modalidades	Jardim em casa		Gosta de jardinagem		Pratica jardinagem	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	-	-	2	0,3	-	-
1 – Sim	349	52,4	450	67,6	345	51,8
2 – Não	317	47,6	214	32,1	321	48,2
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV. 107: Jardim em casa, gosto e prática da jardinagem por género e grupos etários

	Jardim em casa				Gosto pela jardinagem						Prática da jardinagem			
	Sim		Não		NS/NR		Sim		Não		Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Género</b>														
Masculino	130	37,2	125	39,4	1	50,0	177	39,3	77	36,0	132	38,3	123	38,3
Feminino	219	62,8	192	60,6	1	50,0	273	60,7	137	64,0	213	61,7	198	61,7
<b>Total</b>	<b>349</b>	<b>100,0</b>	<b>317</b>	<b>100,0</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>	<b>450</b>	<b>100,0</b>	<b>214</b>	<b>100,0</b>	<b>345</b>	<b>100,0</b>	<b>321</b>	<b>100,0</b>
<b>P-value</b>				<b>0,563</b>						<b>0,668</b>				<b>0,988</b>
<b>Grupos etários</b>														
18-39	127	36,4	202	63,7	0	0,0	195	43,3	132	61,7	122	35,4	207	64,5
40-64	178	51,0	93	29,3	2	100,0	202	44,9	69	32,2	176	51,0	95	29,6
65 +	42	12,0	21	6,6	0	0,0	50	11,1	13	6,1	45	13,0	18	5,6
NR*	2	0,6	1	0,3	0	0,0	3	0,7	0	0,0	2	0,6	1	0,3
<b>Total</b>	<b>349</b>	<b>100,0</b>	<b>317</b>	<b>100,0</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>	<b>450</b>	<b>100,0</b>	<b>214</b>	<b>100,0</b>	<b>345</b>	<b>100,0</b>	<b>321</b>	<b>100,0</b>
<b>P-value</b>				<b>0,000</b>						<b>0,001</b>				<b>0,000</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/\*NR – diz respeito a 3 indivíduos que não responderam à questão sobre a idade

Quadro AIV.108: Frequência da visita a jardins em termos gerais

Visitante de jardins		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Habitual	442	66,4
2 – Ocasional	224	33,6
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.109: Frequência da visita a jardins em termos específicos

Frequência da visita		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	74	11,1
1 – Todos os dias	26	3,9
2 – Pelo menos 1 vez/semana	129	19,4
3 – Pelo menos 1 vez/mês	204	30,6
4 – Pelo menos 1 vez/ano	54	8,1
5 – Duas ou mais/ano	148	22,2
6 – Outra situação	31	4,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.110: Hábitos de visita a jardins (1 e 2) – Quando?

Quando habitualmente visita					
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	7	1,1	0 – NS/NR	35	5,3
1 – Só em férias	50	7,5	1 – Fim de semana	253	38,0
2 – Sobretudo em férias	223	33,5	2 – Semana	30	4,5
3 – Todo o ano	386	58,0	3 – Nas duas situações	348	52,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.111: Hábitos de visita a jardins – Com quem?

Como costuma visitar		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sozinho (a)	91	13,7
2 – Acompanhado (a)	415	62,3
3 – É indiferente (2 situações)	53	8,0
4 – Depende das situações	107	16,1
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.112: Hábitos de visita a jardins (1 e 2) – De que forma?

Como costuma visitar					
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
1 – Paga	15	2,3	1 – Guiadas	7	1,1
2 – Gratuita	215	32,3	2 – Livres	508	76,3
3 – Nas duas situações	436	65,5	3 – Nas duas situações	151	22,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.113: Principais motivos para a visita a jardins indicados pelos inquiridos  
(Grandes grupos – informação agrupada)

Principais motivos para a visita Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	14	2,1	14	1,3	2,1
1 – Natureza/Contacto com a natureza	107	16,1	324	30,0	48,6
2 – Paz, tranquilidade e descanso	105	15,8	346	32,0	52,0
3 – Beleza/Estética	52	7,8	176	16,3	26,4
4 – Realizar atividade específica	22	3,3	81	7,5	12,2
5 – Cultura/Conhecimento/Aprendizagem	26	3,9	60	5,6	9,0
6 – Interação social	10	1,5	42	3,9	6,3
7 – Outros motivos	18	2,7	37	3,4	5,6
8 – Natureza + Paz, tranquilidade e descanso	100	15,0			
9 – Natureza + Paz, tranquilidade e descanso e outros	62	9,3			
10 – Natureza e outros	55	8,3			
11 – Paz, tranquilidade e descanso + Beleza/Estética e outros	51	7,7			
12 – Paz, tranquilidade e descanso e outros	28	4,2			
13 – Beleza/Estética e outros	10	1,5			
14 – Realizar atividade específica e outros	5	0,8			
15 – Interação social + Outros motivos	1	0,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1080</b>	<b>-</b>	<b>1080</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.114: Principais motivos para a visita a jardins indicados pelos inquiridos (discriminados)

<b>Principal motivo</b>			
<b>Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
NS/NR	14	1,1	2,1
Natureza/Contacto com Natureza	185	14,5	27,8
Paz, tranquilidade, descanso, sossego	300	23,5	45,0
Beleza do espaço/Estética/Bonito	142	11,1	21,3
Flores, árvores, plantas, flora, botânica	107	8,4	16,1
Ar puro/fresco/respirar ar puro	43	3,4	6,5
Estar ao ar livre/espaço exterior/espaço aberto/liberdade	31	2,4	4,7
Passeio, lazer e recreio	45	3,5	6,8
Conviver/Socializar/passear com família e amigos	10	0,8	1,5
Fazer picnic	5	0,4	0,8
Fazer fotografia	10	0,8	1,5
Para caminhar/andar	11	0,9	1,7
Fazer desporto/exercício físico/correr	5	0,4	0,8
Pelas crianças/brincar com crianças	26	2,0	3,9
Arquitetura e design paisagístico	42	3,3	6,3
Sons da natureza/pássaros	18	1,4	2,7
Ver as cores ao longo das estações/contrastes de cores	8	0,6	1,2
Sentir os perfumes/cheiros/aromas	15	1,2	2,3
Sombra/refrescar/frescura	11	0,9	1,7
Verde	18	1,4	2,7
Sol, bom tempo/aproveitar o sol	10	0,8	1,5
Silêncio	19	1,5	2,9
Possibilidade de estar só/solidão	5	0,4	0,8
Fugir, afastar da confusão/ruído e poluição da cidade	27	2,1	4,1
Ter ideias para próprio jardim	15	1,2	2,3
Para namorar	3	0,2	0,5
Ler/ouvir música	9	0,7	1,4
Pensar/meditar	7	0,5	1,1
Escrever	2	0,2	0,3
Estudar	3	0,2	0,5
Conversar	4	0,3	0,6
Passear o cão	1	0,1	0,2
Contexto histórico associado/história do lugar	11	0,9	1,7
Combinação com outros monumentos/conjuntos	12	0,9	1,8
Porque são famosos, notáveis, importantes	3	0,2	0,5
Para usufruir das atividades que proporcionam/disponibilizam	2	0,2	0,3
Motivos culturais	4	0,3	0,6
Motivos profissionais/trabalho	2	0,2	0,3
Saúde e bem-estar/sente-se bem	19	1,5	2,9
Espaço agradável/bom para estar, passear	29	2,3	4,4
Espaço interessante/conhecer/curiosidade	17	1,3	2,6
Porque gosta de jardins/sem motivo especial	19	1,5	2,9
Prazer da visita em geral/prazer em todas as vertentes	8	0,6	1,2
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>1277</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Tendo em conta o elevado número de motivos diferenciados e consequentemente de combinações optou-se por apresentar os dados totais sem a discriminação por resposta/ocorrência



Quadro AIV.115 e AIV.116: Visita a outros jardins em Portugal e no estrangeiro

<b>Visita a outros jardins em Portugal</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	435	65,3
2 – Não	231	34,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

<b>Visita a jardins no estrangeiro</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	588	88,3
2 – Não	78	11,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.117: Designação dos jardins visitados pelos inquiridos em Portugal

<b>Jardins nacionais visitados pelos inquiridos</b>			
<b>Jardins</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
Jardins do Palácio de Cristal	91	11,8	24,0
Jardim Botânico da Universidade de Lisboa	67	8,7	17,7
Parque de Serralves	45	5,8	11,9
Jardim Botânico do Porto	46	6,0	12,1
Parque da Cidade do Porto	38	4,9	10,0
Jardim Botânico de Coimbra	37	4,8	9,8
Jardins da Fundação Gulbenkian	34	4,4	9,0
Quinta das Lágrimas	31	4,0	8,2
Jardim da Sereia	30	3,9	7,9
Jardim do Palácio da Pena	29	3,8	7,7
Jardim da Estrela em Lisboa	28	3,6	7,4
Mata do Buçaco	28	3,6	7,4
Parque Eduardo VII	27	3,5	7,1
Estufa Fria de Lisboa	25	3,2	6,6
Parque de Monserrate	16	2,1	4,2
Jardim Botânico da Madeira	12	1,6	3,2
Quinta da Regaleira	13	1,7	3,4
Jardim do Palácio de Queluz	12	1,6	3,2
Jardim do Bom Jesus de Braga	12	1,6	3,2
Jardim Botânico da Ajuda	10	1,3	2,6
Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco	8	1,0	2,1
Parque Verde do Mondego	7	0,9	1,8
Jardins da Casa de Mateus (Vila Real)	6	0,8	1,6
Jardim Botânico Tropical	5	0,6	1,3
Jardins de Belém	5	0,6	1,3
Jardim de Santa Bárbara em Braga	5	0,6	1,3
Penedo da Saudade	5	0,6	1,3
Mata Nacional do Choupal	5	0,6	1,3
Jardins do Campo Grande	5	0,6	1,3
Jardins da Expo/Parque das Nações em Lisboa	4	0,5	1,1
Parque Biológico de Gaia	4	0,5	1,1
Palácio Nacional de Sintra	3	0,4	0,8
Mata dos 7 Montes	3	0,4	0,8
Quinta de Santo Inácio de Fiães	3	0,4	0,8
Tapada das Necessidades	3	0,4	0,8
Tapada de Mafra	3	0,4	0,8
Parque de Monsanto	3	0,4	0,8
Parque Pasteleira	3	0,4	0,8
Outros Jardins/Parques	60	7,8	15,8
<b>1 – Total ocorrências jardins individuais</b>	<b>771</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos que referiram jardins</b>	<b>379</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Vários jardins de Sintra (englobaram todos)	50	5,5	13,2
Jardins indiferenciados de cidades s/ especificar	84	9,3	22,2
<b>Total global referências</b>	<b>905</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Não sabe/Não se lembra e Não responde	56	-	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.118: Locais e eventos relacionados com jardins/jardinagem já visitados pelos inquiridos

Locais e eventos já visitados	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
0 – NS/NR	4	0,6	4	0,3	0,6
1 – Estufas	146	21,9	454	39,1	68,2
2 – Festivais de jardins/flores	27	4,1	221	19,0	33,2
3 – Viveiros/Centros de jardinagem	24	3,6	233	20,1	35,0
4 – Eventos de jardinagem	14	2,1	124	10,7	18,6
5 – Nenhuma destas	126	18,9	126	10,8	18,9
6 – Estufas + Festivais	66	9,9			
7 – Estufas + Viveiros	95	14,3			
8 – Estufas + Eventos	23	3,5			
9 – Festivais + Viveiros	8	1,2			
10 – Festivais + Eventos	5	0,8			
11 – Viveiros + Eventos	1	0,2			
12 – Estufas + Festivais + Viveiros	46	6,9			
13 – Estufas + Festivais + Eventos	22	3,3			
14 – Estufas + Viveiros + Eventos	12	1,8			
15 – Festivais + Viveiros + Eventos	3	0,5			
16 – Estufas + Festivais + Viveiros + Eventos	44	6,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1162</b>	<b>-</b>	<b>1162</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.119: Principais aspetos positivos da visita a jardins

Aspetos positivos da visita	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Contacto com a Natureza	47	7,1	438	29,9	65,8
2 – Interação familiar/social	5	0,8	201	13,7	30,2
3 – Momentos de paz e evasão	109	16,4	529	36,1	79,4
4 – Aprender sobre história e plantas	21	3,2	285	19,5	42,8
5 – Outro (s)	4	0,6	12	0,8	1,8
6 – Contacto com a Natureza + Interação familiar/social	23	3,5			
7 – Contacto com a Natureza + Momentos de paz...	132	19,8			
8 – Contacto com a Natureza + Aprender sobre história...	30	4,5			
9 – Contacto com a Natureza + Outro (s)	2	0,3			
10 – Interação familiar/social + Momentos de paz...	20	3,0			
11 – Interação familiar/social + Aprender sobre história...	1	0,2			
12 – Momentos de paz e evasão + Aprender sobre história...	53	8,0			
13 – Momentos de paz e evasão + Outro (s)	1	0,2			
14 – Contacto com a Natureza + Interação familiar/social + Momentos de paz...	37	5,6			
15 – Contacto com a Natureza + Interação familiar/social + Aprender sobre história...	4	0,6			
16 – Contacto com a Natureza + Momentos de paz... + Aprender sobre história...	64	9,6			
17 – Contacto com a Natureza + Momentos de paz... + Outro (s)	1	0,2			
18 – Interação familiar/social + Momentos de paz... + Aprender sobre história...	13	2,0			
19 – Momentos de paz... + Aprender sobre história... + Outro (s)	1	0,2			
20 – Todos	95	14,3			
21 – Todos + Outro (s)	3	0,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1465</b>	<b>-</b>	<b>1465</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.120: Definição de jardim por grandes dimensões

Definição de jardim – grandes dimensões	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)			
	Código/Modalidades	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR		8	1,2	8	0,4	1,2
1 – Natural		7	1,1	284	15,1	42,6
2 – Florística/Botânica		2	0,3	196	10,4	29,4
3 – Emocional/Psicológica		12	1,8	689	36,7	103,5
4 – Estética/Artística		5	0,8	266	14,2	39,9
5 – Espiritual/Mística		1	0,2	14	0,7	2,1
6 – Sensorial		2	0,3	305	16,3	45,8
7 – Lúdica		0	0,0	38	2,0	5,7
8 – Social		1	0,2	6	0,3	0,9
9 – Espacial		0	0,0	40	2,1	6,0
10 – Cultural		1	0,2	38	2,0	5,7
11 – Natural + Florística/Botânica		2	0,3			
12 – Natural + Emocional/Psicológica		2	0,3			
13 – Natural + Estética/Artística		3	0,5			
14 – Natural + Espiritual/Mística		1	0,2			
15 – Natural + Sensorial		2	0,3			
16 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª)		2	0,3			
17 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica		3	0,5			
18 – Florística/Botânica + Estética/Artística		1	0,2			
19 – Florística/Botânica + Sensorial		2	0,3			
20 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª)		2	0,3			
21 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística		2	0,3			
22 – Emocional/Psicológica + Sensorial		5	0,8			
23 – Emocional/Psicológica + Lúdica		2	0,3			
24 – Emocional/Psicológica + Espacial		1	0,2			
25 – Estética/Artística + Sensorial		1	0,2			
26 – Estética/Artística + Cultural		2	0,3			
27 – Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)		1	0,2			
28 – Lúdica (1ª) + Lúdica (2ª)		1	0,2			
29 – Lúdica + Cultural		1	0,2			
30 – Natural (1ª) + Natural (2ª) + Florística/Botânica		2	0,3			
31 – Natural (1ª) + Natural (2ª) + Emocional/Psicológica		9	1,4			
32 – Natural (1ª) + Natural (2ª) + Estética/Artística		3	0,5			
33 – Natural (1ª) + natural (2ª) + Social		1	0,2			
34 – Natural (1ª) + Natural (2ª) + Espacial		1	0,2			
35 – Natural + Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª)		4	0,6			
36 – Natural + Florística/Botânica + Emocional/Psicológica		17	2,6			
37 – Natural + Florística/Botânica + Estética/Artística		7	1,1			
38 – Natural + Florística/Botânica + Sensorial		8	1,2			
39 – Natural + Florística/Botânica + Lúdica		3	0,5			
40 – Natural + Florística/Botânica + Espacial		1	0,2			
41 – Natural + Florística/Botânica + Cultural		1	0,2			
42 – Natural + Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª)		56	8,4			
43 – Natural + Emocional/Psicológica + Estética/Artística		49	7,4			
44 – Natural + Emocional/Psicológica + Espiritual/Mística		1	0,2			
45 – Natural + Emocional/Psicológica + Sensorial		44	6,6			
46 – Natural + Emocional/Psicológica + Lúdica		2	0,3			
47 – Natural + Emocional/Psicológica + Espacial		3	0,5			
48 – Natural + Emocional/Psicológica + Cultural		8	1,2			
49 – Natural + Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª)		3	0,5			
50 – Natural + Estética/Artística + Sensorial		9	1,4			
51 – Natural + Estética/Artística + Lúdica		3	0,5			
52 – Natural + Estética/Artística + Espacial		1	0,2			
53 – Natural + Estética/Artística + Cultural		3	0,5			
54 – Natural + Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)		7	1,1			
55 – Natural + Sensorial + Lúdica		1	0,2			
56 – Natural + Sensorial + Espacial		1	0,2			
57 – Natural + Lúdica (1ª) + Lúdica (2ª)		1	0,2			

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

58 – Natural + Social + Espacial	2	0,3		
59 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Florística/Botânica (3ª)	2	0,3		
60 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Emocional/Psicológica	9	1,4		
61 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Estética/Artística	8	1,2		
62 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Sensorial	6	0,9		
63 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Lúdica	2	0,3		
64 – Florística/Botânica (1ª) + Florística/Botânica (2ª) + Espacial	2	0,3		
65 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª)	7	1,1		
66 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Estética/Artística	10	1,5		
67 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Espiritual/Mística	1	0,2		
68 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Sensorial	13	2,0		
69 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Lúdica	6	0,9		
70 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Espacial	1	0,2		
71 – Florística/Botânica + Emocional/Psicológica + Cultural	1	0,2		
72 – Florística/Botânica + Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª)	7	1,1		
73 – Florística/Botânica + Estética/Artística + Sensorial	15	2,3		
74 – Florística/Botânica + Estética/Artística + Lúdica	1	0,2		
75 – Florística/Botânica + Estética/Artística + Espacial	1	0,2		
76 – Florística/Botânica + Estética/Artística + Cultural	2	0,3		
77 – Florística/Botânica + Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)	3	0,5		
78 – Florística/Botânica + Sensorial + Espacial	3	0,5		
79 – Florística/Botânica + Sensorial + Cultural	2	0,3		
80 – Florística/Botânica + Espacial + Cultural	2	0,3		
81 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Emocional/Psicológica (3ª)	38	5,7		
82 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Estética/Artística	44	6,6		
83 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Espiritual/Mística	3	0,5		
84 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Sensorial	21	3,2		
85 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Lúdica	2	0,3		
86 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Espacial	1	0,2		
87 – Emocional/Psicológica (1ª) + Emocional/Psicológica (2ª) + Cultural	3	0,5		
88 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª)	5	0,8		
89 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística + Espiritual/Mística	3	0,5		
90 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística + Sensorial	34	5,1		
91 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística + Lúdica	1	0,2		
92 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística + Espacial	4	0,6		
93 – Emocional/Psicológica + Estética/Artística + Cultural	5	0,8		
94 – Emocional/Psicológica + Espiritual/Mística + Sensorial	1	0,2		
95 – Emocional/Psicológica + Espiritual/Mística + Social	1	0,2		
96 – Emocional/Psicológica + Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)	19	2,9		
97 – Emocional/Psicológica + Sensorial + Lúdica	7	1,1		
98 – Emocional/Psicológica + Sensorial + Espacial	10	1,5		
99 – Emocional/Psicológica + Sensorial + Cultural	3	0,5		
100 – Emocional/Psicológica + Lúdica (1ª) + Lúdica (2ª)	1	0,2		
101 – Emocional/Psicológica + Social + Cultural	1	0,2		
102 – Emocional/Psicológica + Cultural (1ª) + Cultural (2ª)	1	0,2		
103 – Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª) + Espiritual/Mística	1	0,2		
104 – Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª) + Sensorial	2	0,3		
105 – Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª) + Espacial	1	0,2		
106 – Estética/Artística (1ª) + Estética/Artística (2ª) + Cultural	1	0,2		
107 – Estética/Artística + Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)	9	1,4		
108 – Espiritual/Mística + Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª)	1	0,2		
109 – Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª) + Sensorial (3ª)	7	1,1		
110 – Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª) + Lúdica	1	0,2		
111 – Sensorial (1ª) + Sensorial (2ª) + Espacial	5	0,8		
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências/palavras</b>	<b>1876</b>	<b>-</b>	<b>1876</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/Nota: A indicação 1ª e 2ª dobra o valor correspondente, e 1ª, 2ª e 3ª triplica o valor, uma vez que foram tidas em conta cada uma das 3 palavras tendo sido atribuída a cada uma a dimensão correspondente.

Quadro AIV.121: Definição do inquirido enquanto visitante de jardins

Definição do inquirido	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Visitante com interesse geral por jardins, flores e plantas	220	33,0	240	34,0	36,0
2 – Visitante com interesse específico por jardins e botânica	26	3,9	35	5,0	5,3
3 – Visitante com interesse específico no design dos jardins	56	8,4	80	11,3	12,0
4 – Visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	324	48,6	351	49,7	52,7
5 – visitante com interesse geral por jardins + visitante com interesse específico no design dos jardins	7	1,1			
6 – Visitante com interesse geral por jardins + visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	13	2,0			
7 – Visitante com interesse específico por jardins + visitante com interesse específico no design dos jardins	6	0,9			
8 – Visitante com interesse específico por jardins + visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	3	0,5			
9 – Visitante com interesse específico no design dos jardins + visitante que busca apenas um tempo/dia agradável	11	1,7			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>706</b>	<b>-</b>	<b>706</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.122: Filiação do inquirido em Associações relacionadas com jardins

Sócio de Associação		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	46	6,9
2 – Não	620	93,1
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.123: Designação das Associações/Organizações

Designação da Associação			
Código/Modalidades	Nº	1 %	2 %
1 – National Trust (Reino Unido, Nova Zelândia)	16	31,4	34,8
2 – Royal Horticultural Society (Reino Unido)	4	7,8	8,7
3 – English Heritage (Reino Unido)	3	5,9	6,5
4 – Bonsai Club Forlì (Itália)	1	2,0	2,2
5 – Demeure Historique (França)	1	2,0	2,2
6 – Amigos de Serralves (Portugal)	6	11,8	13,0
7 – Liga dos Amigos do JB de Coimbra (Portugal)	3	5,9	6,5
8 – Outra (s)	17	13,7	37,0
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>51</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>46</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.124: O que um jardim oferece de diferente das outras atrações turísticas  
(informação agrupada)

O que um jardim oferece	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/modalidades</b>					
0 – NS/NR	32	4,8	32	3,0	4,8
1 – Natureza/Contacto com Natureza	78	11,7	203	18,9	30,5
2 – Paz, tranquilidade, descanso, sossego	165	24,8	345	32,1	51,8
3 – Beleza do espaço/Beleza natural	6	0,9	51	4,7	7,7
4 – Flores, árvores, plantas/vegetação	18	2,7	61	5,7	9,2
5 – Ar puro/fresco/oxigénio/sombra	13	2,0	68	6,3	10,2
6 – Ar livre/espaço exterior e aberto/espaço/liberdade	38	5,7	119	11,1	17,9
7 – Poder passear, caminhar, andar...	2	0,3	22	2,0	3,3
8 – Permite o convívio com família e amigos	0	0,0	6	0,6	0,9
9 – Espaço com menos pessoas e confusão	3	0,5	14	1,3	2,1
10 – Silêncio	5	0,8	33	3,1	5,0
11 – Arquitetura e design paisagístico	6	0,9	25	2,3	3,8
12 – Fuga, afastamento da confusão, ruído, carros, poluição da cidade/escape do stress da cidade	0	0,0	26	2,4	3,9
13 – Sons da natureza, animais/canto dos pássaros	0	0,0	15	1,4	2,3
14 – As diferentes e variadas cores	1	0,2	10	0,9	1,5
15 – Sentir os perfumes/cheiros/aromas	0	0,0	13	1,2	2,0
16 – Estar só/solidão/privacidade	1	0,2	7	0,7	1,1
17 – Espaço/cenário que muda ao longo do ano/variedade	1	0,2	5	0,5	0,8
18 – Apela aos sentidos	2	0,3	4	0,4	0,6
19 – Outros	10	1,5	10	0,9	1,5
20 – Nada em particular	5	0,8	5	0,5	0,8
21 – Natureza/Contacto com Natureza e outros	38	5,7			
22 – Natureza/Contacto com Natureza + Ar livre... e outros	18	2,7			
23 – Natureza/Contacto com Natureza + Paz, tranquilidade, descanso, sossego e outros	69	10,4			
24 – Paz, tranquilidade, descanso, sossego e outros	41	6,2			
25 – Paz, tranquilidade, descanso, sossego + Beleza do espaço/Beleza natural e outros	25	3,8			
26 – Paz, tranquilidade, descanso, sossego + Ar puro/fresco/oxigénio/sombra e outros	20	3,0			
27 – Paz, tranquilidade, descanso, sossego + Ar livre/espaço exterior e aberto... e outros	25	3,8			
28 – Beleza do espaço/Beleza natural e outros	8	1,2			
29 – Flores, árvores, plantas/vegetação e outros	15	2,3			
30 – Ar puro/fresco/oxigénio/sombra e outros	7	1,1			
31 – Ar livre/espaço exterior e aberto/espaço/liberdade e outros	8	1,2			
32 – Poder passear, caminhar, andar... e outros	2	0,3			
33 – Permite o convívio com família e amigos e outros	2	0,3			
34 – Espaço com menos pessoas e confusão e outro	1	0,2			
35 – Silêncio e outro	1	0,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>1074</b>	-	<b>1074</b>	-	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

### Grupo III – Caracterização da visita ao jardim

Quadro AIV.125: Jardim como principal motivo da saída de casa

<b>Jardim foi o principal motivo da saída de casa</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	224	33,6
2 – Não	411	61,7
3 – Uma das razões/conjunto	31	4,7
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.126 e AIV.127: Inserção da visita num *tour*/roteiro de jardins e escala do *tour*/roteiro

<b>Visita inserida num <i>tour</i> de jardins</b>			<b>Escala do <i>tour</i>/roteiro</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	16	2,4	1 – Regional	10	62,5
2 – Não	650	97,6	2 – Nacional	1	6,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	3 – Internacional	5	31,3
			<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.128: Planeamento da visita ao jardim

<b>Planeamento da visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sim	476	71,5
2 – Não	190	28,5
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.129: Forma de planeamento/organização da visita ao jardim

<b>Forma de organização da visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	1	0,2
1 – De forma individual	471	98,9
2 – Através de agências/operadores turísticos nacionais	3	0,6
3 – Através de agências/operadores turísticos internacionais	1	0,2
<b>Total</b>	<b>476</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.130: Quando o inquirido decidiu fazer a visita ao jardim

<b>Quando decidiu fazer a visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	13	2,0
1 – Hoje	275	41,3
2 – Esta semana	258	38,7
3 – Semana passada	46	6,9
4 – Há 1 mês	34	5,1
5 – Há mais de 1 mês	33	5,0
6 – Há 1 ano ou mais	3	0,5
7 – Outro	4	0,6
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.131: Motivos da visita ao jardim (informação agrupada)

Motivos da visita	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>					
1 – Ocupação de tempos livres	15	2,3	182	9,4	27,3
2 – Ambiente natural	0	0,0	213	11,0	32,0
3 – Paz, tranquilidade, descanso	19	2,9	307	15,8	46,1
4 – As diferentes espécies florísticas	2	0,3	48	2,5	7,2
5 – Bom tempo para passear	5	0,8	215	11,1	32,3
6 – Arquitetura/design do jardim	7	1,1	49	2,5	7,4
7 – Influência de família/amigos	4	0,6	44	2,3	6,6
8 – Ganhar inspiração	2	0,3	40	2,1	6,0
9 – Distração para as crianças	2	0,3	37	1,9	5,6
10 – Fama do jardim	13	2,0	139	7,2	20,9
11 – A caminho de outro destino	0	0,0	18	0,9	2,7
12 – Tour/roteiro organizado	2	0,3	8	0,4	1,2
13 – Admirar o cenário e atmosfera	1	0,2	174	9,0	26,1
14 – Simples curiosidade	26	3,9	146	7,5	21,9
15 – Passar tempo de qualidade com família e amigos	11	1,7	142	7,3	21,3
16 – Nenhum motivo em particular	3	0,5	3	0,2	0,5
17 – Outro (s)	79	11,9	175	9,0	26,3
18 – Ocupação de tempos livres e outros	41	6,2			
19 – Ocupação de tempos livres + Ambiente natural e outros	10	1,5			
20 – Ocupação de tempos livres + Ambiente natural + Paz,... e outros*	32	4,8			
21 – Ocupação de tempos livres + Ambiente natural + Paz,... + Bom tempo para passear e outros*	38	5,7			
22 – Ocupação de tempos livres + Paz,... e outros	20	3,0			
23 – Ocupação de tempos livres + Paz,... + Bom tempo para passear e outros	26	3,9			
24 – Ambiente natural e outros	23	3,5			
25 – Ambiente natural + Paz,... e outros	34	5,1			
26 – Ambiente natural + Paz,... + Espécies florísticas e outros	13	2,0			
27 – Ambiente natural + Paz,... + Bom tempo... e outros*	50	7,5			
28 – Ambiente natural + Bom tempo para passear e outros	13	2,0			
29 – Paz,... e outros*	51	7,7			
30 – Paz,... + Bom tempo para passear e outros*	24	3,6			
31 – As diferentes espécies florísticas e outros	9	1,4			
32 – Bom tempo para passear e outros	18	2,7			
33 – Arquitetura/design do jardim e outros	12	1,8			
34 – Influência de família/amigos e outros	5	0,8			
35 – Ganhar inspiração e outros	3	0,5			
36 – Distração para as crianças e outros	7	1,1			
37 – Fama do jardim e outros	29	4,4			
38 – A caminho de outro destino e outros	3	0,5			
39 – Tour/roteiro organizado e outros	1	0,2			
40 – Admirar o cenário e atmosfera e outros	3	0,5			
41 – Simples curiosidade e outros	7	1,1			
42 – Passar tempo de qualidade com família e amigos e outros	3	0,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1940</b>	<b>-</b>	<b>1940</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)\* Nestas modalidades agrupadas surge também com algum destaque o motivo *Admirar o cenário e atmosfera*.



Quadro AIV.132: Motivos da visita ao jardim por género, grupos etários e condição perante a atividade económica/profissão

Motivos para a visita ao jardim	Género		Grupos etários						Condição perante atividade económica/Profissão																						
	Masculino		Feminino		18-39		40-64		65+		Ativo/Empregado (Grandes Grupos)						Desempr.						Estudante/ Investigador		Reformado		Doméstica				
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	GG1	GG2	GG3	GG4	GG5	Total	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Ocupação de tempos livres	75	29,4	107	26,0	111	33,7	62	22,9	9	14,3	5	35,7	55	20,3	12	35,3	11	42,3	4	19,0	106	24,7	10	52,6	53	39,0	9	12,3	3	50,0	
Ambiente natural	81	31,8	132	32,1	116	35,3	80	29,5	16	25,4	3	21,4	96	35,4	11	32,4	9	34,6	10	47,6	150	35,0	7	36,8	43	31,6	12	16,4	0	0,0	
Paz, tranquilidade, descanso	122	47,8	185	45,0	171	52,0	116	42,8	20	31,7	6	42,9	123	45,4	17	50,0	12	46,2	13	61,9	201	46,9	9	47,4	75	55,1	19	26,0	2	33,3	
As diferentes espécies florísticas	27	10,6	21	5,1	14	4,3	24	8,9	10	15,9	0	0,0	21	7,7	2	5,9	3	11,5	2	9,5	36	8,4	0	0,0	4	2,9	7	9,6	1	16,7	
Bom tempo para passear	84	32,9	131	31,9	140	42,6	61	22,5	14	22,2	3	21,4	80	29,5	13	38,2	6	23,1	8	38,1	134	31,2	8	42,1	60	44,1	11	15,1	1	16,7	
Arquitetura/design do jardim	16	6,3	33	8,0	19	5,8	24	8,9	5	7,9	0	0,0	21	7,7	4	11,8	2	7,7	2	9,5	35	8,2	1	5,3	8	5,9	5	6,8	0	0,0	
Influência de família/amigos	17	6,7	27	6,6	34	10,3	9	3,3	1	1,6	1	7,1	19	7,0	2	5,9	0	0,0	1	4,8	26	6,1	4	21,1	11	8,1	2	2,7	1	16,7	
Ganhar inspiração	19	7,5	21	5,1	19	5,8	17	6,3	4	6,3	0	0,0	15	5,5	0	0,0	2	7,7	2	9,5	26	6,1	0	0,0	10	7,4	3	4,1	1	16,7	
Distração para as crianças	13	5,1	24	5,8	26	7,9	11	4,1	0	0,0	2	14,3	21	7,7	3	8,8	4	15,4	1	4,8	32	7,5	1	5,3	2	1,5	1	1,4	1	16,7	
Fama do jardim	52	20,4	87	21,2	63	19,1	62	22,9	12	19,0	2	14,3	70	25,8	8	23,5	6	23,1	6	28,6	106	24,7	2	10,5	18	13,2	12	16,4	0	0,0	
A caminho de outro destino	8	3,1	10	2,4	11	3,3	6	2,2	1	1,6	0	0,0	4	1,5	0	0,0	0	0,0	2	9,5	10	2,3	2	10,5	4	2,9	2	2,7	0	0,0	
Tour/roteiro organizado	3	1,2	5	1,2	6	1,8	0	0,0	2	3,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	4,4	2	2,7	0	0,0	
Admirar o cenário e atmosfera	64	25,1	110	26,8	86	26,1	73	26,9	14	22,2	4	28,6	72	26,6	10	29,4	6	23,1	7	33,3	118	27,5	6	31,6	33	24,3	13	17,8	3	50,0	
Simples curiosidade	52	20,4	94	22,9	70	21,3	60	22,1	16	25,4	3	21,4	58	21,4	5	14,7	9	34,6	6	28,6	98	22,8	2	10,5	25	18,4	20	27,4	0	0,0	
Passar tempo de qualidade com família e amigos	51	20,0	91	22,1	90	27,4	44	16,2	7	11,1	5	35,7	60	22,1	6	17,6	5	19,2	6	28,6	93	21,7	5	26,3	36	26,5	8	11,0	0	0,0	
Nenhum motivo em particular	0	0,0	3	0,7	1	0,3	1	0,4	1	1,6	0	0,0	0	0,0	1	2,9	0	0,0	0	0,0	1	0,2	0	0,0	0	0,0	1	1,4	0	0,0	
Outro (s)	65	25,5	110	26,8	67	20,4	82	30,3	26	41,3	5	35,7	76	28,0	9	26,5	3	11,5	6	28,6	118	27,5	1	5,3	22	16,2	32	43,8	1	16,7	
<b>Total inquiridos</b>	<b>255</b>		<b>411</b>		<b>329</b>		<b>271</b>		<b>63</b>		<b>14</b>		<b>272</b>		<b>34</b>		<b>26</b>		<b>21</b>		<b>429</b>		<b>19</b>		<b>136</b>		<b>73</b>		<b>6</b>		

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)/Não estão apresentados no quadro os valores de NS/NR relativos às variáveis idade, profissão e condição perante a atividade económica (3 casos cada uma).

Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

Quadro AIV.133: Motivos da visita ao jardim (informação agrupada) por jardim, tipo de visitante, tipo de interesse e época da visita

Motivos para a visita	Jardim						Tipo de visitante			Tipo de interesse					Época da visita					
	Serralves		JBUC		Fronteira		Turista	Day-tripper	Interesse geral	Interesse específico		Busca dia agradável	Época alta	Época baixa						
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		Nº	%					Nº	%			
Ocupação de tempos livres e outros	24	7,2	26	13,0	6	4,5	25	5,8	31	13,1	17	7,7	6	7,3	29	9,0	33	7,8	23	9,5
Ocupação de tempos livres + Ambiente natural e outros	3	0,9	7	3,5	0	0,0	3	0,7	7	3,0	1	0,5	1	1,2	8	2,5	7	1,7	3	1,2
Ocupação de tempos livres + Ambiente natural + Paz, tranquilidade, descanso + (Admirar o cenário e atmosfera) e outros	13	3,9	18	9,0	1	0,8	20	4,7	12	5,1	16	7,3	3	3,7	11	3,4	25	5,9	7	2,9
Ocupação de tempos livres + Ambiente natural + Paz, tranquilidade, descanso + Bom tempo para passear + (Admirar o...;) e outros	24	7,2	11	5,5	3	2,3	21	4,9	17	7,2	9	4,1	1	1,2	28	8,6	19	4,5	19	7,8
Ocupação de tempos livres + Paz, tranquilidade, descanso e outros	7	2,1	10	5,0	3	2,3	6	1,4	14	5,9	6	2,7	0	0,0	13	4,0	10	2,4	10	4,1
Ocupação de tempos livres + Paz, tranquilidade, descanso + Bom tempo para passear+(Passar tempo de qualidade...;) e outros	15	4,5	11	5,5	0	0,0	10	2,3	16	6,8	7	3,2	2	2,4	16	4,9	13	3,1	13	5,3
Ambiente natural e outros	13	3,9	6	3,0	4	3,0	20	4,7	3	1,3	7	3,2	4	4,9	8	2,5	17	4,0	6	2,5
Ambiente natural + Paz, tranquilidade e descanso e outros	15	4,5	13	6,5	6	4,5	25	5,8	9	3,8	17	7,7	4	4,9	13	4,0	21	5,0	13	5,3
Ambiente natural + Paz, tranquilidade e descanso + As diferentes espécies florísticas e outros	8	2,4	4	2,0	1	0,8	12	2,8	1	0,4	5	2,3	3	3,7	0	0,0	10	2,4	3	1,2
Ambiente natural + Paz, tranquilidade, descanso + Bom tempo para passear + (Admirar o cenário...;) e outros	32	9,6	13	6,5	5	3,8	34	7,9	16	6,8	20	9,1	5	6,1	23	7,1	32	7,6	18	7,4
Ambiente natural + Bom tempo para passear e outros	10	3,0	1	0,5	2	1,5	8	1,9	5	2,1	5	2,3	0	0,0	7	2,2	7	1,7	6	2,5
Paz, tranquilidade, descanso + Bom tempo para passear + (Admirar o cenário e atmosfera) e outros	15	4,5	5	2,5	4	3,0	18	4,2	6	2,5	7	3,2	1	1,2	16	4,9	12	2,8	12	4,9
Paz, tranquilidade e descanso + (Admirar o cenário e atmosfera + Simples curiosidade) e outros	34	10,2	23	11,5	13	9,8	47	10,9	23	9,7	27	12,3	10	12,2	33	10,2	49	11,6	21	8,6
As diferentes espécies florísticas e outros	4	1,2	6	3,0	1	0,8	6	1,4	5	2,1	1	0,5	4	4,9	6	1,9	7	1,7	4	1,6
Bom tempo para passear e outros	12	3,6	9	4,5	2	1,5	9	2,1	14	5,9	5	2,3	1	1,2	15	4,6	13	3,1	10	4,1
Arquitetura/design do jardim e outros	12	3,6	0	0,0	7	5,3	19	4,4	0	0,0	5	2,3	7	8,5	6	1,9	16	3,8	3	1,2
Influência de família/amigos e outros	4	1,2	3	1,5	2	1,5	9	2,1	0	0,0	3	1,4	0	0,0	6	1,9	6	1,4	3	1,2
Ganhar inspiração e outros	1	0,3	3	1,5	1	0,8	3	0,7	2	0,8	1	0,5	1	1,2	3	0,9	5	1,2	0	0,0
Distração para as crianças e outros	6	1,8	3	1,5	0	0,0	2	0,5	7	3,0	2	0,9	1	1,2	4	1,2	8	1,9	1	0,4
Fama do jardim e outros	17	5,1	4	2,0	21	15,8	37	8,6	5	2,1	17	7,7	5	6,1	17	5,2	28	6,6	14	5,8
A caminho de outro destino e outros	1	0,3	1	0,5	1	0,8	2	0,5	1	0,4	1	0,5	0	0,0	2	0,6	2	0,5	1	0,4
Tour/roteiro organizado e outros	2	0,6	0	0,0	1	0,8	2	0,5	1	0,4	1	0,5	0	0,0	2	0,6	0	0,0	3	1,2
Admirar o cenário e atmosfera e outros	3	0,9	0	0,0	1	0,8	4	0,9	0	0,0	0	0,0	1	1,2	2	0,6	1	0,2	3	1,2
Simples curiosidade e outros	14	4,2	7	3,5	12	9,0	29	6,7	4	1,7	10	4,5	5	6,1	13	4,0	22	5,2	11	4,5
Passar tempo de qualidade com família e amigos e outros	8	2,4	3	1,5	3	2,3	6	1,4	8	3,4	8	3,6	1	1,2	4	1,2	6	1,4	8	3,3
Nenhum motivo em particular	1	0,3	1	0,5	1	0,8	3	0,7	0	0,0	1	0,5	0	0,0	2	0,6	2	0,5	1	0,4
Outros motivos	35	10,5	12	6,0	32	24,1	50	11,6	29	12,3	21	9,5	16	19,5	37	11,4	52	12,3	27	11,1
<b>Total</b>	<b>333</b>	<b>100</b>	<b>200</b>	<b>100</b>	<b>133</b>	<b>100</b>	<b>430</b>	<b>100</b>	<b>236</b>	<b>100</b>	<b>220</b>	<b>100</b>	<b>82</b>	<b>100</b>	<b>324</b>	<b>100</b>	<b>423</b>	<b>100</b>	<b>243</b>	<b>100</b>
<i>P-value</i>																				

Fonte: Elaboração própria com base no Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.134: Outros motivos apresentados para a visita ao jardim

<b>Outros motivos apresentados</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Elemento (s) associado (s)	105	60,0
Razões profissionais/acadêmicas	12	6,9
Atividades/eventos a decorrer	11	6,3
Piquenique/almoçar	10	5,7
Recomendado nos/por guias	6	3,4
Fotografar	5	2,9
Dar a conhecer/mostrar a outros	4	2,3
Viram/descobriram por acaso	4	2,3
Revisitar	3	1,7
Estudar	3	1,7
Outros	12	6,9
<b>Total</b>	<b>175</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)/

Quadro AIV.135: Atividades realizadas no jardim durante a visita (informação agrupada)

<b>Atividades realizadas</b>	<b>Por resposta/ ocorrência</b>		<b>Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)</b>		
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>1 %</b>	<b>2 %</b>
<b>Código/Modalidades</b>					
0 – NS/NR	1	0,2	1	0,1	0,2
1 – Fotografar	32	4,8	495	25,7	74,3
2 – Conversar	7	1,1	376	19,5	56,5
3 – Pintar	1	0,2	6	0,3	0,9
4 – Estudar	1	0,2	32	1,7	4,8
5 – Observar plantas	4	0,6	324	16,8	48,6
6 – Meditar	6	0,9	105	5,5	15,8
7 – Namorar	1	0,2	74	3,8	11,1
8 – Escrever	0	0,0	27	1,4	4,1
9 – Ler	5	0,8	90	4,7	13,5
10 – Exercitar/Desporto	0	0,0	18	0,9	2,7
11 – Fazer Piquenique	1	0,2	83	4,3	12,5
12 – Brincar (c/ crianças)	5	0,8	47	2,4	7,1
13 – Estar	15	2,3	234	12,1	35,1
14 – Outra (s)	3	0,5	14	0,7	2,1
15 – Fotografar e outras	40	6,0			
16 – Fotografar + Conversar	58	8,7			
17 – Fotografar + Conversar e outras (Estar)	78	11,7			
18 – Fotografar + Conversar + Observar plantas e outras	110	16,5			
19 – Fotografar + Conversar + Observar plantas + Estar	33	5,0			
20 – Fotografar + Conversar + Observar plantas + Meditar e outras	29	4,4			
21 – Fotografar + Estudar e outras	12	1,8			
22 – Fotografar + Observar plantas e outras (Estar)	78	11,7			
23 – Fotografar + Meditar e outras	11	1,7			
24 – Fotografar + Ler e outras	14	2,1			
25 – Conversar e outras	27	4,1			
26 – Conversar + Observar plantas e outras	34	5,1			
27 – Estudar e outras	4	0,6			
28 – Observar plantas e outras	28	4,2			
29 – Meditar e outras	11	1,7			
30 – Namorar e outras	1	0,2			
31 – Escrever e outras	2	0,3			
32 – Ler e outras	8	1,2			
33 – Fazer piquenique e outras	3	0,5			
34 – Brincar (c/crianças) e outras	3	0,5			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1926</b>	<b>-</b>	<b>1926</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.136: Fonte de informação sobre o jardim (informação agrupada)

Conhecer jardim pela 1ª vez Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	2	0,3	2	0,2	0,3
1 – Ouviu falar	33	5,0	85	9,7	12,8
2 – Televisão	9	1,4	36	4,1	5,4
3 – Redes sociais	4	0,6	17	1,9	2,6
4 – Rotas e itinerários turísticos	16	2,4	53	6,1	8,0
5 – Guias/livros/revistas	188	28,2	253	28,9	38,0
6 – Agência de viagem	1	0,2	1	0,1	0,2
7 – Passou e viu o jardim	19	2,9	32	3,7	4,8
8 – Rádio	0	0,0	3	0,3	0,5
9 – Internet	31	4,7	64	7,3	9,6
10 – Brochuras e panfletos	5	0,8	27	3,1	4,1
11 – Feiras/Eventos	0	0,0	2	0,2	0,3
12 – Posto de turismo	3	0,5	14	1,6	2,1
13 – Familiares e/ou amigos	82	12,3	128	14,6	19,2
14 – Outro (s)	144	21,6	157	18,0	23,6
15 – Ouviu falar e outros	37	5,6			
16 – Ouviu falar + Televisão e outros	17	2,6			
17 – Televisão e outros	10	1,5			
18 – Redes sociais e outros	4	0,6			
19 – Rotas e itinerários turísticos e outros	23	3,5			
20 – Guias/Livros/Revistas e outros	32	4,8			
21 – Passou e viu o jardim e outros	2	0,3			
22 – Internet e outros	4	0,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>874</b>	<b>-</b>	<b>874</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.137: Outras fontes de informação sobre o jardim

Outras fontes de informação	Nº	%
Vive/viveu perto	66	42,0
Estuda/estudou perto	19	12,1
Mapa turístico	15	9,6
Na compra do bilhete	13	8,3
Visita de estudo/organizadas	10	6,4
Guias intérpretes	5	3,2
Alojamento	3	1,9
Não refere/Não se lembra	17	10,8
Outros	9	5,7
<b>Total</b>	<b>157</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.138: Frequência da visita ao jardim (1 e 2)

<b>1 – Frequência da visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Primeira vez que visita este jardim	441	66,2
2 – Já visitou outras vezes	225	33,8
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

<b>2 – Frequência da visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	3	1,3
1 – Todos os dias	5	2,2
2 – Uma vez por semana	22	9,8
3 – Duas ou mais/semana	20	8,9
4 – Uma vez por mês	42	18,7
5 – Duas ou mais/mês	11	4,9
6 – Uma vez por ano	20	8,9
7 – Duas ou mais/ano	41	18,2
8 – Outra situação	61	27,1
<b>Total</b>	<b>225</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.139: Quando frequenta o jardim

<b>Quando frequenta</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
0 – NS/NR	6	2,7
1 – Semana	41	18,2
2 – Fim de semana	73	32,4
3 – Nas duas situações	70	31,1
4 – Não se aplica	35	15,6
<b>Total</b>	<b>225</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.140: Duração da visita ao jardim

<b>Duração da visita</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Menos de 1 hora	99	14,9
2 – Cerca de 1 hora	191	28,7
3 – Entre 1 a 2 horas	251	37,7
4 – Mais de 2 horas	125	18,8
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.141: Acompanhamento do inquirido na visita ao jardim

<b>Acompanhamento na visita o jardim</b>		
<b>Código/Modalidades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 – Sozinho (a)	98	14,7
2 – Acompanhado (a)	568	85,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.142: Quem acompanha o inquirido na visita ao jardim

Com quem visita o jardim Código/Modalidades	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
1 – Marido/Esposa	165	24,8	241	35,2	42,4
2 – Filhos	22	3,3	94	13,7	16,5
3 – Namorado (a)	105	15,8	117	17,1	20,6
4 – Amigos	135	20,3	167	24,4	29,4
5 – Grupo/tour organizado	5	0,8	7	1,0	1,2
6 – Outros elementos familiares	26	3,9	53	7,7	9,3
7 – Outra situação	5	0,8	5	0,7	0,9
8 – Marido/Esposa + Filhos	48	7,2			
9 – Marido/Esposa + Amigos	15	2,3			
10 – Marido/Esposa + Outros familiares	3	0,5			
11 – Filhos + Amigos	1	0,2			
12 – Filhos + Outros familiares	13	2,0			
13 – Namorado (a) + Amigos	7	1,1			
14 – Namorado (a) + Grupo/tour organizado	1	0,2			
15 – Namorado (a) + Outros familiares	3	0,5			
16 – Amigos + Grupo/tour organizado	1	0,2			
17 – Amigos + Outros familiares	2	0,3			
18 – Marido/Esposa + Filhos + Amigos	5	0,8			
19 – Marido/Esposa + Filhos + Outros	5	0,8			
20 – Namorado (a) + Amigos + Outros familiares	1	0,2			
<b>Total Inquiridos</b>	<b>568</b>	<b>100,0</b>	<b>568</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total Ocorrências</b>	<b>684</b>	<b>-</b>	<b>684</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.143: Total de elementos do grupo que visita o jardim

Total elementos do grupo					
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
0 – NR	17	2,6	6 – Seis	2	0,3
1 – Um	98	14,7	7 – Sete	2	0,3
2 – Dois	395	59,3	8 – Oito	1	0,2
3 – Três	77	11,6	9 – Nove	2	0,3
4 – Quatro	50	7,5	10 – Dez	2	0,3
5 – Cinco	14	2,1	11 – Mais de dez	6	0,9
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>			

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.144: Realização de visita guiada pelo inquirido

Visita Guiada		
Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	7	1,1
2 – Não	556	83,5
3 – Visita parcial ao jardim	103	15,5
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.145: Visitação apenas do jardim pelos inquiridos (total e por jardim)

Só visitou o jardim								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Sim	259	38,9	89	26,7	142	71,0	28	21,1
2 – Não	407	61,1	244	73,3	58	29,0	105	78,9
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.146: Outras atrações visitadas por jardim

Outras atrações visitadas	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Serralves</b>					
1 – Museu	112	45,9	208	55,5	85,2
2 – Casa de Serralves	12	4,9	88	23,5	36,1
3 – Quinta	18	7,4	79	21,1	32,4
7 – Museu + Casa de Serralves	41	16,8			
8 – Museu + Quinta	26	10,7			
10 – Casa de Serralves + Quinta	6	2,5			
12 – Museu + Casa de Serralves + Quinta	29	11,9			
<b>Total inquiridos</b>	<b>244</b>	<b>100,0</b>	<b>244</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>314</b>	-	<b>375</b>	<b>100,0</b>	-
<b>JBUC</b>					
4 – Estufas	2	3,4	4	6,6	6,9
5 – Mata	53	91,4	56	91,8	96,6
1 – Museu	0	0,0	1	1,6	1,7
9 – Museu + Mata	1	1,7			
11 – Estufas + Mata	2	3,4			
<b>Total inquiridos</b>	<b>58</b>	<b>100,0</b>	<b>58</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>61</b>	-	<b>61</b>	<b>100,0</b>	-
<b>Fronteira</b>					
6 – Palácio	105	100,0	105	100,0	100,0
<b>Total inquiridos</b>	<b>105</b>	<b>100,0</b>	<b>105</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>105</b>	-	<b>105</b>	<b>100,0</b>	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.147: Usufruto dos equipamentos do jardim pelos inquiridos (total e por jardim)

Usufruto dos equipamentos								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Sim	255	38,3	195	58,6	12	6,0	48	36,1
2 – Não	411	61,7	138	41,4	188	94,0	85	63,9
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.148: Equipamentos usufruídos pelos inquiridos, por jardim

Equipamentos usufruídos		Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
		Nº	%	Nº	1 %	2 %
<b>Código/Modalidades</b>						
	0 – NS/NR	6	3,1	6	2,3	3,1
	1 – Café/Casa de chá	86	44,1	126	49,2	64,6
	2 – Restaurante	21	10,8	39	15,2	20,0
	3 – Livraria	9	4,6	20	7,8	10,3
	4 – Loja	21	10,8	60	23,4	30,8
	6 – Outro (s)	3	1,5	5	2,0	2,6
Serralves	7 – Café/Casa de chá + Restaurante	3	1,5			
	8 – Café/Casa de chá + Livraria	3	1,5			
	9 – Café/Casa de chá + Loja	22	11,3			
	10 – Café/Casa de chá + Outro (s)	1	0,5			
	11 – Restaurante + Livraria	3	1,5			
	12 – Restaurante + Loja	4	2,1			
	13 – Livraria + Loja	1	0,5			
	14 – Café/Casa de chá + Restaurante + Loja	7	3,6			
	15 – Café/Casa de chá + Livraria + Loja	2	1,0			
	16 – Café/Casa de chá + Loja + Outro (s)	1	0,5			
	17 – Restaurante + Livraria + Loja	1	0,5			
	18 – Café/Casa de chá + Restaurante + Livraria + Loja	1	0,5			
	<b>Total inquiridos</b>		<b>195</b>	<b>100,0</b>	<b>195</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>		<b>256</b>	<b>-</b>	<b>256</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
JBUC	1 – Café/Casa de chá	2	16,7	2	16,7	16,7
	5 – Sky Garden	10	83,3	10	83,3	83,3
	<b>Total inquiridos e ocorrências</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Fronteira	4 – Loja	45	93,8	47	94,0	97,9
	6 – Outro (s)	1	2,1	3	6,0	6,3
	Loja + Outro (s)	2	4,2			
	<b>Total inquiridos</b>	<b>48</b>	<b>100,0</b>	<b>48</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>		<b>50</b>	<b>-</b>	<b>50</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.149: Conhecimento sobre o programa de atividades do jardim (total e por jardim)

Conhecimento sobre atividades								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Sim	134	20,1	86	25,8	34	17,0	14	10,5
2 – Não	532	79,9	247	74,2	166	83,0	119	89,5
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.150: Participação regular nas atividades da Fundação/Jardim (total e por jardim)

Participação nas atividades								
Total Geral			Serralves		JBUC		Fronteira	
Código/Modalidades	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 – Sim	63	9,5	44	13,2	15	7,5	4	3,0
2 – Não	603	90,5	289	86,8	185	92,5	129	97,0
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)



Quadro AIV.151 e AIV.152: Correspondência de expectativas e satisfação com o jardim/espço

Expectativas sobre o espaço			Satisfação com o espaço		
Código/Modalidades	Nº	%	Código/Modalidades	Nº	%
1 – Sim	572	85,9	1 – Sim	648	97,3
2 – Não	26	3,9	2 – Não	15	2,3
3 – Não tinha expectativas	68	10,2	3 – Nem satisfeito, nem insatisfeito	3	0,5
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.153: Grau de satisfação dos inquiridos com o jardim/espço

Grau de satisfação		
Código/Modalidades	Nº	%
0 – NS/NR	4	0,6
1 – Nada satisfeito	0	0,0
2 – Pouco satisfeito	6	0,9
3 – Nem satisfeito, nem insatisfeito	56	8,4
4 – Satisfeito	266	39,9
5 – Muito satisfeito	334	50,2
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.154: Aspectos que mais agradaram nos jardins aos inquiridos (informação agrupada)

O que mais agradou no jardim?	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	5	0,8	5	0,4	0,8
1 – Beleza visual do jardim	47	7,1	382	27,2	57,4
2 – Diversidade florística	12	1,8	146	10,4	21,9
3 – Calma, tranquilidade e sossego	40	6,0	358	25,5	53,8
4 – Qualidade do atendimento	0	0,0	30	2,1	4,5
5 – Organização e design do jardim	18	2,7	156	11,1	23,4
6 – Limpeza do espaço	4	0,6	141	10,0	21,2
7 – Tudo	129	19,4	134	9,6	20,1
8 – Outro (s)	11	1,7	51	3,6	7,7
9 – Beleza visual do jardim e outros	20	3,0			
10 – Beleza visual do jardim + Diversidade florística e outros	24	3,6			
11 – Beleza visual do jardim + Diversidade florística + Calma, tranquilidade e sossego e outros	40	6,0			
12 – Beleza visual do jardim + Diversidade florística + Calma, tranquilidade e sossego + Organização e design do jardim e outros	23	3,5			
13 – Beleza visual do jardim + Diversidade florística + Calma, tranquilidade e sossego + Limpeza do espaço	21	3,2			
14 – Beleza visual do jardim + Calma, tranquilidade e sossego	86	12,9			
15 – Beleza visual do jardim + Calma, tranquilidade e sossego e outros	19	2,9			
16 – Beleza visual do jardim + Calma, tranquilidade e sossego + Organização e design do jardim e outros	46	6,9			
17 – Beleza visual do jardim + Calma, tranquilidade... + Limpeza...	33	5,0			
18 – Beleza visual do jardim + Organização e design do jardim e outros	23	3,5			
19 – Diversidade florística e outros	26	3,9			
20 – Calma, tranquilidade e sossego e outros	31	4,7			
21 – Organização e design do jardim e outros	3	0,5			
22 – Tudo + Outro (s)	5	0,8			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1403</b>	<b>-</b>	<b>1403</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.155: Aspetos que mais agradaram nos jardins, por jardim

O que mais agradou no jardim?										
Modalidades	Jardins	Serralves			JBUC			Fronteira		
		Nº	1 %	2 %	Nº	1 %	2 %	Nº	1 %	2 %
NS/NR		2	0,3	0,6	2	0,5	1,0	1	0,4	0,8
Beleza visual do jardim		185	25,2	55,6	118	27,9	59,0	79	32,2	59,4
Diversidade florística		76	10,3	22,8	60	14,2	30,0	10	4,1	7,5
Calma, tranquilidade e sossego		172	23,4	51,7	129	30,5	64,5	57	23,3	42,9
Qualidade do atendimento		20	2,7	6,0	2	0,5	1,0	8	3,3	6,0
Organização e design do jardim		87	11,8	26,1	31	7,3	15,5	38	15,5	28,6
Limpeza do espaço		93	12,7	27,9	38	9,0	19,0	10	4,1	7,5
Tudo		78	10,6	23,4	35	8,3	17,5	21	8,6	15,8
Outro (s)		22	3,0	6,6	8	1,9	4,0	21	8,6	15,8
<b>1 – Total ocorrências</b>		<b>735</b>	<b>100,0</b>	-	<b>423</b>	<b>100,0</b>	-	<b>245</b>	<b>100,0</b>	-
<b>2 – Total inquiridos</b>		<b>333</b>	-	-	<b>200</b>	-	-	<b>133</b>	-	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.156: Aspetos que mais desagradaram nos jardins aos inquiridos

(informação agrupada)

O que mais desagradou no jardim?	Por resposta/ ocorrência		Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	6	0,9	6	0,7	0,9
1 – Falta de informação	49	7,4	114	13,7	17,1
2 – Falta de sinalização	29	4,4	90	10,8	13,5
3 – Falta de atividades lúdicas	13	2,0	43	5,2	6,5
4 – Falta de limpeza	12	1,8	31	3,7	4,7
5 – Degradação do jardim	11	1,7	38	4,6	5,7
6 – Isolamento	3	0,5	11	1,3	1,7
7 – Elevado preço da entrada/visita	34	5,1	50	6,0	7,5
8 – Atendimento	0	0,0	2	0,2	0,3
9 – Nada	298	44,7	298	35,9	44,7
10 – Outro (s)	87	13,1	148	17,8	22,2
11 – Falta de informação e outros	31	4,7			
12 – Falta de informação + Falta de sinalização	20	3,0			
13 – Falta de informação + Falta de sinalização e outros	14	2,1			
14 – Falta de sinalização e outros	27	4,1			
15 – Falta de atividades lúdicas e outros	14	2,1			
16 – Falta de limpeza e outros	9	1,4			
17 – Degradação do jardim e outros	5	0,8			
18 – Elevado preço da entrada/visita e outros	4	0,6			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	-	-
<b>Total ocorrências</b>	<b>831</b>	-	<b>831</b>	<b>100,0</b>	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.157: Aspetos que mais desagradaram nos jardins, por jardim

<b>O que mais desagradou no jardim?</b>									
<b>Modalidades</b>	<b>Jardins</b>	<b>Serralves</b>		<b>JBUC</b>			<b>Fronteira</b>		
		Nº	1 %	2 %	Nº	1 %	2 %	Nº	1 %
NS/NR	4	1,0	1,2	0	0,0	0,0	2	1,2	1,5
Falta de informação	45	11,4	13,5	53	19,3	26,5	16	9,8	12,0
Falta de sinalização	51	12,9	15,3	28	10,2	14,0	11	6,7	8,3
Falta de atividades lúdicas	18	4,6	5,4	23	8,4	11,5	2	1,2	1,5
Falta de limpeza	2	0,5	0,6	16	5,8	8,0	13	8,0	9,8
Degradação do jardim	1	0,3	0,3	20	7,3	10,0	17	10,4	12,8
Isolamento	6	1,5	1,8	1	0,4	0,5	4	2,5	3,0
Elevado preço	42	10,7	12,6	0	0,0	0,0	8	4,9	6,0
Atendimento	1	0,3	0,3	1	0,4	0,5	0	0,0	0,0
Nada	173	43,9	52,0	70	25,5	35,0	55	33,7	41,4
Outro (s)	51	12,9	15,3	62	22,6	31,0	35	21,5	26,3
<b>1 – Total ocorrências</b>	<b>394</b>	<b>100,0</b>	-	<b>274</b>	<b>100,0</b>	-	<b>163</b>	<b>100,0</b>	-
<b>2 – Total inquiridos</b>	<b>333</b>	-	-	<b>200</b>	-	-	<b>133</b>	-	-

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.158: Avaliação da experiência da vista ao jardim

<b>Experiência da visita (grandes dimensões)</b>	<b>Por resposta/ ocorrência</b>		<b>Total de ocorrências (1) e inquiridos (2)</b>		
	Nº	%	Nº	1 %	2 %
0 – NS/NR	35	5,3	35	2,2	5,3
1 – Genérica/Elementar	64	9,6	515	32,5	77,3
2 – Psicológica/Emocional/Comportamental	22	3,3	733	46,2	110,1
3 – Estética/Sensorial	5	0,8	201	12,7	30,2
4 – Topológica	0	0,0	29	1,8	4,4
5 – Cultural/Educativa	4	0,6	48	3,0	7,2
6 – Atmosférica	0	0,0	44	2,8	6,6
7 – Negativa	5	0,8	16	1,0	2,4
8 – Indiferente	1	0,2	1	0,1	0,2
9 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª)	22	3,3			
10 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional	35	5,3			
11 – Genérica/Elementar + Estética/Sensorial	4	0,6			
12 – Genérica/Elementar + Topológica	2	0,3			
13 – Genérica/Elementar + Cultural/Educativa	4	0,6			
14 – Genérica/Elementar + Atmosférica	1	0,2			
15 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª)	20	3			
16 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial	7	1,1			
17 – Psicológica/Emocional + Topológica	1	0,2			
18 – Psicológica/Emocional + Cultural/Educativa	1	0,2			
19 – Psicológica/Emocional + Atmosférica	1	0,2			
20 – Psicológica/Emocional + Negativa	1	0,2			
21 – Estética/Sensorial (1ª) + Estética/Sensorial (2ª)	2	0,3			
22 – Estética/Sensorial + Topológica	1	0,2			
23 – Estética/Sensorial + Cultural/Educativa	1	0,2			
24 – Atmosférica (1ª) + Atmosférica (2ª)	1	0,2			
25 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Genérica/Elementar (3ª)	14	2,1			
26 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Psicológica/Emocional	54	8,1			
27 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Estética/Sensorial	14	2,1			
28 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Topológica	1	0,2			
29 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Cultural/Educativa	4	0,6			
30 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Atmosférica	1	0,2			
31 – Genérica/Elementar (1ª) + Genérica/Elementar (2ª) + Negativa	1	0,2			
32 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª)	81	12,2			

## Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica

33 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial	45	6,8			
34 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional + Topológica	5	0,8			
35 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional + Cultural/Educativa	12	1,8			
36 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional + Atmosférica	9	1,4			
37 – Genérica/Elementar + Psicológica/Emocional + Negativa	5	0,8			
38 – Genérica/Elementar + Estética/Sensorial (1ª) + Estética/Sensorial (2ª)	5	0,8			
39 – Genérica/Elementar + Estética/Sensorial + Topológica	1	0,2			
40 – Genérica/Elementar + Estética/Sensorial + Atmosférica	2	0,3			
41 – Genérica/Elementar + Estética/Sensorial + Negativa	2	0,3			
42 – Genérica/Elementar + Cultural/Educativa + Atmosférica	1	0,2			
43 – Genérica/Elementar + Atmosférica (1ª) + Atmosférica (2ª)	1	0,2			
44 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª) + Psicológica/Emocional (3ª)	48	7,2			
45 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª) + Estética/Sensorial	55	8,3			
46 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª) + Topológica	4	0,6			
47 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª) + Cultural/Educativa	7	1,1			
48 – Psicológica/Emocional (1ª) + Psicológica/Emocional (2ª) + Atmosférica	12	1,8			
49 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial (1ª) + Estética/Sensorial (2ª)	11	1,7			
50 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial + Topológica	6	0,9			
51 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial + Cultural/Educativa	5	0,8			
52 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial + Atmosférica	5	0,8			
53 – Psicológica/Emocional + Estética/Sensorial + Negativa	1	0,2			
54 – Psicológica/Emocional + Topológica + Atmosférica	2	0,3			
55 – Psicológica/Emocional + Cultural/Educativa (1ª) + Cultural/Educativa (2ª)	1	0,2			
56 – Psicológica/Emocional + Atmosférica (1ª) + Atmosférica (2ª)	1	0,2			
57 – Psicológica/Emocional + Atmosférica + Negativa	1	0,2			
58 – Estética/Sensorial (1ª) + Estética/Sensorial (2ª) + Cultural/Educativa	2	0,3			
59 – Estética/Sensorial (1ª) + Estética/Sensorial (2ª) + Atmosférica	2	0,3			
60 – Estética/Sensorial + Topológica (1ª) + Topológica (2ª)	1	0,2			
61 – Estética/Sensorial + Cultural/Educativa (1ª) + Cultural/Educativa (2ª)	1	0,2			
62 – Estética/Sensorial + Cultural/Educativa + Atmosférica	1	0,2			
63 – Topológica (1ª) + Topológica (2ª) + Topológica (3ª)	1	0,2			
64 – Topológica + Cultural/Educativa (1ª) + Cultural/Educativa (2ª)	1	0,2			
<b>Total inquiridos</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>666</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Total ocorrências</b>	<b>1587</b>	<b>-</b>	<b>1587</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)

Quadro AIV.159: Regresso ao jardim no futuro (total e por jardim)

Código/Modalidades	Pretende regressar							
	Total Geral		Serralves		JBUC		Fronteira	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 – NS/NR	23	3,5	9	2,7	0	0,0	14	10,5
1 – Sim	348	52,3	172	51,7	144	72,0	32	24,1
2 – Não	117	17,6	50	15,0	19	9,5	48	36,1
3 – Talvez	178	26,7	102	30,6	37	18,5	39	29,3
<b>Total</b>	<b>666</b>	<b>100,0</b>	<b>333</b>	<b>100,0</b>	<b>200</b>	<b>100,0</b>	<b>133</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário 2 (2013/2014)